ESTUDOS PSIQUICOS

Vol. V

1946

ANO VII JANEIRO DE 1946 N.º 1

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

CONTEM: Nova Caminhada, **da redacção**; Um caso para ponderar, **pelo Dr. A. D. Pratas**; Meditações de Janeiro; Em direcção à meta, **pelo Cap. Alfredo dos Santos**; Cigarras e Formigas, **pelo Coronel Faure da Rosa**; Filosofia da Natureza, **pelo Prof. Dr. Baptista Ramires**; Filosofia Neo-espiritualista, **por Ramos Pereira**; Uma prova concludente **por Thomaz Leigh-Mallory**; A Missão de Jesus, **por Fernando da Cruz Ferreira**; Amigos de «Estudos Psíquicos»; O Além Misterioso, **por Haydi de Thebelen**; Venenos Espirituais, **por Mariana Mendes Palma Cabral**; À Margem dos Livros, **por Ramos Pereira**; Crónica Estrangeira, **por Isidoro Duarte Santos**; Filmes de fundo espirita, **por Bernardo Correia de Almeida**; Notas & Comentários; Noticiário.

PROF. DR. AD. BAPTISTA RAMIRES

ESTUDOS PSÍQUICOS

ASSINATURAS { Continente cada série de 6 n.os 20$00, não incluindo despesas de cobrança.
Brasil . . . . . (12 n.os 36 cruzeiros)
Colónias. . . . . (12 n.os 50$00)
Numero avulso . . . . . 3$50

Propriedade de ISIDORO DUARTE SANTOS, a quem deve ser dirigida toda a correspondência

OBRAS DE CIÊNCIAS PSÍQUICAS E FILOSOFIA NEO-ESPIRITUALISTA

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
O Principiante Espirita	7$00	
O Livro dos Médiuns.		25$00
A Génese (parte cientifica do Espiritismo)	18$00	25$00
Obras Póstumas	18$00	25$00
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	5$00	
O Problema do Sêr e do Destino	18$00	25$00
Cristianismo e Espiritismo	18$00	25$00
Joana d'Arc Médium	18$00	25$00
GABRIEL DELANNE		
A Evolução Anímica	18$00	25$00
A Alma é Imortal	18$00	25$00
A Reencarnação	18$00	25$00
O Espiritismo Perante a Ciência	18$00	25$00
ERNESTO BOZZANO		
Animismo ou Espiritismo?	18$00	25$00
Metapsíquica Humana	12$00	
Pensamento e Vontade	10$00	
CAMILLE FLAMMARION		
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos (grosso volume) . . .	24$00	31$00
As Casas mal Assombradas	18$00	25$00
Narrações do Infinito	10$00	
O Fim do Mundo.	15$00	22$00
Stella (romance astronómico) . . .	18$00	25$00
Urânia » »	12$00	19$00
FRANCISCO C. XAVIER (Médium)		
Boa Nova (quadros evangélicos), ditado pelo *Espirito de Humberto de Campos*	12$00	19$00
Brasil, Pátria do Evangelho, história do Brasil, pelo *mesmo Espirito*	12$00	19$00
Cartilha da Natureza, poesias ditadas pelo *Espirito de Casimiro Cunha*.	10$00	17$00
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espirito de Humberto de Campos*	11$00	18$00
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espirito de Emmanuel*	18$00	25$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	18$00	25$00
Lira Imortal, comunicações em verso	8$00	
Nosso Lar (descrição curiosíssima do além, pelo *Espirito de André Luiz*	18$00	25$00
Os Mensageiros, idem, idem . . .	18$00	25$00
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por poetas luso-brasileiros)	30$00	37$00
Paulo e Estêvão (livro famoso considerado pelos eruditos como a mais completa biografia de S. Paulo)	28$00	35$00
Renúncia (romance aliciante destinado aos tristes e desesperados), ditado pelo *Espirito de Emmanuel*	23$00	30$00
Reportagens de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espirito de Humberto de Campos*.	12$00	19$00
OBRAS DIVERSAS		
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo Gibier*.	12$00	19$00
Arcanos da Natureza, por *Alexandre Dias*.		8$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*.	13$00	20$00
Caso (O) Humberto de Campos . .	28$00	35$00
Chanceler (O) de Ferro, romance mediúnico ditado pelo Espírito do *Conde Rochester*	18$00	25$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*.	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta*. .	18$00	25$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista, por *António Lima*	30$00	37$00
De Jesus para as crianças, comunicações do *Espirito de Bittencourt Sampaio*.	10$00	17$00
De Ideia para as crianças, formosas comunicações destinadas à formação moral dos nossos filhos . . .	18$00	
De Maria para suas filhas, comuni-		

(Continua na 3.ª pág. da capa)

• VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA •

Estudos Psíquicos

Director

Isidoro Duarte Santos

5.º VOLUME

1946

RUA DO SALITRE, 149, 1.º — LISBOA

Índice das matérias contidas no presente volume

Pág.

1

Nova Caminhada, *da redacção* 1
Um Caso Para Ponderar, *pelo Dr. A. D. Pratas* 2
Meditações de Janeiro 5
Em direcção à Meta, *pelo capitão Alfredo dos Santos* 6
Fenómeno Premonitório, *por B. Bana Martins* ... 7
Cigarras e Formigas - I - *pelo coronel Faure da Rosa* 8
Filosofia da Natureza - Patologia e Higiene da Alma, *pelo prof. Dr. Baptista Ramires* 10
Filosofia Neo-espiritualista, *por Ramos Pereira* 14
O Espírito do Marechal do Ar Britânico, sir Trafford Leigh Mallory, identificado numa sessão com Estelle Roberts 18
A Missão de Jesus, IV, *por F. Cruz Ferreira* 21
Amigos de *Estudos Psíquicos* 22
O Além Misterioso, *por Haydy de Thebelen* ... 23
Venenos Espirituais, *por Mariana Palma Cabral* 24
Bênçãos Papais 25
À Margem dos Livros, *por Ramos Pereira* 26
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 27
Filmes de Fundo Espírita, *por Bernardo Correia de Almeida* 29
Notas & Comentários, *da redacção* 30
Noticiário 31

N.º 2

Crítica Fácil, *da redacção* 33
Em Defesa do Espiritismo, *pelo coronel Faure da Rosa* 34
Meditações Diárias, *por F. da Cruz Ferreira* 41
Filosofia Neo-espiritualista, *por Ramos Pereira* 42
Alegoria, *por José Luiz do Carmo* 44
A Missão de Jesus, V, *por F. da Cruz Ferreira* 45
Filosofia da Natureza - Patologia e Higiene da Alma, II, *pelo prof. Dr. Baptista Ramires* ... 46
Como se deve pronunciar a palavra «espírita»? 50
Elogio do sumo de laranja, *por J. Harvey Kellog* 51
Meditações de Fevereiro 52

Pág.

Desencarnou em Londres o maior médium curador do mundo, *por I. D. S.* 53
À Margem dos Livros, *por Ramos Pereira* ... 58
Notas & Comentários, *da redacção* 59
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 60
Amigos de *Estudos Psíquicos* 63
Noticiário 64

N.º 3

Valiosa Propaganda, *da redacção* 65
Ciência e Filosofia - I - *pelo Dr. A. Lobo Vilela* 66
Cânticos — Quem sou?, *por Ramos Pereira* ... 68
Cegos..., *por Maria Veleda* 69
Africanismo e Espiritismo, - I - *por Deolindo Amorim* 70
Cigarras e Formigas, II, *pelo coronel Faure da Rosa* 73
A Conversão de Richet 74
Filosofia da Natureza - Patologia e Higiene da Alma, III, *pelo prof. Dr. Baptista Ramires* ... 75
Amigos de *Estudos Psíquicos* 77
Filosofia Neo-espiritualista, *por Ramos Pereira* 78
Meditações de Março 79
Desígnios Insondáveis, *por Ernesto Silva* 80
A Imaginação e os seus efeitos, *por Armando de Faria* 81
A Santa do Sangue 82
Cheguei à Meta. Eis o que vejo além dela, *pelo capitão Alfredo dos Santos* 84
Meditações Diárias, II, *por F. da Cruz Ferreira* 86
Conte o seu caso... Como se tornou espírita? *(Depoimento de B. Bana Martins)* 87
À Margem dos Livros, *por Ramos Pereira* ... 90
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 92
Notas & Comentários, *da redacção* 95
Noticiário 96

N. 4

Intercâmbio, *da redacção* 97
Ciência e Filosofia, II, *pelo Dr. A. Lobo Vilela* 98

Pág.

Dúvidas..., *pelo coronel Faure da Rosa* 102
Desencarnou o Dr. Carl Wicland 104
Meditações de Abril 106
Uma profissão de fé, *por F. Noronha* 107
Do Alto - Perspectivas, *por Reper Siam* 110
Allan Kardec, *por I. D. S.* 111
«Resumo da Doutrina Espirita» 112
A Missão de Jesus, VI, *por F. da Cruz Ferreira* 113
Saudade (soneto), *por Maria Veleda* 114
Curiosos Facto sEspiritas, *pelo coronel Amândio Simões* 115
Lições da Páscoa, *por Leopoldo Machado* 119
Cânticos - Aos Pés da Cruz, *por Ramos Pereira* 120
Uma conferência notável, *por R. Pires* 121
À Margem dos Livros, *por Ramos Pereira* 122
Plantas e Animais, *por Louis Figuier* 123
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 124
Notas & Comentários, *da redacção* 127
Noticiário 128

N.º 5

«O Livro dos Espiritos», *da redacção* 129
Filosofia da Natureza - Patologia e Higiene da Alma, IV, *pelo Dr. Baptista Ramires* 130
Cânticos - «Vida e Morte» e «O Verbo», *por Ramos Pereira* 133
Cigarras e Formigas - III - *pelo coronel Faure da Rosa* 134
Ismos Cientificos - I - *por Leopoldo Machado* 136
Amigos de *Estudos Psíquicos* 139
Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos 140
O Espiritismo na Hungria 142
A Missão de Jesus - VII - *por Fernando da Cruz Ferreira* 143
Meditações de Maio 145
A Vida do médium Daniel Dunglas Home, I, *por Jean Burton* 146
Elogio da Humanidade 149
«Resumo da Doutrina Espirita» 150
Meditações - Génese e Movimento, *por Ramos Pereira* 151
Filmes de Fundo Espirita, *por Bernardo Correia de Almeida* 151
Filosofia Neo-espiritualista, *por Ramos Pereira* 152
Como eu penso, *pelo Dr. S. Ramos Cruz* 154
Notas & Comentários, *da redacção* 156
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 157
Noticiário 159

N. 6

O Espiritismo em França, *da redacção* 161
Meditações de Junho 162
Ismos Cientificos, II, *por Leopoldo Machado* ... 165
O Fenómeno Espirita na Bíblia, II, pelo coronel *Faure da Rosa* 166
A Missão de Jesus, VIII, *por Fernando da Cruz* Ferreira 168
A Vida do médium Daniel Dunglas Home, - II - *por Jean Burton* 170
Materializações Espantosas, *por Isidoro Duarte Santos* 174
Conte o seu caso... Como se tornou espirita? *(Depoimento do Dr. Viriato Correia)* 179
Um Livro Valioso, *pelo Dr. Luiz Cristóforo* ... 182

Pág.

Núcleo de Acção e Propaganda - *Um donativo de dez contos* 183
Fenómenos Supranormais, *por António G. Pinto de Almeida* 184
Amigos de *Estudos Psíquicos* 185
Meditações - Contingente e Necessário, *por Ramos Pereira* 186
Filmes de Fundo Espirita 186
Espírito Santo e Mediunidade, *por Ramos Pereira* 187
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 189
Notas & Comentários, *da redacção* 191
Noticiário 192

N.º 7

Não é Espiritismo!, *da redacção* 193
Filosofia da Natureza - V - Formação do Espirito, *pelo prof. Dr. Baptista Ramires* 194
O Fenómeno Espirita na Bíblia, II, *pelo coronel Faure da Rosa* 196
D. Marcolina Alves, *por I. D. S.* 199
A Missão de Jesus, IX, *por Fernando da Cruz Ferreira* 201
Oito Proposições de *Allan Kardec* 203
Filosofia Neo-espiritualista, *por Ramos Pereira* 204
Fala Pouco e Bem, pelo *cap. Alfredo dos Santos* 206
Má Balda, *por F. Noronha* 207
Cânticos - Entre dois Anjos, *por Ramos Pereira* 208
Libertação, *por Armando Faria* 209
«Resumo da Doutrina Espirita» 210
Dr. Gustave Geley 211
Conte o seu caso... Como se tornou espirita? *(Depoimento do Dr. Viriato Correia)* 212
Deus e a Consciência, *por Haydi de Thebelen* 216
Filmes de Fundo Espirita (Comédia Humana) 217
À Margem dos Livros, *por Ramos Pereira* 218
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 220
Notas & Comentários, *da redacção* 223
Noticiário 224

N. 8

Um Grande Problema, *da redacção* 225
Ismos Cientificos, III, *por Leopoldo Machado* 226
O Fenómeno Espirita na Bíblia, III, *pelo coronel Faure da Rosa* 229
Saber não basta, *por Mariana Aguiar Cabral* 232
Recordando a Juventude, *por António Pinto de Sousa* 233
Gabriel Gobron e Paul Bodier, propagandistas do Espiritismo, *por Henri Regnault* 234
Africanismo e Espiritismo, II, *por Deolindo Amorim* 237
Não é Verdadeiro Espirita... *por Maria Veleda* 242
A Missão de Jesus - X - *por Fernando da Cruz Ferreira* 243
Levitações e Curas, *por Maria Emília Gândara Viana* 245
Meditações de Agosto 245
Conte o seu caso... Como se tornou espirita? *(Depoimento do Dr. Viriato Correia)* 246
Gabriel Gobron 249
À Margem dos Livros, *por Ramos Pereira* ... 250
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 251

Pág.

Notas & Comentários, *da redacção* 255
Noticiário 256

N.º 9

Explicação aos Leitores, *da redacção* 257
Aranhas de Vidro, *pelo coronel Faure da Rosa* 258
Uma Carta, *do Dr. Luiz Cristóforo* 261
Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro 262
A Médiun que curou Afonso XIII 262
Filosofia Neo-espiritualista, *por Ramos Pereira* 264
Materialização de Espíritos 266
Determinismo Divino, *por J. B. Chagas* 269
Conte o seu caso... Como se tornou espirita? *(Depoimento do Dr. Viriato Correia)* 271
Meditações de Setembro 274
O Carvalho e o Caniço, *por Astreia* 275
À Margem dos Livros, *por Ramos Pereira* ... 276
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 277
Notas & Comentários, *da redacção* 279
Noticiário 280

N.º 10

Mocidade, *da redacção* 281
Africanismo e Espiritismo, III, *por Deolindo Amorim* 282
Térmitas, *pelo coronel Faure da Rosa* 286
A Carta Espiritual do Mundo, *por Henri Regnault* 289
Pelo Espiritualismo, *por Raul Sepúlveda Fontes* 291
No Calvário, *por Ramos Pereira* 292
A Missão de Jesus, XI, *por Fernando da Cruz Ferreira* 293
A Casa Fantástica da Cumeada, *por Madame Lacombe* 295
Conte o seu caso... Como se tornou espirita? *(Depoimento de J. B. Chagas)* 297
Meditações de Outubro 298
«Resumo da Doutrina Espirita» 299
À Margem dos Livros, *por Ramos Pereira* ... 300
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 301
Notas & Comentários, *da redacção* 303
Noticiário 304

Pág.

N.º 11

Vozes Amigas, *da redacção* 305
Deus e os Valores, *de Ramos Pereira* 306
A Utilidade dos Inimigos 307
Prolegómenos ao Estudo do Perispirito, *por Arnaldo S. Tiago* 308
As Experiências de Fassman no Coliseu dos Recreios, *pelo coronel Faure da Rosa* 311
Filosofia da Natureza - Formação do Espirito, Instrução e Educação, *pelo prof. Dr. Baptista Ramires* 313
João Amado Venâncio, *por I. D. S.* 316
O Testemunho de Kardec 318
Meditações de Novembro 318
Em Defesa da Colectividade Espirita 319
Causas Favoráveis e Adversas ao Desenvolvimento Médiunico, *pelo dr. Luiz Postiglioni* 321
A Inteligência Humana, *por Louis Figuier* ... 323
À Margem dos Livros, *por Ramos Pereira* 324
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 325
Notas & Comentários, *da redacção* 327
Noticiário 328

N.º 12

Unificação, *da redacção* 329
Bret, Freud & C.ª, *pelo coronel Faure da Rosa* 330
A Mensagem da Sociedade de Medicina e Espiritismo ao Congresso Espirita Pan-americano 332
Amigos que Partem - Dr. Artur Dias Pratas 324
Paz Espiritual, *por Natálio Ceccarini* 335
Filosofia Neo-espiritualista, *por Ramos Pereira* 336
O Núcleo de Acção e Propaganda em Matozinhos 338
Meditações de Dezembro 338
A Missão de Jesus — XII — *por Fernando da Cruz Ferreira* 339
A Situação de *Estudos Psiquicos*. Um Alvitre de Grande Alcance 341
As Estranhas Faculdades de Daniel Dunglas Home, *por Henri Regnault* 342
Amigos de *Estudos Psiquicos* 345
Shambhala, *por Raul de Sepúlveda Fontes* 345
O Primeiro Congresso Espirita Pan-americana 346
À margem dos Livros, *por Ramos Pereira* 348
Crónicas Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 349
Notas & Comentários, *da redacção* 351
Noticiário 352

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

7.º ANO — LISBOA, JANEIRO DE 1946 — N.º 1

Director e Editor	Redacção e Administração	Administrador
Isidoro Duarte Santos	Rua do Salitre, 149, 1.º	Maria G. Duarte Santos

Composto e impresso na Tipografia SILVAS, Lda. — Rua de D. Pedro V, 120 — LISBOA

NOVA CAMINHADA

Fiéis aos princípios e ao programa que esboçámos no primeiro número, aqui estamos novamente preparados para a jornada de mais um ano, conhecendo antecipadamente os obstáculos do terreno e as dificuldades a vencer.

Não ignoramos que é necessário muito ânimo e coragem para enfrentar a marcha laboriosa através de córregos por vezes intransponíveis, como é a ingrata faina da propaganda, sobretudo em campo sáfaro e desafiando ambientes retrógrados e hostis.

Mas sabemos também que tudo poderemos vencer pelo trabalho porfiado.

O homem veio à terra para lutar. O marasmo, a indiferença, a apatia moral ou orgânica, são contrários à natureza das coisas. O movimento universal é sinfonia de trabalho, de competição e selecção. Tudo lhe está subordinado, tudo lhe está sujeito. A roda dentada do progresso só caminha para a frente, não conhece regressões incompatíveis com a marcha ascendente e contínua.

Sabemos isto. Conhecemos isto. E por isso mesmo nos apetrechamos constantemente para novas emprêsas de propaganda e sonhamos e idealizamos sempre meios inéditos de vencer, de galgar o barranco, de atingir a outra margem distante.

O verdadeiro idealista não procura miragens falaciosas nem reinos de utopia; procura concepções práticas susceptíveis de realização próxima ou remota.

Entrega-se à idéia, encarna-a, vivifica-a, ilumina-a e transforma-a, de harmonia com a vontade que o impele. Arago, Crookes, Bernardo de Pallissy, foram idealistas dêste género. As suas descobertas obrigaram o mundo a fixar-lhe os nomes, a render-se ao seu génio e ao seu talento.

Estamos tão longe dêstes luminares, sentimo-nos tão pequeninos ante a sua grandeza, que dêles só copiamos a tenacidade e a fé inabalável que os animou e conduziu à meta.

Nós queremos vencer, por maiores que sejam os obstáculos. Queremos dar à Causa o património da nossa dedicação transformada em trabalho ordenado e persistente. Queremos contribuir para reabilitar o Espiritismo, torná-lo respeitado e impô-lo a tôdas as pessoas inteligentes.

Mais uma vez proclamamos: «Estudos Psíquicos» não é tribuna de combate. É tôrre de vigia. Não argumenta injuriando, como certos fundibulários incoerentes e nocivos. Discute com serenidade e não faz acepção de pessoas. O que lhe interessa são as idéias.

Só tem armas defensivas. Deseja equilíbrio mental e moral e luta gloriosa pelo que personifica. Não pretende demolir religiões ou filosofias. O seu fim é esclarecer. à luz do raciocínio e do bom senso.

No primeiro degrau do sétimo ano de existência, saüdamos tôda a imprensa espirita mundial e envolvemos em fraterno abraço todos os amigos que nos acompanharam nos seis anos transcorridos, especializando os confrades brasileiros, tão amáveis, dedicados e constantes.

¡Empunhemos outra vez a bandeira! ¡Que nos siga quem tiver ânimo de caminhar!...

UM CASO PARA PONDERAR

pelo Dr. A. D. Pratas

É por demais conhecido de todos os que, despidos de preconceitos, acompanham o movimento espirita, que todos nós, encarnados, somos mais ou menos influenciados, para bem ou para mal, pelos Espíritos desencarnados. Quando estes são de natureza inferior, Espíritos atrasados, viciosos e até perversos, podem levar a sua malévola e maléfica influência até ao ponto de provocarem as mais dispares e incompreensíveis perturbações no organismo da criatura que pretendem sacrificar. Assim se justifica a existência de inúmeros casos mórbidos perante os quais as Ciências Médicas se sentem impotentes e que, muitas vezes, se curam pela simples actuação duma prece bem formulada e sentida, ou pelo doutrinamento do Espírito perturbador.

O milagre nada mais é do que o efeito natural do poder do pensamento irradiado numa prece fervorosa que os lábios poderão não proferir, o da acção volitiva dinamizada pelas vibrações superiores dum Espírito elevado. Foi o próprio Cristo quem no-lo ensinou e disso deu múltiplas provas. Para o verificarmos, bastará que, folheando os Evangelhos, leiamos nêles, entre outros, os seguintes versículos:

«E, quando chegaram à multidão, aproximou-se-lhe um homem, pondo-se de joelhos diante dÊle, e dizendo:

«Senhor, tem misericórdia de meu filho, que é lunático e sofre muito; pois muitas vezes cai no fôgo, e muitas vezes na água;

«E Jesus, respondendo, disse:

«Trazei-mo aqui. E repreendeu Jesus o demónio, e saíu dêle, e desde aquela hora o menino sarou» (Mat. XVII, 14-18).

Tendo os Seus discípulos sido impotentes para efectuar a cura dêsse menino, expulsando dêle o Espírito atrasado que o obsidiava, preguntaram a Jesus: «¿Porque não pudemos nós expulsá-lo?», pregunta à qual assim respondeu o Cristo (Mat. XVII, 21): «Esta casta de demónios não se expulsa senão pela oração e pelo jejum».

¿Não estará nestas palavras bem esclarecido o valor da prece na cura das enfermidades de causa astral? ¿Como poderá então a Medicina oficial colhêr, nestes casos, bom fruto das suas tisanas, se, como disse Jesus, só pela oração tal se pode conseguir?

Um caso de patologia astral

Vêm estas considerações a-propósito dum caso de doença que, não tendo sido clinicamente classificada, parece dever catalogar-se no quadro da patologia astral. O caso em questão refere-se a uma criatura das minhas mais íntimas relações que, tendo iniciado a sua carreira na África Oriental, onde interinamente fôra colocado, transitou pouco depois, por nomeação ministerial, para a África Ocidental, ingressando assim no quadro dos funcionários coloniais efectivos.

Foi sobretudo na África Ocidental que se acentuaram os fenómenos que passo a expor, seguindo fielmente o relato que me foi confiado por êsse meu amigo, relato de que fui autorizado a fazer uso:

«Quando ainda na África Oriental, — e logo após a minha nomeação para o quadro da África Ocidental —, comecei a sentir da parte da tarde uma má disposição acompanhada de ligeiras temperaturas febris (37,5).

«Dia a dia se agravava êsse estado, passando a sentir uma sensação de enorme opressão cefálica, com arrepios e grande astenia que não conseguia dominar, apesar da satisfação que sentia por ter dado ingresso no quadro dos funcionários efectivos.

«Embarquei para a Costa Ocidental, viagem para mim muito dolorosa, por virtude de tê-la feito muito mal, pois que acordava sempre num estado de fraqueza enorme e tal, que qualquer insignificante esfôrço que fizesse, quer a tocar algum trecho de música no piano de bordo, quer a jogar ou até simplesmente a conversar, era suficiente para me provocar arrepios e suores abundantes; e tal fraqueza se após-

derava de mim, que era obrigado a deitar-me. Era tão esquisita a opressão que sentia, que não chegava a compreendê-la nem tão pouco a razão dela, tanto mais que, viajando comigo pessoas portadoras de afecções bastante graves, não apresentavam um estado que se parecesse com o meu. O certo é que emagrecia dia a dia, começando a apresentar uma côr amarela da pele que despertava a atenção de todos os que me acompanhavam. Apesar disso, as análises e observações clínicas efectuadas, (excepto uma radiografia que tinha tirado e que acusava certas lesões de colite que eu, aliás, já tinha, há muitos anos), não revelavam causa explicativa do estado em que me encontrava.

«Uma vez na Colónia em que tive de apresentar-me, foi-se agravando a minha situação, apesar de me sentir satisfeito, de gozar de tôdas as comodidades e facilidades, e de estar rodeado de muitas pessoas amigas.

«Não poderia atribuir-se o meu estado a neurastenia, pois chegava a desesperar por me sentir assim e não ver possibilidade de melhorar, embora se interessassem por mim tantos médicos, senão todos os médicos locais. Além disso, vivia tranqüílo, não alimentava apreensões de qualquer espécie e já me tinha habituado e adaptado à vida colonial. Via até com extraordinária tristeza a expectativa de ter de regressar a Portugal. Entretanto, acordava sempre num estado de prostração enorme; e qualquer esfôrço, por mínimo que fôsse, me provocava suores e taquicardia, pelo que era obrigado a deitar-me. Pelas 5 ou 6 horas da tarde, e sempre a essa hora, principiava a sentir, quando o sol caía, grande pêso na cabeça, como se uma cinta de ferro a apertasse, pelo que tinha de me deitar novamente. Uma ou duas horas depois, logo que anoitecia, tudo desaparecia, sentindo-me perfeitamente bem e chegando por isso a passear despreocupadamente.

«¡Nunca compreendi tão estranha e extravagante doença!...

«Numa tarde em que me sentia extremamente fraco e com a cabeça pesadíssima, conseguindo levantar-me, cheguei à varanda e, fixando o céu, pedi a Deus, com todo o ardor da minha alma, que me libertasse daquêle estado tão perturbador. Eis senão quando, sinto como que um pêso a sair de mim, uma sensação de leveza a percorrer-me todo o corpo; enfim, fiquei tão bem disposto que resolvi sair um pouco a passear. De regresso a casa, porém, e logo que nela entrei, senti-me outra vez pior.

«À noite, andando a passear no corredor com um amigo, sentimos ambos uma pancada tremenda que ecoou por tôda a casa e que parecia ter sido dada no teto. Percorremos todos os cantos e recantos do edifício, mas nada encontrámos que explicasse tão grande ruído, ficando o próprio preto estupefacto, quando lhe preguntámos o que fôra.

«É estranho!... — exclamámos os dois ao mesmo tempo.

«Nessa mesma noite, tendo eu acordado, levantei-me não sei para quê, e, ao fazê-lo, senti três fortíssimas pancadas no guarda-roupa. Aproximando-me dêste, e quando chegava perto, novas pancadas senti dentro dêle, pancadas que se repetiam por mais vezes. Abri o móvel, mas dentro dêle nada descobri que tal justificasse.

«Finda a noite seguinte, encontrando-me só numa sala a olhar abstractamente para um candelabro, passou-me pela mente êste pensamento: — Se, na verdade, são sobrenaturais os factos ocorridos, ¿porque não deveria sentir-se agora uma pancada no teto? — Acto contínuo, uma pancada se faz ouvir na base do candelabro, embora mais branda e rápida do que as que anteriormente ouvira.

«¿Como interpretar tudo isto? Que juízo fazer de todos estes acontecimentos? ¿Haveria alguma relação entre êles e a minha incompreensível doença?»

Aqui finda o relato dêsse meu amigo que pelo próprio fui autorizado a publicar.

Observações e hipóteses

Analisando êste caso tão esquisito, no qual nos parece dever aceitar como de origem supranormal as pancadas que se fizeram ouvir, não só porque, sem causa aparente, foram simultâneamente observadas por duas criaturas, mas ainda porque, duma das vezes, a pancada na base do candelabro se produzira a convite do meu amigo; analisando êste caso, preguntar-se-á: — ¿Teriam a mesma origem as perturbações patológicas por êle sentidas? ¿Não estaria por isso o seu restabelecimento fora da alçada da medicina oficial que, pelo mesma razão, não conseguia es-

clarecer a sua causa? Sendo assim, ¿que relação existiria — se é que existia —, entre a referida doença e o seu estranho comportamento e as pancadas que repetidas vezes se tinham feito ouvir?

Não se tratando dum caso de neurastenia, — pois que, como êsse meu amigo refere, em vez de apreensivo e preocupado, se sentia satisfeito pelo facto de lhe ter sido dado ingresso no quadro do Ultramar, acrescido isto do facto de as suas perturbações não serem de carácter permanente, e mesmo, numa das vezes, terem em poucos momentos desaparecido, após uma confiante prece, para darem lugar a tal bem-estar que conseguiu ir dar o seu passeio —, outras hipóteses se nos impõe ponderar:

1.º — ¿Tratar-se-ia de qualquer afecção pulmonar crónica que as observações clínicas não conseguissem desvendar? Não nos parece, porquanto as radiografias se apresentavam mudas a tal respeito, nada revelando que sequer o fizesse suspeitar.

2.º — ¿Poderíamos tornar a sífilis responsável de todo o cortejo sintomático que se oferecia? Esta hipótese parece-nos inconsistente, não só porque as reacções foram negativas, como ainda porque os seus antecedentes pessoais e familiares não acusam a sua existência, além de que, em última análise, nada se modificou com um experimental tratamento anti-sifilítico.

Nada havendo, pelas análises e observações clínicas, que fizesse suspeitar de qualquer afecção hepática, resta-nos ainda uma hipótese pela qual deveríamos talvez ter principiado:

3.º — A Malária.

Várias circunstâncias recomendariam dar primordial atenção a esta hipótese. De facto, a regular intermitência de algumas dessas perturbações, aliada à circunstância do meio em que se encontrava e das regiões que teria percorrido, desde logo deveriam pôr os clínicos de sobreaviso contra essa afecção. Por tal motivo se procedeu a vários ensaios laboratoriais que absolutamente contraditaram essa hipótese. Apesar disso, experimentaram as injecções de quinina, no que foram mal sucedidos, pois que em nada se alterou a situação mórbida anterior. Em face disto... ¿Que pensar de tão insólito caso que, de dia para dia, mais e mais se agravava, apesar de todos os tratamentos, até ao ponto de ser repatriado com licença da Junta?

A hipótese provável

Na nossa modesta e despretenciosa opinião, cremos que tal doença ultrapassava os limites do fôro da clínica oficial, pelo que outros meios haveriam de ser postos em jôgo para se tornar viável o seu tratamento e a sua cura.

Baseia-se a nossa convicção nas quatro ocorrências seguintes, três das quais já acima foram apontadas:

1.ª — A impotência clínica e laboratorial para destrinçar o caso em questão;

2.ª — As pancadas ouvidas pelo meu amigo e que, numa das vezes, foram testemunhadas por um companheiro seu;

3.ª — O desaparecimento temporário de tôdas as perturbações, após uma prece que de momento lhe fôra inspirada; e

4.ª — O resultado final, ou seja o seu restabelecimento obtido por processos magnéticos e influências espirituais, algum tempo depois do seu regresso à Metrópole.

Não temos que nos demorar na análise da primeira ocorrência citada, — a impotência da Ciência Oficial —, porque já a ela suficientemente nos referimos. Passaremos por isso a analisar a segunda: — as pancadas que se fizeram ouvir repetidas vezes.

Que essas pancadas fôssem de origem supranormal, parece não restar dúvida em face do que acima fica exposto; mas... ¿Haveria alguma relação entre essas pancadas e a situação mórbida em que êsse meu amigo se encontrava? e, se havia, ¿qual a sua natureza? ¿Seriam os mesmos elementos astrais que lhe abalavam a saúde, que assim actuavam para, amedrontando-o, lhe enfraquecerem o espírito e, portanto, as suas reacções naturais, na intenção de darem mais rápida satisfação aos seus malévolos e maléficos desígnios? ¿Não seriam, pelo contrário, elementos astrais, familiares ou não, que, dedicando-se a protegê-lo, pensassem em adverti-lo da conveniência do seu regresso à Metrópole, ou que, pelo menos, quisessem esclarecê-lo, tiptològicamente àcêrca da sua situação e até mesmo da maneira de remediá-la?

Àcêrca destas preguntas encontra-se fixo no nosso espírito um inapagável ponto de interrogação que talvez nêle se não tivesse gravado, se êsse meu amigo não fôsse tão leigo em matéria de Espiritismo.

De facto, denunciando-se nessas pancadas a possível existência da mediunidade tiptológica nêsse Amigo; se, reconhecendo-a, dela fizesse consciente uso nêsses momentos que se lhe proporcionaram, talvez tivesse conseguido esclarecer o que, pela sua ignorância sôbre o assunto, ficou envolto em sombras negras e espessas, através das quais se nos torna impossível vislumbrar qualquer foco de luz que nos encaminhe nêste dédalo de dúvidas e incertezas. Actualmente, porém, pouco ou nada interessam já os elementos esclarecedores que, no momento, poderiam ser colhidos, limitando-nos por isso a focar o efeito momentâneo da sua prece e o resultado final a que se chegou com o tratamento extra-oficial, ou seja, o tratamento espírita a que foi submetido e que a ignorânca e os preconceitos tanto increpam, censuram, malsinam e satirizam.

Pois foi, de facto — após tantas infrutíferas tentativas de ordem clínica, já na África, já na Metrópole nos primeiros tempos da sua chegada —, pela acção das preces e passes magnéticos, desde que espiriticamente se obteve a informação da causa dos seus males, que o seu restabelecimento se conseguiu, não existindo hoje nêle mais do que, de quando em quando, ligeiras perturbações, que dia a dia se vão atenuando, da enterocolite crónica, — de que já sofria antes de sair para a África —, clinicamente e radiològicamente bem definida e classificada.

E..., posto isto, preguntar-se-á:

«¿Há, ou não há doenças de causa astral, contra as quais é impotente o progresso da Ciência Materialista? ¿Deverá, ou não deverá, romper-se nestes casos com as hesitações e ir procurar a cura, ou simplesmente o alívio, onde, de facto, poderemos encontrá-la?

A resposta não nos parece difícil; assim se queira ser sincero e franco, e não escravo do mau senso, da teimosia e do preconceito que, como regra de sempre, são maus conselheiros e péssimos acolhedores.

AOS NOSSOS LEITORES

Para completar as nossas colecções faltam-nos os n.os 1, 3 e 6 do 1.º volume. Quem não possuir a colecção completa e os possa dispensar, obsequiava-nos, enviando-os à redacção, Rua do Saliter, 149, 1.º, Lisboa, e cujo custo satisfazemos.

Meditações de Janeiro

1 — Amo os meus semelhantes como filhos do mesmo Pai.
2 — Sou expressão da Vida, vida permanente, vida abundante.
3 — A vida se manifesta em mim por uma inteligência viva e crescente.
4 — A vida perfeita dá-me disposição afectuosa e boa.
5 — A vida mantém o meu corpo sadio e vigoroso.
6 — Minha consciência da Vida Omnipotente cresce dia a dia.
7 — Abandono diàriamente a vida velha para receber uma vida nova, forte e Divina.
8 — Amo a Deus em tôdas as Suas manifestações.
9 — Vivo na perfeita harmonia da Unidade Suprema.
10 — Sou um raio cada vez mais perfeito da Verdade — Deus.
11 — Meu pensamento regula o fluir da Vida Divina em mim.
12 — Conheço a Verdade. Sei que Deus é omnipotente e omnisciente agora mesmo, no centro do meu corpo espiritual.
13 — Deus em mim irradia pensamentos de Paz e Amor para todos os seres.
14 — Como expressão da Mente Divina, tenho uma alta missão a cumprir.
15 — O Amor, a Chama Branca da Vida, brilha em meu coração.
16 — A Luz do Amor irradia de mim para todos os seres.
17 — Triunfo pela minha vontade interior.
18 — Pela obediência à Lei, me elevo acima dos sofrimentos.
19 — O amor inspira-me tôda a nobreza, tôda a persistência, tôda a coragem.
20 — Minha vida é o Divino impulso do Amor.
21 — Faço a justa aplicação da Verdade em todos os meus negócios e actos da minha vida.
22 — Vivo na perfeita felicidade do meu céu interior.
23 — Minha vida é eterna, porque sou um fragmento da vida imortal.
24 — Procuro o Mestre dentro de mim mesmo. Ele é o meu guia seguro.
25 — Vivo agora, sempre vivi e sempre viverei.
26 — Fortaleço-me com afirmações nobres e incessantes.
27 — Meu Pai, a quem amo de todo o meu coração, habita em mim. Eu sou o Templo em que Ele resplandece.
28 — Meu Pai irradia através de mim, para todos os Seres, o Seu Amor, a sua Harmonia e a Paz.
29 — Meu Pai satura de Sua Pureza Imaculada e através de mim, todos os que me rodeiam, encarnados e desencarnados.
30 — Meu Pai, através de mim, satura todos os seres que me rodeiam, visíveis e invisíveis, com as vibrações da Sua Bondade e do Seu Amor.
31 — Deus é a Fonte de meu Poder, da minha Paz e Alegria.

EM DIRECÇÃO À META

pelo Capitão Alfredo dos Santos

NOS meus artigos «*E agora para a frente*» e «*No mesmo Caminho*» publicados nesta Revista, lancei dois apelos em prol da união dos que professam a doutrina espirita. Primeiro, apelei para a união dos grupos e Centros.

Ao lançar êsses dois apêlos, não tive a pretensão de adquirir louros, pois me julgo diminuto para poder sobressair no meio de valiosos elementos que militam nas nossas fileiras.

Antes quis salientar o meu desgôsto, ao ponderar como as coisas parecem correr entre nós, desgôsto tanto mais profundo, por que sei haver homens capazes de nos orientarem num movimento de impulso que nos coloque ao nível dos outros povos, no que respeita a organização.

Quis também, no cumprimento dos meus deveres, dar a minha cota parte de esfôrço para a união e para elevar o nível da causa, por um fortalecimento que lhe dê vulto e a imponha à consideração e ponderação de todos, como ela merece, pela sublime moral que contém e pela origem donde emana.

É bem recente a minha chegada e ingresso entre os espiritas; mas, apesar disso, não tenho deixado de meditar, desde que na causa ingressei, no que ela representa como valor na formação moral da humanidade e no baixo nível em que se encontra a sua organização entre nós, para que, de facto, ela produza o rendimento que é susceptível de produzir na missão que lhe compete desempenhar.

A pureza da sua doutrina, a beleza moral que encerra, a sua irrefutabilidade, apoiada nos factos que os fenómenos revelam, e a base evangélica em que assenta, são predicados que bastam para a impôr à aceitação das massas, que, se mais a não seguem, é, possìvelmente, porque não chega ao seu conhecimento, por falta de boa organização e propaganda que a divulguem. Sem êstes meios, sendo a mais apta a criar adeptos e sendo a que melhor influência pode exercer na boa formação moral do homem, fica atrás e deixa-se preferir por outras crenças, que as massas apenas aceitam porque ninguém as orienta e as conduz no caminho de outras melhores.

Os que há muito lidam no Espiritismo sabem, melhor do que eu, as responsabilidades que se assume ao ingressar nêle, porque conhecem bem que essa responsabilidade inexorável que a alma tem dos actos praticados é tanto mais grave quanto maior fôr o conhecimento adquirido. A ignorância das responsabilidades pode servir de atenuante, embora não elibe delas por completo, mas o repúdio, depois de conhecida a gravidade do acto, é acção que concorre para aumentar a responsabilidade, proveniente do acto praticado. É assim na vida material; e sabemos que é o conhecimento da responsabilidade que, na maioria dos casos, faz que o homem se sinta acorrentado ao cumprimento do dever que lhe advém dos contractos que firmou com o seu semelhante.

Pois se procurarmos cumprir, tão escrupulosamente quanto pudermos, os deveres para com os nossos semelhantes, resultantes dos contratos que com êles celebramos, embora afectem apenas a vida material; e com todo o valor que possuímos nos dedicarmos ao cumprimento integral das nossas obrigações, cujo termo tem lugar no momento em que o ser real ou alma deixa a matéria, ¿porque devemos olvidar os deveres e obrigações que tendo nascido connosco, connosco transitam para o mundo donde vimos? ¿Porque, tendo vindo à terra para cumprir o dever, não havemos dé sentir pezar, ao regressarmos à origem, de nos apresentarmos com uma dívida ainda maior do que aquela que viemos saldar? Se para com nossos semelhantes devemos procurar saldar tôdas as dívidas, perante o Pai não poderemos, com mais razão, deixar de o fazer. O amor ao nosso semelhante exige o cumprimento integral dos deveres para com êle, mas como êsse amor é aferido pelo que devemos ter por nós próprios, não podemos dar-lhe mais do que a nós mesmos e portanto, além do amor que lhe dedicamos, devemos também ter em atenção o amor a nós próprios.

O amor a nós mesmos está, pois, compreendido entre o que devemos dedicar ao semelhante e o que devemos dedicar a Deus.

Ora o amor a nós mesmos e a Deus pratica-se pelo cumprimento integral dos deve-

res que resultam das obrigações que temos de desempenhar na execução das Leis de Deus. Essas obrigações vão-se revelando cada vez mais imperiosas, à medida que as Leis vão sendo mais conhecidas.

Estão neste caso as obrigações que contraímos para com Deus e para com o semelhante, as quais envolvem o amor por nós próprios e por êles (Deus e o semelhante), ao tomarmos conhecimento das leis donde provém a crença espirita, da sua origem e merecimento, do seu fim. E se, ingressando no número dos seus apóstolos, por qualquer motivo viramos as costas e deixamos de cumprir o nosso dever, com perfeito conhecimento da falta que cometemos por tanto que de bom poderíamos fazer e não fazemos, não há dúvida que assumimos responsabilidade maior do que se nunca de tal tivéssemos tido conhecimento.

No primeiro caso cometemos acto semelhante ao papel de Judas, porque nos traímos a nós mesmos, pelo menos, enquanto, no segundo caso, desempenhamos papel semelhante ao de Pilatos.

¿Quem poderá negar que uma doutrina é tanto mais digna, quanto mais nobre fôr a moral que encerra; quanto melhores forem as obras resultantes da sua moral; quanto mais se impuser à consideração a figura do seu autor; quanto maior fôr o número dos que a professarem e quanto mais elevado fôr o grau de instrução dos que dirigirem a sua propaganda e difusão?

Ora a doutrina espirita é digna pela moral que encerra, pelas suas obras, pelo seu fim e sobretudo pela nobre figura do seu Codificador.

¿Porque não havemos, pois, de servi-la com todo o amor, fortalecendo-a pela união, pelo número e qualidade dos seus adeptos e dirigentes?

¿Porque hão de os homens que lançaram as primeiras bases da organização manter-se agora afastados do que criaram, numa ocasião em que tanto é precisa a sua colaboração, que tão útil pode ser na correcção dos defeitos que na primeira organização se revelaram?

Não há boa escola sem bons dirigentes e bons mestres; e eu sei que no nosso caso há homens que aliam as duas qualidades, mas que, por motivos vários, que não interessam, porque para mim o que tem valor é a causa, se mantêm afastados dos lugares que lhes competem entre nós, onde tanto se faz sentir a sua falta.

¿Porque não vêm a nós êsses pioneiros da doutrina?

A hora que atravessamos exige o seu regresso para o engrandecimento da Causa e para o bem da humanidade tão martirizada por desuniões e sofrimento e tão necessitada de quem a oriente no caminho da regeneração, por meio de doutrinas que a conduzam a uma moral sã e a preparem para saldar tantas dívidas e erros cometidos, por sua ignorância e pelos perniciosos efeitos dum materialismo que lhe foi ensinado, por tantos ambiciosos, que a conduziram à beira do abismo em que se encontra.

A hora é de Paz, Trabalho e conjugação de esforços.

Todos nós, espiritas, por certo, reconhecemos que há uma grande obra a realizar, mas que não pode ser realizada enquanto na massa trabalhadora, que há de realizá-la, não tenham ingressado os que, pelos seus conhecimentos das grandes necessidades a vencer, possam dirigir a construção dessa obra.

Quando todos nos encontrarmos unidos e dispostos ao trabalho, teremos chegado à meta, para além da qual a obra espera o nosso esfôrço coordenado.

Que o Mestre permita que na consciência de todos desperte a vontade de união e de meter ombros ao trabalho que julgo ser necessário executar, se quisermos deixar a terra com o sentimento do dever cumprido, para com Deus, para com o Mestre, para com o semelhante e para connosco próprios.

Setembro de 1945.

Fenómeno Premonitório

Uma senhora das minhas relações, nos seus bons tempos de menina e môça, possuia, aí por volta dos 14 ou 15 anos de idade, um estranho sentido psíquico olfactivo.

Em certas ocasiões em que menos esperava, onde quer que estivesse, começava a sentir, de vez em quando, como que um *cheiro de morte*, o esquisito e característico odor que se nota quando se entra numa casa em que acaba de morrer qualquer pessoa.

E dizia, então, profèticamente:

— ¡Ai, que cheiro a defuntos! Amanhã morre gente...

E, de facto, no dia seguinte, morria gente, lá na aldeia.

Isto acontecia mesmo sem ela ter conhecimento de que havia na povoação doentes em perigo de vida.

Bartolomeu Bana Martins

CIGARRAS E FORMIGAS

pelo Coronel Faure da Rosa

I

ONDE há vida há espírito.

Disse Jesus a Nicodemo: «O espírito assopra onde quere». João, III, 8).

E o poeta filósofo, que foi um génio, Antero de Quental, afirmava que

«Em tôda a forma o espírito se agita!
«O invisível é um deus, que está sonhando
«Com não sei que visão vaga, infinita».
.....
«Se eu nas mãos tomo um punhado
«Da poeira do chão, da triste areia,
«E interrogo os arcanos do seu fado,
«O pó cresce ante mim... engrossa... alteia...
E, com pasmo, nas mãos vejo que tenho
«Um espírito! O pó tornou-se idéia».
.....

O dr. Charles Richet entende que para se compreender alguma coisa daquilo a que se chama «Espírito», é preciso examinar a sua função, não no grau de complexidade que ela atinge no homem, mas nos sêres inferiores, onde, por menos complicada, é mais acessível a observação.

Mesmo dos infinitamente pequenos, o microscópio diz-nos mais do que o telescópio dos infinitamente grandes.

Da análise dêstes bichos, insectos e outros — incumbiram-se e ainda hoje se estão incumbindo, os cientistas denominados *entomologistas*, vocábulo êste a que, sem desdouro, podemos dar o significado popular, irreverente, um pouco trocista até, de *cóca-bichinhos*.

A primeira vista, poderá parecer que não há nem pode haver correlação entre os homens — uns gigantes — e os insectos — migalhas de anões. Os meus leitores irão julgar e dirão qual vale mais: se o *bicho homem*, se o *bicho*... bicho.

A lendária preguiça da cigarra

Muitas vezes a reputação faz-se à custa de lendas; e isto tanto se aplica aos homens como aos animais. Não é sem razão que o povo diz «cria fama e deita-te a dormir». A lenda da preguiça da cigarra, da sua contumaz estouvanice, que a levaria a cuidar apenas de cantar, de folgar, — é mais um caso a corroborar esta afirmativa: «a reputação faz-se à custa de lendas».

Em oposição ao pseudo desleixo da cigarra, apresentam-nos a previdência da formiga. Todos conhecem a fábula de La Fontaine que se resume em meia dúzia de palavras: A cigarra passa o estio a cantar sem guardar que comer. Chegado o inverno, apertada pela necessidade, vai pedir víveres à laboriosa e previdente formiga; e esta responde-lhe com malícia, tôda espevitada:

— Cantaste? Pois dança agora!

Esta história é tão verdadeira como a do «gato das botas», a da «carochinha» e tantíssimas outras com que entretêm as crianças.

O grande desenhador francês Grandville — que em figuras de animais traduzia as paixões e os vícios da humanidade — valorizou com o seu lápis privilegiado a fábula de La Fontaine: no seu desenho, a Formiga está no limiar da porta em traje de laboriosa dona de casa, ao lado de grandes sacos de trigo, desdenhosa, de costas voltadas para a Cigarra que estende a mão suplicante. A cigarra veste uma sáia colada às pernas pelo vento nordeste; na cabeça ostenta um grande chapéu capota e debaixo do braço segura uma viola. Assim se imortalizou a mentira: A Cigarra sofrerá sempre de fome quando vier o frio, embora no inverno não haja cigarras; mendigará sempre alguns grãos de trigo, alimento incompatível com o seu delicado sugadoiro; fará larga colheita de môscas e bichinhos, ela que jamais come!

Fabre reabilitou a cantadeira caluniada pela fábula. A verdade rejeita como invenção insensata aquilo que nos conta o fabulista. Que, às vezes, há relações entre a Cigarra e a Formiga, nada é mais certo; mas tais relações são o inverso do que nos contam, e não partem da iniciativa da Cigarra porque ela não precisa do auxílio de ninguém para viver; partem da Formiga, exploradora rapinante, que abarrota os seus celeiros com tudo o que é comestível. Em tempo algum, a Cigarra foi à porta dos formigueiros gritar a sua fome; bem ao contrário, é a Formiga que, premida pela necessidade, vai implorar a cantadeira, sem que tencione restituir o que pede, por-

que não está nos hábitos da larápia fazê-lo. A Formiga explora a Cigarra, rouba-a descaradamente.

A verdadeira exploradora

O caso é êste: Em Julho, às horas do calor sufocante, enquanto o populacho de insectos, extenuado de sêde, debalde erra pelas flores fanadas, sêcas, para se dessedentar, a Cigarra ri-se dessa necessidade geral. Instalada num ramo de árvore, sempre cantando, com o seu estilete fino, a Cigarra fura a casca consistente e lisa donde brota a seiva amadurecida pelo sol. Mergulha o sugadoiro pelo buraco dentro e, deliciosamente, sacia-se, imóvel, recolhida, tôda entregue ao prazer do xarope e da canção. Então, numerosos insectos, sequiosos, rondam o local; descobrem os poços e acorrem primeiramente com certa reserva, limitando-se a sorver o licor extravasado. São môscas, vespas... insectos vários, mas formigas sobretudo. Os mais pequenos — como as formigas — para se aproximarem da nascente, marinham pela Cigarra acima. De todos estes bandidos que assaltam a propriedade da Cigarra, os mais tenazes são as formigas: mordem-lhe o extremo das patas, puxam-na pelas asas, fazem-lhe cócegas nas antenas, trepam-lhe pelas costas. Fabre afirma ter visto uma mais audaciosa agarrar-se-lhe ao sugadoiro, esforçando-se por lho arrancar.

Assim atormentada por esta multidão de anões e já esgotada a paciência, a cigarra — um gigante relativamente àqueles pequeninos sêres — abandona os poços que ela perfurou e foge, depois de ter esguichado aos invasores... um jacto de urina, como expressão de soberano desprêso. Mas..., bem se importam as formigas com isso! O seu fim, — apoderarem-se das fontes da Cigarra, — foi atingido, e é o que importa. Cêdo, porém, a fonte estanca porque a bomba que extraía a seiva — o sugadoiro da Cigarra — já não funciona.

Está-se, pois, a ver o que a realidade nos mostra: completa inversão dos papéis imaginados pela fábula. O mendigo indelicado, intruso, que não receia diante de nenhuma violência, é a Formiga; o artista industrioso que, de boa vontade vale a quem sofre, é a Cigarra. Mais: depois de cinco a seis semanas de folgança, a cantadeira exausta, semi-morta ou morta já, cai de cima da árvore. O sol seca-lhe o corpo e os pés dos transeuntes esmagam o cadáver. Sempre pirata, em cata de prêsa, a Formiga encontra-o e despedaça-o, disseca-o, redu-lo a migalhas que vão engrossar os seus armazéns de provisões.

Não é raro vermos uma Cigarra agonizante ser arrastada por uma chusma de formigas que inteiramente a cobrem e enegrecem. Êste acto de verdadeiro canibalismo demonstra bem as verdadeiras relações entre os dois insectos.

Aparecimento e desenvolvimento da cigarra

É por volta do meado de Junho que aparecem as primeiras cigarras. À beira dos caminhos de exposição mais quente e mais árida, é freqüente encontrarmos uns buracos donde saiem as larvas da Cigarra que vêm transformar-se à superfície. O canal da Cigarra desce até quatro decimetros: é cilíndrico e um tanto tortuoso segundo as exigências do terreno, mas sempre aproximado da vertical, a direcção do menor trajecto, e termina por uma espécie de sala, relativamente mais espaçosa, sem comunicação com qualquer galeria.

Em parte alguma se encontra a terra proveniente da excavação da toca.

A Cigarra fica quatro anos na terra, sem, contudo, passar todo êsse tempo no fundo do poço descrito. Quando se desloca, seja para fugir das altas camadas excessivamente frias, seja em busca de raízes com mais seiva, ela abre um novo caminho.

É ao sol que a larva se transforma em cigarra; uma vez fora da toca, a futura cigarra tem que procurar o ramo de suspensão onde se fará a metamorfose, às vezes longe do buraco da saída.

Duas a três semanas depois da saída da terra, isto é, aí pelo meado de Julho, a Gigarra ocupa-se dos seus ovos. A poedeira está sempre sozinha. Cada mãe ocupa um ramo. Logo que a primeira ocupante parte, uma outra vem e assim sucessivamente. Tôdas têm lugar, mas cada uma, por sua vez, deseja estar só.

A larva, pálida e cega, é mais volumosa do que depois da transformação; está inchada de líquido, como se tivesse sido atacada de hidropisia. Apertada entre os dedos, a Cigarra deita pela retaguarda um humor límpido que lhe humedece todo o corpo. É a êste líquido que Fabre chama urina.

A cigarra como terapêutica

O aldeão provençal em França, e não sei se em Portugal haverá a mesma crendice — acredita que a tisana de cigarras sêcas é óptimo remédio para a hidropisia ou para qualquer irritação nefrítica. Fabre não crê na eficácia da tisana, mas nota a circunstância de Dioscórido Pedanius, médico grego do primeiro século da nossa era, a indicar para tratamento de tais doenças, apenas com esta diferença: Dioscórido aconselha que se comam as cigarras assadas; agora cozem-se e bebem depois a água da decocção.

A explicação que davam, ou dão ainda, das propriedades dêste insecto, é duma ingenuïdade maravilhosa. A Cigarra, raciocinam êles, lança à cara de quem a quere agarrar, um brusco jacto de urina; portanto, ela deve transmitir-nos as suas propriedades evacuantes.

Filosofia da Natureza. — Patologia e Higiene da Alma

I — O homem inteiramente fora da Natureza. Males para o corpo, males para a alma

pelo Prof. Dr. Baptista Ramires

PROF. DR. BAPTISTA RAMIRES

O nosso confrade e amigo Dr. Adolfo A. Baptista Ramires, antigo professor do Instituto Superior de Agronomia, incia hoje nesta revista um valioso trabalho que será devidamente apreciado pelos leitores.

Autor de cêrca de trinta obras científicas, algumas delas citadas com respeito e admiração por altas individualidades estrangeiras (como o célebre Prof. Lakawsky), membro do Instituto de Coimbra e da Academia das Ciências de Lisboa, onde foi eleito por unanimidade entre onze concorrentes de grande envergadura, o Prof. Ramires possui, além disso, um estilo próprio, inconfundível, que faz lembrar os clássicos Rodrigues Lobo e Francisco Manuel de Melo.

Em 1905, sendo relator num congresso de higiene e tecnologia do leite e seus derivados, obteve um voto de louvor por aclamação e viu as suas conclusões adoptadas oficialmente na França e na Bélgica.

Para se avaliar a sua formação moral, basta dizer que um dia, no Brasil, alguém plagiou um capítulo inteiro de certa obra sua referente à biologia do leite, apresentando-o como tese de doutoramento na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, sem citar o nome do verdadeiro autor. Instado depois por outro médico brasileiro a reclamar a indemnização a que tinha direito, respondeu que, apesar de não ser rico, nunca se prestaria a servir de instrumento de ódio contra quem quer que fôsse. O Jornal do Comércio daquela capital defendeu-lhe os direitos, o que mais aumentou a admiração que êste nosso particular amigo grangeou no Brasil.

Uma das suas obras que mereceu especial atenção lá fora foi «Zymogênèse Microbienne. Emploi d'un de ses agents en Bacteriotherapie».

PUBLICADO em passado número desta notavel revista, sob o título «Mistérios da Natureza», o que penso dos resultados que à humanidade têm vindo da actividade da inteligência, procurei então mostrar o caminho errado que, em diversos rumos, ela tem seguido. Nessa orientação continuarei, pois julgo que foi esta Revista concebida para alguma coisa mais que o deleite de seus leitores, e que outro objectivo houve, — e êsse deve ter sido criar nela escola de elevados sentimentos humanos e, quando possivel, dar luz de conhecimentos uteis à vida do corpo e do espírito.

Supondo que, inspirada nas leis da Natureza, teria sido essa a ideia aqui dominante, deixarei formas de deleite para aqueles que, nesta Revista, com brilho as têm cultivado,

— só dando eu atenção ao que é abstrato, quando isso ao espírito seja indispensavel, procurando no que é concreto atingir fim que me pareça util.

A filosofia em todas as escolas — desde Sócrates, Platão e outros, entre os gregos, Cícero e Marco-Aurélio, entre os romanos, e, para cá deles, escola mais positiva — a filosofia é resultado de trabalho de síntese e de análise, — síntese, primeiro, na coordenação metódica de conhecimentos, e análise depois das conclusões que aquele trabalho deu — havendo também quem filosofia chame a sereno raciocínio que dá resignação a alguém, que por uma provação passou.

Nesse aspecto (principalmente o da análise), encaro eu aqui o que nos vem da observação da Natureza — por isso, o título que este escrito leva — procurando mostrar o errado rumo em que vamos na vida — sobretudo neste século, em que tanto da Natureza nos afastámos — lembrando aquilo que em verdade é útil, e pondo em destaque o que é nocivo.

Fastidiosa será talvez a leitura do que tenciono aqui lançar, em orientação nova que nos permite seguir, — pondo de parte elegâncias de estilo, e também o ornamento de citações de luxo — que a estas só costumo recorrer para justificar ou reforçar inesperadas conclusões — sendo meu principal intento, em ramo da psicologia aplicada, mostrar o significado moral de usos e costumes destes tempos, lembrando elementares noções e preceitos que convém não esquecer.

Sem o brilho que muitos colaboradores desta Revista têm posto nos seus escritos, banal é o que aqui exporei, tendo apenas o fim de pôr a descoberto — suficientemente ou não, conforme me seja possivel — aquilo que aos olhos do espírito tem andado sempre oculto.

*

Olhando a Natureza, à luz da filosofia simples, até onde nossa vista alcança, nela se admira tôda a obra do Criador que, lançando o homem na Terra, aqui lhe deu, no ordenado fim do que à sua vida era necessário, inteiro domínio de tudo que ela produz. Mas, afastando-se mais do que devia do labor da terra, o homem criou necessidades novas, na vida das cidades em que com outros se agrupou, — e aí, a nocivos hábitos e artifícios se consagrando, ainda mais da Natureza se afastou.

Da fuga desse labor natural, da sua corrida cada vez maior para as cidades, vieram muitos dos males de que a humanidade sofre, como procurarei mostrar. Certo é que daí veio todo o desenvolvimento da inteligência; nele nasceu a ciência, nele também nasceu a grande Arte, — a mais elevada manifestação do espírito humano; aí apareceu a máquina, a dominar o tempo, e com ela veio toda a indústria actual, aperfeiçoando a produção e tornando-a acessivel a todos. Tudo isso é certo, mas esse progresso, só materialista, por todos os seus artifícios complicou a vida, afastando-a inteiramente do que lhe estava destinado na Natureza. Da sua inteligência, das suas descobertas, concebendo sem cessar teorias que dia a dia, por seus erros ou insuficiências se renovam, de toda essa ciência — aparte algum bem-estar físico, sempre de facto frágil — o que tem saido, naquilo que está fora de elevado espiritualismo, muito tem sido para destruir, bem pouco para espiritualmente construir ou edificar, — como há mais de meio século bem viu Goethe, — já a isso em outro escrito me referi.

A união do homem à terra parece ter sido o desígnio do Criador, pois é na exploração do solo aravel — pela ciência que ele adquiriu, para a manutenção da vida humana — o único triunfo sólido da inteligência, porque todas as outras descobertas da ciência nem sempre têm aplicação.

Triunfo sem contrastes, sempre que tudo siga segundo as leis naturais, — sem artifícios violentos, que dão por vezes reacção nociva.

Mais ou menos dessas leis o homem tem andado afastado, — ainda perto delas, em certos usos se conservou, nessa civilização antiga, que foi berço da velha Roma e da Grécia desses tempos; mas, de então para cá, tudo ele em seus costumes alterou e complicou. Começando por se nutrir fora daquilo que sua organização pedia, também em alguns lugares da Terra se abrigou mais do que neles estava marcado, —o que o desabrigou para o que, em variações do tempo, inesperadamente vem. O asseio e necessidades de defesa a certo resguardo o obrigaram, — tal o de pelo calçado proteger seus pés; assim teve de ser, mas verdade é que esse indispensável abrigo o isolou da importante influência do electromagnetismo terrestre, tão útil à vida. E isso logo se vê, reparando no melhor aspecto das crianças, que à beira-mar marcham descalças na areia — isso felizmente nelas é frequente — comparando-as com o daquelas que aí

andam sempre calçadas, — já em escrito anterior a isso se fez referência (1).

Foi porém na forma de se nutrir que o homem mais da Natureza se afastou, não se limitando ao que na terra há de origem vegetal. Na sua estreita união a ela, nesse vasto domínio em que ele é rei — por isso lhe chamou «reino vegetal» — tudo o homem tem aí para a sua nutrição. Duma insignificante semente, pela criadora atracção de dois seres ou de dois agentes do mesmo ser — da Vida o maior mistério — sai modesta erva ou árvore colossal, daí vindo ao homem tudo que para manter a vida lhe estava superiormente marcado, — e até, em modestas ervagens, remédio para males do corpo. Variadas plantas lhe fornecem todos os elementos necessários à manutenção regular da vida; nos frutos, sobretudo, tem essas preciosas substâncias a ela indispensáveis, — tão indispensáveis são que Funck, que há anos as descobriu, lhes deu o nome de «vitaminas», dependendo todo o seu valor util do seu consumo *in vivo*, tal como da terra vêm.

São de facto as «vitaminas» — por novas descobertas numerosas e variadas, designando-se hoje pelas letras do alfabeto — tão necessárias à vida, que da sua falta podem surgir desarranjos no metabolismo orgânico, — desarranjos que chegam a ser graves, se na alimentação diária a sua ausência é total, — designando-se hoje esse estado anormal pelo nome de «avitaminose». E não há dúvida de que assim seja, pois se verifica que a saude por vezes logo se restabelece, só pelo consumo abundante desses produtos da Natureza, fornecidos por variados frutos, entre os quais, por seu valor se destacam o limão, a laranja, a tangerina — esses principalmente — depois a cereja, o tomate, a banana, as nozes e avelãs e, fora dos frutos, a salsa, a cenoura, o espinafre, o agrião. De origem animal, muito uteis «vitaminas» há em alguns produtos orgânicos, — bem conhecido o óleo de fígado de bacalhau (como também produtos semelhantes de alguns cetáceos) e daí a reconhecida utilidade do seu emprego, cujo valor, antes da descoberta a outros erradamente se atribuia a sua benéfica acção (1). E tão benéfica ela é, que em graves doenças — entre elas a tuberculose — já se observou em alguns casos a sua cura, só pelo consumo abundante da laranja.

Desse conhecimento e de tantos que deu a patologia moderna veio a condenação do abuso da carne, — sólida conclusão a que chegaram investigadores notáveis, entre outros os professores Schweninger, Bergmann, Gueck, Duering, — citando agora estes nomes, mais há, da nota que tenho à mão, em tempos tomada, — citações que faço, para se ver a firme vantagem da alimentação vegetariana, — a que todos podem habituar-se em adaptação progressiva.

Como se viu, abundância há de «vitaminas» nos vegetais. Infelizmente, nos alimentos cozinhados, o calor destrói a maior parte, — motivo porque nos laboratórios já hoje se preparam, por síntese, produtos semelhantes — por isso, quem disto se tem ocupado recomenda consumir em saladas os vegetais que a elas sejam próprios — sendo o tomate um dos mais uteis — nunca o agrião, por sua facil inquinação microbiana, quando vem de terrenos lodosos. Perigosos como este, embora julgados inocentes, outros produtos há, conforme quem escreve estas linhas teve ocasião de mostrar no que há anos publicou (ver «Antibiose Microbiana, número 24 da revista *Medicina Contemporânea*, de 1936.

Poderá extranhar-se ocupar-me deste assunto aqui; mas assim procedo segundo aquele sábio conceito de Juvenal a que já uma vez me referi — «*mens sana in corpore sano*» — lembrando causas de males do corpo que atingem o espírito, para, quando seja possivel evitá-los. Estando nele verdade exacta, não hesitei em continuar sua sumária análise, mostrando a inconveniência da alimentação predominantemente carnívora, bem prejudicial, se a complexa função antitóxica do organismo se torna insuficiente, — daí vindo esses males, aparecendo a distância, frequentes na velhice, que se agruparam sob a designação genérica de *artritismo*, — nome em que a nossa ignorância ainda hoje se esconde. Desses corpos, que escaparam às baixas defesas do organismo, acção funesta vem sempre: «envenenam o corpo e a alma», — como com justa razão já alguém disse.

De todos os males, os maiores têm vindo da vida nas cidades, para onde o homem vertiginosamente tem corrido sempre, em sonhos de ambição, que sem cessar o agitam. De hábitos novos, logo nos fere a atenção a multidão que em certos recintos se reune — bem à vista nos cafés das grandes cidades — em ambiente por essa acumulação viciado, fora

(1) Pior que tudo foi a ideia, hoje posta em moda corrente, de se revestir de borracha o calçado, material que de todo nos isola (um tanto também, mas menos, a cortiça) dessa importante influência da terra.

(1) Já isto estava escrito quando no *Diário de Notícias* apareceu um largo artigo sôbre o mesmo assunto, da autoria de um conhecido médico. Pensando em cortar o que tinha escrito, não o fiz, lembrando-me de que pela forma simples que lhe dei — menos ciência que em propaganda popular, para nada serve, mas mais utilidade pratica — poderia interessar a sua leitura, e aqui vai como estava.

de benéfica actividade física, — longe do ar livre, nos campos ou na água, à luz directa do sol sempre util à vida quando ela regulada é.

*

Pelo que respeita à patologia da alma, ainda vemos influências da vida citadina terem criado injustificáveis usos, que só mostram a nossa triste vaidade, como tantos outros de tendência ao aparato. E tal é essa tendência que até no emprego de certos termos, em intuito laudatório se cultiva a vaidade dos outros, para que êles por sua vez cultivem a nossa. Aí está em relêvo o «ilustre», que a toda a gente hoje se dispensa, e a par disso, outros termos se usam, com moderno significado na sua aplicação, — como o «alto» ou «alta», hoje tão vulgar em certos cargos ou serviços, — e amanhã virá o «altíssimo»; o «admirador» frequente é, mas ainda mais significativo é ter-se entre nós substituido a «vossa senhoria» — que em outros tempos regulado era — a vulgar «Excelência», levada ao superlativo em usos epistolares.

Esta cultura da vaidade maior é na mulher actual que, em retoques de uma arte nova, mais se enfeita e alinda. É próprio do seu sexo, mas de reparo é — já um francês, esse com razão ilustre, o fez — quando o cuidado de tais retoques é maior para estranhos que para os entes do seu lar. Já de muito longe tal uso vem, — seguido pelas mulheres romanas do tempo de César, e também se viu no Egipto, parecendo que a ele recorreram Cleópatra e Semíramis, para mais destacarem sua notável formosura, — tudo isso infelizmente é exagerado hoje, como se tem visto.

Esse uso antigo se tem já citado, como justificação do actual; mas quem tal citação faz esquece o que isso infelizmente significou na imoralidade da Roma antiga, não vendo o rumo que hoje a humanidade leva; por isso, na reflectida observação de tais usos é natural o receio de que a êsses tristes costumes de moral descalça se volte um dia. É o receio daqueles de quem gente môça, que nesse rumo vai, desdenhosamente sorrindo, dá certo nome de coisa antiga, que há muito não se usa.

A mesma gente môça que não respeita a idade, pelo que ela merece, e pela experiência da vida que daí vem, — e isso vai a ponto de no lar em que nasceu e onde todos aí se fizeram homens, com sacrifícios dos pais muitas vezes, tudo com êles discute — os filhos são modernos e sabem mais — que bem longe vai o tempo em que o pai, dando educação e sustento a seus filhos, para eles era o patriarca da família, escutado sempre em silencioso respeito. Nesses lares, nalguns — pelo que tenho já ouvido — a velhice não é mais que um triste apanágio de quem já deu o que tinha a dar.

Cá fora, essa mocidade, admirando sempre a mulher — frequentemente mais do que era natural — no homem, só admira a figura e o tamanho, — bem pouco o espírito, no que é são e regular e a maneira como êle às multidões se impõe, nos lugares onde todos se reunem, — principalmente nos cafés, e de longe em longe nos comícios.

Nesses casos, nada pode a educação materna — influências de fora a inutilizam — salvo se, a ajudá-la, outras influências haja, as do sangue ou, mais justamente, aquelas que em palingénese detrás tenham vindo.

O mal pode porém corrigir-se com uma nova estrutura na educação e ensino escolares, — e em povos como o nosso — com as qualidades e defeitos dos meridionais — isso é indispensável. A educação que se procura dar no ensino primário é geralmente insuficiente, e não deve parar aí, — tem de se estender ao ensino que se lhe segue nos colégios e nos liceus. Nele, uma modificação profunda há a fazer. Não basta instruir: o cuidado que aí se dá à inteligência e à memória tem de se dar também à formação do espírito.

No ensino secundário e superior actual, há uma desnecessária sobrecarga do cérebro,— teorias e mais teorias, ciência e mais ciência, sem util aplicação prática tanta vez — parecendo que tudo que se pretende é fazer sábios e não habilitados profissionais. Daí vêm desequilíbrios — esta é uma das suas causas — que, quando há predisposição orgânica, dão estados de esgotamento, e quando isso não há, êsse hábito de trabalho mental excessivo continua depois no homem, e se por vezes, na ciência isso à humanidade é útil, também certo é que dessa actividade saiem descobertas que, muitas vezes, só o mal delas resulta, — como na última guerra se viu.

Longo vai já êste escrito, e aqui o termino. Mas esta sumária psicanálise, bem rudimentar, sôbre o ensino em Portugal, poderá despertar a atenção de alguém, e do seu estudo tirar conclusões uteis para a vida portuguesa — foi êste o meu objectivo — e, como o considero importante, tenciono em novo escrito a êle voltar.

FILOSOFIA NEO-ESPIRITUALISTA(*)

PSICOLOGIA

F) Neo-Psicologia Experimental

por Ramos Pereira

VI — Fenómenos espiritas

Sem pretendermos apresentar aqui uma teoria completa sobre estes fenómenos, faremos contudo uma análise daquêles que consideramos relacionados com a neo-psicologia experimental pelas suas semelhanças com os anteriores, reservando para a psicologia transcorpórea que apontámos o estudo da fenomenologia denominada erroneamente espirita.

De facto, nestes fenómenos há a distinguir verdadeiramente dois grupos — o dos que afectam o passivo e o dos que dizem respeito ao sujeito. O passivo é um ser normal, geralmente de grande sensibilidade. O sujeito é um ser de natureza muito diferente.

Assim, aqui, designamos por fenómenos espiritas os que se relacionam com o passivo, reservando para o segundo grupo o nome de anímicos. Isto é, limitar-nos-emos a analisar o «como», para mais adiante na Metafísica estudarmos o «porquê».

O estudo que data de há poucos anos chamou homens como Crookes, Russell Wallace, Zoellner, Lombroso, Flammarion, Aksakof, etc. A fenomenologia é, em si, velha de séculos e mesmo algumas das suas teorias (Cf. Indus e egípcios in «Bhagavad Gita», «Livro dos Mortos» e «Livros de Hermes»; cf. *João Antunes* in «Oedipus» e «Teosofia»), mas a experimentação feita com rigor científico é do século dezanove.

O movimento iniciou-se em 1848, tendo por base factos extraordinários passados com uma família norte-americana do Estado de York (família Fox).

A princípio, a ciência e a filosofia «oficiais» acolheram com um sorriso de comiseração as novas teorias, mas estas acabaram por formar um todo homogéneo que se à primeira abriu novos horizontes, à segunda deu uma nova contextura: — a filosofia neo-espiritualista.

A) Ruídos

Sem dúvida que êste é um dos fenómenos mais vulgares. *John Wesley* e *Moor*, da Royal Society de Londres, narram alguns casos interessantes.

Regra geral, são pancadas fortes ou fracas que, sem causa aparente, se ouvem, nunca se encontrando um agente físico. Estas pancadas tomam formas variadas e multímodas.

Sem que se consiga encontrar uma acção directa, sempre se nota a existência dum indivíduo de grande sensibilidade na presença do qual os fenómenos redobram de intensidade. É o passivo.

Na realidade, em todos os fenómenos nós vemos um passivo, mas nunca uma interferência directa dêste. Isto é, êle apenas funciona como um meio de acção a uma causa. Daqui a designação clássica de «médium» e de «mediümnidade» ao poder dêste. É freqüente verificar-se um aumento desta mediunidade com a acção magnética. Isto mesmo é lógico com o que dissemos até agora.

O sensitivo mediúnico, como todo o sensitivo, exterioriza a sensibilidade muito fàcilmente, isto é, emana maior fôrça pléxica perespirítica e nêurica, que o ser normal. Sob a acção magnética, afrouxando a ligação do espírito (alma e perispírito) ao corpo, forçosamente que a emanação pléxica é ainda mais lata, estando assim em condições mais favoráveis a dêles se aproveitar a causa dos fenómenos.

Em resumo, teorizando, o medium fornece a fôrça para a acção da causa, pois só assim poderemos explicar o *modus operandi* do fenómeno.

* Ver *Estudos Psíquicos*, de Julho de 1944 a Setembro de 1945.

B) Levitação

Sob esta designação entendemos o movimento de corpos pesados sem contacto. Contudo, há autores que reservam aquela designação apenas para os corpos vivos. *Cromwell Varley* numa carta a *Tyndall* descreveu alguns fenómenos que verificou com Home, indubitavelmente um dos mais poderosos médiuns modernos.

A levitação de objectos é quási sempre acompanhada de ruídos e estremecimentos, estalidos, etc. Surge-nos agora um primeiro passo do problema. *Varley* verificou que alguns dos fenómenos se sucediam a pedidos seus formulados mentalmente. Que deduzir?

De acôrdo com a teoria de *Dal Pozzo*, ao pensamento correspondeu uma radiação magnética que o médium poderia receber telepàticamente, devido ao seu estado especial de sensibilidade. Mas isto em nada auxilia a explicação, porquanto o médium é fundamentalmente um passivo. Logo, é a causa do fenómeno que percebe a radiação. Mas se assim é, logicamente terá de estar em estado de harmonia, isto é, poderá receber o pensamento. Por outro lado, se o recebe também tem o poder de o emanar, ou a acção não se explicaria. Logo, a causa tem de ser inteligente. De mais, *Varley* viu que o médium reagia às suas ordens mentais, como se recebesse uma descarga.

Nestes fenómenos havia, pois, duas fases: 1.ª — pedido telepático; 2.ª — acção inteligente da causa com reflexo telepático no médium. Se, de facto, não se verificasse a independência do fenómeno e do medium, diríamos que êste provocava aquêle em obediência à ordem mental do experimentador.

Crookes, Trollope, Challis, Eliotson, e outros, experimentaram fenómenos vários desta natureza. O primeiro mesmo, trabalhando com Home, assistiu a várias levitações dêste.

—¿Como explicar, porém, a fôrça? Na realidade, é necessário que se vença a gravidade para que o corpo flutui no espaço; e para vencê-la, diz-nos a Física, teremos de possuir uma outra, tão ou mais intensa, que actui no objecto, em sentido contrário.

Dissemos que o indivíduo é capaz de libertar um quantum de energia. Logo, uma causa inteligente de natureza especial poderia transformar essa energia numa fôrça e guiá-la, transformá-la, mas nunca aumentá-la, senão na medida exaustiva em que o médium a possa fornecer.

Em resumo, o fenómeno pressupõe:

1.º — uma causa inteligente
2.º — um quantum de energia pléxica
3.º — um médium

Robert Chambers, Dale Owen, Thury, Boutlerow e outros testemunham fenómenos análogos aos da levitação — variação do pêso dos corpos — explicáveis pela mesma teoria.

C) Clarividência e Clariaudiência

Ora, se todos estes fenómenos se ligam a um médium, classificar os fenómenos é classificar os médiuns. Contudo, muitos chamam faculdades ao poder mediúnico. Assim seriam, se êsses poderes fôssem fixos, imutáveis e inatos. Mas não. O poder mediúmnico varia, pois que, como resultante da sensibilidade e da energia pléxica, é função desta. Além de que médiuns como Kate Fox ou Home são multímodos, e nem sempre a mediumnidade é vitalícia.

Regra geral, o médium passa por verdadeiras fases:

1.ª — pequenos indícios que lentamente se vão precisando
2.ª — Fase do auge
3.ª — Declínio

A clarividência abrange vários fenómenos, dos quais podemos destrinçar: *a)* — visão através da matéria; *b)* — visão supranormal. Um dos médiuns mais célebres desta especialidade foi o americano Mansfield.

Esta visão dá-se geralmente sob dois aspectos: o passivo diz o que vê ou o que escreve. O primeiro é em tudo semelhante à visão do sensitivo magnético e pode, pois, ter as mesmas causas. O segundo também poderia ser aqui filiado, mas devemos notar que a escrita se reveste de carácter automâtico que, ou é cópia ou é uma resposta. A resposta só poderá ser explicada pela causa inteligente que vislumbrámos, funcionando então o médium como um passivo puro.

Finalmente, na visão supranormal o passivo «diz ver» coisas, personagens, etc., desaparecidas da face da terra. Como explicar isto? Ou o passivo fantasia ou recebe radiações telepáticas ou «vê» de facto.

Não podemos aceitar a fantasia, pois que muitos reconhecem a personagem. Por isto mesmo temos a origem da segunda hipó-

tese: o vidente leria no pensamento uma imagem lá existente. Realmente, esta hipótese é viável apenas nos casos em que a imagem existe na memória da pessoa que se encontra perto do médium. ¿Mas se esta condição se não verificar? Resta-nos a terceira hipótese: a visão real. Será ela possível? Sem dúvida. Com efeito, para que a visão se dê é condição necessária e suficiente que a causa seja dotada de «aura» (cf. energias psíquicas); ora, se mais ninguém além dum médium vê a causa é porque esta não possui substância corpórea. Ora, se não tem um corpo e possui aura, forçosamente terá um perespírito e o fulcro energético anímico. Eis a causa inteligente: um ser dotado apenas de espírito. Será possível esta natureza? Basta que nos lembremos que o sonâmbulo pode exteriodizar o seu duplo. Logo, encontrámos a causa última dos fenómenos espiritas — um duplo. E, assim, a visão mediúmnica é em tudo semelhante à incorporação psicométrica.

Na clariaudiência o passivo recebe vibrações de freqüência mais baixa, verdadeiras ondas sonoras que passam contudo despercebidas aos experimentadores e que se compreendem pela hipersensibilidade do médium.

Estes fenómenos, porém, não oferecem garantia pela dificuldade de contrôlo.

D) Psicografia

Esta mediumnidade reveste três formas: *a)* automática; *b)* pneumatográfica ou directa; *c)* intuitiva.

No automatismo inconsciente, o braço do médium torna-se cataléptico, traçando velozmente a escrita, cujas características são absolutamente diferentes da que é própria do médium. O pensamento dêste em nada influi no fenómeno, pois é capaz de escrever e manter ao mesmo tempo uma conversa animada (Cf. caso de Fernando de Lacerda in «País da Luz»). Isto é, nesta forma há uma manifestação real da causa inteligente, a qual magnetiza o braço do médium, tornando-o assim capaz de reagir a uma acção mental. O estilo varia de comunicação para comunicação. Esta classe de fenómenos alia-se em certos médiuns à vidência, constituíndo a arte mediúnica: desenhos, óleos, gravuras, etc.

No automatismo consciente o médium recebe telepaticamente o que escreve, de maneira que, na escrita, a idéia é expressa com os conhecimentos armazenados pelo passivo. Não oferece tanta garantia de prova, pois é raro que as comunicações sobrelevem o nível intelectual do sensitivo. Como psicógrafos, são célebres Laura Edmonds, Elsa Baker e Fernando de Lacerda.

Na pneumatografia, o médium volta a não intervir directamente. Limita-se a fornecer a energia pléxica. *Zoellner* (Cf. «Física Transcendental»), trabalhando com Slade, obteve a escrita directa, colocando um pedacito de lápis entre duas ardósias lacradas; *Weber, Ludwig, Tiersch* e *Wundt* testemunharam o facto. Quando deixaram de ouvir o raspar do lápis, abriram as ardósias e verificaram que se encontravam cobertas de frases.

E) Efeitos luminosos

A maravilha vai recrudescendo. Em muitas sessões experimentais efectuadas no escuro, vêem-se por vezes globos luminosos irisados, pequenos pontos brilhantes ou largas faixas. *Crookes*, que se revestiu de tôdas as precauções para evitar ser enganado com qualquer substância fosforescente, confirmou a realidade do fenómeno. A que atribuí-los? Mas à energia pléxica do médium aproveitada pela causa inteligente, a qual a transforma em radiação luminosa, bastando para isso aumentar-lhe a freqüência de vibração por acção magnética.

F) Moldagens

São notáveis as experiências de *Zoellner* (Cf. op. cit.), com Slade. Com um balde cheio de parafina líquida obteve moldes maravilhosos de mãos e pés até ao pulso e tornozelo, o que tornava impossível a hipótese de terem sido obtidos por fraude. Além de que ninguém poderia suportar a temperatura da massa, nenhum humano tiraria o molde sem o partir.

Deitando gêsso nas cavidades dos moldes, o astrónomo alemão obteve assim verdadeiras obras primas de escultura.

¿Como actua então o duplo inteligente? À custa da energia pléxica condensada do médium, materializa um pé ou a mão, bastando, para os retirar, desmaterializar-se, fazendo cessar a acção magnética.

Isto é, o duplo pode-se materializar à

custa da energia do médium, o que não é inverosímil, porquanto há casos de duplos de sonâmbulos se tornarem visíveis em plena luz do dia, com enfraquecimento da vitalidade corpórea.

Logo, êste duplo em causa terá de possuir a natureza humana, pois só assim serão compreendidos estes fenómenos. Mas uma natureza humana especial — um espírito (alma e perispírito). Na metafísica, como dissémos, completaremos êste estudo da causa, provando a imortalidade da alma pela razão, como aqui é vislumbrado pela experiência. De facto, se nada houver que prove o contrário, só nos restará aceitar esta teoria como a explicação mais aceitável.

G) Incorporação

Êste fenómeno é raro. Regra geral, o médium cai lentamente em sono magnético provocado, sem dúvida, pela acção principal do experimentador. Colocado nêste estado especial em que os liames alma-corpo se afrouxam, passa da letargia à catalepsia. Aqui, a sintomatologia começa a distinguir-se da magnética.

Em vez de cair no estado sonambúlico, o passivo começa a sofrer estremecimentos bruscos, solta gemidos, etc. Por fim, a voz faz-se ouvir com um cambiante novo, com novas expressões, etc. Regra geral, a própria figura e fisionomia do médium se transfiguram numa verdadeira alteração da personalidade. É um outro indivíduo a manifestar-se pelo mesmo corpo.

A meu ver, o sêr-causa fortalece a acção magnética do experimentador até que o passivo atinge o ponto crítico da exteriorização da sensibilidade. Muda então a acção magnética para identificar a sua natureza ao corpo do médium. Há uma verdadeira troca de duplos. Pela sintomatologia, parece-me ser esta a teoria mais defensável, muito embora se pudesse explicar por uma acção magnética do sêr-causa sôbre o corpo do passivo, aproveitando-se do seu estado especial.

H) Materialisação

Aqui o sêr-causa surge como uma forma viva, real, ainda que a sua vida seja efémera.

As mais notáveis experiências foram feitas por *Crookes*, trabalhando com Florence Cook. A médium caía em transe profundo; aos poucos ia surgindo uma forma luminosa que depois dizia chamar-se Katie King.

Crookes chegou a fotografá-la, tal como *Rochas* fêz com duplos de sonâmbulos. ¿Será possível uma alucinação da chapa?... *Russel Wallace* usou placas revestidas de colódio e *Rochas* placas de brometo.

A origem da fotografia é fácil de compreender, pois que a figura materializada é uma fonte de energia pléxica perispirítica e, assim, a radiação luminosa impressiona a chapa, obtendo-se uma reprodução de contornos esfumados em que a fisionomia e principalmente os olhos se apresentam mais nítidos.

E a materialização? Antes do aparecimento do ser, notam-se como que a sair do corpo do médium faixas esbranquiçadas que se vão amontoando. Depois o novêlo informe vai-se elevando, precisando, contornando, até que se dá a aparição sensível. Logo, essas faixas não mais devem ser que o resultado duma materialização primária de energia pléxica do médium. Isto é, à materialização do sêr-causa corresponde uma desmaterialização do médium. (Cf. *Aksakof* in «Desmaterialização parcial do corpo dum médium»).

Como vimos, a neo-psicologia experimental, culminando a psicologia, estabelece o meio caminho entre esta e a metafísica.

BIBLIOGRAFIA

AKSAKOFF — Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo dum Médium.
ANNIE BEASANT — O Homem e os Seus Corpos.
BORRUT e BUROT — La suggestion mentale.
DAL POZZO — Un Capitolo de Psicofisiologia.
DENTON — Psychometric researches.
ERNESTO BOZZANO — Enigmas da Telestesia.
— Xenoglossia.
— Psicometria.
FERNANDO DE LACERDA — Do País da Luz.
JOÃO ANTUNES — Oedipus.
— Psicologia Experimental.
KARDEC — Le Livre des Médiuns.
LEADBEATER — Los Chakras o los Principios Magneticos Vitales del ser Humano.
LUYS — Phénomènes Produits par l'Action des Médicaments à Distance.
MARTINS VELHO—Potências Ocultas do Homem.
— O Magnetismo.
ROCHAS — Levitação.
— Exteriorisation de la Sensibilité.
S. VIVEKANANDA — Raja Yoga.
W. CROOKES — Factos espiritas.
ZÖELLNER — Fisica transcendental.

PROVA CONCLUDENTE

O Espírito do Marechal do Ar britânico Sir Trafford Leigh-Mallory é identificado numa sessão dada pela médium Estelle Roberts

(Tradução da I. D. S)

por Thomaz Leigh-Mallory

«Prova rigorosa e concludente... a mais clara prova de que meus pais sobrevivem no Além e são hoje os mesmos que eu conheci.» Eis como Thomaz Leigh-Mallory resume as comunicações que recebeu a semana passada, através de Estelle Roberts, em sessão especial dedicada ao Sunday Pictorial. *Depois dos trabalhos, afirmou espontaneamente: «Foi um grande sucesso, do principio ao fim. Nunca senti tão forte emoção na minha vida.» O autor dêste artigo fôra escolhido pelo* Sunday Pictorial *e ninguém ali o conhecia.*

O avião que conduzia Sir Trafford e sua espôsa despenhou-se em Novembro de 1944, quando o marechal abandonava a Inglaterra e se dirigia a novo comando.

O interêsse de Sir Trafford pelo Espiritismo aumentou há coisa de alguns anos, quando seu filho Tomaz foi curado magneticamente por Charles Glover Botham, facto êste que levou o marechal e a espôsa à investigação psíquica. Três anos foram sócios do grupo espirita de Botham.

Nessa altura, Sir Trafford verificou que possuia faculdades curadoras e auxiliou os trabalhos de Botham, quando êste médium foi encarregado das curas públicas na London Spiritual Mission.

Durante a guerra, as suas ocupações oficiais raramente lhe permitiram ir ao Grupo, mas sua espôsa foi lá muitas vezes. Sir Ttrafford recebia comunicações regulares dum irmão seu que desencarnara misteriosamente em 1924, na terceira expedição destinada a escalar o Monte Everest.

PARA as almas desoladas que perderam os entes queridos na guerra ou em virtude de causas naturais, é que eu escrevo o relato das minhas experiências, convencido como estou de que a sobrevivência é um facto comprovado e não mera ilusão que absorve o cérebro de muitas pessoas.

Na quarta-feira, 3 de Outubro, fui convidado pelo *Sunday Pictorial* a assistir a uma experiência, afim de verificar a verdade do Espiritismo. Posso acrescentar que perdi meu pai e minha mãe num trágico acidente de avião em Novembro de 1944 e sinto profundamente a sua morte.

Natural desespêro

O desespêro e o desânimo que se apoderam de nós nestas ocasiões invadiram-me de tal maneira, que adoeci gravemente e fiquei estropiado. Foi nêste estado que aceitei a oferta do *Sunday Pictorial* para assistir à sessão de Estelle Roberts.

Não era esta a primeira sessão a que assistia; mas como nunca tomei estas coisas a sério, só com duvidoso interêsse veria semelhantes práticas.

Eu trazia um velho cachimbo de meu pai e soube depois que êste objecto auxiliara a médium a conseguir o necessário tipo de vibrações para a comunicação.

Passo agora a relatar o que se passou na sessão, acrescido dos meus comentários.

Logo que pegou no cachimbo, Estelle Roberts exclamou:

— Está aqui uma entidade que teve morte muito rápida. Basta-lhe um minuto para apreender tudo o que se passa à sua volta. Aparenta 50 anos e parece-se consigo (refere-se ao filho do aviador). Está a dizer: «Estamos juntos (alude à espôsa). Não te aflijas connosco. Foi assim (Estelle Roberts dá estalidos com os dedos) e depois... o esquecimento. Ouvimo-la chegar, mas não a sentimos».

Referiu-se depois a uma perna, aludindo à

minha pessoa: «Está tudo bem, meu filho. Não te apoquentes».

Estelle Roberts preguntou:

— ¿Quem é Edward... Edwin... Ted, que êle encontrou no Além?

Respondi que era Ned, o meu avô.

A seguir, êle falou do meu médico Peter: «Recomenda-me a Peter e diz-lhe que tem trabalhado admiràvelmente.

Estelle Roberts preguntou então:

— ¿Quem é a rapariga que está com êle? Será irmã? É pessoa que morreu muito nova, aos seis ou sete anos, devido a qualquer afecção de garganta. É uma linda rapariga...

Respondi que era filha de meu primo. Morreu sufocada no berço.

Soube também que meu pai trazia um cão branco de manchas escuras. Reconheci-o como pertencente a minha mãe, quando era rapariga. Lembro-me disso, por velhas fotografias de família.

Meu pai disse-me que tinha encontrado Charles no Além. Era o meu avô-padrasto.

Será interessante notar que meu pai era o Marechal do Ar Sir Trafford Leigh-Mallory, comandante das Fôrças Aéreas Expedicionárias Aliadas que sob as ordens do General Eisenhower combateram na Normandia e a quem foi entregue o Comando das Fôrças Aéreas Aliadas no Sudeste da Ásia que estavam sob as ordens do Almirante Mountbatten. O seu trágico passamento deu-se, quando êle e minha mãe voavam para a Índia, afim de tomar conta do cargo.

Creio que esta informação mostrará a veracidade e o rigor da prova que Estelle Roberts deu mais tarde na sessão.

Valia a pena!

A médium continuou:

— Seu pai podia ali agüentar o povo — especialmente os homens. Sabia conduzi-los e levá-los a fazer o que êles não fariam com qualquer outro. Era tolerante. Ralhava muito, mas não prejudicava ninguém. Êle está a dizer: «Eu queria fazer tudo isso novamente. Valia a pena! Diz-lhes que voltei. Diz a meu filho que sou feliz».

Respondi-lhe que era um guia espiritual que conheci em Edgware e meu pai disse-me que fôsse com Frank, que o beneficiado seria eu.

A médium informou então:

— Oiço-o falar. Tem a voz cultivada, de tom grave. ¿Porque puxa êle o cabelo para trás e afaga o queixo?

Respondi que era velho hábito.

— Êle não é tão alto como o sr. — acrescentou.

Eu tenho 2m,03. Meu pai tinha 1m,90.

Roguei a Estelle Roberts que preguntasse a meu pai se recebeu a última mensagem que lhe mandei. Ela preguntou-me se era mensagem escrita e meu pai disse: «Sim, compreendo perfeitamente. Obrigado, meu filho.»

Marechal do Ar Sir Trafford Leigh-Mallory, segundo-comandante de Eisenhower na invasão da Europa

E a médium concluíu:

— Há mais nessa resposta do que naquilo que eu queria dizer agora.

A última mensagem

De facto, na manhã da partida combinei com o telegrafista do avião a maneira de enviar a meu pai uma carta em forma telegráfica, quando o aparêlho se encontrasse a uma hora de vôo de Inglaterra.

Estelle Roberts ia dizer que êle era muito amável, mas violento. E meu pai traduziu assim o seu pensamento: «Vivi como homem; morri como homem. Nada mais há para o homem».

— Desencarnaram quási ao mesmo tempo

— disse Estelle, referindo-se a meu pai e minha mãe —.

E meu pai acrescentou: «É estranho. Sentiamo-nos muito bem e logo a seguir estávamos perdidos. Mas estamos juntos e isso nos satisfaz. Não choreis por nós. Dai saüdades nossas aos outros.»

A sr.ª Roberts preguntou, a seguir:

— ¿Porque me mostra êle uma montanha? Ouço-o dizer: «Eu ia tomar conta do novo

A médium Estelle Roberts fotografada numa sessão de clarividência

pôsto. O nosso avião despedaçou-se junto duma montanha.»

— Êle era pessoa muito conhecida... — informa Estelle. *Sir* qualquer coisa... Agora, diz: «*Eu conhecia um pouco o que vos interessa. Voltei com minha mulher e quero que meu filho saiba que tentei comunicar com êle antes, mas nunca o consegui inteiramente. Foi logo depois de termos desaparecido.*»

Preguntei à sr.ª Roberts como fôra feita a comunicação e respondeu que tinha sido por meio de pancadas.

— Isto é maravilhoso! — exclamei. Três dias antes dos jornais anunciarem a perda do avião, ouvi uma forte pancada na porta da minha residência. Mas quando fui à porta não vi ninguém...

Meu pai elucidou: «Saímos para ocupar um pôsto, lá fora... Eu estava ligado ao aparêlho... um novo comando... Gostaria muitíssimo que Lord Dowding soubesse que me comuniquei e lhe dissessem que falarei com êle em voz directa. Estou contente por ter voltado hoje. Transmite à minha família que estamos bem e livres de perigo. *Não censurem a nossa tripulação, nem o piloto... Tudo devido ao tempo... condições desesperadas... muito infelizes... impossiveis de modificar... Deus te abençôe, meu filho!*»

Exortação aos tristes

A médium interveio:

— Está aqui um par encantador. Ela é uma linda senhora, mais nova do que êle. Parece ter 48 anos, mas diz-me que tem mais de 50. E conclui: «Dai saüdades à minha filhinha (é minha irmã). No aniversário do nosso trágico passamento, falarei contigo outra vez».

Quando me dirigi para a sessão, já conhecia todos os factos, porque meu pai e minha mãe foram encontrados entre os destroços do avião que se despenhara nos Alpes Franceses, dez milhas a nordeste de Grenoble, no sul da França.

Seus corpos materiais estão sepultados ao lado dos da tripulação, numa aldeola montanhosa da Rivière d'Allemont.

Para mim, isto é a mais clara prova de que vivem no Além e são hoje os mesmos que eu conheci na terra. Entretanto, digo-vos, ó vós que estais tristes e desesperados: *Animai-vos, porque achareis confôrto e alegria procurando os vossos bem-amados através do Espiritismo!*

(Do *Psychic News*, de 13-10-945)

A Morte e as Convenções

A vaidade em face dos que partiram, melhor é seja substituida pelo interêsse pelos que ficam e o dinheiro que se gasta em túmulos de luxo e mausoléus e lutos e cerimonial antiquado e tétrico seja antes aplicado na prática das obras de misericórdia, que são as únicas que nos garantem a posse do Céu.

Dispamos a morte da sua mentira, do seu convencionalismo, do seu ridículo e da sua hipocrisia, e daremos um passo grandioso na libertação dos terrores que nos cercam e das superstições que nos escravizam.

P. R. F.

A Missão de Jesus

por Fernando da Cruz Ferreira

IV

Eis que chegaram os tempos em que o Pastor veio reünir as ovelhas em tôrno do seu zêlo sem limites. Havia escravos pelas imposições, pelos raciocínios, mas chegou enfim a liberdade pelo Evangelho do Cristo-Jesus.

A raça judaica guardou, desde épocas imemoriais, a Luz do Tabernáculo e Deus enviou-lhe seu Filho sem mácula, como prémio da sua Fé persistente e inabalável.

¿Onde estão os que ainda não ouviram as Mensagens da Boa Nova? ¿Onde os que ainda se não felicitaram com as alegrias da nova Fé?

Deus enviou Sua resposta aos anseios milenários, a Revelação do Céu veio aclarar os seus caminhos. Conforme a promessa da profecia, a todos quantos choraram e sofreram por amor ao Pai Celestial, o Divino Emissário desceu até ao antro das nossas dores amargas e justas, para iluminar o Norte das nossas almas impenitentes, para que se nos desdobrassem os horizontes da redenção.

O Messias atendeu os problemas angustiosos da criatura humana, com a solução do amor que redime todos os sêres e purifica de todos os pecados. Mestre da perfeita alegria da vida, suas bênçãos representam nossa herança. Moisés foi a porta; Jesus-Cristo é a chave. Com a corôa do martírio adquiriu para nós outros a Luz imortal da salvação. Éramos cativos do êrro, mas o sangue bendito do Seu Evangelho nos libertou.

Na vida e na morte, nas alegrias de Caná, como nas angústias do Calvário, pelo que fez e por tudo o que deixou de fazer em Sua gloriosa trajectória na terra, Êle é o Filho de Deus iluminando o nosso caminho. Acima de tôdas as cogitações humanas, fora de todos os atritos provocados pelas ambições terrestres, Seu Reino de Paz e de Luz resplandece na consciência das almas redimidas.

Ó Israel! Tu que esperaste tantos séculos, tuas angústias e dolorosas experiências não foram vãs!...

Enquanto outros povos se debatiam pelos interêsses inferiores, criando falsos ídolos de falsa adoração e promovendo, simultâneamente, as guerras de extermínio com requintes de perversidade, tu, Israel, esperaste a manifestação do Deus de Justiça.

Carregaste os grilhões da impiedade humana na desolação e no deserto; converteste em cânticos de esperança as ignomínias do cativeiro, sofreste o opróbrio dos poderosos da terra; vistes os teus varões e tuas mulheres, teus jovens e tuas crianças exterminadas sob o guante das perseguições mais atrozes, mas nunca descrestes da justiça dos Céus.

Como o Salmista, afirmaste com o teu heroismo que o Amor e a Misericórdia vibram em todos os teus dias. Choraste no caminho longo dos séculos com as tuas amarguras e feridas. Como Job, viveste da tua fé, subjugada pelas algemas do mundo, mas já recebeste o Sagrado Depósito de Jeová — o Deus Único!

Ó esperanças eternas de Jerusalém, cantai de júbilo, regosijai-vos, embora não tivésseis sido fiéis inteiramente à compreensão, por terdes conduzido o Cristo aos braços duma cruz.

Suas chagas, todavia, nos compraram para o céu, com o alto preço do sacrifício supremo.

Isaías o contemplou, vergado ao pêso das nossas iniqüidades, florescendo na aridez dos nossos corações, qual flor do céu num solo ingrato e duro; mas Êle revelou também, desde a hora da Sua extrema renúncia, na morte infamante, que a sagrada causa divina prosperaria para sempre em suas mãos excelsas.

¡Com a mesma ansiedade com que o protagonista da Parábola procuraria a dracma perdida do seu disvelado amor, anunciemos a todos os nossos irmãos desesperançados as glórias e júbilos do Seu Reino de Paz e amor imortal!

A Lei retinha-vos no espírito de nação, sem conseguir apagar de vossas almas o humano desejo de supremacia na terra.

Muitos da vossa raça esperaram um Príncipe dominador que penetrasse em triunfo na cidade santa, com os troféus sangrentos das batalhas de ruína e de morte, que lhes fizesse empunhar um cetro odioso de fôrça e tirania.

Jesus-Cristo, porém, libertou-nos para sempre das erradas interpretações de hegemonia. O Seu Reino é de Amor, de Harmonia, de renúncia aos bens terrenos. O Seu principal mandamento é que nos amemos uns aos outros, como Êle próprio nos amou.

Seu Reino é o da consciência recta, são os corações purificados no servico de Deus. Suas portas constituem maravilhoso caminho da redencão espiritual, abertas de-par-em-par aos filhos de tôdas as raças e de tôdas as nações.

Seus discípulos amados afluïrão de todos os quadrantes. Fora de Suas Luzes, haverá sempre tempestades para o viajor vacilante da terra que, sem Cristo-Jesus, caïrá vencido nas batalhas infrutíferas e destruïdoras das melhores energias do coracão. Sòmente o Seu Evangelho confere a Paz e a Liberdade.

É o tesouro do mundo. Em sua glória sublime, os justos encontrarão a corôa do triunfo, os infortunados o consôlo, os tristes a fortaleza de bom ânimo, os pecadores a senda redentora dos resgates misericordiosos.

No grande testemunho, os homens não souberam compreender Sua divina humildade e alguns dos mais afeicoados não persistiram, vacilaram na sua fé, abandonando o Senhor. Suas chagas clamaram e clamam pela nossa indiferença criminosa.

Ninguém poderá eximir-se desta culpa, visto que todos somos herdeiros das suas dádivas celestiais. Onde todos gozam do benefício, ninguém pode fugir à responsabilidade. Essa a razão porque respondemos pelo crime do Calvário. Jesus-Cristo é constantemente crucificado por nós no âmbito tenebroso do nosso egoísmo, dos nossos maus pendores.

Sua feridas, porém, são a nossa Luz; seus martírios, o mais ardente apêlo do Amor, seu exemplo o roteiro aberto para o Bem sublime e imortal.

O senhor é o eterno alimento da alegria e da vida, o nectar confortante da alma, diluído nos perfumes do amor que jamais perece. Cristo-Jesus é a substância da nossa liberdade. Dia virá em que Seu reino abrangerá os filhos do Oriente e do Ocidente, num amplexo de fraternidade e de Luz.

Então compreendereis, ó Israel, que o Evangelho foi a resposta dada por Deus aos vossos apelos, em face da Lei Mosaica.

A Lei é humana; o Evangelho é Divino. Moisés foi o condutor; Jesus Cristo o Salvador. Os profetas foram mordomos fiéis; Jesus, porém, é o Senhor da Vinha.

Com a Lei seríamos servos, mas com o Evangelho do Cristo somos filhos livres de um pai infinitamente amoroso e Justo!...

Amigos de «Estudos Psíquicos»

O 1.º número deste novo ano que começa enfrenta mais um aumento de despesa tipográfica: 15 %. Assim, o aumento geral, excluido o papel, atinge 110 % (cento e dez por cento) desde 1941.

Como se explica, então, que iniciemos outra jornada com tanta fé no futuro, não obstante semelhante dificuldade que onera a revista em 250$00 mensais de despesas tipográficas, ou sejam 3 mil escudos anuais?

A mesma esperança que nos animou no passado anima-nos no presente, porque sabemos que os nossos amigos não deixarão sossobrar um órgão que tem cumprido ardorosamente a sua missão.

É preciso intensificar a propaganda desta revista. Temos necessidade de novos assinantes. Se cada um procurar outro na roda dos seus amigos e o trouxer à nossa administração, tudo estará resolvido.

Os espiritas devem acarinhar a sua imprensa, fornecer-lhe os meios de viver dignamente, já que ela não dispõe de publicidade remunerada que compense as inevitáveis e crescentes despesas.

¡Colaborai todos connosco nesta cruzada necessária! ¡A união faz a força e a força destrói os obstáculos!

Acusamos a recepção dos seguintes donativos, que agradecemos:

F. M. G., do Rio de Janeiro	**500$00**
Bartolomeu Bana Martins	**40$00**
António da Silva Braga Júnior, de Coimbra, cota de 1946	**60$00**
Francisco Elias de Carvalho Simão, cota de 1946	**53$00**

O ALÉM MISTERIOSO

por Haydi de Thebelen

TODOS os espiritualistas sabem que os mundos visível e invisível se interpenetram. E assim, tanto a nossa vida física como a espiritual recebem alento do mundo desconhecido. Contudo, a nossa existência decorre numa quási ignorância do que se passa para além dos umbrais dêsse mundo. Aqui na terra todos, mais ou menos, vivemos como num sono de pesadelos, sentindo o pêso das nossas amarguras, ou erros que nos fazem sofrer, e pelos quais para aqui fomos exilados, para esta prisão que é vida no plano físico. Bem o sabemos; mas quantas vezes, num desejo irresistível erguemos os olhos da nossa alma para a Mãe Pátria Espiritual! ¡E como ela se nos apresenta rigorosamente impenetrável!

Não ignoramos que merecemos essa severa fisionomia, que é apenas uma máscara, por detrás da qual nos vigiam uns olhos repletos de amor.

Já o sabemos, porque nô-lo disse essa Mãe Invisível, que se aqui estamos encerrados é para aprendermos no ámago da vida terrena e que enquanto tivermos limitações não poderemos penetrar no mundo que momentaneamente não nos pertence. Mas o nosso espírito, qual terno filho, ante uma reprimenda de amorosa mãe, corre, vôa para ela atraído por elos indissolúveis. Assim num grande anseio podemos elevar-nos a altas culminâncias levados por um desejo impregnado de Beleza e de Amor, pode o nosso cérebro arquitectar os mais requintados e sublimes pensamentos e atingir mesmo as regiões celestiais.

Dêstes deliciosos e enibriantes vôos da alma perdura uma sensação de felicidade e de certeza do Divino. Dêsses instantes subsiste um delicioso perfume espiritual, uma inexplicável embriaguez que nos alimenta, nos vivifica moral e fisicamente, isto porque nessa ascensão a alma encontrou elementos de reconfôrto para os seus vários corpos. Penetrou profundamente no mundo hipersensível e, como diz Ortega y Gasset, enriqueceu-se em *vitaminas espirituais* de todo o género.

Despertando no mundo físico, sente-se forte, revigorizada e algumas vezes até curada de seus males morais e corporais. Por esta elevação aos planos superiores sabe que êsse Grande Mundo *existe; viu-o, sentiu-o;* para êsse indivíduo nada há de mais real e verdadeiro. Depois, em contacto com o plano terreno, quantas vezes se detém para se interrogar sôbre êste ou aquêle *porquê*, querendo relacionar o que *viu* na sua gloriosa ascensão espiritual, desde os seus afectos, simpatias e antipatias, até aos mais complicados problemas da Ciência! E quanto mais procura, mais há que procurar. Diante dêle está sempre a mesma incógnita, o mesmo desejo insatisfeito. E, misterioso e impenetrável, o Além, qual esfinge, guarda os seus segredos.

Aos espiritualistas já foi dado conhecer as principais leis que regem os destinos humanos: Lei da Causa e do Efeito, Livre-Arbítrio, Justiça e Amor.

Mas dentro destas leis muito nos escapa da sua complicada composição e funcionamento.

A maravilhosa engrenagem dessa sublime legislação só foi ainda *percebida* pelos viventes da superfície terrena.

Ocorrem-me estas considerações devido a conversas que tenho tido com espiritualistas de nomeada e a quem dirigi algumas preguntas que ficaram sem resposta por pertencerem ao que chamamos *Mistério.*

¡Como eu desejaria conhecer — e estou convencida de que muitas pessoas me acompanham nêste desejo — a fenomenologia de certas leis! Estuda-se, medita-se e esbarra-se sempre com o mesmo véu impenetrável.

Por esta razão o grande filósofo Rudolfo Steiner afirmou categoricamente na sua «Ciência Oculta» que «nenhuma alma humana hesitaria, depois dum exame sério, em reconhecer que os problemas essenciais ficam sem resposta, porque os mundos supersensíveis são nitidamente inacessíveis».

Quando também ousei erguer meus olhos para essas Alturas, foi-me dito por esfíngico Sêr:

— *Viverás sempre rodeada de mistério!*

Bem sabemos que os «mistérios» não existem; que afinal são ùnicamente as nossas imperfeições que nos impedem de conhecer êsse Grande Mundo. Mas por vezes as nossas interrogativas são tão insignificantes, — assim nos parece — que ficamos assaz surpreendidos de não obtermos qualquer explicação, e, por vezes até verificamos obstinado silêncio. ¿Provém isso de não estarmos ainda aptos a receber essa parcela da Verdade, pela qual tanto anseámos? Mas se o nosso espírito interroga, ¿não será indício do desejo de *conhecer,* e portanto de evoluir? ¿Estará, a resposta, como eu creio, no Aquém e não no Além? ¿Como se compreende então que à inteligência humana seja permitida a descoberta do valor do átomo, e não consiga obter mais luz que melhor a oriente sôbre a íntima relação entre a vida espiritual e a vida física?

¿Porque se fatigam há tanto tempo os investigadores científicos para descobrirem a incógnita de certos fenómenos, tais como os da mediünidade?

¿Como se compreende que Deus permitisse ao ho-

VENENOS ESPIRITUAIS

por Mariana Mendes Palma Cabral

Não há dúvida alguma de que a humanidade atravessa um periodo de desvairo e alucinação como não há precedentes na História.

É com o coração constrangido que assistimos ao triste espectáculo que nos oferece a mentalidade e a espiritualidade dos nossos dias.

Melhor ainda, mentalidade: a que pontifica é de tal forma cruel, sanguinária e feroz que por vezes nos recusamos a admitir que ela provenha de entes humanos, parcelas do divino, que Deus criou com o fim único da perfeição suprema.

Espiritualidade, se existe, se espiritualidade se pode chamar a uma ausência absoluta de espiritualismo no sentido lato da palavra, é tão reduzida, tão apagada, que não se suspeita, sequer, a sua existência.

Entendemos por espiritualidade a essência divina, aquela centelha milagrosa que distingue o homem dos outros animais, e, em ascese, o guinda para as Alturas.

Nesta pobre humanidade conturbada não se adivinha um lampejo de espiritualismo, e daí, a sua infelicidade e a sua crescente aflição.

Criou-se uma nova arte, diabólica, infernal — a arte de matar.

Requintou-se o sofrimento na Terra por várias formas. Nisto se empenharam a ciência, a inteligência e a fôrça bruta da matéria.

Desenvolvem-se tesouros de saber para salvar a vida a tantos desgraçados que nas garras dos algozes tentam suïcidar-se, fugir dalgum modo dêste inferno dantesco em que transformaram a Terra.

Arrancam-nos à morte, que os infelizes recebiam, agradecidos; e acto contínuo, vivos e salvos, empurram-nos para os lugares do suplício, e aí lhes preparam, não a fuga que êles buscaram por suas mãos, mas o holocausto sàbiamente perpetrado, a grande fogueira em que crepita a maior degradação humana e onde se afundam e desaparecem todos os belos princípios da humanidade.

A vaga passa alterosa e não há mãos que a detenham.

É a sua hora e o sacrifício consumar-se-à até ao fim.

Uma tempestade de loucura e extermínio varre o mundo.

Parece que nessa voragem irá submergir-se para sempre tudo que existe de belo sôbre a Terra. Mas tal como em tôdas as tempestades, há sempre uma ou outra ermidinha, lugar de paz onde não chega o ribombar do trovão.

Essas ermidinhas, dispersas aqui e acolá, são os corações dos cristãos. Neles também

---

mem descobrir — como já disse — o átomo e a sua relação com as potentosas fôrças universais, em risco de destruir não só a espécie humana, mas também o próprio planeta que habitamos?

¿Esta sensacional descoberta virá alargar os horizontes da psicometria e da metafísica? Assim o creio contudo.

A resposta pertence ao futuro, a essa era de surprezas que se aproxima a passos gigantescos. Essas descobertas que maravilharão os vindoiros e os encherão de orgulho, talvez também lhes façam esquecer o bom uso da lei sagrada do Livre-Arbítrio.

A minha insistência em querer saber foi-me ainda respondido pela mesma esfíngica entidade do Espaço:

— *No lugar em que te encontras* (1) *nada peças para ti. Não procures ser compreendida, mas compreender; não desejes ser amada, mas amar.*

Dolorosamente, baixei meus olhos sôbre mim mesma, arrependida e envergonhada da minha insensata ambição. ¿Como poderia eu penetrar no profundo conhecimento das leis Divinas, eu, pobre sêr que ainda não tive fôrça bastante para corrigir todos os meus defeitos? ¿Como ousei preocupar-me com o que é Perfeito, eu que ainda *sinto desgôsto*, que ainda me *melindro* quando os erros dos outros me atingem? ¿Como poderei eu ser amada pelos meus parentes e amigos, se ainda não sei amar?

Quando eu atingir essa plenitude no Amor, então Isis erguerá o seu véu, a Esfinge Alada revelará o seu segrêdo, tudo em volta da minha vida será paz e amor, enfim, os mistérios desaparecerão, porque eu terei entrado na posse da Grande Verdade — que é Deus.

Quando !? Quando ?...

(1) Na Terra.

há paz e felicidade, a despeito da tormenta que ruge lá fora.

Felicidade!

Nunca esta palavra pareceu tão vazia de sentido como na hora que passa.

E contudo, ela sempre viverá no íntimo das almas que estão em paz com tudo e com todos, satisfeitas de si e do destino para que Deus as fadou.

Felicidade, existirá sempre na consciência do dever cumprido, na prática das boas acções, no clima moral dos sentimentos elevados, no esfôrço dispendido para avançar um passo mais no caminho da perfeição.

Esta, sim, é a verdadeira e única felicidade.

Mas não enveredaram por êsse caminho os homens. Não é nessa fonte inesgotável que vão beber a sabedoria da vida que satisfaça o seu humano anseio de felicidade.

Em bem diverso campo a buscam.

Pobre e desventurada humanidade! ¡No tumulto das paixões, nos gozos terrenos, o luxo, o brilho das riquezas e das honrarias, o preconceito das aparências, em todos êsses campos, tão vastos e tão absorventes para ti, buscas o caminho da felicidade, e busca-lo com afã, com firmeza, não vão os outros pensar que hesitas, que não és desta época!

Mais do que nunca, pareces agarrada à vida, e nunca como então fizeste tanto para que a vida te fôsse curta e pesada.

Conheces nos rótulos da química os venenos que matam em poucos segundos.

Dêles foges tu, pois a vida é coisa preciosa.

Entretanto, deixas-te envolver nas malhas de bem mais corrosivos e destruïdores venenos.

Chamamos-lhe assim, porque não limitam seus efeitos apenas ao indivíduo, como aquêles outros.

Não, estes envenenam as pessoas, tôda a sua obra e até o próprio ar ambiente.

São fontes de morte, donde podia emanar a Vida.

São os venenos espirituais.

Ódio, inveja, egoísmo, vaidade, cólera, orgulho, pessimismo, descrença, tais são os seus rótulos na fórmula geral, que é, afinal, a loucura.

Venenos bem mais poderosos que os da carne, irradiando do indivíduo, cujo espírito corroem e dilaceram sem piedade, alastram pela repercussão e tornando-se colectivos chegam a influir nas próprias gerações.

Seus efeitos são inevitáveis, quando em tropel tudo galgam em sua louca cavalgada.

Sendo impossível atalhar tais efeitos, está todavia ao nosso alcance eliminar as causas.

¿Qual o antídoto de todos os venenos espirituais que vimos de referir?

Em vez do ódio, cultivemos o amor, amor a tôda a humanidade.

Em vez da inveja, cultivemos o regosijo pelo bem-estar dos outros.

Em vez do egoísmo, saibamos viver da felicidade alheia.

Em vez da cólera, esforcemo-nos por conservar sempre a calma.

Em vez do orgulho, sejamos humildes, despretenciosos.

Em vez da vaidade, cultivemos a simplicidade, a modéstia, tão pequenina e tão alta.

Em vez do pessimismo, que é a noite da alma, abramos de-par-em-par as portas do bem, da bondade, do amor, e por elas entrará a jorros a alegria de viver.

Em vez da descrença que tudo destrói, saibamos erguer os olhos ao alto, criar um Ideal e segui-lo, pela fé inabalábel n'Aquêle que tudo prevê, tudo escuta e tudo atende sàbiamente.

Ponhamos os olhos em Deus e, dêste modo, chegaremos ao cabo da jornada tranqüilos e satisfeitos com todos e connosco próprios.

BENÇÃOS PAPAIS

Temos em mão o número 2.780 do jornal *A Ordem*, de Natal, datado de 28 de fevereiro de 1945.

À frente, na primeira página, logo ao lado do título do referido órgão católico, em destaque, está escrito:

> «O Santo Padre concede uma bênção aos assinantes do jornal católico, mas àqueles que pagam pontualmente.»

Já nos haviam contado o caso, mas, como não acreditássemos, trouxeram-nos um exemplar do mencionado órgão católico-apostólico e romano. O facto é, portanto, real, apesar de escandalizar a quem o leia.

A ser verdade o anúncio de *A Ordem*, estão mal arranjados os católicos que não pagarem a assinatura do periódico nordestino.

Somos de parecer que os adeptos do Catoliscismo não deverão perder essa boa oportunidade de ganharem o céu logo depois da morte, além de outras vantagens terra-a-terra. Com a importância de sessenta cruzeiros tomarão a assinatura e terão a bênção de S. Santidade.

É barato, não há dúvida. Jornal e bênção por sessenta cruzeiros!!

Sem comentários.

I. Pequeno

(Do *Reformador* — Março 1945).

À Margem dos Livros

por Ramos Pereira

LEONARDO COIMBRA — por *Álvaro Ribeiro*. Editorial Império. Lisboa, 1945. 89 págs.

NESTES «apontamentos» biográficos e bibliográficos, dá-nos o autor, numa resenha, não só uma visão da estranha personalidade que foi Leonardo Coimbra — orador, professor, político, religioso e filósofo — como da sua multimoda e fragmentada obra.

Pouco de «sério» se tem dito sôbre Leonardo Coimbra e é a necessidade de o fazer que o autor directamente pretende mostrar. Um esteta e um dialéctico, Leonardo — quási... neo-tomista — sofreu «os mistérios do Universo, numa série de interrogações à Natureza e ao Espírito», admitindo «progressivamente a revelação de Jesus». Pena foi que Álvaro Ribeiro se não tivesse abalançado a um «ensaio» sôbre o pensamento filosófico de Leonardo, por muitos vilipendiado e por bem poucos compreendido.

No livro «Luta pela Imortalidade», analisou Leonardo Coimbra alguns casos de metapsicologia. Remetemos o leitor para o artigo «As Experiências de Leonardo Coimbra», do Coronel Faure da Rosa, publicado em «Estudos Psíquicos», ano VI, n.º 12.

O filósofo português não foi um «neo-espiritualista», isto é, espiritista, muito embora o seu pensamento se filie no espiritualismo. A sua atitude fundamental foi até a crítica ao «cientismo», ao «materialismo» do século XIX que ameaçou absorver a Religião e a Filosofia nos campos da Ciência.

Esperamos que Álvaro Ribeiro (a quem já admirávamos pela concisão e clareza de «O Problema da Filosofia Portuguesa») nos dê obras de maior fôlego para as quais não lhe escasseiam qualidades.

COMO ENSINAR RELIGIÃO AS CRIANÇAS. — Federação Espírita do Estado de S. Paulo. 28 págs.

Nêste opúsculo, Pedro de Camargo e Edgard Armond dão-nos um método de ensino religioso (não um «catecismo») para as crianças. É uma prova de que o Espiritismo brasileiro, perfeitamente integrado na sua alta missão social, não descura um dos aspectos mais importantes do sistema — o religioso — êsse aspecto que, em Portugal, não existe, ainda.

A linha geral do ensino é logo definida, no início: «— deve-se partir do simples para o complexo, do concreto para o abstracto: «devemos, portanto, apelar sempre para o raciocínio e não para a memória»; «a Educação, em sua legítima expressão, faz homens livres»; «obediência forçada e imposta por autoridade degenera e desfibra o carácter...»; «diga-se que encarnar é uma coisa semelhante a vestir-se uma roupa e que morrer é despir a roupa que se vestiu ao nascer».

Os autores indicam depois alguns exemplos práticos do ensino: — Jesus, Fraternidade, pluralidade dos mundos habitados, imortalidade da alma, reencarnação, intercomunicação dos mundos, responsabilidades, justiça.

Apesar do seu aspecto demasiado sintético, deveria êste opúsculo ser estudado pelas direcções dos Centros Espíritas para sôbre as linhas nêle marcadas desenvolverem um programa de ensino, ainda que êsse programa não tivesse uma realização prática imediata senão em escala reduzida.

Agradecendo à Federação de S. Paulo, o envio dêste folheto, felicitamo-la pelo seu empreendimento a cujas linhas damos a nossa desvaliosa concordância.

AO RAIAR DUMA NOVA VIDA — por *Emiliano Cardoso de Morais*. Janeiro de 1945. 185 págs.

Escrita num estilo singelo e conciso, sem abordar os temas científicos ou filosóficos do Espiritismo, consegue esta obra prender-nos a atenção e, por vezes, fazer acompanhar o autor nas suas emoções, nas suas quedas, nas suas dúvidas, nos seus resultados e nas suas alegrias.

É um valioso documento humano que se caracteriza pela sinceridade, pela simpleza, pela honestidade. Emiliano de Morais não oculta nada da miséria moral em que se atolava, antes da sua dramática conversão ao Espiritismo. Com uma dignidade e coragem admiráveis, abre-nos o seu espírito para que possamos ver melhor a obra produzida pela Fé esclarecida. É uma confissão e uma profissão de Fé e... um exemplo a seguir.

Os trabalhos descritos pelo autor são, duma forma geral (acidentalmente transcreve algumas comunicações psicográficas), cenas de obsessões, das quais certos casos verdadeiramente interessantes: — «a mulher que não podia ser mãi» (cap. X), «dormindo 27 dias» (cap. XI), «desenganado pelo médico» (cap. XIV, «cancer curado» (cap. XX), etc. Um «Escritor»

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

Muda que recupera a fala

TEMOS dito muitas vezes que o Espiritismo se imporá pelos factos, cuja eloquência resiste a todas as críticas e a todas as dúvidas. Um facto bem controlado é réstea de luz que espanca as trevas da ignorância e do preconceito científico ou religioso.

Pois a *Revista Espirita do Brasil* de Julho último insere «mais um facto positivo», transcrito da *Tribuna*, de Corumbá, Estado de Mato Grosso, de 25 de Maio do mesmo ano, cujo relato foi enviado àquela revista pelo Prof. Luiz Feitosa Rodrigues, vice-presidente da União Espirita Corumbaense, secretário da Prefeitura local e membro da Academia Matogrossense de Letras.

Segue a notícia:

«O sr. Egídio Rodrigues da Costa e sua espôsa D. Hermenegilda Dias da Costa, residentes na fazenda «São José», município de Poconé, neste Estado, têm uma filha, actualmente com 19 anos de idade, chamada Dulce.

«Essa jovem, aos 5 anos de idade, em consequência dum susto, perdeu o uso da palavra, emudecendo completamente, nenhum resultado obtendo para recuperar a voz com os diversos tratamentos a que seus pais e parentes a submeteram.

«Há pouco tempo, Dulce veio residir em companhia de seu tio, sr. Benedito Fernandes da Mota, funcionário municipal aposentado, domiciliado à rua Ladario n.º 139, nesta cidade.

«A família Mota recorreu ao Espiritismo para ver se conseguia restituir a fala à jovem muda e passou a frequentar, desde o dia 19 de Março do corrente ano, as sessões espiritas dum grupo familiar que se reune na residência do sr. João Gualdino do Nascimento e de sua esposa D. Maria Madalena de Campos, à rua Cuiabá, n.º 530. Essas sessões eram presididas pelo sr. Edú Dinis, tendo como médium o sr. Miguel Arcanjo de Oliveira.

«As sessões de cura da jovem realizavam-se em dias marcados pelo Guia do médium, um Espírito que se deu a conhecer pelo nome de Tupinambá.

«Na primeira sessão, o guia declarou que a mudez da jovem Dulce era produzida por obsessão pelo Espírito dum índio que em vida fora mudo. Dias depois, o guia anunciou que em 20 de Maio a jovem recuperaria a voz.

«Efectivamente, no dia determinado, com surpresa e alegria geral de todas as pessoas da família Mota e dos amigos, parentes e conhecidos, Dulce recuperou a voz e fala com toda a naturalidade, depois de 14 anos de mudez.»

Note-se que a *Tribuna* não é jornal espirita e os pormenores são variadíssimos, para que haja relutância em crer na veracidade do fenómeno.

Bem diz a *Revista Espirita do Brasil:* «mais um facto positivo nos anais do Espiritismo».

Sim — acrescentamos nós — mais um facto positivo a alicerçar a doutrina espirita, a dignificá-la, a impô-la a gregos e troianos, a comprovar o que tantas vezes temos dito, isto é, que o Espiritismo não faz loucos, mas cura os loucos, quando não haja lesão orgânica impeditiva de normalização; que não faz doentes, mas cura os doentes do corpo e da alma; que não abate o moral, mas dá fôrça e ânimo e alegria de viver, arrancando muitas pessoas ao vortilhão do suïcídio.

Os últimos momentos de Vitor Hugo

Temo-nos referido muitas vezes ao grande poeta das «Orientais» e ainda há pouco inserimos o seu testamento espirita, encontrado nos papéis dum dos seus maiores amigos e admiradores.

Apesar da idade avançada, já para lá dos oitenta, Vítor Hugo conservou intacta a lucidez do seu elevado espírito. O seu passamento foi rápido e sereno. Eis o que *Rappel* escreveu em 18 de Maio de 1885, referente ao autor de «Os Miseráveis» e que *A Reincarnação*, de Porto Alegre, publicou:

«Durante a noite, Vítor Hugo sentiu certa indisposição que, a princípio, pareceu ligeira, mas que se agravou repentinamente. Comunicaram-nos o seguinte: «Vítor Hugo, que sofria de lesão cardíaca, foi atacado de congestão pulmonar».

«Esta notícia não tardou a revolucionar toda a imprensa, embora, no início, ninguém quisesse acreditar na gravidade da doença que anunciavam. ¡Tantas vezes o ilustre ancião dera provas da sua robustez! Prestes houve novas consultas e os doutores Vul-

---

tiraria mais efeito dêstes casos, o que embelezaria a forma, mas com o que perderia a idéia.

Não hesitando em recomendar a leitura dêste livro, felicitamos Emiliano de Morais, a quem desejamos os maiores progressos na obra de apostolado a que se lançou, indiferente a desconfianças, perseguições, ou injúrias.

pian, Germain Sée e Emile Allix verificaram coisas pouco tranquilizadoras. O doente não melhorava, tendo apenas alternativas, com accssos de intensa opressão.

«No dia seguinte não houve melhoras. E êle não tinha a menor ilusão acerca do seu estado:

«Bertaut conta os seus últimos diálogos:

— Sente-se melhor? — perguntou-lhe Augusto Vacquerie, que estava a seu lado e lhe apertava carinhosamente a mão.

— «Estou quási morto — respondeu o poeta.

«Depois, confessou a Paul Merice, que acudira à sua cabeceira:

— «Querido amigo! Como custa morrer!...

— «Mas você não morrerá.

— «Isto é já a morte. Ela será benvinda.

«No entanto, a continuidade destas alarmantes notícias revolucionara toda a população de Paris, para quem Vitor Hugo era um ídolo. Os periódicos eram arrancados das mãos dos vendedores e algumas pessoas já estacionavam junto à casa do poeta.

«Na noite de 21 para 22, os sofrimentos tornaram-se maiores. Na madrugada deste último dia todos os seus parentes e amigos íntimos se reuniram em torno dele. E no dia seguinte o *Fígaro* relatou assim o fim daquela vida admiravel, por intermédio duma testemunha ocular que a tudo assistiu:

«Todos nos encontrávamos ali reunidos em torno da sua cama, espiando um relâmpago de vida, uma palavra, um sinal, esperando sempre, apesar da nossa desesperação. Durante essa noite de tortura, Vitor Hugo recobrou o conhecimento, com alternativas de calma e opressão, e murmurou:

— Adeus Jean!

Depois, fez sinal para que se aproximasse a senhora Lackroy e, conhecendo-a pelo vestido, atraiu-a a si e beijou-lhe a mão. O delírio voltou a apoderar-se dele, caindo novamente sôbre a cama. A luta contra a morte começou: o poeta defendia-se contra ela e resistia com a força de um homem em plena juventude. Que horrível espectáculo!...

Num momento de repouso abraçou Jorge. Depois, às sete horas, ouvimo-lo pronunciar a palavra: «Separação».

«E às oito e meia entraram os doutores Vulpian e Germain. Nesse momento, Vitor Hugo respirava com intervalos irregulares. Mais de vinte vezes acreditámos que tudo havia terminado; porém o pulso batia ainda, cada vez mais debilmente. A respiração era menos ruidosa. O rosto estava contraido.

«Chegaram novos amigos e todos ficaram na alcova à espera do fatal desenlace.

«Vítor Hugo ergueu a cabeça e depois caiu sobre o leito. Era 1 hora e sete minutos. Um de nós aproximou-se do relógio Luiz XVI colocado em cima da cómoda e parou-o. Neste momento, quase todos estávamos na alcova. Lackroy e a esposa, Jorge e Joana, Maurice e Vacquerie, Leopoldo Hugo, o senhor e a senhora Monar-Dorian, o doutor Allix, Armand Gouzien, Richard Lesclide...»

O seu testamento compunha-se das seguintes frases, revelando o homem puro e bom que deixava de existir, depois de haver lançado sobre a humanidade os clarões da sua inteligência:

«Dou 50.000 francos aos pobres.

«Desejo ir para o cemitério num coche mortuário.

«Não quero rezas, nem missas. Peço uma oração a todas as almas.

«Creio em Deus — Vitor Hugo.

Estranhos factos da casa Monpesson

José Monteiro Lima publicou em *Mundo Espírita*, do Rio de Janeiro, um curioso capítulo da obra «O Mundo Invisível no Mundo Visível», escrita pelo padre Antelmo e no qual se relatam fenómenos ocorridos no século dazassete, muito antes da codificação kardeciana. Factos deste género sempre se verificaram desde que existe o homem. Depois é que foram estudados e classificados por um grande filósofo e cientista e passaram a correr mundo sob o nome de Espiritismo.

Vamos transcrever o capítulo:

Em Março de 1661, lord Monpesson, de Tedworth, no condado de Wilts (Inglaterra), ouvindo rufar um tambor na rua, perguntou quem era o temerário que ousava assim percorrer o país e perturbar as populações. Tendo sabido que era um mendigo estranho, chamou-o e reconheceu que ele tinha uma licença e um passaporte falsos, circunstâncias que o próprio delinquente confessou.

Em consequência, o lord entregou-o à polícia e confiscou o tambor, dizendo que havia de restituí-lo logo que o impostor apresentasse um bom testemunho. Entretanto, o chefe de polícia, assustado pelas ameaças do mendigo, deixou-o escapar. Poucos dias depois, Monpesson e sua família ouviram de noite fortes pancadas na porta e do lado exterior da casa.

O lord levanta-se, pega nas pistolas, examina todos os cantos e abre a porta em que tinham batido; porém, o ruído passa a outra porta. Abre também esta última e faz a ronda por toda a casa sem nada poder descobrir; entretanto, a bulha torna-se mais forte e discordante. Volta o lord à cama e, sem demora, ouve por cima do teto da casa um som de tambor que durou algum tempo e depois perdeu-se nos ares.

O ruído, que começava sempre por cima da casa, à hora em que os moradores se acomodavam, acabava por um toque de tambor, como quando se rende a guarda. Isto durou dois meses, e Monpesson esteve sempre no quarto em que se fazia o barulho, para ver melhor o que pudesse ser. Então, aumentou muito

a desordem, sendo os meninos particularmente atormentados. Suas camas eram agitadas com tanta força, que parecia irem ficar em pedaços; ouviam-se tocar marchas guerreiras bem conhecidas e raspar com garras de ferro debaixo da cama das crianças, que depois eram levantadas e perseguidas de quarto em quarto, sem terem um momento de tranquilidade.

A 5 de novembro do mesmo ano de 1661, ouviu-se uma pavorosa bulha. Um dos criados que estava no aposento dos meninos viu duas tábuas moverem-se e pediu uma. A tábua avançou para ele a um côvado (66 cm.) de distância, sem que ninguém lhe tocasse. Disse: «Ponde-a na minha mão». No mesmo instante, a tábua adiantou-se e vinte vezes avançou e recuou do mesmo modo, até que Monpesson lhe interditou essa familiaridade. Isto aconteceu de dia, em presença de muitas pessoas que enchiam o aposento.

Ao anoitecer, veio à casa um eclesiástico com alguns vizinhos e pôs-se com êles a rezar do lado da cama, no meio do barulho.

Durante as preces, o rumor passou para o celeiro; mas, acabadas as orações, voltou ao quarto em que estava a cama. Então, todos viram as cadeiras a dançar em círculo, os sapatos das crianças a voar por cima de suas cabeças, e todos os trastes a mover-se na sala. Uma tábua da cama foi atirada contra o sacerdote, alcançando-o no ombro, porém tão levemente como se fosse um novelo de lã.

Vendo Monpesson que o espírito se enfurecia contra as crianças, transportou-as para uma casa vizinha, deixando a filha primogénita, de 10 anos de idade, a quem acomodou no próprio quarto para dormir. Porém, logo que a menina subiu para a cama, a bulha recomeçou e durou assim tres semanas.

Notou-se que o espírito respondia por meio do tambor a todas as preguntas que lhe dirigiam. Como viessem muitos estrangeiros à casa em que estavam os filhos, o pai os fez voltar e colocou suas camas na sala de recepção, que até então não fora inquietada, mas o espírito seguiu-os até lá, contentando-se todavia com puxar-lhes pelos cabelos e pelos vestidos de dormir.

Essa perseguição contra a família Monpesson por parte de maus espíritos durou dois anos, sendo variados os fenómenos, as travessuras e os vexames. Tiravam os criados de suas camas e punham-nos no chão sem lhes fazer mal algum. Por vezes amarravam-lhes pesos enormes nas pernas e arrancavam-lhes os cobertores; arrastavam os vestidos da sr.ª Monpesson ao redor do quarto, escondiam-lhe a Bíblia na cinza, cantavam na chaminé, apareciam sob formas de fantasmas ou de chamas azuis e brilhantes, e continuavam com particular obstinação a fazer ouvir o som do tambor.

Entretanto, o mendigo de quem falámos foi trazido perante o tribunal de Salisburgo. Já antes fôra encarcerado por causa de roubos em Gloucester. Tendo recebido aí a visita de um homem do condado de Wilts, perguntou-lhe que novidades havia no país. O visitante respondeu que nada sabia.

— ¿Não ouviste falar, diz o prisioneiro, no tambor que rufa na casa desse sr. de Tedworth?

— Tenho, replicou o outro.

— Pois bem, sou eu que o atormento, e êle não terá descanso senão depois de me ter dado satisfação do prejuízo que me causou, tirando-me o tambor.

Êsse mendigo respondeu no tribunal de Sarum pelo crime de magia. Todos os factos referidos foram atestados com juramentos pelo cura da paróquia e por muitos habitantes distintos do lugar, e o feiticeiro foi condenado ao desterro. Embarcaram-no, mas escapou, não se sabe como, aproveitando-se, dizem, de um temporal e do susto dos marinheiros.

Coisa notável: enquanto êle esteve ausente e na prisão, tudo ficou tranquilo na casa de Monpesson, mas tornou a principiar a bulha logo depois de ter escapado. Servira sob Cromwell e falava amiude de livros que recebera de um velho que passava por feiticeiro (Gorres, «Mistica», tom. 3.º, pág. 393).

FILMES DE FUNDO ESPIRITA

Estamos na época do cinema, em que poucas famílias há que não gostem de assistir a um ou outro espectáculo, e vemos com agrado que os realizadores já vão intercalando nos seus trabalhos um ou outro filme em que o Espiritismo é tomado a sério.

Entre outros, já tivemos o prazer de vêr: «Casa Ensombrada» (hoje muito mutilado). — «O Amor não Morre», e há dias, um lindissimo espectáculo da «Fox Filme, Limitada», de Lisboa, intitulado «Terra Sagrada»— a história de uma família da classe média, com um só filho, queridissimo, que vai à guerra e não volta mais.

É um espectáculo profundamente moral, em que se apresenta a visão de uma entidade do Astral que vem consolar o neto adorado, que andava inconsolável com a perda do seu único filho.

¿Não seria interessante, que «Estudos Psiquicos» fôsse publicando a notícia dos filmes com fundo espiritualista, de que os seus leitores tivessem conhecimento? Para isso, bastaria que cada leitor que assistisse a tais espectáculos, o comunicasse à Redacção, num simples postal, e assim se aconselharia, aos espiritas, os filmes que mais lhes interessavam.

Aí fica a idéia.

Alcobaça, Dezembro de 1945.

Bernardo Correia de Almeida

Notas & Comentários

«Falsos mestres e falsas doutrinas»

Chegou-nos às mãos uma folhita portuense intitulada *Portugal Evangélico,* que se diz «propriedade da Igreja Evangélica Metodista Portuguesa». Dentre a sua pequena e pobre colaboração, vamos transcrever o artiguete subscrito por Lóide Cândida P. Chumbo, subordinado ao título de «Falsos Mestres e Falsas Doutrinas». É para que vejam a consciência com que certas almas escrevem acerca de doutrinas que desconhecem.

A avaliar pelo formato, o mensàriozito deve ter parca leitura; por isso, resolvemos fazer-lhe publicidade, para que não digam que somos indiferentes à *amabilidade* com que distinguem o Espiritismo.

Eis a prosa da senhora Chumbo:

É muito triste viver enganado, seja a que respeito fôr, mas grande pecado comete quem engana o seu próximo.

Deus, que é a Verdade por excelência, exorta os Seus filhos, por meio da Sua Santa Palavra, a que se não deixem enganar pelos falsos mestres que abundam por tôda a parte, pois ensinam doutrinas erradas acerca de tudo o que diz respeito à alma, mostrando assim não se preocuparem com a salvação da parte mais importante do ser humano.

Pela pena do apóstolo S. Paulo, na Epístola que dirigiu aos Colossenses, no capítulo 2 e vs. 8 e 9, diz — *Tende cuidado para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs subtilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo e não segundo Cristo, porque n'Ele habita corporalmente toda a plenitude da divindade.*»

Estas palavras de aviso são cheias de actualidade e absolutamente verdadeiras.

As teorias do espiritismo, a do culto prestado aos ídolos e outras são infelizmente seguidas por muitos, que, não investigando, mas aceitando como bom tudo o que ouvem, vivem enganados, não sabendo que estão cavando a ruina da sua alma. Foram feitos presa desses falsos mestres, que foram até eles «*vestidos como ovelhas, mas interiormente eram lobos devoradores*», como disse o Senhor Jesus. (Mateus, 9, verso 15).

Nenhuma teoria pode dar verdadeira felicidade às criaturas humanas, senão a que se funda nos princípios do Cristianismo, princípios que foram ensinados pelo próprio Filho de Deus, e só os que estão convencidos da verdade desses princípios é que podem triunfar na vida.

Nosso Senhor Jesus Cristo, pela maravilha das Suas doutrinas, pelo Seu extraordinário amor e sacrifício a favor da humanidade perdida, pela glória e perfeição da Sua Pessoa, satisfaz de tal modo o coração daqueles que O contemplam pela fé, que nada os deve demover do propósito de Lhe agradar unicamente, cumprindo os Seus mandamentos.

E tudo o que não estiver de acordo com as Suas palavras, que têm a sanção divina, deve ser repudiado por todos os amigos da Verdade.

O Senhor ajude a todos os crentes a conservarem-se firmes na fé do Evangelho puro que lhes foi pregado e lhes dê o conhecimento da alegria da salvação pela fé no Salvador Jesus.

Lóide Cândida P. Chumbo

A senhora Cândida é pesada como o seu apelido. Tomando à letra os Evangelhos e abdicando do raciocínio, «excrescência» de certos bípedes, lembrou-se de atacar o Espiritismo e não hesitou um momento, fiada talvez no prolóquio: «Na mulher não se bate, nem com uma flor».

Fiéis observadores da sabedoria popular, não sabemos, de facto, como responder-lhe, não vá a dona amofinar-se e assestar contra nós as batarias do seu génio caprichoso.

A senhora Cândida pouco deve ter do seu nome; mas, em compensação, tem uma coisa a mais e outras a menos, embora o não pareça: tem a mais loquacidade e a menos reflexão e estudo. Assim, aconselhamo-la a equilibrar o que lhe falta com o que lhe sobra. Talvez venha a saber o que é Espiritismo e que esta doutrina cultiva no mesmo alfobre a fé e a razão. Que não basta *crer;* é preciso *saber.* Que isto se consegue pelo estudo, pelo trabalho e pelo amor, únicas veredas que levam a Deus. Que a filosofia espírita não é de «vãs subtilezas», mas baseada nos factos, que desafiam a crítica e a maledicência.

E quanto a «falsos mestres» e a «falsas doutrinas», é melhor ficar por aqui...

Misturar Espiritismo com idolatria não deve ser maldade, mas ignorância, ignorância de almas *cândidas,* que melhor fariam, se procurassem conhecer o que desconhecem.

Noticiário

Propaganda

A *Fundação Marieta Gaio*, do Rio de Janeiro, teve a lembrança de nos oferecer dez volumes de cada uma das seguintes obras, afim de serem vendidas a preço módico aos sócios do Centro ou assinantes que lutem com grandes dificuldades económicas. Eis as obras e os preços excepcionais:

«O Caso Humberto de Campos»	18$00
«O Nosso Lar»	10$00
«Os Mensageiros»	10$00
«Renúncia»	15$00

A' *Fundação Marieta Gaio* e ao nosso amigo José Carlos de Chelmicki Afflalo, por intermédio de quem veio a oferta, os nossos profundos agradecimentos.

As nossas conferências

Com interêsse crescente, realizaram-se no Centro as conferências oportunamente anunciadas: «Cigarras e Formigas», «Condição de Mulher» e «Progresso e Crueldades», pelo coronel Faure da Rosa; «Luz sôbre o Caminho» e «O Mundo de Hoje e o Mundo de Amanhã», por Ramos Pereira. Lamentamos que a exigüidade de espaço nos impeça de maior referência ao trabalho destes dois colaboradores. Ambos se mantiveram à altura de seus méritos largamente afirmados em muitas obras dev ulto.

Homenagem merecida

No dia 2 de Dezembro, após a conferência de Ramos Pereira, intitulada «O Mundo de Hoje e o Mundo de Amanhã», deu-se um facto que deve ter ligado definitivamente o coronel Faure da Rosa ao Centro Espiritualista Luz e Amor. Estava êle a presidir aos trabalhos, ladeado pelos confrades Dr. Ângelo dos Santos, D. Ivone de Sousa, Major Zuzarte, Dr. Acúrcio de Campos e 1.º tenente Isidoro Duarte Santos, quando o Major Zuzarte se ergueu para dar uma grande notícia à assembleia: o sr. coronel Faure da Rosa acabava de ser nomeado Presidente da Direcção da Federação Espirita Portuguesa. Atendendo ao que se tem passado nestes últimos anos naquela agremiação, — disse o orador — devemos regosijar-nos com a escôlha, que deixa entrever uma era de progresso no movimento espirita português. Pedia, pois, que todos os assistentes tributassem ao grande propagandista a sua simpatia numa espontânea ovação.

E as palmas reboaram por muito tempo, envolvendo o coronel F. da Rosa numa onda de carinho, como raras vezes temos presenceado.

Falaram depois Ramos Pereira, o capitão Alfredo dos Santos e Isidoro Duarte Santos, corroborando as palavras do Major Zuzarte e congratulando-se com a grata notícia. Todos demonstraram a maior simpatia pelo homenageado, ao qual ofereceram leal concurso no novo cargo que vai desempenhar.

A assembleia ovacionou por largo tempo o sr. coronel Faure da Rosa, que agradeceu extremamente comovido. Esta manifestação deve ter sido uma das mais espontâneas e vibrantes recebida por êste nosso velho colaborador.

Grupo de Irradiação Mental

Em Novembro passado foi fundado no Centro E. Luz e Amor um Grupo de Irradiação Mental dirigido pelo nosso querido colaborador Ramos Pereira e que funciona tôdas as 5.as feiras às 21,30. Os sócios que queiram assistir podem inscrever-se, na secretaria.

Auxílio aos necessitados

Graças a Deus! Os nossos leitores compreendaram admiràvelmente o apêlo que fizemos, no último número desta revista, em prol dos necessitados. Trouxeram-nos o seu óbulo e permitiram-nos realizar mais uma parte da tarefa que nos impusemos. Bem hajam! ¡Que Deus lance sôbre todos as Suas bênçãos impregnadas de fluidos de harmonia e felicidade!

Recebemos mais os seguintes donativos:

Transporte do número anterior ...	479$50
Anónimos	42$50
Nazaré Reis e Cunha	20$00
Y. de Sousa	5$00
Eduardo Manuel Carlos	5$00
Ilegível	5$00
Ninguém	10$00
José Madeira da Conceição	5$00
José Loureiro	2$50
Mariana M. P. Cabral	5$00
C. Bastos	5$00
Damião Teixeira	10$00
Manuel C. Martins	5$00
Gertrudes Rodrigues	2$50
Anónima	5$00
Manuel Junqueira	2$50
Maria Ivone de Abreu	5$00
Mário Pereira	5$00
F. R.	5$00
José Orges Ribeiro	20$00
Dr. Júlio Magalhães, de Sintra	20$00
Emília da Cruz	10$00
F. Cortesão, de Coimbra	20$00
Francisco Rodrigues Coelho	5$00
José Correia	5$00
Luiz Gonzaga da Costa	5$00
Augusta Correia	20$00
António Pereira de Almeida	20$00
José Gabriel de Matos Gomes	10$00
Suzette Figueirôa Rêgo	2$50
Judite Nunes	2$50
Elisa dos Santos	2$50
Marcolina Marques Antunes Alves	20$00
M. J. C. M., de Silves	20$00
João Augusto da Costa, de Portalegre	10$00
Torcato Cardoso Ferreira, de Almeirim ...	20$00
A. L.	5$00
António Martins, de Almada	20$00
Lucinda Barata da Cruz	2$50
António Pereira, de Cerveira	10$00
Manuel Casimiro, de Cerveira.....	10$00
Bernardo Correia de Almeida, de Alcobaça, por alma dos seus entes queridos	10$00
Maria Marques dos Santos, de Azambuja...	10$00
Mário de Jesus	5$00

J. F. A.	2$50
M. C. D.	10$00
Manuel Marecos Henriques, de Santarém...	20$00
Idalina Fernandes Costa	23$50
Tomaz Domingues de Oliveira, de Pôrto de Mós	5$00
António Proença Barata, de Gonçalo	2$50
Maria de Jesus Vasconcelos	10$00
José Joaquim, de Faro	5$00
Matias Nobre, de Marinha Grande	20$00
Álvaro Garcia, de Bragança	20$00
Manuel de Sousa, de Silves	20$00
Maria da Conceição Andrade	5$00
Carlos Bivar	10$00
F. M. G., do Rio de Janeiro	1.500$00
Alfredo Joaquim de Oliveira	10$00
A. L. G.	10$00
António Albano Ribeiro, do Pôrto	25$00
Francisco Sousa Pereira, de Castromil	10$00
António Joaquim Gomes, de Cabaços	20$00
João M. da Rocha, Funchal	10$00
M. V.	20$00
Joaquim C. Rodrigues	10$00
Maria A. da Silva Chaves Monteiro	5$00
José Augusto Gonçalves	5$00
António Rodrigues Alves	10$00
Armando Mendes Madeira	5$50
Laura Silva Carmo	2$50
Gertrudes Marramaque Silva	5$00
C. M. B.	10$00
Gertrudes Rodrigues	10$00
Maria de Jesus Mendes de Figueiredo	20$00
Maria Clementina França	5$00
Carlos Costa e sua espôsa	20$00
Fortunata da Conceição Carrilho	10$00
Artur Luiz Pereira	5$00
Lília Costa e Silva	20$00
Dr. Elviro Martins	10$00
Manuel de Sousa Neves, de Calvos	2$50
A. M. e A. P. A., pela saude e bem-estar da menina Maria Amélia Figueiredo de Almeida	500$00
Tenente Joaquim Vieira de Figueiredo, da Ponte do Celeiro	100$00
Isaac de Oliveira Marques, de Viseu	12$50
B. B. M. e G. F. M.	100$00
António da Silva Braga Júnior, de Coimbra	50$00
Anónimo da Rua Lisboa, de Angra	50$00
Anónimo de Angra	40$00
Glória Vences Silva, do Rossio ao Sul do Tejo	10$00
David da Silva Guimarães, de Matozinhos	20$00
Francisco Elias de Carvalho Simão, de Ovar	50$00
Beatriz Amaral	10$00
Manuel Gomes Chorão	7$50
Arlindo Gromicho	10$00
António Oliveira Pais, do Pôrto	50$00
Frederico Pereira	6$00
Estêvão Rodrigues	10$00
Lídia da Graça	10$00
S. A. S.	10$00
Ilda da Silva Rocha Simões Sério	5$00
Adelino da Fonseca Carvalho	2$50
Maria Manuela Pereira	2$50
Amélia Avelar Duarte	2$50
Adelino da Silva Martins	1$00
Manuel L. Goulart de Ponta Delgada	20$00
Maria E. Gândara Viana, de Tomar	10$00
Maria José Branco Correia	5$00
António José de Sousa, de Vila do Conde	20$00
Jaime Barroso Lopes	20$00
Hélia Beja e Sousa	16$00
J. D.	5$00
César Alves, de Coimbra	20$00
Adelaide de Jesus Ferreira, do Cartaxo	10$00
Manuel Tavares	7$50
Anónimo, de Santarém	5$00
Alexandre Segurado, de Almada	20$00
Manuel Joaquim da Cunha, do Funchal	20$00
João José Rodrigues, do Funchal	20$00
M. P.	10$00
Luísa Martins Alves	40$00
Maria Alice de Sousa	30$00
Dina de Sousa	12$50
Dr. Fred Wachsmann	50$00
Agostinho F. P. O. Rocha, do Pôrto	10$00
Américo Viegas Alves, do Montijo	5$00
Maria dos Milagres	50$00
Leonardo da Mota, de Póvoa do Varzim...	20$00
José Henriques, de Tremez	20$00
Joaquim Teixeira, de Vila Real	10$00
Dr. Augusto Marques da Cunha, de Aveiro	50$00
António Manuel Nogueira, de Bragança	50$00
Delfina do Nascimento Silva	6$00
? ? ? ?	50$00
Tadeu Pinto, de Coimbra	5$00
José do Espírito Santo, de Leiria	10$00
Aires dos Santos Pinto	150$00
Catarina C. Charrua, de Castro Verde	10$00
A. Constantino Brites, do Cartaxo	20$00
Anónimo da R. Fernão Lopes	20$00
Maria Adelaide S. Ferreira, de Santarém	10$00
Sócio 345	10$00
José Morais Dias, de Braga	10$00
Teresa Gomes de Almeida	100$00

No próximo número daremos a notícia da distribuição dos donativos.

Auxílio ao Centro

Recebemos os seguintes donativos, que profundamente agradecemos:

F. M. G., do Rio de Janeiro	400$00
O. M.	200$00
	600$00

Programa dos trabalhos do Centro no mês de Janeiro de 1946

Dia 6 de Janeiro, às 16 horas — Sessão experimental com a médium D. Maria de Jesus Mendes de Figueiredo.

Dia 13 de Janeiro, às 16 horas — Conferência pelo coronel Faure da Rosa, intitulada «Socialismo Cristão e Espiritismo».

Dia 20 de Janeiro, às 16 horas — Sessão experimental com a médium D. Maria Carvalhal.

Dia 27 de Janeiro, às 16 horas — Conferência por Ramos Pereira, intitulada «A Religião e o Espiritismo».

Dia 3 de Fevereiro, às 16 horas — Sessão experimental com a médium D. Maria de Jesus Mendes de Figueiredo.

Dia 10 de Fevereiro, às 16 horas — Conferência por Haydi de Thebelen, intitulada «Aspectos da Educação».

OBRAS DE CIÊNCIAS PSÍQUICAS E FILOSOFIA ESPIRITUALISTA

(Continuação da 2.ª pág. da capa)

	br.	enc.
cações do *Espírito de Julieta do Céu*	3$00	
Do Calvário ao Infinito, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	20$00	27$00
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	7$00	
Doutrina Inglória (O problema da natalidade segundo o Espiritismo), por *Leopoldo Machado*	12$00	
Eça de Queiroz Póstumo (comunicações de E. de Queiroz, por *Fernando de Lacerda*	16$00	23$00
Ensinos Espiritualistas (Descrições do além), por *W. S. Moses*	14$00	21$00
Entre dois mundos, (romance), por *Antoinette Bourdin*	12$00	19$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassaby*	20$00	27$00
Espiritismo (O) Contemporâneo, pelo *Dr. Martins Velho*	12$00	
Fenómenos da Materialização, por *M. Quintão*	10$00	17$00
Física Transcendental, por *J. Zoellner*	10$00	
Fundamentos Científicos do Espitismo, pelo *Dr. Azevedo e Silva*	10$00	
Funerais da Santa Sé (Poesias ditados pelo *Espírito de Guerra Junqueiro*	14$00	21$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	18$00	25$00
Jesus perante a Cristandade, comunicações do *Espírito de Bitttencourt Sampaio*	12$00	19$00
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	17$00	24$00
Livre-arbítrio e determinismo, por *Louis Gastin*	3$00	
Marieta (páginas de duas existências) romance mediúnico, recebido por *Daniel Artazú*	18$00	25$00
Magnetismo Curador, por *Alfonse Bué*	12$00	18$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	10$00	
Memórias do Padre Germano, recebidas por *Amália Domingo Soler*	18$00	25$00
Memórias duma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	14$00	21$00
Na Sombra e na Luz, romance mediúnico ditado pelo Espírito de *Vitor Hugo*	18$00	25$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	15$00	22$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho, por *João Evangelista*	12$00	
Padre (O), a Mulher e o Confessionário, pelo *ex-padre Chiniquy*	12$00	19$00
Poder Mental, pelo *Dr. A. Lôbo Vilela*	10$00	
Problema (O) da Sobrevivência, pelo *Dr. A. Lôbo Vilela*	10$00	
Protestantismo (O) e Espiritismo, por *Benedito A. da Fonseca*	12$00	19$00
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	18$00	25$00
Reis, Príncipes e Imperadores, por *Almerindo Martins de Castro*	14$00	21$00
Religiões, Mitos e Crendices, por *Ester Calderon*	28$00	
Revelações de Além-Túmulo, pelo *Dr. Antão de Vasconcelos*	15$00	22$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	16$00	23$00
Salvação pela fé ou pelas obras ?, pelo *Dr. Romeu Camargo*		14$00
Sementeira Cristã (colecção ilustrada composta do 1.º, 2.º e 3.º livro de leitura para as escolas espiritas, única no género, por *Clóvis Tavares.*		
1.º livro		10$00
2.º »		11$00
3.º »		12$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	14$00	21$00
Sombra (Na) e na Luz, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	18$00	25$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	10$00	17$00
Teatro Espiritualista (1.ª série) monólogos, dramatizações, comédias leves sainetes e poesias dramáticas, por *Leopoldo Machado*	10$00	
Teatro Espiritualista (2.ª série) por *Leopoldo Machado*		15$00
Trabalho (O) dos Mortos, (relato circunstanciado das célebres materializações do Pará com a médium Ana Prado, com muitas fotografias «horx-texte») pelo *Dr. Nogueira de Faria*		45$00
Vidas (As) sucessivas, por *Adauto Serra*	5$00	
Vingança (A) do Judeu, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	20$00	27$00
Vozes do além pelo telefone, por *Óscar d'Argonnel*	5$00	

Nêstes preços não está incluído o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente, Ilhas Adjacentes e Colónias. (Moçambique).

É espirita sincero? É amigo do Ideal?

Então, adquira imediatamente o

Resumo da Doutrina Espirita

primeira obra de *Estudos Psíquicos Editora* e que representa um enorme esfôrço de propanganda.

A sua venda habilitar-nos-á a editar novas obras anunciadas ,entre as quais TRINTA ANOS ENTRE OS MORTOS, do Dr. Carl Wicland.

Os leitores de *Estudos Psíquicos* apenas conhecem uma pequena parte do livro.

Indicai a obra aos vossos amigos!

Auxiliai Estudos Psíquicos Editora!

Um Brinde de Ano-Bom

Acabámos de receber um formosissimo livro de comunicações, intituladas

DE ICLÉA PARA AS CRIANÇAS

impresso em óptimo papel de linho e que se não lê sem viva emoção. Cada quadrozinho é uma lição enternecedora que comove até às lágrimas e exalta as mais belas virtudes da alma humana.

Adquiri-o para vós e para vossos filhos.

Aos advogados e jurisconsultos

¿Os herdeiros terão direitos sôbre as obras póstumas dadas por seus ascendentes, através de médiuns psicográficos?

Eis um assunto de palpitante interêsse debatido nos tribunais do Rio de Janeiro e que se encontra pormenorizadamente circunstanciado no livro

O CASO HUMBERTO DE CAMPOS

a propósito de quatro obras póstumas dêste autor psicografadas pelo famoso médium *Francisco Cândido Xavier*.

1 grosso vol. 28$00 brochado
35$00 encadernado

Á venda nesta redacção

Colecções de «Estudos Psíquicos» artisticamente encadernadas em percolina azul

1.º vol. (1939-41)	de que restam 3 exemplares	70$00
2.º vol. (1941-33)	.....	55$00
3.º vol. (1943-44)	.....	55$00

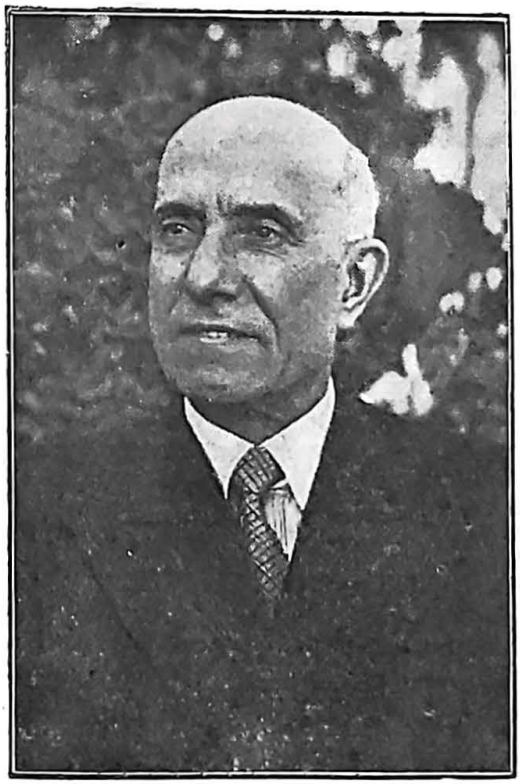
Brevemente o 4.º volume.

ANO VII FEVEREIRO DE 1946 N.º 2

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

CONTÉM: Crítica fácil, **da redacção;** Em defesa do Espiritismo, **pelo Coronel Faure da Rosa;** Meditações Diárias, **por Fernando da Cruz Ferreira;** Filosofia Neo-espiritualista, **por Ramos Pereira;** Alegoria, por **José Luís do Carmo;** A Missão de Jesus, **por Fernando da Cruz Ferreira;** Filosofia da Natureza. — Patologia e Higiene da alma — II, — pelo **Professor Dr. Baptista Ramires;** Como se deve pronunciar a palavra "espirita" ?, **por I. D. S.;** Higiene e Saude — Elogio do sumo de laranja, **por John Harvey Kellag;** Meditações de Fevereiro; Desencarnou em Londres o maior curador do mundo, que prestou auxílio a 500.000 doentes, **por I. D. S.;** Á Margem dos Livros, **por Ramos Pereira;** Notas & Comentários, **da redacção;** Crónica Estrangeira, **por Isidoro Duarte Santos;** Noticiário.



CORONEL FAURE DA ROSA

Presidente da Direcção da Federação Espirita Portuguesa

ESTUDOS PSÍQUICOS

ASSINATURAS
Continente — cada série de 6 n.os não incluíndo despesas de cobrança . . . . . 20$00
Brasil . . . . . (12 n.os 36 cruzeiros)
Colónias . . . . . (12 n.os 50$00)
Numero avulso . . . . . 3$50

Propriedade de ISIDORO DUARTE SANTOS, a quem deve ser dirigida toda a correspondência

OBRAS DE CIÊNCIAS SÍQUICAS E FILOSOFIA NEO-ESPIRITUALISTA

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
O Principiante Espirita	7$00	
A Génese (parte cientifica do Espiritismo)	18$00	25$00
Obras Póstumas	18$00	25$00
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	5$00	
O Problema do Sêr e do Destino	18$00	25$00
Cristianismo e Espiritismo	18$00	25$00
Joana d'Arc Médium	18$00	25$00
GABRIEL DELANNE		
A Evolução Anímica	18$00	25$00
A Alma é Imortal	18$00	25$00
A Reencarnação	18$00	25$00
O Espiritismo Perante a Ciência	18$00	25$00
ERNESTO BOZZANO		
Animismo ou Espiritismo?	18$00	25$00
Metapsíquica Humana	12$00	
Pensamento e Vontade	10$00	
CAMILLE FLAMMARION		
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos (grosso volume) . . .		31$00
As Casas mal Assombradas	18$00	25$00
Narrações do Infinito	10$00	
O Fim do Mundo	15$00	22$00
Stella (romance astronómico) . . .	18$00	25$00
Urânia » »	12$00	19$00
FRANCISCO C. XAVIER (Médium)		
Boa Nova (quadros evangélicos), ditado pelo *Espirito de Humberto de Campos*	12$00	19$00
Brasil, Pátria do Evangelho, história do Brasil, pelo *mesmo Espirito*	12$00	19$00
Cartilha da Natureza, poesias ditadas pelo *Espirito de Casimiro Cunha*	10$00	17$00
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espirito de Humberto de Campos*	11$00	18$00
Emmanuel, reportório de encinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*		12$00
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espirito de Emmanuel*	18$00	25$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	18$00	25$00
Lira Imortal, comunicações em verso	8$00	
Missionários da Luz, Mensagens do Espírito de *André Luiz*, destinadas apenas às pessoas cultas de desenvolvimento intelectual	24$00	30$00
Nosso Lar (descrição curiosíssima do além, pelo *Espírito de André Luiz*	18$00	25$00
Os Mensageiros, idem, idem . . .	18$00	25$00
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por poetas luso-brasileiros)	30$00	37$00
Paulo e Estêvão (livro famoso considerado pelos eruditos como a mais completa biografia de S. Paulo)	28$00	35$00
Renúncia (romance aliciante destinado aos tristes e desesperados), ditado pelo *Espírito de Emmanuel*	23$00	30$00
Reportagens de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espirito de Humberto de Campos*	12$00	19$00
OBRAS DIVERSAS		
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo Gibier*	12$00	19$00
Arcanos da Natureza, por *Alexandre Dias*		8$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	13$00	20$00
Caso (O) Humberto de Campos . .	28$00	35$00
Chanceler (O) de Ferro, romance mediúnico ditado pelo Espírito do *Conde Rochester*	18$00	25$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta* . .	18$00	25$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista, por *António Lima*	30$00	37$00
De Jesus para as crianças, comunicações do *Espírito de Bittencourt Sampaio*	10$00	17$00
De Icléa para as crianças, formosas comunicações destinadas à formação moral dos nossos filhos . . .	18$00	
De Maria para suas filhas, comuni-		

(Continua na 3.ª pag. da capa)

• VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA •

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

7.º ANO — LISBOA, FEVEREIRO DE 1946 — N.º 2

Director e Editor: Isidoro Duarte Santos | Redacção e Administração: Rua do Salitre, 149, 1.º | Administrador: Maria G. Duarte Santos

Composto e impresso na Tipografia SILVAS, Lda. — Rua de D. Pedro V, 120 — LISBOA

CRÍTICA FÁCIL

De vez em quando, surgem escribas de crítica barata a atacar o Espiritismo. E sem terem estudado e meditado, sem virem munidos de provas indiscutíveis ou argumentos razoáveis, dão à trela sem descanso, como gralhas depenadas que não cedem o lugar a mais altos palradores. Açambarcam o locutório, tomam conta da conversa e a verborreia desentranha-se, semelhante ao pus dum fleimão em chama.

Ai do público que não escuta! Ai dele, condenado à excomunhão do orador incongruente, do pícaro Demóstenes que não desiste da falação!...

Agora, apareceu um desses palradores. Duarte Leite é o seu nome. Homem grande — coisa de um metro e oitenta e cinco — e, pelo que escrevinhou no «Primeiro de Janeiro», deve ser um pinheiro com uma melancia em cima.

Noutras páginas desta revista, o coronel Faure da Rosa dá-se ao desfastio de responder ao crítico sem base, ao falador emérito, ao ardoroso campeão da mentira, que chamou escriturário a Allan Kardec, o sábio codificador do Espiritismo, formado em três Faculdades; que afirmou «ex-cathedra» que «todas as manifestações atribuidas a espíritos são-no falsamente, pois devem-se a fraudes ou à acção de forças naturais conhecidas ou à intervenção dos médiuns» e que o Espiritismo «é uma religião com dogmas e evangelhos, com altares e capelas, sacerdotes e cerimónias rituais».

E assim sucessivamente...

Não é crítico quem quer. Para ser crítico é necessário ter vastos e profundos conhecimentos humanistas. Para impugnar uma experiência, é precisa a contra-experiência realizada em condições rigorosas de contrôlo.

O ilustre paroleiro diz «ser curioso que não abale a fé de pessoas cultas a série de puerilidades, erros incríveis e disparates imputados a defuntos ilustres»; e nós declaramos ser incrível que se abram as colunas dos jornais a críticos ignorantes que menoscabam as tribunas onde escrevem.

Não basta ter sido político, para ser aceito como bom crítico ou bom filósofo. Não basta ter desfrutado situações de relevo para impor formas de ver abstrusas e falhas de idoneidade mental. De resto, só os tolos fazem afirmações gratuitas.

Gabriel Delanne não era neo-espirita, porque neo-espiritas não sabemos o que seja. Mas se ele foi escrupuloso na escolha das autênticas manifestações de espíritos (sic), para que afirma o articulista que todas elas são falsas e atribuidas a fraudes mediúnicas?... Todas estas incongruências resultam da impreparação do autor em questões de Espiritismo, que ele taxa de superstição moderna, sem conhecimento de causa, nem disposição para verificar até onde chega a realidade das suas dúvidas.

Leia o «Resumo da Doutrina Espirita», escrito por um metapsiquista, mas antes de começar a leitura ponha de parte as suas idéias habituais. E depois volte ao «Janeiro» a escrever acerca do assunto que versou com tanta leviandade. Talvez a consciência o acuse da proeza e faça «mea culpa», como Lombroso e Richet.

Ou talvez não... porque os cegos voluntários são a pior fauna deste século de paroleiros.

F/46

EM DEFESA DO ESPIRITISMO

pelo Coronel Faure da Rosa

O Dr. Duarte Leite escreveu no Primeiro de Janeiro *de 12-1-946 um artigo de fundo intitulado* Espiritismo, *no qual se permitia os maiores dislates e incongruências a respeito da nossa doutrina. O que vai ler-se é a resposta que o nosso colaborador coronel Faure da Rosa enviou àquele diário portuense.*

Lisboa, 20 de Janeiro de 1945

Ex.mo Sr. Director de *O Primeiro de Janeiro*

A minha qualidade de Presidente da Direcção da Federação Espirita Portuguesa impõe-me o dever de pedir a V. Ex.ª a publicação de algumas observações ao artigo de fundo do seu jornal de 12 do corrente mês, sob a epigrafe «Espiritismo».

Vou ser tão resumido quanto possível, se bem que a natureza dos assuntos criticados necessitasse de maior desenvolvimento.

Logo de entrada o articulista apresenta o Espiritismo como *uma religião, com dogmas e evangelhos, com altares e capelas, com sacerdotes e cerimónias rituais.*

Já Allan Kardec dizia que o *Espiritismo* (vocábulo por êle criado) ou seria científico ou não teria razão de ser.

Gabriel Delanne em *Écoutons les Morts* (págs. 325 e 326) entende que é no Espiritismo que se há-de instalar a verdadeira ciência da alma, «sem ritos, sem dogmas e sem sacerdotes...»; por êle se há-de reconhecer a existência duma «*fôrça inteligente e invisível, atestada pelas experiências feitas, contestada pela maior parte dos sábios, ùnicamente entrevista por alguns outros*».

Eu não conheço nenhum Grupo, Centro, qualquer associação espiritista, onde haja capelas, altares, rituais...; mas que os haja, desde que a doutrina os não inculca, a responsabilidade pertence aos que infringem os seus preceitos.

Delanne afirma que no decurso das suas investigações, essa inteligência se lhe revelou, que ela lhe deu a certeza de que a vida continua na eternidade sem o auxílio do corpo físico.

Alexandre Aksakof — um dos melhores e mais cultos experimentadores, escreve: «O homem não poderia encontrar emprego mais elevado da sua vida do que procurar provar a natureza superior do ser humano chamado a um destino muito mais sublime que a existência terrestre. Não posso, portanto, lamentar — diz ele — ter consagrado toda a minha vida no conseguimento desse fim — embora o tenha feito por vias *impopulares e ilusórias*, segundo a ciência ortodoxa, mas que eu sei serem mais infalíveis que as dessa ciência.» (*Animisme et Spiritisme*, pág. XXXII).

Os *raps* (pancadas ou percursões misteriosas) já existiam muito antes da codificação dos fenómenos espiritas, portanto muitíssimo antes das irmãs Fox. Cardan (1501-1576) sábio e iluminado, médico e adivinho, filósofo e inventor (inventou a célebre «suspensão Cardan» e a fórmula para a resolução das equações do terceiro grau) — Cardan conta que uma manhã ouviu uma pancada na parede (o quarto contíguo estava desocupado); depois outra... e outra ainda, como se fossem marteladas. À noite soube que justamente àquela hora tinha morrido Galeazzo Rossi, um amigo íntimo de Cardan...

Doutra vez recebeu outro aviso... Certa noite, ouviu 15 pancadas que lhe pareceram semelhantes às que produz a água a cair do chão, gota a gota. Na noite precedente contara 120. Pouco depois ouviu no teto o barulho que faz um carro transportando tábuas soltas... Nesse momento a mãe de Cardan morria.

Materialização de espíritos e sua metempsicose ou reencarnação... escreve o autor do artigo. Há confusão, por certo. «Metempsicose» e «reencarnação» têm

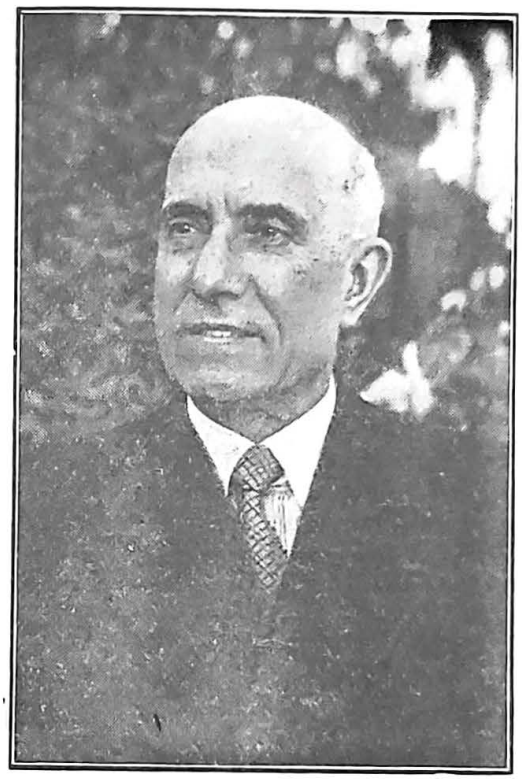
significados diferentes: *Metempsicose* é a transmigração das almas dos corpos de defuntos para corpos de animais, ao passo que a *reencarnação* é sempre progressiva, nunca retrógrada; é um dos princípios primordiais da doutrina espirita que explica o progresso em todas as suas formas e as contradições e injustiças aparentes na vida dos seres. *(Larousse, Dicionário Enciclopédico* e *Dicionário Metapsíquico).*

Não é indispensável *assentar as palmas das mãos na ridicularizada* «mesa falante» para que ela se mova, como expõe o articulista.

Agenor Gasparin — colega de Foucault e Babinet na Academia de Ciências de Paris — costumava espalhar pó de licopódio no tampo da mesa a fim de fàcilmente controlar a virgindade de qualquer contacto durante a produção do fenómeno. O escritor e jornalista Jean Labadié, na revista ilustrada «Le Document» de 7 de Fevereiro de 1936, dá conta de muitas e variadas experiências supranormais por ele realizadas. Entre elas figura a do movimento da mesa de pé de galo sem contacto. Durante dez minutos as mãos dos assistentes impregnavam a mesa de fluido e mantinham-nas afastadas do tampo cerca de dez centímetros. Bruscamente, a mesa pôs-se a oscilar, a avançar às guinadas, cuja amplitude atingia, por vezes, um metro. Os assistentes tiveram de se erguer para acompanhar os seus ziguezagues.

Escreve o articulista: *As irmãs Fox confessaram mais tarde que todas as suas experiências foram fraudulentas.* É certo, mas não se conta o resto. O Dr. Charles Richet — professor da Universidade de Paris durante 42 anos, a quem se devem as descobertas da *seroterapia* e da *anafilaxia,* a qual lhe valeu em 1913 o prémio Nobel — o Dr. Charles Richet narra no seu *Traité de Metapsychique,* a págs. 28 e 29: «Aconteceu uma aventura singular. Marguerite Fox — depois sr.ª Hans pelo casamento — declarou em 1888, em Boston, *quarenta anos depois* — para daí arrecadar proventos, que outrora se enganara e que todas as suas narrativas de criança e de rapariga tinham sido apenas impostura... A outra irmã, Catherine — sucessivamente sr.ª Joncken e sr.ª Sparr pelos casamentos — que tinha o vício do alcool inveterado — fez a mesma declaração em Novembro de 1888, em Rochester. *Mas ambas elas, em 1892, reconsideraram sobre as pseudo-confissões e retrataram-se.»*

«De resto — acrescenta Richet — quando se afirma um facto, não basta dizer, mais tarde, que se mentiu; é preciso explicar como foi possível mentir e enganar. A realidade dos *raps* já nessa altura não dependia das irmãs Fox. Em 1888 era demasiado tarde para se desdizerem, e a sua palinódia nada prova. Desde 1849 que a



CORONEL FAURE DA ROSA

família Fox dava sessões pagas para exibição de experiências teatrais de Espiritismo. É deplorável mas é humano.

«Isto, porém — conclui Richet — diminui tanto a verdade dos fenómenos, como a oposição feita por Wells e Morton ao emprego do éter contradiz a realidade da anestesia.»

A luta pela manutenção de interesses criados, quer de dinheiro quer de concepções, leva aos mais audaciosos cometimentos. O famoso médium Guzik fez esta espantosa revelação em um dos jornais de Varsóvia: *Antes de sair de Paris, depois das experiências com Longevin e Meyerson — dois dos cinco professores da Sorbonne que assinaram um documento em que atestavam a veracidade dos fenómenos produzidos — recebeu, por intermédio*

duma personalidade muito conhecida e que nomeou com todas as letras, a oferta de duzentos mil francos, primeiro, e depois de trezentos mil, com duas condições: não dar mais sessões e atestar que as manifestações produzidas pela sua «pretensa mediunidade», tinham sido obtidas por embustes por ele próprio praticados.

Continua o articulista: *Foram burlados os sábios americanos, o que não admira, porque os sábios de qualquer nação são com frequência enganados.*

É o Dr. Charles Richet, já citado, quem responde: «É muito fácil dizer que os sábios se enganam e foram enganados. Tal objecção está ao alcance do primeiro sarrafaçal que apareça. Quando o grande Crookes conta que viu no seu laboratório Katie King, fantasma capaz de viver, de se mover, de respirar, ao lado da médium Florence Cook, pode o dito sarrafaçal encolher os ombros e dizer: *É impossível, Crookes é um imbecil,* que semelhante apreciação não me causa o menor abalo. Serei eu quem terá o direito de encolher os ombros se ouvir classificar de imbecil o grande Crookes; porque não foi o pobre sarrafaçal quem descobriu o tálio, nem a matéria radiantes, nem as ampolas que nos dão a luz eléctrica. Pouco importa, também, que a reboque do sarrafaçal surja um enxame de jornalistas (que nada viram e nada estudaram) e me digam que a opinião de Crookes não é de convencer: é coisa que me não comove.

«Assim se Crookes fosse sòzinho...

«Mas não! Há uns cinquenta sábios, pelo menos, (grandes sábios), que narram fenómenos extraordinários. Hei-de, então, supor, que eles são todos farsantes ou malucos? Os fenómenos produzidos por Eusápia Paladino foram afirmados e confirmados por ilustres experimentadores: por Morselli, um dos maiores sábios psiquiatras da Itália; pelo célebre Lombroso, Bottazzi, Foa, Herlitzka, professores de fisiologia em universidades italianas; por Oliver Lodge, por Ochorowicz, por Myers, por Camile Flammarion, por Albert de Rochas... O testemunho formal dum só destes homens, seria suficiente...

«O grande matemático Zoellner viu, com Slade, fenómenos espantosos.

«Stainton Moses, sacerdote duma rara penetração de espírito e duma lealdade absoluta, observou, nele próprio, durante dez anos, fenómenos muito singulares que o Dr. Speer descreve com todos os pormenores».

Aí por 1859 — escreve o articulista — *interessou-se nestes assuntos Léon Hipolite Denisart Rivail, escriturário dum jornal francês...*

O autor esqueceu-se, com certeza, de dizer aos seus leitores que êste «escriturário» — que passou à História com o pseudónimo de Allan Kardec — foi educado na escola de Pestalozzi, na Suiça e se tornou um dos propagandistas mais zelosos deste sistema de educação. Kardec — antes de estudar as manifestações espiritas — consagrou uma parte da sua vida a escrever obras clássicas elementares destinadas, principalmente, aos professores da mocidade.

Kardec pertenceu a várias sociedades científicas, entre outras à da Academia Real de Arras, que no concurso de 1831 o distinguiu pela «notável memória que apresentou sôbre êste assunto: — Qual é o sistema de estudos mais adequados às necessidades da época?

De 1835 a 1840 manteve no próprio domicílio cursos gratuitos onde ensinava química, física, anatomia comparada e astronomia, além de outras matérias. Inventou um método engenhoso para aprender a contar e um quadro mnemónico da história da França. Entre as numerosas obras de educação que escreveu, sobressaiem as seguintes: — *Plano para melhorar a instrução pública* (1828); *Curso prático e teórico de aritmética, segundo o método de Pestalozzi* (1829); *Gramática clássica francesa* (1831); *Manual de habilitação para o exame de capacidade; Soluções racionais dos problemas de aritmética e geometria* (1846); *Catecismo gramatical da língua francesa* (1848); *Programa do curso normal de química, física, astronomia e fisiologia,* que Kardec ensinava no Liceu Polimático, etc. — *(Ouvres Posthumes,* págs. 3-4-5).

Noutro passo, o articulista dá a entender que *Gabriel Delanne* desdenhava de quase todas as manifestações atribuidas a mortos...

Gabriel Delanne diz a pág. 309 do seu livro «O Fenómeno Espirita»: «Seguimos passo a passo a longa série dos fenómenos espiritas, desde as primeiras manifestações que se deram na América, até às importantíssimas experiências de Croo-

kes e de Aksakof. Verificámos que todas as teorias destinadas a explicar o fenómeno por outras causas que não sejam as da acção dos Espiritos, foram manifestamente reconhecidas falsas ou insuficientes. Podemos, pois, afirmar hoje que a imortalidade da alma está rigorosamente demonstrada... O Espiritismo é, antes de tudo, *uma ciencia experimental* e não foi constituido sôbre idéias preconcebidas; não é a obra de um homem nem de uma seita, mas sim um produto directo da observação...»

De Camille Flammarion, que o articulista também cita — a págs. 387-388 do III volume do seu livro «La Mort et son Mystère» —: «a alma existe como ser real, independente do corpo; é dotada de faculdades que a ciência por ora desconhece; a alma pode agir a distância, telepàticamente, sem ser por intermédio dos sentidos; existe na natureza um elemento psíquico em actividade, cuja essência ainda está oculta, a alma sobrevive ao organismo físico e pode manifestar-se depois da morte». «A telepatia é tão certa como a existência de Napoleão, do oxigénio, da Sirius».

Vou seguindo a caminhada do articulista: — *A sua autenticidade* — a dos fenómenos espiritas — *repousa na boa fé dos médiuns... que em regra não a têm... Das fraudes voluntárias abundam os exemplos capazes de desiludir os que não se abrigam com a couraça da fé cega... É curioso que não abale a fé de pessoas cultas a série de puerilidades, erros incriveis e disparates imputados a defuntos ilustres...*»

A Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres publicou até agora mais de 60 volumes, todos eles cheios de factos. Crookes, Wallace, Gurney, Myers, Hyslop, Hodgson, Oliver Lodge, William Barrett, Conan Doyle e uma quantidade enorme de homens qualificados, há cerca de oitenta anos que só se ocupam de factos.

Em França, na Itália, na Inglaterra, na Hungria, na Polónia, nos Estados Unidos da América do Norte, no Brasil..., vários professores têm publicado longas séries de *factos* obtidos em laboratórios. Êsses factos foram controlados por sábios, escritores e homens de outras classes sociais, durante sessões estritamente organizadas para evitar a fraude. Mais de cem sábios alemães tomaram parte nas investigações de Schrenck-Notzing e deram-se por convencidos. Todos êles assinaram as respectivas actas das sessões. Os *factos* foram reconhecidos exactos por peritos em prestidigitação, como Carrington e Dingwall. A literatura sôbre tão vasto assunto, cheia de *factos*, é enorme. Os *factos* foram reconhecidos por milhares de pessoas sãs e honestas, em todo o mundo. Pode-se dizer que o movimento é universal. Existem mais de 150 órgãos consagrados às investigações psíquicas, na Europa e nas duas Américas.

As pretensas confissões de Eusápia Paladino — declara Charles Richet — provêm desta frase nebulosa, enigmática, hesitante: «*Eu creio* lembrar-me que Flammarion escreveu em *qualquer parte* que Eusápia Paladino lhe confessara ter praticado *certas* trapaças...» Richet aconselha os negativistas a que leiam os dois excelentes volumes dum mestre de psiquiatria: Henrique Morselli, professor da Universidade de Génova, que recordou num estudo inteligente, tudo que se escreveu acerca de Eusápia (Bibliografia Paladiniana, tomo I, págs. 134 a 170; tomo II, págs. XVI e XVIII). Aí verão que nenhum médium foi observado com precisão semelhante. Não podia haver contrôlo mais severo, mais multiplicado. Todos aqueles que tinham duvidado reconheceram o seu erro, notàvelmente Frederic Myers numa confissão solene, bem como Feilding, Carrington e muitos outros. Acerca da célebre médium Piper, disse William James, o bem conhecido psicólogo americano, na Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres, em resposta à negação dogmática dos sábios ortodoxos: «Se quiserdes revogar a lei de que todos os corvos são pretos, não precisais de demonstrar que não há corvos, basta provar que existe um corvo branco. O meu único corvo branco é a médium Piper...»

Myers explica como a médium Piper o pôs em contacto com o espírito desencarnado do Dr. Hodgson, isto é, como as mensagens do Além lhe forneceram provas de comunicações entre os viventes da Terra e os do Astral. Esta coragem de um sábio do valor de Myers, valeu-lhe que o Dr. Thomas Bret o tratasse de «lírico» e que dissesse, com ares de motejo, que o *frio raciocínio do psicólogo* fôra substituído «por um tom lamecha que choca o leitor científico vulgar».

É isto: os sábios negativistas entendem que os raciocínios puros, «frios», são apanágio seu. Os sábios neo-espiritualistas, desde que se permitam asserções — embora fundamentadas em factos inabituais — que os contrariem, passam a «líricos», «ingénuos», «débeis de juizo». No entanto, estes sábios demonstraram que a acção telepática é ilimitada, que suprime todos os obstáculos e liga os viventes da Terra aos do Espaço. A telepatia é a manifestação de uma lei universal e eterna como a própria vida.

Há fraudes? Quem o nega?

Médiuns célebres fraudaram, sem que, entretanto, os fenómenos por eles produzidos, averiguados e demonstrados, pudessem ou possam ser invalidados. O sol nem perde nem diminui o brilho, pelo facto de algumas nuvens o toldarem.

Os diamantes encontram-se nas extensas gangas terrosas dos jazigos, como as pepitas de oiro se encontram nas areias. Limpemos o diamante e o oiro mediúnicos da massa de impurezas em que os trapaceiros os envolvem. O Espiritismo só lucra em os desmascarar.

Os negativistas, quando falam de Metapsíquica ou de Espiritismo, só aludem a casos falhados ou a fraudes e trapaças; com propósito ou sem ele, o facto é que omitem os fenómenos de realidade incontestável.

Tão degenerados se apresentam — os espíritos comunicantes — *que será pouco de apetecer a bem-aventurança celeste se houver de ser gozada na sua companhia,* transcreve o articulista de P. Janet.

Pelos modos, o articulista supõe que o fenómeno da morte transforma imediatamente aquele que durante a vida terrena se desentranhou em actos de egoismo, de maldade, de devassidões...

Os espíritos comunicantes só podem dizer aquilo que sabem. A morte não lhes aumenta os conhecimentos adquiridos. Dão-nos, apenas, as suas opiniões pessoais, as suas idéias, que só a evolução progressiva pode modificar e melhorar.

De resto, todas as manifestações supostas de espíritos foram realizadas em sessões públicas por vários prestímanos e ilusionistas, só com os recursos da sua arte — afirma o articulista.

Não é verdade.

Harry Price, prestidigitador convertido ao Espiritismo, assegurou que há prestidigitadores que são médiuns sem o saberem, como Houdini e Howard Thurston declararam. Stuart Cumberland, ledor do pensamento, confessou que, durante as suas representações, se sentia invadido por um poder que não sabia explicar.

Howard Thurston confessou publicamente a sua fé no Espiritismo. Will Goldson, do *Magian's Club,* garante ter conversado, muitas vezes, com a irmã falecida.

Belachini, prestímano de Berlim, escreveu na presença de um notário a seguinte declaração: «Examinei, minuciosamente, esses fenómenos diante do Dr. Slade; em nenhum deles encontrei o que quer que fosse produzido por prestidigitação ou por meios mecânicos. *Qualquer explicação por tais meios, é completamente impossível.*

Carl du Prel, na sua «Psicologia Experimental», conta que Douglas Home — o príncipe dos médiuns de efeitos físicos —, foi posto à prova pelos prestidigitadores Houdini e Bôsco, e *ambos negaram a possibilidade de os fenómenos que presenciaram poderem ser produzidos por um prestidigitador.*

Quanto a fantasmas, há-os que foram fotografados em condições irrepreensiveis. Conseguiu-se tirar-lhes o molde dos braços e das mãos, em parafina (Experiências de A. Aksokof). Têm toda a aparência duma criatura humana, caminhando, respirando, falando como fala a criatura humana, porque, — assevera Richet — *há fantasmas!* — Crookes viu-os; Schrenck-Notzing também os viu, como igualmente os viu Osty e Morselli.

Espanta, também, que os espíritos falem todas as línguas... expõe o articulista.

Para não me alongar, dou breve notícia de um dos casos mais bem averiguados e relativamente recente.

Em Inglaterra, na praia de Blackpool, reside uma jovem inglesa de cerca de 30 anos, que cai, periòdicamente, em transe, e durante o qual recorda ter sido dançarina no templo do Carnac.

Os egiptólogos chegaram à conclusão de que ela fala a língua egípcia, tal qual se falava e pronunciava na XVIII dinastia e cujos trabalhos se haviam perdido completamente.

Todas as experiências foram anotadas e publicadas em 1937, em Londres, num

livro sob o título — *The Ancient Egipt Speaks*. Os seus autores são o organista de Blackpool, Dr. Wood, e o egiptólogo da Universidade de Oxford, Dr. Holme.

O Dr. Wood diz que o fenómeno *se explica como esforço do Além para provar fora de todas as dúvidas, que nós não só sobrevivemos depois da morte, como também há individualidades que persistem através de milhares de anos.*

Os egiptólogos serviram-se de um fonógrafo para registar os solilóquios da jóvem inglesa, que é um tipo perfeitamente inglês e nada tem de egípcio. Na sua vida habitual não se interessa em coisa alguma pelo Egipto e muito menos pelo estudo da língua egípcia.

Dedica-se a vários desportos e é professora primária em Blackpool. Os autores do livro dão-lhe o nome de Rosemary, por ela ter pedido que não indicassem a sua verdadeira identidade, afim de evitar a curiosidade do público e os efeitos da publicidade.

O Espiritismo é condenado pela igreja católica, outra afirmação do articulista.

É certo. Mas nenhuma das igrejas cristãs nega a existência dos fenómenos, como vou provar.

O jornal de Londres *Daily Mail,* em 11 de Junho de 1932, publicou na primeira página, o primeiro artigo de uma série de seis, em que se expunham opiniões «autorizadas» acerca do seguinte inquérito aberto pelo mesmo jornal: — *Que é o Espiritismo? Aonde nos conduz? Que acreditar?*

Reproduzo, em primeiro lugar, a opinião do Bispo de Norwick, representante da Igreja de Inglaterra.

«As provas a favor do Espiritismo estão vigorosas e largamente difundidas e são aceitas por muitíssimos homens de juízo equilibrado, para poderem ser rejeitadas sem exame... Hoje é inutil negar que existe um grande número de factos insuspeitos de qualquer impostura, que *parecem* demonstrar uma comunicação consciente entre mortos e vivos».

Vem, em seguida com a data de 13 de Junho, a opinião do Dr. Scott Lidgett, o porta-voz das «Igrejas Livres Evangélicas»:

«Seria extremamente imprudente negar a realidade de grande número de fenómenos psíquicos, porque as provas são esmagadoras *(overwhelming)*. Além de que, a Igreja Cristã não pode negar a possibilidade de comunhão com um mundo invisível sem contradizer um bom número de versículos do Novo Testamento. Demais, afirmar que existe uma barreira intransponivel entre o mundo visivel e o mundo invisivel, equivaleria a aceitar um ponto de vista materialista, o que está em oposição com toda a filosofia da Igreja Cristã...»

Na mesma data também respondeu Mr. Fllis, presidente da *União Baptista da Grã-Bretanha e Irlanda:* «Pela minha parte, estou convencido, a pesar da fraude, que pode haver, que há comunicação entre os vivos e o mundo dos espíritos».

Em 15 de Junho, apareceu a tese da Igreja Católica Romana, exposta pelo reverendo padre H. Thurston, da Companhia de Jesus:

«Para aqueles que se consideram responsaveis pela instrução religiosa dos homens qualquer tentativa de comunicação com os mortos é perigosa... *Entretanto, a Igreja Católica, se bem que tenha condenado o Espiritismo como religião e dirigente de almas, não proibiu a investigação psíquica».*

O Reverendo Thurston cita o padre Mainage autor de várias obras de teologia, psicologia e história, professor do Instituto Católico de Paris. Diz o Professor:

«A mim mesmo, padre e religioso, me aconteceu ter comunicado com o mundo invisivel. E aceito, muito simplesmente e sem esperar o veridicto final da ciência, a crença na objectividade dos fenómenos psíquicos».

De igual modo se pronunciou o Cardeal Lepicier no prefácio do seu livro «O Mundo Invisível»: — «Parece ter sido moda ùltimamente, escreve o Cardeal, reduzir todos os fenómenos a uma autêntica burla por parte dos médiuns. Embora, de facto, assim seja na maior parte dos casos, pretender marcar esses fenómenos todos com o labéu de desonestidade, é um processo altamente anti-científico...»

O tradutor alemão do livro do Reverendo Nielson «Minhas Experiências Espiritas», — por sua vez autor do livro «Os Mortos Vivem», — escreve: «Na Inglaterra e na América centenas de eclesiásticos, até nas igrejas mais importantes, confessam-se espiritas convictos...»

O Dr. Laponi, médico preferido de Leão XIII, médico que era um sábio e um espírito profundo, escreveu um livro va-

lioso sobre o Espiritismo e as curas de doenças realizadas, que em todos os tempos se têm obtido pelo magnetismo. O Dr. Laponi pediu ao Sumo Pontífice que lesse o seu trabalho e o autorizasse a publicá-lo. Leão XIII autorizou com a condição de tal terapêutica só ser permitida aos médicos. *(Carta de Artur Lobo de Ávila, publicada no «Diário de Lisboa» de 7 de Outubro de 1941.)*

O articulista termina por afirmar que o Espiritismo tem provocado *desarranjos mentais que vão até à loucura.*

No pequeno livro denominado *Present Day Spirit Phenomena and the Churches,* o Reverendo Carlos Tweedale, seu autor, judiciosamente replica às objecções correntemente apresentadas contra o Espiritismo pelas Igrejas e seus adeptos.

O conhecido e repisado argumento do Espiritismo conduzir à loucura, está aniquilado.

The British Medical Journal, em 14.500 casos de loucura examinados em 1878, nos Estados Unidos, apenas encontrou *um caso de loucura devido ao Espiritismo!*

Em Inglaterra, de 1878 a 1887, em 136.478 casos de loucura, 3.769 foram devidos à «mania religiosa» das Igrejas Ortodoxas, ou seja um caso para 31!

No *Board of Lunacy,* de 1909 a 1911, foram internados 26 eclesiásticos da Igreja Anglicana e 26 eclesiásticos de outras igrejas, em cada ano, o que representa um eclesiástico por semana.

Ainda no ano de 1933, um belga fanático do anti-espiritismo não receou fraudar certas estatísticas decisivas para denunciar o perigo da demência espirita!

O Dr. Forbes Winslow, que pretendera que havia 10.000 loucos espiritas em Inglaterra, teve que retratar-se pùblicamente.

O Professor Morselli, director da Clínica de Doenças Mentais da Universidade de Génova, declarou que no decurso da sua longa carreira não verificara mais que 4 ou 5 casos de loucura de origem espirita. O médico-chefe do importante asilo austríaco de alienados de Steinhof, nunca achou mais do que 5 % de espiritas entre os loucos.

Se entre os adeptos do Espiritismo há alguns casos de loucura, eles provam tanto contra a doutrina espirita como os loucos religiosos quanto à religião, como os loucos melómanos contra a música, como os loucos matemáticos contra a matemática... Todas as idéias tiveram fanáticos exagerados. Seria preciso ter um juízo acanhado para confundir o exagero duma coisa com a própria coisa.

É provável que o louco religioso se tornasse louco espirita, se o Espiritismo fosse a sua preocupação dominante, como a loucura espirita podia ter tomado outra forma qualquer, conforme as circunstâncias... Bem compreendido até, o Espiritismo é um preservativo contra a loucura.

Agradecendo, subscrevo-me com toda a consideração

De V. Ex.ª
Att.º e Vnor.
Coronel Faure da Rosa

Nota da redacção

O Primeiro de Janeiro *recebeu o artigo que se acaba de ler e publicou a seguinte nota, em tipo microscópico, na 3.ª página:*

«Do sr. Coronel Faure da Rosa, Presidente da Direcção da Federação Espirita Portuguesa, recebemos uma extensa carta em defesa do espiritismo, a propósito do artigo da autoria do nosso eminente colaborador sr. Dr. Duarte Leite, publicado no nosso jornal, em 12 do corrente. A extensão desse documento, que é acompanhado de longas citações, impede-nos de o publicar na integra. Resumi-lo ou dar apenas dele alguns passos essenciais poderia não interpretar inteiramente o pensamento do seu autor. Por isso nos abstemos de lhe fazer mais larga referência, dado não ser nosso propósito estabelecer uma polémica nas nossas colunas sobre o problema em questão».

O que aí fica é forma muito conhecida e usada, no sentido de fugir a certos deveres que se impõem ao jornalismo de bom quilate. Então O Primeiro de Janeiro *não apreciou o lhe fora entregue com destino às suas colunas de grande cotidiano? E não previu que semelhante artigo, falho de verdade e de critério, ficava exposto a controvérsia?... Quem não quer ser lobo, não lhe veste a pele...*

A lei de imprensa não devia impor sómente aos jornais a obrigação de publicar a desafronta individual, mas também a doutrinária, quando os autores de certos artigos atraiçoassem a sua missão, induzindo o público em erro. Só assim o jornalismo passaria a ser a escola cívica que muitos apregoam. Além da sociedade, há património moral e mental que é preciso defender, não o deixando à mercê de certos malfeitores intelectuais.

MEDITAÇÕES DIÁRIAS

por Fernando da Cruz Ferreira

NÓS estamos sós, como criação especial e independente.

Como toda a vida manifestada, tiramos cada respiração da nossa existência, de *uma substância universal,* na qual flutuamos.

Esta substância é invisível aos nossos olhos físicos, mas, em realidade, é a «Única» Luz, Vida, Inteligência.

Esta substância é o Pai. Muitos de nós lhe chamamos Mente, Espírito, Criador ou Deus Todo Poderoso.

Ela é impessoal, universal e absolutamente perfeita na sua natureza, e é a *Causa Suprema* e a única Força Motora do Universo.

Não é material, nem limitada por qualquer lei física, mas existe sempre como causa, nunca se envolvendo em efeitos;; resulta disto o não poder ser conhecida sob o ponto de vista da matéria.

Sendo esta Causa Suprema, *Mente* ou *Espírito,* só podemos entrar em relação com ela por intermédio da nossa mente ou espírito.

Espiritualmente vivemos, nos movemos e temos o nosso ser neste elemento universal e possuímos em embrião os seus atributos divinos, porque, como indivíduos, somos os seus pensamentos ou ideias.

A nossa individualidade é o nosso próprio senso íntimo, a faculdade que nos leva a afirmar: — *Eu sou, Eu existo.*

Este *Eu* consciente do homem é a maravilha da existência e nele está envolto o «*Mistério da Deidade*».

«*Vós sois Deuses, porque sois filhos do Altíssimo*» — ensinou Jesus.

É esta uma empolgante afirmação, mas só quando estivermos conscientes das glórias do recto pensar e do poder que ele revela, o seu sentido se nos tornará claro.

Nós pensamos; e os nossos pensamentos, tomando corpo, constituem o nosso ambiente moral, atraindo todas as vibrações que lhe forem afins.

Todas as nossas condições corporais, a nossa saude, as nossas finanças, a nossa inteligência, a nossa energia, as nossas relações domésticas e sociais, tudo, enfim, que se relaciona com a nossa vida, é o reflexo do nosso próprio pensar e dos pensamentos das pessoas que nos rodeiam.

A perfeitamente pura e incorrupta essência da vida que nos rodeia sempre toma «*forma*» de acordo com as nossas íntimas aspirações.

Nós possuimos a força para entrar em harmonia com a Paz, a Vida e a Pureza perfeita, bastando para isso irradiar pensamentos harmónicos com os atributos que lhe são inerentes.

Conhecendo isto, teremos encontrado a chave do mistério dos séculos.

«A Pedra Filosofal», o «Elixir Divino», o «Dissolvente Universal» a fonte da «Eterna Juventude» estão em todos nós.

Teremos encontrado o «Elixir da vida longa» que os sábios e os poderosos têm procurado desde o início do mundo.

Seria isto estupenda pretensão, senão fosse estritamente verdadeiro; e nós mesmos poderemos procurar as provas desta Verdade, mediante uma fiel aplicação da lei.

Milhares de pessoas em todo o mundo estão procedendo assim neste momento e obtendo a natural reacção manifestada em saude, paz, abundância, felicidade e sucesso, justamente na proporção da sua sinceridade e persistência.

A nossa atitude mental, os nossos pensamentos e as nossas palavras são influências criadoras ou destruidoras no mundo em que vivemos.

Se continuamente afirmarmos «Eu não posso», «Eu estou doente», «Eu sou pobre», «Eu sou infeliz», «Eu sou imperfeito», «Eu sou impuro», estaremos em completa negação com a força, a saúde, a riqueza, a felicidade, a perfeição e a pureza.

Se alimentarmos pensamentos de inveja, malícia, ciume, cólera, orgulho, hipocrisia, ódio ou medo, os nossos corpos manifestarão desarmonia e doença e estaremos sujeitos a acidentes e a todos os agentes destruidores que tais pensamentos consequentemente atrairão para o nosso ambiente.

Se, pelo contrário, continuamente pensarmos e afirmarmos: «Eu estou bem», «Eu sou feliz», «Eu vivo na abastança», «Eu estou em Paz com todo o mundo», «Eu estou próspero», «Eu sou puro e santo de pensamentos e acções», o Bem, a Felicidade, a Abastança, a Paz, a Prosperidade, a Pureza, a Santidade e o êxito virão ao nosso encontro.

Se desejarmos, portanto, ser felizes, dar um largo passo no caminho da evolução espiritual, ser uma uma poderosa força benéfica no mundo, temos hoje mesmo de começar a fazer exercícios mentais, emitindo vibrações que nos colocarão em contacto directo e permanente com o Pai, abrindo um canal para a recepção do seu Influxo Divino, que nos inundará de Paz, Saude, Felicidade, Prosperidade, Virtudes e Poderes.

Adiante inserimos um esquema de afirmações que

FILOSOFIA NEO-ESPIRITUALISTA(*)

LÓGICA

por Ramos Pereira

I — A verdade

INTERESSA-NOS aqui, principalmente, fazer a lógica crítica, mais que analisar a lógica formal ou a metodologia; iremos procurar a natureza da verdade e do erro, pois que as leis do pensamento foram estabelecidas desde Aristóteles.

Que visam, no fim, o raciocínio e todas as leis do pensamento? Nada mais que atingir a verdade e evitar o erro.

A verdade é uma relação de harmonia entre o que é e o que julgamos ser. Mas nem sempre essa harmonia se dá duma forma perfeita devido à própria imperfeição da inteligência humana. E assim a consciência do indivíduo em face da sensação causada pelo objecto e quanto à verdade, pode apresentar-se nos seguintes estados: — ignorância, dúvida, opinião, certeza e erro.

De facto, é difícil sabermos se aquilo que cremos é verdadeiro ou falso, mas já o não é tanto se pretendermos responder ao que é a falsidade ou quais são as crenças verdadeiras.

Na busca da verdade temos de ter em mira três pontos principais e basilares: *a)* — que a teoria da verdade deve admitir o seu contrário, que é a falsidade; *b)* — a evidência de que se não «houvesse crença nada poderia haver que fosse falso, nem tão pouco haver verdade, no sentido em que a verdade é correlativa da falsidade»; *c)* — o critério de verdade duma crença depende sempre de algo exterior à crença.

Ora, se temos de considerar o falso, é impossível supor a crença uma pura relação da consciência com o objecto do qual pudéssemos afirmar que é como cremos. Se a crença fosse assim seria sempre verídica e não admitiria contrário. Na realidade, a relação de harmonia que é a verdade da crença não se faz apenas entre dois termos, mas entre vários, dos quais um é sujeito (o que ajuiza), e os restantes objectos (dos que se ajuiza). Deste modo, a crença é verdadeira quando corresponde a um todo complexo com o qual se acha associado; e falsa no caso contrário.

Contudo é necessário que o juízo se baseie em premissas conhecidas ou ele não poderá ser julgado verdadeiro lògicamente. Isto é, quando o sujeito não conhece o complexo do qual vai ajuizar, poderá negar ou afirmar uma relação, mas esta nenhum valor tem de verdade, porque exactamente lhe falta o conhecimento, de intimidade ou de descrição. É a ignorância, verdadeiro estado negativo do espírito em relação à verdade.

Outras vezes, porém, a relação de harmonia ou desarmonia não é evidente por não serem bem conhecidas as premissas e o indivíduo mantém-se num estado de equilíbrio entre o negar e o afirmar, por não ter dados positivos. É a dúvida simples. Poderá ainda dar-se o caso dum equilíbrio entre as razões que possam impelir a afirmar ou negar. Seguir qualquer das vias é não ter a certeza de estar dentro da verdade, e, por isso, o espírito tende naturalmente a permanecer como fiel de balança sem se inclinar para qualquer dos lados com medo de entrar no erro; é a dúvida puramente reflexa.

Suponhamos agora que até a um dado momento afirmávamos uma certa relação, mas que algumas condições se acumularam tendentes a desfazer a força da crença. Lògicamente, o indivíduo terá de se abster

---

diàriamente as nossas mentes deverão irradiar; e no começo de cada mês iremos publicando sucessivamente as que a ele se referirem.

Logo ao levantar deveremos decorar a afirmação do dia e repeti-la mentalmente várias vezes até ao deitar, aproveitando todos os momentos de repouso, intervalos de trabalho, enfim, todos os momentos disponíveis, de forma que elas fiquem bem gravadas no subconsciente.

O assunto é vasto e este artigo já vai longo. Se porém os que me lerem tomarem interesse pelo assunto, poderei em artigos subsequentes referir-me novamente a ele.

* Ver *Estudos Psíquicos* de Julho de 1944 a Janeiro de 1946.

da afirmação antes de voltar a examinar as condições que se lhe antepõem como um problema a resolver. É uma dúvida metódica, necessária, sem a qual poderíamos eternamente laborar num erro que para nós tinha visos de verdade.

Às vezes, no estado de equilíbrio da dúvida, conhecemos premissas que parecem conglobar-se para nos impelirem numa certa direcção. A atitude lógica é uma afirmação ou negação dentro da luz imperfeita com a qual a verdade aparece como probabilidade — é a opinião. Podemos de facto pesar a frequência dos casos que as premissas pouco precisas indicam e, então, a nossa probabilidade baseia-se numa média que, se não é sinónima de não-erro, é ponto de partida para uma verdadeira crença (probabilidade matemática).

Quando as premissas são por tal modo conhecidas e a relação é tão flagrante que o espírito a ela adere instintiva ou intuitivamente, diremos que a verdade é evidente. A evidência metafísica ou racional, sugerindo a impossibilidade absoluta de dúvida, é uma certeza da razão. A evidência física ou empírica, embora com base na contingência do objecto, é por tal modo demonstrada pela experiência, que a razão a aceita sem repugnância. Considerando a evidência, não já em si mas na maneira como se obtem, temos de distinguir a imediata, isto é, aquela que se apreende directamente, e a mediata que é demonstrada sempre pela verdade duma evidência imediata.

Quando, ainda, a evidência ressalta do próprio objecto, temos uma verdade intrínseca; quando provém da autoridade de quem o afirma temos a verdade extrínseca. Da primeira deriva a ciência e da segunda a crença.

Para isto e para não cairmos no ceptícismo, é necessário que consideremos um critério de verdade, isto é, que a verdade tenha em si um sinal que seja a razão última da certeza.

Para o tradicionalismo fideista de Huet (1630-1721), a razão não pode atingir a verdade sem a fé. Embora forte, este critério não seria universal nem último, pois que além de ser inaplicável às verdades do senso íntimo, o conhecimento da revelação já supõe outras certezas; se ligássemos estas à autoridade divina, seria cair num círculo vicioso.

Lamennais (1782-1854) considera apenas como certo aquilo que o consentimento universal considera. Mas como obter essa certeza colectiva se cada um por si não é capaz de a alcançar? Como aplicar ainda este critério às verdades da consciência? Reid e Hamilton, apontando o senso comum viram apenas um critério unilateral com os defeitos do consentimento universal.

Jacobi, discípulo de Kant, desconfiando da razão, recorre ao sentimento como critério de certeza, como se algo que tem de ser absoluto e objectivo pudesse depender e ligar-se ao variável e ao objectivo.

Depois de Kant, o neocriticismo (Renouvier, Sécretan e outros) pretendeu como forma de evitar o erro afirmar não o que nos parece verdadeiro mas o que é moralmente bom, confundindo a boa fé moral com a certeza lógica.

Para o pragmatismo, a acção é a grande medida da verdade, (Peirce, James, Schiller, etc.); a utilidade do acto é o critério da certeza. Mas isto é opor-se a essência do conhecimento à necessidade geral de conhecer que pede o conhecimento pelo conhecimento e não o conhecimento pela utilidade.

No seu «Discours de la Méthode», Descartes vislumbrou o verdadeiro critério: — a evidência. «La prémière règle était de ne recevoir jàmais aucune chose pour vraie que je ne la connusse évidemment être telle.» (1) Mas para que a evidência possa ser um critério é necessário que ela seja clara e actuei sobre a inteligência como o «fulgor veritatis» de que falava a escolástica.

II — A crença e o erro

Filosòficamente, a crença é a adesão firme à verdade. Quando se baseia num testemunho, é a fé; quando na evidência do objecto, é a crença pròpriamente dita. A razão da crença não torna por si o objecto evidente. O facto de crermos em algo não exclui a possibilidade do erro, pois a evidência para uns é não-evidência para outros. A meu ver, não basta a evidência momentânea do objecto. É forçoso que ela se torne efectiva antes de redundar em crença, pelo valor da argumentação.

Suponhamos que eu elaboro uma hipó-

(1) «A primeira norma era não tomar coisa alguma como verdadeira, desde que eu a não conhecesse evidentemente como tal».

tese sobre premissas certas. A hipótese explicativa das premissas que eu deduzo pode parecer-me evidente.

Se eu a aceitar logo e a ela aderir como crença poder-se-á dar o caso de um dia verificar a existência de outros argumentos que venham abalar a crença. Como defender-se assim do erro que se acobertou sob a crença? Quando eu elaboro a hipótese devo argumentá-la por tal forma que à volta dela construa um edifício sólido em cuja base ficarão premissas reconhecidas por verdadeiras e cujos guias de construção tenham sido os princípios directores do pensamento.

Mas se a verdade é aquilo que é, objectivamente o erro não tem existência, surgindo apenas como uma ilação de lógica.

O erro aparece, não por fraqueza da inteligência que, quanto muito, pode explicar a ignorância, mas pela falta de evidência. Geralmente, às causas puramente lógicas do erro juntam-se as causas morais que predominam na maioria dos casos.

A vaidade, atribuindo maior poder à inteligência própria, por asim dizer, faz tomar apenas como certo aquilo que pensamos. Tudo o que os outros podem dizer, são meras falácias que nem argumentos contraditórios podem ser. O interesse, por outro lado, impele-nos a aderir àquilo que ofereça lucro ou vantagem e a repelir o que nada possa dar. Por fim, a preguiça manieta o desejo de conhecer, satisfazendo-se com o exame superficial menos trabalhoso, mas também menos profundo e mais susceptível de erro. O preguiçoso é geralmente um indivíduo que se contenta com as sugestões alheias, ainda que elas não possuam evidência; aceita o que lhe parece à falta de melhor, continuando a laborar no erro cómodo.

As paixões, ainda, são causas frequentes do erro. Assim, o indivíduo fascinado ou obcecado por uma idéia, pode esta ser errónea que, para ele, possui a evidência mais clara. O ódio ou o amor cego não querem ver a crueza da verdade, o primeiro na qualidade, o segundo no defeito; ambos vivem e se acrisolam no erro. A preocupação também muitas vezes impede o indivíduo de reconhecer a evidência dum facto.

É interessante notar como todos estes estados fazem esbracejar, tenazmente, quando se lhes pretende mostrar a evidência dum facto que se relacione com o seu objecto. Em face disto, o erro pode ser classificado em culposo ou não-culposo. O primeiro é geralmente filho da paixão; o segundo da ignorância.

Bibliografia

Logique et Morale — ABEL REY.
Lógica — STANLEY JEVONS.
Discours de la Méthode — DESCARTES.

Alegoria

por José Luís do Carmo

NUMA região assolada pela guerra, em rústica aldeia, escapou à devastação ciclónica um ferreiro e sua forja. Passada a hórrida tragédia, no campo, onde ainda fumegava o resto dos monstros bélicos, apanhou aqui, ali e além, pedaços de ferro torcidos pela violência da metralha e do fogo, e os levou para a sua forja.

Endireitando-os o melhor que pôde, fez um atado, caldeou tudo e fez uma grossa barra: Que destino a dar-lhe? Passadas algumas cogitações, resolveu fazer duas figuras simbólicas: uma, a da Guerra; outra, a da Paz.

Após cinquenta e cinco dias de trabalho exaustivo, estava contemplando a sua obra. Resolveu levá-las à cidade mais próxima onde se encontrassem os vencedores e expor à venda a sua obra pelo preço mínimo, para depressa se aviar. A da Guerra, cem libras; a da Paz, mil libras.

Um dos bafejados da fortuna apressou-se a comprar a da Guerra, como grata recordação. Mas a da Paz só servia para discussões e desinteligências, porque todos a queriam; mas era-lhes inacessível devido ao seu elevadíssimo preço.

De entre a soldadesca, um, levantando a voz, gritou:

— Camaradas! Vamos-nos a cotizar, compremo-la e levemo-la para o nosso regimento! Ao menos, teremos uma obra de arte.

Não a transacionaram, porém, sem que, primeiro, o ferreiro lhes dissesse qual o motivo do seu elevado preço e tão grande disparidade.

Muito senhor de si, disse:

— Para fazer a da Guerra, apesar de muito trabalhar, consegui gastar apenas cinco dias, e para fazer a da Paz, não só consumi as noites em cogitações, como me foram necessários cinquenta e cinco dias de exaustivo trabalho, pela dificuldade que tive em conseguir a forma mais cómoda e atraente para que a pudessem aceitar bem no mercado.

Então, com um uníssono *urrah!* lá levaram aquela bela obra de arte.

A Missão de Jesus

por Fernando da Cruz Ferreira

V

Decorridos alguns meses de apostolado na Judéia, voltava Jesus de Jerusalém para a Galiléia, percorrendo o mesmo caminho que tinham trilhado, com seus rebanhos, os velhos patriarcas Abraão e Jacob.

O mar estendia-se à distância de muitas milhas, mas o ar fresco da tarde dava a impressão dos ventos suaves que sopram do litoral.

Os pecegueiros floridos proliferavam e a terra cultivada e colorida de rosas de todos os matizes, exalava delicioso aroma.

O crepúsculo naquelas regiões benditas é sempre cheio de sons que passam apressados, como se a alma das coisas estivesse ansiosa do silêncio, companheiro inseparável dos grandes repousos.

As frondosas árvores velavam nas sombras; passarinhos errantes voejavam céleres agitando as grandes ramarias e acentuando os doces murmúrios do vento.

Mais alguns passos e o Senhor sentou-se na borda do Poço ainda hoje chamado — de Jacob — situado no Campo em que José, ao morrer no seu brilhante desterro do Egipto, pedira que o enterrassem.

Moisés e depois Josué transportaram os ossos do Hebreu, reunindo-os às ossadas dos avós na terra de Canaan.

Quase no alvorecer dos tempos bíblicos, perto deste sepulcro à sombra dos carvalhos do Moreth, escutara Abraão as palavras de Jehovah, prometendo-lhe uma posteridade sem fim; e o pai dos crentes no seu terror sagrado tinha levantado ali um altar ao Senhor.

Com o decorrer dos tempos, tornou-se esta terra abençoada numa terra maldita.

As desinteligências religiosas com Samaria separaram as tribus de Israel.

O Garizim erigira um altar rival do de Jerusalém, onde o culto de Jehovah se misturava com o culto dos ídolos.

Os samaritanos adoravam e sacrificavam ainda nas ruinas do seu templo, derrubado pelo zelo religioso de João Hircan; eram pagãos, piores ainda do que pagãos... eram possessos, os Samaritanos.

Na Judéia chamar a alguém samaritano, era a pior das injúrias, o maior dos insultos.

Os judeus fanáticos e instruidos não queriam sequer conhecer tais pagãos; tudo o que provinha deles, o que fabricavam, o que semeavam e colhiam, era declarado tão impuro como a carne de porco.

Com mais forte razão as relações sociais, ou mesmo só de caridade estavam cortadas entre os judeus e esta raça amaldiçoada.

A pesar disto, à Samaritana que, como outrora Rebeca, vinha buscar água ao Poço de Jacob, disse Jesus:

— Dá-me de beber.

As palavras do Mestre que pareciam à primeira vista o pedido dum homem fatigado que se tinha sentado, exausto do caminho, no rebordo do poço, à espera dos discípulos, tinham, no entanto, um sentido mais profundo.

A samaritana reconheceu desde logo o sotaque judaico nas palavras do Senhor e não escondeu o seu espanto:

— Como? Vós, judeu, pedis-me de beber, a mim, samaritana?

E bem mais extraordinárias palavras, bem mais inesperadas do que aquela pronúncia judaica, soaram aos ouvidos assombrados daquela mulher pagã: **«Se tu conhecesses o dom de Deus e quem tem disse: — dá-me de beber — talvez lhe tivesses feito igual pedido e ele ter-te-ia dado água viva.»**

O espírito da samaritana não se elevava acima das aparências materiais. Que admira?

Havia meses, em Jerusalém, não uma mulher pagã mas um fariseu, um mestre em Israel, Nicodemos, tinha respondido no mesmo sentido literal e grosseiro às palavras do mestre excelso.

— Na verdade, na verdade te digo que não pode ver o Reino de Deus senão aquele que renascer de novo.

Respondeu Nicodemos:

— Como pode um homem nascer, sendo velho? Porventura pode tornar a entrar no ventre de sua mãe?

Respondeu Jesus:

— Não te maravilhes de eu te dizer: Importa-vos nascer outra vez. O espírito sopra onde quer: e tu ouves a sua voz, mas não

Filosofia da Natureza. — Patologia e Higiene da Alma

II — Elevação da inteligência. Descida progressiva do espírito

pelo Prof. Dr. Baptista Ramires

EM delicadíssima referência a publicações minhas, feita pelo director desta Revista em número anterior, há um exagero que me cumpre rectificar.

Generosa foi a referência feita, mas não menos generosa foi a informação, que da minha vida de trabalho alguém lhe deu, pois que áparte alguns volumes de obras da minha autoria — só isso merece o nome de obras — o resto são pequenas brochuras de memórias ou separatas de artigos de Revista sobre modestos estudos meus.

Com esta rectificação, que a razão e a consciência me ditam, fico eu à vontade.

Como se verá, sendo banal aquilo de que no número anterior me ocupei, ainda mais banal é o que hoje aqui exporei. Mas assim tem de ser, porque às minha divagações de espírito — pondo inteiramente de parte tudo que é materialismo — impus o programa de pôr em relevo algumas misérias da nossa actual vida moral, no intento de se procurar isso corrigir, — propaganda que a todos cumpre, no interesse da formação espiritual do homem de àmanhã.

Procurei mostrar no número anterior que o homem de há muito fora da Natureza, obedecendo sempre a fins especulativos, — a ambição por um lado, a vaidade por outro — inteiramente complicou a vida. Assim julgo eu, mas poderá haver quem, lendo o que exponho, pense que um espírito de derrotismo orientou minhas conclusões.

Sôbre isso porém tenho de dizer que o mesmo viu, por certo melhor que eu, um pensador notável — Luiz Wagner, alemão de nome, norte-americano de nascença — que há uma quarentena de anos aconselhava o povo americano ao regresso, quanto possível, à antiga vida simples — conforme o próprio título de obra sua «Vida Simples» — e consagradas foram então as idéias ali expostas, por quem àquela grande nação nesse tempo presidia — Teodoro Roosevelt, de quem, do mesmo nome, seu alto espírito herdou aquela que há pouco a morte infelizmente levou.

Essa obra eu li, e se a memória não reteve mais que um pequeno resumo do que lá deixou seu autor, bem firme em mim ficou a impressão que a sua leitura me deixou.

Vida simples!... Como isso seria belo, se tal fosse possível, na luta em que sobretudo no último século, tem andado envolvida a humanidade!

E a luta começa na vida social moderna,

---

sabes donde ele vem, nem para onde vai: assim é todo aquele que é nascido do espírito.

Nascer outra vez, depreende-se claramente das palavras do Mestre, era, terminada a existência que naquele momento decorria, regressar o mesmo espírito, o verdadeiro **Eu**, novamente à terra, através doutro ventre materno, noutro corpo físico, para prosseguir na sua evolução a caminho do regaço Divino.

Jesus referia-se à trajectória que teria de seguir o espírito de Nicodemos depois de terminar aquela existência, para depois duma nova etapa terrestre, com os progressos adquiridos, poder compreender as altas verdades espirituais, ver então o Reino de Deus, ou as altas esferas de eterna Luz e Paz, reservadas aos eleitos, para as quais naquele momento não estava preparado.

Êste, porém, não distinguia o corpo do espírito e daí a sua pergunta material e obtusa.

Ainda hoje a Lei do Renascimento é do número das verdades ocultas que só será verdadeiramente aceite por todos, quando nascerem de novo, como disse o Senhor a Nicodemos.

em que da noite se faz dia, a tudo se sobrepondo o trabalho do cérebro, em preocupações de toda a ordem, e se a esses excessos, fora do que a natureza de cada um comporta, outros se juntam — vulgares os que vêm da atracção sexual, dominante na vida das cidades — natural esgotamento resulta, determinando desequilíbrios na vida dos nervos, — frequentemente a chamada «neurastenia» que Bird, se não nos falha a memória, há anos assim classificou e suas causas conheceu, distinguindo esse mal da vulgar anemia, com que andava confundido.

Essa e outras nevroses, resultantes do esgotamento orgânico, atingem o corpo e não poucas vêzes o espírito, transmitindo-se algumas à descendência, em herança imediata ou nesses saltos a que se dá o nome de *atavismo,* e, se nessa transmissão de taras, as mesmas causas continuam, progressivamente o mal se agrava pelas conhecidas leis de Mendel.

Na vida social, ao lado dessa actividade exagerada, há sempre o artifício, sobretudo na mulher, que de todo a ele se consagra, — disso tendo maior culpa o homem, fora da Natureza, sempre ávido de impressões novas, provocando nela esses artifícios a tornar-se bela, pois só para a carne olha, não lhe importando saber que, depois da morte, passados anos, só a caveira fica, — a caveira, êsse triste despojo que é a negação máxima, total, da expressão humana.

Tudo aparências, tudo que impressione os sentidos, — mas impressões frágeis, ordinàriamente durando pouco, e com essa fragilidade se especulando, no constante desejo da novidade, veio aquilo a que se chama *moda* — que é manifestação mais expressiva da inconstância do nosso sentir estético. Em certos usos no homem, vem ela muito do espírito britânico — essa, mais firmeza mostra — noutros, mais inconstantes — decretada a moda quase só para a mulher — vem ela dos lados da França, de impressões variáveis da alma latina. Certo país — aquele a que os de fora chamam *le beau pays du soleil* — logo àvidamente as modas recebe, — avidez que da mesma origem rácica vem, mas onde, por seu meridionalismo, espírito sempre insatisfeito, essas linhas que definem a moda frequentemente nele se exageram, chegando até ao absurdo.

Em todos os países vem o cansaço do que está, o desprezo pelo que é antigo — e dessa avidez de coisa nova pode sair o imprevisto, indo ao extremo de se mudar, e até inverter, aquilo que uso secular havia consagrado. Também já de longe isso vem, pois no XVIII século se viu — nada mais frisante é — o homem descer até aos pés o seu calção antigo, e por volubilidade semelhante, no século em que estamos, as mais castas filhas de Eva, fora dos salões, sua saia ergueram até ao joelho ou dele assás perto, ostentando à vista estranha aquilo que dantes com cuidado ocultavam. Moda económica e útil em asseio, sem dúvida esta é, mas no excesso ainda sinais dos tempos são, — sinais que não fazem mal a ninguém, mas que um tanto levantam o véu da crise que a humanidade atravessa.

Época, não só de fragilidades, mas também de aspirações e sempre de luta, talvez por assim ser, vemos a mesma delicada filha de Eva, em suas novas aspirações, procurar em tudo assemelhar-se ao homem. Começando por entregar ao corte seus cabelos — que até a poetas outrora inspiraram — a algumas depois ocorreu usar calças como ele — já em praias se tem visto — e não nos surpreenderá que na rua as enverguem também amanhã.

Hábitos e usos, na mulher e no homem alguma atenção merecem, pois que denunciam sempre, àparte influências de raça, o espírito de uma época. O homem, por seu sexo menos sujeito a variações deste género, seus costumes mais ou menos conserva, sua indumentária por muito tempo a mesma, sobretudo no Oriente — aí tudo liso e simples, como seu espírito ali é, salvo excepções de raça, tal a japonesa — e cá no Ocidente, só um tanto isso se modificou na gente rica de alguns países, principalmente nos usos da côrte, em certos tempos da realeza, — o homem com seus bofes e várias rendas, em muitos o adorno do espadim, símbolo do espírito combativo desses e outros passados tempos. Por influências diversas passava então a alma, delas vindo romantico estado emotivo, em que nasceu elevado espírito criador, revelado na Arte, sobretudo na poesia e na pintura, para lá e para cá da Renascença, — triste renascença, porém, essa no que, em desordenadas ambições, na gente mais culta depois veio.

Tudo que era elevado quase de todo desapareceu no homem moderno. Não há estados emotivos que dêem elevação do senti-

mento; salvo excepções raras, só o domina o interêsse material ou situação de destaque na vida social, por essa vulgar ambição de nome ilustre.

Na mulher, ainda muito a sua delicadeza natural se conserva. Não possui ela o espírito criador, que em todos os ramos da Arte o homem tem revelado — raro é que ele apareça na pintura, na música ou outro dos seus ramos — mas possui aptidões notáveis para trabalhos os mais delicados.

Fora deles, em algumas das suas inclinações actuais, no desejo de se assemelhar ao homem, andará instinto de se armar para a luta diária da vida, para a qual, não possuindo a mesma força e energia, a Natureza para sua defesa lhe deu maior sensibilidade e visão subtil, necessárias a preparar-se contra o que de fora venha.

Assim deve ser; mas, procurando em usos, costumes e misteres igualar-se ao homem — bastante isso hoje se vê — sai ela fora daquilo que à delicadeza da sua organização está marcado, nas funções que tem no lar, como mãe estremosa e do homem dedicada companheira.

Não é inferior à dele a sua inteligência, como principalmente se revela nos cursos escolares; mas ordinàriamente de pouco isso lhe serve para a sua elevação na vida, pois em regra lhe falta espírito reflexivo — faculdade a mais importante na conduta de ordem mental — sendo raras as mulheres que, quando se dedicam a investigações na ciência, nela se destaquem em descobertas ou estudos que fiquem consagrados. Tem ela porém, por seu temperamento, por sua paciência e atenção ao que se lhe incumbe, faculdades de adaptação a serviços em que é verdadeiramente útil, — acima de tudo, a sua aptidão na educação e ensino infantil, e a sua cuidadosa assistência a doentes, em que, mais que outra, a antiga alma portuguesa se revela. A mesma alma tenho eu visto em humildes homens do mar, despidos de vaidade e ambições, conservando na luta com as vagas o que herdaram de tantos heróis, — alma, em muitos ainda, iluminada pelo que à sua vida simples de Cima vem.

No Oriente, em países menos civilizados, a mulher partilha das funções do homem, como também de há muito em povos nórdicos do Ocidente; nestes porém a isso é próprio o seu temperamento, e outra geralmente é a sua educação, dando-se maior atenção à formação do espírito reflexivo, e simultaneamente o da disciplina.

Talvez por essa razão, nalguns países à mulher se deu o direito de voto eleitoral, mas se isso aí possa estar certo, errado é estender-se êsse direito a todos.

Não pensará assim quem, pela sua situação na vida — como é a dos sacerdotes da Igreja — só conheça a mulher dentro do lar; fora dele, porém, cultiva ela, acima de tudo, o que vem da imaginação e de impressões frageis dos sentidos, e muito limitado é o que fica, necessário para juízo seguro que tenha de fazer sobre o valor dos homens que, em acto eleitoral, vá escolher para a vida política da nação. Nos povos de sangue latino, sobretudo os meridionais — em que, acima da razão, em regra está o que vem do sentimento — é, parece-me, um grave erro de psicologia.

Lançar isto aqui, será lugar próprio o desta Revista? Entendo que sim — o seu título o indica — e tendo ela numerosos leitores, entre eles colaboradores merecedores de todo o apreço, sua opinião formarão, e útil será conhecê-la.

Nesses países norte-americanos, e ainda noutros, em que a instrução — mais ou menos extensiva a todas as classes, como ali é — a todos leva um pouco do espírito de análise que, com esse espírito de decisão e actividade, enfim sua educação, a todos dá um valor pràticamente utilitário.

Há nisso incontestavel vantagem para o progresso material, sobretudo na indústria, em que esses países marcham; mas não pode oferecer dúvida que do rígido exercício de certas funções, nesse progresso todo materialista, descida vem na sensibilidade de toda a gente, — e isso bem se vê na vida das grandes cidades, em que só ao aparato se abrem os olhos do corpo, fechando-se os do espírito, naquilo que ao bem-estar de alma elevada mais devia interessar.

Assim é que aí, numa parte da humanidade que se diz cristã, poucos se terão lembrado de perscrutar o que se passará na alma daqueles que se arrastam na fome, — crianças lançando tristes olhos para tudo que em vitrines de pastelarias se amontoa; adultos cobertos de farrapos, sem pão para seus filhos, vendo ostentoso luxo dos outros — equipagens, joias, adornos de preço louco — que são um insulto à miséria, e tanta vez — já a isso me tenho referido — um estímulo ao crime.

E, fora desses desgraçados, que nas ruas

mendigam, a miséria envergonhada, a miséria oculta, que ainda mais digna de lástima é? O que sentirão esses desgraçados, em meio de tão grande contraste, — o que se passará na sua alma? Em muitos se levantará a revolta, — noutros, porém, santa resignação há, pois em boa hora, à sua alma humilde o espírito de Deus desceu.

Na marcha que segue a inteligência humana, só para o interesse material ela se dirige — bem o sabemos todos — e para esse lado têm ido os maiores cudidados da ciência. Mas, nem sequer para seguro bem-estar físico tal orientação nos tem servido, — e isso sobretudo se vê no que tem dado a terapêutica, para onde mais tem trabalhado. Àparte os avanços da cirurgia, onde há mais arte que ciência, e uma ou outra descoberta de valor real, que de longe em longe surge, para os maiores males do corpo grande é a insuficiência do que há, pois o que melhor se julga hoje se desconceitua àmanhã. Nessa terapêutica moderna, uma orientação entre todas se destaca, avantajando-se à notável concepção de Hahnemann — essa excepcionalmente firme — aquela que o grande Rodolfo Steiner há anos na Alemanha concedeu.

Tem marchado devagar, — por quê, não se sabe; mas, pelo que consta, seus úteis resultados confirmados vão sendo dia a dia (1).

*
* *

A decadência actual do espírito em tudo se revela, atingindo-o até no seu afastamento da Arte ou, pelo menos, na forma como nela nos aparece hoje — na Arte em que há corpo ou imagem, como a escultura — esta de há muito quase desaparecida — como a pintura, hoje, como a nobre arquitectura de outras épocas, e também, em elevação de imagens, êsse delicadíssimo ramo da literatura que é a poesia, donde desapareceu a epopeia antiga, que na História deixou consagrados seus autores. Tudo isso desapareceu, vendo-se o que sai hoje da imaginação estar muito abaixo de um sentir elevado.

As linhas que em certos ramos da Arte marcam o estilo, também às vezes obedecendo a modas, não menos denunciam a feição moral de uma época. Já em outro escrito a isso fiz referência, e agora a repito — adiante se verá porquê — mostrando-se então que a elevação da linha curva, que definiu o estilo gótico, correspondeu à elevação religiosa do tempo em que ela apareceu —, como a curva de volta abatida, segundo é uso dizer-se, em tudo dominando em França, nos reinados de Luiz XV e Luix XVI — no estilo do mobiliário dessa época histórica, nas chamadas anquinhas do vestuário das mulheres da côrte, até no salto do sapato por ela usado, que a nossos dias veio com o nome de «Luiz XV» — isso e o mais que nesse escrito se mostrou — essa linha curva, então em tudo dominante, em relação estava com o abatimento moral, com a indolência e moleza da gente da corte desses tempos. Tudo mal definido ali — na Arte e nos usos, durante a República até ao segundo Império — neste surge predominante uma nova linha, sobretudo característica no estilo de certa arte, a do mobiliário desse tempo, que até nós chegou com o nome de «estilo Império», correspondendo a nova linha, que foi a recta, ao aprumo e energia, nesses tempos manifestados em França.

Para muita gente isto não passará de simples coincidência; verdade é, porém, que a imaginação vem de impulsos do sentimento, e a este — obedecendo a reacções — nem sempre são extranhas influências exteriores que sobre o espírito actuam.

A referência que de novo aqui se fez teve em vista mostrar que, até nas linhas da arquitectura das construções actuais, a decadência da nossa espiritualidade se revela, obedecendo elas — neste materialismo em toda a parte em marcha — não a um pensamento elevado, mas apenas ao intuito especulativo, que hoje em tudo há, desprezando-se aquilo que no uso, por elegância ou superior razão, estava de há muito consagrado.

Pela razão, porque nessas janelas baixas que hoje se vêem — algumas em quadrado, como da abegoaria sertaneja — reduz-se a salutar entrada da luz solar, quando o astro se levanta. Entendeu-se que a linha recta, reduzindo a mão de obra, devia aí prevalecer; mas, se tal economia pode ser seguida em construções modestas, não se justifica ela em construções de luxo, menos em laboratórios de investigação ou de preparações delicadas, muito menos em hospitais ou sanató-

(1) Introduziu-a há anos em Portugal o bem notável prof. Carlos Santos, e cá a tem seguido, também com feliz sucesso, o sábio médico alemão Dr. Fritz Schuurmann.

COMO SE DEVE PRONUNCIAR A PALAVRA «ESPIRITA»?

Há cerca de seis anos escrevemos algumas palavras nesta revista tendentes a orientar os adeptos na pronúncia do vocábulo **espirita.**

Como a necessidade obriga, vamos transcrever o que então dissemos e oxalá que a fonética entre nos eixos, para bem de todos:

Há grande divergência na pronúncia deste vocábulo importado do francês **spirite,** inventado por Allan Kardec para indicar os profitentes da nossa doutrina, visto que nenhum dos termos **espiritual, espiritualismo** e **espiritualista,** se adaptavam ao sentido desejado. A doutrina espirita, ou dos espíritos, exigia vocábulo especial, já que os três, acima mencionados, eram insuficientes, por razões óbvias.

É **espiritualista** aquele que segue a filosofia baseada na existência de Deus e da alma humana. É **espirita** aquele que segue a doutrina do Espiritismo, baseada nas relações do mundo material com os espíritos ou seres do mundo invisível.

Foi, pois, para evitar confusões, que se criaram **espiritismo** e **espirita.** E se Allan Kardec forçou a adaptação do latim **spiritus,** os tradutores brasileiros fizeram outro tanto, influenciados por Kardec: esqueceram o **espiritista** e escreveram **espírita** (esdrúxulo), tradução imprópria de **spirite,** talvez por analogia com **espírito,** dando a impressão de que se tratava de hipotético e absurdo feminino daquele vocábulo...

Parece-nos que não deve usar-se a esdrúxula, quer atendendo à base histórica, quer ao étimo francês, que tem acento grave: **spi-ri-te.**

De resto, o assunto foi estudado por filólogos e dicionaristas. Cândido de Figueiredo grafou **espirita,** com acento na penúltima sílaba. O mesmo fizeram Torrinha, Moreno e outros. António de Morais Silva gravou **espírita** no léxico, mas no texto do seu dicionário preferiu o grave ao esdrúxulo.

Eis o que um confrade nosso escreveu no **Diário da Manhã,** do Rio de Janeiro, a propósito de se usar **espirita** ao lado de **espiritista:**

«Sucederia o mesmo, se tivéssemos criado um derivado de **espírito** com o sufixo **ita,** tão legítimo em português como **ista,** porque se teria, naturalmente, simplificado o radical com a supressão da consoante final **t,** em conflito com a sílaba **ta** do sufixo, tal como sucedeu, sistemàticamente, nos nomes abstractos em **dade,** ao se lhes adjungir o sufixo **oso,** ex.: **caridade** e **caridoso.** Compare-se também **venda,** em vez de **vendida** e o popular **simplíssimo,** em vez de **simplicíssimo** (forma latina **simplice).** Poucos empréstimos a línguas estrangeiras oferecem tão rigorosa coincidência com as leis da pronúncia e da morfologia vernácula. O que se não pode admitir, porém, é que o vocábulo seja deturpado por erro grosseiro de acentuação».

Deste modo, parece não haver dúvida alguma de que a pronúncia correcta é **es-pi-ri-ta.** E, sendo assim, para que havemos de laborar voluntàriamente em erro, pronunciando **espírita?**

I. D. S.

rios, onde certas radiações da luz solar, por essa propriedade de fixação da matéria, uma parte da energia irradiada — estudos de Tompson, Steiner e outros — aí na matéria fica — radiações que, exceptuando os seres microbianos e poucos mais, à vida de todos seres interessa.

Tal critério em grande parte vem da educação da mocidade, — em seus resultados influindo a desnivelada orientação do ensino escolar, nela se procurando sempre entre nós o desenvolvimento da inteligência e da memória — nada a formação do espírito, em elevação útil da mentalidade e do sentimento — o que, em escrito que a êste se seguirá, procurarei mostrar.

Elogio do sumo de laranja

(De «Asi Es», de Madrid)

por John Harvey Kellog

O corpo produz ácidos constantemente, muito em especial, quando se executa alguma actividade física. Por exemplo: num corredor produz, durante a corrida, um dracma (1) de ácido láctico por segundo, ou seja um litro dêste ácido tão forte, além do grande volume de ácido carbónico gasoso que é eliminado pelos pulmões. Para neutralizar e conduzir aos pulmões esta grande quantidade de ácido é preciso que o sangue possa ser alcalinizado e que esta alcalinização seja constantemente mantida.

Esta necessária alcalinidade ou elemento básico há de ser obtida à custa dos nossos alimentos. Por desgraça, muitos dos produtos que usamos para nossa alimentação, contêm, em geral, um excesso de ácidos, e, quando os ingerimos, diminuem, em vez de aumentarem a alcalinidade do sangue, o que é exacto com qualquer espécie de alimentos que deixam resíduo ácido na cinza, quando sejam premidos.

Nesta lista de alimentos que deixam cinzas de reacção ácida encontram-se tôdas as carnes, os ovos, os cereais e dois ou três vegetais. Duas ou três frutas devem ser metidas nesta lista devido aos ácidos inoxidáveis que contêm, mas, fora destas poucas excepções, tôdas as frutas e os vegetais deixam um resíduo alcalino e aumentam, portanto, a alcalinidade do sangue.

À cabeça da lista dos alimentos alcalinizantes encontramos as frutas cítricas e os sucos de frutas, que são os factores mais convenientes e agradáveis para alcalinizar o sangue. Em um litro de sumo de laranja, já há cêrca de meio grama de potássio, um dos mais fortes alcalis. O sumo de limão contém um decigrama de alcali por litro e o suco de *touranja* tem vinte e três centigramas. Algumas variedades de frutas cítricas são mais ricas em alcali, como, por exemplo, a lima e o limão doce.

O potássio do sumo de laranja está combinado com o ácido cítrico e, portanto, não actua no estômago como alcalino, neutralizando o suco gástrico e detendo a digestão, como sucede com o bicarbonato de sódio e com outros alcalinos.

Depois de o sumo de laranja ter sido absorvido pelo sangue, o ácido é oxigenado e empregado como alimento, como sucede com o amido e com o açucar. Desta maneira, fica livre o alcali para cooperar na alcalinização do sangue e do fluido dos tecidos.

Desta maneira, o sumo de laranja combate a acidez, que é uma das causas mais comuns para predispor, tanto para uma doença aguda, como para uma doença crónica. O excesso de ácido no sangue e no fluido dos tecidos diminui a resistência às doenças e predispõe para a constipação, doença que custa ao povo dos Estados Unidos muito dinheiro por ano.

A prática corrente de tomar bicarbonato de sódio para combater a acidez é criticável. O bicarbonato transtorna a digestão gástrica e impõe aos rins um trabalho desnecessário.

A acidez conduz ao reumatismo, ao mal de Bright, à alta pressão sanguínea, às doenças da pele e a diversas desordens degenerativas. A acidez excessiva da urina denuncia a sua presença, pois a urina é um extracto dos tecidos.

Verifica-se muitas vezes que a urina é cinquenta ou cem vezes mais ácida do que devia ser. O sumo de laranja usado diàriamente produz, muitas vezes, o completo desaparecimento dêste excesso de ácido em quatro ou cinco dias, e, como a acidez, desaparecem também os hóspedes desagradáveis, como dôres de cabeça, perda de apetite, dores musculares nevrálgicas, nervosismo e depressão.

Simultâneamente, nos Estados Unidos, morrem 500 mil pessoas de doenças crónicas, pessoas para as quais esta acidez crónica pode ter um factor activo e de predisposição. Não há dúvida: o uso diário do sumo de laranja pode ser um factor capaz de auxiliar muitos milhares destas vidas. Além de conter tôdas as vitaminas A, B, C, D e E, que são poderosos tónicos para os nervos, o sumo de laranjas contém uma grande quantidade de verdadeiro alimento construtor de tecidos, quási um por cento de proteína da melhor espécie (8,0 por cento) e 11,6 por cento de açucar, semelhante, na sua composição, ao mel das abelhas, mas absolutamente livre da contaminação de qualquer espécie e, além disso, predigerido e pronto, por conseqüência, a ser imediatamente absorvido e utilizado. Um copo de sumo de laranja contém 120 unidades alimentícias. Uma comparação dará idéia clara do seu valor nutritivo. Quatro copos cheios de sumo de laranja equivalem, em unidades alimentícias, a três copos de leite desnatado. Um quartilho de sumo de laranja, em unidades de alimento, é equivalente a um litro de ostras ou amêijoas, um litro de suco de carne, caldo de galinha, sopa de cabeça de vitela, a imitar a de tartaruga, uma libra (2) de claras de ôvo, um litro de framboezas, três quartos de litro de papas de

(1) Cêrca de 5 gramas.

(2) 453 gramas.

aveia, uma libra de cenouras, uma libra e três quartos de couves, libra e meia de nabos, meia libra de feijão branco e uma libra e um quarto de pêssegos frescos.

Este alimento delicioso e predigerido, que o sumo de laranja fornece, além da grande quantidade de vitaminas que contém, explica as suas admiráveis e refrigerantes qualidades, que dele fazem a bebida favorita de toda a gente.

As suas admiráveis qualidades colocam-no numa posição superior à de simples agrado do paladar. É um verdadeiro salvador de vidas e devia substituir essa longa lista de bebidas prejudiciais que se podem obter em toda a parte e que têm pomposos títulos, alguns prometedores de «bem-estar em cinco minutos», embora produzam uma euforia devida às drogas de efeitos venenosos, como a cafeína, quando o que fazem é destruir a possibilidade de sentir bem-estar, normalmente, por um sono natural, causando «cansaço nervoso» e insónias.

O sumo de laranja ou a limonada, quentes ou frios, podem substituir muito bem as usuais bebidas prejudiciais, como o chá, o café, o cacau, o malte, os quais contêm caseína, que faz aumentar a pressão arterial. O sumo de laranja não só é delicioso e são, como poderoso estimulante nervoso.

É um alimento predigerido, apto a ser assimilado assim que é ingerido, e as suas vitaminas são alimento para os nervos e auxiliam a digestão de outros alimentos.

Os muitos erros populares que, sem dúvida e até certo ponto, prejudicam a popularidade universal que as frutas cítricas desfrutam, são coisas que se torna necessário dissipar à custa dos maiores esforços. Um dos mais vulgares consiste em crer que as frutas ácidas podem produzir acidez e reumatismo. Isso é falso. Na realidade, acontece exactamente o contrário. Embora seja bem conhecido da ciência, o preconceito contra o uso de frutas ácidas no reumatismo é coisa tão profundamente arraigada que pouco se tem conseguido no sentido de o vencer.

Ainda há médicos que aconselham a que não se use o sumo de limão, de toranja e até de laranja nas afecções traumáticas e em qualquer outra doença em que se saiba haver excesso de ácidos. O uso do sumo de laranja. em quantidade de um ou dois quartilhos por dia, é um dos melhores meios conhecidos para combater a acidez.

Como o leite coalha quando se lhe junta sumo de limão ou de laranja, muitas pessoas evitam beber leite e sumo de frutas cítricas, ao mesmo tempo. É um engano completo, porque o facto de o leite coalhar quando se lhe junta um ácido, não prejudica absolutamente nada as suas qualidades. O próprio suco gástrico é muito ácido e a coagulação do leite é o primeiro passo necessário para que possa ser digerido.

(Transcrito de *Vida Mundial*, de Lisboa)

Meditações de Fevereiro

1 — Procuro, acima de tudo, conhecer e viver a verdade.
2 — Meu pensamento é a força mais poderosa que possuo.
3 — Minha vontade é dirigida sempre para o meu maior bem e o dos meus irmãos.
4 — Minha alma está unida a DEUS, o que a completa e harmoniza.
5 — Minha Luz interior ilumina as trevas que me rodeiam.
6 — Nada resiste à minha Vontade unida à de Deus.
7 — Minha inteligência se ilumina para o Bem.
8 — Eu, nascido de Deus, vivo em Deus.
9 — A matéria é a forma exterior do Espírito.
10 — O coração de Deus pulsa através de mim.
11 — As ondas de Pensamentos de Amor que emito constantemente para os meus irmãos, me atraem tudo o que almejo.
12 — Em todos os meus actos expresso minha inefável união com Deus.
13 — Sou Senhor de Meu Reino Mental e Físico.
14 — Não me revolto contra o mal; canto apenas as belezas do Bem.
15 — Só penso e faço o Bem e só recebo o Bem.
16 — Minha forma exterior muda: porém eu sou imortal e imutável.
17 — Minha prece é o Amor com que trabalho e a confiança com que espero.
18 — Meu pensar e meu viver só podem produzir saude e prosperidade.
19 — Meus pensamentos purificam a atmosfera, o ambiente em que vivo.
20 — Minha Vontade, dirigida pela Luz interior, segue caminho recto.
21 — Trabalho ao serviço de Deus na difusão do Amor Universal.
22 — Vejo em todos os seres o reflexo perfeito do meu ideal — DEUS —.
23 — Minha compensação é dirigida pela Lei Universal.
24 — Sou guiado pela Luz do meu *eu* interno, que é uma centelha de Deus.
25 — Meu corpo exprime a perfeição de meus pensamentos.
26 — Vibro constantemente pensamentos de Amor para todos os que me rodeiam.
27 — Devo compreender a prática de boas acções, como DEVER de todos os momentos, sem esperar retribuição. Sòmente o Amor Universal é a chave da minha caridade.
28 — Sou gerador de poderosas correntes de harmonia.

Desencarnou em Londres o maior médium curador do mundo, que prestou auxílio a 500.000 doentes

O *Psychic News* de 5 de Janeiro último, em artigo do seu director Maurice Barbanell, dá-nos a notícia infausta: W. T. Parish, o maior médium curador do Espiritismo, acaba de desencarnar aos 73 anos de idade. Nenhum médico do mundo tratou tão grande número de enfermos como este homem generoso e simples, cujas faculdades psíquicas eram conhecidas em toda a parte.

Muitos leitores de *Estudos Psíquicos* puseram-se em comunicação com W. T. Parish, o qual respondia sempre em termos afáveis que, por si só, eram suficientes para inspirar confiança aos sofredores que se lhe dirigiam.

A maior parte dos seus doentes eram desenganados da medicina, fartos de andar por consultórios e hospitais. Parish obtinha triunfos onde a ciência claudicava. E o mais curioso é que pouquíssimos interessados conheciam o grande benfeitor, que no Santuário de Christchurch Road, East London, desenvolvia poderosa actividade tendente a minorar o sofrimento de muitos milhares de semelhantes a braços com graves doenças do corpo e do espírito.

O *Psychic News* chamou muitas vezes a atenção do público para as notabilíssimas faculdades curadoras de W. T. Parish, que nós tivemos ocasião de homenagear em vários números desta revista.

Vamos seguir de perto o articulista, para que os leitores façam idéia do que foi o elemento que acaba de abandonar a terra.

— Se este jornal — escreve Barbanell, referindo-se ao *Psychic News* — apenas tivesse chamado a atenção para o poder curador que ele possuia, levando os cegos a ver, os surdos a ouvir e os paralíticos a caminhar, de nada mais necessitava para justificar a sua existência.

Não há doença conhecida pela humanidade que não tivesse sido curada por êle. Os documentos o provam. Os Raios X o confirmam. Uma vez e sempre as palavras «É um milagre!» andam na boca de antigos doentes, cheios de ânimo e de alegria.

A pesar disso, muitos dos seus trabalhos eram considerados ilegais. Quando na religiosa Inglaterra Parish curou o cancro, declarando seguir as pègadas do Nazareno, transgredia as leis terrenas e ficava sujeito a perseguições, pois é uma ofensa curar certas doenças, tais como o cancro, que a medicina declara incurável. Como director desse jornal, êle podia ser metido na prisão, ao publicar relatos de curas tão maravilhosas.

W. T. PARISH

Todavia, o médium era consultado por enfermeiras, médicos, cirurgiões e especialistas, acerca de suas próprias doenças ou para tratamento de pessoas de família que nada já tinham a esperar da ciência oficial. Havia montès de cartas de médicos certificando curas que eles atribuiam exclusivamente às faculdades psíquicas de Parish.

Os nomes desses médicos não podiam ser publicados; aguardá-los-ia a desqualificação por darem o seu apoio a um cirurgião clandestino.

Os padres barafustavam contra a mediunidade, declarando ser obra do demónio, pois, segundo eles, só os espíritos maus se comu-

nicam. Mas, secretamente, muitos consultaram Parish. Certo bispo recorreu ao Santuário para tratamento e outros clérigos lhe mandavam listas de paroquianos doentes, pedindo a cura a distância para eles. Quando Parish era bem sucedido, os padres acreditavam nele; mas os paroquianos raras vezes diziam a verdade.

O Reverendo T. B. Clarke, pároco de Northampton, foi uma excepção à regra. Pediu a Parish que tratasse alguns doentes da sua congregação. Este padre acompanhou o curador na sua visita e dias depois conseguiu autorização do bispo para que o médium realizasse sessões de cura na sua igreja.

Um dia, alguém lhe bateu à porta. Era um padre a pedir auxílio curador. Foi a esposa de Parish quem o recebeu.

— Oxalá que o sr. não tenha vindo tarde — disse ela. Devido ao grande número de pedidos deste género, os tratamentos têm de ser feitos por ordem.

O padre respondeu que viera da África do Sul para ver o curador, visto que membros da sua congregação lhe tinham falado do seu magnífico trabalho.

Não era o único que percorria centenas de milhas para ver o médium. As nossas fileiras contam grande soma de pacientes, alguns dos quais percorreram milhares de quilómetros, só para que o curador lhes pudesse impor as mãos. E não há um só caso em que o doente se tivesse arrependido de fazer a viagem.

A igreja critica a missão da cura espiritual, julgando que, por qualquer forma misteriosa, ela possa restringir-se a quem use um tipo especial de colarinho, a quem seja levado a colégios teológicos e que trabalhe em construções destinadas a igrejas.

Parish não recebeu ordens de sentido clerical, mas possuia uma divina faculdade que ele carinhosamente desenvolveu no maior grau possível.

O testemunho dos médicos

Poderão preguntar: Que é isso de cura espiritual? Será verdade que Parish curou indivíduos cujas doenças eram consideradas incuráveis? A resposta é plenamente afirmativa, como demonstram os testemunhos médicos.

Existem relatos em que médicos certificam o êxito do poder invisível da cura espiritual.

Um cirurgião declara: «Isto é demasiadamente grande para ser verdadeiro... O auxílio espiritual tem sido específico, exacto e positivo. Basta dizer que eu tomava os melhores remédios e que os deixei após dez dias de tratamento».

Outro doutor certifica um triunfo alcançado em caso de tuberculose pulmonar: «Não há dúvida alguma. O pulmão está curado», — diz ele, baseado na radiografia.

Outro doutor, que vive a 3.000 milhas, na Bermuda, revela que as análises clínicas provam a cura da sua diabetes. E na Jugoslávia um médico certifica que Parish tinha curado uma criança que sofria de doença crónica dum rim.

Depois de narrar as suas experiências, o médico afirma: «Devo declarar peremptòriamente que não vejo razão alguma para esta grande mudança. Só o vosso trabalho poderia ter conseguido tão assombroso êxito. Qualquer outra explicação é inadmissível, por irracional».

A seguir, está o eminente especialista de Harley Street que, dizendo-lhe um doente que tinha consultado Parish e esperando ver reprovada a sua acção, respondeu sem hesitar: «Parish curou-me uma doença do duodeno».

Cita-se ainda outro caso, referente a um rapaz que viveu três meses num pulmão de aço e estava paralítico dos membros. Aqui, novamente os médicos ficaram espantados com a cura.

A verdade é que nada pode opor-se à cura espiritual. Se tal oposição vier de clérigos idiotas, de médicos preconcebidos ou de leigos ignorantes, os doentes irão sempre onde sejam curados. Eis porque centenas de milhares cercam Parish, como testemunhos vivos da cura espiritual.

Ninguém calcula o número de pessoas que vive na terra e que devem a existência ao poder veiculado por este e outros médiuns curadores. Aqueles indivíduos constituem o mais extraordinário monumento ao trabalho que Parish realizou.

O último recurso

Quanto melhor não teria sido se os doentes o consultassem no início de suas enfermidades! Parish nunca teve ventos favoráveis com aqueles que recorriam às suas faculdades curadoras, porque a maioria só o procuravam depois de percorrer todos os consultórios. Só no último caso aproveitavam a cura espiritual e a sua atitude era esta: «Isto não prejudica e pode fazer algum bem»...

Claro que nem todos os que pediam auxílio foram curados. Havia falhas — a morte chega a todos, mais cedo ou mais tarde. Mas a maioria deles foram curados e por isso é que ele grangeou fama mundial.

Havia qualquer coisa na personalidade de Parish que prendia a imaginação. Ele irradiava bondade. Fazia os maiores sacrifícios e renunciava aos deleites que seduzem os seres humanos.

Nos últimos dias da sua existência, continuava, igualmente, a manifestar-se como grande ser humano que lançava os braços sobre os amigos que o cercavam, homens e mulheres, e cuja maior alegria era aliviar as crianças aflitas, por quem sentia forte compaixão.

As sessões especiais que dedicava à cura das criancinhas eram espectáculo que nunca poderá esquecer-se. Só os rústicos grosseiros e os maiores cínicos as poderiam presencear sem comoção.

Parish tratava os sofredores como «almas amigas» e nunca revelou azedume, quando os padres o denunciavam ou quando amigos o abandonavam.

— Devo pedir por eles — costumava dizer nestas conjunturas.

Muitas vezes, sua esposa ia ao guarda-fato verificar que artigos de vestuário ele tinha dado. E quando ela lhe fazia qualquer pergunta a esse respeito, Parish respondia:

— Oh! algumas almas amigas estavam em grandes dificuldades...

Viveu para as suas curas e só para elas e nunca exigiu paga pelo trabalho que fazia. Quando insistiam com ele para aceitar dinheiro, só o recebia se dele tivesse necessidade para despesas imediatas. Se lhe fosse dado como pagamento, era logo devolvido.

Nunca doente algum deixou de regressar a casa por ser pobre. O amigo Parish dava-lhes sempre o necessário para a viagem, pois jamais hesitou em meter as mãos nos bolsos para auxiliar qualquer indivíduo que estivesse em apuros.

Às vezes, começava a trabalhar às seis horas da manhã e só descansava à meia-noite. A sua correspondência era enorme. Logo depois de aparecer no *Psychic News* o primeiro relato das suas curas, as cartas choviam, a ponto de atingir o número de 250 por semana.

Quando os jornais se referiram à sua missão, o fluxo de cartas aumentou extraordinàriamente. Uma vez, quando o *Sunday Pictorial* descreveu as suas ocupações, Parish recebeu 1.000 cartas em dois dias. Ao fim da semana tinha recebido 3.000! A média eram 600 cartas por semana, mas chegou a atingir 1.000.

Todas elas tinham de ser lidas; todas elas tinham de levar resposta. Sua esposa prestou-lhe nobremente o seu auxílio. Um grupo de dactilógrafos fazia o resto. Frequentemente, chamavam pessoas que conheciam línguas estrangeiras para responder a correspondentes das mais variadas regiões...

Parish trata uma criança que sofre de paralisia infantil

Um espírito-guia chama por ele

Uma das suas mais dramáticas intervenções deu-se há anos, numa noite em que estava a tratar doentes. O telefone retiniu. Era o secretário da Casa de «Red Cloud» que o informava de que o guia lhe pedia que fôsse imediatamente. Parish meteu-se num *taxi* e depressa chegou à sala onde Estelle Roberts dava as sessões de transe. No soalho jazia o corpo da grande médium, sem o menor sinal de vida.

Parish ajoelhou-se e começou a trabalhar. Através dos lábios de Estelle ouvia a voz de *Red Cloud* exclamar:

— Meu filho, vieste na altura precisa. Eu não podia manter por muito mais tempo esta alma ligada ao corpo. Pega-lhe na cabeça e desenvolve a maior força que possas.

O curador fez passes magnéticos sôbre o corpo da médium, até que um grito escapado dos lábios da paciente lhe deu a certeza de que aquele corpo começava a viver.

Uma vez, *Red Cloud* falou, exclamando: «Magnífico!» e Estelle Roberts parecia adormecer. Pouco depois, ouviu-se novamente a voz de *Red Cloud* demonstrar a Parish o grande serviço que prestara, salientando as radiações excepcionais que tinha usado. Parish tinha sido ali chamado pelo espírito-guia, porque uma interferência na sessão de transe de Estelle havia posto em perigo a vida da médium.

Após a cura, Parish voltou a casa para concluir o tratamento dos seus doentes, o qual fora interrompido pela chamada telefónica.

¿Como teve início esta história dum homem com doentes nas sete partidas do mundo? Há 17 anos, Parish soube que sua mulher só teria seis meses de vida e encontrava-se na casa de saúde, quando ela foi operada.

— Diga-me o pior — pediu êle ao cirurgião, depois de sair de junto dela.

— É um cancro e dos mais terríveis, — respondeu o interpelado —. Cortei o mais que pude.

A freira que auxiliou a operação declarou também que aquilo tinha sido um dos mais repugnantes trabalhos a que assistira. E concluiu:

— O cancro deve voltar, sem dúvida alguma. Esteja preparado para isso.

Antes da operação, o médico confirmou por exame patológico que era um cancro. Depressa ela teve de submeter-se a nova operação devida à mesma doença.

Nesse tempo, Parish tinha uma posição de responsabilidade numa das maiores companhias de caminhos de ferro. O serviço obrigava-o a afastar-se de casa algumas semanas seguidas.

Durante uma dessas ausências, sua mulher falou a um espirita, que lhe sugeriu que experimentasse tratamento psíquico. Mas seu marido opunha-se a essa idéia, dizendo:

— O Espiritismo só serve para mulheres de espírito fraco e para homens que não pensam.

Mas a senhora Parish não se dissuadia fàcilmente e levou seu marido a visitar um centro espirita, onde os preconceitos do futuro médium desapareceram. Começou a ler literatura do género e cientificou-se de influências desconhecidas ao lado da sua cama.

Passado algum tempo, assistiu à primeira sessão. O médium, que era completamente estranho ao grupo, caiu em transe e o espírito comunicante diagnosticou os lamentos da senhora Parish e descreveu a operação a que ela fora submetida.

A tarefa de Parish

Depois, dirigindo-se a Parish, o espirito, que fora médico na terra, revelou-lhe as suas faculdades curadoras, nestas simples palavras:

— Empregue-as na cura de sua mulher.

Parish nada conhecia de curas psíquicas; mas o espírito do doutor deu-lhe instruções que ele fielmente seguiu durante nove meses.

Quando as suas ocupações o obrigavam a sair de casa, Parish fazia cura a distância. Nessas ocasiões, sentia muitas vezes a presença do doutor «morto» e doutras entidades espirituais.

Após nove meses de tratamento magnético directo e a distância, Peggy Parish estava curada. Não foi necessária segunda operação e a mulher a quem davam seis meses de vida tem desenvolvido as faculdades curadoras e tratado com êxito muitos doentes.

O espírito do doutor disse a Parish que sua mulher fora salva e que podia continuar na sua sagrada missão de curar.

Assim começou a grande tarefa que tem aumentado através dos anos. Parish nunca cuidou de publicidade, nunca pôs um só anúncio dos seus serviços particulares.

A notícia da cura de sua mulher tornou-se conhecida. E os enfermos iam a sua casa a pedir auxílio, que ele dava espontaneamente.

Crente de que tinha uma dívida para com Deus, carregava o seu fardo alegremente.

O número de doentes aumentava. As cartas vinham de todos os pontos da terra. O telefone soava incessantemente. Parish visitava casas, hospitais, instituições, em qualquer parte onde podia prestar serviço...

Depressa verificou que isto era mais do que simples passatempo. Por isso, reformou-se o mais cedo possível, o que afectou muito os seus vencimentos. Mas não desanimou. Tinha descoberto muito tarde aquela faculdade e gastaria o resto da existência utilizando a sua força.

Felizmente, o seu físico era magnífico. Durante anos fora instrutor de esgrima, de luta, de box e de cultura física. O seu corpo era dum atleta bem treinado.

Embora só dispusessem dum pequeno andar, reservaram o melhor quarto para o santuário da cura. Nenhuma refeição lá voltou a ser tomada; nenhum cigarro lá voltou a ser fumado. Foi inteiramente dedicado ao sagrado trabalho da cura espirita.

Entretanto, Parish descobriu o seu dom em cooperação com seus inspiradores espirituais. Para se tornar o mais possível em perfeito instrumento, abandonou as bebidas e o tabaco, o cinema e o teatro. Nos últimos anos, raras vezes saia do Santuário.

Não lhe custou muito a estabelecer a identidade dos espíritos seus cooperadores. Alguns médiuns descreveram-nos e disseram os seus nomes. Parish viu-os também, por clarividência. Um deles fora distinto cirurgião na terra, e Parish identificou-o, quando visitou um hospital de que o cirurgião era director. Viu ali o retrato da entidade e conhece-a logo.

Outro espírito cooperador era Abdul Lalif, médico persa que há muitos anos, desde a sua desencarnação, toma parte na cura dos doentes.

Em poucos anos, Parish alargou muitíssimo aquele santuário, visto já não poder acomodar a multidão que crescia constantemente.

Quando menos se esperava, uma senhora ofereceu-se para custear a edificação do novo santuário. Tratava-se da espôsa dum indivíduo que fora curada pelo grande médium.

O pior é que só havia em toda a localidade uma porção de terra adequada à construção e Parish foi informado de que o proprietário era Leslie Hore-Belisha, então ministro da guerra, que tinha rejeitado antecipadamente todos os pedidos de construção.

Parish não se atemorizou. Como sempre, quando enfrentava alguma dificuldade, refugiava-se na prece. Falou com Hore-Belisha e achou-o simpático. Este revelou grande interesse pelas actividades curadoras; todavia, ignorava se sua mãe aprovaria a idéia. Como morava junto do local escolhido, não queria ser perturbada...

Quando Parish viu aquela senhora, todas as objecções dela desapareceram. Mais ainda: foi tão grande o seu entusiasmo, que ofereceu algumas cadeiras, com o pedido especial de lhe reservarem uma, quando fôsse ao Santuário.

O novo edifício foi logo consagrado pelo espirito-guia Silver Birch, conhecido da maior parte dos espiritas ingleses.

Perguntando-se a Parish quantas pessoas teriam recebido tratamento directo, respondeu que impunha anualmente as mãos a cerca de 5.000 doentes.

Ao escrever o livro «Parish, o curador», Maurício Barbanell quis saber as regiões donde lhe tinham feito pedidos de curas e ficou admirado ao ver que eram 73, da Argentina às Ilhas Canárias, do México à Dinamarca, do Egipto ao Equador, da Groelândia a Hong Kong, da Islândia ao Japão e da Nigéria à Espanha.

Apesar de viver em constante atmosfera de doença, Parish mantinha a sua jovialidade e bom humor.

Viveu sempre para os outros e os «outros» eram o título dum poema que acompanhava as respostas que enviava àqueles que lhe pediam auxílio. Alguns leitores de *Estudos Psíquicos* tiveram ensejo de o verificar.

«A época dos milagres ainda não passou», — escreveu um jornal ao noticiar as curas. Mas elas não eram milagres, porque havia um instrumento afinado e sintonizado que se oferecia aos espíritos, como veículo através do qual eles podiam descer.

Parish nunca ligou importância a si próprio. Quando lhe agradeciam o auxílio concedido, dizia invariàvelmente:

— Eu sou um simples instrumento.

Desapareceu da terra um apóstolo que seguia as pègadas do Nazareno. *Estudos Psíquicos* teve muitas ocasiões de lhe exaltar as virtudes e dele recebeu vibrações curadoras que de certo aliviaram muitos dos seus leitores.

Eis como o elevado espírito de Silver Birch resume a história de Parish:

«Não era prelado; não tinha títulos; não era reverendo; não era clérigo; não tinha igreja; o seu Santuário não tinha tôrre; não havia lá brilhantes vestuários; não recitava credos; não admitia dogmas; mas um homem humilde esforçava-se por servir com êxito, entregando-se como instrumento do poder do espírito. E devido ao seu esfôrço em todo o vosso mundo milhares de almas o abençoam pelo trabalho que realizou».

¡Curvemo-nos reverentes ante o passamento do execelso pioneiro W. T. Parish, cuja tarefa será continuada por sua esposa, às mesmas horas do dia ou da noite, pois a senhora Parish é uma excelente médium curadora que nos últimos tempos tem dirigido as curas a distância do Santuário de Christchurch Road, em East End, nos arredores de Londres!

I. D. S.

À Margem dos Livros

por Ramos Pereira

IRMÃOS DE JESUS, por *Kruger Matos*. Edição da Livraria da Federação Espirita Brasileira. Rio, 1945, 82 págs.

Nesta conferência realizada no Centro Espirita «União, Humildade e Caridade» (Minas Gerais), o autor analisa magistralmente o tão debatido problema bíblico:

— Teve Jesus, ou não, irmãos carnais?

Seguindo estreitamente os textos evangélicos através de várias traduções, bem como obras de teólogos protestantes ou católicos, Kruger Matos apresenta-nos a mais cerrada argumentação que nos foi dado ler, até hoje; argumentação tendente a uma resposta negativa ao problema: — O Cristo *não* teve irmãos carnais. As provas são deduzidas da análise etimológica e de raciocínios «espirituais», isto é, alcançando os caminhos claros para lá do «véu da letra».

De facto, o étimo original não permite a conclusão segura, porquanto «a palavra hebraica *ahh* não se aplica sòmente ao irmão carnal, mas ao sobrinho, ao primo, ao marido» (Castro Nery).

Filiando-se Kruger Matos na hipótese de Roustaing (v. «Os Quatros Evangelhos») sobre a natureza do corpo de Jesus (perespirítico) e na da gravidez de Maria (produzida por acção magnética), aceitando, pois, a sua virgindade pre e post-nascimento, pela negação da existência de irmãos carnais de Jesus e pela interpretação dos versículos 24-25 do cap. I do Evangelho de Mateus, ergue um edifício de provas verdadeiramente notável.

O autor segue a teoria de Ernesto Renan (v. «Vida de Jesus») que considerou Iaäkob, Iossef, Schimëon e Iehouda não como filhos de Myriam, mulher de Iossef, mas de Myriam Khalipai (mulher de Cleofas) e, portanto, primos co-irmãos de Jesus, por Cleofas ser irmão de Iossef, segundo a versão de Hégesippos. Houve um Schimeön-bar-Kalipai que sucedeu a Iaäkob no bispado de Jerusalém, porque «...era primo-irmão de Senhor» (v. Eusebius in «História da Igreja»). Na «História de Iossef, o carpinteiro» (séc. II?; em dialecto menfítico no manuscrito copta n.º 66 da Biblioteca Vaticana), Iaäkob é considerado bar-Iossef, bem como Iossef, Iehouda e Schimeön [cf. Epiphanes in «Contra as Heresias», LXXVIII, VIII].

Eusebius (in op. citada) diz sobre Iaäkob :— «Era filho de Iossef, pai do Ungido, com o qual o Santo Evangelho diz que a Virgem foi casada, acrescentando que ela concebeu do Espirito Santo antes que estivessem juntos. Clemens assegura no seu livro VI das *Instituições* que, embora o Salvador tivesse escolhido a Pedra [Schimeön bar-Iona], Iäakob [bar-Zebadya] e Iohanan [bar-Zebadya] aos outros apóstolos, estes não fizeram questão, quando se tratou do governo da Igreja de Jerusalém, deferindo-a a Iaäkob por mútuo consentimento».

Não pretendemos desfazer a argumentação de Kruger Matos com as anotações e transcrições feitas, mas revelar a grande divergência das fontes, ainda que fidedignas.

Mas quer Jesus tenha sido, pela carne, filho de Iossef e de Myriam, quer não (como nos «Quatro Evangelhos» de Roustaing), não nos repugna aceitar a hipótese da existência de «irmãos carnais» do Cristo, pois que nela não encontramos qualquer ponto em que isso possa diminuir ou colidir com a natureza do Cristo ou a sua missão. Quanto muito, essa existência só afectaria a idéia da virgindade de Myriam.

Embora Myriam e Iossef fossem espíritos elevados, desempenhando a sua missão na Terra, estavam encarnados, limitados na sua nova condição. ¿Porque não aceitar a possibilidade de ter havido filhos do matrimónio, ainda que Jesus o não fosse?

Argumentar a viabilidade desta hipótese (o que é possível), conduzir-nos-ia demasiado longe do propósito que nos norteia nesta secção da revista.

Admirámos o trabalho de Kruger Matos, que se abalançou a tão árduo problema, e não hesitamos em recomendá-lo àqueles que se dedicam ao estudo dos textos evangélicos.

18 DE ABRIL DE 1857! — por *Deolindo Amorim*. Edição de propaganda da «Gráfica Mundo Espirita S/A». 22 págs.

Neste opúsculo, Deolindo Amorim realça a importância duma «grande data espirita»: — a do aparecimento da 1.ª edição do «Livro dos Espiritos», de Allan Kardec. Com ela «começou a projecção do Espiritismo como doutrina»; «...veio esclarecer a inteligência do homem a respeito do seu próprio destino, por meio duma filosofia que lhe permitisse chegar a uma conclusão natural da existência de Deus. E as bases dessa construção filosófica estão exactamente em «O Livro dos Espiritos», cujo aparecimento foi por assim dizer uma «alvorada do espirito humano», em pleno século dezanove, no auge das divergências filosóficas que tanto se generalizaram nos centros culturais do Velho Mundo».

Na segunda parte do seu opúsculo, Deolindo Amorim estuda os «primórdios do Espiritismo no Bra-

Notas & Comentários

Nova ordem... na Alemanha

Segundo narra o *Psychic News*, o Marechal Montgomery obriga as tropas inglesas na Alemanha a ouvir missa uma vez por mês e a assinar num livro especial, declarando que assistiram àquele acto religioso.

A seguir, refere-se aos protestos de muitos soldados, um dos quais afirmou que reclamaria um conselho de guerra se o obrigassem a ir à igreja.

A ordem de Montgomery diz «achar conveniente que os oficiais e os seus homens vão de vez em quando à missa e que cada um deles deve lá ir pelo menos uma vez em cada mês. E o articulista acrescenta:

«Durante a guerra, repetia-se constantemente que a liberdade espiritual era um dos nossos objectivos. As Quatro Liberdades anunciadas pelo Presidente Roosevelt incluiam a «liberdade mundial de cada um adorar a Deus como entendesse». Tem sido um verdadeiro escândalo as dificuldades que levantam aos membros do exército para os obrigar a assistir a ofícios religiosos; e os marinheiros, soldados e aviadores que declarem ser espiritas são objecto de sérios reparos... Só quando eles se impõem fortemente, conseguem ser classificados como espiritas».

E o *Psychic News* pergunta:

«Porque obrigam esses homens a ouvir dogmas em que não acreditam, simplesmente por estarem sujeitos à disciplina militar?

«Se o Ministro da Guerra declarou que nenhum militar era obrigado a assistir a cerimónias religiosas diferentes das da sua religião, por que motivo compelem os espiritas a tomar parte no culto da igreja de Inglaterra? Todos nós sabemos que Montgomery é ortodoxo, do ponto de vista religioso; mas o facto de ser comandante-em-chefe dar-lhe-á direito de impor a sua crença aos subordinados que servem sob as suas ordens?...»

O que aí fica é sintomático e espelho frisante da Nova Ordem que, afinal, é velha de séculos...

Sociedade de Medicina e Espiritismo, do Rio de Janeiro

A Sociedade de Medicina e Espiritismo, do Rio de Janeiro, em boa hora fundada por um grupo de individualidades de relevo no movimento espirita brasileiro, adquiriu sede própria no 15.º andar do Edifício Internacional, sito à Avenida Rio Branco, 4, daquela cidade. A escritura publica de promessa de venda foi assinada em 29 de Agosto de 1945 e a aquisição será feita por 551 mil cruzeiros, tendo já sido dados 85 mil, de sinal.

O edifício é um arranha-céus majestoso com frente para três logradouros: Avenida Rio Branco, Rua Acre e Rua de S. Bento. As salas onde funcionará o instituto de investigação científica são amplas e confortáveis. Dão frente para aquela avenida e têm os números 1.504, 1.505 e 1.506.

Assistiram ao acto os srs. Dr. Levindo Melo, presidente da Sociedade; Dr. Telémaco Gonçalves Maia, vice-presidente; Dr. Artur Lins de Vasconcelos Lopes, 1.º secretário; Dr. Serafim Teles, 2.º secretário; Dr. Saladino de Gusmão, tesoureiro; Dr. Henrique Andrade, director do Departamento Cultural e do *Mundo Espirita;* Deolindo Amorim, director da Biblioteca e do Arquivo e nosso redactor-correspondente no Rio de Janeiro; Dr. Silvio Soares, representante da Federação Espirita Brasileira; Aurino Souto, presidente da Liga Espirita do Brasil; Agostinho Pereira de Sousa, presidente da Associação Obreiros do Bem, mantenedora do Hospital Espirita Pedro de Alcântara, etc., etc.

O edifício, cuja construção está adiantada, deve estar pronto em Junho próximo futuro.

Esta bela aquisição foi possível em virtude da generosidade do Dr. Lins de Vasconcelos, que se subscreveu com 100 mil cruzeiros.

---

sil». Verifica-se que a primeira orientação foi de carácter «académico», filosófico, em tudo semelhante à iniciada em França por Kardec. Posteriormente, a orientação foi alterada e, de facto, «não há outro país onde a influência do Espiritismo tenha inspirado e desenvolvido o trabalho de assistência social em adiantamento igual ao do Brasil». E «enquanto se desenvolveram amplamente os sectores da evangelização e das obras de assistência, a parte doutrinária, ou seja o sector de estudos, apresenta relativa deficiência».

Sente-se palpitar neste opúsculo o pensamento de Deolindo Amorim, pensamento que perfilhamos e que nunca nos cansaremos de exteriorizar: — não devemos amputar o corpo do Espiritismo. Considerá-lo num ou em alguns dos seus aspectos, é um erro de funestas consequências, é esquecer a obra total de Kardec, é olhá-la ou só pelo «Livro dos Espíritos», ou pelo «Livro dos Médiuns», ou pela «Génesis» ou pelo «Evangelho Segundo o Espiritismo». Mas se para compreendermos alguém necessitamos do estudo aturado da sua obra *completa,* naturalmente um Espiritismo amputado não pode corresponder ao pensamento total do seu Codificador.

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

Conferência espiritualista inter-americana

Segundo lemos em *Mundo Espirita*, do Rio de Janeiro, a Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos, de que é director o Dr. Lins de Vasconcelos, elaborou uma sugestão no sentido de se realizar uma Conferência Espiritualista Inter-americana, afim de congregar todas as correntes espiritualistas, idéia que partiu do secretário daquela Faculdade sr. Diamantino Coelho, um dos fundadores e animadores desta simpática e utilíssima agremiação.

Na primeira reunião, a que assistiram confrades de grande projecção mental, ficaram esboçados os objectivos da conferência, que tomará a iniciativa de lançar uma espécie de *Declaração de Princípios* para concretizar a contribuição do Espiritismo na renovação do mundo e abrangerá os problemas gerais da humanidade, no campo moral, cultural e económico, apresentando sugestões dentro da concepção espiritualista da vida.

Nessa troca de impressões resolveu-se distinguir, entre os espiritualistas, os que aceitam e os que não aceitam a reencarnação. E *Mundo Espirita* escreve:

«Caso a Conferência pretenda generalizar as correntes espiritualistas, terá de admitir católicos e protestantes, pois estes aceitam a imortalidade da alma e são também espiritualistas por princípio. Mas, por motivos de ordem filosófica, justamente quando surge a questão reencarnacionista, jamais se poderia admitir harmonia absoluta neste particular, entre católicos e espiritas.

«Embora todas aceitem, como base, a imortalidade da alma, há divergência fundamental entre a concepção católica e a concepção das correntes que admitem a reencarnação. Foi por tal motivo, que é, aliás, um motivo especial e relevante, que logo no início veio à tona das considerações preliminares este ponto de capital importância. A tendência do movimento, pelo que estamos a deduzir, é para reunir os espiritualistas americanos, mas, bem entendido, os espiritualistas que admitem a reencarnação. Os católicos e protestantes, embora tenham uma crença alicerçada no princípio da imortalidade da alma, repelem a reencarnação. Logo, a concepção da vida, nesses grupos, é diferente da nossa e de outras escolas reencarnacionistas. Este assunto foi apenas lembrado em linhas gerais. Serão consultadas, conforme ficou resolvido, em primeiro lugar, as entidades espiritas.

«Oportunamente haverá uma reunião para discutir o projecto. Serão convidados, nessa ocasião, representantes das correntes espiritualistas que estão concordes em relação ao princípio da reencarnação: espiritas, teosofistas, ocultistas, etc. Trata-se, evidentemente, de um movimento de grande repercussão».

Pelo que se vê, a congregação será de espiritas, teósofos, rosacrucianos e ocultistas, — os únicos que partilham da teoria reencarnacionista.

O leito em que morreu Byron

A *Revista Internacional do Espiritismo* escreve:

«O *Daily Express,* de Londres, tratou há tempos de certo leito e dum «filme assombrado». Sabe-se, de modo absolutamente positivo, pela psicometria, que a personalidade humana deixa alguma coisa de si mesma em objectos inanimados. Ao contrário, os sensitivos descobrem essas impressões e, por meio delas, conseguem frequentemente reconstituir certos retratos, ambientes e mesmo épocas. Ora, Byron morreu em 1824, em Missolonghi, e o seu leito mudou muitas vezes de proprietário, pertencendo, sucessivamente, a Lord O'Hagan, a um diplomata grego e ao coronel A. C. Bromhead, que o cedeu a uma sociedade cinematográfica, para a realização dum filme em que o poeta desempenharia o papel principal.

«Entre os artistas, figurava Mr. J. Howard Gaye, que personificação Byron e com este se assemelhava admiràvelmente. Tanto este actor, como os seus companheiros, leram, antes de mais nada, todas as obras do autor de «Manfredo» e «Corsário», estudaram os retratos, visitaram os paises em que ele vivera, consultaram diversos arquivos para reunir todos os elementos capazes de conservá-los o mais perto possível da verdade histórica duma vida agitada e gloriosa.

«Ao tempo em que filmavam, adquiriram o hábito de se interrogar mùtuamente para saber se Byron estaria satisfeito com a representação. Melhor ainda, consideraram que o espírito do herói deveria estar entre eles e dirigiam-lhe a palavra, como a um ser vivo.

«Quando chegou o momento de representar a cena

da morte no leito famoso, J. Howard Gaye estava, por assim dizer, «byronizado». E quando tomou a atitude de moribundo todas as testemunhas ficaram assombradas, vendo que se transfigurava, que já *não desempenhava o papel*, mas que sofria os últimos momentos da agonia, com lividez, suores e extremo terror.

«O rosto estava tão diferente, tão expressivo de realidade, que os companheiros acreditaram na morte iminente. E quando terminou o «transe» — porque dele o fenómeno apresentava todos os caracteres —, quando o artista pôde falar, confessou que se sentira levado por uma força irresistível até às portas da morte. Talvez Byron, cioso da perfeição do filme, tivesse voltado para modelar seus traços, recompor a sua própria efigie, do que resultou uma peça de arte e beleza, considerada sem precedentes...»

Sim, o «talvez» do *Daily Express* deve ser realidade. Há muitos exemplos semelhantes de espíritos desencarnados haverem inspirado e até controlado grandes actores em cena.

A propósito, lembra-nos um caso narrado pela grande actriz norte-americana Isadora Duncan no seu livro «My Life» (A Minha Vida).

«Trata-se de mediunidade artística, com inspiração transcendente — escreve a artista. Um dia, disse ao pianista, numa representação em Kiew:

«— Toque a «Marcha Fúnebre de Chopin.

«— Mas, porque? Você nunca a bailou...

«— Não sei; toque-a.

«Insisti tanto, que acedeu ao meu desejo e bailei a Marcha. Imaginava uma criatura com o filho morto nos braços, a caminhar em passos lentos e vacilantes para o lugar do repouso. Bailei a descida à sepultura e a ressurreição do espírito escapando à pressão da carne, subindo para a luz. Quando terminei e caiu o pano, produziu-se curioso silêncio. Olhei para Skene. Estava mortalmente pálido e atemorizado e apertou as minhas mãos nas suas, que pareciam geladas.

«— Não me torne a pedir que toque esta música, — disse ele. Conheci agora a morte. Aspirei o aroma das flores brancas e funerárias e vi féretros de crianças, muitos féretros...

«Estávamos ambos atemorizados e sem forças e creio que algum espírito nos advertiu naquela noite do que ia suceder.»

Isadora Duncan era espirita sincera. Voltaremos brevemente a falar dela, para demonstrar esta afirmação.

Estrofe inédita dos «Lusíadas»

Já ventilámos o assunto noutro lugar e época diferente. Mas porque alguém nos pede, voltamos a expo-lo nestas colunas, que nunca é demais apresentar factos que possam escudar convicções e radicar no espírito humano a elevação da doutrina espirita.

Há cerca de dez anos, a *Cabana de Lysis*, de Novo Horizonte, Brasil, publicou um opúsculo ditado pelo espírito do Dr. Jaime Dinis, intitulado «Psicologia dos *Lusíadas*», em que se fazem referências à censura exercida pelo Santo Ofício no nosso maior poema. E quando o director dos trabalhos experimentais pediu um exemplo concreto da acção clerical nos originais de Camões, veio imediatamente a seguinte resposta:

— Pedes-me um exemplo concreto da censura do Santo Ofício nos «Lusíadas». Embora não seja fácil satisfazê-lo, citarei uma estrofe inteira que foi suprimida entre muitas. Era a estrofe a seguir à XXVIII do Canto IX e que assim fôra escrita pelo vate:

Vê que os próprios ministros consagrados
A DEUS, fazem da crença profissão
E ocultam, nas vilezas degradados
Com o agir impiamente, o coração.
Vê que são os princípios olvidados
Daquele que ensinou resignação
E que o povo, afinal, se desvirtua
Na descrença fatal que se acentua.

Para melhor elucidação, transcrevemos a estância do Canto IX que figura com o n.º XXVIII e à qual devia seguir-se a que foi proibida pelo Santo Ofício:

Vê que aqueles que devem à pobreza
Amor divino, e ao povo caridade,
Amam sòmente mandos e riqueza,
Simulando justiça e integridade;
Da feia tirania e da aspereza
Fazem direito, e vã severidade;
Leis em favor do Rei se estabelecem;
As em favor do povo só perecem.

A estrofe sonegada é a sequência lógica da que figura no poema nacional e o seu estilo é precisamente igual ao usado por Camões nos «Lusíadas».

Do Além, não vêm apenas ensinamentos morais, como alguns asseveram. A reconstituição da Verdade noutros departamentos da actividade humana é também apanágio de Espíritos que nos assistem e auxiliam.

O dono do esqueleto

Sob este titulo sucinto, publicou o *Reformador*, do Rio de Janeiro, uma nótula interessante oferecida à meditação dos estudiosos e que não resistimos a transcrever para estas páginas, em virtude do caso ter sido analisado e apreciado com o maior rigor por quantos nele participaram. Ei-la:

O Professor Ernesto Bozzano apreciou, com a sua habitual proficiência, na revista italiana *Luce e Ombra*, o caso de identificação espirita trazido a público pela revista inglesa *Light*, em seu número de 26 de Julho de 1930.

Eis o caso em seus pormenores de mais relevo: O Dr. Mackenzie, de Chicago, foi conduzido, por circunstâncias fortuitas, a tomar parte numa sessão espirita, na qual uma entidade que se manifestou lhe disse que tinha em sua casa um esqueleto, o que o doutor confirmou.

— Pois bem, disse a entidade, venho dizer-lhe que esse esqueleto é o meu...

E pôs-se a lastimar as brincadeiras que fazia um amigo do Dr. Mackenzie com aquela carcassa, a que faltavam cinco ou seis dentes.

O Dr. Mackenzie prometeu não fazer mais uso científico do esqueleto e o Espírito, satisfeito, retirou-se.

No curso de uma outra sessão, o doutor procurou identificar o dono do esqueleto, tendo obtido os seguintes informes: Disse o defunto haver-se chamado Chauncey A. Sprague; nascera na Geórgia, fora soldado do Exército Confederado, Legião Cobb, no começo da guerra, e depois servira no exército regular dos Estados Unidos. Em seguida a um acidente de caminho de ferro, seu cadáver foi transportado para o necrotério e aí recebeu o número 63.

Estas informações coincidiam com as recordações do Dr. Mackenzie, de que, em 1910, obtivera no necrotério de Chicago o cadáver número 63, por 80 dólares, para o dissecar com tres estudantes.

Escreveu então para o Quartel General dos Veteranos, em Nashville (Tenessee), à comissão das inscrições dos soldados da Geórgia, em Atlanta, ao Ministério da Guerra, em Washington, e conseguiu a prova de que todas as asserções da entidade eram inteiramente exactas, pelos testemunhos da administração militar, absolutamente incontestaveis.

«Este caso, conclui o Sr. Feeman, na *Light*, e o Prof. Bozzano em *Luce e Ombra*, é tanto mais maravilhoso, quanto ninguém, antes das duas sessões, ouvira falar da Legião Cobb, em Chauncey A. Sprague, etc.; a falha de dentes era desconhecida dos experimentadores; o Dr. Mackenzie estava muito longe de pensar neste detalhe; o número 63, do cadáver, ele o esquecera, coisa natural, depois de passados 18 anos, o que mais tarde verificou pelo seu caderno de estudante; a autoridade militar atestou o tempo de serviço militar do Espírito (1861-1865), servindo-se especialmente de uma carta de 22 de Junho de 1928, do General Major Lutz Wahl.

Ernesto Bozzano pergunta em seu artigo se tal facto pode ser explicado pela «omniscência do subconsciente», de que se servem aqueles que continuam a crer que o pensamento é produzido pelo cérebro.

Problemas científicos resolvidos pelos Espíritos

O nosso confrade Aurélio A. Valente, autor do livro «Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo», que tão apreciado tem sido por muitos dos nossos leitores, escreveu em *A Centelha*, de S. Paulo, um artigo subordinado ao título desta nótula e no qual refere um caso altamente debatido, relativamente à órbita dos satélites de Urano, que Hershel julgava serem percorridas de oriente para ocidente, ao contrário de todos os outros do nosso sistema solar.

A transcrição do articulista é feita da obra de Aksakof, «Animismo e Espiritismo», página 364 e seguintes. Ei-la, na íntegra, por ser de subido interesse para todos e nela se verificar a interferência dos Espíritos:

«Eis ainda outro facto que parece triunfar de todas as objecções — diz Aksakof: foi comunicado à *Light* (1884, pág. 499) pelo major-general A. W. Drayson e publicado sob este titulo «The Solution of Scientific Problems by Spirits» (Solução de Problemas Científicos pelos Espíritos). Segue a tradução:

«Tendo recebido carta do sr. Georges Stock a perguntar-me se podia citar ao menos um exemplo em que um Espírito ou pseudo Espírito tivesse resolvido numa sessão qualquer problema científico que houvesse preocupado os sábios do século passado, comunico-lhe o seguinte facto, de que fui testemunha ocular.

«Em 1871, William Hershel descobriu o planeta Urano e seus satélites, observando que estes últimos, ao contrário de todos os satélites do sistema solar, percorriam as órbitas de oriente para ocidente.

«J. F. Hershel diz nos seus «Esboços Astronómicos»: «As órbitas desses satélites apresentam particularidades completamente inesperadas e excepcionais, contrárias às leis que regem os corpos do sistema solar. Os planos dessas órbitas são quase perpendiculares à eclítica, formando um ângulo de 70° e 58′ e percorrem-no com movimento retrógrado, isto é, a sua revolução em torno do centro do seu planeta efectua-se de leste para oeste, em vez de seguir o sentido inverso.»

«Ora, quando Laplace emitiu a teoria de que o sol e todos os planetas se formaram à custa de matéria nebulosa, esses satélites eram um enigma para ele.

«O Almirante Smith diz no seu «Ciclo Celeste» que o movimento desses satélites, com surpresa de todos os astrónomos, é retrógrado, ao contrário do movimento dos outros corpos observados até então.

«Na *Gallery of Nature* diz-se igualmente que os satélites de Urano descrevem a órbita de leste a oeste, anomalia estranha que constitui excepção ao sistema solar. Todas as obras sobre astronomia publicadas antes de 1860 contêm o mesmo raciocinio a respeito dos satélites de Urano.

«Por meu turno, não encontrei explicação alguma

para essa particularidade; era um mistério, do mesmo modo que para os escritores que citei.

«Em 1858, tinha eu como hóspede uma senhora que era médium e organizámos sessões cotidianas. Certa noite, disse-me que via a meu lado uma pessoa que pretendia ter sido astrónomo, durante a vida terrestre. Perguntei, então, a essa personagem se estava presentemente mais adiantado do que na vida terrestre.

«— Muito mais — respondeu ele.

«Lembrei-me de apresentar a esse pretenso espírito uma pergunta, a fim de experimentar-lhe os conhecimentos:

«— Podes dizer-me a razão pela qual os satélites de Urano fazem a sua revolução de leste para oeste, em vez de oeste para leste?

«Recebi imediatamente a resposta seguinte:

«— Os satélites de Urano não percorrem a órbita de oriente para ocidente; giram em torno do seu planeta de ocidente para oriente, no mesmo sentido em que a lua gira à volta da terra. O erro provém de que o polo sul de Urano estava voltado para a terra no momento da descoberta do planeta. Do mesmo modo que o sol, visto do hemisfério austral, parece fazer o seu percurso cotidiano da direita para a esquerda e não da esquerda para a direita, os satélites de Urano moviam-se da esquerda para a direita, o que não quer dizer que percorram a sua órbita de oriente para ocidente.»

«Em resposta a outra pergunta que apresentei, o meu interlocutor respondeu:

«— Enquanto o polo sul de Urano estava voltado para a terra, os observadores terrestres julgavam que os satélites se deslocavam da esquerda para a direita e concluiu-se daí, erradamente, que se dirigiam de oriente para ocidente. Tal estado de coisas durou cerca de quarenta anos. Quando o polo norte de Urano está voltado para a terra, os satélites percorrem o trajecto da direita para a esquerda e sempre de ocidente para oriente.

«Em seguida, perguntei a razão de se ter descoberto o erro só quarenta e dois anos depois. Respondeu-me:

«— É que, em regra, os homens apenas repetem o que disseram as autoridades que os precederam. Deslumbrados pelos resultados obtidos por seus predecessores, não se dão ao trabalho de reflectir.

«Guiado por esta informação, comecei a resolver o problema geomètricamente e compreendi a exactidão das explicações e verifiquei que a solução era muito simples. E por isso escrevi um tratado sobre o assunto, que foi publicado em 1859, nas «Memórias do Ensino Real de Artilharia».

«Em 1862, dei essa mesma explicação do pretenso enigma, numa pequena obra astronómica («Commun Sights in the Heavens»), mas a influência da *opinião autorizada* é tão funesta, que só actualmente os escritores que se ocupam de astronomia começam a reconhecer que o mistério dos satélites de Urano deve ser atribuido à posição do eixo desse planeta.»

E Aurélio A. Valente, que transcrevera o que aí fica para evidenciar o ridiculo que espera os primeiros inventos e descobertas que surpreendem a *ordem estabelecida*, acrescenta:

«Deste facto não resultou apenas um ensinamento a respeito do movimento dos satélites de Urano. O Espírito deu também uma lição acerca do valor da opinião alheia. Quando uma pessoa de reputação cientifica afirma uma coisa, certa ou errada, é acatada como axioma. «Foi o mestre quem disse...» é quanto basta, ninguém se dá ao trabalho de reflectir. E por isso muitos erros perduram, longo tempo, como verdades. Muitos dos apressados observadores dos fenómenos espiritas têm dado publicamente a sua opinião e outros nada mais fazem do que recorrer às suas assertivas. Por mais que queiramos mostrar o engano, nos não ligam importância. Assim, porque perder tempo com os obstinados na cegueira? A crença não se impoe; adquire-se. Deixemos, pois, cada um à mercê da sua própria sorte, parodiando a frase conhecida: «O seu dia chegará».

Amigos de «Estudos Psíquicos»

Como dissemos no último número, temos necessidade de novos assinantes para fazer face às crescentes despesas. Apelamos mais uma vez para todos! «Estudos Psíquicos» desempenha no movimento espirita português um papel definido, absolutamente indispensável. Alargar o seu âmbito é concorrer para o fortalecimento do Espiritismo, que tão malsinado e atacado tem sido.

Trazei-nos elementos novos que nos habilitem a caminhar de fronte erguida! Pela nossa parte, tudo faremos no sentido de manter as mesmas directrizes e a mesma independência.

Recebemos os seguintes donativos, que muito agradecemos:

António Joaquim Gomes, de Cabaços	25$00
Sócio n.º 345, de Lisboa	10$00
Mateus Borges Leal, da Ilha Terceira	100$00
A. M.	20$00

Noticiário

Auxílio aos necessitados

Com destino à subscrição do Natal, recebemos mais os seguintes donativos, que agradecemos:

Anónima, de Lisboa	3$00
Sociedade Esotérica Iniciática	50$00
Humberto da Silveira, de Ponta Delgada ...	40$00
José Morais Dias, de Braga	10$00

A todos os que contribuiram para esta cruzada de bem-fazer, enviando-nos generosamente o seu óbolo amigo, agradecemos em nome dos contemplados, que foram 213 famílias, às quais pudemos levar naquele dia um pouco de conforto que lhes fez esquecer as agruras da vida material, tão difícil na hora que passa.

Deolindo Amorim

Segundo carta do nosso amigo Henrique de Magalhães, do Rio de Janeiro, o Secretário Geral da Liga Espirita do Brasil e Secretário do semanário *Mundo Espirita,* Deolindo Amorim, aceitou o cargo de redactor-correspondente de *Estudos Psíquicos* na capital fluminense. Congratulamo-nos com o gesto de tão distinto quão infatigável trabalhador, do qual em breve publicaremos o primeiro artigo. Os leitores terão ensejo de apreciar as suas brilhantes faculdades, aliás já demonstradas na imprensa espirita brasileira, de que é um dos melhores ornamentos.

As nossas conferências

No dia 30 de Dezembro último, o nosso confrade sr. José Francisco Cabrita realizou uma conferência no Centro E. Luz e Amor, intitulada «As Faculdades de Curar e as Possibilidades Legais de as Exercer», a qual deixou a melhor impressão nos ouvintes que souberam apreciar o belo trabalho do conferente.

Também nos dias 13 e 27 de Janeiro realizaram as suas anunciadas conferências os nossos colaboradores coronel Faure da Rosa e Ramos Pereira, intituladas, respectivamente, «Socialismo Cristão e Espiritismo» e «A Religião e o Espiritismo». Ambos experimentados tribunos, souberam tratar os assuntos com verdadeiro talento.

Correspondentes

Do esforçado propagandista J. B. Chagas, presidente do Centro Espirita Estrada de Damasco, Mesquita, Estado do Rio, colaborador da *Revista Internacional do Espiritismo* e secretário de *O Lar,* orgão do Lar de Jesus, de Nova Iguassú, recebemos a seguinte carta, que muito nos desvanece:

«Prezado irmão: De longa data venho acompanhando o interesse que essa apreciada revista vem tomando pelo movimento espiritista brasileiro; daí nascer o desejo de tornar-me, espontaneamente, correspondente da mesma, enviando, periòdicamente, tudo quanto for publicado e que seja digno de divulgação, além-fronteiras pátrias, como faço agora.

«Terminando, aqui ficarei ao inteiro dispor desse apreciado mensário, para o mais que for mister.»

Acompanhava a carta um interessante recorte de *A Notícia,* do Rio de Janeiro, acerca de operação cirúrgica realizada pela «Santa do Sangue», a que no próximo número faremos referência.

Ao amigo J. B. Chagas, os nossos agradecimentos. Cá esperamos o seu auxílio no sentido apontado e que certamente beneficiará a propaganda.

«Núcleo de Acção e Propaganda Estudos Psíquicos»

Dando mais um passo em frente nos objectivos colimados, está em organização o *Núcleo de Acção e Propaganda Estudos Psíquicos,* de que será orgão esta revista. Além da *Estudos Psíquicos Editora,* que será um dos seus instrumentos de trabalho, este agrupamento intensificará a propaganda espirita nos meios profanos, através de conferências públicas nos teatros de Lisboa e de distribuição gratuita de folhetos e exemplares de *Estudos Psíquicos* às famílias surpreendidas pela desencarnação de qualquer ente querido.

Além disso, organizará uma rede de sócios-correspondentes, com os quais procurará exercer acção contínua e permanente no sentido de tornar mais eficaz a difusão da Doutrina.

Legado Firmino Teixeira

Da Direcção da Federação Portuguesa, recebemos um ofício comunicando que, no rateio do Legado Firmino Teixeira realizado em 1945, coube ao Centro E. Luz e Amor a importância de 1.585$70.

Programa dos Trabalhos do Centro no mês de Fevereiro de 1946

Dia 3 de Fevereiro, às 16 horas — Sessão experimental com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 10 de Fevereiro, às 16 horas — Conferência por Haydi de Thebelen, intitulada «Aspectos da Educação».

Dia 17 de Fevereiro, às 16 horas — Sessão expemental com a médium D. Maria de Jesus Mendes de Figueiredo.

Dia 24 de Fevereiro, às 16 horas — Conferência por Ramos Pereira, intitulada «Metafísica Espiritista».

AOS NOSSOS LEITORES

Para completar as nossas colecções faltam-nos os n.os 1, 3, 6, 8 e 12 de «Estudos Psíquicos», relativos ao volume de 1939-41. Quem os puder dispensar, obsequiava-nos, enviando-os à redacção e cujo custo satisfaremos.

OBRAS DE CIÊNCIAS PSÍQUICAS E FILOSOFIA ESPIRITUALISTA

(Continuação da 2.ª pág. da capa)

	br.	enc.
cações do *Espírito de Julieta do Céu*	3$00	
Do Calvário ao Infinito, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	20$00	27$00
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	7$00	
Doutrina Inglória (O problema da natalidade segundo o Espiritismo), por *Leopoldo Machado*	12$00	
Eça de Queiroz Póstumo (comunicações de E. de Queiroz, por *Fernando de Lacerda*	16$00	23$00
Ensinos Espiritualistas (Descrições do além), por *W. S. Moses*	14$00	21$00
Entre dois mundos, (romance), por *Antoinette Bourdin*	12$00	19$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassaby*	20$00	27$00
Espiritismo (O) Contemporâneo, pelo *Dr. Martins Velho*	12$00	
Fenómenos da Materialização, por *M. Quintão*	10$00	17$00
Física Transcendental, por *J. Zoellner*	10$00	
Fundamentos Científicos do Espitismo, pelo *Dr. Azevedo e Silva*	10$00	
Funerais da Santa Sé (Poesias ditados pelo *Espírito de Guerra Junqueiro*	14$00	21$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	18$00	25$00
Jesus perante a Cristandade, comunicações do *Espírito de Bitttencourt Sampaio*	12$00	19$00
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	17$00	24$00
Livre-arbítrio e Determinismo, por *Louis Gastin*	3$00	
Marieta (páginas de duas existências) romance mediúnico, recebido por *Daniel Artazú*	18$00	25$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	10$00	
Memórias do Padre Germano, recebidas por *Amália Domingo Soler*	18$00	25$00
Memórias duma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	14$00	21$00
Na Sombra e na Luz, romance mediúnico ditado pelo Espírito de *Vitor Hugo*	18$00	25$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	15$00	22$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho, por *João Evangelista*	12$00	
Padre (O), a Mulher e o Confessionário, pelo *ex-padre Chiniquy*	12$00	19$00
Poder Mental, pelo *Dr. A. Lôbo Vilela*	10$00	
Problema (O) da Sobrevivência, pelo *Dr. A. Lôbo Vilela*	10$00	
Protestantismo (O) e Espiritismo, por *Benedito A. da Fonseca*	12$00	19$00
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	18$00	25$00
Reis, Príncipes e Imperadores, por *Almerindo Martins de Castro*	14$00	21$00
Religiões, Mitos e Crendices, por *Ester Calderon*	28$00	
Revelações de Além-Túmulo, pelo *Dr. Antão de Vasconcelos*	15$00	22$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	16$00	23$00
Salvação pela fé ou pelas obras?, pelo *Dr. Romeu Camargo*		14$00
Sementeira Cristã (colecção ilustrada composta do 1.º, 2.º e 3.º livro de leitura para as escolas espiritas), única no género, por *Clóvis Tavares*.		
1.º livro		10$00
2.º »		11$00
3.º »		12$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	14$00	21$00
Sombra (Na) e na Luz, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	18$00	25$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	10$00	17$00
Teatro Espiritualista (1.ª série) monólogos, dramatizações, comédias leves, sainetes e poesias dramáticas, por *Leopoldo Machado*	10$00	
Teatro Espiritualista (2.ª série) por *Leopoldo Machado*		15$00
Trabalho (O) dos Mortos, (relato circunstanciado das célebres materializações do Pará com a médium Ana Prado, com muitas fotografias «horx-texte») pelo *Dr. Nogueira de Faria*		45$00
Vidas (As) sucessivas, por *Adauto Serra*	5$00	
Vingança (A) do Judeu, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	20$00	27$00
Vozes do além pelo telefone, por *Óscar d'Argonnel*	5$00	

Nêstes preços não está incluído o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente, Ilhas Adjacentes e Colónias. (Moçambique).

É espirita sincero? É amigo do Ideal?

Então, adquira imediatamente o

Resumo da Doutrina Espirita

primeira obra de *Estudos Psíquicos Editora* e que representa um enorme esforço de propaganda.

A sua venda habilitar-nos-á a editar novas obras anunciadas, entre as quais TRINTA ANOS ENTRE OS MORTOS, do Dr. Carl Wicland.

Indicai a obra aos vossos amigos!

Auxiliai Estudos Psíquicos Editora!

Um Brinde de Ano-Bom

Acabámos de receber um formosíssimo livro de comunicações, intituladas

DE ICLÉA PARA AS CRIANÇAS

impresso em óptimo papel de linho e que se não lê sem viva emoção. Cada quadrozinho é uma lição enternecedora que comove até às lágrimas e exalta as mais belas virtudes da alma humana.

Adquiri-o para vós e para vossos filhos.

Brochado — 18$00

Aos advogados e jurisconsultos

¿Os herdeiros terão direitos sobre as obras póstumas dadas por seus ascendentes, através de médiuns psicográficos?

Eis um assunto de palpitante interesse debatido nos tribunais do Rio de Janeiro e que se encontra circunstanciado no livro.

O CASO HUMBERTO DE CAMPOS

a propósito de quatro obras póstumas deste autor psicografadas pelo famoso médium *Francisco Cândido Xavier*.

1 grosso vol. 28$00 brochado
35$00 encadernado

Á venda nesta redacção

Colecções de «Estudos Psíquicos» artisticamente encadernadas em percalina azul

1.º vol. (1939-41) de que restam 3 exemplares	70$00
2.º vol. (1941-33)	55$00
3.º vol. (1943-44)	55$00

Brevemente o 4.º volume.

Acaba de chegar MISSIONARIOS DA LUZ, obra mediúnica de luz poderosa, ditada pelo *Espírito de André Luís* ao grande médium Francisco Cândido Xavier.

Brochado — 24$00 — Encadernado — 30$00

ANO VII MARÇO DE 1946 N.º 3

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

DEOLINDO AMORIM

Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» no Rio de Janeiro

CONTÉM: Valiosa propaganda, **da redacção**; Ciência e Filosofia — I — **pelo Dr. A. Lobo Vilela**; Cânticos-Quem sou?, **por Ramos Pereira**; Cegos..., **por Maria Veleda**; Africanismo e Espiritismo, **por Deolindo Amorim**; A Conversão de Richet; Filosofia da Natureza — Patologia e higiene da Alma — III —, **pelo Prof. Dr. Baptista Ramires**; Amigos de «Estudos Psíquicos»; Filosofia Neo-Espiritualista, **por Ramos Pereira**; Meditações de Março; Desígnios insondáveis, **por Ernesto Silva**; A imaginação e os seus efeitos, **por Armando de Faria**; A «Santa do Sangue»; Médium famosa que em transe, realiza admiráveis intervenções cirúrgicas; Cheguei à meta! Eis o que vejo para além dela, **pelo Capitão Alfredo dos Santos**; Conte o seu caso... Como se tornou espirita; (Depoimento do **farmacêutico Bana Martins**); À Margem dos Livros, **por Ramos Pereira**; Crónica Estrangeira, **por Isidoro Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

ESTUDOS PSÍQUICOS

ASSINATURAS
Continente cada série de 6 n.os, não incluíndo despesas de cobrança . . . . . 20$00
Brasil . . . . . (12 n.os — 36 cruzeiros)
Colónias . . . . . (12 n.os — 50$00)
Número avulso . . . . . 3$50

Propriedade de ISIDORO DUARTE SANTOS, a quem deve ser dirigida toda a correspondência

OBRAS DE CIÊNCIAS PSÍQUICAS E FILOSOFIA NEO-ESPIRITUALISTA

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
O Principiante Espirita	7$00	
A Génese (parte cientifica do Espiritismo)	18$00	25$00
Obras Póstumas	18$00	25$00
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	5$00	
O Problema do Sêr e do Destino	18$00	25$00
Cristianismo e Espiritismo	18$00	25$00
Joana d'Arc Médium	18$00	25$00
GABRIEL DELANNE		
A Evolução Anímica	18$00	25$00
A Alma é Imortal	18$00	25$00
A Reencarnação	18$00	25$00
O Espiritismo Perante a Ciência	18$00	25$00
ERNESTO BOZZANO		
Animismo ou Espiritismo?	18$00	25$00
Metapsíquica Humana	12$00	
Pensamento e Vontade	10$00	
CAMILLE FLAMMARION		
As Casas mal Assombradas	18$00	25$00
Narrações do Infinito	10$00	
O Fim do Mundo	15$00	22$00
Stella (romance astronómico) . . .	18$00	25$00
Urânia » »	12$00	19$00
FRANCISCO C. XAVIER (Médium)		
Boa Nova (quadros evangélicos), ditado pelo *Espírito de Humberto de Campos*	12$00	19$00
Brasil, Pátria do Evangelho, história do Brasil, pelo *mesmo Espirito*	12$00	19$00
Cartilha da Natureza, poesias ditadas pelo *Espirito de Casimiro Cunha*	10$00	17$00
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	11$00	18$00
Emmanuel, reportório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*		12$00
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espirito de Emmanuel*	18$00	25$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	18$00	25$00
Lira Imortal, comunicações em verso	8$00	
Missionários da Luz, Mensagens do Espírito de *André Luiz*, destinadas apenas às pessoas cultas, de desenvolvimento intelectual	24$00	30$00
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por poetas luso-brasileiros)	30$00	37$00
Paulo e Estêvão (livro famoso considerado pelos eruditos como a mais completa biografia de S. Paulo)	28$00	35$00
Reportagens de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espirito de Humberto de Campos*	12$00	19$00
OBRAS DIVERSAS		
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo Gibier*	12$00	19$00
Arcanos da Natureza, por *Alexandre Dias*		8$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	13$00	20$00
Caso (O) Humberto de Campos . .	28$00	35$00
Chanceler (O) de Ferro, romance mediúnico ditado pelo Espírito do *Conde Rochester*	18$00	25$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta* . .	18$00	25$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista, (três romances num só), por *António Lima*	30$00	37$00
De Jesus para as crianças, comunicações do *Espírito de Bittencourt Sampaio*	10$00	17$00
De Icléa para as crianças, formosas comunicações destinadas à formação moral dos nossos filhos, livro único no género	18$00	
De Maria para suas filhas, comuni-		

(Continua na 3.ª pag. da capa)

• VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA •

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

7.º ANO — LISBOA, MARÇO DE 1946 — N.º 3

Director e Editor: Isidoro Duarte Santos | Redacção e Administração: Rua do Salitre, 149, 1.º | Administrador: Maria G. Duarte Santos

Composto e impresso na Tipografia SILVAS, Lda. - Rua de D. Pedro V, 120 LISBOA

VALIOSA PROPAGANDA

O homem põe e Deus dispõe, diz a sabedoria popular. E no ataque ao Espiritismo que «O Primeiro de Janeiro» permitiu nas suas colunas, através da prosa do Dr. Duarte Leite, esquivando-se à resposta do nosso colaborador Faure da Rosa, mais uma vez se demonstra a realidade do prolóquio. Assim, Deus permitiu que a nossa propaganda fosse activada pelos adversários da Doutrina.

A «Região de Leiria», num gesto de solidariedade que muito apreciámos, transcreveu no seu número de 14 de Fevereiro o nosso último artigo «Crítica Fácil» e o artigo do coronel Faure da Rosa «Em Defesa do Espiritismo». Foram oito colunas inteiras com a réplica ao articulista do «Janeiro», difundidas numa região onde aquele diário portuense tem muitos leitores. Alguns deles esfregaram as mãos de contentes em face do arrazoado do antigo embaixador de Portugal no Brasil. Mas, quando lessem a resposta do nosso colaborador, cheia de lógica e de verdade, deviam ter sentido baixar o termómetro do seu momentâneo entusiasmo, verificando que melhor fora o silêncio do diplomata do que a sua falação intempestiva.

Quando o escritor belga Pierre Goemaère pretendeu achincalhar o Espiritismo numa conferência no S. Luís, sem equilíbrio nem conhecimento de causa que o impusesse, logo a providência se encarregou de lhe proporcionar o troco com a célebre conferência do Condes, promovida e organizada por esta revista, o mesmo sucedendo quando as «Novidades» nos mimosearam, durante perto dum mês, com seus ataques furibundos. O jornal católico foi obrigado a publicar a nossa «Desafronta» na sua primeira página, lamentando-se de existir uma lei que permitisse aos atacados o direito de defesa...

Enfim, a melhor e mais oportuna propaganda feita ao Espiritismo é movimentada por indivíduos e sectores que não toleram a nossa presença. Mas assim tem de ser, porque o homem põe e Deus dispõe.

Todo o malefício tem a correcção devida, para que se não desequilibre o mundo moral que nos cerca e no qual mergulham as raizes do ser pensante.

Estamos, pois, agradecidos ao Dr. Duarte Leite pela propaganda que nos fez, só lamentando que se houvesse retirado da arena em condições de inferioridade, como as crianças que atiram pedras e fogem. Melhor seria que assumisse a responsabilidade do ataque e enfrentasse a réplica, ou, antes, a lição do coronel Faure da Rosa. Porque, a respeito do assunto, deve saber tanto como o escritor belga que, depois da conferência do S. Luís, se dirigiu àquele nosso colaborador demonstrando bons desejos de estudar com ele para «fazer uma conferência sobre Espiritismo»...

É preciso que surjam novos adversários e novos ataques, pois necessitamos de mais propaganda e os nossos meios são demasiado exíguos para os objectivos colimados. Valham-nos os Goemaère e os Duarte Leite. Doutro modo, não teríamos possibilidade de tão valiosa propaganda.

CIÊNCIA E FILOSOFIA

pelo Dr. A. Lobo Vilela

I

A actividade intelectual do homem, para exercer-se, exige certas condições fundamentais, que têm de ser postuladas, e obedece às leis lógicas e dialécticas do pensamento. Só muito tardiamente o homem pôde reflectir sobre os fundamentos do saber e os processos da sua aquisição, o que não impediu que os tivesse usado inconscientemente. É através da experiência que se elaboram os conceitos que servem de materiais ao pensamento. Conhecer uma coisa é distingui-la de todas as outras e, ao mesmo tempo, identificá-la com outras coisas, discernindo as suas analogias. Isso é possível porque não há dois fenómenos rigorosamente idênticos nem totalmente diferentes.

A atitude de um investigador moderno perante a natureza é análoga à de um pastor Caldeu que contempla os astros, à de um físico Jónio que admite a existência de um elemento primitivo, ou à de um alquimista que procura descobrir a pedra filosofal. A única diferença, aliás importantíssima, está no cabedal de experiências acumuladas, no aperfeiçoamento da técnica experimental e dos seus métodos, na fecundidade dos conceitos e das hipóteses, na consistência e amplitude das teorias. Mas todos procuram «adivinhar» as leis da natureza, reduzir o maior número possível de fenómenos a esquemas lógicos simples, dos quais possam deduzir-se e que permitam a previsão de novos factos.

Vejamos quais são os postulados das ciências experimentais.

1) *Princípio ontológico.*

Tôda a investigação experimental admite, implìcitamente, a existência de uma realidade independente do espírito, cujo conhecimento só pode ser indirecto. Chamamos ontológico a este princípio, porque ele postula a existência do ser como objecto do conhecimento.

Augusto Comte e os seus discípulos pretenderam banir a metafísica do campo científico, pondo de parte as tendências ontológicas e explicativas. Felizmente a sua tentativa fracassou porque tornava impossível a própria ciência. Admitindo mesmo que a ciência se reduzisse ao conhecimento das leis, ou essas leis eram apenas leis do espírito e, nesse caso, a experiência tornava-se inútil, ou então eram leis da natureza e, atribuindo-se-lhes conteúdo material, formulam-se juizos acêrca da natureza real das coisas, visto que se conhecem as relações entre essas coisas, embora elas nos sejam desconhecidas em si mesmas. Se quiséssemos abstrair do que pode haver por detraz dos fenómenos, a ciência limitar-se-ia a relacionar percepções: mas este puro fenomenismo não permitiria uma concepção coerente do mundo físico, por ser impossível comparar sensações sem as referir a uma realidade externa.

Efectivamente, «todos os grandes físicos acreditaram na realidade da imagem do mundo», como nota Planck. Nas ciências físicas, o termo «existência» tem um significado diferente do que tem nas matemáticas, observa H. Poincaré: «não significa ausência de contradição, mas existência objectiva». («Science et Méthode», p. 186).

O ontologismo da ciência difere, porém, do do senso comum, graças ao papel interpretativo das teorias científicas e aos seres que cria para explicar os fenómenos. Assim, por exemplo, a dilatação de um corpo pelo calor pode sugerir ao senso comum o aumento da substância do corpo, ao passo que, para o físico, resulta do afastamento das moléculas provocado pelo aumento da energia cinética do sistema. Os físicos modernos raciocinam com os «electrões», os «protões», os «neutrões», os «fotões» e o «éter físico», como os antigos raciocinavam com os «átomos», o «ca-

lórico» ou o «flogisto», atribuindo carácter objectivo a estes conceitos. Aliás, se temos a pretensão de que as leis dos fenómenos sejam verdadeiras, não podemos desinteressar-nos de considerações ontológicas sôbre a realidade. Foi o carácter ontológico atribuído ao flogisto que tanto dificultou o triunfo das ideias de Lavoisier, apoiadas em experiências bastante concludentes. Os seres hipotéticos da ciência têm até um carácter ontológico mais acentuado, pelo facto de serem independentes da sensação, sobressaindo assim a sua essencialidade.

Uma ciência puramente fenomenista, se fôsse possível, nunca teria a veleidade de criar coisas novas. Como poderia justificar-se o triunfo do sistema de Copérnico, que parecia em desacôrdo com a intuição sensível, se a ciência não procurasse ultrapassar o domínio das aparências?

A termodinâmica é o modelo de uma teoria matemática de fenómenos físicos, pois deduz de dois princípios abstractos (o de Mayer e o de Carnot-Clausius) todas as consequências matemáticas que comportam; no entanto, não é menos ontológica do que qualquer outro ramo da física, como faz notar Meyerson, na sua excelente obra «De l'explication dans les sciences» (págs. 35-38).

Esta tendência ontológica da ciência manifesta-se nìtidamente no carácter da explicação científica que procura descobrir, em última análise, a essência das coisas, a natureza íntima dos fenómenos. Para os físicos Jónios a água era considerada um elemento primitivo; Cavendisch, em 1781, conseguiu decompô-la, mas, de acôrdo com a teoria do flogisto, que então predominava, considerou-a constituída por «flogisto» e «ar desflogisticado»; Lavoisier estudou as propriedades dos gases que a formavam e as proporções em que se combinavam, permitindo traduzir na fórmula OH2 a sua composição molecular; mais tarde reconheceu-se que, em vez de uma combinação química, a água é uma solução cujo solvente, o «hidrol», é um polímero do composto OH2 e cujo solvido é formado por cristais de gêlo mais fortemente polimerizados do que o hidrol.

É interessante notar ainda que as teorias cinéticas, que representam os fenómenos sob esquemas mecânicos, são as mais adequadas à sua explicação.

Todos estes factos mostram bem que a crença na existência de uma realidade independente das sensações é fundamental no pensamento científico.

2) *Princípio do determinismo:*

A estrutura da realidade é rigorosamente determinada. Ou, por outras palavras: existe uma ordem natural que é universal e constante.

Este princípio é, evidentemente, uma condição fundamental da ciência, porque, se essa ordem não existisse nas próprias coisas, também não existiria nos fenómenos e então o mundo seria ininteligível; não seria possível estabelecer leis nem prever factos. Todavia, não é uma lei formal do pensamento, como nota Goblot, visto que noutros domínios se admite a existência do contingente e do livre arbírio; mas o que não pode haver é ciência do contingente, do acidental.

A natureza desdobra-se em tal multiplicidade e diversidade de fenómenos que seria eternamente ininteligível se entre esses fenómenos não existissem relações fixas de simultaneidade, de inerência ou de sucessão. As formas das sensações repetem-se com conteúdos diferentes, são sempre outras e sempre as mesmas. E assim somos conduzidos a reduzir a variedade à unidade, construindo conceitos, formulando hipóteses e enunciando leis que constituem esquemas gerais, tipos permanentes no incessante mudar e fluir dos fenómenos, guiados por um critério de analogia e confiados no determinismo.

A ordem natural é, sem dúvida, muito complexa pela multiplicidade e diversidade de acções e reacções que se produzem, mas nem todas as circunstâncias que envolvem um fenómeno, nem todas as condições que o determinam contribuem no mesmo grau para a sua produção, o que permite simplificar o trabalho de investigação científica abstraindo dos factores cuja influência é imperceptível. Analisando e comparando os fenómenos, interpretando-os, distingue-se o necessário do contingente, o essencial do acidental e formam-se séries ordenadas e independentes, numa primeira aproximação, porque se abstrai das suas influências recíprocas, embora se procure depois corrigir esses erros e formar sínteses mais amplas à custa de conceitos mais fecundos.

Quanto menor for o número de condições que influem nìtidamente na produção dos fenómenos, tanto mais fácil será a des-

coberta das suas leis e mais simples será a sua expressão. É assim que as fórmulas da mecânica relativista são mais complicadas que as da mecânica de Galileu.

Se não vivessemos num universo em que a massa dos planetas é insignificante em relação à do sol e em que as suas órbitas ficam muitíssimo afastadas, talvez nunca tivessem sido formuladas as leis de Kepler, porque as perturbações provocadas nas órbitas dos planetas não permitiriam reduzir estas ao esquema simples de uma elipse. Mas nem por isso o movimento dos astros deixaria de obedecer à sua legalidade própria; sòmente as órbitas seriam tão complicadas que se tornaria impossível descobrir a forma ideal de uma cónica nas trajectórias deformadas pela proximidade ou pela grandeza de outros astros.

As leis da queda dos corpos à superfície da Terra e as do movimento dos planetas em tôrno do Sol, formuladas por Galileu e Kepler, e que pareciam referir-se a tipos distintos e irredutíveis de fenómenos, foram, no entanto, abrangidas pela lei da gravitação universal de Newton.

As circunstâncias em que se produz um fenómeno não se repetem e nenhum fenómeno recomeça; mas o que importa é que circunstâncias análogas produzam fenómenos análogos. As relações de dependência dos fenómenos simplificam-se também admitindo-se que eles sofrem pequenas variações quando variam pouco as circunstâncias em que se produzem. Mas há ainda outros factores que contribuem para simplificar o trabalho de racionalização do real, como sejam as limitações dos sentidos, a imperfeição dos instrumentos que utilizamos e até a curta duração da nossa vida. As profundas reflexões que conduziram às modernas teorias da relatividade permitiram compreender que há factores que aparentemente não influem na produção dos fenómenos, porque nos afectam, ou aos nossos instrumentos de medida, no mesmo grau.

O enunciado de uma lei atribui carácter universal a uma relação verificada em alguns dos inúmeros casos possíveis e, portanto, implica um processo mental que realize essa transposição e um princípio que lhe sirva de fundamento. O processo é a indução; o princípio é o determinismo. A escola escocesa teve o mérito de reconhecer que o princípio da indução se refere à própria constituição das coisas e não à estrutura lógica do pensamento. É porque acreditamos na ordem natural que partimos do conhecimento dos factos para o enunciado das leis. Implicitamente, admite-se a homogeneidade do espaço e a do tempo. Assim, as leis resumem a experiência realizada e prevêem a experiência futura; o seu valor prático consiste na economia de pensamento e na previsão que permitem.

A própria vida humana e a dos animais (se os não reduzirmos a puros mecanismos como Descartes) exige que o curso dos fenómenos seja regular, para ser possível prever acontecimentos de vital importância. Muitas dessas induções elementares foram, porém, automatizadas pela imitação e pelo hábito.

Certamente as leis científicas são apenas aproximadas e isso ainda mais contribui para revelar o carácter objectivo da ordem natural. Se nos limitássemos a construir uma representação racional do mundo a partir da experiência, podíamos abstrair da legalidade natural e reportarmo-nos às sensações que procurávamos interpretar; mas essa abstracção torna-se insubsistente desde que reconhecemos a necessidade de proceder à verificação experimental das hipóteses que elaborámos e das deduções que fazemos a partir delas.

(Continua)

CÂNTICOS

Quem sou?

por Ramos Pereira

Antes do que sou hoje, já eu era...
Como? quando? o quê? Não sei.
Só sei que existi, antes de mim,
que vibrei em outros corpos,
que fui algo em outras vidas.
E sei também (oh! se sei...)
que, depois de mim, 'inda hei-de existir
e que, então, talvez, desvende o que já fui,
o que não sou agora, nem serei jamais.

E, enquanto espero que os panos se descerrem,
procuro conhecer-me naquilo que sou hoje!

CEGOS...

por Maria Veleda

«CEGO é quem não quer ver», proclama um velho rifão.

Infelizmente, os maiores males de que enferma a triste humanidade, provêem dessa horrível cegueira do espírito, que se deixa alucinar por enganadoras miragens e arrastar para fundos abismos.

Por mais nobre que seja uma ideia, por mais alta que se mostre uma finalidade, desde que os cegos do entendimento lhes desvirtuem as verdadeiras proporções, cai-se inevitàvelmente no êrro; é-se fatalmente arrebatado pela mentira.

Dessa cegueira, tão mísera e tão vulgar, — seja em política como em religião; em sistemas filosóficos, como nas amizades e até no seio da própria família — derivam calamidades que poderiam evitar-se, se cada qual procurasse ver a realidade, pondo de parte o perigosíssimo mito do fanatismo.

É *fanático* o político que *apenas* conhece as virtudes dos respectivos chefes; é *fanático* o crente que não olha senão as perfeições da sua seita; é *fanático* todo aquele que subordina todos os princípios a um só princípio considerando-o como sendo o único infalível; é *fanático* quem consente que as paixões o subjuguem e lhe apouquem a razão.

Há fanáticos, (verdadeiros cegos) em todas as religiões; — e são os que as comprometem e diminuem, arrastando-as (quanta vez!) ao pélago da irrisão!...

Todo o *fanático* desconhece a sua inferioridade; cria ídolos com pés de barro; prostra-se em adoração ante as ilusões que o seu desvario arquitectou.

E, quando alguém pretende desviá-lo do precipício que o atrai, o *fanático* afirma, convencidíssimo, que o não é; que está dentro da verdade — uma verdade aliás meramente imaginária, travestida de jogral e agitando guisos, ao cintilar dos baratos ouropeis...

«Eu não sou *fanático!*», asseveram alguns que vejo dominados pelos mais absurdos e incongruentes fanatismos.

É que poucos — muito poucos — olham para dentro de si mesmos... «Cego é quem não quer ver...»

Tenho conhecido na minha longa jornada por êste mundo de expiação, tantos casos inéditos de fanatismo, em todas as suas múltiplas ramificações, que, a pretender referi-los, não caberiam nas dimensões de um só, ainda que esticado artigo.

Vou, entretanto, relatar um deles, por ser dos mais curiosos e mais recentes que conheço.

Foi o caso ocorrido entre protestantes e espiritas. Certa senhora, espiritista militante, tomou conhecimento de um livro de poemas publicado por um autor protestante. Uma segunda senhora, também protestante, aliás de bastante merecimento, procurou informar-se acerca da opinião que a outra teria formado sôbre o indigitado livro, — opinião esta que não pôde ser mais amável nem mais sincera do que foi. Devo fazer notar que a dama espirita (de resto já idosa...) e o Poeta não se conhecem, nunca se escreveram, nem jamais se avistaram. Ora, sucedeu que sobreveio um desvio para a realização do casamento dêste com uma donzela filiada na mesma religião — rompimento que ela própria provocou. Pois, contando estas ocorrências a senhora que solicitou o parecer da nossa irmã em crenças a uma terceira dama que passa por ser pessoa avisada e culta, esta atribuiu imediatamente o fracasso amoroso sofrido pelo enamorado rapaz, a influências maléficas, possìvelmente, *demoniacas*, da dama espirita, «porque (palavras suas) os espiritistas são sempre portadores de discórdia e de desgraça...»

Estou absolutamente convencida de que nenhum pastor protestante, inteligente e consciencioso, perfilharia tão obtuso e tão estreito critério. Mas a pobre senhora, fanatizada até ao máximo, não hesitou ante a injustiça, a loucura e o supremo ridículo de tal asserção!

O fanatismo resulta em grande cópia de um proselitismo mal orientado, da ignorancia e da míngua de escrúpulos por parte de *certos interessados* em fazer espalhar *certas* doutrinas.

Há fanáticos em *todos* os campos, sem exceptuar o espirita; onde estiver um *apaixonado*, encontra-se fatalmente um *fanático*.

Esclarecer as consciências, libertá-las da hórrida treva do fanatismo — é dever que se impõe a quem, como nós, erga bem alto o branco estandarte de *Luz e Amor*.

AFRICANISMO E ESPIRITISMO

por Deolindo Amorim

(Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» no Rio de Janeiro)

DEOLINDO AMORIM

É com grande satisfação que inserimos hoje o primeiro trabalho do nosso redactor-correspondente no Rio de Janeiro, espírito de fina têmpera, cuja acção permanente se desdobra em surtos admiráveis, colimando o prestígio da Doutrina.

A sua profissão de fé proclamou-a ele na Academia Brasileira de Filosofia, de que é membro conceituado. O seu dinamismo afirmou-o e afirma-o como Secretário Geral da Liga Espírita do Brasil e director responsável do órgão oficial desta acatada agremiação, a Revista Espirita do Brasil, *que já vai no décimo sétimo ano de existência. O seu talento de vulgarizador e defensor da codificação kardeciana tem-no exteriorizado proficuamente no grande semanário* Mundo Espirita, *de que é secretário e colaborador efectivo.*

Enfim, Deolindo Amorim vem trabalhar conosco, dar-nos o incentivo da sua camaradagem, o alento da sua fé e o calor do seu entusiasmo ardente, onde palpita o desejo inabalável de persuadir pelo raciocínio, pelo argumento lógico, ao sabor de estilo fácil, escorreito, que se lê sem fadiga e assimila sem esforço. Nesta revista, ele será o lídimo representante do Espiritismo brasileiro, a que nos ligam fortes laços de simpatia. Seja benvindo, pois, o esforçado lutador.

TEM-SE procurado, aliás sem razão plausivel, confundir o *Espiritismo* com velhas práticas afro-católicas, enraizadas no Brasil desde o período colonial. Argumenta-se, em defesa de tal suposição, que nas práticas do culto africano se verificam manifestações de espíritos, o que, no entender de muitas pessoas, é suficiente para dar cunho *espirita* a essas práticas. O raciocínio é mais ou menos este: *onde há manifestações de espírito, há espiritismo; logo, as práticas feiticistas são também práticas espiritas, porque nelas se faz invocação de espíritos.*

Eis aí uma preliminar discutivel. Em primeiro lugar, o que caracteriza o acto *espirita* não é exclusivamente o fenómeno; em segundo lugar, o *Espiritismo* (corpo de doutrina organizado por Allan Kardec) surgiu no mundo em 1857, e quando suas obras chegaram ao Brasil, já existia o *Africanismo* generalizado, principalmente na Bahia.

Històricamente, como se vê, não é possivel estabelecer qualquer termo de comparação, porquanto o *Africanismo* data de época muito recuada, ao passo que a doutrina espirita é do século passado, Se, de facto, o fenómeno fosse o único elemento capaz de identificar a prática *espirita*, teríamos de chegar à conclusão de que *Espiritismo* e *Catolicismo* terminam sendo, no fundo, a mesma coisa, porque se registam fenómenos no seio de corporações católicas. Neste caso, não haveria distinção entre *Catolicismo, Espiritismo, Africanismo*, etc., uma vez que a mediunidade é comum a qualquer indivíduo, podendo ser espontaneamente observada nos ambientes católicos, espiritas e maometanos.

Não são poucos os padres, bispos e pastores com mediunidade positiva. Não é, portanto, pela natural ocorrência de fenómenos que se pode firmar critério para determinar o que seja realmente *Espiritismo*.

Um materialista, ainda que dos mais ortodoxos, está sujeito a ser médium, embora

continui, por sistema, a negar a existência da alma. Então, devemos concluir: o fenómeno por si só não justifica a opinião, hoje defendida por muita gente, de que haja entre o *Espiritismo* e o *Africanismo* qualquer traço fundamental de afinidade.

Conquanto as religiões feiticistas, transplantadas para o Brasil com o tráfico africano, se utilizem de médiuns (há médiuns em toda a parte e não apenas no meio espirita) e façam evocações de espíritos nos seus terreiros e cerimónias, com o desejo de praticar o bem ou «prestar caridade», segundo expressão popular no Brasil, não se encontra, entre aquelas religiões e o *Espiritismo* um carácter comum, um motivo geral de semelhança.

De comum, apenas a manifestação, o transe mediúnico, a evocação, sob forma absolutamente diferente da prática *espirita*. Ora, não sendo a manifestação de espíritos um acto privativo do *Espiritismo*, porque os espíritos se manifestam em qualquer lugar, desde que disponham de médiuns, está claro que, em boa lógica, não deve ter a designação específica de prática *espirita* qualquer experiência mediúnica, feita a esmo, empìricamente, sem a menor ligação com o *Espiritismo*, cujos ensinos formam uma doutrina filosófica de «consequências religiosas», como bem disse o seu codificador — Allan Kardec.

O mediunismo faz parte do *Espiritismo;* mas é preciso frisar que o mediunismo não é *Espiritismo*. Que há mediunismo no culto africano, não se discute. Mas este motivo ainda não basta. Daí poder-se apresentar a tese de que, embora se baseiem na imortalidade e sobrevivência da alma e exercitem o mediunismo, as práticas do *Africanismo*, apesar de espiritualistas, não constituem modalidade do *Espirtismo*.

* * *

Toda religião tem suas características próprias, seu aspecto exterior, suas fórmulas especiais. E a faculdade mediúnica, que tanto pode encontrar-se no *Espiritismo*, como no *Catolicismo* ou no *Africanismo*, não é síntese de religião alguma: é, sim, um elemento que atende as solicitações da religião e da ciência, conforme o caso.

O *Africanismo* tem ritual organizado, de acordo com suas tradições seculares, fundadas na crença em divindades peculiares ao seu culto, enquanto o *Espiritismo* não adopta ritual de espécie alguma, não tem forma de culto, nem adora divindades. É uma doutrina de base científica, propensa ao método experimental, e de cogitações filosóficas muito elevadas, porque trata do destino da alma humana, preparando o homem para a prática do Bem, única estrada que conduz a DEUS.

Nas sessões de *terreiro*, nos *exorcismos*, como em todos os actos religiosos, grosseiros ou não, há sempre matéria para estudo, principalmente na parte em que a fé ou a crendice popular possam fornecer elementos para pesquisas de *folclore*, etnografia, etc. Mas o que se não deve confundir é sessão *espirita*, isto é, sessão organizada sob a orientação da doutrina espirita, com toda sessão de puro mediunismo, sem outro objectivo que não seja a curiosidade ou satisfação de pessoas fascinadas pelo sobrenatural. Pretender que toda sessão onde se registrem fenómenos seja sessão *espirita*, equivale a supor que o *Espiritismo* — doutrina vastíssima, sobre a qual não se disse ainda a «última palavra» — seja exclusivamente evocação de espíritos. Partindo deste ponto de vista, é que muita gente sustenta que o *Africanismo* — simplesmente por ter uma parte mediúnica — é uma forma de *Espiritismo*, em estado grosseiro. São distintos, essencialmente distintos.

Antes da codificação da doutrina espirita, ou, seja, antes de 1857, ano em que apareceu, em Paris, a primeira obra espirita de Allan Kardec — o *Livro dos Espíritos* —, contendo a parte filosófica do *Espiritismo*, já se haviam radicado no Brasil as crenças de origem africana. O comércio de escravos, isto é, o tráfico, de tão triste memória nos anais de nossa civilização, terminou precisamente na metade do século passado. Mas a transmissão da influência africana começara desde os primeiros anos da formação do Brasil. Afirma um dos nossos mais festejados historiadores que *«os primeiros pretos chegaram ao Brasil entre 1530 e 1540. Foram buscá-los à África, onde os aprisionavam ou compravam aos diferentes chefes de tribus, capitães de barcos «negreiros», cujo torvo comércio só terminou em 1850»*. (Pedro Calmon — «História da Bahia» — 1927 — pág. 34).

* * *

Muito deve o Brasil ao braço africano, cujo suor, com sacrifício e dedicação, regou os alicerces da prosperidade económica do país. O africano trouxe para o Brasil os elementos de sua cultura, já muito velha àquele

tempo. Deu-se logo a mesclagem cultural, mais esclarecida, actualmente, pelas investigações da Sociologia. Com o tempo, porém, o culto africano começou a desfigurar-se, perdendo as suas linhas originais, em consequência da gradativa e inevitável influência do Catolicismo, espalhado pela catequese jesuítica. Fundiram-se, pois, três crenças, porque se agruparam três tipos diferentes na formação do Brasil: europeu, africano e aborígene. Entre os filhos da terra, os aborígenes, não havia uniformidade de usos e costumes, o que não deixa de reflectir na forma de culto.

As diferenças psicológicas e linguísticas observadas entre as principais nações ou divisões dos aborígenes, — *Tupy, Tapuya* e *Nu-Aruak* — devem entrar no acervo cultural dos primitivos habitantes do país.

O africano, por sua vez, não trouxe unidade cultural. Os dois grupos que, segundo o professor Artur Ramos, preponderam na influência do elemento negro são os *sudanezes* e os *bantus*. E estes apresentavam, quando chegaram ao Brasil, diferenças consideraveis. As procedências sudaneza e bantu foram apuradas depois de rigorosos estudos, tendo tratado do assunto, com especial desvelo, além dos naturalistas Spix e Martius, citados pelo douto professor Artur Ramos, o historiador baiano Braz do Amaral, em «*Factos da Vida do Brasil*». No Brasil, portanto, para usar uma expressão moderna, o «caldo de cultura» é muito heterogéneo. Nele entraram contribuições diversas, determinando a impossibilidade de se manter, com sua feição original, qualquer das religiões implantadas no país.

Afirma, a propósito, o Professor Artur Ramos, considerado actualmente uma das maiores autoridades na matéria, que não existe religião em estado puro (*«O Negro Brasileiro»*, edição de 1934). A bibliografia deste acatado etnólogo brasileiro vem aumentando muito, nestes últimos anos.

O *Africanismo* perdeu, há longo tempo, no Brasil, os seus traços primitivos. Formou-se no país uma cultura de fusão, disto resultando o sincretismo religioso: um pouco de *Catolicismo,* um pouco de *Africanismo* e um pouco de *Espiritismo* deturpado pelo misticismo popular.

A propensão religiosa do povo muito concorreu para o amálgama das práticas espiritas com o ritualismo afro-católico. Nos *candomblés da Bahia,* como nas *macumbas* do Rio, por exemplo, não há mais *Africanismo* puro, e, sim, «mistura» de elementos tomados ao *Catolicismo* e ao *Espiritismo*. Mas é indispensável acentuar que o *Espiritismo* (nome privativo da escola de Allan Kardec) encontrou no Brasil um ambiente propício ao sincretismo religioso, porque já existiam no país, muito antes do século passado, os factores da fusão cultural a que nos referimos. O facto de o culto afro-católico haver tentado absorver o *Espiritismo* não significa, todavia, que haja relação entre a prática *espirita* e as cerimónias peculiares às religiões feiticistas, muito diluidas, presentemente, nos fundamentos de sua organização original.

Até agora, o que foi estudado, neste terreno, se refere ao «animismo feiticista», ao mediunismo pròpriamente dito. Nas macumbas, nos *terreiros,* nas cerimónias de *Oxalá, Ogun,* etc., registrou-se simplesmente o animismo, o fenómeno psíquico, sem que as pesquisas induzam a concluir que as práticas africanas, de que deriva a linha de «Umbanda», sejam *Espiritismo* grosseiro. Espiritismo é Espiritismo, como Africanismo e Africanismo. São assuntos diferentes.

O animismo é capítulo do *Espiritismo;* e, pelo facto de se ter verificado a existência do fenómeno de animismo nos *terreiros,* não se infere que o *Africanismo* possa identificar-se com o *Espiritismo.*

Futuramente, através das pesquisas sociológicas e folclóricas, já muito adiantadas no Brasil, cairá a dúvida por si mesma, ficando cada assunto em seu lugar: o *Africanismo* será estudado à luz de seus elementos de cultura, muito mesclados, actualmente; e o Espiritismo será estudado como Ciência, em face de seus princípios próprios, na seara filosófica em que se situa a sua doutrina.

Os estudos de africanologia, no Brasil, são relativamente novos. Graça ao grande esforço do Professor Artur Ramos, que não tem feito trabalho exclusivamente de compilação, mas, pelo contrário, tem procurado tomar contacto com as fontes originais, já se conhece muita coisa em matéria de africanologia. Até então, pouco havia de profundo neste sentido. O ilustre cientista, a quem o Brasil já deve tão assinalados serviços, além de uma criteriosa e nobre campanha contra o absurdo preconceito da inferioridade do elemento negro, estudou o fenómeno psíquico, o mediunismo, o transe mediúnico, aspectos comuns ao *Espiritismo* e ao *Africanismo;* mas a doutrina espirita vai além desses pontos de orientação. O Espiritismo comporta estudo à parte.

O campo ainda está pouco explorado. Quem iniciou pesquisas científicas no terreno

CIGARRAS E FORMIGAS

pelo Coronel Faure da Rosa

II

O canto da cigarra

ENTRE as cigarras, como geralmente acontece nos seres alados cantores, é ao macho que pertence o canto. Debaixo do peito da cigarra-macho, imediatamente detrás das patas posteriores, existem duas amplas placas semi-circulares, a da direita por cima da esquerda, quase sobreposta: são os opérculos do aparelho ruidoso. Os opérculos são imóveis. É o próprio abdómen que elevando-se e abaixando-se faz vibrar o aparelho produtor do som, os címbalos, que são semelhantes aos pratos usados pelas bandas de música.

Se o tempo está calmo e quente, próximo do meio-dia, o canto da cigarra subdivide-se em estrofes de duração de alguns segundos, intervaladas por curtos silêncios. A estrofe começa bruscamente. Por uma ascensão rápida, o abdómen oscilante de mais em mais, a estrofe adquire o máximo de intensidade; mantém-se assim alguns segundos, depois enfraquece gradualmente e degenera num frémito que decresce à medida que o ventre volta ao repouso. Com as últimas pulsações abdominais sobrevém o silêncio de duração variável consoante o estado da atmosfera. Depois, de súbito, nova estrofe, repetição monótona da primeira e assim indefinidamente.

O concerto da cigarra começa cêrca das 7 ou 8 horas da manhã e termina por volta das oito horas da tarde, à luz crepuscular. Mas se o céu estiver coberto, se o vento se tornar frio, a cigarra cala-se.

Uma pergunta nos ocorre: para que servirá a interminável cantilena da cigarra? Será, como em outros seres alados, um apelo de enamorado? Parece que não, porque a impassibilidade da cigarra fêmea denota a mais completa indiferença. Depois, a cigarra tem boa vista, mas não tem bom ouvido. O que se afigura mais provável, é que a cigarra cante para testemunhar a alegria de viver, a universal alegria que cada espécie animal celebra a seu modo; porque... o sentimento íntimo do animal, é um mistério insondável como muitos outros que não alcançamos nem compreendemos, tanto dos infinitamente pequenos como dos infinitamente grandes.

Os insectos alados entendem-se por uma espécie de telepatia

Lauwrence Horle, célebre entomologista dos Estados Unidos, com as suas observações minuciosas, demonstrou que as falenas — borboletas noturnas — o bômbice — bicho de seda — e outros insectos alados, se chamam uns aos outros a grandes distâncias sem auxílio de sons ou de cheiros. Horle atribui o processo de comunicação destes bichos à troca de ondas hertzianas (e neste caso já elas existiriam muito antes do homem as ter descoberto), apropriadas à natureza destes seres minúsculos. Horle compara os movimentos das antenas destes insectos com o movimento dos postos de propagação e de emissão da telegrafia sem fios. Nestes animais, as ondas emitidas são excessivamente exíguas, sem dúvida, e de observação difícil, mas não o são mais que certos raios conhecidos.

Fabre já tinha notado que quando a borboleta do bicho de seda quer juntar-se à sua companheira — separado dela por grande distância — começa por mover as antenas em todas as direcções; depois, de repente, voa para um ponto determinado e chega em linha recta a encontrar aquela que ele procura e que ela já espera. Não haverá uma íntima analogia entre estas manifestações e o fenómeno da telepatia, ou comunicação a distância dos seres humanos?

A natureza inteira é uma imensa vibração de que participam todos os seus elementos. A radio-actividade dos corpos físicos é um facto estabelecido pela

---

da africanologia, no Brasil, foi Nina Rodrigues, glória de que o Brasil pode ufanar-se. Começou o saudoso mestre na Bahia, onde regia a cátedra de Medicina Legal. Natural do Maranhão, mas educado na Bahia, Nina Rodrigues encontrou, ali, elementos valiosos para os seus notáveis trabalhos. Seu infatigável continuador, Artur Ramos, trouxe contribuições novas. E o assunto, como se vê, não está esgotado. Caminhamos para a elucidação de um ponto importante: *Africanismo* não é *Espiritismo*.

Como é nossa intenção voltar à questão por intermédio de *Estudos Psíquicos*, encerramos, aqui, as nossas considerações iniciais.

Rio de Janeiro, Dezembro de 1945.

ciência; essa propriedade encontra-se em todos os seres, desde o insecto ao homem. Toda a gente vê as radiações do pirilampo; por isso ninguém as põe em dúvida.

Peixes eléctricos, formigas e outros insectos

Sabe-se que certos peixes como o gimnoto eléctrico (enguia que vive na água doce) e a tremelga emitem correntes eléctricas; do visível ao invisível, a única diferença é o comprimento de onda.

São curiosos estes peixes: o *gimnoto eléctrico* é uma enguia grande que vive na água doce, na América do Sul. Chega a atingir 2 metros de comprimento e possui dois aparelhos eléctricos colocados perto da cauda. As descargas produ-las o gimnoto quando quer e são suficientemente fortes para matarem os peixes de que se alimenta, mas não bastam para matar um homem. A *tremelga* é um peixe achatado, de configuração aproximada da *raia;* tem na base da cabeça um aparelho eléctrico, cujas descargas matam outros peixes e paralisam a mão que pretenda agarrá-los. Existem no Atlântico, no Mediterrâneo e no Índico.

Maurício Maeterlinck no livro «A Vida das Formigas» afirma que, até hoje, estão descritas seis mil espécies de formigas, cada uma das espécies com os seus costumes e os seus caracteres particulares.

As formigas e as térmitas são insectos sociais por excelência. As abelhas, ao contrário do que se julga, só excepcionalmente são sociais. Das dez mil espécies de abelhas conhecidas, só quinhentas vivem em sociedade, ao passo que não se encontra uma única térmita ou uma única formiga solitária.

Alguns entomologistas e designadamente Wheeler, descobriram vestígios de evolução de espécie para espécie. As formigas, impelidas por diversas circunstâncias, teriam passado da vida terrícola — que era a sua vida primitiva — à vida arboricida; e do regime entomófago (que se nutre de insectos), em que se davam ao saque e se alimentavam com a carne de outros insectos, ao regime fongícola, quer dizer, agrícola e vegetariano. A ser assim, como parece, esta evolução da formiga assemelhar-se-ia singularmente à do homem, sucessivamente caçador, pastor, agricultor. Igualmente aí se encontrariam os três estádios da história humana, reconhecidos por Augusto Comte: a conquista, a defesa, a indústria.

A população do formigueiro compõe-se de rainhas ou fêmeas fecundadas — que vivem uns dez anos — de inumeráveis legiões de obreiros, sem sexo, que, de mais resistência que as abelhas, vivem três ou quatro anos; e de algumas centenas de machos que desaparecem no fim de cinco ou seis semanas, porque no mundo dos insectos o macho é quase sempre sacrificado depois de exercida a função máscula. Este acesso de canibalismo, que sucede ao dos amores, encontramo-la no Louva-a-Deus, cuja fêmea devora o companheiro durante o próprio acto nupcial; no escorpião de Languedvec e na carocha dourada, embora nestes dois últimos a brutalidade seja muitíssimo menor, porque as fêmeas só comem os companheiros, depois de mortos. Da mesma maneira se comportam duas espécies de gafanhotos: as fêmeas comem os machos.

Há ainda uma outra espécie de gafanhotos — o efipígero — cuja fêmea fura, à dentada, o ventre do companheiro e em seguida o come até saciar o apetite. Até a bonacheirona grila se irrita bruscamente: bate naquele que, pouco antes lhe fizera serenatas apaixonadas; quebra-lhe as asas; inutiliza-lhe o órgão do canto e chega até a engulir uns pedaços de carne daquele que fôra seu marido...

E Fabre pergunta: Porque motivo têm os insectos estes atrozes costumes?

Mistério insondável da Natureza...

A conversão de Richet

Um dia, Charles Richet ofereceu a Ernesto Bozzano o seu livro «Au Secours», acompanhado da seguinte dedicatória: «Ao meu sábio e valente amigo E. Bozzano, com tôda a simpatia». Êste facto levou o Professor italiano a crer na conversão ao Espiritismo do grande fisiologista e a fazer-lho sentir com alegria. Eis a resposta de Richet, dada a conhecer por Bozzano:

Meu caro e eminente colega e amigo:

Estou inteiramente de acôrdo consigo. Não creio nas explicações simplistas, segundo as quais os incidentes e percalços da nossa vida são devidos ao acaso. Isso é improvável.

Existe uma fatalidade, isto é, uma fôrça que por estranhos e sinuosos caminhos nos guia por onde lhe apraz. É por isso que no curso da existência sucedem tão notáveis coincidências, que seria difícil não ver nelas uma espécie de intenção (De quê? De quem?).

Digo-lhe, mui confidencialmente e com sinceridade: reconheço a verdade daquilo que eu tomava por suposição.

O que nem Myers, nem Hodgson, nem Oliver Lodge conseguiram realizar, obteve-o você com suas magistrais monografias, que leio sempre com religiosa atenção. Elas oferecem estranho contraste com as teorias obscuras que enchem a nossa ciência.

Queira aceitar os meus sentimentos de simpatia e reconhecimento.

CHARLES RICHET

Filosofia da Natureza. — Patologia e Higiene da Alma

III — A humanidade, no seu materialismo actual

pelo Prof. Dr. Baptista Ramires

ESTAMOS longe de saber por quanto tempo ainda durará o estado de indecisão em que as principais nações se encontram, — aquelas que na guerra entraram. Liquidado tudo, quando sólida esperança de duradoura paz se estender a todo o mundo, há que corrigir, ou pelo menos atenuar, os desequilíbrios que da guerra vieram, e para isso indispensável é a ordem, em tudo indispensável — a começar nesse campo de fundamental actividade que é a Indústria — e a ordem só vem da fé, que orientação de espírito superior saiba em todos criar, num justo entendimento no trabalho, entre aqueles que mandam e pagam, e aqueles que servem e obedecem. Aí, novo estado moral é necessário, dominando serena obediência nuns, regulada tolerância noutros, espírito de justiça em todos.

Quando a isso se chegar, uma época nova, feliz, virá para o mundo.

Disso, adiante se tratará. Agora, as linhas que, neste mês de Novembro vou aqui lançar, serão enviadas à direcção desta Revista para sua publicação no próximo ano, — tarde será, talvez só em Março, porque outros escritos, já concluidos, irão primeiro. Então, na data em que este saia, será verdadeira, definitivamente segura, a paz que cá no Ocidente festivamente se anunciou? Só Deus o sabe!

A esta hora, pesada névoa se estende ainda a uma parte do mundo. Nesses campos de batalha, que foram o assombro da humanidade, já terminou a luta das armas; mas, outra luta ficou de graves preocupações, nos espíritos daqueles, que de longe aquela dirigiram. Esta continua ainda, — e assim é que, a nossos olhos, uma bandeira ao longe, muito longe, se divisa, mas através da névoa não se distingue bem a cor, a muitos parecendo vermelha.

Mais perto, outra bandeira há, de cor ainda mais indecisa, ficando a dúvida — pois a névoa é espessa — sobre a cor que em verdade será, — a cor ou o tom, pálido ou carregado, ainda se não sabe que ela virá a ter.

Ainda mais perto, bem à nossa vista, outra bandeira flutua — nessa bem visível a cor verde, que a todos sempre sorri — esperando quem a vê que não lhe chegue tormenta como aquela que de longe viram, — dela apenas sentindo materiais efeitos que lhe dificultam a vida. Mal porém seria, para todos, se nesses espíritos indecisos, em que a outra luta continua, em lugar da bandeira branca da paz, outra de cor rubra lá se erguer.

Então, com aquilo que, de diabólico, do engenho humano não há muito saiu, e com o que, a inutilizá-lo, do engenho semelhante possa sair, então, — pior hecatombe — certo seria o fim do mundo.

Continuemos porém mantendo sereno o espírito, — para ele alívio nesse bálsamo que se chama Esperança, que de cima nos vem, ligado ela à Fé e Caridade, — nessa Trindade divina em que nasceu a Igreja, e que é hoje sólida base em que assenta todo o espiritualismo cristão, — doutrina cujo alcance longe tem projectado esta e outras importantes revistas, bem merecendo elas que sua leitura progressivamente se vá alargando, — e assim vai sendo, acordando almas que, do despertar, alento virá para cada um cumprir seus deveres. Bem necessário isso é nestes tempos que vão correndo, tempos de ambição e artifícios — corpo e espírito sempre fora da Natureza — no estado febril em que nas artérias das grandes cidades circula a vida. Aí, na multidão que passa baixam os sentidos, — aproximam-se os corpos e afastam-se as almas, mais elas se afastando, na avidez do que cada um para si deseja. Essencialmente isso veio como consequência certa do urbanismo, desse alargamento que não pára e nele atingindo a multidão números fantásticos — como Londres, Nova-York, Tóquio e

outras — urbanismo que é hoje um mal necessário, na civilização actual.

Nas classes burguesas, esse afastamento das almas, até onde se lançam os olhos ele se denuncia. No homem, para cima vai principalmente o olhar, — apreço e respeito nuns, desapreço maior ou menor, quando não é revolta, noutros, e avidez em quase todos. Para seus iguais, que estejam fora da amizade, menos olha o homem, — a não ser que alguém a situação de destaque chegue, e então outro sentir vem, — é o mesmo que olhar para cima; para baixo, raro ele olha, — quando, em justa união das almas, é para lá que mais ele devia olhar.

Na mulher, outra feição moral há. Quando ela já vai no verão da vida, e que é mãe, quase sempre na sua alma entra a piedade, e para baixo olha. Na sua juventude, nem sempre isso se dá — nem para baixo, nem para cima — seu olhar naturalmente se dirige para aqueles do outro sexo que, por sua figura ou maneiras, lhe atraiem a atenção, — e não poucas, em olhar também atento, para os lados reparam — é próprio do sexo e idade — em tudo que outras mulheres em luxo ou elegâncias se destaquem.

Nessas classes burguesas, vivendo sempre do aparato — cada um pensando em si, nada ou muito pouco nos outros — só há verdadeira união quando amizade a desperte, — que, fora dela, só pode vir união, mas frágil é ela, de interesse material, ou desse prazer fugaz dos sentidos, que também nem sempre duradouro é.

Nas classes humildes, há alguma coisa mais, que se vê, reparando com atenção: há o o que dá a luta da vida, que uns dos outros aproxima, frequentemente entre si repartindo o pão que duro trabalho deu. Isso entre nós não é raro, — restos da velha alma portuguesa, que a abastança ainda não adulterou.

Esta sumária psicanálise, assaz banal, se faz aqui no intento de despertar a consciência de quem, nas classes burguesas isto ler, pois nelas está a gente instruida, na qual ao desenvolvimento da inteligência ordinàriamente corresponde a decadência do espírito.

Para esse afastamento das almas, as do mesmo sangue, outra influência concorre, — a emigração, que na sua corrida para as cidades, abandonando os campos ou a pátria, nem sempre daí benefício vem, como tantos julgam. Atingiu ela em Portugal uma cifra elevada, no norte e parece que bastante também nos Açores, — mais ainda na Itália, nas províncias de Piemonte e Lombardia.

Nem sempre a emigração corresponde a uma verdadeira necessidade de luta pela vida; muitas vezes vem de certo psiquismo, variável com a raça. Na Inglaterra, é o espírito de liberdade e indenpendência do povo britânico, procurando conquistar melhor vida. Nos povos meridionais, vem ela principalmente — não é só a necessidade — de um espírito irrequieto, imaginação inflamada, ávida de ver coisas novas, que a tantos arrasta para longe da pátria e do lar. Imaginação que a não poucos ilude, pois pelo lado do resultado que a emigração terá dado a Portugal, certo é que se ela dantes proveito nos deu, no que em riqueza financeira nos veio de fora, principalmente do Brasil, bastante perdemos em riqueza económica nos últimos tempos — é útil que isto se saiba — pois que esses que partiam quando ainda cá trabalho para eles havia, eram aqueles que, em espírito de decisão e energia, maior valor no trabalho tinham, — e ainda, desses que partiram, poucos foram os que com algum lucro, dinheiro ganho, á pátria regressaram e alguns portadores de doenças rebeldes — em destaque o paludismo, também a tuberculose — conforme frequentemente tem sido observado.

É conveniente que isto se saiba, para evitar que muitos regressem à pátria mais infelizes do que quando de cá sairam, — razão desta nota agora aqui — que dever cristão é procurar desviar de tal aventura aqueles que nela insistam, sobretudo tantos que não têm preparação alguma — nem os mais rudimentares elementos que dá o ensino primário, — mais perigosa para esses. Se neste intuito, a alguém isso interessar poderei facultar o que sobre tal assunto no que respeita à nossa emigração, há anos dei a público — servindo-me do que de melhor encontrei em estudo italiano — desfazendo ilusões que muita gente tem, supondo que a emigração ainda hoje tem para nós as vantagens que outrora teve. (*Aspecto paradoxal da emigração portuguesa. Análise positiva.* Lisboa, 1937).

* * *

Cumprindo, na missão que dentro do Neo-espiritualismo os seus apóstolos seguem, apontar as causas de males de que sofre a humanidade, uma há que os homens não podem evitar, — que é esse crescente alargamento do desemprego, cuja causa essencial veio dos progressos da mecânica. Começou nos campos, quando à cultura da Terra ela se aplicou, — já aí dispensando elevado número de braços, o que activou a emigração; e fora do solo arável, na grande indústria, mais avultado número de braços progressos

semelhantes vão dispensando sempre, e por este lado não menos preocupante é o dia de amanhã.

Quem isto hoje pensa, escrevendo o que aqui vai, nunca esqueceu o que viu uma vez em Paris, numa notável Exposição Universal de 1900. Ali, em apropriado recinto, no alto de uma construção cilíndrica, via-se uma mulher accionando máquina que por baixo estava oculta, e em grossos caracteres nessa construção se lia que tal máquina, pelo esforço unico daquela mulher executava trabalho para o qual, sem esse engenho, não menos de quarenta homens seriam precisos.

Isto foi em 1900, — e de então para cá, em tantos anos já decorridos, quantos braços novos inventos terão dispensado — mais poderosos, por certo — lançados na indústria dia a dia!

É belo, para quem nisto não pensa, ver o que o engenho humano, utilizando o vapor, a electricidade, a energia hidráulica, a accionarem variados inventos, conseguiu na transformação da matéria e suas aplicações práticas na indústria, dando economia no tempo, economia na mão de obra e, o que mais seduz, embaretecendo a produção. Mas, da economia da mão de obra tristíssimo resultado veio de todos esses progressos da mecânica que, sendo cada vez maiores, consequentemente também cada vez maior é o desemprego.

Em quase todos os paises, muito concorreu ele para a emigração. Mas, se esse último recurso pode ser feliz para alguns, que certas habilitações tenham, o que será quando ao longe também o trabalho falta?

Criaram-se novas indústrias, outras se alargaram, e muitos braços têm tido ocupação; mas, tudo que seja excessivo, embora num dos seus aspectos adiantado pareça, desde que saia daquilo que em necessidades está certo, — no trabalho, dentro da oferta e da procura — desequilíbrio vem, entre o trabalho a executar e o número de braços que sem trabalho fica.

Esse desequilíbrio não se dará agora — pelo contrário, como consequência da guerra, falta de braços seguramente haverá. Grande cifra atingiu o índice obituário, além daqueles que ficaram inutilizados para trabalho regular, que muitos serão. Mas mais tarde virá, quando tudo na indústria coordenado estiver, em regular normalização. Então, um único meio poderá o desequilíbrio retardar, que será reduzir as horas de trabalho. Elevará o custo da produção, mas não elevará de mais o preço dos produtos, desde que o industrial limite os seus lucros, tanta vez exagerados.

Para esses lucros certos impostos há hoje mas, atingindo o quantum da produção, não dão resultado seguro—segundo já eu ouvi— por não se poder avaliar ao certo até onde esse quantum vai. Mais acertado seria um *imposto de máquina* — já nisso lá fora se pensou. Haveria menos riqueza acumulada, menos desses multimilionários gozando seu triunfo na vida, mas haveria menos miséria, dela vindo menos revolta em muitos.

Amigos de «Estudos Psíquicos»

Esta secção alarga dia a dia o seu âmbito, através de novos amigos que chegam das mais variadas latitudes, com palavras de incitamento e aplauso à nossa obra. Isto nos anima a prosseguir no mesmo ritmo de sempre, empunhando a bandeira neo-espiritualista e convidando todos os homens de boa-vontade ao estudo da nossa filosofia.

Os amigos de «Estudos Psíquicos» devem fazer circular esta revista entre os seus amigos e conhecidos. Se, para isso, necessitarem de exemplares, nós lhos enviaremos na medida das nossas possibilidades. É indispensável que todos tomem conhecimento das verdades espiritas e que nelas meditem, quando o sofrimento lhes bater à porta.

Acusamos a recepção dos seguintes donativos, que agradecemos:

M. J. G., do Rio de Janeiro . . .	1.780$00
Deolindo Amorim, do Rio de Janeiro	23$60
T. L.	68$00
José António Ramos, de Vila do Conde	20$00
António Joaquim Gomes, de Cabaços	10$00
Francisco Silvestre Ribeiro, da Covilhã	27$00

FILOSOFIA NEO-ESPIRITUALISTA(*)

MORAL

por Ramos Pereira

I — O dever

NESTE estudo da questão moral, preocupar-nos-emos mais com o problema em si que com o estabelecer de relações entre este ramo da filosofia e os restantes, com o objecto ou com o método. Tudo isto se deduzirá da própria análise do dever.

Questão puramente psicológica, a existência do dever apenas poderá ser estabelecida pela consciência moral, pela faculdade de julgar o bem ou o mal das coisas.

Tal como deparámos no conhecimento, também aqui nós encontramos princípios inatos que são, por assim dizer, os princípios básicos da moralidade. Eles revelam um poder também inato, poder a que os escolásticos chamaram «sindérese». São dois esses princípios que poderemos enunciar da seguinte forma:

1.º — Princípio da contradição — o bem é oposto ao mal;
2.º — Princípio da razão suficiente — é preferível praticar o bem, a praticar o mal.

Vejamos o indivíduo em face do acto moral. Antes do acto, a consciência psicológica e a razão põem-no em face das consequências provaveis do acto. Imediatamente a consciência moral ajuiza sobre a moralidade do acto de que deriva uma aversão à hipótese maléfica e uma simpatia pela benéfica. Mescla-se ainda o sentimento de respeito por tudo o que seja o bem. A consciência moral obriga assim a uma verdadeira deliberação voluntária em que o indivíduo é juiz de si próprio. Praticado o acto, é a própria consciência moral que dá o prémio (a satisfação) ou a sanção (o remorso). A consciência moral não é, pois, apenas a faculdade de julgar os actos morais mas ainda a medida da moralidade desses actos.

Há assim no acto moral juizo e sentimento. Os juizos revelam-se, antes do acto, na apreciação, a qual implica as ideias de bem e de dever; no após-acto, na sanção, a qual arrasta as ideias de mérito e demérito resultantes dum outro princípio moral: — o vício é punido na medida em que a virtude é recompensada.

Os sentimentos surgem no atractivo ou repulsa para as consequências da deliberação e na satisfação ou remorso da sanção.

O dever manifesta-se no respeito pela ordem harmoniosa dos fins. É uma tendência para um fim através do desenvolvimento harmónico das suas faculdades. Muitos supõem que a obrigatoriedade do dever reside na sanção. Ora se a sanção implica já a obrigação, não pode comunicar ao dever esta característica. A razão humana não basta para fundar a obrigação como pretendeu Kant, pois que, quando muito, revela-nos a evidência dum facto ou a sua conveniência. Ora a consciência moral quando apreende o bem engloba logo a obrigação com a força dum primeiro princípio.

Isto é, o princípio e objecto do dever é o bem moral, nada mais que uma concepção humana da razão sobre a suprema perfeição da nossa natureza, a qual é julgada como o guia dos actos, afim de serem considerados bons.

Como forma intuitiva da razão, a consciência moral é uma autêntica faculdade, demandando sempre o concurso de todas as outras. Quando pretende determinar o dever, o seu valor é absoluto, tornando-se relativo quando procura aplicá-lo às obrigações. São assim vários os estados da consciência moral:

1.º — Ignorante — quando não distingue o bem do mal;
2.º — Errónea — quando não encontra a verdadeira posição do dever;
3.º — Recta — quando está em acordo com o dever absoluto;

(*) Vetr *Estudos Psíquicos* de Julho de 1944 a Fevereiro de 1946.

4.º — Duvidosa — quando hesita no caminho a seguir.

Seguindo a lógica desta concepção do dever, podemos tirar as consequências. O acto, de facto, traz após si a responsabilidade e esta a sanção; a repetição do acto conduz ao vício ou à virtude.

II — A responsabilidade. A sanção

A responsabilidade moral é a necessidade em que se encontra o homem de se desonerar perante a sua consciência para sofrer as consequências. A consciência é verdadeiramente o primeiro e único juiz dos actos humanos, pois que nela se consigna a ideia de obrigação.

Mas há casos em que, sendo o acto imputavel, não corresponde à responsabilidade do sujeito, pois que para que este seja responsável é necessário que seja livre. A loucura, o sono hipnótico, a violência física, etc., isto é, tudo quanto restrinja a vontade do sujeito, diminui a responsabilidade do mesmo. Já mais dificil é determinar a influência do hábito da paixão ou do temperamento. Porém, se lembrarmos que a vontade é condicionadora daqueles estados, se o indivíduo se deixa arrastar por eles, fá-lo livremente e, logo, os actos que pratica são-lhe imputáveis.

Tudo que diminui o conhecimento da obrigação diminui concomitantemente a responsabilidade, como sejam o erro, a ignorância, etc., desde que estes sejam inculpáveis.

Da responsabilidade derivam o mérito e demérito, que nada mais são que o juizo da consciência sobre o acto praticado. É, pois, um sistema de recompensas ou castigos impostos pelo próprio indivíduo. É uma consequência necessária do dever.

Mas atentemos em que se a sanção fosse assim tão simples muitos nunca a sentiriam, nunca se dominando, praticando continuamente os maiores excessos (vício). O tribunal da consciência não basta muitas vezes, nem ainda a sanção da sociedade. É necessária a justiça «justa» ao acto ou a virtude seria uma ridicularia.

É necessário um Supremo Juiz que desperte a consciência e por ela dê a verdadeira sanção.

Logique et Moralè — ABEL REY.
Philosophia Scholastica — BARBEDETTE.
Metafísica dos Costumes — EMMANUEL KANT.

Meditações de Março

1 — Exerço as minhas faculdades para o Bem.
2 — Respeito as aspirações de todos como desejo que sejam respeitadas as minhas.
3 — Vivo em gratidão a Deus por todos os bens que possuo, dos quais quero distribuir parte pelos meus irmãos necessitados.
4 — O mundo é o meu Lar transitório, a Humanidade a minha Família, o Céu a minha verdadeira Pátria.
5 — Meu espelho Mental só reflete a Luz de meu espírito, que é a imagem de Deus.
6 — O AMOR — Deus expresso em mim — não tem limites para a sua manifestação.
7 — A confiança absoluta na Eterna Justiça faculta-me a vida triunfante.
8 — Os sofrimentos e contrariedades que a vida me depara são treino necessário para o desenvolvimento das minhas forças latentes.
9 — Meu caminho é revelado pela visão interior, onde Deus é Omnipresente.
10 — Sou vencedor do meu maior inimigo, ou sejam as minhas tendências indesejáveis.
11 — Vivo na permanente alegria de alma, porque Deus está em mim, agora e sempre.
12 — Confio na Verdade e sou calmo nos actos.
13 — Sou forte, corajoso, delicado e paciente.
14 — Vejo Deus em tudo e em todos e procuro Servi-Lo através de todos os Seres.
15 — Espero confiante a manifestação da Verdade e da Justiça.
16 — Gozo a felicidade de agir segundo a consciência, não me deixando conduzir pelos pensamentos do ambiente em que actuo.
17 — Meus actos exprimem íntimas convicções.
18 — Sou uma parcela de Deus e as minhas obras são por ele inspiradas.
19 — Sei que Deus é Omnipresente e Omnisciente em tudo quanto existe.
20 — Sei que Deus interpenetra todo o meu ser físico e espiritual.
21 — Sei que Deus é um SOL de AMOR que irradia através de mim, saturando os corações de todos os meus amigos e inimigos e todos os seres.
22 — Vejo-me na perfeição da minha entidade real.
23 — Maior é o que está em mim, do que o que está fora de mim.
24 — Perdôo e esqueço as imperfeições que procuram atingir-me, mantendo-me sereno e calmo em todas as emergências da vida.
25 — Deus transformou-me num Sacrário onde manifesta a sua presença.
26 — Eu sou intensamente activo e prático no cumprimento de todos os meus deveres.
27 — Sou fiel à voz da minha consciência — onde Deus habita —.
28 — Espalho a Luz do Amor, sobre toda a criação.
29 — O Amor destrói em mim todos os temores. Sou valente e intrépido, Puro e Santo de Pensamentos e acções.
30 — Unido a Deus, como base de mim próprio, tudo me é possível.
31 — Conservo minha habitação transitória — meu corpo — em ordem e harmonia.

DESÍGNIOS INSONDÁVEIS

por Ernesto Silva

PREZADÍSSIMO amigo e Confrade Sr. Isidoro Duarte Santos: Com os meus cumprimentos, votos de muita saude e paz, venho expor-lhe um caso por mim presenciado, há uns 26 anos, dentro de uma carruagem de comboio que partia de S. Paulo para o interior do Brasil, por onde andei durante seis anos, em exercício da minha profissão; caso este que me parece confirmar a existência duma vontade independente da nossa, mas em colaboração com a mesma, uma força oculta que nos auxilia ou impele para a prática das boas ou más acções. Estarei em erro?

Pois bem. Numa dessas minhas viagens e segundo meu velho hábito, fui para a Estação com antecedência de três quartos de hora. Nunca gostei de merecer o título, para mim nada simpático, de retardatário, e embora isso, por vezes, me tenha causado arrelias e transtornos, procuro tudo suportar, crente de que se assim não viesse procedendo mais teria de que me queixar.

Escusado seria dizer que com tão grande antecedência tive tempo de sobra para escolher a carruagem que melhor me agradasse e bem assim o lugar. Gostei sempre dos cantinhos dos velhos, onde ninguém me incomode e possa não incomodar os outros, motivo por que dei preferência ao da extrema traseira do lado esquerdo — *por ser o do lado do coração certamente,* por cujo orgão eu viria a ser tocado por alguém que, do mesmo lado, havia de, à última hora, quando o comboio começava a deslisar suavemente sobre os *rails,* assomar à porta da extrema oposta, com ares de quem teve a noção do perigo que correu, tomando o comboio em marcha.

Esse alguém era uma lindíssima mulher dos seus 28 a 30 anos aproximadamente, esbelta, fisicamente encantadora, um espírito mal encaminhado disposto a enveredar por outro rumo, que após uns momentos de hesitação optou por um dos dois únicos lugares vagos da carruagem, ao centro, do lado direito.

Os passageiros, na sua maioria rapazes cheios de vigor (tinha eu então 30 anos), viajantes de casas comerciais importantíssimas, de sangue na guelra, como vulgarmente se usa dizer, ao verem entrar tão deslumbrante figura, não puderam ou não souberam conservar aquela linha de compostura capaz de não constranger um marido que ali fosse acompanhado pela esposa, um pai pelos filhos, um irmão pelas irmãs.

Ela, a dama, não dava mostras de constrangimento em face dos olhares impúdicos de que vinha sendo alvo e dos modos como se portaram os referidos passageiros, que me fizeram lembrar uma matilha esfomeada, quando se lhe mostre um bom traço de carne fresca.

Decorrida a primeira hora de viagem, com pequena diferença, e quando eu fortemente actuado pela impressão triste que são susceptíveis de causar os homens sob a influência da carne, e depois de muito já haver filosofado comigo próprio, com os olhos pregados no chão, para não ver mais, eis que a minha atenção foi bruscamente atraida pelos efeitos de um tremendíssimo pé-de-água de uma núvem que deu a impressão de ter-se formado também bruscamente e que parecia capaz de arrasar o mundo, quando, com grande espanto de todos, se verificou que a carruagem que parecia novinha em folha, metia água em grande quantidade, no prumo da referida dama, o que a obrigou a mudar de lugar.

Eu, que nesse momento pressenti que o lugar indicado seria ao meu lado, preparei-me, acto contínuo, para lho franquear, o que logo se confirmou.

Uma vez junto de mim, teve estas palavras:

— O cavalheiro dá licença que me sente a seu lado?

Ao que respondi:

— Porque não, minha Senhora? Com todo o gosto. Quem não deve senti-lo é o seu companheiro de viagem até aqui, por ver perdida uma bela companhia.

Ao que ela retorquiu:

— Os homens são todos iguais, sempre gentis para uma mulher e o senhor não podia ser uma excepção à regra.

— Sim — disse eu — talvez tenha razão; mas não me repugna dizer-lhe que talvez aqui não vá outro capaz de pronunciar estas palavras com a mesma intenção...

Não sei que poder de persuasão pus nas minhas palavras. O que sei é que falámos muito e tanto, que nos não apercebemos das 6 horas de viagem decorridas, que pouco mais de 6 minutos nos pareceram. E tais coisas lhe ouvi, que me comoveram profundamente; e tais eu lhe disse, que ela me jurou que nunca mais voltaria a São Paulo, terra de encantos, de beleza, de sedução e de perdição também. Que iria visitar sua velha mãezinha, que já não via há muito tempo e na sua companhia se deixaria ficar.

E se eu pudesse apear-me na mesma estação seria

A Imaginação e os seus efeitos

por Armando de Faria

«Uma imaginação bem regulada é para a alma o que o bom regime é para o corpo».

A imaginação, como todos sabem, é uma das faculdades que constituem o aspecto mental do carácter humano. Quando ilumina e enriquece a consciência psicológica, chama-se *imaginação criadora;* quando a perturba, toma o nome de *imaginação inferior* ou *fantasia.*

Sendo assim, tanto pode ter efeitos maravilhosos, como deletérios. Mas, se lhe aplicarmos a craveira do meio-termo, se nela usarmos de temperança, — a imaginação é incontestàvelmente uma das mais preciosas e fragrantes essências que podemos haurir do vasto Cosmos.

Preguntai ao filósofo, ao sábio, ao poeta, ao pintor, ao orador, etc., a quem devem as suas obras primas; onde foram buscar os materiais para os seus sistemas e as suas invenções ou a beleza para os seus poemas, para as suas pinturas, para os seus discursos?... E êles serão solícitos a declarar que foi na fonte da imaginação que beberam o estro para as suas criações.

Mas, apesar dessa fonte inesgotável ser tão rica em dádivas que chega a elevar-nos ao firmamento da Imortalidade, urge ponderarmos que muitas das vezes tende a transviar-nos. E sucede isto quando queremos atingir o farol do Ideal sem a bússula da razão.

Existia em Atenas um velho e sisudo filósofo jardineiro que usava um método verdadeiramente original: apontava os espinhos para que os curiosos não se picassem devido à embriagadora ilusão de quem, embevecido no seu próprio sonho, vê sòmente a sedução das rosas. Seguindo êste interessante método, também vamos apontar os espinhos da imaginação para que os possamos evitar. Antes de mais nada é necessário nunca nos deixarmos levar pelos seus largos vôos sem ponderarmos que a maior parte das vezes a imaginação tem mais necessidade de chumbo que de asas. E será bom lembrarmo-nos de tantos homens de ciência, filósofos, fisiologistas, pedagogos, psicólogos, etc., que perpetraram monstruosidades por serem arrastados pelas vagas duma imaginação caprichosa contra os escolhos da intemperança mental...

Quantas vezes não seríamos vítimas da imaginação — qual camaleão que muda constantemente de côr, conforme a natureza das emoções? Quantas vezes já não sofreríamos as consequências terríveis desse monstro, quando empolgou a nossa razão com as garras da ira, da inveja, da dúvida, da ansiedade ou do mêdo?

A imaginação, perturbada por qualquer sentimento inferior, ofuscada pela paixão, por inimigo mental ou por uma emoção sinistra, ilude, engana, atraiçôa redondamente: pois ela ultrapassa sempre as barreiras da realidade. É, muitas vezes, êsse espectro que nos mortifica e inquieta, que nos torna pusilânimes, — neutralizando a coragem, a iniciativa, a harmonia do espírito e tôda a alegria de viver. É ainda êsse fantasma que a altas horas da noite nos vem roubar o sono, — segredando-nos que somos uns falidos, uns doentes, que vamos só ter inêxitos nos nossos planos e empreendimentos, que os negócios estão arruinados, etc.

Para mantermos o equilíbrio na nossa imaginação devemos aprender a evitar os extremos — *in medio, virtus.* De contrário, vemos tudo por um binóculo; ou olhemos pelo óculo largo ou pelo estreito; tanto nos aumenta como diminui todas as coisas. Quer dizer: Se ela, em certas ocasiões, tem o condão de mostrar tudo por um prisma negro, desesperançado, outras vezes apresenta castelos de fantasia doirada, quimeras de resultados funestos... E é, nestas alturas, que a imaginação se torna, como dizia Mallebranche, «la folle du logis».

Pôrto, 13-XI-45.

---

muito do seu gosto apresentar-me a sua mãe, a quem diria que, se no começo da sua vida tivesse encontrado um homem que lhe dissesse o que da minha boca ouvira, quão diferente seria o rumo que tomou na vida! Que eu ficasse certo de que jamais me esqueceria, ou às minhas palavras, e onde e quando quer que fosse que eu me lembrasse dela, me tinha no pensamento, podia eu estar certo disso!

Quanto é consoladora para o meu espírito a lembrança de que as minhas palavras possam ter influido no seu espírito, produzindo o mesmo efeito que eu, em igualdade de circunstâncias, como pai, como marido e como irmão, desejaria que me fizessem.

Bendigo a hora em que tal encontro tive, que tomei como uma das oportunidades que o Destino me proporcionou, para me fazer espírita.

A «SANTA DO SANGUE»

Famosa médium que, em transe, realiza admiráveis intervenções cirúrgicas

O nosso correspondente especial em Mesquita, Estado do Rio de Janeiro, sr. J. B. Chagas, enviou-nos um exemplar do diário *A Notícia,* da capital federal, relativo ao dia 10-5-945, que insere desenvolvido relato de notável intervenção cirúrgica levada a efeito pela médium D. Helena Malengo denominada a «Santa do Sangue», em virtude de suas mãos e faces distilarem sangue vivo, quando é controlada pelos Espíritos, e que os crentes recolhem, guardando os lenços manchados, como relíquia.

Este numero de *A Notícia* refere-se a outro relato sensacional feito pelo mesmo jornal em torno da presença da médium no Rio, a qual, durante uma semana, se dedicara à mais alta cirurgia, em sucessivos transes mediúnicos, atendendo indistintamente e operando com grande êxito os enfermos que lhe eram enviados e cujo restabelecimento exigia o recurso extremo duma operação cirúrgica difícil ou mesmo considerada impossível.

Hospedando-se com seu marido no Hotel Rio Branco, a fim de permanecer incógnita, em breve a notícia circulou nos meios espiritas e o Hotel se enchia de visitantes, ansiosos por consultar a hóspede da véspera. O mais impressionante é que D. Helena Malengo atendia um por um os visitantes, desde as primeiras horas da manhã até alta madrugada, receitando e operando, sem demonstrar o mais ligeiro sinal de fadiga.

A primeira operação foi muito grave, mas bem sucedida. Formada a corrente, a médium caía em transe e doze minutos depois tudo estava terminado com facilidade assombrosa, perante inúmeras testemunhas.

Ali e num centro espirita da Avenida Passos, frequentado pela médium durante o tempo em que esteve no Rio de Janeiro, outras intervenções cirúrgicas se verificaram, especializando-se as que normalizaram a saude da senhora D. Eugénia de Montemor, residente na Tijuca, e dum funcionário do Ministério da Guerra, atendido no Hotel Rio Branco.

A médium, porém, saiu do Rio de Janeiro e *A Notícia* encarregou um dos seus redactores em S. Paulo de falar com ela a respeito das intervenções cirúrgicas e das curas obtidas.

D. Helena do Nascimento Malengo reside em S. Paulo, na Rua Augusta, n.º 2.112 e goza de grande popularidade naquele Estado, embora o redactor do jornal nunca lhe tivesse ouvido pronunciar o nome. É também conhecida por «Santa do Bebedouro».

«A sua história começou em Jabotical, onde morava, sendo ainda solteira — diz o articulista. A sua casa ficou assombrada. Coisas estranhas ali sucediam a horas mortas. E por isso a família se mudou para Itápolis. Mas os «espíritos» foram também e a casa continuou anormalizada. Viram então que o caso era pessoal e não local.

«Voltaram a Jabotical e principiaram a estudar Espiritismo em sessões práticas. O pleno desenvolvimento da sua mediunidade deu-se em Bebedouro, para onde se mudaram, em virtude do casamento da médium. Ali se iniciaram as curas e não tardou o sucesso que toda a imprensa paulista noticiou e comentou, durante muito tempo.»

A cura dum advogado

Há cerca de oito anos, veio para S. Paulo, onde continuou a sua tarefa. As curas «cirúrgicas» começaram em Junho de 1944. Resolveram então fundar a *Associação Filantrópica de José Mariano do Nascimento,* a fim de atender melhor os seus doentes.

Aquele nome é o do Guia, que foi pai carnal da médium e faz os tratamentos, julgando o articulista que é ele quem opera.

O redactor de *A Notícia* falou depois com o advogado paulista Camilo de Faria, que trabalha no Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, o qual confessou que, de facto, havia sido operado mediùnicamente por D. Pepita, mas não queria ser objecto de discussão, por estar cansado de ouvir expressões de dúvida de alguns conhecidos. Mas o redactor disse-lhe que apenas queria autorização para afirmar um facto:

— Se o facto é real, se estava doente e sa-

rou após a operação, porque temer dizê-lo abertamente? — concluiu.

— Estive doente 16 anos — começou o Dr. Camilo de Faria. Uma hérnia umbelical e uma varicocele não podem ser ilusão. Creio que também havia no fígado uma espécie de aderência e nos intestinos qualquer coisa que me incomodava. Só podia comer a dieta própria dos que sofrem dos intestinos. Não podia, sequer, ouvir falar em certos pratos, como, por exemplo, carne de porco. Não me apresentei ao tratamento com «fé», mas levava alguma esperança de ser curado. A operação foi feita em plena luz e com plena consciência da minha parte. A médium estava em transe. Apalpou os sítios bem sensíveis e começaram a aparecer coisas que antes não estavam nas suas mãos. Um instrumento cortante rasgou-me o ventre em larga extensão do lado esquerdo. Outro corte do lado direito. Senti toques profundos no fígado e nos intestinos. A pesar da minha aflição, mantive serenidade. Poucos minutos decorridos, comecei a sentir os agrafes e quando pude examinar-me vi-me ainda com os lábios da ferida em aberto, nos intervalos dos agrafes.

— E ficou curado? — perguntou o jornalista.

— Completamente, não. Melhorei 80 por cento. Não tenho ainda os intestinos normalizados. Mas já posso comer de tudo, inclusive carne de porco, leitão, linguiça, e beber vinho. Não sinto nenhuma das complicações antigas. A hérnia e a varicocele sumiram-se.

A seguir, o redactor de *A Notícia* perguntou ao Dr. Camilo de Faria se ele se tornou espirita, em vista do que obtivera e presenciara. E o advogado respondeu:

— Sim. Tornei-me espirita e comecei a tomar parte habitualmente nos trabalhos de D. Pepita, feitos em público, às segundas e quintas-feiras.

— Tem, portanto, testemunhado outras operações? — indagou o articulista.

— Certamente. Fazemos uma acta especial para cada operação. O paciente é, durante muito tempo, examinado por nós. Temos vivo interesse em conhecer a extensão desses factos, que são inabituais e tão passíveis de crítica. Alguns companheiros, aqui mesmo, afirmaram que eu estava bêbedo ou magnetizado, quando me cortaram. Outros (que não me conhecem) tomam conhecimento do facto com mofa. Sou para eles um charlatão, um impostor, um fraudador. Tenho segunda intenção, no dizer de certos indivíduos: explorar a credulidade. Não perguntam para que? Será para me iludir a mim mesmo? Para ganhar dinheiro, não, pois, geralmente, os casos são em gente pobre e, por sistema, nenhum tratamento é retribuido. Mas o combate é grande. De todos os lados, por todos os meios. Até os espiritas costumam combater-nos. Não imagina as dificuldades que criam à médium, que é pobre, precisa trabalhar e, no entanto, cede grande parte do seu tempo à caridade curativa.

A senhora D. Helena do Nascimento Malengo — a «Santa do Sangue» — que desde Junho do ano passado realiza sensacionais intervenções cirúrgicas por processos mediúnicos.

E *A Notícia* conclui com estas palavras:

«E assim, conversando sôbre vários outros pormenores, terminou a nossa conversa com o Dr. Camilo de Faria, cuja reputação põe fora de dúvida tudo quanto declarou acerca dos milagres atribuídos à «Santa do Bebedouro» ou «Santa do Sangue», como queiram distinguir D. Helena Malengo, cujo poder mediúnico está concitando a admiração e a curiosidade pública».

A Notícia inseria uma grande fotogravura do Dr. Camilo de Faria, deitado, exibindo os dois cortes que sofrera no abdómen, nos quais se notam fàcilmente os agrafes.

Mais um fenómeno demonstrativo da acção

Cheguei à meta! — Eis o que vejo além dela!

pelo Capitão Alfredo dos Santos

QUEM tenha lido os artigos que tenho publicado nesta revista se tiver pensado e muito especialmente se conhecer os factos a que quero referir-me que há muito deviam estar já no esquecimento de todos, para bem de todos nós e da causa, não pode ter deixado de conhecer, através deles, qual é o objecto da minha luta.

— A união franca e sincera de todos os que professam a doutrina — Eis o meu objectivo, eis o que constitui o meu mais ardente desejo — o engrandecimento da causa.

Julgo ter dito o bastante, para que todos, os que tenham verdadeiro amor à causa, possam ser chamados à razão que os conduza a pensar sèriamente no dever que todos temos de cumprir a missão que a nossa qualidade de espiritas nos indica, para que os nossos actos estejam em coerência com as nossas palavras.

Não duvido que as minhas palavras tenham achado eco em muitas almas que como eu anseiam atingir o mesmo objectivo, mas que sucedendo-lhe o que me sucede, não podem, só por si, meter ombros à obra a realizar, por falta de amparo da parte dos que na doutrina podem bem chamar-se os mestres e condutores.

Quando esses homens de capacidade aliarem essa qualidade à boa vontade de se enveredar pelo caminho das realizações práticas, sucederá o que acontece à atmosfera depois duma trovoada: Desaparecerão as nuvens e o ceu (que neste caso é o ambiente) ficará límpido e sereno. Será então, na bonança, que se poderá trabalhar em família, concorrendo cada membro com os seus recursos, para a realização da obra, que não será deste ou daquele, mas de todos nós.

O mundo actual, atravessa um periodo de organização, trabalho que, para ser útil, deve abranger todas as esferas de acção, desde as de ordem puramente material até às de ordem moral e espiritual, seja qual for a doutrina que sigam.

Não tenhamos dúvida que as instituições de toda a ordem, do mundo de àmanhã, terão um valor de harmonia com o futuro que souberem construir, no período de organização em que nos encontramos.

Aproveitar a oportunidade, é o dever de todos os que sabem prever e querem caminhar progredindo para um futuro melhor.

Encontramo-nos, pois, numa ocasião que devemos aproveitar, para melhorar o que existe e construir sobre ele o que de útil seja previsto, para lhe emprestarmos um cunho que possa torná-lo digno de ser legado aos nossos continuadores.

Quer dizer, temos de construir obra que, sem ser definitiva, (pois tudo está sejeito a evolução), seja susceptível de perdurar e continuar a progredir, e não que corra o risco de desaparecer. Ao mesmo tempo, que dê aos continuadores o exemplo da fé, do carinho e do Amor com que foi construida e mantida pelos que a legaram.

Eu sou dos que crêem na existência, entre nós, de homens com capacidade e competência não inferiores aos que existem além das nossas fronteiras, onde uma boa organização há muito está dando os seus bons frutos. Também, ao mesmo tempo, tenho confiança na sua boa vontade e no seu amor à causa espirita, onde alguns já têm ligado o seu nome. E porque assim penso, tenho fé que se eles quiserem elevarão o nível do Espiritismo entre nós, à altura de não ficarmos atrás dos outros.

Exige-o o nosso brio, a nossa honra e o nome do Mestre que nos dirige e governa.

Temos de fazer mais alguma coisa do que aquilo que está, e a ocasião é própria para isso. Uma remodelação em forma, do existente, se torna necessária por todos os motivos, sob pena de estacionarmos ou mesmo de desaparecermos, mais dia, menos dia. Se não lutarmos, viramos as costas ao inimigo, e então seremos os culpados da nossa própria derrota. Esta não deve ser a nossa vontade e por isso faremos tudo

---

do espírito sobre a matéria, mais um caso a juntar aos milhares de casos que constituem arquivo da bibliografia espirita.

Por mais que se pretenda desvirtuar o facto, ele resiste sempre e converte os incrédulos como o Dr. Camilo de Faria, que se apresentou ao tratamento *sem fé alguma*, embora na esperança de ser curado, o que nos leva a crer que, em verdadeiro rigor, não há incrédulos. As circunstâncias é que muitas vezes imprimem directriz aos actos volitivos do homem, pois havendo em nós instinto de conservação, a tudo nos apegamos, quando os recursos médicos disseram a última palavra e nos abandonaram à *natura medicatrix*. É então que nos voltamos para o desconhecido, num lamento ou numa súplica a qualquer coisa de superior que deve existir para lá do nosso ambiente físico... E depois, adeus convicções, adeus preconceitos, adeus ciência infusa a que nos agarrámos durante a vida! Um poder mais alto se alevanta...

quanto seja possível, para aumentar o valor real do Espiritismo como factor de grande importância moral para o progresso da humanidade.

E sem pretender considerar como melhor, o que passo a expor, vou dizer o que julgo que de momento deveriamos considerar como de urgência e pensar sèriamente em levar a efeito, o mais breve que fosse possível fazê-lo, com os recursos que temos e podessemos obter com a boa vontade de todos:

1.º — *Espírito de cooperação*

a) Pelo regresso à actividade de todos os que por vários motivos se afastaram e se mantêm afastados;

b) Por meio de acção desenvolvida por todos os que praticam activamente a doutrina nos grupos e centros, no sentido de fazer engrossar a massa de adeptos por meio da propaganda, junto das pessoas do seu conhecimento, que saibam serem simpatizantes com o Espiritismo;

c) Pela união de todos os Grupos e Centros existentes, pequenos ou grandes que sejam, federando-se na F. E. P.;

d) Pela propaganda na imprensa espirita, desenvolvida nesse sentido.

2.º — *Propaganda da doutrina*

a) Por meio de palestras e conferências feitas nos Grupos e Centros, permitindo a entrada nesses casos, não só aos sócios como a todas as pessoas que o desejassem;

b) Por conferências públicas fora dos Centros feitas pelos valores mais representativos do movimento espiritualista, nas quais se salientasse o fundamento e o valor moral da doutrina desfazendo-se todos os epítetos com que é apodada pelos seus detractores e mostrando-se publicamente que ela assenta na pureza do Evangelho e na Omnipotência e Omniscência de Deus, como criador de todas as coisas e em factos provados pelos fenómenos;

c) Por uma propaganda bem dirigida de modo a pôr bem em evidência a diferença que existe entre Espiritismo e magia ou bruxaria, e combate a estas últimas modalidades de superstição, que tanto o desacreditam perante os que ignoram o que é o Espiritismo, e que tão usados são como elementos contra ele, pelos seus inimigos;

d) Pela criação duma imprensa espirita bem organizada e dirigida, que leve a sua acção tão longe quanto possível, criando a empresa editora para divulgação das obras de autores nacionais e traduções das do estrangeiro, sobre Espiritismo;

e) Pela criação da propaganda radiofónica, criando-se um posto emissor, pelo concurso e boa vontade de todos, concorrendo cada um conforme a sua capacidade, ou pelo contrato com algum posto existente, mediante condições a estabelecer, que poderiam ser o pagamento duma cota por todos os Grupos e Centros, ou serem os sócios dos mesmos simultâneamente sócios do posto radiofónico, com uma cota pequena a estipular, em harmonia com as condições.

3.º — *Organização*

A organização actual é deficiente.

Torna-se necessário a organização dum Estatuto da F. E. P. que satisfaça melhor que o actual, ao fim a que se destina.

Sem desprezar o estatuto actual, que pode servir de base à organização do novo, julgo de toda a conveniência pensar a sério neste assunto.

Há órgãos previstos nos actuais estatutos cuja função a prática mostra que é nula, e a mesma prática aconselha serem necessários outros.

— Entre os que julgo dispensáveis, está a actual Iunta Consultiva.

— Entre os que me parece deverem existir e não existem estão:

a) O Conselho Federativo onde se façam representar todos os Centros e Grupos federados, como órgão destinado às resoluções importantes que se tornem necessárias e que não venham a ser consideradas da única competência da Assembleia Geral.

b) Uma Comissão Técnica Permanente tendo a seu cargo a direcção dos trabalhos experimentais, estudo e apreciação dos fenómenos, desenvolvimento das mediunidades, orientação dos Grupos, tanto na sua criação como na instrução necessária à prática de trabalhos nos mesmos, estudo das comunicações e outros trabalhos mediúnicos que lhe sejam presentes, direcção da instrução necessária aos associados, tendente aos conhecimentos indispensáveis, para poderem conhecer a doutrina e obterem uma boa concentração do pensamento, durante as sessões experimentais, e o exame e apreciação das palestras e conferências a realizar.

Enfim, um estatuto que defina bem o lugar, atribuições e deveres dos associados e dos diferentes órgãos da administração, bem como o funcionamento dos mesmos órgãos, de modo a evitar atritos entre uns e outros.

Não vou aqui fazer um esboço completo de tudo quanto o estatuto deva conter; limito-me apenas a lembrar algumas coisas mais essenciais, porque se trata dum diploma que deve ser objecto dum estudo

muito ponderado, pelos elementos que forem encarregados de o elaborar, e então, nessa altura, surgirão as opiniões autorizadas, pois hoje já todos devem conhecer, melhor do que eu, os defeitos e faltas do Estatuto actual.

No entanto devo lembrar que se deve prever nele a obtenção, da autoridade competente, da obrigatoriedade de serem federados todos os Grupos e Centros legalmente constituídos já, e os que venham a constituir-se. E neste sentido, devemos empregar todos os esforços, para evitar a malsinação da doutrina, por tantos falsos espiritas que à sombra do Espiritismo exploram a credulidade popular.

Uma vez obtida tal obrigatoriedade, e tendo à frente da causa homens dedicados, para a orientarem e conduzirem, teremos uma organização capaz e o Espiritismo, entre nós, tomará um rumo a caminho do progresso.

Se para algumas realizações bastam apenas os elementos e boas vontades que já existem, bastando apenas coordená-las, para a grande maioria do que fica apontado, muito especialmente na parte organização, já assim não sucede.

Por isso julgo ser necessário entrar-se primeiramente num período de preparação dum Congresso Espirita Português de cujas teses, nele discutidas, possa sair um estatuto como se reconhece necessário.

E devemos lembrar-nos, que as resoluções tomadas num Congresso, têm sempre mais valor aos olhos das autoridades competentes, por representarem manifestações de opinião, dum sector importante da população.

É por isso que entendo que se torna necessário:

1.° União e regresso de todos os que andam afastados, seja por que motivo for.
2.° Que os homens capazes de orientarem a causa, pelo seu saber e pela sua conduta e posição se animem a concorrer de boa vontade para o engrandecimento da causa;
3.° Realização de conferências públicas tendentes a preparar o ambiente;
4.° Realização, logo que seja possível, do Congresso Espirita Português, donde saiam as bases convenientes para uma boa organização espirita em Portugal.

E porque sei que pouco valho, de que bem tenho a consciência, peço aos meus caros leitores me não tomem por vaidoso ou ambicioso. Se o que aí fica for susceptível de ser aproveitado e quiserem aproveitá-lo, sentir-me-ei satisfeito por ter produzido alguma coisa de útil em proveito da Causa espirita. Se o não for, só tenho que deplorar ter-vos maçado e pedir que me olheis com a vossa benevolência, porque:

Oliveira pequenina
Que azeitona pode dar?

MEDITAÇÕES DIÁRIAS

por Fernando da Cruz Ferreira

II

SE formos afectuosos e amáveis e tratarmos todos os homens e mulheres honesta, justa e caritativamente, e se em verdade fizermos da nossa profissão uma realidade prática e viva, imediatamente nos encontraremos no Reino de Deus.

O homem tem-se desviado conscientemente do princípio universal do Bem e cumpre-lhe desviar-se agora mesmo do errado caminho que tem trilhado e recomeçar uma nova vida.

Quando digo «homem», quero referir-me à geração actual, porque todos nós estamos vinculados mentalmente, e os pensamentos dominantes que voam pelo mundo rolam e afectam com veemência, no seu despertar, as instáveis opiniões da humanidade, como fazem as ondas de miríades de gotas que constituem o oceano.

Havendo assim por tanto tempo considerado a matéria como norma e guia para a regularização das nossas vidas, temo-nos desviado do Reino da Mente pura, ou do Espírito, onde a Harmonia tem a sua fonte.

Nós temos conscientemente descrido tanto do Divino Centro que, em nossa rápida carreira, somos atraídos aqui, ali e acolá, à guisa de cometas errantes.

Tudo isto é consequência do mau uso do pensamento.

Criou-nos o Pai à sua imagem e semelhança, e nós temos, por isso, o poder de, pela palavra e pelo pensamento, criar o mundo em que vivemos, gradativamente, como Ele fez.

O diamante e o carvão são compostos da mesma substância; entretanto, aquele brilha e este é inteiramente obscuro e opaco.

O primeiro expressa sua luz; o último a mantém em estado latente.

O mesmo se dá entre os seres humanos.

A diferença que há entre um e outros, entre o estado luminoso e o estado obscuro, está na forma de vibração.

A vibração elevada e rápida do diamante produz sua luminosidade; a vibração lenta e inferior do carvão é a única causa da sua obscuridade.

Podemos comparar o diamante ao espírito, cujas vibrações, focalizadas sobre o corpo, aumentam de intensidade e o tornam luminoso e sadio.

As luminosas vibrações espirituais transmutam e elevam as vibrações físicas, expelem os detritos e conferem ao indivíduo uma energia superior.

Este fenómeno nos fornece a chave da concentração do Pensamento e nos mostra o valor das afirmações persistentes e canalizadas num dado objectivo.

COMO SE TORNOU ESPIRITA?

O depoimento que se segue é do nosso colaborador Bartolomeu Bana Martins

FUI criado fora e longe de tôda e qualquer religião.

Tôda a minha família era cem por cento materialista. A nossa religião era a ciência. Tudo o que estava, acima das possibilidades humanas, para nós, pertencia ao domínio da Natureza cujos mistérios não procurávamos desvendar. Éramos adeptos do bem, da justiça e da verdade. Éramos cristãos sem o confessarmos, ou melhor sem sequer o sabermos, mas como actuávamos por instinto apenas e sem consciência do valor extraordinário do verdadeiro ponto de apôio da nossa maneira de ser, não tínhamos bases firmes e o nosso cristianismo inconsciente ficava bastante restringido pela ignorância e pelo egoísmo das comodidades materiais que nos dominavam. Não praticávamos o mal não para que nos não fizessem mal, mas porque nos repugnava e nos não parecia justo praticá-lo. Compadeciamo-nos dos que sofriam, mas primeiro estava a nossa personalidade. Não queríamos nada com santinhos nem com milagres dos quais suspeitávamos, por intuição, que serviam para encobrir lôbos roubadores com vestidos de ovelha. O sobrenatural ou aquilo para que não encontrávamos explicação materialista, para nós, não passavam de coïncidências ou de ilusões dos sentidos. Coïncidências, ilusões e Natureza eram palavrões que nada significavam e que apenas empregávamos para dissimular a nossa grande ignorância. Não freqüentávamos igrejas e os escândalos eclesiásticos tinham o condão de cada vez mais nos afastar das religiões.

Foi nêste ambiente forte e positivista, bastante são mas incompleto, que eu fui educado. Durante muito tempo o puro materialismo me satisfez. Mas algumas vezes dei-me ao trabalho de pensar com a minha cabeça. Lembro-me que tinha eu dez anos de idade e estava em casa de meu avô a preparar-me para a admissão aos liceus, num dia em que senti mais intensamente que me faltava qualquer coisa, tive como que uma veneta e disse para comigo: «quero ser religioso». Encontrei numa gaveta um livro de orações e atirei-me a êle sôfregamente, numa ânsia de conhecer o que tanto necessitava. Mas ràpidamente desisti e pu-lo de lado: não o entendia, nem me satisfazia, e continuei sem luz e sem fé.

Uns anos mais tarde, estava um dia sòzinho numa praia e, olhando o movimento incessante das ondas que rolavam subindo e descendo pela areia, eu, ainda rapazote, meditava: «Se nós quando nascemos não vimos completamente ignorantes: há coisas que se vê claramente que nós sabemos fazer; e isto acontece até com os animais. E vê-los como procuram logo mamar, dirigindo-se sem se enganarem para as têtas maternas e como choram quando a mãe se afasta. E tantas outras coisas que todos os dias observamos à nossa volta e que praticamos, por instinto, sem sabermos porquê, mas que saem mais certas e proveitosas do que quando utilizamos o raciocínio. E o que é o instinto? Que palavrão é êste e onde o adquirimos? Parece que já aprendemos um certo número de coisas em qualquer lado, antes de virmos a êste mundo, visto que após o nascimento já fazíamos uso dêsses conhecimentos. Onde seria e como?» — Estas minhas cogitações vinham como relâmpagos no meio das trevas, mas não encontrando ambiente para persistirem e desenvolverem-se, ràpidamente se esvaíam.

Por volta dos meus 17 anos, andava eu entusiasmado a lêr um folhetim do Diário de Notícias. Era um romance estranho que nos contava uma história esquisita e maravilhosamente fantasiada: — uns indivíduos que se tinham sujeitado a uma operação especial adquiriam, dessa maneira, a extraordinária qualidade de, entrando em convulsões que os alheavam do que os cercava, conseguirem estabelecer comunicações telepáticas com outros colocados a centenas e milhares de quilómetros de distância.

O folhetim descrevia inúmeras peripécias mas esta *telegrafia sem fios humana* foi o que principalmente feriu a minha atenção.

E como o meu amigo e condiscípulo A. R. também lêsse o folhetim, nós ambos impressionados discutíamos o caso e, cúmulo do arrôjo, resolvemos fazer experiências, sem nada saber de telepatia.

E o mais engraçado é que essas experiências vieram provar-nos que nem tudo do folhetim era fantasia, pois que deram alguns resultados muito interessantes.

Assim, sentados num café, conseguíamos pela con-

centração do pensamento e irradiação da nossa fôrça de vontade fazer voltarem-se para nós quaisquer das pessoas que aí se encontravam viradas para outros lados.

Na rua, nós, com aquela fôrça misteriosa que dirigíamos pela vontade, obrigávamos pessoas que marchavam à nossa frente e a distância, a virarem-se e a fitarem-nos.

Um dia, forçámos um sinaleiro, na hora de maior movimento na principal artéria da Baixa, a suspender os gestos rápidos e contínuos com que dirigia o grande movimento de trânsito e a dar meia volta, virando costas ao serviço que desempenhava, para olhar para nós, que nos tínhamos colocado por detrás dêle a alguns metros de distância fitando-o fortemente na nuca com o desejo intenso de que êle se voltasse. O funcionário, depois de ter cedido àquêle poder invisível que o atraía, não vendo nada de extraordinário e sem compreender o que acabava de se passar, voltou à sua posição normal e continuou a dirigir os veículos que esperavam o seu sinal.

Dum para o outro chegámos mesmo a transmitir uma frase e sentíamos quando essa fôrça irradiando dum procurava atingir o outro ainda que não estivéssemos prevenidos e actuássemos de surpreza.

Eu cheguei um dia a conseguir que determinada pessoa viesse à janela, obrigada pela irradiação da minha vontade e procurasse primeiramente o meu olhar, embora eu estivesse na minha casa, em frente, numa atitude disfarçada e natural que não chamava a atenção de ninguém.

Nessa casa fronteira à minha trabalhavam muitas pessoas, mas nenhuma delas me via nem eu via qualquer delas antes de eu começar, como posto emissor, a projectar o meu desejo. Êste meu trabalho foi coroado de pleno êxito pois foi precisamente a pessoa que escolhi e em quem pensei, e não outra, que obedeceu prontamente à minha vontade.

Anseios e dúvidas

Tudo isto vinha abalar um pouco as minhas convicções materialistas e mostrar-me que além do que nós víamos, apalpávamos e media havia qualquer coisa mais que, embora se não visse, fazia no entanto sentir os seus efeitos e nos permitia comunicarmos uns com os outros, independentemente do corpo físico e dos meios materiais. Estava encantado mas não compreendia porque não encontrava explicação. Uma idéia ficava no entanto bem assente na minha consciência: não existia só a matéria. A vida devia não só projectar-se mas existir para além da matéria.

Quando meu pai faleceu, eu, que o conhecera exuberante de inteligência e alegria, ao olhar para o seu corpo sem vida, indiferente com a nossa presença, preguntava a mim mesmo como podia então ser aquilo. Eu não podia crêr que tudo tivesse acabado, havia qualquer coisa em mim que me dizia que não se morre.

Cêrca dos meus 20 anos mandei vir da Bélgica uma obra sôbre hipnotismo, sugestão, magnetismo curador, etc. Embora nêsse tratado se não falasse em alma, pois que a publicação era materialista e sobretudo comercialista, um mundo novo começou a revelar-se-me.

Aquelas experiências dos Yogis da India em que suspendiam a vida nêles próprios, para, com tôda a aparência de cadáveres, se fazerem enterrar e dois ou três meses depois regressarem à vida corpórea que continuava com a maior naturalidade como se nada de extraordinário tivesse acontecido, os casos de levitação em que alguns se conservavam horas no ar sem apôio visível, os que abandonavam o corpo físico voluntàriamente e sem mais preparação, deixando-o enrodilhado a um canto para, por algum tempo, em espírito, irem longe ver qualquer coisa que lhes tinham pedido, o passeio, em procissão, descalços e sem se queimarem sôbre pedras aquecidas ao rubro em certas festas religiosas, a insensibilidade dos faquires à dor quando perfuram o corpo com estiletes metálicos, todas aquelas manifestações extraordinárias presenceadas e controladas por europeus cépticos e positivistas, tudo isto me deixou admiradíssimo.

Eu ia subindo uma escada em que me afastava cada vez mais do materialismo que já me não satisfazia. No entanto estava ainda desorientado. Procurava qualquer coisa que eu sentia que devia existir mas que ainda não conhecia.

Aos vinte e um anos, por influência de pessoa amiga, baptizei-me na igreja católica. Uma devota que assistia ao baptismo, disse, depois, que viu, durante o acto, uma luz descer sôbre mim. Confesso que não senti nada. Comecei a frequentar a igreja, principalmente as missas do domingo, procurando ser conscienciosо no cumprimento dos deveres religiosos. Mas, passados mais de dois anos, os conhecimentos e a fé que eu ambicionava ainda não tinham nascido no meu coração que se revoltava com o que observava à minha volta. Um dia, num desassombro de alma, disse para comigo mesmo: — «Afinal estou sendo um hipócrita; venho aqui por ver vir os outros, não tenho fé nem entusiasmo; não concordo com isto; gosto de situações claras e de sinceridade». — E não voltei mais, afastando-me tão ignorante e imperfeito como quando comecei a frequentar a igreja, mas tendo em mim, latente, êste sentimento que mais tarde havia de desabrochar em presença do «*verdadeiro cristianismo*».

A conversão

Aos trinta anos, em plena guerra, eu atravessava uma dupla crise: crise moral e crise económica. Tinha então uma farmácia onde comecei a notar a assiduidade de um indivíduo baixinho, para mim desconhecido, que de vez em quando aparecia e conversava com o meu empregado. Percebi que lhe falava de Espiritismo e insistia com êle para que fôsse assistir a uma sessão. O rapaz, tìmidamente e com delicadeza, ia-se desculpando conforme podia. Depois dêste estranho frequentador da farmácia sair, eu interrogava o empregado. O sujeito chamava-se Frederico Pereira e era espirita. E riamo-nos ambos, convictos da nossa superioridade. E quando o senhor Frederico voltava a aparecer, eu, uma vez por outra, ia-me chegando para o disfrutar. O amigo Frederico, talvez iludido com o meu falso interêsse, não esteve com meias medidas. Logo que lhe foi possível travar conversação comigo começou corajosamente a bombardear-me por todos os lados.

E foram pacientes explicações às minhas preguntas irónicas, foram revistas, fotografias e livros que nos mostrou para provar a verdade do seu ideal. E sobretudo não me largava a porta. Eu por vezes ficava admirado com o que êle me dizia e com os profundos conhecimentos que revelava. Mas na sua ausência, êle, para mim e para o meu empregado, continuava ainda a ser o espirita de quem nos riamos.

Um dia o amigo Frederico trouxe-me um livro para ler. Aceitei-o por cortezia mas, não fazendo tenção de lhe pegar, meti-o ao canto da gaveta. Porém tal não foi possível. Diàriamente, amigo Frederico procurava-me para me preguntar: — «Então, já leu o livrinho? Que tais são as suas impressões?» — Envergonhado, ia-me desculpando com a falta de tempo, até que ao fim de alguns dias disse para comigo: — «Vou ao menos ler um bocado para ver se êle me deixa em paz.» — Abençoada hora! Um novo mundo se desvendou para mim. Tudo o que eu aspirava, tudo o que eu idealizava de amor, justiça, perfeição, se encontrava ali. Ali estava também a explicação racional para os meus sonhos verídicos, para as minhas intuições para o que eu sentia e observava nos outros. ¡Como esta ciência era diferente da outra ciência materialista, como ia até ao fundo das coisas, mostrando-nos as causas que produziam os efeitos!...

Irrompeu em mim a fé que estava adormecida no fundo do meu coração, fé consciente, inabalável e progressiva. Minha alma reconhecida e cheia de entusiasmo cantava constantemente louvores e agradecimentos ao Senhor por esta luz bendita que me concedia. ¡Glória a Deus nas Alturas, paz na Terra aos homens de boa vontade!...

Eu era já outro homem. Os meus desgostos e as minhas dificuldades materiais dissipavam-se como fumo. Já nada valiam para mim. Minha mulher admirava-se quando em presença dos revezes da vida eu continuava sorridente, despreocupado e bem disposto: — «Parece êste homem que tudo lhe corre bem!» — estranhava ela. E corria, na verdade. A matéria para mim já pouco valor tinha.

A conselho do amigo Frederico li também os Evangelhos. Ia de encanto em encanto. Aquêle Sermão da Montanha... tôdas aquelas luminosas passagens me vieram mostrar que eu sempre tinha sido cristão sem o saber. ¡Que desejo sincero de me aperfeiçoar e de ajudar os outros despertou em mim! ¡Que felicidade todos estes conhecimentos me trouxeram! E era tanta essa felicidade de que o meu coração estava cheio, que êle transbordou fàcilmente e eu, pleno de entusiasmo, me tornei também propagandista desta maravilhosa doutrina, pela palavra e pelo exemplo, procurando constantemente derramar pelos outros êste bem-estar que me inundava e que transformara a minha vida.

E embora não seja prendado com a coragem, atrevimento e perseverança do meu grande amigo Frederico Pereira, já no entanto tenho feito alguma coisa, dentro das minhas limitadas fôrças, em prol da causa e por amor do próximo, e sinto a consolação de já ter levado a luz, a esperança e a felicidade a alguns corações sofredores e ignorantes das verdades espiritas.

A boa semente caiu num terreno preparado para a receber e está dando os seus frutos modestos, os quais, se Deus quiser, se desenvolverão e multiplicarão para serem aproveitados por alguns dos famintos da verdade e do aperfeiçoamento.

A TELEPATIA

O Dr. Maximiliano A. Langsner, licenciado em psicologia pela Universidade de Nancy e membro do Instituto Internacional de Detectives de Viena, realizou experiências de telepatia, verdadeiramente sensacionais.

Em Cuba, na cidade de Havana, segundo relato da revista «Rosendo», guiou um automóvel através das ruas mais movimentadas, tendo os olhos perfeitamente vendados. As manobras foram perfeitas, obedecendo sem uma hesitação a todos os sinais de trânsito.

As ordens eram-lhe transmitidas telepàticamente por um passageiro do automóvel, às quais se submetia o Dr. Langsner como um perfeito autómato.

À Margem dos Livros

por Ramos Pereira

MISSIONÁRIOS DA LUZ por *Francisco Cândido Xavier* (ditado pelo *Espírito de André Luís*). Livraria Editora da Federação Espirita Brasileira. Rio de Janeiro, 1945. 347 págs.

DEPOIS de «Nosso Lar» e «Mensageiros», André Luís dá-nos mais uma obra notável pela mediunidade de Francisco Xavier.

Escrita no mesmo estilo admirável, com passagens formosas, do mais elevado pensamento cristão, cheia de salutares conselhos e de ideias que merecem profunda meditação, é uma obra que *todo* o espirita deveria ler e... estudar. O seu tema capital é a descriação fiel e colorida do que se oculta para lá do fenómeno «mediúnico», do trabalho, da colaboração constante dos «missionários da Luz». Traz-nos uma forma nova para encarar a fenomenologia e esclarece-nos sobre as causas e os modos de operar das entidades manifestantes nas várias categorias dos fenómenos. O cientista tem neste livro múltiplos pontos a analisar e a comparar; o simples crente encontrará muito que lhe modificará certos pontos de vista demasiado comuns.

Da psicografia à reencarnação, ao desenvolvimento mediúnico, à prece, à materialização, aos passes, à incorporação, à obsessão, tudo é dissecado, analisado e comentado com clareza, ocultando a aridez científica sob a capa da novela e das descrições vividas. A leitura não cansa, absorve; transporta o indivíduo atrás dos «missionários» no seu caminho de esclarecimento, de luz. Mostrando a intercessão constante desses Espíritos, devotados, absorvidos pela abnegação cristã, afirma o seu fracasso desde que não haja a colaboração activa dos seres terrenos. Revelando a Luz, Eles deixam ao homem inteira liberdade de a aceitar ou repelir. Ninguém é coagido a sofrer um auxílio que não quer.

Mas que incitamentos afloram, quando há perfeita comunhão entre os pensamentos dos dois mundos: — físico e espiritual!

Pelo seu conteudo científico, há alguns capítulos que desejamos frisar: — «O psicógrafo» (I), «A epífise» (II), «Materialização» (X) e «Reencarnação» (XII). Este último, principalmente, dilata-nos as vistas sobre tão discutido e difícil problema. Quantas dúvidas, filhas da ignorância, caem esfaceladas!

Não nos permite esta secção, pelo seu caracter, uma análise circunstanciada às teses reveladas nesta obra! Contudo, chamamos a atenção do leitor para o papel da epífise na vida mental, e para a redução do perispírito (sob acção magnética) e sua ligação ao feto, no momento da reencarnação, pontos que pensamos abordar noutras colunas desta Revista (juntamente com outros dignos de reparo, também), mas... só depois dum mais aturado estudo da latitude das teses apresentadas por André Luís.

A FÁBULA DOS TOBIAS por *João Carlos de Assis*. Edição da Gráfica Mundo Espirita. Rio. 1945. 38 pags.

HÁ tempos, a Federação Espirita Brasileira publicou o «Livro de Tobias» a que se referiram alguns padres dos princípios da Igreja Romana, como Ireneu e Clemente de Alexandria. O intuito da tradução foi o de argumentar em favor da tese roustainguista sobre a natureza do corpo do Cristo — um «perispírito» tangível — tese defendida por aquela Federação.

No presente opúsculo, J. Carlos de Assis procura demonstrar a inanidade daquele esforço, criticando o «Livro de Tobias» e afirmando-o dum «fabulismo»... que emperra com os muros da razão!...

Eis duas atitudes reveladoras duma controvérsia que nos faz lembrar em muito aqueloutras em que se estiolou uma corrente do pensamento medieval. A nosso ver, nem o «Livro de Tobias» *prova* ou *argumenta* em prol da tese roustainguista, nem o opúsculo de Carlos Assis a desfaz. Não pretendemos analisar aqui os «Quatro Evangelhos» de Roustaing, mas simplesmente ponderar alguns pontos do problema do corpo do Cristo.

Para nós, espiritas, é a «materialização» um fenómeno natural; conhecemos as causas e os efeitos, sabemos o como e o porquê. Porque não admitir a *hipótese* do Cristo se ter materializado para o cumprimento da sua missão? Anti-natural? Ilógica? De forma alguma: — afirmá-lo, seria postergar uma categoria de fenómenos. Não se materializou o Cristo, depois da sua «morte» no Calvário? Não possuia ele, à sua volta, vários «médiuns» poderosos donde pudesse extrair os fluidos necessários, caso o não fizesse por concentração de fluidos dispersos pelo Eter? Não poderemos argumentar com os textos evangélicos?

É, pois, uma hipótese; não é uma certeza, porque muito se poderá contrapor. Mais natural se afigura

a muitos a *hipótese* duma «encarnação» do Cristo, ao mesmo tempo que o dizem a maior Essência Espiritual humana, o homem liberto do ciclo das encarnações. Muito se poderá dizer contra... e a favor... desta outra hipótese!...

E porque não apresentar uma terceira? Porque não dizer que Jesus, o iniciado na seita dos Essénios, foi o «médium» escolhido para uma «incorporação» do Cristo? Muito também se dirá sobre esta teoria...

Qual delas será verdadeira?... Reputamos estéril a discussão deste problema, porque dela... não sairá a Luz e sim a cizânia, a intolerância, a dispersão dos esforços. Será assim tão fundamental esta temática? Parece-nos que não, pois que todos (militando numa ou noutra hipótese) nada pretendem tirar à sublimidade missionária do Cristo. Que importa a *forma* como o Cristo desceu à Terra, se Ele desceu para nos dar a Luz do seu Amor? Ânsia de saber?...

Convenho com essa atitude. Mas não vejo em que «saber» a natureza do *corpo* do Cristo poderá aclarar a natureza do Seu Espírito!

Quereremos nós pulverizar o Edifício que tão custosamente se foi erguendo? E critica-se a esterilidade das polémicas medievais!... Para quê revivê-las com a mesma intolerância e no mesmo vácuo em que aquelas se afirmaram?

VIAGEM AO SÉCULO XXX por *Manuel S. Teixeira*. Editorial Natura. Lisboa. 1945. 96 pags.

A ACÇÃO desta novela — «Viagem ao Mundo do Futuro» — serve de pretexto a uma crítica da humanidade actual e a uma visão do homem no século XXX.

Manuel Teixeira pecou por concisão, pois que o tema imaginado era digno de obra de maior vulto; contudo, e é o principal, o seu pensamento aparece-nos claro, incisivo, servido por um estilo que torna agradável a leitura da sua obra. Distinguimos pela beleza a «mensagem» da jovem Diabema para as mulheres do mundo actual.

Perseguindo a ideia capital, o novelista não recorta nìtidamente as personagens da aventura fantástica — Paulo e Luís —, ainda que as suas características nos apareçam delineadas num traço geral.

Não faremos qualquer reparo à forma como os herois iniciam a sua viagem: — libertação e transporte do «espírito» pelas ondas hertzianas! É a imaginação a servir a Ideia. Surpreendeu-nos a seguinte passagem: — «Segundo a opinião de alguns cientistas, não são os acontecimentos que passam por nós, mas sim, nós pelos acontecimentos. Isto é, o pretérito e o porvir estão sempre presentes. Nós é que passamos por êles» (p. 25). ¿Será isto — ainda — um produto da fantasia para explicar a possibilidade da viagem?

Se o não é, permitimo-nos discordar do Autor e escrever à «margem» a seguinte nota: — «Se não somos nós que criámos o passado, pela acção livre, e criaremos o futuro, também livremente; se o passado foi assim, porque já o era antes de ser «passado»; se o futuro já é, antes de nós o criarmos, onde está o livre arbítrio do homem? Não conduzirá isto ao... fatalismo? Não irá contradizer a crítica do mundo actual e a glorificação da humanidade futura?

PUBLICAÇÕES VOLANTES da Sociedade de Estudos Espíritas. S. Paulo. 1945.

Dando cumprimento a um programa louvável, tem vindo a Sociedade de Estudos Espíritas de S. Paulo publicando vários opúsculos e folhas volantes de distribuição gratuita. A acção da propaganda dilata-se, assim, extraordinàriamente, auxiliada ainda pela escolha criteriosa dos temas. Completando o papel das revistas ou jornais e das obras de tese, aquelas publicações podem penetrar em locais em que estas, pela sua natureza, só dificilmente o farão.

Mantém a Sociedade paulista um «Curso de Espiritismo» teórico, com o «fim de fazer crentes esclarecidos por meio de indispensáveis noções preparatórias, conforme Allan Kardec recomenda em suas obras».

Eis duas iniciativas que bem desejaríamos ver tomadas por qualquer Centro ou Sociedade Espírita portuguesa, pois que a sua possibilidade prática lhes é bem demonstrada pela congénere brasileira.

Lemos os estatutos da Sociedade de Estudos Espíritas e apraz-nos registar a sua adesão absoluta aos ensinos kardecistas e verificar que as iniciativas seguidas são, afinal, a prática de pontos articulados nos estatutos [cap. I art.° 2 c); cap. VI art,° 42].

Dos opúsculos recebidos, destacamos: — «Espiritismo e Sessões Espíritas» [«Resumo do Espiritismo constante das obras: «Livro dos Espíritos», «Livro dos Médiuns», «Evangelho Segundo o Espiritismo», «Ceu e Inferno» e «Génesis»]; e «Prontuário das obras de Allan Kardec».

CHOPIN E CARMELA

Segundo relato de «El Siglo Espirita» (México), vivia em Chipuapau uma orfã, chamada Carmela, que sofria de crises nervosas. Os médicos consideravam essas crises um sintoma de loucura. Quando a família intentava enviá-la para um manicómio, em Santo António, a jóvem escreveu uma mensagem ditada pelo espírito de sua mãi, em que esta pedia para não cumprirem o seu designio.

E um dia, quando Carmela viu uma gravura representando Chopin, afirmou que êste a inspirava! E, sem qualquer educação musical, escreveu o princípio duma melodia que um «crítico» reconheceu como possuindo as características pessoais daquele compositor.

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

Rádio Piratininga

O nosso operoso confrade Caetano Mero, principal animador e fundador da Rádio Piratininga, construída nos arredores de S. Paulo com a potência de 20 quilovátios-antena, acaba de publicar, na *Alvorada*, de S. João da Boa Vista, daquele Estado brasileiro, uma Carta aos espiritas da república irmã, na qual esclarece os motivos do encerramento da grande emissora. Como tratámos da questão nas colunas desta revista, precisamente em Agosto de 1943, pouco depois do infausto acontecimento, é nosso desejo arquivar aqui as palavras do mencionado confrade. Diz ele:

«Tendo decorrido 3 anos de intensas lutas em defesa de Rádio Piratininga, fechada arbitràriamente por forças reaccionárias apoiadas pelo regime ditatorial de 15 anos, venho neste momento oportuno falar aos confrades sobre a situação da Rádio dos Espiritas. Muitos comentam o facto da paralisação da referida Emissora procurando culpar alguns confrades, lançando desse modo a discórdia entre os espiritas. Infelizmente, no panorama político em que vivíamos, não era permitido dizer certas verdades a respeito, o que faço agora, resumidamente.

«1.º Não é verdade que a causa do fechamento da Rádio Piratininga fosse motivada por desavenças entre espiritas. Muito embora alguns não tivessem compreendido a exacta finalidade dessa Emissora, não viria a implicar esse facto no seu encerramento.

«2.º É verdade que a referida Rádio fora fechada por um decreto do governo, atendendo às perjurações clericais, ao trabalho enigmático que surrateiramente forjavam, inculcando no ambiente ministerial a necessidade (segundo o seu ponto de vista) de paralisar o funcionamento da Rádio Piratininga.

«3.º Enquanto a estação funcionava com passos promissores, um grupo de indivíduos, em S. Paulo, empenhou-se na compra da mesma, e, mediante a resposta de que a Rádio Piratininga era património dos Espiritas, destinando-se à propagação do Evangelho, portanto não negociável, este mesmo grupo, orientado por insinuações secretas, formou posição nos corredores ministeriais até conseguir o seu intento, isto é, a paralisação da Rádio Emissora.

«4.º No dia 15 de Outubro de 1942, a Comissão Técnica de Rádio deu parecer favorável à Pan-americana, prometendo-lhe uma onda que porventura vagasse em S. Paulo. No dia 19 daquele mês cassaram o nosso prefixo, passando-o imediatamente à Emissora em formação. Procurei todos os meios pacíficos e lícitos para conseguir novamente o nosso prefixo. Percorri os ministérios dos Correios e Telégrafos, da Justiça e Viação, munido de farta documentação. Todos me ouviram, confessando que a Piratininga fora vítima de clamorosa injustiça e que iriam providenciar o novo funcionamento. Infelizmente, todas as promessas dos ministérios não passaram de paliativos. Achavam justa a reintegração, mas nada faziam para que a justiça fosse concretizada. Fizeram com a Piratininga à semelhança de Pilatos, conhecendo a inocência do Cristo. Enfim, nunca puderam definir porque foi cassado o prefixo da Rádio Piratininga. Tenho provas concludentes do trabalho oculto de correntes reaccionárias que procuravam e procuram impedir que a palavra de esclarecimento dos Evangelhos seja ouvida em território nacional.

«São eles, os homens vestidos de capas de ovelhas, os causadores da nossa aparente derrota. São eles os responsáveis pelo descontentamento de muitos espiritas que se sacrificam em luta incessante, objectivando readquirir um património vergonhosamente roubado em pleno dia, devido à escassez da luz moral que não existe em muitas consciências.

Emmanuel, referindo-se à Rádio Piratininga, em comunicação recebida por Francisco Xavier, disse que «embora esse acontecimento pareça um fracasso aos olhos dos homens, não passa dum fenómeno para arregimentar novos trabalhadores».

Confrades espiritas: É chegado o momento de reivindicarmos o que nos pertence. Que nos trará o futuro, se cruzarmos os braços diante dos assaltantes do nosso património? Como poderemos garantir liberdade às gerações vindouras, se não trabalharmos para conquistá-la, dando o nosso primeiro passo para um trabalho enérgico, exigindo aquilo que nos pertence?

Unamo-nos em torno da nossa causa; constituamo-nos em força moral poderosa e tenhamos desassombro, não nos amoldando ao vilipêndio e à traição, pleiteando o que nos custou grandes sacrifícios, constituindo a esperança dos povos de àmanhã que anseiam a verdadeira liberdade de crença.

Tenho a declarar-vos, espiritas, que a Rádio Piratininga está intacta e que não é verdade o boato que

espalham, dizendo que a nossa Rádio é a actual Pan-americana. A Rádio Piratininga está pronta a funcionar dum momento para o outro, faltando apenas que o governo do nosso país faça justiça no caso.

Mais uma vez declaro que a Rádio Piratininga pertence à causa evangélica; voltando ao ar, servirá de veículo à propaganda dos ensinos de Jesus, pelo Advento da Terceira Revelação.

É necessário a união perfeita em torno dessa causa que é perseguida, não visando uma pessoa, mas a colectividade. Unamo-nos, pois, que o nosso ideal deve pairar acima das ambições terrenas. A nossa tarefa deverá ser concluida. Não nos atemorizemos com ameaças. Compenetremo-nos do nosso trabalho e cumpramos o nosso dever para com o Ideal.

Convido os espiritas que desejarem a volta de Rádio Piratininga a telegrafar, escrever, ou mandar listas com assinaturas à directoria da mesma, à Praça da Bandeira, 134, S. Paulo, apoiando-a moralmente, pois que esse apoio colectivo será levado à Câmara dos Deputados pleiteando a sua justa reintegração.»

Sim, é preciso agir quanto antes, arrancando às trevas um património que tanto custou a alcançar!

Um caso de reencarnação

O sr. Juan Martines Figueiroa publicou em *Constancia*, de Buenos Aires, o relato que abaixo inserimos, transcrito da «Filosofia Espirita» de Quintin López Gómez, acompanhado de oportunos e judiciosos comentários. Diz ele, em estilo incisivo e convincente:

O caso que passo a narrar merece a atenção dos que nos combatem. Não são coisas difíceis de comprovar, antes pelo contrário.

Trata-se dum caso de reencarnação, em que o espírito, aos quatro anos de idade, recorda minuciosamente alguns pormenores da sua vida passada. Preciosa comprovação dum dos mais belos postulados da nossa filosofia!

A família Esplugas — Em nossas visitas de propaganda aos diferentes centros espiritas desta cidade, conhecemos os esposos Esplugas Cabrera, nossos confrades e pessoas cultas, entusiasmados pelos nossos princípios, dos quais são ardentes defensores.

Fruto deste matrimónio é o menino Eduardo Esplugas Cabrera, hoje de quatro anos de idade, muito vivo e loquaz e escorreito de inteligência.

A família Esplugas residiu sempre no n.º 44 da Rua de S. José, onde o sr. Torcato Esplugas tem a sua oficina litográfica. Nesta casa nasceu o menino Eduardo.

Eu tinha outra casa, além desta! — Um dia, dirigindo-se o menino a sua mãe, disse-lhe à queima-roupa:

— Mamã: eu tinha outra casa, além desta! Vivia numa casa amarela da Rua Campanário, que tinha o n.º 69. Recordo-me perfeitamente.

A senhora Cabrera não ligou importância ao caso; como, porém, seu filho insistisse em tais manifestações, ela deu-lhe atenção e o menino fez o seguinte relato:

— Quando eu vivia na Rua Campanário, 69, na casa amarela, meu pai chamava-se Pedro Saco e minha mãe Amparo. Lembro-me de que tinha dois irmãozitos que se chamavam Mercedes e Joãozinho, com os quais jogava muito.

«A última vez que saí da casa amarela foi no Domingo, 28 de Fevereiro de 1903, e minha mãe de então chorava muito, enquanto eu saía. Aqueloutra mamã era muito branca e de cabelo preto. Trabalhava em chapeus. Nessa altura tinha eu treze anos e comprava os medicamentos na Farmácia Americana, porque eram mais baratos. A minha bicicleta guardava-a na cave, quando vinha do passeio, e não me chamava Eduardo, como agora. Chamava-me Pancho.

Os pais ficaram assombrados ante semelhante relato, dito com firmeza imprópria dum petiz de quatro anos, e sabendo que o filho nunca estivera no n.º 69 da Rua Campanário.

Decorrido o primeiro momento e refeitos da impressão recebida, os esposos Esplugas Cabrera conceberam o plano de investigar o que haveria de verdade em tudo aquilo.

Primeiros passos — Dias depois, sairam com Eduardo a dar um passeio, levando-o com grandes rodeios a passar em frente do n.º 69 da Rua Campanário, desconhecida do menino e até dos próprios pais.

Ver-se em frente dela e reconhecê-la, foi obra de um instante:

— Era nesta casa que eu vivia! — exclamou.

— Então, entra; vê se a reconheces — disse-lhe o sr. Torcato Esplugas.

Decepção. O petiz entrou na escada, subiu ao primeiro andar, penetrou nos compartimentos, como se já os conhecesse, e desceu muito aborrecido por não ver lá os seus pais, mas outras pessoas diferentes. Também lá não encontrou os jogos com que ele costumava brincar em companhia de seus irmãos Mercedes e Joanito.

A investigação — Em virtude do resultado da primeira tentativa de comprovação, os esposos Esplugas começaram as indagações necessárias para a concluir, chegando a averiguar o seguinte:

1.º — Que a casa n.º 69 da Rua Campanário esteve ocupada até pouco depois de Fevereiro de 1903 pelo sr. Pedro Saco, ausente hoje em Havana.

2.º — Que a esposa do sr. Saco se chamava Amparo e que o matrimónio tinha três filhos chamados Mercedes, Joanito e Pancho.

3.º — Que este último falecera no mês de Fevereiro, pelo que os inquilinos abandonaram a casa.

4.º — Que, perto daquela casa, existe a Farmácia Americana, a que o menino faz referência.

Resumo — Eis um caso perfeitamente comprovado, com o qual o espírito encarnado não só recorda sua anterior existência, como também o sítio onde viveu. E como se isto não bastasse, ainda dá o nome dos pais e dos irmãos! Não se esqueça que é um menino de quatro anos quem recorda esses pormenores, o que torna mais importante este caso especial, visto não ser provável que nessa idade se possa inventar uma fábula com tanta minuciosidade.

Mas suponhamos que tal fábula pudesse existir. Neste caso, pergunto aos que assim crêem:

Como pôde o menino Eduardo Esplugas adquirir os dados, segundo os quais em 27 de Fevereiro de 1903 falecera na Rua Campanário, 69, o pequenito Pancho Saco?

Que fim poderia guiá-lo ao dizer aos pais que Pancho Saco e Eduardo Espluga eram a mesma pessoa, vivendo em épocas diferentes?

Como pôde o menino referir com tanta certeza e veracidade o número de pessoas e os nomes de sua outra família?

Os nossos adversários podem fazer todas as conjecturas que quiserem. O sr. Esplugas, a sua digna esposa e seu filho Eduardo, continuam a morar na Rua de S. José, N.º 44.

Sociedade de Militares Espiritas

Segundo lemos em *La Idea, de* Buenos Aires, acaba de fundar-se no Rio de Janeiro uma *Sociedade de Militares Espiritas,* que já conta numerosos associados pertencentes ao Exército, à Marinha de Guerra, à Aeronáutica e à Polícia Militar.

Oficiais do activo, da reserva e jubilados das fôrças armadas, bem como praças e graduados também no activo, poderão fazer parte da *Sociedade.* Os funcionários civis espiritas que possuam ou não graus militares e em serviço activo, assim como os assimilados das Corporações Armadas, poderão igualmente ingressar na *Sociedade de Militares Espiritas.*

O Presidente da Instituição é o General Frutuoso Mendes e o Vice-Presidente é o Almirante Carlos Olímpio Borges de Faia.

A *Sociedade* encara o Espiritismo nos três aspectos que definem a sua codificação: religião, ciência e filosofia, e dentro deles exercerá a sua acção, inteiramente alheia à política, que será proibida aos associados.

O Espiritismo vai caminhando, semelhante às labaredas dum incêndio imenso que nada pode deter na sua marcha ascendente, principalmente no Brasil, onde todos os pretextos servem aos adeptos para firmarem a sua crença e lançarem bases de novos empreendimentos.

A *Sociedade de Militares Espiritas* será verdadeiro campo de trabalho oferecido àqueles que já estavam irmanados pelo cumprimento do dever e compenetrados de que a união é a mola-real do êxito em qualquer tarefa que se empreenda.

O panorama que oferece o movimento espirita mundial, sobretudo na América latina, é surpreendente e consola-nos da falta de fé de muitos irmãos que se deixam empolgar pelos tentáculos do materialismo reinante. Já que vivemos numa região infensa aos verdadeiros surtos do espírito, procuremos «prémios de consolação» no esforço gigantesco dos confrades doutras latitudes que se multiplicam em dedicação e labor, prestigiando sempre a nobre causa que nos irmana.

Que Deus os abençoe e que o seu dinamismo traga constantemente novas pedras para o edifício comum!

Fenómeno misterioso

Constancia extraiu do diário argentino *La Nación* a seguinte notícia:

Refere Ed. Bodin que o médico J. Roberts conserva um telegrama que lhe recorda o mais estranho episódio que se pode imaginar.

Há anos, regressava êle ao consultório, após uma visita que fizera a seus pais, quando deparou com um telegrama que dizia:

«Vem imediatamente. — Mary».

Mary era sua irmã, que vivia com a mãe, em Nova Jersey. Como não tinham telefone, o doutor Roberts meteu-se num automóvel e duas horas depois estava na casa de campo da mãe, que se encontrava enfêrma.

A irmã tinha mandado buscar um médico à cidade, mas ainda não chegara. O doutor Roberts chegou precisamente a tempo de salvar a vida à sua progenitora.

Quando, horas depois, lembrou à irmã o telegrama recebido, esta não lhe ocultou a surpresa. O facultativo tirou o impresso do bolso para lho mostrar e ficou absorto, quando notou que estava em branco.

A MORTE

A morte não é mais que um nascimento, uma transformação. A vida dos seres é uma espécie de estados ligados entre si, como cadeias de que esta existência é um elo natural, ligado a toda a cadeia.

Leibniz

Notas & Comentários

O autor da «Grande Síntese»

Do *Reformador*, do Rio de Janeiro, referente a Novembro último, extraimos a seguinte notícia:

«*Dr. Pietro Ubaldi* — Acabamos de receber atenciosa carta do Professor Dr. Pietro Ubaldi, autor de «A Grande Síntese» e doutras notáveis obras de grande repercussão no mundo espírita. Desde a eclosão da guerra que estávamos sem notícias desse nosso amigo e ilustre confrade. Escreveu-nos de sua antiga residência, na Itália, informando-nos de que, durante todo o tempo em que estiveram interrompidas as comunicações com a América do Sul, trabalhou com devotamento pela causa comum que nos irmana. Assim, é que tem diversos livros novos, cuja publicação naturalmente faremos em futuro relativamente próximo, conforme, aliás, é de sua vontade. Estamos mantendo correspondência com o Dr. Pietro Ubaldi e contamos poder dar aos nossos leitores, brevemente, notícias muito auspiciosas, acerca dos livros que ele escreveu, estimulado pela sua excelente mediunidade. Este registo se impunha, pois seu nome é bastante querido no ambiente brasileiro».

Ainda está no espírito de todos nós o eco extraordinàriamente forte e agradável de «A Grande Síntese», que a Livraria da Federação E. Brasileira editou esmeradamente, em belo formato e papel de linho. Por isso, aguardamos com ansiedade as novas produções de Pietro Ubaldi, tão apreciado pelos altíssimos serviços que tem prestado à filosofia espírita.

18 de Abril

A Liga Espírita do Brasil tomou a iniciativa de comemorar, a partir do ano passado, o aniversário do aparecimento de «O Livro dos Espíritos», de Allan Kardec. Nesse sentido, o nosso redactor-correspondente no Rio de Janeiro, que ora inicia a sua colaboração nesta revista, escreveu um opúsculo intitulado «18 de Abril de 1857!», a que nos referimos no último número, na secção *À Margem dos Livros*.

Aquela data marca o início da codificação kardeciana e por isso o Dr. Henrique Andrade, director do semanário carioca *Mundo Espírita*, propôs que a comemoração passasse a realizar-se anualmente, razão por que se está a preparar este ano, começando pela inauguração do *Centro Espírita 18 de Abril*, justamente no dia do 89.º aniversário de «O Livro dos Espíritos». Este simpático empreendimento é levado a efeito por um grupo de confrades, de que fazem parte o Dr. Lauro Sales, Deolindo Amorim, Eduardo Barreiros, José Fernandes de Sousa, Álvaro Brandão da Rocha, gerente do diário *Vanguarda*, Aníbal de Freitas, etc.

Mas a Liga Espírita do Brasil, em que estão filiadas perto de cem agremiações, sessenta das quais com sede no Rio de Janeiro, quer ir mais longe: quer que tal comemoração tenha carácter internacional e, nessa conformidade, está fazendo a propaganda junto de várias entidades espíritas do continente americano.

Estudos Psíquicos, que representa em Portugal o Centro Espiritualista Luz e Amor e o Núcleo de Acção e Propaganda Estudos Psíquicos, além duma corrente neo-espiritualista específica resultante da acção contínua deste orgão de propaganda, oferece espontaneamente o seu apoio à Liga Espírita do Brasil, nesse interessante movimento que há-de estender-se a todo o mundo latino, visto que o seu fim é reforçar a obra de Kardec, tão forte e homogénea, que resiste a todos os embates e se prepara para atravessar os séculos vindouros.

Novos colaboradores

Ultimamente, a acção do Centro E. Luz e Amor tem sido reforçada por dedicados colaboradores, os quais deram novo alento às sessões experimentais, realizadas periòdicamente sob a direcção do Tenente Guilherme Miguel Afonso e de Ramos Pereira.

Primeiro, veio D. Maria de Jesus Mendes Figueiredo, médium de grandes faculdades, cuja vidência tem dado origem a frequentes conversões ao Espiritismo. A sua actuação contínua muito contribui para a expansão da Doutrina em Portugal.

Depois, veio o Dr. Adelino Gambôa, que, desde Novembro passado, aqui tem realizado sessões, com a médium, igualmente notável, D. Maria Cecília Gorina.

Este facto alegra-nos profundamente, por ser mais um elo a juntar à cadeia de solidariedade com que desejamos ligar todos os trabalhadores da última hora, de que falam os Evangelhos. O Dr. Adelino Gambôa merece toda a nossa simpatia, não só pela sua modéstia e forma de doutrinar, simples e cristã, sem esquecer a responsabilidade inerente à direcção destes difíceis trabalhos, como também pelo desassombro da sua fé espírita, não obstante ser um médico altamente considerado.

D. Maria Cecília pôs-se à nossa disposição, em tudo o que estivesse ao seu alcance. Registamos o seu

Noticiário

Representante de «Estudos Psíquicos» no Rio de Janeiro

O nosso confrade e amigo Henrique de Magalhães passou à Livraria Editora da Federação Espirita Brasileira a representação da nossa revista no Rio de Janeiro, com a incumbência de promover a venda avulso e angariar assinaturas. Confirmando esta auspiciosa notícia, recebemos há pouco amavel carta do Administrador daquela Livraria, em que afirma os seus desejos de auxiliar a expansão deste orgão.

Tanto ao amigo Magalhães, como à Livraria, muito agradecemos os serviços que nos prestam.

As nossas conferências

Realizaram conferências na sede do Centro E. Luz e Amor os nossos colaboradores Ramos Pereira e Haydi de Thebelen, os quais desenvolveram, respectivamente, os seguintes temas: «A Religião e o Espiritismo» e «Aspectos da Educação».

Ambas foram proferidas com a elevação habitual.

Grupo de irradiação mental Reper - Siam

Este grupo, que funciona às 5.as feiras na sede do Centro E. Luz e Amor, das 21.30 às 23.00, sob a direcção do nosso colaborador Ramos Pereira, está a suscitar o maior interesse entre os seus frequentadores, que aumentam dia a dia, em virtude da forma notável como o seu director o tem orientado. Orador fluente servido por um verbo fácil e comunicativo, tem feito interessantes análises da Doutrina que satisfazem os mais exigentes.

Primeiro, costuma ventilar um ponto filosófico; depois, estuda alguns versículos do Evangelho à luz do Espiritismo; e finalmente entra na parte de irradiação mental, que tem beneficiado muitos doentes que se encontram a distância.

Estes trabalhos foram iniciados em Novembro último e já vão na décima quinta sessão. É de crer que afluam novos ouvintes às sessões deste grupo, para ouvir a palavra inspirada dum dos mais notáveis oradores que têm passado pelas fileiras do Espiritismo. Não há a mínima lisonja nesta afirmação, porque a amizade que nos liga a Ramos Pereira deixa-nos inteiramente à vontade para exprimir a nossa forma de ver. Os que o ouvem uma vez não o esquecem mais. Assim, este grupo, que dirigimos durante cinco anos, passou a boas mãos, entrando em nova fase, que muito beneficiará a Causa e o Centro.

Um reparo

Pede-nos a nossa colaboradora D. Ivone de Sousa (Haydi de Thebelen) que informemos ter sido estranha à recente publicação dum folheto de mensagens mediúnicas que circula nos meios espiritas. Embora ali haja algumas cuja recepção lhe é atribuída, foi alheia à oportunidade e à escolha das referidas mensagens, nenhuma responsabilidade lhe podendo caber neste assunto.

Separata de distribuição gratuita

A Federação Espirita Portuguesa e a revista *Estudos Psíquicos* acabam de editar, em elegante separata, a resposta que nestas colunas foi dada ao Dr. Duarte Leite, que no *Primeiro de Janeiro* atacou o Espiritismo. Dela vamos fazer profusa distribuição, sobretudo no norte do pais, onde aquele diário tem maior número de leitores.

Enviaremos a separata gratuitamente a quem a pedir.

Programa dos trabalhos do Centro no mês de Março de 1946

Dia 11 de Março, às 16 horas — Sessão experimental com a médium D. Maria de Jesus Mendes Figueiredo.

Dia 18 de Março, às 16 horas — Conferência por Ramos Pereira, intitulada «Fenómenos e Hipóteses».

Dia 25 de Março, às 16 horas — Sessão experimental com a médium D. Eglantina da Conceição Baleto.

Dia 1 de Abril, às 16 horas — Conferência por D. Marcolina Alves, intitulada «O Espiritismo Brasileiro».

Dia 10 de Abril, às 16 horas — Sessão experimental com a médium D. Maria de Jesus Mendes de Figueiredo.

---

gesto e tomamo-lo na devida conta, congratulando-nos com o facto de nos haverem proporcionado mais um grupo de amigos que muito contribuirão para fortalecer a nossa obra.

Aos queridos companheiros citados nesta nota, incluindo a S.a D. Noémia Barbosa de Gambôa, esposa do Dr. Adelino e que tão dedicadamente nos tem auxiliado, apresentamos os nossos agradecimentos. Que eles possam continuar a prestar-nos o seu concurso, são os nossos ardentes votos!

ASSINAI A REVISTA «ESTUDOS PSIQUICOS»

OBRAS DE CIÊNCIAS PSÍQUICAS E FILOSOFIA NEO-ESPIRITUALISTA

(Continuação da 2.ª pág. da capa)

	br.	enc.
cações do *Espírito de Julieta do Céu*	3$00	
Do Calvário ao Infinito, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	20$00	27$00
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	7$00	
Doutrina Inglória (O problema da natalidade segundo o Espiritismo), por *Leopoldo Machado*	12$00	
Eça de Queiroz Póstumo (comunicações de E. de Queiroz, por *Fernando de Lacerda*	16$00	23$00
Ensinos Espiritualistas (Descrições do além), por *W. S. Moses*	14$00	21$00
Entre dois mundos, (romance), por *Antoinette Bourdin*	12$00	19$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	20$00	27$00
Espiritismo (O) Contemporâneo, pelo *Dr. Martins Velho*	12$00	
Fenómenos de Materialização, por *M. Quintão*	10$00	17$00
Física Transcendental, por *J. Zoellner*	10$00	
Fundamentos Científicos do Espiritismo, pelo *Dr. Azevedo e Silva*	10$00	
Funerais da Santa Sé (Poesias ditadas pelo *Espírito de Guerra Junqueiro*)	14$00	21$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	18$00	25$00
Jesus perante a Cristandade, comunicações do *Espírito de Bittencourt Sampaio*	12$00	19$00
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	17$00	24$00
Livre-arbítrio e Determinismo, por *Louis Gastin*	3$00	
Marieta (páginas de duas existências) romance mediúnico, recebido por *Daniel Artazú*	18$00	25$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	10$00	
Memórias do Padre Germano, recebidas por *Amália Domingo Soler*	18$00	25$00
Memórias duma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	14$00	21$00
Na Sombra e na Luz, romance mediúnico ditado pelo Espírito de *Vitor Hugo*	18$00	25$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	15$00	22$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho, por *João Evangelista*	12$00	
Padre (O), a Mulher e o Confessionário, pelo *ex-padre Chiniquy*	12$00	19$00
Poder Mental, pelo *Dr. A. Lôbo Vilela*	10$00	
Problema (O) da Sobrevivência, pelo *Dr. A. Lôbo Vilela*	10$00	
Protestantismo (O) e o Espiritismo, por *Benedito A. da Fonseca*	12$00	19$00
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	18$00	25$00
Reis, Príncipes e Imperadores, por *Almerindo Martins de Castro*	14$00	21$00
Religiões, Mitos e Crendices, por *Ester Calderon*	28$00	
Revelações de Além-Túmulo, pelo *Dr. Antão de Vasconcelos*	15$00	22$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	16$00	23$00
Salvação pela fé ou pelas obras?, pelo *Dr. Romeu Camargo*		14$00
Sementeira Cristã (colecção ilustrada composta do 1.º, 2.º e 3.º livro de leitura para as escolas espiritas), única no género, por *Clóvis Tavares.*		
1.º livro		10$00
2.º »		11$00
3.º »		12$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	14$00	21$00
Sombra (Na) e na Luz, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	18$00	25$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	10$00	17$00
Teatro Espiritualista (1.ª série) monólogos, dramatizações, comédias leves, sainetes e poesias dramáticas, por *Leopoldo Machado*	10$00	
Teatro Espiritualista (2.ª série) por *Leopoldo Machado*		15$00
Trabalho (O) dos Mortos, (relato circunstanciado das célebres materializações do Pará com a médium Ana Prado, com muitas fotografias «horx-texte») pelo *Dr. Nogueira de Faria*		45$00
Vidas (As) sucessivas, por *Adauto Serra*	5$00	
Vingança (A) do Judeu, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	20$00	27$00
Vozes do além pelo telefone, por *Óscar d'Argonnel*	5$00	

Nêstes preços não está incluído o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente, Ilhas Adjacentes e Colónias. (Moçambique).

É espirita sincero? É amigo do Ideal?

Então, adquira imediatamente o

Resumo da Doutrina Espirita

primeira obra de *Estudos Psíquicos Editora* e que representa um enorme esforço de propaganda.

A sua venda habilitar-nos-á a editar novas obras anunciadas, entre as quais TRINTA ANOS ENTRE OS MORTOS, do Dr. Carl Wicland.

Indicai a obra aos vossos amigos!

Auxiliai Estudos Psíquicos Editora!

Um Brinde de Ano-Bom

Acabámos de receber um formosíssimo livro de comunicações, intituladas

DE ICLÉA PARA AS CRIANÇAS

impresso em óptimo papel de linho e que se não lê sem viva emoção. Cada quadrozinho é uma lição enternecedora que comove até às lágrimas e exalta as mais belas virtudes da alma humana.

Adquiri-o para vós e para vossos filhos.

Brochado — 18$00

Aos advogados e jurisconsultos

¿Os herdeiros terão direitos sobre as obras póstumas dadas por seus ascendentes, através de médiuns psicográficos?

Eis um assunto de palpitante interesse debatido nos tribunais do Rio de Janeiro e que se encontra circunstanciado no livro

O CASO HUMBERTO DE CAMPOS

a propósito de quatro obras póstumas deste autor psicografadas pelo famoso médium *Francisco Cândido Xavier*.

1 grosso vol. { 28$00 brochado / 35$00 encadernado

Á venda nesta redacção

Colecções de «Estudos Psíquicos» artisticamente encadernadas em percalina azul

1.º vol. (1939-41) de que restam 3 exemplares	70$00
2.º vol. (1941-33)	55$00
3.º vol. (1943-44)	55$00

Brevemente o 4.º volume.

ANO VII ABRIL DE 1946 N.º 4

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

CONTÉM:

Intercâmbio, **da redacção**; Ciência e Filosofia, **pelo Dr. A. Lobo Vilela**; Dúvidas..., **pelo coronel Faure da Rosa**; Desencarnou o Dr. Carl Wicland; Meditações de Abril; Uma Profissão de Fé, **por F. Noronha**; Do alto-Perspectivas, por **Reper-Siam**; Allan Kardec, **por I. D. S.**; «Resumo da Doutrina Espirita»; A Missão de Jesus — VI — **por Fernando da Cruz Ferreira**; Saudade (soneto), **por Maria Veleda**; Curiosos Factos Espiritas **pelo coronel Amando Simões**; Lições de Páscoa, **por Leopoldo Machado**; Cânticos — Aos Pés da Cruz, **por Ramos Pereira**; Uma Conferência notável, **por R. Pires**; Carta aberta a Osvaldo Polidoro, **por Ramos Pereira**; Plantas e Animais, **por Luís Figuier**; Crónica Estrangeira, **por Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários, Noticiário.

ALLAN KARDEC

ESTUDOS PSÍQUICOS

ASSINATURAS

Continente — cada série de 6 n.os, não incluindo despesas de cobrança . . . . . 20$00
Brasil . . . . . (12 n.os — 36 cruzeiros)
Colónias . . . . . (12 n.os — 50$00)
Número avulso . . . . . 3$50

Propriedade de ISIDORO DUARTE SANTOS, a quem deve ser dirigida toda a correspondência

OBRAS DE CIÊNCIAS PSÍQUICAS E FILOSOFIA NEO-ESPIRITUALISTA

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
O Principiante Espirita	7$00	
O Livro dos Espiritas	18$00	25$00
O Livro dos Médiuns	18$00	25$00
O Evangelho segundo o Espiritismo	18$00	25$00
A Génese (parte cientifica do Espiritismo)	18$00	25$00
Obras Póstumas	18$00	25$00
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	5$00	
O Problema do Sêr e do Destino	18$00	25$00
Cristianismo e Espiritismo	18$00	25$00
Joana d'Arc Médium	18$00	25$00
GABRIEL DELANNE		
A Evolução Anímica	18$00	25$00
A Alma é Imortal	18$00	25$00
A Reencarnação	18$00	25$00
O Espiritismo Perante a Ciência	18$00	25$00
ERNESTO BOZZANO		
Animismo ou Espiritismo?	18$00	25$00
Metapsíquica Humana	12$00	
Pensamento e Vontade	10$00	
CAMILLE FLAMMARION		
As Casas mal Assombradas	18$00	25$00
Narrações do Infinito	10$00	
O Fim do Mundo	15$00	22$00
Stella (romance astronómico) . . .	18$00	25$00
Urânia » »	12$00	19$00
FRANCISCO C. XAVIER (Médium)		
Boa Nova (quadros evangélicos), ditado pelo *Espirito de Humberto de Campos*	12$00	19$00
Brasil, Pátria do Evangelho, história do Brasil, pelo *mesmo Espirito*	12$00	19$00
Cartilha da Natureza, poesias ditadas pelo *Espirito de Casimiro Cunha*	10$00	17$00
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espirito de Humberto de Campos*	11$00	18$00
Emmanuel, reportório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*		12$00
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espirito de Emmanuel*	18$00	25$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	18$00	25$00
Lira Imortal, comunicações em verso	8$00	
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por poetas luso-brasileiros)	30$00	37$00
Paulo e Estêvão (livro famoso considerado pelos eruditos como a mais completa biografia de S. Paulo)	28$00	35$00
Reportagens de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espirito de Humberto de Campos*	12$00	19$00
OBRAS DIVERSAS		
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo Gibier*	12$00	19$00
Arcanos da Natureza, por *Alexandre Dias*		8$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	13$00	20$00
Caso (O) Humberto de Campos . .	28$00	35$00
Chanceler (O) de Ferro, romance mediúnico ditado pelo Espírito do *Conde Rochester*	18$00	25$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta* . .	18$00	25$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista, (três romances num só), por *António Lima*	30$00	37$00
De Jesus para as crianças, comunicações do *Espirito de Bittencourt Sampaio*	10$00	17$00
De Icléa para as crianças, formosas comunicações destinadas à formação moral dos nossos filhos, livro único no género	18$00	
De Maria para suas filhas, comuni-		

(Continua na 3.ª pag. da capa)

• VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA •

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

7.º ANO — LISBOA, ABRIL DE 1946 — N.º 4

Director e Editor	Redacção e Administração	Administrador
Isidoro Duarte Santos	Rua do Salitre, 149, 1.º	Maria G. Duarte Santos

Composto e impresso na Tipografia SILVAS, Lda. — Rua de D. Pedro V, 120 LISBOA

INTERCÂMBIO

Desde a fundação desta revista, que temos preconisado a necessidade de intercâmbio espiritual com os nossos confrades brasileiros. Nesse sentido agimos constantemente, pondo nas palavras o entusiasmo do coração e os reflexos da inteligência.

Portugal e Brasil pertencem ao mesmo tronco rácico, vibra-lhes nas veias indomavel aspiração de generosidade e bondade. Todos os seus actos respiram harmonia e paz para com os vizinhos geográficos. Um português, no Brasil, não *é* estrangeiro. É irmão de raça, com ascendentes comuns, com anseios afins, servido pelo mesmo espírito de aventura que tonifica o homem, levando-o a quintessenciar o sentimento de fraternidade universal.

O mesmo sucede com os brasileiros em Portugal. Estão na mãe da sua pátria e dela são filhos duas vezes, como se diz em linguagem popular. Há, portanto, razões fundamentais a justificar o nosso desejo de intercâmbio.

Pela orientação e pelo conteudo, «Estudos Psíquicos» pode chamar-se revista luso-brasileira, pois não há acontecimento importante passado além-Atlântico que deixe de ter repercussão nas nossas colunas. Acresce ainda a colaboração que inserimos de confrades brasileiros, acolhidos sempre amàvelmente, como se portugueses fossem.

Agora, a Liga Espirita do Brasil resolveu comemorar o aniversário do «Livro dos Espíritos», de Allan Kardec, e que se processará a 18 de Abril. Achamos bem e associamo-nos à cerimónia, embora modestamente, como é próprio daqueles que pouco têm que dar, mas que o dão de boamente, certos de cumprir deveres de solidariedade. Assim, naquela data, o Centro Espiritualista Luz e Amor cá estará vigilante a comemorar a primeira obra do Mestre insigne que lançou os alicerces da Doutrina Espirita, arrostando com obstáculos e preconceitos. Caberá ao Grupo de Irradiação Mental Reper-Siam essa tarefa muito grata ao nosso espírito.

O que fazemos relativamente à Liga Espirita do Brasil faremos amanhã no tocante a qualquer iniciativa da Federação Espirita Brasileira, onde temos, igualmente, amigos diletos, e cuja obra não nos cansamos de admirar em toda a sua pujança. A Casa de Ismael tem sido há mais de sessenta anos a mola propulsora do Espiritismo luso-brasileiro. As suas edições contínuas fizeram milhares de adeptos nos dois países, não falando já na secção de Esperanto que o nosso amigo Ismael Gomes Braga dirige com acêrto e dinamismo, próprio de ferveroso adepto, e que tem levado algumas obras de Kardec a todos os países, onde se cultiva a língua auxiliar internacional.

Enfim, o nosso intuito é este e para a sua realização não regatearemos esforços, nem sacrifícios. «Estudos Psíquicos» nasceu e cresceu voltada para o Brasil. As suas raízes repartem-se por dois continentes de seiva renovadora, plenos de sol, de hospitalidade e de amor para com os fracos e oprimidos, que não fecharam os ouvidos às palavras do Nazareno. Sem arripiar caminho e coerente com a acção que desenvolveu nos anos decorridos, estreitará ainda mais os laços espirituais que nos prendem aos brasileiros amigos, num intercâmbio lógico e necessário.

CIÊNCIA E FILOSOFIA

pelo Dr. A. Lobo Vilela

II

3) *Princípio de causalidade:*

NENHUM fenómeno se produz sem causa. Esse princípio que, sob certos aspectos, coincide com o princípio do determinismo, não se identifica, porém, com ele. Com efeito, deve distinguir-se a legalidade dos fenómenos da sua causalidade. O princípio de causalidade aplica-se às relações de sucessão e tem sentido explicativo. A lei que estabelece o isocronismo das pequenas oscilações do pêndulo, por exemplo, não exprime nenhuma relação de sucessão e por isso tambem não implica o conceito de causalidade.

Todavia, uma relação de simultaneidade pode tomar o aspecto de uma relação de sucessão. Assim, por exemplo, na lei: para a mesma massa de gás, à mesma temperatura, é constante o produto do volume pela pressão — o volume e a pressão são factos simultâneos. Mas, se provocarmos um aumento de pressão, a redução de volume do gás surge como efeito. Chegaríamos à mesma conclusão se enunciássemos a lei sob a forma: quando varia a pressão a que está submetido um gás, conservando-se constante a temperatura, o volume varia na razão inversa. Assim, a variação da pressão aparece-nos como causa da variação do volume.

Um fenómeno considera-se explicado quando se conhece a sua causa. Na «Introdução ao Estudo da Medicina Experimental» escreve Claude Bernard: «O espírito do homem não pode conceber um efeito sem causa, de tal modo que a observação de um fenómeno desperta sempre nele uma ideia de causalidade. Todo o conhecimento humano se limita a remontar dos efeitos observados à sua causa». Espinoza emprega com frequência o termo «razão» em vez de «causa», transpondo para a ordem racional uma relação que se presume existir na ordem natural. Leibniz emprega as expressões «razão determinante» e «razão suficiente», associando os princípios de causalidade e do determinismo e fazendo a mesma transposição. Ora, o conceito de causalidade implica uma representação temporal, enquanto o conceito do determinismo exige apenas uma representação especial. Hobbes considera «causa eficiente» «aquilo a que nada falta para produzir um dado efeito».

Os fenómenos oferecem-se à nossa intuição sensível como modificações no tempo, de modo que somos conduzidos a representá-los linearmente, segundo uma ordem temporal. A causa surge-nos assim como tendo uma anterioridade real em relação aos seus efeitos. Deste modo, o conceito de causalidade tem caracter objectivo que o liga à ordem da existência, pelo que não deve confundir-se com o conceito de razão que se refere à ordem lógica, embora postulemos a correspondência das suas ordens.

Geralmente, a produção de um acontecimento depende de muitos factores e basta que um só não se realize para que ele se não produza. Na verdade, a causa é o conjunto desses factores, mas frequentemente reserva-se a designação de causa ao último factor que se junta aos restantes para produzir o fenómeno. Assim, por exemplo, para se acender uma lâmpada eléctrica é necessário que exista a respectiva aparelhagem e que haja uma geradora eléctrica. No entanto, como estas condições se supõem realizadas, considera-se apenas como causa o acto de fechar o circuito — a última condição que faltava realizar para se produzir o fenómeno. Se um fenómeno é duradoiro, considera-se como causa uma circunstância que perdura com ele e sem a qual ele não subsiste.

A noção de causalidade, além de complexa, é obscura, porque tanto a mudança como a permanência nos sugerem a necessidade de explicação por meio de uma dependência causal. O facto de sentirmos necessidade de explicar a mudança mostra que ela nos surpreende e que a não consideramos uma propriedade essencial das coisas. Por isso a atribuimos a uma acção modificadora, estranha ao próprio fenómeno. Isto equivale a postular a conserva-

ção essencial das coisas. Os princípios de conservação formulados pela ciência, embora contendo elementos empíricos, exprimem a tendência metafísica para se considerar indestrutível a essência das coisas. Por detrás de todas as modificações aparentes, pressente-se um elemento de permanência. Os seus enunciados variam mas não o seu caracter. O princípio de conservação do movimento de Descartes cedeu lugar ao da conservação da força-viva, de Huygens e de Leibniz; o de conservação do calor, de Black, transformou-se no de Mayer e de Joule. O princípio de inércia é um princípio de conservação da velocidade.

Por outro lado, surpreende-nos que uma coisa não mude e sentimos necessidade de explicar a invariabilidade de um fenómeno, atribuindo-lhe uma causa. Para que esta necessidade não seja incompatível com o princípio da conservação essencial das coisas, temos que a referir à aparência das coisas, o que implica o postulado da incessante mutação dos fenómenos.

A explicação científica é mais alguma coisa do que uma justificação causal: é uma tentativa de representação da estrutura interna dos fenómenos e do seu modo essencial de produção. Assim se compreende a predilecção dos físicos pelas explicações mecanicistas e energetistas que, aliás, se harmonizam com o princípio da conservação essencial das coisas. É curioso notar que Lucrécio deduz o princípio de conservação da matéria, da sua concepção mecanicista do mundo; e é também de uma concepção análoga que Leibniz deduz o princípio de conservação da força viva.

Na explicação científica não se pretende reduzir um fenómeno menos vulgar a outro mais vulgar, pois este mesmo requeria explicação. As concepções mecânicas reduzem os outros fenómenos ao choque, mas o que nelas tem sentido explicativo não é o fenómeno elementar que se considera, mas sim o esquema formal com que se procura dar ideia da natureza íntima do fenómeno. O aperfeiçoamento da técnica experimental mostrou que a concepção mecânica era insuficiente e recorreu-se a outros esquemas mais abstractos. O valor explicativo dos conceitos de «éter físico», de «electrão», de «fotão», etc., resulta do seu caracter híbrido, abstracto-concreto: como seres de razão, satisfazem o nosso entendimento; como seres reais, inserem-se no próprio mundo dos fenómenos.

Por isso nos oferecem uma imagem racional da natureza íntima dos fenómenos, permitindo-nos reduzir ao mesmo esquema os mais variados fenómenos. Assim se substitui a imagem incoerente do mundo que resulta da percepção pela das teorias. Compreender é mais alguma coisa do que conhecer, porque exige a explicação do ser.

Os fenómenos caloríficos, luminosos, eléctricos e magnéticos foram reduzidos sucessivamente ao mesmo esquema, graças à fecundidade do conceito de energia. O ideal da ciência seria reduzir todos os fenómenos a um único modelo e é para êsse ideal que tende incessantemente.

É a título provisório que constrói modelos parciais que servem de base à classificação dos fenómenos, ao mesmo tempo que vai procurando unificar esses modelos e reduzir todos os fenómenos ao mesmo esquema. A evolução da física mostra-nos duas tendências de unificação dos fenómenos mecânicos e eléctricos: uma, inspirada no êxito da teoria newtoniana, pretendia aplicar aos fenómenos eléctricos o esquema mecânico; outra, sugerida pelos progressos da química-física, pretende reduzir os fenómenos ao esquema electromagnético.

O valor explicativo de uma teoria é aferido pelo seu poder de coordenação lógica dos factos experimentais. A este respeito é interessante o que se tem passado com as teorias da luz: prevalece o esquema do tipo de fenómenos cuja teoria alcança maior grau de perfeição ou que realiza mais acentuados progressos. Mas as alterações introduzidas nas teorias não afectam as leis, porque as relações entre os factos experimentais não dependem da maneira como esses factos se representam. É por isso que as equações diferenciais e os respectivos integrais subsistem.

A importância dos factores que se desprezam na determinação de uma relação causal depende da escala em que os fenómenos se produzem. A acção dos «quanta», por exemplo, é um factor que não pode desprezar-se na escala atómica, tendo conduzido à dupla incerteza da mecânica ondulatória que Heisenberg exprimiu matemàticamente nas equações conhecidas pelo nome de «relações de incerteza». Também nesta escala não se pode abstrair da acção exercida pelo observador e pelo dispositivo que emprega, sobre os fenómenos que observa.

Os físicos não se contentaram com o

estudo do comportamento global dos fenómenos: armados de uma técnica experimental aperfeiçoadíssima, penetraram audaciosamente na sua estrutura íntima. As novas teorias físicas são o desmentido mais formal que pode dar-se ao conceito positivista da ciência. «A ciência contrói-se com factos, escreve H. Poincaré, como uma casa com pedras; mas um agregado de factos não é ciência, como um monte de pedras não é uma casa» («La Science et l'Hypothèse», pág. 168).

4) *Princípio de racionalidade:*

A ordem natural é susceptível de tradução lógica. Este postulado que estabelece o acordo da ordem lógica do pensamento com a ordem real das coisas, e, evidentemente, uma condição fundamental da ciência, porque é uma condição de inteligibilidade.

O simples facto de o homem sempre ter raciocinado acerca da natureza mostra que sempre a considerou racional. Hermótimo e Anaxágoras exprimiam a sua crença na racionalidade do mundo, considerando como elemento primitivo, não um elemento físico, como os jónios, mas a Inteligência ordenadora. Foram, porém, os estoicos que mais insistiram no caracter de necessidade e de universalidade das relações racionais existentes entre os fenómenos. O paralelismo cartesiano entre o curso das coisas e o curso das ideias, bem como a harmonia pre-estabelecida de Leibniz, são duas maneiras diferentes de exprimir a mesma confiança na racionalidade do mundo.

A legalidade científica, à semelhança da doutrina platónica das ideias, exprime a necessidade de se construir uma super-estrutura fixa, estavel, onde se insira o mundo instável dos fenómenos. Os pitagóricos e os neo-platónicos propendiam para a representação matemática do universo e consideravam a simplicidade das relações matemáticas como o melhor índice de adequação à realidade. Depois de um longo eclipse, o matematismo reaparece com a Renascença e Descartes converte-o em sistema. Para ele, a essência da matéria é a extensão e todos os fenómenos físicos são redutiveis à mecânica. Deste modo, poder-se-ia explicar o universo a partir de certos princípios «a priori», por dedução. Os factos puseram em evidência as lacunas da teoria cartesiana, mas as modernas teorias científicas parece confirmarem a sua audaciosa concepção, graças ao emprego do algoritmo infinitesimal, mais adequado à expressão da realidade.

O esquema cartesiano só representava o aspecto momentâneo das coisas, de modo que não podia traduzir a ordem natural, submetida às leis da mudança e do movimento. Foi a física que mostrou as insuficiências da teoria cartesiana e levou os precursores de Newton e de Leibniz, a procurar um simbolismo mais adequado e fecundo.

Postulado o acordo da ordem racional com a ordem natural, há correspondência entre razão e causa e, portanto, a explicação científica tem o seu correspondente na dedução lógica. Por outro lado, o caracter extensivo das sensações torna a experiência física adequada às operações do entendimento. Assim, o principal óbice do conceito cartesiano da ciência consiste no desconhecimento da lei que permite passar da ordem natural para a ordem racional. Por isso a ciência recorre à dedução submetendo as suas conclusões à verificação experimental, a fim de as ajustar à ordem natural, introduzindo-lhes as correcções necessárias. O ajustamento faz-se por tentativas, porque se não conhece a lei de correspondência.

O processo de elaboração dos conceitos científicos é análogo ao de elaboração dos conceitos matemáticos. Assim como nenhuma esfera que possamos realizar materialmente goza das propriedades ideais da esfera imaginada pelos geómetras, tambem nenhum gás obedece rigorosamente à lei de Boyle-Mariotte. As esferas geométricas são seres de razão, como os gases perfeitos; mas são estes conceitos que, pela sua invariabilidade, pela forma rigorosa que revestem, tornam possível uma representação coerente e lógica, e pelas suas analogias com os seres reais, não perdem a sua fecundidade prática. Assim se compreende que a correspondência entre o mundo das ideias e o mundo dos fenómenos não seja de pura identidade, mas de aparente analogia. A identidade física é um limite de analogias.

Quando se procura coordenar e sistematizar um certo número de factos, é preciso empregar conceitos susceptíveis de definições rigorosas para que possam submeter-se a tratamento lógico. Assim, Galileu, para estudar as leis da queda dos graves, pôs de parte as categorias teleológicas da

escolástica (causa eficiente, causa final, lugar natural) e começou por fixar os conceitos de distância e de tempo. As definições físicas baseiam-se em analogias reais e relacionam grandezas, de modo que, além da clareza que introduzem nas teorias físicas, têm interesse prático. Newton define «massa» como o produto do volume pela densidade; Kirchoff define «força» como o produto da massa pela aceleração. A fecundidade destes conceitos permitiu a Newton exprimir numa lei simples os movimentos complexos dos planetas. O princípio de conservação da energia é mais fecundo que o de Black sobre a conservação do calórico, porque o conceito de energia é mais geral e mais preciso do que o conceito de calórico; mas aquela generalização só foi possível depois de se verificar experimentalmente que a quantidade de calor se conserva constante.

O caracter aproximado das leis físicas faz que elas dependam da escola em que apreciamos os fenómenos. Por isso a lei de Newton, tão brilhantemente confirmada pelos factos no Mundo macroscópico, já não é válida no Mundo microscópico. À medida que a complexidade dos fenómenos se vai relevando, torna-se necessário introduzir novos termos de correcção nas expressões matemáticas das suas leis. As leis de Fresnel, por exemplo, sobre a reflexão da luz, foram corrigidas quando se descobriram as anomalias da polarização elítica, mas a teoria subsistiu, nas suas linhas gerais. Em certos casos (como nas teorias do calor, da elasticidade e da capacidade) podemos dispensar-nos de conhecer as leis do movimento das moléculas, porque o resultado global é uniforme, em virtude das leis dos grandes números. O mesmo acontece na teoria cinética dos gases; embora as moléculas descrevam trajectórias complexas e imprevisíveis, a resultante desses movimentos satisfaz às leis de Boyle-Mariotte e de Gay-Lussac, porque os desvios da média se compensam. Mas, para que a lei dos grandes números seja aplicavel, não basta que as moléculas sejam muito numerosas; é necessário ainda que a estrutura do meio seja homogénea e que as acções recíprocas das partículas se exerçam só a pequenas distâncias.

Conhecido o fenómeno elementar, podem formar-se equações diferenciais cuja integração nos dá o fenómeno complexo, observável e verificável. Admitidas a homogeneidade e a continuidade dos fenómenos, o cálculo infinitesimal tornou-se um valioso instrumento da física, e com ele se modificou a maneira de traduzir lògicamente a ordem do universo. A ele se deve, sem dúvida, o extraordinário desenvolvimento que tomou a física nos últimos dois séculos. A mecânica celeste, que primeiro atingiu um alto grau de perfeição, serviu de modelo à nova teorização física; e a lei de Newton constituiu o novo tipo de lei.

O enunciado de uma lei física baseia-se em dados empíricos que é necessário interpretar por meio de conjecturas que constituem as hipóteses. É necessário atender às imperfeições e limitações dos nossos meios de observação, corrigindo os dados da experiência e interpolando para preencher as lacunas de uma experiência insuficiente, de modo a alcançar-se o grau de generalidade que se pretende. Essa generalização pode fazer-se, evidentemente, de muitas maneiras, mas o que interessa é que ela traduza, o mais fielmente possível, a legalidade natural para poder enquadrar novas experiências e prever-lhes os resultados.

A generalização dos dados empíricos é uma condição essencial da ciência, pois um simples inventário de factos isolados não permitiria prever novos factos nem compreender as suas relações. A simplicidade dessas relações depende dos elementos que se comparam, dos conceitos que se consideram fundamentais e dos símbolos empregados. Os factos que servem de base à generalização são certos, mas os factos que ela prevê são apenas prováveis. A probabilidade de uma hipótese cresce com o número de previsões confirmadas pela experiência e tende para a certeza científica.

A GRAMÁTICA DO CRISTÃO

Todos os gramáticos e eruditos ensinam em seus compêndios que as três pessoas do singular são: eu, tu e ele.

Na gramática do Cristão essa ordem deve ser alterada. A primeira pessoa será ele, isto é, o Criador; a segunda pessoa será tu, o próximo; e a terceira pessoa será, então, eu, o pecador.

Meditai sôbre o pensamento famoso de Vladimir Gikha: «Nada nos aproxima tanto de Deus como o próximo».

AFRÂNIO PEIXOTO

Ob/46

DÚVIDAS...

pelo Coronel Faure da Rosa

O meu amigo Eugénio de Arriaga, confrade culto e estudioso, em cujo olhar arde o anseio do conhecimento, o anseio de perscrutar o mistério da vida, apresentou-me uma série de dúvidas que o perturbam e, ao mesmo tempo, mostrou-me o desejo de que eu dissesse o que se me oferecesse.

Enuncio, em síntese, as dúvidas principais, acerca das quais direi o que penso.

1) Para que é que evoluiu o animal até ao antropóide e este degenerou no homem actual que é muito pior que os seus remotos avós?...

2) Para que serve o livre-arbítrio em espíritos ignorantes, sem ciência alguma, dotados de todas as tendência boas e más?...

3) Qual a razão do mal e da dor e porque sofre o animal?...

4) Se os vegetais também sofrem, porque é e para que é que os persegue a dor?...

5) Porque nos não lembramos nós das nossas existências anteriores?

6) Porque não existe o factor correctivo da educação?

Aristóteles fala do homem «semelhante a um cepo», do homem em que não há uma reacção diante do mistério da vida, do homem cujo cérebro jámais é penetrado pelo aguilhão da dúvida, que assiste — numa espécie de embrutecimento — ao desfilar dos acontecimentos sem que nada o solicite, nem sequer as piores tragédias da existência.

Quantas provações serão necessárias para transformar larvas destas!

Ao lado destes invertebrados na ordem espiritual, há privilegiados do espírito — os eleitos do Amor — aqueles que se dão ao trabalho de reflectir e cuja meditação tem como tema principal o pungente espectáculo da existência, da maldade e da traição.

O meu douto amigo é desses privilegiados do espírito. Ele bem sabe que a dúvida é sempre fecunda para os pensadores estudiosos, porque os incita a continuarem a perquirição, embora o desânimo os invada por vezes.

O termo da evolução certamente não se encontra na Terra. A evolução é uma das leis de Deus, e a nossa inteligência limitada não as pode penetrar. Temos de as aceitar como aceitamos os postulados da matemática, que, entretanto, permitem calcular, com precisão, a marcha dos astros no mundo sideral. A lei da evolução permite-nos avaliar a marcha da vida neste mundo e compreender a luta permanente de todos os seus habitantes.

No próprio reino vegetal há plantas assassinas. Por exemplo, a drósera, que esmaga o insecto assim que ele pousa nas folhas. Dir-se-ia até que tal planta é astuta, porque quando a folha está fechada, ao sentir-se tocada pelo insecto, abre-a para que ele se instale e, em seguida, esmaga-o. Depois de lhe digerir o corpo, a folha torna a abrir, pronta para funcionar de novo.

É a luta pela vida que se verifica em todos os seres animados.

«O sofrimento é infinito e toma todas as formas — escreve Romain Rolland —. Ora motiva a tirania cega das coisas: — a miséria, a doença, as injustiças da sorte, a maldade dos homens, ora reside no próprio ser... Há apenas um heroismo no mundo: é vê-lo como ele é... e amá-lo...

«Sofrimento ingénito que vem do fundo do ser, que o rói sem descanso e que o não deixará, antes de o ter destruído!...

«Nesta época de cobardes que tremem em face da dor e reivindicam ruidosamente o seu direito à felicidade, que na maioria das vezes é apenas o direito à desgraça alheia, ousemos encarar a dor de frente e venerá-la!

«Louvada seja a alegria e louvada seja a dor!

«Uma e outra são irmãs e ambas são santas. Elas caldeiam o mundo e enchem as grandes almas. Elas são a força, são a vida, são Deus. Quem não ama as duas, não ama uma nem outra, e quem as experimentou conhece o preço da vida e a doçura de a deixar».

Instintos animalescos, de origem ancestral, acompanham o homem e perduram na razão inversa do grau evolutivo: quanto maior for o grau atingido, menores serão os baixos instintos.

Nos espíritos imperfeitos predomina a matéria sobre o espírito: há neles, portanto, a propensão para o mal, para o orgulho, para o egoismo, para todas as más paixões.

Há espíritos tão impuros que dão conselhos pérfidos e fomentam a discórdia e a desconfiança. Se, porém, de longe em longe — através dos séculos —, que nada representam para a eternidade — «surge um Krichna, um Buda, um Cristo, um S. Francisco de

Assis...», não basta um deles, só, para redimir a humanidade?...

O livre-arbítrio desenvolve-se à medida que o Espírito adquire a consciência de si mesmo. Deixaria de haver liberdade de escolha entre o bem e o mal se ela fosse solicitada por uma causa independente da vontade do Espírito. A causa não está nele, mas fora dele; nas influências a que cede, em virtude da sua livre vontade: uns cedem à tentação, outros — ainda que muito poucos — resistem. Essas influências não podem ser senão as que derivam duma transmissão ancestral e constituem os baixos instintos participantes da animalidade grosseira donde provêm.

A predominância da matéria no Espírito — que desde o princípio actua nos Espíritos imperfeitos — explica a tendência à tentação.

A circunstância de em todos os Espíritos existirem tendências boas e más e cada um deles seguir uma ou outra direcção, não demonstra que se fez uma escolha?... Ora, a escolha de uma coisa entre duas, implica forçosamente um acto volitivo. Portanto, há, tem que haver responsabilidade.

É na centelha divina que existe na criatura humana que podemos encontrar a explicação do discernimento, da liberdade de escolha. Se nesta centelha existe, implícita, a indicação do caminho a seguir e o homem se transvia, não tem que queixar-se do Criador, cujas leis sábias e justas não consegue penetrar por mais que queira.

Se o conseguisse... seria igual a Deus...

Qual será a origem do mal e a razão da dor?

O mito da queda original não resolve nada, como também o livre-pensamento não apresenta solução que satisfaça.

Nós dependemos dos nossos actos maléficos ou benéficos. A embriologia humana diz-nos que nós viemos de muito longe e de muito baixo.

Porque sofre o animal?

A tese reencarnacionista traz-nos a solução.

O biologista hindu Bose demonstrou, com provas laboratoriais, que os próprios metais têm lapsos de cansaço e de letargia. O cansaço não é já um sofrimento?

O corpo é o aparelho registador onde se inscrevem as menores iniciativas do espírito. O procedimento do espírito tem repercussão directa no corpo. Corpo e espírito estão estrictamente dependentes um do outro: a grandeza e a miséria de um é a grandeza e a miséria do outro.

O nossa evolução é uma das fases da eterna acção do espírito sobre a matéria.

Todo os seres vivos — *sem excepção* — considerados sob o signo da sua vida íntima ou da sua actuação no tempo e no espaço, não são o resultado de caprichos do acaso ou duma vontade arbitrária, mas sim os produtos consolidados dum dinamismo interior, duma actividade psíquica, *que até no ínfimo grau da escala biológica jámais é igual a zero.*

A justiça exerce-se na sucessão das vidas. Todo o acto importante da vida, cedo ou tarde, tem inevitavel repercussão no nosso destino. A cada falta grave deve corresponder uma privação de liberdade e esta privação manifesta-se pelo internamento das almas em corpos disformes, em enfermos, em indigentes.

Na nossa evolução imensa, tudo se transforma, se eleva e purifica.

A lei dos contrastes diz-nos que sem o sofrimento, sem a dor, não poderíamos saber o que é a alegria, o prazer.

Duas funções prementes, irresistíveis são comuns a todos os animais e a todos os vegetais: a da nutrição e a da reprodução. A satisfação, o prazer que causa o exercício de qualquer delas, é evidente, incontestável.

Seria lógico admitir que os animais inferiores e os vegetais não estivessem sujeitos à lei dos constrates?

Se há prazer — e há — tem que haver, fatalmente, dor. É um preceito imutável da evolução.

Raro é aquele que não pergunte a si mesmo: Porque me não lembro eu das minhas vidas passadas?

Porque quem se lembra é o «Eu», o verdadeiro «Eu», e o homem-animal que não se encontra ainda em completa união com o seu «Eu» verdadeiro, não pode ter recordações dum passado em que pessoalmente não viveu. A memória cerebral só pode encerrar o registo dos acontecimentos em que o cérebro tomou parte.

Se nós nos lembrássemos do que fomos... seria possível a vida de relação, a vida social? Se todos nós conhecêssemos, em vidas sucessivas, as cobiças que nos escravizaram, nos devoraram, e as violências contra nós cometidas e por nós mesmos praticadas, como poderíamos suportar-nos uns aos outros?

Que tumultuar de malquerenças e de ódios sem fim! As represálias jamais se extinguiriam; a maldade tornar-se-ia infinita e a depuração seria impossível.

Os adversários da tese reencarnacionista não compretendem como se podem expiar faltas de que se perdeu totalmente a memória.

Aqueles que assim raciocinam ainda estão agarrados à antiga concepção jurídica e religiosa da expiação, em virtude da qual o culpado devia corrigir conscientemente a sua falta para que pudesse ser resgatada.

Nesta asserção confundem-se duas coisas diferentes: a expiação e o arrependimento. Efectivamente, este último — o arrependimento — para ter eficácia, deve ser acompanhado dum coeficiente moral que só a amargosa recordação do mal praticado pode dar; mas a expiação é inteiramente diversa porque se cum-

pre sem nós sabermos. A lembrança do passado seria até um empecilho, viria dificultar-nos a marcha.

Para avançar no caminho do aperfeiçoamento não há nenhuma necessidade de cada um relembrar o seu longínquo passado.

Se nos perguntarem onde estivemos, o que fizemos há um ano apenas, quantos, dentre nós, serão capazes de responder com exactidão? E, contudo, nesse data, nesse momento, todos nós estivemos em qualquer parte, fizemos qualquer coisa, estivemos ocupados em qualquer operação, ou do corpo ou do espírito, no tempo e no espaço.

Este esquecimento explica-se, pode até dizer-se que é necessário. O nosso cérebro é assim feito porque, na realidade, a nossa existência não é mais que uma série de síncopes psicológicas. Nós vivemos a vida de maneira fragmentária, por pequenas parcelas.

Se um médium é antecipadamente advertido do que nos deve acontecer, é que certo cenário da nossa vida já está escrito. E, assim, nós somos determinados por ele e o destino espera-nos na encruzilhada dos caminhos.

Entretanto, a nossa liberdade — que não pode negar-se sob pena de imobilizar a vida, de a paralizar num perfeito *statu quo ante* — não deve ser procurada nas fatais necessidades do passado que, por assim dizer, cristalizaram na nossa própria substância. A verdadeira liberdade — como diz Bergson — está na acção fecunda, criadora, que acrescenta o novo ao antigo; confunde-se com o voo da alma para outros horizontes.

Mas nós nunca saberemos, mesmo no homem mais tarado, onde acaba o determinismo e onde começa a liberdade. Daí a necessidade de não julgarmos a malícia intrínseca dos seres, porque nos faltam os dados essenciais para formularmos um juizo equitativo.

Nós temos em nós, e fora de nós, um mundo de mistérios. Como explicar o complexo mecanismo da vida, desde a mais rudimentar planta ao verme, ao «virus filtrante», até ao homem?

Porque é que o mesmo alimento num sítio do corpo faz crescer um cabelo, em outro uma unha e naquele outro reconstitui um tecido?

«A vista antecipada dum acontecimento não age nesse acontecimento—escreveu Camille Flammarion—. Ver desenrolar os acontecimentos futuros como se vêem os desenrolados no passado, não impedem as causas determinadas de agir, inclusive a vontade humana. O tempo, movimento transitório dos movimentos do nosso planeta, não existe por si mesmo. Se suprimíssemos o tempo, apenas suprimiríamos uma aparência. Vê-se o que há-de acontecer da mesma maneira que se pode ver o que aconteceu».

De facto — comenta Henry Frichet — se o Universo e a causa que preside à existência desse Universo não teve começo, é bem evidente que não pode ter fim: sendo eternos, é inteiramente ilógico falar dum passado e dum futuro, quer dizer, do tempo como nós o concebemos. O passado e o futuro só existem no *relativo*, em referência a nós, criaturas efémeras e mortais.

Tudo é condicionado neste mundo — o livre-arbítrio pode conceber-se imaginando o homem encerrado numa esfera: lá dentro, o homem pode mover-se a seu belo talante, mas a esfera está sujeita à atracção universal e a outras leis naturais.

A educação materialista, como ela é ensinada, é a arte de fazer passar o consciente para o inconsciente pela simples repetição duma afirmação, depois de um acto, a ponto de pelo hábito se desenvolver uma espécie de automatismo instintivo de actos reflexos, nos quais não intervem nem a reflexão nem o raciocínio.

A civilização material não é factor bastante para garantir a moralidade. Tem até acontecido o requinte da civilização material produzir o requinte de imoralidade. Nem educação nem instrução aniquilam taras ou constituem elementos atenuantes da acção kármica, atenuantes que só a sobreposição do espírito na matéria pode alcançar.

A tal alma, tal corpo; a tal corpo, tal conformação exterior.

A nossa moral não é mais que um montão de prejuizos, de convenções, de tabus, de artifícios hipócritas que velam o organismo de cada um de nós. Quanto à moral da sociedade, quando a olhamos de perto, vemos que não é mais que uma causuística de velhacaria posta ao serviço de alguns em detrimento da colectividade. A verdadeira moral é a de Buda, é a de Jesus, a do Sermão da Montanha, que jamais será excedida.

Quanto a tese reencarnacionista for admitida pela maioria dos habitantes do nosso planeta, haverá na Terra muito menos ódio, muito menos inveja e ciume, muito menos orgulho e egoismo.

Quando a doutrina das vidas sucessivas se tornar tão evidente para as massas populares — pela via experimental — como já o é para aqueles que a estudam; quando o homem vier a saber que a vida actual é a resultante de outras vidas e que, em cada uma das suas existências na matéria, é ele quem colhe o bem e o mal que tiver semeado para os outros homens... então o egoismo hoje triunfante, será substituído, muito naturalmente, e, em alguns casos forçosamente, pelo altruismo cada vez mais fecundo... Então, o homem deixará de ser o lobo do homem, e as duas palavras, hoje tão vazias de sentido, *fraternidade humana*, representarão uma realidade admirável e serão inscritas na frontaria dos templos, como hão de sê-lo na ternura dos corações.

Estou inteiramente de acordo com o que o meu

DESENCARNOU O DR. CARL WICKLAND

SEGUNDO informa o número de 1 de Dezembro do ano findo do jornal inglês «Psychic News», desencarnou o Dr. Carl Wickland, médico em Los Ângeles, Califórnia, que se tornou célebre pelas suas curas de obsidiados.

Para mais fàcilmente prosseguir em trabalho tão humanitário, o Dr. Carl Wickland abandonou a sua carreira profissional, erguendo com a ajuda da esposa uma obra nos anais do Espiritismo moderno.

Em vez de passes magnéticos sôbre o paciente, utilizava a corrente eléctrica cujo choque, não ferindo aquele, obrigava o obsessor a separar-se para encorporar na Senhora Wicland, uma das melhores médiuns da especialidade. Carl Wickland e os seus assistentes procuravam, então, não só identificar a personalidade do obsessor, como ainda mostrar-lhe o que a sua ignorância não lhes deixava ver; isto é, «doutrinavam» o espírito, como vulgarmente se diz entre nós.

Muitas vezes, para esta tarefa eram necessárias algumas sessões. Para a apressar, seguia um método cujos efeitos são vulgarmente decisivos, devido ao choque tremendo causado pela surpresa: — mostrar à entidade que já não possui o corpo com que vivera na terra e que, desencarnada, se apossou dum organismo estranho que só momentâneamente lhe pertence.

No seu livro «Trinta Anos Entre os Mortos», o Dr. Carl Wickland relata várias das suas curas. Quando visitou a Inglaterra, Hannen Swaffer conseguiu apresentá-lo ao Dr. Porter Phillips, que estava profundamente interessado pelos métodos do médicos americano. A luta travada pelo Dr. Carl Wickland com os seus colegas foi bastante árdua, tendo verdadeiras fases críticas. Assim, ao pedir a sua transferência de Los Ângeles para Chicago, foi-lhe indeferido o requerimento pela Associação dos Médicos, porque... «falava demasiado acerca de espíritos». Contudo, os jornais da especialidade relatam o uso da electricidade estática no tratamento de certas desordens mentais...

A obra de Carl Wickland tinha o cunho revolucionário de mostrar que aquilo não passava de meio caminho para o sucesso, pois nada mais fazia que desalojar momentâneamente a causa da perturbação. Mesmo que a separação se realizasse inteiramente, não impedia que a causa — o obsessor —, permanecendo na ignorância, fosse actuar noutro indivíduo. Carl Wickland considerava como necessário o auxílio dum médium de encorporação bem desenvolvido para, através dele, «doutrinar», isto é, iluminar o ser que se mantinha nas trevas.

Começou a interessar-se pelo Espiritismo, fazendo experiências com a prancheta. Descobertas as notáveis faculdades de sua esposa, os seus guias lhe indicaram a tarefa em que melhores resultados obteriam. Wickland compreendeu então o vasto horizonte que se lhe abria sôbre a criminologia e a psicopatologia. Em 1909, abria em Chicago o «National Psycopathic Institute», que em 1918 transferia para Los Angeles, sob o nome de «National Psychological Institute».

O primeiro caso dos Wickland é digno de ser arquivado pelos leitores da nossa Revista. Vamos contá-lo, segundo a nossa fonte informadora.

Carl Wickland saira para dissecar o cadaver dum indivíduo que aparentava 60 anos de idade, e principiara o trabalho pelos membros inferiores. Ao voltar a casa, sua esposa veio recebê-lo, aflicta pela demora e supondo que vinha doente. Quando o doutor lhe passou o braço pelos ombros no intuito de a sossegar, ela caiu em transe e interpelou-o com gesto ameaçador:

— Então você quer cortar-me?

Wickland replicou que não desejava cortar ninguém.

— Ah! Isso é que quer. V. esteve a cortar na minha perna!...

O médico viu logo a relação que havia entre o sucedido e o seu trabalho do dia.. Depois de sentar sua esposa numa cadeira, ini-

---

amigo Eugénio de Arriaga diz no parágrafo com que fecha a sua exposição e que transcrevo:

«O Enigma Divino transcende a compreensão humana e aqueles que pretendem desvendá-lo falam muito e não dizem nada. Entre as verdades humanas e a Verdade Divina há um abismo intransponível para a humanidade do mundo em que vivemos de braço com a Dor sem nos podermos desligar dela».

Termino assim as minhas considerações, não sem o justo receio de ser mais um dos que *falam muito e não dizem nada.*

Valha a minha intenção, que é boa.

ciou a sua argumentação, mas o comerciante interpelou-o, dizendo que não tinha o direito de lhe tocar.

— Tenho o direito de tocar em minha mulher!... — respondeu Wickland.

— Sua mulher? De quem é que V. está falando? Não sou mulher — sou homem.

Depois de longa conversa, o Dr. Wickland conseguiu convencer a entidade acerca do que se passava.

O comerciante chegou a pedir tabaco, dizendo que «estava morto por fumar», mas foi-lhe recusado e explicado o motivo. Posteriormente, Wickland notou que o cadaver revelava sintomas de tabagismo, o que estava de harmonia com os desejos do espírito.

Foi este o prelúdio duma obra de 30 anos. Carl Wickland costumava afirmar que os manicómios mundiais se encontram cheios de obsidiados que podiam ser curados pelos seus métodos.

O seu livro «Trinta Anos Entre os Mortos», que *Estudos Psíquicos Editora* espera, em breve, traduzir para o público português e brasileiro, insere algumas comunicações mediúnicas ditadas por Mary Baker-Eddy, a fundadora da Christian Science, em que ela tenta corrigir alguns erros da sua doutrina. Apesar de muito instado por representantes deste credo, Wickland recusou, honestamente, retirar aquelas passagens do seu livro.

A sua segunda obra — «The Gateway of Understanding» — classifica-a o *Psychic News* de obra prima da razão e de acusação às loucas objecções erguidas pela Ortodoxia e algumas descobertas científicas, reformas e invenções.

A vida de Carl Wickland mostra os extraordinários resultados a que se pode chegar pela combinação da medicina com uma boa mediunidade, resultados que se equiparam, por vezes, aos chamados milagres bíblicos. Desencarnando, aos 83 anos, Carl Wickland foi, por um lado, um discípulo moderno dos ensinos de Jesus, e, por outro, um pioneiro da ciência médica do futuro. Dia virá em que os métodos do médico sueco terão a sua aplicação generalizada na Psiquiatria.

O Espiritismo perdeu, agora, uma das suas mais proeminentes figuras, como em 1937 já ficara sem um poderoso médium de incorporação — Mrs. Wickland. A publicação das suas obras talvez produza discípulos que no mundo lusíada continuem tão humanitária obra.

Meditações de Abril

1 — Meus pensamentos de amor, qual fornalha ardente, fundem os obstáculos.
2 — Pelas leis de meu espírito — DEUS EM MIM — coloco-me acima das Leis de meu corpo.
3 — Meu exterior expressa a minha perfeição interior.
4 — A Verdade e a Justiça predominam em meus negócios.
5 — Deus, através da minha mente, satura todos os que me rodeiam, pela Sua Divina Harmonia — AMOR — Verdade e Justiça.
6 — Meus poderes aumentam constantemente pela concentração.
7 — Minha capacidade de concentração mental desenvolve-se continuamente.
8 — Posso esclarecer e dominar todas as dificuldades, pela lanterna mágica do meu pensamento concentrado.
9 — Minhas circunstâncias visíveis são expressões de minhas criações ideais.
10 — Possuo a capacidade de me adaptar a todas as aspirações.
11 — Vivo na PAZ que excede todo o entendimento.
12 — Minha mentalidade só recebe o que está em harmonia comigo.
13 — Cumpro com Amor e Alegria meus deveres.
14 — Nenhum pensamento negativo pode entrar em minha mente.
15 — Minha Fé no Ideal produz frutos consoladores e abundantes.
16 — Minhas palavras só exprimem a Verdade e Sentimentos Nobres que são base de meu caracter.
17 — Procuro de todo o meu coração conhecer a verdade.
18 — Meu corpo é o Templo Sagrado de Deus — O SUPREMO EU INTERIOR —.
19 — Estou repleto da Presença de Deus.
20 — Possuo superabundância de Vida e de Energia.
21 — Cristo — O Amor de Deus — ilumina todos os meus caminhos.
22 — Sou uma parcela do grande Todo — Deus.
23 — Sou um espírito e o meu corpo é o meu instrumento de expressão física.
24 — Meu corpo é um instrumento obediente em minhas mãos.
25 — Sou dirigido por Deus, que habita em mim, em todos os meus actos.
26 — Vivo no reino da Harmonia, da Paz e da Abundância.
27 — Não sou homem, nem mulher — SOU UM ESPÍRITO — ou seja um pensamento eterno — e vibro constantemente em benefício de meus irmãos — independentemente do corpo de que me sirvo e em que habito.
28 — Permaneço em paz com todos os seres.
29 — Crio laços invisíveis para me atrairem o necessário.
30 — Meu estado natural é de perfeita saude e alegria.

UMA PROFISSÃO DE FÉ

Argumentos que reforçam e confirmam as razões de espirita

por F. Noronha

JÁ nas colunas desta magnifica publicação ficou esclarecido o motivo de pendor meu, conduzindo-me aos horizontes de inquérito científico, experimentalmente verificado e comprovado, em que figura como apóstolo primacial e individualidade inconfundível o proeminente Allan Kardec.

Persuado-me, intimamente, de que, se aquela figura distinta, aquele médico diplomado, que abandonou o seu nome precedente, com ciência e consciência do que fazia, não fosse iluminado por supérrimo assomo e ungido por aura de eleito, o Espiritismo estaria raquítico e enfezado ou porventura em situação tal de quebranto, que não conseguiria vingar.

Vingou, com o seu alento, com a flor cerúlea da sua mentalidade, com o perlustramento da sua convicção evocativa e modelar.

Foi um peregrino mestre, nunca fugidio ao conceito de verdade e à concomitante proporção de todas as realidades.

Fenómenos directos, desta categoria e natureza, me fizeram claro, psìquicamente, um além certíssimo, arrancando-me este grito de alma: creio no espírito, autêntica energia, que a matéria não assimila e o arcaboiço não consome.

Desfaz-se este inteiramente, por lei eterna de código não humano e insusceptível de erratas.

É matéria restituída e volvida à mãe universal, de que os mundos participam e a imensidade intervala com distâncias estonteadoras.

É a sombra do infinito no espaço ilimitado, rebrilhando em fulgurantíssimas vias-lácteas, contendo sois de que o astro-centro do nosso sistema planetário nem sequer vale expressão mínima de arremedo.

E em semelhante meio, de augusta grandiosidade e de arrebatador delírio dos nossos precários sentidos, rola esta mesquinha terra, nossa morada efémera, que nós próprios falhos de união e trabalhados por ódios revoltos num mar de egoismos e ambições desencontradas, tendemos a desagregar e desconjuntar para um abismo de escórias.

Proclamamos fraternidade aos quatro ventos; mas eu, eu e só eu nos atrai, nos encanta e nos deleita.

Desta pecha, contrariando o exemplificado verbo de Kardec, padece infelizmente o Espiritismo e outrossim da cobardia de muitos, que apesar de vencidos por suas provas inconcussas retraem-se em silêncio condenavel.

Que me compeliu a vir à ribalta da imprensa manifestar-me convencido da verdade espirita? Que interêsse tenho nisso, ou posso esperar daí? Que ligações fagueiras a embalarem-me ou que áureas glórias a envaidecer-me e a acalentar-me?!...

«A união faz a fôrça» — soa em minha outiva e demonstra-mo, à face dos números e da História, o meu próprio raciocínio.

Não é da dispersão e de diferenciações de caracter mais ou menos antagónicas e combativas que promana o acerto de evidência axiomática e de eloquência dominadora.

Resulta ele de congruências ponderadas, de ideologia sensata, de metodologia construtiva, de observações sisudamente levadas a efeito, em resumo, de lógica e de lealdade.

Deve o Espiritismo brasileiro a tudo isto a sua alta cotação e posição mundial de respeitabilidade, acompanhando-as, «evolutivamente», uma acção palpitante de efectivações assombrosas, tanto de esfera moral, quanto físicas.

A ciência espirita é a derradeira palavra de vivescência perdurável, que levantará o edifício resistente de progresso decisivo e de civilização definitiva dos povos, para sua consolidação de solidariedade e para seu triunfal entendimento na letra fecunda e insinuante que um comentário singelo concretiza:

— Amai-vos!

Saiu dos lábios de Jesus, o Messias, o Enviado, não como rei, que o não era, que o não foi, que o não sonhou ou não visionou, algum dia.

«*O meu reino não é dêste mundo.*»

«*Dai a Deus o que é de Deus e a César o que é de César*».

Onde se denuncia nestas frases incisivas

uma ideia de realeza, a cobiça de uma coroa, ou um entusiasmado anelo de mando?

Esta não é a letra que mata, é a letra de espírito e de verdade, a que define Espiritismo com propriedade, que rescende aromas vivificadores, que balsamiza chagas hiantes, que orienta destinos fora do vago e incerto, que ministrará aos espiritas a consagração plena de sua virtualidade, em seu mesmíssimo sentimento anímico.

Não haja dúvidas a êste respeito. As retaliações desequilibram, criam fezes, abrem ou rasgam precipícios, inutilizam boas obras consumadas, anulam soluções experimentais, recuam avançadas de louvar em vez de fundirem por vínculo fraternal obreiros de idêntica definição.

E esta edificação é a espirita, que nos põe em contacto consolador com os que nos mereceram carinhos e afectos e estiveram ao nosso lado, amparando-nos, guiando-nos e educando-nos; que jamais teve ou tem para nós o sorriso enganador e a promessa mentida; que é aurora de pureza cariciosa e não aparência encobrindo hipocrisia; que poderá entristecer por surpresa, mas nunca oferecerá alvura externamente ocultando imundície no interior, quais aqueles sepulcros a que se referiu o Crucificado.

* * *

«*Amai-vos* — repito; e por deficiência de compenetração funda em espiritas hesitantes por ausência de boa-fé em elementos intrusos mercê de capciosidade ardilosa, por falcatrua inacessivel de momento, mas não por isso menos funesta e desastrosa e até dentro da mesmíssima grei, por tíbias intermitências e por irreflecções ou imprudências, malogra-se o nexo de razão e o laço unitivo que, a existirem, de facto, entre todos os verdadeiros adeptos do Espiritismo, haveriam evitado os cataclismos que marcaram a primeira metade do presente século, com o selo pavoroso duma hecatombe sem igual.

Devem os espiritas à sua missão de amor e de paz, sem distinção de pátrias, de idiomas e de cores de epiderme, uma exemplificação de pertinente assiduidade, em espelho de limpidez impecavel.

Não é ela difícil, não é árdua ou espinhosa como foi a do sangue do martírio na era das perseguições ordenadas pelos romanos imperadores deificados.

É a síntese filosófica dum decálogo, que aliás tem presença parcelar, no globo habitado, em todas as legislações dos povos cultos: *Amar a Deus sôbre tôdas as coisas* e ao *próximo como a nós mesmos.*

E, certamente, o caso de desunião, que transpira e consta no exterior dos centros espiritas, dando aso a crítica laminante e agressiva, desvirtua-os e desprestigia-os, lamentàvelmente, amortecendo-lhe a incidência luminosa, com detrimento para a causa da civilização e da humanidade, ponto de mira da ciência espirita, alvo político de sublimamento nobre, requerendo o elo federativo a estabelecer-se de centro para centro, de núcleo para núcleo e de confrade para confrade, em cenário atmosférico remansoso, mas não inactivo e desatento.

Cooperação e coordenação, nas coexistências de finalidade comum, antecipam as vitórias incruentas e radicam modalidades expressivas.

Constituem crisol místico de depuramentos preciosos e providencial vulto de defesa, positivamente baluártica, no sentido de elevação moral eficiente e desassombrada.

Entre os argumentos, que não só recomendam ou inculcam o elo federativo espirita e ainda uma inteligência sem quebra de continuidade, de federação para federação, através das fronteiras de cada país, de modo a corporizar por mutualidade, claramente definida, internacionalmente, todos os depoimentos conclusivos e os respectivos testemunhos categóricos de acerto, obtidos e escolhidos em suas sessões experimentais, entre os argumentos que não só recomendam ou inculcam tudo isto, sobressai, invulnerável a toda a hermenêutica, por mais especiosa que seja, um, de supérrima essencialidade vital, de absoluta urgência.

A ciência espirita, a sua verdade, impõe-se ao conhecimento público, intensa e extensamente, por todos os processos e por todas as formas de patenteamento e de transmissão, que o esforço inventivo do homem e o progresso ovante hão realizado.

Para tanto, para uma empresa de tal tomo não chega, econòmicamente, pelo menos na Europa, a boa vontade de qualquer federação isolada. Urge o acordo geral, a conformidade plena em querer e executar.

Importa ao Espiritismo um exteriorizamento completo de publicidade, incluindo nesta o relato, acompanhado de gravura, em volumes correspondentes, com edições de largas tiragens, de todas as ocorrências espiritas incontrastaveis, de genuino cômputo convincente, não lhes excluindo os mínimos pormenores.

O cinema tem também prestimoso cabimento na matéria, como instrumento de assunto, falando aos olhos e à outiva, tanto dos que sabem ler, quanto dos inteiramente analfabetos.

Na sujeita hipótese, a visão, envolvendo o crer, acreditar, volver-se-ia alavanca potentíssima de verdade, fonte de luz jorrante e esplendorosa, virtude magna de propaganda.

Ver é indubitavel que equivale a crer. Eu, por exemplo, rendi-me ao Espiritismo, por ter visto, com as pálpebras cerradas, despreocupado e tranquilo, sem intervenção alguma, pois encontrava-me só, num compartimento da minha residência, o desenrolar, mui rápido, de um fenómeno inequívoco de aparição.

Até então, embora abstendo-me de pôr em dúvida afirmações alheias de fenómenos semelhantes ou parecidos, ficara incrédulo todavia, atribuindo-os a pura miragem de fantasia ou a estado anormal físico e anímico.

Quando ocorreu o caso a que me reporto, que em sua produção estava fora de telepatia e de transmissão de pensamento e fui forçado a capitular de espirita, após análise ou exame reflexivo, que dois ou três dias decorridos, notícia lúgubre validou fulminantemente, deixei de cegar-me, quanto à autêntica verdade espirita.

Vi e cri, como São Tomé.

* * *

O amanhã desvendará numerosos supostos enigmas à ciência do hoje, como no ontem a mesma ciência atingiu o segredo pasmoso da bomba atómica.

A propósito de «Física Atómica e Filosofia», dissera um alemão em conferência pronunciada no dia 15 de Março de 1944, na Faculdade de Ciências de Lisboa: «A física atómica introduz na própria física o homem vivo e consciente. E introdu-lo, não como objecto dela, mas de maneira muito mais fundamental: como seu sujeito necessário. Reconhecemos, pois, que a existência dos homens é necessária, se é que falar de átomos tem algum sentido».

A ciência espirita há introduzido e introduz também em si própria «o homem vivo e consciente», conforme a expressão de Karl Friedrich von Weizsöcker, na passagem precedente da citada conferência.

O homem é «seu sujeito necessário», que ela não rapta para o seu seio e aferrolha mediante violências. «Introdu-lo», talvez de princípio mera curiosidade, posteriormente demudada em convicção formal.

Precisamente, está à minha vista um artigo recentemente a lume no belo regionalista — «*Gazeta do Sul*», do Montijo, assinado por T. W. Bermington, e subordinado ao título «A Rádio Mundial e a contribuição britânica — A descoberta das ondas radiofónicas».

Nesta maravilha de ciência, de paciência e de vontade contam-se três homens insignes, que a ciência espirita introduziu em si própria por voluntária e consciente deliberação deles: James Clerck Maxwell e Sir Oliver Lodge, ingleses, e Marconi, italiano.

Pode alguem presumir sequer solução de probidade nestes cientistas que enriqueceram o mundo e adiantaram a humanidade sem falências e mereceram o aplauso e a adesão coadjuvante de proeminentes sábios, seus contemporâneos, bem como o agradecimento da posterioridade?

Desencarnados, continuam vivos no campo científico do progresso, na razão espirita e na lição emotiva dos factos.

E fora-me acessível escolher mais e mais nomes de homens famosos em todas as províncias do saber e em todos os ramos de actividade prestante com os porquês de sua introdução na ciência espirita, abertamente confessada; mas já ultrapassei as raias do abuso da generosidade dos leitores, não sendo lícito que prolongue o meu débil arrazoado.

A união faz a força; esta, humana e humanizada, acalentada por ideal federativo, aspirando a obra reprodutiva de conjunto vincar-se-á, se federação de federações, como ósculo internacional de pacificação, égide pura, argumento imperativo de tolerância e amor.

A leitura do pensamento

A leitura dos pensamentos e dos sentimentos parece aparentada, ao mesmo tempo, com a inspiração científica, estética e religiosa, e com a telepatia. Em muitos casos, estabelece-se a comunicação, no momento da morte ou dum grande perigo, entre dois indivíduos. O moribundo ou a vítima do acidente, mesmo quando este não é mortal, aparece momentaneamente a um amigo, sob o seu aspecto habitual. Muitas vezes, o fantasma não fala; outras, anuncia a sua morte.

DR. ALEXIS CARREL

PERSPECTIVAS

por Reper-Siam

Tudo se aproxima para que a luta atinja o auge e os que melhores armas tiverem serão os vencedores.

Os espiritas dispõem de bagagem suficiente para enfrentar os combates que lhes dirijam.

A Doutrina é boa, é racional, está bem alicerçada, os mensageiros do Alto velam por ela, mas o homem fraqueja, não compreende a grande responsabilidade que assumiu ao aceitá-la.

Passou a era de «os tempos que são chegados». Hoje, «os tempos estão em plena demonstração».

Tudo o que se tem passado e tudo o mais que virá é disso a justificação insofismável.

¿Por que esperam, então, os espiritas?

Cerrem fileiras, não para dar combate a quem quer que seja, (não o aconselham os nossos postulados), mas para abrir campanhas de propaganda que levem o Ideal a todos os homens de boa-vontade.

Há, pois, que seguir o caminho indicado pelos vossos maiores, o caminho que outros sectores têm percorrido e donde tiraram resultados práticos.

Evangelizar e cristianizar, eis uma tarefa simpática para todos os que se acham rejuvenescidos pela boa nova.

Segui as pisadas doutros obreiros que, em longínquas paragens, se esforçam por orientar o Espiritismo, escoimando-o de crendices e demais superstições, afim de o apresentar como doutrina de amor cristão, como filosofia que fala ao cérebro e ao coração, por mais empedernidos que sejam.

É preciso desbravar a grande charneca materialista, cujos arautos não mais poderão continuar a envenenar a humanidade, sob pena de transformar a ordem estabelecida.

A liberdade, igualdade e fraternidade, tão apregoada por determinados sectores, é o maior escárneo lançado à cara dos simples e desesperados, a quem ensinaram a desprezar Deus e a tudo esperar dos homens. Por isso, digo que enquanto houver teorias que afastem a humanidade do verdadeiro rumo espiritual e religiões que benzam armas homicidas e sancionem toda a casta de injustiças, o mundo continuará à mercê do «homem, lobo do homem».

O sofrimento não pode ser indefinido. Precisa de tréguas, para que as posições arejem e cada um avalie as próprias fôrças.

É indispensável aproveitar o interregno para mostrar às massas que a salvação não está na vitória guerreira dum grupo ou doutro, mas no esfôrço de cada um, no sentido de combater o erro e a ignorância.

Quanto maior for a vitória das armas, mais rastejará a justiça; assim, os que não cuidarem da salvação, os que não procurarem fora da terra o consolo para seus anseios, continuarão cada vez mais atascados no lodaçal que ameaça submergi-los.

¡Homem, levanta-te, quebra as armas fraticidas e impõe-te pelas realizações, impõe-te por obras justas e sãs que levem a tranquilidade onde o desassossego impera, que levem a harmonia e o amor onde o ódio e a inveja são lei.

Jesus continua o mesmo incompreendido de há dois mil anos.

Com tamanho progresso material, os homens afastam-se constantemente da sua origem. Não admira, pois, que as quedas sejam cada vez maiores.

A hora é de sofrimento, de resignação, e tanto melhor para os que suportarem com paciência a sua cruz; mas os espiritas, alem de tudo o mais, têm de pegar no bordão e na sacola e caminhar.

A luz foi escondida e a lei espezinhada. A sanha feroz e homicida é acolitada. Eis o panorama, eis o campo que os espiritas têm que desbravar a golpes de Evangelho e de renúncia.

¿Sereis vós, espiritas portugueses, capazes de tamanha empresa?

A pregunta aguarda resposta em actos, porque de palavras estão os desgraçados cheios.

(Comunicação psicografada por M. G.).

ALLAN KARDEC

NO dia 31 do corrente comemorar-se-á em todo o mundo espirita mais um aniversário da desencarnação de Allan Kardec, — o codificador do Espiritismo.

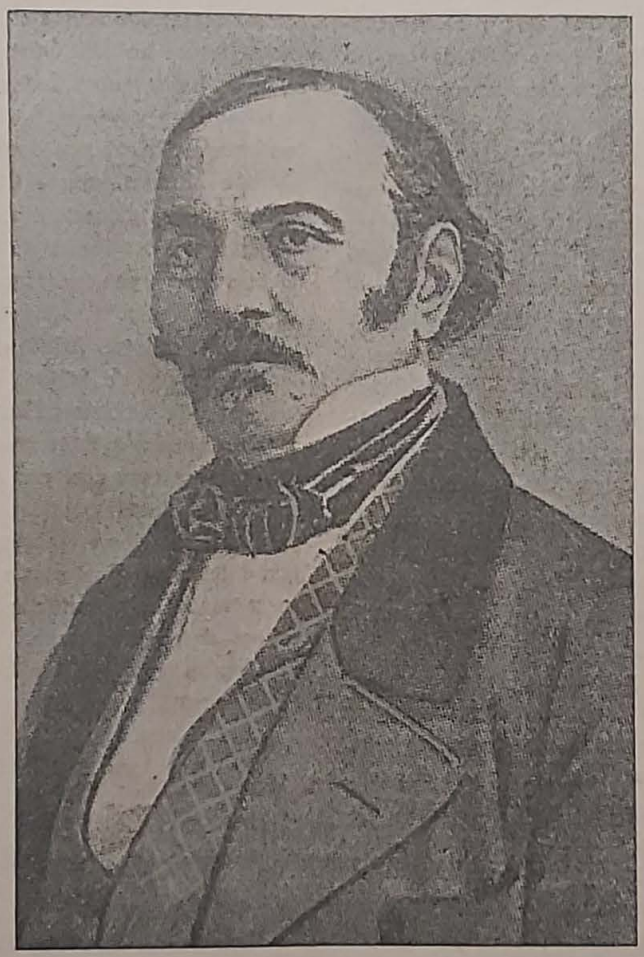
Alma de eleição, inteligência viva e penetrante ao serviço duma vastíssima e sólida cultura, médico, físico, matemático, professor de humanismo e mestre de educação, o maior discípulo de Pestalozzi distinguido pelo Ministério da Instrução e pelo Colégio de França, Leopoldo Denisart Rivail (Allan Kardec) deixou um corpo de doutrina que é o seu maior título de glória.

Atacado por gregos e troianos, esse monumento resiste a todos os embates da crítica, como rocha invulnerável. Nem os motejos da ciência enfatuada, nem o ódio de certos ministros consagrados, nem o riso insulso dos ignorantes, nada disso abala a obra do Mestre insigne, a que devemos respeitosa homenagem.

Homem livre, sem preconceitos que o inibissem de modificar as opiniões e afirmá-las bem alto, em todos os quadrantes, não hesitou em estudar os fenómenos psíquicos, quando a acção das mesas girantes lhe chamou a atenção para eles. Céptico a princípio, mas subordinado a métodos positivistas e analíticos, procurou a causa desses movimentos sem contacto aparente e tentou decifrar as mensagens recebidas, delas extraindo uma verdadeira filosofia racional que se afirma exuberante de seiva criadora.

O seu pseudónimo não é sinal de guerra à ciência oficial, nem às religiões constituídas; é um grito de àlerta à inteligência humana no sentido de abandonar todos os dogmas, sejam quais forem os sectores em que se estabeleçam.

Ninguem tem o direito de combater uma ideia nova, sem prévio exame em que se fundamente. Kardec procedeu assim, como um verdadeiro sábio que era. Duvidava do que se dizia dos fenómenos e por isso os estudou em todas as minúcias, para extrair conclusões seguras. Usou processos de autêntico pesquisador.



ALLAN KARDEC

Os nossos adversários deviam imitá-lo. Em vez de coaxar no pântano da descrença, em vez de zombar do que não conhecem, deviam firmar a posição, colhendo elementos esclarecedores. Só assim demonstrariam espírito científico. Só assim demonstrariam desejo sincero de contribuir para o novo conhecimento do homem, remodelando e actualizando a filosofia escolástica de acordo com as investigações modernas, de que Allan Kardec foi incansável pioneiro.

Mais um aniversário do Mestre, mais uma data comemorativa a observar no movimento espirita mundial. Nenhuma federação, nenhum centro, nenhum adepto deverá regatear preitos de homenagem a quem tanto trabalhou pela humanidade, dilatando os horizontes espirituais e dando-nos a certeza de que a morte é um incidente de fronteiras, para além das quais a vida se estende e afirma em extraordinárias e misteriosas possibilidades.

I. D. S.

«RESUMO DA DOUTRINA ESPIRITA»

Publicamos hoje mais algumas apreciações feitas ao «Resumo da Doutrina Espirita», primeira obra de *Estudos Psíquicos Editora*.

Luz e Caridade, de Braga, escreveu:

Resumo da Doutrina Espirita, seguida de *Introdução ao Estudo Prático da Mediunidade e Reencarnação*, pelo *Dr. Gustave Geley* — tradução de *Isidoro Duarte Santos*. Edição de «Estudos Psíquicos Editora», Lisboa. — A maior parte dos livros espiritas que existem em Portugal, quer originais, quer traduzidos, foram editados no Brasil e o seu texto traz sempre a chancela carioca, embora a tradução possa ser impecável. Mas vamos ter agora livros espiritas escritos por portugueses e editados em Portugal neste meio tão reduzido e acanhado para tão grande empreendimento. «Estudos Psíquicos Editora» meteu ombros a essa arrojada iniciativa e o pioneiro que a dirige — o nosso prezado confrade e amigo Isidoro Duarte Santos — é garantia segura do seu êxito. A sua estreia não podia ser mais auspiciosa por dois motivos: primeiro, porque começou *pelo princípio* dando-nos um resumo da doutrina espirita que vai preparar convenientemente muitos curiosos e simpatizantes do Espiritismo; segundo, porque se traduziu Gustave Geley.

Nas páginas desta obra perpassa o sôpro do génio ao qual, talvez para não poder ir além da sua época ultrapassando um ciclo que ainda não tinha findado, a Parca cedo cortou as asas. Este livro é um dos melhores entre os que melhor expõem a nossa doutrina.

O seu autor é imparcial e insuspeito, porque não era espirita. Geley era metapsiquista. Nos capítulos: A Doutrina Espirita — Os Factos — Provas Indirectas — Consequências da Doutrina — Consequências Morais — Conclusão — Introdução ao Estudo Prático da Mediunidade e A Reencarnação, vamos encontrar a confirmação da sua imparcialidade, de tal forma vinculada que diremos com René Sudre: «depois de termos lido a sua obra é que, pela reflexão, verificamos que Geley era espirita».

Esta obra foi escrita há já alguns anos, sendo de mais recente data as partes referentes à Mediunidade e Reencarnação. Todavia, ela é ainda de uma actualidade evidente e estamos certos de que vai contribuir muito para uma melhor compreensão e maior divulgação do Espiritismo em Portugal.

Fecha este livro um Vocabulário Metapsíquico organizado pelo nosso distinto confrade e escritor, Dr. A. Lobo Vilela.

Eis o que disse *O Mensageiro Espirita:*

Resumo da Doutrina Espirita, pelo *Dr. Gustave Geley* — Tradução de *Isidoro Duarte Santos* — Edição de «Estudos Psíquicos Editora».

O metapsiquismo e a análise dos fenómenos espiritas devem ao Dr. Gustave Geley, fundador do Instituto Metapsíquico Internacional, uma inestimável e inteligente actividade, tanto no campo científico, como no campo filosófico e doutrinário.

Em «Ectoplasmia e Clarividência» e em «Do Inconsciente ao Consciente», o Dr. Geley joga com factos que têm demonstração positiva e não com palavras no campo das hipóteses. Em «Essai de Revue Générale et d'Interpretation Synthétique du Spiritisme», que Estudos Psíquicos Editora, vem de publicar em excelente tradução de Isidoro Duarte Santos, sob o título «Resumo da Doutrina Espírita», o Dr. Gustave Geley responde-nos a mil interrogações sobre os factos espiritas e apresenta-nos, por assim dizer, um código doutrinário e filosófico indispensável a quem se interessa por estes estudos e, sobretudo, aos que neles se desejam iniciar. A obra a que nos estamos referindo merecia mais larga notícia; não o permite, porém, o espaço de que dispomos.

Com a sua publicação, «Estudos Psíquicos Editora», presta à causa espirita um serviço de louvor. A obra é acompanhada dum «Vocabulário Metapsíquico», da autoria do Dr. Lobo Vilela.

A *Região de Leiria* escreveu:

Resumo da Doutrina Espirita. — Em tradução do distinto oficial da Armada, sr. Isidoro Duarte Santos, «Estudos Psíquicos Editora» acaba de lançar no mercado a sua primeira obra — *Resumo da Doutrina Espirita*, seguida de *Introdução ao Estudo Prático da Mediunidade e Reencarnação*, pelo sábio Dr. Gustave Geley, fundador do Instituto Metapsíquico Internacional, e com um *Vocabulário Metapsíquico*, da autoria do Dr. A. Lôbo Vilela, um dos melhores valores portugueses do neo-espiritualismo.

Limitamo-nos, hoje, a acusar e agradecer a oferta do volume, ao qual nos referiremos com o merecido e necessário desenvolvimento.

Encontra-se à venda nas boas livrarias e pode ser pedido a «Estudos Psíquicos Editora», Rua do Salitre, 149, 1.° — Lisboa.

A Missão de Jesus

por Fernando da Cruz Ferreira

VI

As Revelações Divinas são **sucessivas e progressivas** à medida que a humanidade vai realizando a sua evolução através das idades. Paulo, na sua Epístola aos Hebreus, cap. 1.º, vers. 1, o confirma bem claramente, escrevendo: **«Que Deus tendo falado muitas vezes e de muitos modos, noutro tempo, a nossos pais, pelos profetas, ùltimamente nestes dias nos falou pelo filho, ao qual constituiu herdeiro de tudo, por quem fez também os séculos».** Jesus, por sua vez, fez a promessa formal de que mais tarde nos enviaria o Espírito da Verdade, o qual nos viria ensinar todas as verdades, anunciando-nos as coisas que estão para vir, esse Espírito da Verdade que procede do Pai e que d'Ele dará testemunho. (João, cap. XV, vers. 26 e cap. XVI, vers. 13).

É o Espírito da Verdade, o Consolador, como lhe chamou Jesus, quem está operando hoje na terra a transformação das almas, ensinando através de milhares de bocas a verdade da reencarnação do espírito, Revelação que na época de Nicodemos era demasiadamente cedo para ser divulgada abertamente, como hoje, devido ao atraso do povo judaico.

No Evangelho de Lucas, cap. IX, vers. 18 a 20, e Mateus, cap. XI, vers. 11 a 14, encontramos novas provas seguras da Lei da Reencarnação, confirmada directamente pelo Senhor.

A Samaritana estava no mesmo estado de espírito de Nicodemos, ao perguntar:

— Água...? Mas não tendes com que tirá-la...!

Seria ele mais poderoso do que o Patriarca Jacob que lhes tinha dado aquele poço? — cogitou ela no seu íntimo.

A única água em que naquele momento a Samaritana podia crer era na que procedia de origens materiais e nunca numa toda espírito que, matando a sede da alma, faria brotar nela uma fonte de Fé Viva (água viva), uma fonte de Amor Divino, que jorraria para a vida eterna, abrindo caminho através dos corações dos que a rodeavam e rodeariam no futuro, ou seja, que, por sua vez, dessedentaria outros espíritos, encaminhando-os para o Reino de Deus.

As palavras divinas baixaram novamente até esta pobre inteligência espantada: «Quem beber desta água (do poço) voltará a ter sede». A água, porém, que eu lhe der transformar-se-á numa nascente, brotando para a vida eterna».

A Samaritana interpretou o dom a que o Senhor se referia como uma possibilidade de ele lhe abrir em sua própria casa uma nascente inesgotável. De tal forma estava materializada a pobre mulher, que assim supondo, aceitou a oferta com entusiasmo.

Nunca mais como agora voltaria ao poço à hora abrasadora do dia (o Evangelista precisou a hora — era meio dia).

Não voltaria também pelas horas frescas da tarde, quando as orientais se juntam à volta das fontes — aonde poderiam apontá-la, tratando-a com desprezo por «aquela mulher».

E justamente, penetrando no ámago da sua consciência crepuscular, Aquele que se sentara como que cansado, esperando a volta do filho pródigo, ou fitando o horizonte longínquo — para além, bem para além do Garizim, para aí descobrir a ovelha perdida, Aquele mesmo sondava a chaga interior e o escândalo de uma vida desordenada.

A pobre tivera já cinco maridos e aquele, com quem vivia agora, não era verdadeiramente seu marido.

Perturbada no íntimo da consciência por esse olhar que lia nela e na sua vida passada como em livro aberto, a mulher esquecida de si própria e perdido o enleio natural, porque sentia o conforto bendito da piedade de Jesus, elevou o pensamento até à questão vital, posta como uma pedra de escândalo, entre samaritanos e judeus.

Visto que Ele era profeta, pedia que lhe dissesse onde devia adorar a Deus:

— Nesta montanha ou em Jerusalém?

Na planície onde Jehovah e Abraão tinham falado como dois amigos, mas onde,

a pesar disso, todo o corpo do Patriarca tremera de horror, o Cristo e a Samaritana travavam este diálogo. Nunca por sobre as verdes planícies, nunca à sombra dos carvalhos, onde descera a promessa de Deus ao seu servo, nunca ali soara mais sublime voz — «chega a hora». Já chegou mesmo a hora em que não se adorará mais nem sobre esta montanha, nem em Jerusalém.

E esta pobre mulher ignorante dos seus deveres, que desconhecia Deus, a definição do Pai celestial era-lhe dada pelo próprio filho unigénito. **«Deus é espírito. Quem O adora, deve adorá-lo em espírito e verdade».**

«Em espírito», não grosseiramente, não no culto externo, todo material do tempo de Jerusalém — em verdade — mas não também como em Garizim, misturado com mentiras arquitectadas pelos sacerdotes e pelo culto dos ídolos.

A nascente de água viva corria na alma sequiosa daquela que tinha pedido ao profeta da água por ele anunciada e desconhecida para ela, a qual rebentou de jacto, no momento da pergunta que do seu espírito brotou, ao ouvir as palavras maravilhosas e imprevistas do Senhor.

Já tinha dito a Jesus: Vós sois um profeta, mas no seu coração pressentiu que tinha na sua frente mais que um profeta e atreveu-se, trémula, a dizer:

— Eu sei que o Messias, a quem chamam o Cristo, há-de vir; quando vier tudo nos ensinará . . .

Jesus respondeu:

— Eu o sou. Eu que te falo.

E a água viva jorrou abundante daquela alma para a vida eterna . . .

Que significa esta sede do homem e esta sede do Salvador do homem que se correspondem?

Não precisamos recorrer a grandes raciocínios filosóficos, para descobrir que a grande aspiração, a grande necessidade do homem é ser feliz — que ele instintivamente busca a felicidade numa constante preocupação, sempre desiludido, sempre frustrado nos seus intentos e que, se uns instantes se detem na luta e nos seus queixumes, é, como disse Lacordaire, para se embriagar numa hora de gozo e cair bem depressa no abismo dos seus desejos.

Os mais positivos, — ia dizer os mais acanhados dentre os homens — contentam-se com aquilo que fica ao seu alcance e organizam uma vida de pequenos prazeres, desgostos e cuidados mesquinhos — chamo mesquinho e pequeno a tudo quando se limita à satisfação material ou orgulhosa do nosso «Eu».

Outros estonteiam-se nas distracções ou ocupações absorventes. Outros ainda, dando rédeas às paixões, vão, como a mulher de Samaria, de vergonhosa em vergonhosa experiência.

Quase todos têm, pelo menos, a ideia de que, satisfeitas as suas ambições humanas, nada mais pediriam e seriam, enfim, inteiramente felizes.

Esquecem-se de que, sem Jesus, sem os seus admiraveis ensinamentos, sem o seu amor sentido e vivido, sem a sua Moral Divina, a Eternidade seria, sob outro nome, a eterna miséria.

Para um bem pequeno número, modificou o Cristianismo esta forma de consciência e de pensar, pois é bem restrito o número dos que vivem o Cristianismo na sua essência.

SAUDADE

(Para o meu filho ausente)

Saudade! gosto amargo de infelizes,
Doce pungir de acerbo espinho...
Almeida Garrett (Camões)

Vesti sobre o meu peito macerado
Desta saudade o aspérrimo cilício;
Mas tanto Amor descubro em tal suplício,
Que é gozo o sofrimento exp'rimentado...

Meu triste coração já resgatado
Desta vida terrena — atroz flagício —
Outra aurora antevê, em claro início:
— O perfeito caminho iluminado...

«A morte é vida», esplêndido caudal,
Brotando de uma fonte perenal,
A espraiar-se por toda a Imensidade...

E quero tanto bem a este pungir,
Que, mesmo noutra vida, hei-de sentir
Saudade, ó meu Amor, desta Saudade!

Maria Veleda

CURIOSOS FACTOS ESPIRITAS

pelo Coronel Amando Simões

(De «O Mensageiro de Orfão», de S. Paulo)

HÁ muitos anos passados viajei um dia, de Cafelândia para Baurdú.

Tomei a penúltima cadeira, a esquerda, do carro de primeira classe.

Logo a seguir sentou-se a meu lado na mesma cadeira, um senhor de uns 45 anos. Gordo, robusto, cabelos e olhos pretos, demonstrando saude sólida do homem afeito a trabalhos rudes e vida activa desde a mocidade. O físico caracterizava-o como filho de Portugal.

Os traços e a fisionomia eram do português emigrado para o Brasil anos atrás.

Até à Estação de Guarantan nada dissemos um ao outro. Conservámo-nos calados a perquirir, ávidos, através da janela, a paisagem exterior, mudada a cada instante na carreira veloz que o trem levava, substituindo cafezais por pastagens imensas e rebanhos bovinos, ou florestas e habitações pelos milharais e arrozais. Logo que o trem partiu de Guarantan, o meu companheiro, dirigindo-se a mim, disse:

— Não gosto dessas aves agoureiras; tenho horror a essa classe.

Voltei-me na direcção que ele apontava e vi dois padres seculares que se sentavam em um dos bancos da fila da direita do vagão, em cadeira bem afastada da nossa.

Retruquei-lhe que era anormal a sua maneira de sentir, porque ele era oriundo de um povo católico, onde o padre gozava de grande conceito.

Respondeu-me que também era muito religioso quando viera para o Brasil, mas que depois, dedicado a serviços da estrada de ferro Noroeste, perdeu o contacto com a igreja e, no correr dos anos, se tornara ateu e materialista. Que ultimamente, devido a um facto que se havia dado com ele numa turma onde residia, tinha-lhe voltado novamente a crença em Deus e na vida além da morte, mas que continuava a sentir o mesmo rancor pelo padre, como explorador que era dos mais nobres sentimentos humanos e isso fazia conduzindo sempre o meigo Nazareno como estandarte, para mascarar a hipocrisia.

Em seguida pôs-se a narrar o facto que o havia trazido novamente para a crença em Deus e para a vida além da morte:

* * *

«— Logo que cheguei ao Brasil, entrei como trabalhador de picareta nas linhas da Noroeste. Com esforço, assiduidade e constância, fui captando a confiança dos engenheiros e com isso galguei, sem muita demora, o posto de feitor de turma e hoje sou mestre-linha e nem um engenheiro da Noroeste dispensa a minha experiência em recolocar ràpidamente um trem descarrilado sobre os trilhos.

«No tempo em que se deu o facto que lhe vou narmento juntamente com um grupo de meus subordinados, todos casados, que residiam com suas famílias. A água que abastecia o acampamento corria da nascente por uma bica de coqueiro. Para se ir a essa biquinha, como nós lhe chamávamos, éramos obrigados a descer um morrinho, para alcançar a baixada onde brotava a nascente de água que ficava cerca de 200 metros afastada do acampamento. Entre os meus subordinados havia um casal de espanhois que tinham uma filha de onze anos de idade, que era um encanto. Era uma criança adorada por todos os do acampamento. Serviçal, meiga, delicada, não havia quem não adorasse aquela criança. Conduzia água nos baldes, para aliviar do trabalho todas as mães que tinham muitos filhos pequenos.

«Era enfermeira desvelada para os doentes, auxiliar no amanho da casa para todos os sobrecarregados de trabalho e sempre pronta para socorrer com sua solicitude a todos que dela necessitassem.

«Santinha da turma, era o nome que lhe davam. O seu nome verdadeiro era Dolores. Uma manhã essa criança acordou atacada por grande dor que a matou em duas horas.

«A moléstia traiçoeira e violenta não deu sequer tempo para a visita do médico, que já a encontrou morta.

«Encheu-nos de consternação e todos ficámos possuidos de uma profunda e grande dor. Ninguém se conformava com a morte de Dolores.

«Os seus pais, desvairados e sofredores, tinham os olhos inchados de tanto chorar. Passavam as noites umas atrás das outras sem poderem conciliar o sono, premidos por uma revolta justificada por lhes ter sido roubada aquela que era toda a ilusão e esperança da vida. As saudades cruciantes da morta querida mantinham-nos em estado de sonâmbulos que vagavam a esmo, esperando de um momento para o outro o reaparecimento da filha adorada.

«A mãe, perplexa e consumida, recordava esmiuçàdamente todos os actos de bondade e de dedicação da filha querida, cultivando sàdicamente a dor lancinante que a magoava, que a consumia e estrangulava.

«Dentro de pouco, começou a correr no acampamento a afirmativa insistente de diversas pessoas que diziam ter visto a menina, ora num, ora noutro ponto, mas que, quando se aproximavam dela, desaparecia.

«Já havia passado mais de um mês depois da morte da menina e os boatos de sua aparição a diversas pessoas corriam incisivos e teimosos. Entretanto, seus pais, de robustos e fortes que eram, pareciam duas penas, tal a magreza em que se encontravam. Tinham perdido o gosto da vida e, transformados em lágrimas, deixavam que o pranto corresse como em manancial inesgotável. Faziam pena! Todos os acompanhavam, na dor imensa que os consumia.

«Eu tinha o hábito de todas as tardes passar pela biquinha para lavar-me e todas as manhãs também ali descia para encher o meu cântaro, que levava para o serviço.

«Uma tarde voltei um pouco mais atrasado. Tínhamos feito muito serviço nesse dia e dispensei-os um pouco mais cedo, como recompensa do esforço do dia. Eu fiquei acabando de firmar um trilho, trabalho de segurança que eu não gostava de confiar aos demais.

«O sol sumia-se já no além dos morros, quando eu cheguei ao morrinho da biquinha. Todos os demais já estavam recolhidos em suas casas.

«A meio caminho tive a impressão de ver Dolores na esplanada da biquinha, no começo do trilho por onde eu descia. À medida que me aproximava, mais eu distinguia o seu vultinho elegante e esbelto. Era ela mesma, num dos seus trajes ordinários. Senti no corpo um arrepio; uma sensação de medo apoderou-se de mim. Mesmo assim continuei a avançar para o lado dela. À medida que nos aproximávamos um do outro, uma grande emoção embaraçava os meus passos. Os membros entorpecidos não me queriam obedecer. Quando faltavam uns cinco metros de aproximação um do outro, ela se desfez e não a pude ver mais. Meu coração pulsava arrebatadamente. À noite perdi o sono; mil pensamentos me tumultuavam na cabeça, girando todos em torno da aparição da garota. Estava enternecido por não lhe ter podido falar. Achava que o meu medo, pois eu tomava a emoção como medo, é que a tinha feito desfazer-se aos meus olhos.

*
* *

«Numa certa hora o meu pensamento caiu no último trabalho que fiz na fixação do trilho da véspera. Não me recordava bem da boa firmeza do último prego afincado. Um trem passaria às 7 horas pelo local. Sem certeza da perfeição do serviço que fiz, levantei-me mais cedo para ir verificá-lo, receoso que se abrisse o trilho na passagem do trem e provocasse descarrilamento.

«O dia começava a clarear-se, quando saí de casa com meu cântaro. Tomei distraído o trilho da biquinha, onde deveria enchê-lo. A meio caminho destinguí, novamente, a forma da Dolores, que caminhava para o meu lado. Revesti-me de coragem e segurei a minha emoção. A sua figura era nítida, tal qual como quando em vida. À distância de um metro, frente a frente um do outro, parámos.

— «Bom dia, seu Eduardo, me disse ela.

— Bom dia, Santinha, lhe respondi.

— «Eu quero-lhe pedir um favor, seu Eduardo, me disse ela.

«E antes que eu lhe respondesse, continuou falando:

— «A morte não existe, o espírito se desprende do corpo que morre e continua vivendo com outro corpo melhor e mais leve. Eu não morri; o corpo que eu deixei era uma roupa que só me era precisa para a vida da terra. O meu destino é ir morar num outro mundo, onde a felicidade não se compara com a da terra. A felicidade ali não se mede, porque é isenta de preocupações, contínua e grande.

«Eu não pude ainda seguir para o meu destino devido às tristezas dos pensamentos de meus pais, que me chamam sempre para junto deles. Não posso partir, porque os seus pensamentos me prendem. Diga-lhes que não chorem mais. Que eu serei feliz se eles se conformarem com o que aconteceu. Que as tristezas e as lágrimas deles me fazem infeliz.

«Que eu não morri e que espero o dia da libertação deles para vivermos juntos em mundo melhor e sem dores.

«Que não me prendam mais com as chamadas dos seus pensamentos e com suas lágrimas. Eles que tenham paciência; que não estou perdida para eles, que continuo a viver mais feliz e gozando de uma vida maior.»

Prometi-lhe transmitir o recado aos pais e ela, agradecendo-me, desfez-se na minha presença, tal qual como no dia anterior.

Calou-se ao terminar a narração. Ensimesmado, parecia alheio ao mundo, como buscando na recordação daquele facto o esplendor de uma vida a desabrochar grandiosa e sublime no infinito do tempo e do espaço!...

Eu respeitei o seu silêncio; não quis desviar o seu pensamento do gozo íntimo que as saudades daquele trecho de suas emoções lhe deviam estar proporcionando.

Momentos depois acrescentou:

— Desde esse dia tornei-me novamente crente e passei a compreender a vida sob um prisma maior, onde a justiça divina parecia premiar os bons e proteger todos com o amparo de sua infinita bondade.

Declarei-lhe então que era um estudioso daqueles fenómenos e fiz-lhe uma explanação sobre o moderno espiritualismo.

*
* *

Nessa altura e logo que eu passei a fazer a explanação a que me referi, um passageiro que se achava sentado atrás de nós duas cadeiras, levantou-se do banco em que se achava e veio sentar-se no banquinho pequeno à nossa frente, e, desde logo entabulou palestra comigo, dizendo-me que se lhe desse licença ele pretendia contar-nos um facto surpreendente que se tinha dado com ele e sobre o qual desejava alguns esclarecimentos e que eu, como estudioso do assunto, talvez lhe pudesse dar. Passou em seguida a narrar o seguinte surpreendente facto, logo depois de se ter apresentado:

Declarou-me que era filho de São Manuel, de onde se havia mudado para o Paraná com seus pais. Ali havia recebido instrução e tinha-se feito homem. Soube ele então que eu também era nascido em S. Manuel e que seu pai era parente tanto de meu pai como de minha mãe e que ambos éramos ligados pelo mesmo laço, o que aumentou a sua confiança para a narrativa do emocionante facto feita em minuciosos detalhes...

Começou por dizer que, desejoso de dar uma orientação independente à sua vida, empregara-se como agente comprador de cereais para uma firma de S. Paulo e como o Estado do Paraná era mal servido de transportes, escolheu o município do Espírito Santo do Turvo, do Est. de S. Paulo, como centro de suas actividades e para ali se mudou, aceitando o amparo de uma sua tia casada lá residente e com quem passara a viver.

Seu tio emprestou-lhe um cavalo de cela, e já no terceiro dia começou a percorrer bairros agrícolas, comprando para os seus patrões arroz em casca, feijão e milho debulhado, que havia em abundância naquele Município.

Nos primeiros dois meses já havia comprado milhares de sacos daqueles cereais, mas só havia percorrido os bairros mais próximos da cidade de Espírito Santo.

Seu tio, que conhecia todas as regiões do Município, ia-lhe indicando os bairros mais povoados e dando os esquemas das estradas de rodagem que deveria seguir. informando-o quanto aos hábitos e costumes dos seus habitantes e preços dos cereais.

Por diversas vezes já seu tio o havia instigado a dirigir-se a um bairro mais distante, onde ele elogiava a uberdade do solo, o cavalheirismo do povo hospitaleiro, acolhedor e serviçal, e onde ele compraria farta messe de cereais.

— A distância porém era grande — dizia— e durante todo aquele tempo sempre hesitei em fazer longa viagem.

«Um belo dia, porém, perdi a hesitação. Pedi a minha tia que me preparasse um farnel e na madrugada do dia seguinte, montei no «Castanho» e cortei numa arribada as quatro léguas necessárias para atingir o bairro almejado. Cheguei às casas dos primeiros moradores às nove da manhã e fui passando da casa de um sitiante para a casa de outro; e quando regulava umas três horas da tarde, eu havia percorrido quatro casas, de cujos donos havia comprado mais de cinco mil sacos de cereais que eles mesmos puxariam para o Espírito Santo do Turvo, com os carros de bois de suas propriedades. Contente com o volume de negócios realizados, despedi-me do último morador, em cuja casa me encontrava, e tomei o caminho de retorno, pressuroso e destemido, confiante na resistência incomparável do meu animal de montaria.

«Já havia percorrido umas três léguas e meia da viagem de retorno, quando passei por uma espécie de fuga dos meus sentidos. Um grande torpor invadira todo o meu corpo. Uma sonolência, misto de fadiga e esgotamento, havia-se apossado de mim. O «Castanho» cortava a estrada em passos lerdos, trôpegos, dando evidentes mostras de extrema fadiga.

«O dia já se havia acabado; a sombra densa da noite tinha-se estendido pelos morros e quebradas, com o desaparecer dos últimos lampejos do sol rubro entre as nuvens que o cobriam, opacas e densas; ao longe, do lado do nascente, os últimos reflexos, surgidos através de outras nuvens, vermelhas de fogo, sumiram-se de vez e só a noite, triste e muda, me envolveu, de vez, no seu manto de trevas. Dentro de pouco senti que me achava desviado da estrada de rodagem por onde havia passado na ida da viagem da manhã. Como fazer agora? Retroceder para alcançar a estrada certa? Seguir para obter informações que me orientassem melhor? Tomei esta última iniciativa. Caminhava para o alto de uma colina. Na baixada oposta haveria, por força, alguma habitação, onde os moradores poderiam informar-me ao certo. Ao chegar ao alto da baixada, divisei do lado oposto da baixada fronteiriça uma casa alta, bem iluminada. Enchi-me de esperança; ali alguém me informaria e me daria orientação que me permitiria alcançar, de novo, a estrada certa. Quanto mais avançava para o lado da casa, mais a minha atenção se prendia ao seu aspecto senhorial. Era alta, ensombrada; janelas amplas acompanhando a lateral que eu avistava e por onde luzes saiam em profusão, dando-lhe o aspecto de um palácio, engastado, soberbo e confortavel, no meio da colina. Enchi-me novamente de ânimo, sacudi o torpor que se apossara de mim e forcei a cavalgadura a apressar a marcha, para alcançar, rápido, o ponto de onde me proviesse a orientação desejada. Quanto mais me aproximava da casa, mais as

luzes activas e profusas que dela emanavam feriam a minha retina, a emiscuir-se nas trevas a que se havia habituado. Abordei a casa pelo lado da frente e emparelhei o cavalo diante de uma escada de cinco degraus, que terminavam em uma porta ampla, pela qual divisei a sala da frente, onde uma porção de pessoas, todas ajoelhadas em atitude de oração, se apinhavam até à soleira da portal Uma outra porta, colocada em frente da primeira da entrada, me permitia ver colocado, na outra sala interior, sobre varais superpostos a dois cavaletes, um caixão de defunto, circundado por outra grande porção de pessoas, também ajoelhadas ao seu redor.

«Naquele momento iniciava-se a oração da Ave-Maria, em surdina, num zum-zum produzido pelo vozerio de muitas pessoas, que me deu a certeza de achar-se a casa cheia de muita gente, toda ela absorvida pela oração de conjunto. Com o tropel do meu cavalo, um velhinho, mal vestido e descalço que se achava, com outros, ajoelhado em frente da soleira da porta, com os pés um pouco para fora da mesma, voltou-se para mim.

«Tirei respeitoso o chapéu e disse-lhe «boa noite». Em seguida declarei achar-me desviado da Estrada do Espírito Santo do Turvo e se ele queria ter a bondade de orientar-me. Disse-me ele que eu havia abandonado a estrada meia légua atrás, mas que eu acompanhasse o trilho que passava pela lateral esquerda da casa, que, a uns setenta metros adiante, eu encontraria uma porteira de vara e que, atravessada a mesma, me acharia na estrada almejada. Convidou-me, gentil a ajudá-los a orar pela alma do defunto, ao que me recusei, pretextando fadiga e pressa de chegar à minha casa, mas que o faria mentalmente, enquanto caminhasse pela estrada. Agradeci os informes, despedi-me e toquei a montaria pelo trilho indicado na lateral esquerda da casa. Só o fiz, porém, depois de informar-me da distância da porteira de vara a Espírito Santo, ao que ele me respondeu:

«— Meia légua, mais ou menos.

«Setenta metros à frente, encontrei a porteira indicada e ao passá-la reconheci a estrada procurada. Meia hora depois apeava-me na casa de meus tios, que me esperavam ainda para o jantar. Recolhi o cavalo na cocheira e dei-lhe de beber, depois de tirar-lhe a cela; puz-lhe no cocho uma farta ração de milho e entrei na sala de jantar pela cozinha.

* * *

«No meio da refeição contei ao meu tio que, na manhã seguinte, por certo teríamos que acompanhar um enterro de um senhor importante que havia morrido numa casa assobradada, cujo local e distância descrevi. Ele ouviu-me, incrédulo e admirado, terminando por afirmar-me que naquela casa não residia ninguém e que de há muito se achava abandonada.

«Estabeleci, então, a suposição de que alguém tivesse morrido em algum bairro mais distante e que houvessem trazido o cadáver para ali pernoitar e no dia seguinte acharem-se mais próximos da cidade para o transporte e enterro.

«Meu tio, sempre incrédulo, afirmou que se isso tivesse acontecido, ao menos alguém teria ido à cidade para comprar velas, comida e bebidas para passarem a noite, o que não se havia dado e fez referências sobre o mau estado da casa, as quais contrastavam com a minha observação entusiástica do aspecto daquela moradia.

«Combinámos, então, que na manhã seguinte esperaríamos em frente da casa para nos encorporarmos no cortejo, quando o féretro por ali passasse.

«Durante a noite, a pesar da fadiga, custou-me a adormecer. Havia-me impressionado com o contraste dado por meu tio em relação à casa, em completo desacordo com o da minha impressão, em que se me apresentou como o de uma habitação senhorial, em perfeito estado de conservação, como se fosse um palácio feèricamente iluminado, para uma solenidade importante. É verdade que a iluminação era feita de velas de cera e espermacete, mas em grande profusão. Acordei às cinco e meia da manhã e fui sentar-me em frente da casa, por cuja rua teria que passar o cortejo do enterramento, pois ali era entrada forçada da cidade. Até às oito horas nada havia passado. Durante esse tempo mais quatro pessoas haviam chegado a casa de meu tio, às quais havíamos contado o estranho caso. Essas pessoas, curiosas, juntaram-se a nós e ali ifcaram até às nove horas, momento em que resolvemos, eu e mais três deles, celar os nossos cavalos e ir até à casa que todos eles afirmavam estar abandonada.

«Ás dez horas e um quarto, nós quatro achávamo-nos em frente da referida casa.

«A minha perplexidade, porém, era desnorteante, A casa não possuía nada do aspecto com o qual se me apresentou na véspera. O matagal invadia-a por todos os lados, trepando pelas paredes, invadindo janelas e portas, arrebentando por entre os degraus da escada, onde só existiam apenas dois, enquanto os outros três estavam deslocados e apodrecidos pela acção do tempo. Dentro da primeira e segunda sala, que avistávamos nitidamente de cima de nossas montarias, não havia sequer, grudado em qualquer parte, um respingo de vela de cera ou de espermacete. Enfim, a minha visão havia sido fantasmagoria. No entretanto, a porteira de vara era uma realidade e o meu transviar da estrada tambem o era. E o velho que me havia ensinado o caminho não era tambem uma ficção? Estaria eu louco naquele momento? Não, não podia ser, porque uma parte dos factos estava ali contrastada pela existência real da porteira de vara,

que ali se achava real e palpável, para demonstrar a realidade dos factos.»

* * *

Nessa altura o narrador calou-se. Por longo tempo se manteve em completo silêncio numa atitude de quem se tivesse absorvido na recordação absorvente daqueles factos; e em seguida me disse que havia pedido a muitos estudiosos do psiquismo algum esclarecimento sobre aquele caso inédito, na história da fenomenologia psíquica. Que, pela minha palestra, vira que eu era um estudioso do Espiritismo e desejava que eu lhe desse alguma explicação afastada da loucura, pois estava persuadido de que não estivera louco, quando teve a visão e percepção daquelas coisas.

Narrei-lhe então que em França havia um local onde os franceses haviam ganho uma terrível batalha, na qual a mortandade tinha sido enorme, mas onde a França se havia coberto de glória e tinha também recuperado a sua integridade e emancipação completa do jugo do inimigo. Que nessa região as almas dos franceses que ali desencarnaram, costumam, na data de aniversário dessa batalha, fazer à meia noite em ponto uma grande passeata, em homenagem àquele glorioso feito. Que muitos médiuns e sensitivos têm assistido a essa esplendorosa manifestação dos espíritos.

É possível, terminei eu dizendo, que espíritos amigos daquele suposto morto, reunam naquela casa abandonada, numa certa data do ano, para orarem em conjunto em favor de alguém, por eles amado, com o fim de arrancá-lo da situação sofredora que o subjuga. Que a cena que ele defrontara, não seria apenas imaginativa, e sim a imagem real de uma coisa verdadeira, mas do mundo psíquico e observada por ele, num estado psíquico também, como médium que era, possuidor da faculdade de se desprender espiritualmente e nesse estado entrar em contacto com as coisas transcendentes, que escapam normalmente à percepção dos outros homens. Prometeu-me que iria adquirir e estudar as obras de Kardec, onde eu lhe afirmei que encontraria viva familiaridade com aqueles fenómenos.

O meu interlocutor era um moço inteligente e culto que ocupava um cargo de responsabilidade na fiscalização da Estrada de Ferro do Noroeste. O trem chegava à estação de Baurú. Despedimo-nos, trazendo pela calada do tempo a recordação gostosa e util de dois factos reconfortantes que nos ligam pela verdade, a nós outros, seres terrenos e transitórios, mas em marcha para o Absoluto, como eternos viajantes do Universo ou da casa de Deus, qual permanece em nossa frente, e fazer-nos lembrar que a vida não se acaba com a morte do corpo.

Lições de Páscoa

por Leopoldo Machado

HAVIA chegado o dia dos pães asmos! E o Cristo, que não viera destruir a lei, levado fora, também, a comer, com os discípulos, a Páscoa. Levado fora menos a comê-la, do que a tirar dela ensinamentos que ainda não foram compreendidos e praticados pelo mundo. Nem pelos que se dizem cristãos, quanto mais pelo mundo!

Antes de sentar-se à mesa, ei-lo a lavar os pés dos discípulos! Ele que, por sua pureza e perfeição, era para que se lhe lavassem os pés! Não havia dito, antes, que viera ao mundo para servir e não para ser servido? Ali estava a prová-lo, ensinando:

— Fazei entre vós o mesmo!...

Em plena ceia, ei-lo alterando o sentido tradicional da grande festa judaica, a dar-se ao mundo como o pão da Vida: corpo e sangue de uma nova Páscoa!

E o mundo não lhe compreendeu o ensinamento, em espírito e verdade, por isso que dele ficou, apenas, a materialidade simbólica do ensino.

Satanás entrou em Judas, para que o traísse. E o Cristo mandou-o, sem excomungá-lo sequer, à realização do crime. Donde a lição de que, até nos festins espirituais, pode haver lugar para tentações. Portanto, que a oração e a vigilância sejam para todos os lugares e para todas as horas, afim de não cairmos em tentação! E também, que os judas, vítimas dessas tentações, antes merecem a nossa piedade — porque o tentado ao pecado é sempre um infeliz — do que a nossa condenação, a execração de que, ainda hoje, é vítima o infeliz Escariote!

O Cristo, que ia morrer no dia seguinte, ensinou que perto estava a glorificação do Filho do Homem. A morte, portanto, é uma glorificação. Maximé, quando se soube morrer por amor de um ideal como o do Cristo. Se foi para Ele, que era a Perfeição, que não tinha faltas e culpas a reparar, por certo que implica mais glorificação para aqueles que, com a morte, podem reparar velhos erros e pecados. Para os que, como nós, aqui estão expiando ou reparando um passado culposo.

Ceando ainda, eis um novo mandamento que transmite aos discípulos: «Que vos ameis uns aos outros. Só por vos amardes uns aos outros, conhecereis que sois meus discípulos:»

E o convite amigo à Religião do Amor, a

única, na verdade, que o Cristo pregou, exemplificando e praticando! A única, na verdade, que salva, confundindo a criatura com o Criador.

E a Pedro, que garantiu daria sua vida por Ele, — preveniu de sua atitude de fraqueza. Donde a lição de que nem todos que se julgam do Cristo, a viver pelo Cristo e para o Cristo, estão preparados para as provas no momento oportuno. Daí, a atitude de Pedro ser, amiude, imitada e seguida.

Agora, é o sábio a afirmar ninguém se perderá, afirmando que a Casa do Pai, — que é o Universo Infinito — tem muitas moradas — os mundos que o compõem — para os quais todos irão a seu tempo. É a lição clara da pluralidade dos mundos habitados.

A Tomé, que lhe diz não saber para onde Ele vai, nem o caminho por onde seguir, responde:

— Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vai ao Pai senão por mim.

Se sua Doutrina é Amor, Jesus é Amor. Assim, o Caminho a perlustrar é Amor; a Verdade a compreender é Amor; e a Vida a viver é Amor.

Para que os discípulos não o tivéssem como previlegiado, advertiu-os:

— Aquele que crê em mim, também fará as obras que eu faço, e as fará maiores do que estas.

Não vemos, é certo, ninguém fazer nem a décima parte do que fizera Ele. Porquê? Teria o Cristo falado em vão? Exactamente porque ninguém crê, a sério e a fundo, n'Ele!

Valorizando a prece, ensina: «Tudo quanto pedirdes em meu nome, eu o farei, para que o Pai seja glorificado no Filho!»

E frisando, eloquentemente, o valor não das religiões dogmáticas, mas do amor de que deu exemplo: «Se me amais, guardai os meus mandamentos!» É fora, pois, de dúvidas, que não O ama quem, embora dizendo-se cristão deste ou daquele ramo do Cristianismo, não guarda, entretanto, através da prática e do exemplo, os mandamentos do Cristo. Reafirma-o, de resto, assim: «Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, este é que me ama.» Amemo-lo, guardando, seguindo e praticando, senão toda a sua Doutrina, ao menos as lições que nos deu na Ceia Pascal. E para a compreensão integral desse modo de compreender e sentir e assimilar e viver e praticar os mandamentos do Cristo em espírito e verdade, aí está aquele Consolador, aquele Espírito de Verdade, de sua promessa, durante as lições que deu na Ceia Pascal. Aí está o Consolador, que convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juizo. É o Espiritismo. Duvidais, acaso? Lede, meditando, os caps. XIII e XVII de João, estudai, no mesmo passo, o Espiritismo evangélico, que é, incontestàvelmente, a face mais interessante desta grande e bela Doutrina, e haveis de chegar à convicção de que a promessa do Cristo já se realizou; de que Ele está, de novo, entre nós, juntamente com o Espírito de Verdade, a ensinar-nos, eloquentemente, cristãmente, persuasivamente, que, muito mais do que a sua morte, é a sua Vida que nos deve interessar; que, muito mais do que uma Páscoa simbólica por ano, devemos, para purificação de nosso espírito, deglutir o pão espiritual de suas palavras e beber o vinho quintessenciado de seus exemplos diàriamente, momentâneamente, constantemente!

Eia, pois, irmãos meus, para a Páscoa do Senhor, na ânsia de viver a sua vida em todos nós!

CÂNTICOS

AOS PÉS DA CRUZ

por Ramos Pereira

Eis-me, Senhor, fraco e dolorido,
carregando o fardo de mil culpas,
sofrendo as dores de mil batalhas!
Eis-me, Senhor, bem nu e pobre,
despido da carne que não quero,
pobre por não ter ainda a alma que desejo!
Eis-me, Senhor, sôfrego de Luz
e, aos pés da tua Glória, sedento por amar!

Vês-me, ajoelhado, humilde;
nada sei, nada valho, nada sou
se sobre mim não derramares um olhar de Amor.
Faz-me, Senhor, digno desse olhar!
Senhor! Senhor! clama, minh'alma
dos fundos do cárcere escuro do meu corpo!
Não me dês honras, nem riquezas, nem galas, nem poder,

que eu nada quero para mim!
Abre-me estes olhos, inda tão cegos,
para que o rasto luminoso dessa Cruz
me aclare e me redima!
Dá-me forças para em mim erguer sagrado altar!

Quero queimar-me, qual incenso, nos turíbulos,
quero cantar hinos de Graça,
quero ser aquele que tu queres que eu seja!
Traz-me a Luz do Teu Perdão a este altar,
que eu quero arder nas chamas do Amor!

Quando em mim viveres — Senhor —
eu rasgarei o peito,
tomarei nas mãos meu coração, sangrando,
e gritarei aos homens:
— ¡Olhai, olhai por esta ferida!
A Luz que vedes, que a ilumina, não é minha, não!

A Luz é de Jesus!

Uma conferência notavel

por R. Pires

EM 27 de Janeiro último, tivemos o prazer de ouvir, no Centro E. Luz e Amor, o nosso confrade Ramos Pereira numa conferência acerca de «A Religião e o Espiritismo».

Devemos confessar que, além do dom da palavra, ele tem o mérito de conseguir que os seus ouvintes compreendam os pensamentos mais transcendentes, tal é a sua fluência e o seu perfeito conhecimento dos temas que trata. Deu-nos assim uma lição magistral, de que todos que o ouviram devem ter aproveitado muito.

Diz Ramos Pereira, e muito bem, que o espirita não deve proceder como os adeptos de outras religiões que tudo esperam lhes venham do Ceu. Não, o espirita, embora confie, e confie com plena certeza e perfeita fé, deve tudo esperar de si próprio, do seu trabalho, do seu esforço. Nós somos obreiros dos desígnios de Deus e portanto devemos ser dinâmicos e não estáticos. Diz mais que, religiosamente, devemos mortificar o corpo, mas mortificá-lo no trabalho, na luta pela vida, procurando auxiliar os nossos irmãos da mesma jornada, e não com cilícios, como fazem os adeptos de algumas religiões.

Diz também que o Espiritismo fornece ao homem o conhecimento do corpo, do espírito e de Deus, donde deriva o dever de cuidar do corpo, com o fim de facilitar ao espírito o seu livre e perfeito exercício, certo de que só assim caminhará na estrada que conduz ao conhecimento de Deus.

Afirmou que em todos os tempos têm descido à Terra instrutores que procuram guindar os homens ao conhecimento da verdade e lhes têm ensinado como devem viver fraternalmente. Um desses instrumentos é Jesus. E Jesus não só viveu entre nós, como ainda espera por nós. Ele não perdeu o contacto com a Terra, embora esteja atrasando a sua caminhada para a perfeição, porque quer que todos caminhemos com Ele. Ele espera-nos, quer seguir conosco para novo plano, outro plano onde a sabedoria e a bondade sejam um facto. Quando atingiremos esse plano não sabemos, nem importa, mas o certo é que o atingiremos, mais cedo ou mais tarde. A vida é eterna e um século ou um milénio pouco representam na eternidade. Mas de todos nós depende a aceleração desse momento. Trabalhemos, pois, auxiliemos Jesus no seu trabalho em prol de nós próprios.

Disse ainda que tem sido um erro acreditarmos na independência individual, quando é certo que dependemos uns dos outros e temos de caminhar juntos. Portanto, o nosso adiantamento será acelerado na medida em que vivamos para o nosso semelhante, como peças de um todo, todo que não pode girar harmónico enquanto as suas peças não forem perfeitas.

O Espiritismo — acrescentou — é uma religião alicerçada no conhecimento do espírito e na ideia que nos dá de Deus, consistindo o culto espirita sobretudo em amarmos o nosso semelhante, certos de que assim aceleramos a marcha deles e a nossa. O Espiritismo é uma religião sem parte oculta. Tudo nele é livre e conhecido, ao contrário das religiões, que tiveram sempre uma parte oculta para as *elites* e outra para o vulgo. As religiões dizem ao homem: *crê*, mas o homem quis saber o porquê e por isso indagou, especulou e divagou. Daí adveio a criação da ciência e da filosofia. Começou então a luta entre os três ramos do conhecimento humano: a religião, que dizia: *crê;* a filosofia, que dizia: *mas porquê?*, e a ciência, que dizia: *quero provas.* Dessa luta surgiu a derrota do pensamento no século passado. É o Espiritismo, como ciência, que vem mostrar ao homem a sua natureza espiritual; é o Espiritismo, como filosofia, que vem mostrar ao homem que ele faz parte, pela sua metade espiritual, de um todo que é o Universo; é o Espiritismo, como religião, que vem mostrar ao homem que, em consequência da sua natureza espiritual e divina, não pode deixar de crer, não só na vida futura (vida espiritual), mas também num Deus que tudo criou, orienta e dirige.

Ramos Pereira foi muito ovacionado por algumas dezenas de pessoas que o escutaram. E pena foi que não fosse por centenas (estas conferências deviam ter mais larga divulgação), pois além do prazer espiritual que há em ouvi-lo, as suas lições são sempre proveitosas para todos, pela profundeza, pela lógica e pela verdade que encerram.

DUAS VERDADES

Além da inteligência humana, dos esforços da ciência e da razão, dos dogmas oficiais e dos cultos estabelecidos, há duas Ideias que são o fundo comum da intuição e da consciência: existência dum ser supremo, príncipe e governador da Vida; perpetuidade da consciência individual, isto é, a ressurreição ou continuidade do ser.

Simples, como tudo que é verdadeiro e grande, estas duas verdades fundamentais da vida, paradoxalmente elementares e profundas, afirmam-se por si próprias.

EMMANUEL DARCEY

À Margem dos Livros

(Carta aberta a Osvaldo Polidoro, de S. Paulo)

Quando comentámos o seu opúsculo — «Que fizeste do baptismo do Espírito Santo?» — nas colunas desta Revista, focámos apenas os dois pontos que mais nos chamaram a atenção.

Afirma-me, agora, que «não disse muitas coisas» como eu entendi e doutras julga que eu pensei preconcebidamente. «O plano é mais vasto e de alcance científico mais elevado» (sic). Não duvidamos da natureza do «plano», mas as nossas anotações foram incidir sòmente no opúsculo em questão e, neste, em dois temas que ou por nós foram mal assimilados ou por vós mal desenvolvidos. Há ainda uma terceira hipótese — aquela que me assaca nas suas palavras — mas que me julgo no pleno direito de contestar: — o juizo preconcebido. O facto de nos encontrarmos em pontos opostos — neste momento — não quer dizer que eu não possa perfilhar o vosso plano noutras facetas.

Prefiro, pois, partir da primeira hipótese — mal assimilação por mim do vosso pensamento. Parece-me mesmo ser esta também a que aceita — em parte maior — porquanto me remete alguns boletins para que eu fique com uma melhor ideia do seu plano.

Comecei por ler o seu artigo «No Quadro das Virtudes», em que coloca a Mediunidade. Depois diz que «Espirito Santo» é mediunidade. Afirma o Confrade que «Espírito Santo» é virtude? Parcialmente... de acordo, porquanto, na minha interpretação de Espírito Santo, concebo que os seres que o formam já realizaram todas as virtudes, pelo menos aquelas que nós, homens, conhecemos. Não é assim o que julga? Se é isto, estamos totalmente em desacordo, sem qualquer ideia preconcebida da minha parte. Apoia-se o Confrade numa comunicação de André Luís recebida por Francisco Xavier e reforça-s ecom o testamento de Emmanuel.

Mesmo que eles afirmassem claramente a proposição referida, não abdicaríamos da nossa forma de pensar, enquanto nos não provassem que ela é errónea. E para seu apoio de crítiia, passo a expor o meu modo de ver, servindo-me dos seus termos, o mais possível: — «Espírito Santo é Virtude» — dizer isto é focar a essência ética dos conceitos, isto é, marcar o elo de ligação entre o Espírito Santo — Algo que É — e a Virtude — abstracção que paira sôbre a realização dos valores morais positivos nos actos humanos; enquadrar num conceito metafísico um conceito ético. E a Mediunidade? Um problema psicológico, um termo a designar um poder psíquico. E a não ser que o Confrade não conceba assim a Mediunidade, não conseguimos compreender como é possível relacionar Mediunidade e Espírito Santo, senão na senda estreita que vai do «meio» à «causa» dos «efeitos» que são os fenómenos metapsicológicos.

Vai o Confrade buscar um comentário de Emmanuel ao v. 17 do cap. II dos «Actos dos Apóstolos». Não vemos aí um argumento para a sua temática, pois que o texto é claro: — «... o meu espírito derramarei sobre toda a carne e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos mancebos terão visões e os vossos velhos sonharão sonhos». Mesmo que generalizássemos o termo «Espírito Santo» ao conjunto de *todos* os espíritos desencarnados, mesmo assim não vislumbramos a possibilidade de identificação com a Mediunidade. E veja o que diz Emmanuel (o mesmo por vós citado), conforme o que transcrevo da Revista «A Verdade» (n.º LXV do ano XXXVII): — «Os médiuns, em sua generalidade não são missionários na acepção comum do termo; são almas que fracassaram *desastradamente*... (o itálico e sublinhado são nossos). E, agora, pergunto-lhe: — almas que fracassaram desastradamente» serão «Espírito Santo»? Ou teria Emmanuel pensado em nós dois e daí fazer afirmações que a ambos auxiliassem? Ao Confrade, como a mim, sem dúvida, repugna esta hipótese fantasista...

Vejamos o que diz André Luís, no seu estilo rendilhado, a págs. 27 de «Missionários da Luz» (pelo Confrade também citado): — «Mediunidade construtiva é a língua de fogo do Espírito Santo, luz divina para a qual é preciso conservar o pavio do amor cristão, o azeite da boa vontade pura». Mediunidade *construtiva* é, pois a *língua* pela qual fala aos homens o Espírito Santo, como é a *língua* pela qual falam desencarnados comunicando singelamente os seus sofrimentos, as suas dúvidas, as suas... revoltas. Veja, meu caro Confrade, como André Luís especifica a mediunidade *construtiva*, aquela candeia em que deve arder o «pavio do amor cristão» e o «azeite da boa vontade pura»; veja como ele repele a mediunidade *destructiva*... embora ela seja também mediunidade...

Passemos agora aos Boletins que teve a gentileza de me enviar. Mas antes deixe-me transcrever-lhe passagens duma comunicação feita por um Espírito de grande elevação: — «O Verbo é o Ser que já encontrou o seu fundamento último e, na plenitude dessa compreensão, se absorve na visão extática da Beleza.

O Verbo é o Imperfeito mais próximo do Perfeito». «O Verbo não é todo o Pensamento, como o Pensamento não é o Deus-Todo, como o Efeito não é a Causa». «Deus é o Pai, o Criador, Aquele que É, de quem saiu o Tudo, o Filho. O Pai é Deus «em si»; O Filho é Deus manifestado; o Verbo é o Espírito Santo, o Ser causado retornando à Causa incausada».

Por aqui (pensamento que perfilhamos), já o Confrade pode ver até que ponto consigo concordamos e em que pontos discordamos do seu boletim n.º 2. Na mesma folha, diz o Confrade: — «A Lei foi simbolizada nos dez mandamentos de Moisés». Pergunto eu: — então todo o simbolismo da Lei se esgotou nesse código de Moral? Todo o simbolismo da Lei que «é a Vontade de Jesus» está nessas regras de moral prática tão bem compreendidas e dissecadas pelos pensadores da «teoria dos valores»? Mas vejo pelo V. boletim n.º 4 que o conceito que tem de Lei é mais vasto...

Do mesmo boletim, aceitamos suas definições metafísicas de Vida, Seres, Coisas e Leis, mas já no parágrafo «Virtudes» pomos as ressalvas que atrás expendemos.

Saboreámos, deleitados, o Boletim n.º 8, embora as transcrições de Emmanuel, comprovativas da existência dum núcleo de Altos Espíritos, Guias Superiores da Hmanidade terrena, não constituíssem para nós novidade, além de que já lêramos proposição análoga nos teósofos, proposição que em nada nos repugna aceitar, como ainda aceitamos *plenamente* as notas do meu caro Confrade. (Como vê, não tenho «parti-pris): — o que *para mim* é racional, aceito sem hesitar ou comentar).

Quanto às «instruções» impressas no Boletim n.º 9, informo que em muito se assemelham às directivas que imprimimos nas sessões do «Grupo Reper-Siam» (irradiação mental e estudos evangélicos) que dirigimos na Sede do C. E. Luz e Amor. Devo dizer ainda que essas directrizes foram tomadas antes da leitura do referido Boletim, o que prova que os pensamentos de ambos alguns pontos de encontro possuem...

Não veja, Amigo (posso chamar-lhe assim-), qualquer ideia de polémica nesta «carta aberta», e sim uma conversa entre dois «amantes da Verdade». Discordamos? Algum de nós se aproxima, mais que o outro, da Verdade!... Concordamos? Estamos a igual distância d'Ela... Qual acha que deva ser a atitude a tomar? Para mim, é: — no 1.º caso, mostrar os pontos de desencontro para que um medite e veja se está ou não errando; no 2.º caso, dar as mãos em mútuo apoio. Perdoe-nos, porém, se ao comentá-lo fomos em qualquer passagem menos gentil, menos claro ou menos... compreensivo.

Creia na amizade sem quaisquer reservas do

RAMOS PEREIRA

Plantas e Animais

por Luís Figuier

As plantas têm as suas moléstias, como os animais. Não falamos nas moléstias causadas por simples parasitas, como a moléstia das vinhas, nem na moléstia da batata, ocasionada por outros cogumelos, nem nas do trigo, da roseira, da oliveira, etc., provocadas por diversos criptógamos parasitários, que se fixam na planta e alteram o curso normal da sua vida. Falamos de afecções mórbidas propriamente ditas.

O estado patológico e suas consequências existem na planta, como no animal. As moléstias ou outra qualquer causa produzem nas plantas, como nos animais, anomalias de formas e irregularidades de estructura. Como há monstros no reino animal, também os há no reino vegetal.

Comparando os animais e as plantas, principalmente os entes inferiores de um e outro reino, é impossível estabelecer entre eles uma linha de demarcação precisa.

No limite desses dois reinos, isto é, os zoófitos, no reino animal, e criptógamos, no vegetal, não há mais, para bem dizer, nem planta, nem animal. Os dois reinos parecem confundir-se. A velhice e a morte existem para a planta, como para os animais. A planta, depois de ter resistido às diferentes moléstias que a ameaçam, não escapa a uma lenta velhice, a que sucede necessàriamente a morte. Com o tempo, seus vasos endurecem, o seu calibre depois de ter diminuído. oblitera-se e não pode mais dar passagem à seiva, nem aos outros líquidos. Os líquidos não são mais aspirados com a mesma regularidade; não transudam mais, através do tecido vetgetal com a mesma precisão.

Ficando estagnados no interior dos vasos, corrompem-se e a sua decomposição transmite-se aos vasos, que os encerram. Desde então as funções vitais cessam de se exercer, e a planta morre.

Com os animais, as coisas passam-se do mesmo modo. O espessamento dos vasos, a obstrução do seu calibre, trazem o estado de velhice, em que as funções são perturbadas e entibiadas; depois vem a morte, que é o fim inevitável de tudo, em todos os reinos da natureza.

(De *O Destino do Homem e o Problema do Além*).

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

Materialização notável

A Noite, grande diário de S. Paulo, continua a referir-se aos fenómenos espiritas, em sucessivos relatos de extraordinária repercussão em todo o Brasil, sem receio de ser acoimado de cotidiano «humorístico» pelas «Nações» de Além-Atlântico.

Estudos Psíquicos já transcreveu algumas daquelas «reportagens» e outras virá a transcrever, embora pese aos campeões do bom gosto, que tanto sofrem com a nossa acção na imprensa.

O que vai ler-se foi encimado pelo seguinte título retumbante:

> *O Espírito do Padre Zabeu materializou-se na presença do «reporter» — Cerca de 30 pessoas presenciaram o sensacional fenómeno espirita — Entre os presentes, achava-se um médico psiquiatra de Juqueri e um professor da Escola Militar de Rezende.*

«A sala é pouco espaçosa — diz o articulista — e a «cabina mediúnica» fica contígua, com acesso por uma porta fechada com cortina preta. Dentro da cabina encontra-se uma mesa, em cima da qual são colocados a vitrola, os discos, um megafone luminoso e pouca coisa mais de importância. O médium senta-se numa cadeira comum e é algemado, completamente despido, ponto este exigido pela própria entidade, para ainda mais anular as dúvidas. As algemas neutralizam a acção das mãos, dos braços e das pernas, ficando o médium impossibilitado de se mover, pois além dessa medida de precaução, usam-se correias e cordas, serviço esse feito por alguns assistentes, entre os quais se contam o *reporter* e dois médicos.

«A acção controladora desse grupo estende-se meticulosamente por outros pontos da sala, de maneira a ficar assegurado que, dentro dela, a não ser o médium totalmente amarrado, ninguém ficará ou poderá entrar. Feito isso, o controlo preocupa-se com a primeira fila de assistentes, chamada «primeira corrente». Um cordel é trespassado pelos orifícios dos paletós de todos os componentes da primeira fila e as suas extremidades lacradas, depois de enroladas nas últimas cadeiras da segunda fila. Dessa maneira, fica certo que ninguém da assistência poderá mover-se do seu lugar. Apaga-se a luz branca, ficando a sala vagamente iluminada por uma luz vermelha, com luminosidade quase igual à das salas de revelação fotográfica. O director dos trabalhos faz as preces, acompanhadas ou não, pelos demais assistentes. É pedida concentração. O *reporter* acha dificuldade em atender esse pedido, pois está com toda a sua atenção voltada aos acontecimentos. Apaga-se a luz vermelha e a sala fica às escuras.

«Espera. Pensa, com seus botões, que nada poderá acontecer de extraordinário, pois não pode conceber que um espírito surja pela cortina e venha conversar com os que estão na sala. Porém, um ruido de quem dá corda à vitrola, avisa-o de que vai presencear algo de verdadeiramente fora de tudo que possa imaginar. A música vinda da sala onde o médium ficou amarrado e ressonando em transe, eleva-se em surdina. O megafone luminoso, que o *reporter* deixara em cima da mesa, aparece atravessando da cortina e, dirigindo-se aos assistentes, diz:

«— Como vão todos? Boa noite...

«O *reporter* já não se espanta. Aceita, sem pensar, aquele fenómeno. As reflexões ficam para depois. No momento, cumpre observar bem, ver, ouvir e policiar, apesar de todas as precauções já tomadas.

«É a entidade chamada Padre Zabeu que ali está e, depois de conversar com um ou outro assistente, pergunta se desejam vê-lo. A resposta é unânime. O megafone volta para a «cabina mediúnica» e, passados segundos, acende-se novamente a luz vermelha que, embora confusa, deixa ver bem a sala, os assistentes e o espaço onde deverá permanecer o espírito materializado. O *reporter* fica com a alma nos olhos. Não espera muito. Algo de nebuloso, esbranquiçado, aparece na frente da cortina que veda a entrada à «cabineta mediúnica». É padre Zabeu que avança pelo espaço destinado às manifestações. Ele se aproxima e o *reporter* pode vê-lo muito bem. O rosto é idêntico à fotografia que ilustra esta descrição. As vestes, vibrateis, quando apalpadas, em nada diferem do tecido deste mundo. Vê-se um crucifixo, tão real como outro qualquer. A cruz é de madeira preta e o Cristo de prata luzente. O fantasma deslisa. Dá uma volta no local destinado às manifestações e, depois de uns cinco ou seis minutos, volta sempre de frente

para os que ali, maravilhados, presenceiam o desconcertante fenómeno.

«Uma vez dentro da «cabina», a própria entidade apaga a luz vermelha para voltar a comunicar-se por intermédio do megafone luminoso. Revela um espírito agudo e inteligente. Suas palavras são curtas e de conteudo profundo. Responde às perguntas formuladas em pensamento. Diz que já tomou conhecimento do memorial a ela dirigido pelo Instituto de Pesquisas Metapsíquicas e aceita a experiência solicitada, mais ou menos, com as seguintes palavras:

«— Não me esqueci do memorial a mim dirigido. Aceito todas as condições propostas e, espero em Deus, esse trabalho correrá de maneira a não desmerecer o esforço necessário de ambos os lados... deste, onde estou e para onde virão todos, e desse onde estão vocês, meus filhos, e de onde vim... Apenas, peço, não será já. Mas, não se aborreçam... Não será tão tarde, pois, dentro de quinze dias, em outra sessão a que deverão assistir, eu direi a data e a hora para a realização de mais essa prova da imortalidade... E, se tudo isso faço, é porque estou cumprindo uma missão. Eu sofro com estes trabalhos. Porém, espero, eles darão seus frutos...

«Dada a ordem por pancadas batidas, para encerramento da sessão, é feita a prece habitual. A própria entidade acorda o médium, batendo-lhe afectuosamente no rosto. O médium volta a si vagarosamente e todos podem ouvir o Padre Zabeu dizer algumas palavras a ele, palavras que não são entendidas e são ditas ao mesmo tempo que o médium ressona. Feita a luz, com ordem, as mesmas pessoas apontadas como controladoras da sessão, em número de seis, vão examinar os selos, o amarramento do médium e todos os pontos da «cabina mediúnica». Com assombro, o *reporter* verifica que tudo se encontrava como antes da sessão.

«Assinaram a acta da sessão todos os seguintes assistentes — Manuel Soares Barbosa, Marcilio Machado, Cecílio Machado, Irineu Hungari, João Gomes Ribeiro, Paulo Machado Filho, José Sarno, Narciso Ferraz, José Joaquim Filho, tenente coronel Alfredo Moacir Uchôa, médico psiquiatra do Hospital do Juqueri, António Ferreira, Ulpiano Del Picchia, Lucio Cosme, João Lemos, Osvaldo Argonso, José de Sá Ferreira, Rafael Falco e Rafael Falco Filho, António Servilizo e Francisco Moreira.

«Poucos minutos depois o *reporter* conversava com o médium, sr. João Rodrigues Cosme, sabendo que há dois anos se vem dedicando a esses trabalhos, depois de ter sido apontado como médium de qualidades aproveitáveis pelo próprio Padre Zabeu, que já se manifestava da mesma maneira, através das qualidades mediúnicas de Belo, o mesmo que interveio no caso de Pinda. Passou a substitui-lo, justamente quando este teve de mudar sua residência para aquela localidade. Já se submeteu, em casa de diversos médicos, alguns dos quais muito conhecidos em nosso mundo científico, a outras experiências particulares, sempre com os mesmos resultados.

«Assim, conforme o prometido a seus leitores, *A Noite* vai acompanhando de perto, com a máxima meticulosidade, todos os preparativos para a sessão sensacional que será provocada pelo Instituto de Pesquisas Metapsíquicas de S. Paulo, e à qual deverão assistir diversas personalidades do nosso mundo científico e literário. Como afirmou a entidade que dirigirá esses trabalhos, a data dessa sessão será marcada dentro de quinze dias. Continuaremos a colocar o nosso leitor a par de todos os acontecimentos que se relacionem com o assunto, conforme já nos comprometemos a fazer, tratando-se, como se trata, de uma experiência de suprema importância, que implica sòmente a ciência e a verdade».

Se é humorismo o que aí fica, veiculado por um dos maiores e mais conceituados diários brasileiros, então tudo é humorismo, desde a observação dum astro à energia atómica. E os Catões que enchem a boca com a Verdade, cujo exclusivo reivindicam sem pergaminhos para fundamentar semelhante pretensão, têm de escolher entre dois caminhos: ou estudar o assunto, como fizeram centenas de sábios, entre eles Richet, Crookes, Lodge e Bozzano, ou remeter-se ao silêncio, única atitude que pode salvar os ignorantes que de tudo falam e murmuram e tomam a parte pelo todo, quando metem foice em seara alheia!

Congresso Espirita do Rio Grande do Sul

Segundo lemos no *Reformador*, do Rio de Janeiro, o 1.º Congresso Espirita do Rio Grande do Sul, realizado nos dias 3, 4, 5, 6 e 7 de Outubro último, constituiu verdadeiro êxito, não só pela variedade e elevação das teses ali apresentadas, como também pelo apoio dado à Federação Espirita Brasileira pela sua congénere e filiada do Rio Grande do Sul.

Sempre fomos de parecer que os congressos são absolutamente necessários. Reunem-se homens, trocam-se ideias, expendem-se opiniões, auscultam-se inteligências e até se desfazem mal-entendidos, quando os haja. Por isso, é sempre com alegria que damos notícias deste género. Um congresso é parada de forças concorrentes que geram fé no futuro, dão optimismo aos profitentes da Doutrina e concitam a atenção dos indiferentes e até dos próprios adversários, sobretudo se os congressistas se impuserem pela elevação dos estudos e pela correcção das maneiras, como parece ter sucedido.

Houve teses de grande importância doutrinária e filosófica, tais como: «Organização Federativa», do

tenente-coronel Roberto Michelena, Presidente da Federação do Rio Grande do Sul; «Doutrina Espirita», do Dr. Ildefonso da Silva Dias, director de *A Reencarnação*; «Prática do Espiritismo», de João Simões de Matos, Presidente do Centro Espirita Paz e Amor; «Propaganda do Espiritismo», do Professor tenente-coronel Dr. Enapino Brusque Borges de Andrade; «Orientação Educacional», do Dr. Leandro Pierine; «Filosofia Espírita como base da Educação e da Instrução», do Dr. Egídio Hervé; «Contribuição ao Estudo do Problema de Assistência Social», do Dr. João Pompílio de Almeida Filho, director da Hora Espirita Radiofónica de Porto Alegre e Presidente do Instituto Dias da Cruz, agremiação à qual temos feito justas referências.

Além destas, outras foram apresentadas com utilíssimas sugestões, o que demonstra espírito fraternal e dedicação à Causa Espirita.

Folgamos, pois, em dar alguns tópicos deste belo congresso, saudando os que nele tomaram parte e fazendo votos de paz e harmonia para todos os sinceros trabalhadores da Grande Seara. Só com boa vontade e união poderemos vencer os obstáculos. Só com tenacidade e espírito de sacrifício chegaremos à meta colimada.

Manuscrito de Schumann descoberto pelos espíritos

Referimo-nos há pouco a problemas científicos resolvidos pelos Espíritos, a propósito dos satélites do planeta Urano. Hoje vamos referir-nos a informações dadas por um diplomata cubano acerca do último concerto do famoso violinista Schumann, descoberto em circunstâncias especiais.

O caso foi narrado pela revista *Psiquis*, de Habana, e transcrito por *Consuelo*, de Santurce, Porto Rico, donde o trasladamos para estas colunas.

«Há pouco, os periodistas encarregados das actividades da nossa Chancelaria — diz a *Psiquis* — falaram numa informação do representante cubano em Londres e que, pelo inusitado do assunto, foi glosado por toda a imprensa. Refere-se a um caso de investigação no Além para determinar o paradeiro dum valioso manuscrito. A metapsíquica objectiva e, portanto, os investigadores desta ciência, têm ao seu alcance um novo dado de rigorosa identificação, cujos antecedentes constam oficialmente no Ministério de Estado de Cuba, dada a personalidade do informador.

«O Encarregado de Negócios A. I. de Cuba, na Grã-Bretanha, Doutor Gabriel Suárez Solar, informou a Secretaria de Estado de que a imprensa e a rádio londrina teceram diversos comentários em torno do achado do último «concerto» para violino composto por Schumann, o qual será executado em primeira audição no *Queen's Hall*.

«A explicação deste fenómeno encontra-se num livro que acaba de ser publicado sob o título de «Horizontes da Imortalidade», da autoria do Barão Erik Palmerstierna, Ministro da Suécia em Londres.

«Este diplomata tem relações de estreita amizade com a famosa violinista Jelley d'Arany e com a sua irmã, a sr.ª Adila Fachiri.

«No livro citado, o Ministro declara que ele e os seus amigos (nenhum dos quais tem crenças espiritas, nem jamais assistiram a qualquer sessão) tentaram um dia certa experiência com o auxílio da prancheta de cristal sobre um alfabeto de forma circular e ficaram surpreendidos com o significado da tradução da «mensagem» que receberam. Nessa altura, a sr.ª Fachiri descobriu em si faculdades telepáticas em plena vigília — nunca em transe — que lhe permitiam transmitir estas comunicações por meio do cristal indicador.

«As mensagens começaram a ser recebidas em Março de 1933 e quem as enviava disse chamar-se Robert Schumann, declarando que desejava que Miss Jelly d'Arany encontrasse e tocasse um seu trabalho póstumo para violino.

«Fez-se uma busca minuciosa com auxílio doutras mensagens que continuaram a ser obtidas, uma delas referindo-se ao professor Donald Tovey, que lembrou o facto de num livro de Moser, intitulado «Vida de Joachim», se aludir à obra póstuma de Schumann. Miss d'Arany e suas irmãs são sobrinhas de Joachim e não estavam inteiradas da referência feita naquele livro. Então o «comunicante» disse que procurassem no Museu de Berlim.

«O Barão Palmerstierna visitou Berlim e encontrou na Biblioteca Nacional da Prússia um «Concerto» para violino de Schumann — que até hoje se desconhecia —, o qual tinha a seguinte inscrição: *inacabado*.

«A pesar de tudo, o «comunicante» insistia em que o «concerto» estava concluido; e depois de muitas dificuldades, investigações e novas mensagens do Além, encontraram-se naquela Biblioteca quatro manuscritos do referido «concerto», um dos quais estava acabado pela própria mão de Schumann. Foi encontrado em Fevereiro de 1937.

«Não obstante as condições impostas pelos herdeiros de Joachim ao depositarem os manuscritos no dito Museu, de que não fossem publicados ou executados, a não ser cinco anos após a morte do grande compositor, conseguiu-se licença especial para tocar o «concerto». Schumann deixou de existir em 1856.»

Vai sem comentários. Qualquer palavra que juntássemos a este relato de nada serviria, tão claro e expressivo êle é na sua linguagem despretenciosa.

Notas & Comentários

A graça das «Novidades»...

De vez em quando, as seráficas *Novidades* lembram-se de *Estudos Psíquicos* e fazem-lhe publicidade gratuita, através da água-benta que escorre de suas colunas. *Foram à serra* com a estância inédita dos «Lusíadas», transmitida do Além pelo espírito do Dr. Jaime Diniz, médico portuense que desencarnou em 1918 por ocasião da *pneumónica*. Registou-a o coronel Barros Fournier na «Cabana de Lisis», de Novo Horizonte, e está publicada na «Psicologia dos Lusíadas», da autoria do mesmo Espírito e dada à estampa em 1935.

É sobremaneira interessante o dualismo das *Novidades:* há três anos, pouco mais ou menos, quando, em nome da sua caridade e do seu amor, desembestaram conosco, chamando-nos mações e comunistas, lamentavam-se como carpideiras, só porque a Lei dos homens os obrigou a inserir a nossa veemente colaboração. Mas foram dizendo «que não havia direito» (o direito de defesa) e quase increpavam a Censura de permitir a livre circulação da nossa «Desafronta». Agora, defendem a Censura do Santo Ofício aos «Lusíadas», metendo no caso o pobre Frei Bartolomeu Ferreira e suando as estopinhas para fingir que têm graça e sabem lutar... *pro domo sua* e não pela Verdade.

Leiam os interessados as estâncias XXVII, XXVIII e XXIX do Canto IX do «Lusíadas» e admirar-se-ão do poeta criticar os nobres e hipócritas que «vendem adulação», os megalómanos que «amam mandos e riqueza» e a desmoralização sem par da época em que viveu, e nem uma referência fazer à influência clerical nos negócios da república, sabendo-se, aliás, que foi perseguido pelo clero, em virtude de suas ideias liberais, tendo encontrado os maiores obstáculos na publicação do seu poema.

Aquela estância sonegada é bem a sequência da actual estância XXVIII, em sentido e em forma. Só as *Novidades* o não compreendem, porque lhes não convém. Queiram ou não queiram, a «importância literária» daqueles versos é tão grande como o seu «conteudo ideológico».

Senão, vejamos. Quem tiver olhos de ver e cérebro de pensar, matará logo a... charada:

Estância XXVII

E vê do mundo todo os principais.
Que nenhum no bem público imagina;
Vê neles, que não têm amor a mais,
Que a si sòmente e a quem Filáucia ensina;
Vê que esses, que frequentam os reais
Paços, por verdadeira e sã doutrina
Vendem adulação, que mal consente
Mondar-se o novo trigo florescente;

Estância XXVIII

Vê que aqueles, que devem à pobreza
Amor divino e ao povo caridade,
Amam sòmente mandos e riqueza,
Simulando justiça e integridade;
Da feia tirania e de aspereza
Fazem direito e vã severidade:
Leis em favor do Rei se estabelecem,
As em favor do povo só perecem;

Estância sonegada

Vê que os próprios ministros consagrados
A Deus, fazem da crença profissão
E ocultam, nas vilezas degradados,
Com o agir impiamente, o coração.
Vê que são os princípios olvidados
Daquele que ensinou resignação
E que o povo, afinal, se desvirtua
Na descrença fatal que se acentua;

Estância XXIX

Vê enfim, que ninguém ama o que deve,
Senão o que sòmente mal deseja;
Não quer que tanto tempo se releve
O castigo, que duro e justo seja.
Seus ministros ajunta, porque leve
Exércitos conformes à peleja,
Que espera ter co'a mal regida gente,
Que lhe não for agora obediente.

Qualquer pessoa de senso dirá que, agora, o quadro está completo. Meditem na forma e no conteudo e digam se as *Novidades* perderam ou não bela ocasião de estar caladas. De resto, o Santo Ofício pertence à História. Não vale a pena bater num morto para defender coisa tão simples e tão lógica.

Quanto à imitação burlesca do famoso soneto do épico, com que o articulista termina a graçola, só diremos que os tolos encontram sempre maiores tolos que os acalentam...

O esgare da «Nação»

Com as últimas chuvadas, apareceram os cogumelos, uns venenosos, outros comestíveis, embora indigestos, adequados a estômagos de avestruz. Um dos primeiros viu a luz no terceiro número do sema-

nário *A Nação*, cuja estreia apreciámos pelo desempoeirado do seu programa. Na verdade, eram afirmações inabituais que deixavam antever coisa diferente do que para aí há em matéria de jornalismo. Exultámos até, na esperança de que exemplo novo emanasse de suas colunas e modificasse em parte a falta de educação de certas camadas sociais que tomam relevo no panorama geral da grei e se habituaram há muito ao cinismo das palavras. Afinal, três semanas lhe bastaram para dar alento a cogumelos venenosos. É mau sintoma... Lá se apagou a nossa esperança em *A Nação*, à qual, apesar de tudo, desejamos saúde e progresso espiritual.

As arlequinadas do sr. de Gulfeiras — ainda se não extinguiram inteiramente os ecos do Entrudo — deram a conhecer a revista *Estudos Psíquicos* ao seu público especial.

A apresentação foi truanesca, como não podia deixar de ser. E se cada um dá o que tem, o sr. de Gulfeiras deve ter esgotado as reservas mentais e rabiscado o epitáfio da sua obra futura.

Tratou-nos por «revista humorística», a propósito da estância inédita dos «Lusíadas», que já dera no goto às *Novidades*. *Arcades ambo*... E tais dislates escrevinhou, taïs casquinadas expeliu, como *clown* que pretende provocar o riso, que o remédio é encolher os ombros. Que se há-de fazer com novatos desta força?...

Para amostra de «jornal moderno» que «surgiu na hora própria ao serviço da verdade», não há melhor do que a prosa do sr. de Gulfeiras. Dir-se-ia que a *hora própria* é de insulto aos mais crescidos, que desempenham suas tarefas sem prejuizo de ninguém, que desejam luz e sol para todos os homens da terra.

Andará o escriba no rasto untuoso do órgão do patriarcado e sentirá cócegas ao bulirmos no Santo Ofício, de ominosa memória? Não andaremos longe da verdade — a tal verdade que *A Nação* «defende» e apregoa. O pior foi a maneira como o assalariado defendeu *sua dama:* Arreganhou os dentes, opilou as belfas, baixou as mãos até à crosta do planeta e inverteu o uso dos pés, dando com as solas na atmosfera. Como princípio de vida, não é mau para a gazeta...

Outro ofício, sr. de Gulfeiras! Assim não se governa, graças a Deus!

Chamou-nos humoristas e ainda bem que assim é. Antes humoristas, que hilariantes. Ter **humor** é difícil, sobretudo quando a revolta dos cueiros põe em risco a vida das... calças, quando a vaidade oblitera virtudes e estimula defeitos.

Sorrir é próprio de pessoas sensatas. A gargalhada pícara soa a guisos de histrião de feira e é sinónimo de estultícia. E outra coisa não demonstra o pobre malabarista, na sua mal amanhada prosa.

Quer um conselho, sr. de Gulfeiras? Cresça e apareça!

Noticiário

Jornais e Revistas

Recebemos e agradecemos a visita das seguintes publicações:

De Portugal — *O Mensageiro Espírita, Luz e Caridade, Além, Natura, Vida Mundial, Região de Leiria, Jornal de Albergaria* e *Comércio de Leixões.*

Do Brasil — *Reformador, Mundo Espírita, O Nosso Guia, O Mensageiro do Orfão, Revista Espírita do Brasil, Amor à Verdade, A Nova Era, Boletim do Centro Espírita «Verdade», Revista Internacional do Espiritismo, A Centelha, Aurora, A Verdade.*

Da Argentina — *Constancia, La Idea, Cristianismo, Claridad del Alma* e *Revelación.*

Da Inglaterra — *Psychic News.*

Da América do Norte — *Current List of Medical Literature.*

Porto Rico — *Consuelo.*

Transcrições

Vários jornais e revistas têm feito transcrições da nossa revista, num requinte de solidariedade e gentileza que muito agradecemos. Assim, *A Alvorada*, de S. Paulo, transcreveu o artigo «Jack-o-Estripador»; a *Revista Internacional do Espiritismo*, de Matão, transcreveu o mesmo artigo; bem como «Vitor Hugo Espírita», «Alexis Carrel e o Controlo da Morte», «O Regresso de John Barrimore» e «As Energias Psíquicas», este último da autoria de Ramos Pereira. *A Verdade*, de Pernambuco, transcreveu «A Vida no Além — O Espiritismo na Grã-Bretanha, «O Dr. Grimal» e «A Matéria e a Energia».

O Nosso Guia, que apareceu transformado em luxuosa e interessante revista, transcreveu «Nova Operação de Apendicite Realizada por um Espírito» e uma «Crónica Estrangeira» completa. O *Psychic News*, de Londres, também nos deu a honra duma transcrição, bem como o *Reformador*, orgão da Federação Espírita Brasileira.

Programa dos trabalhos do Centro no Mês de Abril de 1946

Dia 7 de Abril, às 16 horas — Sessão experimental com a médium D. Maria de Jesus Mendes de Figueiredo.

Dia 14 de Abril, às 16 horas — Conferência por Ramos Pereira, intitulada «Os Guias».

Dia 18 de Abril — Quinta-feira, às 21.30 — Sessão solene, a fim de comemorar o 89.º aniversário de «O Livro dos Espíritos», em que falarão vários oradores.

Dia 21, às 16 horas — Sessão experimental com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 28, às 16 horas — Conferência pelo Coronel Faure da Rosa, intitulada «O Fenómeno Espírita na Bíblia».

OBRAS DE CIÊNCIAS PSÍQUICAS E FILOSOFIA NEO-ESPIRITUALISTA

(Continuação da 2.ª pág. da capa)

	br.	enc.
cações do *Espirito de Julieta do Céu*	3$00	
Do Calvário ao Infinito, romance mediúnico ditado pelo *Espirito de Vitor Hugo*	20$00	27$00
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	7$00	
Doutrina Inglória (O problema da natalidade segundo o Espiritismo), por *Leopoldo Machado*	12$00	
Ensinos Espiritualistas (Descrições do além), por *W. S. Moses*	14$00	21$00
Entre dois mundos, (romance), por *Antoinette Bourdin*	12$00	19$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	20$00	27$00
Espiritismo (O) Contemporâneo, pelo *Dr. Martins Velho*	12$00	
Fenómenos de Materialização, por *M. Quintão*	10$00	17$00
Física Transcendental, por *J. Zoellner*	10$00	
Fundamentos Científicos do Espitismo, pelo *Dr. Azevedo e Silva*	10$00	
Funerais da Santa Sé (Poesias ditadas pelo *Espírito de Guerra Junqueiro*)	14$00	21$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espirito do Conde Rochester*	18$00	25$00
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	17$00	24$00
Livre-arbítrio e Determinismo, por *Louis Gastin*	3$00	
Marieta (páginas de duas existências) romance mediúnico, recebido por *Daniel Artazú*	18$00	25$00
Memórias do Padre Germano, recebidas por *Amália Domingo Soler*	18$00	25$00
Memórias duma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	14$00	21$00
Na Sombra e na Luz, romance mediúnico ditado pelo Espírito de *Vitor Hugo*	18$00	25$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	15$00	22$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho, por *João Evangelista*	12$00	
Padre (O), a Mulher e o Confessionário, pelo *ex-padre Chiniquy*	12$00	19$00
Poder Mental, pelo *Dr. A. Lôbo Vilela*	10$00	
Problema (O) da Sobrevivência, pelo *Dr. A. Lôbo Vilela*	10$00	
Protestantismo (O) e o Espiritismo, por *Benedito A. da Fonseca*	12$00	19$00
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espirito de Vitor Hugo*	18$00	25$00
Reis, Príncipes e Imperadores, por *Almerindo Martins de Castro*	14$00	21$00
Religiões, Mitos e Crendices, por *Ester Calderon*	28$00	
Revelações de Além-Túmulo, pelo *Dr. Antão de Vasconcelos*	15$00	22$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	16$00	23$00
Salvação pela fé ou pelas obras?, pelo *Dr. Romeu Camargo*		14$00
Sementeira Cristã (colecção ilustrada composta do 1.º, 2.º e 3.º livro de leitura para as escolas espiritas), única no género, por *Clóvis Tavares.*		
1.º livro		10$00
2.º »		11$00
3.º »		12$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	14$00	21$00
Sombra (Na) e na Luz, romance mediúnico ditado pelo *Espirito de Vitor Hugo*	18$00	25$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	10$00	17$00
Teatro Espiritualista (1.ª série) monólogos, dramatizações, comédias leves, sainetes e poesias dramáticas, por *Leopoldo Machado*	10$00	
Teatro Espiritualista (2.ª série) por *Leopoldo Machado*		15$00
Vidas (As) sucessivas, por *Adauto Serra*	5$00	
Vingança (A) do Judeu, romance mediúnico ditado pelo *Espirito do Conde Rochester*	20$00	27$00
Vozes do além pelo telefone, por *Óscar d'Argonnel*	5$00	

Nêstes preços não está incluído o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente, Ilhas Adjacentes e Colónias. (Moçambique).

RESUMO DA DOUTRINA ESPIRITA

pelo Dr. Gustave Geley

Resumo verdadeiramente original das obras basilares da doutrina espirita do ponto de vista filosófico, moral e científico, à luz do evolucionismo, impõe-se a crentes e profanos e até aos próprios materialistas.

Uma obra única no seu género! Dezenas de livros num só livro!

1.ª PARTE

A Doutrina Espirita: Inteligência e matéria — Evolução progressiva da alma — Encarnações e desencarnações — Pluralidade das existências — O corpo psíquico — O papel das emoções, das sensações e do livre-arbítrio — As encarnações nos diversos mundos — O corpo — O perispírito — A alma — Consciência e subconsciência — O esquecimento aparente — Estudo das fases da desencarnação — A desencarnação é um *processus* de análise — A encarnação é um processo de síntese.

Os Factos — Os sábios que têm estudado os factos — Os médiuns e o seu papel — Explicação dos factos pela doutrina espirita — A teoria anímica — Seu perfeito acôrdo com o Espiritismo — Os fenómenos mediúnicos em oposição ao mecanicismo e ao materialismo niïlista — Ocultismo e teosofia.

Provas Indirectas — Acôrdo desta doutrina com tôdas as ciências — Acôrdo com as ciências naturais — O transformismo — Acôrdo com a astronomia, a física e a química — Acôrdo com a fisiologia — Uma página de Claude Bernard — Os desdobramentos da personalidade — O sonambulismo — A clarividência — A telepatia — Acôrdo com a patologia — Acôrdo com a filosofia — Espírito, fôrça e matéria, são fases da unidade criadora — Involução e evolução — Os sistemas filosóficos que mais se aproximam do Espiritismo — O monismo.

Conseqüências da Doutrina — Transformação das idéias religiosas, filosóficas, morais, sociais e individuais — Compreensão perfeita do mal e das desigualdades humanas — As recompensas e os castigos são conseqüências das nossas acções e consistem no estacionamento do sêr em encarnações dolorosas ou na sua passagem para estados superiores — A felicidade, resultado natural do progresso evolutivo — A moral nova: trabalho, amor, solidariedade — Liberdadade moral proporcional à evolução do indivíduo — Injustiça dos juízos humanos — Influência do evolucionismo na vida social — Extinção das divisões fictícias da humanidade — Socialismo e anarquia — A sociedade futura deverá reduzir ao mínimo as restrições e as imposições — Anarquia relativa — Deveres para com os animais.

2.ª PARTE

Introdução ao Estudo Prático da Mediünidade — I. Carácter geral das experiências — II. O Médium — III. ¿Quais são as condições de bom rendimento do médium? — IV. Os experimentadores — V. O contrôlo — VI. As medidas de contrôlo — VII. As fraudes.

3.ª PARTE

A Reencarnação em todos os seus aspectos: filosófico, moral e científico.

4.ª PARTE

Vocabulário Metapsíquico, da autoria do Dr. António Lôbo Vilela, contendo os termos mais usados em Espiritismo e Metapsíquica.

À venda nas boas livrarias e na redacção de ESTUDOS PSÍQUICOS
Rua do Salitre, 149, 1.º — LISBOA

Preço — 18$00. Para sócios do Centro E. Luz e Amor e assinantes desta revista — 16$00. A' cobrança — mais 1$60 por volume.

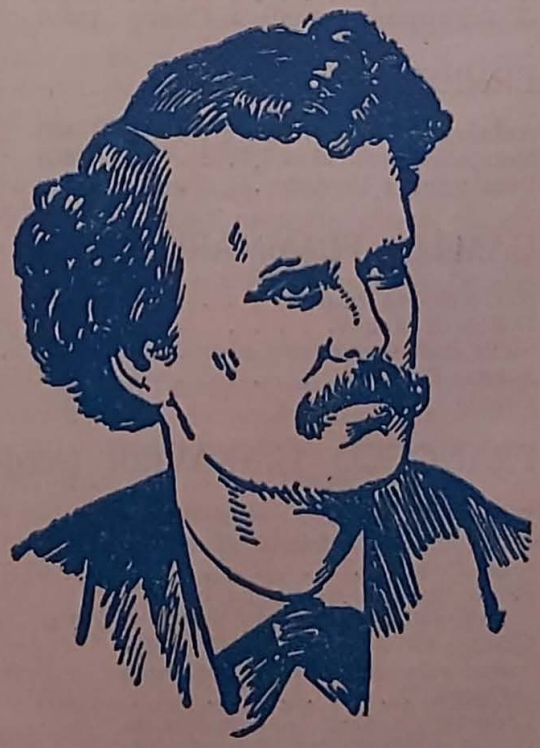
É A PRIMEIRA OBRA DE ESTUDOS PSÍQUICOS EDITORA

ANO VII MAIO DE 1946 N.º 5

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

CONTÉM: «O Livro dos Espíritos»; Filosofia da Natureza — Patologia e Higiene da Alma — IV — pelo prof. Dr. **Baptista Ramires**; Cânticos, por **Ramos Pereira**; Cigarras e Formigas — III —, pelo coronel **Faure da Rosa**; Ismos Científicos, por **Leopoldo Machado**; Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos; A Missão de Jesus, — VII — por **Fernando da Cruz Ferreira**; Meditações de Maio; A Vida do Médium Daniel Dunglas Home; «Resumo da Doutrina Espírita»; Meditações — Génese e Movimento, por **Ramos Pereira**; Filosofia Neo-Espiritualista, por **Ramos Pereira**; Como eu penso, pelo **Dr. S. Ramos Cruz**; Notas & Comentários; Crónica Estrangeira, por **Isidoro Duarte Santos**; Noticiário.



O Médium Daniel Dunglas Home

(Ver notícia na pág. 146)

ESTUDOS PSÍQUICOS

ASSINATURAS { Continente — cada série de 6 n.os, não incluíndo despesas de cobrança . . . . . 20$00
Brasil . . . . . (12 n.os — 36 cruzeiros)
Colónias . . . . . (12 n.os — 50$00)
Número avulso . . . . . 3$50

Propriedade de ISIDORO DUARTE SANTOS, a quem deve ser dirigida toda a correspondência

OBRAS DE CIÊNCIAS PSÍQUICAS E FILOSOFIA NEO-ESPIRITUALISTA

(em depósito nesta redacção)

ALLAN KARDEC

	br.	enc.
O Principiante Espirita	7$00	
O que é o Espiritismo	8$00	
O Livro dos Espiritos	18$00	25$00
O Livro dos Médiuns.	18$00	25$00
O Evangelho segundo o Espiritismo	18$00	25$00
Obras Póstumas	18$00	

LÉON DENIS

Catecismo Espirita	5$00	
O Grande Enigma	12$00	20$00
O Problema do Sêr e do Destino	18$00	25$00
Cristianismo e Espiritismo	18$00	25$00
Joana d'Arc Médium	18$00	25$00

GABRIEL DELANNE

A Evolução Anímica	18$00	25$00
A Alma é Imortal	18$00	25$00
A Reencarnação	18$00	25$00
O Espiritismo Perante a Ciência	18$00	25$00

ERNESTO BOZZANO

Animismo ou Espiritismo?	18$00	25$00
Metapsíquica Humana	12$00	
Pensamento e Vontade	10$00	

CAMILLE FLAMMARION

Narrações do Infinito	10$00	
O Fim do Mundo.	15$00	22$00
Stella (romance astronómico) . . .	18$00	25$00
Sonhos Estelares	14$00	21$00
Urânia » »	12$00	19$00

FRANCISCO C. XAVIER (Médium)

Boa Nova (quadros evangélicos), ditado pelo *Espírito de Humberto de Campos*	12$00	19$00
Brasil, Pátria do Evangelho, história do Brasil, pelo *mesmo Espírito*	12$00	19$00
Cartilha da Natureza, poesias ditadas pelo *Espírito de Casimiro Cunha*.	10$00	17$00
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	11$00	18$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*.		12$00
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel*	18$00	25$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	18$00	25$00
Lira Imortal, comunicações em verso	8$00	
Mensageiros (Os) ditado pelo *Espírito de André Luís*	18$00	25$00
Nosso (O) Lar, ditado pelo *mesmo Espírito*	18$00	25$00
Novas Mensagens de Humberto de Campos	10$00	17$00
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por poetas luso-brasileiros)	30$00	37$00
Paulo e Estêvão (livro famoso considerado pelos eruditos como a mais completa biografia de S. Paulo)	28$00	35$00
Renúncia, romance destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*.	23$00	30$00
Reportagens de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	12$00	19$00

OBRAS DIVERSAS

Amor Imortal, romance espirita, pelo *Dr. J. A. Nogueira*	16$00	24$00
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo Gibier*.	12$00	19$00
Arcanos da Natureza, por *Alexandre Dias*.		8$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*.	13$00	20$00
Caso (O) Humberto de Campos . . .	28$00	35$00
Chanceler (O) de Ferro, romance mediúnico ditado pelo Espírito do *Conde Rochester*	18$00	25$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*.	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta*. .	18$00	25$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista, (três romances num só), por *António Lima*	30$00	37$00
De Jesus para as crianças, comuni-		

(Continua na

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

7.º ANO — LISBOA, MAIO DE 1946 — N.º 5

Director e Editor: Isidoro Duarte Santos | Redacção e Administração: Rua do Salitre, 149, 1.º | Administrador: Maria G. Duarte Santos

Composto e impresso na Tipografia SILVAS, Lda. — Rua de D. Pedro V, 120 — LISBOA

«O LIVRO DOS ESPÍRITOS»

Em 18 de Abril passado comemorámos o 89.º aniversário do «Livro dos Espíritos», conforme noutro lugar desta revista se relata. Quisemos assim associar-nos ao esforço que a Liga Espirita do Brasil acaba de realizar, marcando nova efeméride no calendário do Espiritismo. Foi em 18 de Abril de 1857 que surgiu uma nova filosofia diferente de todas as outras, na origem e no objectivo. Seus autores não eram da terra: já tinham passado o Rubicão da morte e entrado em mundo novo. E por isso nos disseram coisas inéditas, que pareciam espantosas, se não fossem escudadas em factos incontroversos; e por isso nos descerraram grandiosos horizontes e nos deram a chave de muitos enigmas vivos para os quais não havia solução possível.

A primeira edição deste livro constituiu grande acontecimento em França e nos países onde foi traduzido, não só pelo que revelava, como pela luz poderosa que lançava sobre as leis morais. Era a base duma doutrina original, que levava o homem a amar a vida, sem ser escravo da vida, isto é, impelia-o a tirar da vida planetária o que nela existe de real e duradoiro, sem que tivesse de subordinar-se a imperativos dominantes que põem à prova as volições do espírito.

Antes daquela data já as comunicações com o mundo espiritual tinham sido objecto de experiências. Pode dizer-se que houve sempre intercâmbio entre os dois mundos. Desde a pre-história, que a ideia de sobrevivência abroquela a humanidade. É que existe em nós qualquer coisa indefinível e exteriorizável que nos convence de verdades palpitantes que se afirmam para além da vida material e que a própria intuição entrevê, quando sujeita a desdobramentos.

Nesse sentido se dirigiram as observações dos filósofos e experimentadores, entre os quais Allan Kardec, homem inteligentíssimo e possuidor de vasta cultura. Viu, analisou e estudou, aproveitando os métodos que usara em suas obras didáticas, e deu-nos um monumento de extraordinária grandeza, consubstanciado no «Livro dos Espíritos», obra maravilhosa a que alguém chamou — e com razão — o Evangelho do Espírito Humano.

Hoje, esse livro responde por si mesmo, em toda a parte. É conhecido em dezenas e dezenas de línguas e dialectos. Até os cegos lhe podem extrair a essência vitalizante, graças ao método de Braille, que o adaptou em português para os irmãos desprovidos do primeiro sentido e que ali encontrarão problemas que lhes dizem respeito, além de verdadeiros tónicos espirituais.

Passaram oitenta e nove anos sobre o dia em que o seu primeiro exemplar foi lançado à publicidade; e devemos dizer que o conteudo da obra ainda não foi derrogado pela ciência, nem por outra filosofia.

Há talvez hipóteses ou teorias que sofreram acção evolutiva, devido a novos conhecimentos trazidos pelo progresso universal. Mas tal fenómeno, em vez de prejudicar, beneficiou o livro, porque lhe aclarou alguns postulados, reforçando-lhes a força probatória e apetrechando-os para novo ciclo de triunfos. Por este motivo é nosso dever exaltar a obra, honrando e preiteando o Mestre.

Filosofia da Natureza. — Patologia e Higiene da Alma

IV — A união na humanidade, segundo as leis da criação

pelo Prof. Dr. Baptista Ramires

VÊ-SE por vezes que o autor da uma obra a consagra a alguém, assim lhe testemunhando seu apreço. Não é isso frequente, e menos frequente, raro até, que tal se faça em artigos de revista; eu só uma vez dedicatórias dessas vi em artigo estrangeiro. No entanto, certa consagração faço hoje aqui, — isso me ocorrendo, não no intuito desse género de manifestações, mas tão sómente — dado o sentido humano do assunto que vou tratar — como exemplo a seguir na maneira como o homem de espírito elevado deve proceder com aqueles que o servem.

Assim, este artigo abro, consagrando-o ao Ex.^{mo} Sr. José Carvalho da Fonseca, porque — se apreço merece o seu lúcido espírito — maior apreço deve merecer quem, como ele procede com o seu numeroso pessoal de serviço, sempre generosa benevolência com os mais humildes, em todos conquistando elevado respeito, gratidão e estima, — o que eu, de há anos conhecendo aquele meio, tenho sempre visto. Nesta hora de maior desunião, em que depois da guerra ficou o mundo, é um nobre exemplo a seguir, e por isso o aponto aqui.

Longe está o dia em que sólido espiritualismo corrija o que há de desigual entre aqueles que mandam e aqueles que em duro trabalho servem, estabelecendo-se o necessário conforto para todos, dentro da moral cristã.

Enquanto esse dia não chegar, para evitar maiores males — esse perigo que se vê ao longe, conveniente seria que ao capitalismo activo, o da grande indústria,— o outro passivamente se mantém do rendimento que dele vem — se aplicassem sanções que restrinjam, ao que é justo, exagerados lucros. Parece que o notável construtor americano Ford via claro nisto, nada porém podendo fazer mais que salvaguardar o futuro de seu pessoal de trabalho, dos que são seus cooperadores.

De longe vem consagrar-se o espírito às transformações da matéria, de certo lado com proveito real, mas no que poderia vir de útil para a vida dos seres bem pouco neste século se tem avançado.

Ciência e mais ciência sem que dela tenha vindo mais felicidade, — antes, bem ao contrário, tem ela concorrido para evitar a paz no mundo.

Na avidez de novos conhecimentos, o homem tem sempre procurado desvendar todos os segredos da Natureza, deles procurando tirar tudo que possa ser-lhe útil, — útil ao corpo, bem menos pensando no que mais conviria ao espírito. Não o satisfazendo o proveito que tirou do conhecimento e aplicação dessa energia fundamental em todos os fenómenos dominantes, como hoje se sabe da electricidade, mais longe quis ir, depois que Gustavo Le Bon teve a intuição da constituição do átomo, pois foi ele — anda o nome desse homem de génio esquecido, como esquecido anda o de Branly, a quem verdadeiramente se deve a T. S. F., que Marconi veio depois — quem isso nos revelou, pondo a descoberto a formidável energia que ele contém.

*
* *

Hoje se sabe que no átomo está a fundamental centelha da vida, dela vindo a formação da molécula na matéria bruta, no mineral, depois a vida na planta, depois nos outros seres, — a vida no Universo. Sabendo

um dia isso, ainda mais longe quis o homem ir.

Procurando elevar-se até ao segredo atómico — como se quisesse penetrar no mistério da criação — rasgando o véu desse segredo da natureza, em vez de se elevar, o homem desceu, parece que guiado por um génio de destruição.

*
* *

Nessa «bomba atómica» que se conceber está poderosa fonte de energia; mas, se por um lado pode ela ser útil, a apressar o trabalho na grande indústria, certo é que ela ai dispensa, como natural consequência, multidão de braços que sem trabalho ficam. Já esse mal merece atenção, pois o mal provém do seu emprego na sanguinária luta em que a humanidade tem andado, — esse pensamento só tristeza me deu, quando tive conhecimento de tal descoberta.

Sim, que na ciência não há segredos que não se divulguem mais tarde, e aquilo que para a destruição hoje é secreto, conhecido será amanhã,—e se a ambição um dia nova guerra desencadear — em extensão à última semelhante — dela poderá vir a destruição do mundo.

Eis onde chegou uma civilização, que por fanático materialismo estragámos, — tendo ela nascido tão bela, à luz radiosa que, para iluminar nossa alma, o Cristo nos deixou. Mas, a luz lá está em cima e nós não temos mais que, em nosso firme espiritualismo, a ela nos elevarmos, por ela regulando nossos pensamentos e acções, — luz que só não vêem aqueles que em baixa cegueira andam, — como ainda há pouco bem sàbiamente mostrou o nosso confrade Faure da Rosa, na sólida lição que a um desses cegos deu.

Expulsemos da alma sentimentos baixos, a começar por essa vulgar desconfiança, que dos outros nos afasta, como sentinela posta à porta da alma baixa e inteligência quase sempre curta, — ela e esse orgulho desmedido, até naqueles que fiéis cristãos se julgam só por comprirem práticas habituais da Igreja, esquecendo que ela, essa sábia doutrina, proclama a soberba como o primeiro dos seus «sete pecados mortais».

Expulsemos de nós tudo que possa afastar-nos de nossos irmãos, — e como este preceito merece atenção, eu me permito alargar-me aqui, procurando mostrar que, na formação deste mundo, marcada ficou a união de todos os seres que estejam ligados por laços de família, ou por atracção útil à sua vida, segundo leis da Natureza.

Essa união bem observada foi por sábios naturalistas, entre eles se destacando Fabre, Heckel e Maeterlinck, no seu estudo da vida dos insectos, — toda a gente hoje sabe isso, mas o que é menos sabido, sendo assás interessante — o que me leva a repetir aqui aquilo que em tempos noutra publicação mostrei — é a união observada entre espécies microbianas, nesse estados chamados de «metabiose» e de «simbiose», — o último sobretudo notável, porque os seres de dada espécie, em sua actividade a outras se ligam, em união de verdadeiro mutualismo, como há anos De Rossi isso classificou.

Nesses seres microbianos, a ligação mais digna de nota é a que está bem observada entre a actividade de algumas espécies, que existem no seio da Terra, e a vida de outros seres que à superfície vivem. Aqueles se nutrem da matéria orgânica por estes abandonada — isso a que se chama *estrume* — vivendo todos os outros seres, a começar pelos vegetais, dessa matéria orgânica por aqueles micróbios transformada, — transformação indispensável à absorção radicular vegetal — notável estudo este, de Winogradsky e Olmiansky, daquilo em que fundamentalmente se baseia a cultura da terra, e dela toda a vida animal — assim se vendo a ligação estreita em que o homem, o ser mais perfeito da criação, ficou com os mais imperfeitos, os de mais rudimentar constituição.

Àparte a poderosa acção desses seres, sem a qual à superfície da terra a vida era impossível, outros há, também microbianos, que em proveito do homem a Natureza lhes deu, porque se alguns são funestos — felizmente em muito limitado número — outros há que são verdadeiramente úteis, concorrendo muitos para tratamento de males do corpo, o que ninguém ignora, e também úteis outros em certos ramos de indústria, onde a sua actividade é indispensável, convindo saber orientá-la, — para o que, por natural intento de quem ama o trabalho, procurei há anos concorrer (1).

Dessa ligação estreita e que muito resumidamente apontei — sobre isso largos conhecimentos há hoje — entre o que é visível e grande e esses seres unicelulares que à vista desarmada escapam, tudo subordinado ficou às leis da Natureza, na obra universal da

(1) *Contribuição para o estudo dos «fermentos lácticos»*, Lisboa, 1930.
Bymogénèse microbienne. Emploi d'un de ses agents en Bacteriothérapie, — Lisboa, 1936.

Criação, — aquela que a escola espiritualista, acima de todas reconhece.

Eu sei que aqueles que outra escola seguem, a de Augusto Comte, a tudo aplicando a sua filosofia positiva, verão naquela apenas imaginação; mas, então eles que expliquem satisfatòriamente, na sua selecção natural, no materialismo a tudo aplicado, essa ligação estreita em que vive o homem e aqueles seres rudimentares que têm existência na terra arável. Na escola que se diz naturalista — bem pouco naturalista ela nos parece hoje — só até certo plano, uma explicação achou, concebendo como na Terra apareceu o homem, como se fez a sua evolução. Estará isso bem, mas como apareceu nele o espírito?

Se assim fosse, parvos ou loucos seriam esses sábios notáveis, que acima disso mais alguma coisa viram — Wiliam Crookes, Wallace, Herlitzky, os professores Charles Richet, Morselli, Lombroso, etc., etc., que tantos são que já se contam por muitas dezenas, — alguns deixando, por seus estudos e descobertas, bem consagrado nome na história da ciência. Isso, de desarranjo cerebral, se chegou a dizer de Charles Richet, depois do que, sobre fenómenos metapsíquicos ele observou e publicou, — espantados ficando, porém, aqueles que nova descoberta do grande sábio, em fisiologia humana, viram mais tarde.

A dúvida, ainda em muitos, vem da cegueira para o que está fora da ciencia materialista, acima da qual firmes conhecimentos hoje há, sobre os quais o mesmo professor Richet disse estarmos à beira de «uma ciencia nova, ao pé da qual a ciencia actual, a começar pela minha, vale zero», — assim disse ele.

Já uma vez, em outra publicação, a isso fiz referência,—achando bem repeti-lo agora, para aqueles hirtos materalistas, que acaso este escrito por curiosidade leiam. Ainda sorrirão talvez, como eu dantes, só ligado à ciencia materialista deles, sorria também. Não, — o que se diz sobrenatural não existe: tudo está nas leis da Natureza, tudo ordenado na obra da Criação, — tanto a matéria bruta, aparentemente inerte, na Terra ou girando no espaço — obedecendo a influências várias do electromagnetismo universal — como a vida dos seres, às mesmas influências sujeita, sempre, aquelas que à sua existência e multiplicação são necessárias.

E nas formas de união ou de ligação estreita, que se observam em seres tão diferentes mostram — na ordem em que na Natureza tudo está — união em que o homem com seus semelhantes deve sempre manter, — mais imperiosa entre eles, dada a complexidade da sua organização, suas maiores necessidades e, sobretudo, a responsabilidade de que, em determinismo, lhe dá essa função do espírito. Na sua união perfeita está justo preceito para a higiene da alma, — união na família, união em comunidades que tenham superior ideal, união no mesmo povo, modificadas separações de castas, — e ideal bem cristão seria a união entre povos diferentes, postas de lado fronteiras, se não as mantivessem interesses geográficos, — nestes sempre a ambição, a par de religiões diferentes, raças e costumes também diferentes.

*
* *

Esforço de união mais imperioso é ele hoje, pela hecatombe que desordenou o mundo, e por outra que poderá vir, — esse receio há da névoa precursora da Tormenta, que se avista ao longe. Àparte as dificuldades para, em coordenação justa, se estabelecer o que dantes estava, há a repercussão do estado aflitivo em que tantos ficaram, — aqueles que na guerra perderam entes queridos, ou pelo menos seus haveres, lutando contra a miséria. Esse sofrimento, atingindo em muitos o desespero, longe de facto vai, de certa forma se transmitindo àqueles que, por sua organização, tenham receptividade para impressões dessa ordem, — receptividade que vem de anormal sensibilidade, sobretudo nos estados de alergia, como alguns são chamados. A esses sofrimentos, próximos ou distantes, correspondem vibrações de intensidade ou frequência maior ou menor, que em ondas se propagam e longe vão, como hoje é sabido, dando, a distância, aquilo a que se dá o nome de *ressonancia*, sendo natural admitir—assim penso dos conhecimentos actuais — que dela possam resultar alterações de ordem física, não só moral, em quem por sua sensibilidade elevada, sem dar por isso as recebe, podendo dar — conforme o estado ou natureza de cada um — abatimento ou quebranto, nuns, excitação noutros, mal estranho ou até formas dolorosas, ainda noutros.

Assim é ter-se em Portugal observado, durante a última guerra e em tempos que vieram depois, haver quem se queixe de males que antes não tinha, ou agravamento daqueles de que já sofriam, — atribuindo-se isso só ao tempo. Não penso eu assim — será erro meu — pois mudanças de tempo houve sempre,

dando de facto — sobretudo em neuro-artríticos — alterações no seu estado de saude, mas nunca tão extensivas como nesses tempos foram observadas, — de tal ordem que um médico de larga clínica uma vez me disse — mantendo-se então o tempo normal — nunca ele ter tido tantos doentes a queixarem-se de agravamentos nos seus antigos males, — nem mesmo em maiores variações do tempo em anos anteriores.

Parece poder concluir-se que a causa estará no que se passou ao longe, como consequência da tormenta da guerra, não só em vibrações resultantes de violências da matéria, mas também naquelas que altos estados aflitivos produzem, dando a distância, por sintonização, fenómenos de ressonância, de ordem física ou moral, em organismos que para tanto tenham condições. Haverá quem disto sorria, mas não sorrirá desde que se lembre que todas as transmissões, que em ondas de longe vêm — a T. S. F., a Telepatia, etc. — chegam até nós, isso se sabe, por esses fenómenos de ressonância que há anos Lakhovsky especialmente estudou.

Convencido estou de que esse homem notável que, pelo que descobriu, tão luminoso caminho abriu à ciência, — como há anos bem o mostrou Arsonval — com o seu estudo da oscilação celular, da energia radiante, radiações dos seres vivos e de todos os corpos da Natureza, etc., etc., — mas a morte o levou já, deixando-nos como filhas legítimas do seu espírito essas obras notáveis que são, entre outras, *L'Universion, Le Secret de la Vie, L'Eternité, La Vie et la Mort*. Conheci-o pessoalmente, e se a ele aqui me refiro é porque — isso de muitos ignorado — foi ele um iluminado espirita, que ligou a ciência materialista a um bem elevado espiritualismo, — o que poderei mostrar um dia, se a alguém isso interessar.

* * *

Seja como for, as considerações atrás expostas, sobre a causa distante de certos males, não têm elas valor prático — lançadas agora aqui para se ver, pelo estado de sofrimento em que se encontra uma grande parte da humanidade — permita Deus que ele não se agrave — que mais que nunca a união entre todos é necessária, principalmente para justo amparo de tantos que dele carecem. No avanço do Neo-espiritualismo, hora virá em que, entre povos do Ocidente e outros da mesma religião ou crenças, essa união se fará. Para ela, por bem marcada sensibilidade temos nós condições — que, se pequeno povo somos nesta parte do Mundo, grande é ele em actos de piedade que nunca recusamos.

Felizmente, ainda há em nós restos notáveis da velha alma portuguesa, que por sua imaginação, em visão heróica, longe nome ela levou, e esse caminho seguiria sempre, se nossa educação fosse outra, corrigindo o que de artificial até nós tem vindo, nesta chamada civilização moderna. Ávida de mudanças, de coisas novas, a nossa mocidade agarra-se a tudo que de fora vem, nem sempre útil ao espírito, e indisciplinada a razão, excitado nosso temperamento impulsivo, desordenada a imaginação, aquela se afasta do que vem da Natureza e, abraçando o artifício, desce abaixo do que é são ao espírito.

Na educação da mocidade é indispensável isso corrigir, — formando a consciência na gente nova dos dois sexos, espírito de reflexão, donde vem a noção do que é acertado e justo, e firme espírito de disciplina, sobretudo o de ordem moral, tão necessário a rumo direito na vida. Nesse assunto de psicologia dos mais importantes, tentaremos em outro número desta Revista, — tanto quanto nos seja isso possível — alguma luz lançar, — não mais que lembre o que de muitos anda esquecido.

CÂNTICOS

por Ramos Pereira

VIDA E MORTE

Morreu o Bom.
Terminou uma dôr?
Morreu o Mau.
Começou uma dor?
A Morte deve ser a inversão da Vida!

O VERBO

«E o Verbo se fez carne!...»
E Jesus foi Cristo
do baptismo à Cruz.
E ao homem veio dizer
qual o Caminho que conduz a Deus.
Mas-a estrada das paixões
é mais larga e fácil.
E os ecos deste mundo
mal ressoam um cantar de amor
sob as catadupas
de lágrimas e gemidos.
E não mais o Verbo se fez carne!...

Maio/46

CIGARRAS E FORMIGAS

pelo Coronel Faure da Rosa

III

O engenho das formigas

AS fêmeas e os machos possuem asas, mas ambos as arrancam após o vôo nupcial. Nas formigas não há, como nas abelhas e nas térmitas, uma rainha ou mãe única, mas tantas poedeiras quantas o conselho secreto que preside à república julgar necessárias.

No formigueiro não há o grande problema da colmeia e da termiteira. Quem reina? Quem governa? Onde se esconde a cabeça ou o espírito do qual emanam ordens que nunca são discutidas?

A concórdia é tão indubitável e tão admirável como nos outros grupos, mas torna-se mais difícil porque a vida das formigas é, em geral, muito mais complexa, mais imprevista e mais aventurosa.

Enquanto não se encontrar melhor explicação, temos que considerar o formigueiro como indivíduo único, cujas células, ao contrário das do corpo humano no qual existem, aglomeradas, cerca de 60 triliões, são dissociadas, disseminadas, exteriorizadas, ficando inteiramente submetidas à lei central, apesar da sua aparente independência. É possível que qualquer dia venha a descobrir-se nas formigas uma rede de relações electro-magnéticas, etéricas ou psíquicas, de que até agora apenas possuímos uma ideia muito vaga.

Huber, que observou o trabalho das formigas, faz a seguinte descrição:

«É, sobretudo, quando as formigas começam qualquer empreendimento, que a gente acreditaria ver-lhes despontar a ideia que realizam, que executam. Assim, quando uma delas descobre no ninho duas pequeninas ervas cruzadas que podem favorecer a formação dum compartimento, ou depara com uns pauzitos que podem servir de vigas e, presumìvelmente, ajustarem-se aos ângulos e aos lados, vemo-las examinar as partes do conjunto e, depois, colocar, com discernimento, grãos de terra nos sítios vazios e ao longo dos prumos; vemo-las escolher os materiais que mais lhes convém, algumas vezes até sem pouparem a obra esboçada por outras formigas, de tal maneira a formiga executora está dominada pela ideia que concebeu e que põe em prática sem se distrair. Vai... vem... torna a ir e a voltar, até que o seu plano seja perceptível às outras formigas.

«Noutro sítio do formigueiro, vêem-se muitos pedacinhos de palha que parecem expressamente colocados para darem a inclinaação do teto duma grande casa: uma obreira apercebeu-se da vantagem deste dispositivo; esses fragmentos postos horizontalmente, a meia polegada do terreno, formam, cruzando-se, um paralelogramo alongado. Pois o industrioso insecto, primeiramente, põe terra em todos os ângulos do madeiramento — chamemos-lhe assim — e ao longo das pequenas vigas de que é constituído. A mesma obreira, em seguida, coloca muitas fiadas desses materiais uns contra os outros e, assim, o teto começa a distinguir-se. Mas, ao aperceber-se da possibilidade de aproveitar um muro vertical de apoio, a obreira fixa os fundamentos para a alteração. Outras formigas, que, neste entrementes, têm aparecido, acabam, em comum, a obra que a primeira começou».

Uma só ideia é adoptada quando parece boa. Não há entendimento pre-estabelecido, acordo inato, mas apreciação e decisão no local da obra, como entre homens que não tivessem mais que o plano geral da construção da casa. O espectáculo ainda é mais flagrante quando se trata de tomar uma decisão de que pode depender o futuro da colónia, especialmente no caso de emigração e de abandono do ninho, sobretudo nos ninhos mixtos, isto é, formados por senhores e escravos, ou auxiliares, de duas raças diferentes, cuja inteligência e hábitos são dessemelhantes. Uma dessas formigas-governadoras, nas suas incessantes explorações, descobre na vizinhança um vasto formigueiro abandonado que ela julga mais confortável ou mais bem situado que o seu. Pelo contacto das antenas, dá parte da sua descoberta a duas ou três das suas irmãs e quase as leva à força ao ninho preferido e, uma vez ali, demonstra-lhes as vantagens que ela encontra. Estas duas ou três recrutam prosélitos e, dentro em pouco, a emigração é decidida. Trata-se, depois, do deslocamento dos guerreiros que pouco provável é que sejam consultados. Cada escravo apodera-se dum dos senhores, leva-o para o novo domicílio, depõe-no à entrada onde é acolhido por outros escravos que o guiam nos subterrâneos; feito isto, ocupam-se da transferência dos ovos, das larvas e das ninfas. Às vezes surgem dificuldades porque uma parte da colónia recusa seguir o movimento; outras vezes até acontece as emigrantes terem pena do ninho primitivo e regressarem a ele em massa.

Entre as formigas tudo se passa sob o grande signo do amor puro e desinteressado de que nós homens nunca teremos a noção — o que exalta e alarga prodigiosamente o seu império.

É na sua afeição recíproca — diz Huber — que devemos procurar o grande segredo da harmonia que se admira nestas repúblicas.

A formiga é incontestàvelmente um dos seres mais nobres, mais corajosos, mais caridosos, mais devotados, mais generosos, mais altruístas que existem na terra. As formigas têm tanto mérito pelo exercício dessas qualidades, como os homens pelos fenómenos mais inteligentes.

Diz a fábula — a desacreditada fábula — que «a formiga não empresta». É certo, não empresta; emprestar não é mais que um gesto de avareza.

A formiga dá sem contar e jámais procura reaver o que dá. Nada possui, nem mesmo aquilo que tem no corpo. Quase não pensa em comer. Vive não se sabe de quê; do ar atmosférico, da electricidade esparsa, de vapores ou de eflúvios.

É curioso verificar que os três insectos — formiga, abelha e térmita — cuja civilização é muito superior à de todos os outros, possuem um órgão colectivo ou social, que, se não é idêntico, desempenha funções idênticas.

Supunhamos, por um instante, que nós, humanos, possuíamos um órgão aproximadamente semelhante. Que seria a humanidade se não tivesse outra preocupação, outro ideal, outra razão de viver, que o dom de si mesma e a felicidade de outrem? Que seria uma humanidade onde unicamente se trabalhasse para o próximo, onde o sacrifício permanente e total fosse a única alegria possível, a felicidade essencial, numa palavra, a voluptuosidade suprema? Infelizmente, nós somos feitos de tal forma que é precisamente o contrário o que é verdadeiro. O homem é o único animal social que não possui um órgão social. Será por esta razão que o homem não pode ser senão um socialista ou um comunista precário?

As guerras das formigas

Até entre as formigas, a universal caridade e a perpétua comunhão não impedem as guerras. É verdade que são menos frequentes e menos cruéis do que se imagina.

As formigas, em regra, são pacíficas. Evitam violências inúteis, o que significa, portanto, que as empregam quando as julgam de utilidade.

A civilização superior impele as mais inteligentes a fazerem guerra às raças menos belicosas e mais acomodatícias e cuja anexação entendem necessária ou conveniente. É que as formigas aproximam-se singularmente das chamadas «altas civilizações humanas». Parece que a moral do Planeta que habitamos, da Natureza, da Providência ou do Espírito do Universo, quer que assim seja.

Todos ou quase todos os géneros de guerra usados pelos homens são conhecidos e seguidos pelas formigas: a batalha campal; o ataque fulminante ou em massa; a emboscada; a surpresa; a infiltração astuta; a guerra encarniçada e de extermínio; os cercos e investidas, tão sàbiamente dirigidos como os nossos; as defesas heroicas; os assaltos furiosos, as sortidas desesperadas, a retirada estratégica, a debandada, o «salve-se quem puder»... e, às vezes até — mas muito raramente — escaramuças entre aliados.

Se nesta complexa acção guerreira da formiga se recusam a reconhecer inteligência... temos que recusá-la também ao homem que adopta os mesmos processos, que faz os mesmíssimos raciocínios em circunstâncias idênticas.

Ao contrário do que afirma uma lenda tão antiga como a do seu egoismo, a maior parte das espécies são obstinadamente pacíficas, o que não as impede, quando atacadas, de desenvolverem na defesa da sua cidade uma coragem quase superior à das nossas tropas mais heroicas.

Raras as formigas defensoras se preocupam com o número ou com a estrutura dos assaltantes. Perante a atitude ameaçadora da defesa, os agressores, às vezes, renunciam ao seu objectivo de conquista, não sem terem experimentado a dureza do primeiro choque que os faz fugir com a rapidez e a sem-vergonha dos homens covardes.

Por mais poderosas, bem armadas e temíveis que sejam, estas formigas pacíficas respeitam os bens alheios, não abusam da sua força; evitam ocasiões e causas de conflitos e só se ocupam dos interesses do seu formigueiro. Nesta actuação, a disparidade com os homens é enorme; os homens estão sempre prontos a abusar da sua força sob qualquer pretexto e até sem nenhum pretexto. Muitos deles, cheios de inveja e de rancor, mais ou menos disfarçado, dizem mal uns dos outros, troçam-se, ridicularizam-se mùtuamente, enfim, ocupam-se mais da vida alheia do que da própria.

Infelizmente para a paz e para a felicidade do mundo dos formigueiros, existe, como no mundo humano, um certo número de raças, geralmente as as mais ricas e as mais fortes, que não têm os mesmos escrúpulos e que, sem fazerem da guerra o seu míster exclusivo, acham muito natural — como as nações mais ricas e mais fortes e dentro da mesma nação os homens mais ricos e mais fortes — acham muito natural apoderarem-se do que lhes não pertence. E assim, sob a forma de *razzias* periódicas, põem a saque o formigueiro vizinho, apossando-se de toda a juventude embrionária — antes do nascimento, portanto, a fim de fàcilmente a reduzirem à escravidão.

Depois de terem mandado exploradores em serviço de reconhecimento ao formigueiro da casa que pretendem pilhar, uma bela manhã, escalonadas em pequenos destacamentos, as formigas atacantes dirigem-se para o ninho cubiçado, e cercam-no pouco a pouco. Dado o alarme, as sitiadas acorrem açodadas, organizam barricadas junto das portas: os grãos de

ISMOS CIENTIFICOS

por Leopoldo Machado

PERGUNTE-SE algo a um cientista, sobre o Espiritismo, e força é que se ouça alguma coisa deste jeito: «Tolice! Coisa de pobres de espírito.» Se o cientista for um médico, um psiquiatra, um psicanalista, a resposta há-de parecer isto: Paranoia! Uma psicose qualquer: uma psicastenia, fenómenos mal observados de psicopatia, uma pitiatria ou neurose vulgar. Coisa de nevrópatas. Psicanevrose pura! Fora de uma nevrose, de ligeira ou acentuada psiquialogia, se não de uma psicolepsia, é que não está.

Opiniões emitidas, é claro, a termos difíceis...

E terá, em boa lógica, a ciência, tal como aí a vemos, razões para tanto?

Não somos sábios em coisa alguma. Cultivamos, porém, o desporto do estudo. E gostamos de observar, a sério e a frio, as coisas e os factos. É oportuno afirmá-lo de início, visto como teremos — quem sabe? — de repetir, aqui, a história do sapateiro de Apeles...

Além de não termos autoridade científica para enfrentar a Ciência, somos dos que vêem na Ciência o maior bem que Deus conferiu à inteligência humana, para a evolução do Espírito e o bem-estar material e espiritual da humanidade. Assim, não é a Ciência, com C maiúsculo, que tende a aproximar, no asserto de Tomaz de Aquino, os homens a Deus, que se combate aqui. Mas a ciência humana, atrevida e ateia, que nega sem conhecimento de suas coisas e de seus efeitos, aquilo que ainda não passou pelo crivo de sua análise, de seus exames...

Que deve ser a Ciência?...

Ciência e Verdade devem formar sinónimos.

A Ciência, feita «conhecimento integral das leis e de seus fenómenos, através dos factos demonstráveis», é bem a afirmação da verdade, de vez que esta implica «tudo que se pode provar». Verdade relativa, é é bem de ver, que a Verdade absoluta não é da Terra, embora irradie pela Terra: Deus!

Sem estudos sérios, e pesquisas conscienciosas, e exames pacientes, meticulosos, não há Ciência. Pode haver ciência sem sabedoria, que é bem, na assertiva felicíssima de Cairbar Schutel, um dos grandes males opressores da humanidade. Ciência deriva dos elementos latinos *scions, scire,* significando *saber*. Sem sabedoria, decorrente do exame puro, da análise consciente, pode haver ciência? Impossível! Pois é bem isto o que se dá com a ciência presunçosa e altaneira, para a qual, nós, os espiritistas, somos os equisofrénicos, os psicópatas, os paranoicos, os psicasténicos, os ptiáticos e outras rebarbatividades seme-

---

areia que aplicam correspondem aos pedregulhos que costumamos usar em igualdade de circunstâncias. A um sinal, vindo não se sabe donde — porque as ordens partem duma origem misteriosa — os assaltantes precipitam-se em massa. Os defensores das portas tentam resistir, mas empurrados, desordenados, desesperados, regressam ao ninho onde pegam nas ninfas — futuras formigas — que a todo o custo querem salvar e procuram pô-las a bom recato. Mas os agressores investem, arrancam-lhes o tesouro e vão armazená-lo provisoriamente junto das saídas. Deixam passar as mães fecundadas e as obreiras sem bagagem, mas aquelas que conduzem larvas ou ninfas, a essas obrigam-nas — como inflexíveis guardas fiscais — a depor o seu fardo. De resto, não fazem mal algum a quem não resista ou não tente defender-se com o veneno de que todas dispõem. Até nisto os homens são piores, porque fuzilam mesmo aqueles que não resistem.

A seguir, dá-se o saque, a pilhagem: o vai-vem dos carregadores dura dois ou três dias, o tempo preciso para esgotarem totalmente o aprovisionamento do formigueiro investido e vencido.

Não há massacres. Segundo o princípio das formigas, uma vez executada a operação julgada necessária, faz-se aos outros o menor mal possível.

lhantes. E na sua altanaria e presunção, não enxerga o abismo que ela própria se cavou, de vez que toda ciência é modesta. E, na presunção e altanaria de seus termos empolados, de sua indumentária complicada, de seus aparelhamentos complicadíssimos, impõem-se ela, a ciência, a espíritos simplórios e crédulos como o mais respeitável dos *tabus*. Talvez ainda mais respeitável do que a religião, de vez que respeitada por ateus e religiosos, espiritualistas e materialistas... Eis porque da ciência escreveu, judiciosamente, Tolstoi: «A ciência ocupa em nossa época exactamente o mesmo lugar que ocupava o sacerdócio há alguns séculos. Os mesmos bonzos revestidos de títulos, as mesmas castas; academias, universidades, congressos. A mesma confiança e falta de critério por parte dos crentes, as mesmas divergências, as mesmas palavras incompreensíveis, a mesma presunção.»

A ciência de matar

É ela, a ciência, como bem o afirmara Eugénio Huzart: «o velho pecado do mundo, que foi a causa da queda do homem no passado e será também a causa de sua queda no futuro.» E esta queda aí está a aproximar-se. Em que sector tem a ciência, na verdade, evoluido mais? A ciência de matar, exactamente! (1) Os processos científicos de guerra, sobre afastarem do homem qualquer noção de bravura e dignidade dos tempos feudais em que se lutava peito a peito, têm requintado o sentido científico da assertiva materialista de Tomaz Hobbes. Têm demonstrado, evidentemente, à saciedade, que o homem é o lobo do homem, por isso que se hão-de devorar mùtuamente, para a colimação da ruina de todos.

¡Provas mais concretas? A dinamite, o barco a vapor, o avião, a electricidade, o rádio foram descobertas e engenhos que Deus conferiu ao homem para suas finalidades de vida. Entretanto, as descobertas de Alfredo Nobel, Fulton, Santos Dumont, Galvani, Edison, Marconi, mais se desenvolvem no seio do extermínio humano, para a demonstração de que inteligências iluminadas a serviço de corações desumanos e descristianizados são mais nocivas do que uteis a si mesmas e às colectividades. E vai mais longe; leva a tortura aos animais inferiores.

Aí está a vivissecção, que é a extracção de um órgão vivo do organismo animal, visionando descobertas científicas. São aos milhões as cobaias, os cães e ovelhas, os bois e macacos imolados a tão ferozes moloques científicos. Para proveito das descobertas científicas, de molde a beneficiar o homem? Claude Bernard, que andou vivissecando milhares de cães e macacos, a ponto de cortar-lhes, antes, as cordas vocais para que os seus gritos de dor não incomodassem a vizinhança, asseverou depois de tamanha matança científica: «eu não nego a utilidade, nem mesmo a necessidade absoluta da vivissecção no estudo dos fenómenos da vida: eu a declaro apenas insuficiente. Nossos instrumentos de vivissecção são tão grosseiros e nossos sentidos tão imperfeitos, que só podemos atingir no organismo as partes grosseiras e complexas...»

Poderíamos, assim, classificar a ciência humana, tal como aí a vemos, de presunçosa e má. Por isso é que Erasmo de Roterdam afirmou que «as ciências foram inventadas por um génio maléfico e os sábios afastam-se tanto mais da felicidade quanto maior é a sua sabedoria.» Ciência e sábios da sabedoria materializada, é claro...

E má, presunçosa e contraditória será sempre, enquanto não se espiritualizar.

A salvação da ciência

É na sua espiritualização que há-de a ciência encontrar a salvação. Por isso que já não é científico afirmar-se o domínio absoluto da matéria em estudo. Por isso que estamos com Barros Fournier, quando afirma peremptório que é andar em carro de bois o confessar-se materialista, diante do desenvolvimento espiritualista da ciência. E com Camille Flammarion, afirmar que «a ciência não é materialista e nem pode servir ao erro.» E com A. Rodrigues Vale: «O verdadeiro sábio nunca é ateu.» E com sir Arthur Eddington: «A ciência parece hoje pretenciosa, quando comparada com o espiritualismo.» E com Dawison: «Desde que a ciência repudiou Deus e definiu uma concepção materialista do mundo, as suas aquisições deixaram de

(1) Quando isto escrevemos, nem se falava, ainda, em bomba atómica.

satisfazer à consciência humana.» E com Brunschvicg: «a ciência tem de admitir o sobrenatural e de conceder-lhe um lugar de destaque.» Substitua-se *sobrenatural* por *espiritual,* o mundo visível, que, na verdade, não existe, como o afirma e prova Flammarion, pelo mundo invisível, e ter-se-á compreendido os fundamentos básicos da Ciência, que não se tarnsforamam, não se modernizam, não se processam, conforme os climas e as épocas, por isso mesmo que são leis da verdadeira Ciência...

Ilusão da ciência

Subordinada, apenas, à análise dos sentidos materiais, a ciência humana tem-se preocupado mais com as aparências do que com a realidade das coisas, porque se tem ocupado exclusivamente com a matéria. Entretanto, é em nome das próprias observações filosófico-científicas que Camille Flammarion assegura: «Nós sabemos que o mundo visível, tangível, perceptível aos nossos sentidos não existe sob as formas enganosas que nos impressionam. E não é senão o véu dum mundo real, invisível. Sabemos que o átomo constitutivo da matéria é intangível; que a luz, o som, o calor, não existem, bem como a solidez dos corpos!» E Berckley vai, cientìficamente, mais longe ainda: nega a existência da matéria. Para o cientista escossês, os sentidos nos trazem, através de sensações, o conhecimento das coisas...

O materialismo científico tudo quer explicar, excluindo Deus e o mundo invisível, espiritual, e não consegue explicar-se a si mesmo. Guinda, porém, inconscientemente, a Matéria à altura de Deus, de vez que dela tudo deriva. Derivação, esta, com lógica?

A ciência do átomo

Partamos do átomo, que é, na observação de Flammarion, o que substitui, cientìficamente, o *verbo* (o átomo). «E o átomo estava com Deus e o átomo era Deus.» Átomo, princípio cientìfico de tudo, que estava com Deus, que é, ainda hoje, para o positivismo materialista da ciência, o próprio Deus, por isso que, substituindo Aquele, que a ciência materialista nega, pretende explicar tudo materialisticamente...

O átomo que, conforme a sua própria etimologia, vem do grego *átomos, indivisível,* (de *a,* priv. e *tem-nô,* dividir) é o que não se divide, é o indivisível, porque *uno,* absolutamente. Já foi, entretanto, cientìficamente, dividido, passando de *uno* a *multiplice,* visto como se contém ele de *ions, electrons, protons.* Daí, ser o átomo, na representação do verdadeiro microcosmo, habitado, como o concebe o prof. Low. E daí, também, a primeira alfinetadinha na presunção da ciência materialistà...

A Ciência do Electrão

Mas o átomo já não é, modernamente, o *verbo* do Evangelista, na concepção de Flammarion. Foi destronado por uma de suas partes, o *electron,* conforme a teoria científica moderníssima dos físicos Dawson e Thompson. Teoria que faz do invisível electrão «a primeira fonte da indefinida electricidade; um indivíduo fìsicamente igual aos seres humanos». E a demonstração palpável desse princípio deu aos dois sábios — o de New-York e o inglês — o prémio Nobel de Física, de há dois anos passados. E a Física moderna, que, hoje, aceita e laurea este princípio, achava, ontem, fìsicamente, uma coisa impossível, visto como todos os físicos, há anos passados, quando Dawson se dava a estes estudos, «comparavam seus trabalhos aos de um cego, que tentasse estudar ou compreender um elefante pelo tacto.» Porque sua teoria era a derrocada das leis científicas da Física. Daí, esta afirmativa, a respeito de Einstein: «Encontramo-nos ante um novo estado da matéria, onde não têm aplicação as teorias físicas de uso corrente.»

Desse *electron,* entretanto, afirmou Sir James Jean, num congresso de sábios, em Novembro de 1934, em Aberdeen: «Tudo o que observamos parece-nos objectivo e, na realidade, não o é. Assim, por exemplo, a realidade do *electron* existe sòmente em a nossa imaginação.» Aí está.

Dado mesmo que o *electron* fosse conhecido, integralmente, conhecida deveria estar, é claro, a electricidade, de que aquele é a sua *primeira fonte.* Já sabe a ciência, entretanto, o que é a electricidade? Quem nos poderá dizê-lo melhor do que Edison, incontestàvelmente o maior conhecedor da

electricidade, aquele que mais beneficiou, com a electricidade, à civilização, à humanidade? É, entretanto, de Edison, isto, que se contém nas suas «Memórias»: «Até aqui, nada mais se tem feito do que tactear nas trevas. Somos ignorantes a mais não poder! Nada sabemos do que são a gravidade, a luz, a *electricidade*. Pelo menos, dois séculos de evolução serão precisos para nos elevarmos acima do nível actual.»

E a decifração científica, integral, da charada, que se consubstancia no átomo, talvez não exija menos tempo! É, pelo menos, o que víramos em *La Ricerca Psiquica*, deste jeito: «No *Congresso de Física Nuclear*, de Roma, em que, há dois anos, tomaram parte sete *Prémios Nobel*, houve quem declarasse que *talvez daqui a duzentos anos, soubéssemos alguma coisa acerca do átomo*, e não o que seja o átomo. A bomba atómica veio destruir completamente o conceito dos sábios do Congresso de Roma.

Materialismo e Espiritualismo

O agnosticismo científico dos grandes sábios da Terra não comporta, evidentemente, a menor análise sensatamente espitualista, diante dos problemas da Vida e do Universo. Enquanto a ciência não se alçar às culminâncias da lógica e do raciocínio, para explicar a Vida e o Universo, a ideia de Deus, a existência do Espírito é o que, no asserto científico de Flammarion, mais se prova e se demonstra. Que valem, na verdade, para tanto, as doutrinas dos Haeckel, dos Le Dantec e Darwin, dos Lamarck e Nietsche, dos Le Bon e Spencer, dos Comte e Stuart Mill, dos Schopenhauer? Valem por fogos de artifício para quem não se apega a teorias só por serem apadrinhadas por grandes nomes. Nenhuma doutrina científica assenta na matéria, explica a Vida e o Universo, resolve o problema da felicidade humana, estabelece leis imutáveis... Eis por que, a despeito de vivermos no «século das luzes» e haver técnicos e sábios de sabedorias especializadas, para tudo, nunca a humanidade foi tão infeliz!

Será mesmo que há lógica na explicação materialística das coisas? Pergunta-se, por exemplo, a um Haeckel, a um Le Dantec, a um Buchner qual é a origem de tudo. «A Matéria-Energia» —, responder-nos-á. E o que é a Matéria? — prossiga-se perguntando. Ouvir-se-á, para logo, de um Buchner: «É a Energia condensada.» — E a Energia? — Responderá Ernesto Haeckel, por exemplo: «É a matéria em vibração.» E, sendo a matéria, na confirmação científica de Ostwald e Auhentus «a própria energia concentrada», força é se observe a derrocada da «teoria atómica».

Resquiescat in pace, ao átomo!

Assim, da matéria proveniente da energia e da energia proveniente da matéria, conclui-se, com os sábios materialistas, que tudo se formou... Não será isto bem semelhante àquela história das duas cobrinhas em luta, acabando por se devorarem mutuamente, desaparecendo, ambas, assim, diante dos olhos observadores do narrador da luta reptiliana?

Amigos de «Estudos Psíquicos»

Graças a Deus, que as nossas palavras têm sido ouvidas! Sobretudo nos últimos tempos, assinantes têm acorrido do continente, das ilhas adjacentes, das colónias e do estrangeiro, em demonstração de apreço por esta revista, compreendendo o fim para que foi criada e o papel que desempenha no movimento espirita mundial.

De facto, só aumentando o número de assinantes se estabilizará a situação difícil e incerta que atravessamos. O auxílio eventual é preciosíssimo; mas a contribuição regular através da assinatura é o objectivo que todas as publicações desejam alcançar.

A uns e outros cooperadores deve «Estudos Psíquicos» as maiores atenções. Por isso os envolve num fraterno abraço de reconhecimento.

Acusamos mais os seguintes donativos, que agradecemos:

A. S. L.	50$00
Três amigos de Almeirim	50$00
Fernando da Cruz Ferreira	540$00
João da Silva Gomes, de Malange	120$00
Lionel Gomes Pinto, de Malange	100$00
António Lopes Dias, de Malange	10$00
José de Almeida, de Malange ...	20$00
António José Pinto de Almeida, de Malange	50$00
Silvestre Ribeiro, da Covilhã	29$00
Dr. Fred Wachsmann	50$00

FACULDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS PSÍQUICOS

JÁ por várias vezes nos temos referido à *Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos*, em boa hora fundada por um núcleo de entusiastas da Doutrina, à frente dos quais se encontravam os prestimosos confrades Diamantino Coelho Fernandes, Fernando Bastos, Dr. António Pedro Barbosa, Dr. António Gama de Paula e Padrélias Souto, os quais constituiram o primeiro Conselho Director.

Também dissemos que os objectivos da Faculdade são enfrentar o materialismo reinante, formando mentalidades que possam disseminar o Espiritismo com verdadeiro conhecimento de causa.

É interessante relembrar para quem o tenha esquecido e dizê-lo aos que ainda o ignorem, que o programa desta Faculdade Livre consta de *três séries*, a saber:

1.ª Espiritismo, Moral, História das Religiões, Introdução à Filosofia, Ciências Ocultas, Oratória e Literatura, sendo esta última facultativa.

2.ª Espiritismo, Sistemas Religiosos, História da Filosofia, Anatomia Descritiva, Cosmogonia, Ciências Ocultas e Oratória.

3.ª Espiritismo, Religiões Comparadas, Metafísica, Cosmobiologia, Ciências Ocultas e Oratória.

A ideia desta agremiação partiu do jornalista Diamantino Coelho Fernandes e a sua fundação data de Novembro de 1942.

Os seus primeiros professores foram os seguintes: De *Espiritismo*, o tenente coronel Delfino do Nascimento; De *Religiões*, o professor Arnaldo S. Tiago; de *Filosofia*, o dr. Roberto Pedroso das Neves; de *Ciências Ocultas*, o dr. Baptista de Oliveira; de *Literatura*, o dr. Vicente de Paula Reis; de *Oratória*, o dr. Calazans de Campos.

A mesa que presidiu ao encerramento do 3.º ano lectivo da Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos, vendo-se da esquerda para a direita: Prof. Baptista de Oliveira; Aurino B Souto, presidente da Liga Espirita do Brasil; Dr. António Gama Paula, tesoureiro da Faculdade e nosso patrício; Prof. Celso de Magalhães; Dr. Artur Lins de Vasconcelos, director da Faculdade; D. Ernestina Ferreira dos Santos, presidente do Abrigo Teresa de Jesus; Dr. Silvio de Brito Soares, representante da Federação E. Brasileira; Prof. Delfino Ferreira, Dr. Levindo Melo, presidente da Sociedade de Medicina e Espiritismo; Diamantino Coelho Fernandes, secretário da Faculdade.

Depois, o quadro docente sofreu algumas modificações, sem alterar os fins da Faculdade.

Em 1944, realizaram-se as primeiras provas, a que nos referimos em Março de 1945, por as dificuldades da guerra não nos terem permitido que o fizéssemos mais cedo. Foi um belo triunfo. Nessa altura publicámos 30 perguntas organizadas para os exames da 1.ª e 2.ª série e por elas se verificava a meticulosidade com que os seus professores trabalhavam para bem da Causa.

* * *

Em 29 de Novembro de 1945, a Faculdade encerrou solenemente o 3.º ano lectivo, no salão de confe-

rências do Abrigo Teresa de Jesus, a fim de maior número de pessoas poderem assistir à sessão.

Na verdade, o acto revestia-se de extraordinária importância, pois nada menos de dezassete alunos chegavam ao fim do curso, diplomados por uma Faculdade recentemente criada: Alcina Mendes Barcelos, Armindo de Oliveira Mota, Britaldo Câmara, Carmen Correia de Sá, Elias Bassoul, Gustavo de Oliveira, Hermes da Costa Almeida, João de Oliveira Lino, Manuel Pereira da Silva, Mário Correia de Sampaio Prado, Mário dos Santos Maia, Mário Henrique da Silva, Merise Santos, Arsely Guimarães Ferreira, Raimundo Rodrigues de Oliveira, Sebastião Lopes Conde Júnior e Sílvio Borges, os quais passavam a ser arautos duma filosofia nova que deixava a perder de vista as velhas filosofias e as religiões dogmáticas e obsoletas.

O Abrigo Teresa de Jesus regorgitava de valores morais, entre eles o nosso patrício Dr. António Gama de Paula, tesoureiro da Faculdade; Aurino Barbosa Souto, presidente da Liga Espirita do Brasil; o Dr. Levindo Melo, presidente da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro; o Dr. Sílvio Brito Soares, representante da Federação Espirita Brasileira; D. Ernestina Ferreira dos Santos, presidente do Abrigo Teresa de Jesus e professora da Faculdade; Dr. Artur Lins de Vasconcelos, director da Faculdade; os professores da mesma Dr. Celso de Magalhães e Delfino Ferreira e o seu dinâmico Secretário Diamantino Coelho Fernandes.

O Dr. Lins de Vasconcelos presidiu à sessão e congratulou-se com a numerosa assistência em face do acontecimento que se comemorava e que podia considerar-se único na história do movimento espirita mundial, isto é, a conclusão dum curso regular de Espiritismo e de Ciências Psíquicas por alunos duma Faculdade especializada.

Em seguida falou o secretário, Diamantino Fernandes, que procedeu à leitura do Relatório anual em que se descrevem os trabalhos do ano lectivo e as dificuldades que tiveram de vencer, como a falta de interesse nos meios espiritas pela cultura doutrinária, embora os actuais dirigentes de tão prestimosa instituição estejam satisfeitos com os resultados obtidos.

Grupo de professores, alunos e outras pessoas que assistiram à solenidade

Depois, falou a menina Merise Santos, em nome da turma que acabava de concluir o curso e que surpreendeu todos os ouvintes, tal a elevação que revelou nas suas palavras, pois o seu discurso se podia nivelar com qualquer oração de sapiência duma escola superior. Foi eloquente e lapidar, mesmo quando ventilou os transcendentes problemas expostos e discutidos com mestria na Faculdade.

Por último, falou o paraninfo da turma, prof. Celso de Magalhães, que em vez dum discurso dirigido aos alunos que abondonavam a escola, proferiu uma conferência profundamente filosófica, transmitindo ao auditório um programa de bem viver que constitui verdadeiro expoente do alto grau de cultura do Corpo Docente da Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos.

Encerrou a sessão o Director da Faculdade, com palavras dirigidas aos alunos que se despediam, incentivando-os à prática do estudo, em demanda de património intelectual, como a melhor forma de impulsionar a evolução do espírito.

À revista *Estudos Psíquicos*, que estava represen-

tada pelo nosso colaborador Henrique Magalhães, dirigiu o Dr. Lins de Vasconcelos palavras carinhosas que traduziam inequívocos sentimentos de estima e simpatia. Agradecemos essas palavras e fazemos votos pelo êxito completo da Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos, cuja acção acompanharemos por imperativos de consciência, já que se trata duma empresa magnífica que honra o Espiritismo e aqueles que lhe dedicam o seu melhor interesse e actividade.

Que os seus triunfos se multipliquem e sirvam de estímulo aos que trabalham na propaganda!

Não queremos terminar este breve notícia sem alusão especial à notável conferência que a primeira anista desta Faculdade, Orsely Guimarães Ferreira, filha do Prof. Delfino Ferreira, realizou em 24 de Setembro findo na Liga Esprita do Brasil, intitulada «A Dor em face da Evolução». Melhor do que o poderíamos fazer, *Mundo Espirita* referiu-se ao facto da seguinte maneira, que bem demonstra o valor do empreendimento:

«Com essa conferência ficou encerrada com chave especial registo a notável e surpreendente conferência realizada no último domingo do mês findo pela senhorinha Orsely Guimarães Ferreira, filha do nosso ilustre confrade e prezado amigo coronel Pedro Delfino Ferreira.

«Com essa conferência ficou encerrada com chave de ouro a brilhante série de palestras doutrinárias realizadas na sede da Liga Espirita do Brasil pelo culto e inteligente elemento feminino que tão auspiciosa e promissoramente, vem militando no Espiritismo.

«Está de parabens e aqui lhe consignamos os nossos mais vibrantes aplausos, a Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos, pela brilhante e expresiva vitória que merecidamente alcançou naquela tarde magnífica, por isso que a senhorinha Orsely é uma das suas alunas matriculadas no primeiro ano. Vale dizer: está plenamente demonstrado que a Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos longe de ser uma vã utopia ou uma exibição vaidosa, é, antes, uma organização de largo descortínio a preparar os novos elementos que terão de projectar no meio social a luz esclarecedora da verdade que orienta e conduz para a vida eterna.

«A senhorinha Orsely que, pela primeira vez, sentiu todo o peso da sua grande responsabilidade assumida perante um numeroso e selecto auditório, manteve-se à altura do seu ilustre professor de oratória.

«Calma, senhora absoluta de si mesma, com um perfeito controlo no registo de sua voz agradável e de clara emissão, dominou desde logo toda a assistência, conseguindo de todos uma fortíssima vibração de simpatia.

«O seu trabalho, quer seja analisado sob o ponto de vista filosófico, quer sob o aspecto religioso ou educativo, é uma peça inteiriça, tanto no fundo, como na forma.

«Muito feliz foi ainda a jovem conferencista que, apesar de contar apenas dezoito primaveras, soube escolher um tema de alto valor moral e científico e de completa oportunidade na hora que estamos vivendo.

«Por tudo isto, *Mundo Espirita* felicita calorosamente a jovem, inteligente e culta oradora e como viva demonstração do seu apreço e da valia que empresta ao seu fulgurante trabalho, oferece-o, na íntegra, aos seus milhares de leitores sempre ávidos de conhecerem as grandes inteligências e delas aprenderem o que lhes possa tornar a vida mais feliz».

Associamo-nos com todo o entusiasmo aos votos formulados por *Mundo Espirita*, certos de que a Faculdade será um formoso exemplo a seguir em todo o mundo culto.

O Espiritismo na Hungria

Bem cedo, o Espiritismo ganhou adeptos na Hungria. Já em 1840, o Conde F. Szapary, de Budapeste, praticava o magnetismo curador e, em 1850, relatava num livro notável as suas experiências com o médium psicógrafo J. Tarlo. São interessantes os trabalhos de John Mikos e Paczolay-Hellenbach. Em 1897, Budapeste contava 20.000 adeptos, e, em 1932, citavam-se 80.000 distribuídos por 2.000 centros, em todo o país.

A principal figura do Espiritismo húngaro foi a Baronesa Adchna de Vay (1841-1925), fundadora da Sociedade Espirita e autora das obras: — «Espírito, Força e Matéria», «Estudos do Mundo dos Espíritos» e «Manifestações espiritas de 1865 a 1910», além de muitas outras que se tornaram clássicas.

O segundo presidente desta Sociedade, a que pertenceram, como membros honorários, Allan Kardec e Camille Flammarion, foi o Dr. Adolf Grünhert (1826-1906), a quem se seguiu Joseph Merény (1840-1930) e Belas Rohay. Todos eles foram médiuns de brilhantes faculdades.

Quando se fizer a História do Espiritismo, a Hungria ocupará, sem dúvida, um lugar proeminente, não inferior ao da França e Inglaterra.

A Missão de Jesus

por Fernando da Cruz Ferreira

VII

Dentre os homens que, pairando bem acima da massa inconsciente, reflectem e compreendem, vejamos o que escreveu um ilustre filósofo — Pascal: **«o que nos demonstra esta avidez e esta impossibilidade, senão que outrora gozou o homem uma real e completa felicidade, da qual lhe não resta mais que o vestígio, um vácuo que inùtilmente tenta encher com tudo quanto o cerca, procurando das coisas distantes o auxílio que não obtém dos que estão ao seu alcance? Só pode encher esse infinito Abismo um objecto infinito e imutável ou seja o próprio Deus.»**

E noutra parte: — **Os estoicos dizem: «concentrai-vos em vós mesmos, isto é, na parcela de Deus que sois vós próprios e achareis a Paz». Diz a Bíblia: «Aquieta-te e conhecerás que Eu sou Deus.»**

Aquele que se aquieta e se concentra em si próprio, permite a exteriorização de Deus, que é omnipresente, omnipotente e omnisciente em cada um de nós e em todas as suas criações.

Escutemos porém a voz humana, e bem mais do que humana, escutemos a voz que passa como um murmúrio sobre a planície de Samaria: Quem **beber** desta água (do poço de Jacob), que é a mesma a que Pascal se referiu tão claramente, terá ainda **sede.**

«Quem beber da que Eu lhe der, nunca mais terá sede».

Sim, mas para beber desta água e para que ela produza os seus prodigiosos efeitos, é preciso despir o orgulho, a cobiça, o egoismo, a inveja, a maldade, revestirmo-nos de amor por todos os seres da criação, viver o amor, abandonar na fonte material, como a mulher de Samaria, as nossas velhas ânforas.

A seguir, como uma alma limpa, procurar beber na Fonte Espiritual e imitando a conduta da Samaritana, com o coração a transbordar de alegria, procurar os nossos irmãos, esforçando-nos para que venham ouvir a palavra do Senhor, vazando por nossa vez da nossa alma nas suas almas, as torrentes de amor Divino que brotam da Fonte de água viva que Ele ali fez brotar, a qual os encaminhará com segurança para a Eterna Paz, para a vida Eterna.

Para suavizar a nossa sede, o Cristo acorreu, mais uma vez, não à solidão e à intimidade dum ensinamento pessoal, mas ao Templo, na festa dos Tabernáculos, quando os sucessivos terraços do explêndido edifício regorgitavam com a multidão dos crentes.

No último dia, aquele em que as festividades atingiam mais solenidade, enquanto o cortejo dos sacerdotes regressava com a água trazida da Fonte de Siloé, para a lançar junto ao altar numa libação sagrada, conta-nos João que o Senhor não só chamou, mas bradou de maneira a ser ouvido por todos:

— Se alguém tem sede venha a mim e beba.

E a multidão, num ímpeto, como no poço de Sichar, respondeu a estas palavras:

— É o profeta, é o Cristo. O único que pode apagar a nossa sede ardente, é um profeta, pois lê em nós.

Ê parte integrante de Deus, pois que nos chama a Si para nos dessedentar e cumpre a sua promessa desde esses dias até hoje e sempre, no futuro.

O Abismo infinito só um objecto infinito o pode encher.

Frisemos, analisando ainda mais profundamente, que o Cristo também tem sede e que, no Evangelho, por duas vezes pediu aos homens que lha saciassem.

Manifesta-a ainda sobre diversas formas simbólicas: o fogo que quer atear, o baptismo que quer receber, o cálice que tem de beber, exprimem, pela insistência, um desejo imenso e ardente.

Para nos limitarmos agora a esta sede misteriosa do poço de Sichar, precisamos de chegar às últimas horas e aos tormentos da cruz erguida pela ingratidão dos

homens, no Calvário, e ouvir de novo o Seu brado:

— Tenho sede!

Esta sede deve compreender-se como desejo ardente de salvar os homens. Por todos se submeteu aos mais atrozes vexames e sofrimentos. E que era a salvação dos homens, senão o arrancá-los aos seus pecados, às suas vidas culposas e portanto às misérias da carne e elevá-los aos páramos celestes?

Esta sede imensa tem várias gradações e diversas formas de nos atrair. O Senhor quer que o homem seja salvo, quer, para isso, que ele o ame.

De certa forma, é este o primeiro grau; mas quer também Amor que corresponda ao seu Amor eterno e que de algum modo se lhe assemelhe.

Esta atracção divina e esta resposta da Criatura vão desde o viver do homem mortificado, casto, piedoso, até aos êxtases dos místicos; da nossa vida de miséria onde Deus tem Seu lugar, mas onde nós mesmos ocupamos um lugar tanto maior, até ao grito apaixonado de S. Francisco de Assis, que no Amor se consome, a quem o Amor arrebata a própria vida:

— Se é verdade que sou louco, é tua a culpa, Sabedoria Eterna.

Todo o significado da vida está neste Amor. Porque, em definitivo, o derradeiro «Tenho sede» é o Amor Divino pelo homem, reclamando o Amor do homem para Deus.

O Pai desde a eternidade nos conheceu e amou — foi por este amor sem princípio que nos criou — é por este amor que nos mantém.

Quando a nossa consciência, iluminada pelas luzes divinas, se tornar extensa, veremos claramente em Deus tudo o que por enquanto nos parece misterioso, enigmático.

Devemos alegrar-nos no Amor, acima de tudo, embora a nossa alegria escandalize o mundo e o seu grosseiro sentir não nos compreenda.

Se lhe confessarmos as nossas emoções, desprezar-nos-ão.

Desprezar-nos-ão por um momento; mas teremos para além dos séculos o sentimento da nossa eternidade; e a alegria que resulta desta certeza a nada se compara.

Outrora, tínhamo-nos desviado da nossa própria essência, envolvidos nas coisas que se desfazem e se perdem; agora, porém, deixamos os homens entregues aos seus pensamentos, que são mentira e ruina.

Lá, onde de toda a Eternidade existiram os nossos espíritos, sem princípio, ali será também a nossa vida sem fim. Deus todo poderoso, que se deu a si próprio, é um Amor imenso na eterna Luz.

Aquele que se concentra em si mesmo diz adeus aos amores egoistas e sofrimentos do mundo.

Todo aquele que entra em seu coração diz adeus às aflições e às dores do mundo. «O Amor basta-se a si mesmo», a sede ardente acha na adega o vinho que os lábios procuram.

Possui Deus no seu Abismo interior, na sua ascenção; e o Amor, sem perder a ordem, perde toda a medida que o limita.

Não diria o Senhor: «Quem beber da água que eu lhe der, nunca mais terá sede»?

Jesus-Cristo amou e ama apaixonadamente os homens.

A paixão é um sentimento vivo e forte, é um movimento intenso da alma; é a ditadura do coração.

Resume-se numa ideia que empolga o espírito e que chega mesmo a absorvê-lo e a fascinã-lo completamente, quando vem sendo acalentada há muito tempo.

A paixão pode ser boa ou má, elevada ou mesquinha, determinando ascensão ou queda do espírito que a alimenta.

Em qualquer dos casos, pode determinar lutas acerbas e acarretar sofrimentos e amarguras pungentes.

A afeição entre pessoas de sexo diferente toma frequentes vezes o caracter de paixão.

Em tais casos, os corações apaixonados vivem um para o outro.

Verifica-se a conjugação de duas vidas numa só.

As almas assim integradas tornam-se recìprocamente capazes dos maiores sacrifícios, de gestos nobres e de rasgos do mais sublime heroismo.

Jesus, o Cristo de Deus, é um apaixonado. Sua paixão é a mais pura, a mais santa e a mais intensa das paixões que os anais da história humana registam.

Já por isso fora por Ele mesmo comparada ao sentimento que domina os corações enamorados. Jesus é o esposo da Comunhão de crentes, ou igreja, igreja que representa o objecto da sua paixão.

A paixão do Senhor não se consubstancia na tragédia do Calvário.

Sua crucificação não foi mais do que a consequência daquele sentimento profun-

damente vivo e forte, daquele ideal que o dominava e absorvia.

A paixão do Cristo de Deus, portanto, está no seu grande e entranhado Amor à humanidade. Levado por esse Amor incomensurável, Ele concebeu a ideia de prestar ao homem, objecto de sua paixão, um grande Bem, o maior Bem possível.

Ora, o Sumo Bem que lhe foi e é dado fazer à humanidade, consiste em despertar os poderes latentes no homem, tornar-lhe possível antever, através do conhecimento e, sobretudo, do sentimento da imortalidade, a glória dos destinos que lhe estão reservados, estimulando-o à sua conquista.

Para levar a efeito essa empresa ingente, que é obra de educação, era indispensável um grande sacrifício.

A alma enamorada de Jesus não recua diante desse sacrifício, a despeito da sua imensidade no tempo e de sua profundeza na amargura. Enfrenta-o e a ele se entrega, como vítima consciente que se deixa imolar nas aras do Amor.

Esse sacrifício, iniciado há vinte séculos e cujo alcance é superior às humanas inteligências, continua ainda hoje e sempre em seu curso angustioso.

A paixão do Senhor mantém-se hoje viva e intensa, como sempre, aspirando o sumo bem do pecador, através da obra grandiosa da sua educação, da sua regeneração, dentro dos moldes do Seu Evangelho.

Os homens, na sua ignorância, obstinam-se em rejeitar a generosa oferta, fruto do mais acendrado e puro afecto, embaraçando assim a realização do desejo ardente, acalentado pela alma mais elevada que foi dado ao mundo conhecer.

A luta prossegue. Jesus, o Amor humanizado, procura aproximar-se do homem, objecto de sua paixão — o homem, ingrato e rebelde, incrustado em vícios e misérias da carne, fazendo uma vida mecanizada e material, esquivando-se à sua aproximação.

Jesus, através da justiça e da verdade, da luz e do Bem, buscando o homem para o enobrecer, para o espiritualizar, para o fazer grande e forte, poderoso e feliz, verdadeiramente Filho de Deus, e o homem, apegado às iniquidades e à hipocrisia, às trevas e ao egoísmo, fugindo à sua influência e, com isso, torturando o coração do Divino enamorado.

Tal é na realidade, a paixão do Senhor.

(Continua)

Meditações de Maio

1 — Focalizo todas as minhas energias na realização das minhas aspirações.
2 — Renovo meus pensamentos de acordo com um ideal superior.
3 — Sou paciente e moderado em todos os meus actos.
4 — Respeito, interior e exteriormente, as opiniões dos outros.
5 — Manifesto a prosperidade, que é minha, porém não desejo o alheio.
6 — Em cada um dos meus actos sinto a manifestação de DEUS.
7 — Meu corpo é constantemente renovado pela força do meu pensamento.
8 — Desejo, com todas as minhas energias, a PAZ DIVINA.
9 — Desejo, com todas as minhas forças, a saude e o bem-estar.
10 — Desejo ardentemente para os outros o que desejo para mim.
11 — Minha vida expressa a abundante Vida de Deus.
12 — Vejo Deus manifestado em tudo o que existe.
13 — Minha memória só exprime recordações agradáveis e elevadas.
14 — Procuro ver nos outros sòmente o que eles têm de melhor.
15 — Minhas forças aumentam pela consciência que tenho da Omnipotência de Deus em Mim.
16 — Não há limites para a energia de meu pensamento concentrado.
17 — Minha prosperidade é o resultado de meu desenvolvimento espiritual.
18 — Nenhum desassossego pode perturbar a minha calma.
19 — Sou um contínuo desejo ardente de perfeição e felicidade.
20 — Sou alimentado espiritualmente e materialmente pelo infinito reservatório de Energia — Deus —.
21 — Expresso fàcilmente nobreza e elevação em todas as minhas actividades.
22 — Estou em Paz e Harmonia com todo o meu ambiente.
23 — Vivo em harmonia com a Ordem Universal.
24 — A Vontade de Deus é a minha vontade.
25 — Expresso sincero amor por todos os seres da Criação Divina.
26 — Deus enviou-me à terra para me aperfeiçoar moralmente e, assim, em todas as oportunidades de agir, quero manifestar exuberantemente a minha origem Divina.
27 — Tudo evolui; por isso, em tudo o que me sucede, vejo oportunidades para exteriorizar a Divina Presença que em mim habita.
28 — Deus age constantemente por meu intermédio.
29 — Só emito pensamentos construtivos, porque sei que com as suas vibrações ajudarei todos os meus irmãos.
30 — A luz interior me dirige para meu bem.
31 — Tudo age em meu benefício, até mesmo as coisas desagradáveis que procuram ferir-me. Os sofrimentos promovem o desenvolvimento dos nossos poderes espirituais.

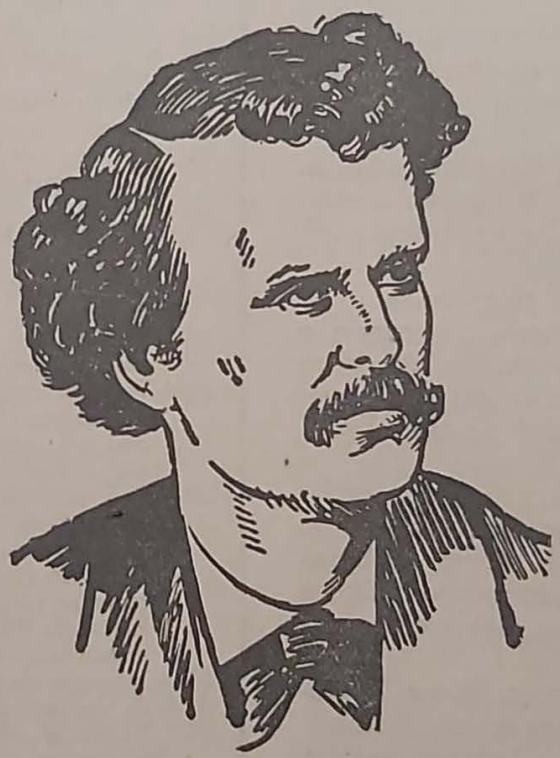
A Vida do médium Daniel D. Home

(Este trabalho é o resumo do livro «Hey-Day of a Wizard» de Jean Burton, feito pelas Selecções do Reader's Digest)

I

CERTA noite de Janeiro de 1863, diversas damas e cavalheiros de alta posição na sociedade parisiense, reunidos no salão de Madame Jauvin d'Attainville, esperavam com impaciência a chegada de um convidado de honra, um tal sr. Daniel Dunglas Home, há pouco vindo dos Estados Unidos.

Mais de seis anos tinham decorrido desde a primeira visita que fizera a Paris este «notável espirita, que afirmava pertencer à mais selecta sociedade dos grandes médiuns». Os parisienses tinham-no achado selecto ainda em outro sentido: Mr. Home fazia questão de ser recebido estritamente como um «igual», e ninguém devia esquecer as conveniências ao ponto absurdo de lhe oferecer dinheiro... Jóias, vestuários, agasalhos de peles, viagens às mais elegantes estações termais, e curas de águas — tudo isso era, no ponto de vista dele, aceitável: mas dinheiro... nem vê-lo! E outra coisa mais: o espirita recusava-se a considerar sequer aqueles convites que lhe não fossem dirigidos por intermédio de pessoa de sua absoluta confiança.



DANIEL D. HOME

Para essa reunião em casa de Madame d'Attainville, o intermediário fora nada menos que o Príncipe Joachim Murat, que o médium conhecera numa sessão espirita dada pela Imperatriz Eugénia nos seus aposentos das Tulherias. Entre outros hóspedes ilustres que ali estavam para saudar Home, contavam-se a Princesa Paulina Metternich e seu marido, o famoso diplomata austríaco e inspirador da Santa Aliança.

Após uma curta e formal conversação de abertura, em francês (que Home falava na perfeição), tomaram todos lugar em volta duma grande mesa. Os candelabros e lustres de cristal lapidado jorravam intensa luz dourada pelo aposento. Home escolheu uma cadeira de braços a uns quatro metros de distância do círculo, chamando de passagem a atenção dos assistentes para o facto de que a mesa se encontrava fora do alcance das suas mãos. E, como era sempre seu hábito, preveniu que Eles (os espíritos) podiam essa noite não estar dispostos a comparecer. Recostou-se então no espaldar da cadeira, e os presentes, emocionados, viram-no empalidecer gradualmente... Porque o olhar dos convidados, no silêncio daquela sala bem aquecida e fulgurante de luz, estava irresistivelmente fixado no rosto do médium.

Os grandes lustres começaram imediatamente a balouçar no ar e uma cadeira avançou do fundo da sala como impelida por uma força irresistível. Na tensão do silêncio que o envolvia, a voz de Home bradou então: «Aqui estão eles! Aqui estão eles todos em volta!»

A Princesa de Metternich não pôde reter um agudo grito de pavor.

E com muita razão: invisível garra de ferro lhe acabava de apertar os delicados dedos... Outras pessoas presentes afirmaram também, com grande excitação, que acabavam de sentir a pressão desses dedos de ferro.

A preciosa tapeçaria que cobria a mesa ergueu-se depois com vagar, e por baixo dela alguma coisa — dirieis oculta mão — movia-se agora de lado para lado, em direcção aos assistentes. O Príncipe de Metternich e outras ilustres personagens pularam de pé para agarrar o misterioso objecto, mas todos eles sofreram a mesma gelada decepção: mal que lhe toca-

vam, a Coisa incoercivelmente se evolava e sumia... Um dos cavalheiros chegou a rasgar o pano da mesa, outros se precipitaram de rastos debaixo desta: para acharem — nada. Já retomavam os seus lugares, quando da mesa lhes veio um demorado e sarcástico tamborilar de dedos — e o pesado móvel se ergueu a alguns centímetros de altura, inclinando-se pesadamente para um dos lados.

Branco como a cal, imóvel, de cabeça descaida para trás, Home já a essa altura entrara em transe profundo. E perguntava agora, naquela voz arrepiante que é a do mistério, se na casa haveria uma harmónica — as condições da sessão estavam-se revelando tão favoráveis, que era bem possível que Eles estivessem até dispostos a fazer um bocado de música... Dois dos cavalheiros presentes ofereceram-se voluntàriamente para buscar uma à loja de música mais próxima.

Regressaram passados minutos, carregando uma harmónica novinha em folha. Home rogou então à Princesa que tivesse a extrema bondade de se pôr em pé, só e no meio da sala, erguendo o instrumento numa das mãos bem acima da cabeça, o mais alto que pudesse.

A esposa de Metternich obedeceu prontamente.. Sentiu primeiro que lhe davam um puxão, e logo, — «assombrada, ouvi de repente, e todos os presentes comigo ouviram, o som duma música celestial, tocada a primor. A nossa emoção atingiu o ápice!»

Aqui terminou a memorável sessão, e todos os que a ela haviam assistido prorromperam em animados comentários e especulações: seria aquilo fruto de alucinação? de hipnotismo colectivo? de passes-de-mão incrivelmente subtis? A Princesa de Metternich comentou o facto assim: «Não é de todo impossível que Home fosse um hipnotizador sem rival; mas nenhum dos processos habituais do hipnotismo nos fora aplicado...» A Princesa faz igualmente notar que, durante a sessão, a sala onde ela decorreu nunca deixou de estar profusamente iluminada; e que Home, que nunca ali estivera, dificilmente poderia ter instalado quaisquer dispositivos para provocar fenómenos.

A ilustre senhora ficou muito impressionada por uma anomalia que intrigou também inteligências muito mais treinadas do que a sua em matéria científica: quando a mesa se inclinava na presença e por acção do médium, por muito elevado que fosse o ângulo da sua inclinação, os objectos nela colocados ficavam todos no seu lugar, firmemente aderentes ao pano, e resistiam a todos os esforços que se fizessem para os deslocar. Mas ainda não é tudo: a chama duma vela, em vez de se conservar na vertical, inclinava-se ao mesmo ângulo que o castiçal e a mesa na qual aquele estava pousado!

Esta demonstração era do tipo das que Home, então na força dos seus 30 anos, organizava às centenas por ano. Não era raro chegar a dar cinco sessões por dia! As mais ilustres personalidades de dois continentes disputavam ansiosamente a honra de o ter como seu hóspede, e ele era quase um ornato indispensável em mais de uma corte europeia. Grande fôra, assim, o caminho percorrido por este obscuro escocês, que em rapazinho emigrara para os Estados Unidos: e todo o seu triunfo ele o devia aos seus inexplicáveis poderes psíquicos.

Daniel Dunglas Home nasceu na Escócia em 1833. Seu pai era filho natural do décimo Conde de Home. Sua mãe era dotada de «segunda visão». Criou-se o rapazinho com uma tia, Mrs. Mary McNeal Cook, que o levou, tinha ele então nove anos, para o Connecticut, nos Estados Unidos. Aos treze anos teve a sua primeira «visão», que consistiu em anunciar com rigor a morte de um amigo distante. Poucos anos depois, o lar dos Cook começava a ser abalado por inexplicáveis acontecimentos, que se sucediam em cadeia: os moveis deram para se mudar silenciosamente de lado para lado; ouviam-se rumores sinistros; certa manhã, estando Daniel sentado para o café, ouviam pancadas que percutiam por toda a mesa...

Aborrecida com aquilo, a senhora mandou chamar a sua casa o pastor da Igreja Baptista, e pediu-lhe rezasse pela cessação das misteriosas aflições, ao que ele acedeu. Mas quando o bom ministro erguia a sua invocação soaram de leve as pancadinhas — e quanto mais veemente era a sua prece, mais rijas e insistentes se iam elas tornando!

Depressa os vizinhos, que logo tiveram notícia de tão estranhos factos, puseram cêrco à casa, crivando de perguntas os seus desorientados moradores. O moço Home dizia-lhes onde encontrar parentes de há muito perdidos, jóias desencaminhadas, títulos de propriedade que tivessem levado sumiço. A certa altura a sr.ª Cook, que já andava farta daquele negócio, não esteve com meias medidas, e pôs na rua, com 17 anos, o pobre sobrinho.

Passava-se isto em 1850, ou seja dois anos, apenas, depois de as Irmãs Fox terem inaugurado o moderno Espiritismo com as suas comunicações do Além, e o moço deu entrada num mundo em que era já considerável a concorrência dos mercadores de transcendentalismo. Por todos os cantos se encontravam médiuns, assim profissionais como amadores, mostrando rostos astrais e mãos fosforescentes, decerrando quadros e fazendo ouvir músicas de espíritos, vozes do Além, provocando luzes sobrenaturais, correntes e bafos de ar gelado. Foram alguns anos de autêntico delírio, durante os quais o total dos membros do movimento espirita entrou pela casa dos milhões. Em parte alguma do mundo, desde a Idade-Média, se vira nada de comparável a isto.

Muito embora Home se dissesse um pobre abandonado, sem amigos, nunca lhe faltou lugar onde pousase a cabeça para dormir. Desde o começo ao fim da

sua carreira, ele soube sempre gravitar certeiramente em volta das eminências sociais, fosse qual fosse o meio onde se encontrasse. Na Nova Inglaterra a sua sociedade eram comerciantes bem fornecidos de capital, médicos, directores de jornais, eclesiásticos liberais, e gente deste quilate. Na França, o princípio manteve-se idêntico — só que os anfitriões eram Imperador e Imperatriz. Por toda a parte era erguido aos píncaros da lua.

As maneiras de Home foram sempre descritas como engenhosas: indicava-se a proferir efusivas expressões de gratidão; e era eminentemente adaptável, — sempre pronto a ajudar meninos que se viam aflitos no preparo da lição, ou a mostrar-se boquiaberto ante o desenho duma nova colcha de cama. A natureza dotara-o, numa palavra, de todas as qualidades necessárias para fazer dele o Perfeito Convidado. Tuberculoso desde a infância, a saude delicada tornou-o desde sempre alvo de carinho e cuidados.

Em toda a sua vida nunca fez um dia de trabalho: tornou-se muito simplesmente, em escala mundial, grandiosa e vitalícia — «o homem que vem jantar»... E os respeitados, severos cidadãos que o convidavam para o seio de suas famílias, foram sempre unânimes em afirmar solenemente a veracidade de acontecimentos desta ordem.

Bastava muitas vezes que Home entrasse numa sala, para que os moveis começassem a vibrar de leve, e a mesa em volta da qual a assistência tomara lugar, de mãos dadas, desatasse a estremecer ou a palpitar. Quando a «presença» era forte, o fenómeno comunicava-se às paredes e ao chão, de tal maneira que a casa inteira vibrava e estremecia. As pancadas soavam indistintamente por todos os lados, e uma brisa fresca começava a soprar através da sala, dando arrepios de frio às pessoas mais sugestionáveis. Depois disto, tudo podia acontecer: umas vezes eram mãos materializadas que saiam de nuvens luminosas, campainhas que tiniam sem ninguém lhes tocar, lenços que pulavam fora dos bolsos para darem, em pleno ar, diante dos olhos assombrados dos seus possuidores, o mais complicado dos nós... Havia pianos bem humorados que empurravam velhas donas respeitáveis contra uma parede; relógios que batiam sinistras badaladas em resposta a indiscretas perguntas. Harmónicas, concertinas, emitiam música, quer estivessem nas mãos do próprio Home, quer nas de qualquer outra pessoa — ou mesmo sem que ninguém lhes pegasse. Esses instrumentos musicais eram o cúmulo: sem deixarem de tocar briosamente, jornadeavam de convidado em convidado. Havia sujeitos cépticos que já vinham de casa munidos dos seus próprios instrumentos, ou que se metiam a desmantelar aqueles que tinham ouvido tocar — sem por isso descobrirem nada de anormal.

A levitação era uma das mais peregrinas proezas de Home, e nessa ele levava a palma a todos os rivais. A primeira notícia que há dum caso desse género data de 1852, e devemo-la a L. F. Burr, redactor do *Hartford Times*. Diz ele: «E súbito, Home foi arrebatado até ao elevado teto do compartimento, com o qual entrou brandamente em contacto, de cabeça e mãos... Nesse instante, posso afirmar que ele próprio ficou ligeiramente assustado».

Naquele mesmo ano Home recebia uma delegação da Universidade de Harvard, constituida pelo poeta William Cullen Bryant, mais os senhores B. K. Bliss, William Edward e David A. Wells. Finda a sessão, assinaram todos quatro uma acta em testemunho de que, entre vários outros fenómenos, quando Wells se sentou em cima duma mesa, esta «sacudiu-se durante alguns momentos com grande violência», acavezes instou conosco para que o segurássemos pelas nas; e nesta posição se manteve, ainda mesmo depois de Bliss e Edward se terem também sentado em cima dela.

Referiram depois o facto de que «Home repetidas vezes instou conosco para que o segurassemos pelas mãos e pelas pernas. A sala estava bem iluminada, e foram-nos oferecidas todas as facilidades para a mais minuciosa das inspecções. *Sabemos que não fomos vitimas de qualquer ilusão, nem de truques.*»

As demonstrações de Home deviam a sua característica mais impressionante a dois traços que lhe davam lugar excepcional, sem paralelo: ele ficava invariàvelmente sentado entre os restantes espectadores, e executava todos os seus passes em plena luz. Caçoava constantemente desses pobres praticantes que só podiam operar em gabinetes escurecidos, ou por meio de cabines espiritas rodeadas de cortinas. Comentava com impressionante gravidade: «Onde reina a escuridão, há sempre a possibilidade de imposturas». Isto explica que Home nunca fosse muito querido dos seus vários confrades em mediunismo.

Home nem sempre caia em transe durante as suas sessões, mas as manifestações físicas eram sensivelmente as mesmas, quer ele entrasse, quer não entrasse em transe. Quando neste estado peculiar, isto é, quando presumivelmente um «espírito» se empossava das suas palavras e acções, Home mostrava-se por vezes muito abalado, tinha e descrevia visões horrorosas, chorava e estremecia, percorrido de arrepios, como se atacado de maleita. Uma vez por outra, os braços punham-se-lhe rígidos e as maxilas tetanizadas. Quando saia do transe e lhe descreviam o que, «durante a sua ausência», acontecera, Home replicava por vezes friamente... que não acreditava nem palavra do que lhe contavam.

Em fins de 1854 Home embarcou para a Inglaterra, onde de há muito o tinha precedido a fama dos seus feitos. Já o escritor Thackeray, por exemplo, ao escrever para o seu país durante o primeiro ciclo de conferências que fez pelos Estados Unidos, lhe tinha aplicado o epíteto de «prodigioso».

À medida que o navio se acercava das costas de

Inglaterra, Home registava com premeditada dramaticidade: «E ali estava eu sózinho, a saude abalada, sem um amigo que me esperasse...» Era todavia sua simples convicção que alguém surgiria sempre, a tempo de lhe suavizar as asperezas do caminho: e com efeito sempre aparecia alguém.

Daquela vez ele levava no bolso uma carta de apresentação para Mr. William Cox, proprietário do Hotel Cox, em Jermynn Street. A cordialidade que Mr. Cox externava em relação aos espiritas era já conhecida nas duas margens do oceano, e «tão cedo ele soube quem eu era, acolheu-me como um pai teria acolhido seu próprio filho». Em termos menos bombásticos: nada lhe cobrou pela hospedagem...

Não tardou que, em Londres, o número dos convites para as casas da mais alta nobreza excedesse de longe a sua possibilidade material de os aceitar. Sir Edward Bulwer-Lytton, o romancista célebre dos *Últimos Dias de Pompéia* e grande narrador de histórias sobrenaturais, conseguiu que Home realizasse várias sessões na sua casa de Park Lane, e uma vez por outra tornou a convidá-lo nos dez anos seguintes.

Não tinha estado muito tempo em Londres, quando a poetisa Elizabeth Barrett Browning, que viria a tornar-se uma das suas fãs vitalícias, conseguiu obter convite para uma das sessões do médium. Durante uma hora de assombros e prodígios, a mais famosa poetisa inglesa ficou sentada, num estado de arrebatamento, com seus negros olhos fulgurando na face pálida e delicada como marfim. Também estava presente o marido, Roberto Browning: mas este franzia a testa em sinal de profunda reprovação por aquela excursão aos subterrâneos da inteligência...

Ocorreu por essa altura o famoso episódio da grinalda: «A pedido do médium (escreveu a delicada sr.ª Browning), a mão espeiritual ergueu da mesa uma grinalda de clematites, e colocou-a na minha cabeça. Essa mão estava tão perto de mim como a mão com que escrevo, e pude perfeitamente vê-la...»

Nem mesmo assim Robert Browning depôs a desconfiança que votara aos ocultos poderes do escocês; a sua teoria no caso era que as mãos do «espírito», ou bem eram «os pés descalços do sem-vergonha», ou então qualquer engenhoca presa aos sobreditos pés. Escreveu por essa época o poema *Mr. Sludge, the Medium,* sátira demolidora cuja inspiração se tornou óbvia para toda a gente, na Inglaterra, excepto para Home, que a fornecera; dizia este, defendendo-se com o mais cândido sorriso, que «não há pessoa, por muito mal que me conheça, capaz de encontrar *nisto* o mais leve ponto de semelhança comigo».

Ao contrário do que se deu com o poeta, Home encontrou prontamente em John Ruskin um adepto fervoroso. O grande crítico, tendo préviamente anunciado que perdera a fé nas religiões reveladas, assistiu às sessões de Home e tornou-se ardente partidário do Espiritismo. Já Charles Dickens, por seu lado, fulminara Home com veemência, acusando-o de impostor. O humorístico *Punch* não deixou de alvejá-lo com a sua sátira. «A imprensa faz-me a honra de me atacar diàriamente», dizia com modéstia o médium, para quem tamanha publicidade não eram penas perdidas.

Quanto à doce sr.ª Browning, dedicou mais espaço na sua correspondência a este profeta Daniel do Espiritismo, do que a qualquer outra celebridade sua conhecida. «Tenho ouvido imensas coisas a respeito da questão Home», dizia ela em carta a sua irmã, «e tudo tende a confirmar o que vi. Robert foi visitar um amigo descrente, que costumava fazer coro com ele contra as pessoas que se deixam lograr por tão absurdas fantasias; pois com grande surpresa, meu marido foi encontrar a casa virada do avesso! Tinham-se tomado as mais diversas precauções — até tinham atado Home de mãos e pés. Pois as mãos do espírito vieram desatar os nós um por um, à vista de todos os presentes! A sala inteira tremeu como abalada por um sismo, a tal ponto que todo o mundo ficou enjoado. Em tais condições, o cepticismo é de todo descabido.»

Elogio da humanidade

Perguntou, certa vez, um lavrador a um santo anacoreta :

— Que devemos fazer, meu Pai, para adquirirmos a humildade ?

Respondeu o Santo :

— É preciso, sòmente, que consideremos nossos defeitos e esqueçamos os alheios, e como a humildade torna o homem perfeito, quando ele a pratica mais se eleva na estima de todo o mundo.

E acrescentou :

— O orgulho querendo elevar a criatura faz, ao contrário, que ela caia no pecado. A humildade, querendo abaixá-la e reduzi-la ao nada, eleva-a até ao Céu. Não confies em ti mesmo, mas coloca tua esperança em Deus.

Faze o que de ti depende e Deus ajudará a tua boa vontade.

Não confies na tua ciência, ou na inteligência de qualquer vivente; confia, antes, na graça de Deus, que favorece os humildes e assiste os que d'Ele precisam.

A alma verdadeiramente humilde é muito corajosa. Quanto mais desconfia de si, mais confia em Deus, que é sua força, dizendo como São Paulo: «Eu posso tudo no Senhor, que me fortifica». Assim, São Tomás mostra que a humildade cristã é a fonte da magnanimidade. Aquele que se recusa às obras santas, mas elevadas e brilhantes, às quais Deus o chama, esse não é humilde, mas pusilânime e desconfiado. A obediência, enfim, é o meio mais seguro para conhecer-se a Voz de Deus.

(De «O Nosso Guia»)

«RESUMO DA DOUTRINA ESPIRITA»

Continuamos hoje a publicar algumas apreciações ao «Resumo da Doutrina Espirita», primeira obra lançada por *Estudos Psíquicos Editora.*

Fala o *Reformador,* órgão da Federação Espirita Brasileira. Os sessenta e três anos de lutas que tem no seu activo dão-lhe aspecto venerando que se impõe a todas as correntes neo-espiritualistas. Sóbrio na análise, avesso ao elogio, as suas palavras são o nosso melhor escudo. Elas nos compensam as canseiras e os dissabores:

Resumo da Doutrina Espirita — *Gustave Geley* — Tradução de Isidoro Duarte Santos.

Gustave Geley, fundador do Instituto Metapsíquico Internacional, foi figura de relevo científico na Europa, mercê de extraordinária e fecunda actividade. Seus livros, alguns raríssimos hoje, atestam seu valor como cientista. Atraído ao estudo do Espiritismo, Gustave Geley, desprezando os preconceitos que costumam entravar o avanço dos homens de Ciência, quando chamados ao testemunho sincero em face dos fenómenos espiríticos, estabeleceu uma corrente fortíssima, que, partindo do Velho Mundo, em pouco se estendeu a outros países, graças à probidade e incontestável cultura do Autor. O confrade Isidoro Duarte Santos, tenaz propugnador da difusão do Espiritismo em terras de Portugal, avocou a si a responsabilidade de traduzir a obra de Geley que serve de epígrafe a esta nota. Pode-se afirmar, em sã consciência e com apego à verdade, que a sua iniciativa correspondeu integralmente ao que dele se esperava. Trabalho bem feito, porquanto as ideias de Gustave Geley foram perfeitamente transportadas para o nosso idioma, sem perderem quaisquer das suas características originais. *Resumo da Doutrina Espirita* é obra digna de figurar em todas as bibliotecas, pelo que encerra de instrutivo. Entretanto, «Gustave Geley não era espirita. Foi o grande animador do movimento científico da Metapsíquica» — diz o tradutor em seu excelente prefácio. Esta circunstância empresta maior relevo às obras de Geley sobre o Espiritismo, por causa da rigorosa imparcialidade de seus conceitos. Não há negar que a *Estudos Psíquicos Editora,* de Lisboa, Portugal, foi muito feliz na escolha feita do tradutor da obra, para inaugurar suas actividades nesse sector. *Resumo da Doutrina Espirita* está enriquecido por valioso «Vocabulário Metapsíquico», organizado pelo Dr. António Lobo Vilela, cuja autoridade, por conhecida, nos dispensamos de realçar. As obras de Geley merecem reeditadas e divulgadas sem restrições, não apenas pelo grande serviço que podem prestar aos espiritas, mas pela influência que não deixarão de exercer entre os leigos do mundo científico, onde o nome do Autor é acatado, não apenas pela cultura por ele revelada, mas também pelos seus pendores de investigador tenaz e rigoroso, subordinado aos imperativos de ordem estritamente científica, embora liberto dos preconceitos que, regra geral, comprometem o raciocínio, destruindo, concomitantemente, a isenção de ânimo indispensável aos julgamentos honestos. Portanto, *Resumo da Doutrina Espirita,* tradução em escorreito vernáculo do confrade Isidoro Duarte Santos e editada por *Estudos Psíquicos Editora,* é trabalho valioso, de recomendação irrestrita.

X. Z.

//

Fala a *Revista Internacional do Espiritismo,* de Matão, Estado de S. Paulo:

Resumo da Doutrina Espirita — O nosso prezado confrade Isidoro Duarte Santos, proprietário de *Estudos Psíquicos,* que se publica em Lisboa, Portugal, ofereceu-nos, com expressiva dedicatória, um exemplar de «Resumo da Doutrina Espirita», importante obra do Dr. Gustavo Geley, um dos mais notáveis investigadores dos fenómenos psíquicos.

A obra em apreço, lançada a lume pela *Estudos Psíquicos Editora,* contém um Vocabulário Metapsíquico da autoria do Dr. A. Lobo Vilela e foi traduzida para a língua lusa pelo confrade Isidoro Duarte Santos, o que é suficiente para recomendá-la aos estudiosos da Doutrina Espirita.

CARTAS ANÓNIMAS

Os epistológrafos rasteiros que nos têm enviado cartas anónimas com insinuações a cooperadores da nossa obra, perdem o sem tempo, que melhor empregado fôra no trabalho honesto e útil, em vez de o utilizarem agredindo e caluniando. Esses produtos defeituosos não conseguem os objectivos que desejam, porque nesta casa não se atendem afirmações que não sejam fundamentadas e autenticadas. Aqui trabalha-se à luz meridiana. Nas organizações de *Estudos Psíquicos* não há *cheques sem cobertura,* razão por que as epístolas não foram entregues... por insuficiência de endereço... Melhor seria que olhassem para si.

MEDITAÇÕES

GÉNESE E MOVIMENTO

por Ramos Pereira

TUDO é movimento. A forma não existe, realmente; é uma aparência motivada por diferenças de movimentos. Não pretendo reviver o idealismo, ao dizer que a matéria é energia e que esta é movimento.

Eu só apreendo o movimento com que puder uniformizar o meu movimento interno. A vibração superior escapa-se. Porquê? O Eu é... um «moto vorticoso», um movimento rotatório fechado.

terno a externo, de potência a acto. A energia gra-

A Génesis foi uma passagem de movimento invífica é uma ondulação de frequência infinita e comprimento zero. «Evolução» é evolução de tipos de movimento, guiada pela Ideia.

A onda propaga-se, mas, no retorno, já não atingiu o mesmo ponto e, assim, não se fechou no círculo, mas numa voluta da espiral cósmica. A energia degradou-se, desceu em frequência o que aumentou em comprimento de onda. Deus criara o Espaço e o Tempo.

O Caminho é um esforço constante para o movimento ondulatório passar a rotatório. Quando isto parece dar-se, surge a matéria. Involução é concentração de movimento, como evolução é exteriorização em onda.

Mas o círculo nunca se fecha, nem mesmo no edifício atómico. A espiral involutiva prossegue até à exaustação; alcançada esta, começa a espiral evolutiva cujas volutas já não podem corresponder às daquela. O Fim não é igual ao Princípio.

A energia saída da matéria debruça-se sobre ela e vivifica-a. A onda modela o vórtice e fica presente como o «espírito» do «moto». A vida é uma síntese de movimentos.

Supera-se um mundo tri-dimensional e entra-se na segunda dimensão do novo mundo espacial — a consciência — porque o tempo é a dimensão característica da «onda vital» que transcendeu o volume.

Na investida dos edifícios atómicos, a onda, rectilínea, (saída da desintegração da matéria), despedaça o equilíbrio e combina aqueles edifícios, quase fechados, pouco resistentes pelo pequeno número de electrões satélites, num sistema aberto, num vórtice de que ela — a onda — é o eixo. Desta abertura deriva toda a instabilidade química dos processos vitais a que a onda dá «individualidade». E individualidade, porquê? Pela maior inércia do novo equilíbrio de movimentos. As reacções orgânicas são mais lentas que as inorgânicas e daí uma tendência mais forte para a conservação do tipo (germe da hereditariedade).

A morte do organismo não significa perda, mas o fechar duma voluta para se abrir noutra mais larga. A palingenesia é a progressão do caminho em espiral. Ao lado da organogénese, a psicogénese.

A «onda da vida», ao sintetizar as protoformas orgânicas, cindiu-se em duas paralelas. Se a morte encerra a espiral das formas, causa maior dilatação na espiral do psiquismo.

No homem, a informe consciência primeva é já auto-consciência, está já no limite da segunda dimensão do novo mundo espacial. A tragédia humana resulta do corpo forçar o espírito à vivência numa espacialidade que, por natureza, já passou.

A super-consciência, o despertar do Ego Superior é a derradeira voluta da onda psíquica no segundo espaço tridimensional.

Para além deste, que novo espaço se abrirá? Que novas dimensões se seguirão?

FILMES DE FUNDO ESPIRITA

No número relativo ao mês de Janeiro último, lembrávamos nós que seria interessante os leitores de Estudos Psíquicos *fossem indicando os filmes de fundo espiritualista de que tivessem conhecimento.*

Bem sabemos que eles são poucos; no entanto vão aparecendo. Aí vai um para a colecção: Um lugar no Céu, *filme da «Metro-Goldwyn-Mayer», todo desempenhado por artistas negros. Trata-se de uma comédia musical que nos apresenta o problema da sobrevivência da alma, após a morte do corpo físico.*

Não é espectáculo para toda a gente, pois pessoas que junto de nós se encontravam, iam declarando:

— Mas que grande maçada! Que aborrecimento!

É que não compreendiam a luta estabelecida entre o pecado e a consciência.

Aquele quadro em que marido e mulher acordam no Além *junto do seu* Anjo da Guarda, é assombroso.

Tenhamos coragem para afrontar os ridículos do mundo e o seu desprezo, quando manifestarmos a nossa opinião em assuntos espiritas.

Alcobaça, Março de 1946.

Bernardo Correia de Almeida

FILOSOFIA NEO-ESPIRITUALISTA(*) II

METAFÍSICA

por Ramos Pereira

I — Objecto, método e divisão

A Metafísica, como dissemos na Introducção, procura responder às supremas questões do pensamento humano. Transcende as demais ciências filosóficas e naturais para interrogar as causas, as leis e os princípios últimos.

Sem dúvida que o seu ponto de partida é a experiência mas, desta, tira a razão, por via lógica, a síntese do Universo. Até agora, os filósofos, quando se trata de Metafísica, em vez de procurarem uma explicação global, teem-se dessorado em esgotar a parte. Pelo contrário, a metafísica neo-espiritualista, envolvendo a filosofia científica e a metafísica clássica, mostrou a unidade onde antes o espírito se perdia em conjecturas.

E, assim, na ontologia e psicologia racional, êle completa a psicologia do comportamento, como na psicologia transcorpórea ou metapsíquica culmina a neopsicologia experimental e na filosofia científica os dados da ciência. Tudo visando, na síntese da teologia um melhor conhecimento da ideia de Deus, atravez da biologia e cosmologia racionais.

Parte I — ONTOLOGIA

Se, aos poucos formos sintetisando as ideias particulares em ideias gerais e estas em universais, atingimos alfim dois conceitos que englobam a multidão de tudo: — orgânico e inorgânico. Como uni-los agora? Só pela transcendência do pensamento, isto é, desligando os conceitos dos últimos restos de particulariedade, de forma, ficando apenas a essência pura. Ora esta essência é afinal aquilo que nas ideias particulares as tornam como resquício de imagens, realidades subjectivas exteriores a nós.

De facto, se o mundo não é uma ficção como pretendiam os idealistas, a existência do mundo é a essência pura do próprio mundo. Logo a ideia última — a ideia de «ser» — transcendental pela sua origem, é una na universalidade, una e análoga pois que sem deixar de ser a mesma abrangemos nela objectivos em si mesmos diversos na sua realidade objectiva total.

Toda a mudança do ser é explicada por causas e não por uma causa. Para que a mudança se dê é necessário que haja algo que actue sôbre a potência para a fazer passar a acto (causa eficiente) e para isso há o concurso do instrumento (causa instrumental), essencialmente incompleta, que actua sob a moção da causa eficiente.

Na substância temos a considerar as causas material, formal e exemplar. A causa material é a própria substância em si, o meio em que se dá a mudança. A causa formal é a substância em potência, e a exemplar a susbstância já em acto. Isto é, elas não são mais que elementos da mudança e não causas pròpriamente ditas.

Contudo, a mudança tende sempre para um fim que é a consequência do acto (causa final).

Parte II — PSICOLOGIA RACIONAL

II — A alma

O paralelismo psico-fisiológico e a neo-psicologia experimental mostraram-nos a realidade da substância-alma. Qual a sua natureza?

Notemos que as faculdades, não sendo potências separadas, mas sim aspectos do todo, e que a consciência apreende por igual forma todos os fenómenos ditos psicológicos atribuindo-os ao «eu», então a alma é una. Se em vez de una, ela fosse um composto, cada uma das partes tomaria apenas conhecimento de si própria, olhando as restantes como extranhas, mas a reflexão prova-nos que a alma pode abranger-se num golpe da consciência, isto é, que, sendo una, é simples e apenas decomponível na medida em que o acidente se distingue da substância.

Por outro lado, a teoria das faculdades mostra-nos que, para além do fenómeno, o ser continua como era antes, pois que o fenómeno em nada altera a natureza da substância. Na realidade, se a cada mudança, mudasse a substância, seria impossível a recordação ou teriamos de considerar a memória como uma potência exterior ao «eu». Logo a alma é idêntica. É o grande princípio da unidade do homem ligado ao condicionalismo físico pelo perespírito. A neo-psicologia experimental mostrou como o espírito (alma e perespírito) é capaz de sentir e pensar sem o concurso da matéria.

Através do perespírito, a alma recebe a influência externa sob a forma de vibrações (DAL POZZO)

Muito embora simples, a ideia metafísica do ser — aquilo que é — tem uma constituição intrínseca de realidade, explicável pelos seus princípios. Com

(*) Ver *Estudos Psíquicos* de Julho de 1944 a Março de 1946.

efeito, o ser muda sem que, porém, perca a sua natureza. Mas se muda é porque a mudança estava latente em si, isto é, a mudança continha-se no ser como uma tendência deste. Logo que a mudança se deu, o poder passou assim a acto. Há pois na ideia do ser um elemento determinante — a potência — e um elemento determinado — o acto. A mudança exprime-se assim na passagem do determinante ao determinado; a mudança é movimento.

Mas na ideia de ser não abrangemos apenas o ser «em si», isto é, o ser que existe em si mesmo — a substância — mas os modos de ser da própria substância — os acidentes. Abrangemos assim o ser e as categorias. Esta existência é evidente. De facto, tudo o que é, ou é em si mesmo ou é um modo de ser. Suponhamos que apenas a segunda hipótese se dava; então tinhamos modos de algo irreal e inexplicável, pois que à razão repugna a compreensão dum ser apenas feito de modos. Por outro lado se o ser muda, não quer dizer que deixe de ser substância, mas sim que um modo afecta essa substância. Na própria mudança está um acidente da substância.

A qualidade e a quantidade são categorias difíceis de destrinçar nos seus conceitos transcendentais. Defini-los em circulo vicioso é não defini-los. A meu ver, são acidentes puros da substância. Se a substância é finita nesta sua própria característica reside o fundamento da quantidade. A qualidade está na forma da substância finita. Se idearmos a substância infinita, esta será apenas substância, pois que nenhuma categoria seria comportável com ela a não ser uma relação necessária com a substância finita, revelada na causa última desta.

Depois destas categorias puras, os outros acidentes exprimem mais um acidente entre a substância e o acidente puro que um acidente da própria substância. Assim, a relação ou é um acidente entre duas substâncias ou um acidente entre os acidentes. O tempo é a medida quantitativa do movimento; é, pois, uma outra categoria. O lugar exprime o acidente de relação entre a substância e o meio.

Mas o ser, ainda que seja substância, que exista «em si» mesmo, não existe «por si»; há sempre algo que faz com que o ser exista e êsse algo é a causa. A causa supõe uma relação de influência positiva entre a sua substância e a substância do ser-efeito. Distingue-se assim da simples condição, pois que, posta esta, não é por isso que o ser existirá, mas sim que as causas terão possibilidade de produzir o ser, fulcro energético. Por sua vez, o pensamento que dimana é uma radiação energética que a vontade condiciona. Para mim, a alma parece-me um núcleo de energia condensada, em que a sensibilidade exprime o seu poder de reacção às excitações externas; a inteligência o poder de abranger essa própria reacção e a vontade o poder de se determinar. Digamos um fulcro de energia consciente.

O seu envólucro é o perespírito, duplo de matéria fluídica, capaz de vibrar e transmitir as vibrações. É essencialmente passivo pois não nos devemos iludir com a pretensa actividade duma transmissão simples.

III — Imortalidade

Não sendo o espírito material, não estará êle subordinado à desintegração orgânica chamada morte? Será capaz da imortalidade?

Sendo a alma una e simples, indecomponível e idêntica é provável que se não desfaça juntamente com o corpo. O argumento moral da responsabilidade reforça ainda esta hipótese, pois que mostra uma razão especial para a sobrevivência. Se há justiça, — seria justo estar o bom e o perverso nas mesmas circunstâncias? Para que serviria então praticar o bem e evitar o mal? Seria justo não haver uma sanção e um prémio perfeitos que a sociedade e a consciência moral não dão? Seria justo que no túmulo terminasse o homem?

Não. O nosso ideal de justiça rebela-se contra estes pensamentos. Na sobrevivência da alma está pois o «modus operandi» da Justiça. Mas também a condenação eterna vai de encontro à ideia de Deus. (Cf. Teologia). Com efeito, se Deus é infinitamente bom, manietaria para sempre a alma humana aos seus desvarios? Não lhe daria as armas para conseguir resgatar as suas culpas? O mesmo argumento moral nos obriga a aceitar estas premissas. Onde se faria o resgate? Na forma de espírito. Nesse caso seria apenas o arrependimento a forma de conseguir o perdão.

E com tal seria a alma recompensada e o mal purificado pelo bem? Não valeria mais proceder na Terra conforme quiséssemos... arrependendo-nos depois na condição de almas?

Logo é lógico que concluamos que no mesmo lugar em que se praticou o mal se vá resgatar este pelo bem. Pode-se falir e tentar de novo.

Isto é, as razões que exigem a imortalidade da alma, exigem concomitantemente a reincarnação, a pluralidade das existências.

A alma é imortal, é a causa inteligente dos fenómenos espíritas que estudámos.

Quando o corpo se desintegra, a alma abandona juntamente com o perespírito (pois que a natureza deste lhe exige uma sobrevivência mais ou menos longa), o seu envólucro carnal pela quebra do laço fluídico que se nota nos duplos de sonâmbulos (exteriorização da sensibilidade).

A intuição diz-nos que a Terra não deve conter o somatório de todas as condições possíveis ao progresso kármico. Doutro lado, não será possível entre tantos milhares de sistemas solares a existência de mais planetas com condições de vida semelhantes às da Terra? E não poderá mesmo um qualquer planeta ter a vida dentro de outras condições? (Cf. FLAMA-

COMO EU PENSO

pelo Dr. S. Ramos Cruz

EXISTE uma Verdade absoluta, infinita de expressões. Em torno dessa Verdade pululam verdades de toda ordem, concepções humanas, idiossincrasias, entusiasmos, fanatismos, etc. Tudo é necessário, inclusive o lado mais errado, por serem os contrastes a evidência da grandeza da Causa e o móvel que projecta o indivíduo em busca da perfeição. É bom indício a liberdade de raciocínio, porque é honrar o Criador, visto que por Êle e mais ninguém, somos emotivamente livres. O mal é, embora de maneira relativa, o escravizar-se o indivíduo a princípios estabelecidos, formas de crer, dogmas.

Estes nossos dizeres vão de propósito, por via do que se discute em torno do factor Espírito Santo. É, sem dúvida, o caso bem digno de estudo atencioso por ser um ponto-chave do Cristianismo, por ser ele a pedra sobre a qual o Cristo fundamentou sua Doutrina.

Quais as diferenças discussionais? Espírito Santo como símbolo dos bons espíritos, de um lado; Espírito Santo como mediunidade, de outro. Quem discute? De um lado, Allan Kardec e de outro, Osvaldo Polidoro. Que faço eu? Aprecio os confrontos e julgo por mim mesmo. Que acho melhor? Tudo é bom, quase que dá tudo no mesmo, no meu modo de ver e de sentir, através o estudo da Escritura. Vejamos, começando da expressão do Cristo:

> «Em verdade, em verdade te digo, que quem não renascer da água e do Espírito Santo, não pode entrar no reino de Deus.» (João, 3:5).

Aqui, na expressão lídima e indiscutível do Mestre, não sobra elemento para se ter o *renascer do Espírito Santo,* senão como desdobramento de virtudes internas, iluminação interior, auto-santificação. E o Sr. Polidoro diz que Mediunidade é uma síntese das virtudes auto-elaboradas, expressão de valores morais e espirituais despertos. Outro texto, que faz crer na tese polidorista, é o citado por João, em Cp. III vs. 34, porque diz:

> «...porque não lhe dá Deus o Espírito por medida»

Que Espírito tinha o Cristo sem medida? Espíritos comunicantes? Virtudes? Essa expressão de João baseia-se em Isaías, cap. 61:1; cap. 63:10; cap. 42:1; cap. 11:1, e outros profetas dizem que o Cristo viria com o Espírito do Senhor, sem medida. Parece que o melhor é crer como virtudes espirituais, mediunidades, qualidades, faculdades e não cheio de espíritos ou entidades pessoais. E do que disse Jesus, em João, 7:38 e 39, o que se deduz? Vejamos, pois que entrosam-se o dizer do Mestre e o conceito complementar de João:

> «O que crê em mim, como diz a Escritura, do seu ventre correrão rios de água viva. Isto porém dizia êle, falando do Espírito, que haviam de receber os que cressem nele.»

Se é espírito comunicante, vem de fora; se é manifestação mediúnica, é de dentro, porque é patrimó-

---

RION in «Vida dos astros»). É possível e dentro desta possibilidade eu vejo a Lei do Karma a abraçar o Cosmos como a verdadeira Lei da Vida, lei de aperfeiçoamento que é no fundo a lei única da evolução.

Assim, a alma vai animando progressivamente vários corpos até atingir a perfectibilidade. Como dizia RAYNAUD e que muitos outros confirmam, a alma longe da matéria é capaz de recordar todas as suas vidas passadas. E não será esta visão do percorrido um incentivo para o caminho a percorrer? A erraticidade no espaço é necessária à alma, pois nela ganha fôrça e conhecimento. É nessa erraticidade que as almas afins se chamam, edificando conscientemente as cidades que tantos descrevem aos vivos (Cf. G. DALE OWEN in «Vida além do véu»). Esses centros não são mais que a imagem da sua própria maneira de sentir que, exteriorizando-se numa forte corrente de pensamento e vontade, molda e grava no ambiente meta-etérico o mundo das almas.

No estado de erraticidade, a alma sente o palpitar da sua consciência que a acusa ou premeia. Na paz do dever cumprido está o céu e no remorso o inferno, o purgatório na reincarnação que só por missão é compatível com o estado de pureza. A visão da «gehenna» onde há «prantos e ranger de dentes» é explicável também pelo próprio estado dos espíritos que aí se encontram. Chamando-se pela afinidade de pensamentos, a insatisfação dos seus apetites bestiais causa-lhes uma tortura infernal... São os lugares do sofrimento mas não do sofrimento eterno.

Penetremos agora nessas regiões de luz e de trevas, auxiliados pelas inúmeras comunicações até agora recebidas.

nio congénito, que carece apenas de ser patenteado. Se corre como rio de água viva, são virtudes; se recebe de fora, não o são, no sentido comum de se entender. As expressões são diferentes entre si, facilitam a dupla interpretação. Se formos encontrar o critério de Pedro na primeira epístola, v. 12, temos que concordar com a tese polidorista, mas mesmo assim, de algum modo, como sendo a mediunidade coisa ou virtude vinda de fora:

> «...havendo sido enviado do céu o Espírito Santo, ao qual os mesmos anjos desejam ver.»

Anjo ou espírito é a mesma coisa; si os anjos ou espíritos queriam ver ao Espírito Santo manifesto na carne, fatalmente não se trata de espíritos comunicantes, pois eles quereriam ver-se a si próprios?

Paulo diz, em Romanos, V:5:

> «...a caridade de Deus está derramada em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi dado.»

Mas em que forma? Na 1.ª Ep. aos Coríntios, Paulo diz que Espírito Santo são dons espirituais e cita nove faculdades, dizendo que é um só Espírito manifesto de maneiras diferentes; são dons espirituais:

> «Porque a uns pelo Espírito é dada a palavra de sabedoria; a outros porém a palavra de ciência, segundo o mesmo Espírito; a outros a fé pelo mesmo Espírito; a outros a graça de curar as doenças em um mesmo Espírito; a outros a operação de meliagres, a outros a profecia, a outros o discernimento dos espíritos, a outros a variedade de línguas, a outros a interpretação das palavras. Mas todas estas coisas obra só um e o mesmo Espírito, repartindo a cada um como quer». (I Ep. Cor. 12: 8 a 11).

De outra feita manda Paulo evitar o vinho excessivo que gera a «debacle» geral, e encher-se do Espírito Santo; bem se vê, como diz o Sr. Polidoro, não se empanturrar de espíritos e sim de virtudes. Porque as virtudes despertas é que facilitam as comunicações e fenómenos anímicos. Pelo menos, tudo o que diz a Bíblia em matéria de sinais e prodígios em virtude do Espírito Santo, sem mediunidade não o seriam, não se dariam, mesmo com os espíritos sempre presentes, como sempre foi e é natural, pois sempre estiveram ao lado da humanidade encarnada. Essa é a razoabilidade que encontramos em o ter dito Jesus, que expelia os maus espíritos em virtude do Espírito de Deus ou Santo, isto é, faz crer mais na santidade do indivíduo, cuja mediunidade é efeito, do que na presença dos espíritos comunicantes, que é apenas consequência natural da vida. Não fosse isso, porque não conseguiram os Apóstolos expelir espíritos que Jesus conseguia? Não seria por falta da presença de espíritos bons, mas por falta de valores mediúnicos neles? É racional tudo isso, pois ainda mais diz o Mestre, que contra Ele é menos crime falar, do que contra o Espírito Santo, em virtude do qual obra prodígios. E nós sabemos que sem mediunidade não há sinal, que é ela a chave da hermenêutica toda.

No dia do baptismo de Espírito Santo, o Pentecoste, houve manifestação mediúnica e comunicação de espíritos, falando línguas diversas; e as expressões são duplas de sentido, isto é, valem como sendo o Espírito Santo, quer os bons espíritos, quer mediunidade:

> «E foram todos cheios do Espírito Santo, e começaram a falar em várias línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem.» (Atos, II: 4).

Em todo caso, o fenómeno em sua ordem é produto da mediunidade ou dom e não do espírito comunicante. É conhecido que, encarnados ou não, todos ficamos na espectativa mediúnica, facultativa do fenómeno.

Em Joel, II-28, quando fala do derrame de Espírito Santo sobre toda a carne, especifica as faculdades ou dons; e no Salmo 67-19, fala também nos dons. É por isso que Paulo, sempre que fala do Espírito Santo, diz que está na carne. Ele quer dizer que é virtude pessoal, dom espiritual, tal como lemos:

> «E assim o que despreza isto, não despreza a um homem, senão a Deus, que pôs também o seu Espírito Santo em nós-outros». (I Ep. Tess., IV: 8).

> «Guarda o bom depósito pelo Espírito Santo, que habita em nós outros». (II Ep. Tim., I: 14).

> «não por obras de justiça que tivéssemos feito nós-outros, mas segundo a sua misericórdia, nos salvou pelo baptismo de regeneração e renovação de Espírito Santo». (Ep. Tito, III: 5).

> «confirmando-a ao mesmo tempo Deus com sinais e maravilhas e com virtudes diversas e com dons do Espírito Santo, que repartiu segundo a sua vontade». (Ep. Heb., II: 4).

De outro modo, muitos textos fazem crer que Espírito Santo seja espírito comunicante. O que é facto é que o Espiritismo está de parabens, porque como espírito comunicante, no sentido colectivo que lhe

Notas & Comentários

Intransigência ...

Do *Mundo Espirita*, do Rio de Janeiro, transcrevemos a seguinte nota subordinada ao título com que encimamos estas palavras:

«O principal objectivo do Espiritismo é a verdade. Todos os trabalhos espiritas procuram justamente a verdade, que é a maior aspiração do espirita. Ora, se assim é, devemos dizer as coisas com clareza, sem qualquer subterfúgio, quando nos é dada a oportunidade de esclarecer, de orientar ou aconselhar aqueles que, à procura de luz, recorrem a casas espiritas. Assim não pensam, entretanto, alguns confrades. É o que parece. Há sociedades espiritas onde a a transigência é demasiada. Transige-se com o erro, deixa-se a assistência na ignorância, sob o fundamento, aliás fraquíssimo, de que «o povo ainda não está em condições de compreender o Espiritismo tal qual ele é...». A desculpa é inaceitável. Então, para ser agradável aos curiosos, para impressionar melhor, para atrair frequentadores, é admissível que se permitam práticas que se não enquadrem nos ensinos da doutrina?! É certo que devemos ter tolerância para os que ainda preferem algumas práticas atrasadas. Mas a tolerância não deve chegar ao extremo de sancionar o erro. Há confredes que, quando advertidos sobre a inconveniência de praxes ou sistemas que colidem com a doutrina, alegam que «ainda não é tempo», que «o povo ainda não está preparado para praticar o verdadeiro Espiritismo», etc., etc. Se todos chegassem a pensar e a agir deste modo, jamais haveria progresso, porque a prática espirita ficaria sempre no círculo vicioso. Mas, em sã consciência, a doutrina manda que se diga a verdade, pois o Espiritismo veio tirar o povo da ignorância, do fanatismo e da confusão. Logo, para servir à verdade, não se deve conservar aquilo que está errado.

É o que temos feito sempre em *Estudos Psiquicos*. Acima de tudo, a Verdade. É com a Verdade que lutamos; é com a verdade que orientamos, é com a verdade que nos impomos a todos, amigos e adversários. Se o Espiritismo não precisa de muletas na sua caminhada, para que admitir nele práticas que se não coadunem com a Doutrina? Tolerância é uma coisa e cumplicidade é outra. Por isso, apoiamos inteiramente as palavras de *Mundo Espirita*. São palavras de verdade, e, como disse o Mestre, *Só a verdade nos fará livres.*

Acção e Propaganda

Como dizemos noutro lugar, o *Núcleo de Acção e Propaganda Estudos Psiquicos* vai entrar num período de grande actividade. Após larga distribuição de revistas e folhetos no meio profano, com que iniciou a sua tarefa, prepara-se para a realização da primeira conferência num teatro de Lisboa, à semelhança da que há três anos promovemos no Cinema Condes.

O homem sobre cujos ombros vai pesar a responsabilidade de expôr aos leigos a filosofia espirita é o nosso colaborador Álvaro Ramos Pereira, um novo cheio de qualidades para impulsionar a obra que estamos a realizar e que requer o concurso de inteligências e boas vontades postas ao serviço do objectivo comum. Ele saberá, porém, desempenhar-se dessa difícil missão, através do seu verbo privilegiado. Estamos convencidos do êxito da empresa. Assim como Faure da Rosa triunfou no *Condes*, Ramos Pereira triunfará no trabalho que o espera e há-de consagrá-lo absolutamente como propagandista de expressão fácil e aliciante. Os que o conhecem e têm apreciado a polimorfia do seu talento quase sempre original sabem que estas palavras não envolvem lisonja de alguma espécie, mas que representam a expressão da verdade.

O *Núcleo de Acção e Propaganda Estudos Psiquicos*, pretende mais alguma coisa do que, em matéria de Espiritismo, se tem feito em Portugal; e Ramos Pereira, como membro desse Núcleo, anseia por novos métodos de difusão doutrinária, oferecendo o ordenado esforço em tudo quanto esteja ao seu alcance.

---

deu Kardec, ou como mediunidade, que facilita a comunicabilidade deles, como diz o Sr. Polidoro, o que se tem é a prova de que o Espiritismo é o Cristianismo vivo de Jesus, o Cristo, a lídima doutrina que revela a Verdade que livra, como o Senhor disse.

Este comentário o fizemos, por via de uma crítica feito pelo Sr. Ramos Pereira, em *Estudos Psiquicos*, sobre o livrinho «Que Fizeste do Baptismo do Espírito Santo?», do Sr. Polidoro. Como não há dogmatismo no Espiritismo, é bom dar campo para que milhões de cristãos estudem a tese, coisa possível, se a nobre Directoria da Revista o publicar.

S. Paulo.

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

Hospital Espirita Pedro de Alcântara

Os leitores têm conhecimento do esforço contínuo exercido pela Associação Espirita Obreiros do Bem, do Rio de Janeiro, em prol da construção do Hospital Pedro de Alcântara, para cuja instituição o nosso prezado confrade Agostinho Pereira de Sousa, presidente daquela agremiação, ofereceu um belo imovel, sito à Rua Alexandrina, 181-191. Pois esse magnifico empreendimento acaba de chegar à meta, com inauguração entusiástica do Hospital, que exigiu milhões de cruzeiros para se erguer agora, como corolário do trabalho gigantesco dum pugilo de irmãos de boa vontade.

O Hospital, como fàcilmente se depreende, tem como objectivo o tratamento de doenças mentais, ou seja a cura de obsidiados, a quem a medicina terrena dedica esforços louváveis, mas por enquanto insuficientes e por vezes inadequados.

Longe de nós o intuito de atacar a medicina, que respeitamos e estimamos, a pesar de seus erros naturais. Apenas excluimos do nosso apreço os médicos que industrializam a profissão, vivendo principescamente à custa da miséria alheia. Esses terão o pago, quando despirem as roupagens corpóreas e puderem compreender em toda a acepção os valores morais que lhes forem atribuidos.

Pois o Rio de Janeiro acaba de ser mimoseado com uma realização extraordinàriamente grandiosa e coube à citada agremiação espirita a honra de materializar essa ideia generosa e altruista de aliviar os que sofrem, quantos deles sem esperanças de cura!

Para se avaliar a extensão da obra a que nos referimos e da qual falaremos oportunamente em desenvolvido relato, basta dizer que as despesas estão calculadas em 35.000 cruzeiros mensais.

Mas os dirigentes da empresa estão vigilantes e precavidos. E assim já iniciaram a construção, na mesma área do terreno, duma casa de saude para fornecer o rendimento indispensável, pois o Hospital Espirita Pedro de Alcântara presta assistência gratuita a todos os internados, que podem atingir o número de sessenta.

Se a parte material foi objecto dos maiores cuidados, objectivando aparelhagem modernissima, o corpo clínico não mereceu menos atenções, pois é constituido pelos mais ilustres nomes da especialidade, a começar pelo seu Director Clínico, Dr. Morais Coutinho, assistente do Professor Henrique Roxo e professor de psiquiatria da Faculdade Nacional de Medicina. Além disso, conta também com um belo corpo de enfermeiros bem treinados e com elementos utilissimos de terapêutica espiritual.

O nosso prezado irmão Agostinho Pereira de Sousa, grande alma e grande coração ao serviço da Caridade, deve sentir-se jubiloso ao inaugurar um monumento de amor ao próximo em que pôs toda a sua dedicação, todo o seu disvelo de espirita sincero e devotado.

A inscrição esculpida na fachada: CIÊNCIA ALIADA Á FÉ AO SERVIÇO DO AMOR, é síntese magnífica em que estão comprendidos os objectivos e os sentimentos daqueles que em boa hora preencheram lacuna tão premente.

Comprou um cão... e foi curado de tuberculose

O caso que vamos contar lêmo-lo no *Psychic News* de 14 de Julho de 1945. É realmente curioso notar a série de coincidências que se verificaram nesta cura admirável. A narração podia muito bem começar assim:

«Era uma vez um músico que foi comprar um cachorrinho e foi salvo de tuberculose por um médium curador...»

Há seis anos, quando viviam numa cidade da costa, a mulher do médium-curador londrino A. B. dedicava-se a domesticar *terriers* escoseses e anunciou a venda dalguns cachorros. Apareceu então um individuo chamado Jack Filmer, músico de profissão que estava a cumprir um contrato na cidade.

O filho mais velho de A. B. resolvera nessa semana aprender a tocar tambor (tímbales) e tratou de arranjar uma instalação apropriada, resultando daí sólida amizade entre ele e o músico, a ponto deste último visitar amiudadamente, com sua mulher, a casa do médium curador.

Numa dessas visitas e enquanto jogava o «Monopólio», A. B. ouviu a voz dum espírito que dizia:

— O vosso jovem amigo está tísico.

No fim da visita, o curador contou o caso à esposa e resolveram não tocar no assunto ao amigo.

Na próxima semana, telefonou nervosamente a mulher de Filmer, para comunicar que seu marido tivera hemoptises e que o médico havia diagnosticado tuberculose. E como A. B. vive para o Espiritismo, alguns dias depois Jack Filmer e sua mulher instalavam-se em casa do médium e o músico começava a receber tratamento.

O inesperado interesse do filho de A. B. pelos tímbales era «coincidência» aparente no sentido da realização do plano estabelecido, que parecia gizado pelo mundo espiritual, visto que o rapaz, sób a direcção do músico, pôde facilmente substitui-lo na orquestra, enquanto durou a enfermidade.

Alguns dias depois do início do tratamento, chamaram um especialista, o qual declarou que Filmer deveria entrar num sanatório, logo que houvesse possibilidade, acrescentando que a radiografia mostrava afecção dos dois pulmões que já se tinha estendido ao estômago. Fez o caso escuro e não deu muitas esperanças ao doente.

À noite, numa sessão realizada pelo médium e por sua mulher, o espírito da avó do doente comunicou-se, revelando espontaneamente a sua identidade, desconhecida de ambos, e declarando que amigos invisíveis trabalhariam juntamente com A. B. e que Filmer estaria curado *seis meses* após aquela data.

Antes de entrar no sanatório, Filmer esteve alguns meses em casa do médium a receber tratamento diário, ministrado a distância, isto é, da sala das sessões para o seu quarto de dormir.

Dias antes da partida, A. B. assistiu a uma sessão de psicometria. A médium pegou no relógio de A. B. e disse que ele estava a fazer tratamento a um rapaz dos seus vinte anos que sofria de dores no abdome.

O curador confirmou a primeira parte da afirmação, mas negou as dores de estômago.

— Ele sente as dores neste momento — disse a médium —. É efeito do tratamento e piorará esta noite. Ficará muito assustado e o senhor há-de fazer-lhe tratamento directo aqui (e indicava o estômago). Depois, ficará completamente restabelecido.

Quando voltou, A. B. soube por sua mulher que o doente fôra acometido por tantas dores no abdome, que se viram na necessidade de chamar o doutor, o qual saira nesse instante, deixando duas pílulas para Filmer tomar.

— O único medicamento que tomou, enquanto aqui esteve! — disse A. B. com ênfase.

Às duas horas da manhã a senhora Filmer acordou o médium para lhe dizer que seu marido tinha temperaturas elevadas e muitas dores. Estava alarmada e perguntava se deveria chamar o médico.

A. B. sossegou-a, dizendo-lhe que esperava aquela reacção do enfermo e que ia tratá-lo directamente.

Embora o médium, em regra, trabalhasse em estado de virgília, desta vez caiu em transe. Filmer disse-lhe depois que durante o tratamento sentira outras mãos sobrepostas às de A. B., mãos que lhe faziam pressão no estômago.

Alguns dias depois de chegar ao sanatório, Jack Filmer foi colocado na enfermaria dos casos graves, em virtude do que acusava a radiografia tirada três meses antes. *Ali, sete doentes tinham morrido em quinze dias.*

Quando o médico de serviço observou Filmer, insistiu na afirmação de que devia ter havido engano. Ou o doente não era Jack Filmer, ou tinha havido troca de radiografia. Ele nada tinha que estar ali!

Isto é o bastante para dizer que, *seis meses depois* da comunicação da avó do enfermo, Filmer teve alta, inteiramente curado, e fez uma longa viagem naquela região, em serviço profissional. Dois meses antes, tivera uma recaida no hospital; mas depois de variadíssimas experiências deram-no como absolutamente curado daquela grave doença.

A. B. acrescenta mais o seguinte pormenor a esta maravilhosa cura: Antes da inesperada amizade resultante da compra duma cachorrinha escosesa, ele e sua mulher aceitaram voluntàriamente duas crianças evacuadas e prepararam-lhe os necessários alojamentos. As evacuadas nunca se materializaram, ao contrário de Jack Filmer e sua mulher...

O articulista narra como A. B. caiu pela primeira vez em transe. Fez muitas experiências inuteis com a família. Uma vez, porém, enquanto lia em torno do fogão, foi inesperadamente controlado pelo seu guia, que falou numa língua estrangeira que eles ignoravam por completo. Um dos seus filhos estava no baloiço; sua mulher fazia malha e outro filho estava a estudar precisamente a língua em que o pai falou, em transe. Este compreendeu fàcilmente as palavras proferidas. Queriam dizer que seu pai devia concentrar a atenção no desenvolvimento das faculdades curadoras. Um dos efeitos é a história que se acaba de contar...

Federação Espirita Brasileira

Uma notícia auspiciosa: a Federação Espirita Brasileira está a desenvolver extraordinàriamente a expansão do livro espirita, cujas edições se esgotam constantemente, num crescendo admirável e consolador. Esta circunstância levou aquela Federação a encarar a fundo o magno problema, tentando resolvê-lo o mais urgentemente possível e de acordo com os interesses da colectividade e da propaganda.

Neste sentido, há muito que o *Reformador* veiculava artigos duns e doutros, tendentes ao mesmo objectivo comum: ampliar a Livraria Editora, dando-lhe elementos de vida nova para enfrentar as exigências de leitura que se faziam sentir nas regiões de língua portuguesa.

E assim, em 5 de Janeiro último se reuniram muitos sócios desta agremiação, a fim de ouvir uma exposição da Presidência e tomar medidas para a resolução do problema de aumentar a produção e diminuir o custo do livro espirita.

Segundo relata, em artigo, o nosso amigo Ismael Gomes Braga, o Presidente Wantuil de Freitas expôs minuciosamente a situação, conforme resumimos:

«Deixamos de atender muitas encomendas de livros por não podermos editá-los em quantidade suficiente. De todos os pontos do país chegam reclamações de propagandistas: «necessitamos de mais livros e a preços reduzidos!». Como as oficinas da Federação não podem atender esses legítimos desejos, há que aumentar as oficinas, adquirindo terreno para construir um barracão e comprar máquinas. A directoria já assinou o compromisso de compra de amplo terreno na Rua Figueira de Melo, 410, pelo preço de 1.250.000,00 cruzeiros e encomendou dos Estados Unidos uma grande máquina impressora».

Depois, disse que os cofres da Federação não tinham recursos e que era preciso recorrer aos amigos.

Alguns confrades lembram a formação duma grande Comissão Nacional pró Livro Espirita, no sentido de angariar os fundos. Esta ideia é aprovada.

Ao terminar a reunião, houve objecções várias ao plano citado, lembrando que seria concorrência aos serviços de assistência e provocaria críticas acerbas dos inimigos do Espiritismo.

Os opositores declararam que providenciariam de modo a facultar os recursos indispensáveis, em parte com donativos vultosos e em parte por meio de empréstimos a longo praso e sem juros.

E assim ficou tudo resolvido numa pequena roda de amigos íntimos, sem necessidade de intermediários.

Em Fevereiro seguinte, o *Reformador* inseria a seguinte local:

«Atendendo a inúmeros pedidos, informamos os leitores de que o prédio recém-adquirido pela quantia de Cr $ 1.250.000,00, a ser pagos até Junho próximo, fica à entrada da enormíssima zona industrial do Distrito Federal, a menos de 5 km. da nossa sede social, ou seja, a alguns minutos de ónibus do centro. A sua localização, na Rua Figueira de Melo, 410, junto ao novo edifício em construção para a sede da Agência do Banco do Brasil e próximo do grande prédio a construir para a sucursal dos Correios, bem como a facilidade de condução e vários outros factores, dão-nos esperança de muito nos ser possível realizar pela difusão do Espiritismo, logo que possamos instalar, no referido prédio, as máquinas que pretendemos adquirir».

Alto exemplo de compreensão e dedicação à Causa acaba de ser dado por dois ou três confrades generosos, cujo exemplo de nobreza não poderá ser esquecido, enquanto houver corações que sintam e cérebros que pensem!

À Federação Espirita Brasileira e principalmente aos denodados pioneiros que abriram caminho com esforço tão enérgico e desinteressado, apresentamos os nossos cumprimentos de solidariedade, com votos de prosperidade e longa vida em prol do Ideal Espirita.

Noticiário

18 de Abril de 1857
18 de Abril de 1946

EM comemoração do 89.º aniversário da publicação do «Livro dos Espíritos» e como adesão à iniciativa da Liga Espirita do Brasil, realizou-se no Centro Espiritualista Luz e Amor, no passado dia 18, uma sessão solene a que presidiu o sr. Coronel Faure da Rosa, ladeado pelos confrades srs. Major Eurico Zuzarte, 1.º Tenente Isidoro Santos, Tenente Miguel Afonso, Coronel Dr. Raúl de Carvalho, Dr. Acúrcio de Campos e Ramos Pereira.

Abriu a sessão o Coronel Faure da Rosa, que se referiu, especialmente, ao papel assumido pelo «Livro dos Espíritos» na evolução e expansão da Doutrina, resumindo, depois, em traços fortes e precisos, a figura intelectual do codificador — Allan Kardec.

Seguiu-se-lhe o Major Eurico de Castro Zuzarte, que afirmou a sua satisfação por usar da palavra numa homenagem a Kardec, em virtude da admiração entusiástica que tinha por Ele e pela sua Obra, acabando por incitar todos os espiritas, ao estudo e meditação da bibliografia kardecista.

O Dr. Raúl de Carvalho apresentou-se, modestamente, como um principiante que, em busca da Verdade, tem encontrado nas lições magistrais de Kardec o seu principal e mais forte arrimo. E, frisando o fundo experimental do edifício kardecista, julgou que a melhor homenagem que lhe poderia prestar, era fazer a narração dum «caso pessoal», que interessou a assistência, não só pelo encadeamento palpitante, como pelo colorido que lhe emprestou a palavra fluente do narrador.

O Capitão Alfredo dos Santos fez, em síntese, o elogio das obras de Kardec que mais calaram na sua alma de crente espirita: — «O Evangelho segundo o Espiritismo», o «Livro dos Espíritos» e «A Prece»; realçando a posição do Mestre do Espiritismo perante a Figura Superior do Mestre dos Mestres: — Jesus, o Cristo.

Ramos Pereira leu um «conto» vivido que intitulou — «Um poeta... aos pés de Jesus». Ligando várias poesias, seguiu a evolução dum espírito que, de dúvida angustiosa, caminhou para Deus atraído pela voz aliciante de Kardec.

O Cap. Estêvão Rodrigues, após a análise rápida do valor da Arte e da sua íntima união com o progresso espiritual, exalçou, poéticamente, o egrégio Autor da obra cuja publicação se comemorava.

O Tenente Isidoro Santos saudou em primeiro lugar a Liga Espirita do Brasil pela iniciativa de comemorar o 89.º aniversário do «Livro dos Espíritos», à qual o Centro Espiritualista Luz e Amor se associava com a maior satisfação. E depois de tecer um hino ao esforço admirável dos nossos confrades de Além-Atlântico, focou a força moral do Homem que, sem temer as injúrias, as malquerenças, as invejas e as críticas, lançou a público uma obra imortal de que sairia o Espiritismo Moderno. Com as palavras de Isidoro Santos, ergueu-se a toda a altura a pujança moral e intelectual de Kardec. Foi breve, mas o que perdeu em latitude, ganhou-o na precisão dos traços fortes daquele que desejou homenagear. Poucas vezes te-

mos visto Isidoro Santos tão entusiástico e senhor das reacções emotivas do auditório, como na noite de 18 de Abril findo. Com as suas palavras, melhor não poderia ter terminado a sessão comemorativa do «Livro dos Espíritos» e do seu Autor.

As nossas conferências

No dia 31 de Março p. passado, a nossa irmã D. Marcolina Alves realizou no Centro a sua anunciada conferência acerca do Espiritismo Brasileiro.

Recebida com grande simpatia pela numerosa assistência, falou durante mais duma hora das realizações conseguidas pelos nossos confrades de Além-Atlântico, das directrizes e objectivos que os movimentam, do amor à Causa que os irmana, que os liga à mesma cadeia de elos inquebrantáveis e na qual reside a força propulsora das mais belas e generosas empresas imaginadas pelo espírito humano.

Falou de Nova Iguassú, de Macaé e do Rio de Janeiro, com grande saudade, apontando o prof. Leopoldo Machado e sua esposa D. Marília Barbosa como prototipos do dinamismo e da dedicação à Doutrina Espirita. E de tanto realismo esmaltou suas falas, de tal maneira exaltou a obra daqueles pioneiros irmãos, que todos nós pudemos sentir emoções fortes e perduráveis, dir-se-ia vivermos em pleno ambiente espirita brasileiro.

O *Lar de Jesus* foi o principal assunto da sua exposição admirável e ficámos com pena de não ter aqui agremiação semelhante, para exemplo dos cépticos que duvidam de tudo, até da sua própria vontade.

No final, o presidente da Direcção agradeceu, pedindo-lhe que, no seu próximo regresso ao Brasil, fosse intérprete da nossa viva simpatia pelo trabalho desses magníficos apóstolos que se entregaram inteiramente à nobre causa que defendem.

Também no dia 14 de Abril Ramos Pereira ocupou a tribuna, falando sobre «Os Guias». Como sempre, manteve grande aprumo moral e mental. Deu conselhos e incitamento aos que tentavam a experimentação espirita, pedindo-lhes que não abdicassem jamais do livre-arbítrio e do espírito de análise, pois os *guias* que levam os neófitos ao abandono das faculdades volitivas, não merecem tal apelido, porque são verdadeiras fontes de prejuizo espiritual.

O presidente da Direcção, ao comentar a utilíssima e bem ordenada conferência, corroborou certos passos do trabalho de Ramos Pereira, companheiro firme e amigo que de tudo sabe extrair ensinamentos.

Como à nossa irmã D. Marcolina, a assistência premiou-lhe a exposição com uma grande salva de palmas.

Participações

O *Centro Espirita Luz e Trabalho*, da cidade de Castelo, do Estado do Espírito Santo, Brasil, e o *Grupo Espirita Sebastião*, Rua do Matoso, 164, Rio de Janeiro, tiveram a amabilidade de nos comunicar a eleição de suas novas directorias para o ano de 1946, gentileza que muito agradecemos.

A primeira agremiação mantém um Abrigo-Hospital com 12 leitos e sala de operações cirúrgicas.

A estes dois baluartes do Espiritismo apresentamos os nossos cumprimentos com votos de novos progressos materiais e espirituais.

Novo Centro Espirita

O nosso amigo e confrade Manuel Gomes da Costa Cardoso, das Caldas da Rainha, comunicou-nos que no dio 30 de Março último foi inaugurado naquela localidade uma nova agremiação, intitulada Centro Espirita Fé e Caridade, sita na Rua da Caridade, 15. dade, 15.

É necessário intensificar o conhecimento da Doutrina, fundando novos centros e orgãos de propaganda, motivo por que nos regosijamos com o facto, apresentando àqueles amigos as nossas saudações fraternais. Podem contar com o apoio desta revista, em tudo que estiver ao nosso alcance.

Correspondência

Sendo extraordinàriamente grande a afluência de correspondentes eventuais que se nos dirigem acerca dos mais variados assuntos e não podendo nós continuar a suportar os encargos de serviço tão aturado e dispendioso, rogamos àqueles que desejarem informações nos enviem 1$00 para despesas de correspondência.

Programa dos trabalhos do Centro durante o mês de Maio de 1946

Dia 5, às 16 horas — Sessão experimental, com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 12, às 16 horas — Conferência por Ramos Pereira, intitulada «A Dor».

Dia 19, às 16 horas — Sessão experimental com a médium D. Maria de Jesus Mendes de Figueiredo.

Dia 26, às 16 horas — Conferência por Angelo da Costa Cabral, intitulada «O Poder do Pensamento».

Núcleo de Acção e Propaganda

O «Núcleo de Acção e Propaganda Estudos Psíquicos» entrou na primeira fase dos seus trabalhos, com distribuição gratuita de centenas de revistas por elementos profanos. A separata que publicámos há pouco, intitulada «Em Defesa do Espiritismo», também tem sido profusamente espalhada fora do ambiente espirita, sobretudo na área da distribuição do «Primeiro de Janeiro», onde foi lido o artigo do Dr. Duarte Leite contra o Espiritismo e nas províncias da África Ocidental.

Para que o trabalho deste «Núcleo» se alargue cada vez mais, resolvemos criar desde já uma CAIXA DE PROPAGANDA, cujo fim será arrecadar importâncias destinadas à difusão gratuita de livros e revistas no público profano, à edição de folhetos e realização de conferências nos teatros ou salões de Lisboa e Província, em que a Doutrina seja exposta sob o ponto de vista do evolucionismo científico.

Nesta secção publicaremos o nome dos que desejem associar-se a este novo empreendimento do maior alcance doutrinário.

OBRAS DE CIÊNCIAS PSÍQUICAS E FILOSOFIA NEO-ESPIRITUALISTA

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
cações do *Espírito de Bittencourt Sampaio*	10$00	17$00
De Icléa para as crianças, formosas comunicações destinadas à formação moral dos nossos filhos, livro único no género	18$00	
Do Calvário ao Infinito, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	20$00	27$00
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	30$00	38$00
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	7$00	
Doutrina Inglória (O problema da natalidade segundo o Espiritismo), por *Leopoldo Machado*	12$00	
Ensinos Espiritualistas (Descrições do além), por *W. S. Moses*	14$00	21$00
Entre dois mundos, (romance), por *Antoinette Bourdin*	12$00	19$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	20$00	27$00
Espiritismo (O) Contemporâneo, pelo *Dr. Martins Velho*	12$00	
Factos Espiritas, por *William Crokes*	10$00	17$00
Fenómenos de Materialização, por *M. Quintão*	10$00	17$00
Física Transcendental, por *J. Zoellner*	10$00	
Fundamentos Científicos do Espiritismo, pelo *Dr. Azevedo e Silva*	10$00	
Funerais da Santa Sé (Poesias ditadas pelo *Espírito de Guerra Junqueiro*)	14$00	21$00
Granja (A) do Silêncio, romance empolgante por *Paul Bodier*	14$00	17$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	18$00	25$00
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	17$00	24$00
Livre-arbítrio e Determinismo, por *Louis Gastin*	3$00	
Magnetismo Curador, por *Alfonse Bué*	12$00	19$00
Marieta (páginas de duas existências) romance mediúnico, recebido por *Daniel Artazú*	18$00	25$00
Memórias duma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	14$00	21$00
Na Sombra e na Luz, romance mediúnico ditado pelo Espírito de *Vitor Hugo*	18$00	25$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	18$00	25$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	15$00	22$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho, por *João Evangelista*	12$00	
País da Luz (Do), por *Fernando de Lacerda*		50$00
Padre (O), a Mulher e o Confessionário, pelo *ex-padre Chiniquy*	12$00	19$00
Poder Mental, pelo *Dr. A. Lôbo Vilela*	10$00	
Problema (O) da Sobrevivência, pelo *Dr. A. Lôbo Vilela*	10$00	
Protestantismo (O) e o Espiritismo, por *Benedito A. da Fonseca*	12$00	19$00
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	18$00	25$00
Reis, Príncipes e Imperadores, por *Almerindo Martins de Castro*	14$00	21$00
Revelações de Além-Túmulo, pelo *Dr. Antão de Vasconcelos*	15$00	22$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	16$00	23$00
Salvação pela fé ou pelas obras?, pelo *Dr. Romeu Camargo*		14$00
Sementeira Cristã (colecção ilustrada composta do 1.º, 2.º e 3.º livro de leitura para as escolas espiritas), única no género, por *Clóvis Tavares.*		
1.º livro		10$00
2.º »		11$00
3.º »		12$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	14$00	21$00
Sombra (Na) e na Luz, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	18$00	25$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	10$00	17$00
Teatro Espiritualista (1.ª série) monólogos, dramatizações, comédias leves, sainetes e poesias dramáticas, por *Leopoldo Machado*	10$00	
Teatro Espiritualista (2.ª série) por *Leopoldo Machado*		15$00
Trabalho (O) dos Mortos, pelo *Dr. Nogueira de Faria*		45$00
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chiodo*	10$00	17$00
Vingança (A) do Judeu, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	20$00	27$00
Vozes do além pelo telefone, por *Oscar d'Argonnel*	5$00	

Nêstes preços não está incluído o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente, Ilhas Adjacentes e Colónias, (Moçambique).

«RESUMO DA DOUTRINA ESPIRITA»

pelo Dr. Gustave Geley

Resumo verdadeiramente original das obras basilares da doutrina espirita do ponto de vista filosófico, moral e científico, à luz do evolucionismo, impõe-se a crentes e profanos e até aos próprios materialistas.

Uma obra única no seu género! Dezenas de livros num só livro cujo sumário é o seguinte:

A Doutrina Espirita: Inteligência e matéria — Evolução progressiva da alma — Encarnações e desencarnações — Pluralidade das existências — O corpo psíquico — O papel das emoções, das sensações e do livre-arbítrio — As encarnações nos diversos mundos — O corpo — O perispírito — A alma — Consciência e subconsciência — O esquecimento aparente — Estudo das fases da desencarnação — A desencarnação é um *processus* de análise — A encarnação é um processo de síntese.

Os Factos — Os sábios que têm estudado os factos — Os médiuns e o seu papel — Explicação dos factos pela doutrina espirita — A teoria anímica — Seu perfeito acôrdo com o Espiritismo — Os fenómenos mediúnicos em oposição ao mecanicismo e ao materialismo niilista — Ocultismo e teosofia.

Provas Indirectas — Acôrdo desta doutrina com tôdas as ciências — Acôrdo com as ciências naturais — O transformismo — Acôrdo com a astronomia, a física e a química — Acôrdo com a fisiologia — Uma página de Claude Bernard — Os desdobramentos da personalidade — O sonambulismo — A clarividência — A telepatia — Acôrdo com a patologia — Acôrdo com a filosofia — Espírito, fôrça e matéria, são fases da unidade criadora — Involução e evolução — Os sistemas filosóficos que mais se aproximam do Espiritismo — O monismo.

Conseqüências da Doutrina — Transformação das idéias religiosas, filosóficas, morais, sociais e individuais — Compreensão perfeita do mal e das desigualdades humanas — As recompensas e os castigos são consequências das nossas acções e consistem no estacionamento do sêr em encarnações dolorosas ou na sua passagem para estados superiores — A felicidade, resultado natural do progresso evolutivo — A moral nova: trabalho, amor, solidariedade — Liberdadade moral proporcional à evolução do indivíduo — Injustiça dos juízos humanos — Influência do evolucionismo na vida social — Extinção das divisões fictícias da humanidade — Socialismo e anarquia — A sociedade futura deverá reduzir ao mínimo as restrições e as imposições — Anarquia relativa — Deveres para com os animais.

Introdução ao Estudo Prático da Mediunidade — I. Carácter geral das experiências — II. O Médium — III. ¿Quais são as condições de bom rendimento do médium? — IV. Os experimentadores — V. O contrôlo — VI. As medidas de contrôlo — VII. As fraudes.

A Reencarnação em todos os seus aspectos: filosófico, moral e científico.

Vocabulário Metapsíquico, da autoria do Dr. António Lôbo Vilela, contendo os termos mais usados em Espiritismo e Metapsíquica.

À venda nas boas livrarias e na redacção de ESTUDOS PSÍQUICOS
. . . . . Rua do Salitre, 149, 1.º — LISBOA

Preço — 18$00. Para sócios do Centro E. Luz e Amor e assinantes desta revista — 16$00. A' cobrança — mais 1$60 por volume.

AVISO AOS INCAUTOS

Não são espiritas os que exploram a credulidade das pessoas incultas ou fanáticas, exibindo falsas faculdades e recorrendo a artifícios de toda a espécie, para melhor iludir a boa-fé dos incautos.

Não são espiritas os que se entregam à adivinhação pela invocação dos espíritos, porque o Espiritismo não é arte divinatória e por isso os espíritos que se prestam a semelhante papel são, necessàriamente, inferiores (por mais pomposos nomes que apresentem) e o seu convívio só poderá ser prejudicial.

As casas das chamadas *mulheres de virtude, cartomantes, bruxas* e de todos os que se dedicam a estas práticas supersticiosas são de infecção espiritual, onde os espíritos inferiores vivem permanentemente e fazem seu campo de manobras.

ANO VII JUNHO DE 1946 N.º 6

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

CONTÉM : O Espiritismo em França, **da Redacção ;** Ismos Científicos — II — **por Leopoldo Machado ;** Meditações de Junho ; O Fenómeno Espirita na Bíblia, — I — **pelo Coronel Faure da Rosa ;** A missão de Jesus — VIII — **por Fernando da Cruz Ferreira ;** A vida do Medium Daniel D. Home — II; Materializações Espantosas, **por Isidoro Duarte Santos ;** Conte o seu caso... Como se tornou Espirita ? **(Depoimento do Dr. Viriato Correia) ;** Um Livro Valioso, **pelo Dr. Luís M. di Cristóforo ;** Núcleo de Acção e Propaganda — Um donativo de dez contos ; Fenómenos supranormais, **por António J. Pinto de Almeida ;** Amigos de «Estudos Psíquicos» ; Contingente e Necessário, **por Ramos Pereira ;** Filmes de Fundo Espirita ; Espirito Santo e Mediunidade, **por Ramos Pereira ;** Crónica Estrangeira, **por Isidoro Duarte Santos ;** Notas & Comentários ; Noticiário.

O médium Cyril Budge e o seu guia «Agar»

(Vide pág. 176)

ESTUDOS PSÍQUICOS

ASSINATURAS
Continente — cada série de 6 n.os, não incluíndo despesas de cobrança . . . . . 20$00
Brasil . . . . . (12 n.os — 36 cruzeiros)
Colónias . . . . . (12 n.os — 50$00)
Número avulso . . . . . 3$50

Propriedade de ISIDORO DUARTE SANTOS, a quem deve ser dirigida toda a correspondência

OBRAS DE CIÊNCIAS PSÍQUICAS E FILOSOFIA NEO-ESPIRITUALISTA

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
O Principiante Espirita	7$00	
O que é o Espiritismo	8$00	
O Livro dos Espiritos	18$00	26$00
O Livro dos Médiuns	18$00	26$00
O Evangelho segundo o Espiritismo	18$00	26$00
Obras Póstumas	18$00	
A prece	4$00	
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	5$00	
O Grande Enigma	12$00	20$00
O Problema do Sêr e do Destino	20$00	28$00
Cristianismo e Espiritismo	20$00	28$00
Joana d'Arc Médium	20$00	28$00
GABRIEL DELANNE		
A Evolução Anímica	20$00	28$00
A Alma é Imortal	20$00	28$00
A Reencarnação	20$00	28$00
O Espiritismo Perante a Ciência	20$00	28$00
ERNESTO BOZZANO		
Animismo ou Espiritismo?	20$00	28$00
Metapsíquica Humana	15$00	
Pensamento e Vontade	10$00	
CAMILLE FLAMMARION		
As Casas Mal Assombradas	20$00	28$00
Narrações do Infinito	10$00	
O Fim do Mundo	18$00	26$00
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos	24$00	33$00
Stella (romance astronómico)	18$00	26$00
Sonhos Estelares	16$00	24$00
Urânia » »	16$00	24$00
FRANCISCO C. XAVIER (Médium)		
Boa Nova (quadros evangélicos), ditado pelo *Espirito de Humberto de Campos*	12$00	19$00
Brasil, Pátria do Evangelho, história do Brasil, pelo *mesmo Espirito*	14$00	21$00
A Caminho da Luz (História da civilização), pelo *Espirito de Emmanuel*	10$00	
Cartilha da Natureza, poesias ditadas pelo *Espirito de Casimiro Cunha*	10$00	18$00
O Consoladar, resposta a 411 perguntas sobre os conhecimentos humanos, pelo *Espirito de Emmanuel* (nova edição)	12$00	20$00
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	12$00	20$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*	12$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espirito de Emmanuel* (nova edição)	20$00	28$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	20$00	28$00
Lira Imortal, comunicações em verso	8$00	
Mensageiros (Os) ditado pelo *Espirito de André Luis*	18$00	26$00
Missionários da Luz, recomendável ás pessoas cultas devido aos ensinamentos que encerra, pelo *Espirito de André Luis*, (nova edição)	25$00	33$00
Nosso (O) Lar, ditado pelo *mesmo Espírito*	18$00	26$00
Novas Mensagens de Humberto de Campos	10$00	
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por poetas luso-brasileiros) nova edição melhorada	30$00	40$00
Paulo e Estêvão (livro famoso considerado pelos eruditos como a mais completa biografia de S. Paulo) (nova edição)	28$00	36$00
Renúncia, romance empolgante e consoltador destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	24$00	32$00
Reportagens de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espirito de Humberto de Campos*	14$00	
OBRAS DIVERSAS		
Amor Imortal, romance espirita, pelo *Dr. J. A. Nogueira*	18$00	26$00
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo Gibier*	12$00	19$00

(Continua na 3.ª pág. da capa)

• VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA •

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

7.º ANO — LISBOA, JUNHO DE 1946 — N.º 6

Director e Editor: Isidoro Duarte Santos | Redacção e Administração: Rua do Salitre, 149, 1.º | Administrador: Maria G. Duarte Santos

Composto e impresso na Tipografia SILVAS, Lda. — Rua de D. Pedro V, 120 — LISBOA

O ESPIRITISMO EM FRANÇA

Durante a guerra mundial, o Espiritismo em França enfraqueceu muitíssimo. Viu desfeitas numerosas agremiações que trabalhavam em plena eficiência, desmantelados os principais organismos de coordenação ideológica e desaparecidos alguns dos maiores e mais respeitados pioneiros dos últimos trinta anos de propaganda.

Um vento destruidor abalou os alicerces do edifício que tanto custara a construir e tudo ou quase tudo rolou na voragem dos bombardeamentos aéreos que inexoràvelmente arrasavam cidades e aldeias.

Os homens válidos — carne de canhão para o açougue infernal — eram arrancados às ocupações normais e chamados às fileiras. E a fornalha ia crepitando e carbonizando... Assim abandonaram a vida física elementos valiosíssimos que nos habituáramos a admirar, através de seus notaveis trabalhos veiculados pelas revistas francesas e belgas da especialidade. Outros, não resistiram à nostalgia do exílio.

Entre muitos que deixaram a terra e para os quais vai a nossa homenagem comovida, lembramos Andry-Bourgeois e Marty, antigos vice-presidente e tesoureiro da União Espirita Francesa; os capitães Côte e Duran, antigos vice-presidentes da Sociedade Francesa de Estudo dos Fenómenos Psíquicos; o doutor Foveau de Courmelles, presidente da Comissão de Fotografia Transcendental; Henri Blondel, escritor e conferencista; Gabriel Gobron, professor, escritor espirita, conferencista e antigo redactor de «Estudos Psíquicos»; o doutor Viguier; Delmotte, espirita militante e grande magnetizador; o doutor Lucien Graux, autor do «Reencarnado» e de numerosos livros espiritas e também colaborador e amigo desta revista... Mas a Phœnix renasce sempre. Após a tempestade, vem a bonança, vem a era de trabalho, no qual se lançam os obreiros dedicados e acérrimos.

A União Espirita Francesa funciona na Rua Léon-Delhomme, em Paris, animada por Henri Regnault, Lemoyne, George Gonzalez, André Dumas e Xhignesse.

Em breve nos referiremos circunstanciadamente às actividades destes amigos, que pretendem reconstituir o património espirita e dar novo impulso à propaganda do seu ideal querido.

As nossas palavras de hoje envolvem saudade pelos que abalaram e cumprimento aos que permanecem no posto escolhido, cheios de fé nos destinos da Causa.

«Estudos Psíquicos» tem justificada simpatia pela França. De lá nos vieram arautos do Espiritismo, como Allan Kardec, Léon Denis, Gabriel Delanne, Camille Flammarion, Léon Chevreuil, Henri Regnault... e metapsiquistas como Charles Richet e Gustave Seley... Se outros motivos não houvesse, este bastava para fundamentar a nossa preferência pela terra de Vítor Hugo.

Esperamos poder dar boas notícias no próximo número. No intuito de servir a Doutrina e aumentar a expansão da revista, enfrentaremos todas as dificuldades. E talvez que os leitores tomem conhecimento do movimento espirita francês por intermédio da palavra sugestiva dum de seus maiores animadores.

Aguardemos. Até lá, façamos votos pelo ressurgimento espiritual da França e pela saude dos actuais dirigentes da União Espirita Francesa.

ISMOS CIENTIFICOS

por Leopoldo Machado

II

Ciência de Verdade

LEIS científicas são aquelas que se não alteram, sejam quais forem os factores dessas alterações. De um ovo de pata ou de galinha, chocado aqui ou na Groelândia, só sai pato ou pinto. De um grão de milho lançado a germinar aqui ou na Rússia, não nascerá feijoeiro... Aqui ou na China, a planta expõe, primeiro, a flor para, em seguida, expor o fruto. Estas, as leis de uma Ciência que não está passível de contradições, de contestações.

É por tudo isto que «para os cientistas modernos, — escreve sir Artur Edington — a matéria perdeu a sua preponderância».

Só não perdeu — acrescentamos nós, — para aqueles que, como conceitua Flammarion, «têm a ousadia de imputar à ciência a soma pesada de suas heresias».

Contradições da Ciência

Negam os sábios materialistas a existência do mundo espiritual, sem credenciais científicas, como temos visto aqui. Sua negativa sistemática encontra, na sua própria cienciazinha, falta de autoridade científica, de credenciais que mereçam fé, faltas de autoridade que se multiplicam ao infinito...

Aqui vão algumas delas.

A matéria existe *ab eterno* para a ciência materialista, de vez que, com o *Deus-Matéria,* procura ela substituir o *Deus-Espírito,* inteligência, força e acção, omnipotência e omniciência. A matéria existe eternamente. Por isso que Lavoisier firmou o princípio conhecido de toda a gente: «Nada se perde e nada se cria na Natureza». A vida humana, entretanto, se abisma para a ciência, em o nada, desde que se lhe extinga o sopro vital, assim o cadáver desça à cova. Este *nada* não será uma negativa àquele princípio? E trata-se, èfectivamente, de um princípio passado ou julgado para todos os sábios?

O físico de vanguarda, que é o sr. Abel Rey, acaba de contrariar, cientìficamente, este asserto, a dizer que «já não é científico repetir que nada se perde na Natureza». Afirmativa esta que é ratificada, com ciência, pelo sábio Brunher...

Qualquer compendiozinho de lições de coisas ensinava, na sua parte biológica, nos tempos em que andávamos estudando preparatórios, que o corpo humano se reforma de sete em sete anos. Teoria de Faurens, em sua obra *De la Vie et de L'intelligence.* Que, portanto, a criatura de hoje não é, não pode ser, fìsicamente falando, a mesma criatura de aqui a sete anos, porque todas as células de seu organismo já têm concluido o seu ciclo vital. Mais modernamente se escreve com sabedoria, que não é de sete em sete anos, mas de três a seis meses a duração da vida das células humanas. Três a seis meses? Que dizemos nós? O sábio Moleschott afirma que o nosso corpo se renova todos os trinta dias. Esta afirmação científica levou Flammarion a escrever que, por ela, se prova que «a união matrimonial não é, em caso algum, um sacramento eficaz; que no fim de um mês, dois seres que acreditavam formar ligações eternas, estão, corporalmente e espiritualmente, transformados, passando a viver, doravante, no estado de adultério...»

Se «o cérebro segrega o pensamento — segundo Taine — como o fígado segrega a bilis», é óbvio que, com o desaparecimento de nossas células de há sete anos, de há três a seis meses, de há um mês, as nossas lembranças emanadas do pensamento, deviam também desaparecer. Entretanto, recordamo-nos, por vezes, mais nìtida-

mente, de factos da meninice, do que dos acontecidos de ontem. Onde, assim, a lógica científica da conclusão em análise? O homem é, ainda, com efeito, o desconhecido de si mesmo...

Com a palavra sobre o asserto, a Alexis Carrel, a Richet...

Nada como a sabedoria dos Evangelhos, para confundir os sábios da Terra, quando observa que «ainda não conhecemos as coisas da Terra... Evidentemente... Se não conhecemos, ainda, como estamos a ver, a matéria, o nosso corpo material, quanto mais o nosso planeta!...

Sabe-se que a Terra é um átomo astronómico, milhões de vezes menor do que outras estrelas conhecidas. Do que *Canopus*, por exemplo, da constelação de *Argos*, que deve ser, por sua vez, milhões de vezes menor do que outras estrelas de outros sistemas, visto como é menos brilhante do que *Sirius*.

O sábio da Terra já sabe tudo de positivo sobre o seu minúsculo átomo cósmico? Nada sabe, eficientemente. A formação de suas marés e dos ventos é ainda um problema explicado por teorias. Sua fauna e flora aí estão passíveis de classificação científica mais pura e lógica. Os fenómenos meteorológicos enganam-nos a cada passo. Se daqui formos ao abstracto, que lástima! Nem a forma da Terra se conhece! Nem redonda, nem elipsoide, nem oval, ensina-se modernamente! É um *geiode*, corpo que tem a forma da Terra, diz-se geomètricamente. E a Terra tem a forma de um geoide, que ninguém sabe que forma é...

Há mais: nega a ciência materialista a existência do Espírito, que já não é coisa passível de *eu creio*, de *eu não creio*, mas de *eu sei*, ou *eu não sei*, por isso que sábios de verdade já dela se têm ocupado com sabedoria, em factos experimentais e racionais. E poderíamos aqui, sem grande esforço, alinhar centenares de nomes ilustres, a começar pelo grande Denizard Rivail, o Allan Kardec, até o recém-falecido Charles Richet. E nomes que chegaram à realidade desta existência, por estudos experimentais, observados, dentro de todo rigor científico. Daí, assegura Flammarion: «o que há de mais insofismàvelmente real no homem é o espírito». E Henri Poincaré, o grande matemático que «duvidando da própria realidade do nosso mundo exterior, só acreditava no espírito». E sir Arthur Edington, ainda vivo e pontificando no mundo científico inglês: «A mentalidade (que é o espírito) é a parte mais importante e incontestável de nossa existência; tudo mais é sua consequência». E Sir James Jean, que diante de 2.500 sábios congressistas, em 1934, na *The Advancement of Science*, afirmou que «a única coisa real que existe é o nosso pensamento. O resto, são coisas que acreditamos existir, mas que não passam de parábolas científicas.» Nega, entretanto, a ciência materialista uma existência que já está cientìficamente registrada, pesada, medida e contada por sábios com S grande, no mesmo passo em que nos impinge, cientificamente, definições como esta, que nós mesmos, na contingência do nosso dever de ofício, temos de impingir a inteligências em formação: «Eixo da Terra é uma linha imaginária que passa pelo centro da Terra...», etc., etc. Porque a ciência não concebe nada a girar sem que seja em tôrno de um eixo, ei-la, assim, a impor-nos, *cientìficamente*, uma coisa que só existe na imaginação, no mesmo passo em que nega uma existência que Crookes, Lombroso, Richet, Geley e outros mediram e contaram; que Aksakoff chegou a pesar... Vale aqui repetir, ainda, os Evangelhos: «que diz a sabedoria deste mundo, e a dos poderosos deste mundo, que estão sendo reduzidos a nada». (I — Coríntios II — 6).

Insciência da Ciência

Por sua insciência, por seu sistematismo, por suas flagrantíssimas contradições é que a ciência materialista inspirou isto a Faraday: «com o que ignoramos das leis universais, poderíamos criar um mundo». E isto, a Marcel Goyaut: «Sendo o mundo sensível um fluxo perpétuo de aparências, não se pode atribuir realidade a elementos em mutação contínua (as teorias científicas, por exemplo, viviam em mutações contínuas); e, portanto, a verdade não existe». E mais isto, de Charles Richet: « A pesar do progresso assombroso de nossas ciências, nós não sabemos nada, ou quase nada, do Universo...».

Pode, em sã razão, uma ciência deste jeito contestar uma Doutrina que é a Ciência mesma: o Espiritismo?

O Espiritismo é Ciência

É a Ciência, podemos dizê-lo. E como Ciência que é, processa-se à revelia da vontade dos homens, porque não é obra humana, mas dos Espiritos. E, também, à revelia da má vontade, das hostilidades e despeito de doutores materialistas, de religiosos sectaristas... Nada se pode contra ele, visto como nada se pode contra a Ciência, contra a Verdade, senão no conceito feliz de Paulo, com a Verdade. Planta que o homem não plantou, mas os Espíritos do Senhor. por ordem do Alto, passível não está ele, como os outros *ismos* da Terra, de ser cortado e lançado ao fogo, conforme expressão candente do Cristo.

Seus princípios são imutáveis. Não se baseiam seus ensinamentos em teorias que, por serem da concepção dos homens, se reformam a cada passo, de acordo com as épocas e os climas, nos moldes das teorias científicas que por aí vão. É a Ciência, porque explica, racional e demonstrativamente, a vida nos dois planos, — o material e o espiritual. E todos os seus fenómenos naturais, físico-químico-psíquicos, explicando, no mesmo passo, a pluralidade das existências e dos mundos. E põe, cientìficamente, no lugar da fé na Imortalidade e em Deus, a certeza absoluta de que Deus e o Espírito são o que mais se prova experimental e cientìficamente. Eis porque seu codificador, o sábio médico Dr. Denizard Rivail, assevera «o Espiritismo será científico ou não será nada». E, dentro da sua função de verdadeira ciência, diz mais o codificador: «O Espiritismo e a Ciência completam-se recìprocamente. A Ciência, sem o Espiritismo, acha-se na impossibilidade de explicar certos fenómenos só pelas leis da matéria, e o Espiritismo, sem a Ciência, ficaria sem apoio nem exame». Por isso «o Espiritismo — é ainda de Kardec — estabelece como princípio absoluto, sòmente o que é demonstrado com evidência ou o que se deduz lògicamente da observação». Nada, como se vê, de teorias baseadas em autoridades humanas, tampouco assentes nos dogmas da fé cega, no *magister dixit,* no *ecclesia dixit.* Tão forte é seu carácter de ciência, que insiste mais Allan Kardec: «O verdadeiro carácter do Espiritismo é, pois, de Ciência e não de religião». E, como Ciência da Imortalidade que é, de que hão-de decorrer todas as ciências, destroi o Espiritismo os dogmas, os mistérios e milagres, o sobrenatural em que a própria ciência materialista esbarra sem explicar certos fenómenos que lhe escapam à exígua alçada de conhecimentos. «O Espiritismo — volta a dizer o codificador — é a Ciência que nos faz conhecer essa lei (a que rege o mundo invisível), como a mecânica nos ensina a do movimento; a da óptica, a da luz». E para reforço de suas características científicas, aqui vai mais isto, do mesmo codificador: «O Espiritismo é apoiado exclusivamente em leis naturais; não pode ser mais variável que estas leis». Por tratar-se, ainda, de leis geralmente desconhecidas pela sabedoria humana, por isso mesmo ainda mal escudadas, aqui está o complemento da assertiva de Allan Kardec: «Mas, se uma nova lei for descoberta, ele (O Espiritismo) deve modificar-se para harmonizar-se com ela. Nem deve cerrar as portas a nenhum progresso, sob pena de suicidar-se». Assim não fosse, seria admitir os dogmas em que vivem mumificadas as religiões todas da Terra; seria negar o seu espírito progressivo, como o da própria Ciência, por isso que «dele se disse a primeira palavra, mas nunca se dirá a última».

De sua essência caracterìsticamente científica, diz mais o escrupuloso médico de Lyon: «A ciência e a religião são duas alavancas da inteligência humana; uma revela as leis do mundo material, a outra as leis do mundo moral; porém, tendo ambas o mesmo princípio, que é Deus, não podem contradizer-se». Daí esta afirmativa profunda do iluminado de Lyon: «As descobertas da ciência glorificam Deus, em vez de o rebaixar; elas só destroem o que os homens constituiram sobre as ideias que formavam acerca de Deus».

Porque, entretanto, se contradizem? Exactamente porque a religião, tal como a ciência, materializando-se demais, perderam o dom científico de explicar aquilo que a mentalidade materialista ignora e não pode explicar. Da materialidade grosseiríssima de ambas, resultou o abismo de irreconciliação que existe entre elas e o descrédito em que vivem ambas. Juntas, entretanto, aparecem, devendo juntas caminhar para a felicidade humana. Da irreconcialiação de ambas, isto é, do conflito da razão contra a fé, aqui está, de Santo Agostinho, o maior vulto da Igreja: «Sòmente aos livros da Escritura chama-

dos canónicos, aprendi a definir a honra de crer firmìssimamente, que nenhum dos seus autores erram. Os outros escritores, porém, *por mais eminentes que sejam na santidade ou na doutrina* (é nosso o grifo) eu os leio de modo a não ter por verdadeira uma sentença, só porque foi por eles aceita ou escrita...».

Abismo de irreconciliação este, de vez que com ideias preconcebidas e propósitos firmados, ninguém conquistará a Verdade, ampliado, ainda mais, por outro grande vulto da Igreja, S. Tomaz de Aquino: «Não tem mérito a fé onde a razão fornece a prova» (Suma Teológica).

Dessa hostilidade sistemática da religião mais orgulhosa, porque «fora dela não há salvação», resultou, por certo, hostilidade maior da ciência contra a fé. Por isso é científico afirmar que «a razão é incompatível com a fé». «Afirmativas umas e outras de doutrinas dogmáticas, cheias de insciência e arrogância...

Surge, entretanto, uma Doutrina que estabelece a aliança da Razão com a Fé, da Religião com a Ciência, apresentando-se deste modo, para a confusão de ambas: «A fé inabalável é sòmente aquela que pode encarar a Razão, face a face, em todas as épocas da humanidade». Está, assim, feita a aliança. E só pode, na verdade, fazê-la, uma religião científica, uma ciência religiosa que há-de ser a ciência e a religião do futuro, na assertiva felicíssima de Camile Flammarion. Diz o grande astrónomo francês: «As religiões passarão, mas a Religião fica, a par deste peremptório asserto profético e logicíssimo. *A religião do futuro deve ser científica e a ciência deve ser religiosa para impor-se à consciência de todos*».

Uma religião e uma ciência para se apresentarem com tais características, devem ser as que forem capazes de responder a tudo com precisão e lógica; só podem ser a Doutrina que nos apresente a fé nestes moldes: «A fé precisa de uma base, e esta é o conhecimento perfeito do que devemos crer. Para crer, não basta ver, é preciso compreender» (Kardec).

Eis as razões superficiais por que o Espiritismo é a Doutrina que resolveu o problema da aliança da Razão com a Fé; porque há-de ser a Religião e a Ciência do futuro.

Meditações de Junho

1 — Fixo toda a minha atenção no lado brilhante e alegre da vida.
2 — Nenhum pensamento de fraqueza ou insucesso pode penetrar na minha mente.
3 — Trabalho sempre com tranquilidade e método.
4 — Emprego meus poderes mentais, apenas para fins honestos.
5 — Posso concentrar-me perfeitamente em qualquer assunto.
6 — Espero sempre o sucesso e a prosperidade.
7 — Sinto profunda gratidão pela Vida.
8 — Aceito com alegria meus deveres e responsabilidades.
9 — Possuo um poderoso dinamismo mental que me dirije ao triunfo.
10 — Não recebo sugestões estranhas, sem consentimento de meu Eu interior.
11 — Sou calmo e reflectido nas minhas decisões.
12 — Faço exactamente a vontade de Deus.
13 — Aceito com alegria todas as provações da Vida.
14 — Todas as provações que vêm ao meu encontro são as consequências dos meus erros passados.
15 — As provações recebidas com serenidade e resignação, são cadeias que se quebram e nos prendiam a pecados passados.
16 — Deus — o Amor — é meu companheiro em todos os meus empreendimentos.
17 — Amo de todo o coração o meu trabalho, a tarefa que Deus me destinou.
18 — Estou exprimindo concretamente minhas ilimitadas possibilidades interiores.
19 — Possuo uma fonte inesgotável de energia para execução das minhas tarefas.
20 — Minha vida é um serviço permanente a Deus e à humanidade.
21 — Sou um centro de energia divina.
22 — Deus é meu infalível suprimento.
23 — Deus é meu inseparável companheiro e tudo quanto faço é para Ele e por Ele.
24 — Dou Graças ao Divino Poder do Amor e da Vida que me criou.
25 — Nenhum obstáculo exterior pode impedir a realização das minhas aspirações.
26 — Sou um fragmento da Divina LUZ.
27 — Deus é Omnipresente, Omnisciente e Omnipotente em todos os seres da sua criação, e portanto em mim mesmo, agora e sempre.
28 — O Supremo Espírito de Amor é o meu apoio.
29 — Cultivo uma viva simpatia para com todos, inclusive os meus inimigos.
30 — Mantenho sadias e harmoniosas as células do meu corpo.

Jun/46

O FENÓMENO ESPIRITA NA BÍBLIA

Conferência realizada na Federação Espirita Portuguesa e no Centro Espiritualista Luz e Amor, respectivamente em 27 e 28 de Abril

pelo Coronel Faure da Rosa

I

NOS fins de Dezembro último, trouxe-me o correio um pequeno opúsculo ou livrete de 8,5 por 11 centímetros, com umas vinte páginas de texto, em cuja capa se lê, em letras graudas: «O Espiritismo Julgado pela Palavra de Deus — Separata n.º 1 do «Alimento Espiritual» — Redacção: P. das Amoreiras, 34 — Lisboa. Calcula-se, desde logo, e no seguimento ver-se-á melhor, que espécie de *alimento* nos fornece, a nós, espiritistas.

Este opúsculo vinha acompanhado de meia dúzia de linhas manuscritas que transcrevo: «Como seria interessante uma conferência alusiva a este «livrete» convidando o «Corpo Evangélico» a assistir, convidando, também, os nossos prezados confrades!»

Aqui estou a satisfazer o pedido do confrade anónimo — confrade creio eu que seja — excepto quanto ao convite ao «Corpo Evangélico», cujo endereço ignoro. De resto, as conferências são públicas e anunciadas com antecedência.

Circunstância de relevo e que registo com prazer: não há em todo o opúsculo quaisquer palavras agressivas para os espiritistas. Isto constitui uma surpresa agradável, tão habituados andamos já a que nos acoimem de malucos, pelo menos, com as prendas correlativas, tanto os fanáticos religiosos como os fanáticos materialistas.

Este opúsculo — como lá se diz — é uma tradução da «Edição da *Grand Publishing House*, da Califórnia. A proveniência explica, talvez, a serenidade e comedimento de linguagem com que os nossos adversários procuram acamaradar-nos com os demónios.

A antiguidade da ciência psíquica

Já Oliver Lodge notara que às vezes se afirma, sem razão, que a ciência psíquica é velha. O que é velho são os *fenómenos* psíquicos que existem desde o aparecimento da humanidade. A própria ciência, em geral é comparativamente nova e a investigação psíquica, em particular, ainda o é mais.

Os exemplos de consultação de videntes domésticos — afirma Lodge — são inumeráveis. E cita vários versículos da Bíblia, a alguns dos quais me referirei mais adiante. Todas as literaturas antigas ou modernas, sagradas ou profanas, têm registado descrições de fenómenos espiritas. Que seriam as religiões sem o fenómeno espirita? Todas elas invocam o milagre como base da sua autoridade, se bem que, para as religiões o *milagre* seja sinónimo de intervenção sobrenatural. Tal concepção mística não cabe dentro da ciência metapsíquica ou espirita, porque só a experiência a fundamenta, a esclarece, a ilustra e ainda porque tudo se passa dentro das leis naturais que são leis de Deus.

Os Vedas da Índia, a Bíblia — tanto o Antigo como o Novo Testamento — contém narrativas de ressurreições, aparições, profecias, reencarnações. É Saul que evoca a sombra de Samuel por intermédio da Pitonisa de Endor, que lhe profetizou, na véspera da batalha de Gelvé. a sua derrota e a sua morte. É a ressurreição de muitos corpos de santos, «que vieram à cidade santa e apareceram a muitos», referida nos versículos 52-53 do cap. XXVII de S. Mateus. É S. Justino Mártir que no século II da era cristã fala da evocação dos mortos como duma prática corrente. Tertuliano, um dos maiores doutores da Igreja, escreveu esta curiosa passagem: «Os mágicos evocam a alma dos mortos e fazem aparecer fantasmas; adormecem crianças e fazem-nas produzir oráculos, empregam, também, mesas para as suas advinhações...».

Diversidade de versões

Abre o livrete com a transcrição do versículo 19.º do cap. 8.º de Isaias, cuja redacção difere bastante da que está escrita na Bíblia Sagrada traduzida em português pelo padre António Pereira de Figueiredo, como vou mostrar:

Versão do livrete

Quando vos disserem: consultai os que têm *espiritos familiares e os adivinhos que chilreiam e murmuram entre dentes*, não recorrerá um povo a seu Deus? A favor dos vivos interrogar-se-ão os mortos?

Versão do Padre Figueiredo

E quando vos disserem: consulta *os pitões e os adivinhos que murmuram em segredo nos seus encan-*

tamentos, acaso não consultará o povo ao seu Deus, há-de ir falar com os mortos acêrca dos vivos?

Ora «pitões» são magos, necromantes. E desde que no texto do versículo se diz os *pitões* e os *adivinhos*, é porque se estabelece diferença entre uns e outros. De facto assim é: *magos* são os que cultivam a *magia* e *necromantes* os que cultivam a necromancia. Segundo Léon Denis, naquele tempo, *pitão* significava espírito mau.

A *magia* pretende produzir efeitos contrários às leis naturais; a *necromancia* pretende conhecer o futuro por intermédio dos mortos. Nada disto acontece no Espiritismo.

O Neo-espiritualismo ou Espiritismo moderno jamais pretendeu produzir fenómenos contrários às leis naturais.

A realidade do Espiritismo

Transcrevo uma afirmação inserta no opúsculo: «Presentemente. sabemos que o Espiritismo verdadeiro é na sua essência uma grande e *triste* realidade e não uma espécie de prestidigitação como se acreditava noutros tempos, e como ainda hoje pensam alguns. Que haja também muito embuste, que nas sessões haja muita falsidade de mistura com a realidade, que haja muita excitação nervosa, quem o duvida? Porém a existência de arremedos e imitações, é uma prova da existência das reais, ou seja dos seus protótipos, pois não se podem fazer moedas falsas senão imitando as boas. É, pois, o Espiritismo uma realidade, e os espiritas bem o sabem».

Sim; nós os espiritistas bem o sabemos; não com a *tristeza* que o articulista manifesta, mas com uma alegria tamanha que qualquer outra se apaga por mais brilhante e intensa que seja.

O autor do livrete tem a pretensão de provar:

«1.º Que o Espiritismo ou a comunicação com o mundo invisível dos espíritos pelos médiuns, nada tem de novo, pois existia já antes dos tempos de Moisés».

É certo; os fenómenos espiritas existem desde que o Espirito apareceu na Terra, mas *a ciência espírita* — que é a que interessa ao Neo-Espiritualismo — essa pode-se dizer que ainda não atingiu a maturidade: verdadeiramente data do aparecimento da primeira obra de Gabriel Delanne, denominada «O Espiritismo Perante a Ciência», embora A. Kardec em 1857 — 1.ª edição do «Livro dos Espíritos» — tivesse declarado que o Espiritismo ou seria científico ou não teria razão de ser, e em 1869 a Sociedade Dialéctica de Londres tivesse sido incumbida do estudo dos fenómenos, já nessa época observados por Crookes e outros. Foi a partir desse momento que o Espiritismo se tornou científico. Com razão Delanne é considerado o apóstolo desta nova fase da doutrina kardeciana.

«2.º — Que estas comunicações são abomináveis a Deus e proibidas por Ele, e que, consequentemente, os espíritos, com quem se tem relações, não podem ser senão espíritos desobedientes — demónios — e que a operação com que são invocados, muito longe de ser divina é simplesmente diabólica».

«3.º — Que segundo refere a Bíblia não se têm ocupado com tais práticas senão homens maus, e que todas as pessoas tementes a Deus as têm cuidadosamente evitado, por serem de procedência satânica.

«4.º — Que o facto de pessoas intitulando-se cristãs e possuindo as Sagradas Escrituras se entregarem a tais práticas, é um sinal manifesto e certo da aproximação dos juízos divinos, por ser mais grave o seu pecado do que o daqueles que as seguem sem conhecimento da Palavra de Deus, por estarem nas trevas da superstição pagã».

Vamos por partes.

Primeiramente precisamos de definir que significado tem na Bíblia a palavra *demónio*. Tanto em grego como em latim, é o nome que se dá a todos os seres incorpóreos, bons ou maus, nos quais se supõem conhecimentos ou poderes superiores aos do homem. Nas línguas mordernas, porém, deu-se a essa palavra um significado pejorativo e restringiu-se nos génios maléficos. Mas os Espíritos ensinam-nos que Deus, soberanamente justo e bom, não podia criar seres consagrados ao mal e eternamente desgraçados. Segundo os Espíritos não há *demónios* na acepção restrita e absoluta da palavra; o que há são Espíritos imperfeitos que, entretanto, podem melhorar pelos seus esforços voluntários.

O Rev. Padre H. Thurston da Companhia de Jesus, cita a seguinte declaração do Padre Mainage, professor do Instituto Católico de Paris: «A mim mesmo, padre e religioso, me aconteceu ter comunicado com o mundo invisivel». Teria sido o demónio que interveio para que este professor, padre e religioso, pudesse comunicar com o mundo invisível? Ou a simples circunstância de ser padre dá-lhe prerrogativas especiais?

É verdade que o Cardeal Lepicier reivindica para a Igreja o monopólio das comunicações com os Espíritos bons. Também para o Cardeal as comunicações que se obtêm fora da Igreja são devidas à intervenção de demónios. Católicos e protestantes, neste ponto enaipam.

Teria sido também um demónio que levou o arcebispo de Génova, Tomaz Régio, a cumprir a recomendação verbal feita pelo irmão, à hora da morte, a que o arcebispo não dera cumprimento?

Dou o resumo deste caso que é da maior importância pela sua comprovada autenticidade; é uma prova crucial da sobrevivência da personalidade.

Um médium em Paris, encorpora o Espírito do

A Missão de Jesus

por Fernando da Cruz Ferreira

VIII

Segui-me e far-vos-ei pescadores de homens.

Matcus, IV-19
Marcos, I-16 a 20
Lucas, V-1 a 11

Na margem do lago de Teberíades, a que a luz da manhã dava reflexos de opala, os pescadores atarefados vazavam os barcos e lavavam as redes.

Tinha sido má a noite; a pesca tinha resultado nula. Cansados e desapontados, Pedro, André e os companheiros, insensíveis, como em geral os pescadores e trabalhadores, à beleza das coisas, no meio das quais passam a existência, não ligavam, sem dúvida, a menor atenção à deslumbrante sinfonia de cores que diàriamente tinham diante dos olhos...

Nem sequer viam os maravilhosos cambiantes das águas transparentes, trespassadas pela luz tão suave das manhãs côr de pérola, as colinas descendo para o mar tranquilo, numa doce harmonia de oiro e lilaz, o Monte Herman erguendo, até quase se perder no Céu luminoso, a sua coroa de neves eternas e a planície de Genezareth — o jardim dos príncipes — onde as flores e os frutos se confundiam, e as vinte cidades, pousando todas brancas ao longo das margens do lago, onde eles mourejavam. Não. Que lhes importava tudo isso?

Na sua absorvente faina, mal podiam levantar os olhos das redes eriçadas de algas e sargaços.

E os outros, como eles, lidavam também no pequeno porto, lavando redes, amarrando barcos, arrecadando os remos, no meio daquela exuberância de gestos e de gritos tão característicos dos ajuntamentos orientais.

A dolente melopeia das ondas do lago harmonioso — chamado pelos rabis «Kinnereth», de Kinnor, harpa, por causa da sua forma e em razão do seu canto — perdia-se no grande rumor das margens tão movimentadas...

Mas quando o senhor, passando pela praia, comprimido pela multidão ansiosa de ouvi-lo, pediu a Pedro a hospitalidade da sua barca, para daí prègar, como um improvisado púlpito, todos os ruídos se calaram para o apóstolo.

Nada mais ouviu além da voz, cuja doçura e tom grave denunciava o profeta, e imediatamente obedeceu.

Depois do seu encontro nas margens do Jordão, Pedro e os três outros primeiros discípulos, só de longe em longe tinham acompanhado o Mestre, conforme as suas instruções. Nos intervalos retomavam as suas ocupações, continuavam na vida habitual. Sabiam que Jesus era o — Cristo — o Messias.

Tinham-no confessado. Haviam-se entregado irrevogàvelmente a Ele, mas não sa-

---

falecido Vincent Régio, Presidente do Tribunal da Relação de Génova, irmão do arcebispo da mesma cidade, o qual diz ter desencarnado em 27 de Outubro de 1901, pelas 6,30 horas da manhã, em Corso Paganini, n.º 16; pede ele que se encarreguem das diligências precisas para que o irmão arcebispo cumpra a sua última vontade, o que até então não fizera. Estes elementos foram transmitidos ao arcebispo, ocultando, porém, o texto da reclamação. Tratava-se apenas de averiguar se as informações fornecidas pelo Espírito comunicante eram ou não verdadeiras. O arcebispo respondeu na volta do correio em carta registada, onde certificava a veracidade das informações e pedia que lhe fosse transmitido o resto da mensagem. Assim se fez. O arcebispo não voltou a escrever, mas, em compensação, o falecido Vincent Régio, em outra sessão mediúnica, comunicava que o irmão arcebispo reconhecendo a sua falta e inspirado pelo Espírito protector do médium, tinha remediado o mal causado.

E finalizava deste modo: «Sinto-me feliz com esta intervenção superior; assim tranquilizado, posso prosseguir no caminho do meu aperfeiçoamento».

Se foi um *demónio* que interveio, temos de reconhecer que foi um *bom demónio*.

Demónios desta natureza precisávamos nós muitos neste mundo de hipocrisia e maldade para meterem os homens no caminho do Bem.

biam ainda para onde os levava, nem o que faria deles.

Ignoravam sobretudo que, ao contrário dos outros rabis, os não chamava ùnicamente para ouvirem os seus ensinamentos, mas sim para os praticarem.

Neste meio tempo iam vivendo do seu trabalho; e como diz S. João Crisóstomo: **«Aceitar a pobreza de todo o coração, viver dum trabalho honesto, amando a todos, servindo aos pais e provendo às suas necessidades — não é tudo isto uma medíocre virtude».**

É certo — mas, no entanto, não excedia os limites duma virtude puramente humana, tal como à volta delas a praticava este povo da Galiléia, turbulento, sempre atarefado, mas simples e bom.

E eis que soam, da barca, palavras novas!

Tendo remado para distanciar um pouco Jesus da multidão que o comprimia, ansiosa de ouvi-lo, Pedro ficara muito próximo, de forma a não perder uma só palavra.

Que palavras? Não o diz o Evangelho.

Sem dúvida o Mestre anunciava o Reino de Deus com aquelas que só Ele sabia dizer...

E com certeza, sentado na sua barca por trás de Jesus, o homem simples, de coração recto, obscuramente comparava a distância que separa o finito do infinito, apreciando a imensidade dessa distância; e talvez já então a si mesmo perguntasse como poderia, ele e pobre pescador rude, servir Aquele **«que tinha palavras de vida eterna».**

Talvez... O que diz o Evangelho é que, acabando de falar, disse a Pedro: «Rema para o mar largo e lança as tuas redes para pescar».

— Mestre, respondeu Simão, toda a noite trabalhámos e nada pescámos. No entanto, confiado na Vossa palavra, lançarei a rede.

Sim, confiado nessa palavra, que acabava de escutar, passando como uma mensagem do Paraíso sobre as águas azuis do lago e que tantas vezes a seus próprios olhos tinha sido seguida de prodígios.

De que poderia ele espantar-se, sendo Jesus quem falava? Em quem a fé é tíbia reina a inquietação; em todo aquele que ama com perfeito amor, a confiança é absoluta.

Apesar disso, quando o prodígio foi feito directamente a Pedro como uma resposta Divina; quando ele, tentando colher as redes, não pôde — porque se rompiam com o peso — perturbado, fora de si, sem voz para gritar pelos companheiros, chamou-os por acenos.

Para ele, o fenómeno não era a imensa quantidade de peixes que pescara no lago onde abundavam; era, sim, virem tanto as criaturas como a criação, obedientes ao poder da Sua vontade divina, prostrar-se a Seus pés; o límpido olhar de Jesus descer através das águas como descia ao coração dos homens.

Simão Pedro caiu de joelhos:

— «Senhor, apartai-vos de mim que sou um homem pecador!».

A consciência da sua indignidade, a desproporção espiritual realmente tremenda entre ele e o Mestre, apareciam-lhe agora, como há pouco, oprimindo-o, como sempre, desde que encontrara o Senhor.

Arrancava ao seu coração a mais leal, a mais nobre confissão dum coração de homem que começa a conhecer-se através do influxo de Deus. — Criava o alicerce de verdade e a humildade sólida bastante para suportar o Edifício Invisível.

E Jesus sempre condescendendo, — Ele que atraiu os Reis Magos por uma estrela e os pescadores pela pesca — fez a Pedro e a André uma promessa estupenda.

— Segui-me. De hoje em diante sereis pescadores de homens.

Da mesma forma chamou Tiago e João e eles, abandonando tudo, seguiram-n'O.

MÉDIUNS CURADORES

Em 1932, o «Siècle Medical», de Paris, publicava um impressionante quadro estatístico sôbre o desenvolvimento da mediunidade curadora na Alemanha:

1876	*670*	*1927*	*11.761*
1887	*1.713*	*1928*	*12.098*
1898	*3.058*	*1929*	*12.413*
1909	*4.168*	*1930*	*12.942*

o que correspondia, em 1930, a 27 «curadores» por cada 100 médicos. O estado de Saxe apresentava uma percentagem de 50 % e em Hamburgo chegava a 73 %!

Mas a última guerra, com todas as suas desastrosas consequências, foi, sem dúvida, alterar estes números reveladores dum dos mais extraordinários movimentos de mediunidade curadora!

A Vida do Médium Daniel D. Home

(Este trabalho é o resumo do livro «Hey-Day of a Wizard» de Jean Burton, feito pelas Selecções do Reader's Digest)

II

EM parte alguma do mundo os espíritos visitadores produziram mais fortes écos do que entre a colónia anglo-americana de Florença, na qual Home gravitou em 1855, na qualidade de hóspede de Thomas Adolphus Trollope, irmão do romancista Anthony. Aquela sociedade ociosa, de expatriados gozadores da vida, acolheu-o com entusiasmo, e todos rivalizaram de esforços para o receber e lhe agradar. Quando Nathaniel Howthorne chegou a Florença, três anos depois, ainda foi encontrar a colónia vibrando do «caso Home»; o romancista passou imediatamente a recolher elementos para as suas histórias sobre as proezas do espirita.

Hawthorne tomava chá um dia em casa de Hiram Powers, grande autoridade em anatomia, que tinha procedido a uma cuidadosa inspecção das «mãos espirituais» de Home, e lhe relatou alguns dos fenómenos que presenciara em sua própria casa. Assim, duas mãos fantasmáticas tinham aparecido à beira duma mesa e, erguendo um leque, puseram-se a abaná-lo com a maior naturalidade... Quando, no curso da sessão, Powers inquiriu qual fora a última coisa oferecida em presente a um menino que falecera, ele e sua mulher sentiram de repente uma viva picada nos joelhos, como se feita por um instrumento aguçado: o último presente que o menino recebera fora... um canivete!

«Powers ainda me referiu muitas outras maravilhas (fala Hawthorne, o mais moderado dos mortais) que parecem ter tanto jus a ficar arquivadas por escrito como factos, quanto outra coisa qualquer que dependa do humano testemunho».

O anfitrião de Home em Florença, Trollope, escolheu a dedo um velho nigromante, Bartolomeo Bosco, para indagar da sua opinião sobre o médium: Bosco assegurou-lhe que as manifestações provocadas por Home estavam muito além e para cima de todos os recursos de qualquer ilusionista conhecido.

Quando esta opinião autorizada correu Florença, de boca em boca, os cidadãos ficaram consternados. Passaram a murmurar que Home organizava «missas negras» e que erguia os mortos da cova por meio de artes mágicas... Viu-se ele então ameaçado, em cartas anónimas, dos mais requintados castigos, se não saisse da cidade. Felizmente para Home, o Conde Branicka, sobrinho-neto de Potemkin, convidou-o por essa altura a regressar a Paris.

Produziu-se então um acontecimento imprevisto e de grande repercussão: Home anunciou que, no dia 10 de Fevereiro de 1856, os espíritos o tinham informado de que o seu «poder» estava prestes a abandoná-lo exactamente durante o período de um ano...

No ano seguinte toda a gente sabia, em Paris, o dia preciso em que os poderes de Home lhe deviam voltar, e pode-se dizer que nunca o reaparecimento duma diva da ópera, ou dum moderno campeão de box, foi alvo de mais ardentes e desencontradas especulações. Esse ano de abstenção foi obra do mais fino senso da espetaculosidade...

Afinal, na manhã de 11 de Fevereiro de 1857, o Marquês de Belmont, a mandado de Sua Majestade Imperial Napoleão III, esperava à porta da casa de Home para saber «se o poder já tinha voltado». Sim senhor, replicou Home, voltara à meia-noite em ponto, e o sinal da *reprise* fora dado pela mão dum espírito que lhe pousara na testa...

Dito isto, o marquês rogou ao médium, em nome do imperador, que se apresentasse no Palácio das Tulherias tão depressa lhe fosse possível.

* * *

Dia escolhido com sentimento do mistério, foi numa sexta-feira e dia 13 de Fevereiro de 1857, que Home compareceu pela primeira vez à presença de Napoleão III e da romântica Imperatriz Eugénia. Durante toda essa sessão inicial, os frios olhos do imperador estiveram pensativos. O soberano era também um mágico-amador bastante razoável; em todo caso, dava-lhe que pensar que as suas perguntas *mentais* fossem respondidas por aquelas misteriosas pancadinhas...

A Imperatriz Eugénia deixou-se cativar completamente pelo espirita, depressa e sem opor resistência. Home pediu-lhe que metesse a mão por baixo da mesa, segredando-lhe que, se outra mão ali apertasse a dela, seria a de alguém que Sua Majestade não tinha que temer... Esperaram todos, e um momento depois a imperatriz murmurava, quase sufocada, não podendo crer nos seus sentidos:

—É a mão de meu pai!

A seu turno, o imperador tocou-lhe também:

ambos confessaram que a reconheciam sem hesitar, por certo defeito característico...

O momento culminante da sessão foi, porém, quando um halo luminoso se condensou no ar, para logo se transmutar na mão dum homem, que agarrou num lápis e escreveu ràpidamente: «Napoleão». O imperador declarou, *incontinenti*, que era a assinatura do grande Bonaparte. Eugénia rogou então que lhe fosse consentido beijar a mão daquele a quem ela e o esposo tanto deviam, e a mão, antes de se desvanecer, ergueu-se até os lábios de Eugénia.

O imperador, impressionado, mandou recado urgente aos doutores da Sorbona, que, segundo ele esperava, explicariam todos aqueles fenómenos como causados pela «electricidade» — então ainda uma curiosidade de laboratório pouco menos misteriosa do que o ectoplasma dos espiritas. Mas o desconcertante veredito dos sábios professores foi, apenas, que tudo quanto o imperador justamente acabava de lhes dizer que *vira* — não era coisa que olhos humanos jamais pudessem ver...

A partir de então, Home passou a jantar todas as semanas em família com o par imperial, e executou muitos números de seu repertório transcendente para gozo e espanto dos mais distintos visitantes estrangeiros. A corte inteira estava fascinada e todos ali se mostravam incansáveis em incensar o espirita. Tantas atenções eram realmente de molde a fazer andar à roda a cabeça de qualquer mortal, mas Home tinha mão firme nos seus impulsos. Pálido e imperscrutável, atravessava aquele mundo de belezas frisadas, cintilantes de jóias, roçagantes de crinolinas, que era a corte de Napoleão-o-Pequeno.

O mundo lá de fora não deixou de interpretar maliciosamente a influência que Home ia ganhando sobre a corte imperial da França. O *Harper's Weekly* consignou que a imperatriz tinha o médium «tão constantemente nos seus aposentos e em tal intimidade, que as más línguas de Paris já começavam a babar escândalo». Mais prejudiciais ainda eram as referências que saíam de Paris pelas malas diplomáticas. Lord Crowley, embaixador da Inglaterra, escrevia que «ele domina por completo o Imperador e a Imperatriz. A polícia até já anda alarmada». O Conde Walewski, filho ilegítimo de Napoleão I e da sua amiga polonesa Maria Walewska, acusou Home de manobras a favor duma potência estrangeira.

Mr. Home, entretanto, ria plàcidamente, a todas as sugestões de intriga — mas, a certa altura, atravessou-lhe o espírito este pensamento realmente solene: «Que uso não faria deles um homem calculista, se tivesse os dons que eu possuo?...

* * *

A sociedade parisiense acabou por abrir de par em par as suas portas a Daniel, que passou a jantar diàriamente com príncipes, condes e duques. Era visto com frequência na companhia de Alexandre Dumas, nos teatros e terraços dos cafés da moda. O poeta Shelley e sua mulher convidaram-no a passar uma quinzena em companhia deles. Foi até à Holanda realizar algumas sessões na presença da Rainha Sofia, na Haia. Visitou o Grão-Duque de Baden-Baden, em cuja corte fez uma demonstração especialmente para o rei do Vurtenbergue e o Príncipe Regente da Prússia. O próprio Papa Pio IX (pois que Home, no curso das suas andanças, se convertera ao catolicismo) lhe deu audiência, durante a qual lhe fez muitas perguntas, mandando-o por fim embora com a benção apostólica.

De passagem em Roma, Dániel encontrou num jantar de festa a bela Sacha de Kroll, russa, com 17 anos, e solteira. Doze dias depois anunciavam que estavam noivos.

A cerimónia do casamento realizou-se na Rússia, e Alexandre Dumas serviu de padrinho do noivo. O tzar Alexandre II, cuja sanção era indispensável para o consórcio de qualquer membro da nobreza, tinha já dado o seu consentimento. (Por sinal, o imperador viria a tornar-se um fiel e bom amigo do espirita.) Três dias antes do casamento, mandou de presente a Daniel um deslumbrante anel de diamantes.

E quando, um ano depois, Sacha teve o seu primeiro bébé, um menino, o padrinho foi nada menos que Alexandre, o tzar de todas as Rússias!

No primeiro aniversário do casamento, os Home, com o bébé Grischa e a respectiva ama, saíram da Rússia para a Inglaterra. Hospedaram-se num apartamento do Hotel Cox, forraram os aposentos com fotografias autógrafas da nobreza e testas coroadas de toda a Europa, e depois abriram as portas a uma torrente de visitantes, que impudicamente se atropelavam uns aos outros para avistar o médium e a sua esposa tão jovem.

Por volta de 1870 seria difícil encontrar uma pessoa de relevo social, homem ou mulher, que não tivesse assistido pessoalmente às prodigiosas demonstrações de Home. Era, numa palavra, o cúmulo da celebridade.

Rodeado de nobres assombrados, com dons psíquicos dos mais rendosos, poderia dizer-se que Home recebera da vida tudo quanto esta, legitimamente, podia oferecer-lhe... Mas uma sombra pesou em breve sobre essa ventura: nenhum «espírito» bondoso parecia ter achado próprio premunir a linda Sacha contra os perigos de contágio pela tuberculose, e a pobre criaturinha começou a definhar a olhos vistos.

Foi um trágico episódio, esse da doença e morte de Sacha. Nem sequer a agravante da notoriedade lhe faltou, pois a bisbilhoteira Inglaterra assistiu em peso àquilo, como a um drama que decorresse num palco. Nada faltou para torná-la espectacular: aquela

mãe tão jovem, esposa adorável, sofrendo, vendo seu corpo definhar na flor da idade; o esposo alanceado; o bébé que corria a fazer uma carícia na face de cera da moribunda, para balbuciar na sua vòzinha ainda incerta: «Mamã não pode ficar doente, Mamã é tão boazinha!»

Até na morte a linda russa prestou um enorme serviço à causa do marido, demonstrando quanto o Espiritismo oferecia, em contraste com os terrores do leito de agonia dos ortodoxos. Ela estava de há muito em comunicação com os espíritos de amigos idos, e sentia que a vida que se abria agora diante dela era linda para além de quanto se possa imaginar. Era isto no reinado da Rainha Vitória, e nessa época «un bel morir» era de grande estilo, coisa muito apreciada! A compostura de Sacha na morte impôs o movimento espirita às pessoas por natureza devotas, como nada mais o poderia ter feito.

* * *

Poucos mais anos de vida profissional lhe restavam agora. Passou, entretanto, a adicionar mais duas estranhas provas ao seu primitivo repertório: era a primeira um fenómeno horripilante, conhecido por «alongamento»; consistia o segundo, literalmente, em brincar com o fogo.

Quando ele anunciava o «alongamento», os investigadores colocavam-no, em estado de transe, de encontro a uma parede. Um dos homens, de joelhos, segurava-lhe os pés, outro agarrava-o pela cintura, enquanto um terceiro, de lápis em riste, se preparava para marcar na parede o aumento de estatura que se produzisse. Uma noite, para variar, no apartamento dos Carter Hall, membros dos círculos literários de Londres, Daniel jazia por terra, com o *Honourable* Lindsay aos pés, e um jovem irlandês, Lord Adare, à cabeceira. Segundo eles, o médium «parecia ir crescendo por ambos os extremos», que se iam afastando cada vez mais um do outro. Acudindo com uma fita métrica, Hall verificou, com uma tontura de assombro, que dos pés à cabeça do médium iam agora quase 2,10 metros!

Mas era o espectáculo de Home manipulando o fogo o que dava aos espectadores o grande e supremo arrepio de horror. Houve em certos meios quem visse nisso a prova irrecusável de que ele tinha pacto com o Excomungado. Ao que parece, Home podia transmitir a sua imunidade às outras pessoas, e até, ocasionalmente, às próprias flores: punha-se a torrar entre chamas, e depois exibia-as frescas e intactas, como se acabassem de chegar do florista! Lady Gomm testemunhou que, quando ele lhe passou para a mão um carvão em brasa, ela o pôde segurar sem se queimar; mas quando o pousou em cima duma folha de papel, esta desfez-se instantaneamente em chamas.

Homens de nervos robustos ficaram lívidos no dia em que Home, no estado de transe, se encaminhou para uma grande chaminé da sala, espevitou as brasas com a mão, e em seguida, «ajoelhando», pôs a cara mesmo entre os carvões, roçando-a de lado para lado, como se a estivesse banhando na água... Quando voltou para fora, nem sequer um cabelo da cabeça se achava crestado! Pegou então num carvão ardente, e andou com ele à roda da sala: estava tão quente, que ninguém se aguentava a 10 ou 15 centímetros de distância dele!

Viver na companhia de Home, como convidado ou companheiro de viagem, era coisa que estava sujeita aos acidentes mais inquietantes. Certa vez, por exemplo, estava ele de passagem em casa dum tal John Enmore Jones, em Norwood, quando Lord Adare, que se fizera então seu constante companheiro e viera assistir a uma das suas sessões, perdeu o último trem para Londres, e foi hospitaleiramente convidado a passar ali aquela noite. Carregaram um sofá para o andar de cima, onde estava o quarto de Home. Apagou-se o gás, mas da rua vinha uma réstea de claridade. Estavam os dois amigos conversando em voz sonolenta, quando o quarto começou a ser sacudido e invisível mão desatou a puxar-lhes as roupas da cama. Depois ouviu-se música. Chamaram Mr. Jones, que acudiu correndo, e perguntaram-lhe se alguém estaria tocando na casa: ele disse que não, àquela hora!, e ficou também para ver o que se passava.

Adare podia agora ouvir o ruido que faziam os seu óculos e a caixa de rapé, que ao deitar-se pusera numa cadeira ao lado da cama, e com os quais o Invisível brincava. Ao mesmo tempo, a mesa onde ele tinha posto o vestuário ergueu-se no ar, tornando-se do mesmo passo luminescente; as roupas caíram por fim, e o dinheiro que estava nos bolsos rolou tilintando por sobre o tapete. O último rumor que ele nessa noite ouviu foi o tinir das moedas, que os «espíritos» amigos da ordem andaram apanhando do chão e metendo nos bolsos donde tinham saído.

Home fechou o ano de 1868, em Londres, com o acontecimento mais espectacular e retumbante de toda a sua inquietante carreira: uma combinação de levitação e transporte, passando ele dum quarto para outro através das janelas, situadas à altura dum terceiro andar. O fenómeno produziu-se em casa dos Hall, na presença de Adare, Lindsay e dum primo de Adare, o capitão Charles Wynne. Lorde Adare e Lindsay escreveram separadamente os seus relatos do impressionante caso.

Contam eles que Home, em transe havia algum tempo, começou a andar pelo quarto numa atitude inquieta, até que por fim se sumiu no quarto vizinho. Ao mesmo tempo Lindsay ouviu uma voz murmurar-lhe ao ouvido: «Ele vai sair por uma janela e entrar pela outra!». Mal tivera tempo de transmitir aos

amigos a espantosa revelação, quando «ouvimos levantar a janela de guilhotina do quarto ao lado, e quase imediatamente vimos Home a flutuar no espaço, fora da nossa janela! Manteve-se nessa posição durante alguns segundos, em seguida ergueu a janela, entrou no quarto vogando de pés para diante, e sentou-se.

«Lorde Adare foi então até ao quarto imediato, para examinar a janela: estava levantada uns 37 centímetros, e o nosso amigo declarou-se surpreendido com o facto de Home poder passar através duma abertura tão estreita. Home respondeu (sempre em transe): «Eu lhe mostro»; e logo, de costas para a janela inclinou-se até ficar na posição horizontal e foi disparado pela abertura da janela, de cabeça para a frente, com o corpo em estado de rigidez. Daí a pouco regressou».

Home despertava pouco depois, num estado de grande agitação, declarando que se sentia como se tivesse atravessado um grande perigo e que tinha o mais horrível desejo de se arremessar pela janela fora...

* * *

Nos começos de 1871, a convite do Barão Meyendorff, Home voltou a visitar a Rússia, aonde não fora havia seis anos. O czar convidou-o a aparecer no Palácio de Inverno.

Durante essa visita travou conhecimento com a formosa Julie de Gloumeline, parenta de S. Ex.ª Alexandre N. Aksakof, Conselheiro Imperial e espírita distinto, e do dr. A. von Boutlerow, professor de química na Universidade de São Petersburgo.

Júlia achou o médium simpático e ouviu logo uma voz no ar, por cima dela, anunciando — «Eis o teu marido...» Ficaram noivos quase imediatamente. Mas o casamento não se realizou tão cedo, porque Home tinha que regressar à Inglaterra em Março, obrigado por contrato.

William Crookes, o brilhante físico-químico, então em plena mocidade, mais tarde enobrecido com o título de *Sir*, interessara-se profundamente por Home e andava ansioso por estudar os fenómenos do médium, mas no laboratório.

«O espírita — disse Crookes — fala-nos de salas e casas sacudidas por alguma força sobreumana. Mas o homem de ciência limita-se a pedir que ele faça vibrar um pêndulo metido sob a sua redoma de vidro.» Dificilmente poderia Home, na sua opinião, hipnotizar *instrumentos*...

Entre os complicados aparelhos de controlo instalados por Crookes, estava uma harmónia, metida numa espécie de gaiola toda envolvida em fio de cobre isolado. Durante as experiências, as mãos de Home conservaram-se seguras; a pesar disso, podia-se ver o instrumento pairando dentro da gaiola, tocando escalas e acordes, e depois «uma suave e queixosa melodia».

Depois de ter presenciado levitações, manipulações do fogo e outros fenómenos igualmente prodigiosos nas sessões de Home, Crookes escreveu um relatório para o *Quarterly Journal of Science*, no qual «afirmou concludentemente» a existência de uma «nova força, de certo modo obscuramente relacionada com o organismo humano, que por conveniência poderíamos chamar Força Psíquica»; e que, de todas as pessoas dotadas dessa força, Home era sem dúvida a mais notável. «*Tudo a quanto com ele assisti, decorreu em plena luz*».

«Os fenómenos que eu estou preparado para atestar, opõem-se tão directamente aos artigos mais firmemente assentes da fé científica — entre outros, a ubiquidade e a acção invariável da gravidade — que em minha mente se estabeleceu um duelo entre a *razão*, que pronuncia o fenómeno como cientificamente impossível, e a *consciência* de que meus sentidos, assim o tacto como a vista... não são testemunhas perjuras.» Vinte anos depois Crooks ainda escrevia: «Não descobri vício algum nas experiências então feitas, nem no raciocínio que nelas assentei.»

* * *

Casado pela segunda vez, Home retirou-se, com 38 anos, à vida privada. Uma demanda judicial sobre a herança de Sacha foi decidida a favor dele. Com as finanças enfim equilibradas, Home era agora o perfeito cosmopolita, ocioso e urbano, e gastou anos de vida em viagens. Mas tinha a saude minada, ambos os pulmões afectados; além disso sofria de artritismo, e para andar via-se forçado a apoiar-se numa bengala.

Quando aparecia nas termas elegantes, rodeado de secretários e admiradores, a esposa bonita e esbelta pelo braço, sempre debruçada sobre ele, o prestigioso e legendário mágico, com o peito reluzente das jóias que no curso de muitos anos lhe haviam dado em prova de estima as altezas e as realezas, parecia uma árvore de Natal, e em volta dele erguia-se um murmúrio de curiosidade maravilhada. Os dedos de ambas as mãos eram literalmente recamados de anéis. As pessoas que, ao vê-los, deixavam escapar brados de assombro. Home dava indulgentes explicações: «Este aqui foi presente do Imperador dos Franceses, este, da Rainha Sofia da Holanda; estes rubis, diamantes e esmeraldas foram presentes do czar da Rússia; e a pérola é uma lembrança de Guilherme I da Alemanha.»

Home festejou em Nice o seu 50.º aniversário natalício, e a colónia estrangeira da cidade reuniu-se para o homenagear com cestas de flores e discursos de louvor. Morreu três anos depois, na primavera de 1886, e foi enterrado no cemitério russo de St. Germain-en-Laye.

FIM

MATERIALIZAÇÕES ESPANTOSAS

obtidas com o auxílio de Cyril Budge, médium extraordinário, cujos trabalhos atestam a sobrevivência da alma humana

por Isidoro Duarte Santos

JÁ a este caso nos referimos em outra publicação. Como, porém, o assunto é de extremo interesse, não queremos deixar de lhe conceder arquivo nas colunas de *Estudos Psíquicos,* que se encontram abertas a tudo que dignifique e imponha a Doutrina. Assim, qualquer acontecimento de relevo que nos chegue aos ouvidos ou caia sob nossos olhos investigadores, será analisado imparcialmente e comentado segundo o critério que preside aos nossos actos e já conhecido dos leitores desta revista.

É sabido que os fenómenos físicos do Espiritismo costumam abalar fortemente o cepticismo dos indiferentes.

A filosofia é boa, é excelente, quando o homem tem a inteligência preparada, disposta a receber a luz que vem de qualquer parte. Mas, para aqueles que se encontram endurecidos, couraçados contra tudo o que transcenda o limite dos seus conhecimentos, próprios da ciência que lhes ministraram nas escolas e institutos oficiais, para esses, só o fenómeno físico poderá servir de estimulante. Mais ainda: de poderoso reagente contra a teimosia que os leva a não estudar o facto em si e nas suas presumíveis consequências.

Porque, em regra, o céptico vive bem no indiferentismo que adoptou e não dá um passo para a pesquisa da verdade. Este comodismo intelectual é a negação, pura e simples, das faculdades mentais do indivíduo, que nasceu para acompanhar o progresso, para o impulsionar e orientar, de harmonia com as intuições e necessidades do maior número, e não para viver emparedado, circunscrito, a digerir o bocado, como animal reprodutivo.

O céptico não vai a sessões, muitas vezes por que não crê no que lhe apresentam, outras vezes com medo de ver derruir a montanha da sua dúvida permanente.

Um dia, porém, teve a prova necessária. Inesperadamente, foi tocado pela luz e vacilou, não atinando com a explicação do caso. Não chegou, mesmo, a coordenar ideias, visto que o choque tremendo o impossibilitou de raciocinar. Atónito, procura refugiar-se onde quer que seja, para fugir à impressão que o tortura, que o desnorteia. Julga-se vítima de alucinação, apela para o *bom-senso,* na mira de destruir as suas apreensões *infundadas,* mas o choque foi demasiado violento e não consegue, por isso, normalizar-se, por mais que se esforce para tanto.

O fenómeno constitui, então, para o céptico, uma espécie de obcecação. Não pensa noutra coisa. À indiferença antiga, segue-se a curiosidade ilimitada de estudar, de ver o que está por detrás da antepara que lhe veda o horizonte. Os extremos tocam-se. A curiosidade transforma-se em espectativa ansiosa...

Não há, portanto, coisa alguma que demova o céptico como o fenómeno físico, neste caso a materialização de entidades que se apresentam como pessoas falecidas e andam e falam, apertam mãos, dão abraços, são auscultadas, dando a impressão de pessoas normais. A este choque nenhum resiste. De leões rugidores, passam a mansos cordeirinhos. E é vê-los contritos, arrependidos, envergonhados da figura que fizeram, deglutindo o riso de ontem, como ruminantes da inteligência, e pedindo informações e pormenores acerca deste ou daquele caso!...

* * *

Pois, hoje, vou tratar das espantosas materializações obtidas por Gyril Budje e cujos trabalhos são desconhecidos em Portugal. Socorri-me dos extractos da *International Psychic Gazette,* importante revista londrina, dirigida pelo sr. John Lewis, já falecido, e com quem, em tempos, mantive correspondência, no intuito de obter direitos de reprodução dalguns artigos aí publicados.

Digo, desde já, que as materializações em questão deixam a perder de vista as de Katie King, sobretudo em nitidez, como os leitores podem verificar, analisando as gravuras que acompanham este relato.

Gyril Budge tem 32 anos, e a sua história resume-se em poucas palavras. Perdeu o pai na batalha da Jutlândia e é sobrinho da senhora Coleman, esposa de W. T. Coleman, há perto de meio século desligado do movimento espirita inglês, não obstante continuar a manter as suas convicções, como outrora, quando fundou, com outros, a Missão Espirita do Sul de Londres e dirigiu o Liceu desta agremiação. É curioso saber o interesse que este velho sente em viver no meio das gerações novas e auxiliar o desenvolvimento do sobrinho.

A senhora Coleman é clarividente e psicómetra. Segue nas águas do marido, pois dirige o Liceu espírita de Lewisham e tem realizado inúmeras sessões em diferentes localidades da sua província.

Em 1930, adoeceu Cyril Budge. Impossibilitado de se empregar, foi a casa da senhora Coleman, afim de lhe pedir um conselho. Sentaram-se à prancheta e, pouco depois, os espíritos amigos davam-lhe a seguinte resposta:

— Dedica-te a trabalhos psíquicos.

Cyril Budge seguiu o conselho. Procurou desenvolver a mediunidade, auxiliado por *Hassan,* seu guia egípcio, e tentou experiências com chapas fotográficas. Obteve rostos e marcas, segurando apenas as chapas nas mãos. Uma vez conseguiu levitar a trombeta; ao mesmo tempo, obteve a materialização de mãos de espíritos, precisamente na altura em que sua tia lhe segurava as mãos.

Nove meses depois, vieram as primeiras materializações. *Hassan* pairou fora do gabinete e apertou a mão da senhora Coleman. Vinha, também, o guia desta senhora, que era certa freira, morta em França, durante a Grande Guerra. Ambos os espíritos se mostraram ao mesmo tempo, quando o médium estava em transe.

No segundo ano de experiências, obtiveram escrita directa em lousas fechadas e seladas. Os fenómenos iam, porém, aumentando, tendo-se resolvido colocar no gabinete uma cadeira com correias, a que ataram o médium, de forma que não pudesse ter contacto com a trombeta. Os guias manifestaram-se, com e sem trombeta, e levitaram uma pesada mesa até ao teto, o que seria impossível a qualquer assistente.

Depois, vieram outros guias. Vieram *Agar* e *Nawab,* seus amigos egípcios, bem como determinado médico local que desencarnara em Lewisham, o qual aconselhou a adopção duma máquina eléctrica que estava no quatro das sessões, afim de melhorar a saude dos assistentes. Outros espíritos que se juntaram ao grupo entretinham-se a tirar pequenas coisas aos circunstantes e a depositá-las numa caixa, lacrada e fechada, para dentro da qual todos viam entrar os objectos, mercê da luminosidade da lousa que ali haviam colocado.

* * *

Os fenómenos iam, pouco a pouco, variando de qualidade. Assim, houve uma sessão em que o espírito de John King falou, a princípio, pela trombeta, e em voz, cujo som encheu todo o ambiente de fortíssimas vibrações.

— Boa noite, boa noite!... — gritou —; Não quero que o meu navio saia ainda!...

Referia-se, naturalmente, aos seus tempos de pirata.

A seguir, falou sem auxílio da trombeta e manteve conversação com os assistentes, referindo-se a certo incidente ocorrido a *Sir* William Crookes, nas experiências de Katie King (sendo médium Florença Cook). E quando lhe perguntaram o que fazia, agora, com Husk, respondeu, em voz de Stentor:

— Continuamos a ser médiuns para as esferas mais altas.

Em conversa com a senhora Coleman, explicou algumas diferenças que encontrava:

— Quando eu estava na Terra — disse ele —

O médium Cyril Budge aos 24 anos

fazia barulho, ao tocar na mesa; mas agora as minhas mãos passam através dela, sem lhe tocar. Nós podemos tocar nas nossas mesas como vós tocais nas vossas, mas as vossas mãos passariam através das nossas mesas, exactamente como nos sucede, quando queremos tocar nos vossos objectos. Para nós, tudo é real, no mundo que nos cerca. Encontramo-nos uns aos outros, temos muito que fazer e nunca estamos fatigados. Desconhecemos o sono e aprendemos, por isso, mais depressa. Os guias vivem em conjunto. Discutimos o que vamos fazer e, geralmente, está sempre um de nós em casa.

A escrita e os desenhos obtidos em lousas fechadas, assim como a assinatura dos guias, não constituiram fenómenos menos notáveis.

A escrita na lousa resumia-se, simplesmente, a três ou quatro palavras e a informar que dois pedacitos de lápis estavam nas lousas.

Desta vez, puderam conversar pela trombeta,

com espíritos desencarnados, amigos dos assistentes, mas sem conseguir materializar-lhes as formas.

* * *

Assim desenvolveu as suas faculdades o médium Cyril Budge, cuja série de fenómenos não ficaria por aqui.

Uma das suas mais notáveis sessões particulares realizou-se no Psycho-Physical Studio, Dartmouth

Cyril Budge e o seu guia «Agar»
(Fotografia tirada à luz do magnésio, numa sessão do Psycho-Psysical Studio)

Park Hill, Londres, em 16 de Janeiro de 1933. Ali se obteve a interessantíssima fotografia que reproduzimos (Cyril Budge o seu guia «Agar») e onde se vê, claramente, a forma materializada do guia egípcio, ao lado do médium. Creio que não existe fotografia mais nítida de qualquer materialização. As de Katie King, obtidas por Crookes, são menos expressivas, visto a médium Cook ter sido, parcialmente, apanhada pela objectiva.

Se analisarmos, atentamente, esta fotografia, ser-nos-á fácil apreciar o curiosíssimo fenómeno de se verem as travessas posteriores da cadeira através do tronco do médium, cuja substância material foi tirada para se formar a materialização. É, na verdade, um maravilhoso espécime fotográfico, talvez o mais perfeito, nos anais das Investigações Psíquicas.

Quereis saber como se obteve a fotografia? Em 10 de Janeiro, determinado membro do *Studio* recebeu instruções do seu Espírito-guia para formar um grupo particular no seguinte domingo à noite, ocasião em que se procuraria tirar a fotografia de «*Agar*», junto do médium. No dia 16, tomaram-se as necessárias providências, depois do que apareceu o médium, em companhia do Secretário Honorário do *Studio*, que vinha com a esposa e a filha.

O quarto das sessões foi iluminado com luz vermelha. A seguir, utilizou-se uma poderosa luz fosforescente, não atínica, que encheu todo o compartimento. Assim, os assistentes podiam observar tudo, como se fosse à luz branca.

Feita a prece e entoados os hinos do costume, decorreram doze minutos, quando *Agar* saiu do gabinete, onde o médium se encontrava. Vinha em corpo inteiro e começou a passear, dum lado para outro, e a conversar com os assistentes. Depois, dirigiu-se para o aparelho iluminante, que estava dentro dum saco, disposto de maneira que se podia, imediatamente, acender a luz branca. Marchou para o gabinete, afastou a cortina e mostrou o médium, sentado em profundo transe. Dirigiu-se para a máquina fotográfica, meteu-lhe a chapa, abriu a objectiva e dispôs tudo para o magnésio, carregando o aparelho e entregando-o ao Secretário, com o aviso de que não acendesse, sem ser dado o sinal. Quando viu que tudo estava pronto, colocou-se ao lado do médium, ordenando:

— Agora!...

O magnésio explodiu e *Agar* exclamou:

— Excelente!...

Acto contínuo, dirigiu-se para a máquina, fechou a objectiva e tirou a chapa.

A sessão continuou às escuras. *Dama Melba* manifestou-se parcialmente materializada e cantou «Abide With Me» e «Loch Lomond», acompanhada ao piano pela filha do Secretário. Por fim, a própria *Melba* acompanhou as suas canções naquele instrumento.

Revelada a chapa, surgiu o que aí fica reproduzido e que constitui excelente testemunho da sobrevivência.

Estas sessões com Cyril Budge foram organizadas no além por Cecil Husk, o célebre médium de materializações, de quem já temos falado. Assim o explicou ele, na segunda comunicação automática:

«Observai a perfeição desta fotografia, que mostra o halo branco do estômago do médium, através do qual aparece, claramente, a cadeira em que está sentado.»

* * *

Em Março do mesmo ano, a *Internacional Psychic Gazette* iniciava assim as suas considerações, a respeito dos fenómenos de Cyril Budge:

«Aqueles que afirmam a impossibilidade actual de repetir os milagres da Bíblia, dizendo que as aparições de Jesus de Nazaré são mito puro e simples,

mudariam inteiramente de opinião se presenceassem os fenómenos edificantes que se estão a produzir no *Psychic Physical Studio* de Londres.

«Nenhuma pessoa sensata poderia duvidar dos cristãos que diziam ter visto muitas vezes em forma física o seu Mestre e Senhor, após a crucificação, se visse uma só vez o guia egípcio *Agar* (agora habitante doutro mundo) aparecer no seu centro, passear na sala, falar com os presentes, fazer todos os preparativos concernentes à fotografia, (inclusive a explosão do magnésio), na qual fotografia o mesmo ficaria em corpo inteiro, ao lado do jovem médium, de quem tirou a substância psico-física necessária à materialização.

«Nunca, em toda a história da Investigação Psíquica, houve tão convincente ilustração da realidade dos fenómenos de materialização, visto as aparições de *Agar* não serem simples réplicas de pessoas que viveram ou morreram uma vez na Terra, mas aparições de personalidade verdadeira, que vive, que se move e conserva ainda as características que lhe são peculiares.

«Não deve haver dúvidas, porque *Agar* manifesta-se à luz branca e porta-se, não como qualquer actor, mas como membro da família humana dos assistentes. Discute assuntos de mútuo interesse, faz tratamentos com as suas mãos a pessoas que sofrem de dores físicas, como se fosse maçagista. E certa noite assombrou os assistentes com a manifestação dramática da sua exuberante mocidade.

«Cyril Budge é capaz de imitar muitos, senão todos os milagres do Evangelho; todavia, em virtude da excelência de suas faculdades, vive em constante perigo de ataque, não só de jornalistas sem escrúpulos, como, também, de certos espiritas menos dotados de mediunidade ou que perseguem fins mercenários, com exibição fraudulenta de médiuns que eles nunca viram.

«Este momentoso assunto merece a consideração de todo o mundo espirita, por dar ensejo à perdição de bons médiuns e levar alguns centros à degeneração, transformando-os em verdadeiras casas de comércio.»

Com efeito, os chamados milagres do Evangelho podem ser postos em equação com os actuais fenómenos, produzidos pelos verdadeiros médiuns, como Cyril Budge.

Quanto à nitidez da fotografia, acho-a espantosa. Posso mesmo dizer que ainda não vi coisa semelhante, a não ser a outra obtida pelo mesmo médium e que acompanha, igualmente, este artigo e cuja história quero levar ao conhecimento dos leitores.

* * *

Em 31 de Janeiro de 1933, realizou-se uma sessão, com a presença de sete pessoas, a saber: O Secretário Honorário do Psych-Physical Studio, sua esposa e filha, o sr. K. C. Hackney, Miss Rigg, o sr. Troughton, o sr. John Lewis e o médium Cyril Budge.

No soalho, estavam lousas luminosas. Na mesa, via-se a pequena caixa para as experiências de passagem da matéria através da matéria e que fora, prèviamente, inspeccionada. A chave encontrava-se em poder da senhora Hackney e o buraco da fechadura estava lacrado.

Logo que se extinguiu a luz, o médium entrou

Fotografia que confunde os críticos de Cyril Budge
(Nela se vê o médium, o director da «Internacional Psychic Gazette» e o seu guia «Agar»

no gabinete e caíu em transe, sob o controlo de Cecil Husk, organizador espiritual das sessões, que deu as boas vindas aos presentes e conversou com o sr. Lewis, referindo-se aos velhos tempos de Peckham, com as famosas materializações de todos conhecidas. Vendo que tudo estava em ordem, retirou-se para o gabinete.

Um quarto de hora depois, precisamente a seguir à conclusão das preces iniciais, apareceu *Agar*, completamente materializado. Saudou os circunstantes e escreveu o nome num livro de apontamentos, mostrando a mão, com auxílio duma lousa luminosa. Perguntou se alguém necessitava de tratamento. Uma senhora tinha dores artríticas nos pés e um cavalheiro era surdo do ouvido esquerdo. *Agar* declarou então que guardaria o tratamento para mais tarde, e,

a título de curiosidade, informou que na última existência fora curador, na cidade do Cairo.

Quando estabeleceram a luz, todos viram *Agar*, dos pés à cabeça. Só nesta altura seguiu para o gabinete.

Edie, filha do sr. Troughton, materializou-se em seguida e mostrou o rosto, à luz das lousas. Depois, passou junto de seu pai, inclinou-se para ele e beijou-o. Este disse:

— Beijou-me na fronte. Deus te abençoe Edie. Tua mãe está comigo?

— Sim, — respondeu ela. — Tudo vai bem. Quero comunicar-me pelo vosso *oui-já* (prancheta).

A *Dama Melba* também se materializou, cantando e tocando ao piano. A luminosidade da lousa dirigida para o suporte das músicas permitiu que lhe vissem as mãos. Sua voz era forte, mas menos líquida e flexível do que a princípio. A execução de músicas clássicas era diferente, na expressão, da execução da filha do Secretário que acompanhara os hinos.

A seguir, apareceu *Reggie*, controlo do médium, que beijou as mãos a todos e juntou numa lousa luminosa os objectos destinados a passar para a caixa de experiências e que eram: uma cigarreira, um anel, uma tesoura e um lenço, fornecidos pelos assistentes.

Agitou a caixa e ouviu-se o entrechocar dos objectos, que lá estavam dentro. Agitando, novamente, deixou de se ouvir o som. Várias vezes repetiu a operação, mostrando que a passagem da matéria era feita instantâneamente. E no fim da sessão todos os objectos estavam no interior da caixa. Quanto ao lacre, viu-se que permanecia intacto.

Agar voltou e tratou as dores artríticas da tal senhora com passes magnéticos e maçagens suaves, o mesmo fazendo ao ouvido do cavalheiro. Ambos sentiram alívios imediatos.

Depois, *Agar* preparou tudo para a fotografia à luz do magnésio, que era o *prato de resistência* de todas as sessões. Para isso, pediu ao sr. Lewis que voltasse ali no próximo domingo à noite, afim de se obter uma fotografia em que figurasse *Agar*, o médium e uma terceira pessoa. Este facto seria mais um passo, na questão dos fenómenos.

* * *

Finalmente, chegou o dia 6 de Fevereiro, tão ansiosamente esperado por todos. À sessão assistiram o médium e o sr. John Lewis, além de três pessoas que faziam parte do grupo familiar.

Procedeu-se aos preliminares usuais, excepto quanto à máquina fotográfica, que ficou junto do gabinete, em frente da parede que servia de fundo à fotografia.

Husk alterou as disposições. E quando tudo estava pronto, voltou-se para o director da *International Psychic Gazette* e exclamou:

— Hoje é a sua noite, sr. Lewis. Quer sentar-se, em frente da máquina? Meta as mãos nos bolsos do sobretudo e apoie os braços nos flancos. Mantenha-se erecto, a fim de evitar qualquer possível desmaterialização. Assente-se rìgidamente e feche os olhos, quando dermos o sinal para a explosão do magnésio.

Entretanto, *Agar* apareceu, levou o secretário para junto do gabinete e entrou ali, trazendo o médium e colocando-o à esquerda do sr. Lewis, ficando ele ao lado direito.

— Agora!... — disse ele, dando o sinal.

E a fotografia considerou-se tirada.

Apesar disso, *Agar* verificou ser necessário tirar nova fotografia, por a máquina não ter funcionado bem. Tirou a chapa e substituiu-a por outra. A exposição fez-se como anteriormente.

Nesta altura, deu-se um facto impressionantíssimo. O médium Budge desaparecera. Todos se admiraram do acontecido. Budge surgiu, depois, inesperadamente e em estado de semi-consciência, duma espécie de nevoeiro, dizendo que devia ter atravessado as paredes da casa, como aconteceu a Pedro-Apóstolo, quando desapareceu da prisão.

Agar conduziu-o, então, ao gabinete e tirou a chapa da máquina, entregando-a ao Secretário. Feita, no dia seguinte, a revelação, pelo Secretário e pelo médium, obteve-se a fotografia n.º 3, que confunde os críticos de Cyril Budge.

Deu-se um caso curioso, nesta fotografia. No momento da explosão do magnésio, o sr. John Lewis tinha o sobretudo castanho escuro devidamente abotoado e o que se lhe vê nos ombros é o casaco verde de seu uso. O sobretudo aparece-lhe colocado em cima do peito, prova de que houve desmaterialização parcial daquele objecto de vestuário.

Também, em dado momento dos trabalhos, o assistente sr. Wilkinson pôs tinta verde na mão de *Agar*, tinta que foi absorvida pelo corpo de Budge, quando o guia se desmaterializou. Por este motivo, Budge sofreu de dores internas, durante noites consecutivas, e tinha a expectoração esverdeada. Podia, até, ter sido, fatalmente, envenenado.

Esta particularidade sugere-me comentários que não posso fazer nesta altura, por me haver alongado mais do que desejava. Mas ficam para outra vez, quando tratar, especificamente, dos fenómenos de materialização. Referir-me-ei aos perigos que espreitam os investigadores e analisarei a influência recíproca exercida entre médiuns e assistentes.

O que fica exposto é mais do que suficiente para incluir Cyril Budge na lista dos grandes médiuns, com os quais é preciso contar, na prática do Espiritismo.

Está provado que nada há como os fenómenos de materialização e de voz directa para abalar o cepticismo de certos homens.

CONTE O SEU CASO...

COMO SE TORNOU ESPIRITA?

O Dr. Viriato Correia fez a sua profissão de fé espirita numa famosa conferência realizada na Federação Espirita Brasileira e que arquivamos nestas colunas

I

NÃO sei se alguém, nesta sala, conhece a fábula do Coelho que vivia na toca. Li-a em pequenino, já não sei onde, há tanto tempo isso foi!

Era uma vez um Coelho que nasceu numa gruta e na gruta viveu quase que a existência inteira. Como era indolente e orgulhoso, os outros coelhos tomaram-no por uma figura de eleição e fizeram-no rei.

E, como era rei, o Coelho, tendo vassalos que o servissem, nunca sentiu necessidade de vir aqui fora lutar pela vida; os coelhos levavam-lhe alimento ao fundo da toca, arranjavam-lhe a cama com as ervas mais tépidas e macias, penteavam-lhe o pêlo com os cuidados e os carinhos mais subtis.

Dentro daquelas paredes escuras o coelho dominava soberanamente. O mundo para ele resumia-se naquele buraco estreito. Os companheiros, os vassalos convidavam-no a vir fora, ver o mundo largo, ver a vida intensa. Não! não queria vir, não queria ver! O mundo era aquilo, aquela gruta negra, aquela toca esconsa. O Coelho cabia largamente nos recessos de sua furna, gozava o seu prazer, o prazer da vida, sentia-se grande, sentia-se omnipotente na estreiteza de sua caverna e que lhe importava existissem outros mundos lá fora e além? mundos que, certamente, não seriam da vastidão de sua lura e nos quais talvez não coubessem a grandeza da sua pessoa e a majestade do seu poder! Não! não queria ver! não queria vir! Satisfazia-lhe a penumbra que lhe envolvia a toca, satisfazia-lhe aquele silencio de profundidade, aquela indolência de potentado.

Mas, um dia, os coelhos vassalos não lhe vieram trazer o alimento e renovar-lhe a casa. Esperou muito e nenhum apareceu. Gritou-lhe a fome no estômago — não havia migalhas pelos recantos da caverna.

Pela primeira vez teve necessidade de mexer-se. E, ao transpor a porta da gruta, bateu-lhe o coração afoitamente e uma golfada de luz ofuscou-lhe de súbito os olhos. E ele parou. Parou tonto, deslumbrado, todo o sangue em fluxos, toda a emotividade em êxtase.

Era no alto da montanha. Vinha raiando pelo Espaço a claridade fulgurante da manhã. O sol rasgava o céu numa esplêndida explosão de rosa e de oiro. A Natureza inteira despertava, fulgindo e cantando: as copas, as árvores, todo o cerrado da floresta ressoava em músicas e gorgeios; pássaros enchiam festivamente os ares de trinados; e tudo brilhava, resplendia tudo numa apoteose de maravilhamento: a serra em cima, ondulada e verde, o vale em baixo serpeado de águas, o casario ao longe, os palmeirais distantes, a mata, as estradas, as ribanceiras e, ao fundo, o mar, a vastidão do mar espreguiçando ao sol a pelúcia azul das vagas rumorosas.

O Coelho tragou um imenso hausto de ar. Aquele sorvo de imensidade levantou-lhe a vida. E ficou extático, obumbrado, maravilhado, olhando tudo, sem saber para onde olhar. Voltava os olhos à direita, voltava os olhos à esquerda, atrás, à frente e era sempre aquela deliciosa e embriagadora sensação de luz, aquela arrebatadora impressão do grande, do infinito.

Quanto tempo lá ficou a olhar? Não sei. Mas, quanto mais olhava, mais pequenino se ia sentindo, mais humilde e mais insignificante se ia considerando, ele, ele o Coelho rei, o Coelho orgulhoso, que era grande na estreiteza escura de sua toca.

Todas as fábulas encerram uma lição de moral.

O Coelho, que era omnipotente no fundo de sua gruta, que lá dentro era o maior de todos, que tinha vassalos e mandava e, quando mandava, tinha a seus pés curvada a mais respeitosa obediência, ele o senhor, ele a realeza, não quis mais voltar para o seu buraco.

Preferiu ali ficar sem mando, sem majestade, sem poder, pequenino, raso, insignifi-

cante, lutando pela vida, trabalhando para alimentar-se, fazendo a sua própria cama para dormir, mas preferiu ali ficar diante daquele panorama de luz, daquele radiante cenário de grandezas, sob o influxo daquela claridade que lhe tonificava a vida, daquela vastidão sem fim que lhe exaltava o pensamento.

E nunca e nunca mais voltou à escuridão da caverna...

«O que eu era...»

Eu sou como o Coelho da toca.

Vivi por muito tempo, a bem dizer até ontem, vivi na furna do ateismo, cevando o meu orgulho e a minha maldade, como se cevam num chiqueiro as banhas de um porco.

E quando entrei para a toca? Desde que comecei a ter entendimento de homem, desde que comecei a enfeitar-me para rapaz.

Ao despontar-me a primeira sombra de buço, eu era o ateu mais impertinente, mais irritante e mais insuportável que havia na terra.

Para o Coelho da fábula, para a vida do Coelho da fábula, na escuridão da gruta, havia uma atenuante justificadora: ele nascera no buraco e ao buraco se amoldara, ao buraco se afeiçoara, da mesma maneira que a lesma se amolda ao búzio, que os batráquios se amoldam ao lodo.

Para mim, tudo era agravante. Nasci no seio carinhoso de uma mãe cristã, à sombra de uma família cristã fiz-me homem.

O Coelho não queria sair da toca, porque lá nascera. Eu animalizei-me mais do que ele: — nasci na luz, ao clarão radiante da verdade e encafuei-me na toca.

Diz a fábula que, como o Coelho era orgulhoso e indolente, os outros coelhos fizeram dele o rei. Há, nesse ponto, entre mim e a figura da história, uma pequena diferença. A mim ninguém me aclamou para realeza nenhuma. Eu é que me aclamei, eu é que empunhei um cetro e pus à cabeça uma coroa de orgulho.

Aos meus olhos, ao meu juizo, ninguém era maior do que eu. Houve um tempo em que me imaginei o maior dos homens. Houve mesmo um tempo em que me julguei a figura central do planeta. Ninguém sabia mais do que eu; ninguém tinha mais direitos. Houve mesmo um tempo em que fui o galo de Rostand: as manhãs irrompiam no céu ao som da minha voz e à luz do meu mando. O mundo existia para que eu existisse; o sol, as águas, as flores, as estrelas, tudo havia sido criado para mim.

Foi a quadra mais insuportável da minha vida. Inimigos, criava-os com a facilidade com que os cogumelos desabrochavam num pau podre. Tinha a volúpia singularíssima de desagradar; o gosto de irritar. Andava de clava em punho, como um guerreiro bárbaro, destruindo tudo: ideias alheias, crenças alheias, preconceitos e até melindres. Nada me infundia respeito, nada. Vivia a fazer praça do meu iconoclastismo, como um cigano faz praça do valor de seus cavalos.

Deus constituia para mim uma pilhéria hilariante, uma ridicularia dos tolos. O meu maior orgulho, o meu maior prazer, e orgulho que eu provocava a todo o momento, era dizer-me materialista e propalar o meu materialismo. Quando, diante de mim, alguém falava em Deus, com respeito e fé, eu ou duvidava da sinceridade, ou considerava a criatura imbecil.

A minha irreverência apavorava. Houve criaturas que me disseram que as minhas palavras lhes esfriavam os ossos. Eu gozava, gozava a irritação alheia com o prazer infernal de um lobo que estraçalha uma presa. E, quanto mais blasfemava, quanto mais aos outros irritava, mais imaginava que eles me estivessem julgando.

Os livros de doutrinas religiosas que me chegavam às mãos repelia-os, como se repele uma inutilidade. Sentia-me bem no fundo da minha caverna, na minha gruta, na minha toca. Dentro dela, quanto mais encovado, quanto mais profundo, maior me sentia, mais arrogante e mais poderoso. Que me importava que, lá fora, existissem doutrinas consoladoras, princípios balsâmicos, crenças alevantadas e tonificantes, que me importava? se havia criado para mim um mundo meu, uma doutrina minha, dentro dos quais era grande, dentro dos quais imperava soberanamente, sem prestar contas a ninguém?

E isso por muito e muito tempo, por quase toda a minha quadra de rapaz.

Estrada de Damasco...

Um dia, porém, a gentileza piedosa de um amigo pôs-me na mão um livro de Allan Kardec. Li-o de um fôlego, de um trago. Tinha chegado o meu dia, como chegara ao Coelho, de pôr a cabeça fora do buraco. E o meu deslumbramento não foi menor, que o do animal da fábula.

Ao correr os olhos pelo livro espirita, eu

tinha a sensação maravilhosa de quem sobe uma montanha, desvendando uma paisagem nova, fulgurante e surpreendente. Ao terminar a leitura, sentia-me bem no alto, no píncaro, vendo diante de mim uma claridade desconhecida, que nunca adivinhei no fundo da furna, vendo diante de mim um panorama largo, aberto, indefinido, inteiramente estranho para a minha imaginação, um panorama de beleza tão ofuscadora que fiquei parado, olhos extáticos, o sangue em fogo, a alma em êxtase, ajoelhada, na volúpia da contemplação.

Uma mudança radical se operava em mim. Quanto mais abria os olhos, quanto mais insignificante me tornava, mais consolado e feliz me sentia.

E não afastava nem queria afastar os olhos do imenso esplendor daquele deslumbramento. Pela primeira vez e só naquele instante, fixava o olhar na grandeza eterna do Universo, na obra eterna da Criação.

Até então só havia olhado a mim, mas olhado por fora, com os olhos do orgulho, da vaidade, do egoismo e da empáfia. Até então o que tinha visto diante da imaginação vaidosa dava proporções gigantescas.

Agora, porém, defrontava a vastidão imensurável, a augusta vastidão das coisas infinitas. E eu, que todos os dias fitava o céu, pela primeira vez fitei-o compreendendo. Dantes, ele era para mim um nada, um incidente sem importância, um espaço como outro qualquer e algumas vezes, nas crises mais fortes da minha vaidade, um pálio aberto, como homenagem, sobre a minha cabeça.

Agora, porém, via-o na sua imponência, na sua magnitude, na sua majestade.

E tive a felicidade, senhores, a suprema felicidade de poder afundar os olhos da razão nas supremas profundezas do Espaço insondável. Lá estavam as estrelas fulgindo, cintilando às centenas, aos milhares, aos milhões. E pela primeira vez considerei a grandeza, a formidável grandeza daqueles mundos longínquos que, à distância, não eram mais que cabeças de alfinetes. O céu estava, naquela noite, de uma pompa delirante. Todas as constelações voltadas para a Terra faiscavam no fundo negro do Espaço. Eram milhões, milhões sem conta de vidas luminosas esfarinhadas nas profundezas do Infinito.

Dolorosa interrogação

E pela primeira vez, pela primeira vez surgiu dentro de mim, feita a mim mesmo, esta interrogação: — Quem criou tantos mundos, quem criou tanta grandeza?

A noite abria pela imensidade a opulência do seu mistério constelado. A via-láctea estendia-se como larga tira de cambraia desenrolada pelo céu. Eu bem sabia que tudo aquilo eram astros, há muito que sabia que eram mundos aos milhões, aos triliões, mundos sem conta, cada um deles com a sua órbita, o seu ciclo, as suas leis, a sua vida própria, mas só naquele momento me veio à lembrança pensar na grandeza e no poder de quem os criou.

E que era a via-láctea, tão vasta, com a sua multidão de mundos, diante da vastidão do Espaço? Um incidente insignificante, um fiapo de luz, um punhadinho de areia, um nada. Outras nebulosas mais extensas, mais espessas, mais numerosas, com multidões maiores de sóis, e que meus olhos não viam, brilhavam pela amplidão do infinito. E que eram elas no Espaço?

Outros incidentes, outros nadas proporcionalmente à vastidão que as encerrava. Quem tinha podido fazer aquilo tão vasto? Quem tivera tal omnipotência para criações tão omnipotentes?

E eu sabia, há muito tempo que sabia, da movimentação de todos aqueles mundos, do dinamismo eterno da vida celeste. Mas que força seria essa que os movia, que os equilibrara, que os formara, que formara esse conjunto surpreendente de sistemas, essa harmonia admirável de leis?

O Acaso? O Nada? Eu? Alguém dos meus iguais? Alguém dos meus semelhantes?

E o primeiro raio de luz fulgiu-me no Espírito para a compreensão de Deus.

Quando o orgulho se abate, Deus nos entra imediatamente na consciência.

O meu orgulho havia derruido fragorosamente, como uma torre velha que tomba pela ruina dos alicerces. Que era da minha suposta grandeza ante tudo aquilo? Se me supunha grande na Terra e a Terra era um nada comparado ao sol, o sol um grão de areia no meio da nebulosa, um incidente em relação a milhares de milhões de outras e essas outras verdadeiros nadas diante de outras aglomerações de sóis e, estas, pequeninas ilhotas na imensidade sideral e cada uma dessas insignificantes unidades constituindo grandezas imensuráveis, separadas umas das outras por distâncias que eu nunca poderia calcular, que diabo! de que tamanho era a minha grandeza em comparação com aquilo tudo? Uma migalha. Qual migalha!

UM LIVRO VALIOSO

pelo Dr. Luís M. Di Cristóforo

Alguém afirmou, com toda a razão, que não há livros sem valor, e que todos encerram lições que é preciso assimilar. É a jerarquia da razão que domina nesta afirmação construtiva do rol dos livros na colectividade dos homens. E, em boa verdade, nada existe de mais notável do que o livro, como protótipo que sintetize o mundo dos homens e as ideias que movem o mundo polimorfo da inquietação humana.

Com tal premissa, um livro é sempre um subsídio de cultura, entendendo-se por cultura a soma dos esforços permanentes que se realizam em prol da unidade dos homens e da harmonia colectiva, guias exclusivos e razoáveis da verdadeira cultura.

Mas um livro pode ser mau ou medíocre, e assim a sua razão de ser fica apoucada ou anulada.

Há livros regulares, quanto à significação adquirida por sua projecção no mundo das ideias. Também os há bons e até muito bons.

A esta última categoria pertence o livro que sob o título de «Resumo da Doutrina Espirita», do Dr. Gustave Geley, acaba de editar **Estudos Psíquicos,** e com o qual o porta-estandarte de fala lusitana inicia as suas publicações.

De facto, a conceituada revista não podia inaugurar sob melhores auspícios este novo aspecto da sua obra doutrinária, isto é, sob a égide dum pioneiro e dentro da nova dialéctica que a escola espirita apresenta, a fim de combater os defeitos ancestrais da concepção materialista que empolga o mundo actual, divorciado da verdade transcendental que dinamiza intimamente os homens dotados de boa-fé.

Reunir num só volume, aliás bem apresentado, essa maravilha de resumo que Geley escrevera sob a denominação de «Interpretação Sintética do Espiritismo» e com o aditamento do capítulo que o autor intercalou na sua obra «Ectoplasmia e Clarividência», bem como da sua monografia acerca da Reencarnação, aquela suspirada palingenesia do grande Gustavo, como resposta do Director do Instituto Metapsíquico Internacional ao **Inquérito Calderonne,** de enorme significação naquele momento; e — como se ainda fora pouco — um substancioso **Vocabulário Técnico** de Lobo Vilela exprimir melhor do que todo o juizo esse afã doutrinário que guiou os passos desta primeira edição; tudo isto, enfim, há-de consubstanciar um sério esforço na divulgação da melhor e mais valiosa literatura espirita, dignamente apresentada ao público profano, hoje mais que nunca ansioso de verdades fundamentais, de razões éticas e forças morais que explicam o estado moral do mundo e a imperiosa urgência de sair deste marasmo e desta neblina cheia de inquietações esterilizantes que se ligam ao destino do homem, em atraso que mata quaisquer possibilidade de aperfeiçoamento, lei básica do desenvolvimento humano.

Estamos, pois, em presença dum livro valioso, a que temos de augurar dias felizes; e cabe juntar aqui votos cordiais de fraterna simpatia à direcção de Isidoro Duarte Santos, pelo acerto do passo inicial de **Estudos Psíquicos,** precursor de longa caminhada.

Buenos Aires

Um grão de areia. Qual grão de areia! Um átomo, ou a milionésima parte de um átomo.

Finalmente compreendi, compreendi felizmente a minha pequenez. Eu não era nada, rigorosamente nada.

O Coelho da fábula não quis mais voltar ao buraco onde era grande e rei. Preferiu ficar aqui fora, pequenino, humilde, mas sob o banho lustral do sol que ofuscava, ante a paisagem rutilante que o conservou em transporte.

Deu-se comigo a reprodução da fábula. Hoje dói-me e até vergonha me faz ter vivido tanto tempo nas trevas da toca. E quanto mais os dias passam, quanto mais entro na compreensão do poder da Divindade mais pequeno me julgo, porém mais feliz me sinto.

Poder-se-á dizer que essa compreensão da Divindade tanto me podia ter sido dada pelo Espiritismo, como por qualquer outra doutrina deista. É possível.

Mas é ao Espiritismo que tenho que agradecê-la, porque foi ele quem ma deu.

(continua)

Núcleo de Acção e Propaganda

Um donativo de dez contos

O «Núcleo de Acção e Propaganda Estudos Psíquicos» começou a realizar o seu programa, tendente à difusão do Espiritismo no meio profano. Já espalhou mais de 1.500 exemplares desta revista, cerca de 900 exemplares da separata que há pouco editámos em ligação com a Federação Espírita Portuguesa e vai lançar brevemente um folheto destinado a distribuição entre as famílias enlutadas, levando-lhes consolo e certeza de que a desencarnação dum ente querido não é epílogo de vida, mas sua natural continuação em ambientes diferentes do nosso.

Nesta hora incerta, eivada de sensações fortes motivadas pela guerra, é preciso levar a Doutrina Espírita ao conhecimento do grande público, visto que nenhuma outra lhe pode dar o bálsamo de que necessita.

O trabalho que empreendemos não pode ser obra de um só, nem de dois ou três. Tem de ser obra de muitos, de todos aqueles que saibam avaliar os benefícios que resultarão para a Causa e para o mundo, se coordenarmos os esforços no sentido que desejamos.

Muitos confrades há que poderiam cooperar nesta empresa, enviando os seus donativos e as suas sugestões e alvitres, que seriam estudados e meditados e postos em prática, segundo as disponibilidades existentes.

Vamos contar um caso típico, verdadeiramente extraordinário, não só pelo que representa como valor prático, mas também pelo imprevisto de que se reveste.

Há dias, um confrade que raro nos visita entrou em nossa casa e após breve troca de palavras diz-nos à queima-roupa:

— Li o que escreveu acerca do «Núcleo de Acção e Propaganda Estudos Psíquicos». Quero fazer um donativo à sua obra. Aqui tem dez contos.

Ficámos perplexos, como é fácil de imaginar. Habituados à luta, ao esforço árduo, com meia dúzia de amigos a impulsionar-nos, não temos podido fazer mais do que esboçar a obra que desejaríamos ampliar e completar, se Deus nos desse forças e auxílio para isso. E ainda nos não havíamos refeito do choque, quando o confrade exclama, numa atitude em que transparecia decisão e simplicidade:

— ... Com uma condição: não quero ver o meu nome em letra de forma, nem mesmo as simples iniciais! O caso fica entre nós. Nem mais uma palavra!

E saiu como entrara, o mesmo sorriso de satisfação a emoldurar-lhe o rosto, em que transparecia decisão e simplicidade...

Entregou o dinheiro e nem recibo exigiu! Que maior prova de confiança nos podia ter dado este homem, que mal nos conhecia pessoalmente, mas que tem acompanhado com grande interesse a nossa acção doutrinária?

Causou-nos séria emoção o acontecimento e mal pudemos balbuciar um «Bem haja!» a medo. O amigo, porém, atalhou imediatamente, dizendo que não queria ouvir agradecimentos.

A «Caixa de Propaganda» abre, pois, com dez mil escudos por um anónimo que apareceu e desapareceu como sombra fugidia. Este exemplo de dedicação à Causa e de confiança nesta obra há-de ter seguidores, porque a Doutrina Espírita é fonte perene de consolações, nas quais se dessedentará a humanidade sofredora!

FENÓMENOS SUPRANORMAIS

por António J. Pinto de Almeida

DECORRIA a primeira semana do mês de Agosto de 1924; eu era, então, amanuense da 3.º Repartição do Comando Geral da G. N. R., em Lisboa, e uma noite tive a visão seguinte:

1.º — Julguei-me estar na povoação natal e notei que a abóbada celeste se mostrava límpida; a Lua brilhava em todo o seu esplendor. Repentinamente, a Lua desapareceu, o firmamento obscureceu-se e, simultâneamente, toldou-se, dando-me a impressão de grandes manchas oleosas, semelhantes às manchas de óleo caído sobre as águas do oceano. Estas manchas avolumaram-se no ar e, depois, começaram a cair gotas de água quente, e onde caiam, tais gotas destroçavam tudo. Caindo sobre muros, desmoronavam-os; sobre os telhados, varriam-lhes as telhas; se sobre as árvores, por maiores que fossem, ou lhes escavacavam as pernadas, ou, caindo sobre o tronco, o partiam e deitavam a árvore por terra.

2.º — Que tinha dentro dum pequeno caixote uns pintassilgos que pretendiam fugir. Para evitar a fuga deles coloquei-lhe por cima uma rede de arame. Acordei muito mal impressionado e tendo encontrado um indivíduo que se dizia espirita, astrólogo, etc., narrei-lhe a minha visão.

Ele, que se chama João Nunes de Serra e Moura e deve viver ainda em Lisboa, ficou muito embaraçado com a minha narrativa e disse-me ir estudar o caso. Como não me satisfizesse a resposta, — pois que ele me disse: «não é nada e não tem importância», respondi-lhe: alguma coisa é! Uma das visões já hoje se realizou, e era a dos pintassilgos. Meu filho tinha então cerca de dois anos de idade e, chegando-se junto do fogão, pegou numa caneca de esmalte que continha café a ferver, e virou-a sobre si, escaldando o ante-braço.

Quanto ao desaparecimento da Lua, deve ser caso que se repercutirá no mundo inteiro. Não tardará muito que o saibamos.

Mais embaraçado ficou ainda, aquele meu amigo. De futuro, não quis mais conversas comigo acerca de ocultismo, nem de explicações de sonhos.

Cerca de uma semana depois, dava-se o atentado de Sarajevo e, daqui à eclosão da grande guerra «1914-18», pouquíssimos dias mediaram.

* * *

Novembro de 1918 — Estava, então, em Coimbra, sendo amanuense da Secção da G. N. R. ali instalada; e, na noite de 6 para 7 de Novembro, quando a luta estava muito acesa em França, tive a visão de que me encontrava junto à capela do Senhor do Arnado, em Coimbra (Parece-me que esta capela já foi demolida). Estava voltado com a frente para a capela e vi que no campanário e no lugar onde deveria estar o sino, estava um homem de aspecto majestoso, também voltado para mim, tendo uma cruz sobre o ombro esquerdo que segurava com a mão esquerda; com a mão direita e com o dedo indicador apontava o firmamento. Então, obsevei duas luas: Por diante duma destas luas passavam nuvens com incrivel rapidez que lhe obscureciam o brilho e a luz. E esta lua desapareceu.

A segunda Lua ficou radiante no firmamento e a sua Luz chegava a todos os pontos do globo, enquanto o firmamento se mostrava sereno, calmo e perfeitamente límpido. E esta Lua permaneceu.

Desta visão, inferi que a guerra de 1914-18, tinha chegado ao seu termo e que não tardaria uma semana o armistício, — facto anunciado 8 dias após a minha visão —. Contei o caso a alguns camaradas e a minha mulher. A aparição das duas luas interpretei-a deste modo:

A 1.ª Lua representava a guerra terminada e a paz fictícia que se lhe seguiu, de pouca duração. As nuvens que passavam por diante dela representavam os elementos de discórdia que conduziriam o mundo a nova guerra, dentro de pouco tempo, (como de facto, 21 anos, um instante para a eternidade).

A 2.ª Lua, brilhante em todo o seu esplendor, que se manteve, representa a paz duradoira que se seguirá depois da segunda guerra mundial.

O Homem que estava no campanário da capelinha, era Jesus-Cristo, o Sapienissimo Mestre, Luz da Luz!

* * *

No período decorrido entre 13 e 21 de Fevereiro de 1938, parece que tudo conspirava contra mim e uma filha minha viu o vulto de um homem vestido de preto, encostado à porta e a olhar para dentro do quarto em que ela dormia. Viu este vulto na ocasião em que ia fechar a porta do mesmo quarto.

No período de 22 de Fevereiro a 1 de Março de 1938, a mesma minha filha viu outro fantasma vestido com batina branca, semelhante a um padre, que tanto lhe pareceu caminhar, como ir em bicicleta.

De 2 a 10 de Março, na dependência destinada a sala de jantar, sentiu-se um cheiro semelhante ao

que exalam os bodes, ou seja o que se chama «bodum».

Entre os dias 1 e 9 de Abril, foi notado o mesmo mau cheiro.

Na noite de 17 para 18 de Abril de 1938, cerca das 21 horas, fui forçado a sair à rua, para averiguar a que ladravam os cães que então tinha. Observei apenas que ladravam furiosamente e arremetiam; mas, a pesar da minha instigação, não avançaram. Estava escuro. Muni-me da minha caçadeira e, na direcção indicada pelos cães, disparei-a para o ar. O tiro era de pólvora seca e o eco pareceu-me maior que o vulgar. Simultâneamente, o mato agitou-se impetuosamente, como se por ali passasse, de corrida, um animal corpulento.

Para bucha do cartucho, empreguei papel branco liso e, na manhã do dia 18, ao sair de casa, reparei que os papéis servidos na bucha apresentavam umas gotas parecidas com sangue caidas sobre eles. Chamei minha mulher para observar o que fosse e disse-me que era sangue!

No dia 19 de Abril de 1938, estive escrevendo até às 22 horas. Ouvia grande falatório e barulho na rua, a que não liguei importância, por ser rua de grande movimento.

Terminado o trabalho, deitei-me e o falatório aumentou. O falar e o barulho deram-me a impressão de serem pretos que conduziam uma manada de bois. Como tal barulho aumentasse junto do muro do meu quintal, — que ao tempo andava em construção —, levantei-me e saí à rua. Nada vi. Apenas continuei a ouvir falas e um barulho semelhante ao que faz uma manada de gado em condução. Estava escuro e desta vez os cães não ladraram.

Na tarde de 18 tinha chovido torrencialmente e o pavimento da estrada ficou muito branco. Na manhã de 20, quando sai de casa, veio-me à ideia a passagem do gado. Reparei que nem na estrada, nem nas bermas e nem nos taludes, havia uma só pègada que pudesse assinalar a passagem de tal gado ou a de uma única cabeça!

Cerca das 19 horas do dia 21-IV-938, no fim de jantar, dirigi-me a um armário com o fim de trazer para a mesa umas maçãs que colhi de dia. Como me parecesse que não estavam todas e para me certificar disso, perguntei, naturalmente, a minha mulher e filhas, se tinham tirado algumas, ou se teriam sido tiradas pelos serviçais.

Instantâneamente, sentiu-se o cheiro a «bodum» e muito activo. Minha mulher, que estava assentada à mesa, apoiou a cabeça entre as mãos e, em estado de actuação, disse em tom colérico:

— Eu não comi as maçãs! Cachorros! Querem dar cabo de mim? Mas não dão, não!

No dia 22 troquei a hora de jantar para as 18 horas e já o mau cheiro não se fez sentir.

Dias depois, os cães ladraram furiosamente contra uma grande era que tinha no quintal e que havia subido por uma velha árvore. Arremetiam e queriam subir à trepadeira. Como não visse absolutamente nada, nem notasse a mais leve coisa estranha à minha vista, peguei na minha caçadeira, carregada com dois cartuchos de zagalotes graudos e fiz fogo para a trepadeira e árvore velha. Terminei deste modo com o mau cheiro e evitei que os cães continuassem a ladrar ao invisível.

É certo que, desde então, tenho passado por desgostos violentíssimos e tido muitos revezes.

MALANGE

Amigos de «Estudos Psíquicos»

Continuamos a receber inscrições de assinantes e donativos para enfrentar as dificuldades provenientes da carestia das matérias primas e aumento da mão de obra tipográfica e que constituem para nós séria e constante preocupação.

Ao iniciar o ano de 1946 com novos encargos financeiros, tínhamos a convicção de que os amigos de «Estudos Psíquicos» nos auxiliariam, como têm feito, porque esta obra é absolutamente necessária à expansão do Espiritismo evolucionista. De resto, o espirita inteligente e estudioso não prescinde desta publicação, que o põe ao corrente do que vai pelo mundo, em matéria de fenomenografia supranormal. Pena é que muitos adeptos a desconheçam ainda. Por isso nós pedimos que a façam circular o mais possível. Peçam números espécimes, que os enviaremos imediatamente aos que desejem conhecer a revista.

Hoje, acusamos a recepção dos seguintes donativos, que agradecemos:

O. M.	**500$00**
Aires dos Santos Pinto.....	**100$00**

Também o nosso assinante sr. Joaquim da Costa Vilaça, do Rio de Janeiro, atendeu o apelo feito, assumindo a responsabilidade do pagamento mensal de 20 exemplares de revistas atrasadas, para os distribuir gratuitamente pelos fregueses da sua casa comercial.

A este nosso amigo e cooperador, agradecemos o seu gesto de compreensão e simpatia.

MEDITAÇÕES

CONTINGENTE E NECESSÁRIO

por Ramos Pereira

HÁ quem, ao meditar no problema da contingência, especule por forma a mostrar a necessidade fatal de todo o contingente. Pensa-se em termos de necessário no domínio do contingente, a fim de negar a procura da Causa última de que o Tudo é feito. Aparentemente, tais pensadores seguem a recta da Verdade; mas, de facto, eles estão caminhando numa linha sinuosa que daquela se afasta. Se não, vejamos.

Realmente, os fenómenos dão-se necessàriamente. Tudo que existe, é-o necessàriamente. Mas — perguntamos — não provém esta necessidade do rigorismo fatal das leis naturais? Isto é, o efeito surge em determinadas circunstâncias por acto duma causa na qual aquele se continha em potência. Logo, causa e efeito e a relação duma ao outro, são regidos necessàriamente. Então, o efeito tem na causa o fundamento da sua existência. Será esta necessária, ou melhor, será esta livre, «em si»? Não, porque a sua relação com outra causa, atira-a para o mundo da contingência. Há, assim, uma corrente infinda (?) de causas e efeitos, ligando-se necessàriamente, sem que sejam necessários, isto é, sem que haja uma causa **livre.**

É neste sentido de contingência que devemos pesquisar, analisar o problema metafísico até atingir o Necessário real. Não será a Lei esse necessário, visto ser ela que, fatalmente, vai formando a cadeia do Tudo? Sim... e não. Ponho esta ambiguidade, aqui, antes de pensarmos na ideia de Lei. Direi — não — se a compreendermos como simples abstracção, pairando sobre as leis até agora conhecidas pelo homem (elas são parte da Lei mas não toda a Lei). Direi — sim — se a entendermos como a Ideia directriz da criação, como o desígnio rigoroso que dum princípio conduz a um fim último.

Analisemos, em profundidade, este conceito de Lei, esta Ideia «necessária» à evolução do Tudo. Ela é-o, porque da sua força depende a sucessão do ser contingente. A Ideia não é o Ser, «de si» não pode ter surgido o primeiro elo da corrente da contingência. A Ideia é do Ser, mas não o Ser, é a sua presença férrea lançando o contingente nos caminhos marcados. A Ideia tem existência, mas não essência, necessária.

Fazendo uma síntese do Criado, encontramos a Ideia ou Lei e a Energia como dois pontos tais que já se escapam da natureza do contingente. Diremos que a Energia é a causa «material» e a Lei a causa «modal».

E quanto à essência? Não possuindo «asseidade», não são metafìsicamente necessárias, embora como tal, fìsicamente, se nos apresentem. A Causa final deve ser Una, um Ser de que a Energia e a Lei são a exteriorização da Vontade e do Pensamento.

Chamemos a esse Ser — Deus —, mas não podemos aplicar-lhe qualquer conceito de espacialidade, física ou espiritual. Ela é, **em si e por si...** É uma transcendência do ser, transcendência necessária para que a criação, contingente, não fique pairando num vácuo, sem explicação.

O erro é «antropomorfizar» aquele Ser, querer definilO no mundo da espacialidade humana, atirar para esse Ser o limite, infinito, da «necessidade» humana...

FILMES DE FUNDO ESPIRITA

O nosso confrade Alberto Eduardo Ferreira, de Évora, escreve-nos, aludindo ao entrecho de outro filme de fundo espirita, intitulado Um Certo Rapaz.

O filme baseia-se na vida dum aviador americano na Inglaterra e mostra-nos o conflito que se trava na sua alma ao desencarnar.

Solto dos liames da carne e depois do seu avião cair em chamas, vem ao seu encontro o espírito dum aviador, desencarnado havia meses, o qual em breves palavras lhe faz compreender onde se encontra, levando-o à presença do seu Director Espiritual. Mais tarde, desce à Terra em missão, enviado pelo Director, e o seu trabalho consistia em escolher um cadete da escola de pilotagem e ajudá-lo no estudo, por estar em perigo a espiritualização da Humanidade.

O nosso amigo sofre grande decepção, quando vê o pupilo conversar com uma rapariga que amava na terra e procurando por vários meios evitar o enlace.

Chamado à presença do Director Espiritual, este demonstra-lhe o seu procedimento contrário às leis de Deus, pois que atentava contra o livre-arbitrio, sugestionando-a para não o aceitar como esposo.

Reconhecendo a incorrecção do seu procedimento, volta à terra; e libertando-a do ambiente psíquico que a envolvia, despede-se, desejando-lhe felicidades.

Espirito Santo e Mediunidade

por Ramos Pereira

NUNCA julgámos que uns comentários nossos a um opúsculo de Osvaldo Polidoro erguessem tal celeuma nos arraiais espiritas... Foi bom, contudo, que isso se desse, pois nos foi colocar em face dum problema sobre o qual divergem as opiniões: — «Espírito Santo e Mediunidade».

Como não desejamos o prolongamento indefinido desta amigável polémica, iremos nas presentes notas analisar os dois conceitos e procurar se há ou não sinonímia. Ficará, assim, perfeitamente definida a nossa posição diante do problema, posição que só abandonaremos quando nos for feita a demonstração completa do seu erro.

Mediunidade é um conceito abstracto erguido sobre o concreto do fenómeno mediúnico, fenómeno estruturalmente psicológico ou, melhor, metapsicológico. O metapsiquista René Sudre propõe o termo «passivo» em substituição do de «médium». Parece-nos, porém, que as duas designações são correctas, aplicando o primeiro ao meio dos fenómenos «anímicos» ou «metapsicofísicos», e o segundo ao dos fenómenos «espiritas» ou «metapsicológicos». A passividade é a característica fundamental da «mediunidade». O «médium» (como o seu próprio nome indica) é um canal de escoamento de acções supra-normais. Na observação do fenómeno põe-se como condição, *sine qua non,* o afastamento total da personalidade do «médium». Se esta entrar em jogo, o experimentador ficará na dúvida... Tratar-se-á dum fenómeno «anímico» ou dum fenómeno «espirita»?

Isto é, o «médium», sendo passivo, não é livre. Logo, dos seus actos, enquanto «médium», não lhe pode ser imputada responsabilidade! (Sê-lo-á na medida em que a sua personalidade influir no desenrolar do fenómeno). Negamos, então, *forçadamente,* as duas características do acto moral: — liberdade e responsabilidade! A moralidade que se deva ou possa extrair do conteudo ideológico do fenómeno, é atirada para a causa produtora, único ser livre e responsável. O edifício metafísico-moral que foi erguido sobre o fenómeno «espirita» é um conjunto de conclusões, tiradas do conteudo ideológico do mesmo (*ou* «ex-phenomena»). Imediatamente, só poderemos concluir hipóteses *psicológicas,* mais ou menos prováveis. Os fenómenos «espirita» e «anímico» deram-nos dois ramos de esclarecimento à temática geral: — imediatamente, a «neo-psicologia experimental», «meta» ou «parapsicologia»; *mediatamente,* a Metafísica e a Moral espiritas.

Será a «mediunidade» sinónimo duma superior evolução espiritual? Parece-nos que aqueles que derem uma resposta afirmativa, têm os olhos voltados para as experiências dos «místicos». O místico é um ser altamente «activo». Na posse plena de si próprio, ele foca a sua consciência num plano espiritual elevado e, no êxtase, vive ali momentâneamente, em espírito. O êxtase é um estado de profunda letargia causado pela meditação, pela concentração, pela prece. Dominando os laços físicos, o espírito evola-se, parcialmente, e pelo seu superior progresso estrutural capta as vibrações de mundos astrais. O «místico» procura, o «médium» é procurado; aquele busca a «metavibração», este entrega-se às forças que desconhece, voluntária ou involuntàriamente. (v. o conceito de religiosidade em William James e a «Filosofia dos Valores» de Johannes Hessen). O progresso anímico não condiciona a mediunidade, necessária e suficientemente. Podem surgir em paralelo e, assim, interinfluenciar-se. Na «magia negra» não se poem em jogo forças semelhantes às que se manifestam na «magia branca»? Não são forças «astrais», nos dois casos? Para a primeira, guardamos o nome de «Astral Inferior» e para a segunda de «Astral Superior». Não são «médiuns» e místicos os magos «negros» e «brancos»? No caso do místico, é isto natural, pois reconhecemos uma polaridade no mundo dos valores; mas no caso do «médium» é... um pàradoxo, se compreendermos a mediunidade como efeito do progresso espiritual.

Ao leitor propomos ainda a seguinte questão: — está comprovada a transmissão, por hereditariedade, da «faculdade» mediúnica. Se esta é uma faculdade psíquica..., porque reputamos insuficiente a hipótese transformista e recorremos à teoria palingenésica?

* * *

Passemos agora ao conceito de «Espírito Santo». É uma ideia tão metafísica como a de «Pai» e «Filho». Para nós é o «Verbo» a forma mais elevada do «Espírito Santo» e êste o conjunto de seres que, tendo realizado no ciclo das existências a perfeição dos valores morais *positivos,* dele já se libertaram (pelo menos do das existências físicas). A virtude

é um valor do ser, ou «ser» e «valor» em sincretismo. Espírito Santo será a *idcia* universal que sobrevoa os seres que, em si e por si, sentem e realizam a Virtude. Na «Carta Aberta a Osvaldo Polidoro», transcrevemos passagens duma «comunicação». Como aderimos totalmente à ideia nela expressa, vamos inserir mais as seguintes que, segundo me parece, melhor esclarecerão o conceito de Verbo, de Espírito Santo.

«O Verbo é Ser e Pensamento. O Verbo saiu do Criado pela Evolução que o Pensamento Divino planeou, mas num caminho que o Ser escolheu. O Filho saiu do Pai para que o Verbo aspirasse a Deus. Cristo é o Verbo, mas não *todo* o Verbo. Só o homem do plano físico supõe que *um* pode resumir o múltiplo da obra divina. O Verbo vive no plano do Amor. Ele é todo Amor, não todo o Amor. A totalidade só Deus a contém».

O místico sente, em si, o toque do Espírito Santo, o banho da Graça, quando, extàticamente, com ele vibra. E se generalizamos esta ideia a *todos* os seres astrais, sob o termo «Espírito», diremos que a «mediunidade» é o meio físico de comunicação do «Espírito» com o Homem terreno.

Debrucemo-nos sobre os textos evangélicos e vejamos se a ideia neles expressa sobre o Espírito Santo concorda com a definição exposta.

1.° — Evangelho de Mateus, cap. 3.° v. 16: — «...e viu o Espírito de Deus que descia como pomba e que vinha sobre ele»; cap. 4.° v. 1 — «Então foi levado Jesus pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo Diabo»; cap. 10.°, v. 20 — «Porque não sois vós os que falais mas o Espírito de vosso Pai é o que fala em vós»; cap. 12.°, v. 18 — «Porei o meu Espírito sobre ele e ele anunciará às gentes a justiça», e v. 31 «...porém a blasfémia contra o Espírito Santo não lhes será perdoada».

Por mais que dissequemos os conceitos, não conseguimos ver nestas passagens qualquer traço de identificação entre a «causa» do fenómeno — o «Espírito» — e a faculdade humana que permite a eclosão dos seus efeitos... Mas prossigamos.

2.° — Evangelho de Marcos: — cap. 1.°, v. 8 «porém ele baptizar-vos-á no Espírito Santo» e v. 12 — «E logo o Espírito o lançou para o deserto»; cap. 3.°, v. 29 (cf. cap. 12.°, v. 31 do Evang. de Mateus); cap. 13.°, v. 11 (cf. cap. 10.° v. 20, idem).

Que entender por «baptismo no Espírito Santo»? O aparecimento da mediunidade? Se é o Cristo quem derrama as águas do Espírito Santo, não serão «mediuns» e «místicos» os brâmanes, os yogas, os budistas e, até, muitos sacerdotes das tribus negras? Para mim. aquele que crê nas palavras do Mestre e procura cumprir os seus ditames, esse desperta para a vida superior do espírito, comunga nas virtudes simbolizadas no Espírito Santo, é «baptizado» neste sentido oculto.

3.° — Evangelho de Lucas: — cap. 1.° v. 35: — «O Espírito Santo descerá sobre ti e a *virtude* do altíssimo te cobrirá com a sua sombra»; cap. 2.° v. 25/27: — «...e o Espírito Santo estava nele»; «E *havia recebido resposta do Espírito Santo...*»; «e veio por Espírito ao templo»; cap. 3.° v. 22.°: — «e desceu sobre ele o *Espírito Santo em forma corpórea*, como uma pomba»; cap. 4.° v. 1. — «cheio pois do Espírito Santo voltou Jesus do Jordão e foi levado pelo Espírito ao deserto»; cap. 4.°, v. 18 — «O Espírito do Senhor repousou sobre mim...»; cap. v. 21 — «E naquela mesma hora exultou Jesus a *impulsos do Espírito Santo...*»; cap. 12.°, v. 12 — «Porque o Espírito Santo *vos ensinará* na mesma hora o que for conveniente que vós digais».

4.° — Evangelho de João: — cap. 1.°, v. 32 33 — «*Vi o Espírito* que descia do céu em forma de pomba...»; e «aquele sobre que tu vires *descer o Espírito* e repousar sobre ele, esse é o que baptiza no Espírito Santo»; cap. 3.°. v. 5 «...quem não renascer da água e do Espírito Santo não pode entrar no reino dos céus»; cap. 14.°, v. 26 — «Mas o Consolador que é o Espírito Santo a quem o Pai enviará em meu nome...» (v. ainda cap. 15.°, v. 26. e cap. 16.° v. 7-11, 13-5); cap. 20, v. 22 — «...assoprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo».

Em todas estas passagens, vemos em «Espírito Santo» ou «Espírito» algo que se personifica e nunca no sentido de interioridade humana. A comunhão do homem com o Espírito Santo, na pureza dos actos e dos sentimentos, redime-o porque em si realiza a Virtude de que Aquele é uma expressão superior.

A «mediunidade», construtiva ou destrutiva, (v. André Luís in «Missionários da Luz»), é a língua humana pela qual o «Espírito» fala aos humanos. Não identifiquemos o «meio» com a Causa!...

A MATÉRIA TANGÍVEL

A matéria tangível, tendo como elemento primitivo o fluido cósmico etéreo, não deve poder, ao desagregar-se, voltar ao estado de eterização, como o diamante, o mais duro dos corpos, pode volatilizar-se em gás impalpável. A solidificação da matéria não é, realmente, mais do que um estado transitório do fluido universal, que pode voltar ao estado primitivo, quando as condições de coesão deixarem de existir.

ALLAN KARDEC

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

Uma prova de sobrevivência

A revista *Constancia*, de Buenos Aires, transcreveu de *Spiritualisme*, de Liège, um relato bem curioso, no qual pai e filho, mortos por estilhaços de bomba voadora, dão provas de sobrevivência à mãe desconsolada. Vamos arquivar aqui a narrativa:

«Na «Oração Dominical» de Liège, em 24 de Junho de 1945, a senhora Moureau vê detrás da senhora B., que assistia pela primeira vez àquelas práticas, um homem de 45 anos, gordo, o rosto curtido, fronte estreita, olhos escuros e grossos lábios, cabelos castanhos, um pouco claros dum lado e que, a-miude, deviam ter sido cobertos com gorra. É um rude trabalhador manual que, em gesto instintivo, contempla alternadamente o dorso e a palma das mãos grandes e rugosas. Lembra-se de quedas sucessivas que teve e das quais se levantou como pôde.

«A senhora B. reconhece o seu marido, armador de andaimes, que costumava fazer este gesto das mãos e cuja perigosa profissão o expunha a cair muitas vezes.

«Outra impressão persiste na memória desta entidade: a de encontrar-se longe daqui, impressão que se explica, quando sua esposa nos revela que esteve prisioneiro na Alemanha até 1941.

«A entidade manifesta o seu pesar de ter deixado a vida. O sr. Lhomme (director da sessão) diz-lhe que «as linhas do nosso destino são determinadas antecipadamente»; mas a entidade parece não ter ouvido a resposta e prossegue: «Entra-se para não mais sair». O que é certo. Ele regressava do trabalho momentos antes da bomba cair em casa, matando-o e ao seu filho mais velho. Os dois corpos foram encontrados a vinte metros de distância, sob os escombros de outra casa.

«A entidade olha agora em derredor. Como se acha aqui? Como veio ali parar sua esposa? Tudo isto o intriga...

«O sr. Lhomme diz-lhe:

«— Talvez o tenham trazido aqui.

«— Não — responde ele, depois de reflectir —; só se fosse minha mulher. Eu quisera consolá-la. Ainda lhe disse: «Para que serve chorar tanto? Não vimos juntos e não saimos juntos» (refere-se, sem dúvida, ao nascimento e à morte física).

«— É muito natural que sua mulher chore. Saberá ela a dupla desgraça que a feriu? Saberá que o seu filhinho morreu no mesmo instante que ele?...

A médium parece que não sabe. Além disso, ele está só. Tem aparência de bom homem, pouco comunicativo, não lhe importando os assuntos alheios e neste momento só preocupado com a sua situação, embora cheio de boa vontade.

«O sr. Lhomme aconselha a entidade a pedir ao guia que lhe dê notícias do filho.

«Enquanto se desenvolvia segunda vidência por outro sujeito, a senhora Moureau via formar-se, pouco a pouco, nova aparição, próximo de M.me ...: um menino de 5 ou 6 anos, de cara alegre e rechonchuda, de olhos brilhantes como azeviche e cabelos muito bem penteados. Veste fato branco, blusa de gola redonda abotoada nas costas e adaptada sobre um calção. Deve ter mais idade do que aparenta...

«A senhora B. fica extasiada! Depois do marido, o filho... São bem as suas feições principais! Só o fato branco a surpreende, pois não tinha... pensa ela... O menino vê-se claramente, mas não diz nada. Tem as mãos unidas e... ora. Termina a oração com o sinal da cruz. Depois, antecipando-se à muda interrogação da mãe, diz:

«— Não tive mal algum.

«Segundo a explicação dada por este menino de profunda piedade, a morte não deveria ter sido para ele aterradora, nem dolorosa. Pôs a cabeça na almofada e adormeceu...

«— O anjo estava aqui — acrescenta ele, para explicar a razão da sua partida sem sofrimento.

«Agora esfrega os olhos, como se acabasse de despertar.

«O sr. Lhomme diz então que todos os desencarnados passam por estado de perturbação que, para os mais espiritualizados, é um sonho sem pesadelos.

«A senhora B. tinha vontade de crer, mas a cor do fato mortifica-a. Porque se apresentou seu filho com um fato que não possuia?...

«A médium examina novamente o traje. Sobre o colo redondo vê galões de azul desbotado.

«Este pormenor é uma revelação para a senhora B.

«— Não é traje branco — diz ela —. É um traje cor de rosa com galões azuis e que à força de ser lavado acabou por desbotar.

«E dá à médium o retrato de seu filho aos 7 anos,

o qual era exactamente como explicara a vidente e o traje cor-de-rosa, desbotado pela lavagem, dera na fotografia o efeito de branco acinzentado.

«A senhora B. compreende, a final, porque o menino era mais novo do que à data do falecimento, aos 9 anos de idade. Ele queria aparecer como está no retrato que sua mãe traz sempre consigo.

«O menino acabava de subir para os joelhos da mãe. Docemente, tomou-lhe o rosto entre as mãos e disse-lhe:

«— Não me fui embora. Voltarei ainda, para ser o menino amimado!...

«Quanto ao pai, está junto da esposa, estupefacto de tornar a ver o filho. Quem o trouxe, após o conselho do sr. Lhomme para elevar o pensamento nesse sentido? A resposta foi dada. Vê o guia que os reuniu e diz:

«— É Alberto...

«A senhora B. ignora de quem se trata.

«Outra clarividente — a senhora Bayer — também vê o menino. Segundo ela, o garoto, antes do sinistro, adormecera num cadeirão «Voltaire»... Os B. possuiam um cadeirão deste tipo, mas o corpo do menino foi encontrado num colchão, três casas mais longe. O sopro formidável devido à explosão da bomba podê-lo-ia ter projectado da cadeira sobre o dito colchão?...

«A médium Moureau capta o último pensamento das entidades. O pai recorda o choque sentido na cabeça e percebe novamente a dor causada. O menino evoca em derradeira lembrança de piedade o ter adormecido, em seguida à benção de sua mãe...

«E é uma última prova, pois a senhora B. revela que todas as noites traçava sobre o filho o sinal-da-cruz, com água genta...».

Congresso Espirita Pan-Americano

Da Comissão Organizadora do 1.º Congresso Espirita Pan-americano, com sede em Buenos Aires, recebemos a seguinte carta:

Sr. Director da Revista Estudos Psíquicos

A Comissão Organizadora do 1.º Congresso Espirita Pan-americano assume o grato dever de convidar todas as associações espiritas americanas, periodismo e federações a fazer representar-se nesta magna Assemblea da Doutrina, que se deve realizar este ano em Buenos Aires, segundo pormenores insertos no Boletim N.º 4, que em breve estará em vosso poder.

Esta Comissão Organizadora deseja que todos os espiritas sem excepção contribuam directa ou indirectamente para que este 1.º Congresso seja o reflexo de todo o movimento doutrinário e nesse sentido apela, solicitando se inscrevam e enviem teses acerca dos termos propostos, a fim de consolidar o triunfo do Espiritismo na América.

Como é do seu conhecimento, esta Comissão, após interrupção forçada pelas circunstâncias, retoma o seu labor de organização deste Congresso, que se há-de realizar nesta oportunidade, vencendo todas as dificuldades que apareçam.

É necessário, pois, que todas as instituições, bibliotecas e federações espiritas desse país realizem um vasto plano de acção conjunta, o qual permitirá reunir as energias na mesma direcção, que é colaborar eficazmente em todos os sentidos na realização deste Congresso, criar uma opinião pública no povo profano, de modo que compreendam a importância do nosso pensamento, enviar e estudar algumas teses e facilitar a vinda dum ou mais delegados a Buenos Aires, para que representem o pensamento espirita desse país irmão.

A organização do Espiritismo Americano torna-se dia a dia mais urgente; e um dos factores que hão-de contribuir para a efectivação deste anseio da família americana será a criação duma *Federação Espirita da América*, que é um dos pontos mais importantes a tratar no ternário do Congresso.

Esperando, desde já, a vossa decidida colaboração, vos saudamos

R. Kreimann, *Secretário* Hugo L. Nale, *Presidente*

Temos acompanhado os esforços que alguns confrades argentinos realizaram pró-Congresso Espirita Pan-Americano e congratulamo-nos com os trabalhos da Comissão Organizadora, à qual desejamos os maiores triunfos.

Sabemos que os principais assuntos a tratar ali serão os seguintes: a) *Os valores da Filosofia Espirita;* b) *A Filosofia Espirita e a Ciência;* c) *A Filosofia Espirita e a Moral;* d) *Sociologia Espirita;* e) *Criação duma Federação Espirita da América;* f) *Organização do Movimento Espirita.*

Altos problemas são estes, que demandam estudo aturado, uma vez que se pretende dar nova orientação ao Espiritismo, aproximando-o mais da ciência e integrando-o na sociologia moderna, do ponto de vista moral e subordinado aos novos e racionais conceitos humanistas.

Aguardamos com natural interesse o que se vai passar no Primeiro Congresso Espirita Pan-Americano e de tudo elucidaremos os nossos prezados leitores.

O espirito e o organismo confundem-se, tal como a forma e o mármore numa estátua. Não se poderia mudar a forma, sem quebrar a estrutura. Supomos que a sede das actividades psicológicas é o cérebro, porque uma lesão desse órgão produz perturbações imediatas e profundas na consciência.

Dr. Alexis Carrel

Notas & Comentários

Kardec escriturário ...

Mais uma vez transcrevemos *Mundo Espirita*, do Rio de Janeiro, que em suas «Várias» tanto humor e bom senso espalha. Desta vez refere-se ao Dr. Duarte, do *Janeiro*, muito conhecido na capital fluminense, quando por lá deambulou em representação oficial.

«De quando em quando, no Brasil e no estrangeiro, aparecem críticas tendenciosas, procurando diminuir o mérito e a projecção de Allan Kardec. Aqui mesmo, nesta terra, existem alguns *iluminados* que já proclamam por aí fora que Allan Kardec passou da época, que precisamos de coisa mais nova, etc., etc. Mas o que é verdade é que tais críticos não dizem onde está ou com quem está essa *coisa mais nova*, capaz de substituir plenamente a obra de Kardec. Tem-se dito a mesma coisa com referência ao Evangelho, que tem dois mil anos. Mas também, até agora, ninguém veio trazer ao mundo ensinos melhores e mais perfeitos do que aqueles prègados e exemplificados por Jesus.

«Tivemos notícia de que em Portugal, onde felizmente o Espiritismo tem a seu serviço grandes culturas, um Dr. Duarte, que nada entende do assunto, classificou Allan Kardec simplesmente de *escriturário* para diminuir o valor do mestre.

«Vejam que disparate: Allan Kardec, homem de cursos superiores, membro de sociedades científicas, autor de obras notáveis, não passou de simples *escriturário*, na opinião daquele *crítico!*...

«Nossos confrades da revista *Estudos Psíquicos*, em seu número de Fevereiro, já deram resposta em bons termos. O coronel Faure da Rosa, actual Presidente da Federação Espirita Portuguesa, também respondeu brilhantemente, não só àquela, como a várias outras incoerências do Dr. Duarte. Mas, lamentàvelmente, *O Primeiro de Janeiro*, jornal em que foram publicados os ataques ao Espiritismo e a Kardec, não quis publicar a carta do coronel Faure da Rosa, limitando-se a dar uma nota explicativa. Esse jornal faltou ao elementar dever da ética jornalística. Mas, de qualquer forma, o Dr. Duarte encontrou quem lhe desse boa lição. Nossos aplausos, pois, aos confrades portugueses».

Também sabemos de alguém que achou forte o epiteto de *paroleiro* que atribuimos ao articulista do diário portuense. Mas paroleiro é aquele que parola, que dá à trela, que gosta de palanfrório, de paleio gratuito, de tagarelice. E o Dr. Duarte outra coisa não fez no seu artigo. Paroleiro também envolve ideia de embuste, de mentira artificiosa. E o Dr. Duarte iludiu os leitores, enganou-os, na plena consciência do seu acto, tão desconchavado como imprudente. Mas ele prometeu estudar o Espiritismo e escrever um livro, para demonstrar que andamos às aranhas e que vamos ser alumiados... Cá o esperamos na escuridão, esperançados em que a montanha não dê à luz um rato...

«O Mensageiro Espirita»

Com o n.º 67, de Março-Abril, entrou *O Mensageiro Espirita* no 12.º ano de existência, ora dirigido pelo nosso colaborador Faure da Rosa, a quem há tempos investiram no cargo de Presidente da Direcção da Federação Espirita Portuguesa. Se, por um lado, felicitamos os confrades que nele trabalham, por outro lamentamos que a Federação não esteja em condições de lhe aumentar o número de páginas. Como associado daquela agremiação, entendemos que ela carece dum orgão à altura da sua responsabilidade. Com rendimento de seis contos mensais e suficiente população associativa para suportar uma boa revista, não está certo que se limite àquele jornalzinho de quatro páginas. Esperamos, pois, que o novo Presidente enfrente o problema com resolução e energia, acabando com interesses criados e lembrando a todos que, acima de tudo, está a Causa, pela qual devemos sacrificar-nos. A Federação tem de readquirir o seu antigo prestígio. Por isso mesmo, arrume-se publicada integralmente, o seu êxito leva-nos à edição mindo outras aos limites do razoável.

As nossas edições

Apesar da oposição feita em nosso meio à divulgação do Espiritismo, o «Resumo da Doutrina Espirita», do Doutor Gustave Geley, tem singrado no mar proceloso do mercado livresco. Apesar de muitas centenas de leitores desta revista o não terem adquirido, na errada persuasão de que a obra foi aqui publicada integralmente, o seu êxito leva-nos à edição doutra obra de grande interesse doutrinário.

A crítica ao livro e à nossa modesta tradução excedeu toda a expectativa, tanto em Portugal, como no estrangeiro, sobretudo no Brasil e na Argentina.

Aconselhamos, pois, os leitores que ainda não adquiriram este livro, a que o façam quanto antes. Os exemplares que se têm vendido ultimamente levam-nos à certeza do esgotamento da primeira obra que em boa altura editámos para portugueses e brasileiros. As que, em seguida, viermos a publicar, obedecerão ao mesmo formato e serão numeradas sob a designação de «Colecção de Estudos Psíquicos».

Noticiário

Madame Tordjman

De regresso ao Brasil, onde reside há mais de dez anos, esteve entre nós Madame F. Emma Tordjman, que tinha ido a França saber notícias da família.

Ansiosa por encontrar alguns confrades lisbonenses, só dias antes do embarque lhe foi dado esse prazer espiritual, emcondições que de certo não poderão ser atribuídas ao acaso. Entrando numa tabacaria para comprar um jornal, deparou-se-lhe a nossa revista, por meio da qual entrou imediatamente em relações com o meio espirita português, dando-nos copiosas notícias do Espiritismo em França, que esperamos publicar brevemente.

Madame Tordjmann transmitiu-nos os direitos de autor dos livros de Henri Regnault, vice-presidente da União Espirita Francesa, e embarcou no *Serpa Pinto* em 28 de Abril, prometendo-nos contar o que viu em Paris e descrever como se converteu à nossa Doutrina. Além disso, aformou-nos que no Rio Grande do Sul, onde reside, será acérrima propagandista de *Estudos Psíquicos*.

Fazemos votos pela saude de Madame Tordjman, esperando que cumpra a sua promessa.

As nossas conferências

Realizaram-se as duas conferências anunciadas no último número, a primeira sôbre a «Dor» e a segunda intitulada «O Poder do Pensamento».

Na primeira, Ramos Pereira estudou o problema do sofrimento humano à luz do Neo-espiritualismo, incitando os ouvintes ao trabalho e à resignação, única forma de ascendermos na escala espiritual dos seres. E citou o exemplo de alguns iluminados, como Francisco de Assis e Teresa de Lisieux, que abençoaram a dor e mostraram ao mundo quanto se pode evolucionar nesse sentido.

Condenou os flagícios conventuais e afirmou ser na vida de relação que se forma o carácter, em contacto com os semelhantes, gozando e sofrendo através das mil facetas do sentimento humano e preparando o espírito encarcerado para voos mais amplos no horizonte da perfectibilidade.

A segunda conferência foi realizada pelo nosso confrade Angelo da Costa Cabral, presidente da Ordem Esotérica Iniciática, à qual assistiram muitos associados daquela agremiação.

Depois de estudar o funcionamento do cérebro, entrou a fundo no assunto, expondo com grande clareza a acção do pensamento, tanto nas boas, como nas más volições, conseguindo interessar vivamente a numerosíssima assistência.

O seu trabalho, profundamente equilibrado e valioso, é digno da maior difusão e por isso dele publicremos alguns extractos, para conhecimento dos nossos leitores, que não tiveram o prazer de ouvir aquele confrade.

O Presidente da Direcção congratulou-se com a presença dos confrades da Ordem Esotérica Iniciática, a quem saudou vivamente, dizendo que embora sigam rumos um pouco diferentes, procuram atingir o mesmo fim e isso basta para os estreitarmos num grande abraço fraternal. E amando e confraternizando que reformaremos os nossos hábitos e nos aproximaremos mais do Mestre Jesus, que é o Caminho, a Verdade e a Vida dos pobres e alanceados.

Auxílio aos necessitados

Com destino aos necessitados protegidos pelo Centro, recebemos as seguintes importâncias, que agradecemos:

Aires dos Santos Pinto	100$00
D. Cecília Mesquita Guerra	3$40
Um Fonseca	40$00
Ruch	3$50
Total.....	146$90

Falta de espaço

Continua a faltar o espaço para a grande variedade de assuntos que requerem a nossa atenção. Como nos meses transactos, retirámos muitos artigos já compostos, do que pedimos desculpa aos nossos colaboradores. As colunas da revista já são poucas e pequenas para tanto original.

Rectificação

Informam-nos das Caldas da Rainha que o Centro Espirita Fé e Caridade, a que aludimos no último número, foi reaberto e não fundado, pois existia há anos, tendo cessado a actividade com a desencarnação do médium Guilherme Coutinho.

Programa dos trabalhos do Centro durante o mês de Junho de 1946

Dia 2 de Junho, às 16 horas — Sessão experimental com a médium D. Maria de Jesus Mendes de Figueiredo.

Dia 9 de Junho, às 16 horas — Conferência por Ramos Pereira, intitulada «Beleza Oculta na Criação».

Dia 16 de Junho, às 16 horas — Sessão experimental com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 23, às 16 horas — Conferência pelo Coronel Faure da Rosa, intitulada «Térmitas e Aranhas de Vidro».

Dia 30 de Junho, às 16 horas — Sessão experimental com a médium D. Eglantina da Conceição Baleto.

NOTA — As conferências são públicas e as sessões são privativas dos sócios.

Assinai a Revista «Estudos Psíquicos», único orgão Português que acompanha o movimento espirita mundial.

OBRAS DE CIÊNCIAS PSÍQUICAS E FILOSOFIA NEO-ESPIRITUALISTA

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
Arcanos da Natureza, por *Alexandre Dias*		8$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	13$00	21$00
Caso (O) Humberto de Campos	28$00	37$00
Chanceler (O) de Ferro, romance mediúnico ditado pelo Espírito do *Conde Rochester*	20$00	29$00
Claustro (O), romance realista sobre a vida eclesiástica, por *Mauuel Arão*		25$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta*	20$00	28$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista, (três romances num só),por *Antônio Lima*	30$00	40$00
De Jesus para as crianças, comunicações do *Espirito de Bittencourt Sampaio*	10$00	18$00
De Icléa para as crianças, formosas comunicações destinadas à formação moral dos nossos filhos, livro único no género	18$00	
Do Calvário ao Apocalisse, pelo *Espirito de Bettencourt Sampaio*	22$00	30$00
Do Calvário ao Infinito, romance mediúnico ditado pelo *Espirito de Vitor Hugo*	20$00	30$00
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espirito de Vitor Hugo*	30$00	40$00
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	7$00	
Doutrina Inglória (O problema da natalidade segundo o Espiritismo), por *Leopoldo Machado*	12$00	
Eça de Queiroz Póstumo	18$00	26$00
Ensinos Espiritualistas (Descrições do além), por *W. S. Moses*	16$00	24$00
Entre dois mundos, (romance), por *Antoinette Bourdin*	14$00	22$00
Expiação, por *Areolino Gorjão*	14$00	22$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	20$00	29$00
Espiritismo (O) Contemporâneo, pelo *Dr. Martins Velho*	12$00	
Factos Espiritas, por *William Crookes*	10$00	18$00
Fenómenos de Materialização, por *M. Quintão*	10$00	18$00
Física Transcendental, por *J. Zoellner*	10$00	
Fundamentos Científicos do Espitismo, pelo *Dr. Azevedo e Silva*	10$00	
Funerais da Santa Sé (Poesias ditadas pelo *Espirito de Guerra Junqueiro*)	18$00	26$00
Grandes e Pequenos Problemas, aplicações do Espiritismo aos problemas da vida, por *Angel Aguarod*	16$00	24$00
Granja (A) do Silêncio, romance empolgante, por *Paul Bodier*	14$00	22$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espirito do Conde Rochester*	20$00	30$00
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	18$00	26$00
Livre-arbítrio e Determinismo, por *Louis Gastin*	3$00	
Magnetismo Curador, por *Alfonse Bué*	12$00	20$00
Marieta (páginas de duas existências) romance mediúnico, recebido por *Daniel Artazú*	20$00	28$00
Martirio (O) dos Suicidas, por *Almeindo Martins de Castro*	10$00	
Memórias de Padre Germano	20$00	28$00
Memórias duma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	17$00	25$00
Milagres (Os) de Jesus, sua interpetação espirita	3$50	
Na Sombra e na Luz, romance mediúnico ditado pelo Espírito de *Vitor Hugo*	20$00	28$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	20$00	28$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	16$00	24$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho, por *João Evangelista*	12$00	
País da Luz (Do), por *Fernando de Lacerda*		50$00
Padre (O), a Mulher e o Confessionário, pelo *ex-padre Chiniquy*	18$00	26$00
Pela Vitória do Espirito, por *Dr. Fred Wachsmann*	35$00	
Poder Mental, pelo *Dr. A. Lôbo Vilela*	10$00	
Problema (O) da Sobrevivência, pelo *Dr. A. Lôbo Vilela*	10$00	
Protestantismo (O) e o Espiritismo, por *Benedito A. da Fonseca*	14$00	22$00
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espirito de Vitor Hugo*	20$00	29$00
Reis, Príncipes e Imperadores, por *Almerindo Martins de Castro*	14$00	22$00
Revelação dos Papas, grosso volume de grande formato, de mais de 600 paginas	40$00	
Revelações de Além-Túmulo, pelo *Dr. Antão de Vasconcelos*	20$00	29$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	18$00	26$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	18$00	27$00
Salvação pela fé ou pelas obras ?, pelo *Dr. Romeu Camargo*		14$00
Sementeira Cristã (colecção ilustrada composta do 1.º, 2.º e 3.º livro de leitura para as escolas espiritas), única no género, por *Clóvis Tavares*.		
1.º livro		10$00
2.º »		11$00
3.º »		12$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	16$00	24$00
Sobrevivências e Comunicação dos Espiritos, por *Osvaldo Melo*		24$00

(Continua na 4.ª pág. da capa)

Sombra (Na) e na Luz, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	20$00	29$00
Sonâmbula (A), romance espirita, por *António Lima*		26$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Surifiac*	12$00	20$00
Teatro Espiritualista (1.ª série) monólogos, dramatizações, comédias leves, sainetes e poesias dramáticas, por *Leopoldo Machado* . . .	10$00	
Teatro Espiritualista (2.ª série) por *Leopoldo Machado*		15$00
Trabalho (O) dos Mortos, pelo *Dr. Nogueira de Faria*		45$00
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chiodo*	10$00	17$00
Vingança (A) do Judeu, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	20$00	29$00
Vozes do além pelo telefone, por *Oscar d'Argonnel*	5$00	

Nêstes preços não está incluído o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente, Ilhas Adjacentes e Colónias. (Moçambique).

«RESUMO DA DOUTRINA ESPIRITA»

pelo Dr. Gustave Geley

Resumo verdadeiramente original das obras basilares da doutrina espirita do ponto de vista filosófico, moral e científico, à luz do evolucionismo, impõe-se a crentes e profanos e até aos próprios materialistas.

Uma obra única no seu género! Dezenas de livros num só livro cujo sumário é o seguinte:

A Doutrina Espirita: Inteligência e matéria — Evolução progressiva da alma — Encarnações e desencarnações — Pluralidade das existências — O corpo psíquico — O papel das emoções, das sensações e do livre-arbítrio — As encarnações nos diversos mundos — O corpo — O perispírito — A alma — Consciência e subconsciência — O esquecimento aparente — Estudo das fases da desencarnação — A desencarnação é um *processus* de análise — A encarnação é um processo de síntese.

Os Factos — Os sábios que têm estndado os factos — Os médiuns e o seu papel — Explicação dos factos pela doutrina espirita — A teoria anímica — Seu perfeito acôrdo com o Espiritismo — Os fenómenos mediúnicos em oposição ao mecanicismo e ao materialismo niïlista — Ocultismo e teosofia.

Provas Indirectas — Acôrdo desta doutrina com tôdas as ciências — Acôrdo eom as ciências naturais — O transformismo — Acôrdo com a astronomia, a física e a química — Acôrdo com a fisiologia — Uma página de Claude Bernard — Os desdobramentos da personalidade — O sonambulismo — A clarividência — A telepatia — Acôrdo com a patologia — Acôrdo com a filosofia — Espírito, fôrça e matéria, são fases da unidade criadora — Involução e evolução — Os sistemas filosóficos que mais se aproximam do Espiritismo — O monismo.

Conseqüências da Doutrina — Transformação das idéias religiosas, filosóficas, morais, sociais e individuais — Compreensão perfeita do mal e das desigualdades humanas — As recompensas e os castigos são conseqüências das nossas acções e consistem no estacionamento do sêr em encarnações dolorosas ou na sua passagem para estados superiores — A felicidade, resultado natural do prcgresso evolutivo — A moral nova: trabalho, amor, solidariedade — Liberdadade moral proporcional à evolução do indivíduo — Injustiça dos juízos humanos — Influência do evolucionismo na vida social — Extinção das divisões fictícias da humanidade — Socialismo e anarquia — A sociedade futura deverá reduzir ao mínimo as restrições e as imposições — Anarquia relativa — Deveres para com os animais.

Introdução ao Estudo Prático da Mediünidade — I. Carácter geral das experiências — II. O Médium — III. ¿Quais são as condições de bom rendimento do médium? — IV. Os experimentadores — V. O contrôlo — VI. As medidas de contrôlo — VII. As fraudes.

A Reencarnação em todos os seus aspectos: filosófico, moral e científico.

Vocabulário Metapsíquico, da autoria do Dr. António Lôbo Vilela, contendo os termos mais usados em Espiritismo e Metapsíquica.

À venda nas boas livrarias e na redacção de ESTUDOS PSÍQUICOS
Rua do Salitre, 149, 1.º — LISBOA

Preço — 18$00. Para sócios do Centro E. Luz e Amor e assinantes desta revista — 16$00. Nas remessas pelo correio, crescem as despesas de embalagem e de cobrança.

ANO VII JULHO DE 1946 N.º 7

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

MARCOLINA ALVES
(Grande animadora do *Lar de Jesus* de Nova Iguassú)
(Ver pág. 199)

CONTÉM : Não é Espiritismo I, **da Redacção**; Filosofia da Natureza, — V — **pelo Dr. Ad. Baptista Ramires**; O Fenómeno Espirita na Bíblia; — II — **pelo Coronel Faure da Rosa**; Meditações de Julho; D. Marcolina Alves; A Missão de Jesus, — IX — **por Fernando da Cruz Ferreira**; Oito proposições de Allan Kardec; Filosofia Neo-Espiritualista, **por Ramos Pereira**; Fala pouco e bem..., **pelo Capitão Alfredo dos Santos**; Má Balda, **por F. Noronha**; Libertação, **por Armando Faria**; Resumo da Doutrina Espirita; Dr. Gustave Geley; Conte o seu caso... Como se tornou espirita? (**continua a depor o Dr. Viriato Correia**). Deus e a Consciência, **por Haydi de Thebelen**; Filmes de Fundo Espirita; À margem dos Livros, **por Ramos Pereira**; Crónica Estrangeira, **por Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

ESTUDOS PSÍQUICOS

ASSINATURAS

Continente — cada série de 6 n.os, não incluíndo despesas de cobrança . . . . . 20$00
Brasil . . . . . (12 n.os — 36 cruzeiros)
Colónias . . . . . (12 n.os — 50$00)
Número avulso . . . . . 3$50

Propriedade de ISIDORO DUARTE SANTOS, a quem deve ser dirigida toda a correspondência

OBRAS DE CIÊNCIAS PSÍQUICAS E FILOSOFIA NEO-ESPIRITUALISTA

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
O Principiante Espirita	7$00	
O que é o Espiritismo	8$00	
O Livro dos Espiritos	18$00	26$00
O Livro dos Médiuns.	18$00	26$00
O Evangelho segundo o Espiritismo	18$00	26$00
Obras Póstumas	18$00	
A prece	4$00	
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	5$00	
O Porquê da Vida (nova edição). .	18$00	
Depois da Morte (nova edição) . .	25$00	
O Grande Enigma	12$00	20$00
O Problema do Sêr e do Destino	20$00	28$00
Cristianismo e Espiritismo	20$00	28$00
Joana d'Arc Médium	20$00	28$00
GABRIEL DELANNE		
A Evolução Anímica	20$00	28$00
A Alma é Imortal	20$00	28$00
A Reencarnação	20$00	28$00
O Espiritismo Perante a Ciência	20$00	28$00
ERNESTO BOZZANO		
Animismo ou Espiritismo?	20$00	28$00
Metapsíquica Humana	15$00	
Pensamento e Vontade	10$00	
CAMILLE FLAMMARION		
As Casas Mal Assombradas	20$00	28$00
Narrações do Infinito	10$00	
O Fim do Mundo.	18$00	26$00
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos	24$00	33$00
Stella (romance astronómico) . . .	18$00	26$00
Sonhos Estelares	16$00	24$00
Urânia » »	16$00	24$00
FRANCISCO C. XAVIER (Médium)		
Boa Nova (quadros evangélicos), ditado pelo *Espírito de Humberto de Campos*	12$00	19$00
Brasil, Pátria do Evangelho, história do Brasil, pelo *mesmo Espírito*	14$00	21$00
A Caminho da Luz (História da civilização), pelo *Espírito de Emmanuel*	10$00	
Cartilha da Natureza, poesias ditadas pelo *Espírito de Casimiro Cunha*.	10$00	18$00
O Consoladar, resposta a 411 perguntas sobre os conhecimentos humanos, pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	12$00	20$00
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	12$00	20$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*.	12$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	20$00	28$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	20$00	28$00
Lázaro Redevivo, *Espírito do Irmão X*	20$00	
Lira Imortal, comunicações em verso	8$00	
Mensageiros (Os) ditado pelo *Espírito de André Luis*	18$00	26$00
Missionários da Luz, recomendável ás pessoas cultas' devido aos ensinamentos que encerra, pelo *Espírito de André Luis*, (nova edição).	25$00	33$00
Nosso (O) Lar, ditado pelo *mesmo Espírito*	18$00	26$00
Novas Mensagens de Humberto de Campos	10$00	
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por poetas luso-brasileiros) nova edição melhorada	30$00	40$00
Paulo e Estêvão (livro famoso considerado pelos eruditos como a mais completa biografia de S. Paulo) (nova edição)	28$00	36$00
Renúncia, romance empolgante e consoltador destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*.	24$00	32$00
Reportagens de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	14$00	
OBRAS DIVERSAS		
Amor Imortal, romance espirita, pelo *Dr. J. A. Nogueira*	18$00	26$00
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo Gibier*.	12$00	19$00

(Continua na 3.ª pág. da capa)

• VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA •

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

7.º ANO — LISBOA, JULHO DE 1946 — N.º 7

Director e Editor	Redacção e Administração	Administrador
Isidoro Duarte Santos	Rua do Salitre, 149, 1.º	Maria G. Duarte Santos

Composto e impresso na Tipografia SILVAS, Lda. — Rua de D. Pedro V, 120 — LISBOA

NÃO É ESPIRITISMO!

Notícias de longe informam-nos de casos graves praticados à sombra da Doutrina Espírita. E como este lugar é de vigilância e de saneamento, a serviço da verdade que sempre defendemos com ardor, não calaremos a voz em cumplicidade aparente, antes formularemos vigoroso protesto, baseado em razões que ninguém poderá combater.

O jornal «O Globo», do Rio de Janeiro, informou que no «Centro Espírita Coração de Jesus», instalado na Praça Tiradentes, 75, da capital fluminense, um assistente foi levado ao suicídio sugestionado pelo presidente da agremiação, onde se praticava magia negra. E acrescentava que o desgraçado «ingerira tóxico no próprio Centro, por ordem dos Guias» e que o referido presidente, «que exercia absoluto domínio sobre a vítima, se encontra foragido».

Segundo versão doutros jornais, a polícia verificou que o Centro era de magia, lá encontrando um altar, símbolos vários e objectos de crendice.

Como homens de bem e livres de qualquer tutela, lamentamos profundamente o sucedido e desejamos que se responsabilize o culpado, se o houver, o qual não deve ficar impune. Casos deste género merecem que se lhes aplique todo o rigor da lei.

Mas isto não é Espiritismo! É superstição grosseira, é magia negra, tanto mais que o ritual usado metia parati, fumaça e outras burundangas primitivas muito apreciadas pelos adeptos da «Linha de Umbanda», que é um baixo sector de africanismo em que predominam práticas gentílicas ou selvagens.

O Espiritismo nada tem com o que sucedeu na Praça Tiradentes, em centro impròpriamente denominado espírita. O que se passou está à margem da codificação kardeciana e por isso merece a nossa absoluta reprovação. Charlatanismo não é Espiritismo. A Doutrina que prègamos é racional e humana, não é batuque de insensatos obedientes a espíritos inferiores.

É pena que as autoridades brasileiras permitam a fundação de antros desta natureza com o nome de «centros espíritas». É necessário maior rigor no deferimento de certos pedidos, que podem ocasionar danos irreparáveis.

«Mundo Espírita», que apreciou o caso com elevação e firmeza, escreve: «O vício vem de longe. Qualquer indivíduo que aparece a falar em «Nosso Senhor Jesus Cristo» e dizendo que deseja fundar um «grupinho» para «prestar caridade», obtem licença, é acolhido sem qualquer sindicância duma entidade responsável. E daí começam a aparecer os centros com «altares», «pontos de terreiros», velas e outras coisas extravagantes, sob a denominação genérica de Centro Espírita. Aí estão as consequências!».

Sim, consequências tristíssimas baseadas em brandura de costumes que deve ser modificada em benefício da sociedade.

Em Portugal já houve um caso semelhante que deu brado na imprensa. Se não estamos em erro, foi em Mensafrim. Por isso, compreendemos a gravidade das notícias que nos acabam de chegar às mãos e bradamos com toda a força dos pulmões:

— Aquilo não é Espiritismo! Aquilo é macumba, é magia negra, é prática diabólica que a polícia deve reprimir com a maior severidade!

FILOSOFIA DA NATUREZA

V — Formação do espírito — Instrução e educação

pelo prof. Ad. Baptista Ramires

FREQUENTEMENTE se tem tratado na Imprensa de assuntos referentes à cultura geral do espírito, — cultura essa que trivialmente se reduz a uns conhecimentos de generalidades, que apenas servem para se merecer algum apreço na vida social, mas ordinàriamente sem nenhum valor produtivo. Para a vida dos povos, mais do que isso é necessário, — motivo por que desse assunto muito se tem tratado, sobre ele se apresentando diversos modos de ver, havendo até quem, sob certo ponto de vista, compare a cultura do cérebro à cultura da terra, começando pelo erro de supor esta em estado de permanente passividade, incapaz de produção quando não é cultivada.

Falsa ideia é essa, pois na terra há actividade constante, que é a do trabalho microbiano indispensável à transformação de corpos que nela há sempre, indispensáveis à vida que na terra constantemente se manifesta, ainda que não seja mais que a das modestas ervagens da terra inculta.

Não tem porém importância essa suposição errada; importância tem a falsa ideia de se cultivar a inteligência como se cultiva a terra com abundante adubação — já assim se disse — não se reparando que só isso não é suficiente para formar o espírito, não dando muitas vezes mais que enciclopedismo inútil.

Esse enciclopedismo que nada produz aparece frequentemente no nosso ensino, sobretudo no secundário, aí obrigado a programas desnecessàriamente vastos, sobrecarregando a memória, sem reconhecida utilidade na marcha do ensino. Neste, para o professor ser verdadeiramente mestre, tem ele de possuir — no secundário é isso importante — além dos conhecimentos para essa função necessários, certa arte na exposição dos assuntos, de forma a despertar a atenção e o interesse dos ouvintes.

Se esse interesse se consegue, longe pode ir o resultado, e maior será este, se ao mesmo tempo no espírito dos alunos vem ordenada reflexão sobre os conhecimentos dados, dela podendo vir essa poderosa faculdade que é a intuição, donde por vezes sai o génio criador. Isto na Ciência, em que ele é raro, porque na Arte a função do espírito é outra, tudo essencialmente vindo da imaginação e do sentimento. Importante é essa função, mas para resultado verdadeiramente útil, à formação e educação do espírito são necessárias. Trabalho longo e difícil é esse, que deve começar na entrada da juventude, no lar paterno, do qual já alguém com razão disse: «casa de pais, escola de filhos». E se a esse conceito verdadeiro à educação se referia, não pode oferecer dúvida que daí começa a formação e inclinação do espírito. Poderosa influência essa, quando se cultivam hábitos de reflexão e disciplina, cedo começando em povos que por essa educação progridem — poderosamente auxiliada nalguns por seu temperamento — tem ela sido inteiramente desprezada na orientação da mocidade portuguesa, — esquecendo-se que da reflexão nasce o critério, e deste e da disciplina vem a segurança necessária para melhor se poder seguir na vida.

Sobre defeitos da nossa instrução muito se tem ocupado ùltimamente a Imprensa, mas pouco para a educação se tem olhado. Fazendo-se a ela referência, já se tem dito que é essencialmente necessário despertar na mocidade a consciência. Mas, que se entende por essa ideia de *despertar* a consciência? Quem isto diz não pensa que essa faculdade ou sub-faculdade, como alguns a consideram, está inteiramente sob o domínio da razão, e não menos da sensibilidade ou modo de ser moral de cada um; e assim, podendo ela despertar como delicada balança de laboratório, dando pesagem de coisas mínimas, também pode não acusar senão o peso de coisas de vulto, — e no fim, o que daí resulta tem, como as quantidades algébricas, valores diferentes: num louco vale zero, num facínora tem valor negativo.

Nessa balança pois de valor variável que é a consciência, não há que a despertar, — há que a formar, com a sensibilidade que deve ter. O que há a despertar é a razão, acordando-a da sonolência em que anda na mocidade, começando a levá-la no seu alvorecer

à luz daquilo que para a vida é conveniente.

Tudo pode corrigir a educação, salvo se há taras de família, difíceis de reduzir,—mas ainda aí, tudo se deve tentar.

* * *

Tortuoso caminho tem o homem seguido na vida, em meio de paixões que no culto da vaidade e da ambição o arrastam, em avidez crescente daquilo que, sobretudo aos sentidos, mais lhe agrada. Cultive-se a ciência sempre, que sem ela não pode haver progresso, mas cultive-se acima de tudo, nas suas relações com a inteligência e com o sentimento, essa faculdade que é o espírito, — faculdade criadora, que distingue o homem de todos os animais; mas cultura orientada fora de desordenada ambição. — esse triste sentimento que, como se tem visto, nos últimos tempos, tem sido mais para destruir, bem pouco para edificar.

Cultivado o espírito em firme orientação humana, atingido justo equilíbrio em tudo, ter-se-á feito o homem de amanhã; e um dia virá em que o espírito de novas gerações, sobrevoando o antigo caminho percorrido — deixem-me assim dizer — em mais elevado e seguro vôo, claramente verá o errado rumo antes seguido, — e nesse dia, nada teremos que invejar do espírito de outras raças, pois tem o nosso, a mais, aquilo que, em fonte de abundante nascente, pode dar ao mundo o pensamento latino, nele tanta vez se elevando o génio criador.

Génio criador, de facto tem ele sido, — e, para se ver que assim é, bastaria citar os nomes daqueles que na história da Ciência ficaram.

Seria porém longa citação essa, sem utilidade alguma, tantos são eles, limitando-me a alguns nomes que aqui lembro agora, o que é necessário para justificação do que disse, — tais os de Lavoisier e Berthelot, criadores da química moderna, Claude Bernard, Ampère, Galvani, Branly, Marconi (seu continuador) Le Bon, Curie, e tantos outros, cujo nome todos conhecem, e acima de todos, no bem que prestou à humanidade, Pasteur.

A numerosos investigadores de outras raças, muito notáveis descobertas também se devem; todos o sabem, mas certo é que àparte Kepler, Newton, Hertz, Darwin e poucos mais, que só por seu elevado espírito avançaram, a todos os outros vieram os fundamentos para as suas descobertas do caminho que o génio latino tinha aberto ou iluminado.

Feita aos primeiros a referência que atrás deixei, mal ficaria esquecer quem neste país também por uma das mais notáveis descobertas, tanto há poucos anos honrou Portugal, — alguém que, seguindo como verdadeiro mestre os progressos da vasta neurologia, esclarecida por homens da elevação mental de Charcot, daí passou para a região de mistérios da vida do cérebro, e entrando naqueles de que se ocupa a psiquiatria, conseguiu a cura rápida de determinadas causas de loucura, — descoberta essa das maiores de todos os tempos, pois no trabalho da inteligência humana a sanidade da razão vale mais que a própria vida. E essa descoberta é ainda do génio latino: é de Egas Moniz, glória inconfundível da ciência portuguesa.

Em Revista que tem o largo campo de tudo que diz respeito ao espírito, sendo portuguesa, grave falta seria não citar agora este nome.

Esse caminho que outros povos têm seguido, dele vindo seus conhecidos progressos, nós o podemos também seguir, para isso formando e educando superiormente o espírito — espírito disciplinado de análise e de síntese — posto o ensino inteiramente fora do enciclopedismo actual, pois não basta instruir, — acima de tudo, é preciso *habilitar*, e isso se consegue, depois de basilar instrução geral, pela especialização bem facultada, — e ela se deve alargar, em instituições para esse fim criadas, semelhantes àquelas que de diversos géneros havia na Alemanha, como há em outros países, ali em destaque seus notáveis laboratórios, de investigação científica, uns, de habilitação especial outros.

Tudo isso é simples, fácil de realizar. Alguma coisa há porém que está fora do ensino, fora das leis que o governam, porque pertence a leis da Natureza, como é aquilo que entre nós vem do impulsivo ardor meridional. Pertence isso à educação, que cedo, logo ao alvorecer da mocidade, como atrás se disse, tudo que é inconstante ou impulsivo se deve modificar. A esse importante assunto, quando me seja possível voltarei, para satisfazer desejo que há tempos amável leitor me expôs.

Jul/45

O FENÓMENO ESPÍRITA NA BÍBLIA

Conferência realizada na Federação Espirita Portuguesa e no Centro Espiritualista Luz e Amor, respectivamente em 27 e 28 de Abril

pelo Coronel Faure da Rosa

II

A proibição de Moisés e os fenómenos espiritas

É velho e relho o argumento de que Moisés proibe o estudo e a prática dos factos espiritas. Esta proibição, segundo a dialética de tais argumentadores, consta do Êxodo, do Levítico e do Deuterenómio.

O que Moisés condena são os mágicos, os adivinhos, os áugures, os necromantes, — numa palavra, tudo que constitui a magia — sobretudo a magia negra — que é precisamente o que o próprio Espiritismo condena.

Já mostrei que a Bíblia faz distinção entre *pitão* e *adivinho;* no entanto, o redactor do livrete dá sempre o significado de *adivinho* a *pitão.*

Daniel, por meio da prece, provoca aquilo a que hoje chamamos «facto mediúnico», como está bem claro nos versículos 21 e 22 do Cap: IX: «Quando eu, digo, ainda não tinha bem acabado as palavras da minha súplica, eis que o varão Gabriel, que eu tinha visto ao princípio na visão, voando ràpidamente, me tocou ao tempo do sacrifício da tarde.

«E me ensinou e me falou...»

No I Livro de Samuel (Reis), IX — 9, consagra-se a vidência: «Antigamente em Israel, todo o que ia consultar a Deus dizia assim: Vinde e vamos ao vidente.

«Porque aquele que hoje se chama profeta se chamava então vidente».

No I Livro de Paralipómenos, lê-se: «E as primeiras e últimas acções do rei David estão escritas no livro de Samuel, o vidente, e no livro do profeta Nathan e no volume de Gad o vidente.

No cap. V, 5 de Daniel, vem narrado um caso de materialização e de escrita automática: «Na mesma hora apareceram uns dedos, como de mão de homem, que escrevia defronte do candieiro, na superfície da parede da sala do rei; e o rei via os movimentos das juntas dos dedos da mão que escrevia».

O fenómeno da trombeta aparece no Apocalipse I, 10: «Eu fui arrebatado em espírito, um dia de domingo, e ouvi por detrás de mim uma grande voz como de uma trombeta. E no Êxodo — XIX, 13-16-19: Quando a buzina começar a ouvir-se, então subam ao monte...»

«E um som de buzina mui forte atroava...»

«E o som da buzina se ia aumentando cada vez mais, e se fazia mais penetrante».

O sono correspondente ao transe mediúnico, encontramo-lo no Génesis, XV, 12: «Ao pôr do sol veio um profundo sono sobre Abraão» — sono ou transe que lhe permitiu ouvir uma voz falar-lhe. Também se encontra em Actos IX, 3-4: «E sùbitamente o cercou ali uma luz vinda do céu. E caindo em terra ouviu uma voz...» que era a de Jesus.

A 2.ª Epístola aos Coríntios, XII, 2 a 4, diz que um homem em Cristo há 14 anos fôra arrebatado ao paraíso, não sabendo se no corpo ou se fora do corpo, e que ouviu lá palavras secretas.

De fenómenos de Levitação trata Ezequiel, III, 12-13-14: «E me tomou o Espírito... Também o Espírito me levantou e me levou consigo... E fui ter com os cativos...»

Também se nos deparam em Actos, VIII, 39: «E tanto que eles sairam da água, arrebatou o Espírito do Senhor a Filipe...» — Em Mateus, IV, 1.º: «Então foi levado Jesus pelo Espírito ao deserto...»

Comunicações pelo sonho temo-las em Job. XXXIII, 14-15-16: «Deus fala uma vez e segunda vez... Por sonho de visão noturna... quando cai supor sobre os homens... Então abre os ouvidos dos homens e admoestando-os lhes adverte o que devem fazer». — Em Joel, II, 28. «...E os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos velhos serão instruídos por sonhos, e os vossos mancebos terão visões».

As curas efectuadas pelo próprio Cristo e pelos discípulos abundam nos quatro Evangelhos.

De curas por meio de objectos impregnados de fluido temos exemplo em Actos, XIX, 11-12. «E Deus fazia milagres, não quaisquer, por mão de Paulo; — Chegando estes a tal extremo, que até sendo aplicados aos enfermos os lenços e aventais que tinham tocado no corpo de Paulo, não só fugiam deles as doenças, mas também os *espíritos malignos* se retiravam».

Note-se que a Bíblia não fala na retirada de *demónios,* mas de espíritos malignos, quer dizer *espíritos maus,* que são os espíritos inferiores, imperfeitos.

Os israelitas costumavam consultar os videntes com frequência: veja-se o vers. 8.º do cap. XXX da 1.ª

Epist. de Reis: «E David consultou o Senhor...». Na II Epist. de Reis; V, 23 e XXI-1, «Consultou, pois, David o Senhor; E David consultou o oráculo do Senhor...» — Em Paralipómenos, XVII-3, XX-9: «Mas naquela noite falou o Senhor a Nathan... E falou o Senhor a Gad, vidente de David...»

O vers. I do cap. IV da I Epist. de S. João, diz: «Caríssimos, não creiais a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque são muitos os falsos profetas que se levantaram no mundo». — Por mais que se rebusque não se encontra neste versículo nenhuma proibição. O que se prega é o maior cuidado com os embusteiros, os falsos profetas, precisamente o que o Espiritismo recomenda, que embusteiros e fraudadores houve sempre.

Como muito bem escrevem os Rosacrucianos, Jesus Cristo não ensinou abertamente a doutrina reencarnacionista, mas ensinou-a aos seus discípulos. Falando de João Baptista, disse Jesus: «Este é Elias». Esta curta frase implica a aceitação do reencarnacionismo.

Também os judeus desse tempo perguntaram a João Baptista: «És tu Elias?» (João I-21).

Noutra ocasião Jesus perguntou aos discípulos: «Quem diz o povo que eu sou?» — Ao que lhe responderam: «Alguns dizem que sois João Baptista, outros que sois Elias, e ainda outros que sois Jeremias ou um dos profetas». Jesus não os contradisse.

Quanto a factos premonitórios, é notável a predição de um anjo acerca da vinda de Sansão com a incumbência de matar os filisteus. Não menos notável é estoutra:

— O Senhor disse ao profeta Jeremias: «...Antes que tu saísses da clausura do ventre materno, te santifiquei, e te estabeleci profeta entre as gentes (Jeremias I, 5).

Narra Gregório de Cesareia, e depois dele Nicéforo, que um concílio inteiro teria evocado os espíritos de dois defuntos. Foi o caso que antes de poderem assinar as conclusões do concílio, faleceram dois bispos: Chrisantus e Mismius. O concílio em peso compareceu junto do túmulo dos dois bispos e um dos padres assim teria falado: «Santíssimos pastores: terminámos juntos a nossa tarefa e combatemos os combates do Senhor. Se a obra vos agrada, dignai-vos no-lo fazer saber, apondo-lhe a vossa assinatura». Em seguida foi a decisão lacrada e colocada no túmulo, sobre o qual foi aposto o selo do concílio. No dia seguinte ao amanhecer, depois de terem passado a noite em oração, quebraram os selos e encontraram na parte inferior do manuscrito, as seguintes linhas autenticadas com as rubricas e assinaturas dos defuntos consultados: «Nós, Chrisantus e Mismius, que havemos assistido, com todos os padres, ao primeiro e santo concílio Ecuménico, posto que presentemente despojados de nossos corpos, subscrevemos, entretanto, do nosso próprio punho, a sua decisão». Ora isto é nada mais nada menos que um fenómeno de escrita directa, igual ou semelhante aos que hoje se produzem.

A procedência teria sido satânica?... Todos estes padres seriam *homens maus?...*

Ainda mais: Os padres Lacordaire e Le Blum, os abades Marnizeau e Leçam, pastores em Inglaterra e na América do Norte, todos eles provocaram fenómenos espiritoides. O Rev. Page Hopps, numa reunião de pastores em Manchester, afirmou a *comunhão dos espíritos entre o visível e o invisível* e propôs a fundação duma igreja cujas prédicas fossem as mensagens do Além.

Hawis, em Londres, pregava a «doutrina dos mortos» na igreja de Marylebone, e convidava os seus ouvintes a passarem pela sacristia, depois do sermão, para examinarem fotografias de espíritos. Na igreja de S. Jacques, o mesmo orador sagrado, prègava acerca das tendências do «Espiritualismo moderno» e afirmava que os factos espiritas estavam em perfeita concordância com o mecanismo geral e as teorias da religião cristã.

Então... todos estes padres cristãos são *homens maus* e vítimas de influências satânicas?

Eu podia multiplicar muitas outras citações tanto do antigo como do Novo Testamento, sobretudo deste último.

Curas psíquicas

Quantas curas têm feito e estão fazendo por esse mundo fora os espiritistas?

Em Inglaterra (arredores de Londres), três homens da classe humilde (um tipógrafo, um condutor de oníbus e um telefonista), dirigidos e auxiliados pelos seus espíritos-guias, todas as noites tratam e curam doentes, alguns deles já desenganados pelos médicos. A sala onde se reunem abarrota de gente que ali acorre de todos os lados de Londres.

No final de cada sessão de tratamento, um dos curadores recebe mensagens para vários dos assistentes. A ilustração inglesa *Picture Post* de 8 de Abril de 1939 publica desenvolvida notícia destas curas.

O «Diário de Notícias» de 10 de Maio de 1939 dava conta de algumas das curas extraordinárias de doentes considerados incuráveis, sobretudo crianças, pela simples aposição das mãos de *Lady* Clerk, antiga Embaixatriz de Inglaterra em Paris.

Que diferença há entre estas curas e as que estão referidas na Bíblia?... Obra de Satanás?... Então, o génio do mal pratica assim tanto bem e por toda a parte?

Axel Munthe, médico de fama, autor do *Livre de San Michel*, perguntava a si mesmo. «Que misteriosa força emana da minha mão? — O que me

foi dado fazer a muitos dos nossos soldados moribundos durante a guerra de 1914-18, é suficiente para dar graças a Deus por me haver posto nas mãos tão poderosa arma. No outono de 1915 passei dois dias e duas noites inolvidáveis entre uns duzentos soldados moribundos... Não havia nem morfina nem clorofórmio nem anestésico de qualquer classe para aliviar os seus tormentos e abreviar a sua agonia. Muitos morriam sob o meu olhar, insensíveis e alheios, às vezes com um sorriso nos lábios, a minha mão na sua fronte e nos ouvidos o som das minhas palavras de esperança e de consolo lentamente repetidas. A pouco e pouco, dos seus olhos semi-cerrados ia desaparecendo o terror da morte...»

É isto obra diabólica?...

Em Clifton, perto de Bristol (Inglaterra) funciona o «Lar de Curas». As médiuns curadoras são as duas filhas do grande médium curador sr. Cooke que do Além as dirige e auxilia. Com as duas médiuns cooperam enfermeiras diplomadas e experientes. Repetidas vezes, vários médicos têm pedido o internamento dos seus doentes nesta Casa de Saude. A mais completa harmonia existe entre os médicos de Clifton e o «Lar de Curas». A média de tratamentos é de 76 por semana, entre velhos, adultos e crianças. O que é para espantar no nosso meio pequenino é que o «Lar de Curas» esteja registado no Ministério da Saúde.

A «Missão Espiritualista» de Londres efectuou recentemente a cura de uma aguda e pertinaz nevrite em ambas as mãos de uma senhora, que apenas com 30 anos de idade se via, assim, incapacitada de qualquer trabalho para o resto da vida: todos os médicos consultados tinham declarado incurável o mal desta senhora. A médium Warhist tratou-a durante cinco semanas e curou-a radicalmente.

Ainda hoje vive muita gente em Lisboa que se lembra, decerto, do dr. Eduardo Silva — o *doutor das mãozinhas,* como lhe chamavam — que muitos males aliviou e curou.

E aquela famosa operação de apendicite feita numa cidade do Brasil pelo espírito materializado dum médico?

Que espécie de *diabo* é este que tantos benefícios espalha por toda a parte?

UNIDADE

Por detrás da complexidade infinda,
da cadeia ininterrupta de causas e de efeitos,
se oculta o Uno que lhe deu a Vida!
Existirá — ali — ou só no «querer» que eu sinto?
Mas sem Ele,
giro no vácuo do «não eu», das formas,
e abraço um nada que eu não sou...

Ramos Pereira

Meditações de Julho

1 — Todas as minhas energias são canalizadas em expressão construtiva.
2 — O Infinito é meu suprimento.
3 — Materializo as riquezas de meu reino interior.
4 — A omnipresença de Deus liberta-me de toda a limitação.
5 — Não há forças que possam conter a minha vontade determinada.
6 — Cristalizo em meus actos as belezas de minhas criações mentais.
7 — Adquiro o hábito de agir com heroismo e entusiasmo.
8 Estou vendo meu corpo sempre novo — remoçado — vigoroso e belo.
9 — Estou vendo os fluidos astrais que me interpenetram, dissolvendo os venenos de meu organismo.
10 — Estou vendo meu sistema nervoso vibrar cada dia mais intensamente de vida e energia.
11 — Sou bom, generoso e altruista, em todos os meus actos.
12 — Sou indulgente para com os outros, pois sei que todos procuram a felicidade.
13 — Tenho uma confiança ilimitada no Supremo Poder Presente.
14 — Sou um centro de Consciência. Vida e Poder.
15 — Encaro as dificuldades como uma oportunidade para desenvolver a minha energia e, portanto, o poder de vencer.
16 — Formo-me sempre à imagem de meu ideal.
17 — Todos os meus desejos são inspirados pelo Amor Universal.
18 — Sou Filho e herdeiro de Deus e manifesto a perfeição de meu Pai.
19 — Manifesto a Vida e abundância de Deus.
20 — Vivo numa atmosfera mental de Paz.
21 — Apoiado na rocha de meu espírito imortal, nada pode abalar-me.
22 — Pelo aperfeiçoamento interno, estou melhorando a minha vida.
23 — O Amor Universal é o meu escudo protector.
24 — Nenhuma aparência material pode iludir-me.
25 — Sou superior à tristeza e ao sofrimento.
26 — Meus ouvidos são superiores às vozes discordantes.
27 — Ó Pai Amoroso! Sou um Raio de Tua Voz Infinita e procuro, cada vez mais, iluminar o caminho para os que se encontram nas trevas.
28 — Minha voz é incapaz de ferir.
29 — Dentro de mim está a Luz do Mundo.
30 — Aprendo constantemente a ver claramente no coração dos homens.
31 — De todas as partes aprendo a lição da vida.

D. MARCOLINA ALVES

D. Marcolina Alves regressou ao Brasil! Como o tempo passa! Foi há mais dum ano e parece que foi ontem, que foi há um instante!...

Apresentada pelo nosso grande amigo Leopoldo Machado, director de «O Lar», orgão do Lar de Jesus, de Nova Iguassú, e presidente do Centro Espirita Fé, Esperança e Caridade, que tantos serviços conta no seu activo de propaganda, D. Marcolina Alves, ou, antes, a Irmã Marcolina, entrou um dia em nossa casa, de regresso a Portugal, onde tencionava fixar residência. O seu temperamento comunicativo e o optimismo que se desprendia do seu olhar, a dedicação à Causa que irradiava das suas palavras, a convicção que se lia nas suas afirmações, tudo, enfim, nos cativou espontâneamente. A tesoureira do Lar de Jesus, que os confrades do Estado do Rio tinham visto partir cheios de mágoa pela ausência talvez permanente dum preciosíssimo esteio de educação e propaganda espirita, desembarcava em Lisboa trazendo consigo saudações de amigos distantes que estavam presentes na nossa alma, de irmãos operosos que labutam sem descanso para maior glória dum ideal sagrado, e vinha disposta a trabalhar conosco, a dar-nos o influxo do seu entusiasmo, a transmitir-nos a sua fé inabalável, mulher feita apóstolo, esquecendo-se de si para se lembrar dos outros... E durante muitos meses ouvimo-la falar do Rio, de Macaé, de Nova Iguassú, das caravanas espiritas, do Lar de Jesus, do Professor Leopoldo, de D. Marília e outros pioneiros que passaram a ser nossos familiares, tantas e tantas vezes ouvimos repetir carinhosamente o seu nome, numa visão de saudade!

D. MARCOLINA ALVES

Apresentada no Centro E. Luz e Amor, logo concitou a atenção e simpatia de todos, tal o vigor que punha nas suas frases vibrantes de sinceridade. As suas palestras acerca do Espiritismo brasileiro eram ouvidas sempre com prazer inenarrável. A Irmã Marcolina conversava com os assistentes, transmitia-lhes os seus anseios, as suas dúvidas, contava casos pessoais a que imprimia extraordinário relevo e dos quais se desprendia, por vezes, um fiozito de emoção espiritual; apontava exemplos de trabalho e renúncia, como o de Vovô Idibaldo, de Mácaé, um funcionário reformado que todos os dias ia apanhar papeis nos caixotes do lixo e depois vendia para fins humanitários... E, quando terminava, a irmã Marcolina sentia que todos eram seus amigos e que ali ficariam a ouvi-la e a deliciar-se durante o tempo que ela quisesse falar do grande e formoso Brasil...

E nos olhos dos assistentes não era difícil surpreender, de quando em quando, uma lágrima rebelde, misturada de alegria, de enlevo perante um rasgo de abnegação singelamente exposto pela sua palavra fácil e contagiosa...

* * *

A Irmã Marcolina comprou casa e suas gentis filhas Carmen e Suzette entraram para o Liceu de Maria Amália Vaz de Carvalho, na turma da nossa Maria Eugénia. E uma ligação maior se estabeleceu, um convício mais estreito, mais frequente passou a unir duas famílias devotadas à Doutrina. Quando as três nos visitavam, enchiam a casa toda, que é grande. Esfusiante alegria penetrava em todos nós. Carmen, nervosa e sentimental, tocava piano; a Suzette, redopiante e despren-

dida, animava a tertúlia, contando anedotas. E o tempo corria ligeiro... sem que uns e outros dessem por ele.

A Irmã Marcolina passou a fazer projectos de trabalhos no Centro, ao qual se associou. Idealizava catequização evangélica para as crianças, como fizera no Brasil. Enviava Estudos Psíquicos aos amigos do Estado do Rio e prometia difundir esta revista por todos os meios ao seu alcance, exclamando, cheia de entusiasmo:

— Bem me dizia o Professor Leopoldo, quando eu estava para embarcar! «Você julga que não há Espiritismo em Portugal? Então, espere aí.» E mostrou-me a revista Estudos Psíquicos, que guardava religiosamente, afirmando ser a única que coleccionava, entre tantas que recebia de todo o mundo. Agora vejo que ele tinha razão! É uma revista admirável!

* * *

E um dia...

A vida é assim. Tem altos e baixos, alegrias e dores, delícias e tormentos. Mas, como tudo é relativo e feito de contrastes, o que é mau para uns é bom para outros.

Um dia, a Irmã Marcolina dá-nos a notícia infausta de que ia regressar ao Brasil. Seu marido já não vinha para Lisboa e pedia-lhe que vendesse a casa. A Carmen e a Suzette continuariam os estudos no Rio de Janeiro.

Foi um balde de água fria. Seríamos privados de convívio agradabilíssimo e o Centro Luz e Amor ficaria sem valioso elemento. E a nossa alegria transformou-se em pesar. Os dias pareciam mais curtos, à medida que a hora do embarque se aproximava. É sempre assim... dir-se-ia querermos paralisar o tempo, a fim de retermos o momento psicológico e vivê-lo eternamente...

Na tarde de 16 de Abril, a Irmã Marcolina fazia a sua despedida no Centro, com uma alocução em que transparecia grande pesar pelo que deixava, sintetizado em comunhão espiritual. O Presidente da Direcção e director de Estudos Psíquicos disse que a via partir com saudade, mas tinha a certeza de que, no vasto Brasil, ela seria um arauto amigo ao serviço do intercâmbio espírita luso-brasileiro e esperava vê-la colaborar nesta revista.

Ela respondeu, então, que agradecia todas as gentilezas que lhe haviam dispensado e deixava um abraço fraternal para todos, prometendo ir contar ao Rio quanto vira e ouvira em abono duma doutrina que lhe modificara inteiramente a maneira de ser individual. Sua filha Suzete recitou a seguir uma bela poesia intitulada «Pai Nosso». E assim terminou a jornada dum ano que ela veio fazer a Portugal.

* * *

No dia 27 de Junho fomos ao «Serpa Pinto», com o confrade Major Eurico de Castro Zuzarte, despedir-nos da colaboradora que seguia rumo ao Brasil maravilhoso. Era grande a multidão que se apinhava no cais, sob um sol abrasador, verdadeiramente tropical.

Entrámos a bordo com a família, pois fazíamos questão de acompanhar até o momento da largada quem tantas saudades nos deixara. O Major Zuzarte despediu-se momentos antes, devido aos seus afazeres particulares.

Verificámos as óptimas instalações que haviam sido reservadas às boas amigas que partiam, e mais uma vez pedimos nos recomendassem aos confrades de além-Atlântico. Embora o mar nos separasse fisicamente, o pensamento estabelecia pontes que nada deste mundo destruiria.

A Suzette e a Carmen estavam radiantes de alegria. Já tinham o coração voltado para o Rio...

Entrementes, passava pelo grupo o nosso confrade Carvalho Fróes, da Embaixada Brasileira. Cumprimentos e palavras amistosas.

E quando a sereia de bordo resfolegou três vezes e o barco se foi afastando lentamente através de enorme chuva de serpentinas, os lenços começaram a agitar-se e os olhos a humedecer-se de orvalho que aflorava ao rosto, emanado da fonte perene do sentimento...

Agora, era a verdadeira despedida e a viagem pelo oceano imenso, em demanda do País do Cruzeiro...

Era a evocação dos momentos felizes passados em Portugal, entre amigos diletos e companheiros de jornada doutrinária, salpicada de emoções fortes e prazeres espirituais... Era o desejo de chegar depressa ao lar distante, onde outra alma aguardava ansiosamente os peregrinos de saudade que demandavam a terra prometida...

Que os bons espíritos acompanhem as três amigas que nos deixaram! E que breve possam dar-nos notícias da chegada a porto de salvamento!...

A Missão de Jesus

por Fernando da Cruz Ferreira

IX

EFECTIVAMENTE, tinha sido precisa a grande comoção da prodigiosa pesca para que estes homens simples pudessem compreender tão extraordinárias palavras.

E era preciso também todo o seu amor pelo Mestre para se deixarem levar, sem uma hesitação, sem uma objecção, a abandonarem tudo para O seguirem numa empresa tão desproporcionada às forças humanas.

Qual foi o Mestre que algum dia assim falou aos seus discípulos? Qual foi o Mestre que alguma vez os elevou a tais alturas?

Punha-lhes aos pés o Mundo, como um mar imenso.

Servia-se também Jesus duma imagem familiar aos profetas: «os maus são como o mar agitado que não pode ter repouso, e as suas ondas revolvem os limos e o lodo.

Eles deveriam lançar neste mar revolto a rede da palavra, e trazer para Deus tantas quantas pudessem alcançar.

Disse um filósofo antigo: «Procuremos tirá-los desse mar, cuja superfície é sempre variável, cedendo aos caprichos do vento e sempre agitado por alguma tempestade».

«Escutai o grande rumor do mundo, esse tumulto, esse desassossego eterno».

«Vêde esse movimento, essa agitação, essas vagas inùtilmente sublevadas que sùbitamente caem, não deixando mais do que espuma».

«As ondas impetuosas, que se atiram umas contra as outras, que se chocam com estrépito e com fúria e se desfazem mùtuamente; são uma imagem viva do mundo e das paixões que causam a agitação de toda a vida humana».

O mundo das vagas revoltas e cheio de escolhos, dificilmente consentiria que lhe tirassem a presa. E por isso:

«Eis que chamo em massa pescadores para pescar, disse Jehovah».

Os apóstolos tinham sido chamados. Logo desde a primeira intuição deviam compreender as imensas dificuldades da obra para que eram chamados, as quais, para eles, mais insolúveis deviam parecer.

Mas compreenderam também, à sombra do Mestre, a grandeza da sua vocação e o que era conquistar homens para Deus.

Possìvelmente, pela primeira vez pressentiram o que era uma alma.

Até então, podia um coração por amor, vencer outro coração, uma inteligência, dominar outra inteligência.

Poderia fazer-lhe impor uma autoridade incontestada. Estas nobres e simples relações entre os homens tinham-se afirmado desde que se fundou a família humana.

Mas as almas! Actuar nelas sobre aquilo que, em cada um de nós, é o princípio mesmo da vida material e espiritual — arrancá-las ao mal e à maldição; trazê-las a Deus, prometer-lhes uma felicidade infinita e revelar-lhes esta felicidade mais clara, mais pura, maior mesmo ainda na terra, à medida que a pureza interior aumenta... não parece que tal obra sòmente é possível a Deus?

Poderia o homem ter sonhado em tal dom?

Sem dúvida, como no despontar do dia, o alvorecer e a aurora duma inconsciência imperfeita precederão o esplendor do meio dia.

Sem dúvida também os apóstolos avaliavam bem a sublimidade do convite de Jesus, até ao ponto de, heròicamente, por Ele abandonarem tudo.

A sua compreensão rudimentar porém desenvolveu-se gradualmente, à medida que foi sendo iluminada pela assistência da Luz que veio ao Mundo, pela intimidade do Senhor.

À medida que o escutavam, à medida que presenciavam o seu viver, iam-se integrando dentro da sua alta missão de apóstolos.

Mas era preciso ainda a efusão do Espírito para os elevar às culminâncias da sua nobre missão.

Foram precisas também as gotas do sangue do Homem-Deus, caindo distintamente nas trevas do calvário, na hora em que se

calavam as maldições, para lhes ensinar o valor das almas.

Mas já nessa luminosa manhã, à beira do lago de Teberíades, tudo abandonaram para seguir o Senhor.

* * *

Sentado no seu telónio às portas de Cafarnaúm e à beira do lago de Teberíades, Levi Mateus via passar Jesus pelos arredores da cidade, ora só com os discípulos, ora acompanhado duma multidão de gente...

E sem ser observado, observava.

Levi Mateus pertencia à classe desprezada dos recebedores de impostos e à última categoria dessa classe, os publicanos, que representavam o jugo odiado de Roma sob o mais vexatório e tirânico aspecto.

Cobrava toda a espécie de impostos sobre objectos de tráfico; mercadorias, animais, homens, mercados, navios, cais, estradas e pontes, que seu eu?

O Rabinismo, nas suas escolas, não só acentuava o desprezo por estes «exactores» dos impostos do estrangeiro, mas chegava mesmo a declarar que o arrependimento e o resgate do passado era para eles mais difícil do que para os outros homens.

O recebedor Levi talvez pertencesse ao número daqueles a quem pouco importavam a religião e o conceito dos mestres em Israel.

Se assim não era, a dureza e a mesquinhez de doutrinas dos representantes da Lei, mais e mais o mergulhavam na sua aparente impiedade.

O Mestre porém que via passar havia já alguns meses por diante dele, em nada se assemelhava aos outros mestres.

Quando se vira algum dia um Rabi, aos pés de quem tivessem trazido, às portas da cidade, pela tarde, ao pôr do sol, um tal número de enfermos e estropiados?

Tinha terminado o trabalho árduo do dia para o pobre Levi.

Tinham passado as caravanas, estavam amarrados os navios, serenadas as disputas e calada a algazarra do povo.

Agora sòzinho, Mateus, sentado à porta, à maneira oriental, ou por vezes escondendo-se um pouco por trás do balcão de portageiro, observava o extraordinário espectáculo do sofrimento humano, sob todas as formas, reunindo-se à volta de Jesus ou arrastando-se a seus pés.

Levi tinha visto chegar estes desgraçados, arrastando-se, apoiando-se a um braço caridoso, trazido nas próprias enxergas, ou às palpadelas procurando o caminho... e, a uma palavra desse Homem, via-os partir curados — todos; quer pobres, quer ricos, quer justos, quer mesmo pecadores como ele Levi.

Impressionado, assistira a uma série de prodígios retumbantes: a cura do filho do centurião—homem importante da cidade— o amainar duma tempestade furiosa no lago, leprosos que ficavam completamente sãos como crianças!...

Um dia, caso dum outro género e não menos extraordinário, Levi ouviu ou lhe contou alguém, pois que o narra exactamente ao relatar-nos o seu advento: Jesus dizia a um paralítico: **«os teus pecados te são perdoados»**, ante o assombro e a indignação dos escribas, que murmuravam: «este homem blasfema». Jesus, para demonstrar que tinha o poder de perdoar pecados, curara o doente com estas palavras: **«levanta-te, toma a tua enxerga e caminha».**

O paralítico tinha-se levantado e tinha andado. Então, sendo assim, quem sabe se para ele, Levi, não haveria também perdão? Quem era este homem que tinha o poder de perdoar pecados?

Oh! Se fosse possível vê-lo alguma vez ao passar, voltar-se para ele, ouvir dizer-lhe palavras semelhantes!... Escutá-lo de mais perto, embora nunca como discípulo, não ousaria pensá-lo!...

Mas vê-lo e ouvi-lo na serenidade da tarde — quando a sós com o seu próprio eu — Levi, em pensamento, seguia com os olhos do espírito Aquele rosto, tão seu conhecido agora, irradiando bondade, voltando-se ora para um, ora para outro, dizendo palavras que não conseguia ouvir!

Não! Nunca ousaria sonhar tal!...

Sabia que um homem dissera ao Mestre; **«Seguir-vos-ei por toda a parte por onde fordes»**... Mas este homem era um sábio, um escriba. Poria falar-lhe como de igual para igual. Um outro tinha pedido para enterrar o pai antes de seguir com o Senhor, mas esse era já um discípulo.

Ele, Mateus, não era nem escriba, nem um discípulo, antes bem pelo contrário; no extremo oposto destes títulos honrosos é um pecador...

E nesse memorável dia em que a voz do povo comentava a cura do paralítico e a confusão dos escribas, nesse dia que exaltava, pelos seus extraordinários sucessos, a

esperança inconfessada do recebedor de impostos, quando a multidão excitada de espanto e de temor glorificava a Deus por ter dado tal poder aos homens, Jesus olhou para ele, o desprezível, sentado ao balcão de portagem e disse-lhe:

— **Segue-me.**

E Mateus, levantando-se, seguiu o Senhor, sem uma palavra, abandonando tudo...» Jesus não o chamou depois de ele ter abandonado o emprego, perigoso para a alma por causa das exacções de toda a ordem, habituais em quem desempenhava aqueles cargos, mas exactamente no meio do perigo, pecador entre pecadores, como mais tarde Saulo, no caminho de Damasco. Mas, mais feliz do que Saulo, Mateus respirava, havia semanas, na atmosfera de Paz do Mestre.

Não foi ao acaso, nem levianamente, mas consciente do alto privilégio que o Senhor lhe concedeu, que ele, testemunha de tantos prodígios e de tantas virtudes, se levantou, deixou tudo e seguiu o Rabi.

O que se passou no seu coração ao parar Jesus diante dele, o misto de temor e de esperança que lhe iluminou a alma, antes de perceber que Jesus o chamava, Mateus, como João quando nas margens do rio Jordão, não o confessa pùblicamente.

Sem dúvida descançou o olhar no divino rosto e nesses olhos tão penetrantes que vêem dentro de nós, tão puros que podemos mergulhar neles como numa água límpida, mas sem nunca atingirmos o fundo, tão doces e tão ternos que parecem dizer: **«vinde a mim vós todos que vos encontrais sobrecarregados e aflitos e eu vos aliviarei»...**

Lucas que, por delicadeza para com o seu companheiro de apostolado, o designa pelo seu nome familiar de **Levi,** nada mais nos conta do que ele. Mas um e outro falam do banquete de alegria que o feliz eleito ofereceu ao Mestre, como uma primeira e ingénua acção de graças e como um derradeiro adeus à sua vida passada, que não lhe deixou saudades...

Precisamos de nos deter um instante para meditarmos sobre o espírito da lição que o Senhor nos dá, aceitando o convite para este festim.

O Rabinismo, já o dissemos, abandonava essas classes desprezadas e não se misturava com tais homens, nas mais insignificantes relações da vida civil.

Oferecendo um banquete ao Senhor, quem poderia convidar o recebedor de impostos, senão pessoas da sua categoria?

E a eterna Bondade não desdenhou de assentar-se entre convivas tão humildes e pecadores!...

Que consolação para eles e que tremendo escândalo para os outros!...

Se um dia no festim do fariseu, a que viria Madalena, o Senhor pôde enumerar as faltas de atenção do seu hospedeiro, aqui, nesta casa humilde, foi cumulado de toda a espécie de honras e atenções por este coração transbordando de reconhecimento e pelos seus amigos desvanecidos e gratíssimos.

Oito proposições de Allan Kardec

1.º — Todos os fenómenos espíritas têm por princípio a existência da alma, sua sobrevivência ao corpo e suas manifestações:

2.º — Sendo esses fenómenos baseados numa lei da natureza, nada têm de maravilhoso, *nem de* sobrenatural, *no sentido vulgar dessas palavras.*

3.º — Muitos factos não são reputados sobrenaturais, senão porque se lhes desconhece a causa; o Espiritismo, atribuindo-lhes uma causa, fá-los entrar no domínio dos fenómenos naturais.

4.º — Entre os factos chamados sobrenaturais, muitos há que o Espiritismo qualifica de impossíveis e inclui na ordem das crenças supersticiosas.

5.º — Embora o Espiritismo reconheça em muitas crenças populares certo fundo de verdade, não aceita de modo algum a realidade de todas as histórias fantásticas criadas pela imaginação.

6.º — Julgar o Espiritismo pelos factos que ele não admite é dar prova de ignorância e tirar o valor da sua própria opinião.

7.º — A explicação dos factos admitidos pelo Espiritismo, suas causas e suas consequências morais, constituem ciência e filosofia que reclamam estudo sério, perseverante e aprofundado.

8.º — O Espiritismo não admite, como crítico sério, senão quem tiver visto, estudado e aprofundado tudo com paciência e perseverança de observador consciencioso, que possua tanto conhecimento dele, como o espírita mais esclarecido e possa, consequentemente, refutar com argumentos mais peremptórios e dar causa mais lógica aos factos observados. Esse crítico ainda não apareceu.

FILOSOFIA NEO-ESPIRITUALISTA(*)

METAPSÍQUICA

por Ramos Pereira

I — Objecto e métodos

Ciência mais experimental que metafísica, em si, englobamo-la aqui, porque, na nossa opinião, a experimentação é antes o objecto da neo-psicologia experimental. Para nós a Metapsíquica é a psicologia do espírito livre e a análise dos lugares que ele percorre na erraticidade.

Modernamente, uma corrente da filosofia neo-espiritualista, a teosofia de Helena Blavatsky, de Annie Beasant e de Leadbeater, continua neste estudo a corrente do ocultismo antigo.

A corrente espirita recorre principalmente às comunicações psicográficas, tomando-as na devida reserva, limpando-as do que à nossa razão repugna como fantasista.

Qualquer dos métodos tem o seu valor desde que passemos as suas conclusões pelo crivo da razão. Mas à metapsíquica, como ciência metafísica, embora com fundo na experiência, interessa principalmente sintetizar os dados dessa experiência. É o que faremos aqui, socorrendo-nos da vasta bibliografia espírito-teosófica.

Mas antes procuremos precisar os atributos principais do espírito livre na erraticidade.

Para actuar sobre a matéria um espírito necessita dum quantum de energia que lhe é fornecido principalmente pelo médium. É com essa energia que ele provoca a maioria dos fenómenos.

A «Física Trancendental» de Zoellner veio levantar o problema da 4.ª dimensão dentro de novos pontos. Para esta noção não há o obstáculo insuperável do volume, nem a pesada acção da gravidade. Para um ser com esta noção a matéria seria uma fragilidade que se desintegraria ao choque das fortes correntes do seu pensamento, como poderia condensar as energias vibratórias de baixa frequência. Tudo leva a crer que o espírito livre adiantado possui esta noção, o que já se prevê nos duplos dos sonâmbulos (Cf. experiências de Rochas, Du Potet, etc.).

Em resumo do que temos visto, podemos concluir:

1.º — O espírito livre, semelhante ao duplo dum sonâmbulo, é formado de alma e perispírito;

2.º — Entre a alma e o perispírito, meio agora de comunicação, com o exterior, existe também um paralelismo de carácter relativo;

3.º — Na alma, fulcro da energia consciente, existem as faculdades e o prana ou quantum de energia potencial; o perispírito, corpo proto-material, fluídico, tem uma certa sensibilidade vibratória cujo quantum é o plexus;

4.º — Podendo pela sua natureza captar mais fàcilmente as correntes do pensamento, o seu meio de comunicação é a telepatia pura;

5.º — Possuindo a noção da 4.ª dimensão que resulta da compreensão nítida da sua natureza, domina perfeitamente a matéria;

6.º — Envolvendo-o está a «aura».

II — Primeiros planos

É vulgar, na bibliografia da especialidade, lerem-se descrições sôbre os «mundos» espirituais, verdadeiras monografias. Analisando o que está por detrás da fantasia, julgo que o termo «plano» é inadequado, devendo antes usar-se «mundo» ou «região». Em volta de cada mundo, de cada astro em que haja vida organizada, deve existir um «mundo», uma região cujos aspectos variegados marquem as pontes de passagem para outros mundos superiores em progresso e os restos de outros inferiores. Estas sub-regiões colocam-se todas no mesmo espaço e não em camadas sotopostas. Uma delas será o próprio mundo físico, havendo assim entre todas as regiões uma corrente de vai-vem para esta, para o mundo que é o fulcro. Elas diferem pela contextura do meio, mais ou menos, mas interpenetrando-se todas, o que está de acordo com a sublimação progressiva do perispírito em relação ao progresso anímico. Comprovando isto, está o caso de um espírito superior necessitar cobrir-se de várias camadas de matéria dos meios intermediários entre a sua condição e aquela onde deseja baixar, para poder surgir num mundo menos evoluído.

Assim, o espírito não se eleva na verdadeira acepção do termo; antes, como bem diz Leadbeater, se dá «uma transferência do foco da consciência dum

(*) Ver *Estudos Psíquicos* de Julho de 1944 ou Maio de 1946.

plano para outro. «O requintamento da matéria do perispírito, permite-lhe perceber vibrações mais subtis, e perceber significa em essência vibrar harmònicamente. Mas não se lhe desvanece a imagem dos lugares por onde passou e sim a sua sensibilidade mais apurada torna-se incompatível com vibrações inferiores. Se se desvanecesse por completo, o espírito não poderia recordar o magma das suas existências passadas e seria impossível a determinação do «eu» para as provas superiores do karma».

Um ser elevado terá, como dissemos, que identificar-se com o meio ou não poderia ser percebido pela grande maioria dos habitantes desse meio. Contudo, esta identificação não significa uma perda da personalidade nem esquecimento (Cf. Jesus, Budha. Pitágoras, Empédocles de Agrigenta). Nesta identificação o ser usa o meio de exprimir o seu pensamento e para tal, digamos um espelho adequado a ambos os polos, um corpo, um perispírito mais ou menos denso, conforme o ambiente em que vai manifestar-se. Não está isto em acordo com a teoria dos fenómenos espiritas?

Que seria um espírito superior, ao olhar, sem aquele meio, um mundo como o nosso? Para ele existiria a forma, o volume, liberto do espaço restrito das 3 dimensões. A matéria apresentar-se-lhe-ia como simples fulcro de energia, como um foco de radiações mais ou menos intenso. É a visão astral dos ocultistas e teósofos, em que em vez do objecto se vê a aura. Assim, quando um sensitivo distingue a aura poderemos dizer que está a ver na quarta dimensão.

Nas sub-regiões menos elevadas, os seres estão ainda influenciados pelas coisas terrenas e ou sofrem por não poderem satisfazer as paixões que de lá trouxeram ou fantasiam inconscientemente um ambiente que para eles tem realidade objectiva.

Tudo quanto existe tem, pois, uma aura, porque tudo contém energia. Estas auras devem interpenetrar-se, influenciar-se, atrair-se, formando uma grande corrente de vibração que o éter recebe e retem. Isto é, devem existir auras cósmicas por síntese, digamos, das auras individuais. Nelas estão gravadas as imagens da vida dos mundos, as grandes revoluções do pensamento; nelas uma vista poderosa poderá ler o grau de adiantamento do planeta. Onde se situará esta aura? Certamente que em torno do astro mas acima das mais elevadas regiões que estamos estudando. É a estas auras que os teósofos dão o nome de registos da luz astral, «materialização da memória divina».

Surge agora a pergunta. — que seres habitam estas misteriosas regiões? Não são apenas espíritos que podem manifestar-se nestes planos. Um indivíduo psìquicamente evoluído pode fazê-lo desde que saiba libertar-se suficientemente, por concentração, da vida terrena. Na concentração profunda, há um verdadeiro sono magnético que liberta momentâneamente o espírito; isto é, o foco da consciência sai do plano físico para se reflectir em qualquer das chamadas regiões astrais, aquela que está em paralelo com o seu progresso espiritual. O sensitivo clarividente ou clariaudiente, mercê da sua contextura psíquica, alcança ràpidamente este estado em que o corpo vê pelos olhos da alma o que se passa nas regiões do Além.

E a criatura vulgar, aquela que se não sabe servir das suas energias psíquicas? Pode-o também durante o sono que, quando profundo apresenta semelhanças com a exteriorização da sensibilidade do sonâmbulo. No indivíduo pouco evoluído a sua visão é um pouco confusa e caricatural. Mais adiantado, entes-guias podem aproveitar-se do seu sono para se lhe manifestarem sob a forma de imagens, verdadeiras parábolas e que eles formam pela vibração do pensamento na plasticidade do éter; pode comunicar-se e viver momentâneamente com outros seres nas regiões astrais. O estudo e o treino podem desenvolver as faculdades astrais até chegar a, voluntàriamente, atingir o ponto crítico da libertação, obrigando ao adormecimento os sentidos do corpo material; não há perda de consciência, mas o despertar para vibrações mais puras. À medida que os objectos materiais se esfumam outras imagens vão surgindo cada vez mais nítidas.

Temporàriamente, e como é natural, encontram-se neste plano alguns espíritos superiores como guias ou à espera da sua subida a mundos mais perfeitos que a Terra.

O maior número é, porém, lògicamente, formado pelos espíritos vulgares no estado de erraticidade que ou se detêm apenas umas horas ou ali permanecem durante séculos. Enquanto erra, enquanto vive nestas regiões, o espírito, mercê da prece e do arrependimento, vai ganhando forças para novas provas, retemperando a vontade, escolhendo livremente o caminho da reencarnação. São estes geralmente os espíritos que se comunicam nas sessões mediúnicas.

Uma lei rege esta erraticidade, lei que é, por assim dizer, um capítulo da lei do Karma: — «o período de duração varia na razão inversa do progresso psíquico do qual é função directa a rapidez e precisão da visão consciente.» Assim, um devasso ou um ébrio acordam no astral como dum sono e só a muito custo se convencem, quando não podem satisfazer cabalmente os seus apetites, que já não estão no mundo físico. Sofrem então atrozmente e acumulam-se nos antros outrora predilectos, procurando por esta aproximação reflectir em si um pouco do que os outros fruem.

«A ideia poética de que a morte nivela todos os seres não passa dum absurdo, filho da ignorância»; a morte não nivela, antes coloca cada um no seu justo lugar, naquele que lhe compete.

FALA POUCO E BEM...

pelo Capitão Alfredo dos Santos

SURGEM, de quando em quando, certos sábios que, sem nunca terem estudado ou sequer observado, pregam às massas teorias balofas, acreditando que, com isso, são capazes de fazer retrogradar ou parar os factos que, recebendo seu impulso de esferas mais altas e tendo por fim levar os retrógrados à marcha para a frente, não se detêm com artigos de jornais, nem mesmo com decretos ou leis, semelhantes aos promulgadas pelos homens.

Talvez que, para bem da crença, tenham por missão o papel que desempenham, e que, parecendo antipático, é muito proveitoso.

São as ervas daninhas e os insectos destruidores que «provocam o estudo das medidas de combate adquadas, para salvar as searas, levando as pessoas autorizadas em assuntos agrícolas a publicar e propagar os meios de combate e a ensinar os agricultores a defenderem-se e a proteger as suas culturas.

Sucede o mesmo com os palradores e detractores das crenças.

Quando eles aparecem, é como se surgisse um aguilhão para despertar os adeptos da crença que atacam, afim de mostrarem a verdade que por vezes se esquecem de propagar. E então, quando despertos pelas parlengas sem nexo dos palradores enfatuados, munem-se dos argumentos indestrutíveis que têm ao seu alcance, expõem-nos com clareza à luz do dia, e se pudéssemos ouvir a voz baixinha dos palradores, depois de lerem a resposta às suas frases balofas, talvez os ouvissemos murmurar um acto de contrição.

Calam-se, e essa mudez provoca a confusão nas suas hostes. O ídolo cai e quase sempre os seus apaniguados ingressam nas fileiras contrárias, engrossando-as. Há muitos exemplos desses.

Se os atacados souberem aproveitar a ocasião e tirar proveito da tagarelice de semelhantes palradores, se souberem trabalhar e rebater, ponto por ponto, aqueles argumentos, muito lucrarão. E, sendo assim, dá vontade de implorar para que eles apareçam, para podermos ter oportunidade de conduzi-los ao bom e verdadeiro caminho, pois com a resposta saberão os livros que deviam ter lido antes de emitirem opinião sobre o que não conhecem.

Para não deixar de ter a minha cota parte no combate e na catequese dos que tanto pregam sem nada saberem e conduzi-los ao caminho verdadeiro, despertando-lhes o desejo de pensar e meditar, para poderem concluir, apresento à sua sabedoria o seguinte problema:

No dia 18 de Janeiro do corrente ano, surgiu-me um acidente que me levou a consultar o médico, o qual me disse que teria de baixar no dia 21 ao hospital para ser operado no dia 22, o que sucedeu.

No dia 21 de Fevereiro, ainda convalescente da doença de que fui operado, sobreveio um forte ataque de gripe que me fez piorar e recolher ao leito durante alguns dias.

Estes são os principais dados do problema e a incógnita é a seguinte:

Como puderam uns amigos meus saber em Angra do Heroismo, pela boca de um médium, no próprio dia 18 de Janeiro, que eu estava doente?

Como pôde o mesmo médium, no dia 22 de Fevereiro, ver alguém do Além junto de mim e dizer que o meu ambiente estava perturbado, com o que não se enganou, pois que estava de cama e bem doente?

Mas há ainda outro:

Numa das sessões realizadas no grupo que dirijo, no dia primeiro de Março, um médium anunciou-me, em transe, que eu ia receber uma carta vinda das Ilhas e falou também na vinda de alguém que se relacionava com assuntos comerciais.

Devo dizer que este médium não conhecia, até então, as minhas relações com os amigos das ilhas, ou pelo menos, não sabia que eu me correspondia com eles, o que, portanto, dá relêvo ao facto.

Pois no dia 4 chega-me às mãos a carta que contém os factos a que atrás me refiro e na mesma carta me anunciavam: que não tinham enviado uma outra, que vinha dentro, datada de 14 de Fevereiro, por ter partido da Ilha Terceira um amigo meu, comerciante, pelo qual esperavam receber confirmação do que lhe tinha sido anunciado sobre o meu estado de saude.

E que resolveram escrever por, depois disso, terem recebido, no dia 22 de Fevereiro, uma carta minha comunicando que tinha sido operado, o que confirmava a comunicação feita pelo médium.

Também me informavam que o amigo comerciante não tinha chegado a completar a viagem, tendo ficado na ilha de S. Miguel.

Aos que tanto pregam contra a doutrina espirita, e aos que dizem que tudo provém da fantasia dos médiuns, muito especialmente aos que falam contra o médium que anunciou a vinda da carta eu pregunto: Será tudo mentira?

Em que bases assentam os seus planos de ataque? Não será mau seguir este preceito: «*Fala pouco e bem, ter-te-ão por alguém*».

MÁ BALDA

por F. Noronha

NO dia 13 de Janeiro de 1946, tive a honra de ser visitado por três amigos que deveras aprecio: José Estevão, funcionário público aposentado, natural de Alcochete e residente em Lisboa, e José Leão de Sousa em companhia de seu irmão Dante, ambos de pais portugueses de Zanzibar, este ao serviço da representação oficial inglesa entre nós e aquele licenciado em Direito pela Faculdade Jurídica da capital e exercendo funções no respectivo Tribunal da Relação.

Estevão tem elaborada e pronta a entrar no prelo uma preciosa monografia exaustiva da sua interessante e bem afamada terra natal.

E como, até o último momento, não perde ensejo que se lhe afigure útil para derradeira demão na monografia, quis percorrer a minha biblioteca no sentido de verificar se nela existia qualquer manuscrito ou brochura, contendo referência ou noticioso documento de consulta, de molde a valer-lhe ainda na finalidade em que anda empenhado. Foi nesse percurso, através dos meus livros, dispostos em secções, não por autores, mas por assuntos e matérias que, perante a de Espiritismo, fez a declaração de havê-lo estudado durante quinze anos, munindo-se de algumas das melhores publicações relativas, assistindo a numerosos actos experimentais e pesquisas de provas, sem chegar a resultado sério convincente, abandonando por isso tal empresa.

Comunicando-lhe as razões que me haviam abeirado do Espiritismo, sem nenhum intermédio, e perguntando-lhe qual a classificação em que o tinha, denominou-o obra do diabo, aduzindo vários factos que presenciara como argumento básico, entre os quais o de ter visto uma mesa caminhar, por si, num espaço de metros e a acção duma rapariga menor, que colocando as mãos sobre o tampo duma mesa esta se lhe deslocou, como furiosa, e erguendo-se foi bater no teto, caindo no chão inteirameste desfeita, etc.

Devo esclarecer que o sr. Estevão, aliás um homem de vasta e sólida erudição, realizando com ponderado escrúpulo e criteriosa probidade o seu estudo monográfico aludido, se me revela, em esfera religiosa, não isento de fanatismo.

É meu hábito não discutir com pessoas em quem noto eiva e tendência fanática, muito principalmente quando, como no caso sujeito, reconheço nelas dotes de carácter e de aplicação mental dignos de conceito e de deferência respeitosa; mas inquiri o licenceado Leão de Sousa, cuja visita obedecera simplesmente a sentimento de amizade, antigo espirita renunciante, acerca da singular classificação acabada de emitir por Estevão e o lúcido inquirido respondeu, categórica e absolutamente, nada transparecer no Espiritismo susceptível de fazer sugerir a ideia de intervenção demoníaca.

Foi presente a tudo isto e ouvinte o meu dilecto afilhado Raul Custódio Gomes, guarda-livros da Caixa Sindical de Previdência do Comércio de Exportação e Consumo de Vinhos do Sul de Portugal.

Não carecem os sócios do Centro Luz e Amor que lhes faça nas colunas do mensário de «Estudos Psíquicos e Neo-Espiritualismo Experimental» a demonstração de que, ainda mesmo supondo, por hipótese, a realidade da figura satânica, ainda assim o Espiritismo ficaria imparticipante irredutível do ente diabólico, se este existisse.

No entanto, o magnífico mensário conta leitores estranhos ao Centro e à ciência que o inspira e o honra, e é conveniente, tanto quanto lógico, não descurar a verdade e a evidência dos seus argumentos, sempre que seja oportuno e cabido ou asado.

Deus, Jesus, caridade, fraternidade, amor e oração avultam, de essência e prática na atmosfera espirita.

Sabe-o toda a gente culta e de boa fé.

Antes de me abeirar do Espiritismo, precedendo anos, não o ignorava eu.

Posteriormente, hei visto e testemunhado por mim próprio com o aplauso da minha consciência, factos de sinceridade e altruismo incontestáveis, hospitalares e de assistência que revelam eloquentemente a sanidade

atmosférica moral e a orientação solidária unitiva que definem e constituem, presidindo-lhes, todos os organismos espiritas.

E onde esta ideologia não predomina, onde esta filosofia não assenta, aí, não é o espírito e verdade que vivem, a aspiração de paz e justiça que impulsionam Jesus, o Calvário e a Misericórdia que regulam, mas o materialismo, o embuste, a fraude, a falsidade, o egoismo, a treva interior caiando-se por fora e iludindo incautos, à maneira daqueles sepulcros brancos externamente e imundos por dentro!

Isto não é Espiritismo; é caverna pestilenta antro de lobos, chaga social deletéria!

Qual o voto do Espiritismo, qual a expressão do seu anelo, o sentido não oculto do seu esforço, abnegado, o seu sonho de repouso e qual o empenho experimental da sua ciência, quais o seu ponto de mira e o porquê?

Será a letra, que mata, ou o em espírito e verdade, que vivifica?

Dirige-se o espirita à luz pura, no ascenso para a perfectibilidade redentora e adora o Deus criador dos mundos na infinitude universal, pretende em seu doutrinamento de elevação estética da alma depurá-la mais e mais, tornando-a digna de libertar-se de todas as provações e de comparecer, ditosa e impoluta, perante a majestade emocionante do supremo e infalível Julgador, venera o Messias, Enviado, Jesus, ilustração da Terra, vítima da maldade humana e de todos os espíritos atrasados, vencedores da versatilidade de Pilatos, condenando ao holocausto da Cruz quem só proclamava e dava cumprimento à Lei dos Profetas, acrescentando-lhes um mandato: *Amai-vos, ide, ensinai a todas as gentes!*

Repele o Espiritismo, quer parcelar, quer totalitàriamente, alguma sílaba sequer de tão nítidos brados, constantes dos Evangelhos?

Conforma-se em tudo e por tudo o verdadeiro espirita com a sublimidade evangélica e a preceituada filosofia do verbo de Jesus, que além de perdoar aos carrascos, invocando o eterno Pai, mandava orar pelos mesmíssimos inimigos!

E a oração é timbre do Espiritismo, guarida e tesouro dos seus genuínos adeptos, sol que os acalenta, transcendente garantia que lhes não falha.

Má fé criminosa, abominável, produto de fanatismo é capitular de obra do demónio, criatura de fantasia, a edificação de humanidade e de ética beleza levantada, até hoje, em todos os ângulos do planeta que habitamos, pela convicção segura e criteriosa observação, pormenorizadamente analítica, dos autênticos espiritas, inabaláveis crentes no Além de imortalidade, que patenteia, sem equívoco possível, uma fenomenologia constante e inesgotável.

Não está o Espiritismo arredado, por nenhum aspecto, dos caminhos e alvores da Graça, que se lhe não nega e antes o glorifica por provas não raras, de categoria insuspeita.

Devo, pessoalmente, ao Espiritismo, tanto como ciência, quanto como doutrina, a quebra e diminuição progressiva de ímpetos irosos, que eram frequentes em mim e de que me vou emancipando com pleno conhecimento e íntimo regosijo anímico.

Diabolismo, insídia, influência demoníaca, se reais e positivas, compadecer-se-iam com semelhantes resultados?!...

Haveria sombra de possibilidade o efeito são duma causa perniciosa, de raiz maligna?!...

Lastimo os depoimentos de má fé e os estigmas do fanatismo, mas não me animam ódios a quem quer que seja.

Deixo aos rebeldes, à verdade e à luz, bem como aos doentes de entendimento e de vontade, a sua jazida nocturna, o seu triste entenebrecimento.

Chegar-lhe-á, não duvido, a sua hora término de provação e não se recusará a Divindade soberana a abençoá-los, regenerados pelo amor.

Domingo, 13 de Janeiro de 1946.

CÂNTICOS

ENTRE DOIS ANJOS

Vamos, repara nestes mares da vida,
aspira-lhes o perfume,
mergulha, esquece e goza.
Viver na carne — é o prazer antes da Morte!
Para quê viver, morrendo?
— «Sê meu!» — diz-me o Anjo negro.

Não olhes, não chafurdes nesses mares de lama,
não lhes sorvas os miasmas,
não te percas, não esqueças, não delires.
Viver na carne — é a Redenção da Morte!
Para quê morrer vivendo?
— «Sê meu!» — diz-me o Anjo branco.

Ramos Pereira

LIBERTAÇÃO

(Ao prezado confrade Bana Martins)

por Armando Faria

— Um bilhete de seis, faz favor.

O corrector, plàcidamente, picotou um papelzinho alaranjado.

— Faz o obséquio.

E entregou o bilhete dobrado a um homem de *gabardine*.

«Será a Lucinda? Mas o quê?... Não pode ser. Ela não podia andar assim tão bem vestida. Era pobre. Só se casesse rica...»

Alberto mergulhava em várias reflexões e não se decidia a falar àquela mulher que lhe parecia ser a Lucinda, serviçal, em tempos, da casa do seu amigo dr. João Neves. Mas, depois de muito hesitar, andou uns passos e tocou no ombro daquela que lhe parecia ser a ex-serviçal.

— Oh! o sr. António Alberto!...

— Você por aqui?

— É verdade.

— Mas... admira-me estar assim tão senhora... Casou?

— Não (Neste momento, ruborizou-se fortemente). De facto — continuou ela — tem razão para estar admirado...

Lucinda disse isto a titubear. E, com uma expressão triste, explicou a Alberto a sua vida:

Depois de saír da casa do dr. João, fora para o Pôrto. Aqui, esteve dois meses numa casa duns patrões que lhe ralhavam muito. Chamavam-lhe constantemente estúpida e parôla. Desgostosa e cheia de saudades dos pais e da sua terra natal, resolvera saír para nesse mesmo dia seguir viagem. Mas uma conhecida, vendo-a apressada na rua, perguntou-lhe: — «Lucinda, para que é toda essa pressa?».

— Sabe o sr. Alberto que eu contei-lhe o que se passou. Que me zanguei com a patroa e que ia embarcar para a terra. E então ela atalhou:

— Não seja tola. Deixe estar que eu lhe arranjo uma casa onde você vai ficar contente. Vai ver que nada lhe faltará.

Neste espaço de tempo, os olhos de Lucinda humedeceram-se. Uma viva angústia invadiu-lhe o olhar. Acrescentou então com voz cava:

— Maldita a hora em que eu fui para essa casa! Antes tivesse quebrado uma perna!...

— Não diga isso, atalhou Alberto.

— Juro-lhe, senhor.

E tornou a repetir baixinho «juro-lhe», como quem recorda uma profunda dor.

— Juro-lhe — continuou ela — antes queria quebrar uma perna do que ter ido para essa maldita casa. Foi a minha desgraça.

— Mas porquê?

Enquanto algumas lágrimas lhe deslisavam pelas faces, Lucinda foi dizendo que aquela casa era de má nota e que aquela mulher, sua conhecida, levou-a à perdição.

— Não conte mais. Já sei... — E Alberto repetiu lentamente um profundo «já sei». Mas, de reprente, como quem descobre um tesouro, os seus olhos brilharam e virando-se frente a frente, para Lucinda, desfechou:

— Você, se quiser, ainda está a tempo de quebrar essas cadeias do vício... Liberte-se dessa escravidão, quanto antes!

— Como? — disse ela, com um ar desanimado.

— Eu a ajudarei. Assim você queira.

—Ora!... Isto já é sina, é o meu destino. Nasci, com certeza, para esta vida.

— Não seja tola. Segue já hoje para a sua terra e vai esquecer o passado.

— Oh senhor!...

E, neste momento, um ténue sorriso iluminou-lhe as faces.

— Aqui não há hesitações... É só a Lucinda querer!

— Então — disse ela pensativa — já que o Anjo da Guarda o trouxe aqui, junto de mim, deixe-me ir confessar, antes de ir para a terra...

— Está muito bem... Se gosta disso...

— Pronto. Vamos os dois — disse Alberto, com uma viva alegria.

.....

E lá foram satisfeitos, radiantes... Ele para salvar uma alma. Ela, por encontrar aquele que lhe deu ânimo para abandonar o caminho da lama, reavendo assim a liberdade e a bênção do SENHOR!

Pôrto, 19 de Março de 1946.

«RESUMO DA DOUTRINA ESPIRITA»

Do noso confrade e dilecto amigo Ismael Gomes Braga, professor de línguas e director da *Secção de Esperanto* da Federação Espirita Brasileira, recebemos a seguinte carta, que resolvemos publicar, não só por constituir abalisada apreciação do «Resumo da Doutrina Espirita», editado há pouco por *Estudos Psíquicos Editora,* como também por se referir a um *galicismo* que encontrou na nossa tradução.

Segue a carta:

Rio de Janeiro, 22 de Dezembro de 1945.

Prezadíssimo confrade Isidoro Duarte Santos

Deu prazer inmenso o recebimento do primeiro livro editado pela *Estudos Psíquicos Editora,* a mim e aos meus. É mais uma fonte de divulgação das grandes ideias que surge na «Ultima flor do Lácio, inculta e bela».

A estreia não podia ser mais feliz, pois que de nossa literatura clássica ainda não publicada em português, nada comparável existe à obra de Geley.

Parabens e votos de felicidade.

O nome do tradutor é bem conhecido e muito querido. A tradução está excelente e a revisão quase impecável. Numa leitura rápida, só encontrei um engano de tradução e outro de revisão. O primeiro se acha na pág. 25, linha 14, onde aparece um galicismo: «Quantos sistemas filosóficos que apaixonaram muitíssimas gerações (não) eram, em todos os sentidos, inferiores ao Espiritismo!» Parece-me que o «não» aí é demais e escurece o pensamento.

Na página 48, linhas 12 e 13, fica repetido um «por».

Se outros há, não os vi.

Seu prefácio está excelente e o Vocabulário transforma o livrinho em obra de consulta a todos necessária. Trabalhemos e esperemos que o livro seja um grande êxito e anime a prosseguirem com muitos outros.

Como novidades, junto dois opúsculos que publicámos há pouco e já se acham expalhados por toda a superfície do globo em mãos dos esperantistas. O texto já você o conhece em francês e português.

Receba um abraço afectuoso do irmão amigo e admirador

Ismael Gomes Braga

A apreciação do douto confrade incita-nos a trabalhar em possíveis traduções. Quanto ao advérbio «não» colocado entre parêntesis na frase acima citada, de forma alguma poderá ser apodado de galicismo.

A sua função, ali, é realçar o sentido e nada mais. Semelhante expressão foi usada pelos mestres da língua, como Rodrigues Lobo, Vieira e Bernardes; e pelos modernos, como Herculano, Garrett e Castilho. De resto, eles apenas copiaram a linguagem do povo. O próprio Camões usou aquela partícula e inda hoje se ouve dizer aos puristas do vernáculo: «Quanto melhor *não* era ser modesto e trabalhador!» «*Não* teria sido outro o meu futuro, se alguém me houvesse aconselhado a tempo? «*Não* será assim?»

Creia o prezado amigo que usámos aquela partícula com pleno conhecimento de causa. Dela nos temos socorrido muitas vezes, como ornato de linguagem, sabido que tal advérbio se usa também para exprimir afirmação.

Bocage, o maior sonetista de língua portuguesa e grande cultor do vernáculo, escreveu numa das suas imortais composições:

De que inúmeros sóis a mente ufana
a existência falaz me não dourava!

A cada passo ouvimos dizer:

— Posso entrar?

— **Pois *não!***

Este «pois não» é «pois sim» autêntico.

O Padre Manuel Bernardes, verdadeiro clássico da língua, tem esta frase no 2.º volume de «Nova Floresta», pág. 3: «Quanto destas virtudes não faltam lá no povoado!».

Enfim, a apreciação de Ismael Braga é altamente honrosa para nós, modesto escrevinhador. Se apenas notou este senão, é caso para nos felicitarmos, visto que se trata dum amante das belas letras cuja opinião sobremaneira nos interessa.

Portanto, onde escrevemos: «Quantos sistemas filosóficos, não eram, etc., inferiores ao Espíritismo», deve entender-se: «Quantos sistemas filosóficos eram inferiores ao Espiritismo!»

Eis como a revista *Constancia,* de Buenos Aires, se refere também ao «Resumo da Doutrina Espirita:

«Aqui está um livro magnífico! A Editorial *Estudos Psíquicos,* de Lisboa, não podia iniciar sob melhores auspícios um labor destinado à mais funda repercussão ideológica, como é o propósito de ir revelando a marcha da doutrina elevada à categoria de escola espirita.

«Claro que este esforço sem par requeria a significativa bandeira da obra geleiana, porque o livro

de que nos ocupamos é mais alguma coisa do que a obra básica de Gustavo Geley — a «Interpretação Sintética do Espiritismo» — que já conhecemos. Sob o título de «Resumo da Doutrina Espirita», lançou-se conjuntamente — com critério didáctico ponderável e acertado — a série fundamental de considerações que Geley faz a respeito da mediunidade, as quais, em edições castelhanas correm como introito à obra «Ectoplasmia e Clarividência», e a resposta que Geley dera no *Inquérito Calderone* acerca da Reencarnação.

«O livro termina com um «Vocabulário Metapsíquico» do Dr. Lobo Vilela e abre com uma introdução de Isidoro Duarte Santos (a cuja responsabilidade está a versão das obras) e uma conceituosa série de adequadas razões que mantêm a personalidade de Geley através de minucioso espigamento.

«Este trabalho da direcção da revista *Estudos Psíquicos,* — símbolo de cultura lusitana ao serviço da verdade — augura acertada directriz aos anseios da editora que assim começa a sua marcha. Eis as razões valiosas em que nos firmamos: a bela tradução da «Interpretação Sintética», uma monografia acerca do estudo prático das mediunidades, outra monografia sobre a Reencarnação (tudo isto de Gustave Geley) e um vocabulário de termos metapsíquicos usuais do Doutor Lobo Vilela, é muito e mui nobre material que se oferece à divulgação da doutrina, que, em verdade, desta maneira se põe ao alcance das puras aspirações, susceptíveis de captar a inquietação da hora actual.

«As grandes verdades exprimem-se singelamente. Tal era o lema principal de Gustave Geley. Símbolo e norte duma interpretação da nova temática espirita em suas formas de expressão para demonstrar a velha verdade da imortalidade humana, Geley encontra-se magnificamente concebido e realizado nesta entrega do «Resumo da Doutrina Espirita», que temos entre mãos.

«Obra de fervor, bem apresentada como livro expoente duma literatura que ainda procura bases definitivas, este livro de quase duzentas e cinquenta páginas, assim o cremos e assim o desejamos, marca o passo inicial duma nova corrente estudiosa no movimento espirita português. E com ele se hão de ver coroados os esforços da Editorial *Estudos Psíquicos* e da sua esforçada direcção. E o Espiritimo ficará agradecido pelo que contém de presença, esforço e luta nestes momentos cruciais em que faltam homens, ideias, esforço e coração, postos totalmente ao serviço duma causa que, mais cedo ou mais tarde, será a causa de todos os homens livres e responsáveis da terra, sem facciosismo e apoiados na causa da humanidade, como cultura, como serviço e como espada.

L. P.

Dr. Gustave Geley

Mais um ano decorre sobre a desencarnação do Doutor Gustave Gely, antigo director do Instituto Metapsíquico Internacional e da **Revue Metapsychique,** laureado autor do «Resumo da Doutrina Espirita» que há pouco editámos.

Em 15 de Julho de 1924, precisamente quando se dirigia a Paris com materiais para novo livro, o grande investigador terminou os seus dias em desastre de avião lamentado por todos quantos se dedicam ao estudo das ciências psíquicas.

DR. GUSTAVE GELEY

Embora oficialmente se mantivesse **não-espirita,** as suas convicções estavam sèriamente abaladas. Era, mesmo, um dos poucos metapsiquistas que olhavam o Espiritismo com franca simpatia, dele escrevendo como se adepto fosse e dos mais sinceros e fervorosos. Por isso o seu nome pertence às nossas efemérides, isto é, às efemérides do movimento espirita mundial.

Quanto a nós, temos motivos para venerar a sua memória. De resto, bastava o facto de termos inaugurado as nossas edições com obra sua, para que marcássemos posição a respeito do homem criterioso que pôs de lado os preconceitos e afirmou bem alto o que lhe ditou a consciência.

A obra de Geley completa a obra de Kardec. Por isso lembramos esta data, evocando o seu nome glorioso e respeitado.

CONTE O SEU CASO...

COMO SE TORNOU ESPIRITA?

Continua a depor o Dr. Viriato Correia

II

O Deus do Espiritismo é o mesmo Deus das outras doutrinas, está claro. Mas é o Deus na sua plenitude, visto através de sua onipotência, de sua pureza, de sua bondade, de sua piedade e de sua misericórdia; o Deus que perdôa e consola, que não tem decisões implacáveis, que não tem infernos para penas eternas; o Deus que castiga, mas não se vinga e que, quando castiga, é aos indivíduos e não às gerações; o Deus que proporciona o adiantamento do mais indigno dos culpados; o Deus que criou encarnações sucessivas para a purificação dos Espíritos; o Deus que dá a todos o mesmo grau de luz, desde que atinjam todos o mesmo grau de pureza.

Esse Deus soube-me e sabe-me melhor à alma, esse Deus entrou-me de um só fluxo no Espírito. Esse Deus eu compreendi, esse Deus eu compreendo.

Orgulho ou pedantaria

Hoje, considerando as coisas, meditando sobre o tempo que passou, é que vejo o que havia de ridículo e de caricato no materialismo que me encheu tão longo período de vida.

Eu não era materialista, não era coisa nenhuma. O que havia em mim era muito de pedantaria e de empáfia.

Meteu-se-me na cabeça que um homem superior não podia, nem devia acreditar em poder divino, e disso partiu toda a razão de ser da minha atitude. Convenci-me de que era criatura ilustre, julguei-me na obrigação de destruir a Divindade. Iludia aos outros e a mim próprio. Talvez aos outros não conseguisse iludir. A mim, a vaidade conservou-me por muitos anos em crise delirante.

A verdade é que de materialismo não entendia nada, não tinha sequer o preparo básico, a cultura necessária para firmar convicção.

Conta-se por aí uma anedota que se pode perfeitamente aplicar ao meu caso.

Estava um velho vigário na igreja, quando, certa vez, se chegou um rapaz de ar atribulado, que queria a toda a pressa confessar-se. Tinha um pecado horrível para ser absolvido. O padre levou-o pressurosamente ao confessionário.

— Fala, filho, fala. Dize o teu pecado, que a misericórdia divina te absolverá.

O rapaz ficou silencioso, como sob o peso formidável da sua culpa.

— Mataste? — perguntou o sacerdote.

— Não.

— Roubaste?

— Também não.

— Profanaste o lar alheio?

— Nunca.

— Mas que pecado é o teu? — interrogou o velho vigário intrigado.

O moço deu um suspiro, um profundo suspiro:

— Padre, o meu pecado é um só, um único, mas um pecado enorme, horrível, colossal.

O rapaz baixou a cabeça, deu outro suspiro e desembuchou:

— Padre, o meu pecado é este: sou orgulhoso, orgulhoso como não há ninguém, orgulhoso como ninguém foi ainda na vida. Vejo tudo e tudo abaixo de mim. Os homens, quaisquer que eles sejam, por mais ilustres e por mais cultos, por mais autoridade que tenham, para mim não valem nada; julgo todos e todos inferiores à minha pessoa. E isso me dói, padre, isso me faz sofrer. É um pecado que me pesa como um fardo. Não é verdade que é um grande pecado?

O vigário sorveu uma pitada, batendo pausadamente na cabeça:

— É, é! O orgulho é um pecado muito feio. Mas vem cá, meu filho. Que razão tens tu para todo esse orgulho? És rico?

— Fui sempre pobre, muito pobre, — respondeu o moço.

— Mas naturalmente és de alta estirpe, os teus pais são nobres...

— O meu pai é o açougeiro ali da esquina.

— É que talvez as mulheres te suspirem; elas certamente te disputam, como se disputa um tesouro.

— Nunca mulher nenhuma ergueu os olhos para mim.

— Então a razão é outra: é que tens imensa cultura, um grande nome conquistado nas letras ou na ciência.

— Desde que saí da escola primária, nunca mais abri um livro.

O padre ergueu-se.

— Vai, meu filho, vai para casa sossegar. Não tens nenhum pecado. Não és orgulhoso, nunca foste orgulhoso. O que tu és é bôbo.

A anedota é feita sob medida para o meu caso. Eu não era materialista, nem sabia o que era materialismo. Era apenas um idiota, enfeitado de penas de pavão, que vivia a pavonear originalidade à custa das penas alheias. Narrarei sómente dois casos para mostrar o cunho insincero das minhas convicções de incredulidade.

Materialismo idiota

Era no período mais rude, no mais culminante período da minha crise materialista. Eu repousava uns meses no povoado matuto em que nasci. Uma noite, a dois quilómetros da minha casa, morreu um velho roceiro que o povoado inteiro estimava. Na roça, a morte de um vizinho é sempre um acontecimento. É dos hábitos ir todo o mundo para a casa do finado, fazer o que lá se chama o «quarto de defunto».

Fui, como toda a gente, e lá fiquei até duas da madrugada. Às duas da madrugada despedi-me para sair. Queria voltar para casa, para ferrar no sono. Quando me despedia, no terreiro, de uns matutos que ali palravam, um deles me perguntou com interêsse:

— Aonde vai?

— Para casa, dormir.

— Sozinho, por esse caminho?

— Porque não? Não sou homem?!

A Maria, uma mulata que me conhecera em menino, disse com a sua voz arrastada, num tom de pouco caso:

— Está aí uma coisa que eu duvido. Vossemecê deixar o defunto estirado no meio da casa e ir embora por esse caminho, sòzinho, com um luar branco como esse, hoje, sexta-feira, dia em que as almas andam soltas! Está aí uma coisa que eu duvido e faço pouco. Vossemecê volta!

Senti, de súbito, um choque. Arrepiou-se-me a pele, arrepiaram-se-me os cabelos. Respondi de cara amarrada:

— Serei alguma criança?!

Um sertanejo disse, em galhofa, no meio do terreiro:

— Isso de alma do outro mundo, siá Maria, é para nós, matutos, que não lemos nos livros. Seu doutor não acredita. Elas não bolem com ele.

— Ele volta, repetiu a Maria, calmamente, a fumar o seu cachimbo.

Parti. Não dei duzentos passos. O luar estava de uma alvura de espuma de sabão. Não há nada mais misterioso que o luar, por noite velha, na roça, caiando aqueles caminhos solitários.

Não sei que impressão foi aquela que se apoderou de mim, esfriando-me os ossos, tolhendo-me os pés. Não dei duzentos passos, não dei. Um medo...

É crença no sertão que quem começa um «quarto de defunto» deve terminá-lo; não se deve nunca deixar o cadáver no meio da casa e ir para outro lugar. A alma do finado nos perseguirá pelo caminho.

Mas eu era materialista, senhores; não acreditava, nem podia acreditar em almas do outro mundo.

O que é certo é que não pude dar duzentos passos. A brancura da lua, a solidão da estrada, os galhos e as folhas das árvores espelhando o brilho do luar, o pio das aves nocturnas, o vento que ciciava, tudo, tudo me infiltrou uma tal mudança, um tal temor, um frio, uma compressão no peito, uma tonteira na cabeça, que voltei, voltei, senhores, voltei à pressa para casa do defunto, onde havia gente, muita gente, e gente viva.

Fui recebido pelos roceiros com uma gargalhada de troça.

A Maria, com o seu cachimbo na boca, deliciou-se com o meu fiasco, soltando uma baforada de fumo:

— Eu sabia que êle voltava. Essa gente que estuda é toda assim: da boca para fora — uma valentia; mas na hora, na hora da coragem — cadê?

Passei a noite inteira envergonhado da minha covardia. Como fôra aquilo? Ninguém estava mais escandalizado do que eu próprio. E as minhas convicções materialistas e a sinceridade do meu materialismo?

Procurei explicar o facto como resultado da educação que recebera em criança. Eram remanescentes de superstições matutas que me tinham ficado na lembrança e que, agora,

por uma crise de nervos, despertaram do seu estado latente.

Pensam, senhores, que o fiasco serviu para que eu me corrigisse?

Ao contrário; desembestei. Foi a quadra mais furiosa de incredulidade que até hoje tive. Li, devorei os mais festejados paladinos da Matéria e repeli com fúria os propagandistas da *Espiritualidade*.

Salvo por «milagre»...

O segundo facto não é menos edificante, para aquilatar-se da palhaçada do meu Materialismo.

Uma vez... Isto foi no porto de Maceió, há muitos anos. Eu seguia para o Maranhão, como deputado ao Congresso Estadual. Era meu companheiro de viagem até o Ceará esse maravilhoso e resplandescente poeta que é o Bastos Tigre.

Em Maceió, o Bastos Tigre era esperado pelo cunhado, o Júlio Auto, também lindo poeta, com um esplêndido jantar de festa. Convidaram-me para ir a terra. Recusei. Qualquer coisa me dizia aqui dentro que eu não devia descer. Mas tanta foi a insistência, que senti grosseira a recusa. Fui. A saída do vapor estava marcada para as seis da tarde. mas o vapor era o *Baia*, do Lloyd, e o Lloyd, desde os velhos tempos, sempre primou pela impontualidade.

O jantar começou às cinco horas. Eu estava numa inquietação de nervos impressionante. Não sei o que me dizia que íamos perder o navio. O Bastos Tigre, esse estava de uma fleuma e de uma serenidade felizes, a brincar, a pilheriar, a fazer trocadilhos. Então eu não via que o vapor era do Lloyd e no Lloyd não se tinha a noção do tempo?! Não vira a saída retardada nos outros portos?! Nem à meia noite levantaríamos ferro!

Mas a excitação não me deixava. Cada vez mais os nervos se me tornavam vibrantes. Sentia, a verdade é que eu sentia, uma fôrça interior arrastar-me com presteza para bordo.

Às cinco e meia, a minha excitação havia impressionado a todos na casa. Apressou-se a conclusão do jantar. Tomámos o bonde à pressa. Ao chegarmos ao porto, voltavam de bordo os escaleres e o paquete começava as suas primeiras manobras de saída.

Procurou-se um escaler ali na praia. Não havia. A final apareceu um, mas o catraeiro não tinha remos.

— Vai-se à vela.

Mas não havia vento. Assim mesmo, entrámos no barco.

O vento que soprava era um nada que não enchia sequer a vela. O catraeiro, fazia esforços sobre-humanos para utilizar-se daquele vago sopro de brisa que passava subtilmente.

A muito custo aproximámo-nos do vapor. Já ele se movia lentamente, em manobras.

O quadro nunca mais se me apagou da memória. Vejo a amurada de bordo cheia de passageiros que saúdam alegremente a nossa aproximação.

— Mandem parar! mandem parar! gritávamos do escaler.

Mas, nesse instante (aí começou a tragédia) o vento soprou rijamente. A vela encheu-se, o barco ganhou impulso e foi colar-se ao alto do costado do vapor. Compreendemos todos, num relance, a desgraça aos nossos olhos. Íamos morrer.

Só havia dois remédios ali: ou afastar o escaler do costado do navio, ou parar o navio. De outra maneira seríamos miseràvelmente colhidos, tragados, esmigalhados pelas hélices em rotação.

No escaler éramos oito. Esforços incríveis fizemos para nos afastar do paquete. Era demais para as nossas forças.

Lá em cima, na amurada, os passageiros compreenderam, alarmados, a gravidade do perigo. O quadro nunca mais me saiu, em suas mínimas minúcias, da cabeça. Vi muita gente a correr loucamente para a ponte do comando, a suplicar aos gritos que parassem o navio.

Segundo a segundo, instante a instante, a desgraça avolumava-se na sua iminência.

Senti a trágica aproximação das hélices. Era fatal, irremediável, inevitável a morte... Aí todo o meu instinto de conservação pulou dentro de mim, acendeu-se-me uma energia desvairada e, numa fúria, numa descarga, em pé, no meio do barco, os braços erguidos, puz-me a clamar, a gritar, a berrar:

— Pára! pára! pára, pelo amor de Deus! pelo amor de Deus! pelo amor de Deus!

O vapor não parava. Não parou. O comandante, um senhor Pedroso, negou-se a fazê-lo.

E o perigo crescia. Estávamos a dois metros das hélices agitadas. Eu via nìtidamente os turbilhões de espumarada rebojando.

A agonia dos passageiros lá em cima era horrível.

Chegavam-me aos ouvidos (que exaltação de sentidos eu tinha naquele momento!) che-

gavam-me aos ouvidos gritos, crises nervosas de senhoras.

— Pelo amor de Deus pára! pára! continuava eu a gritar num acesso.

Um jacto de água esbate-se-me brutalmente pela cara, sufocando-me. Era a água turbilhonante das hélices, das hélices que nos iam tragar, que nos iam esmigalhar.

Caí no fundo do escaler, desacordado. Não sei o que se passou, não sei. O milagre...

Quando abri os olhos, ouvi claramente a voz do catraeiro, gritando numa vitória:

— Estamos salvos!

O que arde cura

Estamos todos molhados e o barco com água pelo meio.

O navio esse já ia longe, enorme, esplêndido, iluminado como um castelo fabuloso que tivesse surgido das vagas.

À noite, quando, ainda a tremer, me pus a reconstruir as minúcias da cena, foi que dei por aquele pormenor importantíssimo: havia gritado o nome de Deus no momento do perigo.

Outro qualquer levantaria as mãos para o céu, em agradecimento: Eu — irritei-me.

Vejam bem: estava salvo; tinha tido a morte perto de mim na mais inglória e na mais miserável das tragédias, mas irritei-me.

Tive vergonha. Tive vergonha de ter chamado por Deus naquele transe dramático.

E vejam até onde pode chegar a vaidade alucinada de um homem. Tive vergonha, tive vergonha do juízo que podiam estar fazendo de mim os passageiros que tinham ido no vapor. Estavam certamente a julgar-me uma criatura que acreditava em Deus e que chamava pelo nome de Deus na hora do perigo.

E aquilo ficou-me a remoer o pensamento por muito tempo. E tão culminante era o meu delírio de grandeza, tão feroz a vaidade, que, meses depois, no Pará, no Teatro da Paz, vi uma das companheiras de viagem, com a qual havia feito relações amistosas.

Não fui cumprimentá-la; não quis aparecer-lhe. Tive acanhamento, tive vergonha, senti-me diminuído. Ela podia estar lembrada de que eu invocara, em agonia, o nome de Deus e tomar-me por uma criatura vulgar.

Vejam os senhores até onde pode ir a vaidade humana! Vejam que juizo fazia eu de mim e dos outros!

Não se pode ir mais longe em pedantaria, em loucura, em desvairamento, ou, melhor, em paspalhice.

É de Rui Barbosa aquele conceito célebre: — Deus fala aos homens pela boca de suas desgraças.

Realmente, é nos períodos de sofrimento que a nossa alma se prepara para conciliar-se com Deus.

De três ou quatro anos para cá, aquela intransigência, aquela intolerância, aquela preocupação doentia, de me jugar um sêr superior, modificaram-se.

Porque? A idade? O estudo? Influências alheias? Nada disso. A grande luta pela existência, os sofrimentos da maturidade, que são os sofrimentos mais graves de uma vida.

Eu sentia visìvelmente em mim a actuação de uma força equilibradora. Já ia admitindo opiniões que me contrariassem, já ouvia com complacência argumentos opostos aos meus, já respeitava a fé alheia.

Àquele período de agressão fulminante a tudo quanto era doutrina religiosa, sucedeu um período de apatia, de profunda indiferença, uma verdadeira calmaria espiritual. Tanto se me dava que Deus existisse, como que não existisse. Não tomava conhecimento; não me interessava.

Foi justamente nessa fase que me vi assaltado por moléstias dolorosas.

A dor tem esta grande virtude — revela a nossa inferioridade. E, quando nos julgamos inferiores, abrimos insensìvelmente os braços para receber a superioridade da Providência.

(Continúa)

INDISCRIÇÕES DUM MÉDIUM

Há anos, vários jornais húngaros e romenos relatavam o caso de Joseph Schmidt, professor primário, que recolhera, doente, ao hospital de Cerrautsi (Czernowitz), sendo aí tratado pelo Dr. Piticariu. Este, em breve, notou que o seu paciente possuia uma faculdade admirável: — caía em transe e, neste estado, descrevia factos íntimos relacionados com pessoas que dele se aproximavam e a quem desconhecia.

Naturalmente, os curiosos começaram a afluir... Mas as comunicações do médium eram, por vezes, tão indiscretas que... a Associação das Senhoras de Cerrautsi», aterrorizada, pediu às autoridades a transferência de Schmidt para outro hospital, longe da cidade. Muitos segredos familiares haviam sido descobertos... e, pela sua natureza, não convinha... que se tornassem públicos e, principalmente, de forma tão insólita!

Jul/45

Deus e a Consciência

por Haydi de Thebelen

HÁ tempos uma menina do meu conhecimento recebeu de seu pai residente no estrangeiro, uma carta com certos conselhos.

Desde já devo dizer que o cavalheiro é pessoa de pergaminhos e ocupa lugar de destaque na sociedade onde exerce alto cargo.

Como compete às pessoas de bom tom, a sua religião é a católica talvez mais por educação do que por convicção, visto ser pessoa inteligente, culta e algo desempoeirada. Mas *noblesse oblige*, e assim entendeu impor a sua filha os mesmos aristocráticos progenitores.

Eis os conselhos deste *pater-familias:*

«Se tu pensas, como dizes, que acreditar em Deus e estar bem com a consciência é bastante, responder-te-ei que os chineses, os árabes e os hotentotes pensam a mesma coisa... Mas tu és católica e para ser católica é preciso seguir, nem que seja no mínimo, os preceitos da Igreja».

Esta passagem da carta leva-nos a supor que pouca ou nenhuma atracção sentia essa jovem pelo álgido e sombrio ambiente das igrejas, talvez convencida da ineficácia das práticas da religião que lhe impunham. Talvez preferisse orar a Deus no esplendoroso templo da natureza, contemplando sob um radioso céu azul edénicas e formosas paisagens, panoramas maravilhosos de soberbas cascatas e montanhas, de verdejantes pinhais e campinas, em que a luz e a cor formam deslumbrantes e feéricas tonalidades, ou admirando as cores turqueza e lápis-lazuli do mar imenso, profundo e misterioso.

Os artistas rezam assim, na contemplação de Deus Manifestado na Forma, na cor e no Som, como Miguel Ângelo, Rafael, Virgílio e Camões, Beethoven e Mozart e tantos, tantos outros!

O que pensará este católico a respeito dos problemas da alma, e, consequentemente, do valor do *ser consciente* e das suas responsabilidades? Estará ele — como a maioria dos católicos — convencido de que os ritos e práticas da sua religião bastam para lhe obter a graça de Deus e a absolvição de suas faltas?

Como terá este crente orientado o decorrer da sua existência vis-à-vis dos seus semelhantes e de Deus?

Tenho a impressão de que estes seres caminham na vida às apalpadelas, como quem segue em escuro corredor de labirinto, sem saber como, nem onde acabará. Devem encontrar-se bem hesitantes, nas horas difíceis que todos temos, nessas encruzilhadas do Destino, em que a nossa alma é posta à prova durante as experiências que temos de enfrentar neste mundo de provações.

Quantos erros renovados, quantos desgostos escusados, e quanto karma, agravado! E depois, ao deixar este plano, quanto remorso e que caudal de lágrimas, quando no Espaço a alma se encontra em face do grande espelho da divina Verdade.

Se o indivíduo não possui em si próprio a força moral precisa para resistir à influência do meio que não o prepara para a vida, fatalmente sossobrará, qual frágil embarcação acossada por violenta tempestade. E o karma de muitos seres humanos é uma verdadeira tormenta em que, para vencer, têm de empregar esforços quase sobre-humanos. E onde irão buscar essa força de alma, se apenas lhes ensinaram que a salvação está nos ritos dessas religiões?

Entre alguns casos meus conhecidos, ocorre-me uma curiosa comunicação recebida quando eu assistia a uma sessão prática de Espiritismo.

O espírito comunicante, em sentido pranto, dirige-se a uma pessoa que se encontra na assistência, pedindo-lhe perdão pelo muito mal que lhe causara. E declarou então a causa da sua grande angústia.

Na terra apaixonara-se por um rapaz que, sem lhe corresponder se tornara noivo de outra. Muito religiosa, rogara muito a Deus para que o ingrato correspondesse aos seus ardentes sentimentos, e, como tal não sucedesse, resolveu mudar ela própria o curso do Destino. Se bem que fervente católica, recorreu a bruxas e a intrigas; provocou a ruptura e conseguiu unir-se ao homem que amava, de quem tivera uma filha. Mas roída pelos desgostos, pois nunca conseguira legalizar a situação, desiludida nas suas ambições, pusera termo à existência. Dois anos depois, sua filha, que sempre fora doente, desencarnava também. Durante este tempo, o ódio que nutrira na terra acompanhara-a no Além, e assim fizera manter sempre afastados todos os membros da família que desunira, motivos estes que lhe criaram no Outro-Mundo uma aflitiva situação. Só o perdão da sua principal vítima — a filha do casal — poderia minorar-lhe o sofrimento.

Tive a curiosidade de controlar estes factos e saber da sua autenticidade, que mais me convenceram da ignorância que a maioria dos católicos manifesta pelos belos preceitos da Bíblia — fundamento do cristianismo.

Em minha opinião, o pensamento dessa jovem é

perfeitamente criterioso, visto que Deus e a consciência são quase sinónimos. Deste modo, essa menina, talvez sem o saber, estava integrada nos verdadeiros Evangelhos que dizem:

«Mateus — cap. VI:6 — Mas tu quando orares, entra no aposento, e, fechada a porta, ora a teu Pai em segredo; e teu Pai, que vê o que se passa em segredo, te dará a paga».

«Lucas — XVII; 20 e 21 — E tendo-lhe feito os fariseus esta pergunta: — Quando virá o reino de Deus? respondeu Jesus, dizendo: o reino de Deus não virá com mostras algumas exteriores, porque o reino de Deus está dentro de vós».

«Actos dos Apóstolos — XVII; 24 e 28 — Deus, que fez o mundo e tudo o que nele há, sendo ele o Senhor do ceu e da terra, não habita em templos feitos pelos homens.

«Porque n'Ele mesmo vivemos e nos movemos, e existimos, como ainda disseram alguns dos nossos poetas: Porque d'Ele também somos linhagem.»

«Aos Coríntios: III; 16 e 17 — Não sabeis vós que sois o templo de Deus, e que o Espírito de Deus mora em vós?

«Se alguém pois violar o templo de Deus, Deus o destruirá. Porque o templo de Deus sois vós, e santo é».

«Hebreus — XIII; 16 — E não vos esqueçais de fazer bem e de repartir dos vossos bens com os outros, porque com tais oferendas é que Deus se dá por obrigado.»

«Tiago — I-27 — A religião pura e sem mácula aos olhos de Deus, o nosso Pai, consiste nisto: em visitar os orfãos e as viuvas nas suas aflições, e em se conservar cada um isento da corrupção deste século.»

Os crentes teriam, pois, grandes vantagens em fazerem um estudo sério da Bíblia, o que levou Paul Bourget a dizer: «Reconheço que os homens e as mulheres que seguem os preceitos dos Evangelhos, estão, na grande maioria, ao abrigo das desordens morais que descrevi nos meus romances, e que são quase inevitáveis quando os homens se deixam guiar pelos seus sentidos, suas paixões e pelas suas fraquezas. Em toda a parte onde o cristianismo é vivaz, os costumes purificam-se; aonde ele enfraquece, eles rebaixam-se. É a árvore em que florescem as virtudes humanas, sem a prática das quais as nossas sociedades estão condenadas a perecer. *Não há salvação fora das verdades do Décalogo*».

Neste sentido Kardec escreveu «O Evangelho Segundo o Espiritismo», joia do Espiritismo clássico, que ao lado da Bíblia devia figurar no lugar de honra de todos os lares.

A alma perfumada pelo aroma destas magníficas virtudes que são a Verdade e a Justiça, vibrará em unissono com todas as belezas da Criação. Assim se realizará a unidade da alma com Deus.

Filmes de fundo Espirita

«Comédia Humana»

Segundo nos informa o nosso confrade de Évora, sr. Alberto Eduardo Ferreira, a «Comédia Humana» é mais um filme de fundo espirita.

Estritamente moral, consegue sensibilizar profundamente o espectador, constituindo ao mesmo tempo grande lição de espiritualidade.

Nas primeiras imagens, aparece uma entidade astral que diz ter desencarnado há pouco; em seguida, apresenta a sua família terrena — esposa e quatro filhos, os quais, após a morte do chefe de família, souberam enfrentar resignadamente os problemas cotidianos.

Em vida do marido, os conjuges dedicavam uma hora diária à leitura da Bíblia; agora, aquele voltava frequentemente ao lar, encontrando, como de costume, a esposa em meditação, e osculava-lhe a fronte, gesto que ela pressentia, ficando por isso inundada de alegria infantil.

Um dos momentos mais belos do filme é quando o filhinho mais novo, deitado aos pés da harpa em que a mãe tocava, lhe pergunta:

— Mãezinha! Quando vamos para a nossa casa? O paizinho está junto de nós?

Estas perguntas de simplicidade transcendente dão àquele minuto grandiosidade espiritual que se reflecte em nossos corações.

O filho mais velho, que está nas fileiras, morre na frente da batalha. No instante em que comunicavam à família a triste notícia, dois espíritos de luz puríssima aproximavam-se da casa, exclamando o mais idoso:

— Vês, meu filho? O fim é o princípio...

Agradecemos aos leitores novas informações acerca de filmes deste género. É necessário propagar a ideia através de todos os veículos. O cinema é um dos maiores; e, enquanto não surge uma companhia a enfrentar a empresa de um filme estritamente espirita, é bom que assistamos a exibições onde o assunto seja tocado levemente, para que os assistentes vão meditando no caso. Tudo vem a seu tempo. Neste particular, a Inglaterra e os Estados Unidos caminham à frente. Em Nova-York, «O Regresso de Peter Grim», filme em que se apresentava o problema da reencarnação, esteve dois anos em exibição permanente num dos maiores cinemas. O assunto espirita empolga verdadeiramente e deixa na retina traços indeléveis, sobretudo quando é passado à tela cinematográfica.

À Margem dos Livros

por Ramos Pereira

...E AS VOZES FALARAM, por *Fernando do Ó*. Novela. Edição da Federação Espirita Brasileira. Rio, 1946. 255 págs.

Essencialmente dialogada, as personagens vincam-se diante dos nossos olhos, mais pelo conteúdo anímico, que pela forma física. E deve ter sido esta, mesmo, a intenção única do autor. As fisionomias esfumam-se num halo de espiritualidade sonhadora, que é uma idealização da vida. Fernando do Ó não busca no fenómeno metapsicológico o palpitante da sua obra. Esse tira-o, forjando situações reais, dando-lhe um desfecho à luz clara dum ideal cristão-espirita. Alfredo, o homem que ouvia as *vozes*, que saíra dum manicómio para viver uma Vida em acordo perfeito com as suas ideias evangélicas, que renuncia à conquista da mulher que adora e por quem é amado, desenha-se como a figura primacial desta novela. Por ele, Fernando do Ó faz ouvir «sua» Voz, os seus anseios de perfectibilidade terrena, atingindo, por vezes, elevado nível de expressão. As personagens vivem num canto da Terra aquela vida que Fernando do Ó desejaria ver à sua volta. Não há realidade actual nesta novela, mas idealidade possível. Alfredo, Nanci e Guilherme, são entes que vivem na terra um bocado do céu. Marieta é, de todos, o que possui mais existencialidade; mas, pela força do autor, vai erguer-se da queda carnal, como Madalena. Adriano é um fraco a quem a personalidade de Alfredo dá o estoicismo do cristão plenamente cônscio da Verdade que aceita.

Tocam-se misérias morais, mas não se desce ao fundo, porque as asas da espiritualidade tendem mais a subir para ver de cima, que a mergulhar para iluminar recessos escuros. O tocar nelas ou é para marcar confrontos ou para mostrar a beleza do ideal diante do real que mal se ausculta.

A teoria das «almas doentes», constantemente delineada por Alfredo, é perfeitamente racional dentro do sistema espirita, mas gostávamos de ver mais dissecada a natureza dessas doenças para marcar melhor a acção da terapêutica evangélica. Assim, ficamos com a impressão de que as «doenças» entrevistas são breves e não cravam fundo as suas garras aduncas. Bem sabemos que o Autor não pretendeu ir mais longe... mas o nosso desejo seria ler a obra plena de realidade actual, a obra «neo-realista» colimada pela análise de fundo espirita.

Mas se olharmos apenas a corrente até agora seguida pela bibliografia espirita, julgamos que esta novela de Fernando do Ó tem nela um lugar de relevo pela sua originalidade de forma e conteúdo. A leitura é agradável e recomendável.

Certamente por lapso tipográfico, foi, na pág. 168, denominado Buda como «iniciado chinês» em vez de hindu». Sidarta Gautama nasceu em Kapilavastu, no alto Nepaul, e foi iniciado nos ensinos bramânicos.

LÁZARO REDIVIVO, pelo *espírito do Irmão X* (recebido por Francisco Cândido Xavier). Edição da Federação Espirita Brasileira. Rio, 1946. 231 págs.

Em mensagens breves, incisivas, leves na forma e pesadas pelo conteúdo das ideias, ergue-se um perfeito monumento de crítica construtiva. Lendo-as, lembrámo-nos daquele estilo que usou Humberto de Campos, quando se intitulava «Conselheiro XX»...

Os primeiros capítulos são, para mim, uma justificação do anonimato onde se pressente o sorriso apiedado dum espírito ante as misérias terrenas. «Carta-aberta», «Aos médiuns», «Doce aroma», «Quem avisa», por exemplo, fizeram-nos recordar a celeuma erguida sobre as obras mediúnicas de Humberto de Campos, celeuma que teve o seu desfecho nos tribunais... Ouvimos, ainda, o «comentarista alegre» que ele foi antes da «renovação espiritual» que lhe «modificou a clientela». O Humberto que vemos em «Irmão X» nem é já o que «fazia rir como Triboulet, o palhaço», nem o autor das «folhas pálidas de filosofia da desilusão, da sombra, do destino e da dor». Conservando o mesmo estilo límpido, pleno de imagens coloridas, o seu sorriso deixa-nos um gosto de lágrimas reprimidas... «Irmão X» localiza-se entre o 1.º Humberto que gargalhava escondendo as lágrimas e o 2.º Humberto que chorava por já não poder rir.

E dos próprios capítulos em que comenta amargamente os factos que conduziram ao «Caso Humberto de Campos» (v. obra de Miguel Timponi), «Irmão X» extrai lições que caem fundo. O Humberto «redivivo», liberto das vendas que a carne lançara em seus olhos, mergulha nos homens o seu agudo e cortante bisturi, não com o propósito de fazer rir ou chorar, mas... de fazer pensar.

(Note-se que esta identificação do «Irmão X»

com Humberto de Campos, é da nossa responsabilidade, visto não haver em qualquer página uma referência directa...)

Nas páginas desta obra, verdadeiramente notável, perpassa o vulto dum Homem que, tendo auscultado e sentido a inferioridade das paixões comuns, deseja criticá-las perante um ideal que sôbre si ergueu. «Irmão X» pretendeu deambular pela superfície terrena, em vez de pairar nas alturas alucinantes da idealidade. As suas páginas são profundamente humanas, inteiramente actuais; foram escritas para o homem presente, para este falam. Nas mãos hábeis do «Irmão X» e sob os véus das suas formosíssimas parábolas, sentimo-nos observado até aos recessos mais escondidos da alma. De vez em quando, o «Irmão X» ala-se para cantar o seu amor ao Cristo...

A caracterização do «Diabo» (cap. X, pág. 46-49) é a diatribe lançada à loucura humana: — «É o protótipo da ingratidão para com Deus»; «é alma repleta de atributos sublimes, que permanece, entretanto, na Obra do Pai, como génio destruidor»; «é sábio de raciocínio, mas pérfido de sentimentos»; «criatura desventurada pelo desvio a que se entregou voluntàriamente, é, de facto, mais infeliz que infame».

«Irmão X» olha «os novos Lázaros sepultados no túmulo das ilusões» e nas suas mensagens, abrindo-lhes os olhos, «ajuda-os para que sejam desenfaixados e ressuscitem, de facto, ao clarão da verdade eterna»!

Reputamos esta Obra como bem digna de ser meditada por todo o homem que, cônscio da sua natureza e destino, deseja endireitar o seu caminho através deste mundo de paixões mesquinhas...

A MEDIUNIDADE E A LEI, Por *Carlos Imbassahy*. Edição da Federação Espirita Brasileira. Rio. 1946. 213 págs.

Nesta obra bem concatenada, ergue Carlos Imbassahy a defesa da mediunidade curadora diante do Código que a condena. As suas afirmações são perfeitamente argumentadas com extractos duma vasta bibliografia dominada pelo Autor.

Depois de mostrar a falibilidade da medicina através das objurgatórias de eminentes clínicos, foca a sem-razão dos textos legais que dão um carácter àquela ciência que os seus próprios cultores lhe não reconhecem.

Daqui salta Imbassahy para a demonstração do fenómeno de mediunismo curador, sempre apoiado na cerrada argumentação que lhe fornecem metapsiquistas e espiritas de renome mundial em outros ramos do Pensamento.

O fenómeno existe e... as curas são numerosíssimas. A medicina existe e... muitos doentes sucumbem, diante dos olhos sábios dos facultativos... Porque perseguir, então, o médium curador? A análise de Imbassahy, aguda, penetrante, com laivos de ironia, mergulha nos textos jurídicos e revela a inanidade das suas proposições. De facto, com que direito se pune pelo simples gesto de apor as mãos na cabeça dum paciente *voluntário* ou passá-las ao longo do seu corpo? Só se a criminalidade está... na intenção de curar, de aliviar sofrimentos!... Além de que o médium, não sendo livre, não é responsável por actos de que não tem consciência. E isto é demonstrado pelo Autor, que termina a sua obra pela crítica a um Acórdão da Primeira Câmara brasileira.

Que culpa tem o médium de possuir faculdades que não criou deliberadamente, que dele se aproximem seres que sofrem e já desesperam da medicina terrena? Que culpa tem ele de que haja grande número de pessoas doentes sem dinheiro para satisfazer os altos honorários dos médicos e sem lugar nos hospitais?

Parece-nos (e isto não lemos em Imbassahy) que a Lei pune e persegue a mediunidade curadora, não por amor à Ciência ou à Saúde Pública, mas para salvaguardar os interesses pecuniários da Medicina oficial!... Porque não proibe, então, a Lei as romagens de fieis aos santuários de Fátima ou Lourdes? Não vai ali grande número na ânsia dum alívio para os seus tormentos físicos?

Destas colunas, felicitamos e apoiamos o desassombro com que o grande polemista que é Carlos Imbassahy escreveu a sua tese de defesa da mediunidade curadora. Admirámos o seu trabalho, não só pela óptima urdidura do pensamento, como pela valiosa documentação que nele insere.

Estas obras encontram-se à venda nesta redacção.

UM TRADUTOR INVULGAR

Gabriel Gobron contava na Revue Spirite Belge *o caso do Dr. Barnard B. Balogh, húngaro, que ocupava as funções de tradutor no diário de Budapeste* Pesti Hirlap. *Fàcilmente, ele traduz inglês, francês, alemão, italiano, holandês, português, dinamarquês, espanhol, árabe, sueco e norueguês. Atribui esta faculdade a uma recordação de vidas passadas! Diz ele:*

— «*Quando ainda não sabia árabe, ou, quando muito, algumas palavras, tinha sonhos frequentes em que falava esta língua, fluentemente. Ao acordar, podia lembrar frases inteiras, para as quais encontrava explicação nos dicionários. Todas as vezes que ia a um país estrangeiro, ficava admirado por a minha pronúncia ser igual à dos naturais*».

Efectivamente, o caso pode ser atribuído a recordação do subconsciente, como também a um auxílio de entidades espirituais prestado durante o sono (sonhos super-conscientes).

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

Congresso Espirita da Alta Paulista

O Estado de S. Paulo, no Brasil, foi há pouco sacudido por extraordinário entusiasmo que animou todos os centros espiritas daquela região. A cidade de Marília teve uma semana de animação inigualável, de 30 de Março a 4 de Abril findos, de que participaram outras cidades paulistas, inclusive a capital do Estado. Nessa demonstração de vibratilidade e dinamismo participaram milhares de almas afins que em jornadas prévias já haviam afirmado o seu desejo de contribuir para a acção comum, nas cidades de Garça, Pompeia, Quintana, Tupã, Osvaldo Gruz e Baurú. Durante mês e meio, a Comissão Organizadora do Congresso visitou todas as cidades, onde falaram eloquentes oradores, a fim de preparar o ambiente do Congresso, cuja primeira sessão se realizou em Dupã, no dia 30 de Março, inaugurando a sede própria da União Espirita Allan Kardec, com capacidade para 650 pessoas.

Houve também uma exposição permanente de livros e jornais espiritas, fotografias de centros e obras de assistência social, fenómenos mediúnicos, etc., num ponto central de Marília.

No dia 4 de Abril foram aprovadas as seguintes teses:

1.ª «Os Animais Perante a Doutrina», do Dr. Carlos Imbassahy; 2.ª «Deus, as Religiões e o Espiritismo», de Manuel Pizarro; 3.ª «A União dos Espiritas e a Prática do Espiritismo», de Nabor da Graça Leite; 4.ª «A Radiestesia em face da Mediunidade e do Espiritismo», do Dr. Costa Lima; 5.ª «O Problema da Educação no meio Espirita», de Maria Aparecida Rebelo Novelino; 7.ª «A Missão do Espiritismo», de Leonardo Severino; 7.ª «O Espiritismo e a Construção dum Mundo Melhor», de J. Herculano Pires, director do *Diário Paulista*, de Marília; 8.ª «O Espiritismo na construção dum Mundo Melhor», de Mesciar Ladeira Guimarães.

Eis as conclusões do Congresso aprovadas em 4 de Abril na cidade de Marília e sede do Centro Espirita Luz, Fé e Caridade, após o encerramento dos trabalhos:

RECOMENDAR, a todas as entidades presentes, bem como às solidárias com os trabalhos do Congresso e às organizações espiritas em geral, que desejem cooperar na obra comum de propagação da doutrina e elevação do nível teórico e prático do movimento espirita:

I — A formação de um CONSELHO ESPIRITA em cada cidade, incumbido da direcção geral do movimento espírita local sem prejuízo da direcção particular das entidades existentes on a existir, no âmbito das actividades de cada uma;

a) — que esse Conselho Espirita seja formado pelos presidentes dos Centros e outras organizações locais e número igual de pessoas de responsabilidade no movimento, que não pertençam à Directoria de nenhuma das entidades locais, e eleitas para o Conselho em reunião prévia dos presidentes acima citados;

b) — que se reuna periòdicamente, para estudo das questões relacionadas com o movimento local, mas num ambiente de cooperação e entendimento fraternal, sem se revestir o Conselho de qualquer aspecto federativo ou carácter de dominação das entidades nele representadas;

c) — que seja o Conselho Espirita, em cada cidade, o ponto de concentração de todos os esforços doutrinários, representando a sua existência uma verdadeira revelação do espírito fraterno e evangelico dos dirigentes locais do movimento espirita.

II — A criação de Escolas de Espiritismo para Crianças, em todos os centros espiritas, e de Juventudes Espiritas em todas as cidades, para a realização de estudos e desenvolvimento de actividades de carácter social e doutrinário entre os jovens sempre em ligação directa com as entidades locais, como centros e grupos de adultos, ou sob a orientação do Conselho Espirita, onde este já se houver organizado.

III — A criação de Cursos de Espiritismo em cada cidade, de preferência fora dos centros espiritas, baseados em modalidades práticas, acessíveis aos leigos, e dirigido pelos Conselhos Espiritas ou por comissões conjuntas das entidades locais, entregues à orientação de pessoas de capacidade comprovada e elevada formação moral.

IV — O maior interesse e esforço por parte de todos os espiritas em particular, e entidades doutrinárias em geral, para a criação de estabelecimentos de ensino de orientação espirita como o Educandário Pestalozzi de França, em todas as cidades que comportem tais organizações;

a) — instalação de cursos de alfabetização, para

crianças e adultos, por parte de todos os centros, grupos e unidades espiritas, em todas as cidades e vilas.

V — A formação de cursos especiais para médiuns, de leitura e interpretação do «Evangelho Segundo o Espiritismo» e «Livro dos Médiuns», de Kardec, e «No Invisível», de Léon Denis, em todos os centros, de maneira a orientar doutrinária e evangèlicamente o desenvolvimento e aprimoramento das suas faculdades, de preferência ao chamado desenvolvimento prático.

VI — A aprovação, por parte de todos os organismos doutrinários, da UNIÃO ESPIRITA SOCIAL, recentemente surgida em S. Paulo, como um movimento para a unificação de todo o trabalho espirita em nosso Estado, dentro do maior respeito à liberdade e auto-determinação que caracterizam a vida de todas as entidades doutrinárias.

VII — A realização do mais intenso e constante intercâmbio entre as entidades de cada cidade e região, através de visitas e concentrações, com a promoção de palestras evangélicas e reuniões para debates doutrinários.

VIII — Para a realização de um próximo CONGRESSO ESPIRITA, já anunciado em São Paulo, a promoção de um movimento prévio de propaganda intensiva em todo o Estado, com antecipação mínima de seis meses, a contar da data em que se iniciar essa nova propaganda, e realização de congressos ou concentrações regionais, os mais amplos possíveis, em todas as cidades das diversas regiões estaduais, como alicerce indispensável à consecução de um conclave amplo e eficiente, que represente de facto o movimento espirita do Estado.

IX — O maior apoio e estímulo a todas as obras de verdadeira caridade cristã que se realizam no país sem qualquer distinção de carácter religioso.

X — À imprensa espirita em geral: o maior critério e o mais rigoroso escrúpulo na divulgação dos casos de fenomenologia espirita, a fim de evitar-se o estímulo à fraude e à simulação, e o maior cuidado nas referências às diversas religiões e aos seus sacerdotes, evitando sempre qualquer espécie de ataques, embora sem fugir ao dever de crítica sincera e bem intencionada, e procurando, quando se fizer necessária uma atitude de defesa, enquadrar a mesma nos princípios do Evangelho.

XI — A leitura e estudo das teses aprovadas pelo Congresso que serão divulgadas pela imprensa e nos anais do conclave.

XII — A remessa de telegramas e ofícios à Assembleia Nacional Constituinte, pleiteando a inclusão dos seguintes pontos na futura Carta Magna do País: *a)* Absoluta separação entre o Estado e a Igreja; *b)* Restabelecimento do ensino leigo em todo o país; *c)* Absoluta liberdade de culto, sem nenhuma espécie de coacção, directa ou indirecta, às diferentes práticas estabelecidas pelos mesmos; *d)* Abolição da pena de morte.

No Congresso fizeram-se representar setenta e tantos centros, federações e juventudes espiritas.

Experiência Inesperada

A Sociedade de Estudos Metapsiquicos do Chile, que acaba de publicar o primeiro número do seu órgão oficial, intitulado *Cuadernos*, começou a realizar experiências, uma das quais vamos arquivar nestas colunas por a acharmos deveras interessante.

No dia 6 de Abril de 1945 realizou-se naquela Sociedade a reunião habitual de terça-feira, destinada a desenvolvimento de médiuns e com a presença dos seguintes associados: As meninas Irene Korsakoff e Esperanza Martin e os senhores Campolicán Casanova, Enrique Tagle e Ernesto Moog, que presidia a sessão. A médium era a menina Karsakoff.

Antes dos trabalhos, estudaram-se como de costume as perguntas que seriam apresentadas às entidades espirituais que se supõe comunicarem através da médium, a fim de que desenvolvessem o tema. Assim, o director do grupo sugeriu que se afastasse a médium da sala da experiência para que os presentes resolvessem o assunto sem que ela soubesse do que se tratava.

Feito isto, concertaram em formular a seguinte pergunta:

Como será possivel conhecer qual a parte das comunicações que pode ser produto do subconsciente do médium e qual a parte que procede autenticamente duma entidade espiritual?...

A menina Karsakoff voltou à sala e deu-se início à sessão. Logo que ela caiu em transe, o sr. Moog inquiriu da suposta entidade comunicante se poderia responder à pergunta que na reunião transacta tinha sido estabelecida.

A médum vacilou um pouco. A seguir, por meio da escrita, transmitiu uma mensagem, dizendo que esta nova experiência era um pouco audaciosa e que a haviam começado sem conhecer o exacto desenvolvimento da médium e sem prévio acordo com as entidades espirituais. Não respondeu, portanto, àquela pergunta.

Terminada a sessão, estudaram o caso e resolveram de comum acordo que a experiência tinha fracassado.

Não se esclareceu a pergunta, nem se repetiu perante a médium, que ficou ignorante do que se tratara.

Na sessão seguinte realizada na sexta-feira, 9 de Novembro, estavam presentes as meninas Raquel Fontanés, Irene Karsakoff e Esperanza Martin, e os senhores Pedro Spencer e Ernesto Moog, tendo-se resolvido apresentar a seguinte pergunta, apresentada pela menina Fontanés:

— *Porque será que após algumas sessões mediúnicas realizadas em diversos centros de estudos psíquicos*

os médiuns despertam do transe com grandes dores, torceduras dos membros e outras perturbações semelhantes?

Contràriamente ao que se esperava, manifestou-se através da menina Karsakoff uma entidade que deu o seu nome e era a primeira vez que se apresentava nas sessões. O nome parecia árabe e pronunciou determinadas palavras num idioma desconhecido. Em seguida, na altura em que ninguém ali pensava já no caso, começou a falar, respondendo precisamente à pergunta formulada na sessão anterior e que a médium desconhecia. Note-se que nesta sessão só estavam preentes três pessoas que haviam assistido à outra sessão; e destas só a menina Esperanza Martín e o sr. Moog conheciam a pergunta em referência. Os restantes ignoravam absolutamente o que se tinha passado, tanto mais que a primeira experiência considerava-se terminada e não se lhe dava importância.

A resposta da entidade comunicante foi clara e concisa e deixou estabelecido de forma compreensível a diferença que existe entre a parte que o médium toma nas comunicações e o que estas têm de independente ou procedente de uma entidade espiritual autónoma. Disse que as entidades, ao começar o trabalho de adaptação ao organismo do médium, a fim de se comunicarem, tratam de demover-lhes intensamente a subconsciência, produzindo-lhe na consciência a afloração de comunicações da entidade espiritual que deseja manifestar-se. Logo, à medida que o processo de adaptação do espírito ao médium se vai completando, todo esse conteúdo subconsciente que tem emergido e se encontra, de certo modo, revolto, aplaca-se novamente e facilita a comunicação do espírito, apenas com pequenas interferências. Quando o espírito domina completamente o organismo do médium, não pode a subconsciência deste intervir nas comunicações. Uma forma de conhecer quais as intervenções subconscientes do médium na comunicação é estudar bem o sujeito, analisar a sua maneira de agir, falar e pensar, surpreendendo-lhe os impulsos súbitos de pensamentos e actos, evidentemente espontâneos e irreprimíveis e que mostram de forma aproximada o pensamento subconsciente que, em tais impulsos, costuma brotar para se esconder imediatamente.

Verificando que a resposta desta entidade correspondia perfeitamente à pergunta estudada na sessão anterior *e que a médium inteiramente desconhecia,* pode-se considerar positiva esta experiência e temo-la como elemento de prova ou convicção séria digna de tomar em conta.

Portanto, esta experiência poderá demonstrar-nos:

1.° — A médium ignorava totalmente a pergunta que se ia fazer à entidade espiritual.

2.° — Na primeira sessão não se obteve resposta e considerou-se negativo o resultado da experiência. Desprezou-se a pergunta e ninguém pensou mais nela.

3.° — Na segunda sessão faltaram duas das pessoas que haviam assistido à sessão anterior, o que reduz o campo de sugestão ou transmissão do pensamento.

4.° — Na segunda sessão, sem que se houvesse formulado pergunta alguma, a entidade que se apresentou inesperadamente deu curso a uma comunicação falada que esclareceu uma pergunta, de certo modo complexa, que a médium não conhecia. Reduzindo todo o seu aspecto puramente externo, veríamos a médium em transe a dissertar acerca dum tema que lhe era desconhecido. precisamente o mesmo que outro grupo escolhera noutra sessão, sem revelar nenhum pormenor aos que estavam precisamente a falar nesse tema.

5.° — A médium não teve consciência do que falou durante o transe; e depois dele não se recordava de nada do que tinha dito.

Estes são os factos comprovados duma experiência inesperada e que, por isso. não permitiu que se registasse textualmente o que se passou. Mas as testmunhas que firmam a acta certificam que tudo se passou como fica exposto.

Assinam o relato os seguintes indivíduos que assistiram à sesão: ,

Ernesto Moog, Irene Karsakoff, Esperança Martín, Raquel Fontanés, Campolicán Casanova, Pedro Spencer e Enrique Tagle.

Sonho ou realidade

Rousseau, o pintor, era casado com uma bela rapariga chamada Clemência. Morta a companheira, contraiu segundas núpcias, mas a lembrança de Clemência nunca se afastou da sua memória. A ela dedicou os seus apaixonados poemas e canções amorosas. Sonhava constantemente com ela e dizia que lhe aparecia e lhe inspirava os seus quadros. Quando alguém chamava à porta da oficina, o artista respondia, sem abrir:

— Vão-se embora. Clemência está aqui e não pode demorar-se muito tempo.

Mas se Rousseau abria a porta, em resposta a repetidas chamadas e oferecimentos de auxílio económico, os visitantes ficavam assombrados ao ver que só ele estava na oficina. Onde estava Clemência, o modelo que, segundo julgavam, o artista estivera a pintar? E logo da parte de baixo a senhora Josefina Rousseau lhes dizia:

— Meu marido não está realmente louco. É apenas um excêntrico. Julga ver a sua primeira mulher, Clemência, que morreu há anos. Quando o seu espírito visita a oficina, aparece uma pintura no ar e Rousseau copia-a para a tela.

(De *La Nacion,* de Buenos Aires)

Notas & Comentários

Livraria Allan Kardec

A Livraria Allan Kardec, de S. Paulo, dirigida pelo nosso confrade António Baptista Lima, entrou em grande actividade doutrinária. Assim, vai editar brevemente quatro obras espiritas em benefício do Asilo Batuira. São as seguintes: «Na Seara do Mestre», por Vinicius; «Corpo e Espírito», pelo Dr. Carlos Imbassahy; «Um só Senhor», pelo Dr. Amaral Camargo; e «Colectânea do Além», obra mediúnica de Francisco Cândido Xavier.

É sempre com grande prazer que nos referimos a empreendimentos que enobreçam a Doutrina e por isso daqui felicitamos aquela Livraria, que tantos serviços já prestou e continuará a prestar ainda.

A Livraria Allan Kardec, situada na Rua Riachuelo, 108, é representante de *Estudos Psíquicos* e o seu gerente é um real valor, cujo dinamismo eleva e transcende a obra a que meteu ombros.

«A Grande Síntese»

Encontrando-se esgotada há muito «A Grande Síntese», de Pietro Ubaldi, temos feito repetidas encomendas à Livraria da Federação Espirita Brasileira, na esperança de que reeditasse este belo trabalho que muita luz tem lançado sobre alguns problemas psíquicos que a Ciência ainda não pôde resolver por falta de elementos adequados. Agora, pelo *Reformador*, órgão daquela agremiação soubemos que, em resposta a uma consulta da editora brasileira, o sr. Pietro Ubaldi respondera que havia recebido informações dum amigo residente no Brasil e segundo as quais a Federação tirara várias edições daquela obra e doutros livros seus e que, por isso, só permitiria novas tiragens se lhe pagassem os direitos de mais de cem mil exemplares que o seu patrício lhe afirmara terem sido editados durante a guerra.

No dizer do órgão citado, o desleal informador propalou que a Federação não pagou ao sr. Ubaldi os direitos da edição de «A Grande Síntese» e, não contente com a proeza realizada, ainda pregou nova peta, dizendo que se haviam tirado milhares de exemplares de várias obras daquele autor.

Em face desta baixa intriga, a Federação Espirita Brasileira resolveu «não entrar em negociações com um Autor indignamente representado no Brasil», escrevendo-lhe que não lhe interessava qualquer entendimento para a publicação das demais obras que Ubaldi lhe oferecera para tradução em português.

Parece incrível que haja indivíduos que em tão pouca conta tenham a honra alheia! A Federação Espirita Brasileira não necessita da nossa defesa, visto que a sua obra a impôs há muito no Brasil e fora dele; mas, assim mesmo, não podemos deixar de levantar bem alto o nosso protesto contra semelhante procedimento que privou muitos milhares de leitores de conhecer as obras que o engenheiro italiano escreveu durante a guerra.

Fazemos votos para que o mal-entendido desapareça.

«O Mensageiro Espirita»

Lamentável troca de linhas para a qual não contribuimos em coisa alguma, tornou inintelegível o último período da nótula que, sob o título «O Mensageiro Espirita», publicámos no número de Junho. Depois de nos referirmos ao facto de o boletim da Federação Espirita Portuguesa se limitar a quatro páginas, dizíamos que aquela colectividade tinha de readquirir o seu antigo prestígio. Por isso — terminávamos — arrume-se a casa, cortando todas as despesas inúteis e comprimindo outras aos limites do razoável.

Foi isto o que escrevemos, em vez da algaraviada que saiu, não obstante a vigilância do revedor.

Agora escreve-nos o nosso colaborador Faure da Rosa, director do referido Boletim, informando-nos de que o próximo número já será de seis páginas. Ainda bem. Congratulamo-nos com o sucedido e fazemos votos para que o jornal vá crescendo até atingir o nível em que o deixámos, quando abandonámos a sua direcção.

Núcleo de Acção e Propaganda

Está quase concluido o folheto «Aos que choram os mortos», destinado a distribuição gratuita entre as famílias enlutadas. Será um passo em frente na propaganda, visto que se dirige ao meio profano, onde mais necessárias se tornam palavras de fé viva, tendentes ao convencimento da sobrevivência e da imortalidade. Graças ao donativo dum anónimo, a que aludimos no último número, faremos, uma edição de 5.000 exemplares, que garantirá profusa e demorada distribuição por aquelas famílias.

Já distribuimos também alguns livros.

Quanto à conferência num dos teatros de Lisboa,

Noticiário

Compra dum piano

A Direcção do Centro E. Luz e Amor, no desejo de atender as justas aspirações dos associados e preparar melhor o ambiente das sessões doutrinárias que realiza periòdicamente na sua sede, resolveu abrir uma subscrição com o fim de angariar donativos para aquisição dum piano.

Os donativos recebidos já vão em cerca de mil e duzentos escudos, motivo por que nos congratulamos com a boa compreensão e esforço manifestado por alguns amigos.

Está provado que a música valoriza as sessões espiritas. Além disso, as festas e sessões solenes do Centro beneficiarão muitíssimo.

Que outros confrades tragam igualmente o seu óbulo e mais um ensejo teremos de salientar a união que harmoniza os nossos consócios e os galvaniza no mesmo anseio de perfectibilidade.

Grande oferta de livros

Num gesto que muito a enobrece e dignifica, a Federação Marieta Gaio do Rio de Janeiro, ofereceu ao Centro Espiritualista Luz e Amor uma grande remessa de livros na importância aproximada de cinco mil cruzeiros. Não temos palavras com que agradecer aos generosos confrades daquela instituição beneficente. A nossa gratidão vai toda numa profunda e sentida prece pelos triunfos de quem tanto se esforça por implantar na terra o reino de Deus.

Transcrições

Estudos Psíquicos continua a ser distinguida com variadas transcrições. Assim, *Mundo Espirita* transcreveu «A Morte, Indústria dos Vivos», do coronel Faure da Rosa, e a *Revista Espirita do Brasil* «Sonhos do Passado, Realidades do Presente e surpresas do Futuro», do Dr. A. D. Pratas. Gratos pela deferência.

As nossas conferências

Conforme estava anuncido, Ramos Pereira e o coronel Faure da Rosa realizaram no Centro duas belas belas conferências, intituladas, respectivamente, «Beleza oculta na Criação» e «Térmitas e Aranhas de Vidro», que agradaram sem reservas. Ambos souberam expor com mestria os temas de que se haviam encarregado.

A pedido do nosso confrade sr. Aires Vaz Raposo, que se encontrava presente faremos a publicação a partir de Setembro próximo. É um excelente trabalho digno de ser divulgado.

Afluência de original

Devido a afluência de original, somos obrigados a retirar muitos artigos já compostos, do que pedimos desculpa aos nossos amáveis colaboradores. Apesar da melhor boa-vontade, não nos é possível satisfazer a todos. Paciência. Aguarde cada um a sua vez.

António José Alves

Pelo nosso companheiro de trabalho João José Alves, soubemos que se encontra em Portugal há cerca dum mês o seu irmão e nosso confrade sr. António José Alves, do Rio de Janeiro, onde exerce as suas actividades comerciais. Ao antigo e operoso delegado da Federação Espirita Portuguesa, que ainda não tivemos a alegria de ver neste Centro, apresentamos cumprimentos de boas vindas, desejando-lhe as maiores felicidades na sua jornada pela Europa.

Colaboração

Graças à orientação que temos dado à revista, de toda a parte nos tem vindo colaboradores dedicados que desejam ligar-se a esta obra de propaganda. Dentro de pouco tempo, teremos mais um redactor-correspondente. Os ecos da Índia Portuguesa ressoarão aqui em manifestações de solidariedade. Será mais um arauto a propagar a Doutrina.

Programa dos trabalhos do Centro no mês de Junho

Dia 21, às 16 horas — Sessão experimental com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 7, às 16 horas — Conferência pelo capitão Alfredo dos Santos, intitulada «Alimento do Corpo e do Espirito».

Dia 14, às 16 horas — Sessão experimental com a médium D. Maria de Jesus Mendes de Figueiredo.

Dia 25, quinta-feira, às 21,30 — Sessão solene de encerramento dos trabalhos do Grupo Reper-Siam.

Dia 28, às 16 horas — Conferência por Ramos Pereira, intitulada «Entre Dois Mundos», e encerramento dos trabalhos do Centro.

---

diremos que tudo está preparado para isso. A data da sua ralização é que foi transferida para Outubro, em virtude de circunstâncias imprevistas. Cremos, todavia, nada ter perdido com a demora.

Aguardemos esse acontecimento com satisfação e calma, certos de que ele contribuirá para nova era de propaganda no meio profano, onde é preciso levar a Doutrina Espirita.

Lede e propagai esta revista. «Estudos Psiquicos» é um amigo fiel que vos bate à porta, levando-vos interessantes notícias do movimento espirita mundial.

OBRAS DE CIÊNCIAS PSÍQUICAS E FILOSOFIA NEO-ESPIRITUALISTA

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
Arcanos da Natureza, por *Alexandre Dias*		8$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	13$00	21$00
Caso (O) Humberto de Campos	28$00	37$00
Chanceler (O) de Ferro, romance mediúnico ditado pelo Espírito do *Conde Rochester*	20$00	29$00
Claustro (O), romance realista sobre a vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		25$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta*	20$00	28$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista, (três romances num só), por *António Lima*	30$00	40$00
De Jesus para as crianças, comunicações do *Espírito de Bittencourt Sampaio*	10$00	18$00
De Icléa para as crianças, formosas comunicações destinadas à formação moral dos nossos filhos, livro único no género	18$00	
Do Calvário ao Apocalisse, pelo *Espírito de Bettencourt Sampaio*	22$00	30$00
Do Calvário ao Infinito, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	20$00	30$00
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	30$00	40$00
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	7$00	
Doutrina Inglória (O problema da natalidade segundo o Espiritismo), por *Leopoldo Machado*	12$00	
... E as vozes falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	20$00	
Eça de Queiroz Póstumo	18$00	26$00
Ensinos Espiritualistas (Descrições do além), por *W. S. Moses*	16$00	24$00
Entre dois mundos, (romance), por *Antoinette Bourdin*	14$00	22$00
Expiação, por *Areolino Gorjão*	14$00	22$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	20$00	29$00
Espiritismo (O) Contemporâneo, pelo *Dr. Martins Velho*	12$00	
Factos Espiritas, por *William Crookes*	10$00	18$00
Fenómenos de Materialização, por *M. Quintão*	10$00	18$00
Física Transcendental, por *J. Zoellner*	10$00	
Fundamentos Científicos do Espiritismo, pelo *Dr. Azevedo e Silva*	10$00	
Funerais da Santa Sé (Poesias ditadas pelo *Espírito de Guerra Junqueiro*)	18$00	26$00
Grandes e Pequenos Problemas, aplicações do Espiritismo aos problemas da vida, por *Angel Aguarod*	16$00	24$00
Granja (A) do Silêncio, romance empolgante, por *Paul Bodier*	14$00	22$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	20$00	30$00
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	18$00	26$00
Livre-arbítrio e Determinismo, por *Louis Gastin*	3$00	
Magnetismo Curador, por *Alfonse Bué*	12$00	20$00
Marieta (páginas de duas existências) romance mediúnico, recebido por *Daniel Artazú*	20$00	28$00
Martirio (O) dos Suicidas, por *Almeindo Martins de Castro*	10$00	
Mediunidade (A) e a Lei, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	20$00	
Memórias de Padre Germano	20$00	28$00
Memórias duma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	17$00	25$00
Milagres (Os) de Jesus, sua interpetação espirita	3$50	
Na Sombra e na Luz, romance mediúnico ditado pelo Espírito de *Vitor Hugo*	20$00	28$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	20$00	28$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	16$00	24$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho, por *João Evangelista*	12$00	
País da Luz (Do), por *Fernando de Lacerda*		50$00
Padre (O), a Mulher e o Confessionário, pelo *ex-padre Chiniquy*	18$00	26$00
Pela Vitória do Espirito, por *Dr. Fred Wachsmann*	35$00	
Poder Mental, pelo *Dr. A. Lôbo Vilela*	10$00	
Problema (O) da Sobrevivência, pelo *Dr. A. Lôbo Vilela*	10$00	
Protestantismo (O) e o Espiritismo, por *Benedito A. da Fonseca*	14$00	22$00
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	20$00	29$00
Reis, Príncipes e Imperadores, por *Almerindo Martins de Castro*	14$00	22$00
Revelação dos Papas, grosso volume de grande formato, de mais de 600 paginas	40$00	
Revelações de Além-Túmulo, pelo *Dr. Antão de Vasconcelos*	20$00	29$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	18$00	26$00
Rosário O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	18$00	27$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	16$00	24$00
Sobrevivências e Comunicação dos Espiritos, por *Osvaldo Melo*		24$00

(Continua na 4.ª pág. da capa)

Sombra (Na) e na Luz, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	20$00	29$00
Sonâmbula (A), romance espirita, por *António Lima*		26$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	12$00	20$00
Trabalho (O) dos Mortos, pelo *Dr. Nogueira de Faria*		45$00
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chiodo*	10$00	17$00
Vingança (A) do Judeu, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	20$00	29$00

Nêstes preços não está incluído o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente, Ilhas Adjacentes e Colónias. (Moçambique).

«RESUMO DA DOUTRINA ESPIRITA»

pelo Dr. Gustave Geley

Resumo verdadeiramente original das obras basilares da doutrina espirita do ponto de vista filosófico, moral e científico, à luz do evolucionismo, impõe-se a crentes e profanos e até aos próprios materialistas.

Uma obra única no seu género! Dezenas de livros num só livro cujo sumário é o seguinte:

A Doutrina Espirita: Inteligência e matéria — Evolução progressiva da alma — Encarnações e desencarnações — Pluralidade das existências — O corpo psíquico — O papel das emoções, das sensações e do livre-arbítrio — As encarnações nos diversos mundos — O corpo — O perispírito — A alma — Consciência e subconsciência — O esquecimento aparente — Estudo das fases da desencarnação — A desencarnação é um *processus* de análise — A encarnação é um processo de síntese.

Os Factos — Os sábios que têm estudado os factos — Os médiuns e o seu papel — Explicação dos factos pela doutrina espirita — A teoria anímica — Seu perfeito acôrdo com o Espiritismo — Os fenómenos mediúnicos em oposição ao mecanicismo e ao materialismo niïlista — Ocultismo e teosofia.

Provas Indirectas — Acôrdo desta doutrina com tôdas as ciências — Acôrdo eom as ciências naturais — O transformismo — Acôrdo com a astronomia, a física e a química — Acôrdo com a fisiologia — Uma página de Claude Bernard — Os desdobramentos da personalidade — O sonambulismo — A clarividência — A telepatia — Acôrdo com a patologia — Acôrdo com a filosofia — Espírito, fôrça e matéria, são fases da unidade criadora — Involução e evolução — Os sistemas filosóficos que mais se aproximam do Espiritismo — O monismo.

Conseqüências da Doutrina — Transformação das idéias religiosas, filosóficas, morais, sociais e individuais — Compreensão perfeita do mal e das desigualdades humanas — As recompensas e os castigos são conseqüências das nossas acções e consistem no estacionamento do sêr em encarnações dolorosas ou na sua passagem para estados superiores — A felicidade, resultado natural do progresso evolutivo — A moral nova: trabalho, amor, solidariedade — Liberdadade moral proporcional à evolução do indivíduo — Injustiça dos juízos humanos — Influência do evolucionismo na vida social — Extinção das divisões fictícias da humanidade — Socialismo e anarquia — A sociedade futura deverá reduzir ao mínimo as restrições e as imposições — Anarquia relativa — Deveres para com os animais.

Introdução ao Estudo Prático da Mediünidade — I. Carácter geral das experiências — II. O Médium — III. ¿Quais são as condições de bom rendimento do médium? — IV. Os experimentadores — V. O contrôlo — VI. As medidas de contrôlo — VII. As fraudes.

A Reencarnação em todos os seus aspectos: filosófico, moral e científico.

Vocabulário Metapsíquico, da autoria do Dr. António Lôbo Vilela, contendo os termos mais usados em Espiritismo e Metapsíquica.

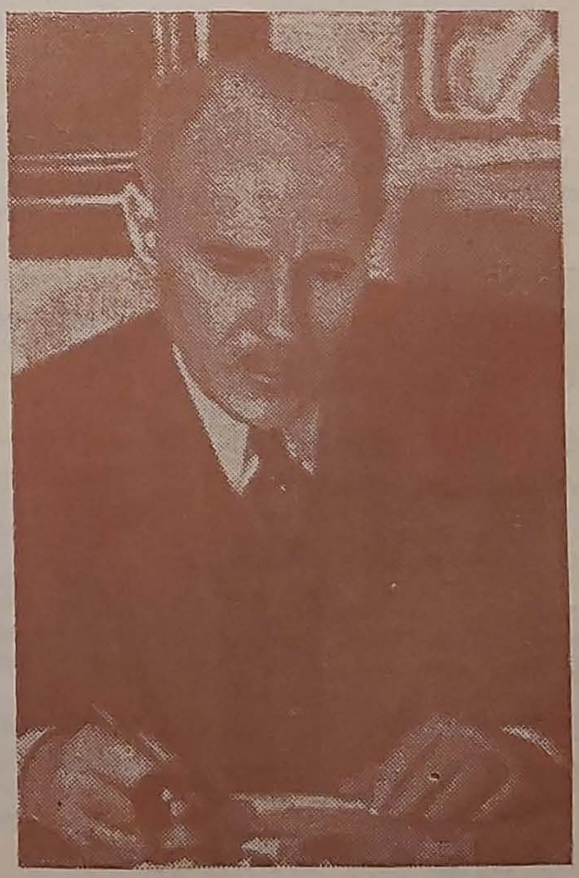
À venda nas boas livrarias e na redacção de ESTUDOS PSÍQUICOS
Rua do Salitre, 149, 1.º — LISBOA

Preço — 18$00. Para sócios do Centro E. Luz e Amor e assinantes desta revista — 16$00. Nas remessas pelo correio, crescem as despesas de embalagem e de cobrança.

ANO VII AGOSTO DE 1946 N.º 8

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental



HENRI REGNAULT

(Ver pág. 234)

CONTÉM : Um Grande Problema, **da Redacção**; Ismos Científicos — III — **por Leopoldo Machado**; O Fenómeno Espirita na Bíblia — III — **pelo Coronel Faure da Rosa**; Saber não basta, **por Mariana Aguiar Cabral**; Recordando a Juventude, **por António Pinto de Sousa**; Gabriel Gobron e Paul Badler propagandistas de Espiritismo, **por Henri Regnault**, redactor-correspondente de **Estudos Psíquicos** em Paris; Africanismo e Espiritismo — II — **por Deolindo Amorim**; Não és verdadeiro Espirita..., **por Maria Veleda**; A Missão de Jesus — X — **por Fernando da Cruz Ferreira**; Levitações e Curas, **por Maria Emília Gândara Viana**; Meditações de Agosto; Conte o seu caso .. Como se tornou Espirita? **(continua a depor o Dr Viriato Correia)**; Gabriel Gobron; Á Margem dos Livros, **por Ramos Pereira**; Crónica Estrangeira, **por Isidoro Duarte Santos**, Notas e Comentários; Noticiário.

ESTUDOS PSÍQUICOS

ASSINATURAS { Continente — cada série de 6 n.os, não incluíndo despêsas de cobrança . . . . . 20$00
Brasil . . . . . (12 n.os — 36 cruzeiros)
Colónias . . . . . (12 n.os — 50$00)
Número avulso . . . . . 3$50

Propriedade de ISIDORO DUARTE SANTOS, a quem deve ser dirigida toda a correspondência

OBRAS DE CIÊNCIAS PSÍQUICAS E FILOSOFIA NEO-ESPIRITUALISTA

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
O Principiante Espirita	7$00	
O que é o Espiritismo	8$00	
O Livro dos Espiritos	18$00	26$00
O Livro dos Médiuns.	18$00	26$00
O Evangelho segundo o Espiritismo	18$00	26$00
Obras Póstumas	18$00	
A prece	4$00	
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	5$00	
O Porquê da Vida (nova edição). .	18$00	
Depois da Morte (nova edição) . .	25$00	
O Grande Enigma	12$00	20$00
O Problema do Sêr e do Destino	20$00	28$00
Cristianismo e Espiritismo	20$00	28$00
Joana d'Arc Médium	20$00	28$00
GABRIEL DELANNE		
A Evolução Anímica	20$00	28$00
A Alma é Imortal	20$00	28$00
A Reencarnação	20$00	28$00
O Espiritismo Perante a Ciência	20$00	28$00
ERNESTO BOZZANO		
Animismo ou Espiritismo?	20$00	28$00
Metapsíquica Humana	15$00	
Pensamento e Vontade	10$00	
CAMILLE FLAMMARION		
As Casas Mal Assombradas	20$00	28$00
Narrações do Infinito	10$00	
O Fim do Mundo.	18$00	26$00
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos	24$00	33$00
Stella (romance astronómico) . . .	18$00	26$00
Sonhos Estelares	16$00	24$00
Urânia » »	16$00	24$00
FRANCISCO C. XAVIER (Médium)		
Boa Nova (quadros evangélicos), ditado pelo *Espirito de Humberto de Campos*	12$00	19$00
A Caminho da Luz (História da civilização), pelo *Espirito de Emmanuel*	10$00	
O Consoladar, resposta a 411 perguntas sobre os conhecimentos humanos, pelo *Espirito de Emmanuel* (nova edição)	12$00	20$00
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espirito de Humberto de Campos*	12$00	20$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*.	12$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espirito de Emmanuel* (nova edição)	20$00	28$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	20$00	28$00
Lázaro Redevivo, pelo *Espirito do Irmão X*	20$00	
Lira Imortal, comunicações em verso	8$00	
Mensageiros (Os) ditado pelo *Espirito de André Luis*	18$00	26$00
Missionários da Luz, recomendável ás pessoas cultas, devido aos ensinamentos que encerra, pelo *Espirito de André Luis*, (nova edição).	25$00	33$00
Nosso (O) Lar, ditado pelo *mesmo Espirito*	18$00	26$00
Novas Mensagens de Humberto de Campos	10$00	
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por poetas luso-brasileiros) nova edição melhorada	30$00	40$00
Paulo e Estêvão (livro famoso considerado pelos eruditos como a mais completa biografia de S. Paulo) (nova edição)	28$00	36$00
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*.	24$00	32$00
Reportagens de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espirito de Humberto de Campos*	14$00	
OBRAS DIVERSAS		
Amor Imortal, romance espirita, pelo *Dr. J. A. Nogueira*	18$00	26$00
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo Gibier*.	12$00	19$00

(Continua na 3.ª pág. da capa)

• VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA •

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

7.º ANO — LISBOA, AGOSTO DE 1946 — N.º 8

Director e Editor: Isidoro Duarte Santos | Redacção e Administração: Rua do Salitre, 149, 1.º | Administrador: Maria G. Duarte Santos

Composto e impresso na Tipografia SILVAS, Lda. — Rua de D. Pedro V, 120 — LISBOA

UM GRANDE PROBLEMA

O acolhimento verdadeiramente excepcional que a nossa primeira edição teve no Brasil leva-nos a meditar a sério num problema de certa transcendência que, uma vez resolvido, nos colocaria na vanguarda do Espiritismo mundial.

É certo que nunca se leu tanto como agora, a pesar do microfone ocupar lugar de relevo em todas as capitais do mundo, facto que levou a Federação Espírita Brasileira à expansão dos serviços editoriais que há muitos anos mantém em escala ascendente e progressiva. E segundo notícias de toda a confiança, a procura do livro espírita tem sido extraordinária, sobretudo quando vazado em bom vernáculo, que os confrades de além-mar tanto apreciam.

O reconhecimento destes factos leva «Estudos Psíquicos Editora» a encarar a possibilidade de exercer ali grande parte da sua acção futura, não em concorrência com as editoras brasileiras, mas num sector que lhe será destinado pelas circunstâncias derivadas do esmero, selecção e probidade com que modelar a sua obra de propaganda.

Bem sabemos que empresa deste vulto implica trabalho constante, vigilância aturada e persistência invulgar, bem raros nos tempos de hoje, atreitos a comodismo, a bem-estar material. Mas quando há fé nos destinos duma causa, quando há vontade própria alicerçada em bases racionais, o homem caminha afoitamente, escudado em forças incoercíveis. Quanto a nós, o fenómeno é este: alimentamos uma ideia e tratamos de pô-la em prática, certos da verdade do prolóquio: «trabalha, que o céu te ajudará».

O livro «Nos Umbrais do Além» que vamos publicar em breve, será tentativa diferente, de experiência feita, e temos a certeza de que há-de ultrapassar o êxito do primeiro. A' força de tenacidade e desejo de bem servir, as nossas edições impor-se-ão a todos que souberem ler e acabarão por atrair uma parte do grande público que não transige com o abastardamento da linguagem.

Sempre por bom caminho e procurando superar a obra realizada em contínuo aperfeiçoamento, «Estudos Psíquicos Editora» dará ao mundo sinal de presença efectiva e muitos indivíduos se identificarão com ela.

Mas teremos nós força bastante para resolver este grande problema? Seremos capazes de introduzir o livro espírita em Portugal, de insistir com o público, de o levar a ler aquilo que despreza, aquilo em que não crê? Agua mole em pedra dura...

Seguiremos o exemplo de Zola. A princípio, ninguém lia os seus livros. Eram verdadeiros desastres editoriais. Mas o escritor dominou o público, exclamando:

— Publicarei tantos livros, que as massas serão obrigadas a ler-me!

E assim foi, com efeito. Zola acabou por obter a consagração do espírito francês e o seu nome pertence há muito a grande parte da humanidade.

Edições espíritas organizadas em moldes novos — eis uma questão da maior importância que é indispensável resolver imediatamente, para bem da cultura e da própria humanidade.

ISMOS CIENTIFICOS

por Leopoldo Machado

III

Medicina e Teologia.

A medicina é, para Lamartine, apenas «a intenção de curar». Para Goethe, a maior mentalidade universal de seu tempo: «A medicina é uma ciência tão obscura e tão venenosa como a Teologia» (Fausto). Será, mesmo? Sabemos são as duas que mais têm, directa ou indirectamente, prejudicado a ideia de Deus, hostilizado a existência do Espírito, retardado a marcha da verdadeira ciência, porque a Ciência da Espiritualidade.

O Pior ateismo

Tão afastada se acha, infelizmente, a medicina da espiritualização, que o ateismo do primeiro anista de medicina é, talvez, o mais atrevido dos negativismos. E nisto, vê-se, ainda, — entre nós, pelo menos, — o concurso da Teologia. Recebe o menino, por exemplo, nas escolas primárias e, até, secundárias, aulas de catecismo, facultadas pela lei, que lhe enchem o cérebro de uma série de coisas tristes: diabo, inferno, penas eternas; um Deus a castigar pela menor falta; a concepção do mundo e a origem do homem de um modo simples, e outras coisas que não se entendem bem. Nas escolas superiores, nomeadamente na de medicina, o ensino, facultado também por lei, é puramente materialista e ateu. O menino de ontem, hoje rapaz, na Faculdade, aprende, a respeito da Imortalidade e da Vida, coisas bem diferentes. E aprende de mestres que o podem reprovar nas sabatinas e nos exames... A par disto, deve sentir-se folgado com espanar do cérebro todas as caraminholas que aprendeu na escola primária. E sentir-se livre das penas do Inferno e dos castigos de um Deus severo. Nada disto é verdade! Não há Deus nem Outra Vida! Tudo é matéria. Eis o que é científico, dizem-lhes seus mestres e os livros por onde estuda, os livros estudados por seus mestres... Passa-se, deste modo, aliviado e contente, além das fumaças de sabedoria que lhe envolvem o cérebro, com armas e bagagens, para o ateismo e o materialismo...

Somos dos que gostariam de ver na ciência ou arte de curar, um verdadeiro sacerdócio. De ver nos seus médicos, criaturas à altura da sua missão, que é bem a que o grande Miguel Couto nos pinta deste jeito: «Sofre cada um as suas dores; sofre o médico as de todos. Sofrem todos por ver o sofrimento, sofre o médico por vê-lo e o não poder remediar, etc.». Outro grande médico, Bezerra de Meneses, escreveu: «O médico verdadeiro é isto: não tem o direito de acabar a refeição, de escolher a hora, de inquirir se é longe ou perto... O que não acode por estar com visitas, por ter trabalhado muito e achar-se fatigado, ou por ser alta noite, mau o caminho ou o tempo, ficar longe, ou no morro; o que sobretudo pede um carro a quem não tem com que pagar a receita, ou diz a quem lhe chora à porta que procure outro — esse não é médico, é negociante da medicina, que trabalha para recolher capital e juros dos gastos da formatura. Esse é um desgraçado, que manda para outro o anjo da caridade, que lhe veio fazer uma visita e lhe trazia a única espórtula que podia saciar a sede de riqueza do seu espírito; a única que jamais se perderá nos vais-vens da vida».

Assim, todo médico deve ser um sofredor, um apóstolo da renúncia e do altruismo. Por isso que, de nossa parte, só comparamos ao médico assim, consciente de sua altíssima função, em importância e utilidade, o mestre-escola e o agricultor. São os três entes mais caros para nós na Vida...

Medicina que prepara médicos desses impossível seja uma ciência fonte de materialismos e de egoismos absorventes. E médicos assim não podem ser daqueles que só vêem no doente uma fonte de ganhos...

Tampouco podem ser orgulhosos da sua sabedoria, convictos de que a última palavra na ciência ou arte de curar, só eles a possuem.

Pode a Medicina opor-se ao Espiritualismo?

É, de um modo geral, da medicina que partem as maiores hostilidades ao Espiritualismo. E dela, entretanto, é que deveria partir o maior apoio. Contrastes das coisas! Haverá, porventura, fundamentos científicos para essas hostilidades? Nenhum. A medicina não cura tudo, não conhece, ainda, todas as doenças. Nem mesmo a anatomia e a fisiologia humana, embora parta do princípio de que «a vida é uma propriedade da matéria organizada.» Se assim fosse, tudo derivaria, directamente, da matéria! Mas, se «a matéria é inerte, no sentido de que ela deve ser considerada como desprovida de toda a espontaneidade», escreve Claude Bernard!

Sobre a medicina ciência, aqui está, dos Drs. Marchal e O. J. de Mero: «A certeza das ciências especulativas e matemáticas não é aplicável à medicina» (Liberdade de Concepção, pág. 173). Nem pode, numa ciência cujos veridictos nascem de auscultações. baquezinhos e apalpadelas nas partes ofendidas, das juntas médicas em eu *penso*... eu *opino*... *parece-me*... *de aplicação*, noventa por cento, a palpites, de medicamentos. Falta, ainda estabilidade científica à medicina para que se ela apresente arrogante, a condenar aquilo que desconhece. Se ela pouco conhece do organismo físico, que estudou perfuntòriamente por experiências e práticas hospitalares, não há-de ser sobre o mundo espiritual, que desconhece totalmente, que possa opinar! Uma ciência sujeita a constantes variações não merece, a rigor, o nome de ciência. Di-lo Augusto Forel deste jeito: «O valor da arte médica está sujeita a grandes variações». Acabe a medicina, cientìficamente, com essas variações; estude o que ainda desconhece, para, em seguida, condenar ou aceitar de cátedra... É bem isto o que, a respeito do Espiritismo, diz Allan Kardec: «Todos têm direito de aceitá-lo ou repeli-lo, contanto que o façam com conhecimento de causa». Para este conhecimento de causa, impõe-se o conhecimento da Doutrina Espirita, não por opiniões de outros, que também a não estudaram, mas por estudos sérios. É do codificador: «Anos são precisos para formar-se um médico medíocre e três quartas partes da vida para chegar-se a ser um sábio. Como pretender-se em algumas horas adquirir a ciência do Infinito? Ninguém, pois, se iluda: o estudo do Espiritismo é imenso, etc.».

Terapêutica

Esta a parte da Medicina sempre em maior conflito com o Espiritismo. Lógicas, as causas desses conflitos, por amor à ciência ou aos doentes? É a Terapêutica, na história da Medicina, que tem progredido mais lentamente, Por isso que dela escreveu Bichat: «não ser uma ciência que convenha a um espírito metódico». E acrescenta que a *matéria médica é um conglomerado de ideias errónias*. É nosso o grifo.

Vai mais longe, ainda, Mason Good, para quem «a medicina é algaravia bárbara, cujo efeito dos medicamentos é incerto no mais alto grau. Medicamentos que destruiram mais vidas do que a fome, a peste e a guerra combinadas». — E lê-se no Fausto que «os médicos já mataram mais do que a própria peste». Inverosimilhança nisto? Nunca a Terapêutica atingiu tamanho desenvolvimento como nos nossos dias. Há remédios para todos os males e remédios que *curam* vários males. Há farmácias e drogarias por toda a parte, sempre abarrotadas de fregueses. Há médicos especializados em todas as moléstias. Há exames antecipados de tudo, para maior certeza do mal, e de sua consequente cura. Há um aparelhamento modernìssimo para todos os tratamentos. Contudo, só uma coisa não há: saude nessa gente, que se abeira de todas essas coisas! Nem na cirurgia, que é o ramo da medicina talvez mais objectivo, se encontra esta certeza científica. Às mãos do maior cirurgião germânico que já visitara o Brasil, morreu Humberto de Campos. Dessa Alemanha a que fôra buscar, na sua infalível cirurgia, a cura para o seu mal de garganta, o Almirante Protogens Guimarães, para vir morrer, depois, do mal de que fora operado...

«A medicina, que já viveu muito dos sofrimentos dos doentes — escreve Augusto Forel — deve agora viver para melhorar a vida humana». Para tanto, só quando ela se espiritualizar suficientemente. Daí, advertir Camilo Flammarion: «Mais do

que a medicina do corpo, é a medicina da alma que se deveria criar».

Estamos que só a proveito próprio certa medicina materialista pode averbar o Espiritismo de charlatanice, de exercício ilegal da medicina. É humano, de vez que cada curado pela terapêutica espiritualista é um cliente a menos nos consultórios dessa mesma medicina. Cliente que, entretanto, lhes não deve fazer falta nenhuma, por ser, de ordinário, pobre e crente e desiludido da medicina oficial...

Charlatanismo

O charlatanismo é a tapeação da credulidade pública. Charlatão é o que engana o público, em passar por aquilo que não é. Charlatanismo, para certa medicina, é a terapêutica espiritista, e charlatão é o espirita que cura. Uma e outro, só porque não dispõem de um diploma oficial, que lhes permitam curar. Mas, se charlatanice é enganar, e charlatão é o que engana, o Espiritismo e os espiritistas não merecem tão grande injúria, visto como não enganam a ninguém. E a ninguém enganam porque curam de facto, realizam operações fluídicas, resolvem curas que o oficialismo médico não resolveu, desde que sejam os males curáveis, operáveis e os casos clínicos passíveis de solução... Tudo isto, sem cobrar um real; sem aplicar as drogas que entopem farmácias e drogarias; sem o emprego dos aparelhos modernissimos, que enriquecem os consultórios de médicos abastados. Agora mesmo, temos diante dos olhos o trabalho «Novos Rumos à Medicina», do Dr. Inácio Ferreira, de Uberaba, que diz de seus percalços dentro da medicina oficial e das curas que presenciou realizadas por médiuns simples e até analfabetos. Ou melhor: pelos espíritos neles manifestados. E curas e operações a preces e passes, a água fluídica e doses homeopáticas, coisas inexistentes para a medicina oficial, de vez que não se pode obtê-las em farmácias, que propinem certa percentagem a seus médicos clínicos. Curas à moda do Cristo e seus Apóstolos, que nunca aplicaram outra terapêutica. Curas que se operam pela fé, ajustadas a este postulado evangélico: «Se tu tens fé, tudo é possível ao que tem fé.»

Não há-de ser, assim, por enganar a credulidade pública, que o Espiritismo e os espiritistas são charlatães. Dado, porém, que charlatanice e charlatães sejam os que medicam e aconselham medicamentos, sem habilitação para tanto, todo o mundo está passível de penalidade: o rádio, a imprensa, os empregados de farmácias e drogarias, pelos anúncios imperativos daqueles, pela facilidade com que estes vendem os medicamentos... Chegue-se a uma farmácia ou drogaria a dizer que precisa de medicamento para tal mal ou tal dor, que imediatamente se nos dará.

Se não acertar com a cura; se fingir que está curado, para, ao depois, se fazer pagar muito bem, é charlatanismo (e este, para nós, é o verdadeiro charlatanismo!), não há-de negar que é dentro, mesmo, da classe médica onde proliferam os charlatães. E conosco, di-lo uma capacidade médica de nossa terra, o dr. Fernando de Magalhães, no mesmo passo em que faz justiça ao Espiritismo: «Não acredito no perigo médico do Espiritismo: acho que a Academia não pode, em sã consciência, proclamar o perigo das práticas espiritas. O que ela deve é pleitear a *responsabilidade dos profissionais que abusam da medicina. A Academia deve combater os perigos do curandeirismo profissional: em vez de condenar a terapêutica espirita, deve evangelizar a medicina*». É nosso o grifo. Foi isso proferido em plena Academia quando se cogitava ali de tenaz combate à terapêutica espiritista. E vê-se, por aqui, que não há responsabilidade nos esculápios, a quem entregamos a saude e a vida; que há profissionais (profissionais e não os abnegados de Miguel Couto!) que abusam da medicina; que há curandeirismo — o verdadeiro e do bom, dizemos nós — dentro mesmo da própria medicina. Nem merece outro nome o esculápio que aplica um medicamento por palpite, para ver se acerta! Que existe o mercantilismo na medicina, a mais dolorosa negação de sua finalidade humana e cristã! Que a medicina não está, ainda, evangelizada! E, consequentemente, só por abuso de forças ou pela força do *orgulho da ciência*, pode a medicina oficial hostilizar, sistemàticamente, essa gente toda que «dando de graça o que de graça recebe» e até o que não recebe de graça, vai curando de verdade, vai observando os seus ambientes se encherem, até, de médicos e de seus parentes, à busca da saúde que não encontraram; antes, a complica-

QJ/46

O FENÓMENO ESPÍRITA NA BÍBLIA

Conferência realizada na Federação Espirita Portuguesa e no Centro Espiritualista Luz e Amor, respectivamente em 27 e 28 de Abril

pelo Coronel Faure dn Rosa

III

Sonhos proféticos

DE sonhos proféticos, a que chamamos hoje premonitórios, dou o resumo de um dos melhores que conheço. Um mestre de armas italiano sonhou que via uma estrada toda branca de poeira, cortando um vasto campo cultivado; a certa altura havia uma casa rústica, um carro com arreios, um camponês com calças escuras e de chapéu preto na cabeça. Ao fundo aparecia uma escada de pedra e ligado a uma mangedoura móvel um macho que impedia a passagem. O mestre de armas afasta o animal e sobe a escada que dá para um quarto sobradado, de cujo teto pendiam melancias, cebolas, maçarocas de milho e tomates. Estavam neste quarto duas mulheres — uma velha e outra nova — acompanhadas por uma rapariguinha cujas feições o mestre de armas fixou. Contou este sonho à esposa e, com ela, debalde procurou o significado que pudesse ter.

Dois meses mais tarde, o mestre de armas teve que assistir ao duelo dum amigo. Partiu de automóvel com as testemunhas para uma povoação que nunca vira. De súbito, olhando o campo raso que iam atravessando, reparou na estrada toda branca de poeira, como a que vira no sonho, e disse para os companheiros que já tinha visto aquilo e que, a seguir, deviam encontrar uma casa rústica. E, de facto, apareceram sucessivamente todos os pormenores do sonho: o camponês de calças escuras e chapéu preto, o macho ligado à mangedoura móvel — que teve de afastar para subir a escada, o quarto com melancias, cebolas, maçarocas de milho e tomates pendurados no teto, as duas mulheres e a rapariga, etc.

---

ram mais, nos consultórios de médicos especialistas ou sem especialidades!...

Vale apenas repetir, ainda, mais uma vez, o asserto oportuníssimo de Miguel Couto, a respeito: «Ai dos doentes pobres do Rio, se não fossem os centros espiritas!».

tros espiritas bem organizados.

FIM

De voz directa cito o caso mais estupendo de que tenho conhecimento. O filho da sr.ª Stuart chamado Athol, de 18 anos, tomou parte na Grande Guerra de 1914-18 como observador da aviação inglesa. Antes da partida para a sua unidade, Athol, num serão realizado em casa duns amigos — a que assistia a mãe — cantou três canções populares: *The Perfect Day* (o perfeito dia), *Let the Great Bib World Keep Turning* (que gire o grande o volumoso mundo), e a terceira, *God send you back to me* (Deus queira que tu me sejas restituido) . A segunda canção tinha um estribilho que a mãe costumava acompanhar, a que não faltou, também, desta vez, a pedido do filho.

I only know I want you so.
Nobody else will do.

(Eu só sei que te quero como tu és, que ninguém mais desejo).

No dia imediato a este serão, Athol partia para França a encorporar-se na sua unidade. Decorridos 28 dias, os pais recebiam um telegrama em que o filho era dado como *desaparecido*.

Embora naquela época a sr.ª Stuart não acreditasse no Espiritismo, a curiosidade ou talvez o sofrimento, levou-a a assistir a uma sessão experimental. A médium clarividente aunuciou que via por detrás da sr.ª Stuart as figuras de duas pessoas; a mais nova era a dum oficial da aviação que forneceu elementos que permitiram estabelecer a sua identidade: era Athol.

Do seu corpo físico, contava ele, não se encontrara mais que uma perna que enterraram com uns seis pedaços de outros corpos. O mais que restou do seu corpo fora apanhado com uma pá e era completamente irreconhecível.

Athol tinha prometido à mãe que, quando voltasse de licença, havia de cantar três canções populares pela ordem que as cantara naquele serão de despedida. Numa sessão espirita em que se obteve a *voz directa* com o auxílio de trombetas e diante de 23 testemunhas, Athol cantou as canções como prometera: «O perfeito dia»; a seguir «que gire o grande e volumoso mundo». E quando chegou a altura do estribilho

— «Eu só sei que te quero como tu és...», disse à mãe que o cantasse com ele como era costume.

Depois, ao cantar a terceira canção — «Deus queira que tu me sejas restituído», transpôs a letra para o presente: «Deus restitui-me a ti».

Isto é simplesmente maravilhoso, maravilha que, segundo o modo de ver do autor do livrete, se deve a *prodígios dos demónios.*

De escrita directa lembro o caso surpreendente obtido por Crookes com o médium Douglas Home. Crookes com uma das mãos mantinha contacto com as do médium, e na mão livre segurava um lápis. Descendo do teto vê-se mãos luminosas aproximar-se de Crookes, pairar uns segundos, tirar o lápis que Crookes segurava, escrever ràpidamente numa folha de papel, deitar fora o lápis e, em seguida, elevar-se acima das cabeças dos assistentes e desaparecer.

São célebres as *levitações* produzidas por Home, Florence Cook, Staiton Moses, Rudi Schneider, Condessa de Castelwich...

Os fenómenos luminosos eram frequentes com Home. Umas vezes era uma pequena bola luminosa que flutuava no ar, outras vezes apareciam pequenas fosforescências, algumas outras desenvolvia-se luminosidade mais viva. Ocasiões houve em que luzes errantes tocavam os assistentes.

A materialização de Katie King é clássica, mas a de médicos cirurgiões que fazem operações com o melhor êxito, avantaja-se àquela e causam o assombro de toda a gente.

A materialização mais recente de meu conhecimento vem narrada no jornal «A Noite», de S. Paulo, narração que «Mundo Espirita» de 6 de Janeiro último reproduz: foi a do padre Labeu.

Os apóstolos eram homens...

Não sei onde o articulista do livrete descobriu que os espiritistas negam a corrupção do homem... O Espiritismo nega é a corrupção do Espírito, não a da carne que não é mais que frágil e putrescível envoltório do Espírito. Jesus reapareceu como os Apóstolos constatam, porque o seu Espírito se materializou, o que é muito diferente da ressurreição da carne apodrecida.

Os apóstolos não são «testemunhas falsas», mas foram homens e como homens estiveram sujeitos a errar. E que assim foi, basta verificar a sua discordância acerca de alguns dos factos mais notáveis atribuídos a Jesus. Cada um deles refere de modo diferente as suas derradeiras palavras: segundo Mateus e Marcos teriam sido :«Deus meu, Deus meu porque me desamparaste?» (Mateus, XXVII, 46 — Marcos, XV-34) — Conforme a versão de Lucas (XXIII-45) Jesus, ao expirar, teria dito: «Pai, nas tuas mãos encomendo o meu Espírito». Finalmente, João (XIX-30) põe na boca de Jesus estas palavras. «Tudo está cumprido».

O mesmo desacordo se verifica relativamente à primeira aparição de Jesus. Mateus fala de duas mulheres que, juntas, o teriam visto; no dizer de Lucas foi aos dois discípulos que se dirigiam para Emaús que em primeiro lugar se mostrou Jesus, ao passo que Marcos e João assinalam únicamente Maria Madalena como testemunha da sua primeira aparição (Mateus, XXVIII-9; Marcos, XVI-9; Lucas XXIV-15; João, XI-14).

Podia referir outras passagens demonstrativas da diversidade de versões, o que contribui para provar que não há homens infalíveis. Infalível só Deus.

O autor do opúsculo afirma que «o deus deste século não é outro senão Satanás...», que «as práticas do Espiritismo são diabólicas...».

Satanás — Demónios

Mas, quem é Satanás?... Satanás não é mais que um símbolo, o símbolo da maldade. Como é que Deus, o Criador de tudo quanto existe, podia ter criado um «deus» de ruindade tamanha e tão poderoso e tão omnipotente e omnisciente que pudesse competir com o próprio Deus Criador?...

Repugna ao mais comesinho raciocínio a aceitação de dogma tão afrontoso. — Demónios são todos homens maus, todos aqueles que exploram o seu semelhante e o deixam morrer de fome e de frio.

Há padres que pensam como os espiritistas: o pastor holandês Beversluis pronunciou as seguintes palavras no Congresso Espirita realizado em Paris, em 1900: «Adquiri a certeza de que o Espiritismo é real... Essa luz celeste faz dissipar o medo do inferno, de Satanás e desse Deus terrível do calvinismo que odeia as más criaturas e as condena a eterna punição. Em lugar desse terror, o Espiritismo faz nascer uma confiança de filho e uma dedicação enternecida ao Deus de Amor».

Por seu lado, o arcediago Colley numa carta publicada no *Daily Mail* (1 de Fev. de 1906), declara:

Sou espirita há mais de 33 anos e posso dizer que jamais, ou só muito raramente, vi que o Espiritismo outra coisa produzisse que não fosse o bem, mostrando ser um estímulo para a elevação moral e intelectual de quem o professa, para o aperfeiçoamento humano, um alívio na desgraça, um motivo de satisfação na existência... O Espiritismo é, além disso, um meio de cura para a falta de fé, sobretudo porque porne uma prova científica da continuação da vida além do túmulo».

O nosso opositor do opúsculo refere-se ao 1.º verso do Capítulo 4.º da 1.ª Epist. a Timóteo — sem o transcrever — como poderoso elemento corro-

borativo da pretensa demonstração de que todos os espíritos que, do Além, comunicam conosco, são espíritos de mentira e obra dos demónios. Mas o que está escrito no citado versículo é isto: «Ora o Espírito manifestamente diz que nos últimos tempos apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos de erro e a doutrina de demónios». Desta redacção deduz o articulista que os *últimos tempos* têm agora actualidade, que «os espíritos de erro são os espíritos dos desencarnados que comunicam nas sessões espiritas e que as *doutrinas de demónios* são as do Espiritismo. Já é preciso ter uma vontade rija e ilimitada confiança na moleza da estupidez alheia para tirar tal conclusão.

O articulista afirma, logo a seguir, que em Gálatas, cap. V, vers. 20.°, «a feitiçaria é mencionada como uma das obras da carne e acha-se colocada na mesma lista com os pecados de adultério, prostituição, idolatria, homicídios, bebedices, etc., etc.».

Acontece. porém, que nem no vers. 19.° nem no 20.°, nem no 21.° onde se esmiuçam uma a uma as obras da carne em nenhum deles está escrita a palavra *feitiçaria*. Mas que o estivesse: é preciso deixar-se conduzir por opiniões preconcebidas e estar muito falho de conhecimentos para confundir *feitiçaria* com *Espiritismo*.

Ubiquidade do Espírito

Por último, quero referir-me a uma outra passagem do articulista. Pergunta êle: «E como podiam os mortos estar em todas as partes, e ao mesmo tempo, à disposição dos vivos?»

Allan Kardec explica nesse verdadeiro monumento espiritualista que é o «Livro dos Espíritos» que embora o mesmo Espírito não se divida, pode aparecer em muitos locais ao mesmo tempo, da mesma maneira que o sol — que é um só — irradia a sua luz para todos os lados e leva os seus raios a distâncias enormes. Não obstante, o sol não se divide.

Como explicará o nosso antagonista a recepção simultânea em milhares e milhares de locais, através do éter, do que se diz ou toca a milhares e milhares de quilómetros de distância, por intermédio dum aparelho radiofónico?

Do potencial do aparelho e das suas condições selectivas, depende a perfeição da audição que *está à disposição* dos ouvintes desde que haja sintonização e sicronização dos respectivos receptores. Agora, irmão adversário, substitua a estação expedidora pelo Espírito desencarnado, os aparelhos receptores por médiuns em iguais condições de potencialidade, de sintonização e sincronização com o Espírito expedidor do Além, quer dizer, estabelecida a «relação psíquica» entre o agente e o percipiente, — e se explica e compreende a audição radiofónica em tantíssimos milhares de locais, ao mesmo tempo, há de convir que não pode recusar igual entendimento à audição simultânea dum espírito desencarnado em muitíssimos locais, através da mediunidade.

A doutrina cristã

«A doutrina cristã, tal como a pôs o Cristo, permite considerar todas as religiões como boas; embora em graus diferentes, todos os homens são religiosos...

«Não poderá, portanto, fazer-se em nome de Deus qualquer perseguição; todo o homem é livre para examinar e escolher...

«Toda a doutrina estreita, sem tolerância e sem compreensão da variedade do mundo; toda a ignorância voluntária; todo o impedimento posto ao progresso intelectual da humanidade; toda a violência, todo o ódio, — limitam o nosso espírito e o dos outros, impedem que sintamos a grandeza, a universalidade de Deus.

«Todos nós praticamos o mais elevado culto a Deus quando propagamos a cultura, o que significa o derrubamento de todas as barreiras que se opõem ao Espírito».

A força do Espiritismo está na sua filosofia que explica todas as desigualdades e injustiças aparentes, está no apêlo que faz à razão, ao bom senso.

Os ataques de que somos alvo, tanto dos fanáticos religiosos como dos fanáticos materialistas, foram pronunciados por comunicações do Além, recebidas por Allan Kardec.

Repetidas vezes os Espíritos lhe disseram: «Não te inquietes com a oposição que te hão de fazer; tudo quanto fizeram contra ti, em teu favor virá a redundar. *Os teus maiores adversários servirão a tua causa sem o querer.*»

Sempre assim tem sido, e, como se vê, assim continua sendo. É que contra a vontade de Deus, a mã vontade dos homens nada vale.

FIM

Talvez você não saiba...

Que o Espiritismo se espalhou de tal forma na Inglaterra, que actualmnte quase todos os auditórios públicos são reservados, com antecipação, para a realização de sessões espiritas — inclusivé os grandes anfiteatros, em que se empregam sistemas de auto-falantes, para que o numeroso público possa ouvir a voz dos que falam do outro mundo.

(Selecções do *Reader's Digest*, Março de 1946)

SABER NÃO BASTA

Por Mariana Aguiar Cabral

Uma das tendências mais perniciosas da nossa geração é pretender seus filhos sábios, sem cuidar de fazer deles homens de bem, úteis a si próprios e aos seus semelhantes.

É infinitamente grande o número de pessoas que supõem que singrar na vida é possuir um diploma de bacharel, ou lente de qualquer universidade.

Isso é que marca o seu lugar na sociedade e cria a inveja e o despeito de muitos; esse é o posto donde podem pavonear-se como super-homens, muito distantes das misérias terrenas! Quantos, depois de obterem esses favores, nem sequer conhecem os próprios pais, endeusados na sua sabedoria, crentes de que pertencem a uma outra esfera.

E vemo-los olhar desdenhosamente a humanidade que não cursou, que ignora o poderio da ciência, o requinte da sabedoria...

E vemo-los passar, alheios, cabisbaixos, vergando ao peso da ciência, como se ela absorvesse todo o seu ser...

Quantos deles, depois de esgotarem a juventude nessa árdua conquista, se convencem de que, a final, a felicidade é um mito, e que quanto mais se sabe, mais infeliz se torna o indivíduo!...

Longe de defendermos a incultura, nós, que professamos o maior apreço pelo desbravamento do cérebro, pelo esvoaçar do pensamento humano nos múltiplos sectores do saber, queremos apenas salientar que nesses potentados da sabedoria existem muitos infelizes, muitos algozes de si próprios e dos outros. Daqui se conclui que o saber adquirido nas cátedras não basta ao homem para o preparar para a vida e lhe dar felicidade.

Quantas vezes mais feliz do que ele se sente o humilde zagal, vivendo entre o céu e a terra sem outra lei que não seja a lei de Deus!

É que dessa ânsia do saber anda muito afastada a verdadeira sabedoria, aquela que torna os homens tanto mais felizes, quanto mais a profundam e compreendem — a sabedoria do Evangelho.

Quem busca afanosamente lugares de relevo na sociedade, só pensa em si, na sua vaidade e nos seus interesses, e isso lhe causará pela vida fora amargura e insatisfação.

Aquele que procura viver em harmonia com as palavras de Jesus, vive para os outros, e essa aspiração lhe trará a verdadeira felicidade, a mais completa felicidade que se pode gozar na terra.

Após uma vida de intenso labutar na conquista do poder, na ambição de um lugar mais alto, que lhe absorveu energias e horas de repouso, o homem chega ao fim da jornada e pergunta a si próprio:

— Que fiz eu, a final?

E tem a sensação da inutilidade dos esforços gastos em anos consecutivos e que a ninguém aproveitaram, porque andara arredado dos ensinamentos do Evangelho.

A sociedade, com os seus poderes e os seus caprichos, levara-o a sonhar com a glória, sem atentar no proveito real que dela adviria.

O homem vale na proporção em que foi útil aos seus e à humanidade e não pelos lugares de relevo que obteve na sociedade, teia de preconceitos, vaidades, absurdos, convencionalismos, obra imperfeita do homem, que lhe reflecte as imperfeições.

O viver escravizado aos seus ditames em completo esquecimento das palavras luminosas do Cristo, é grave erro, pelo qual um dia responderão todos os que assim obrarem.

Tudo é transitório neste mundo. O que perdurará da nossa passagem terrena é a parte humanitária de cada vida que se empregou na solidariedade para com os nossos irmãos, nas acções de amor, num apostolado constante de bem fazer.

Sem este fundo de humanismo, a existencia é uma coisa improficua e tudo o mais é fumo que se esvai ao apagar-se o último alento da existência planetária.

O melhor lugar será o que obtivermos pelo nosso firme desejo de perfeição.

Sabedoria digna desse nome é a que suaviza a dor alheia, que dá conforto ao sofrimento do próximo e lhe ensina a tirar a consequente lição, para que não se tenha de ex-

Recordando a Juventude

por António Pinto de Sousa

A vida é tão cheia de recordações, que homens de génio a têm descrito minuciosamente, em livros de renome, legando-os à posteridade em páginas repassadas de dor, de emoção e de alegria. Sim! recordar é viver, então vivamos dos tempos idos, mas com fé nesta doce e terna Natureza, a quem os materialistas (não discutamos crenças), prestam adoração. Nada mais simpático do que a lembrança do lugar, da aldeia, da vila ou da cidade que nos foi berço, para que sintamos o manancial inesgotável do amor tributado a Deus, que nossos pais nos incutiram.

Leomil, vila encantadora da Província da Beira Alta, foi meu leito, ao qual presto homenagem como segunda mãe, possui águas cristalinas para fertilizar os seus campos que, no tempo estival, matam a sede aos milharais, batatais e hortaliças. Adoro a Serra da Nave, que várias vezes percorri quando tinha vagar, principalmente aos domingos. Aos outros dias, ajudava meus pais nos trabalhos agrícolas ou estudando para me instruir.

Minha mãe, a quem sempre obedecia, mandava-me à missa. não sabendo, que eu adorava Deus fora das inovações do Romanismo, mas sem ter ideia fixa na religião que devia abraçar. Leomil, rival de Moimenta da Beira (sede do concelho), em belezas naturais, possuía, ao mesmo tempos, três cultos, que eram: o Catolicismo, o Protestantismo e o Espiritismo.

Quando havia algum enterro, eu seguia sempre para o cemitério da vila, situado por trás da Capela do Calvário, na qual há lindas imagens, a quem os leomilenses prestam culto. Como sempre. desde que estivesse livre de quaisquer trabalhos, acompanhava o defunto à morada sepulcral e ficava momentos em meditação. Depois, perguntava a mim próprio que futuro teria a alma daquele cadaver. Era preciso, confesso, esta meditação, para que, com conhecimento de causa, disseminasse as doutrinas do Espiritismo.

Por mais paradoxos que houvesse nas religiões existentes, dava-me com todos os seus chefes, respeitando-os cortezmente. Sentia-me outro, se acompanhasse à sepultura um católico, um protestante ou um espirita, mas... não sabia, era céptico, por desconhecer, em absoluto, a vida celestial.

No dia de Todos-os-Santos os leomilenses adquiriam flores para depor nas campas, iluminando-as de noite com lanternas de azeite ou velas. Assim que ceavam, quase todas as famílias (excepto os protestantes e espiritas), iam em romagem aos sepulcros e ficavam constrangidos em adoração aos entes queridos. Homens e rapazes, com o frio de Novembro, fumavam e bebiam aguardente. Cá fora, junto à porta principal do cemitério, faziam uma fogueira para se aquecer da escarça, que caía abundantemente. Durante anos, também tomei parte na celebração desse dia, que não olvido. Conversava com pessoas de minhas relações e amizade, aspirando o perfume dos ciprestes ou dos objectos fúnebres.

Costumes pagãos! Para os aniquilar, tive que dedicar-me às leituras instrutivas, despidas de qualquer dogma católico.

À meia-noite todos iam deitar-se, menos o coveiro, que ficava de vigia às campas adornadas de utensílios fúnebres, fabricados de ouro, prata e outros metais; e vigiava-as activivamente, na espectativa de angariar alguns escudos, tabaco e bebidas.

Ao outro dia, alta madrugada, o sino dava o sinal fúnebre a convidar a população para a romagem aos mortos, entoando o padre e as devotas diversos cânticos litúrgicos. De regresso à igreja, o povo ouvia missa, e, depois, recolhia ao lar muito sensibilizado.

Não procuro atacar os dogmas do Catolicismo; apenas desejo pô-los à luz dos factos, para que muitos indivíduos se convençam de que a salvação das almas está na prática do puro Cristianismo, baseado nos Evangelhos — obra desconhecida de tantos milhares de portugueses e que pode ser adquirida por poucos escudos.

Convençam-se, afirmo: — A instrução, quando acompanhada de educação, purifica criaturas infelizes, se elas souberem sofrer com verdadeira paciência.

---

perimentar de novo, dando-lhe, enfim, a maior soma de felicidade.

Sábio é aquele que põe a sua inteligência e o seu coração ao serviço da humanidade sofredora, quer no plano físico, quer no plano espiritual.

E é esta sabedoria que nos parece se deveria ministrar nos lares, nas academias, nos corações, com tanto ou mais interesse, do que a que se aprende nos livros didáticos.

Deste modo, a escola dos homens seria mais perfeita, em comunhão com a Escola de Deus.

Gabriel Gobron e Paul Bodier propagandistas do Espiritismo

por Henri Regnault
(redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» em Paris)

(Tradução de I. D. S.)

HENRI REGNAULT

Mais um esforçado pioneiro alinha hoje nas fileiras de Estudos Psíquicos, *conforme havíamos predito no número de Junho. Henri Regnault, escritor consagrado, conferencista de largos recursos, organizador invulgar, é vice-presidente da União Espírita Francesa e tem promovido reuniões semanais na Sala de Geografia de Paris, onde milhares de pessoas se comprimem para ouvir a sua palavra fluente e arrebatadora.*

A pesar da guerra que assolou a França, a U. E. F. manteve as suas sessões hebdomadárias, mesmo sob a violência dos ataques aéreos, o que demonstra a coragem e a dedicação dos espíritas franceses.

Henri Regnault substitui o seu e nosso saudoso amigo Gabriel Gobron e promete assídua colaboração, que decerto será apreciada por portugueses e brasileiros. Eis algumas das suas obras, cujos direitos de tradução nos foram concedidos: «La Realité Spirite», «Le Reflet des Fillets Bleus», «La Mediumnité à Incarnation», «Léon Denis et l'Expérience Spirite», «Seul le Spiritisme peut Rénover le Monde», «La Mort n'est Pas», «Les Vivants et les Morts», «Le Chantage Sentimental», «Le Bonheur Existe», «Tu Revivras», etc., etc.. Esta última será publicada por Estudos Psíquicos Editora.

A acção deste novo colaborador será incisiva e brilhante, como a de Deolindo Amorim e do Dr. Luís Cristóforo Postiglioni. Seja benvindo a este reduto! Estudos Psíquicos *o saúda e lhe agradece a camaradagem leal e o esforço metódico que vai desenvolver nestas colunas.*

POIS que de hoje em diante terei o prazer de falar de Espiritismo em *Estudos Psíquicos*, não poderia fazê-lo melhor do que dedicar o meu primeiro artigo à memória de dois escritores espíritas franceses que foram também meus grandes amigos.

Mas eu não devo empregar o pretérito. Eles são bons amigos, porque não obstante a desaparição de seus corpos físicos ocasionada pelo trespasse, estão mais vivos do que nunca e espero que me inspirarão e ajudarão na minha tarefa de propagandista.

Um deles, Gabriel Gobron, é bem conhecido dos nossos leitores, visto que me precedeu na missão que me confiou Isidoro Duarte Santos. O outro, Paul Bodier, havia conquistado em França um lugar de vanguarda, como escritor e conferencista espírita.

Conheci Gabriel Gobron em 1921, quando eu dirigia *L'Etoille* (A Estrela), pequeno jornal destinado à defesa do ideal de fraternidade social resultante do Espiritismo. Recebi então um belo romance: «Yan, fils de Maroussier»; e encontrando nele reflexos de Espiritismo, consagrei-lhe uma das minhas conferências. Deste primeiro contacto com o autor nasceram relações amistosas e fraternais. Professor, excelente conferencista, escritor de

talento, Gabriel Gobron não hesitou em declarar-se espirita; e a despeito das suas funções oficiais, teve a coragem de defender sempre a nossa ciência por todos os meios ao seu alcance. Conhecia muitas línguas e esta particularidade muito o auxiliou na propaganda.

As suas obras dão a conhecer os costumes da Lorena, terra onde nasceu. São, portanto, regionalistas.

Como plumitivo, preferiu os artigos de revistas e jornais e as conferências, à publicação de livros.

«Yan, fils de Maroussier» é um romance espirita. «Notre Dame des Neiges» é a história duma família de padeiros em que descreve a sua infância com palavras truculentas e rabelesianas. São as aventuras da sua própria família.

Na dedicatória amiga que acompanhava o volume que me ofereceu, escreveu ele as seguintes palavras: «Piedosa história duma reencarnação afirmada de quando em quando com profissão de fé espirita».

Os outros livros que publicou são alheios ao Espiritismo, mas quase todos impregnados da sua convicção e da sua certeza.

Era professor em Rethel, onde morreu em 18 de Julho de 1941, com 46 anos de idade. Talvez que um dia, ao terminar a crise do papel, se possam reunir em volume os magníficos artigos escritos em diversas revistas espiritas e nos quais defendeu corajosamente o ideal social que decorre da nossa ciência.

* * *

O meu amigo Paul Bodier, que há anos se havia fixado em Bolleville, na Normandia, trabalhou muito depois de aposentado. Morreu aos 71 anos, no dia 2 de Maio de 1946, e deixa dois manucritos: «A Sombra de Deus» e «A Lógica das Vidas Sucessivas».

Survie, órgão da *União Espirita Francesa* (1) interrompeu a publicação desde Junho de 1940 a Janeiro de 1946. O primeiro número publicado após a terrível tormenta inseria um extracto do seu livro acerca da reencarnação.

Não sei se a sua obra é conhecida em Portugal. Se não for, merece sê-lo (2). Espirita kardecista, Paul Bodier publicou obras romanceadas onde vulgarizou a doutrina espirita, defendendo talentosamente a teoria reencarnacionista. «La Villa du Silence» (A Granja do Silêncio), «Le Manoir des Ombres» (A Casa das Sombras) e «Sous les Cendres du Passé» (Sob as Cinzas do Passado) obtiveram merecido êxito.

Falarei especialmente da «Granja do Silêncio». Ali se encontram documentos deixados por um doutor em medicina ligado a um caso de reencarnação.

A obra começa assim: «A 8 de Maio de 1910, recebia eu um breve telegrama assim concebido: *Doutor Gilles Bodin moribundo solicita imediatamente a vossa presença*».

Em 1942, um sócio da U. E. F., que lera este livro na nossa Biblioteca, tinha-me encarregado de perguntar ao autor se tal médico havia realmente existido. Paul Bodier escreveu-me:

«Não cometo indiscrição alguma, respondendo a esse consócio que o Doutor Bodin existiu, de facto. Simplesmente lhe mudei o nome de baptismo. Outrora viveu em Tours, na Praça do Arcebispado, hoje Praça de Emile Zola. O telegrama é exacto».

Desta forma, o autor partiu dum facto real para escrever o seu «documento». O livro foi prefaciado por Gabrial Delanne, meu mestre e amigo, que tinha toda a razão, ao escrever:

«Estou absolutamente convencido de que «A Granja do Silêncio» encantará os leitores, porque ao interesse empolgante da narrativa, à gradação sàbiamente conduzida dos episódios, se ligam discussões bem engendradas que põem em relevo a importância filosófica destes acontecimentos, de que resulta uma síntese da doutrina espirita, sobretudo das vidas sucessivas, que se gravará na memória dos leitores.

«O estilo é aliciante e poético, sempre atraente, mal se sentindo o esforço do autor, esforço que deve ter sido considerável para dar à obra tal carácter de realidade (3).

«Agradeçamos, pois, a Paul Bodier a nobre tarefa que empreendeu, esperando que o grande público saboreie o encanto deste livro e lhe proporcione todo o êxito que merece,

---

(1) Durante toda a guerra, a *União Espirita Francesa* manteve regularmente três reuniões por semana na sua sede social, 10 , Rue Léon-Delhomme, Paris (XV^{e}).

(2) De Paul Bodier, temos «A Granja do Silêncio» (La Villa du Silence), traduzida em português pela Livraria Editora da Federação Espirita Brasileira *(Nota da Redacção)*.

(3) Esta obra encontra-se à venda na nossa secção de livraria. Vide Catálogo na 2.ª e 3.ª páginas da capa (*Nota da Redacção*).

visto que um livro destes é ao mesmo tempo uma bela obra e uma boa acção».

Entre as obras editadas pela casa Didier, uma das mais notáveis é talvez «O Espírito Consolador» do Padre Marchal (1). É um livro admirável publicado por um religioso, a pesar do veto de Roma, e raríssimo, pois, como bem disse o meu amigo Georges Mélussion no seu livro «Porque me Tornei Espirita», os exemplares «foram procurados por toda a parte, a fim de serem destruídos». Por isso, excelente ideia teve Paul Bodier, em 1923, escrevendo um estudo documental acerca desta obra, da qual transcreve numerosos passos, através de comentários muitíssimo judiciosos. Este livro é útil a todos os que desejam comparar os dogmas obsoletos das religiões e as descobertas científicas, graças às quais podemos entrever a aliança deprimente da Ciência e da Religião.

Como desejava Paul Bodier, estas páginas dão «esperança e fé esclarecida» à alma dos que duvidam, dos que sofrem, dos que choram a perda dos entes queridos, roubados ao nosso convívio pelo trespasse.

Depois de citar «O Apóstolo» e «Como se faz um Médium», devo assinalar também entre os livros de Paul Bodier o estudo que ambos escrevemos a respeito da vida dum dos melhores propagandistas do Espiritismo e que intitulámos: «Um Grande Discípulo de Allan Kardec: Gabriel Delanne».

Seria interessante poder reunir em volume os múltiplos artigos publicados por Paul Bodier em diferentes revistas, bem como os numerosos discursos que proferiu nos aniversários da morte de Allan Kardec.

Realizou muitas conferências. Uma delas consagrou-a ele à mulher e ao Espiritismo e foi publicada em brochura pela *Sociedade Francesa de Estudos dos Fenómenos Psíquicos*, sob o título «O Papel da Mulher Moderna».

Depois da publicação, Paul Bodier foi eleito presidente desta Sociedade, da qual fôra sócio, secretário geral e mais tarde vice-presidente.

Também era membro da Direcção da União Espirita Francesa.

Fixado na Normandia, fez ali obra regionalista. Em 1928, a Sociedade Literária *La Pome* premiou com medalha de prata o seu livro «Vernon, Ville Normande».

Como Gabriel Gobron, Paul Bodier exerceu acção útil e duradoira, durante a sua vida terrestre. No declinar da existência, ambos puderam recordar sem tristeza os seus esforços e os seus trabalhos.

Ao terminar este artigo dedicado à sua memória impetro mais uma vez o seu auxílio e o de todos os propagandistas do Espiritismo que me precederam no Além. Que eles me guiem e aconselhem para continuar a minha tarefa e fazer compreender a verdade sublime que reside no Espiritismo!

(1) Este livro encontra-se igualmente traduzido em português e vai em breve sair nova edição, publicada pela Livraria da Federação Espirita Brasileira.

A MELHOR FILOSOFIA

Conta-se que Epifânio, bispo de Chipre, convidou um abade seu velho amigo e homem de não pequenas virtudes, a passar alguns dias em sua companhia.

Certa vez, durante uma refeição, o bispo ofereceu ao digno abade um pedaço de carne.

— Peço-vos mil desculpas, meu bom amigo — disse o virtuoso comensal — mas não posso aceitar o que acabais de oferecer-me.

E acrescentou:

— Depois que tomei esta santa veste, jamais levei à boca um pedaço de carne.

Tornou o grande Epifânio:

— Quanto a mim, meu caro amigo, desde que tomei este hábito, não deixei que pessoa alguma guardasse de mim a menor queixa ou o mais leve ressentimento; e, por minha parte, jamais procurei repouso do sono enquanto conservasse no peito um sentimento qualquer de aversão ou de mágua!

Vencido por tais palavras, em que se resumia, na verdade, uma vida perfeita de santo, exclamou o abade:

— Perdoai-me, Senhor! Não passo de um mísero pecador. A vossa filosofia é muito superior à minha!

O judicioso Epifânio procurava ser tolerante e bondoso, a fim de livrar o seu espírito das arestas e das imperfeições.

Elevando-nos pelo caminho ordinário à montanha da perfeição, não chegamos lá senão depois duma longa jornada. Há estátuas, observa São Francisco de Sales, que custaram ao escultor mais de trinta anos de trabalho. Mas a perfeição do espírito é uma obra muito mais eminente ainda; convém, pois, paz e confiança em Deus. Muito cedo teremos o que desejamos, quando o tivermos na hora em que aprouver a Deus no-lo conceder.

(De «O Nosso Guia»)

AFRICANISMO E ESPIRITISMO

por Deolindo Amorim

(redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» no Rio de Janeiro

II

NOSSO objectivo, que ficou bem claro no artigo anterior (1), é apenas fazer distinção entre Espiritismo e Africanismo, sem outro intuito que não seja o de esclarecer e separar, à luz dos próprios elementos de estudo, dois campos de pesquisa absolutamente diferentes. O Africanismo, todas as suas seitas e cultos, deve ser estudado à parte, assim como o Espiritismo, porque não há entre um e outro relações de cultura nem afinidade histórica. As práticas afro-católicas, como vimos no artigo anterior, datam de época muitíssimo recuada e são de origem heterogénea, ao passo que a escola de Allan Kardec é de origem europeia e obedece a rigorosa unidade de princípios. Não há, portanto, semelhança com as práticas do culto africanista, em cuja mesclagem entraram elementos diferentes, notando-se especialmente o muçulmano. Formou-se, assim, uma estrutura religiosa muito complexa. Depois de 1850, quando se extinguiu o tráfico africano, a escravidão ainda continuou, no Brasil, até 1888. Naturalmente, com a extinção da escravatura, o elemento africano começou a assimilar, com relativa facilidade, os nossos hábitos, as nossas inclinações culturais por força da convivência com a civilização branca. Integrando-se na sociedade como elemento livre, o africano, a pesar desta circunstância, não abriu mão de suas heranças religiosas, incorporadas, através de séculos e séculos, ao acervo de sua *psiché*. Embora diluídas, mescladas com o Catolicismo, não perderam as práticas religiosas de origem africana as suas características gerais, conquanto se encontrem, desde muito tempo, sensìvelmente prejudicadas na originalidade, em virtude das influências que nelas se fizeram sentir. Estas considerações, de ordem geral e à guisa de introdução, pretendem simplesmente recapitular os argumentos apresentados anteriormente.

Passemos ao confronto. O culto afro-católico tem ritual, e ritual muito variado: adora símbolos e imagens; venera divindades. O Espiritismo não tem ritual nem imagens, assim como não rende culto a divindades, visto que as suas práticas são simples, absolutamente simples, tendo a preocupação exclusiva de melhorar as condições espirituais da criatura humana e solidificar no espírito de seus adeptos a crença em Deus, baseada em princípios morais e filosóficos. Não se discute que o objectivo do culto afro-católico, com todos os seus elementos religiosos e culturais, seja ou não o Bem. Mas o que se acentua é que o Espiritismo não se identifica nem se confunde com o Africanismo. A prática deste último obedece a prescrições ritualísticas, enquanto a prática espirita dispensa e rejeita qualquer fórmula sacramental, qualquer objecto de culto, etc. O pensamento da doutrina espirita, a respeito de símbolos, fórmulas, etc., está bem definido pelo próprio codificador do Espiritismo: «*Muitas pessoas certamente prefeririam outra receita mais fácil para repelirem os maus espíritos: por exemplo, algumas palavras que se proferissem, ou alguns sinais que se fizessem, o que seria mais simples do que corrigir-se alguém de seus defeitos. Sentimos muito; porém, nenhum meio eficaz conhecemos de vencer-se um inimigo, senão o fazer-se mais forte que ele. Temos, pois, que nos persuadir de que não há, para alcançarmos aquele resultado, nem PALAVRAS SACRAMENTAIS, nem FÓRMULAS, nem TALISMÃS, nem SINAIS MATERIAIS quaisquer* (Destacamos, na transcrição, as últimas palavras em «caixa alta»).

Lê-se adiante mais este ensino: «*Em resumo: a prece fervorosa e os esforços sérios que a criatura faça por melhorar-se, constituem os ÚNICOS meios dela afastar os maus espíritos...*» (2).

---

(1) *Estudos Psíquicos* de Março de 1946.

(2) Allan Kardec — «Obras Póstumas», 9.ª edição.

* * *

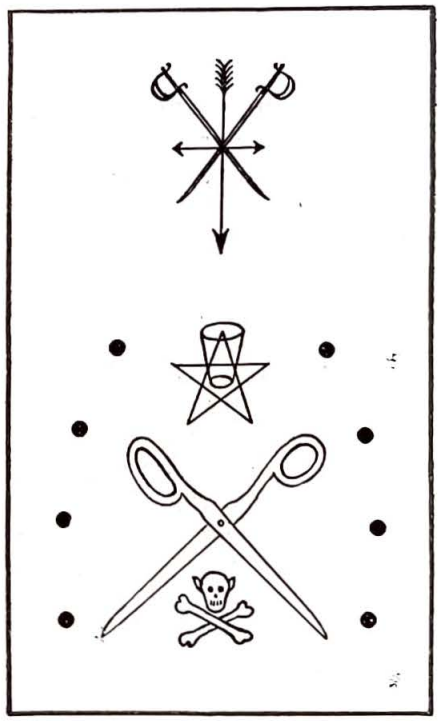
O Espiritismo, como se sabe, desaprova inteiramente o uso de exorcismos, talismãs ou «palavras sacramentais», enquanto os *terreiros* feiticistas fazem dessas práticas o fundamento de suas cerimónias. Vê-se, portanto, que a diferença não se verifica ùnicamente quanto ao aspecto histórico, já referido, mas, também, quanto à forma, pois não há semelhança alguma entre as práticas de mediunismo exercitadas nos cultos africanistas e a verdadeira prática espirita. Agora mesmo acaba de ser publicado, no Rio de Janeiro, um livro intitulado «Trabalhos de Umbanda ou Magia Prática», de autoria do Sr. Lourenço Braga, adepto do culto umbandista e autor de outros trabalhos da mesma natureza. Nesse livro, por exemplo, há elementos suficientes para demonstração da tese: *Umbandismo* não é *Espiritismo*.

Vejamos. No capítulo em que trata da organização dos *terreiros*, diz o livro do Sr. Lourenço Braga: «*O terreiro deve ficar separado da assistência por uma certa divisória, tendo entrada ou abertura de 1m,50 para entrada e saída de sócios*».

Verifiquemos, neste pequeno trecho, como é flagrante, como é palmar, como é racional a ausência de qualquer semelhança entre *Espiritismo* e *Umbandismo*: *O altar deve ter a imagem do padroeiro em tamanho maior que as outras imagens, para se destacar melhor, ou então, ùnicamente o padroeiro. Os médiuns e cambonos devem trabalhar de branco e calçados de sapatos de ténis, ou descalços. Ao lado esquerdo do peito da camisa ou guarda pó, deverá ser bordado em azul, verde ou roxo, o «ponto» simbólico do padroeiro e, ao lado direito, o nome de baptismo do médium ou cambono.* As sessões espiritas, orientadas segundo as regras estabelecidas pela codificação kardeciana, não têm ritual, não se realizam sob qualquer feição espectacular. Confronte-se, então, a simplicidade de uma sessão espirita com o ritual de uma sessão de *Umbanda*, segundo os próprios adeptos deste culto. Aqui está um exemplo. No capítulo em que trata de «abertura e encerramento de sessões», ensina o livro citado: «*Em um canto da entrada principal da casa deverá ser feita a «tranqueira» (ponto de segurança dos trabalhos) da seguinte forma: riscar com «pemba» branca um ponto de Ogum, cruzado com Exú e Ganga e, por trás desse ponto, riscar um signo de Salomão e sobre ele colocar um copo de água salgada com sal grosso. Em seguida, cantar os «pontos» de Ogum, Exú e Oxalá, salvando com marafo (paratí) pedindo-lhes que protejam os trabalhos contra qualquer carga fluídica que venha a ser projectada por alguém, ou contra a falange de espíritos perturbadores; porém tal trabalho não deve ser feito por uma só pessoa, mas por duas, pelo menos*» (Sic).

Diante de toda essa complicada mistura de elementos afro-católicos, sem nenhuma relação com o Espiritismo, não há razão para se confundir a prática espirita com qualquer das práticas de *Umbanda*, que é um dos ramos do Africanismo, e por sinal o mais popular no Rio.

Eis aqui, nesta zincogravura, extraída de «*Trabalhos de Umbanda ou Magia Prática*, alguns símbolos do culto umbandista:



São «pontos» de terreiro, como se vê. Que relação tem tudo isso com o Espiritismo? Nenhuma, absolutamente.

Aí está o sincretismo bem característico. A fusão não é exclusivamente religiosa, mas também linguística. A nomenclatura do culto umbandista apresenta variedade de procedências, o que prova, ainda mais, a acentuada mesclagem das práticas afro-católicas. O elemento africano, que já veio para o Brasil muito dividido em seus grupos étnicos, transplantou para este país, tanto a influência cul-

tural como o contingente de sua contribuição linguística. O cruzamento, portanto, foi completo: religião, cultura e língua.

No português falado no Brasil, principalmente em matéria culinária, já se acham incluidos inúmeros termos de origem africana.

Temos *tutú, quituto* (este, de origem «ioruba», da Guiné, possìvelmente) *quibebe, mungunzá* ou *muncunzá,* como se chama na Baía, etc. etc. Muitos hibridismos se formaram com elementos africanos. A língua portuguesa recebeu, justamente por influência do cruzamento com o africano, uma série numerosa de termos e raízes, tendo-se deturpado muitos deles pelo uso popular. Daí se encontrar na terminologia umbandista verdadeiro «arranjo» de nomes tomados a diferentes origens.

Os ramos *ioruba* e *sudanês* forneceram à língua portuguesa muitos nomes de «génios». «divindades», objectos de culto, etc., criteriosamente anotados pelo professor Jacques Raimundo. Como, por exemplo, *Babalaô, Exú, Xangô, Ogungum, Ojá, Olorum, Iomanjá* (1).

Até nas relações linguísticas se reconhece a filiação do Umbandismo, como de todas as formas de feiticismo existentes no Brasil, à fonte do Africanismo, grandemente ramificado e, desde longos anos, fusionado com o Catolicismo.

* * *

É verdade que não foi apenas do tráfico africano que nos veio infiltração linguística. Grande, como é notório, é a influência do *Tupi* na língua portuguesa, cujo vocabulário já pode alinhar numerosos termos oriundos do idioma nativo. Mas, no Brasil, a terminologia religiosa do africanismo misturou-se com termos próprios do culto católico, o que prova, evidentemente, a tendência de assimilação. O Africanismo procura aproximar-se mais do Catolicismo do que do Espiritismo. Mais uma razão, e muito forte, para não se confundir Umbandismo e Espiritismo, nem qualquer outra prática de procedência feiticista. Temos, por exemplo, nas práticas da *linha de Umbanda,* muitos termos peculiares ao Catolicismo: «padroeiro», «baptismo», «altar», etc., etc. Verifica-se, portanto, a começar pela preferência de termos inerentes aos actos da liturgia católica, que o culto feiticista inclina-se francamente para o Catolicismo e não para o Espiritismo. O Africanismo fundiu-se, amalgamou-se com o Catolicismo, naturalmente por contacto ritualístico, pela semelhança de cultos exteriores. O facto de haver pessoas propensas a transformarem tais práticas, procurando adaptá-las ao Espiritismo, não justifica, todavia, qualquer confusão a respeito. Existe, simplesmente, a manifestação de espírito no Africanismo, como no Espiritismo, no Catolicismo, etc.; mas o Espiritismo não tem pontos de concordância com nenhuma das ramificações do Africanismo.

Os nomes privativos do culto feiticista, hoje bastante modificado, mostram, por si mesmos, que não há traço de união entre as práticas espiritas e as cerimónias daquele culto. Na *Linha Umbanda,* que é, como já dissemos, a mais vulgarizada, principalmente no Rio de Janeiro, embora sem as características originais, porque já se modificou, em grande parte, por influência do Catolicismo, o templo é *terreiro;* o médium é *cavalo;* o *marafo* (bebida que, na Baía, se chama «cachaça») faz parte das cerimónias, e assim por diante. Há diferenças regionais, tanto no culto, como na própria nomenclatura. Diz-se *candomblé,* na Baía, ao passo que no Rio de Janeiro, as cerimónias feiticistas, com tambores, «pontos» cantados, linhas cruzadas no chão, etc., são chamadas de *macumbas.* Não se contesta que haja sentimento de caridade em tais cerimónias, mas o que se deve considerar é que não existe ligação alguma entre Africanismo e Espiritismo. Ainda há pouco tivemos um exemplo convincente. Tendo ocorrido, na Capital baiana, a desencarnação de um velho «pai de santo», aliás muito popular, realizou-se a singular cerimónia da *troca de cabeças* por ocasião do enterro. De onde vem tão curiosa cerimónia, senão do Africanismo? Tem o Espiritismo, porventura, alguma cerimónia para enterrar os seus defuntos? Não. Logo, não há paralelo entre os actos espiritas, todos eles naturais, simples e espontâneos, com os actos religiosos do Africanismo. O jornal *A Tarde,* de Salvador, Baía, noticiando o enterro do «pai de santo», Manuel Bernardino da Paixão, em sua edição de 18 de Abril deste ano, descreveu a cerimónia do seguinte modo:

«O esquife, armado na sala da frente, repousava sobre um estrado. O corpo estava todo recoberto de flores, emergindo apenas o rosto regular, escuro, ama-

(1) Jacques Raimundo—«*O Elemento Afro-Negro na Língua Portuguesa*»

relecido pela morte. Círios imensos ladeavam o caixão, perto do qual havia água benta, com a qual os visitantes salpicavam o cadáver.

Para o interior, várias dezenas de pessoas se comprimiam. Todos os espelhos da casa estavam cobertos com pano branco.

Quando um «pai de santo» se transfere para o outro mundo, deixa o seu substituto legal, o discípulo mais capaz e mais querido. Logo à morte, o sucessor, antes do sepultamento do «mestre», submete-se à cerimónia conhecida por «troca de cabeças». Em consequência desse acto, o novo «babalaô» fica revestido das prerrogativas do primeiro.

Justamente para ser processada essa cerimónia, atrasou-se o enterro de Bernardino. O seu substituto, «Paizinho», mais conhecido por «Bandanguami», reside no Rio. Agora, por força do culto, tem que se transferir para a Baia, onde assumirá as funções de Bernardino. Avisado pelo telégrafo, Paizinho prometeu vir a tempo de se submeter à cerimónia da «troca de cabeças». Por isso uma delegação de «filhos», montou guarda Ipitanga, esperando a chegada do seu «novo pai», para conduzi-lo directamente para o cemitério das Quintas, onde ainda poderão efectuar a solenidade. Também se aguardava a chegada de Cilial, da Vila América, no caminho do Rio Vermelho de Baixo. Cilial estava na zona do sudoeste, quando recebeu a notícia e prontificou-se a chegar antes do enterramento de Bernardino. Por isso é que o enterramento do chefe do culto de Oxalá foi retardado até cerca das 11 horas».

O caixão — diz ainda o jornal — «seria depositado nas palmas das mãos e o trajecto seria feito em forma de zig-zag, ao som de hinos próprios».

Tudo demonstra, como aí está descrito o enterro, que o Africanismo tem culto próprio. Nos *terreiros,* o que se verifica, não de hoje, mas desde muito tempo, é combinação de práticas feiticistas e católicas. A crendice popular, entretanto, tende francamente para introduzir o Africanismo no Espiritismo, tanto assim que já se observa em determinados centros alguma inclinação bem visível para o ritual umbandista. Trata-se, aí, de herança cultural, favorecida pela educação católica. A própria divulgação do Espiritismo por processos inteligentes contribui para destruir, por evolução, os remanescentes da influência afro-católica. O Espiritismo encontrou, no Brasil, a preponderância do Africanismo e do Catolicismo, com um factor absolutamente favorável: o precário nível intelectual das massas, educadas na superstição e sob o influxo da Religião Católica, que lhe imprimiu o apego aos ídolos, aos símbolos, etc. Difícil tem sido ao Espiritismo reagir contra a propensão de grande parte de seus simpatizantes para o culto feiticista. Daí, muita gente, que desconhece o assunto, que não sabe o que é Espiritismo, dizer que Espiritismo e Umbandismo são sinónimos... Eis um erro que precisa de ser desfeito. Nem Umbandismo, nem qualquer outra forma de Africanismo constitui modalidade do Espiritismo.

Não foi exclusivamente no Brasil que se deu essa mistura, ou, melhor, entrosagem cultural. Ela teve expansão, e muito grande, em vários outros países, suscitando estudos consideráveis, como, entre outros, os que foram realizados pelo notável folclorista americano Fernandó Ortiz. de Cuba. A junção de elementos absolutamente sem ligação histórica ou social, às vezes unidos por factores políticos ou simplesmente económicos, produz mesclagem muito confusa, tornando-se difícil, depois de certo tempo, qualquer pesquisa para determinar qual a maior dosagem cultural na formação de alguns povos. Um exemplo típico é o das Filipinas, cuja formação é muito complexa. Mouros, malaios e espanhóis, ali se agruparam, formando o «labirinto» que os Padres Murilo Valarde e Juan Ferrando estudaram pacientemente. Entre os «negritos» das Filipinas, os estudiosos identificaram o uso de *tatuagem,* tal como entre os índios paraguaios, na época da catequese. A infiltração cultural, já «misturada», igualmente se faz sentir em Cuba e no Haiti. No Brasil, porém, a junção do Catolicismo com as práticas feiticistas não teve por característica principal e exclusiva a *tatuagem* com que se distinguiam diferentes divisões étnicas da América Central. Praticou-se mais o *exorcismo,* no Brasil, para expulsar «demónios» ou maus espíritos. A prática já era conhecida dos jesuitas, que a utilizaram também nas Missões do Prata. Os índios *guaicurús,* do Paraguai, catequizados pelos missionários jesuitas, usavam *tatuagem,* segundo depoimento do Padre Carlos Teschuer S. J.: «*Pintavam o corpo e usavam tatuagem, tanto os homens como as mulheres, porém as esposas dos tuxavas a restringiam aos braços, deixando a do rosto às subalternas e escravas*» (1). Ora no culto umbandista ainda se encontra o

(1) *Vida e Obras do Padre Roque González* (Publicação feita pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul) — 1926.

exorcismo, que é, sem dúvida alguma, herança das primitivas práticas da catequese, assim como se observa em certos «pais de santo» evidentes sinais de tatuagem nos braços. Está bem claro, portanto, que as religiões de origem africana aderiram, tanto no Brasil como em vários outros países da América, às práticas do Catolicismo e do culto aborígene, muito antes de se conhecer a própria palavra *Espiritismo*.

A expansão da doutrina espirita, a partir do século passado, isto é, de 1857, encontrou o cruzamento, o consórcio cultural já formado, A pesar da existência, cada vez mais generalizada, do sincretismo (Africanismo, Catolicismo e Mediunismo), não se pode negar o contingente cultural do elemento africano, cuja psicologia ainda está a solicitar estudos especiais e bem demorados. A cultura de origem africana é uma vasto campo de estudo, como pondera o Professor Artur Ramos: — *No investigar as influências que o negro africano exerceu no Novo Mundo, temos de considerar os tipos negros, não com as suas características biológicas (isso pouco importa ao nosso ponto de vista), mas como representantes de culturas que foram transportadas de suas áreas naturais para outros povos e outras culturas, onde se puseram em contacto* (1).

* * *

Pode-se encarar o assunto sob o ponto de vista cultural, com exclusão da parte religiosa. Ainda assim, está patente que nenhuma semelhança existe entre *Umbandismo* e *Espiritismo*, embora se registem, tanto nas sessões espiritas, como nos *terreiros* afro-católicos, indiscutíveis fenómenos anímicos ou extra-terrenos, comuns a quaisquer trabalhos de natureza psíquico-experimental. Quando se realizou, por iniciativa do sociólogo Gilberto Freire, em 1934, o 1.º Congresso Afro-Brasileiro, outra preocupação não presidiu àquele importante empreendimento, senão a de examinar criteriosamente a influência africana sob todos os aspectos, no Brasil. Mas não se provocou estudo especial para separar o que é exclusivamente feiticismo, com os elementos afro-católicos que lhe são peculiares, e o que, de facto, é Espiritismo. Para muitos estudiosos, folcloristas, sociólogos, etnólogos, todo esse conjunto de práticas primitivas, enxertadas de elementos do Catolicismo, constitui Espiritismo, simplesmente por haver, em tais práticas, factos que se enquadram no estudo do mediunismo e do animismo. Dá-se, portanto, ao Espiritismo, aliás impròpriamente, uma desiguação geral, quando só se pode considerar Espiritismo aquilo que corresponde aos princípios de sua doutrina.

Entre os próprios umbandistas há quem reconheça a origem remotíssima da religião de *Umbanda*, cuja estrutura fundamental, como ficou dito no artigo anterior, está muito desfigurada. Mas, como facto histórico, o culto de Umbanda deriva do tronco feiticista da África, sem a menor ligação com o Espiritismo. Lê-se, a propósito, no corpo de uma das teses apresentadas ao 1.º Congresso Brasileiro de Espiritismo de Umbanda, reunido no Rio de Janeiro, em 1941, o seguinte: *Não obstante as divergências por vezes profundas na concepção que de Umbanda têm os seus afeiçoados e adeptos, todos são acordes quanto às suas origens africanas* (2). A palavra «Espiritismo» está empregada sem cabimento lógico, no título do trabalho). *Umbanda* é ramo do Africanismo, como está demonstrado pelo consenso das opiniões mais autorizadas. Com a diluição do Africanismo puro, as suas práticas começaram a apresentar, como ainda apresentam, feição mista de catolicismo primitivo, verificando-se manifestações antiquadas, em determinados casos, para evidenciar a fusão de que a maioria dos autores se têm ocupado. A transformação do elemento negro é reconhecida, também, por um dos maiores estudiosos dos assuntos brasileiros: Pandiá Calógeras, estadista e homem de grande cultura, que, embora não trate do assunto como especialista, faz observação muito acertada: *A descendência abundantíssima, a princípio, do elemento africano, começou a diminuir pela decadência de sua pureza racial: surgiu uma camada, em aumento crescente e ininterrupto, de mestiços, meios-sangues, quarteirões e ainda menos coloridos. Até hoje não parou a diluição pigmentar* (3). O meio brasileiro, por força das condições em que se fundiram os elementos primaciais de sua formação, evidentemente não permitiu que se conservasse a

(1) Artur Ramos — «*As Culturas Negras no Novo Mundo*» — 1937.

(2) *Anais do Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda* — Rio, 1942.

(3) J. Pandiá Calógeras — «*Formação Histórica do Brasil*» — 4.ª edição, 1945.

MEDITAÇÕES

NÃO ÉS VERDADEIRO ESPIRITA...

por Maria Veleda

...Se não puseres acima de todas as contingências da vida terrena a confiança absoluta num Deus de infinita piedade e de infinita misericórdia,

— ...não és verdadeiro espirita.

...Se temes a morte e ainda não compreendeste que só Ela *nos pode conduzir à suprema libertação,*

— ...não és verdadeiro espirita.

...Se o teu ideal não consistir em procurar a luz para ti e para os teus irmãos, mergulhados na treva da ignorância,

— ...não és verdadeiro espirita.

...Se não te esforçares por destruir em ti o germe do egoismo, que é o maior inimigo do progresso espiritual,

— ...não és verdadeiro espirita.

...Se te ensoberbeceres e retribuires o mal com o mal, respondendo à violência com a violência,

— ...não és verdadeiro espirita.

...Se tiveres amor ao dinheiro, caindo no duro pecado da avareza,

— ...não és verdadeiro espirita.

...Se procurares tirar do Espiritismo qualquer vantagem que lisongeie a tua vaidade ou satisfaça as tuas conveniências,

— ...não és verdadeiro espirita.

...Se fizeres da caridade alarde, se não dissimulares os teus benefícios, se não diligenciares amparar por todos os meios ao teu alcance aqueles que padecem,

— ...não és verdadeiro espirita.

...Se não te estudares, não te empenhares em subjugar os próprios defeitos,

— ...não és verdadeiro espirita.

...Se deres crédito a superstições, se fizeres do Espiritismo uso imoderado, considerando-o como fácil passatempo,

— ...não és verdadeiro espirita.

...Se não conseguires vencer o medo, se te deixares subalternizar por qualquer vontade alheia,

— ...não és verdadeiro espirita.

...Se não fores bondoso, tolerante e pacífico para com aqueles que se encontrarem na tua dependência,

— ...não és verdadeiro espirita.

...Se guardares rancor ou ressentimento contra alguém e puderes experimentar regosijo com o sofrimento de quem te quiser mal,

— ...não és verdadeiro espirita.

...Se retribuires materialmente aos médiuns os seus serviços, contribuindo assim para que eles se afundem no abismo da venalidade,

— ...não és verdadeiro espirita.

...Se todo o teu empenho não obedecer ao mais alto fim, que é progredir dia a dia, hora a hora, instante a instante,

— ...não! não és verdadeiro espirita!

---

integridade cultural do africano. A desfiguração do culto religioso é um exemplo. O ambiente tornou-se, desde os tempos primitivos, campo aberto ao mediunismo popular, a que muita gente chama, sem propriedade, Espiritismo. Das massas que frequentam sessões mediúnicas e *terreiros* de Umbanda, grande parte, incluindo-se muitos médiuns, trouxe no subconciente a influência do Catolicismo. Daí a inclinação, como que por «hereditariedade psíquica», para as cerimónias feiticistas, porque o ritualismo, a apresentação exterior das cerimónias e a magia dos símbolos não deixam de constituir ponto de atracção para as pessoas que ainda não se emanciparam de sua ancestralidade psíquica e da influência do meio ambiente. O fenómeno, entretanto, é de natureza mais cultural do que pròpriamente religiosa. Com a preocupação do estudo, da investigação para buscar a Verdade, é que se deve orientar a pesquisa no terreno histórico, antropológico e psicológico, para alcançar a distinção entre Africanismo e Espiritismo.

(a concluir)

A Missão de Jesus

por Fernando da Cruz Ferreira

X

O Rabinismo ignorava o que eram as boas vindas ao pecador, não conhecia os braços do Pai de família, apertando ao coração o filho pródigo ainda coberto de andrajos, ignorava a causa do impulso que tinha arrancado para fora de sua casa este Pai ofendido profundamente no seu amor para poupar ao filho culpado de suas amarguras, uma boa parte do caminho.

E nós, depois de séculos de cristianismo, ainda tantas vezes o ignoramos.

Ufanos da nossa vã justiça, desconhecemos as profundezas da misericórdia Divina.

Como os fariseus de há dois mil anos, diríamos ao Mestre e aos discípulos: «Porque razão o Vosso Mestre e também vós, comem com os publicanos e os pecadores?».

Mas escutemos a resposta: «O médico não é necessário para os sãos, mas sim para os doentes.»

«Ide e aprendei o que siginifica: — Eu quero a misericórdia e não o sacrifício.»

«Não vim para chamar os justos, mas os pecadores.»

E chamavam-se «os justos»! «os sãos»! esses homens inchados pelo orgulho e cheios de dureza de coração, esses privilegiados, fazendo vergar o próximo sob o peso da sua austeridade hipócrita!

Para eles, como para uma palha inútil, a poeira das maldições ia passar no termo da **aparente** vida material de Jesus numa rajada de indignação ardente e terrível. Os justos, os sãos?! Os estudantes sinceros das escrituras sagradas julgaram ver, nestas palavras do Mestre, uma forma de ironia semelhante à de Deus para Adão depois do pecado:

«Eis aqui Adão semelhante a um de vós».

E convidam-nos a completar a frase de Osias de que Cristo na sua bondade apenas profere o começo, mas estes letrados e estes sábios podiam também concluir: «como Adão, transgrediram a Aliança. Foram-me infiéis».

O Cristo parece confirmar esta interpretação.

Aos fariseus que se chamam a si próprios «os justos» não devia Êle dizer um dia: «Vós sois aqueles que se fazem passar por justos diante dos homens, mas Deus conhece os vossos corações, e o que parece elevado aos olhos dos homens, é muitas vezes uma abominação perante Deus.

No termo da sua missão, Jesus ouviu as mesmas censuras e deu a mesma lição.

Não foi na margem do lago, mas ao atravessar Jericó a «balsâmica» e o oasis das palmeiras, das fontes e das essências raras.

Apesar da desolação de dois mil anos de abandono, o perfume violento que exalam os jasmins, ainda hoje se respira no ar, como herança do passado.

Figueiras e sicómoros dão sombra àquilo que nem mesmo é já uma ruína.

Se, em imaginação, revivermos a entrada ali de Jesus, no tempo do seu antigo esplendor, veremos entre os ramos do sicómoro a cabeça de Zacheu, de pescôço estendido, ansioso por descobrir o profeta, e a sua alegria imensa ao descer da árvore, quando Jesus lhe acena com a mão e o chama pelo nome, pedindo-lhe hospedagem; assistimos ao grande festim, decorrendo alegremente, enquanto a música do tempo, trazida pela brisa serena da tarde, passa docemente sobre a cabeça dos convivas, vibrante e grave como o quebrar longínquo das ondas do mar, na sua luta insana e eterna para a destruição dos Continentes.

Zacheu estava numa situação bem superior à de Levi. Era chefe dos publicanos e muito rico.

Ouviu o murmurar dos Judeus, por o Senhor vir hospedar-se em casa dele.

Sim, era um pecador, mas um pecador que ia justificar a condescendência do Rabbi, e antes que Jesus respondesse às palavras odiosas, Zacheu, de pé, no meio dos convivas, deitados à roda da mesa, segundo o uso nos festins orientais, directamente se dirigiu ao Mestre, dizendo: «Senhor, darei aos pobres metade dos meus haveres».

«E se em alguma coisa lesei seja quem

for, pagar-lhe-ei o quádruplo do que lhe devo».

Notemos que, à sombra do Senhor, nasce espontâneamente este gesto magnífico, este desdem pelo dinheiro, pelas riquezas, por tudo aquilo que até ali tão presado e ambicionado era!

Jesus chama... e Levi abandona a barraca de portagem, o fruto do trabalho de toda a vida, o humilde pecúlio da sua pobreza — deixa tudo — guarda para si ùnicamente o necessário para oferecer ao Mestre, uma vez, essa hospitalidade proverbial nos orientais que do hóspede fazem um amigo — e acabou-se!

Jesus olha para Zacheu, chama-o, pede-lhe hospitalidade, e, porque o homem puro não desdenhou entrar em casa do pecador, este, com uma palavra e um impulso sincero e espontâneo lança-lhe aos pés metade da sua fortuna.

Este gesto mostra nìtidamente que o Bem mais precioso, a única riqueza de verdade, era Ele!

A Luz resplandecia nas trevas destas almas falizes, mas cá fora as trevas não a compreendiam.

* * *

«Chamou para si aqueles que quiz»
Marcos, III, 13.

A montanha solitária, a três horas de Cafarnaum, erguia, ao cintilar puro das estrêlas, os seus dois cumes irmãos.

Nem um movimento, nem o mais leve sussurro se ouvia nas alturas desertas; apenas, na tranquilidade sublime das coisas, subia da planície o cântico das ondas mansas do lago de Teberíades.

Que noites belas, estas do oriente, cantadas pelos profetas como mais maravilhosas ainda do que os dias, quando a claridade das estrêlas tudo envolve, num véu de tristeza, de mistério e de sonho tão diáfano que deixa antever todas as formas e todas as sombras!...

E nas noites de Lua, quando ela, com os seus raios, traça sobre a montanha as suas estradas de prata, claramente podemos distinguir a brancura dos lírios e das abróteas e o vermelho das anémonas. As papoilas, as anémonas, as abróteas, os lírios, os amores-perfeitos e as rosas, por sobre a relva espessa, tapetam hoje como outrora, as encostas desta montanha.

E se tão claramente vemos as ervas e as flores, quanto mais distintamente, quanto mais vivamente nos aparece a imagem d'Aquele que se retirou para as alturas, a fim de se elevar até ao seio do Pai celestial!

O Cristo tinha despedido os discípulos; estava só. Nenhum olhar indiscreto, nem mesmo um olhar amigo, o observava naquele desdobramento até aos braços divinos do Criador Sublime de todas as maravilhas... Cercava-O ùnicamente a deslumbrante beleza da noite, das flores, das estrelas, beleza silenciosa, testemunha virgem nesta solidão imensa, só comparável àquela em que Deus o depositou sobre a terra numa dádiva real e divina.

Não havia nem n'Ele nem à sua volta a mais leve fealdade, o mais leve reflexo do falso esplendor humano: só Deus, as obras de Deus e o pensamento sobre a humanidade que vinha salvar.

E era a escolha dos embaixadores e emissários que mandaria para entre os homens — um dos actos mais importantes para a salvação de todos — que Ele fazia preceder de longas orações nesta noite sagrada e memorável.

(Continua)

VIDÊNCIA E TELEPATIA

A existência da vidência e da telepatia, assim como a de outros fenómenos metapsíquicos, é contestada pela maior parte dos biólogos e dos médicos. Não se pode censurar essa atitude, porque esses fenómenos são fugitivos e andam envolvidos com a massa enorme das superstições, mentiras e ilusões da humanidade. Embora se tenham registado em todos os países e em todas as épocas, não foram investigados científicamente. E, contudo, mostra-nos a observação que se trata duma actividade normal, embora rara do ser humano. Comecei a estudá-los, quando era jovem estudante de medicina. Interessei-me tanto por eles, como pela fisiologia, pela química e pela patologia. Tive ocasião de examinar alguns dos seus aspectos. Compreendi, desde há muito, a insuficiência das técnicas empregadas pelos especialistas das investigações psíquicas e das sessões em que médiuns profissionais se aproveitam, muitas vezes, do amadorismo dos experimentadores. Fiz as minhas próprias observações e experiências.

Dr. Alexis Carrel

Levitações e Curas

por Maria Emília Gândara Viana

Ao ler, há quatro meses, na revista *Estudos Psíquicos* a descrição de uma experiência com a mesa-de-pé-de-galo que trabalhou sem contacto, lembrei-me de um caso que, em 1910, se deu comigo e com minha mãe. Nem eu nem ela conhecíamos a teoria espirita, mas mediávamos inconcientemente. Possuíamos uma mesa que não é pròpriamente das que em regra se empregam na tiptologia. O seu diâmetro mede noventa e cinco centímetros. A coluna que sustenta o tampo foi primitivamente de um manequim. Sobre esta mesa estava, um dia, o retrato de um desencarnado, tio e cunhado de minha mãe. Reparando na fotografia, disse, tristemente, para minha mãe:

— O tio não gostaria que o seu retrato estivesse aqui, na nossa casa. Tinha-nos tanta aversão!

Não terminei a frase, sem que a mesa se levantasse sobre um dos pés e, suavemente, tombasse até bater com o tampo no sobrado. Ninguém lhe tocara.

Na mesma revista, li também a notícia da desencarnação do maior curador do mundo. Fiquei meditando por que será que nunca vi em revistas e jornais espiritas a mínima referência a um grande curador que temos em Portugal. Todavia, tem feito milhares de curas. Cegos, paralíticos, cancerosos e portadores de outras doenças têm obtido a cura pela imposição das suas mãos e pelos seus conselhos. À porta da sua humilíssima residência vi, por vezes, centenas de doentes. A mim, depois de ter-me curado de uma doença de estômago, necessitei, na opinião de médicos, de sofrer um golpe na mão esquerda, de que resultaria a completa imobilidade de um dedo. Não me sujeitei ao tratamento. Procurei o curador que, sorrindo bondosamente, tomou, entre as suas, a minha mão doente. Concentrámo-nos por dois ou três minutos com o pensamento em Deus. Recomendou-me que banhasse a mão com água fluídica. Passados oito dias, quase restabelecida, procurei-o para outro assunto. Nova e brevíssima concentração curou-me radicalmente.

Passados meses, levei-lhe uma criança tuberculosa. Tinha bacilos. Os pais tinham gasto milhares de escudos com especialistas. Com um único tratamento, o pequeno curou-se e é hoje um perfeito rapaz. Nenhuma recompensa aceita pelo seu trabalho. O seu soldo de oficial do exército ou da marinha e os seus rendimentos reparte-os com os doentes pobres. Por vezes tem sido forçado a pedir emprestado para as suas inadiáveis necessidades. Tem sofrido perseguições, muitas mesmo. Não tem tempo para ler revistas — felizmente para mim — pois não me perdoaria a indiscrição.

Meditações de Agosto

1 — Ninguém é meu inimigo, ninguém é meu amigo. Todos são meus instrutores.
2 — Sou superior às minhas emoções pessoais.
3 — Tenho o Poder interior de achar solução para todas as dificuldades.
4 — Pela consciência de Deus em mim estou acima dos insucessos.
5 — Sou o criador da minha prosperidade.
6 — Aplico em minha vida o saber Divino.
7 — Minha vontade interior vence todos os obstáculos exteriores.
8 — Todos os meus pensamentos e actos, têm como base a Harmonia, o Amor, a Verdade e a Justiça.
9 — Manifesto a maior delicadeza, respeito e tacto para com todos os meus íntimos.
10 — Meu carácter é a única fortuna que possuo. Em meu íntimo há possibilidades ilimitadas.
11 — Domino completamente a irritação, o desassocego e a ansiedade.
12 — A toda a crítica respondo com pensamentos de Paz e Amor.
13 — As imperfeições de meus semelhantes são transitórias, sendo a perfeição a Coroa eterna que Deus lhes destina; portanto, só considero nos outros as suas possibilidades divinas.
14 — Minha grandeza provém do despertar interior.
15 — Desenvolvo sempre a perseverança.
16 — Meu ambiente é um reflexo de minha mentalidade.
17 — Com Deus tudo me é possível.
18 — Realizo a abundância ilimitada que possuo em mim mesmo.
19 — Meu desenvolvimento é harmonioso e equilibrado.
20 — Sou feliz em meus empreendimentos.
21 — Recebo abundante energia do Reservatório Universal.
22 — Meu organismo físico, constantemente interpenetrado pelos fluídos divinos, executa perfeitamente suas funções.
23 — O Universo existe para educação do meu espírito.
24 — Minha vida é uma aplicação sincera de meus conhecimentos espirituais.
25 — Desenvolvo constantemente a consciência da PAZ.
26 — Envio constantemente bons pensamentos a todos os seres.
27 — Desejo a todos os meus inimigos e amigos a Santa Paz do Infinito Amor, para que todos nós possamos compreender-te, ó DEUS OMNIPOTENTE.
28 — A Vida de meu Espírito vitaliza e põe em vibração todas as células do meu corpo.
29 — Meu cérebro é apto à manifestação da sabedoria.
30 — As palavras da minha boca expressam a nobreza da minha alma.
31 — Possuo fé inabalável em meu Ideal.

CONTE O SEU CASO...

COMO SE TORNOU ESPIRITA?

Continua a depor o Dr. Viriato Correia

III

O poder de Deus

HÁ dois anos atrás, uma crise formidável de cálculos hepáticos derrubou-me. Tive necessidade de subir os ares felizes da Mantiqueira, em procura das águas de Cambuquira.

Quando lá cheguei, o meu estado era gravíssimo.

Para aqueles que não crêem, Deus nunca se apresenta a descoberto — toma sempre a forma de casualidade.

Quis a casualidade que eu, em Cambuquira, conhecesse um dos directores desta casa (1), hoje o meu excelente amigo António Fonseca. Quis a casualidade que viajássemos no mesmo trem, que na mesma sala e em mesas próximas fizéssemos as refeições.

A primeira vez que o vi foi uma semana depois de chegar à estância de água, o primeiro dia em que me pude levantar da cama. Era à hora do almoço. Ao chegar-me à mesa, vi a dois passos, sentados, um homem e uma senhora, que me cumprimentaram risonhamento, como se fôssemos de longa intimidade.

Era ele e a esposa.

Ele ergueu-se, veio até à minha mesa e indagou demoradamente da minha saude.

Aquele gesto de cortesia outros hóspedes me haviam feito no corredor, na sala de visitas e até no meu próprio quarto.

Mas... caso curioso: nenhum deles me tocou o coração da maneira que aquele desconhecido acabava de tocar.

Era uma fisionomia diferente das fisionomias que eu tinha visto naquela agitação de hóspedes, com uma franca expressão de bondade derramada pelo rosto, uma voz amiga que me punha à vontade para contar os meus sofrimentos.

Ao terminar o almoço, voltou a falar-me. Contei-lhe a tremenda crise de fígado que me assaltara no trem de ferro, durante doze horas, sem uma cama, sem um alívio, sem uma medicação. Soube-o no hotel dois dias depois, disse ele, e lamentava ter viajado em outro carro, pois se estivesse presente...

— Que ia o senhor fazer?

— Dava-lhe uns passes, respondeu-me gravemente.

Eu era de tal ignorância em assuntos espiritas que nunca tinha ouvido aquela expressão. Ele explicou-me a palavra e revelou-me, com modestia, a sua mediunidade curadora. Sorri.

— Lembre-se, disse-lhe, que quando os cálculos passam, as dores só acalmam (e quando acalmam) com fortes injecções de morfina.

Respondeu-me com uma convicção que me impressionou:

— Mas o poder de Deus deve ser maior que o das injecções.

« — Lei-a Espiritismo! »

Achei-o interessante. Muitas e muitas criaturas me tinham falado de Deus com ardor, com entusiasmo, mas, na voz daquele homem, eu sentia uma força que me chocava, uma convicção tranquila, uma fé de doçura e consistência.

Aos outros que, anteriormente, me falavam na Providência, achei-os sempre ridículos; achei aquele interessante. E mais do que isso — respeitei-o.

À tarde, no jantar, éramos velhos camaradas. Não o deixei mais. Passávamos horas esquecidas à mesa, eu a ouvi-lo e ele a expor-me a sua doutrina, a contar-me a consolação que lhe viera depois de abraçá-la, os novos horizontes que se lhe abriram aos olhos ao conhecê-la. E concitava-me:

— Leia, leia o Espiritismo. Ao menos por curiosidade.

---

(1) Federação Espirita Brasileira.

Prometia-lhe sempre. Logo que tivesse tempo...

Os meus padecimentos continuavam. Quase todas as noites velava, estorcendo-me em dores incríveis. Um dia, ouvindo as minhas queixas, disse-me o Fonseca:

— Se Deus permitir, poderei aliviá-lo.

— Com os passes?

— Com os passes! respondeu-me.

— Está bem. Dê-mos hoje.

Foi aquilo puro gesto de cortesia. Queria corresponder à gentileza daquele homem, que eu sentia desejoso de sossegar-me.

À noite veio ele ao meu quarto. Com as mãos pousadas em minha cabeça, ergueu-se, levantou os olhos para o céu e começou a orar.

Deu-me uma louca vontade de rir. Mas olhei aquela fisionomia serena, grave, incendiada de fé; e havia nela um brilho tão novo para mim, uma tão alta e comovedora magnitude, que baixei, que fui forçado a baixar respeitosamente a cabeça, num silêncio profundo.

Recebi os passes. No dia seguinte, com surpresa, senti-me melhor.

E todas as noites, após o jantar, era eu quem convidava o Fonseca a ir ao meu quarto, dar-me os passes. Mas não havia em mim a mais remota réstea de fé. O que havia era curiosidade, uma infinita curiosidade por aquele homem e por tudo aquilo.

O Fonseca deixou Cambuquira dias antes de mim. Uma semana depois que aqui cheguei, vim visitá-lo, lá em baixo, na Livraria desta casa.

Conversámos longamente. Ao retirar-me, meteu-me nas mãos um volume.

— Leia quando tiver vagar.

Era o *Livro dos Espíritos* de Allan Kardec. Levei-o para casa.

Passou-se o primeiro mês, passou-se o segundo. O volume ficou rolando, esquecido, desprezado, pelas estantes, no meu gabinete de estudo.

Mas nada, na vida, vem senão a seu tempo. Uma manhã, saí do quarto, apressadamente, para o banho. Ao passar pela sala de jantar, vi um livro em cima da mesa, ao acaso.

Foi sempre dos meus hábitos abrir todos os livros que se me deparam aos olhos. Gosto de lhes saber o título e o autor. Chego a arrebatá-los de mãos alheias, pelo impulso irresistível desse cacoête indelicado.

Páginas salvadoras

O volume que estava sobre a mesa era o que o Fonseca me havia oferecido. Tive uma ruga no rosto. Oh! diabo, não era gentil aquilo! o homem oferecera-me a obra com tanta fidalguia e eu não tinha tido sequer a curiosidade de abri-la.

E fechei o volume. Dei dois passos, voltei. Voltei, abrindo novamente o livro. Abri-o ao acaso. É sempre sob a forma de acaso que Deus se apresenta aos incréus. Abri justamente numa das páginas de mais alto interesse, aquela em que Kardec trata da volta à vida espiritual, da separação da alma e do corpo, da perturbação de certos Espíritos ao deixarem inopinadamente o aparelho em que moravam na existência terrena.

A página é esta:

«No momento da morte, tudo é, a princípio, confusão; a alma precisa de algum tempo para se orientar; fica como que atordoada, no estado de um homem que despertasse de um sono profundo e procurasse explicar-se a sua situação. A lucidez das ideias e a memória do passado voltam-lhe, ao passo que decresce a influência da matéria, de que acaba de desprender-se, e à medida que se dissipa a espécie de nevoeiro que lhe obscuresse os pensamentos.

«O período da perturbação que se segue à morte é muito variável: pode ser de algumas horas, como de muitos meses e até de muitos anos. Aqueles para quem ela é menos longa, são os que já em vida se haviam identificado com o seu estado futuro, pois que compreendem imediatamente a sua posição.

«Essa perturbação apresenta circunstâncias particulares, segundo o carácter dos indivíduos e, principalmente, segundo o género de morte.

«Nas mortes violentas, por suicídio, suplício, acidente, apoplexia, ferimentos, etc., o Espírito fica surpreendido, admirado e não crê estar morto; sustenta esta ilusão com pertinácia; a pesar de estar vendo o corpo e de saber que é seu, não compreende como esteja separado dele; busca as pessoas que lhe são afeiçoadas, fala-lhes e não percebe porque não lhe prestam atenção. Esta ilusão dura até ao completo desprendimento do perispírito. Só então o Espírito se reconhece e fica sabendo que já não pertence ao número dos vivos. Este fenómeno explica-se fàcilmente: Surpreendido inopinadamente pela

morte, o Espírito fica aturdido pela brusca mudança que nele se opera; para ele, a morte é ainda sinónimo de destruição, de aniquilamento, e como, apenas, vê e ouve, supõe que não está morto. O que lhe aumenta a ilusão é o ver-se com um corpo semelhante, na forma, ao precedente, mas cuja natureza etérea não teve ainda tempo de estudar; julga-o sólido e compacto como o primeiro e, quando lhe chamam a atenção para esse ponto, admira-se de não poder apalpar-se. Esse fenómeno é análogo ao que se passa com os sonambulos inexperientes, que não crêem estar dormindo. Para eles o sono é sinónimo de suspensão das faculdades; ora, como vêem e pensam livremente, julgam que não dormem. Certos Espíritos apresentam esta particularidade, mesmo quando a morte não tenha vindo abruptamente; mas é mais geral naqueles que, embora enfermos, não pensavam ainda em morrer.

«Vê-se então o singular espectáculo de um Espírito assistindo ao seu próprio enterro, como se fosse o de um estranho, e falando disso como de coisa que não lhe diz respeito, até ao momento em que compreende a verdade.

«A perturbação que se segue à morte nada tem de penosa para o homem de bem, pois para este é calma e em tudo semelhante à que se segue a um' despertar plácido. Para aquele, porém, cuja consciência não é pura, a perturbação é cheia de ansiedade e angústias, que aumentam à medida que ele se vai reconhecendo.

«Nos casos de morte colectiva, tem-se observado que nem todos os que morrem ao mesmo tempo se vêem sempre imediatamente uns aos outros. Na perturbação em que se acham, cada qual caminha para seu lado e só se preocupa com os que lhe interessam».

Leitura empolgante

Li tudo isso com sofreguidão, a respiração opressa, de toalha nos ombros e saboneteira apertada nos dedos. Ao terminar havia em mim uma sensação estranha de arrepio; um suor gelado corria-me pelo corpo.

Foram sempre do meu gosto particular em literatura as páginas fortes, aquelas que se distinguem pelo cunho trágico, pela originalidade e pela extravagância.

Mas página nenhuma me sacudira tanto como aquela. Nem nos contos de Hoffmann e Poe, nem em Zola, nem em Mirbeau, nem em Dostoiewski, em ninguém. Cenas horríveis eu próprio sempre vivi, na ginástica de imaginá-las, mas aquelas eram inteiramente novas, inteiramente inéditas para a minha imaginação.

Reli a página. A emoção não foi menor que da primeira vez.

Tive vontade de ali ficar para ler de um trago o livro. Mas o relógio bateu, avisando-me das obrigações na rua. Uma inquietação horrível perseguiu-me durante o dia no trabalho. Só uma coisa me preocupava — voltar para casa e devorar o demónio daquele livro.

À noite, quando me atirei à leitura, foi numa ansiedade, numa febre. Muitos, muitos livros bizarros, curiosos, extravagantes têm-me passado pelos olhos, muitos; de alto surto dramático têm-me abalado a sensibilidade nos seus recessos mais remotos, muitos; mas nenhum, nenhum até hoje me deixou tão forte sulco no Espírito como aquele de Allan Kardec.

Com todo o meu materialismo, ou justamente por isso mesmo, tinha eu da morte um pavor que me gelava. Quando me passava pela cabeça que um dia, fatalmente, tudo em mim se ia apagar, que o meu corpo seria metido no fundo da terra, que o meu eu humano e inteligente desapareceria em podridão, todo o meu ser se arrepiava, tremendo.

E, caso singular para mim: ao terminar a leitura do *Livro dos Espíritos*, não me havia sòmente desaparecido o medo da morte. Eu tinha, sim, a curiosidade da vida de além túmulo, tinha mais do que isso, um certo desejo de morrer, para fruir os mundos novos, os mundos rutilantes que Kardec descrevia.

Repeti a leitura e, ao concluí-la, não era espirita, meus senhores, mas tinha pelo Espiritismo uma atracção irresistível. O que se passara em mim eu próprio não sabia explicar.

Parecia que um véu negro se me rasgara dos olhos. Parecia que uma vasta janela se me abria diante das retinas, enchendo-me de claridade. Os homens, as coisas, a vida, o mundo, os mundos, tudo, tudo era para mim agora diferente. Cheguei a pensar que um outro eu vivia dentro de mim.

Metamorfose...

Foi nesse período que uma força qualquer, que eu não explicava, me conduzia constantemente às portas desta casa.

Mas, não pensem, senhores, que, a pesar da transformação, aqui entrava com o entusiasmo de um adepto, não; entrava com as cautelas de um desconfiado.

No princípio, achei que, aqui dentro, toda a gente era maluca. Quando qualquer pessoa, aqui, me falava em comunicações espirituais, narrando-me com a maior simplicidade este ou aquele facto espirita de observação própria, duvidava imediatamente da sua integridade mental. Estaria a falar a sério, ou estaria com a cabeça desvairada?

Mais tarde, essa impressão se modificou. Os homens aqui causavam-me surpresa. Ficava silencioso a ouvi-los, perguntando a mim mesmo, surpreendidamente, como se podia ter tanta convicção e como podiam acreditar em tudo aquilo de que me falavam.

Por fim, todas aquelas impressões se transformaram em respeito. Respeitei-os, senhores. Respeitei-os, tocado pelo vigor da sinceridade que lhes senti, sacudido pelo grande sôpro de fé, de abnegação, de desprendimento individual e de altruismo que observei em cada um deles.

Os da minha maior intimidade aqui dentro foram o António Fonseca, o Manuel Quintão, o Frederico Figner.

O Fonseca, com a solidez inalterável de sua crença, a confiança serena na justiça de Deus e aquela resignação humilde nos mais ásperos sofrimentos, espantou-me desde os primeiros dias. E quando vi o Quintão, forte, inteligente, vivo, todo alheado do seu eu, na preocupação constante da dor alheia, confiando tranquilamente e doutrinando como confiava, arregalei muitas vezes os olhos surpreendidos. E o Figner! Judeu, de uma raça milenarmente hostil ao Cristianismo, milenarmente mercantilizada, a falar com entusiasmo dos textos do Evangelho, a curvar a cabeça diante da grandeza do Cristo, a correr a cidade de ponta a ponta, gastando do seu bolso, sem dizer a ninguém o que gastava, para levar aos tetos miseráveis a alegria do pão e o alívio dos medicamentos!

Foram essas três figuras que me deixaram na alma sulcos imperecíveis.

E foi, vendo-os, observando-os, analisando-os, que senti desejos de conhecer mais de perto a doutrina maravilhosa que tão profundamente transformava os homens numa florescência admirável de resignação e de bondade.

(A concluir)

Gabriel Gobron

Mais um ano transcorreu sobre o passamento de Gabriel Gobron, antigo redactor-correspondente de **Estudos Psíquicos** em Paris.

Adepto sincero do Espiritismo evolucionista, tudo deu à doutrina, como escritor cintilante e acatado, servido por verbo eloquente e estilo sóbrio, por vezes incisivo e contundente, quando tinha de defender o seu reduto dos ataques de inimigos traiçoeiros e sem escrúpulos.

Desencarnou em 1941, na cidade lorena de Rethel, precisamente na altura em que tanto havia a esperar da sua acção persistente e metódica, dirigida com acerto e da qual tivemos notícias em anos consecutivos, através da **Revue Spirite**, orientada por Hubert Forestier.

GABRIEL GOBRON

O lugar de Gabriel Gobron foi agora preenchido por Henri Regnault, outro combatente que está organizando o movimento espirita francês, cheio de possibilidades e crescente entusiasmo. A pesar disso, não poderemos esquecer a bela camaradagem dos primeiros anos desta revista, durante os quais Gobron lutou como soldado que não se rende.

Para ele, pois, vai a nossa singela homenagem, na certeza de que se encontra disposto a auxiliar-nos.

A Margem dos Livros

por Ramos Pereira

ANAIS DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE FILOSOFIA. Ano IV, n.º 4.º, 1943 a 1944. 152 pags.

Lemos atentamente este volume e surpreendeu-nos agràvelmente o seu aspecto eclético. Personalidades filiadas nas mais dispares corrente filosóficas expõem as suas ideias desassombradamente, o que só honra a direcção da Sociedade. Estamos habituados ao «partipris», aos dogmatismos, aos grupinhos fechados em que *um* pontifica e os outros aplaudem com magistrais acessos de cabeça. Surpreende, pois, ver lado a lado, nas páginas dos «Anais» duma Sociedade de filosofia, subvencionada pelo Govêrno brasileiro (!), pensadores católicos, positivistas, materialistas, neo-pitagóricos e... até espiritas! Dos últimos já se encontram no seio da Sociedade vultos como os de Edgar Ismael da Silveira, Barros Fournier, Ilda Tavares, Arnaldo S. Tiago, Deolindo Amorim e Luiz Antuori, marcando o lugar da «filosofia espirita», ao lado doutros sistemas. Deolindo Amorim, no seu notável discurso de posse, apresenta-se mesmo aos seus consócios como espirita: — «É como espirita que me apresento entre vós, disposto a ser um operário da vossa laboriosa oficina»! Em Portugal talvez fosse apodado de louco, de irresponsável ou visionário (!...), antes de o expulsarem da sala fúnebremente académica cujos écos o seu pensamento conspurcara.

Outra característica causadora de não menor admiração: — nem todos os membros desta Sociedade possuem grau universitário, nem todos são doutores! Busca-se o homem e... não o seu «fato». Eis outro ponto que dignifica.

Entre os ensaios insertos nos Anais destacamos os de Castilhos Goycochea, Ângelo Ferrão, Túlio Chaves, S. Uchoa, R. Tavares, A. T. Rusens, além dos discursos de posse de Deolindo Amorim e Ilda Tavares.

POEMAS DA NATUREZA — Vol. I das Obras completas de João Maria Ferreira. Porto, 1944, 261 págs.

Neste volume coligam-se os poemas: — «Manhã», «Hino à Primavera», «Aquele Choupo Isolado», «Cartas do Gerez», «Da janela do Meu Quarto» e «Poemas Outonais».

O poeta sente uma simpatia pela Natureza, mas não aquela simpatia como infusão, como o «Einfühlung» do romanticismo alemão: — «a auto-projecção, a efusão ou, melhor, a infusão — que seria o termo mais adequado — isto é, o acto de submergir-se nos objectos exteriores, de projectar-se, de infundir-se neles» (v. Basch). Em João M. Ferreira não se amalgamam o eu e o não-eu, como apontava Lipps. Apenas no VI canto do «Hino à primavera», ele se transporta e anima o natural, apenas aqui deixa de ser espectador para viver no outro. Mas ainda aqui é leve, ainda aqui se debruça sobre o harmonioso. O seu objectivismo não o deixa sentir o soluço da Natureza, o seu uivo estertorado, porque o fundo emotivo da alma do Poeta empresta aos olhos um prisma colorido em que tudo se transforma em cambiantes claros. É uma poesia paisagista, leve como os quadros bucólicos de Watteau. Quando a Natureza chora em João M. Ferreira, as lágrimas fazem lembrar as queixas maviosas de Bernardim Ribeiro.

O poeta *olhou* a Natureza e em vez duma paleta usou versos, ora as largas e rendilhadas pinceladas dos alexandrinos, ora a gracilidade dos heptassílabos.

Destacamos o poema «Manhã» e esperamos a publicação doutros volumes para completarmos a análise do sentir poético de João M. Ferreira, que nesta obra se afirma pleno de bucolismo objectivo.

JANDIRA — Romance mediúnico recebido por Carmo Bianco. S. Paulo, 1946. 199 págs.

Elegantemente apresentada, tendo na capa uma reprodução, em policromia, duma boa aguarela, esta obra é atribuída ao espírito de José de Alencar, o grande escritor brasileiro do século passado. Novela de recorte romântico, apresenta semelhanças com o tipo dos romances «Tronco do Ipê» ou «Senhorinha» daquele autor, mas está bem longe de atingir o poder descritivo e emotivo de «Ubirajara» ou «Iracema». É uma história de amor... repousante que se lê sem emoções fortes, profundas. Pelo seu recorte e estilo, pela condução e desfecho, é uma novela «romântica» a que não falta a figura do frade bondoso e superiormente cristão, o amor «à primeira vista», a par do amor de infância, e o camiliano suicídio por injúrias amorosas!... É uma novela mais ideal que real, mais fantasiada que vivida.

Desconhecemos qualquer relato sobre o médium

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

O movimento espirita francês

Com o n.º 189 de *Survie*, órgão da União Espirita Francesa, chegado a nossas mãos por intermédio de Madame Tordjman, a que nos referimos há pouco, quando de sua passagem por Lisboa, os nossos confrades de Paris dão pela primeira vez a conhecer, depois da guerra, os seus trabalhos actuais e os seus projectos futuros.

Desde 1939 que a União Espirita Francesa tem a sede na Rua Léon Delhomme, 10, em Paris; e a pesar da ocupação alemã e de todos os contra-tempos devidos ao estado de guerra, conseguiu manter sempre a sua actividade, com três reuniões por semana, nas quais se realiza primeiro uma conferência ou qualquer leitura preparatória, seguindo-se depois experiências em que alguns médiuns notáveis, tais como Mme. Gendet e Mme. Soler de Villard, filha do grande psiquiatra Doutor de Villard, exercem e desenvolvem admiràvelmente as suas faculdades de clarividência.

Durante a guerra, enviaram sempre donativos aos prisioneiros. Só em Abril de 1944 houve ligeiro colapso, em virtude da intensidade dos bombardeamentos aéreos. O grande número de alertas e a falta de meios de transporte obrigaram a Direcção a suspender as reuniões, que continuaram em Setembro do mesmo ano.

Em 1945 passaram a reunir também à noite, elevando para cinco as sessões semanais.

Como o Espiritismo houvesse sido atacado pelos *adventistas do 7.º dia*, representados pelos pastores Meyer e Winandy, os quais realizaram conferências públicas gratuitas, intituladas «Morrer... porquê», «O Encantamento do Espiritismo», etc., etc., a União Espirita Francesa resolveu organizar uma reunião contraditória com o pastor Winandy, para o que se obteve o concurso doutras sociedades ou grupos da região parisiense filiados na União, entre eles, «Amor, Luz e Caridade», «Amor e Vida» e «Evolução». E no dia 15 de Janeiro último meteram ombros a notável conferência pública gratuita, na Sala de Geografia, sob a presidência de André Dumas, tesoureiro da *Federação Espirita Internacional*. O conferente foi Henri Regnault, nosso redactor-correspondente, que, sob o título «A Felicidade pelo Espiritismo», mostrou a realidade da nossa ciência, através de experiências realizadas exclusivamente por protestantes convertidos ao Espiritismo, citando Colley, Monck, Stainton Moses e Benezech, provando fàcilmente, com citações bíblicas, que as comunicações espiritas não podem ser inspiradas pelo Diabo.

O pastor Winandy pôde expor livremente a sua doutrina e fez citações de Crookes e Flammarion, escritas antes de se tornarem espiritas, pretendendo assim iludir o público que enchia a enorme sala e que ouviu em silêncio os oradores.

Foi a maior jornada espirita francesa depois da guerra. E para se avaliar o interesse suscitado pela conferência de Henri Regnault, basta dizer que mais de 24.000 pessoas ficaram na rua, ouvindo o conferente por meio de alto-falante.

O movimento espirita parisiense demonstrou exuberantemente a sua vitalidade com o aparecimento de *Survie*, cujo primeiro número saiu em Março. O segundo deve ter saido em Junho e só quando a crise do papel for resolvida voltará a mensário. Os membros da Direcção, os conferencistas e os médiuns dão gratuitamente o seu concurso à União, que também se tem interessado muito pela infância desvalida e em todas as reuniões costuma fazer cotizações nesse sentido.

As conferências da Sala de Geografia são organizadas por Henri Regnault, que dedica ao Espiritismo todos os momentos disponíveis da sua profissão. Além

---

Carmo Bianco assim como as condições em que são obtidas as suas obras. Pena é que entre esta obra «espiritual» e as obras «terrenas» de José de Alencar não se encontre uma perfeita analogia de estilos, o que daria àquela maior valor probatório.

«Jandira» é o nome da heroína desta novela e o duma personagem do romance «Ubirajara». Em criança, sentira um amor estranho pelo seu companheiro de folguedos, mas o Destino separou-os durante anos. E os sucessos que se dão preparam, simplesmente, a união amorosa dos dois jovens. «D. Irene», mãe de Jandira, que se suicidara levada pelo desespero de se ver substituída no afecto de seu esposo, torna-se «guia», ou melhor, protectora espiritual da filha que ficara entregue aos cuidados de Frei Honório. Com a inclusão deste facto, adstringem-se ao entrecho alguns fenómenos espiritas — visão e clariaudiência (cap. IX, p. 82; cap. XV, p. 137; cap. XXI, p. 181).

dos seus trabalhos de professor e de laboratório farmacêutico, ainda escreve livros como «Le Bonheur Parfait» (A Felicidade Perfeita), já aceito por um editor, mas que não foi publicado devido à falta de papel.

Todas as semanas a Sala de Geografia é invadida por enorme população ansiosa de ouvir Regnault. Eis os títulos de algumas das suas conferências, desde Maio até hoje: «As Materializações da Vila Carmen», «Joana d'Arc era Médium», «O Espiritismo é real?», «Camille Flammarion e o Espiritismo», «O Médium

M.me GENDET

medium vidente ao serviço da União Espirita Francesa

Home e o Harmónio», «Podemo-nos tornar médiuns?», «Sherlock-Holmes e o Espiritismo», «Os incrédulos podem tornar-se espiritas?» «Há Feiticeiros?», «O Fantasma de Katie King», etc., etc.

Além das médiuns citadas, há mais as seguintes, que auxiliam actualmente as sessões da União Espirita Francesa: Mmes. Imbert, Maire, Bruneau, Cojan, e Mlles. Mithouard, Bazzoli e M. Mouchard, que, mesmo fora destes trabalhos, dão frequentes provas de identidade que espantam os profanos não familiarizados com o Espiritismo. Mme. Imbert dirige um curso de prática espirita, reservado aos sócios, cujas lições são dadas no primeiro e quarto sábado de cada mês.

Enfim, o movimento espirita francês renasce após sete anos de perturbações que deixaram a França exausta, em presença de intrincados problemas que saberá resolver, ocupando o lugar que lhe compete na civilização europeia.

João Cosme, grande médium de efeitos fisicos.

O jornal *O Estado*, de Niterói, publicou uma interessante conversa com o nosso confrade Randolfo Penas Ribas, acerca das notáveis experiências realizadas com o médium paulista João Cosme, que se tem submetido a numerosas investigações, até por professores da Universidade de S. Paulo. Durante a sua permanência naquela cidade, o médium deu algumas sessões a que assitiram elementos de relevo. O Dr. Penas Ribas foi um dos vários médicos que observaram os fenómenos. Em resposta à primeira pergunta, declarou aquele facultativo:

— «É verdade. Assisti a duas das sessões que, desta vez, o sr. João Cosme realizou em nossa cidade e, apesar da minha familiaridade com tais fenómenos, estou maravilhado!

«Pode asseverar pelo seu jornal, que os fenómenos foram autênticos e deveras interessantes. O contrôlo, rigoroso, afastou qualquer suspeita. Vou explicar-me. O médium é, inicialmente, algemado e amarrado numa possante poltrona, toda de madeira e, em seguida, é arrastado por dois ou três assistentes, para a cabina, onde se encontra uma vitrola eléctrica, com vários discos, nas respectivas prateleiras. Sobre a vitrola colocam-se os objectos que deverão ser levitados, isto é, sem contacto humano. Na parede da cabina está o interruptor da única lâmpada existente: a que clareia o salão dos assistentes.

«As duas portas, que poderiam dar acesso ao ambiente das reuniões, são pregadas com enormes sarrafos. Permanece, apenas, a comunicação entre a cabina do médium e a sala da assistência, interceptada, sòmente, por uma grossa cortina negra. O médium fica de tal sorte tolhido em seus movimentos, que só um louco seria capaz de imputar-lhe a produção dos fenómenos. Também não cabe a suspeição duma comparsaria. Por dois motivos: primeiro, porque, de fora, ninguém, absolutamente ninguém, poderia entrar, tão fortemente trancadas ficam as duas únicas passagens; segundo, porque a disposição das cadeiras dos assistentes impediria a locomoção de qualquer farsante que, por ventura, tentasse infiltrar-se no ambiente. Na última sessão a que assisti, destinada principalmente aos médicos, as cadeiras da primeira fila estavam de tal modo unidas, que nós nos tocávamos, todos, ombro a ombro, sendo materialmente impossível a passagem de qualquer espectador, das filas posteriores, para o espaço vasio, intercalado entre o médium e a primeira fila, onde se desenro-

lam as manifestações. Além disso, os componentes da primeira fila foram ligados, entre si, por uma grossa corda de seda e tiveram um número fosforescente pregado às costas, de sorte que, ao menor movimento, embora na escuridão, seriam surpreendidos e desmascarados. Desci a minúcias, para esmagar as dúvidas dos seus leitores». — desculpa-se o conhecido médico.

«Agora, vamos aos factos — prossegue o dr. Pena Ribas.

Os espíritos tocam música e regulam a iluminação

«A primeira surpresa, que nos fere a atenção, é o facto singular da vitrola ligar-se sòzinha, e sòzinha escolher os discos, que são tocados durante as duas horas, aproximadamente, das sessões. Ouve-se, distintamente, o ruido do atrito dos discos entre si e percebe-se, nìtidamente, a retirada dos envelopes. Note-se: as melodias são condicionadas às manifestações que, no momento, se produzem, ou ao estado de tensão nervosa dos espectadores. Quando a produção é morosa, quebra-se a ansiedade com o ritmo acelerado dum samba. Quando a presença dum Espírito, momentâneamente materializado, quase em carne e osso, pede a elevação de sentimentos, embevecem-nos os acordes suavíssimos da «Avé-Maria» de Gounod...

«Este facto, que, sistemàticamente, se reproduz em todas as sessões, já é, por si mesmo, interessantíssimo e inexplicável pela ciência. De resto, concomitantemente com a movimentação da vitrola, observa-se a regularização da iluminação, de acôrdo com a produção dos fenómenos. O interruptor gira, ora num sentido, ora noutro, intensificando, diminuindo, ou extinguindo, totalmente, a iluminação, consoante as manifestações. Outro facto, por si só admirável e inexplicável pela ciência que, até ao presente, não pode vislumbrar o menor indício de inteligência na electricidade, mas que não quis, ainda, compenetrar-se da realidade das manifestações espiritas!

«Um dos fenómenos mais curiosos a que assisti foi, sem dúvida, a produção, em pleno ar, sem o auxílio de instrumentos adequados, e durante quase todo o decurso da sessão, de ruidos parecidos com os da matraca e de sons semelhantes aos produzidos pelos toscos apitos de barro que se encontram nas quitandas, para gáudio da gurizada. Produzindo-se e reproduzindo-se em diversos pontos e em várias altitudes, deslocando-se ora num sentido, ora noutro, não deram margem à mínima suspeita de que partissem de algum assistente gaiato.

«Notável, também, considero o fenómeno das luzes, provocado pelos Espíritos, — continua o dr. Pena Ribas.

«Imagine o sr. qual não foi a minha surpreza, quando, na maior escuridão, os Espíritos principiaram a produzir pequenas luzes azuis, em forma de glóbulos minúsculos, de um ou dois centímetros de diâmetro, e que, à guisa de fogos-fátuos, iluminavam a sala, deslumbrando pela sua beleza, embora durassem, apenas, um segundo!

«Conhecia o facto através da literatura espírita. Vários cientistas a ele se referem. No entanto, é muito mais agradável ver, do que ler o que os outros viram...

«Outro facto curioso é a facilidade com que os Espíritos agem no escuro. Extinta completamente a iluminação, eles permutaram o óculo dum colega, que estava ao meu lado, com o dum coronel que presidiu aos trabalhos e a mim me entregaram uma flor, retirada, com certeza, dum ramilhete trazido por um dos assistentes e colocado sobre uma mezinha, num dos cantos da sala. Batendo-me, de leve, com a flor, — uma margarida, — no rosto, o Espírito, invisível aos meus olhos, despertou minha atenção, para ma entregar, em seguida. A pesar da escuridão, logrei reter, por um momento, em minhas mãos, a pequenina mão de criança que me ofertava aquela mimosa dádiva! E desde já ressalvo que, naquele dia, nenhuma criança permaneceu na assistência!

Um transporte sensacional

«A levitação, por mais que estejamos habituados a observá-la, é sempre um fenómeno maravilhoso para o homem de ciência afeito às leis da mecânica comum. Com o médium em apreço, tais fenómenos são frequentes. Nas três sessões a que assisti — duas, agora, e uma, há meses passados — pude observar perfeitamente a levitação dum crucifixo, fosforescente na escuridão, transportado, todas as vezes, da cabina do médium para a sala dos assistentes, nela flutuando demoradamente, ora bailando ao ritmo da música, ora deslocando-se rápido na direcção de cada pessoa, ora pairando diante de outra, como que querendo demonstrar certos sentimentos de afeição.

«Na última sessão, vi que uma mão, mão sem braço, aliás, segurava o crucifixo conduzindo-o em suas excursões nas trevas da sala. Fosforescente como é, torna-se muito fácil acompanhar-lhe todos os movimentos. O mesmo acontece com uma cruz, pintada a tinta luminosa, num rectângulo de papelão, e que passeou várias vezes pela sala. À luz desta cruz, observei juntamente com dois outros colegas, um fenómeno interessante: enquanto o papelão flutuava no ar, um braço, com a aparência perfeita dum membro humano, deslisava diante da cruz, interceptando a sua fluorescência!

«O mais admirável de tudo — continua o afamado homeópata — o mais admirável de tudo foi o sensacional transporte do médium, da cabina para junto de

mim, na sala dos assistentes! Algemado e amarrado numa forte cadeira, foi transportado, com cadeira e devia mediar entre sua posição primitiva, na cabina, tudo, sem que se possa explicar como, percorrendo no mínimo uma distância de quatro metros, que tanto e a minha cadeira na primeira fila! Como aquele volume colossal, de cerca de oitenta quilos, pôde deslocar-se, sem ajuda de nenhum ser humano, é um problema interessante a desafiar a argúcia dos físicos materialistas.

Os espíritos materializam um corpo

«O interessante, porém, é que as sessões do médium João Cosme são orientadas pela «voz directa» dum padre, que a si mesmo se denomina «padre Zabeu», e que já se tem materializado com tamanha perfeição, que as fotografias dele chegam a dar-nos a impressão dum homem completo! As palavras soam no ar, como que articuladas por garganta invisível. Outras vezes, como na sessão a que assisti há meses, o padre toma forma tangível, como um ser humano e, paramentado de acordo com sua hierarquia na vida terrena, dita suas ordens e conselhos, como se provido estivesse duma laringe, de verdade!

«Desta feita, porém, não via a materialização do padre. Ouvi-lhe, como todos ouviram, aliás, as instruções para o bom êxito das reuniões.

«Em compensação, pude observar, nas melhores condições possíveis, a materialização dum espírito, sob a forma duma noiva, tocando-lhe na carne e examinando-lhe o veu, com muita calma e segurança.

«Saindo da cabina do médium, «a noiva», que na vida terrena se chamou Terezinha, segundo seu próprio testemunho, dirigiu-se para o canto da sala onde se encontrava o ramo de flores, destacou algumas delas, e, vindo em minha direcção, me ofertou uma dália branca, acompanhada dum galho de «bambú» japonês» e prosseguiu na direcção doutro colega, para beijá-lo na fronte. Quando se afastava de mim, tentei agarrar-lhe o braço e, muito contra minha expectativa, minha mão atravessou o seu membro sem encontrar o menor obstáculo! Digo contra minha expectativa porque, no momento, o Espírito se me afigurou bem materializado, pois projectava na parede uma sombra muito visível, o que prova que interceptava os raios luminosos! No entanto, adivinhando o meu desejo, «a noiva» voltou à minha cadeira, apertou a minha mão direita, demoradamente, dando-me a sensação perfeita duma mão humana, viva, quente e de pele um tanto áspera! Em seguida, deu-me um cravo cor de rosa! Momentos depois,, depositou, distendido, o seu veu, não só sobre os meus joelhos, como, também, ao mesmo tempo, sobre os joelhos dos colegas que se achavam junto de mim. Nesta ocasião, trocámos impressões e concordámos em que o véu era dum tecido exactamente igual ao filó. Lamentei, até, que não estivesse munido de uma tesoura, para cortar-lhe um pedaço, afim de submetê-lo a exames posteriores. Tentei, mesmo, reter o véu inteiro em meu poder, mas o Espírito, afastando-se em direcção à cabina, solicitou-me que o largasse!

«Para terminar, devo esclarecer que, neste dia, nenhuma mulher assistiu à sessão, sendo a maioria da assistência constituída de médicos, e que o médium se despiu inteiramente, diante de todos, vestindo, em seguida, um calção de banho, e, assim, foi algemado e amarrado, ficando em meu próprio bolso as chaves das algemas.

«Não tenho, portanto, a menor dúvida sobre a autenticidade dos fenómenos; e só lamento, sinceramente, que a maioria dos médiuns, dotados dessas prodigiosas faculdades, não se tenham compenetrado de que é necessário imprimir um cunho mais científico a estas investigações e que é aos cientistas espiritas, e não às pessoas incultas, por mais bem intencionadas que sejam, que deveriam confiar a direcção desses trabalhos» — terminou o dr. Pena Ribas».

MEDIUNS AMADORES

Há alguns anos viveu na província de Terni, Itália, a Sr.ª Amália Innocenti que, em transe, diagnosticava e prescrevia tratamentos. Enquanto viveu, sua filha, Virgínia Fontana, não revelou qualquer forma de mediunidade.

Contudo, em 11 de Abril de 1899, um mês após a «morte» de sua mãe, Virgínia caia em transe e mostrava-se digna herdeira das faculdades maternas. A princípio, tinha relutância em obedecer às sugestões dos guias, mas acabou por ceder, tornando-se a sua casa um lugar de peregrinação. Em 1912, os médicos da região, alarmados com a fuga dos doentes, levaram-na aos tribunais, mas foi posta em liberdade. Em 23 de Junho de 1923, o tribunal de Verni absolveu-a de nova acusação.

As autoridades eclesiásticas levantaram-lhe uma campanha de descrédito, considerando-a colaboradora... do diabo. Diz «Mondo Occulto»: — «Pensamos que êste extraordinário caso deve ser deixado em paz, se se deseja estudar sèriamente um dos mais extranhos e inexplicáveis fenómenos psíquicos. Não há motivo para confundir esta mulher com os charlatães».

Não seria uma atitude mais digna de homens de ciência, se os médicos, em vez de atacarem desesperadamente os médiuns curadores, os estudassem e aplicassem as suas faculdades?

Notas & Comentários

Congresso Espirita Francês

A União Espirita Francesa realizará em 28 e 29 de Setembro um Congresso Nacional Espirita, na sede social, 10, Rue Léon Delhomme, Paris (XV^{e}). Nesta altura, realizar-se-á uma grande manifestação de propaganda num salão da capital.

Esperamos levar aos leitores relato circunstanciado deste auspicioso certame. O mesmo faremos a respeito do Congresso Nacional Belga e do Congresso Espirita Pan-americano, por intermédio dos nossos redactores-correspondentes. Queremos dar a *Estudos Psíquicos* carácter de órgãos europeu e para isso acompanharemos todas as iniciativas de vulto que se efectivarem em qualquer sector espirita mundial.

Oxalá os confrades franceses retomem o antigo entusiasmo e voltem a circular novas revistas e jornais.

Federação Espirita do Estado de S. Paulo

Segundo lemos em *O Semeador*, a Federação Espirita do Estado de S. Paulo adquiriu por 550.000 cruzeiros o prédio n.° 152, anexo à sede actual, na Avenida da Irradiação, antiga Rua Maria Paula, 158, com 6^{m},50 de frente por 50^{m} de fundo. Desta forma, a Federação fica possuindo na maior avenida da Capital paulista um terreno de 15^{m} de frente por 50^{m} de fundo, cujo valor, excluídas as duas construções actuais, ultrapassa dois milhões de cruzeiros.

Neste local será construída a nova sede da Federação, com financiamento especial obtido em fontes próprias.

Aquela aquisição foi obtida nas seguintes condições: 150.000 cruzeiros à vista, outros 150.000 a noventa dias e 250.000 no prazo de dois anos, a juros de 8 % com hipoteca de garantia.

A Federação Espirita do Estado de S. Paulo continua a receber donativos para o fim em vista.

Em S. Paulo trabalha-se afanosamente em prol do Espiritismo. Quando voltará a fazer ouvir-se a Rádio Piratininga, que tão belos serviços estava prestando à Causa?

«Resumo da Doutrina Espirita»

Com uma encomenda de 250 exemplares que acabámos de receber, está quase esgotada a 1.ª edição do «Resumo da Doutrina Espirita». Iniciámos a recolha dos últimos volumes que se encontram à venda nas livrarias, a fim de podermos satisfazer ainda alguns pedidos de confrades interessados na obra de Gustave Geley, que tanto êxito obteve no Brasil. Podemos mesmo dizer que excedeu a nossa expectativa.

A crítica foi unânime em reconhecer o valioso contributo que demos à Causa com a edição dum livro útil e bem apresentado, numa tradução em que pusemos todo o esforço de que somos capazes, dispostos a dignificar o glorioso autor dalgumas obras primas que tão alto ergueram o nome das ciências psíquicas.

Portanto, aqueles que ainda não possuem esta obra, não deixem correr o tempo sem a adquirir, para não correrem o risco de ficar sem ela na sua estante.

Hospital Espirita da Marilia

Marília é uma linda cidade paulista onde o Espiritismo encontrou terreno propício. A provar esta afirmação está o seu majestoso Hospital Espirita, prestes a concluir-se, segundo lemos em *A Nova Era*, de Franca. O grande edifício tem amplas acomodações, quartos arejados, sala de médicos, sala de cirurgia, sala para curativos, tudo de acordo com as prescrições sanitárias modernas. Além disso, está situado em terreno elevado, dominando a cidade. Depois de construído, acomodará 209 doentes mentais.

Ainda há pouco, ali se inaugurou a sede própria da *União Espirita Allan Kardec*, com capacidade para 650 pessoas. Brevemente, virá um hospital. E tudo realizado silenciosamente, por um punhado de confrades, cujos nomes se não declinam.

Os obsidiados encontrarão ali natural refúgio e o Espiritismo afirmará mais uma vez a sua vitalidade.

«Nos Umbrais do Além»

Após o êxito obtido pelo «Resumo da Doutrina Espirita», vamos lançar outra obra fundamental devida à pena dum grande físico moderno, o Professor William Barrett, da Universidade de Dublin, intitulada «Nos Umbrais do Além». O seu autor serviu-se do método geleiano na análise profunda e científica dos fenómenos espiritas, para chegar à demonstração da sobrevivência da alma humana. É um livro forte, incisivo, cheio de verdade e de lógica, destinado a crentes e profanos.

O sábio de laboratório deixou nele vincado o desejo de expor com imparcialidade, de modo que ressaltasse ainda mais o brilho da nossa doutrina. E conseguiu-o perfeitamente. Este livro era necessário. Tê-lo-emos brevemente em língua portuguesa. Será a segunda obra de *Estudos Psíquicos Editora*.

Noticiário

Novo redactor-correspondente

Dissemos no último número que *Estudos Psíquicos* ia ter redactor-correspondente na Índia Portuguesa. Hoje dizemos que já o tem. É Raúl de Sepúlveda Fontes, escritor e jornalista, ex-subdirector do *Anlooker*, o maior mensário social da Índia Britânica.

Já recebemos os seus primeiros artigos e brevemente faremos a sua apresentação aos leitores. De facto, será mais um arauto a propagar as verdades neo-espiritualistas, mais um lutador apoiado neste reduto edificado com esforço constante, olhos postos no bem da Causa.

Depois deste e de Henri Regnault, outros virão da Bélgica e de regiões onde o Espiritismo progride em passo firme e cheio de fé no futuro. *Estudos Psíquicos* não pára na sua ânsia de trabalhar com absoluta liberdade de acção e só deseja que a sua tarefa seja compreendida.

Grupo Reper-Siam

Na última quinta-feira de Julho, realizou-se no Centro E. Luz e Amor a sessão de encerramento das sessões do Grupo de Irradiação Mental Reper-Siam, que desde Novembro de 1945 é dirigido por Ramos Pereira.

O seu director expôs à assistência as suas impressões acerca do funcionamento do Grupo e leu várias cartas de enfermos que beneficiaram das irradiações mentais em diferentes partes do Continente, mostrando-se optimista quanto aos resultados obtidos, que, em boa verdade, ultrapassam a nossa expectativa.

O Presidente da Direcção falou também, historiando a acção do Grupo, desde a sua fundação em 1940 e pondo em relevo o concurso de médiuns dedicados, especificando, sem desdouro para os restantes, o papel de D. Maria Santana Pinheiro, que se encontra fora de Lisboa e para quem teve pensamentos de saudade. Terminou fazendo fazendo votos pelas prosperidades do Grupo e esperando que a acção de Ramos Pereira se alargue ainda mais em benefício dos que sofrem.

As nossas conferências

No dia 7 de Julho, o capitão Alfredo dos Santos realizou a sua anunciada conferência intitulada «O Alimento do Corpo e do Espírito». Falou durante mais de uma hora acerca da preparação espiritual e mental necessárias ao equilíbrio orgânico, demonstrando que sem alma sã não pode haver corpo são. Notou certos defeitos e exageros da civilização moderna e terminou por aconselhar a todos moderação nos costumes e elevação de pensamento, indispensáveis à perfeição que devemos atingir na terra.

No dia 28 do mesmo mês, encerraram-se os trabalhos do Centro com a conferência de Ramos Pereira, intitulada «Entre Dois Mundos».

O conferente fez um trabalho inteiramente pessoal que interessou vivamente os presentes. Contou os progressos que realizou sob o ponto de vista mediúnico e leu algumas comunicações recebidas no decurso de seus trabalhos e meditações, reconhecendo que, embora pouco, alguma coisa tinha avançado.

Continuando a falar do seu caso pessoal, disse que se encontrava disposto a trabalhar com maior afinco no próximo ano de trabalhos, esperando contribuir ainda mais para o prestígio do Centro e de *Estudos Psíquicos*, que considerou a melhor revista do mundo no seu género.

O Presidente da Direcção falou também largamente, agradecendo a todos os colaboradores da obra o esforço que fizeram para que ela se engrandecesse, narrando as dificuldades que se têm vencido, mercê da tenacidade dalguns e da cooperação de todos e congratulou-se com a paz que tem reinado no Centro. Que os dois meses de férias — disse — sirvam a todos para balanço de esforço moral, no sentido de mais firme disposição para trabalhos futuros.

E assim terminou o ciclo de trabalhos de 1945-46.

Férias do Centro

Como nos anos anteriores, o Ceutro E. Luz e Amor suspende os seus trabalhos nos meses de Agosto e Setembro, visto a maioria dos associados sair de Lisboa, a fim de passarem noutras regiões a estação calmosa. Para nós é que não há férias de espécie alguma. Aproveitaremos o tempo disponível na conclusão de trabalhos que temos entre mãos e que em breve daremos à publicidade. *Estudos Psíquicos* sairão ininterruptamente e porão os nossos consócios ao corrente do que vai pelo mundo.

Sabemos que há reparos no tocante ao colapso a que aludimos; mas os confrades que dirigem e orientam os trabalhos em questão fazem-no com prejuízo de suas ocupações particulares e por isso têm direito a mais alguma liberdade, para se dedicarem à família.

Livros novos

Chamamos a atenção dos leitores para o catálogo de livros que inserimos nas páginas da capa. Ali encontrarão obras novas que acabam de ser recebidas no nosso Depósito.

Só a leitura de bons livros auxiliará a formar a mentalidade. A meditação pura e simples não basta àquele que deseja chegar mais além. Por isso nos esforçamos por manter um belo sortido de obras espíritas onde cada um escontrará o que lhe interessa.

Amigos de Estudos Psíquicos

A pesar das dificuldades que atingem o maior número, os amigos de *Estudos Psíquicos* vão contribuindo para que ela veja facilitada a sua missão, quer enviando donativos, quer angariando assinantes. É preciso intensificar-lhe a expansão, torná-la conhecida de espiritas e simpatizantes.

Recebemos e agradecemos os seguintes donativos:

Aires Vaz Raposo	135$00
D. Piedade de Barros Gomes Longa, de Cabaços, pelo passamento de seu marido António dos Santos Longa	50$00
Manuel Urbano Alves, de Faro	30$00

OBRAS DE CIÊNCIAS PSÍQUICAS E FILOSOFIA NEO-ESPIRITUALISTA

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc
Arcanos da Natureza, por *Alexandre Dias*.		8$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*.	13$00	21$00
A Casa Assombrada, por *Maria Veledo*	10$00	
Caso (O) Humberto de Campos . .	28$00	37$00
Chanceler (O) de Ferro, romance mediúnico ditado pelo Espírito do *Conde Rochester*	20$00	29$00
Claustro (O), romance realista sobre a vida eclesiástica, por *Mauuel Arão*		25$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*.	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta*. .	20$00	28$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista, (três romances num só),por *Antônio Lima*	30$00	40$00
De Jesus para as crianças, comunicações do *Espirito de Bittencourt Sampaio*.	10$00	18$00
De Icléa para as crianças, formosas comunicações destinadas à formação moral dos nossos filhos, livro único no género	18$00	
Do Calvário ao Apocalisse, pelo *Espirito de Bettencourt Sampaio*.	22$00	30$00
Do Calvário ao Infinito, romance mediúnico ditado pelo *Espirito de Vitor Hugo*	20$00	30$00
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espirito de Vitor Hugo*	30$00	40$00
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	7$00	
Doutrina Inglória (O problema da natalidade segundo o Espiritismo), por *Leopoldo Machado*. . .	12$00	
...E as vozes falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*. . . .	20$00	
Eça de Queiroz Póstumo	18$00	26$00
Ensinos Espiritualistas (Descrições do além), por *W. S. Moses* . . .	16$00	24$00
Entre dois mundos, (romance), por *Antoinette Bourdin*	14$00	22$00
Expiação, por *Areolino Gorjão* . .	14$00	22$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy* . . .	20$00	29$00
Espiritismo (O) Contemporâneo, pelo *Dr. Martins Velho*.	12$00	
Factos Espiritas, por *William Crookes*	10$00	18$00
Fenómenos de Materialização, por *M. Quintão*	10$00	18$00
Física Transcendental, por *J. Zoellner*	10$00	
Fundamentos Científicos do Espitismo, pelo *Dr. Azevedo e Silva*	10$00	
Funerais da Santa Sé (Poesias ditadas pelo *Espirito de Guerra Junqueiro*)	18$00	26$00
Grandes e Pequenos Problemas, aplicações do Espiritismo aos problemas da vida, por *Angel Aguarod*.	16$00	24$00
Granja (A) do Silêncio, romance empolgante, por *Paul Bodier* . .	14$00	22$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espirito do Conde Rochester*	20$00	30$00
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	18$00	26$00
Livre-arbítrio e Determinismo, por *Louis Gastin*	3$00	
Magnetismo Curador, por *Alfonse Bué*.	12$00	20$00
Marieta (páginas de duas existências) romance mediúnico, recebido por *Daniel Artazú*.	20$00	28$00
Martirio (O) dos Suicidas, por *Almeindo Martins de Castro*.	10$00	
Mediunidade (A) e a Lei, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	20$00	
Memórias de Padre Germano . . .	20$00	28$00
Memórias duma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	17$00	25$00
Milagres (Os) de Jesns, sua interpetação espirita	3$50	
Na Sombra e na Luz, romance mediúnico ditado pelo Espírito de *Vitor Hugo*	20$00	28$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*.	20$00	28$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*.	16$00	24$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho, por *João Evangelista*.	12$00	
País da Luz (Do), por *Fernando de Lacerda*		50$00
Padre (O), a Mulher e o Confessionário, pelo *ex-padre Chiniquy* . . .	18$00	26$00
Pela Vitória do Espirito, por *Dr. Fred Wachsmann*.	35$00	
Poder Mental, pelo *Dr. A. Lôbo Vilela*	10$00	
Problema (O) da Sobrevivência, pelo *Dr. A. Lôbo Vilela*	10$00	
Protestantismo (O) e o Espiritismo, por *Benedito A. da Fonseca* . . .	14$00	22$00
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espirito de Vitor Hugo*	20$00	29$00
Revelação dos Papas, grosso volume de grande formato, de mais de 600 paginas	40$00	
Revelações de Além-Túmulo, pelo *Dr. Antão de Vasconcelos*. . . .	20$00	29$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	18$00	26$00
Rosário O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista . . .	18$00	27$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	16$00	2$400
Sobrevivências e Comunicação dos Espiritos, por *Osvaldo Melo* . .		24$00

(Continua na 4.ª pág. da capa)

Sonâmbula (A), romance espírita, por *António Lima*		26$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	12$00	20$00
Trabalho (O) dos Mortos, pelo *Dr. Nogueira de Faria*		45$00
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chiodo*	10$00	17$00
Vingança (A) do Judeu, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	20$00	29$00
Vozes do Além, pela médium Ernestina	10$00	

Nêstes preços não está incluído o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente, Ilhas Adjacentes. Para as colónias, só contra pagamento adiantado, devendo os requisitantes, enviar mais 5 % por cada volume, para porte, registo e embalagem.

«RESUMO DA DOUTRINA ESPIRITA»

pelo Dr. Gustave Geley

Devido ao êxito obtido no Brasil, encontra-se práticamente esgotada a 1.ª edição. Os exemplares que restam destinamo-los exclusivamente aos confrades que ainda desconhecem esta obra. De hoje em diante, deixa de estar à venda nas livrarias e tabacarias.

Uma obra única no seu género! Dezenas de livros num só livro cujo sumário é o seguinte:

A Doutrina Espírita: Inteligência e matéria — Evolução progressiva da alma — Encarnações e desencarnações — Pluralidade das existências — O corpo psíquico — O papel das emoções, das sensações e do livre-arbítrio — As encarnações nos diversos mundos — O corpo — O perispírito — A alma — Consciência e subconsciência — O esquecimento aparente — Estudo das fases da desencarnação — A desencarnação é um *processus* de análise — A encarnação é um processo de síntese.

Os Factos — Os sábios que têm estndado os factos — Os médiuns e o seu papel — Explicação dos factos pela doutrina espirita — A teoria anímica — Seu perfeito acôrdo com o Espiritismo — Os fenómenos mediúnicos em oposição ao mecanicismo e ao materialismo niïlista — Ocultismo e teosofia.

Provas Indirectas — Acôrdo desta doutrina com tôdas as ciências — Acôrdo eom as ciências naturais — O transformismo — Acôrdo com a astronomia, a física e a química — Acôrdo com a fisiologia — Uma página de Claude Bernard — Os desdobramentos da personalidade — O sonambulismo — A clarividência — A telepatia — Acôrdo com a patologia — Acôrdo com a filosofia — Espírito, fôrça e matéria, são fases da unidade criadora — Involução e evolução — Os sistemas filosóficos que mais se aproximam do Espiritismo — O monismo.

Conseqüências da Doutrina — Transformação das idéias religiosas, filosóficas, morais, sociais e individuais — Compreensão perfeita do mal e das desigualdades humanas — As recompensas e os castigos são conseqüências das nossas acções e consistem no estacionamento do sêr em encarnações dolorosas ou na sua passagem para estados superiores — A felicidade, resultado natural do prcgresso evolutivo — A moral nova: trabalho, amor, solidariedade — Liberdadade moral proporcional à evolução do indivíduo — Injustiça dos juízos humanos — Influência do evolucionismo na vida social — Extinção das divisões fictícias da humanidade — Socialismo e anarquia — A sociedade futura deverá reduzir ao mínimo as restrições e as imposições — Anarquia relativa — Deveres para com os animais.

Introdução ao Estudo Prático da Mediünidade — I. Carácter geral das experiências — II. O Médium — III. ¿Quais são as condições de bom rendimento do médium? — IV. Os experimentadores — V. O contrôlo — VI. As medidas de contrôlo — VII. As fraudes.

A Reencarnação em todos os seus aspectos: filosófico, moral e científico.

Vocabulário Metapsíquico, da autoria do Dr. António Lôbo Vilela, contendo os termos mais usados em Espiritismo e Metapsíquica.

À venda nas boas livrarias e na redacção de ESTUDOS PSÍQUICOS
Rua do Salitre, 149, 1.º — LISBOA

Preço — 18$00. Nas remessas pelo correio, acrescem as despesas de porte, embalagem e de cobrança.

7.º ANO SETEMBRO DE 1946 N.º 9

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

Admirável materialização de "Irmã Noiva"

CONTÉM: Explicação aos leitores, **da redacção;** Aranhas de Vidro, **pelo Coronel Faure da Rosa;** Uma Carta; Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro; Filosofia Neo-espiritualista, **por Ramos Pereira;** Materialização de Espiritos; Determinismo Divino, **por J. B. Chagas;** Conte o seu caso... como se tornou espirita? **(O Dr. Viriato Correia termina o seu depoimento);** Meditações de Setembro; O Carvalho e o Caniço; À Margem dos Livros, **por Ramos Pereira;** Crónica Estrangeira, **por Isidoro Duarte Santos;** Notas e Comentários; Noticiário

Ver página n.º 267

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL — ÓRGÃO OFICIAL DO CENTRO ESPIRITUALISTA LUZ E AMOR

Rua do Salitre, 149, 1.º — LISBOA

Propriedade de ISIDORO DUARTE SANTOS, a quem deve ser dirigida toda a correspondência

REDACTORES — CORRESPONDENTES:

No **Rio de Janeiro**	*Deolindo Amorim*
Em **Uberaba**	*Dr. Inácio Ferreira*
Em **Buenos Aires**	*Dr. Luís M. di Cristóforo*
Em **Paris**	*Dr. Henry Regnault*
Na **Índia**	*Raúl Sepúlveda Fontes*

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente — cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança	25$00
Brasil (12 números 50 cruzeiros)	
Colónias (12 números)	60$00
Número avulso	4$50
» atrasado	5$00

Distribuição gratuita aos sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
O Principiante Espirita	7$00	
O que é o Espiritismo	8$00	
O Livro dos Espiritos	18$00	26$00
O Livro dos Médiuns	18$00	26$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	18$00	26$00
Obras Póstumas	18$00	
A prece	5$00	
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	5$00	
O Porquê da Vida (nova edição)	18$00	
Depois da Morte (nova edição)	25$00	
O Grande Enigma	12$00	20$00
O Problema do Ser e do Destino	20$00	28$00
Cristianismo e Espiritismo	20$00	28$00
Joana d'Arc Médium	20$00	28$00
GABRIEL DELANNE		
A Evolução Anímica	20$00	28$00
A Alma é imortal	20$00	28$00
A Reencarnação	20$00	28$00
O Espiritismo Perante a Ciência	20$00	28$00
ENESTO BOZZANO		
Animismo ou Espiritismo?	20$00	28$00
Metapsíquica Humana	15$00	
Pensamento e Vontade	10$00	
CAMILLE FLAMMARION		
As Casas Mal Assombradas	20$00	28$00
Narrações do Infinito	10$00	

	br.	enc.
O Fim do Mundo	18$00	26$00
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos	24$00	33$00
Stella (romance astronómico)	18$00	26$00
Sonhos Estelares	16$00	24$00
Urânia	16$00	24$00
FRANCISCO C. XAVIER (Médium)		
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	12$00	19$00
A Caminho da Luz (História da civilização), pelo *Espírito de Emmanuel*	10$00	
O Consolador, resposta a 411 perguntas sobre os conhecimentos humanos, pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	12$00	20$00
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	12$00	20$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*	12$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	20$00	28$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	20$00	28$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do Irmão X*	20$00	
Lira Imortal, comunicações em verso	8$00	

(Continua na 3.ª pág. de capa)

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

7.º ANO — LISBOA, SETEMBRO DE 1946 — N.º 9

Director e Editor	Redacção e Administração	Administrador
Isidoro Duarte Santos	**Rua do Salitre, 149, 1.º**	**Maria G. Duarte Santos**

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 25295 — LISBOA

EXPLICAÇÃO AOS LEITORES

Se há situações desesperadas que põem em risco o futuro de empreendimentos que pareciam consolidados, «Estudos Psíquicos» encontra-se numa delas. Sem tir-te nem guar-te, a tipografia onde era impressa exigiu a mais 800$00 por cada número, para a compor e imprimir. Não concedeu prasos para remediarmos a situação. Informou-nos quando iamos entregar o original para o número de Setembro, que agora sai tão atrasado.

800$00 mensais correspondiam a 9.600$00 por ano e era-nos impossivel arranjar tal importância para juntar à que já pagávamos pela feitura da revista.

O dilema era terrível: ou pegar ou largar. Calculem os leitores a situação de um homem que fundou uma revista, que a manteve durante sete longos anos de luta à custa dos maiores sacrifícios, que lhe conseguiu atmosfera própria em várias latitudes, concitando a atenção de muitas notabilidades cientificas que a têm prestigiado com a sua colaboração, e ver-se, de um momento para o outro, quando menos o esperava, metido entre a espada e a parede, sujeito a ver desmoronar esta obra!...

A questão estava posta e tinhamos de resolvê-la. As despesas só podiam pagar-se com dinheiro e nós acabávamos de fazer a cobrança do segundo semestre sem alteração de preço, por estarmos longe de calcular o que surgiria dentro em pouco. Alguém alvitrou que se apelasse para os leitores, no sentido de permitirem um adicional sobre a assinatura paga. Mas isso era inexequivel.

Pedimos orçamentos a gregos e troianos. Por eles, tivemos ensejo de apreciar a disparidade de critério que orienta as indústrias gráficas. Uma verdadeira insensatez, um verdadeiro dispautério. Houve uma casa que pedia mais de quatro contos para fazer a revista! Enfim, temos que diminuir o número de páginas. De 32, passamos para 24. Mas, assim mesmo, pagaremos muito mais do que dantes.

Vejam os leitores! Desde 1942, já sofremos perto de 120 % de aumento de mão de obra tipográfica! Pois agora exigiam-nos mais 40 % sobre tudo aquilo!

E o papel? Esse, tem subido na mesma proporção. Qualquer revista que não tenha publicidade está condenada à morte, se não houver amigos que lhe prestem auxílio. Pois o aumento, contando também com a subida do papel, iria além de 1.000 escudos por mês — mais de doze contos por ano!...

Era a asfixia pura e simples.

Já um dia dissemos que, se tivesse de morrer, «Estudos Psíquicos» morreria de pé, como soldado que cumpriu o seu dever ao serviço da causa que abraçou. Ao cabo de sete anos de luta heroica, poderá dizer que morre bem, se for esse o seu destino. Lutou como pôde e enquanto pôde. Contra a fôrça não há resistência...

Se os espiritas compreendessem as dificuldades que se erguem na manutenção dum órgão deste género e a soma de esforço indispensável à sua apresentação, desde o aspecto gráfico ao conteudo científico, doutrinário e puramente jornalístico; se eles soubessem as canseiras e aborrecimentos que passamos para dar coisa limpa e séria, como temos feito, talvez nos auxiliassem com seus pedidos de assinatura. Mas assim...

Têm a palavra os leitores e os amigos da revista. Eles decidirão o rumo dum órgão que defendeu esforçadamente um ideal e desfraldou pendões humanistas, levando-os consigo aos quatro ventos do quadrante.

S/46

ARANHAS DE VIDRO

pelo Coronel Faure da Rosa

Parece fantasia, uma espécie de história da carochinha, esta coisa de «aranha de vidro».

Pois, a «aranha de vidro» não é menos interessante que a abelha, que a formiga ou que a térmita.

Maeterlinck ocupou-se de todos estes insectos em livro especial para cada um deles. A característica deste escritor e pensador, é a análise do infinitamente pequeno para dai tirar conclusões filosóficas de infinito alcance.

Também assim pensava e procedia o sábio Dr. Charles Richet.

A *aranha de vidro* é a argironete aquática, minúsculo aracnídeo que, embora provido de um sistema respiratório aéreo, vive paradoxalmente debaixo de água estagnada dentro de uma espécie de casulo ou sino, por ela tecido e dentro do qual acumula ar por meio de pequenas bolhas de ar fixadas ao abdome. Verifica-se, assim, que este insecto, muito tempo antes do homem, inventou o escafandro, ou o sino de mergulhador!

Foi o instinto, foi a inteligência que permitiu que a *aranha de vidro* descobrisse este aparelho? Dizem que o insecto não é inteligente... Mas então... quem lhe inspira e, em seu lugar executa actos incontestávelmente inteligentes? Donde lhe vem essa centelha ou esse raio de luz que precedeu tudo o que o espírito tem achado na terra e não é produzido pelo cérebro humano?

As aranhas têm notáveis manifestações de amor maternal que denotam uma inteligência e uma civilização muitissimo curiosas; a sua abnegação é de tal ordem que se a conhecêssemos entre gente, a qualificariamos de heróica.

Em que família humana se encontraria um sacrifício análogo ao das Scylodes e Pholcus, pequenas aranhas das nossas habitações, que durante toda a incubação trazem religiosamente entre as antenas os seus casulos, o que as impede de comer e as condena a um jejum absoluto?

Onde encontraríamos uma *Nursery* mais bem concebida e mais bem organizada que a da *Pisaura mirabilis*, aranha vulgar entre as ervas, a qual, em volta do casulo central onde se faz a eclosão, tece um outro maior, de grandes dimensões, formando, assim, uma espécie de átrio, de escola ou de jardim de crianças em que os pequenitos hão-de ensaiar os seus primeiros passos e que será sucessivamente alargado até que a mãe morra de esgotamento?

A *argironete* era muito abundante nas águas dos arredores de Gand (Bélgica), cidade quase tão aquática como a de Veneza. A *argironete* foi descoberta em 1744 próximo de Mans (França) por José Alberto de Large, de Lignac, sacerdote da congregação religiosa do Oratório.

O padre banhava-se num rio, quando notou — com muita surpreza — que na água se formavam umas bolhas e teve grande susto ao perceber que tais bolhas eram aranhas rodeadas de ar.

O corpo desta aranha é bastante forte. Os machos têm de 10 a 15 milímetros de comprimento e as fêmeas de 7 a 10. São negro-azuladas ou avermelhadas ou têm a cor cinzenta de rato, cambiante, e são cobertas de pelos muito curtos. A aranha de vidro possui oito olhos sobrepostos em duas filas e vive na água estagnada ou de corrente fraca, onde abundem ervas aquáticas. Parece que a sua mordedura é dolorosa. O insecto, porém, é pouco agressivo. Mas entre elas, as argironetes mostram-se ferozes e, conforme uma lei quase universal, as grandes atacam, mutilam e devoram as pequenas.

Na India, dizem os brâmanes (a casta mais elevada) que o peixe meudo nasceu para ser comido pelo peixe graudo. É isto por toda a parte... sejam bichos ou sejam homens. Os grandes vivem dos pequenos.

Sabe-se que os insectos têm respiração aerícola e até aqueles que vivem debaixo de água são obrigados a vir à superfície para renovarem a provisão de ar. O seu sistema respiratório, alinhado ao longo do corpo, é formado de traqueias, umas pequenas aberturas ou canais chamados estigmas. Não respiram pela boca como os mamiferos e a cabeça nunca é provida de estigmas. Mas as traqueias da *argironete* não pertencem à categoria das guelras-traqueias que possuem uns animais minúsculos aquáticos, com as quais extraiem o ar dissolvido na água.

A *aranha de vidro* necessita de ar puro, ar sem mistura; mas é forçada a passar a vida no fundo da água a fim de aí procurar o único alimento que lhe convém.

A ARANHA DE VIDRO INVENTOU O ESCAFANDRO

Assim, entre duas espécies de morte, pela asfixia ou pela fome, num rasgo de génio — não se sabe quando, após quantas tentativas e quantas provações na noite da pre-história — a *argironete* teve que inventar um aparelho, de que o homem se apercebeu só no tempo de Aristóteles, isto é, no apogeu da sua inteligência, aparelho que vem a ser o sino de mergulhador ou o escafandro que permite ao homem trabalhar de baixo de água.

Maeterlinck crê que não se trata duma invenção exigida por necessidade peremptória e vital, mas antes — o que torna o caso muito mais notável — dum melhoramento de confôrto que lhe dá a curiosa aparência da prática do progresso humano.

A qualquer outro insecto, a ampola corporal bastaria; mas a *argironete* mais inteligente, mais *humana*, exige mais e quere uma residência mais sólida, mais vasta, mais segura e confortável; como que um solar com quarto de dormir, casa de jantar, observatório, alcova nupcial e ninho para os pequenitos. Logo que a deixem um momento na obscuridade, ela começa a construção do seu sino que, no fundo, não é mais do que um desdobramento, um acrescentamento, ou antes, uma sucursal de luxo da ampola individual, sucursal desligada do seu corpo e geralmente decuplicada.

Tem duas secreções diferentes a que Maeterlinck chama *fio* e *verniz:* uma é a que produz os fios comparáveis aos das aranhas terrestres, mas menos visíveis; é com estes fios que a *argironete* forma a armação do sino; — a outra secreção, muito abundante, é uma espécie de vidro líquido que seca imediatamente e cobre o edifício. Esta substância vítrea assemelha-se ao papel em que costumam envolver os sabonetes, frutos, etc.; é mais maleável, mas menos resistente. Desta secreção vítrea lhe veio o nome de *aranha de vidro*.

— Devemos, então, presumir que o insecto conhece certas leis da hidrostática ou da conduta dos gases e que sabe calcular, com precisão, as dimensões que as aberturas não podem exceder para que o ar não se escape?

Uma experiência imaginada por Plateau reproduz o fenómeno revelado pela aranha de vidro: faz-se uma boneca, ou um pequeno saco fechado, de musselina ordinária, com a capacidade de um ou dois centímetros cúbicos; mergulha-se na água esse saco, naturalmente cheio de ar, impedindo-o de voltar à superfície por meio de um fio fixado a um peso; o ar ficará ali preso como num vaso fechado, até que o tecido apodreça.

Como contraprova, e para mais a destacar, Plateau inverteu a experiência. Sobre o orifício de um vaso cheio de água, colocou um pedaço de tule de malhas largas; pôs-lhe em cima uma placa de vidro, e, mantendo-a contra as bordas do vaso, voltou tudo. Depois, fez escorregar horizontalmente a placa, de modo que o tule ficasse a descoberto. Vê-se, então, que a água continua e continuará dentro do vaso enquanto o orifício se conservar estritamente horizontal.

Quantas coisas a humilde aranha sabia antes de nós!

Foi a experiência que a ensinou, ou é uma ciência inata, fruto de tentativas ancestrais imemorialmente acumuladas?

Mas, quem fez ou deu a ideia de realizar essas primeiras tentativas que se acumularam?

A RESIDÊNCIA DA ARANHA DE VIDRO

Segundo Plateau, a *argironete* muitas vezes constrói dois sinos: um leve e transparente para domicílio de verão e o outro duma seda mais espessa e opaca reservada ao inverno.

Na hora do amor, o macho constrói um sino perto do da fêmea, e tece um túnel de comunicação entre os dois.

Concluido o himeneu, o macho regressa à sua casa são e salvo, o que é raro nas núpcias aerícolas, nas quais habitualmente a fêmea devora o seu companheiro. Felizmente para ela, o macho da *argironete* é mais corpulento e mais forte do que a esposa. É verdade que a corpulência, às vezes, de nada serve — como na carocha dourada: — o macho, mais forte é da mesma maneira papado pela adorada esposa.

Pondo de parte os problemas químicos, tais como produção, tecedura, impermeabilização, vitrificação da sêda, que nós somos incapazes de penetrar, como somos incapazes de criar vida — mas que a Natureza resolveu por si, como resolveu todos os outros problemas que se agitam no nosso próprio corpo... onde adquiriu a *aranha de vidro* o que sabe de física, de história natural, de hidrostática, de biologia? Como soube ela que as bolhas de ar podiam aderir aos seus pelos enquanto não excedessem certo volume?

Donde vêm e aonde conduzem estes mistérios? Dar-me-ão a resposta fácil de que o insecto não cuida disso, que nada sabe, nem precisão tem de saber. Mas, se o insecto nada sabe e nós não estamos mais adiantados que ele, forçoso é reconhecer que há-de haver algum ou alguma coisa que o saiba. E, assim, o enigma, simplesmente deslocado, continua a ser o mesmo.

É verosímil que a inteligência do insecto não seja individual como a nossa, mas orgânicamente colectiva. Esta vida unânime, ainda que multicelular, manifesta-se, sobretudo, na colmeia, na termiteira e no formigueiro, e é semelhante — senão no espaço, pelo menos no tempo — em todos os insectos da mesma espécie.

O HOMEM E O INSECTO

Quando o insecto morre, não é mais que uma célula que se transforma em outro organismo. O insecto morre menos que nós, talvez até nem morra.

Para os materialistas, a morte é o fim, o total aniquilamento. Para o insecto, como para todos os neo-espiritualistas, a morte não é mais que uma fase do transformismo, o seguimento natural da vida intérmina, o liame do ciclo eterno. Para o insecto, cada transformação não é mais que a repetição geral da

última. A vida que abandonou o morto, mudou simplesmente de lugar e reencontra-se idêntica e intacta no ovo ou na ninfa. O cadáver dissecado não é mais que a carapaça da última crisálida.

Nós, humanos, também despimos a carapaça do corpo físico em cada uma das mortes físicas, para que o espírito, liberto, possa revestir-se de nova carapaça que virá a ser o novo instrumento de objectivação.

Num montão de areia não há dois grãos que sejam absolutamente iguais em tamanho, em peso, em coloração. Numa procissão de milhares de formigas, se bem que não possamos distingui-las, não há duas formigas idênticas e cada uma delas caminhará com uma velocidade diferente. Que dizer então dos homens? A fisiologia ensina-nos que jamais duas gotas de sangue são iguais. Pois bem! Com a inteligência acontece o mesmo: não há duas inteligências iguais; e isto tanto entre os homens como entre os insectos. Nós vimos que há formigas que levam outras a alterar as bases já assentes de uma construção, que as convencem, com uma argumentação exemplificativa, da superioridade dos seus planos, chegando até a refundir inteiramente o que outras já tinham executado, e isto com o consenso de todas.

Com os homens acontece o mesmo: todos nós sabemos que uns aprendem com mais facilidade que outros e que, para alguns, as dificuldades são de tal ordem que nunca chegam a aprender coisa de jeito. O poder de convicção de certos oradores ou escritores arrebata as multidões e impõe-se, enquanto o de outros é insignificante ou nulo. Tudo depende das aquisições obtidas nas vidas anteriores na sequência da ascese evolutiva, que é uma das leis imutáveis e eternas de Deus. Aprender, portanto, é recordar.

O MISTÉRIO DO CONHECIMENTO

Pascal, aos 12 anos de idade, descobria a maior parte da geometria plana e, sem jamais ter recebido nenhuma lição ou sequer possuir a mais ligeira noção de cálculo, traçou no pavimento do quarto todas as figuras do primeiro livro do *Tratado de Geometria* de Euclides, avaliando, com a maior precisão, as relações matemáticas dessas figuras, entre si; quer dizer, descobriu, sozinho, sem estudo, sem preparação, uma parte da geometria descritiva. Quem o ensinou?

Helena Keller era uma rapariga cega, surda e muda de nascença. Pois, a pesar do seu defeituoso aparelho físico, conhecia três idiomas e discorria, por mímica, sôbre vários assuntos. Quem a ensinou?

Ampère fazia cálculos aos 4 anos de idade sem nunca ter aprendido a ler e a contar. Onde aprendeu?

Hudson Tutte, aos 18 anos, sem nenhuma educação científica, escrevia, por inspiração mediúnica, o livro denominado — *Arcana of Nature,* que causou pasmo aos intelectuais alemães. O operário americano Davis, que mal sabia escrever, concluiu um romance que Dickens deixara em meio ao morrer. Outro operário, com espanto geral, apresentou uma obra cheia de assuntos históricos, filosóficos e teológicos. Os espíritos narraram a Drayson que Marte tinha dois satélites, o que êle publicou no livro «Solução dos Problemas Científicos pelos Espíritos», 18 anos antes da descoberta de Hall. Donde lhes veio o conhecimento, o saber?...

Não esqueçamos que os insectos pertencem ao período primário, enquanto nós só aparecemos na última época geológica, milhares de séculos depois deles.

Diz-se comumente, mas com muita leviandade, que o insecto nada aprende, que não evoluiu, nem mudou de hábitos.

A experiência realizada em nossos dias com a abelha doméstica que sensivelmente modificou, diante de nós, à nossa vista, certos costumes seculares, devia tornar-nos mais circunspectos. Não compreendeu e não utilizou, a abelha, os favos artificiais, apenas esboçados, que nós lhe fornecemos, nas colmeias desmontáveis? Não renuncia ela às provisões de inverno quando a transportamos para países onde o estio é perpétuo? Não deixa ela de procurar flores nas regiões onde as fábricas de açucar a alimentam mais abundantemente e com mais facilidade que o néctar dos cálices?

Então, isto não é aprender? Então, isto é não ter descernimento, não ter raciocínio?

Foi o instinto, foi a inteligência que permitiu à aranha de vidro descobrir o escafandro com o qual consegue conservar-se debaixo de água?

Donde lhe vem essa centelha, ou esse raio de luz que precedeu tudo que o espírito tem achado na terra e que não é produto do cérebro humano?

Há no universo uma inteligência superior à nossa que nos ensina tudo o que sabemos e da qual as plantas, os animais, e, sobretudo, os insectos participam quase tanto e, às vezes, mais do que nós mesmos?

Se a inteligência existe no homem — e neste ponto parece que todos estão de acordo — também deve existir no universo de que o homem é parte integrante.

O que existe na parte tem que existir no todo; por força. A matéria não é mais que o traje, a forma sensível e variável, vestido para a vida; um cadáver não pensa, nem se move. A força é um simples agente de conservação das funções vitais. Portanto, quem governa os mundos, quem dirige o Universo é a Inteligência Suprema, a Suprema Energia, o Supremo Arquiteto — Deus, enfim.

O homem só poderá igualar-se aos insectos, quando souber, como eles sabem, que a morte não existe, que a morte não é mais que uma palavra infeliz.

A morte não é a antítese da vida. Tanto no ho-

UMA CARTA

Do nosso redactor-correspondente em Buenos Aires, Dr. Luís M. di Cristóforo Postiglioni, recebemos a seguinte carta:

Buenos Aires, 15 de Janeiro de 1946

Meu querido amigo:

Recebi um grande livro, que é um grande presente. O seu «Resumo da Doutrina Espirita», magnifica síntese do pensamento geleiano, com a imerecida dedicatória que me consagra, além da menção no prefácio, são coisas que obrigam a minha gratidão a quem já ganhou um lugar de preferência no afecto doutrinário: Estudos Psíquicos *e a sua digna direcção.*

Como secretário de redacção de Constância, *trabalho numa crítica bibliográfica deste livro e remeto-lhe outro estudo crítico similar para a revista que tão auguralmente inicia a sua fase editora. Em dias futuros, logo que entre nas minhas férias anuais, hei-de dar forma a três ensaios inéditos, escritos especialmente para* Estudos Psíquicos.

Informo-o também, para seu governo e da revista, que a Comissão Organizadora do primeiro Congresso Espirita Pan-americano reiniciou as suas deliberações com o firme propósito de realizar aquele Congresso, que foi obrigada a suspender devido ao estado anormal do mundo em guerra que passou (passou, realmente?). Faço parte desta Comissão Organizadora; e se puder ser-lhe útil representando a revista e enviando-lhe informações e crónicas do Congresso, já sabe que estou ao seu dispor, embora o Congresso seja pan-americano. Em 1942, quando iniciámos a tarefa, contava com a representação de elementos brasileiros, pois representava no Congresso a Liga Espirita do Brasil.

Seria interessante saber o que pensam estes elementos ponderáveis do Espiritismo brasileiro, isto é, se enviarão monografias ou qualquer contribuição para maior brilho do Congresso.

Aguardando as suas estimadas notícias e esperando que Estudos Psíquicos *continui tão bem como até aqui, abraça-o incondicionalmente.*

Luís M. di Cristóforo Posriglioni

Duas razões nos levam a publicar esta carta: Primeira — A alusão feita ao «Resumo da Doutrina Espirita», que *Estudos Psíquicos Editora* lançou no mercado livreiro, num grande esfôrço de propaganda. Segunda — O Congresso Espirita Pan-americano, de altíssima importância, não só para o Espiritismo da América do Sul, como também para todos os povos de língua latina.

A referência à nossa primeira edição e o estudo crítico a que alude o nosso redactor-correspondente e que já nos chegou às mãos provam o valor intrínseco deste livro, que podemos considerar perfeita síntese da Doutrina Espirita.

Nem só os profanos o devem ler, mas também os espiritas militantes, porque nele existem argumentos irrespondíveis que reforçam sobremaneira os postulados que defendemos.

Agradecemos o oferecimento, quanto à representação desta revista na futura assembleia, pois o facto de se tratar de movimento espirita sul-americano, não nos impede de lhe dedicar a melhor atenção, visto que *Estudos Psíquicos* deseja manter os leitores ao corrente do que se passa no mundo.

Ninguém melhor do que o Dr. Luís M. di Cristóforo Postiglioni poderia desempenhar tal missão. Por isso lha confiamos abertamente, certos de que saberá honrar estas colunas, que lhe são familiares e onde tem apresentado trabalhos de alto valor mental e doutrinário.

---

mem como nos insectos, não é mais que uma simples tranformação de vida.

Tôda a vida é eterna; por toda a parte há vida e onde há vida há alma.

A alma tanto existe na infima célula animal, como na infima célula vegetal, como na mineral.

O homem é tão limitado, que não tem concepção superior à antropomorfa: julga-se o suprassumum da Criação.

Se o Sol tivesse cabeça e membros, ninguem duvidaria que o Sol pensasse; mas, assim, sem cabeça nem membros, não há quem acredite que o Sol possa pensar! Orgulho! Vaidade! Nada mais.

A final, que vale o homem — um gigante em estatura e em egoismo — ao lado das tamanhinhas formigas e aranhas de vidro que levam a solidariedade ao sacrificio máximo da personalidade individual?

Que função social humana pode equiparar-se à abnegação permanente da formiga e da térmita que tudo sacrificam em beneficio da colectividade?

SOCIEDADE DE MEDICINA E ESPIRITISMO DO RIO DE JANEIRO

Mais de 2.000 sócios! — A instalação de sua séde no 15.º andar do Edifício Internacional — Como foi comemorado o 5.º aniversário de sua fundação

A Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro comemorou o 5.º aniversário de sua fundação, com solenidade de que participaram numerosos médicos, engenheiros, advogados, militares, dentistas, farmacêuticos, escritores e jornalistas, seus membros e sócios, além de outras pessoas, inclusive elementos femininos.

O salão provisório de sua sede, à Avenida Marechal Floriano, 181, (1.º andar), estava ornamentado de rosas e cravos.

Abrindo a sessão comemorativa, o Presidente da Sociedade, Dr. Levindo Melo, quis prestar uma homenagem ao jornalista Milton de Andrade, por haver sido o autor do ante-projecto do Estatuto da instituição, e convidou-o a assumir a direcção dos trabalhos.

O Sr. Milton de Andrade, assumindo a presidência, agradeceu a deferência que acabava de receber e passou a fazer o histórico da Sociedade.

«A finalidade da Sociedade de Medicina e Espiritismo — disse — é promover a aliança da ciência com a religião, alijando de uma o preconceito e de outra o fanatismo, para conduzir o homem ao conhecimento da moral pura. Pelo seu Departamento de Investigações Experimentais, a Sociedade não tardará a iniciar os trabalhos de pesquisa, que servirão de base ao método experimental da Ciência Espiritualista. Fala-se, hoje, em «método experimental», como único, porque só existe o da ciência materialista. Futuramente, haverá dois métodos experimentais, o da Ciência Espiritualista e o da ciência materialista, pois que ambos terão a mesma fonte — os factos, verificados com rigor, através de experiências. Alguns Espíritos profetizaram a consolidação da Sociedade para o ano de 1947. Parece que acertarão. Para lá caminhamos. Em Setembro deste ano, já deverá estar pronto o Edifício Internacional, em cujo 15.º andar estão localizados o salão 1505/1506 e a sala 1504, com respectivas dependências, que compõem a sede definitiva e central da instituição, à Avenida Rio Branco,4. Na sede definitiva, a Sociedade intensificará desde logo seus trabalhos, com sessões de cinco géneros:

1.º — de *carácter científico,* com rigorismo absoluto, no órgão próprio, que é o Departamento de Investigações Experimentais, já sob a direcção do Dr. João Augusto Torres Bandeira, homem de valor moral, médico experiente, grande cultura espiritualista, pesquisador afeito à investigação, pois tem o curso de bacteriologista do Instituto de Manguinhos — centro científico de renome mundial; 2.º — de *carácter popular,* ilustradas com projecção cinematográfica de fenómenos, quando possível, promovidas pelo Departamento de Difusão Cultural, para difusão dos conhecimentos adquiridos nas experiências do Departamento de Investigações Experimentais, de dados filosóficos e de noções de moral pura; 3.º — de *carácter académico,* no plenário da Sociedade, para quaisquer comunicações, de ordem científica, ou filosófica, ou religiosa, que desejem fazer os Membros, convidados especiais, ou estranhos devidamente autorizados pela Directoria; 4.º — de *carácter prático,* como escolas de médiuns; 5.º — de *carácter especial,* em estilo de mesa-redonda, para exposição de assuntos doutrinários, por presidentes de centros espiritas sempre que possivel ilustradas com projecções cinematográficas de fenómenos.

«Meus irmãos — disse — antevejo o futuro da Sociedade, como esplendente de luz. Para ele avançamos, graças ao esforço, à dedicação e à tenacidade dos dirigentes da Sociedade, que mais trabalharam por ela, até o presente momento: o Presidente, Dr. Levindo Melo, o médico que, na Terra, teve a ideia da criação da Sociedade, promovendo sua transformação em realidade; o 1.º Secretário, Dr. Artur Lins de Vasconcelos Lopes, que com sua excelentísima Esposa, Dona Hercília Vasconcelos, doou Cr$ 100.000,00 para aquisição da sede e patrocina a campanha económico-financeira; e o Vice-Presidente, Tenente-Coronel Médico da Força Aérea Brasileira Dr. Telemaco Gonçalves Maia, verdadeiro «médico dos pobres», que já pro-

pôs mais de 2.000 sócios para a instituição. Para os três dirigentes, peço-vos uma salva de palmas».

O segundo orador foi o Dr. Lins de Vasconcelos. Disse que, com relação à Sociedade, nada mais por ela fez do que lhe ditara a consciência, estrictamente de acordo com suas convicções, quanto ao papel que ela poderá desempenhar, quer no campo da investigação científica, quer nos domínios da medicina, quer no sector da moral. Falou da errónea educação que se ministra ao homem actual, desde a infância, apontando-a como fonte principal dos males que açoitam a Humanidade. Em seguida, defendeu interessante tese acerca da estreita relação entre o perispírito e o corpo somático do homem, e as luzes que sua pesquisa e seu conhecimento trariam ao médico, na etiologia, na diagnose e na terapêutica de determinadas doenças. E concluiu: «Reputo um dever de todo espirita o amparo à Sociedade de Medicina e Espiritismo, da forma que possa, quer tornando-se membro ou sócio, quer oferecendo livros de Espiritismo, de ciência, de medicina e de psiquismo em geral à sua Biblioteca em formação, quer cooperando com a própria mediunidade, pois se trata de uma obra realmente grandiosa, destinada não só a elevar bem alto o nome do Espiritismo perante os cientistas, os intelectuais e as autoridades do país, como a promover incalculáveis benefícios para a Humanidade em geral».

O terceiro orador foi o Professor Arnaldo S. Thiago, que discorreu sobre o perispírito, sobre o materialismo e sobre as finalidades da Sociedade, exprimindo «a simpatia e as esperanças com que ela é vista nos circulos espíritas em geral».

O quarto orador foi o Dr. Lauro S. Tiago, médico e Director do Departamento de Estudos Filosóficos, que abordou as teses esposadas pelos oradores antecedentes, sobre o perispírito, assim finalizando: «Julgo-me no dever de dizer, neste instante, que me sinto muito bem, no seio da Sociedade, porque cogita da parte científica da fenomenologia espirita e não despreza o sentimento, que é o que eleva o homem».

O quinto e último orador foi o Coronel do Exército Dr. Gontran Jorge Pinheiro Cruz, engenheiro, que proclamou a reencarnação como a única doutrina capaz de satisfazer a quem quer ter ideia de justiça absoluta, como é a de Deus.

Após uma experiência mediúnica, em que se obteve uma belíssima exortação, plena de conceitos puros e de incentivos ao estudo e às realizações, foi encerrada a sessão.

A directoria desta Sociedade ficou assim constituida para o biénio 1946-1947:

Presidente: — Dr. Levindo Melo (Médico);

Vice-Presidente: Tenente-Coronel Médico da Força Aérea Brasileira, Dr. Telemaco Gonçalves Maia (Médico);

1.º Secretário: Dr. Artur Lins de Vasconcelos Lopes (Engenheiro);

2.º Secretário: Dr. Virgílio Aires de Melo (Cirurgião-Dentista);

Tesoureiro: Dr. Alfredo Cruz (Engenheiro);

Director do Departamento de Investigação Experimental: Dr. João Augusto Torres Bandeira (Médico-Bacteriologista, pelo Instituto de Manguinhos);

Director do Departamento de Estudos Filosóficos: Dr. Saladino de Gusmão (Advogado e engenheiro);

Director da Biblioteca e do Arquivo: Coronel Dr. Everaldino Acestes da Fonseca (Oficial Superior do Exército e engenheiro);

Director do Museu: Dr. Luiz Eugénio Pimenta Mourão (Médico).

Agradecemos o exemplar do Estatuto que nos foi enviado e fazemos votos pelos triunfos desta notável agremiação.

A MEDIUM QUE CUROU AFONSO XIII

Em 1932, desencarnava em Espanha a célebre médium curadora Teodora. Não costumava utilizar os passes magnéticos e simplesmente olhava com fixidez o paciente, dizendo depois, plena de fé:

— Vai para tua casa. Estás curado.

Quando o ex-rei de Espanha, Afonso XIII, tinha dois anos, declarou-se-lhe uma doença estranha que a medicina se julgou impotente para tratar. Recorreram, a conselho dum dos médicos assistentes, às faculdades mediúnicas de Teodora, que durante 15 dias esteve instalada no Palácio Real.

Um dia abandonou o Palácio, dizendo:

— Nada mais tenho que fazer. O Rei está curado.

Afirma-se que Afonso XIII chorou ao saber do passamento da famosa médium que o despertara para a vida.

FILOSOFIA NEO-ESPIRITUALISTA

(METAPSÍQUICA)

por Ramos Pereira

(Continuação)

BEM acima de todos, estão os espíritos elevados que prosseguem a sua evolução através dos mundos. Para eles a Terra não termina na superfície rugosa onde os vivos esbracejam e sim nas mais altas regiões do plano astral. Isto é — estão para os astrais como estes estão para nós. Na sua evolução espiritual percorrem os mundos e não os planos dum mundo. Estão certamente, uns mais evoluídos que outros, mas o menos evoluído é superior ao astral mais puro de qualquer mundo. Não encarna, mas sim reveste-se da matéria em extremo subtil do sub-astral. Alguns deles, porém, abandonam este progresso por puro sacrifício.

Por fim, culminando todos, estão *Os Cristos dos Mundos,* cuja evolução «nada tem de correspondente na nossa humanidade. São os agentes do Karma, pesam as acções da personalidade, dão o molde do duplo etérico, contrabalançam as relações do livre arbítrio, marcam as missões dum Nirmanakaya, são os intérpretes da Suprema Vontade».

Serão estas as únicas classes de seres que povoam as regiões astrais? Não.

Analisemos agora o que eu denomino — seres de ideal. Suponhamos que um indivíduo idealiza um ser qualquer, uma «musa», por exemplo. O pensamento animado pela vontade e desejo que ele tem de que tal ser exista, redunda numa vibração que o éter capta sob a forma dum fulcro vibratório que é uma imagem (Cf. Dal Pozzo); o indivíduo continua a pensar nessa fantasia, revestindo-a das maiores belezas, das qualidades mais excelsas e tudo isto concorre para que a imagem se vá precisando, tornando-se duradoira; a matéria astral atraída pelo fulcro energético, molda-o, reveste-o dum corpo astral. Mercê da energia concentrada, este artificial tem uma vida própria em acordo com o pensamento gerador. Se este o abandona, a coesão cessa e o artificial desfaz-se no magma do éter. A duração é função directa da intensidade do pensamento ou desejo-causa (seres-pensamento).

Esta classe é sem dúvida muito numerosa e entre ela e os progenitores há um laço verdadeiro que não só fortalece e vivifica o artificial, como pode redundar numa obsessão ou fascinação do causador. «Parece que a entidade assim formada é actuada por um desejo instintivo de prolongar a vida, reagindo sobre o seu criador como fôrça tendente sempre a provocar a renovação do pensamento que a originou.

Do que dissemos podemos concluir que estes artificiais podem ser causados consciente ou inconscientemente, tendo no primeiro caso maior poder e vitalidade.

Em algumas sessões experimentais constata-se o desenvolvimento de forças poderosas cuja causa é aparentemente desconhecida — as forças astrais. Só uma vontade poderosa as pode movimentar e não as podemos filiar com a energia do médium e dos experimentadores. Qual a causa, pois? Mas o próprio éter, como real campo energético. Aquelas forças nada mais são que a energia etérica guiada para um ponto de aplicação.

Por outro lado, trabalhos modernos revelaram que a pressão é resultante dum choque de partículas pesadas, isto é, de partículas carregadas duma certa energia. Assim, a própria luz exerce uma pressão. Ora sendo o éter um campo electro-magnético, exercerá uma pressão que se revelaria no vácuo absoluto.

Vimos que um pensamento forte agita o éter de tal forma que se prolonga nele sob a forma duma vibração imensa e indefinida, pois que ao impulso primeiro se mescla a própria força activa.

Assim, a incidência duma vibração de grande frequência sobre um objecto material pode desagregá-lo tal como as partículas ou os neutrões activados artificialmente podem destruir o edifício atómico, libertando energia.

III — PLANOS SUPERIORES

Definimos, hipotetizámos à base das comunicações e das experiências a fisionomia do plano que a evolução anímica coloca imediatamente acima do físico, o plano onde se manifesta a grande maioria dos espíritos humanos. Dissemos ainda que nas regiões mais elevadas se podiam comunicar espíritos superiores que nelas prosseguiam o seu Karma. Mas notámos também, por uma necessidade lógica do carácter da linha evolutiva, que acima destes planos outros deveria haver mais perfeitos.

Aqui o trabalho da intuição é ainda mais árduo pela impossibilidade de experienciar e por isso formularemos apenas uma hipótese sobre o que serão estes planos superiores.

Sendo o campo etérico mais puro, produzirá lògicamente em torno da alma uma aura mais vasta e

multímoda de tal modo que o pensamento em actividade apenas verá à sua volta as imagens de si próprio, apenas se verá a si próprio. A fantasia do ser cria uma vida para si que, em essência, é uma concentração do pensamento, uma meditação tendo por objecto a sua essência. Isto causa um sentimento inenarrável de ventura num oceano de luz multicolor.

E quando o ser transcende o meio para olhar o que está para além dele, apenas verá outros oceanos de luz, de pensamentos, com fulcros que são outros seres. Entre eles os raios V fazem a ligação e daqui a comunicação telepática que é, no fundo, a sensação dum banho num mar de pensamento.

No aspecto estático, o plano surge como um campo de vibrações subtis, com uma pulsação regular, reflexo da grande onda que saindo do seio de Deus percorre o espaço numa curva imensa. Mas para que o ser possa vislumbrar essa onda, necessário é que recolha o seu próprio pensamento, senão a própria luz do reflexo deste ofuscar-lhe-á de tal modo a vista que nada mais verá que a si próprio.

Qual será o efeito da vibração do pensamento no éter deste plano? Propagar-se-á tal como quando uma pedra cai, na superfície dum lago; acaba por limitar-se na resistência ainda oposta pelo meio. Haverá razão para crer na coloração dessas ondas? Não repugna tal, porque a côr é apenas a resultante da frequência de vibração, como que uma ilusão produzida por ela.

Quem habitará este mundo?

Embora muitos julguem impossível, suponho que um indivíduo, mesmo em vigília, pode alpendrar-se às zonas inferiores deste plano. A abstracção profunda, tendo por objecto um ideal superior, pode levar a alma a focalizar aí a consciência. Aos poucos, esta desprende-se, arrastada pela idéia e o indivíduo acaba por ter a noção perfeita do trabalho do pensamento. Parece-lhe ver as células nervosas num exaustivo labor, ganhando uma tensão extraordinária; em breve, ultrapassa isto e reduz-se apenas a um foco de pensamento. A visão alonga-se, expande-se de tal modo que nos dá a impressão que é o pensamento, que somos nós que nos engrandecemos; há uma espécie de vertigem, uma rajada toma-nos e erguemo-nos ainda mais. Que fica? Um extenuamento, um cansaço tão grande que julgamos ter tocado as raias da loucura; o ambiente durante um curto espaço de tempo não nos fere, chegamos a olhá-lo como estranho. E depois vem a noção perfeita da impotência de descrever o que se viu.

Estes factos são extremamente raros e só o génio será capaz de guardar uns restos da sua visão, restos que por si sós assombram e perturbam quem procurar segui-los.

Nos primeiros sub-planos devem viver os que pelo seu altruismo ou pela sua fé lançaram de si a mesquinhez da vida terrena, ganhando uma sensibilidade extraordinária, aqueles que, sem nada poder, se deram todos ao seu semelhante ou ao seu ideal religioso sem nada pedir em troca. Os primeiros são os que sem grande elevação intelectual sentiram o amor na sua forma pura. Mercê da hipertrofia do seu ideal de amor, vivem num êxtase, numa felicidade estranha, pois que a intensidade do seu pensamento e da sua sensibilidade gravam na matéria quase astral dos sub-planos inferiores as imagens daquilo que adoraram na Terra. Quando baixam ao plano físico são os anjos da bondade, são os crentes puros que o vulgo admira e não compreende.

Farão seres assim progressos muito rápidos? Sem dúvida que não, pois que à fé e à virtude é necessário juntar o conhecimento; mas está apto a ganhar lugares mais elevados logo que a sua intelectualidade se for desenvolvendo.

Mais acima estão aqueles espíritos de filantropia, de abnegação activa que sonharam a conversão das sociedades, aqueles perseguidores dum ideal que abrangia a humanidade inteira.

Que haverá mais? Depois vêm aqueles que sentiram «o desejo altruista de conhecimento intelectual, o alto pensamento científico ou filosófico, o talento artístico ou literário, aproveitado para fins altruistas e a prestação de serviços pela simples vontade de servir». Aqui já surge a centelha do conhecimento a robustecer a fé e o altruismo. Entramos agora no verdadeiro plano mental, a meu ver, pois que considero as outras regiões como fazendo parte mais do astral que do mental. É a zona do estudo e da criação que redunda numa corrente de pensamento forte que, no plano físico, se manifesta na inspiração do génio artístico, do taumaturgo, do sábio ou do filósofo. É a zona da realização em que o ser vê o seu pensamento exteriorizado e o que está para além de si.

Por fim, no Alto ficam os que se apossaram por completo da verdade, aqueles que prosseguem apenas a sua evolução de plano mental em plano mental. Aqueles cuja evolução intelectual chegou ao seu termo. São eles «as fontes caudalosas onde as almas ainda em marcha para os cumes altaneiros podem ir beber a força de que carecem para levar a bom termo a sua jornada.»

Concluindo :

E na meta, na chegada
dessa viagem supina,
é que está a Fôrça alada
que é pura Chama Divina:
— só Luz e Brilho — mais nada !

(Excerpto) **RUDERICO**

Materialização de Espíritos

Os espíritos de Terezinha e «Irmã Noiva» (Maria Martins) materializam-se em Lins, Estado de S. Paulo, Brasil, na presença de pessoas idóneas, entre as quais alguns médicos

A Centelha, de S. Paulo, deu circunstanciada notícia de duas interessantíssimas materializações de espíritos: a primeira com auxílio do conhecido médium Osvaldo Pereira de Oliveira e a segunda com auxílio dos médiuns Dr. Abdias Nogueira (médico) e sua esposa D. Elvira Goulart Nogueira.

Terezinha Cavalcanti de Albuquerque, cujo nome de baptismo orna o Centro Espirita de Pindamonhangaba, de que é protectora e no qual se realizou há pouco uma espantosa operação cirúrgica que teve enorme repercussão em todo o Brasil e que *Estudos Psíquicos* descreveu em duas memoráveis *reportagens*, nasceu em S. Paulo, na Rua Frei Caneca, 842, antigo 132-A, no dia 31 de Março de 1925. Era filha do nosso confrade farmacêutico sr. António Augusto Cavalcanti e da sr.ª D. Helena Arouca Cavalcanti de Albuquerque e desencarnou em 8 de Junho de 1944, aos 19 anos de idade. Um ano antes da desencarnação ingressara no Espiritismo e na primeira sessão a que assistiu, no Centro Espirita Gregorius IV, de Ponte Pequena, o espirito de Padre Zabeu materializou-se, trazendo-lhe flores e abraçando-a fraternalmente.

Sempre que este espírito se materializava, demonstrava grande afeição por Terezinha, cuja enfermidade durou um ano, já noiva de seu primo Jorge Ferreira Pinto, que veio a desencarnar em 19 de Março de 1945, precisamente nove meses depois dela. O Padre Zabeu predissera que Jorge acompanharia Terezinha, pois— dizia ele — eram espíritos afins e haviam sido gémeos na penúltima reencarnação.

Quando se deu o trespasse de Terezinha, sua mãe disse ter visto uma luz a desprender-se da cabeça da filha e elevar-se em forma de espiral. Doze dias passados, dava a primeira mensagem através do médium sr. Jorge Padrão. Depois disso, tem-se comunicado por vários médiuns, inclusive sua mãe, que se desenvolveu logo após a desencarnação da filha.

Quatro meses decorridos, Terezinha materilizava-se em casa do médium Osvaldo de Oliveira e oferecia aos seus pais dois botões de rosa. Hoje, está entregue a gloriosa mis-

Materialização completa do espírito de «Irmã Noiva» (Maria Martins). A fotografia foi tirada pelo nosso confrade Sr. Luiz Francisco Lima, em importante sessão realizada à luz clara. O espírito esteve 45 mimutos à vista dos assistentes Na mesma altura, materializou-se também a irmã Terezinha, que conversou longamente com seus pais

são, distribuindo graças pela humanidade sofredora, em companhia de espíritos esclarecidos que não cessam de praticar o bem.

Eis a missiva ditada por ela em voz directa e dirigida a seus progenitores:

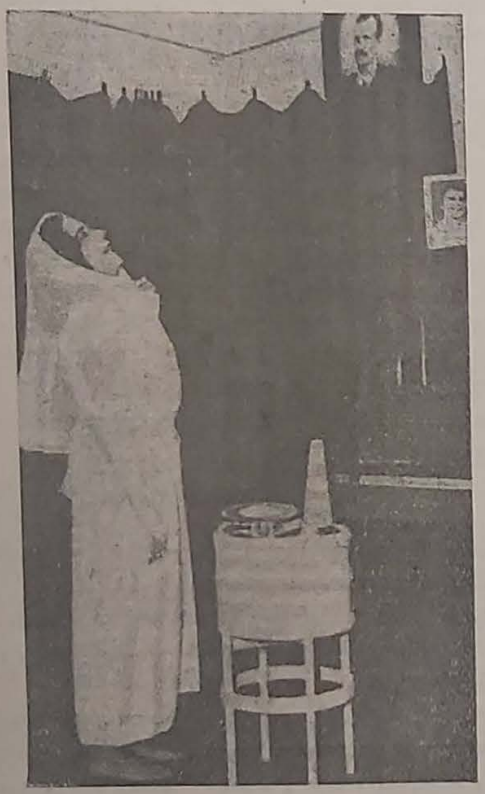
Queridos pais — Que a paz do Mestre paire sobre vós, quando receberdes esta pequena mensagem por

mim ditada do Além. Desde que parti da Terra, é a primeira oportunidade que tenho de vos enviar as minhas saudades imorredoiras, saudades também de Jorge que, junto de mim, vos sauda.

Prossegui, meus estimados velhinhos, na estrada verdadeira e luminosa do Espiritismo, que vos guiará para a purificação dos vossos espíritos.

Esta mensagem é para vós uma prova de que existe a imortalidade da alma. Nos momentos aflitivos, lembrai-vos do meigo Nazareno, que derramará sobre vós as forças necessárias para a vossa jornada santa.

Papá, farei com que Carmen e as outras sigam as



Admirável materialização de «Irmã Noiva» (Maria Martins) obtida na reunião em que tomaram parte diversas pessoas, inclusive médicos. Serviram de médiuns o dr. Abdias Nogueira e a Sr.ª Élvira Goulard Nogueira, pertencentes ao «Grupo Irmã Terezinha», de Lins, filiado à União Espírita de Lins

vossas pègadas, para mais tarde nos encontrarmos satisfeitos na verdadeira pátria.

Sinto-me contente em vos mandar estas palavras singelas de coragem e amor. Nas vossas preces, eu e o Jorge estaremos convosco.

Paz em Cristo. Da filha saudosa

Terezinha

PROVA CONVINCENTE DA IMORTALIDADE

Transcrevemos agora da mesma revista, a acta duma importante sessão em que a irmã noiva (Maria Martins) e Terezinha Cavalcanti se manterializaram à luz clara, na presença de várias pessoas e durante quarenta e cinco minutos, falando e tocando carinhosamente nas mãos e na cabeça dos assistentes. Terezinha, comovida, abraçou os pais e, carinhosamente, incitou-os à prática do bem, com estas palavras: «A vida terrena é um sopro breve e o mundo é cheio de fantasias e ilusões. Deveis aproveitar bem esse instante que Deus vos concedeu para aperfeiçoamento e felicidade de vossos espiritos».

A sessão a que nos referimos realizou-se na Rua Moóca, 1705, em S. Paulo, com a assistência da família Cavalcanti e outras pessoas amigas, que formavam um círculo completo. Junto ao gabinete da médium, sr.ª Elvira Goulart, esposa do Dr. Abdias Goulart, sentou-se de um lado êste último e do outro o representante de *A Centelha*.

A seguir à prece de abertura, um suave perfume encheu o ambiente e dentro do gabinete ouviu-se o farfalhar de seda comprimida, bem como pancadas na parede que o Dr. Abdias explicou como avisos que precedem a materialização de «Irmã Noiva». Depois comunicou-se o espírito de Jorge Ferreira Pinto, que fôra noivo de Terezinha e desencarnara em 1945 em Taubaté. Neste momento duas luzes flutuavam junto à porta do gabinete, onde a médium estava em transe.

Deu-se então a materialização perfeita, integral, do espírito de «irmã noiva», Maria Martins, que foi atentamente observada pelos assistentes em plena claridade, conservando-se materializada mais de 45 minutos, cantando música argentina em voz típica espanhola e tocando levemente nas mãos e na cabeça dos presentes, aos quais permitiu que lhe examinassem o seu veu de noiva. Findo esse longo tempo, desmaterializou-se; e, após breve comunicação de Jorge, deu-se a materialização de Terezinha Cavalcanti, que saudou seus pais presentes à sessão, abraçando-os carinhosamente, gesto que a todos comoveu. Depois, Terezinha falou a cada um dos assistentes, a quem dirigiu palavras afectuosas e confortadoras, tendo permitido que seu pai lhe auscultasse o coração, como se ainda estivesse na terra. Efectivamente, o sr. farmacêutico António Cavalcanti declarou que ouvira nitidamente o tic-tac do coração da filha!

Terezinha permaneceu longo tempo materializada, cantando trechos da «Ave-Maria» de Gounoud, com letra improvisada. Exortou os presentes a seguir a doutrina de Jesus e ofereceu um ramalhete ao representante da *A Centelha*, pedindo-lhe que, por essa revista, transmitisse a seguinte frase textual:

— Diga a toda a gente que Terezinha é imensamente feliz!

Além do Dr. Abdias Nogueira, médico e médium que presidia aos trabalhos, assinaram a acta as seguintes pessoas: António A. Cavalcanti de Albuquerque, Helena Arouca Cavalcanti de Albuquerque, Jan Alkar, Luiz Francisco Lima, Horácio Besana, Carmen Cavalcanti de Albuquerque, Lígia Eunice Cavalcanti, Francisco Ruiz Martins, Ruth Cavalcanti de Albuquerque, Nilbo Catiste Nogueira, António Ruiz Lopes, Maria Yolanda Cavalcanti de Albuquerque, Eidy Galvão Nogueira, Catiste Nogueira, José Pedro Nogueira, Ana de Oliveira, Laura C. Albuquerque, José Luiz Junior, Elvira Goulart Nogueira e B. Nicolau, representante de *A Centelha*.

Seis dias após esta sessão, realizou-se outra corporificação integral de «Irmã Noiva», em casa do sr. António Augusto Cavalcanti com os mesmos médiuns, Dr. Abdias Nogueira e D. Elvira Goulart Nogueira, na presença de onze pessoas, inclusive dois médicos. Diz *A Centelha*:

«Como na sessão anterior, o espírito materializou-se sob graduações da luz até à perfeita claridade. Todos puderam observar com plena nitidez os traços característicos do espírito, notando-se a cor da pele e sentindo-se o contacto de suas mãos. Até o bater acelerado do pulso foi verificado por um dos médicos presentes.

«Nenhuma das pessoas ali reunidas se pareciam com o espírito materializado. As portas tinham sido fechadas à chave e a médium colocada a um canto, apenas protegida por uma cortina preta, à vista dos assistentes.

No momento em que era mais nitida a formação de além-túmulo, o nosso confrade sr. Luiz Francisco de Lima bateu duas chapas, uma das quais estampamos nesta página.

Nota-se nessa fotografia uma perfeição absoluta, com toda a aparência de pessoa viva *pousando* para a objectiva.

Um dos médicos presentes descreve-nos assim as suas impressões:

— Tive a sensação de mudança de temperatura. O ar foi agitado levemente por brisa suave, como já havia observado anteriormente noutra sessão de materialização. Antes era quente e abafado e agora tornava-se ameno e agradàvelmente frio, mantendo-se esse estado por muito tempo até à completa materialização do espírito. Um perfume delicioso aromatizava o ambiente.

Outra coisa que me convenceu sobremaneira da autenticidade do fenómeno foi a acentuada diferença de estatura entre os dois espíritos materializados. Enquanto a «Irmã Noiva» aparentava 1m,60, o vulto de Terezinha atingia quase dois metros. Afirmo que observei tudo com completa lucidez. Não estava a dormir nem tampouco hipnotizado».

Nesta sessão estavam presentes os srs. António Augusto Cavalcanti de Albuquerque, Joaquim Eduardo Barbosa, Dr. J. de Almeida Xavier, Luiz Francisco Lima, António Reis Lopes, França Reis, José Pedro Nogueira, Santa Catiste Nogueira, Helena Cavalcanti de Albuquerque e Dr. Abdias Nogueira.

O relato que aí fica é suficiente para edificação dos incrédulos. Na fotogravura obtida na primeira sessão, vê-se claramente a sombra do objecto que o espírito segura na mão direita, prova de que a luz eléctrica estava estabelecida. Na segunda fotogravura, o caso é ainda mais frisante. Note-se a forma e nitidez dos pés e a expressão do rosto que denota aspecto de pessoa viva.

CÂNTICOS

NA PRISÃO

Mão férrea me lançou na prisão do mundo.
Encosto a alma às grades do meu corpo
e, olhando o Sol que brilha noutra Terra,
cantando a dor nas trevas do silêncio,
Espero que a Morte venha e me liberte!

RAMOS PEREIRA

O ESPIRITISMO NA INDIA

Apesar de na India ser crença popular, não só a imortalidade da alma, como também a reencarnação, o Espiritismo lutou, de principio, com algumas dificuldades para atrair o interesse das classes intelectuais.

Em 1927. porém, devido aos esforços e generosidade de Tulsidas G. Khattan, fundava-se em Bombaim a Socinedade Espirita indú que, pouco depois, se alargava, com ramificações em Poona, Albahabad e Delhy. As principais experiências efectuadas nos centros filiados são: — psicografia inconsciente, clarividência, incorporação e fotografia mediúnica. Rishi, médium de incorporação desenvolvido no British College of Psychic Science, foi uma das figuras mais notáveis do Espiritismo hindu.

DETERMINISMO DIVINO

por J. B. Chagas

(Correspondente de «Estudos Psíquicos» em Nova Iguassu)

EMBORA a onda de descrença ainda impere no mundo, somos forçados a aceitar a existência de uma força directora do que vibra e palpita no Universo. Sem ela, o Universo seria semelhante a um corpo sem alma. Diante da absoluta ordem que se observa na obra da Criação, embora grande número de homens pretensamente sábios ousem não admitir autor para essa obra e para essa força; apesar disso, a grandeza da obra denuncia claramente um Criador, tudo dirigindo e determinando. Chegamos assim a aceitar um determinismo divino, ao qual estão submetidos homens e coisas.

A vontade do homem mais poderoso da terra está submetida a essa poderosa força, por mais arrogante e enfatuado que ele seja. É, pois, dentro desse determinismo que não autoriza absurdos, que a vida se desenvolve e perdura, no ritmo admirável que verificamos em tudo, embora as excepções pareçam aberrações dessa lei, no fraco entendimento dos homens.

Nunca foi tão verdadeiro o prolóquio popular, que diz: «O homem põe e Deus dispõe».

A cada instante a vida nos apresenta factos, onde ressaltam os efeitos reais da lei do determinismo divino.

É verdade que há uma forte corrente de partidários do determinismo relativo, considerando que o livre arbítrio, que todos possuem, pode, de algum modo, modificar os seus desígnios. A ser verdadeira tal possibilidade, teríamos que admitir a derrogação das leis sábias, justas e imutáveis do Criador.

★ ★ ★

Jacques Aboab, é um dos filhos de Israel convertido últimamente ao Espiritismo. Dentro das determinações dessa lei, foi nascer no meio de raça judaica, no seio de outro povo (produto, talvez, de sua própria escolha na Espiritualidade), quando podia ter escolhido o Brasil, terra que posteriormente adoptou e onde passou a viver.

Foi no mais aceso da luta que teve de empreender em prol da sua manutenção e dos seus, que o foram buscar a fortuna e a mediunidade.

O quê? Um judeu médium? — terão exclamado muitos. Porque alguns hão-de pensar que a mediunidade é privilégio do Espiritismo. E assim, o nosso irmão, integrado conscientemente nas verdades espiritas, passou a ler e a pôr em prática o que ia aprendendo em teoria. E como é inteligente e trabalhador, viu crescer sucessivamente os seus bens materiais.

Ao mesmo tempo que distribuia um pouco do que era seu com os infelizes e necessitados, via aumentar os seus bens!... Mas com esta atitude não concordaram, não só os seus irmãos de raça, como os seus próprios familiares. Luta tremenda se estabelece, então, no seu espírito. Como contornar a situação? Atenderia aquelas reclamações ou obedeceria aos imperativos da Doutrina Espirita, expresso no lema: — *«Fora da Caridade Não Ha Salvação»?*

Queria empregar bem a riqueza de que Deus o fazia depositário na Terra; queria fundar um orfanato e dividir o que possuia, a fim de dispor do que sobrasse para o custeio da obra.

Na ânsia de encontrar uma solução para o caso, o nosso irmão lembrou-se de Pedro Leopoldo, cidade do Estado de Minas Gerais, onde reside Francisco Cândido Xavier, e aí lembrou-se de *Emmanuel,* guia espiritual do médium. E se assim pensou, melhor executou. Ei-lo, dias depois, frente ao *Chico,* para o *tête-à-tête,* providencial.

A palavra do Alto não se fez rogada:

«Teus amigos de muitos séculos rejubilam com a decisão de teu espírito convertido ao Evangelho do Mestre, no sector das realizações espirituais. Tua alma, meu caro amigo, iluminada nos recessos mais íntimos, pela claridade superior, experimenta o êxtase daqueles que suspiram de dor, longo tempo, à distância do sol.

«Quebrou-se a porta do cárcere *Jacques,* e vês agora a radiosa alegria do monte, sequioso de sorver o orvalho divino das verdades eternas. É por isso que tua mente se embriaga de esperança e, muita vez, de ansiedade por executar prontamente os deveres que te cabem, conquistando os cumes. Tem calma e serenidade.

«É preciso semear, tranquilamente, para que a messe seja de facto o celeiro de todos, em futuro próximo e remoto. Continua distribuindo a boa semente com alegria, convencido, porém, de que existem problemas de longo tempo por serem questões de grande alcance para a espiritualidade. O que é anseio incontido no teu coração de semeador é também saudade do grande Lar onde nos reuniremos todos um dia, nos tempos que virão. Por agora, pois, meu amigo, se temos algo de novo a oferecer-te em matéria de orientação, apenas te pedimos bastante serenidade, na continuação de teu apostolado na verdade e no bem.

Quanto à pergunta directa que formulas sobre a conveniência da construção de uma instituição beneficente em Pedro Leopoldo, devo dizer-te que a realização é fácil, mas prejudicial sob o ponto de vista dos interesses do espírito.

«É que qualquer instituto de benefícios materiais, no momento, viria modificar os programas do fulcro de energia espiritual que se instalou aqui, com grandes dificuldades. Se houvesse necessidade premente, paralisaríamos o serviço da luz para atender exclusivamente ao serviço do pão, mas em verdade não faltam por aí institutos desse género.

«A recepção de trabalho para o livro espírita demanda circunstâncias especiais de simplicidade e, mais que nunca, sem qualquer presunção de nossa parte, necessitamos de conhecimentos básicos para o serviço colectivo de preparação mental no Evangelho.

«Se instalássemos, de pronto, um instituto dessa natureza na cidade, humilde ou sumptuosa, em movimento louvável e justo de caridade, provocaríamos grande e contínua concentração de peregrinos, talvez mais de curiosidade científica, menos construtiva que da necessidade em seu próprio sentido. As preocupações e exigências, nas responsabilidades imediatas, perturbariam de algum modo o serviço que se vem fazendo para todos e provàvelmente teríamos um círculo particularista em Pedro Leopoldo, atento a mil e uma obrigações sociais, excluindo a possibiildade da iluminação colectiva. Somos partidários dessa realização, mas não agora. O momento é delicado e precisamos de colaborar para que a obra não se torne insustentável. Semelhante cooperação é um dever, de vez que o trabalho é da comunidade do Espiritismo Cristão no Brasil. Esperemos, pois, a passagem do tempo e aguardaremos ensejo mais justo.

Não obstante, poderás colaborar conosco, enviando-nos, com tuas preces e vibrações, «poder» e «energia», como sempre fazes. Nossa usina não pode dispensar semelhante concurso.

«Atende aos nossos trabalhos imediatos em Campos, sempre que te for possível.

«Existe lá uma realização simpática esperando colaboradores: o «Lar dos Meninos». Peço-te cooperação para ela. É serviço de inestimável valor a «Escola Jesus Cristo».

«Quanto aos teus familiares, dá a todos eles o que Jesus te recomenda... amor e sacrifício, protecção e carinho. É o que te pode lembrar, de momento, o amigo e servo humilde — EMMANUEL».

* * *

Diante de tão concisos conselhos, qual presente do Céu, o nosso irmão, sem qualquer vacilação, está cumprindo, rigorosamente, as instruções recebidas. Já dispôs dos seus bens, de modo a beneficiar familiares, empregados, etc.

Todavia, ao mesmo tempo que aumenta a sua assistência aos necessitados e aflitos, avultam também as arremetidas, não só das trevas, mas também dos familiares e antigos irmãos de crença!... Não toleram esta deserção...

E diante de tanta grandeza da bondade de Deus, que vai buscar o seu *escolhido*, onde quer que se encontre, devemos cair de joelhos e elevar do íntimo do coração um cântico de amor ao Pai de Infinito Amor e de Infinita Grandeza!...

Nova Iguassú — E. do Rio — Brasil. Abril de 1946.

O ESPIRITISMO NA AMERICA

Chega-nos, através de «Psychic News», a notícia de que a estação W. I. G. D. de Miami, Florida, convidou representantes espíritas a colaborar na emissão dedicada às Igrejas. «É um programa que abraça todos os credos».

Arthur Ford e B. J. Candler, dois médicos famosos, teem preenchido com as suas palestras o tempo reservado ao Espiritismo, que é reconhecido, assim, em pé de igualdade com os outros sistemas religiosos. É da mensagem do primeiro, o seguinte passo:

«O Espiritismo é o movimento religioso que mais ràpidamente se tem desenvolvido, nêste país, embora seja um dos menos compreendidos. Conta, entre os seus milhões de aderentes, muitas das pessoas mais conhecidas no mundo».

Ford afirma-o como «ciência, filosofia e religião». É Ciência, «porque trata de factos», porque «observa, regista, classifica e estabelece uma hipótese explanatória»; Filosofia, pois procura «encontrar razão, sentido e fim no Universo»; Religião, porque religa o homem a Jesus. «Os espiritualistas nunca esquecem que as leis espirituais e os princípios divinos revelados através dos fenómenos psíquicos são muitissimo mais importantes que êstes próprios».

Pelo mundo sente-se pulsar uma Consciência cada vez mais fortemente Espírita. Quando se uniformizarem, totalmente, o Espiritismo anglo-saxónio e o Espiritismo latino, quando aquele aceitar o reencarnacionismo det Kardec (para o que decididamente vai sendo impelido pelos espíritos que se comunicam), estamos certos de que o Mundo aproveitará, mais ainda, do «trabalho devotado de milhões de pessoas honestas e inteligentes», que a União Espírita Universal se imporá como um facto notável na história do pensamento.

CONTE O SEU CASO...

COMO SE TORNOU ESPIRITA?

O Dr. Viriato Correia conclui o seu depoimento

IV

A primeira impressão violenta de simpatia já eu tinha tido com a leitura do *Livro dos Espiritos*. Tudo mais era fácil. E fácil tudo mais foi.

Passei um ano inteiro a ler, a observar. Quando abri os olhos, tinha diante deles a imensa rutilação da fé divina.

Punha a cabeça fora da toca e, como o Coelho da fábula, não mais quis voltar a enfurnar-me na treva.

E vêde, vêde, meus senhores, quanta casualidade em tudo isto!

A casualidade levou-me à Cambuquira, ao mesmo tempo que levou o António Fonseca. A casualidade fez-nos morar no mesmo hotel e ter vizinhas as mesas. O açaso inspirou-lhe interesse pelos meus sofrimentos e inspirou-nos simpatias mútuas. Ainda o acaso forçou-me a respeitar nele (aludo aos passes) aquilo que, decerto, eu acharia ridículo em outra pessoa. Ainda a casualidade fê-lo meter-me nas mãos o livro de Kardec e inspirou-me a obrigação de lê-lo, para corresponder à gentileza da oferta. Ainda a casualidade moveu alguém a colocar o livro na ponta daquela mesa, no momento em que eu pasava para o banho.

E só o acaso, o eterno acaso, (é este, para mim, o ponto mas frisante da narrativa) fez-me abrir o livro justamente naquela página, aquela que vos li.

É este o ponto mais curioso de tudo isto, insisto em afirmar, o ponto a que atribuo toda a minha conversão.

Sempre foram as leituras chocantes, com qualquer cunho de inédito, com qualquer cunho de novidade, as que mais me impressionaram.

Se o acaso não me tivesse feito abrir o *Livro dos Espiritos* naquela página, talvez eu nunca tivesse tido interesse de ler o volume. Se começasse a leitura da primeira página, sem aquela impressão vibrante que, casualmente, recebi à hora do banho, é possivel que não fôsse ao meio do livro ou talvez não passasse das primeiras folhas.

O Acaso sabia que, antes de tudo, devia inflamar-me a centelha da curiosidade, sabia que a minha curiosidade, em leitura, se inflama fàcilmente pelo ineditismo e pela novidade.

Havemos de concordar, senhores, que o Acaso é uma entidade altamente inteligente...

A maioria das criaturas não compreende que alguém possa ser espirita sem ter visto as manifestações físicas do Espiritismo.

No fundo há uma certa dose de razão. Os fenómenos das sessões práticas são às vezes de tal maneira impressionantes, que solidificam a convicção de que existe uma outra vida, que não esta vida tangível em que nos arrastamos.

INICIAÇÃO DIFICIL

Dos casos práticos do Espiritismo sei contar muito pouco. O que me fascinou foi a doutrina, pela magnitude de sua beleza, pela sua suprema doçura tonificadora das almas, pelo bálsamo infinito que derrama sôbre as dores.

Nos primeiros dias da minha iniciação, tive a curiosidade de assistir a trabalhos de mediunidade. A decepção foi enorme. À mesa sentavam-se criaturas de sisudez indiscutivel e de sinceridade profunda; mas a pesar de tudo, foi enorme a minha decepção.

Porque? Não acreditei nas mediunizações, não acreditei nas figuras actuadas pelos Espíritos. Achei tudo aquilo muito próximo da comédia. Parecia-me que os transes eram fingidos.

Tinha tido um dia infeliz. Os Espíritos que se manifestaram eram todos de uma inferioridade alarmante.

Foi só mais tarde, mais de um ano depois, que voltei a assistir a trabalhos práticos. Ali, fui mais feliz; ali, pela palavra dos altos Es-

píritos, tive a boa sorte de mais fortificar a minha crença.

Observações pessoais que possam impressionar creio não ter nenhuma para contar.

Faltam-me totalmente qualidades mediúnicas. Não ouço, não vejo, não escrevo, não sinto. Parece que Deus me experimenta. Quer ver até onde vai a constancia da minha fé, negando as provas materiais em que possa alicerçá-la. Quer que eu creia no sol sem vê-lo, unicamente por lhe sentir a claridade.

Em dois anos de iniciação, poucos, pouquissimos são os factos que posso contar de observação individual. Comigo, pessoalmente, quase nada se tem pasado.

O primeiro fenómeno que, directamente, se passou comigo deixou-me um abalo profundo. Tinha eu, há tempos, uma pretenção ção qualquer que, na época, era para mim de importância capital. Todos os meus esforços, todos os meus pensamentos, todos os meus movimentos eram feitos com ardor para consegui-la. E tudo e tudo conspirava contra mim. Transpunha um obstáculo e adiante encontrava outro, galgava penosamente uma cumeada, julgando lá em cima encontrar os elementos de realização, e logo outra cumeada inacessível se me apresentava aos olhos. Não dormia. Passava noites inteiras velando, ansiando, a medir dificuldades insuperáveis.

A fé, porém, tangia-me para frente. E, por fim, essa me faltou. O desanimo começou a dominar-me.

Certa noite, fui convidado para uma sessão espirita. Era uma das noites do meu maior desespero.

Presidia a sessão a minha querida amiga, a senhorita Elisabeth Hamont, médium auditivo, psicográfico, algo vidente. Quase ao terminar os trabalhos, lançou ela os olhos em derredor da sala, à procura de alguém. Afinal, pronunciou o meu nome.

— O senhor conhece alguem que se chame Manoel? perguntou-me.

Manoel! o nome era tão comum!

— Conheço várias pessoas, respondi.

— Alguem que já desencarnou e que se diz seu parente.

— Meu pai — exclamei arrepiado.

— Está êle aqui ao meu lado. Pede-me lhe diga que não desanime, pois o que o senhor deseja Deus lhe dará na segunda-feira.

Vibrei; meus cabelos arrepiaram-se.

Era uma sexta-feira. Apenas três dias de espera.

Passei o sabado e o domingo em brasas de ansiedade. Ao amanhacer de segunda-feira, era como uma pilha eléctrica. Ia realizar-se, enfim, o que eu queria. Saí para a rua com a alma a cantar, todo nas flamas de uma vitória.

Passou-se a metade do dia. Nada. Entardeceu. Nada. Começou a anoitecer. E nada. E nada.

Crescia-me a inquietação desoladoramente. Ás dez da noite, meus nervos causavam dó. Mas o dia não havia ainda terminado. Restava-me um vago raio de esperança.

Os relógios deram meia noite. Nada. Nada. Nada.

Quando já madrugada, atirei-me na cama: era um frangalho. Ao acordar, o desânimo avassalava-me.

Corri à medium, minha amiga. Ela estava inquietíssima.

— Mas eu vi — repetia — e ouvi. As palavras que lhe disse foram as palavras que ouvi.

CRENÇA E DESCRENÇA

Passei esse dia desesperadamente. Uma lufada de descença soprou-me o Espírito. Tudo aquilo era uma farsa.

E a semana foi passando. Vi claramente diante de mim a impossibilidade da realização. O melhor era deixar aquilo de vez. E, no domingo, estava decidido a renunciar.

Mas, amanhece a outra segunda-feira e inesperadamente, inesperadamente, sim! de onde eu não contava, vem-me aquilo que eu pretendia. Tudo se realizava na segunda-feira.

Até hoje não sei explicar o facto. Porque a promessa não veio na primeira segunda-feira e veio na segunda? Ter-se-ia enganado na contagem do tempo? É possível. O tempo nas regiões siderais não é o mesmo tempo terreno. Ter-se-ia enganado a médium? Teria ouvido mal? É possível. Ou teria Deus transferido de uma segunda-feira para outra segunda-feira, a fim de experimentar-me? Não sei. Os desígnios da Providência são insondáveis.

O que é certo que tive o que pedi, o que é certo é que tive o que me foi prometido.

De outra feita (passou-se isto aqui na Federação), surgiu-me na cabeça uma determinada tentativa. No começo, pareceu-me simplicíssima, mas, à proporção que fui trabalhando para realizá-la, os obstáculos apareciam. Quando abri os olhos, tinha verdadeiras muralhas diante de mim. Era impossível ir adiante.

Mas o caso, que era material no começo

(isso sempre acontece na vida dos homens trabalhadores), já se tinha transformado num caso moral. Estavam empenhados o meu nome e a minha honra.

Eu não podia recuar. Mas não podia prosseguir. Faltava-me tudo, tudo, para ir à frente.

Atirei-me como um doido, como um desesperado, à procura dos elementos.

Bati a dezenas de portas que supus abertas à minha entrada. Encontrei-as com trancas de ferro.

A situação era dessas em que não se tem o direito de ficar parado. Revolvi terras e mundos e tudo falhou. Houve um dia em que tive medo de enlouquecer. Ou em vinte e quatro horas decidia aquilo, ou estaria completamente perdido. Porém, não tinha mais nenhum passo a dar, nenhuma porta a bater.

UM JACTO DE LUZ

Há ocasiões em que o consolo de um amigo vale pela própria vida. Eu precisava de alguém a meu lado. Entrei aqui com a alma trespassada. O Manuel Quintão ia chegando.

Contei-lhe por alto o caso.

— Que queres que eu faça? — perguntou-me com tristeza, emocionado pela gravidade da minha situação.

— Quero que peças a um Espírito que me aconselhe. Pede ao Espírito de Bezerra de Menezes.

Eu tinha pelo Espírito de Bezerra de Menezes uma afeição particular. Manuel Quintão, ele me havia dado uns conselhos salutares, com uma comovedora subtileza.

Diante do meu pedido, o Quintão ficou pensativo, concentrado, como se não soubesse se devia fazer ou não.

Afinal, levantou a cabeça, como se tivesse recebido uma inspiração:

— Vou pedir. Sobe.

Subi. Fiquei à espera em um dos gabinetes do primeiro andar, contíguo àquele em que o médium se trancou.

Passaram-se dez minutos. O Quintão voltou sereno, sorridente, mas no seu rosto estavam visíveis os traços da funda concentração em que estivera.

— Lê, disse, entregando-me um papel.

Era a comunicação. Era um jacto de luz. Era a esperança. Conservo-a entre os meus papéis como um tesouro.

Começava por uma censura: eu devia ter medido melhor as minhas forças. Mas, concluia, nem tudo estava perdido. «Há uma porta em que ainda não bateste. Vai, conta tudo, fala a verdade, que ela se abrirá com o favor de Deus».

Curiosíssimo. Até aquele momento, julgava que não havia mais porta nenhuma para que eu batesse. Mas, mal concluí a leitura, vi, vi num relâmpago, como se alguém me inspirasse, a porta a que me esquecera de bater.

Uma comunicação daquelas, vinda através de um médium escrupuloso como aquele, era para deixar tranquilo, mesmo um espirita incipiente como eu.

E fui onde a inspiração me mandou, fui sereno, confiante, seguro de que teria a consumação do meu desejo. Encontrei, de facto, as portas abertas de par em par.

Tudo se realizou, graças a Deus.

FÉ QUE RENASCE

O terceiro facto não é menos edificante que os dois outros.

Passou-se há poucos meses, em Setembro último, no Maranhão.

Sofro de uma relaxação dos músculos do braço direito, na região do húmero, motivada por várias luxações. No meu tempo de estudante em Pernambuco, luxei o braço e, de lá para cá, os deslocamentos se têm repetido vinte duas vezes. Qualquer jeito mau, estou com o húmero fora do lugar. E a redução da luxação é sempre difícil, sempre laboriosa, sempre demorada. Sofro dores horríveis, tremendas, culminantes.

Uma noite de Setembro, dormia, talvez agitadamente. Parece-me que me deitei sobre o braço, que fiz algum jeito mau. O que é certo é que, num grito, acordei com o braço luxado. Alarmei as pessoas da casa. Àquela hora, no Maranhão, um médico, como aqui, como em qualquer parte, é dificílimo. Foi-se à procura do médico. Fiquei sentado à beira da cama, com o braço arriado, esperando. Eram duas horas da madrugada.

Sofrendo dores intensas, pus-me a imaginar as que teria de sofrer quando o médico chegasse, quando fosse o momento laborioso da redução do deslocamento.

Era a vigésima segunda vez e bem sabia o que me esperava.

Nesse instante estava sòzinho no quarto. Veio-me à lembrança o nome de Bezerra de Menezes. Fôra, ele, na terra, na última encarnação, um médico de fama, um operador notável. E do que eu necessitava era de um médico.

E concentrei-me. Concentrei-me e pedi com todas as minhas forças.

Não sei quantos minutos estive em concentração. Não mais de cinco. Sùbitamente, ouvi um som, o som que as rolhas de garrafas de cerveja produzem quando saltam, o húmero deslocado que volta a seu lugar.

Levei com rapidez a mão esquerda à região doente.

A luxação estava reduzida. Dei um salto da cama, estatelado. Quem não se surpreenderia? Uma luxação escapo-humeral não a reduz quem quer. Tenho tido médicos habilíssimos ao meu lado, durante horas, em esforços exaustivos. Uma luxação redú-la quem sabe, quem tem prática e isso com muito trabalho, com jeitos próprios, movimentos particularíssimos, sem falar nas dores cruciantes do doente.

A minha ali estava reduzida sem um movimento, sem o mais leve movimento e sem dor.

Quando, vinte ou trinta minutos depois, o médico chegou, arranjei-lhe uma mentira. Contei-lhe que fizera esforços tais que o braço voltou ao lugar. De que serviria dizer-lhe a verdade? Ele não acreditava. E, além de tudo, o rapaz era meu amigo e podia penalizar-se, julgando-me maluco.

CONVERSÃO FINAL

E, por estes exemplos e por outros e pela observação de factos da minha vida e da vida alheia, em dois longos anos de meditação, caldeou-se em minha alma a mudança, que hoje pùblicamente vos venho dizer, atendendo ao honroso convite da diretoria desta casa.

O que aqui vim fazer, meus senhores, não é mais do que a minha profissão de fé.

De qual fé? Fé espirita? E serei um espirita? Não, não sou. Alguém poderá considerar-me espirita? Não, não pode. Faltam-me as qualidades substanciais, as virtudes básicas do qualificativo.

Ser espirita não é só dizer que o é. É preciso sê-lo na essência. Ninguém é espirita pela boca e sim pela alma.

Ser espirita é ter a fé acesa como o sol e ter a fé maior que o próprio mundo. É ter o apostolado do bem, é ter o sacerdócio da dor.

Ser espirita é perdoar. É receber a ofensa com humildade, porque em cada humilhação que se recebe está a graça de Deus para nos exaltar.

Ser espirita é ter fraternidade. É ver em cada criatura, em cada homem, um irmão de dor, em cada irmão um companheiro que precisa de apoio e de amparo. É ver nos humildes, nos que nos parecem inferiores, a nossa própria inferioridade.

Ser espirita é renunciar. É renunciar aos gozos terrenos em bem da ventura que está acima, nas esferas iluminadas. É renunciar ao gozo próprio, em bem do alívio alheio. É ter a volúpia da dor, por saber que, em cada sofrimento, está o desconto de uma dívida. É ver na dor um bem, é ver no infortúnio uma graça, é ver na desventura um prémio. É sorrir quando sofre, porque quem sofre caminha para Deus. É agradecer a amargura, como se agradece o mimo de uma flor. É sair para a rua, sufocando gemidos próprios, para consolar o gemido alheio.

Ah! são virtudes muito altas, virtudes augustas e quase inatingíveis.

Tenho-as? Eu próprio reconheço que não.

Sou espirita? Não sou. Tudo me falta, em essência, para sê-lo.

Sou apenas uma alma pecadora, deslumbrada pela beleza divina, tonta de luz, que vive a bater as asas tontas na imensidade, a pedir, a suplicar à Providência que lhe faça crescer infinitamente a fé, que lhe dê amor para perdoar, que lhe dê ternura para praticar a fraternidade, que lhe dê coragem, muita coragem, para renunciar, a fim de seguir o caminho da luz, o caminho da verdade, o caminho da perfeição, aquele caminho que leva a Deus.

CANTICOS

ANSIEDADE

¡ Só Tu e eu, Senhor, sob a nave imensa que criaste;
Tu na Infinidade e eu... na Terra,
Tu na Perfeição e eu... a desejá-la!
¡ Só tu e eu, Senhor, na luz suave do Teu templo;
Tu, de pé, sorrindo, e eu... chorando ajoelhado!
¡ Só Tu e eu, Senhor,
e o meu desejo louco de, apenas, sermos — Um!

RAMOS PEREIRA

Meditações de Setembro

1 — Abstenho-me de fazer juizos sobre os actos de meus irmãos.
2 — Nenhuma escuridão pode persistir, perante a LUZ de Deus em mim.
3 — O Infinito Amor me rodeia e protege.
4 — Edifico o meu futuro com alicerces constituidos por obras de Amor.
5 — Sou o arquiteto de meu próprio destino.
6 — Sou UNO com a Vida Infinita.
7 — O Poder Divino flui através de mim para o bem de todos.
8 — Sou transformado constantemente pela renovação de meus pensamentos.
9 — Sou dirigido por elevadas vibrações mentais.
10 — Aprendo a materializar só aquilo que desejo.
11 — Sou refratário a tudo o que não seja o BEM.
12 — Escuto a VOZ da consciência e obedeço-lhe.
13 — Estou liberto de todos os maus hábitos anteriores.
14 — Conservo-me sereno e tranquilo nos momentos críticos.
15 — Procuro sempre a sabedoria interior.
16 — Sou receptivo apenas a vibrações de Harmonia — Amor — Verdade e Justiça.
17 — Procuro em tudo a imarcessível beleza interior.
18 — Crio um ambiente harmonioso e Ideal.
19 — Irradio Vida, Amor, Felicidade e Abundância.
20 — Contemplo a Deus em cada um dos meus semelhantes.
21 — Semeio em meu campo interno abundante sementeira de boas coisas.
22 — Meus ouvidos estão atentos às boas notícias.
23 — Tenho tão profundo interesse pelo Bem, que não reparo no mal.
24 — Minha vista mental é iluminada pela Luz Cósmica.
25 — Em todos os actos sou inspirado pelo Supremo poder presente em mim próprio.
26 — No mar da vida, é a minha bússola — minha Vontade — que determina a rota — não as ondas.
27 — Minha Mente é um jardim e meus pensamentos são flores que desabrocham sob os raios do Amor Divino, espalhando místico perfume por todos os meus irmãos.
28 — Protegido pelo Divino Amor, nada pode prejudicar-me.
29 — Vivo na liberdade dos filhos de Deus.
30 — Minhas forças interiores tornam-me mais vigoroso — mais feliz — mais eficiente.

COLABORAÇÃO DE ASTRÉIA

O Carvalho e o Caniço

Graças a Deus!

Todos vós conheceis de sobra a fábula do carvalho e do caniço.

História de aparência singela, encerra em seu bojo uma verdade evidente!

A força, a arrogância, simbolizada pelo carvalho possante; a doçura, a maleabilidade, no caniço frágil.

Na humanidade há seres que são como o cavalho da fábula: — alteiam-se soberbos entre os outros; esgalham-se em honrarias, dão sombras, teto e lume; mas... como a árvore, amedrontam pela rigidez de seu cerne, pelo volume de sua massa arrogante!

Outros humildes caniços passam a vida dos anónimos, ao léu do vento da sorte, vergando-se ao menor sopro, curvando-se a tudo, sem sombras, sem ninhos, quase esquecidos!

Um dia estala a procela! No céu, os relâmpagos ziguezagueiam; nuvens plúmbeas rolam pesadas, e no entrechoque a centelha cai: é o raio!

Sobre o carvalho incide e a majestosa árvore tomba fragorosamente; e na queda ergue para a luz as raizes, que a custo a terra lhe cede!

E o caniço?...

Curvou-se ao rugir das procelas; quando a tempestade caiu, já êle se rojara humilde.

Depois, ei-lo de pé, pronto a cumprir a tarefa que lhe coube entre os vegetais.

Nas procelas da vida, nem sempre os que aparentam força são os vencedores.

Muitos, como o carvalho, caem às cutiladas da dor, do infortúnio, entregues ao desespero.

Sejamos nós, espiritas, como o frágil caniço!

Aprendamos a curvar-nos aos golpes da amargura e, passada a refrega, na simplicidade de nossa estatura ergamos o vulto para o Alto, não esfacelado como o carvalho, mas com a integridade do singelo caniço.

Essa elasticidade na fibra humana só a Fé sincera pode dar, porque só ela suporta dores presentes com a esperança futura na vida real do Além.

Que Jesus vos guie como um farol eternamente luminoso no mar das vidas, é o que vos desejo, irmãos em Cristo.

Rio de Janeiro

(Comunicação do Espirito de NAJA)

À Margem dos Livros

por Ramos Pereira

CIÊNCIA ESPIRITA (ensaio), por Celso de Magalhães. Ed. da Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos. Rio. 1946. 91 págs.

Numa síntese perfeita, Celso de Magalhães defende a tese de que Espiritismo é Ciência. Não se cansa o Autor em acumular argumentos justificativos das suas afirmações, porque o seu ensaio é dirigido principalmente àqueles que, adeptos do «sistema espirita, o encaram como uma nova «religião» (segundo o conceito clássico). Não resistimos à tentação de transcrever algumas passagens deste precioso opúsculo, porque, embora o autor as tenha escrito para alguns sectores do Espiritismo brasileiro, elas vêm também dirigir-se aos sectores análogos do Espiritismo português: — «Não obstante a utilidade das preces e do estudo do evangelho, a verdade é que o Espiritismo, no Rio de Janeiro, ainda tem muito de igreja, ainda é muito cheio de santos e de bíblia, de dogmas e de crenças, parece mais religião que ciência, porque ainda está em começo, guardando algumas características de ambas, sem se definir por nenhuma». «No Rio de Janeiro, Espiritismo e Catolicismo ainda se confundem como que numa fórmula de transição: indiscutivelmente, o que se vê na prática da maioria das correntes espiritistas do Rio de Janeiro é apenas catolicismo deformado». (p. 54-55). Na sua maioria, os directores de «sessões» (impròpriamente chamadas experimentais) deixam-se arrastar pelo desejo (não expesso abertamente) da massa dos adeptos e durante o fenómeno «escutam» religiosamente e só intervêm quando o presumível comunicante se mostra com ideias contrárias aos princípios morais. Mas se esse director tem a ousadia iconoclasta de fazer «crítica», embora leve, ergue-se imediatamente o murmurio do «não gosto». Seja então a sessão denominada «doutrinária», mas tenha então o director a coragem moral para expôr abertamente o seu pensamento, para fazer a crítica adequada, para que se justifique a sua posição, já não falamos daqueles directores que ao «envés de sábios que pesquisam a verdade e amam a ciência pela ciência, permitem... que se transforme o Espiritismo em meio de resolver problemas da vida material»; desses cuja existência dá base ao ápodo de «necromancia» lançado pelo Cardeal Lépicier à face do Espiritismo.

Com a vénia respeitosa que nos merece a figura de Celso de Magalhães, permitimo-nos discordar da sua ideia no que diz respeito à inclusão do Espiritismo no grupo das ciências físico-químicas. Estas são «as que tratam da matéria no que se refere às leis gerais a que ela fica sujeita ou às leis de suas combinações» (p. 13). Mas se é psicológico (meta ou parapsicológico, digamos para distinguir) o fenómeno «anímico» produzido por um sujeito num passivo, porque não considerar, então também psicológico o fenómeno «espirita» desde que a sua origem está na acção de uma individualidade «extra terrena»? Naturalmente que na observação desta fenomenologia não podem simplesmente empregar-se os métodos da psicologia clássica e temos de recorrer ao rigorismo do método experimental (que não é apanágio das ciências físico-químicas). Naturalmente que não será suficiente a aparelhagem de um simples laboratório de psicologia experimental. Mas notamos que através da matéria (orgânica) de um «médium» estamos a experimentar uma personalidade que, voluntária e conscientemente, se submete aos nossos caprichos. O Espiritismo, como ciência, pretende formular leis não apenas sobre o «modo» (atitude metapsiquista) que vai do fenómeno ao «médium», mas ainda sôbre aquele que vai da «causa» ao médium». Para nós, a ciência espirita enquadra-se entre as ciências experimentais, mas no ramo das «psicológicas» ao lado da psicopatologia, da psicologia individual, da psicologia infantil, etc.

Fazendo ciência espírita, limitamo-nos a observar os fenómenos, a procurar-lhes as leis; e as conclusões que se obtêm servem-nos para, em conjunto com as outras ciências psicológicas «auxiliares» cada uma das quais com o seu método próprio) esclarecer a temática da Psicologia Geral: — a natureza do homem. Mas no instante em que transcendermos esta ciência e procurarmos pelas suas condusões aclarar o problema da Ética teórica e mergulhar numa «metafísica psicológica», estamos seguindo um caminho semelhante ao que da «filosofia científica» (à sec. XIX) conduz a uma «metafísica» (à sec. XX). Então o Espiritismo é também Filosofia (Ética e Metafísica)!

Para Celso de Magalhães, «religião é a crença que o homem tem de que depende de seres extraterrenos e de que se pode fazer ouvir por eles, mediante processos que a lógica racional não explica» (p. 39). Frisemos, porém, que o Espiritismo defende, por conclusão «metafísica» (e logo racional, lógica) a existência de «seres extraterrenos» que podem ser invocados. A causa do fenómeno é um «ser extraterreno», diz o «experimentador» espiritista, a par do «religioso»

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

MAIS UMA PROVA DE SOBREVIVÊNCIA

Do *Psychic News*, de Londres, extraimos mais uma interessante prova de sobrevivência dada por um «maquis» (1) morto pela *Gestapo*, o qual repetiu o nome secreto de um amigo que pertencera ao movimento de resistência.

O caso é narrado por Winifred Varipati, de Westbourne Crescent, Londres, W., que afasta a ideia de que os médiuns apenas lêem os pensamentos dos assistentes.

A história é contada através da médium Jane Daw e começa em Abril de 1945, quando Varipati realizou a sua primeira sessão com J. Daw, sem a conhecer pessoalmente.

O espírito comunicante disse que fôra na terra doutor em psicologia e que vinha ali para encontrar um amigo. Efectivamente, o «doutor» informou os asisstentes dos seus propósitos e indicou o tratamento psíquico a esse amigo, com pormenores da infância deste, tendências hereditárias, história clínica da família, etc.

«Ele também chamou este meu amigo por um nome que não conheço — disse a articulista — embora fosse perfeitamente claro noutros pontos».

Tempos depois, ela viu esse homem, que é francês, perguntou-lhe se outrora conhecera algum doutor em psicologia — e repetiu a descrição feita pelo espírito comunicante.

— Oh! Era o meu maior amigo! — exclamou o interlocutor — Estivemos juntos no «Maquis». Ele era chefe do nosso grupo. Há dois anos e meio que foi morto pela *Gestapo*.

Quando proferiu o nome que o seu amigo lhe chamara (o único que ela desconhecia), ouviu dizer que que se tratava de nome secreto no movimento de resistência e ignorado totalmente na Inglaterra.

Impressionado com a informação, o francês inquiriu de Winifred Varipati os restantes pormenores da questão, mas ela interrompeu-o. Disse que voltaria para junto da senhora Daw e pediria ao espírito comunicante, caso se manifestasse outra vez, que desse mais algumas mensagens objectivas para o seu amigo, preferindo mensagens que nada significassem para ela.

— O resultado foi verdadeiramente assombroso, — escreve a articulista. O comunicante falou uma hora

(1) Nome por que eram conhecidos os elementos franceses de resistência contra os ocupantes alemães.

---

espiritista. Mas se este pode «crer» simplesmente, aquele argumenta. Na sua difinição, o Autor focou-se principalmente sobre a ideia de «crença» para marcar uma distinção entre Religião e Ciência e parece ter deixado uma porta aberta para incluirmos o Espiritismo na panorâmica das religiões. Mas se interpretarmos aquela definição como sentimento de dependência do humano para com o super-humano caimos no que William James denominou «religiosidade». A «religião» é sempre, ou melhor, como tem sido até agora julgada, um sistema de regras tendentes a ligar o humano e o divino. (Note-se que na definição de Celso de Magalhães não cabem inteiramente todos os sistemas religiosos). A religião tenta fundar-se no sentimento (intuitivo) da «religiosidade»; mas criando regras rígidas, dogmatiza. Ponderemos que o sentimento é individual e que a força «reguladora» das religiões busca exactamente tornar universal uma forma ideal desse sentimento. Ressalvado isto, diremos com Celso de Magalhães que Espiritismo não é Religião, que não se lhe aplica o «credere ut intellegere». Cabe na «filosofia espirita» uma Teologia? Sim, a nosso ver. Se olharmos, agora, sincrèticamente o sentimento de «religiosidade» e o pensamento ético-teológico, diremos que o Espiritismo é Religião, como «intellegere ut credere».

Para nós, é o Espiritismo um triângulo cujos vértices se chamam; — Ciência (metapsicologia), Filosofia (moral e metafísica), Religião (na segunda acepção). O erro reside em querer reduzir o triângulo a um dos vértices, esquecendo os lados (ligação) e os outros vértices.

Eis o que julgámos dever anotar nas margens deste valioso ensaio de Celso de Magalhães, que ele enriqueceu com um apêndice que é um esboço de lógica aplicada. Seria muito útil que aqueles que se dedicam à direcção de sessões mediúnicas meditassem este opúsculo.

(Há directores de sessões a quem se não aplicam as passagens de Celso de Magalhães, atrás transcritas. A esses, preguntamos: — Quantos gestos vos têm magoado, gestos motivados pela incompreensão dos assistentes dos vossos trabalhos? Aos outros, indicamos o ensaio de Celso de Magalhães...).

a respeito de coisas que pouco sentido tinham para ela, mencionando mais dois franceses.

Como tem excelente memória, pôde dar ao seu amigo um relato quase literal da sessão. «Fiquei completamente estupefacta — diz ela — porque o comunicante me contou segredos do movimeno secreto francês, desconhecidos de toda a gente, excepto ele».

Este homem tomava o Espiritismo por brincadeira sem valor; e antes de Winifred Varipati realizar sessões com a senhora Daw, nunca o seu amigo falava no doutor francês.

Aquele indivíduo ficou tão comovido com o que ela lhe contou, que pediu uma sessão à senhora Daw, cujos resultados foram espantosos. As comunicações eram inteiramente pormenorizadas e incluiam palavras em cifra, além de números de vários documentos, do que resultou ele ter ido a França cumprir instruções do «falecido» referentes a trabalhos que êle desejaria executar nesse pais.

Agora, é espirita absolutamente convicto.

CASOS DE MEDICINA E ESPIRITISMO

O Dr. Levindo Melo, Presidente da Direcção da Sociedade de Medicina e Espiritismo, do Rio de Janeiro, publicou há tempos no *Mundo Espirita* o seguinte caso, que desejamos arquivar nestas colunas:

O meu prezado amigo Severino Tinoco, dedicado trabalhardor da seara espirita e director do Centro Espirita Amor e Caridade, de Santo Aleixo, Estado do Rio, enviou-me o relato de um caso muito interessante que passo a transcrever: António Soares Brito, de 23 anos de idade, adoeceu gravemente com sintomas de pneumonia. O médico local encontrou-o já em estado desesperado, comatoso e afásico. O doente não falava, não se alimentava, não dormia e ficou internado na enfermaria daquele Centro Espirita. Depois, voltou-lhe o uso da palavra, com grandes perturbações neuro-psiquicas e quadro sintomático comum à histeria, falando e gesticulando com grande agitação.

A morfina injectada nenhum resultado produziu. Dizia o doente que quem estava ali a falar por êle não era António Soares de Brito, mas outra entidade. Piorou ainda mais e tornou-se furioso.

O médico achou o caso inexplicável e concordou fosse o paciente submetido a tratamento moral ou espiritico.

Quatro sessões foram realizadas para esse fim, em que vários espiritos se comunicaram, uns orientando o tratamento, outros — obsessores — para serem doutrinados e afastados. No fim de quatro dias de tratamento doutrinário, o paciente melhorou muito e ràpidamente, surpreendendo a todos, principalmente ao caridoso médico assistente, que ainda não aceita completamente os fundamentos do Espiritismo, posto que não seja intolerante com seus estudos.

Incorporou-se um espírito mudo, que no início da doença o tornara afásico, como já dissemos. O médico, surpreso e satisfeito, verificou a cura completa do paciente, que pouco depois voltou ao trabalho sem resquício de pneumonia, de histeria, de loucura ou obsessão espirítica.

O CONGRESSO ESPIRITA FRANCÊS

No último número, aludimos levemente ao próximo Congresso Espirita Francês, a realizar em Paris nos dias 21 e 22 do corrente mês de Setembro, na sede da União Espirita Francesa, 10, Rua D. Léon Delhomme, Paris XV^{e}. Hoje podemos informar que nessa altura se realizará uma exposição de pintura na Sala Alexandre Lefranc, 19, Rue de la Ville-Léveque, da mesma cidade e que durará de 16 a 23 de Setembro. Os expositores são os médiuns conhecidos, Joseph Crépin, Augustin Lesage e Victor Simon, além das pintoras espiritualistas M^{me} Bouland-Devé e Eugenie Lang e o pintor Géo Cap-Gras.

No dia 21 realizar-se-á grande sessão de propaganda na Sala de Geografia, 184, Boulevard Saint-Germain, em que falarão alguns dos actuais pioneiros do Espiritismo francês.

André Dumas, tesoureiro da Federação Espirita Internacional e secretário geral adjunto da União Espirita Francesa, dissertará acerca da analogia entre a energia atómica e os fenómenos do Espiritismo.

André Richard, vice-presidente da Federação Espiritualista do Norte e vice-presidente da União Espirita Francesa, porá em relevo o papel que na sociedade desempenha o espiritualismo experimental.

Após estas duas conferências a que auguramos pleno êxito, dada a categoria das individualidades escolhidas, Georges Gonzalez, secretário geral da União Espirita Francesa, e Henri Regnault, vice-presidente da mesma agremiação e redactor-correspondente de *Estudos Psíquicos* em Paris, farão experiências demonstrativas da existência do fluido humano.

As fileiras espiritas francesas estão a reconstituir-se, a medir suas forças para novo impulso, que há-de repercutir favoràvelmente em todas as regiões onde o nosso movimento se exerce com vigor e entusiasmo.

Assim o espera o nosso confrade Henri Regnault e assim o esperamos nós, que lhe conhecemos as altas qualidades de organizador e de propagandista.

É preciso caminhar para a unidade, dando mãos fraternas aos amigos de além-fronteiras, pois o intercâmbio das ideias fortalece as almas e leva-as a trabalhar em prol da humanidade.

Notas & Comentários

PROPAGANDA ESPIRITA

Referindo-se ao nosso projecto de levar a doutrina aos meios profanos, através de conferências e outros meios adequados, o *Mundo Espírita*, do Rio de Janeiro, escreveu as seguintes palavras, em sua edição de 29 de Junho último, sob o título de «Propaganda Diferente»:

Sempre fomos apologistas de uma propaganda espírita de «dentro para fora», isto é, propaganda feita no meio profano, para as classes mais cultas, para o povo leigo. Naturalmente, essa propaganda teria exigências especiais, porque seria necessário reunir um grupo de confrades com o preparo suficiente para expor a doutrina em ambientes extranhos. Não é bastante, neste caso, o fervor ou a convicção de cada um, mas, também, a cultura geral, o conhecimento seguro da doutrina e do vernáculo, etc.

O meio espírita, felizmente, conta com elementos em tais condições. Tudo depende, portanto, da organização neste sentido. E é uma necessidade urgente. Precisamos sair da rotina e espalhar a doutrina em todos os meios. Mas é indispensável que tal propaganda, por ser muito delicada, seja confiada a pessoas que já estejam suficientemente esclarecidas, com tirocínio e experiência. É preciso aliar à erudição o discernimento, para que haja equilíbrio.

Acabamos de ler, com satisfação, na revista «Estudos Psíquicos» a organização de um movimento deste género, em Portugal. Os confrades portugueses, por iniciativa do «Núcleo de Acção e Propaganda», vão realizar conferências espíritas em seara estranha, e para isso escolheram um dos teatros de Lisboa. Foi escolhido para falar o nosso confrade Ramos Pereira, crítico de livros daquela revista e uma das culturas que actualmente brilham na imprensa espírita de Portugal. A escolha foi, portanto, acertadíssima. Pela realização de movimento semelhante, vimos nós nos batendo há muito tempo. Nosso inteiro aplauso à feliz ideia daquele núcleo de confrades portugueses.

Agradecemos as palavras amigas de «Mundo Espírita». É necessário abrir novos caminhos à propaganda e dar a conhecer às massas populares as grandes verdades reveladas. Nisso se empenham «Estudos Psíquicos», «Estudos Psíquicos Editora» e o «Núcleo de Acção e Propaganda Estudos Psíquicos».

ESTUDOS PSIQUICOS EDITORA

O êxito invulgar do «Resumo da Doutrina Espírita», do qual nos têm requisitado muitas centenas de exemplares, já depois do seu esgotamento, leva «Estudos Psíquicos Editora» a entrar abertamente no caminho das edições regulares destinadas a Portugal e Brasil. Para isso, realizou acordo com uma livraria que assumirá o encargo de distribuidora exclusiva das nossas obras em todos os Estados do Brasil.

Os primeiros livros a sair são os seguintes, por ordem de publicação: «Nos Umbrais do Além», de William Barrett, cuja tradução já está no prelo; «Hipnotismo e Espiritismo», de Cesar Lombroso; «Tu Reviverás», de Henri Regnault; e «Não se Morre», de Léon Chevreuil.

«Trinta Anos Entre os Mortos», que esteve, a princípio, no nosso programa editorial, não será editado em nossas colecções por estar a ser traduzido por um publicista brasileiro. Como tivemos ensejo de dizer, «Estudos Psíquicos Editora», deseja auxiliar a propaganda e não concorrer com outras editoras congéneres.

O nosso intuito é servir a Causa o melhor que podemos e sabemos, fazendo sempre obra construtiva. Deste modo, afastamo-nos do terreno da competição e agimos lealmente, realizando esforço útil e produtivo que marque a nossa posição no mundo.

ANTÓNIO LIMA

Foi com grande pesar que lemos a notícia da desencarnação do escritor António Lima, um dos mais esforçados propagandistas brasileiros do Espiritismo, autor de valiosas obras, entre elas, «Caminho do Abismo», «Senda de Espinhos» e «Estrada de Damasco», agrupadas na obra «Cruzada Redentora», «A Sonâmbula», «A Mediunidade e os Médiuns» e «A Vida de Jesus». Extinguiu-se com mais de 80 anos, em luta contínua com amarose progressiva — como nos disse há dez anos.

Além disso, traduziu as obras de Allan Kardec, fazendo-as correr mundo em edições populares. Foi colaborador do «Mensageiro Espírita», quando este jornal, em formato de revista, esteve sob a nossa direcção.

Era cultor das belas letras. Os seus artigos faziam lembrar, às vezes, a prosa camiliana. De facto, António Lima nos disse algumas vezes da sua admiração pelo torturado de S. Miguel de Seide.

Há pouco escreveu uma obra curiosa, intitulada «Pelo Telégrafo Sem Fio». Nada mais, nada menos, que a exposição da Doutrina Espírita em diálogos familiares, que foram publicados no semanário «Mundo Espírita».

Que ele encontre no Além a recompensa dos sofrimentos que na terra experimentou!

Noticiário

ERRATA

No artigo da nossa colaboradora Haydi de Thebelen, publicado em Julho último e intitulado «Deus e a Consciência» saiu truncado o terceiro período. O que ela escreveu foi isto: «Mas *noblesse oblige*, e assim entendeu ser seu dever impor a sua filha os mesmos princípios que recebera dos seus aristocráticos progenitores».

Também na «Crónica Estrangeira» do número de Agosto, quando nos referíamos ao *movimento espírita francês*, saiu: «E para se avaliar o interesse suscitado pela conferência de Henri Regnault, basta dizer que mais de 24.000 pessoas ficaram na rua». Não foram 24.000, mas sim 2.000.

AS COMEMORAÇÕES DO 18 DE ABRIL

Só há pouco soubemos da repercussão que no Brasil teve a comemoração do aniversário do «Livro dos Espíritos», realizada em 18 de Abril último no Centro Espiritualista Luz e Amor. Diz o nosso redactor-correspondente no Rio de Janeiro: «Como sabe, o português nunca perde o amor à sua terra. Ora, nas fileiras do Espiritismo, o elemento português é muito numeroso. A notícia sobre Portugal foi irradiada na *Hora Espiritualista João Pinto de Sousa*, por iniciativa do confrade Geraldo de Aquino, seu Director. Os portugueses gostaram, ficaram exultantes, com entusiasmo, porque além-Atlântico também há Espiritismo — dizem eles, satisfeitos. Além disso, o confrade Geraldo de Aquino dirigiu vibrante apelo pela rádio aos espíritas de Portugal. Tudo isto é óptimo para o intercâmbio luso-brasileiro. Fiquei, pois, satisfeitíssimo. Penso que em 1947 poderemos fazer coisa melhor e mais ampla. Que acha?».

Achamos muito bem. Em 1947, esforçar-nos-emos por suplantar o que fizemos em 1946. Pena é que as emissoras não estejam à nossa disposição, para retribuirmos o apelo citado.

D. MARCOLINA ALVES

Por notícias há pouco recebidas, chegou ao nosso conhecimento a recepção carinhosa que o Lar de Jesus, de Nova Iguassú, reservou à nossa irmã D. Marcolina Alves, no seu regresso àquela cidade brasileira. Sabemos também que tem feito muita propaganda da nossa revista entre os associados da Concentração de Centros que assumiram a responsabilidade de manter o Lar de Jesus, que está em franco progresso.

A D. Marcolina Alves e as suas filhas Suzete e Carmen, que tiveram óptima viagem de regresso ao Rio de Janeiro, apresentamos os nossos cumprimentos, agradecendo-lhes as horas felizes que nos proporcionaram, na sua permanência em Lisboa.

AMIGOS DE «ESTUDOS PSIQUICOS»

Destinados a *Estudos Psíquicos*, recebemos os seguintes donativos, que agradecemos:

De António Ferraiuolo, do Rio de Janeiro 100$00
De António José P. de Almeida, de Malange 20$00

Este confrade brasileiro enviou-nos atenciosa carta, referindo-se deste modo à nossa revista: «Li-a com o carinho que semelhantes obras merecem. Gostei muito de tudo que nela vi; e sem medo de errar, direi que em Espiritismo não há nada melhor, não só na apresentação material, como também — e com mais razão — na parte doutrinária. Como espírita que sou, envio a minha «pedrinha» para o monumento que é a sua REVISTA».

ARNALDO S. TIAGO

Do confrade Arnaldo S. Tiago, ex-professor da Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos, membro da Sociedade Brasileira de Filosofia, recebemos interessante comunicação por ele enviada à Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, intitulada «Prolegómenos ao Estudo do Espiritismo» e que publicaremos no próximo número.

Dele também recebemos o seu livro «Comentários à História das Religiões», cuja análise fizemos na respectiva secção em Julho de 1945.

Muito nos compraz assinalar a colaboração deste prestimoso confrade.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO NOS MESES DE OUTUBRO E NOVEMBRO

Dia 6 de Outubro, às 16 horas — Inauguração dos trabalhos do novo ciclo, com a conferência do coronel Faure da Rosa, intitulada «A Morte, Essa Desconhecida».

Dia 13 de Outubro, às 16 horas — Sessão experimental, com a médium D. Maria de Jesus Mendes Figueiredo.

Dia 20 de Outubro, às 16 horas — Conferência por Ramos Pereira, intitulada «O Cristo no Evangelho de João».

Dia 27 de Outubro, às 16 horas — Sessão experimental com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 3 de Novembro, às 16 horas — Conferência pelo Coronel Faure da Rosa, intitulada «Sugestão Mental e Telepatia».

Dia 10 de Novembro, às 16 horas — Sessão experimental com a médium D. Maria de Jesus Mendes de Figueiredo.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
Mensageiros (Os) ditado pelo *Espírito de André Luís*	18$00	26$00
Missionários da Luz, recomendável às pessoas cultas, devido aos ensinamentos que encerra, pelo *Espírito de André Luís*, (nova edição)	25$00	33$00
Nosso (O) Lar, ditado pelo *mesmo Espírito*	18$00	26$00
Novas Mensagens de Humberto de Campos	10$00	
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por espíritos de poetas luso-brasileiros), nova edição melhorada	30$00	40$00
Paulo e Estêvão (livro famoso considerado pelos eruditos como a mais completa biografia de S. Paulo) (nova edição)	28$00	36$00
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	24$00	32$00
Reportagens de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	14$00	

OBRAS DIVERSAS

Amor Imortal, romance espirita, pelo *Dr. J. A. Nogueira*	18$00	26$00
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo* Gibier	12$00	19$00
Arcanos da Natureza, por *Alexandre Dias*		8$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	13$0	21$00
A Casa Assombrada, por *Maria Veleda*	10$00	
Caso (O) Humberto de Campos	28$00	37$00
Chanceler (O) de Ferro, romance mediúnico ditado pelo Espírito do *Conde Rochester*	20$00	29$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		25$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta*	20$00	28$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista, (três romances num só), por *António Lima*	30$00	40$00
De Jesus para as crianças, comunicações do *Espírito de Bittencourt Sampaio*	10$00	18$00
De Icléa para as crianças, formosas comunicações destinadas à formação moral dos nossos filhos, livro único no género	18$00	
Do Calvário ao Apocalipse, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	22$00	30$00
Do Calvário ao Infinito, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Victor Hugo*	20$00	30$00
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Victor Hugo*	30$00	40$00
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	7$00	
Doutrina Inglória (O problema da natalidade segundo o Espiritismo), por *Leopoldo Machado*	12$00	
... E as vozes falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	20$00	
Eça de Queiroz Póstumo	18$00	26$00
Ensinos Espiritualistas (Descrições do além), por *W. S. Moses*	16$00	24$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Bourdin*	14$00	22$00
Expiação, por *Areolino Gorjão*	14$00	22$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	20$00	29$00
Espiritismo (O) Contemporâneo, pelo *Dr. Martins Velho*	12$00	
Factos Espiritas, por *William Crookes*	10$00	18$00
Fenómenos de Materialização, por *M. Quintão*	10$00	18$00
Física Transcendental, por *J. Zoellner*	10$00	
Fundamentos Científicos do Espiritismo, pelo *Dr. Azevedo e Silva*	10$00	
Funerais da Santa Sé *(Poesias ditadas pelo Espírito de Guerra Junqueiro)*	18$00	26$00
Grandes e Pequenos Problemas (aplicações do Espiritismo aos problemas da vida), por *Angel Aguarod*	16$00	24$00
Granja (A) do Silêncio, romance empolgante, por *Paul Bodier*	14$00	22$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	20$00	30$00
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	18$00	26$00
Livre-arbítrio e Determinismo, por *Louis Gastin*	3$00	
Magnetismo Curador, por *Alfonse Bué*	12$00	20$00
Marieta (páginas de duas existências), romance medúnico, recebido por *Daniel Artazú*	20$00	28$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	10$00	
Mediunidade (A) e a Lei, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	20$00	
Memórias do Padre Germano	20$00	28$00
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	17$00	25$00
Milagres (Os) de Jesus, sua interpretação espirita	3$50	
Na Sombra e na Luz, romance mediúnico ditado pelo Espírito de *Victor Hugo*	20$00	28$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	20$00	28$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	16$00	24$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho, por *João Evangelista*	12$00	20$00
País da Luz (Do), por *Fernando de Lacerda* (2 vol.)		50$00
Padre (O), a Mulher e o Confessionário, pelo *ex-padre Chiniquy*	18$00	26$00
Pela Vitória do Espírito, *pelo Dr. Fred Wachsmann*	35$00	

(Continua na 4.ª pág. de capa)

	br.	enc.
Poder Mental, pelo *Dr. A. Lobo Vilela*	10$00	
Problema (O) da Sobrevivência, pelo *Dr. A. Lobo Vilela*	10$00	
Protestantismo (O) e o Espiritismo, por *Benedito A. da Fonseca*	14$00	22$00
Redenção, romance medúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	20$00	29$00
Revelação dos Papas, grosso volume de grande formato, de mais de 600 páginas	40$00	
Revelações de Além-Túmulo, pelo *Dr. Antão de Vasconcelos*	20$00	29$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	18$00	26$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	18$00	27$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	16$00	24$00
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*		24$00
Sonâmbula (A), romance espírita, por *António Lima*		26$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	12$00	20$00
Trabalho (O) dos Mortos, pelo *Dr. Nogueira de Faria*		45$00
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chiodo*	10$00	17$00
Vingança (A) do Judeu, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	20$00	29$00
Vozes do Além, pela médium Ernestina	10$00	

Nêstes preços não está incluído o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e ilhas Adjacentes. Para as colónias, só contra pagamento adiantado, devendo os requisitantes, enviar mais 15 % para porte, registo e embalagem.

"NOS UMBRAIS DO ALÉM"

pelo professor Sir WILLIAM BARRETT

em tradução de ISIDORO DUARTE SANTOS

Aparecerá no mês de Novembro esta obra notabilíssima devida à pena dum grande professor de física da Universidade de Dublin, que fundou e dirigiu a Sociedade Inglêsa de Investigações Psíquicas.

As suas 300 páginas revelam o sábio e o crítico exigente em face dos fenómenos espíritas, cuja análise tentou com extraordinária agudeza, dissecando-os até aos mais insignificantes pormenores.

Poucas vezes temos visto escritores tão rigorosos na apreciação dos factos.

É o segundo livro de ESTUDOS PSÍQUICOS EDITORA

que procura servir a Causa lançando obras fundamentais que o público há-de ler com satisfação e proveito.

«Nos Umbrais do Além», que é um livro único no género, custará 25$00, mas os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor beneficiarão de 20 % de desconto até Março de 1947.

LEITOR AMIGO:

Escuta, por um momento. ¿Já pensaste alguma vez no mistério da vída, no porquê da tua existência terrestre e no que te espera ao abandonar o mundo físico? ¿Já pensaste?... ¿E não te sentiste atraído para a meditação cotidiana, para a decifração de tão grande enigma?

De-certo que já pensaste e meditaste e concluiste pela necessidade de aprofundar o assunto. Tens, agora, belo ensejo. Acompanha «*Estudos Psíquicos*» na sua acção, torna-te seu amigo e colaborador porque há muita maneira de auxiliar as obras úteis. Tudo que fizeres, redundará em teu próprio benefício.

«VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA»

7.º ANO OUTUBRO DE 1946 N.º 10

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

CONTÉM: Mocidade; **da redacção;** Africanismo e Espiritismo, III, **por Deolindo Amorim;** Térmitas, **pelo coronel Faure da Rosa;** A Carta Espiritual do Mundo, **por Henri Regnault;** Pelo Espiritualismo, **por Raul Spúlveda Fontes;** No Calvário, **por Ramos Pereira;** A Missão de Jesus, XI, **por Fernando da Cruz Ferreira;** A Casa Fantástica da Cumeada, **por Madalena Frondoni Lacombe;** Conte o seu caso... Como se Tornou Espirita? (Depoimento de J. B. Chagas); Meditações de Outubro; «Resumo da Doutrina Espirita»; À Margem dos Livros, **por Ramos Pereira;** Aos Espiritas Portugueses, **por Raul Spúlveda Fontes;** Crónica Estrangeira, **por Isidoro Duarte Santos;** Notas & Comentários; Noticiário

RAÚL DE SEPÚLVEDA FONTES

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL — ÓRGÃO OFICIAL DO CENTRO ESPIRITUALISTA LUZ E AMOR

Rua do Salitre, 149, 1.º — LISBOA

Propriedade de ISIDORO DUARTE SANTOS, a quem deve ser dirigida toda a correspondência

REDACTORES — CORRESPONDENTES:

No **Rio de Janeiro**	*Deolindo Amorim*
Em **Uberaba**	*Dr. Inácio Ferreira*
Em **Buenos Aires**	*Dr. Luís M. di Cristóforo*
Em **Paris**	*Dr. Henry Regnault*
Na **Índia**	*Raúl Sepúlveda Fontes*

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente — cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança	25$00
Brasil	(12 números 50 cruzeiros)
Colónias	(12 números) 60$00
Número avulso	4$50
» atrasado	5$00

Distribuição gratuita aos sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
O Principiante Espirita	7$00	
O que é o Espiritismo	8$00	
O Livro dos Espiritos	18$00	26$00
O Livro dos Médiuns	18$00	26$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	18$00	26$00
Obras Póstumas	18$00	
A prece	5$00	
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	5$00	
O Porquê da Vida (nova edição)	18$00	
Depois da Morte (nova edição)	25$00	
O Grande Enigma	12$00	20$00
O Problema do Ser e do Destino	20$00	28$00
Cristianismo e Espiritismo	20$00	28$00
Joana d'Arc Médium	20$00	28$00
GABRIEL DELANNE		
A Evolução Anímica	20$00	28$00
A Alma é imortal	20$00	28$00
A Reencarnação	20$00	28$00
O Espiritismo Perante a Ciência	20$00	28$00
ENESTO BOZZANO		
Animismo ou Espiritismo?	20$00	28$00
Metapsiquica Humana	15$00	
Pensamento e Vontade	10$00	
CAMILLE FLAMMARION		
As Casas Mal Assombradas	20$00	28$00
Narrações do Infinito	10$00	
O Fim do Mundo	18$00	26$00
O Desconhecido e os Problemas Psiquicos	24$00	33$00
Stella (romance astronómico)	18$00	26$00
Sonhos Estelares	16$00	24$00
Urânia	16$00	24$00
FRANCISCO C. XAVIER (Médium)		
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espirito de Humberto de Campos*	12$00	19$00
A Caminho da Luz (História da civilização), pelo *Espirito de Emmanuel*	10$00	
O Consolador, resposta a 411 perguntas sobre os conhecimentos humanos, pelo *Espirito de Emmanuel* (nova edição)	12$00	20$00
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espirito de Humberto de Campos*	12$00	20$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espirito de *Emmanuel*	12$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espirito de Emmanuel* (nova edição)	20$00	28$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	20$00	28$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espirito do Irmão X*	20$00	
Lira Imortal, comunicações em verso	8$00	

(Continua na 3.ª pág. de capa)

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

7.º ANO — LISBOA, OUTUBRO DE 1946 — N.º 10

Director e Editor: **Isidoro Duarte Santos** | Redacção e Administração: **Rua do Salitre, 149, 1.º** | Administrador: **Maria G. Duarte Santos**

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 25295 — LISBOA

MOCIDADE

O número de Agosto da *Revista Espirita do Brasil* vem cheio de mocidade estuante, de promessas de vida nova, brados de entusiasmo juvenil que soam como clarins em toque de reunir. A mocidade brasileira desentranha-se em afirmações positivas que seduzem e contagiam, corre o país de-lés-a-lés em ritmo surpreendente, em carreira vigorosa e sadia e conclama ideias regeneradoras e consoladoras.

A sua palavra clamorosa é o homem novo que surge e marcha para o futuro, ciente de grandioso obejectivo. Os moços espiritas agitam-se, estimulam-se, desbravam a charneca e vibram em uníssono. Querem fazer mais do que nós fizemos, querem vigiar a Doutrina para que ela se não abastarde em mãos demolidoras, querem despertar o homem velho e reconduzi-lo a perdido rumo. Bela missão, não há dúvida ! Bela missão esta de encarar a tragédia humana com olhos diferentes, com intenções diferentes, e surribar a encosta e fertilizar a terra, lançando sementes fraternas de bondade! Bela missão, cuja marcha ascendente não encontra obstáculos invencíveis, antes domina e alicia outras almas para o grande festim da renovação do mundo !

A Liga Espirita do Brasil promoveu há pouco uma série de conferências a cargo de elementos novos: Juventude Espirita de Ricardo de Albuquerque, Juventude Espirita de Nova Iguassú e Juventude Espirita Amaral Ornelas. Além disso, o movimento prossegue em S. Paulo, no Paraná, em Santa Catarina, na Bahia e noutros pontos, onde o entusiasmo não amortece.

O Espiritismo lança raizes em terra nova, quer acompanhar o progresso das ideias e não estratificar em museus poeirentos atreitos ao passado, às coisas velhas e decrépitas. Procura gente moça e inteligente, persuasiva e sensata, despretenciosa e modesta, sem personalismo, sem preconceitos, sem melindre pessoal, e lança-a no apostolado, a congregar a mocidade radiosa, a interessá-la, a facultar-lhe instrumentos de ascensão espiritual, para que amanhã, quando detiver o governo dos povos, ponha em prática os ensinos que do Alto sábios espíritos nos enviam e a sociedade melhore em suas bases.

Este movimento é belo, apetrecha para a vida, proporciona ensinamentos magníficos aos que nele ingressam, muitas vezes fartos de mentiras convencionais e ansiosos de verdades palpitantes que lhes preencham o vácuo do espírito.

Nós sentimos o influxo da juventude brasileira, porfiosa, alacre, sublime de heroismo, plena de magnanimidade, audaz em seus projectos altruistas, ingénua em sua marcha esplendorosa. É que o Espiritismo é fonte de água viva que dessedenta, dinamiza e fortalece o homem; é forja onde as virtudes se caldeiam e os defeitos amortecem.

Quem dera que Portugal assistisse a semelhante movimento, que a mocidade espiritualista se multiplicasse em obras louváveis, firmadas em íntegros princípios exteriorizadores de ideais em perspectiva !

Não falamos de jovens taciturnos, absorvidos em planos antiquados, bafientos e negativos, olhando para trás, com saudade do que se escoou na curva da história, mas de jovens alegres, prazenteiros, comunicativos e ousados, para quem o mundo constitua escola de sentimentos nobres, bigorna que exercite a firmeza de vontade e ponha a dura prova o ser que à terra veio em missão, expiação ou provação.

A mocidade brasileira é a maior esperança do Espiritismo na pátria do Cruzeiro. Congratulamo-nos, pois, com seu movimento de propaganda e fazemos votos por bem merecido e necessário triunfo.

AFRICANISMO E ESPIRITISMO

por Deolindo Amorim

Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» no Rio de Janeiro

III

(CONCLUSÃO)

Os cultos de origem africana, como se sabe, são fetichistas. Tendo, porém, a palavra *fétiche,* do francês, tomado sentido popular no Brasil, principalmente na Baía, onde o uso geral consagrou a forma portuguesa *feitiço,* torna-se indispensável mostrar uma distinção interessante, para clareza do assunto. Entende-se por fetichismo, segundo a etimologia, o culto dos *fétiches,* isto é, a crença no poder de certos objectos naturais ou artificiais. Mas a palavra *feitiço* é empregada, entre nós, na acepção vulgar de fazer mal a alguém por meio de objectos de uso, peças de vestuário, pratos de comida, etc. A força do uso chegou a criar o verbo *enfeitiçar,* significando justamente transmitir influências maléficas, impregnar alguém de feitiço. Sinónimo de *feitiço,* no vocabulário popular, na Baía, é *urucubaca,* que significa estar com *azar,* estar sob a acção de influências ruins. No linguajar carioca já não se emprega *urucubaca,* porque quando se diz tirar o *peso,* ir a «macumba» para descarregar o *peso,* o que está implícito nesta expressão de gíria é o mesmo que tirar a *urubuca,* conforme os costumes baianos. São ditos, como se vê, equivalentes. A literatura moderna arrolou, contra a vontade dos puristas da língua, muitos termos de gíria, incluindo-os na linguagem corrente. Convém notar que, apesar da elasticidade que se deu ao termo *feitiço,* o verbo *enfeitiçar* não é usado na forma reflexiva, dando ideia, portanto, de acção que o indivíduo recebe, de força que vem de fora: ninguém *se* enfeitiça, mas alguém é enfeitiçado.

Nota-se, pois, que *fétiche* adquiriu feição mais popular no Brasil, adaptando-se, de tal forma, ao meio, que seu correspondente em português (*feitiço*) já se desligou, em grande parte, da acepção cultural e religiosa em que devera ser empregado. Pouca gente diz *feitiço* em alusão à cultura negra ou às formas de culto oriundas da Africa, mas geralmente no sentido de malefício, de «macumba», «feitiçaria», etc. Voltou-se, portanto, à designação primitiva de *feiticeiro* com que eram tratados, em sentido pejorativo, os curadores e mediuns, sem escapar o próprio Cristo, quando fazia suas curas pela simples imposição das mãos. Mas ainda é preciso distinguir outro ponto: *feiticeiro,* ordinàriamente, tal como se diz na Baía, que foi um dos centros de concentração da cultura africana, não é, a rigor, o que cura, o que faz o bem, e sim o indivíduo que *trabalha* para o mal, desfazendo amizades, destruindo lares, desorganizando a situação económica de alguém ou *arranjando* doenças que, às vezes, produzem a *morte,* segundo a crença comum. Diante deste fenómeno linguístico, que determina a alteração do verdadeiro significado de certas palavras, temos que considerar, contra as próprias razões de ordem etimológica, alguma distinção entre *feitiço,* no sentido popular em que é usado, no Brasil, e a palavra que lhe deu origem: *fétiche.*

*
* *

A literatura *folk-lórica,* que já é abundante, prova muito bem como certos termos perdem, sob a acção do tempo, o sentido primitivo, e se revestem, por imposições do meio, de nova característica, adaptando-se a ideias e coisas que o povo lhes atribui. Em assuntos de cultura negra, por exemplo, poderíamos recorrer ao autor citado anteriormente, porque foi ele um dos primeiros a fazer estudos especializados do elemento africano sob o ponto vista exclusivamente *folk-lórico*: Professor Artur Ramos (1). A linguagem do povo consegue forçar o sentido de muitas palavras. O que sucede com *feitiço,* é o mesmo que se verifica em relação ao emprego de muitas outras palavras que entraram para o acervo do nosso *folk-lore,* ligando-se a lendas e superstições seculares, cuidadosa-

(1) *O Folk-lore no Brasil.*

mente anotadas por abalisado folclorista brasileiro (1). Passemos agora, depois destas sumárias explicações sobre *feitiço* e seus derivados, ao carácter fetichista das religiões africanas introduzidas no Brasil, para que possamos verificar a ausência de qualquer relação entre essas religiões e o Espiritismo.

Enganou-se o padre Etienne Brasil quando disse que «o moderno culto do Espiritismo não passa de uma forma do mais genuino e grotesco fetichismo». Neste ponto, até o próprio Artur Ramos, que fez estudos modernos e contestou o Padre Etienne Brasil em diversas observações sobre as religiões negras, caiu no mesmo equívoco, naturalmente por não ter elementos para distinguir a prática espirita, segundo o método e a orientação de Allan Kardec, das práticas afro-católicas, cada vez mais espalhadas no Brasil. Afirma, por exemplo, o douto Professor Artur Ramos: *Todas as formas elevadas ou degradadas do Espiritismo decorrem da magia evocatória* (2). Já foi dito, no primeiro artigo desta série, que embora se façam evocações, tanto nas práticas de Espiritismo, como nos *terreiros* do culto umbandista, etc., nada tem que ver a doutrina espirita com aquele culto. O Espiritismo tem princípios próprios, tem a sua organização doutrinária estruturada na codificação de Allan Kardec. As manifestações fetichistas não se circunscrevem ao terreno puramente religioso, porque, em determinados casos, produzem excitação especial. Os estudos de Freud e Binet, que se detiveram muito tempo no aspecto sexual de algumas formas grosseiras de fetichismo, fizeram investigações interessantes, permitindo-nos, hoje, à luz de novos processos de exame, considerar que o *fetichismo* está sujeito, como todos os cultos primitivos, a transformação e evolução, seja por adaptação cultural, seja pela influência de outras correntes.

No Brasil, o fetichismo não se diluiu, mas se amalgamou, fundindo-se com o catolicismo. Muitos estudiosos, entretanto, não vêem um facto importantíssimo: as religiões africanas inclinaram-se para o Catolicismo e não para o Espiritismo. A organização *yoruba* tem muitos pontos de semelhança com o Catolicismo. E já está, por assim dizer, provado que a religião *yorubana* exerceu, notadamente na Baía, preponderância sobre as outras religiões africanas. A influência da cultura negra se fez sentir de modo mais pronunciado na região nordestina, justamente porque o contingente *yorubano* trouxe recursos culturais evidentemente mais adiantados. *É que* — na opinião do Professor Artur Ramos — *a cultura yoruba por ser mais adiantada em paralelo com as outras, acabou absorvendo estas últimas e impondo-lhes os seus traços dominantes»* (3). No sul do país, entretanto, a influência africana entrou por intermédio dos povos do Prata; e nos países platinos não se deu infiltração *yorubana,* visto que ali preponderou a cultura dos Congos, muito menos desenvolvida do que a dos *yorubas.* Na América do Sul, como na Central, as religiões africanas perderam, aos poucos, suas linhas primitivas, porque se «misturaram» com o Catolicismo e com o elemento indígena de alguns países. Onde, porém, o elemento africano se conservou, por muito tempo, em estado original, foi nas Guianas. Daí o mesmo autor afirmar que «as culturas negras da selva, nas Guianas, permaneceram imunes do contacto branco». Mas a cultura mais activa entre os negros da Guianas não é a *yoruba,* porém a *Fanti-Ashanti,* procedente da Costa de Oiro, embora nela se verifiquem certos vestígios do ramo *yoruba* e da influência *bantu.* Explica-se, até certo ponto, o estado de isolamento em que se mantiveram os africanos radicados nas Guianas, em virtude da situação especial daquela região, bem como da maior parte do Orenoco, onde seus primitivos habitantes eram astrolatras, constituindo um grupo cultural pouco assimilável, ao que se supõe.

A este respeito, informa um dos maiores etnólogos brasileiros e, ao mesmo tempo, um dos mais lúcidos representantes do elemento negro neste país: *Os povos primitivos da Guiana, os do vale do Orenoco principalmente em contacto mais directo com os da América Central e com os do planalto andino, de Cundinamarca, isto é, os Chibchas astrolatras de Sogamoso, mui provàvelmente reflectiam, no que respeita à crença, o culto do Sol de par com*

(1) Câmara Cascudo — *Anatologia do Folk-lore Brasileiro.*

(2) *O Negro Brasileiro* — 1.ª edição, pág. 129.

(3) *As Culturas Negras no Novo Mundo.*

esse outro, tão instintivo ao homem, de propiciar o Génio do Mal (1).

Os trabalhos de Roquete Pinto e Édison Carneiro, principalmente, trouxeram valioso contingente de informações ao estudo das culturas primitivas no Brasil, sem que, todavia, se deva esquecer o nome de Manuel Quirino, porque foi este último, homem de côr e muito inteligente, quem provocou, pelas importantes pesquisas que realizou na Baía, as grandes contribuições que dali se irradiaram, nas pègadas do inolvidável Nina Rodrigues, por todo o país, alargando o campo do Africanismo, até então pouco explorado.

*
* *

Já vimos, portanto, a ramificação cultural do *Africanismo* e seu cruzamento religioso com o Catolicismo. Nenhuma razão de ordem histórica ou psicológica leva a admitir que haja semelhança entre Espiritismo e Africanismo. O fetichismo constitui forma religiosa, tem seus ritos e símbolos. As religiões de origem africana, como já se disse inicialmente, são fetichistas. O Espiritismo não tem filiação cultural com o *Fetichismo*. Daí se conclui que não existe ligação entre Espiritismo e Africanismo, embora se encontre o mediunismo e não se segue o sentimento de caridade, tanto naquele, como neste. Mas o mediunismo e a prática da caridade, apanágio dos bons sentimentos da criatura humana, podem ser identificados em qualquer organização religiosa. O próprio Padre Etienne Brasil, que confundiu Espiritismo com Fetichismo, reconhece que: *O Fetichismo é uma verdadeira religião, com seus dogmas, preceitos e ritos peculiares* (2). Ora, se o *Fetichismo* é uma *verdadeira religião,* possuindo «corpo doutrinal», está provado que, não sendo o Espiritismo fetichista, não tem relação com nenhuma das ramificações desse culto. Entretanto, são muito acentuados os traços de afinidade entre o Catolicismo e o Africanismo, tanto que há divindades, cerimonial, sacerdotes, etc., neste e naquele. Basta que consideremos este facto: *No fetichismo gêge-nagô* (investigação, ainda, do Professor Artur Ramos) *os «orixás» foram assimilados, um a um, dos santos católicos. «Orixá» ou «Oxalá» identificou-se com o Senhor do Bonfim, na Baía. Esta equivalência não parece ser motivada pelo facto de ser a Igreja do Senhor do Bonfim edificada no alto de uma colina, na Baía, da mesma forma que, na África, «Orixalá» é adorado no topo do monte «Oké»... A verdadeira razão parece-me consistir em que «Orixalá», o maior dos santos, para o «yorubano», se identifa com o Senhor do Bonfim, o santo de maior devoção, o mais milagreiro da Baía».*

A inclinação do Africanismo para o Catolicismo, como se vê, é indiscutivel. No *cliché* da página seguinte, damos uma prova do sincretismo afro-católico:

Vê-se, aí finalmente, que as práticas fetichistas, com seus símbolos, suas divindades, seu ritual, etc., se aproximam cada vez mais do Catolicismo. Quanto ao Espiritismo, porém, não se regista a menor prova de afinidade deste com o *Africanismo,* por duas razões fundamentais:

a) — uma das principais características do Espiritismo é a ausência de ritual;
b) — tendo por base de sua doutrina as leis naturais, o Espiritismo exclui racionalmente a ideia do sobrenatural, do milagre, do poder dos «fetiches».

O fetichismo é, como se sabe, uma religião primitiva, muito desfigurada, como já foi dito em artigo anteror, e seus pontos básicos assentam precisamente no sobrenatural, na crença em divindades, tal qual se verifica no Catolicismo, cujo fundamento teológico se estriba em crença idêntica, no milagre, etc., variando apenas a terminologia particular de cada religião. O *Africanismo,* com todo o conjunto de suas formas religiosas, é remoto, liga-se a uma fonte de cultura muitíssimo recuada, ao passo que o Espiritismo, isto é, o Espiritismo como corpo de doutrina, é posterior àquela cultura.

Justamente para definir o Espiritismo com precisão, para evitar, sem dúvida, que o Espiritismo se confundisse com as seitas e escolas espiritualistas (entre estas a do fetichismo, porque se baseia, também, na imortalidade da alma) teve Allan Kar-

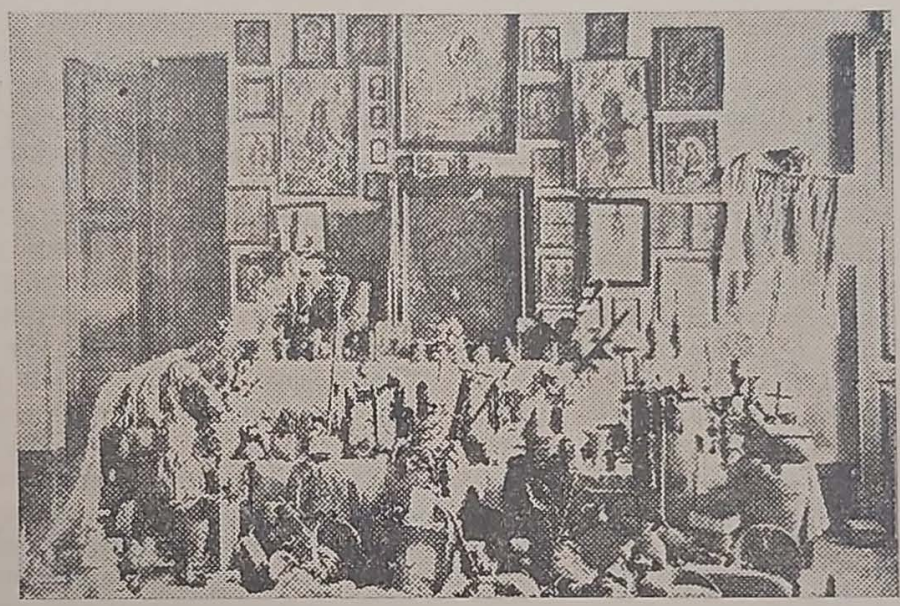
(1) Teodoro Sampaio — *Naturalistas e Viajantes dos Séculos XVIII e XIX.*

(2) *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,* vol. 74, 1911.

dec a necessidade bem compreensível de criar a denominação própria desse corpo de doutrina. Daí o neologismo por ele formado no século passado, para designar a doutrina espirita: *Espiritismo*. Eis a explicação do codificador desta doutrina, em trabalho publicado no ano de 1866 em *Revue Spirite*, órgão por ele fundado logo depois de haver lançado, no *Livro dos Espiritos* (1857) as bases do Espiritismo: *Criámos a palavra ESPIRITISMO, para atender às necessidades da Causa; temos, pois, o direito de lhe determinar as aplicações e de definir as qualidades e as crenças do verdadeiro espirita* (1). Sustentando o princípio de que o Espiritismo, não admitindo o sobrenatural, não pode, por consequência, harmonizar sua doutrina com nenhuma religião que apele para soluções teológicas (Catolicismo, Fetichismo, etc.), Allan Kardec já dizia, desde 1864, ao publicar «O Evangelho Segundo o Espiritismo»: *O Espiritismo é a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e suas relações com o mundo corpóreo. Ele no-lo mostra NÃO MAIS COMO COISA SOBRENATURAL, porém, ao contrário, como uma das forças vivas e sem cessar actuantes da natureza, como a fonte de uma imensidade de fenómenos até hoje incompreendidos e, por isso, relegados para o domínio do fantástico e do maravilhoso* (2).

Nada existindo de sobrenatural na concepção do Espiritismo relativamente ao mundo espiritual, a prática espirita de modo algum poderia confundir-se com as práticas do culto fetichista, base das religiões de origem africana. Com o respeito que me merecem todas as crenças, sem deixar de reconhecer que o elemento africano muito contribuiu para a formação do povo brasileiro, dando-lhe acentuada sentimentalidade, não vejo, todavia, semelhança entre Espiritismo e Africanismo. As práticas de origem africana, grandemente ramificadas, são espiritualistas, dignas de respeito como quaisquer outras práticas religiosas, mas não se confundem com as práticas do Espiritismo. Encerrando esta série de artigos, chego à conclusão de que AFRICANISMO NÃO É ESPIRITISMO.

Rio de Janeiro, Agosto de 1946.



«Orixás» do culto fetichista e santos da Igreja Católica. Aí se encontram, portanto, elementos característicos do Africanismo *e do* Catolicismo: *altar, quadros de santos, crucifixo, etc. e objectos peculiares às cerimónias fetichistas.*

(Fotografia extraída do livro «O Negro Brasileiro», 1.ª edição)

(1) Allan Kardec — *Obras Póstumas.*

(2) Allan Kardec — *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, 28.ª edição, pág. 46.

Out/46

TÉRMITAS

pelo Coronel Faure da Rosa

Continuemos a estudar os pequenos, a ver se assim nos habilitamos a compreender alguma coisa dos grandes.

Térmites ou térmitas, vulgarmente conhecidas sob o nome de *formigas brancas*, (não confundir com a *formiga branca humana* — a da espionagem), são uns insectos sociais muito conhecidos de todos aqueles que, alguma vez, percorreram regiões tropicais. Pode dizer-se que vivem da destruição de víveres, vestuário, e madeira sobretudo. Basta-lhes alguns meses para roerem interiormente o vigamento das casas subitamente derrocadas, sem que fôsse possivel prever o perigo, a maior parte das vezes. (A *formiga branca humana* faz este servicinho de destruição em muito menos tempo: basta-lhe alguma horas, às vezes até chegam uns escassos minutos).

Quem tenha andado por países quentes como os de África e da Índia, por exemplo, há de lembrar-se dos montes, das cordilheiras, das verdadeiras pirâmides em alguns locais, construidos pelas *formigas brancas*. (Também nisto é diferente a *formiga branca humana* que só destroi, nada constroi) — Na Índia dão-lhe o nome indigena da *Cáriá* e na África Oriental o de *muchem*.

A VIDA NA TERMITEIRA

Maeterlinck diz-nos que se contam 1.200 a 1.500 especies de térmitas e que estes insectos não podem ou, pelo menos, não podiam, antes dos americanos se terem interessado, ser estudados em laboratórios, em colmeias ou caixas de vidro como se pratica com as abelhas e as formigas.

O trabalho da *formiga branca* é um verdadeiro trabalho de sapa, o seu avanço efectua-se sempre a coberto. (Aqui, a identidade com a *formiga branca humana* é perfeita).

As cúpulas que a cobrem são feitas, por elas mesmas, de um cimento tão duro que o aço do machado abre mossas; para as desfazer, o meio mais fácil é o emprêgo de pólvora.

A termiteira clássica, a das grandes espécies, é sempre subterrânea. Nada há mais desconcertante, mais fantástico do que a arquitectura das suas habitações, que varia segundo as raças, as condições locais, os materiais disponiveis, pois o génio da espécie é inesgotàvelmente inventivo e acomoda-se a todas as circunstâncias.

Umas vezes, a habitação é simples monticulo rugoso, tendo por base uma circunferência de uns trinta passos, com três ou quatro metros de altura. Noutros sitios apresenta o aspecto de enormes montões de lama, de formidáveis bolhas de grés, ou ainda o disforme montão de alvéolos.

A formiga branca é cega; não constroi as casas pelo lado de fora; fá-lo pelo de dentro, sem jámais poder ver o que edifica. Todo o seu interesse é o interior da moradia; nunca se ocupa do aspecto exterior... ao contrário do homem que essencialmente cuida da fachada. Quantas vezes ele só tem *por fora cordas de viola e por dentro pão bolorento!*

As maiores termiteiras encontram-se no Congo Belga onde chegam a atingir 7 e 8 metros de altura. Há termiteiras que são verdadeiras casas com 2 e 3 andares nas quais o homem poderia instalar-se. Estes monumentos são de solidez tal que resistem no choque produzido pela queda das maiores árvores. Caso singular! Às vezes crescem ali árvores que a térmita — que tudo destroi — respeita religiosamente.

Quando o governo oculto da termiteira entende que o número de ninfas excede as necessidades, encerra, em quartos especiais, as que são em demasia, depois de lhes ter cortado as patas, para que, deixando de ter movimento, não percam a gordura, pois que as vão comendo à medida da precisão da colectividade.

Na colmeia, a fêmea reina sòzinha: é o matriarcado completo. Numa época pre-histórica, quer por revolução, quer por evolução, os machos foram relegados para plano secundário e algumas centenas dentre êles, são simplesmente tolerados durante certo tempo como mal oneroso, mas inevitável. Se os pudessem substituir, com certeza que os não toleravam.

Na termiteira a castração voluntária constitui o matriarcado. Os operários são machos ou fêmeas, mas o sexo está completamente atrofiado e a custo é diferenciado.

Quando uma térmita, seja qual fôr a classe a que pertença, tem fome, dá uma pancada de antena ao operário que passa. Imediatamente este fornece ao solicitador, quando êle é de tenra idade, o que leva no estômago. Mas, se o reclamante é adulto, volta-se em sentido contrário e cede-lhe generosamnte o que o intestino contém.

É o comunismo integral, o comunismo do esófago e das entranhas, levado até à coprofagia co-

lectiva (que se nutre de excrementos). Nada se perde na sinistra e próspera república em que se realiza, sob o ponto de vista económico, o sórdido ideal que a natureza nos parece propor. Se alguma térmita muda de pele, o espólio é imediatamente devorado; se alguma morre — operário, guerreiro, rei ou rainha — (nem ali os monarcas escapam!) o cadáver é no momento consumido pelos sobreviventes. De resto, o excremento é a matéria prima — se assim pode dizer-se, de todas as suas indústrias...

As suas galerias, por exemplo, são interiormente polidas e envernizadas com o maior esmero e o verniz empregado é exclusivamente estercoral. Este sistema estercoral ainda hoje é adoptado na Índia pelas castas mais atrasadas, as quais semanalmente, pelo menos, envernizm os pavimentos térreos com bosta amassada.

Os operários dividem-se em duas castas: grandes e pequenos. Os primeiros têm mandíbulas mais potentes que cruzam as suas lâminas como tesouras; vão longe, por caminhos cobertos, trinchar a madeira e outras matérias duras. Os segundos, mais numerosos ficam em casa e dedicam-se aos ovos, às larvas, às ninfas, à alimentação dos insectos perfeitos, à do rei e da rainha, aos armazens e aos cuidados do lar. (A rainha é ventruda, de uma obesidade disforme, e o rei um insignificante que vive debaixo daquele ventre enorme e que só tem utilidade para a conservação da espécie).

Depois dos trabalhadores, vêm os guerreiros, machos ou fêmeas, de sexo igualmente sacrificado, igualmente cegos e privados de asas. É aqui que apanhamos, verdadeiramente em flagrante, aquilo a que chamamos a inteligência, o instinto, a força criadora, o génio da espécie ou da natureza, como se lhe quizer chamar.

A DEFESA DA TERMITEIRA

A inimiga nata da térmita, é a formiga; e isto desde há dois ou três milhões de anos. O homem soube tirar partido desta inimizade mortal; é assim que os indígenas de Madrasta (Índia) utilizam certas espécies de formigas para destruir as térmitas nos entrepostos de mercadorias.

Seja quem fôr o agressor, desde que o ninho é atacado e brecha é feita, vê-se surgir a enorme cabeça de um defensor que dá o sinal de alarme, batendo o solo com as mandíbulas. Imediatamente acode o corpo da guarda, a seguir toda a guarnição que tapa a abertura com os crânios, agitando ao acaso, cegamente, um silvado de temiveis, medonhas e ruidosas mandíbulas, ou — sempre às cegas — precipitando-se como matilha de buldogues sobre o adversário que mordem furiosamente, sem nunca abandonarem a presa. Um exemplo desta defesa inteligente e vigilante: Um experimentador, pôs sobre uma mesa uma caixinha de vidro contendo uma colónia de térmitas. No dia seguinte encontrou a mesa coberta de formigas terriveis. Como o vidro estivesse mal unido, supôs a colónia de térmitas perdida. Nada disto sucedeu. Avisados do perigo, os soldados enfileiraram-se na mesa em redor da caixinha como guarda bem alinhada ao longo da ranhura que o vidro apresentava. Enfrentando o inimigo com as trombas, em forma de seringa, os valorosos soldadinhos velaram toda a noite, e não deixaram pessar uma única formiga.

Na termiteira, ainda mais insolúvel, porque a sua organização é mais complexa, encontramos o grande problema da colmeia e do formigueiro: Quem é que dá ordens, prevê o futuro, traça planos, administra e condena à morte? Não são os soberanos, aristocratas miseráveis, escravos das suas funções reprodutoras, dependentes, pela alimentação, da boa vontade dos operários... precisamente como acontece aos aristocratas humanos, que morreriam de fome se o povo não trabalhasse para eles.

Tal hipótese do instinto não é mais favorável que a da inteligência, porque nada sabemos do instinto, enquanto acreditamos, com ou sem razão, não ignorar o que é a inteligência.

SEMELHANÇA COM O QUE SE PASSA NO CORPO HUMANO

O nosso corpo também é uma associação, um aglomerado, uma colónia de 60 triliões de células, mas células que não podem afastar-se do seu ninho ou do seu núcleo e permanecem até à destruição deste ninho ou deste núcleo, sedentárias e cativas. É tão terrivel, tão desumana que até parece a organização da termiteira... A mesma personalidade colectiva, o mesmo sacrifício incessante das inumeráveis partes ao todo, ao comum, o mesmo sistema defensivo, o mesmo canibalismo dos fagocitas (micróbios benéficos que destroem ou absorvem os prejudiciais) contra as células mortas ou inuteis; o mesmo trabalho obscuro, encarniçado, cego, para fim ignorado; a mesma ferocidade, as mesmas especializações para a nutrição, a reprodução, a respiração, a circulação do sangue, as mesma complicações, a mesma solidariedade, os mesmos apelos em caso de perigo, os mesmos equilibrios, a mesma polícia interior.

É assim que depois de abundante hemorragia no nosso organismo, sob ordem não se sabe donde, os glóbulos vermelhos se põem a proliferar de modo fantástico, que os rins suprem o fígado fatigado, que as lesões valvulares do coração se compensam pela hipertrofia das cavidades à rectaguarda do obstáculo, sem que jamais a nossa inteligência — que julga reinar no alto do nosso ser — seja consultada ou se mostre a sua intervenção.

Tudo que sabemos, e dificilmente o aprendemos, é

que as funções mais importantes dos nossos órgãos dependem das nossas glândulas endócrinas, de secreções internas, ou hormonas de que até há pouco vagamente se suspeitava a existência, sobretudo da glândula tiroide que modera ou diminui a acção das células conjuntivas, da glândula pituitária que regula a respiração e a temperatura, da glândula pineal, das glândulas sobrerrenais, da glândula genital que destribui energia aos nossos triliões de células. Mas estas glândulas, quem lhes regula por sua vez as funções? Como é que em circunstâncias rigorosamente iguais dão a uns a saúde e a felicidade de viver, a outros a doença, os sofrimentos, a miséria e a morte?

Não sabemos nada, conclui Maeterlinck; ignoramos totalmente quem no nosso corpo dá as ordens de que depende o sustento da nossa existência; duvidamos se se trata de simples efeitos mecânicos ou automáticos ou de medidas deliberadas emanadas de uma espécie de poder central que vale o bem comum.

Se não sabemos o que se passa em nós, como poderíamos penetrar no que se passa fora de nós, na colmeia, no formigueiro ou termiteira e saber quem as governa, as administra, prevê o futuro e promulga as leis?

A DISCIPLINA DA TERMITEIRA

A disciplina da termiteira parece mais feroz do que a dos carmelitas ou trapistas e a submissão voluntária às leis e regulamentos, que vêm não se sabe donde, é tal que nenhuma associação humana pode fornecer-nos exemplo.

Nenhum repouso senão no sono final; a própria doença não é permitida e toda a fraqueza equivale a uma condenação à morte.

Nós apenas vemos os factos exteriores e grosseiramente materiais e ignoramos tudo que se passa realmente na colmeia e na termiteira.

É muito provável que ocultem mistérios vitais, etéricos, eléctricos ou psíquicos de que não temos nenhuma ideia, porque o homem, cada dia compreende melhor que é um dos seres mais incompletos e mais limitados da criação.

Encontramos nas térmitas os três votos mais terríveis das nossas ordens religiosas mais rigorosas: pobreza, obediência, castidade; esta última é levada até à castração voluntária; mas, qual é o asceta ou místico que, além de tudo isto, ainda tenha sonhado impor a seus discípulos as trevas eternas e o voto de cegueira perpétua, vazando-lhes os olhos?

AS NOSSAS INVENÇÕES

Um filósofo demonstrou perfeitamente que todas as nossas invenções, todas as nossas máquinas são apenas projecções orgânicas, isto é, imitações inconscientes de modelos fornecidos pela natureza. As nossas bombas, são a bomba do nosso coração; as bielas são

Estudos Psíquicos Editora

Temos recebido algumas cartas de confrades e amigos que desejam assinar as colecções de *Estudos Psíquicos Editora*, para não sofrer o desgosto de ficarem sem estes interessantes livros na sua estante. Deste modo, resolvemos abrir a respectiva inscrição; e, para atender a numerosos pedidos, faremos em breve segunda edição do «Resumo da Doutrina Espirita», que tão grande êxito obteve o ano passado.

As nossas colecções estão assim descriminadas:

BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS PSÍQUICAS, onde incluiremos obras de cunho científico e filosófico, quer originais, quer traduções dignas de ser conhecidas.

BIBLIOTECA DE ACÇÃO DOUTRINÁRIA, composta por obras de fundo moral ou humanista, tendo por base a doutrina Espirita.

BIBLIOTECA DE ACÇÃO ROMÂNTICA, que divulgará romances e novelas, sejam originais ou de origem mediúnica.

Estas obras sairão bimestralmente, logo que haja suficiente número de assinantes, aos quais faremos preços de revenda, ou seja 20 % sobre o preço de capa.

Leitor: Inscreve-te nestas colecções e forma a tua biblioteca!

reprodução das nossas articulações; o aparelho fotográfico é a câmara escura da vista. Os aparelhos telegráficos representam o nosso sistema nervoso; nos raios X reconhece-se a propriedade orgânica da lucidez sonambúlica que vê através dos objectos, que lê, por exemplo, o conteudo de uma carta lacrada e encerrada numa tríplice caixa de metal. Na telegrafia sem fios seguimos as indicações que a telepatia nos deu, isto é, a comunicação directa de um pensamento por ondas espirituais análogas às ondas hertzianas; nos fenómenos de levitação e deslocação de objectos sem contacto, encontra-se outra indicação de que ainda não soubemos tirar proveito.

Nós julgamos tudo do alto da nossa lógica altaneira, como se fosse indubitável que não possa existir outra coisa ao contrário daquela que é nosso guia. Para nos consolarmos, dizemos que a inteligência é a faculdade com o auxílio da qual compreendemos, finalmente, que tudo é incompreensivel, e olhamos as coisas do fundo da ilusão humana.

Não esqueçamos que vivemos ainda na ignorância, nas trevas, de que não faremos uma ideia senão no outro mundo.

Só poderemos encontrar felicidade completa e estável numa vida toda espiritual, deste ou do outro lado do túmulo, porque tudo que se prende à matéria é essencialmente precário, mutável e mortal.

A CARTA ESPIRITUAL DO MUNDO

por Henri Regnault
Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» em Paris

(Tradução de I. D. S.)

Um acontecimento que pode ter repercussões históricas acaba de ocorrer em Bruxelas nos dias 10, 11, 12, e 13 de Agosto de 1946, sob o alto patrocínio do Ministro dos Negócios Estrangeiros belga Mr. Spaack e do Ministro do Interior Buisseret e do burgomestre de Bruxelas Van den Meulebrack.

Quero falar do *Congresso Espiritualista Mundial*, de que participaram algumas nações, entre elas Portugal, além de sessenta e cinco associações que ali se fizeram representar.

Desde que sou espirita — remonta a 1919 — fui sempre partidário da união de todos os espiritualistas, qualquer que fosse a sua religião, a sua filosofia e a sua crença.

Deve procurar-se o que pode unir os homens e afastar o que os divide, isto no tocante aos espiritualistas, aos que crêem:

1.º — Na existência de um Criador do mundo, seja qual for o nome que lhe derem.

2.º — Na existência de uma entidade pensante nos seres criados, não importa, também, o nome que lhe dêem;

3.º — Na sobrevivência deste princípio pensante, qualquer que seja a sua forma e a maneira de sobreviver.

Em 1923, quando me pediram que enfileirasse entre os fundadores da *Aliança Espiritualista Universal*, criada pela Condessa e pelo Conde Prozok, aceitei com satisfação a deferência. O presidente geral da *Internacional dos Amigos da Ordem Espiritual*, sr. Briantchaninoff, tinha-se juntado a nós, no Congresso que organizámos em Bruxelas, em Setembro de 1924.

A pesar do êxito do Congresso, que lançou um apelo aos espiritualistas do mundo, tivemos que abandonar a acção por falta de recursos, após a morte do Conde e da Condessa Prozok.

Pela minha parte, trabalhei modestamente, pois jámais afastei de mim a ideia de federar todos os espiritualistas, no sentido de lutar contra os danos causados pelo materialismo.

Quando se mostram esses danos, é preciso não esquecer que numerosos materialistas são, de facto, espiritualistas sem o saber. Obedecendo à sua consciência, embora negando-a, certos materialistas são incapazes de aplicar à vida pessoal as consequências de suas afirmações, pois não cometeriam más acções e até estariam convencidos de que ninguém as cometeria. Estes não são prejudiciais à Sociedade.

Quando tive conhecimento do *Congresso Espiritualista Mundial* (demasiado tarde, apenas algumas semanas antes da sua realização), pedi os esclarecimentos necessários e deste modo soube que Mr. Wittemans, antigo senador da Bélgica, membro da ordem mística da Rosacruz e representante da Igreja Protestante de Anvers, era secretário geral da Comissão Organizadora, composta por teósofos, católicos liberais, martinistas, protestantes, israelitas, humanistas, etc.

Depois de mais de um ano de esforços, o Congresso foi interrompido, infelizmente, em virtude da tormenta mundial ter ocasionado muitas alterações de endereços e a Comissão Organizadora ignorar o paradeiro de numerosas sociedades espiritualistas. Do ponto de vista espirita, já as organizações de Espanha e Portugal haviam dado a sua adesão.

A *União Espirita Francesa* e a *União Espirita Belga* aderiram igualmente e conseguiram assim participar nos trabalhos do Congresso.

No sábado, 10 de Agosto, Mr. Van den Meulebroeck, Burgomestre de Bruxelas, recebeu os congressistas no magnífico Palácio Municipal e ele próprio os levou a visitar minuciosamente as suas dependências, autorizando-os a realizar a primeira reunião na Sala dos Casamentos, o que representou verdadeiro simbolo da união destes seres de boa vontade provenientes de todas as partes do mundo, sem embargo das grandes dificuldades actuais. E apesar da diversidade de suas doutrinas, não houve uma só divergência grave, durante estes dias de trabalho em comum, o mesmo sucedendo, quer em reunião plenária, quer em reunião das comissões: reinou sempre a maior harmonia entre os congressistas.

O ante-projecto da *Carta Espiritual do Mundo* tinha sido estudada antecipadamente pelas diversas organizações participantes e

outros ante-projectos haviam sido apresentados ao Secretariado Geral. Uma Comissão de onze membros foi encarregada de coordenar todas as ideias expressas e apresentou na reunião plenária um projecto que, após algumas modificações de pormenor, foi adoptado por aclamação.

Não me é possivel dar o seu texto neste artigo. Só desejo realçar a importância do *Congresso Espiritualista Mundial.*

Na sessão de encerramento, o Ministro do Interior, Mr. Buisseret, pronunciou um discurso impregnado da mais alta espiritualidade e pôs em relevo a importância dos trabalhos do Congresso, desejando que todos os Estados perfilhem os principios expostos na *Carta Espiritual da Humanidade.*

Antes de terminar, desejo acentuar duas coisas importantes:

1.ª O Governo Belga, compreendendo o papel considerável deste Congresso, tinha pedido aos diversos governos que enviassem delegados oficiais.

2.ª A Comissão Organizadora inspirara-se nos dois Congressos precedentes, realizados no Palácio das Academias, de Bruxelas: o primeiro, organizado pela Federação das Sociedades de Cultura Moral, em 1922, e denominado *Congresso para o Progresso das Ideias Morais,* tinha o objectivo de responder à pergunta: *Qual é fim da Vida?;* o segundo, organizado pela *Aliança Espiritualista Universal,* em 1924, teve o nome de *Congresso Espiritualista Internacional.*

O Congresso de 1914 tinha votado a declaração do seguinte principio: *O mundo debate-se entre duas concepções da vida e seus deveres. Para os materialistas, a vida é luta cruel pela existência; para os espiritualistas, é evolução consciente em direcção a estado superior e colaboração na obra do espírito na matéria.*

Querendo organizar internacionalmente os espiritualistas e visando o primado do Espirito, especialmente em matéria de politica estrangeira, o Congresso de 1914 não logrou atingir o seu fim, porque entre os congresistas não houve permanência de relações.

Meus Deus! Aqueles trágicos acontecimentos mostraram bem como nessa época de paz nós tinhamos razão ao mostrar o terrivel perigo das considerações materialistas. A humanidade faliu estrondosamente. A paz ainda não voltou à terra. Os delegados do Congresso levarão ao conhecimento dos Governos e Parlamentos de seus países os termos da *Carta Espiritual da Humanidade* e deverão realizar os maiores esforços para fazer aplicar os princípios adoptados.

Deverão também relacionar-se com as sociedades espiritualistas e idealistas de seus países e explicar o motivo porque o Congresso de 1946 se realizou sem apelar para elas, fazendo-lhes compreender a necessidade da união e obter o seu concurso.

Assim, em 1947, o Congresso Espiritualista Mundial, que deve realizar-se em Paris, terá ainda maior importância do que o Congresso de Bruxelas de 1946.

Se todos os homens de boa vontade se unissem, a Paz estaria assegurada na Terra (1).

(1) O Secretário Geral, Mr. Wittemans, dá todos os esclarecimentos necessários em 5, Rue Haringrode, Anvers, Bélgica. Brevemente sairá um volume com as teses apresentadas ao Congresso, bem como as moções adoptadas e o texto definitivo da *Carta Espiritual da Humanidade.*

Núcleo de Acção e Propaganda

Prosseguindo na sua missão, o *Núcleo de Acção e Propaganda Estudos Psíquicos,* começou a distribuir o folheto «Os Mortos Vivem!» às famílias enlutadas. Dele fará também larga distribuição por agremiações e centros espiritas, a fim de que estes, por sua vez, o distribuam directamente aos interessados, especialmente no meio profano, onde se deve levar a ideia que propagamos.

Não nos esqueceremos também de o enviar a consultórios médicos e associações culturais ou recreativas.

Agradecemos todos os donativos que nos queiram mandar destinados a difundir o ideal espirita, a fazê-lo penetrar em toda a parte onde a sua acção constante se exerça com proveito para a sociedade. Nós não dispomos doutros recursos, a não ser o auxílio de amigos e leitores. Os 8.000 exemplares publicados consumiram grande parte do donativo que há tempo recebemos de um anónimo. É preciso, pois, que outros donativos venham, grandes ou pequenos, não importa, mas que venham, para realizar o programa esboçado de conferências públicas nos teatros de Lisboa, que não poderão enfrentar-se sem dinheiro.

É preciso sair do marasmo em que vivemos! É preciso auxiliar a Causa por todos os meios ao nosso alcance! Vamos, amigos, que o tempo urge e a caminhada é longa e dificil!

PELO ESPIRITUALISMO

por Raúl de Sepúlveda Fontes

Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» na Índia Portuguesa

Raul de Sepulveda Fontes, que ora inicia a colaboração em Estudos Psíquicos como redactor-correspondente na India Portuguesa, é verdadeiro temperamento de jornalista e de escritor empolgado por ideias nobres e humanistas. Falando e escrevendo correctamente o inglês, colaborou em «The Onlooker», «Indian Home», «Mirror», «The Theosophist», «Theosophist in India», «Reason» e «All-India Weekly», da qual foi crítico literário. Há pouco, foi convidado a colaborar nas revistas americanas «To-morrow» e «This Week».

Colaborou também em quase todos os jornais de Goa, em especial no «Diário da Noite», no «Heraldo» e no «Prakash».

É autor de «By the Candle Light» (À Luz da Candeia), contos místicos ingleses, e «Nicholas Roerich, Análise dum Génio», este último já em nosso poder. O primeiro foi altamente apreciado por Lord Dunsany, Somerset Maugham, Walter de la Mare e outros.

Desde os 18 anos que era ferrenho agnóstico. Em 1944, porém, mudou de ideias e publicou a sua profissão de fé espírita na revista inglesa «Indian Home», devido em grande parte à influência nele exercida pela obra do seu amigo Nicholas Roerich, de Lord Dunsany e Mary Corelli.

A sua primeira novela, «Night Pieces», e o livro de contos «Nightmare Stories», sairão em breve. Além disso, tem dois livros inéditos: «Pro Pace» e «India Misteriosa». É um homem de 31 anos, na pujança da vida, que vem trazer espontaneamente a sua pedra para o edifício grandioso do Espiritismo. Seja benvindo, pois. Todos lucraremos com a sua acção e o seu entusiasmo.

RAÚL DE SEPÚLVEDA FONTES

Antes dos meus vinte anos já me desligara por completo da Igreja Católica e dos seus dogmas. Nos primeiros tempos ainda se fazia sentir em mim a força da tradição e da hereditariedade, trazendo como consequência certos abalos psíquicos, momentos de incerteza, dúvidas e anseios que chegavam a ser verdadeiros tormentos. Gradativamente, porém, o meu espírito já se acomodara a nova vida — sem Deus, sem religião, sem crenças.

Durante anos, o materialismo ateu fascinou-me por completo, não obstante um período em que Annie Besant chegou a captar-me a atenção para o movimento teosófico que, aliás, tanta beleza e sabedoria encerra. Não obstante isso e a despeito da influência quase directa da dinâmica personalidade que foi Annie Besant, o materialismo, insuflado em mim por Ingersoll, Bradlaugh e Büchner, mantinha-me firme nas suas garras. A leitura das obras de Metchnikoff, Haeckel e McCabe e a propaganda hábil da Sociedade Secular de Londres, fundada pelo célebre Bradlaugh, pareciam enraizar ainda mais as minhas convicções, não me permitindo ver além das fronteiras limitadas da matéria.

Prosseguindo nos meus estudos, entrei em contacto com os trabalhos de Heisenberg, Planck e Russel, que (segundo me parecia ao tempo) duma vez para sempre derrubavam a concepção espiritualista do universo. O meu espírito agarrava-se a todos os argumen-

tos que pudessem sustentar a tese materialista. Na desintegração do rádio, na teoria da relatividade e na teoria dos *quanta*, julgava ver o triunfo do materialismo!...

Com esse estado de espírito, fácil é julgar que me supunha na posse da *verdade absoluta*, firme nas minhas opiniões e inabalável nas minhas convicções...

Paulatinamente, porém, se fez luz no meu espírito. Essa luz não se fez subitamente como resultante de qualquer profunda emoção ou abalo psíquico, mas foi antes consequência inevitável de estudo e meditação.

Já há anos atrás, numa conversa com o astrónomo checo, Dr. Karel Hujer, discípulo e amigo de Flammarion, ficara profundamente impressionado perante as suas convicções e a sua visão espiritualista do cosmos. Por sua recomendação estudei os trabalhos de Camille Flammarion sobre o assunto e ainda mais impressionado fiquei. Verifiquei, então, que as afirmações de Richet e Flammarion e as pesquisas de Myers e Lodge tinham um *quid* de verdade. Mesmo assim, uma força íntima deixava-me num estado de incertezra em tomar decisões, em bradar *mea culpa* perante os erro do passado.

Depois chegou-me às mãos a obra do Prof. Whatley Carrington, *The Death of Materialism*, que tanta luz lançou no meu espírito. Logo após, o tratado de Berkeley sobre o *imaterialismo* deixou-me entrever um mundo vasto de possibilidades psíquicas. Verifiquei que a matéria é um conjunto de sensações feitas ideias, não nos dando nunca ideia exacta do *não-eu*, porque dele só temos uma noção vaga de coisa ainda mais vaga, a que chamamos *sensação*. Então comecei a compreender a tese de Jeans, de que só um Supremo Músico poderia pôr tão ordenadamente em jogo as forças da natureza. De facto, a vida não pode ser resultante de meras combinações químicas e o homem um conjunto de moléculas que, aliás, se renovam periòdicamente, mantendo, porém, íntegra a nossa personalidade, o nosso eu.

É forçoso, pois, reconhecer que há um *quid* imaterial no cosmos, que nós somos viajeiros neste planeta de caminho a regiões mais perfeitas, onde, despidos do corpo material, estaremos face-a-face com a Suprema Realidade. Só o espiritualismo oferece ao homem uma doutrina livre de preconceitos, mas contendo os mais sublimes ensinamentos demonstrando que existe Deus e que em nós existe uma faulha divina. E as melhores provas são aquelas que podem ser verificadas e presenciadas por todos. Neste ponto, as experiências de Crookes e Kilner são de evidência esmagadora. O *Espiritismo* veio estabelecer o traço de união entre Deus e o Homem. Negar os fenómenos psíquicos, as materializações e os *apports* é fácil aos que não observaram e não estudaram tais fenómenos. Quem, porém, conhece a vida ascética dos Lamas tibetanos e dos Rishis e Sadhus indianos, sabe até que ponto vão os poderes psíquicos latentes no homem, que a ciência não logra explicar.

O espiritualismo não só é uma verdade e uma doutrina grandiosa, mas uma fôrça propulsora, benéfica, que levará a humanidade a um nível de grandeza moral e espiritual que todos os homens de boa vontade desejam sinceramente.

Façamos, pois, da nossa vida um exemplo vivo de virtude espiritual para bem-estar nosso e da humanidade, provando aos nossos adversários que não são só os filiados em religiões organizadas que têm em grande valia a moral e a crença em Deus.

India, Junho de 1946.

NO CALVÁRIO

por RAMOS PEREIRA

A tarde cai. Sombras pesadas correm pelo céu
e um ribombar soturno ecoa pela Terra.
No cume dum monte agreste,
nimbada pelos clarões da tempestade inda longínqua
e pelos raios do Sol que teima em romper as nuvens,
ergue-se uma Cruz.
Junto dela, os olhos lacrimosos, vencidos pela Dor,
jazem duas fracas mulheres, almas redimidas.
Lá longe, onde os homens vivem,
está o Templo da fé petrificada.
E quando, no cimo do monte do Calvário,
o Mártir da Cruz libou a derradeira gota do seu cálice,
o seu olhar foi poisar no Templo.
Um trovão mais forte... Estremece o solo...
Caem colunas, muros se esboroam.
O homem sente medo e foge.
O Mártir inclinou a cabeça ensanguentada;
fecharam-se os olhos macerados, tristes,
e um trémulo de agonia vibrou na carne.
Uma luz vivíssima aureolou a Cruz.
E no monte do Calvário, da terra ressequida,
a força portentosa do Amor do Mártir
soergueu um Facho, de brancas labaredas,
Facho inapagável, que arde sem se ver,
a cujas chamas se acalenta o fraco
e extasia o forte,
Facho que mostra o novo Templo, Templo de fé viva,
o Templo de Jesus!

A MISSÃO DE JESUS

por Fernando da Cruz Ferreira

XI

Vêmo-lo de joelhos, ou de pé, como o Evangelho nos diz que costumava orar. E se nada podemos escutar desta oração, se a única fórmula é um segredo inviolado entre o Pai e o Filho e é portanto inútil esgotar palavras para exprimir a profundeza, a intensidade, o Amor dessa Oração, pensemos que, dentro em breve sobre esta Montanha deslisarão através dos lábios de Jesus as palavras da oração cotidiana que nos ensinará o «Pai Nosso».

Lembremo-nos que, ao entrar na agonia, o Senhor orou alto por todos os seus; e sem dúvida podemos escutar, na noite que precedeu a eleição dos discípulos, o som desta súplica como um eco respondendo a outro eco. A oração que o Cristo ensinou a todos os homens, o «Pai Nosso», a oração que, à hora do desprendimento da sua vida física, Ele disse pelos Seus apóstolos, repete-se de facto numa espécie de ritmo sagrado. Talvez naquela maravilhosa noite a voz do Senhor se elevasse, repetindo as palavras que são d'ELE, para o Divino PAI. Talvez em silêncio, na profundeza do coração, o Homem-Deus elevasse a Sua prece. Mas, só porque Ele se demorou na montanha e só porque ali orou uma longa noite, longa para aqueles que desconhecem como são fugidias as felizes horas da comunhão com Deus, pela meditação, ainda hoje aquelas margens do lago parecem desprender-nos de tudo quanto é da terra e deixar-nos a sós com Ele.

O Mestre excelso exemplificou que devemos procurar na oração, que precedeu a escolha dos apóstolos, o modelo das fervorosas orações que devem acompanhar os actos decisivos da nossa vida.

Incitam-nos a amar, a exemplo de Jesus Cristo, estes diálogos com Deus, na solidão e no silêncio. «Que as almas nobres vão com Ele para a Montanha (Santo Agostinho). «A multidão é rara nas alturas», observa um comentador. Mas, neste dia em que estamos, uma multidão inumerável acorria a Ele.

E foi no meio desta multidão, dentre os discípulos confundidos, que Jesus chamou os Seus.

A escolha preparada pela grande oração, era absolutamente livre: — CHAMOU AQUELES QUE QUIS, diz o Evangelho.

Sem dúvida, como vimos, Ele tinha já antes escolhido os principais de Seus Apóstolos. Não obstante, começa por esses mesmo, chama os doze, um por um e os seus nomes caem de seus lábios no silêncio da expectativa — mais impressionante ainda que o silêncio da noite — e cada um deles, sem sequer dizer uma palavra, sobe até ao Senhor na plena Luz.

Geralmente, a julgar pelo passado, o apelo de Deus ao Apostolado é silencioso.

O homem escuta-o pela atracção, pelas circunstâncias exteriores, pelo exemplo; a escolha divina manifesta-se de mil maneiras, mas em geral, gradualmente. Deixa lugar à reflexão... às incertezas.

Desta vez, porém, todos podiam ouvi-lo e todas as inteligências compreendê-lo.

Que forma mais simples, que a de os chamar pelo próprio nome? Assim, as dúvidas, as hesitações, tornam-se impossíveis. Eras tu, Pedro; eras tu próprio, Tiago; tu próprio, Tomé; não era nenhum outro. Imediatamente, ei-los fora da multidão — «os separados», «os escolhidos» O que representava este apelo, que esperanças realizava, que surpresas talvez acarretaria, podemos pressenti-lo.

O Senhor diria mais tarde aos seus discípulos:

— Não fostes vós que me escolhestes. Eu é que vos escolhi. *(João, XV-10).*

Mas à medida que os nomes soavam na luz gloriosa da montanha, baixinho, alguns dos que esperavam, não teriam dito como o profeta Isaias (VI-8): «SENHOR MANDAI-ME»?

E se este ouvia o seu nome cair suavemente dos lábios do excelso Mestre, que palavras haverá no mundo capazes de exprimir as emoções que fizeram palpitar aquele coração?

— Que homens escolheu! — observou um célebre filósofo. Humildes, ignorantes, grosseiros, ineptos para quaisquer grandes empreendimentos, a fim de nos mostrar que tudo é obra Sua.

E para que empreza os chamava?!... Nun-

ca príncipe algum, nunca qualquer império, nunca qualquer república concebeu tão alto projecto... Sem a mais leve aparência de socorro humano, partilham o mundo para o conquistar.

Estes fracos e miseráveis instrumentos deveriam realizar as profecias, espalhar as Graças, prègar o Evangelho.

Mas para compreender o prodígio do seu poder, é preciso escutar os ensinamentos que vão receber durante os três anos em que o Senhor os formou, e ver que espécie de dons estavam ligados a esta prègação do Evangelho, para a qual tinham sido convidados.

Jesus rodeia-se de gente humilde e de pescadores e a eles se dirige.

Não há entre os apóstolos, nem grandes, nem ricos, nem sábios e, por isso mesmo, Jesus exulta de alegria, porque escolheu o que havia de baixo, de desprezível, segundo o mundo... o que é nada... para confundir «o que se julga ilusoriamente no primeiro plano».

Mas este nada eleva-o subitamente a uma altura divina, manda-os prègar sem o menor auxílio humano; o auxílio de Deus vai fazer deles os conquistadores do mundo.

Serão, como o Cristo, o poder benéfico de Deus impondo as mãos e acalmando as dores humanas — curando os doentes, tornando sãos os leprosos — expulsando os espíritos imundos — ressuscitando o mortos.

Eis a sua fôrça, eis os sinais que farão acreditar a sua alta missão de discípulos do Senhor.

Para êles, tanto a sua vida, como as suas palavras, manifestavam o Evangelho que anunciavam.

Em variadas circunstâncias, precisou Jesus as virtudes e os hábitos de vida que quer ver neles.

O zelo — a bondade para com todos — o desinteresse — a pobreza levada ao ponto de não possuirem nem OIRO, nem PRATA, nem mesmo CAPA; — o desprendimento até ao extremo de não cuidarem do pão de cada dia; a candura das pombas aliada à prudência das serpentes; a mansidão dos cordeiros, perante a crueldade dos lobos.

«Deverão procurar o mais digno habitante de uma cidade ou de uma vila, habitar em casa dele, prègar, viver do que lhe derem — grandes obreiros de Deus —, semelhantes ao artífice que ganha o seu pão.

Humildes — mansos — heróicos — á medida que Jesus fala — os horizontes se lhes dilatam — com Êle sobem as ladeiras dessa montanha espiritual que lhes põe o mundo aos pés... Que futuro êles entrevêem!...: perseguição, ódio, julgamentos iníquos, suplícios, vexames de toda a ordem. Confiantes porém em Deus ao ponto de esperarem d'Ele mesmo as respostas que darão aos seus julgadores.

Estão agora tão alto, que Êle pode revelar-lhes a grande prova e o grande dom: que abandonem tudo, mesmo a própria vida, sem receio... «O homem só tem poder sobre o corpo. Deve temer-se unicamente Aquele que tem em suas mãos o corpo e o espírito.

Inunda-os a plena luz — vêem tudo. Tudo compreendem. Encaram a extensão do seu apostolado. A prédica da montanha pô-los a êles, os pobres, os tímidos, os fracos, os humildes, no vértice da humanidade.

Como dom supremo, deu-lhes Jesus tudo aquilo que se dá quando se é poderoso e se ama: concedeu-lhes a graça de morrerem por Êle.

Até êste extremo realizarão o programa do Mestre — toda a história dos apóstolos o atesta — desde a hora em que sairam do Sinédrio, «cheios de alegria por terem sido julgados dignos de sofrer opróbios pelo nome do seu Mestre», até à hora de morrerem nos suplícios, eles — os tímidos de outrora — numa constância e serenidade invencíveis.

Confiados nas palavras do Senhor, fortificados pelo Seu Espírito, nada será capaz de os perturbar, nem o sentimento da própria fraqueza, nem a presença dos obstáculos, nem a grandeza do objectivo, nem a falta de recursos humanos — nada poderá abalar a resolução de executar o que lhes foi prescrito pelo seu Mestre.

Baseados no socorro Divino que lhes foi prometido, longe de os fazer hesitar, mais os fortalecem as oposições que se lhes deparam.

Longe de temer, sentem uma alegria indizível diante das ameaças e dos maus tratos. E é a esta magnânima indiferença pela vida e pela morte — mais ainda — esta alegria na morte, que põe os escolhidos da montanha muito além da humanidade.

Um dos requisitos exigidos pelo Senhor, como condição indispensável áqueles que pretendessem segui-lo, era a coragem moral.

— Eu vos envio, como ovelhas no meio de lobos — *disse-lhes Ele.*

Esta frase é bastante eloquente e, por si só, define muito bem a posição dos cristãos na sociedade de todos os tempos.

«Sereis entregues aos tribunais por minha causa — Suportareis perseguições, açoites e prisão — Haverá delações entre os próprios

A Casa Fantástica da Cumeada

por Madalena Frondonni-Lacombe

Nesta secção, ora inaugurada, desfilarão depoimentos de mestres e investigadores que se tenham ocupado da doutrina espírita ou dos fenómenos psíquicos, que constituem a nossa propaganda. Tem a palavra Madeleine Frondoni Lacombe, conhecida escritora e investigadora.

Em princípios de Outubro de 1919, o sr. Homem Cristo, Filho, primeiro anista de Direito, foi expulso da Universidade de Coimbra por desobediência a pragmatismo religioso e tentativa de sedição à mão armada. Alugou, então, na Cumeada, uma vivenda de um só andar, onde se instalou com a mulher e duas serviçais. Logo na primeira noite, a senhora começou a queixar-se, dizendo que ouvia rumores estranhos. Oito dias depois, o amigo do casal, sr. Gomes Paredes, também universitário, foi à Cumeada tratar de assuntos particulares e teve de pernoitar na casa do ex-colega. Conversaram até de madrugada e por fim retiraram-se, cada um para o seu quarto. Mal apagou a luz, o sr. Paredes ouviu pancadas na janela. Reacendeu a luz, ergueu-se, escancarou a janela e nada viu. Tornou a deitar-se, apagou a luz e eis que ouve passos junto dele e portas que se abrem e fecham por toda a casa. Acendeu novamente a luz e pôs-se a esquadrinhar debaixo da cama, dos móveis, etc. Ninguém ! Nada ! Logo que apagou a luz, recomeçou o barulho.

Não querendo incomodar os restantes locatários, conformou-se com a situação e na manhã seguinte perguntou ao sr. Homem Cristo se tinha notado alguma coisa.

— Absolutamente nada, — respondeu. De resto, não há que estranhar, porque eu durmo como um frade. Mas, afinal, que poderia eu ouvir ? Ladrões é coisa que aqui não há e tudo o mais, a meu ver, é pura fantasia.

Paredes, que conhecia o positivismo do outro, não insistiu. Voltou para Coimbra e contou ao pai o sucedido. Êste, depois de ouvir com atenção, exclamou:

— É singular, visto que o locatário anterior deixou a casa devido a esses ruidos e a actual zeladora do Observatório Astronómico, que mora em frente, passou lá uma noite e declarou que não mais lá ficaria, porque a casa tem bruxedo. A meu ver, deves contar tudo ao colega e pedir-lhe que se sacrifique uma noite para observar o que por lá se passa.

Gomes Paredes seguiu o conselho e pediu a Homem Cristo que observasse por si mesmo.

— Era o que faltava ! — gracejou ele.

E foi deitar-se, disposto a dormir, como de costume. O pior é que ouviu rumores que o intrigaram e por isso resolveu observar tudo na noite seguinte, em companhia do amigo. É conveniente notar que todo o pessoal dormia no 1.º andar. No rés-do-chão não ficava ninguém.

Às onze da noite, o sr. Homem Cristo mandou recolher as serviçais, na forma do costume. Enquanto houve luz em casa, nada sucedeu; mas logo que apagaram a última vela,

---

irmãos — Atraireis o ódio de todos — A vossa vida correrá eminente risco a cada instante — Todavia, não temais, pois até os cabelos da vossa cabeça, estão contados» — Nenhum receio devereis ter dos homens, pois o seu poder não vai além do corpo — Se chamaram belzebú ao dono da casa, quanto mais a seus domésticos ! — Portanto, nada de temores : o que vos digo em segredo, proclamai-o dos eirados — Nada há encoberto que não seja descoberto — Nada há oculto que se não venha a saber — Por isso aquele que me confessar diante dos homens, eu o confessarei diante de meu pai e o que me negar diante dos homens, eu o negarei diante de meu pai que está nos céus».

Tais expressões são duma extrema clareza. Para se ser discípulo do Senhor, para ser cristão, é preciso coragem, ânimo forte, atitude varonil.

«Seja o teu falar: sim, sim; não, não».

Não há lugar para atitudes dúbias, indecisas. O verdadeiro crente tem de possuir convicção inabalável, carácter positivo e franco.

Entre as virtudes não há incompatibilidade. A mansidão, a candura, a humildade, são predicados que podem e devem coexistir com a energia e com a intrepidez.

ouviram-se fortes pancadas na porta do rés-do-chão, que dava para o jardim... Então, o Homem Cristo desceu lesto e colocou-se junto à porta. As pancadas recomeçaram e ele abriu ràpidamente a porta. Não vendo coisa alguma, saíu a ver se alguém teria fugido por uma ruela vizinha. Mal chegou ao jardim, a porta fechou-se com estrépido e a chave volteou na fechadura, de modo que, para reentrar, teve de bater à porta. Muito intrigado e convencido da presença de algum engraçado que quisesse divertir-se à sua custa, pegou no revólver e exclamou:

— Agora, veremos!

As portas continuaram a bater. Num pequeno compartimento contíguo ao quarto de dormir, as pancadas eram ainda mais fortes. E tudo isto se produzia no escuro e cessava logo que houvesse luz. Cada vez mais ansioso por descobrir o intrujão, o sr. Homem Cristo colocou-se no patamar da escada, de revólver em punho. Apenas se apagou o fósforo que acendera, ouviu bem perto uma estridente gargalhada, que ecoou por toda a casa, vendo na sua frente uma nuvem branca, enquanto das próprias narinas lhe saiam dois filetes de luz alvacenta.

Era demais! Começou a arrefecer-lhe a coragem. E a coisa prolongou-se até às quatro horas da madrugada.

Ao outro dia, como não pudesse admitir fenómenos psíquicos, resolveu requisitar um agente de polícia, afim de testemunhar o que pudesse sobrevir. Queria, a todo o transe, agarrar o farsante e receava perder a calma e matar alguém.

Deram-lhe um inspector e dois agentes.

Chegada a noite, o inspector ficou no jardim, em frente da porta, no intuito de controlar qualquer movimento de entrada ou saída. Os dois agentes, o sr. Homem Cristo, Paredes e outro amigo, Henrique Soto, que ali acorreu, expressamente, para observar o caso, ficaram dentro de casa. Depois de examinarem tudo meticulosamente, apagaram a luz e as pancadas começaram a ouvir-se no rés-do-chão.

— Estão a ouvir? — perguntou o sr. Homem Cristo aos agentes.

— Perfeitamente, — responderam.

Os ruidos continuaram e o sr. Homem Cristo abriu, de repente, a porta; mas, como na véspera, a ninguém viu, senão o inspector, a passear tranquilamente.

— Quem bateu? — perguntou.

— Ninguém, — disse o agente policial.

— Mas... não ouviu pancadas?

— É demais! Entre, então, e vamos a ver se os agentes são mais felizes.

Repete-se o facto. O inspector ouve as pancadas, mas os agentes não.

— Ah!, — disse o sr. Homem Cristo — é assim? Então, entremos todos, porque a coisa é cá dentro.

— Um agente foi destacado para o quarto em que dormira o sr. Paredes, no 1.º andar. Quando ia sentar-se num banco, este foi-lhe retirado com tal perícia, que o agente não pôde evitar a queda.

Os dois amigos, Paredes e Soto, ficaram no rés-do-chão, com o inspector. A senhora e as serviçais, permaneciam nos seus respectivos quartos, no 1.º andar. O sr. Cristo, tal como na véspera, postou-se no topo da escada.

Logo que apagaram as luzes, voltaram as pancadas, sobretudo no pequeno compartimento contíguo ao seu quarto, onde apenas existia uma canastra. Aquilo parecia até um desafio...

De repente, ouve-se grande barulho no quarto do amigo, semelhante a violento conflito, atraindo ali toda a gente, persuadidos de que o inspector tinha descoberto o farsante. Mas, — oh decepção! O que se lhes deparou foi o agente a bater com o sabre a torto e a direito, acabando por se esgueirar num pequeno gabinete, onde, na sua fúria, quebrou o espelho do armário. Tiveram de subjugá-lo à força, pois o homem parecia louco.

Restabelecida a calma, tornaram a apagar a luz e o sr. Homem Cristo retomou o seu posto, no patamar da escada recebendo um tremendo bofetão que o fez gritar, pois — diz ele — era como se alguém lhe enterrasse as unhas, lacerando-lhe a face.

Acenderam imediatamente a vela e todos viram a marca de quatro dedos na face esquerda do sr. Homem Cristo.

Outra singularidade: O rosto do sr. Cristo estava rubro, mas a face direita apresentava lividez cadavérica.

Procuraram ver as horas. Era meia noite. O sr. Cristo e sua mulher, as criadas, os amigos e os polícias, todos, enfim, apavorados, *não quiseram lá ficar nem mais uma hora* e foram passar o resto da noite no hotel. Os polícias, por sua vez, recolheram a penates e protestaram que jamais voltariam àquela casa. O sr. Homem Cristo sublocou-a, mas dois dias depois o inquilino retirou-se, declarando que ninguem ali poderia habitar.

(Dos Annales des Sciences Psychiques)

CONTE O SEU CASO

COMO SE TORNOU ESPIRITA?

J. B. Chagas, presidente do Centro Espirita Estrada de Damasco, do Estado do Rio de Janeiro, conta como ingressou no Espiritismo

O *meu caso,* ou seja como eu vislumbrei a senda que me deveria conduzir ao Cristo e como fui despertado para a compreensão da doutrina que me daria a felicidade relativa, que já desfruto dentro da vida, é idêntico ao de toda a gente: — A dor.

A dor que, segundo a doutrina espirita, é o *presente que o Pai envia aos seus escolhidos;* a dor, que é o buril que providencialmente Deus nos proporciona para o lapidar dos nossos espíritos; a dor, que, poèticamente, afirmou Goethe — «se ela te oprime — faze dela um poema» — foi a dor. Foi a dor, esse anjo bom, essa amiga dilecta de toda a criatura encarcerada na Terra, mão amiga que indicou, ou, melhor, quem me despertou para as verdades evangélicas, operando em mim uma como que ressurreição ou nova encarnação numa mesma existência, pelo que trouxe de edificante e divino ao meu esclarecimento.

Foi assim: Deus, compadecido de mim, enviou-me a sua mensageira, a dor. Assim ela chegou, adoeci de uma enfermidade pertinaz que durante muitos meses zombou dos recursos da ciência médica. Remédios, internações em hospitais respeitáveis, exames e mais exames... nada resolvia a cruciante enfermidade. Diagnósticos os mais variados: vesícula calculosa, obstrução do cístico, processo de aderência, etc., etc., e por fim a palavra final e fatal da ciência:

— Ou tira a vesícula ou terá morte certa muito breve !

Fácil é de compreender a ansiedade que um aviso ou sentença dessa espécie poderia trazer a um sofredor inconsolado...

Vi-me, pois, de uma hora para outra, em situação idêntica àquela imposta a *Dámocles,* o cortesão de Dionísio — sentindo sobre a cabeça a mesma terrível ameaça da queda da pesada e afiadíssima espada, apenas suspensa por um fio de crina de cavalo !

Aquela preocupação representava para mim um verdadeiro ariete ponteagudo martelando, intermitentemente, a minha vida...

Perdurava essa indesejável situação, quando, certa vez, ainda no leito do hospital, no auge de uma terrível crise de cólica hepática que me turbava inteiramente a consciência de mim mesmo e a própria razão, não tanto, porém, que me impedisse de endereçar ao Cristo uma angustiosa súplica.

Como o «leito de dor é um campo de ensinos sublimes e luminosos» — como já afirmou Emanuel, cinquenta e tantos dias depois veio-me a alta do hospital. Contudo, não estava curado, apenas melhor, continuando a bailar-me no cérebro a terrível ameaça do diagnóstico médico. Passei a viver dias de horrível insofreguidão e de melancolia acabrunhadora.

Haviam passado alguns meses e a situação era a mesma, quando a Dor, servindo-se de um intermediário, um ser que me dedicava algum afecto, sugeriu-lhe uma consulta espirita. E como sempre acontece aos desiludidos da terapêutica terrena, essa oportunidade apareceu, como ao náufrago uma tábua de salvação ! Em tal emergência aceita-se tudo, com a condição de que nos faça cessar o martírio angustiante. Veio a primeira, a segunda, a terceira receita e não sei quantas mais. Melhoras e sempre melhoras vinham como trazendo um bálsamo suavíssimo, para aliviar-me físicamente e dando-me alguma tranquilidade espiritual.

Todavia, o agravo da ameaça médica permanecia com toda a sua veemência; e num apelo ao amigo invisível, que se mostrara tão amigo e prestimoso, interroguei-o sobre a verdade daquela ameaça. A resposta tranquilizadora veio dizer-me que nada mais devia temer, mas que outra preocupação me deva interessar dali para o futuro — buscar a saude, a tranquilidade,

o bem-estar, a felicidade, tudo, enfim, no Evangelho !

Oh ! Suprema nova !... Revelação abençoada !... Era a misericórdia de Deus, que se manifestava e vinha tirar-me das trevas da ignorância em que jazia ! O resto é fácil de conceber — estudos e meditações aprofundadas em busca de mais luz e mais fé !

Um *caso,* portanto, igual a muitos, que ocorrem comumente por esse mundo afora. Todavia, se algo há de extraordinário no *meu caso,* é que o intermediário da dor, aquele que me tirou a primeira receita espirita, era a mãe da minha esposa ou seja a minha sogra, ser que apenas o ligeiro enunciar do nome apavora a muitas criaturas, e algumas vezes injustamente tratadas, sem o devido respeito. No *meu caso,* a minha sogra, a quem estimo e considero como se minha própria mãe fora, representou um papel preponderante. Ela é, por um preito de justo e merecido reconhecimento, credora de uma dívida, que nenhuma moeda terrena será capaz de pagar.

Contudo, sou muito grato, também, àquele que foi buscar a primeira receita, ao *médium,* que a tirou, ao espírito que a deu, bem como àqueles que me deram as primeiras lições da doutrina salvadora.

E como a vida continua — que me desculpem os leitores deste apreciado mensário — não poderei pôr o ponto final no *meu caso...*

Nova Iguassú - Brasil - Maio de 1946.

Kondon-Veri, de Klagenfurt

Eis um nome que devemos fixar, desde que acreditemos num relato da sua mediunidade feito na revista alemã, «Zeitschrifffür Metapsychiste Forschung».

O guia deste médium é o espírito de um tibetano chamado La-nien. Produz fenómenos luminosos e deslocamentos de objectos sem contacto visível. Todavia, o que mais impressiona é que Kordon-Veri ergue-se seis pés acima do soalho; e enquanto flutua no ar executa todos os movimentos de natação.

Ainda que Kordon-Veri não seja músico, quando está em transe toca árias e melodias ao piano, com uma característica íntimamente asiática. E quando toca, outros sons acompanham a música, como se mãos invisíveis fizessem vibrar as cordas.

Meditações de Outubro

1 — O Altissimo tem seu trono no meu coração.
2 — Sou abençoado pelo Senhor que reside em mim.
3 — Desperto diàriamente as forças adormecidas de minha mente.
4 — Vivo e ajo na fé de que tenho o poder de fazer o que desejo.
5 — Meu subconsciente é sol de Saude e Energia, cujos raios me revigoram o corpo e o Espírito.
6 — A minha Luz interior soluciona e esclarece todas as minhas dúvidas.
7 — Sinto despertar minha alma e escuto sua voz.
8 — Sou dirigido pela acção espontânea de minha natureza íntima, onde Deus habita.
9 — Minha ambição é progredir moralmente pelo meu próprio esforço.
10 — Nada resiste ao poder dinâmico de meu pensamento.
11 — Tenho forças ilimitadas no meu íntimo.
12 — À medida que emprego as forças mentais, mais elas se robustecem.
13 — Cultivo aspirações nobres e altruistas com intenso desejo e completa reserva.
14 — Encaro todas as dificuldades com serenidade e calma.
15 — Minhas faculdades para prosperar estão na capacidade de intentar novos empreendimentos.
16 — Aprendo a economizar as minhas energias.
17 — Pelo Amor — a consciência de Deus — tudo venço.
18 — Pelo Amor — a percepção da unidade — consigo o verdadeiro saber.
19 — Amo o que faço e faço o que amo.
20 — Respeito a vida e os direitos de todas as criaturas.
21 — Irradio o Amor que disolve as oposições.
22 — Idealizo as realidades da vida material.
23 — Pelo pensamento dirijo minhas forças vitais e auxílio os meus semelhantes.
24 — Sou o que penso ser.
25 — Pelo Amor — a Omnipotência de Deus — consigo o poder.
26 — Sou alma em desenvolvimento e todos os dias faço esforços no caminho da perfeição.
27 — Eu sou uma prece — meu coração é um altar e eu adoro a Deus que habita em minha consciência e na de meus irmãos.
28 — Com Deus agindo em mim, nada me é impossivel.
29 — Meu pensamento é uma lâmpada acesa aos pés do Senhor.
30 — Sou manifestação da vida una. — Tudo me vem do Reino de Deus, que está dentro de mim.

"Resumo da Doutrina Espirita"

Quando traduzimos este livro e o lançámos à publicidade com mais duas obras do autor e um vocabulário técnico do Dr. Lobo Vilela, estávamos bem longe de supor que prestes se esgotaria, fazendo-nos encarar a possibilidade de nova edição. A crítica foi unânime quanto ao valor da obra e à feliz escolha de Gustave Geley para início de trabalhos editoriais. Isto nos anima a prosseguir na faina que nos impusemos: dar a conhecer ao público luso-brasileiro obras fundamentais que ainda não foram traduzidas em vernáculo.

Hoje, damos mais as seguintes apreciações:

Do *Mundo Espirita,* grande semanário carioca dirigido pelo Dr. Henrique Andrade, em artigo subscrito pelo coronel Delfino do Nascimento:

Mundo Espirita inicia no presente número o «Registo Bibliográfico». O título é claro. Todavia, dirá, por vezes, o seu modo de sentir, principalmente quando o livro for bom, realmente. E bom, compreende-se aqui edificante como doutrina e cuidadosamente escrito.

No caso de premência do tempo e espaço, serão preferidas as obras espiriticas e as que à doutrina forem correlatas.

Isto posto, inauguremos «Registo Bibliográfico. E, por sinal, règiamente.

Resumo da Doutrina Espirita, de *Gustave Geley;* tradução de Isidoro Duarte Santos. Estudos Psíquicos Editora. Lisboa. 1945.

É um livro de estreia para a Editora «Estudos Psíquicos». E magnífica, tanto pelo valor da obra, quanto pelo justo renome de seu Autor, como pelo do ilustre tradutor, ambos de projecção extra-fronteiras de suas nações. E isto basta como credenciais, atribuída tal projecção ao mérito alcançado no trato de uma ciência ainda não de todo aceita, e, sobretudo, principalmente quanto a Geley, ao tempo de sua actuação.

É interessante afirmar Geley, e o afirmam todos, não ser ele espiritista. É que «foi» metapsiquista. E de prol, primeiro director do Instituto Metapsíquico Internacional, que ele próprio fundou em Paris, e também fundador da *Revue Metapsichique,* sob sua direcção durante quatro anos, dela afastado por seu trágico desencarne em 15 de Julho de 1924, em desastre de aviação.

Metapsiquista, todavia, e sábio verdadeiramente, por isso que despido de preconceitos, soube ver na fenomenologia supranormal aquilo que seus colegas não quiseram ver e os espiritistas afirmavam.

Destarte, estudando, investigando, conseguiu como que dar extensão, se possivel, à própria obra kardeciana.

Seus estudos e suas experiências foram inúmeros e proveitosos. Seus livros, importantes, dentre eles, «O Ser Sub-conscientet», «Do Inconsciente ao Consciente», «Ectoplasmia e Clarividência».

A obra que Isidoro Santos traduziu, aliás proficientemente, dado que com honestidade e vernaculidade, antiga, embora, pois escrita há mais de quarenta anos, é ainda actual. Estilo simples, linguagem simples, ideias claras, está à altura de qualquer inteligência. É obra necessária ao estudioso sincero da Doutrina. Os espiritistas brasileiros e portugueses devem, pois, a Isidoro Santos esse inestimável serviço de lhes pôr em mãos uma obra útil, imprescindível, mesmo. Ela esclarece, aclara o lado científico do Espiritismo.

São seus capítulos: A Doutrina Espirita (espirítica) — Os Factos — Provas Indirectas — Consequências da Doutrina — Consequências Morais — Conclusão — através dos quais o leitor aprecia, sem esforço, o trabalho, o pensamento, as ideias do Autor a entrosarem-se, não obstante não ter sido ele espiritista, em todos os princípios fundamentais do Espiritismo; e, mais, a colocá-los em harmonia com os das diversas escolas filosóficas, com certos princípios científicos e, sobretudo, a harmonizar o Espiritualismo com o Materialismo.

Não fica, porém, nisto, o valor do livro que «Estudos Psíquicos Editora» apresenta, inaugurando sua série de edições, porquanto «Resumo da Doutrina Espirita» é apenas a sua primeira parte, Três outras se lhe seguem: Introdução ao Estudo Prático da Mediunidade», «A Reencarnação», ambos da autoria também de Geley; e, por fim, organizado pelo Dr. A. Lobo Vilela, outro grande nome do Espiritismo luso, um «Vocabulário Metapsíquico» com 175 vocábulos técnicos explicados.

Nossos parabens, pois, à «Estudos Psíquicos Editora» e ao ilustre confrade sr. Isidoro Duarte Santos.

Palavras de Gustave Geley na Conclusão do "Resumo da Doutrina Espirita":

Examinei fielmente a parte essencial do Espiritismo, sem me pronunciar pró, nem contra; e embora não dissimulasse a minha simpatia pela nova ciência, não quero que esta simpatia me incline a conclusões terminantes, temeroso de me iludir perigosamente.

À Margem dos Livros

por Ramos Pereira

Porque a guerra? — romance mediúnico recebido por *Carmo Bianco*. S. Paulo. 1945. 132 págs.

É uma novela, bem medida, com um sabor ora profético ora romântico, atribuído ao espírito do escritor italiano Edmondo de Amicis. Tal como já notámos na «Jandira» de J. Alencar (v. *E. Psíquicos* de Agosto findo) apontamos divergências de estilo entre esta obra «póstuma» e outras que conhecemos do autor (como por ex.ª — «Coração»).

O prefácio de Godoy Paiva revela-nos que Carmo Bianco não é um psocógrafo e sim um médium de incorporação. Nisto está, talvez, a causa das dissemelhanças referidas.

O heroi da novela é o jóvem russo Sheth Bralasco cuja missão de apóstolo sociólogo é auxiliada por dois «espíritos» amigos: — o de Rafaelli, membro da resistência anti-fascista que conhecera em Nápoles e Sena Herberst, romaica que fora sua noiva e morrera assassinada na Alemanha. A acção decorre num *post-guerra* fantasiado, aperfeiçoado à impossibilidade... Indubitàvelmente que algumas profecias se cumpriram mas passam despercebidas na massa de acontecimentos desmentidos pela hora presente.

Distinguimos nesta novela duas partes imperfeitamente «cosidas»; — a primeira que vai até à partida de Bralasco para o Brasil (pág. 85) serve ùnicamente para nos dar uma imagem da personalidade do jovem russo; a segunda forma quase uma outra «novela» (os amores de Ofélia e Bralasco), novela sem «vida» viva, que só poderá agradar aos amantes de certo género literário da escola «romântica». Há uma quebra nítida da acção, embora Bralasco se mostre ainda «apaixonado» pelo seu ideal a ponto de por ele sacrificar o amor de Ofélia!

Como obra literária, reputamos esta novela inferior à «Jandira» atribuida a José de Alencar, embora encontremos nela algumas «comunicações» valiosas, prefumadas de idealismo.

O Complexo Conceptual, *por Cândido Costa Pinto*. Lisboa. 1946. 60 págs.

Nêste opúsculo publica-se um excerto duma conferência realizada em 27 de Junho do ano findo.

Krishnamurtiano (pelo que entendemos), Costa Pinto aborda um problema psicológico que chama «complexo conceptual» e que toca também, sob outro aspecto, num artigo publicado em «Mundo Literário» ano I, n.º XIV). De facto, como dizem os promotores da conferência, «dado o carácter comprimido das considerações psicológicas deste breve ensaio — parte duma conferência, notamos mais uma vez — convém que a leitura seja feita sem rigidez de mente, sem qualquer má vontade...».

Gostariamos de ler um trabalho de Costa Pinto onde não só fosse aprofundado o conceito como o método para destruir os efeitos do «complexo conceptual». Só assim poderiamos determinar até que ponto é Costa Pinto influenciado pelas suas leituras ou é «pessoal» na sua especulação.

O desenho com que o Autor fecha o opúsculo é uma síntese «simbolista» do problema que abordou.

Aos Espiritas Portugueses

Prezados Confrades:

É com vivo interesse que sigo o vosso movimento em Portugal e com sincera admiração bendigo a vossa obra de regeneração moral e intelectual, enfim, o vosso ciclópico trabalho em prol do Espiritismo — a ciência do futuro.

A alma é tudo e se ela é tudo, e mais do que o corpo, bem merece a pena que sacrifiquemos tudo por ela. Tirá-la do lodaçal em que o materialismo a lançou, ou tentou lançá-la, é dever de todo o verdadeiro espirita — para a maior glória do espírito, para o triunfo da Verdade.

Na minha vida de solitário, iludido a princípio pelo vão agnosticismo de Spencer, tenho reconhecido que a negação do Espírito só poderá conduzir a humanidade à ruina total de todos os valores da vida. Os espiritas, mais do que ninguém, poderão evitar essa ruina fatal. E eles têm sido, de facto, em toda a parte, os grandes mensageiros da Verdade Espiritual — da Verdade Eterna, como diria Esdras.

Os espiritas portugueses são, creio eu, guiados por este ideal e, deste modo, alcançarão um dia os píncaros da bem-aventurança e da glória eterna. Sim, vós sois os arautos da «Era do Espírito» e é-me grato unir-me a vós todos, confrades amigos, pois com o vosso apoio e boa-vontade poderei espalhar cá na longínqua Índia as sementes que tão nobremente haveis lançado no bendito solo português. Para a frente é o caminho!

Com saudações de sincero apreço, sou

Vosso confrade e amigo,

Raul de Sepúlveda Fontes

Índia, Setembro de 1946.

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

CONGRESSO ESPIRITA BELGA

Devido à solicitude de Henri Regnault, nosso redactor-correspondente em Paris, podemos dar hoje relato circunstanciado do Congresso Espirita Belga, realizado em Liège, por ocasião das festas da Páscoa.

Durante a guerra mundial, não foi possivel qualquer reunião importante dos espiritas belgas; e as primeiras sessões celebradas sob a presidência de honra de Mr. José L'homme, presidente da *Union Spirite Belge*, e a presidência efectiva de Mr. A. Biquet, vice-presidente da mesma colectividade, excederam toda a expectativa.

Por ocasião deste Congresso, inaugurou-se uma exposição de magnificas telas feitas por M. Victor Simon, o qual, sem conhecimentos de pintura, nem de desenho, realizou verdadeiras obras primas decorativas, sob o impulso do Invisivel.

Na noite da envernizagem da exposição, Mr. Victor Simon foi *entrevistado* ao microfone da Rádio Nacional Belga e milhões de ouvintes sabem agora o que é um médium-pintor.

— Eu nunca aprendi pintura nem desenho — diz Mr. Victor Simon — e contudo pinto. Este caso parecerá bizarro. Estou certo de que o é... Se tudo o que eu faço está acima da minha capacidade, é porque uma força superior dirige os meus actos e me guia inteiramente a mão e o cérebro no cumprimento da minha tarefa.

Após a inauguração dos trabalhos, os congressistas dividiram-se em três secções: propaganda, filosofia e ciência; antes porém, foi expresso, por aclamação, o seguinte voto:

Os membros da U. S. B., reunidos em Congresso Nacional (Páscoa de 1946) saudam os confrades espiritas de todo o mundo, convidando-os a unir os esforços na investigação da verdade científica da sobrevivência.

A secção de propaganda tinha Mr. Martongin como presidente honorário e foi presidida por Mr. Demet; o presidente honorário da secção de filosofia, a que presidia Mr. J. Jacques, era Mr. Gobert. Presidida por Mr. A. Donnay, a secção científica tinha Mr. Pierre Louis como presidente de honra.

Os principais votos adoptados referem-se à necessidade de prosseguir no desenvolvimento dos médiuns clarividentes; ao papel da mocidade no futuro do Espiritismo; ao desejo de imitar a *Federação Espirita de Liège*, que organizou um Liceu Espirita com cursos de moral, de instrução para jovens e secção de recreio; à necessidade de estudar cuidadosamente os fenómenos anímicos e espiritas; à relação estreita que existe entre magnetismo e Espiritismo, que «devem rodear-se de sérias garantias científicas e morais»; e, finalmente, ao extremo cuidado que deve haver ao expor os casos de reencarnação, afim de tornar os factos cientificamente inatacáveis.

Durante o Congresso, a *Union Spirite Belge* organizou duas reuniões, uma pública destinada à propaganda geral e outra reservada aos membros da U. S. B. e das sociedades filiadas. Convidou também M.me Gendet, médium clarividente, e Henri Regnault, vice-presidente da *Union Spirite Française*, a tomar parte nos trabalhos.

Henri Regnault realizou uma conferência pública, intitulada «Não há morte», em que demonstrou a realidade do Espiritismo e provou que, a pesar de sua habilidade, os metapsiquistas nunca conseguirão explicar certos factos cientificamente estabelecidos.

Na segunda reunião, Henri Regnault lembrou aos ouvintes conhecedores da doutrina as múltiplas formas de mediunidade e sobretudo as precauções que é preciso tomar para evitar os perigos decorrentes da prática do Espiritismo mal compreendido.

Em cada reunião, M.me Gendet fez interessantes experiências de clarividência e deu muitas provas da sobrevivência do ser humano depois da morte.

A reunião pública de propaganda teve «êxito sem precedentes» — diz *Spiritualisme Experimental et Philosophique*, órgão da *Union Spirite Belge* —, acrescentando:

«1.900 pessoas entraram de roldão no grande salão. Estivemos lá. Deixámos atrás de nós a multidão enorme que se comprimia. E, contudo, desde as 14,30 (a reunião realizou-se às 19) que a sala de espectáculos já estava cheia. Um comissário de polícia e meia dúzia de agentes apressavam-se a manter a ordem. Isto demonstra com que ansiedade o mundo deseja saber o que se passa para além do véu sinistro da morte que alguns ainda enegrecem mais».

SESSÃO DE EFEITOS FISICOS EM S. PAULO

Na Federação Espirita do Estado de S. Paulo realizou-se em 20 de Julho último interessante sessão de efeitos físicos com os médiuns Oscar Barbosa e José Correia, perante numerosa assistência de 80 pessoas.

Eis como a *Revista Internacional do Espiritismo* relata os factos:

Correu-se uma cortina a toda a largura da sala, ficando, de um lado, a assistência, e do outro, a gaiola de ferro, a cabina escura, mesa com a vitrola, cadeira com discos e outra mesa com diversos objectos luminosos, ou seja, um pandeiro, três megafones, um cartão maior e dois pequenos com uma cruz pregada sobre eles com fita luminosa.

Os dois médiuns ficaram algemados e presos às suas cadeiras por meio de correias em torno do busto e das pernas. O médium Oscar ficou dentro da cabina escura sentado em cadeira vulgar e o médium José sentado na poltrona que estava dentro da gaiola trancada a cadeado. Antes de apagar a luz, já se ouviam fortes salvas de palmas, indicativas de que a sessão devia começar.

Uma vez a luz apagada, os objectos luminosos começaram logo a flutuar por cima da cabeça dos assistentes, inclusivé o relógio luminoso, que continuou a flutuar durante alguns minutos. A vitrola começou a tocar, enquanto o espírito batia palmas. A lâmpada vermelha do teto da sala foi acesa diversas vezes, a pesar do interruptor estar dentro da cabina escura, fora do alcance do médium.

Três vezes, na ocasião em que a lampada vermelha se acendia, o padre Victor apareceu materializado fora da cortina, do lado dos assistentes. Vinha com os braços erguidos e abertos, em atitude de quem abençoava os assistentes da primeira fila de cadeiras. O padre apertou a mão a diversos circunstantes daquela fila. Eu senti (é o articulista quem fala) a sua mão grande e áspera, à temperatura normal. Mais de uma vez me apertou a mão; e quando passou junto de mim, pedi-lhe que me deixasse apalpar-lhe o peito, sentindo-o bem sólido.

Logo que o padre se retirou, surgiu o espírito Geraldo, aparentemente materializado, e apertou a mão a vários assistentes. Quando apertou a minha, segurei-lhe a dele com as duas mãos. Com a sua mão livre procurou abrir a minha. Puxámos cada um para seu lado. Estivemos assim, a lutar alguns momentos em boa harmonia.

Este espírito falou algumas vezes em voz directa. Ouvi a sua voz, mas não consegui entender o que dizia, mesmo quando se me dirigia directamente. Dirigiu-se também ao Dr. Walter Autran. Parecendo-me que ele não falava através do megafone, que estava fora do meu alcance visual, em virtude da fraquissima luminosidade, veio bater-me no rosto com ele, fazendo-me festa.

Quando o espírito mandou encerrar a sessão, deparou-se-me o seguinte quadro: O médium José, que ficara *dentro* da gaiola, sentado na poltrona, estava *em cima* da gaiola, sentado numa cadeira; o médium Oscar, que ficara *dentro da cabina escura*, também sentado numa cadeira, estava *dentro da gaiola*, sentado na poltrona e esta dependurada a meia altura do chão, presa ao tampo da gaiola pelas correias com que haviam amarrado os médiuns às cadeiras.

As pernas dos médiuns continuavam amarradas. O médium Oscar estava amordaçado com um lenço. As algemas do médium José foram abertas com a chave própria, em poder de um assistente; mas as algemas do primeiro, devido a motivo que se ignora, não puderam ser abertas pelo Dr. Walter Autran, que tinha a chave. Apagou-se novamente a luz e o médium entrou na cabina escura, onde o espírito abriu as algemas.

A gaiola permaneceu trancada durante toda a sessão e a vitrola tocou sozinha, escolhendo o espírito o disco que queria e às vezes acompanhando a música com óptimo assobio. Pedi-lhe que tocasse o disco «Meditação de Thais» e fui imediatamente satisfeito.

Auxílio aos Necessitados

Aproxima-se a quadra do Natal. Como nos últimos anos, a revista *Estudos Psíquicos* abre as suas colunas à generosidade dos leitores, certa de que almas nobres e altruistas enviarão seu óbulo destinado a mitigar, naquele dia, a desgraça de muitos irmãos necessitados a quem a miséria acossou.

Nunca apelámos em vão para a bondade dos amigos, que se contam pelo número dos que acompanham este órgão de propaganda. E assim temos conseguido realizar modesta mas sincera obra de solidariedade material, complemento lógico do conforto moral que oferecemos ao mundo no conteudo destas páginas.

Amigos ! Trazei-nos o vosso auxílio para os pobrezinhos sem agasalho ! Ele será distribuido por uma comisão de senhoras ligadas a esta revista e ao Centro Espiritualista Luz e Amor, as quais visitarão os bairros pobres de Lisboa, a fim de investigar directamente as necessidades daqueles que devem receber os donativos.

Façamos o bem pelo bem, que tudo nos será levado em conta, quando abandonarmos o mundo terreno, em direcção à pátria espiritual !

Revista Estudos Psíquicos	**50$00**
Centro Espiritualista Luz e Amor	**100$00**
Isidoro Duarte Santos	**50$00**
Maria Gonçalves Duarte Santos	**50$00**
Maria Eugénia Dias Duarte Santos ...	**20$00**
Maria Graciosa Duarte Luz	**20$00**
João José Alves	**50$00**
J. Costa	**50$00**
António Mendes	**10$00**

Notas & Comentários

NOTICIAS DE LONGE

Como é agradável receber notícias de amigos distantes com quem convivêramos e que, a pesar do tempo transcorrido, se mantêm fieis à sincera amizade que se cultivou!... Frémitos de alegria, mistos de emoção e anseio, inundam-nos a alma vibrátil e alargam-lhe a capacidade sentimental. Nesses momentos deixamos a terra com suas desgradações delirantes e ascendemos a páramos onde não chega o *homem velho*...

Isto nos sucedeu agora, ao receber expressiva carta de amigo riograndense, o Dr. Paulo Hecker, director do «Jornal Espirita», de Porto Alegre, orador eloquente e propagandista acérrimo e infatigável.

As suas palavras de apreço por *Estudos Psiquicos* e a excessiva generosidade que teve pela nossa modesta contribuição doutrinária representam grande incentivo que promoverá novos empreendimentos em benefício da Causa.

Essa pleiada de amigos que latejam aqui e além, nas mais variadas latitudes, são para nós apoio e fé, incitamento e amparo, lenitivo e refrigério. Vibram conosco, trazem-nos o calor de suas palavras e o oiro de seus conselhos; vigiam a obra, apresentam alvitres, gizam projectos, dão sugestões, enfim, tomam parte anónima nesta cruzada de humanismo espiritualista e muitas vezes nós apenas somos o dócil instrumento de suas ideias providenciais.

Estudos Psiquicos vive em grande parte da força incoercível que se oculta na amizade duns tantos que tudo farão para que ela não morra, e, mais ainda, para que mantenha a sua categoria. Por isso, as notícias de Paulo Hecker repercutiram em nós como clarim de trabalho incessante. Enquanto lhe não chegam de nós outras palavras, aqui ficam estas regras, como resposta comezinha à saudação cordial e ao grande abraço que envia aos espiritas portugueses.

Tem confiança, amigo distante! Apesar da confusão e desvairo da Europa, há um cantinho onde se trabalha na regeneração do mundo. Enquanto tivermos alento, a nossa voz retinirá, conclamando paz, tolerância e labor honesto em prol do Espiritismo.

DR. A. LOBO VILELA

Segundo lemos no *Mensageiro Espirita*, o Conselho Superior Deliberativo da Federação Espírita Portuguesa elegeu sócio honorário o nosso confrade Dr. A. Lobo Vilela. Aplaudimos abertamente aquela resolução, porquanto o homenageado, além de homem de ciência, tem dado belas obras à Causa Espirita, como «Destino Humano», «O Problema da Sobrevivência», «Hipóteses Metapsiquicas», «Poder Mental», etc., e muito fez, pela palavra e pela escrita, no sentido de prestigiar e engrandecer a Federação. Embora aquela resolução devesse ter sido tomada há muito, nem por isso deixamos de nos congratular com o facto, que representa preito de justiça a um homem cujo amor à doutrina lhe atrasou, de certo modo, os estudos universitários.

O Dr. A. Lobo Vilela pertence aos nossos mais dilectos colaboradores, o que não obsta à publicação de palavras que possam tomar-se como expressão de amizade. Se nelas vai este sentimento, como não podia deixar de ser, também encerram verdades, que é preciso acentuar, com vista àqueles que lhe conhecem a integridade e o valor e sabem quanto sofreu na própria Federação por môr do ideal.

SESSÕES EXPERIMENTAIS

Um dos grandes escolhos do Espiritismo reside precisamente, nas sessões experimentais. Não raro, aparecem-nos indivíduos curiosos de fenómenos que anseiam por sessões práticas, sem cuidar do prévio estudo filosófico, absolutamente necessário, tanto em quem dirige, como em quem assiste, qual mero espectador. Semelhante critério é erróneo e prejudicial.

Mais uma vez dizemos que as sessões experimentais devem reservar-se aos iniciados na doutrina e a sua direcção entregue a indivíduos aptos a enfrentar todos os fenómnos, sejam quais forem as circunstâncias. O conhecimento do magnetismo faz parte integrante da bagagem de quem se aventurar nesse sector incerto, e cheio de perigos. No laboratório do Invisivel há filtros poderosos que é necessário destruir: e como se «não pescam trutas a bragas enxutas», segue-se que o apetrecho é indispensável aos romeiros do ignoto, para não serem tragados no abismo da inadvertência.

Para muitos, serão lugares comuns nossas palavras, já que nenhum conselho lhes pode entravar a curiosidade, filha de ignorância que grandes e irremediáveis danos tem causado; o que não dirão é que lhes faltou o aviso na altura própria, porque seria atentar contra a verdade.

«OS MORTOS VIVEM!»

Os primeiros 8.000 exemplares do folheto «Os Mortos Vivem!», da autoria de Isidoro Duarte Santos e

Noticiário

D. MARCOLINA ALVES

Ampliando a notícia que demos no último número informam-nos do Brasil que D. Marcolina Alves, logo que chegou a Nova Iguassu, compareceu no Lar de Jesus para matar saudades, onde almoçou com a criançada.

No Centro E. Fé, Esperança e Caridade», proferiu em 2 de Agosto excelente palestra, em sessão presidida pelo prof. Leopoldo Machado. Palestra íntima, feita de impressões de viagem, de sua permanência em Lisboa, de coisas e pessoas do meio espírita português. Durante mais de uma hora, expôs, com seu modo familiar, o que de mais interessante se passou com ela, aproximando assim irmãos brasileiros e lusitanos, que já se querem bem, embora ainda não se conheçam pessoalmente.

Em 11 do mesmo mês, lá estava ela na reunião da Confraternização Lar de Jesus, realizada no Centro E. União Kardecista! Grande alegria para todos os irmãos, que haviam amargado a longa ausência da irmã queridíssima!

No dia 16, outra reunião no Centro E. Caminhamos com Humildade, em sua homenagem e de graça, por sua volta. Falaram, saudando-a, o presidente, Julio Chambareli, D. Estevina Bastos, D. Antónia de Oliveira e outros. Muito sensibilizada, a homenageada discursou, salientando os nomes dos espíritas lisbonenses que, para ela, devem servir de meios eficazes, de aproximação com os irmãos do Brasil.

Em 17, na Asociação Espírita Seara de Jesus, outra manifestação àquela irmã, por entre um programa teatral da juventude espírita da agremiação. De novo falou a homenageada.

O Lar de Jesus e o movimento espírita de sua Confraternização, que haviam lamentado a ausência da boa irmã espiritual, exultam agora de alegria pelo seu regresso. E o meio espírita lisboeta — conclui a informação — se lucrou com a sua viagem a Portugal, não deve ter perdido muito com o regresso, pois ela trouxe maior e mais fraterna aproximação entre espíritas de Portugal e Brasil.

---

editado pelo «Núcleo de Acção e Propaganda Estudos Psíquicos», começaram a circular gratuitamente pelas famílias enlutadas. Estamos convencidos de que esta inovação produzirá seus frutos, estancando lágrimas rebeldes, dando esperança aos aflitos e fortalecendo os desconsolados. Onde houver um lar sacudido pela morte, lá chegarão palavras de vida que desfaçam espessas nuvens colocadas entre duas fases da existência cósmica. Queremos agitar o problema da morte, reduzindo-o às verdadeiras proporções. Para isso foi escrito o folheto, que além de oferecido às famílias enlutadas, será remetido franco de porte a que o pedir.

REABERTURA DE TRABALHOS

No dia 6 do corrente reabriram os trabalhos do Centro E. Luz e Amor, com a conferência de Ramos Pereira, intitulada «O Cristo no Evangelho de João». Presidiu o Dr. Sebastião Elviro Martins, ladeado pelos confrades Major Eurico Zuzarte. Isidoro Duarte Santos, Guilherme Miguel Afonso e João José Alves.

A sala encontrava-se engalanada de flores.

Aberta a sessão com algumas palavras do presidente, seguiu-se a conferência, que deixou óptima impressão nos numerosos assistentes. Como sempre, Ramos Pereira esteve à altura do conceito em que o têm os seus admiradores.

Depois falaram o major Zuzarte e Isidoro Duarte Santos, congratulando-se com a presença de tantos amigos e consócios e procurando despertar em todos o sentimento da propaganda. Antes da reunião, foi distribuido o folheto «Os Mortos Vivem!», a que aludimos noutra secção.

«ESTUDOS PSÍQUICOS E OS CORREIOS

O último número de «Estudos Psíquicos», relativo a Setembro, saiu atrasadíssimo pelos motivos que expusemos; pois, como se fora pouca a demora, os exemplares foram entregues no dia 2 de Outubro na Estação telegrafo-postal do Rato e só no dia 7 chegaram às mãos dos assinantes de Lisboa! Quer dizer: demorarem cinco dias! Eis um belo serviço de uma instituição com foros de majestática e que fundou uma secretaria especial para atender reclamações cujo formulário é tão complicado que pouco ou nada vem a resolver, nesta emergência. A acção sempre valeu mais do que a burocracia.

ANTÓNIO JOSÉ ALVES

Recebemos a visita deste confrade residente há muito no Ria de Janeiro e que veio a Portugal em serviço de sua casa comercial e a matar saudades da família. Tivemos ocasião de avaliar as suas qualidades e trocar impressões acerca do movimento espírita brasileiro, que prossegue em marcha ascensional.

António José Alves seguiu de avião para a capital fluminense, em companhia de sua esposa. A ambos desejamos ótima viagem.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO NOS MESES DE NOVEMBRO E DEZEMBRO

Dia 3 de Novembro, às 16 horas — Conferência pelo coronel Faure da Rosa, intitulada «Sugestão Mental e Telepatia.

Dia 10 de Novembro, às 16 horas — Sessão experimental com a médium D. Maria de Jesus Mendes Figueiredo.

Dia 17 de Novembro, às 16 horas — Conferência por D. Maria Carlota Santos, intitulada «A Mocidade».

Dia 24 de Novembro, às 16 horas — Sessão experimental com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 1 de Dezembro, às 16 horas — Conferência por Ramos Pereira, intitulada «Terapêutica Espírita».

Dia 7 de Dezembro, às 16 horas — sessão experimental com a médium D. Maria de Jesus Mendes Figueiredo.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
Mensageiros (Os) ditado pelo *Espírito de André Luís*	18$00	26$00
Missionários da Luz, recomendável às pessoas cultas, devido aos ensinamentos que encerra, pelo *Espírito de André Luís*, (nova edição)	25$00	33$00
Nosso (O) Lar, ditado pelo *mesmo Espírito*	18$00	26$00
Novas Mensagens de Humberto de Campos	10$00	
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por espíritos de poetas luso-brasileiros), nova edição melhorada	30$00	40$00
Paulo e Estêvão (livro famoso considerado pelos eruditos como a mais completa biografia de S. Paulo) (nova edição)	28$00	36$00
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	24$00	32$00
Reportagens de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	14$00	

OBRAS DIVERSAS

Amor Imortal, romance espirita, pelo *Dr. J. A. Nogueira*	18$00	26$00
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo* Gibier	12$00	19$00
Arcanos da Natureza, por *Alexandre Dias*		8$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	13$0	21$00
A Casa Assombrada, por *Maria Veleda*	10$00	
Caso (O) Humberto de Campos	28$00	37$00
Chanceler (O) de Ferro, romance mediúnico ditado pelo Espírito do *Conde Rochester*	20$00	29$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		25$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta*	20$00	28$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista, (três romances num só), por *António Lima*	30$00	40$00
De Jesus para as crianças, comunicações do *Espírito de Bittencourt Sampaio*	10$00	18$00
De Icléa para as crianças, formosas comunicações destinadas à formação moral dos nossos filhos, livro único no género	18$00	
Do Calvário ao Apocalipse, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	22$00	30$00
Do Calvário ao Infinito, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Victor Hugo*	20$00	30$00
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Victor Hugo*	30$00	40$00
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	7$00	
Doutrina Inglória (O problema da natalidade segundo o Espiritismo), por *Leopoldo Machado*	12$00	
...E as vozes falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	20$00	
Eça de Queiroz Póstumo	18$00	26$00
Ensinos Espiritualistas (Descrições do além), por *W. S. Moses*	16$00	24$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Bourdin*	14$00	22$00
Expiação, por *Areolino Gorjão*	14$00	22$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	20$00	29$00
Espiritismo (O) Contemporâneo, pelo *Dr. Martins Velho*	12$00	
Factos Espiritas, por *William Crookes*	10$00	18$00
Fenómenos de Materialização, por *M. Quintão*	10$00	18$00
Física Transcendental, por *J. Zoellner*	10$00	
Fundamentos Científicos do Espiritismo, pelo *Dr. Azevedo e Silva*	10$00	
Funerais da Santa Sé *(Poesias ditadas pelo Espírito de Guerra Junqueiro)*	18$00	26$00
Grandes e Pequenos Problemas (aplicações do Espiritismo aos problemas da vida), por *Angel Aguarod*	16$00	24$00
Granja (A) do Silêncio, romance empolgante, por *Paul Bodier*	14$00	22$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	20$00	30$00
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	18$00	26$00
Livre-arbítrio e Determinismo, por *Louis Gastin*	3$00	
Magnetismo Curador, por *Alfonse Bué*	12$00	20$00
Marieta (páginas de duas existências), romance medúnico, recebido por *Daniel Artazú*	20$00	28$00
Martirio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	10$00	
Mediunidade (A) e a Lei, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	20$00	
Memórias do Padre Germano	20$00	28$00
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	17$00	25$00
Milagres (Os) de Jesus, sua interpretação espirita	3$50	
Na Sombra e na Luz, romance mediúnico ditado pelo Espírito de *Victor Hugo*	20$00	28$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	20$00	28$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	16$00	24$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho, por *João Evangelista*	12$00	20$00
País da Luz (Do), por *Fernando de Lacerda* (2 vol.)		50$00
Pela Vitória do Espírito, *pelo Dr. Fred Wachsmann*	35$00	

(Continua na 4.ª pág. de capa)

	br.	enc.
Poder Mental, pelo *Dr. A. Lobo Vilela*	10$00	
Problema (O) da Sobrevivência, pelo *Dr. A. Lobo Vilela*	10$00	
Protestantismo (O) e o Espiritismo, por *Benedito A. da Fonseca*	14$00	22$00
Os Quatro Evangelhos, de *J. B. Roustaing*, 4 volumes		130$00
Redenção, romance medúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	20$00	29$00
Revelação dos Papas, grosso volume de grande formato, de mais de 600 páginas	40$00	
Revelações de Além-Túmulo, pelo *Dr. Antão de Vasconcelos*	20$00	29$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	18$00	26$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	18$00	27$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	16$00	24$00
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*		24$00
Sonâmbula (A), romance espírita, por *António Lima*		26$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	12$00	20$00
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chiodo*	10$00	17$00
Vingança (A) do Judeu, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	20$00	29$00
Vozes do Além, pela médium Ernestina	10$00	

Nêstes preços não está incluido o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e Ilhas Adjacentes. Para as colónias, só contra pagamento adiantado, devendo os requisitantes, enviar mais 15 % para porte, registo e embalagem, quando o valor da encomenda for menor de 30$00, e 10 % nos outros casos.

"NOS UMBRAIS DO ALÉM"

pelo professor Sir WILLIAM BARRETT

em tradução de ISIDORO DUARTE SANTOS

Aparecerá no mês de Novembro esta obra notabilíssima devida à pena dum grande professor de física da Universidade de Dublin, que fundou e dirigiu a Sociedade Inglêsa de Investigações Psíquicas.

As suas 300 páginas revelam o sábio e o crítico exigente em face dos fenómenos espíritas, cuja análise tentou com extraordinária agudeza, dissecando-os até aos mais insignificantes pormenores.

Poucas vezes temos visto escritores tão rigorosos na apreciação dos factos.

É o segundo livro de ESTUDOS PSÍQUICOS EDITORA

que procura servir a Causa lançando obras fundamentais que o público há-de ler com satisfação e proveito.

«Nos Umbrais do Além», que é um livro único no género, custará 25$00, mas os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor beneficiarão de 20 % de desconto até Março de 1947.

LEITOR AMIGO:

Escuta, por um momento. ¿Já pensaste alguma vez no mistério da vida, no porquê da tua existência terrestre e no que te espera ao abandonar o mundo físico? ¿Já pensaste?... ¿E não te sentiste traído para a meditação cotidiana, para a decifração de tão grande enigma?

De-certo que já pensaste e meditaste e concluiste pela necessidade de aprofundar o assunto. Tens, agora, belo ensejo. Acompanha «*Estudos Psíquicos*» na sua acção, torna-te seu amigo e colaborador, porque há muita maneira de auxiliar as obras úteis. Tudo que fizeres, redundará em teu próprio benefício

«VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA»

7.º ANO NOVEMBRO DE 1946 N.º 11

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

JOÃO AMADO VENÂNCIO
Pioneiro do Espiritismo Riograndense
(ver pág. 316)

CONTÉM: Vozes Amigas, da redacção; Deus e os Valores **por Ramos Pereira;** A Utilidade dos Inimigos; Prolegómenos ao Estudo do Espiritismo, **por Arnaldo S. Tiago;** As Experiências de Fassman no Coliseu dos Recreios, **pelo Coronel Faure da Rosa;** Filosofia da Natureza, **pelo prof. Dr. Ad. Baptista Ramires;** João Amado Venâncio; O Testemunho de Kardec; Meditações de Novembro; Em Defesa da Colectividade Espirita; Causas Favoráveis e Adversas ao Desenvolvimento Mediúnico, **pelo Dr. Luís di Cristóforo Postiglioni;** A Inteligência Humana, por **por Luiz Figuier;** À Margem dos Livros, **por Ramos Pereira;** Crónica Estrangeira, **Isidoro Duarte Santos;** Notas & Comentários; Noticiário.

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL — ÓRGÃO OFICIAL DO CENTRO ESPIRITUALISTA LUZ E AMOR

Rua do Salitre, 149, 1.º — LISBOA

Propriedade de ISIDORO DUARTE SANTOS, a quem deve ser dirigida toda a correspondência

REDACTORES—CORRESPONDENTES:

No **Rio de Janeiro**	*Deolindo Amorim*
Em **Ubaraba**	*Dr. Inácio Ferreira*
Em **Buenos Aires**	*Dr. Luís M. di Cristóforo*
Em **Paris**	*Dr. Henry Regnault*
Na **Índia**	*Raúl Sepúlveda Fontes*

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicado

ASSINATURAS

Continente — cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança		25$00
Brasil	(12 números 50 cruzeiros)	
Colónias	(12 números)	60$00
Número avulso		4$50
» atrasado		5$00

Distribuição gratuita aos sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nestas redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
O Principiante Espirita	7$00	
O que é o Espiritismo	8$00	
O Livro dos Médiuns	18$00	26$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	18$00	26$00
Obras Póstumas	18$00	
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	5$00	
O Porquê da Vida (nova edição)	18$00	
Depois da Morte (nova edição)	25$00	
O Grande Enigma	12$00	20$00
O Problema do Ser e do Destino	20$00	28$00
Cristianismo e Espiritismo	20$00	28$00
Joana d'Arc Médium	20$00	28$00
GABRIEL DELANNE		
A Evolução Anímica	20$00	28$00
A Alma é imortal	20$00	28$00
A Reencarnação	20$00	28$00
O Espiritismo Perante a Ciência	20$00	28$00
ENESTO BOZZANO		
Animismo ou Espiritismo?	20$00	28$00
Metapsíquica Humana	15$00	
Pensamento e Vontade	10$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Narrações do Infinito	10$00	
O Fim do Mundo	18$00	26$00
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos	24$00	33$00
Stella (romance astronómico)	18$00	26$00
Sonhos Estelares	16$00	24$00
Urânia	16$00	24$00
FRANCISCO C. XAVIER (Médium)		
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	12$00	19$00
A Caminho da Luz (História da civilização), pelo *Espírito de Emmanuel*	10$00	
O Consolador, resposta a 411 perguntas sobre os conhecimentos humanos, pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	12$00	20$00
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	12$00	20$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*	12$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	20$00	28$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	20$00	28$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do Irmão X*	20$00	
Lira Imortal, comunicações em verso	8$00	

(Continua na 3.ª pág. de capa)

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

7.º ANO — LISBOA, NOVEMBRO DE 1946 — N.º 11

Director e Editor: **Isidoro Duarte Santos** | Redacção e Administração: **Rua do Salitre, 149, 1.º** | Administrador: **Maria G. Duarte Santos**

● Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 25295 — LISBOA ●

VOZES AMIGAS

NO meio da crise que atravessamos, temos recebido cartas de vozes amigas que nos amparam e consolam. Cartas de Portugal, do Brasil e do estrangeiro, receosas pelo fim de obra que consideram útil e, mais ainda, imprescindível; cartas de conhecidos e desconhecidos que se habituaram a ler esta revista e a estimam, como se estimam amigos velhe e leais, sempre dispostos ao sacrifício e ao bom conselho; cartas até de leitores eventuais, de compradores dos nossos livros, que ouviram dizer que ela ia sossobrar, que ela ia desaparecer, se lhe não acudissem, se lhe não trouxessem elementos de vida real.

Além disso, vieram palavras directas de confrade que, vivendo longe, está perto, muito perto de nós, e tudo prometeu fazer para que este facho se não extinga, antes aumente o calor e o brilho em todas as latitudes, onde seus raios luminosos cheguem a vulgarizar e a exaltar o ideal sublime que nos irmana.

Sim, estas vozes amigas rescendem devoção e espírito de solidariedade, são sinceras no desabafo e nos votos que fazem pela manutenção de obra há oito anos iniciada, que firmava a ossatura em caboucos que nos pareciam sólidos e duradoiros. Mas o auxílio tem de ser urgente, para ser eficaz. Temos de angariar maior número de assinantes, não esquecendo outros factores decisivos que contribuiriam para o bom êxito. Um deles — talvez o mais importante — seria obter oficina de composição e impressão. Atingido este objectivo, a revista resistiria aos vendavais que surgissem e o Espiritismo contaria mais um triunfo nos seus anais gloriosos. Poderiamos baratear a assinatura e conseguir projecção maior e mais intensa.

Estes oito anos de labor incessante, sem afrouxamento nem solução de continuidade, e o escol de colaboradores que vieram até nós, vibrando e afirmando alto a necessidade de bem ordenada expansão da doutrina espirita, são a melhor justificação deste orgão de propaganda, que não pode morrer inglòriamente por falta de seiva, como certos troncos carcomidos pelo tempo.

Isto nos dizem vozes amigas de cá e de lá, isto é, das regiões donde viemos e para onde iremos um dia. É que nesta via dolorosa há gestos que compensam bem as aleivosias e as traições.

Continuamos a lamentar a indiferença do público espirita e espiritualista, que tem vergonha de proclamar a sua fé, que lê a medo as nossas obras, como se fora crime ou roubo de igreja, que é adepto por dentro e ateu por fora, que diz que sim para que o deixem ou para agradar ao chefe de quem espera acção utilitária. Estes ainda não sentiram o influxo espiritual da Doutrina a que se ligaram. Mantêm-se expectantes, olhando o que há-de vir; e se àmanhã houver oportunidade... aceitam-na, entregam-se em novos braços, soltam novos rumos, à desfilada, desde que lobriguem interesse próprio que os indemnize do esforço realizado.

Com esses não acamarada «Estudos Psíquicos», nem as vozes amigas que nos amparam e consolam. O nosso objectivo é outro: é afirmar a presença de alguém no mundo dos princípios; é manter íntegra a palavra dada; é subordinar pensamentos e actos a linhas de coerência. Estamos num reduto que só abandonaremos, quando estiver totalmente desguarnecido e já não houver abastecimento possivel. Só então deporemos as armas com que o mantivemos, à custa de trabalho e de vigília, por lema o ideal, por escudo a consciência e por base a compreensão dos amigos e dos leitores.

DEUS E OS VALORES

Por Ramos Pereira

NA panorâmica variegada dos valores destacam-se pela sua natureza os valores místicos. Diferenciam-se dos éticos pela sua não obrigatoriedade, porque não implicam um «imperativo categórico». Valores de um ser e não de um dever ser, ainda que apresentando semelhanças com os estéticos, revelam uma super-realidade, enquanto que a realidade daqueles é (quanto muito) aparente. É uma realidade-valor, uma síntese de valor e ser. Contràriamente ao que pensa Windelband, não julgamos o valor místico como o conjunto de todos os valores «quando referidos a uma realidade supra-sensível». Há uma esfera do valor «numinoso» (Otto), com uma polaridade específica.

Na sua dupla face (valor e ser) se funda não só esta polaridade como a sua transcendência.

Como todo o valor, o «místico» não se compreende, sente-se. A face do «sentido emocional dos valores» que capta este valor transcendente denominámos, com William James, «religiosidade». É um sentimento de dependência da natureza humana que apenas se compreende pelo lado existencial; quer estabelecido *a priori,* isto é, quer se sinta intuitivamente; quer *a posteriori,* quer seja despertado depois de um longo trabalho racional.

Dizer que se atingiu o sentir dos valores místicos, a religiosidade, por via racional, não significa que se «criou» (ex-nihilo) esse sentimento, mas sim que o esclarecemos, que o objectivamos dentro do nosso subjectivismo íntimo. A razão pode mostrar, demonstrar ou aclarar a fé; nunca poderá criá-la imediatamente. Como sentir de valores, a religiosidade não se adapta ao rigorismo lógico que necessàriamente paira sobre a razão. Posso especular sobre os dados do meu sentir dos valores religiosos, nunca conseguirei demonstrar esse próprio sentir. Isto é, posso atingir a ideia de um Ser, fundamento último do ser e valor, seguindo uma via de raciocínio lógico. Mas desde que me abra para sentir em mim a existência dêsse Ser, saltei as barreiras dos juizos lógicos e entrei no campo da sensibilidade em que estas não têm poder. E isto porque eu só posso compreender a existência do Ser e não a Sua essência. Se eu alcançasse esta, sentiria, pensando, a totalidade dos valores místicos, porque teria apreciado, em termos de absoluto, o fundamento deles.

Desde que conceba a existência do Ser Absoluto, «sinto» formar-se um elo de dependência entre a minha existência e aquela, «sinto» os valores religiosos, despertei o sentimento de religiosidade. A este «pensar» especial chamarei «intuir» porque há nele uma subtil amálgama de elementos cognitivos e emotivos e isso porque eu já sinto na minha essência espiritual a pègada da Essência Suprema.

A neopsicologia experimental mostra que a consciência individual não é um edifício fechado e sim que é parte e comunga com a Consciência Universal pressentida pelo «superior planeamento da vida» (que é o Pensamento condutor da espiral evolutiva). Diremos, então, que o sentir dos valores místicos, tal como agora é possível, tem a sua causa naquela comunhão parcial, numa infusão parcial do espírito humano na Consciência cósmica.

Quero fazer aqui a distinção entre o que denomino «valores místicos» e religiosos e o que chamo «valores divinos». Se aqueles são aspectos do sentimento geral da dependência e submissão, do sentir em nós da existência divina; estes são-no do sentir desta existência no «fora de nós». Naqueles há um predomínio de elementos afectivos e nestes uma intromissão maior de elementos cognitivos; naqueles um sentir-pensando, nestes um pensar-sentindo. Sem dúvida, que a tendência é para sintetizar numa mesma forma de sentir valores divinos e valores místicos, como é para exprimir sentir, pensar e querer numa vibração total do Eu. Nos valores «místicos», sente-se Deus em nós; nos valores «divinos» queremos sentir-nos e sentir Deus no que, sendo Deus, não somos nós. Sentindo Deus, sinto «valores místicos»;

pensando em Deus, sinto «valores divinos».

Embora marquemos uma distância entre esta e as restantes categorias de valores, não deixa de existir entre elas uma relação íntima. Disse von Hildebrand: «todo o autêntico valor culmina numa relação com a Divindade — conceito supremo que preside ao mundo de todos os valores. Nenhum valor autêntico poderá jamais ser compreendido por nós em toda a sua profundidade, senão precisamente quando o apreendemos na sua relação com Deus, isto é, na medida em que concorrer para a sua glória e louvor; ou, como também pode dizer-se, na medida em que nos aparecer como irradiação da absoluta majestade de Deus».

Não nos é possível derivar o sentir dos valores místicos do sentir dos valores éticos ou estéticos, mas já podemos deduzir, ou melhor, reforçar este naquele. A infusão estética na natureza torna-se mais profunda, desde que nos sintamos, com ela, pontos fundamentados numa mesma existência que nos transcende. O imperativo categórico dos valores éticos é mais premente desde que sintamos a nossa responsabilidade perante um Ego que, sendo o nosso, tem a base da sua essencialidade existencial em Deus. Sentirmo-nos responsáveis perante Deus, não é coartar a nossa liberdade, o nosso livre-arbítrio, mas, a final, sentirmo-nos mais responsáveis perante nós próprios. A existência de Deus não é um argumento determinista, porque a liberdade humana (ainda não absoluta, como nada o é ainda no homem, nem na «criação» presente) é um despertar, prelúdio da essência divina e da sua liberdade perfeita (como Ser necessário).

Sentir os valores místicos não é abraçar a «religião». Esta é, sempre, um sistema de normas pretendendo unir o homem e Deus, um sistema estático, rígido, dogmático, se bem que desejando alicerçar a sua base na «religiosidade». Não há entre religião e religiosidade uma relação necessária e suficiente, se entendermos religião segundo o conceito clássico. Nas religiões conhecidas pretende-se apresentar cánones para um sentir universal dos valores místicos. Está nisto o ponto frágil de todas elas.

Pode-se alicerçar uma religião num sentir eto-esteto-místico (num sentir de valores místicos) desde que reinterpretemos o conceito, o dinamizemos. Não pode haver a pretensão de constranger o homem em fronteiras fixas. Temos de substituir esta atitude pelo desejo de mostrar a relação do homem com Deus, de provocar o despertar da religiosidade para sobre esta assentar o segundo corpo do edifício ético (visto o primeiro dispor-se sobre a própria natureza psicológica do indivíduo); temos de levar o homem a sentir e realizar o lema do Cristo: «amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmos»; temos de fugir da ossificação do ritual para procurar o dinamismo do sentir dos «valores místicos».

A utilidade dos inimigos

Os escritor Albin Valabrègue dedicou as seguintes palavras à memória do Padre Mainage:

O Padre Mainage acaba de morrer (como ainda se diz) aos 53 anos. Muito combateu ele os espiritas e o Espiritismo, sem nunca aceitar discussão pública. O Espiritismo deve-lhe grandes serviços. Era um adversário infatigável. Ora, que é um adversário? É um agente de publicidade gratuita. Não nos lastimemos por ter inimigos; lastimemo-nos por não serem em maior número.

Quem fundou o Cristianismo? Os judeus.

Quem lançou contra os primeiros cristãos as mesmas acusações *que lançou contra os espiritas? O paganismo.*

Só se conquista o apogeu por intermédio dos inimigos.

Há imbecilidade? A calúnia é da publicidade.

Renan dizia que nunca se deve responder, porque a resposta ainda é da publicidade.

O século dezanove está cheio de ataques furiosos contra os homens eminentes. Tornam-se menores por isso? Só os fortes é que se atacam.

Os elogios já não provam coisa alguma, desde que podem ser comprados à vontade.

Pode ser-se um grande homem provisório por cem mil francos.

Mas cem mil trabalhos fazem um grande homem definitivo.

Prolegómenos ao Estudo do Espiritismo

(Comunicação feita à Sociedade de Medicina e Espiritismo, do Rio de Janeiro, em sua reunião de 6 de Junho de 1946, pelo confrade Arnaldo S. Tiago)

As notáveis experiências de Albert de Rochas sobre a exteriorização da motricidade e da sensibilidade, assumem feição clássica e servem de base à construção do vasto edifício da fisiologia perispiritual, ainda em seus rudimentares primórdios.

Outras contribuições, estudos outros valiosos, vieram aliar-se a essas experiências, que consideramos clássicas; e, se nos dedicarmos à investigação interessantíssima da fisiologia do perispírito, tendo também em atenção as profundas conclusões da filosofia vedanta, as esparsas e veladas noções que, a respeito, nos deixaram as antigas civilizações dos egípcios e dos caldeus, dos gregos e dos celtas; enfim, tudo o que o passado nos legou a propósito de tão importante matéria, poderemos já estabelecer princípios muito sérios que nos auxiliarão na conquista de novos e transcendentes rumos à investigação de ordem científica, nos domínios do perispírito, dando-nos clara noção dos imortais e luminosos destinos da personalidade humana.

Dos estudos já realizados, das provas já acumuladas, é lícito concluir-se que reside no perispírito a cuasa eficiente de toda a vasta gama de deformidades do arcabouço material, com que descem ao nosso plano, em cáracter expiatório, ou de experimentação e prova, tantos irmãos nossos, além dos inúmeros casos de doenças ditas incuráveis e repugnantes, como a lepra, a epilepsia, etc., etc.

É de admitir-se, evidentemente, a acção dos Espíritos nos fenómenos da Natureza, como imediatos ou remotos colaboradores da Divindade, segundo os seus maiores ou menores graus de adiantamento espiritual, na eterna obra infinita da Criação. Esse modo de pensar é princípio de Doutrina, pacìficamente aceito, por isso que irrecusável ao nosso entendimento. No que concerne, porém, às *deformidades físicas do homem,* aos casos que poderíamos chamar teratológicos, àqueles em que a expiação ou a prova se manifestam por meio de doenças incuráveis, etc., temos de levar em conta, ao lado do livre-arbítrio, o inelutável factor da auto-sugestão, do qual decorre o princípio organizador da Vida humana, mesmo através da sua aparelhagem material: O HOMEM É AQUILO QUE PENSA, isto é, a sua estrutura específica, tanto espiritual como perispiritual, molda-se à feição do seu modo de ser mental — e essa estrutura, por fim, estereotipa-se na forma material que o Espírito reveste.

Porque continuamos, desencarnados, a manter a forma humana? — Pela simples razão de que essa é a que corresponde às nossas determinantes mentais, determinantes que constituem imperativos categóricos na maneira de ser, de viver e de agir da personalidade humana. (O mesmo se há-de dar — e com razões porventura mais fortes — nos seres inferiores ao homem: pois se este não tem ainda capacidade mental para viver independente da *forma* que o individualiza, como poderíamos atribuir essa capacidade aos pobres irracionais que vivem sob o predomínio das forças instintivas?).

Restrinjamo-nos, portanto, ao ser humano, em nossos estudos, de vez que as regras para este firmadas, com sobejas razões se fazem sentir na estruturação de todos os mais seres vivos da Natureza.

Para compreendermos o *processus* inicial das deformidades e doenças expiatórias (e assim as qualificamos, porque há sempre excepções a todas as regras e, destarte, muitas enfermidades e deformidades congénitas, verificadas na espécie humana, tanto quanto em outras espécies, podem entrar no quadro geral de simples contingências mesológicas do planeta, sem revestirem carácter expiatório — pois que este já inculca certo grau de evolução para o Espírito humano), deveremos ter sempre em vista a maleabilidade natural do perispírito, por ser o mesmo de natureza fluídica, e a sua vulnerabilidade à acção deformante do pensamento, segundo o princípio operante, já referido: *o homem é aquilo que pensa.*

Se é verdade que o filósofo, autor do *Discours de la Métode,* elevou-se ao supremo transcendentalismo, ao adoptar, partindo do *cogito, ergo sum,* de Santo Agostinho, o axioma *penso, logo existo,* com que procurou de-

monstrar a imortalidade do Eu, não menos verdade é que a razão comum atribui-lhe simplesmente o intuito de afirmar: «Penso que tenho uma forma, logo existo nessa forma», ainda que se nos deparem na Natureza inúmeras coisas que, é escusado dizê-lo, não pensam, mas existem...

Um homem normal, que atingiu ao grau de evolução, digamos, do europeu das classes cultas, que desfruta de uma perfeita euforia mental e conserva as suas funções orgânicas em perfeito equilíbrio, considera-se HOMEM, na completa significação do termo: sente, mesmo, indisfarçável felicidade de ser «um homem». Em idênticas condições se encontra um selvagem americano — pele-vermelha do *far-west* canadense, ou guarani das selvas brasileiras, em seu *habitat* natural, sem interferência alguma amesquinhadora do civilizado em sua maneira de viver simples e perfeita.

Tomemos para arquétipos da espécie humana, quer o *gentleman* europeu, sem vícios, sem taras, vivendo no exacto cumprimento de sua missão social — um perfeito cavalheiro, quer, na extremidade oposta da evolução humana, o selvagem americano. São dois tipos que, parecendo distintos, muito distanciados um do outro, por certas razões, discutíveis, de maior ou menor capacidade intelectual, igualam-se inteiramente como expressões da espécie, em sua normalidade genesíaca.

Pois bem; quer em um, quer em outro caso, não possuem o civilizado europeu nem o selvagem americano, em sua existência normal, outra regra mental — respeito à sua estrutura anatómica personalíssima — que não seja a da forma humana: não *saberiam ser* de outra forma, pois que esta é a que lhes está profunda e indelèvelmente gravada na mente.

Perdendo o corpo físico, ambos continuam mantendo a forma humana, em seu perispírito, por ser a *única* que corresponde ao dinamismo mental que lhes determina todos os actos e o modo específico de existir.

Tocando o experimentador, com estilete, num determinado ponto do corpo fluídico ou duplo exteriorizado do sensitivo e notando imediatamente a reacção que se fazia sentir no ponto correspondente do respectivo corpo material, nada mais fez do que confirmar esse princípio admirável de biologia transcendente. Desencarnado o sensitivo, o seu duplo (perispírito ou, segundo os egípcios, KÁ), conservará a forma típica da espécie humana.

Do que ficou exposto, compreensível é concluir-se que, nos casos de deformidades ou enfermidades expiatórias, as coisas se passem da seguinte maneira: Determinado indivíduo, em um grau de evolução psíquica que lhe assegure plenitude de volição mental, pratica determinado crime: vibra, por exemplo, uma bofetada em seu próximo. Em futura encarnação, como já é dotado de suficiente grau de sensibilidade moral para sofrer o remordimento de consciência, tal remordimento pode ir ao ponto de ser-lhe permanente sugestão de dor, de mágoa profunda por haver praticado o delito (1). No caso concreto a que nos referimos — o da bofetada — a sugestão permanente que lhe inspira essa grande mágoa, é a de que melhor fôra ter nascido sem braço do que utilizá-lo para a prática do citado delito, sugestão íntima, prolongada, obsessionante, que acaba por lhe deformar o perispírito — constituido de matéria essencialmente plástica e susceptível de modificar-se sob a acção mental — de modo a que essa deformidade se estereotipe no embrião fetal, vindo a nascer uma criança mutilada.

(Esta conclusão se coaduna, perfeitamente, com os princípios filosóficos da Doutrina do Cristo. Compare-se, para esse fim, o que acima ficou exposto, com as expressões de Jesus: «Portanto, se a tua mão ou o teu pé te escandalizar, corta-o, e atira-o para longe de ti: melhor te é *entrar na vida* coxo, ou aleijado, do que, tendo duas mãos ou dois pés, ser lançado no fogo eterno». (Mateus, cap. XVIII, vers. 8). A noção clara de que Jesus aludia às consequências do delito em uma nova encarnação, resulta da sua mesma expressão: *entrar na vida,* que se repete no versículo seguinte, devendo-se também ter em vista a inflexibilidade da Lei de causa e efeito,

---

(1) Na sessão da Sociedade de Medicina e Espiritismo, em que procedemos à leitura desta comunicação, dois factos vieram confirmar *in-totum* a teoria nela exposta: 1.º — a presença de um antigo bispo ou cardeal, que, na Idade Média, fez arrancar a língua a inúmeras vítimas da Inquisição. Há 400 anos que se encontra mudo. Manifestou-se, por um médium são, impossibilitado de falar. Exortado pelo presidente a utilizar-se do aparelho vocal do médium, pronunciou o santo nome de Deus e a frase «graças a Deus», com extrema dificuldade e chorando. 2.º — a revelação, pelos médiuns videntes, de que globos de luz flutuavam no espaço, sobre a mesa dos trabalhos. Foi essa confirmação, para nós, em extremo confortadora.

assinalada abundantemente em diversas passagens dos Evangelhos).

Se não dispuser ainda, o Espírito, da sensibilidade moral suficiente para sentir as consequências do romorso, tal sugestão poderá, certo, advir de um pensamento estranho, agindo, ou por vingança, sobre o agressor, exercida pelo ofendido, ainda sem maturidade espiritual bastante para induzí-lo ao perdão, ou por efeito de Justiça, executada por entidades superiores, sob as vistas do Omnipotente, como expressão do Amor que recorre aos adequados meios para levar os homens à regeneração moral, indispensável à conquista do Reino dos Céus.

Conjecturas, estas, demasiado transcendentes, não nos queremos demorar em uma análise das mesmas, de consequências sempre obscuras, aceitando-as, contudo, em princípio, por se enquadrarem elas na ordem de uma Justiça Divina, muito acima das normas segundo as quais decide a humana justiça.

A noção, vê-se bem, que nos preocupamos em acentuar, é a vulnerabilidade somática em relação às fôrças mentais que se desenvolvem lentamente, através das idades planetárias, na personalidade humana, tornando-a susceptível de modificar-se, mesmo extreme da acção cósmica geral que assinala, em cada época geológica, o aparecimento de diferenciados organismos vivos.

Do desenvolvimento dessas forças mentais dependem as transformações morfológicas dos seres que se tornaram livres pela conquista da verdade. Estágio superior que talvez mui raramente se possa verificar nos planetas como a Terra, ele é apanágio dos Espíritos já suficientemente evoluidos para se alhearem dos imperativos da forma. Dentro do princípio geral, entretanto, concebe-se o aprimoramento da forma humana, como é de notória observação nos domínios da antropologia.

As doutrinas evolucionistas, ou o transformismo das espécies, encontram, assim, nos subsídios admiráveis da filosofia espirita, uma base mais segura do que aquela em que a assentou a ciência materialista.

Nos mais elevados estágios da evolução, acreditamos que poderá o Espírito furtar-se à contingência da *forma*. É assunto demasiado abstrato para a actual concepção humana das coisas. Factos existem, contudo, que comprovam esta conclusão, decorrente do princípio geral que deixámos, precedentemente, assinalado.

A transfiguração do Tabor, por exemplo, entra na ordem destas apreciações filosóficas, confirmadas, aliás, também, pela vidência ou por certas ectoplasmias, em que, em vez da forma humana, vêem os médiuns — e por vezes toda a assistência — globos de luz flutuando no espaço.

As dificuldades, neste domínio, sòmente podem ser vencidas por um reiterado esforço de indagação filosófica que conduza a profundas abstracções do meio físico, para imergir o pensamento na essência espiritual do Universo.

Não é ainda dos homens essa divina conquista. Já o Dante, imaginando defrontar-se com o esplendor da Divindade, ao descer novamente à Terra, depois da sublime graça, apenas pôde vir dizer-nos que lhe não era dado explicar como se lhe apresentou à inteligência a excelsa Divindade.

Sincera confissão de um dos maiores génios da Humanidade, relativamente à nossa deficiência mental para o julgamento das coisas superiores ao entendimento humano!

«Oh, quanto è certo il dire e como fioco
Al mio concetto! E questo, a quelch'io vidi,
È tanto, che non basta a dicer «poco».
O Luce eterna, cho sola in te sidi,
Sola t'intendi, e, da te intelletta
Ed intendenti te, ami ed arridi!
... ...
L' Amor che mueve il sole e l'altre stelle».

(Paradiso. Canto XXXIII—121 a 126 e 145)

Eis, para vossa arguta reflexão e sóbrio estudo, a comunicação inicial que tenho a honra de apresentar-vos, caros confrades, tão humildes quão doutos trabalhadores da seara de Jesus.

ARNALDO CLARO DE S. TIAGO

OS MORTOS...

Se os mortos fossem realmente mortos, na acepção materialista da palavra, não poderiam mandar. E os mortos mandam. São eles que nos incitam a pregar a vida imortal, dentro das máximas evangélicas; são eles que nos vêm dizer que estão vivos e bem vivos e que esses monumentos grandiosos onde depositamos seus restos mortais são pompas que nada valem.

Não profanemos os mortos, mas enterremo-los sem estrépito nem ostentação, com simplicidade inerente ao despojo corpóreo.

ISIDORO DUARTE SANTOS

N/46

As experiências de Fassman no Coliseu dos Recreios

pelo Coronel Faure da Rosa

ALTO, esguio, as maçãs do rosto realçadas por duas pequenas covas nas faces macilentas, o olhar profundo, fixo, penetrante, — Fassman é metagnomo de mediunidade potente. Como, porém, fez da sua mediunidade uma profissão, participa dos inconvenientes de todos os médiuns profissionais: *é forçoso produzir* fenómenos, custe o que custar.

MEMÓRIA PRODIGIOSA

Fassman pede aos espectadores que, a cada número que ele pronunciar, lhe digam uma palavra. Por exemplo: a 1 — macaco; a 2 — batatas; a 3 — azeite; a 4 — electricidade, etc., até 25, suponhamos. Fassman anuncia pela ordem crescente os números, cada um deles seguido da palavra correspondente. Depois, di-los pela ordem decrescente acompanhados da respectiva palavra, desde o maior até ao menor. Mais: o espectador diz um dos números ou uma das palavras, e o médium pronuncia, imediatamente, a palavra correspondente ao número, ou o número que corresponde à palavra; e isto dez, vinte, todas as 25 vezes dos números considerados se os espectadores assim o quiserem.

A meu lado assistia um espectador que, tendo escrito os números com as respectivas palavras, ia fazendo o controlo. Não houve uma falha. Precisamente como o rapaz belga de que tratei na «Imprensa espirita e profana» de «O Mensageiro Espirita», Fassman indica o dia da semana correspondente a uma data dada por qualquer espectador. Por exemplo: 6 de Setembro de 1885; 4 de Fevereiro de 1936, etc.

TELEPATIA

Distribuem-se vários pedaços de papel branco em cada um dos quais os espectadores, ao acaso, devem escrever o que querem que Fassman execute. Por exemplo: tirar o óculos ao espectador sentado na cadeira n.º 5 da fila n.º 3 e trocá-los com os óculos do espectador da cadeira n.º 9 da fila n.º 10, etc. Em seguida, convida um espectador que seja sensitivo e queira prestar-se a actuar como «agente». Fassman tapa as pálpebras com duas tiras de adesivo, verticais, apondo-lhe ainda um lenço dobrado a servir a venda.

O espectador sensitivo («agente»), pensa fortmente e com firmeza, no que está escrito no papel, e Fassman («percipiente»), captando o pensamento do «agente», vai executar a troca dos óculos.

Entrega-se a dois espectadores um pequeno martelo e um prego com a incumbência de esconderem esses objectos em qualquer sítio dentro do recinto dos espectáculos, e a um outro espectador dá-se um giz para que faça uma cruz no local onde quiser que o prego seja espetado. Por processo idêntico, o espectador sensitivo, continuando a servir de «agente», concentra o pensamento com a mesma firmeza nos locais dos esconderijos — cada coisa por sua vez, claro — bem como no sítio em que se traçou a cruz. Fassman tudo descobre.

MAGNETISMO ANIMAL
SUGESTÃO-HIPNOTISMO

Fassman vem até o proscénio com uma galinha rechonchuda, bem viva e mexida, e, depois, com dois coelhos nas mesmas condições de vigor.

Por meio do olhar, primeiro, e a seguir pela aplicação de passes longitudinais, adormece estes animais, torna-os insensíveis, leva-os à rigidez catalética.

É de crer que Fassman tenha conseguido o adormecimento, a letargia, pela pressão nos pontos hipnógenos, o que de modo nenhum diminui o valor do fenómeno. Muitos magnetizadores têm adormecido animais simplesmente pela acção do olhar. Nos animais como nos homens.

O magnetizador Lafontaine, por exemplo, conta que na ocasião da feira de

Tours, resolveu experimentar o seu poder magnético sem prevenir ninguém. Começou por fixar os olhos nos da fera e, pouco depois, os do leão fechavam-se. Então, transmitiu-lhe o fluido magnético pela aposição da mão na cabeça. Decorridos uns vinte minutos o sono era profundo. Mais recentemente, o Dr. Axel Munthe conseguiu adormecer uma leoa e extrair-lhe uma lasca que ela tinha numa das patas.

O médico Dr. Picard diz no relatório que apresentou acerca das suas experiências de magnetismo em vegetais que fizera a enxertia de garfo de seis roseiras em seis belas e vigorosas mosquetas, tendo tido o cuidado de as escolher do mesmo desenvolvimento. Deixou cinco seguirem a sua marcha natural e magnetizou a sexta, de manhã e à tarde, durante uns cinco minutos de cada vez. Decorridos cerca de cento e quarenta dias, o enxerto assim magnetizado, produziu, em duas enflorescências, dezoito lindas rosas e estava prestes a florescer pela terceira vez, ao passo que as outras cinco — não magnetizadas — apenas tinham florescido uma única vez.

Com certeza que não há quem pretenda que as roseiras sejam sugestionáveis.

Há mais: os animais não só adormecem sob o olhar do magnetizador, mas também são curados por meio de passes e de sugestão, exactamente como acontece com os homens.

Voltando às experiências de Fassman: dentre os rapazes que se prestaram à hipnotização, a um sugere que lhe roubaram um relógio de pulso, que ele nunca possuira, e cuja falta há-de anunciar em voz alta, decorridos dois minutos depois de acordado do sono hipnótico. Assim sucedeu.

A outro rapaz enclavinhou-lhe os dedos, fez-lhe abrir a boca e sugeriu-lhe que não podia libertar as mãos nem fechar a boca. O rapaz assim se manteve até que Fassman o fez voltar ao estado normal.

CLARIVIDÊNCIA

Entra agora em cena senhorinha Dayka que é a anunciada «clarividente».

Dentro de uma pequena caixa de madeira que Fassman apresenta, metem os espectadores, por diferentes vezes, uns tantos objectos: uma moeda de 1 escudo, um selo de correio, um papel com uma data, um pequeno binóculo, etc. É Fassman quem recolhe os objectos, os quais, portanto, lhe ficam gravados na prodigiosa memória.

A vidente pousa a mão direita, uns certos instantes, no tampo da caixa colocada sobre uma mesa a seu lado — e vai dizendo o que está lá dentro. Como, porém, Fassman passeia na coxia central da plateia, frente à médium vidente, que está de pé, junto do aparelho do alto-falante, eu creio que é por transmissão do pensamento que a vidente toma conhecimento dos objectos ocultos na caixa. Neste caso, Fassman é o *agente activo* e a vidente o *agente passivo*. A ser assim, não se trata, pròpriamente, de fenómenos de «clarividência».

Um espectador pensa no nome do país ou da terra em que reside uma pessoa querida e, depois, pergunta à vidente, em voz alta, que lhe é, a ele, essa pessoa. A vidente diz o nome do país ou da terra e responde acertadamente à pergunta.

Escreve-se numa pequena tabuleta negra, a giz, a palavra «tango» : a vidente pronuncia essa palavra e cantarola alguns compassos de um tango. Outro espectador escreve a palavra Brasil e reproduz, mentalmente, determinada canção brasileira: a vidente diz a palavra e trauteia a canção.

Num meio como o do vasto Coliseu, completamente cheio de espectadores, muitos deles irrequietos, por vezes turbulentos, fenómenos desta natureza são dificílimos de controlar, senão de impossibilidade completa. Arredada a hipótese da *compadrice,* eu julgo que, ainda neste último caso, se trata mais de fenómenos de telepatia ou de transmissão de pensamento, do que de «clarividência».

Sessão e Chá de Caridade

Na próxima 6.ª feira, 15 do corrente, às 21,30, o Dr. Adelino Gamboa realizará no Centro Espiritualista Luz e Amor uma sessão mediúnica com a médium D. Maria Cecilia Gorina.

Na 6.ª feira seguinte, dia 22, à mesma hora, o Grupo daquele confrade dará no Centro um chá de caridade oferecido aos sócios do seu grupo e aos do nosso Centro, o qual será precedido de sessão mediúnica. A receita obtida destina-se aos necessitados e será distribuida pelo Natal.

FILOSOFIA DA NATUREZA

Formação do Espírito — Instrução e Educação

Pelo Prof. Ad. Baptista Ramires

De há muito na nossa Imprensa se trata da instrução, e apenas de longe em longe, sempre ligeiramente, alguma coisa se diz da educação, não obstante ser ela aquilo que mais interessa à marcha regular da vida humana. Da instrução muitos se têm ocupado, dando-se principal atenção ao ensino secundário seguido nos liceus, votando-se completo desprezo pelo ensino primário — tendo este importância em que, maquilo que se publica, ninguém repara —, não devendo ele limitar-se à cultura da memória e um pouco da inteligência, o que é pouco. Nele se deve começar a formar o espírito, procurando-se incliná-lo à reflexão, e um tanto também já à disciplina, de ordem mental e moral, corrigindo nesse alvorecer da juventude nocivas inclinações naturais. Não se faz tudo aí — isso nunca seria possível — mas alguma coisa se consegue, começando logo no que é *pequenino* — como certo aforismo nosso em verdade diz.

Missão difícil é essa, para a qual não temos professores preparados — que a ela são necessários verdadeiros mestres, com curso de especial propedêutica habilitados — o que em todas as provas é importante, mas muito mais nos meridionais que, além do seu temperamento impulsivo, muito da imaginação vivem, mesmo já decorrida a mocidade, na avidez do que no interesse material ou dos sentidos mais agrada.

Vida de sonhos em que a imaginação não pára, correndo atrás dessa esbelta figura que é a *ilusão* — figura que nos atrai, nos sorri, e que, de repente, desaparece, em seu lugar outra surgindo —, essa triste, senão brutal, como é às vezes o desengano. Sonhos de grandezas a que o pensamento se agarra, e não raro deles vêm males com sinais que de certo modo se parecem com os que dá o protozoário que causa o paludismo, com a diferença de, no seu aparecimento, estarem os sinais invertidos —, vindo primeiro ao espírito a febre das ilusões, e só depois vem o frio em que a alma se arrepia.

Não pode a instrução, nem a educação actual, isso corrigir — não obstante cá haver muito notáveis professores, entre eles cientistas de valor real; mas verdade é que poucos têm a arte que é necessária para alguma coisa mais do que instruir, que isso é pouco — a arte de habilitar e convenientemente educar. Essa insuficiência é vulgar — eu a tive na minha longa vida de professor, e só tudo por ela dei, procurando então essa e outras insuficiências corrigir; se o consegui ou não, outros o poderão dizer.

É à educação que acima de tudo tem de se atender, formando sólido e bem disciplinado espírito, que dele tem vindo, de nada mais, todo o progresso dos povos de outras raças, permitindo-lhes aproveitar e longe levar a maior parte das descobertas a que, por sua intuição, chegou o génio latino — como em escrito anterior procurei mostrar. Nas deficiências da nossa educação não se tem reparado — isto me atrevo a dizer — e mais do que nunca toda a atenção é necessária, nestes tempos de decadência moral em que marcha o mundo — já isso, tratando da patologia da alma, em escrito anterior também quis mostrar — decadência que começa por se manifestar na desordenada actividade da vida nas cidades, fonte de paixões que ensombram a alma humana, voltada para o poente moral do seu destino na Terra.

Para esse poente voltada, fora da luz que há vinte séculos nos veio dos lados do Oriente, ninguém poderá dizer onde nos levará a vaga do materialismo que nos arrasta. Nos países onde a indústria, em variados ramos se alargou, o trabalho e a riqueza vêm para muitos, mas na acumulação de tantos, por esse urbanismo que não tem limites, o desemprego vem para outros — com ele a miséria, a fome, a indigência, e a triste mendicidade, certa, se a evitá-la não há suficientes instituições de assistência; mas, no fim tudo pode vir, tudo a que arrasta a necessidade — de que bem se diz ser inimiga da virtude. Nesse quadro de todas as cores — branca e rósea para uns, sombria ou negra para outros — do confronto da abastança e fausto de tantos, e a miséria de outros, a cor vermelha lá aparece às vezes — a cor das chamadas *ideias*

avançadas que, não tendo berço na serena vida dos campos, nas cidades desabrocham e crescem. Ainda que a tanto se não chegue, lançado o homem no tumulto da vida moderna urbana, na luta que aí se trava, recorre ele a tudo a que a ambição o leva—bem isso se vê nas classes burguesas, incluindo as mais cultas, sendo certo que nessas classes, que o trabalho ou a sorte favoreceu, é onde a descida do espírito é maior. Cedo, logo à entrada na mocidade, nelas se manifesta a sua inclinação para nefastas paixões e vícios de toda a ordem, desorganizando mais tarde no homem adulto a sua vida futura, sendo pois nessas idades que para isso logo se deve olhar.

Outro quadro é esse, em que aparecem sombrias cores dos mais variados tons. Conhecem-no o homem, raro lhe prestando atenção, muito pouco as mulheres que, por sua vida mais recatada, só de longe o avistam —, e como assim é, este segundo quadro descubro às virtuosas mulheres portuguesas, para que na educação de seus filhos — no que, segundo a idade, a elas pertence — à sua vista exponham essas tristes cores.

Esses males, que nascem hoje na vida urbana, ordinàriamente à mulher escapam, — a não ser àquela em quem, além de lúcida inteligência, a sua elevação moral e sensibilidade despertam a atenção, para o que de longe ao seu conhecimento chega. Já isso uma vez notei na bem espiritual senhora que, consagrada principalmente ao lar a sua alma, tem seu nome no alto desta Revista — e por aquilo que lhe ouvi, por ela cresceu meu antigo respeito.

Faço aqui esta referência — e por que não aqui, sendo este o lugar mais próprio em assuntos do nosso espiritualismo? E como assim julgo, agradável seria citar — como o mesmo nobre exemplo a seguir — pessoas que conheço e que, embora tenham outras crenças, por igual elevação moral observações semelhantes têm feito. Mas, de que serviria isso, em meio da corrente geral que aos outros arrasta, na vida que levam, afastados da Natureza, no meio criado em urbanismo que em verdade não tem limites? E para se ver que os não tem, basta reparar no que é hoje Nova York — cidade com prédios que já passaram de cem andares, e arruamentos que não têm fim — como essa chamada 5.ª Avenida, com cerca de 20 quilómetros de extensão — segundo se conclui da carta topográfica actual daquela cidade.

Além do que de ordem moral pode vir dessa grande aglomeração humana, há inconvenientes de ordem económica que urge evitar. Subiu desmedidamente o aluguer de casas, incluindo as mais modestas que não são de aluguer antigo — mas, ainda pior do que isso, é haver hoje falta de braços para o trabalho agrícola, em terras onde dantes até excesso haveria — e àparte razões de ordem financeira necessárias ao Governo da Nação, o resultado é o trabalho ter lá encarecido, vindo tudo ao mercado por preços muito mais elevados. Junta-se a isso a avidez de intermediários, que hábitos citadinos elevaram, e aí temos a exagerada carestia de tudo que é necessário à vida.

Nessa fuga ou emigração crescente para as cidades, consideràvelmente baixou o expoente da actividade humana no trabalho da terra, e não é fácil prever onde isso irá parar. Urge pôr-lhe termo, e o único meio seria criar um *imposto de cidade*, ou de residência — isto me ocorre e digo assim — semelhantemente àquilo que, por outra forma e com outro fim, se determinou há anos para a entrada de estrangeiros nos Estados Unidos — cá para gente que, sem justificação, venha da província, e mais de um ano na capital se demorem — desse imposto isentos aqueles que, por seus deveres de srviço público, rigorosas necessidades de família ou outras justificáveis — de que teriam de dar segura prova. De qualquer medida deste género — outra melhor pode ocorrer — viriam vantagens de ordem económica para o trabalho da terra e para quem dele vive, e vantagens de ordem moral, a que já atrás me referi.

Tendo-me ocupado de males do urbanismo, ocorre-me fazer referência a certo mal de outro género que, no alargamento de novos bairros nas cidades, há todo o interesse em conhecer — pois até agora não mais se tem atendido que às condições de salubridade vulgarmente conhecidas — interesse que descoberta relativamente recente, vivamente despertou, merecendo a atenção de notáveis cientistas. Está este assunto fora da natureza daqueles que se tratam aqui, mas também não hesito em dele me ocupar agora — tal a importância e utilidade que pode ter o conhecimento de certa perigosa influência, desconhecida da maior parte da gente — e ainda por outra razão, que se verá depois, dessa influência aqui me ocupo.

Refiro-me a estranho fenómeno que vindo do seio da Terra, em alguns sítios se manifesta, gra-

vemente nocivo à vida. Parece nada ter ele de comum com a natureza mineral do solo — a que o prof. Delbet atribuiu há anos a frequência de certas doenças em regiões muito pobres em sais magnesianos, que são, como bem se sabe, indispensáveis à constituição celular — desse empobrecimento vindo decadência na constituição das plantas que aí se cultivam, e consequentemente decadência no metabolismo orgânico no homem, como em todos os animais que delas se nutrem (1).

Acima de tudo, porém, de recentes observações feitas parece ter-se averiguado que, na etiologia de diversas doenças, entre elas frequentemente o cancro, está certa radioactividade, por muito tempo desconhecida, que de um insignificante veio subterrâneo em alguns lugares pode vir. O conhecimento dessas radiações e suas consequências tão importante é, que no seu estudo têm aparecido nomes de cientistas dos mais notáveis — prof. Arsonval, Lakhowsky, Knitzinger e outros — daí vindo dar-se-lhes hoje bem natural importância.

Sobre este assunto em tempos falei com pessoas que, por sua inteligência e elevada cultura, mal me podiam instruir — recordo-me que a última foi o sábio médico dermatologista Dr. Chaves Ferreira, que já isso conhecia — por aqui se vendo que tal interesse se lhe está dando, que até aqueles que à sua profissão se têm consagrado, nela conquistando merecido destaque — como o médico que citei — à sua atenção não escapou este interessante fenómeno, notando que alguns já o conheciam melhor que eu.

Por ser de origem subterrânea, a sua investigação pertence à radiestesia, — a mesma faculdade que permite aos chamados *vedores*, munidos de apropriado pêndulo, poderem pela orientação das suas oscilações, descobrir nascentes de água profundas. A uma investigação daquelas já eu uma vez assisti, — feita em diversos sítios da casa onde vivia pessoa de há muito doente, e com admiração verifiquei a existência das más radiações, acusadas precisamente no sítio, só aí, onde estava o leito em que a pessoa doente dormia. Parece que essas radiações por vezes vêm de um tão estreito veio—indo a sua acção a um espaço muito limitado—pois já ouvi que outro doente, de seu mal antigo melhorou e mais tarde de todo ele desapareceu pela simples mudança do seu leito, para menos de dois metros de distância, no mesmo apossento.

Estará este assunto aqui deslocado, — muitos o pensarão; não penso eu porém assim, pensando que pode ser útil saber-se isto — dever este de nós todos — dando de tão funesta acção, geralmente ignorada, conhecimento que possa alguém um dia aproveitar, — acção que, causando males do corpo, possa atingir, como tantos há, o equilíbrio das funções psíquicas. Mas, ainda por outra razão deste assunto me ocupei — muito sumàriamente, para não fatigar o leitor — e essa por fim tem na marcha estranha de certos males que aparecem numa casa, não se atribuir a causa *sobrenatural* — há quem assim diga — aquilo que é apenas de ordem absolutamente física.

Do que fica exposto, ainda se vê que na ciência de que o homem tanto se orgulha, muito há que aprender, — e bem o sabe quem isto escreve, pois que, embora consagrada a sua vida a um ramo da Biologia, cujo ensino lhe foi entregue, fora disso, em interesse só de materialismo durante longos anos andou erradamente pensando que alguma coisa sabia.

Sim, sabia o bastante para hoje poder medir a longa extensão da sua ignorância, — e a muitos que tal não vêem, de todo a vaidade os cegou. Talvez ela ainda agora também me cegue a mim — isso não sei eu — mas, no decorrer dos tempos, esse mal em todos acabará, quando a eles chegar a luz de novo astro, que há vinte séculos apareceu, — e esse dia, para as almas que esse astro iluminar, será neste mundo — a ele noutro escrito me referirei — o dia mais feliz.

(1) Tão reconhecida é a utilidade dos sais magnesianos, escassos nalguns terrenos, que aquele notável médico, no que publicou há anos aconselhava o emprêgo diário, permanente, do cloreto de magnésio (0,5 gr. por dia) não como medicamento, mas como alimento diário, tal como o sal de cozinha que, como se sabe, também um cloreto é. Sobretudo no homem de idade avançada, com tendência a desarranjos prostáticos, a utilidade desse corpo magnesiano está formalmente reconhecida.

O ESPIRITISMO

O Espiritismo é campo de acção meritória, onde os obreiros honestos encontram lugar de honra para o seu trabalho. Quem vier, deve abandonar a vaidade e o orgulho e procurar na isenção os meios de caminhar. Só com humildade seremos grandes aos olhos de Deus. Só com justiça seremos dignos da missão que desempenharmos.

I. D. S.

JOÃO AMADO VENÂNCIO

Há um conceito popular, segundo o qual tudo que sucede tem alguma razão de ser. Há tempos, Madame Tordjman foi portadora de carta nossa para o Dr. Paulo Hecker, velho amigo que em Porto Alegre desenvolveu propaganda espirita intensiva, através de órgão magnífico que ele soube elevar, impor e engradecer. Nessa carta, enviámos-lhe nossos saudares e lembrávamos essa época distante. Era o anelo do amigo para o amigo, em que a nossa alma transbordava...

Passados meses, resposta veio, sincera, leal e comovida, por intermédio de outro amigo não menos operoso e veemente que vivia no Rio Grande do Sul, para onde abalara, depois de perambular em trabalho insano por outras regiões do Brasil.

O portador da missiva era João Amado Venâncio, cuja história encerrava qualquer coisa de inédito e extraordinàriamente real, para que se acreditasse à primeira vista.

Natural de Ponte do Lima, com vinte e dois anos emigrou para o Brasil, a Deus e à ventura, escudado no seu braço e na sua fé, seguindo o rumo de muitos portugueses que na terra do Cruzeiro exercem actividade, enfrentando obstáculos de toda a espécie, caldeando a vontade na forja do trabalho e progredindo à custa de incessante actividade.

JOÃO AMADO VENÂNCIO

João Venâncio não sabia ler. A pouco se limitava a sua aspiração, que era ganhar a vida honradamente e voltar um dia ao berço natal com pecúlio para o resto da existência. Mas o homem põe e Deus dispõe. Uma vez no Brasil, o emigrante lançava-se ao trabalho rude, estuando sob pesados carregos e sofrendo muito, por sua condição de analfabeto lhe não permitir misteres mais leves e melhor remunerados. Mas um dia acordou da semi-letargia que o anquilosava. Olhou para um indivíduo que lia despreocupadamente o jornal ao pé de grande máquina e perguntou:

— Quanta ganha aquele homem?

— 20 mil réis por dia.

E o drama de João Venâncio avolumava no seu crânio. Então ele passava as horas ajoujado ao peso da sacaria, mal ganhando para comer, e aquele indivíduo, còmodamente sentado, auferia numa hora o que ele ganhava num dia? E que era preciso para disfrutar aquela situação?

— Estudar, estudar muito — lhe disseram.

E o bisonho emigrante sentiu estranho impulso e no dia seguinte dispôs-se a aprender a ler, aproveitando os escassos minutos da sua folga nocturna. Dois meses depois, juntava as letras, soletrava regularmente, visionando sempre um quadro fixo: a máquina e o homem do jornal. E todos os instantes disponíveis e todos os papéis que encontrava serviam ao seu desejo ardente de conhecer e de progredir.

Agora, a sua vida agita-se mais e mais e apresenta espantosos contrastes que parecem arrancados à biografia de um Ford ou de um Morgan. João Venâncio sonha como Washington e procura transformar o sonho em realidade.

No Circulo Esotérico da Comunhão do Pensamento ouviu dizer que o homem triunfaria desde que pusesse em acção as suas forças mentais. Nunca esqueceu este conselho. Concentrou a atenção no alvo que desejava atingir. E de corrida em corrida, galgou enorme escaleira de hierarquias no departamento da acção contínua e meritória.

Um dia, pediu que o admitissem em certa casa comercial como carregador. No fim do mês tinha percorrido quatro secções, em mar-

cha triunfal. Começara a ganhar cinco mil reis por dia e na quarta semana ganhava trinta. Mesmo assim, despediu-se da casa e pediu trabalho noutra, onde passou a ganhar muito menos.

Como justificar o paradoxo? João Venâncio não sabe explicá-lo. Sentia-se impelido para misteriosa jornada e obedecia às vozes de comando...

Aprendera muito, estudara muito, observara muito... E o seu sonho ia tomando forma e a sua ânsia de perfectibilidade materializava-se pouco a pouco...

Estabeleceu-se. Pôs em prática os ensinamentos espiritualistas que lera e ouvira e hoje dirige uma das maiores casas comerciais de Porto Alegre, em que não há operários nem patrões, mas chefes e funcionários vibrando no mesmo pensamento de felicidade colectiva. Ele não é o gerente orgulhoso e façanhudo, mas o orientador eximio, o venerado conselheiro, sempre a pensar na forma de melhorar a situação dos seus colaboradores.

Eis uma grande lição de energia e de vontade digna de imitar-se. Na sua casa todos se esforçam por conseguir o máximo, segundo o lema «Um por todos e todos por um». Este objectivo é a maior glória de João Venâncio...

*

* *

Durante essa estranha cavalgada, o antigo emigrante foi iniciado na Doutrina Espirita e dela extraiu numerosas lições que o apetrecharam para a luta que vem travando há muitos anos. Homem de rija têmpera ao serviço de um ideal humanista, tem pugnado sempre pela moralização dos costumes e pureza do Espiritismo.

Tivemos ensejo de o ouvir falar no Centro Espiritualista Luz e Amor, primeiro em sessão mediúnica, realizada com o auxílio da nossa excelente médium D. Maria de Jesus Mendes Figueiredo, e depois em 3 de Novembro, após a conferência desse dia, a cargo do coronel Faure da Rosa.

E a nossa admiração pelo digno visitante aumentou singularmente. Tal vibração imprimiu às suas palavras repassadas de fé nos postulados espiritas; tal cunho de verdade irradiava dos conceitos emitidos em sua verbosidade caudalosa, que todos os ouvintes ficaram maravilhados. Sim, João Venâncio era verdadeiro orador que arrebatava e convencia. Que pena não o termos alguns anos em Portugal!

Quando falava, qualquer coisa de magnético pairava na sala e as suas palavras impregnavam o ambiente de salutares eflúvios.

Ele dirá em Porto Alegre o que viu e sentiu em Portugal, neste cantinho onde forjamos armas para nova tarefa de propaganda. As lágrimas que arrancou aos que tiveram a ventura de escutar um homem que, na sua simplicidade, é um monumento de viva fé, selaram para sempre a indelével simpatia que nos fica ligando a tão esforçado pioneiro.

*

* *

João Amado Venâncio partiu em direcção ao Brasil, com novo sonho na alma e no olhar perscrutador. Deus o guie no voo largo e vertiginoso do «Constellation» que o leva a seu bordo.

O sonho de agora é diferente do sonho de ontem, quando suava ajoujado ao peso da sacaria... O sonho de hoje está na sua mão experiente e acolhedora e poderá trazer-nos alentos e perspectivas inteiramente desconhecidas no meio espirita português. «Estudos Psíquicos» espera entrar em ritmo diferente, impulsionando a propaganda de que é leal servidor, através de maior dinamismo e de acção mais proveitosa.

João Amado Venâncio, amigo de muitos anos e espirita de vanguarda, vai ser nosso colaborador. Tudo fará para que esta revista não sucumba, quer abrindo-lhe caminhos no vasto Brasil, quer proporcionando-lhe meios de trabalho dignificante.

Nós só queremos auxílio honesto que nos permita viver independentes. E para que essa independência se efective e perdure no tempo, é que João Venâncio nos visitou e conversou conosco, auscultando e compreendendo certos problemas que aguardam resolução.

Amigo! Partiste em demanda do teu lar e de tua actividade. Romeiro da aventura e sonhador impenitente, tua fé indómita criou um mundo de trabalho em que se movem cérebros e braços em benefício do homem novo que deseja vencer na vida. Que Deus estimule ainda mais o manancial de virtudes que brota de teu seio e que a tua convicção espirita seja alavanca de progresso e veículo de novas conversões!... No nosso abraço vai o abraço daqueles que te ouviram e compreenderam!

O Testemunho de Kardec

Fui alvo do ódio de inimigos intransigentes, da calúnia, da inveja e do ciume; infames libelos foram publicados contra mim; as minhas melhores instruções foram adulteradas; fui traido por aqueles em quem mais confiava e recebi a ingratidão daqueles a quem servi. A Sociedade Espirita de Paris era constante foco de intrigas urdidas pelos que se diziam a meu favor e que, abraçando-me pela frente, me apunhalavam pelas costas. Disseram que os meus sectários eram pagos com o dinheiro que eu arranjava com o Espiritismo. Não mais tive repouso e muitas vezes verguei ao peso do trabalho, comprometendo a saude e arriscando a vida.

Entretanto, graças à protecção e assistência dos bons espiritos que sempre me deram provas sensiveis de solicitude, sou feliz, porque nunca, em qualquer momento, senti falta de ânimo ou de coragem e continuei a minha obra com o mesmo ardor, sem me preocupar com as setas que me atiravam. Eu devia esperar tudo isso e tudo se verificou, conforme me comunicava o Espirito de Verdade.

A par de tais vicissitudes, que satisfação por ver a obra avançar prodigiosamente! Que doce compensação para as minhas tribulações! Quantas bençãos, quantos testemunhos de simpatia recebi dos aflitos que a doutrina consolou!

O Espirito de Verdade prevenira-me deste resultado, mas só me havia mostrado as asperezas do caminho. Quando vinha uma decepção ou contrariedade, eu elevava-me em pensamento acima da humanidade, isto é, colocava-me antecipadamente na região espiritual, donde descobria o meu ponto de chegada e as misérias da vida passavam por mim, sem me atingir. E tanto me habituei, que os maus nunca me perturbaram.

Em 1 de Janeiro de 1858 fiz aparecer «La Revue Spirite», sem prevenir qualquer pessoa. Não tinha um só assinante, nem fornecedor de capitais. Fi-lo exclusivamente à minha custa e não tive de que me arrepender, porque o êxito excedeu a minha expectativa. A partir dessa data, os números sucederam-se sem interrupção e este veiculo foi-me poderoso auxiliar. Reconheci mais tarde que fora óptimo não ter comanditário, visto que agira sempre com inteira liberdade. Havendo interessados estranhos, poderiam querer impor-me as suas ideias e vontades e tolher-me os movimentos. Sozinhos, não tinha que dar contas a ninguém, por mais pesado que fosse o meu trabalho.

(Das «Obras Póstumas»)

Estas palavras têm carácter de actualidade. Ontem como hoje, os caluniadores e videirinhos prosseguem na sua faina destruidora. Felizmente, estamos vigilantes e prevenidos contra tudo o que vier dos alçapões da intriga. Queremos independência e tê-la-emos, custe o que custar, doa a quem doer. Como dizia o poeta, a liberdade é a lei.

Meditações de Novembro

1 — Recebo de Deus tudo o que necessito.
2 — O abandono de meu corpo, não me impede de agir e pensar.
3 — Cultivo o Bem, a Verdade e o Belo.
4 — Manifesto conscientemente minhas faculdades Divinas.
5 — Grandes poderes se acham concentrados em mim.
6 — Sou senhor da minha atmosfera mental.
7 — Sou um pensamento de Deus manifestado na carne.
8 — Sou um canal de expressão da vida Infinita.
9 — O Infinito Espirito coloca-me à altura de todas as circunstâncias.
10 — Crio uma Aura Protectora em redor de mim.
11 — Minha vida é um constante trabalho pela Paz Universal.
12 — Vivo em contacto com o Suprimento Universal.
13 — Irradio pensamentos de Coragem, Energia e Amor.
14 — Deus a o único Poder Presente em minha vida.
15 — A irradiação de meus pensamentos beneficia todos os seres.
16 — O Amor de Deus irradia através de mim para todos os Seres.
17 — Alegro-me em expressar Deus — O AMOR — em todos os meus actos.
18 — Estou recebendo do Pai que vive em mim, contínuas forças.
19 — Sou guiado pelo Espirito ao Caminho da minha felicidade.
20 — Sou abençoado pelo Senhor que reside em mim.
21 — Vivo na abundância da substância Divina.
22 — Possuo tudo o que meu Pai tem.
23 — Minha vida é expressão da harmonia e paz interiores.
24 — Sou perfeito como o Pai que está em meu Céu interior.
25 — Estou em Deus e Deus está em mim.
26 — Estou cumprindo minha missão na vida.
27 — O Céu é um estado de minha alma e, transmutando todos os meus pensamentos em Luz espiritual, vivo nele aqui e agora mesmo.
28 — Sou uma expressão consciente do Poder, Amor e Inteligência Universal.
29 — Vivo de acordo com a infalivel Lei de Deus.
30 — Sou uno com o Supremo Bem Omnipresente.

Em defesa da colectividade espirita

Os espiritas protestam contra as expressões injuriosas do Padre Arlindo Vieira, publicadas no «Jornal do Comércio» do Rio de Janeiro

Tendo o Padre Arlindo Vieira S. J., em artigo publicado no «Jornal do Comércio» de 11 de Abril próximo findo, declarado que os espíritas, no Brasil, são encontrados, de preferência, entre a «gentinha analfabeta», assim como entre os «homens devassos», os confrades abaixo escreveram, por iniciativa pessoal, longa e circunstanciada carta ao Director daquele grande órgão da imprensa brasileira, protestando contra tais expressões, evidentemente ofensivas. A referida carta, que foi publicada, na íntegra, no «Jornal do Comércio» de 4 do corrente, sábado, sob o título acima, está redigida nos seguintes termos:

Rio de Janeiro, 30 de Abril de 1946.

Ex.mo Sr. Dr. Elmano Cardim

Director do «Jornal do Comércio»

Na certeza de que, dentro do nobre princípio da ética profissional que sempre caracterizou a tradição gloriosa do «Jornal do Comércio», V. Ex.ª, não terá dúvida em publicar a presente carta, vimos protestar contra o artigo firmado pelo Padre Arlindo Vieira, S. J., na edição de 11 do corrente, a propósito da «Semana da Paixão», quanto à parte que se refere aos espíritas. Conhecendo bem a imparcialidade e a severidade do «Jornal do Comércio» em matéria religiosa, estamos absolutamnte certos de que a Direcção dêsse órgão, embora tenha opinião própria sobre o assunto, devendo, certamente, ter inclinação por qualquer das crenças radicadas no País, não subscreveria, em hipótese alguma, as expressões do Padre Arlindo Vieira, visto que se trata, no caso, de referências indelicadas e descabidas a uma colectividade, quanto é sabido que esse grande diário não acolhe discussões de tal natureza. O tópico em que o articulista procura focar o Espiritismo e os espiritas, empregando termos que se não enquadram na orientação das venerandas colunas do «Jornal do Comércio», contêm ataques puramente pessoais, ao passo que as boas normas da educação aconselham senão exigem que os homens discutam princípios, debatam pontos de fé, mas respeitem sobretudo a dignidade individual.

Nenhuma objecção teriamos a fazer, se o Padre Arlindo Vieira tivesse colocado o assunto no plano elevado das ideias, isto é, se tivesse procurado criticar ou discutir a doutrina, dentro das divergências filosóficas que separam fundamentalmente católicos e espíritas, uma vez que a discordância entre os homens, principalmente em se tratando de terreno tão delicado, é muito natural e compreensível, porque nem todos poderiam pensar pelo prisma de um mesmo dogma ou raciocinar pela lógica de um mesmo princípio.

Aceitariamos, se assim fosse, uma discussão serena e elegante para defender e sustentar as nossas convicções, mas não deliberariamos escrever esta carta ao «Jornal do Comércio», se o artigo do Padre Arlindo Vieira não envolvesse, como infelizmente envolve, conceitos ofensivos à colectividade espírita, embora seja vedado, pelo Código Penal, qualquer ofensa pessoal por motivo de crença. Entre discordar e ofender, a diferença é palmar. O articulista não comentou o aspecto científico, filosófico ou religioso do Espiritismo, nem entrou na parte doutrinária da questão, mas apenas se limitou a dizer que os espiritas são encontrados de preferência «entre os homens devassos». A questão, como se vê, assume carácter pessoal, contra todas as regras do bom senso e do respeito mútuo.

Pertencendo, pois, à colectividade espírita, estamos no direito de, por iniciativa própria como homens de responsabilidade, contestar formalmente os termos empregados por aquele sacerdote, tanto mais que no seio das organizações espiritas se encontram cidadãos respeitáveis, com exercício no magistério primário, secundário e superior, no jornalismo, nas classes armadas, na magistratura, no funcionalismo público, no comércio, na indústria, etc. Em todas as profissões liberais, notadamente na classe médica e na advocacia, existem adeptos do Espiritismo. Não é, portanto, entre analfabetos, como impròpriamente afirmou o Padre Arlindo Vieira, que se recrutam os profitentes do Espiritismo. Muitos espiritas são autores de trabalhos sobre literatura, história, economia, crítica, por exemplo, notando-se que alguns deles fazem parte de instituições culturais, enquanto outros têm assento em Academias de Letras.

Repelindo, agora, o qualificativo de «devassos», afirmamos que não existem pessoas desclassificadas socialmente, no meio espirita. Nossas organizações, que não distinguem religião, nem nacionalidade, nem côr, são essencialmente humanitárias, podendo-se verificar a existência de orfanatos, escolas, abrigos, hos-

pitais, ambulatórios espiritas, não apenas no Distrito Federal, mas em diversos Estados, com assistência social gratuita, sem imposição de crença. Nos centros espiritas por mais simples que seja qualquer deles, o que se ensina e prega é a moral cristã, o sentimento de solidariedade humana, para que o homem se torne melhor, seja útil à sociedade, creia em Deus por convicção. No meio espirita não há fanatismo e não poderia haver qualquer forma de sectarismo, justamente porque não se obriga ninguém a ser espirita; não se faz questão de *crentes,* mas de homens convictos, homens emancipados, que raciocinem por si mesmos, que saibam porque são espiritas. Respeita-se toda a ideia religiosa, não se combate religião alguma, exactamente porque a fé pertence à seara inviolável do foro intimo da criatura. Não há proselitismo nas sociedades espiritas, porque o Espiritismo não se preocupa com a formação simplesmente numérica de «maioria religiosa», mas, exclusivamente, trata da reforma do homem, procurando melhorá-lo, afastá-lo dos vícios, indicando-lhe, em suma, por meios racionais e compreensíveis, o caminho do Bem — único que conduz a Deus, sem exigir nem insinuar que este ou aquele frequentador de suas reuniões se converta à doutrina ou assuma qualquer compromisso de fé.

Podemos dizer, ainda, e os factos bem o confirmam, que as instituições espiritas, sem auferir provento de espécie alguma, sem pleitear vantagens políticas, colaboram desinteressadamente com o Estado, porque prestam assistência social, sem distinção de crença, não apenas aos adeptos do Espiritismo, mas a quantos precisem de amparo, sejam católicos, maometanos, judeus, porquanto a prática da caridade, segundo prègou e exemplificou o Cristo, não conhece separação entre os homens. O melhor documento, a este respetito, é o facto de centenas de órfãos, inválidos, velhos e criaturas outras, que não têm amparo nem lar, estarem vivendo caridosamente sob o tecto protector de sociedade espiritas, nesta Capital e no interior do País. Quantas crianças recebem instrução, GRATUITAMENTE, livros e roupa em escolas mantidas por instituições espiritas? Podemos apresentar o próprio testemunho do Estado, porque diversas organizações espiritas são subvencionadas pelo Governo, sendo algumas delas consideradas de utilidade pública. O Estado reconhece, portanto, a acção social do Espiritismo, tanto assim que concede subvenções a sociedades espiritas. Ainda há poucos meses, o Governo de Sergipe fez doação de um terreno, em Aracajú, à *União Espirita Sergipana,* acentuando, no preâmbulo do Decreto que deu publicidade a esse acto, a RELEVANTE COOPERAÇÃO daquela entidade no campo da assistência social. Vejamos mais. As estatísticas criminais não arrolam espiritas entre os malfeitores e devassos que afrontam e ameaçam o decoro da sociedade; do mesmo modo, no registo diário das Delegacias policiais não se identificam espiritas entre assassinos, desordeiros, ladrões ou conspurcadores de lares. Onde, pois, o cabimento da expressão «homens devassos»? Temos, ao contrário, argumentos que enobrecem a influência do Espiritismo perante qualquer opinião sensata. Considere-se, por exemplo, este facto: em diversos presídios é permitida a realização de conferências espiritas, o que prova a salutar influência do Espiritismo na transformação de muitos homens que tiveram a desventura de ser encarcerados. Ainda mais. Os centros espiritas, modestos, é verdade, são escolas de regeneração moral. Pode-se dar prova disto? Perfeitamente. Muitos indivíduos que viviam transviados dos bons costumes, que eram contraventores reincidentes, indivíduos, portanto, que eram considerados incorrigíveis, porque não se regeneraram nem por intermédio da cadeia nem da devoção religiosa, tornaram-se homens de bem, transformaram-se completamente, voltaram ao seio da sociedade, graças aos ensinos evangélicos que são explanados nos centros espiritas. São factos públicos, incontestáveis.

Não podem ser *devassos* os homens que se filiam a uma doutrina que regenera encarcerados, que evita o suicídio de criaturas desesperadas, que levanta o ânimo de sofredores de todas as camadas sociais, que vai ao encontro do infortúnio e da miséria para levar consolo e auxílio. Não podem ser *devassos,* finalmente, os homens que pertencem a uma colectividade cujo fundamento é o vínculo sagrado da família, base legítima de uma sociedade bem organizada. Todos quantos quiserem formar opinião honesta sobre o Espiritismo, porque sòmente os irresponsáveis atiram pedras a esmo, procurem saber se o que se prega nos centros espiritas não é justamente aquilo que constitui a essência do Evangelho, acima de seitas, convenções ou correntes religiosas: a caridade, a tolerância, o respeito às ideias alheias, o trabalho como fundamento do progresso social.

Dando por concluída a nossa contestação, agradecemos a honrosa atenção de V. Excia.

Atenciosamente

1 — JOSÉ FERNANDES DE SOUSA, comerciante. 2 — LAURO SALLES, advogado, professor, secretário interino da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. 3 — DEOLINDO AMORIM, jornalista, membro da Sociedade Brasileira de Filosofia, da Sociedade de Homens de Letras, da Associação Brasileira de Imprensa. 4 — General MANUEL ARARIFE DE FARIA, engenheiro militar. 5 — ARTUR DÓNATO, industrial. 6 — EDUARDO BARREIROS, funcionário público. 7 — JÓNATAS BOTELHO, membro da Academia Fluminense de Letras. 8 — JOSÉ MANUEL FERNANDES RIBEIRO, comerciário. 9 — LIPPMAN TESCH D'OLI-

Causas favoráveis e adversas ao desenvolvimento mediúnico

pelo Dr. Luis di Cristóforo Postiglioni
Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» em Buenos Aires

(Tradução de R. P.)

PARA esboçar as razões favoráveis e as adversas que influem no desenvolvimento da mediunidade, é necessário recordar, primeiro que tudo, o que é um médium e o que é a mediunidade. Entendemos por médium a pessoa dotada de aptidões naturais que, em determinadas condições de ambiente, lhe permitem despersonalizar-se, descentralizar-se, encontrando-se, então, em condições de obter fenómenos supranormais, de natureza anímica ou espiritual pròpriamente dita, segundo graduações que se medem pelos mesmos fenómenos.

Portanto, entendemos por mediunidade a faculdade, inata no homem, de carácter hereditário, sobre a qual actua uma série de factores materiais e morais para chegar a ser mediunidade no sentido lato do vocábulo que dele temos nós, espiritas, e mediante a qual faculdade se obtem contacto com o mundo das forças espirituais. Quer dizer, mercê da faculdade mediúnica, realiza-se um dos fundamentos essenciais da escola espirita: — a comunicação lúcida duma entidade espiritual com o mundo dos homens.

Diziamos que a mediunidade é uma condição inata no homem que, mediante determinados esforços organizados, de exercícios metódicos nos quais desempenham papel importante a própria predisposição individual, o acatamento de normas básicas que compreendem a alimentação, método de vida pessoal e íntima, leituras, ambientes e critério que se possui sobre o Espiritismo e sobre a própria faculdade em relação a si mesmo (se é propriedade pessoal, depende também do círculo em que se actua). Além disto, influem factores normais e espirituais — estes últimos já dependentes da força do ambiente em que se trabalha, com fulcro essencial em quem dirige as sessões — condição natural que, assim encarada, dá como consequência final a posse de mediunidade equilibrada, de regular produção que é realmente a mediunidade de que se fala, quando a consideramos capaz de grandes satisfações morais e estudiosas e capaz, mal exercida (sobre tudo quando o médium entende que a faculdade é sua exclusiva propriedade, uma coisa pessoal de que não deve dar contas a ninguém) de ocasionar «dores de cabeça» e consequências perniciosas para a saude física e moral do médium, sem entrar em conta com as consequências espirituais de desvios que ocorrem, quase sempre, por desconhecimento das razões que nutrem a mediunidade, defeitos de desenvolvimento e outros factores convergentes de não menos valor.

Assim mesmo, no desenvolvimento da mediunidade entram causas fisiológicas e biológicas que até agora muito pouco se têm ponderado, tais como o estado cardíaco, capacidade respiratória, estado anímico do dia no candidato ao desenvolvimento, regime dietético cumprido ou violado, tabaco, vinho, carnes, leituras de narrativas excitantes ou de poesias, tipo biotifológico do passivo, se é brevilíneo ou longilínio, etc. É uma grande trama de razões que definem a responsabilidade cada vez maior de quem deve orientar e controlar o desenvolvimento das mediunidades, sua orientação funcional e suas possibilidades. Não se tome em sentido absoluto o que dissemos, visto tratar-se apenas duma série de precauções de aspecto material ou humano, mas a experimentação mediúnica tem outra metade de elementos actuantes que residem no mundo espiritual, que também tem as suas leis e

---

VÉR, industriário. — AURINO BARBOSA SOUTO, funcionário público. 11 — DR. TELÉMACO GONÇALVES MAIA, Tenente-Coronel Médico da Aeronáutica.

(De «Mundo Espirita», do Rio de Janeiro).

actua muitas vezes de modo imprevisto para os experimentadores. Isto nos dá as razões morais ou espirituais da mediunidade, tema tão amplo que exige revisão constante dos princípios a que se chega nas investigações mediúnicas.

Mencionámos acima as condições do ambiente para o desenvolvimento mediúnico. Daqui nasce o que se tem chamado, com toda a propriedade, consciência idealista, pelo que se deve considerar a mediunidade como privativa do núcleo e nunca propriedade pessoal. O resto vem por acréscimo: — o objectivo essencial que se persegue nas sessões mediúnicas, o papel das comunicações que se obtenham, responsabilidade solidária entre médium e assistentes acerca dos méritos e deméritos da sessão procurada.

Porque tem de entender-se, finalmente, que nas sessões mediúnicas, nem o médium que se preparou moralmente muito antes para elas, nem os assistentes que devem colaborar muito antes dessa reunião, trazendo a consciente preparação anímica e material para a mesma, são de qualquer modo elementos passivos no decurso da experiência. Pelo contrário, são elementos activos, ainda que mais não seja se pensarmos integralmente no que significa «lei ambiental» e «lei de afinidade» traduzidas em sessões espiritas.

Do que sucintamente expusemos surge a convicção de que a mediunidade é uma escola que forja o carácter, fortalece a vontade, exalça o indivíduo nas suas condições materiais e morais, afina a sua sensibilidade e encaminha para uma cultura integral que desdiz absolutamente tudo quanto se pretendeu exprimir, afinando-a como uma consequência de neuroses, predispondo a neurastenias e a psicastenias de diversas resultantes nada agradáveis. Por oposição, embora se tenha um sistema nervoso alterado, a presença de diáteses neuróticas, nunca é sinal firme de predisposição ou prelúdio de posse de mediunidade, tal como a estamos considerando: — segura base da demonstração da alma humana *post-mortem,* baluarte e fim da escola espirita que acarreta, por meio dela, novos e valiosos elementos de juizo para a revisão da nova psicologia baseada em novos factos transcendentais. Este neo-psicologismo que contém ainda uma filosofia evolucionista está sendo desenvolvido, esforçadamente e quase sem o podermos avaliar, pelos espiritas de todo o mundo, com sacrifícios realmente notáveis em prol da nova verdade, da verdade transcendente que há-de libertar o homem da angústia que não puderam mitigar, nem as religiões clássicas de todos os tempos nem as ciências oficializadas que tarde compreendem a profundidade das novas investigações sobre a alma, passados os conceitos arcaicos de «soma» e «psique» que até aqui serviram de muleta aos escalonados conhecimentos do homem.

Não há dúvida em admitir que o estudo sistematizado das causas favoráveis e adversas, quer materiais quer espirituais, do desenvolvimento da mediunidade, há-de constituir um dos melhores sustentáculos reinvidicatórios da escola espirita para si e ante os outros conhecimentos científicos que ignoram esta verdade suprema do homem imortal. E com isso ter-se-á levado ao Espiritismo um dos mais sérios apoios, colocando-o à altura dos novos conhecimentos humanos, tal como, em pensamento feliz, o impugnam os nossos melhores mestres, sustentando sempre a necessidade de colocar o Espiritismo ao nível dos mais modernos conhecimentos que se forem produzindo, por forma a que nunca apareça em atrazo em qualquer manifestação essencial no concerto das ideias.

Este problema do desenvolvimento da mediunidade é, como pode ver-se, um problema capital do futuro espirita, razão suficiente para que se lhe preste toda a atenção que requer.

A Missão de Kardec

A missão dos reformadores é cheia de perigos. A tua é rude, porque tens de revolver e reformar o mundo inteiro. Não julgues que basta publicar um livro, cinco, dez livros, e ficar tranquilo em casa. Não; será preciso expor a tua pessoa. Levantarás contra ti ódios terríveis; inimigos encarniçados conjurarão a tua perda; serás alvo da malidecência, da calúnia, da traição, até dos que te parecem mais dedicados; numa palavra, haverá luta quase permanente, com sacrifício do teu repouso, da tua tranquilidade, da tua saude e até da tua vida, visto que, sem isto, viverias mais tempo. Pois bem! Nem um passo atrás deves dar, quando encontrares sob os pés urzes, pedras agudas e serpentes venenosas.

Para lutar contra os homens é preciso coragem, perseverança e inabalável firmeza.

Já vês que a tua missão é subordinada a condições que só de ti dependem.

(Comunicação recebida por Allan Kardec em 1856 e atribuida ao Espirito de Verdade).

A INTELIGÊNCIA HUMANA

Só o homem possui a palavra, disse Aristóles. A palavra é a expressão do pensamento. O pensamento é uma manifestação da vida interior. É na alma que ele reside. E a alma, dádiva divina, (Ecl. XII, 7) revestida do corpo astral, é o espírito. O espírito, segundo Kardec, é o princípio inteligente do Universo.

A alma, segundo a definição de um autor, é o princípio que em nós pensa, sente e quere. O pensamento exprime-se falando ou escrevendo e é «uma das faculdades inatas do homem.

A sensibilidade, outra faculdade inata, preside às sensações, aos sentimentos, aos apetites.

A vontade é, pelos filósofos, «considerada uma faculdade inata do homem» e colocada no primeiro plano das faculdades humanas, porque «só o homem de vontade é perfeitamente livre, senhor dos seus juizos e das suas acções, encaminha os sentimentos, os pensamentos, a própria imaginação e tudo submete, em seu fôro íntimo, à autoridade da razão.

No homem, «é pelo concurso simultâneo de todos os nossos sentidos que a faculdade da palavra se manifesta. A linguagem falada foi o primeiro elemento que serviu para constituir as sociedades humanas e a linguagem escrita criou a ciência primitiva e a história».

A língua da humanidade primitiva é um problema de difícil resolução. As línguas alteram-se e modificam-se muito depressa, mesmo que os povos se consesrvem estacionários.

A expressão da inteligência no homem é a linguagem. Esta faculdade só o homem a possui, o que mostra que a inteligência está nele infinitamente mais desenvolvida que nos animais.

A inteligência humana tem um atributo que lhe é peculiar — a faculdade de abstracção, que permite reunir, numa síntese superior, os dados compreendidos pelo nosso espírito e tirar-lhes as consequências gerais.

A faculdade de abstracção anda ligada à moralidade. O carácter moral é um atributo e pode dizer-se que é por este atributo que a inteligência humana se diferencia da dos animais, pois que este carácter é ùnicamente peculiar ao espírito humano.

A noção abstracta do bem moral e do mal moral pode variar de povo para povo, mas a noção abstrata do bem e do mal existe sempre.

O sentimento de honra reveste variadas formas no homem selvagem e no homem civilizado, mas esse sentimento nunca deixou de existir no coração humano. Um outro carácter dependente da faculdade de abstracção, é o sentimento religioso, a noção da divindade. Este sentimento está indissolùvelmente ligado à inteligência humana. Sem querer fazer da religiosidade um atributo fundamental da humanidade, pode dizer-se que todos os homens são religiosos, que reconhecem e adoram um Criador, um Deus Supremo.

(Extraído por J. A. Costa de «As Raças Humanas», de Luiz Figuier).

Psicometria e Neuroses

Na tratamento dos casos patológicos mentais cuja causa não pode ser atribuida a alterações do sistema nervoso, isto é, das psicopatias em que a causa não é orgânica ou tóxico-infecciosa, continua a utilizar-se o método psicanalítico de Freud, puro ou combinado com magnetismo e hipnotismo, visando um aprofundamento no subconsciente do doente para encontrar a origem da neurose. Contudo, este método não se tem revelado absolutamente produtivo (v. por ex.º «Psicanálise» de J. Seabra Denis). O médico inglês R. Connel experimentou então servir-se da psicometria, para aquele fim, utilizando a médium sensitiva Geraldine Cummins. Na obra «Perceptive Healing», recentemente publicada, descreve aquele médico 14 casos em que o resultado foi concludente. Geraldine Cummins determina psiquicamente certas doenças relativas aos doentes (amnesias, medo dos espaços, melancolia, doçura da vontade, etc). Para que o método possa ser mais largamente aplicado, o Dr. Connel considera necessário encontrar percipientes e depois desenvolve-los e treiná-los, inteligente e directamente, para este fim.

À Margem dos Livros

por Ramos Pereira

CARTA A JOÃO M. FERREIRA

Teve V. a gentileza de me oferecer algumas das suas obras, depois das minhas despretenciosas anotações aos seus «Poemas da Natureza». Note, Amigo, que não me considero um «crítico literário» e isso porque admiro aqueles que, como Gaspar Simões, Régio ou Casais Monteiro o são, de facto. Sou, quanto muito, um leitor que ganhou o hábito (não sei se bom se mau...) de rabiscar notas nas «margens dos livros». Nestas colunas mais não faço que transcrever essas notas, simples reflexo pessoal da leitura cumprida.

Em «Versos de meu Ocaso», admirei de novo o lirismo singelo que me parece ser a sua caracteristica poética. O seu objectivismo da natureza é coado por uma sensibilidade focada para um lado, aquele em que encontra um pouco ou muito de si mesmo. A sua poesia é leve nas galas arrendadas de uma forma clássica. João de Deus não terá tido sobre V. alguma influência? Que pena ter incluido nesta obra aquelas «Cartas», aquelas «Homenagens», aquelas poesias a Crisóstomo Cruz! Não porque sejam imperfeitas, mas porque quebram a tonalidade do conjunto. Os reflexos mundanos empanam os cambiantes claros do bucolismo. Para mim, a obra poética deverá constituir um linha, poligonal ou não, mas linha e não segmentos separados.

«Lendas Cristã» respiram a crença ingénua da alma popular. Lendo-as, julguei-me de novo criança ouvindo os contos duma velha criada, à lareira, nas longas noites de invernia. «Contando»... soube ser poeta ainda.

«Para os Pequeninos» rescende de ternura, do mesmo debruçar sobre os seres e as coisas tocadas pela simplicidade. É um album da graça infantil ainda não manchada pela lama fétida da vida.

«Cantigas» é, para mim, um dos seus melhores livros. O sentimento popular canta em si, como nunca. Não sei se é o Povo ou o Poeta quem fica devedor nesta obra, nesta filigrana doirada. A ironia velada, as queixas de amor, os remoques, a saudade, os beijos consentidos por desejados, esvoaçam em quadras que nos deixam um sorriso. Neste livro, passeia de mãos dadas com Augusto Gil. Se a poesia do autor do «Luar de Janeiro» é mais pensada, a sua é mais reconhecível no colorido berrante de uma romaria nortenha ou no luar sonhador de uma noite coimbrã.

Se bem interpreto, há em si a convergência de três linhas de influências: — uma que vem da suavidade delicada de João de Deus, outra que mergulha no sentir singelo do povo da nossa terra e a terceira que resulta de uma contemplação especial da Natureza — convergência branqueada ainda pela sua Fé que escorre como um regato em leito remansoso, entre tufos de verdura fresca. Da natureza, é a montanha que me parece exercer maior atracção (Foram em parte os «Sonetos da Serra do Gerez» que levaram a esta conclusão).

Eis o que se me oferece dizer da sua poesia no acanhado espaço destas colunas. Da prosa, falarei noutro momento.

Creia na admiração e estima de

RAMOS PEREIRA

Iluminação (versos), por Leopoldo Machado. 149 págs.

Estes versos são salmos cantados pelo Autor na sua alegria de crente espirita, no amor da alma votada às lições do Evangelho. Clássico pela forma, o verso escoou com uma naturalidade simples digna de reparo.

Neste livro, Leopoldo Machado abre o seu sentimento em cânticos que são reflexos directos da moralidade evangélica e de um misticismo sem arroubos de transcendência metafísica. Destacamos os poemas: — «Amor de Poeta», «As Duas Caveiras» e «Romance da Primeira Lágrima» — sem que com isto pretendamos menosprezar as outras composições.

Leopoldo Machado é «lírico e espiritual», como definiu Silvio Bocanera Jor.

Nicholas Roerich. Análise dum Génio — por *Raul de Sepúlveda Fontes*. Imprensa Nacional. Nova Goa. 1946. 114 págs.

Toma-se contacto nesta obra com a figura apaixonante do genial artista e pensador que é Nicholas Roerich. O autor dá-nos uma preciosa «síntese» para quem deseje profundar a teoria do místico-poeta que é Roerich. Pena foi que Sepúlveda Fontes se não abalançasse à análise exaustiva da personalidade do seu Guru. Consegue porém interessar-nos nas poucas páginas do seu livro focando os aspectos mais notáveis do génio de Roerich, o filósofo que «proclama, no campo espiritual, a unidade cósmica e o

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

PROVAS IRREFUTÁVEIS

A revista *Psiquis,* de Cuba, publicou um relato de L. Guerrero, intitulado «Provas Irrefutáveis da Comunicação Espirita» e que vamos resumir para estas colunas, visto nos parecer de grande interesse fenoménico.

Depois de ler o livro de Bradley, «Rumo às Estrelas», em que se referem as assombrosas experiências de voz directa com o saudoso médium Valiantine, nos Estados Unidos e na Inglaterra, o articulista e sua esposa perguntaram a seus guias espirituais se algum dos dois possuia faculdades que permitissem o fenómeno da *voz directa.* Resposta afirmativa e ei-los a praticar uma hora por noite, dispostos a esperar o tempo que necessitasse o respectivo desenvolvimento.

Para amenizar as experiências e ir conhecendo a marcha dos trabalhos, logo que terminava a hora dedicavam-se a ensaios de tiptologia (comunicações por meio de pancadas) e conseguiram assim obter respostas interessantes e indicações valiosas ao seu desenvolvimento mediúnico.

---

panteísmo à Spinoza; no campo artístico, a salvação da humanidade pela Beleza e Cultura e no campo sociológico o levantamento social, moral e espiritual, a fim de se atingir a meta por ele desejada: — a Fraternidade Universal». Reorich-artista é o poeta da natureza, tocado pela força do seu misticismo. A reprodução de alguns dos seus quadros — destacamos «Tibet» — deixa-nos a impressão de um toque com um ser superiormente espiritualizado, que sente, que se infunde na Alma Cósmica, vibrando na sinfonia de cores que é a sua forma externa.

Como poeta, Roerich salta as barreiras da métrica clássica. No dizer de Sepúlveda Fontes, a «ritmia dos seus versos é só comparável à ritmia das cores das suas telas». De facto, os poemas transcritos deixam-nos a mesma sensação das telas reproduzidas. Palpita uma unidade espiritual virada para o Belo, para a transcendência do criado transmitida pela essência apenas entrevista do Criador.

Gostariamos de ir mais longe no nosso contacto com o pensar-sentir de Roerich, mergulhar mais fundo, mas Sepúlveda Fontes pretendeu apenas dar-nos uma «síntese» do Génio a quem se liga como discípulo. Porque chamou «análise» à sua obra?

Uma noite L. Guerrero perguntou aos espíritos se podiam dar na mesa as pancadas correspondentes ao número em que ele pensava. Responderam que sim. Pensou no número 5 e a mesa deu cinco pancadas. A mulher do articulista fez a mesma experiência com resultado satisfatório. Como qualquer pessoa poderia atribuir o caso à telepatia ou ao subconsciente, na noite seguinte preparou certo número de papelinhos de tamanho igual, nos quais escreveu a tinta diferentes números, e enrolou-os, de forma que ninguém pudesse saber o número que estava escrito em cada um. Acto contínuo, baralhou-os muito bem numa caixinha de cartão e perguntou às entidades invisiveis se tomando um deles ao acaso, poderiam dizer, por meio de pancadas na mesa, o número correspondente. A resposta foi também afirmativa.

Estas experiências eram feitas às escuras, para facilitar a produção dos fenómenos psíquicos.

Depois de misturar bem os papelitos enrolados dentro da caixa, o sr. L. Guerrero pegou num e perguntou aos espíritos que número estava nele escrito a tinta. Deram três pancadas na mesa e ele desenrolou o papel, sempre às escuras, e com o lápis que tinha na mão marcou um 3, assim prosseguindo, até acabarem os papelinhos. A seguir, muito interessados, estabeleceram a luz e viram que *todos* os números a tinta correspondiam aos números a lápis, feitos durante a experiência. Quer dizer: os espíritos tinham podido ver os números escritos em cada papel, a pesar de se estar em plena escuridão e com os papeis enrolados.

Telepatia? Subconsciente? — diz o articulista — Impossivel! Nem eu nem minha mulher podiamos saber que número continham os papeis que íamos tirando, e muito menos às escuras!

Era forçoso admitir a presença dalguma entidade *inteligente,* que sabia ler os números e traduzir a leitura em pancadas, capaz de ler às escuras através da matéria, isto é, dos papeis, que estavam enrolados. A *única* hipótese admissivel era, pois, a intervenção de um espírito.

Alguns dias mais tarde, o articulista encontrou o Dr. Enrique Santos, médico conhecido em Camagüey, e o sr. Gustavo Vargas, ambos dedicados investigadores psíquicos. Comunicou-lhes o caso e combinaram nova experiência.

O Dr. Santos trouxe os papelinhos já preparados, solicitando que lhos deixassem guardar e baralhar dentro do seu próprio chapéu e que fosse ele

quem os tirasse um a um, fizesse as perguntas e escrevesse as respostas, ao que todos acederam.

As reuniões eram num ângulo da sala de jantar, muito afastadas da mesa e dos restantes móveis, que haviam sido expressamente separados.

Eis como o articulista narra o fenómeno:

«Apagámos a luz e começámos a experiência. Desta vez, certamente em honra dos visitantes, quiseram dar maior valor à prova. Ante o assombro dos quatro, que nos achávamos em torno da mesita, ao canto da sala de jantar, as pancadas soavam primeiramente na mesita que utilizávamos; a seguir, no teto da sala (muito alto, para que pudesse ser alcançado por qualquer de nós); e depois, com ressonância própria do cristal de bacará, a grande distância de nós, para o lado do aparador, como se os espíritos batessem nas jarras ou nos copos que lá se encontravam. E de igual modo responderam a todos os papeis.

«Ao estabelecer a luz, com verdadeira emoção pudemos comprovar que os números escritos toscamente a lápis, na escuridão, pelo Dr. Santos, em cada papel, coincidiam com os que lá estavam escritos a trinta. Além de ser contundente, a prova resultara tripla; primeiro, por pancadas na mesita; depois, no teto; e, finalmente, nos cristais do aparador. Devo insistir que tanto o Dr. Santos e o sr. Vargas, como eu e minha mulher, estávamos agrupados em torno da mesita, a um canto da sala e a grande distância do teto e do aparador.

«Dominados pela emoção, o Dr. Enrique Santos e o sr. Gustavo Vargas quiseram lavrar uma acta, que subscreveram, nela exarando o que deixo exposto.

«O Dr. Enrique Santos faleceu há pouco em Camagüey e o sr. Gustavo Vargas continua entre nós e pode confirmar estes factos. Além disso, estou disposto a facilitar os meios de comprovação aos que desejem presenciar, por si mesmos, tão irrefutável prova.

«Eu e minha mulher chegámos a obter fenómenos de voz directa em várias ocasiões; mas tivemos de suspender as experiências por causas alheias à nossa vontade».

É interessante, sob todos os aspectos, o fenómeno que arquivamos, o qual não carece de esclarecimento ou comentário.

O CONGRESSO ESPIRITA FRANCÊS DE 1946

O Congresso Espirita Francês de 1946, realizado em Paris de 21 a 22 de Setembro, constituiu verdadeiro êxito. A pesar das dificuldades dos transportes, as associações provinciais enviaram delegados em grande número. Todos os presidentes dos centros que não puderam comparecer, pediram desculpa do facto e declararam sua concordância com os organizadores do Congresso, cujo secretariado geral era dirigido por Mr. Gonzalés.

Durante o congresso realizaram-se duas manifestações públicas; a primeira foi uma exposição de pintura na Sala Alexandre Lefranc com trabalhos dos médiuns pintores Joseph Crépin, Augustin Lesage e Victor Simon, bem como desenhos mediúnicos executados por M. Miguel. O pintor espiritualista Géo Capgras e o escultor Schweitzer, também espiritualista, enviaram obras notabilissimas. Os visitantes admiraram os retratos de Allan Kardec, de Léon Lenis e Gabriel Delanne, subscritos por Théo Dubé e Géo Capgras. Pelo retrato do presidente da república francesa, Sadi Carnot, feito por M. Frolich, todos ficaram sabendo que este grande homem de Estado era espirita.

A segunda manifestação foi um serão realizado na Sala de Geografia. Antes da hora marcada, já a sala estava cheia, pelo que numerosissimas pessoas foram obrigadas a abandonar o *boulevard* Saint Germain.

Notável foi a conferência de André Dumas, secretário geral da U. S. F. e tesoureiro da Federação Espirita Internacional que, em termos claros, precisos e compreensíveis, mostrou até que ponto a energia atómica explica os fenómenos espiritas. A palestra de André Richard, vice-presidente da *U. S. F.* e da *Federação Espiritualista do Norte,* acerca da ideia social do Espiritismo, foi igualmente interessante.

George Gonzalés, secretário geral da U. S. F., e Henri Regnault, vice-presidente e redactor-correspondente de *Estudos Psíquicos* em Paris, realizaram interessantes experiências públicas para demonstrar a realidade da existência do fluido humano.

A imprensa foi admitida na sessão plenária do dia 22 de Setembro.

Na ausência de Mr. Lemoine, presidente da *U. S. F.,* que se encontra doente na província, presidiu ao Congresso Henri Regnault.

Os numerosos relatórios haviam sido agrupados em quatro secções: filosofia, ciência, propaganda e prática do Espiritismo.

Durante o Congresso foram adoptadas muitas decisões, a que nos referiremos no próximo número, quando aludirmos aos relatórios ali apresentados. Por hoje, diremos que o Congresso adoptou o texto da *Carta Espiritual da Humanidade* estabelecida em Agosto último pelo Congresso Espiritualista Mundial.

Os próximos Congressos espiritas franceses realizar-se-ão anualmente, uma vez na província e outra em Paris. O Congresso de 1947 funcionará em Lile e será organizado pela *Federação Espiritualista do Norte.*

Notas & Comentários

A SITUAÇÃO DE «ESTUDOS PSÍQUICOS»

Continua periclitante a situação desta revista em face do aumento de preço dos trabalhos tipográficos. Reduzimos o número de páginas (de 32 para 24) e mesmo assim as despesas aumentaram, como tivemos ocasião de expor no número de Setembro. Deixámos a questão entregue aos leitores, a fim de que surgissem ideias e alvitres práticos que nos dessem rumo novo e tirassem do labirinto financeiro em que caíramos, e, àparte algumas excepções, nada veio que iluminasse as trevas que nos cercam.

Quase poderíamos dizer que *Estudos Psíquicos* tem vivido, mercê da dedicação de alguns amigos, que sempre lhe trouxeram o seu auxílio nas horas difíceis; quanto aos outros, nunca pagaram o valor da revista, cujo preço se manteve durante muito tempo, em virtude dos donativos que registámos nas suas páginas. Quando os colossos da imprensa, os harpagões do anúncio pranteiam sua desgraça, depois de erguerem palácios em holocausto à publicidade mais do que rendosa, que há-de fazer uma pobre revista sem receitas próprias, subordinada aos caprichos da indústria gráfica, que está na mão dos grandes jornais e doutros magnates semelhantes? Mais uma vez reconhecemos que em Portugal há pouca mentalidade espírita. O que mais há é utilitarismo, amor-próprio, egoísmo individual. Dizem-se espíritas muitos indivíduos, se algo necessitam para si ou para os seus e tudo esperam obter do Espiritismo. Mas quando as apreensões passaram e a vida reentrou no ramerrão cotidiano, esquecem o que devem à Doutrina e aos seus vulgarizadores, aos seus apóstolos desinteressados, e vão aumentar, com sua presença, a falange materialista. A maior parte deles compram os jornais profanos para ler os títulos ou pouco mais, soliloquiando baixinho, como resposta aos apelos da consciência julgadora:

— Para outra vez será. Na próxima reencarnação serei espírita de verdade. Hoje, quero gozar a vida...

E assim caminha a humanidade, cega e surda aos exemplos e às vozes que a incitam a modificar-se, a regenerar-se.

Que havemos de fazer, então? Aumentar o preço, que outro recurso não há nesta emergência. Seguiremos o conselho de um amigo prático que nos aconselhou a fazê-lo há cerca de um ano.

O preço da assinatura que passa a vigorar é este: **Em Portugal e Ilhas Adjacentes: Semestre, 25$00; Ano, 50$00; Colónias: Ano, 60$00; Brasil: Ano, 50 Cruzeiros.**

Claro, que acresce a despesa de cobrança, como tem sucedido até aqui. E procuraremos voltar às 32 páginas em Janeiro de 1947. Se, mesmo assim, nos for impossível a manutenção da revista, abandonaremos a trincheira e iremos tratar da vida e da família que, devido às nossas canseiras e esforços inglórios, têm sofrido muito e necessitam de retemperar-se.

E assim terminará uma experiência de propaganda espírita, por falta de ambiente e de adeptos que estejam dispostos ao sacrifício.

CORONEL DELFINO FERREIRA

A *Sociedade Brasileira de Filosofia,* do Rio de Janeiro, aceitou há pouco no seu quadro o nosso confrade e amigo Coronel Delfino Ferreira, crítico e exegeta notável que acaba de presidir em Buenos Aires ao Congresso Espírita Pan-americano, a que assistiram delegados de muitas dezenas de agremiações. Congratulamo-nos com a distinção merecida, porquanto o homenageado é trabalhador porfioso e culto, a quem o Espiritismo muito deve. Além de mais, é professor da *Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos,* que tão belos serviços tem prestado.

Como já tivemos ocasião de dizer, a Sociedade Brasileira de Filosofia não faz questão de religiões ou escolas filosóficas. Apenas lhe interessa o valor dos indivíduos.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

Segundo notícias do Rio de Janeiro, o grande paladino Manuel Quintão deixou a vice-presidência da Federação Espírita Brasileira, cargo que há muitos anos exercia, e foi substituído pelo Dr. Sílvio de Brito Soares, director do Abrigo Tereza de Jesus, jovem cheio de entusiasmo e vitalidade, servido por bela cultura filosófica e conhecimento da Doutrina. Ao Conselho Deliberativo daquela Federação se deve a brusca mudança no quadro directivo. Qual a origem da substituição? O ex-vice-presidente era apaixonado rustanguista e a última edição de «Os Quatro Evangelhos» motivou acesa polémica, de que saiu um livro notável, devido à pena do nosso confrade e amigo Dr. Henrique Andrade, director do *Mundo Espírita.* Quererá a Federação E. Brasileira enveredar por caminhos diferentes, dando lugar aos no-

Noticiário

REFERÊNCIAS

A Centelha, importante revista espirita de S. Paulo, insere a seguinte notícia, que muito nos honra e que agradecemos desvanecidamente:

«Conta-se inegavelmente entre as boas revistas internacionais de difusão de estudos psíquicos e neo-espiritualismo experimental *Estudos Psíquicos*, de Lisboa, inteligentemente dirigida pelos dignos confrades sr. Isidoro Duarte Santos e D. Maria G. Duarte Santos.

«*Estudos Psíquicos* enfeixa 32 páginas, mensalmente, variada matéria, seleccionada criteriosamente, assinada por nomes de projecção mundial. Ao par de um noticiário eclético, estampa também gravuras de vultos dos trabalhadores da Seara, constituindo a sua leitura útil fonte de informações e conhecimentos espirituais, cuja leitura, sem dúvida, muito agradaria aos devotados da Doutrina».

O NÚCLEO DE ACÇÃO E PROPAGANDA ESTUDOS PSÍQUICOS EM MATOZINHOS

No passado dia 25 de Outubro deslocou-se a Matozinhos o nosso companheiro de redacção Ramos Pereira, a fim de realizar uma conferência no Centro Espirita Luz e Verdade, a qual intitulou «Panorâmica do Espiritismo Moderno». Por notícias que recebemos do Presidente da Direcção daquele Centro, soubemos que o trabalho de Ramos Pereira agradou em absoluto. O Núcleo de Acção e Propaganda Estudos Psíquicos foi cumulado de atenções. Na pessoa do seu representante recebeu palavras de incitamento e adesão que levarão o Núcleo a prosseguir corajosamente na árdua tarefa de propagar a verdade espirita.

Antes da conferência, foram distribuidos pela numerosa assistência muitos exemplares de *Estudos Psíquicos* e do folhetto «Os Mortos Vivem!».

De tal forma foi ali acarinhado o Núcleo e o seu distinto representante, que esperamos continuar a materializar em actos a ideia norteadora do Núcleo, que em 8 de Outubro já lá fôra representado pelo nosso colaborador Faure da Rosa, quando realizou a sua conferência «A Morte, essa Desconhecida».

AUXILIO AOS NECESSITADOS

Continua aberta a subscrição destinada a socorrer os necessitados. Até hoje, foram recebidos os seguintes donativos, que agradecemos:

Transporte do último número — 400$00; Rosa das Dores, 5$00; Anónima, 5$00; M. A. Pinto, 10$00; Marques Reis, 10$00; Maria C. Silva, 10$00; Eduardo Manuel Cortes, 5$00; Celestino Monteiro, 5$00; Dionísio, 5$00; A. B. C., 20$00; Ana J. Cardoso, 2$50; Maria Rosa Gomes Gil, 7$50; Maria do Carmo Gomes Gil, 8$00 Maria de Jesus, 10$00; J. P. P., 10$00; A. Costa, 25$00; Palmira Couceiro Banza, 25$00; Gonçalves, 5$00; Cesaldina Emília Gonçalves, 5$00· António Pinto Bathé, 5$0$; Vitória de Jesus Santos, 5$00; Beatriz Semedo Abrantes, 10$00; Maria de Jesus Mendes Figueiredo, 20$00; Ana oJaquina Cardoso Machado, 10$00; Ana Rosa Godinho, 20$00· António ,José Martins, 20$00; Raul de Carvalho 20$00; Eurico Alberto C. Fernandes Guimarães, 50$00; Anónimo de Lisboa, 30$00; Matias Nobre, 20$00; Fernando Dias Soares Gomes, 20$00; Joaquim Almeida Carvalho Júnior, 50$00.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

O coronel Faure da Rosa e Ramos Pereira realizaram no Centro três interessantes conferências. O primeiro realizou duas: «A Morte, essa Desconhecida» e «Sugestão Mental e Telepatia»; e o segundo, «O Cristo no Evangelho de João». Todos estes trabalhos agradaram e concitaram a atenção de numerosos assistentes.

SESSÃO MEDIÚNICA

No passado mês de Outubro realizou-s no Centro uma sessão mediúnica especial dedicada ao nosso confrade João Amado Venâncio, residente em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, com o auxílio de D. Maria de Jesus Mendes Figueiredo. Os trabalhos decorreram com grande elevação espiritual. O homenageado falou com grande entusiasmo acerca da propaganda que é necessário fazer em toda a parte e mostrando o que se tem realizado no Brasil. Apontou alguns exemplos dignos de imitação e terminou fazendo votos por mais estreita união entre espiritas portugueses e brasileiros.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO NOS MESES DE DEZEMBRO E JANEIRO

Dia 8 de Dezembro, às 16 horas — Sessão experimental com a médium D. Maria de Jesus Mendes de Figueiredo.

Dia 15 de Dezembro, às 16 horas — Conferência pela Dr.ª Raquilde Pires, intitulada «Como ensinar religião às crianças?».

Dia 22 de Dezembro, às 16 horas — Sessão experimental com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 29 de Dezembro, às 16 horas — Conferência por Ramos Pereira, intitulada «O Espiritismo e a Vida».

Dia 5 de Janeiro, às 16 horas — Sessão experimental com a médium D. Maria de Jesus Mendes de Figueiredo.

Dia 12 de Janeiro, às 16 horas — Conferência pelo coronel Faure da Rosa.

---

vos? Duma forma ou doutra, não podemos esquecer os altos serviços que M. Quintão prestou à Casa de Ismael, como escritor, conferente e médium receitista. Embora o espírito moço seja útil à renovação e fortalecimento das colectividades, não é de bom aviso desprezar o conselho dos velhos... Uns e outros são necessários.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
Mensageiros (Os) ditado pelo *Espírito de André Luis*	18$00	26$00
Missionários da Luz, recomendável às pessoas cultas, devido aos ensinamentos que encerra, pelo *Espírito de André Luis*, (nova edição)	25$00	33$00
Nosso (O) Lar, ditado pelo *mesmo Espírito*	18$00	26$00
Novas Mensagens de Humberto de Campos	10$00	
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por espíritos de poetas luso-brasileiros), nova edição melhorada	30$00	40$00
Paulo e Estêvão (livro famoso considerado pelos eruditos como a mais completa biografia de S. Paulo) (nova edição)	28$00	36$00
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	24$00	32$00
Reportagens de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	14$00	

OBRAS DIVERSAS

Amor Imortal, romance espirita, pelo *Dr. J. A. Nogueira*	18$00	26$00
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo* Gibier	12$00	19$00
Arcanos da Natureza, por *Alexandre Dias*		8$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	13$0	21$00
A Casa Assombrada, por *Maria Veleda*	10$00	
Caso (O) Humberto de Campos	28$00	37$00
Chanceler (O) de Ferro, romance mediúnico ditado pelo Espírito do *Conde Rochester*	20$00	29$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		25$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta*	20$00	28$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista, (três romances num só), por *António Lima*	30$00	40$00
De Jesus para as crianças, comunicações do *Espírito de Bittencourt Sampaio*	10$00	18$00
De Icléa para as crianças, formosas comunicações destinadas à formação moral dos nossos filhos, livro único no género	18$00	
Do Calvário ao Apocalipse, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	22$00	30$00
Do Calvário ao Infinito, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Victor Hugo*	20$00	30$00
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Victor Hugo*	30$00	40$00
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	7$00	

	br.	enc.
... E as vozes falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	20$00	
Eça de Queiroz Póstumo	18$00	26$00
Ensinos Espiritualistas (Descrições do além), por *W. S. Moses*	16$00	24$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Bourdin*	14$00	22$00
Expiação, por *Areolino Gorjão*	14$00	22$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	20$00	29$00
Espiritismo (O) Contemporâneo, pelo *Dr. Martins Velho*	12$00	
Factos Espiritas, por *William Crookes*	10$00	18$00
Fenómenos de Materialização, por *M. Quintão*	10$00	18$00
Funerais da Santa Sé *(Poesias ditadas pelo Espírito de Guerra Junqueiro)*	18$00	26$00
Grandes e Pequenos Problemas (aplicações do Espiritismo aos problemas da vida), por *Angel Aguarod*	16$00	24$00
Granja (A) do Silêncio, romance empolgante, por *Paul Bodier*	14$00	22$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	20$00	30$00
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	18$00	26$00
Magnetismo Curador, por *Alfonse Bué*	12$00	20$00
Marieta (páginas de duas existências), romance medúnico, recebido por *Daniel Artazú*	20$00	28$00
Martirio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	10$00	
Mediunidade (A) e a Lei, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	20$00	
Memórias do Padre Germano	20$00	28$0C
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	17$00	25$00
Milagres (Os) de Jesus, sua interpretação espirita	3$50	
Na Sombra e na Luz, romance mediúnico ditado pelo Espírito de *Victor Hugo*	20$00	28$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	20$00	28$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	16$00	24$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho, por *João Evangelista*	12$00	20$00
País da Luz (Do), por *Fernando de Lacerda* (2 vol.)		50$00
Pela Vitória do Espirito, *pelo Dr. Fred Wachsmann*	35$00	

(Continua na 4.ª pág. de capa)

	br.	enc.
Poder Mental, pelo *Dr. A. Lobo Vilela*	10$00	
Problema (O) da Sobrevivência, pelo *Dr. A. Lobo Vilela*	10$00	
Protestantismo (O) e o Espiritismo, por *Benedito A. da Fonseca*	14$00	22$00
Os Quatro Evangelhos, de *J. B. Roustaing*, 4 volumes		130$00
Redenção, romance medúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	20$00	29$00
Revelação dos Papas, grosso volume de grande formato, de mais de 600 páginas	40$00	
Revelações de Além-Túmulo, pelo *Dr. Antão de Vasconcelos*	20$00	29$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	18$00	26$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	18$00	27$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	16$00	24$00
Sobrevivência e Comunicação dos Espiritos, por *Osvaldo Melo*		24$00
Sonâmbula (A), romance espirita, por *António Lima*		26$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	12$00	20$00
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chiodo*	10$00	17$00
Vingança (A) do Judeu, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	20$00	29$00
Vozes do Além, pela médium Ernestina	10$00	

Nêstes preços não está incluido o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e Ilhas Adjacentes. Para as colónias, só contra pagamento adiantado, devendo os requisitantes, enviar mais 15 % para porte, registo e embalagem, quando o valor da encomenda for menor de 30$00, e 10 % nos outros casos.

A SAIR EM DEZEMBRO

"NOS UMBRAIS DO ALÉM"

pelo professor Sir WILLIAM BARRETT

em tradução de ISIDORO DUARTE SANTOS

Aparecerá no mês de Dezembro esta obra notabilíssima devida à pena dum grande professor de física da Universidade de Dublin, que fundou e dirigiu a Sociedade Inglêsa de Investigações Psíquicas.

As suas 300 páginas revelam o sábio e o crítico exigente em face dos fenómenos espíritas, cuja análise tentou com extraordinária agudeza, dissecando-os até aos mais insignificantes pormenores.

Poucas vezes temos visto escritores tão rigorosos na apreciação dos factos.

É o segundo livro de ESTUDOS PSÍQUICOS EDITORA

que procura servir a Causa lançando obras fundamentais que o público há-de ler com satisfação e proveito.

LEITOR AMIGO:

Escuta, por um momento. ¿Já pensaste alguma vez no mistério da vida, no porquê da tua existência terrestre e no que te espera ao abandonar o mundo físico? ¿Já pensaste?... ¿E não te sentiste atraído para a meditação cotidiana, para a decifração de tão grande enigma?

De-certo que já pensaste e meditaste e concluiste pela necessidade de aprofundar o assunto. Tens, agora, belo ensejo. Acompanha «*Estudos Psíquicos*» na sua acção, torna-te seu amigo e colaborador, porque há muita maneira de auxiliar as obras úteis. Tudo que fizeres, redundará em teu próprio benefício

« V I S A D O P E L A C O M I S S Ã O D E C E N S U R A »

7.º ANO DEZEMBRO DE 1946 N.º 12

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

CONTÉM: Unificação, **da redacção;** Bret, Freud & C.ª, **pelo Coronel Faure da Rosa;** A Mensagem da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro; Amigos que partem — Dr. Artur Dias Pratas; Paz Espiritual, **por Natálio Ceccarini,** director de «La Idea», de Buenos Aires; Filosofia Neo-espiritualista, **por Ramos Pereira;** O Núcleo de Acção e Propaganda em Matozinhos; Meditações de Dezembro; A Missão de Jesus, XII, **por Fernando da Cruz Ferreira;** A situação de *Estudos Psíquicos:* um alvitre de grande alcance; As Estranhas Faculdades de Daniel Dunglas Home, **por Henri Regnault,** redactor de *Estudos Psíquicos* em Paris; Amigos de *Estudos Psíquicos;* Shambhala, **por Raul de Sepúlveda Fontes,** redactor de *Estudos Psíquicos* na Índia Portuguesa; O Primeiro Congresso Espirita Pan-americano; À Margem dos Livros, **por Ramos Pereira;** Crónica Estrangeira, **por Isidoro Duarte Santos;** Notas & Comentários; Noticiário.

DR. ANTÓNIO DIAS PRATAS

(ver pág. 334)

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL — ÓRGÃO OFICIAL DO CENTRO ESPIRITUALISTA LUZ E AMOR

Rua do Salitre, 149, 1.º — LISBOA

Propriedade de ISIDORO DUARTE SANTOS, a quem deve ser dirigida toda a correspondência

REDACTORES—CORRESPONDENTES:

No **Rio de Janeiro**	*Deolindo Amorim*
Em **Uberaba**	*Dr. Inácio Ferreira*
Em **Buenos Aires**	*Dr. Luís M. di Cristóforo*
Em **Paris**	*Dr. Henry Regnault*
Na **Índia**	*Raúl Sepúlveda Fontes*

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicado

ASSINATURAS

Continente — cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança	25$00
Brasil	(12 números 50 cruzeiros)
Colónias	(12 números) 60$00
Número avulso	4$50
» atrasado	5$00

Distribuição gratuita aos sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
O Principiante Espirita	7$00	
O que é o Espiritismo	8$00	
O Livro dos Médiuns	18$00	26$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	18$00	26$00
Obras Póstumas	18$00	
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	5$00	
O Porquê da Vida (nova edição)	18$00	
Depois da Morte (nova edição)	25$00	
O Grande Enigma	12$00	20$00
O Problema do Ser e do Destino	20$00	28$00
Cristianismo e Espiritismo	20$00	28$00
Joana d'Arc Médium	20$00	28$00
GABRIEL DELANNE		
A Evolução Anímica	20$00	28$00
A Alma é imortal	20$00	28$00
A Reencarnação	20$00	28$00
O Espiritismo Perante a Ciência	20$00	28$00
ENESTO BOZZANO		
Animismo ou Espiritismo?	20$00	28$00
Metapsíquica Humana	15$00	
Pensamento e Vontade	10$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Narrações do Infinito	10$00	
O Fim do Mundo	18$00	26$00
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos	24$00	33$00
Stella (romance astronómico)	18$00	26$00
Sonhos Estelares	16$00	24$00
Urânia	16$00	24$00
FRANCISCO C. XAVIER (Médium)		
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	12$00	19$00
A Caminho da Luz (História da civilização), pelo *Espírito de Emmanuel*	10$00	
O Consolador, resposta a 411 perguntas sobre os conhecimentos humanos, pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	12$00	20$00
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	12$00	20$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espirito de *Emmanuel*	12$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	20$00	28$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	20$00	28$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do Irmão X*	20$00	
Lira Imortal, comunicações em verso	8$00	

(Continua na 3.ª pág. de capa)

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

7.º ANO — LISBOA, DEZEMBRO DE 1946 — N.º 12

Director e Editor	Redacção e Administração	Administrador
Isidoro Duarte Santos	**Rua do Salitre, 149, 1.º**	**Maria G. Duarte Santos**

● Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 25295 — LISBOA ●

UNIFICAÇÃO

Segundo depreendemos da leitura de certos jornais brasileiros, a Federação Espirita Brasileira e a Liga Espirita do Brasil teriam alimentado ideias de unificação, a ponto de formar corpo homogéneo, para mais fàcilmente, julgamos nós, enfrentarem a onda clerical que ameaça fazer estragos no Espiritismo. A isto se referiu também *Mundo Espirita,* em artigo de seu culto director. E fê-lo bem judiciosamente, apontando os prós e contras dessa falada unificação.

Como se sabe, a Liga Espirita do Brasil resultou de certas divergências motivadas pela orientação rustanguista da Federação E. Brasileira e, assim, aquela resolveu agir em benefício da obra de Allan Kardec, que lhe pareceu estava sendo relegada para segundo plano. Neste sentido e representando grande corrente de opinião, a Liga tem realizado obra de projecção moral e social que muito a dignifica. É uma força distinta e positiva, a quem está entregue uma vastíssima trincheira. O seu órgão de imprensa é a *Revista Espirita do Brasil,* dirigida proficientemente por Deolindo Amorim, nosso redactor-correspondente no Rio de Janeiro.

Enfim, são duas correntes poderosas que, uma vez unidas sob a égide de Kardec, altíssimos serviços prestariam à Doutrina.

A nossa simpatia divide-se igualmente pelas duas agremiações, como temos demonstrado, sempre que se proporciona o ensejo. E neste momento rejubilamos com a ideia de que venham a fundir-se num sólido baluarte, sem frinchas nem pomos de discórdia, erguendo um estandarte que possa cobrir todos os espiritas brasileiros.

Embora a obra de Roustaing contenha belos ensinamentos, é pálida candeia ao pé do farol kardeciano. Nunca tomámos parte nas polémicas que originou a sua adopção nas sessões de estudo da Federação Espirita Brasileira. Achámos conveniente a sua publicação, é certo, como achamos conveniente a publicação de outras obras, mas lamentamos que a hipótese de corpo fluídico de Jesus provocasse discórdia e abrisse cisões no seio da família espirita.

Somos pela união de todos, porque só irmanados conseguiremos lançar raizes fortes e vigorosas na charneca que andamos a desbravar.

De resto, a unificação já está feita em vários Estados brasileiros, como S. Paulo, Pernambuco e Rio Grande do Sul. Se assim não fosse, isto é, se não houvesse meios de orientação geral, o Espiritismo sucumbiria, subordinado a milhares de capelinhas, cada uma com seu ritual.

A Federação Espirita Brasileira tem grandioso património que não deve enfraquecer. Cumpre-lhe realizar um plano de propaganda que abranja o Brasil inteiro; mas, para isso, é indispensável harmonizar seus pontos de vista com a Liga Espirita do Brasil. Amalgamando objectivos e reunindo num bloco as duas agremiações cheias de serviços à Causa, nas quais militam elementos da maior envergadura, poderiamos caminhar tranquilos e certos de poder encarar os maiores embates.

Há lobos no povoado e é preciso enfrentá-los. Só unidos bateremos o mato, só unidos limparemos a selva, só unidos construiremos a nova igreja do Cristo, que é verdadeira nascente de água viva! Por isso, a ideia de unificar, ou, antes, fundir as duas grandes correntes espiritas brasileiras sob o patrocínio de Kardec, deve encher de alegria todos os adeptos da Doutrina.

Temos a certeza de que belos e sazonados frutos resultariam da fusão e que o Espiritismo ficaria mais forte do que nunca.

Afastemos de nós o que pode enfraquecer-nos e busquemos motivos de fortalecimento moral e espiritual, porque só assim triunfaremos.

9/46

BRET, FREUD & C.ª

pelo Coronel Faure da Rosa

Os metapsiquistas, em geral, comprazem-se em escrever difícil. Grande número de vocábulos é arranjado com prefixos gregos; e o facto é que os leitores, estranhos à confraria, *vêem-se gregos* para os entender. «Silva esotérica para os raros apenas», como escreveu o poeta Eugénio de Castro, se bem lembro, no seu célebre livro de versos «Oaristos».

BRET

O Dr. Tomáz Bret — metapsiquista dos mais inacessíveis, tal é a profusão de vocábulos arrevesados de que se socorre para explicar o transcendental — diz que o indivíduo humano normal, seja qual for a sua idade, passa, diàriamente, em cada nictémero, isto é, em cada período de tempo que abrange 24 horas, por duas fases psico-fisiológicas distintas: o estado de vigília e o sono. Isto todos nós sabemos e todos nós podemos observar em nós mesmos.

Esta citação de nictémero não tem propósitos de amostra do arrevesado, conquanto já não seja mauzinho.

Igualmente sabemos que sob o ponto de vista fisiológico, a vigília normal é caracterizada pela actividade do eu consciente, que comanda o indivíduo, quer dizer, que comanda a personalidade, a memória normal e os aparelhos neuro-musculares por meio dos quais assegura a vida de relação. Numa palavra — acrescenta ele — a vigília é o estado de atenção e de síntese consciente... mas sòmente para os civilizados, porque para os *primitivos,* os tais que os chamados «civilizados» consideram «selvagens» — como ainda hoje apelidam os pretos — os caracteres da vigília são diferentes.

Acerca do sono, o Dr. Tomaz Bret dá esta definição: «O sono é um estado psico-fisiológico normal, caracterizado, sobretudo, por este fenómeno psicológico — a suspensão da vida de relação em todos os vertebrados aerícolas, geralmente durante a fase noturna do nictémero (o período das 24 horas): tal estado, o do sono, constitui um repouso reparador, repouso relativo para a vida vegetativa do indivíduo e repouso completo para a vida mental durante a maior parte do sono. Como se vê, para Bret, a dormir somos todos iguais: tanto faz ser «civilizado» como «primitivo», tanto vale ser branco como preto, amarelo ou pardo. Acordados é que não: a tal *civilização* opõe-se.

FREUD

Para Freud — o grande psicanalista — todo o sonho é a realização de um desejo. O que enormemente choca, é ver o papel preponderante, para não dizer único, que Freud atribui à sexualidade humana. Para ele, quase todos os sonhos de adultos são originados pela sexualidade e exprimem desejos eróticos. Isto é rebaixar a humanidade aos instintos mais animalescos; é tão grande o exagero de Freud que até os materialistas estão em desacordo. Assim, a inteligência só serviria para o requinte sexual.

«Mesmo os sonhos de uma ingenuidade patente, contêm desejos eróticos, grosseiros, — afirma Freud. Até os sonhos aparentemente indiferentes, aos quais nada se pode censurar, mostram, depois da análise, duma maneira inesperada, que encarnam tendências sexuais indubitáveis». Espantoso!

Para se ver a arte engenhosa que Freud emprega na interpretação dos sonhos, vou extratar dois dos numerosos casos por ele citados, eliminando, é claro, a escabrosidade dos termos, a crueza da linguagem excessivamente realista... Uma donzela sonha que o segundo filho da irmã acaba de morrer, e que ela está junto do caixão, exactamente como estivera alguns anos antes por ocasião do falecimento do filho primogénito da mesma irmã. Esse espectáculo não lhe causa o menor desgosto. E como esta donzela, da primeira vez, encontrara, junto do ataude do pequenito, o homem de quem gosta e que não tornara a ver, vá de atribuir a desejo de encontrar o bem-amado o sonho que tivera. Realmente, é preciso ter engenho...

Mas onde a fantasia sobe às maiores culminâncias, é no sonho que lhe foi contado por uma rapariga que ele apresenta como

normal, honesta e reservada. A rapariga estava noiva mas o casamento não se realizava por virtude de certos obstáculos que a faziam hesitar.

Eis o sonho e parte da interpretação *freudiana* que é possivel contar, sem chocar os ouvidos das leitoras:

— *I arrange the centre of a table with flowers for a birthday.* (Eu disponho o centro de mesa com flores para um aniversário natalício). Pois uma frase tão simples e corriqueira, tão ingénua e de tão honesta frescura, tem, para Freud, a seguinte interpretação: a mesa com as flores no meio, simboliza ela própria e o seu sexo de mulher; ela vê-se já no futuro, depois dos seus desejos realizados, visto que pensa já num filho *(birthday)*; portanto, deduz Freud, o casamento ter-se-ia efectuado há muito tempo. Note-se que na frase em questão, escrita em inglês, fala-se num aniversário natalício *(birthday)*, sem a mais leve indicação a quem quer que seja; entretanto, o psicanalista sexualista tem o condão de descobrir que é do próprio filho dela que se trata! É demasiada liberdade de imaginação! Além disto, em toda a frase não há uma única palavra que nos autorize a afirmar que a rapariga pensava num filho. Mas, continuemos, que o melhor ainda está para aparecer.

À minha pergunta sobre a espécie de flores, — escreve Freud — a rapariga respondeu primeiramente: *expensive flowers; one has to pay for them*, o que significa em português: flores caras; é preciso pagá-las. Depois, declarou que as flores eram lírios do vale, violetas e cravos vermelhos *(Lilies of the valley, violets and pinks or carnations)*. O psicanalista nota que a palavra «vale» aparece muitas vezes nos sonhos das mulheres; e, não obstante confirmar a significação popular do lírio (pureza), entende que a circunstância dos dois símbolos se encontrarem no sonho simbólico da rapariga, indica quanto a sua virgindade é preciosa, que a frase «flores caras, é preciso pagá-las» reforça e, ao mesmo tempo, exprime que o homem saberá dar-lhe o devido valor. Ainda não pára aqui a fantasia estranha destes interpretadores de sonhos. A expressão *expensive flowers* — flores caras — tem um sentido diferente para cada uma das três flores simbólicas. Assim, a palavra *violets* (violetas), que o próprio Freud acha bem pouco sexual, tem um significado dos mais espantosos, não derivado do sentido que a linguagem popular das flores (1) lhe atribui, como fizera para o lírio, mas da semelhança gráfica e da prosódia da própria palavra, em inglês, *violets* (violetas), *violate* (estupro ou desfloramento), do francês *viol*. Basta; é melhor parar aqui. As ideias preconcebidas dos grandes homens levam a cometimentos do calibre daquele que acabo de expor, duma insensatez patente. O simples bom senso rejeita tal interpretação abusiva dos sonhos. A ânsia da originalidade, do inédito, transtorna a cabeça de muitos intelectuais.

LE DANTEC

Também Félix Le Dantec se gaba da alegria pura de «ver claro», nas experiências biológicas, a apetecida «explicação da vida». Para le Dantec, deixou de haver mistério. Diz ele: «não mais o problema da morte; não o compreendem, porque isto exige um esforço cerebral demasiado prolongado. Assim, quando nós dizemos: o vento abateu o carvalho, o frio fendeu a pedra, — o frio e o vento são tomados como actores na linguagem corrente! O mesmo erro cometemos, quando dizemos: Pedro fez isto; João fez aquilo; a acção em todos os casos é idêntica. Pedro e João não são mais que a variedade de um «complexus bioquímico». E então, le Dantec, para melhor fazer compreender a sua descoberta genial, inventa palavras. A vida de um mosquito é um «complexus» químico que «mosquita»; não há ali nenhum mistério, não existe o problema da morte; a prova é que, destruido, o mosquito não «mosquitará mais». O mesmo acontece com o homem; «homona» enquanto vivo, e depois de morto, não «homona» mais. — Ora, ai está! Como é que não reconhecem esta evidência? E inventa o verbo *Josear* para explicar as acções de José e o verbo *Antoniar* para explicar a função de António. Newton, *newtona* e Galileu, *galileota*. Não perceberam? Se não perceberam como eu, não percam mais tempo, porque o próprio autor nos diz que é demasiado difícil. Ele, entretanto, descobriu que isto se explica por virtude de idiossincrasias cristalizadas no longo decurso dos séculos; afirma-nos que a sua biologia é cmpleta, sem lacunas, e que não há nenhum mistério. Depois disto, digam lá, se são capazes, que os espiritistas é que são malucos!

---

(1) *Violeta*: amor oculto.

UM DOCUMENTO NOTABILÍSSIMO

A mensagem da Sociedade de Medicina e Espiritismo ao Congresso Espirita Pan-Americano

A Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro teve representante próprio no Primeiro Congresso Espirita Pan-americano, na pessoa do Dr. Luiz Postiglioni, secretário da comissão que promoveu o grande conclave internacional e redactor-correspondente de *Estudos Psíquicos* em Buenos Aires.

Tinha esse instituto de investigação científica a intenção de se fazer representar no importante certame por membros de sua directoria, médicos, mas as responsabilidades clínicas de alguns e os múltiplos afazeres de outros, não permitiram que nenhum deles se afastasse do Rio de Janeiro, na altura do Congresso.

Ao invés de defender uma tese, o que limitaria sua actuação a um assunto, a Sociedade, sob a orientação de seu presidente, Dr. Levindo Mello, preferiu credenciar oficialmente um representante especial que de viva voz dissesse, perante o Congresso, a que comparecíam presidentes e delegados de quase todas as instituições espiritas do continente americano, qual é sua actuação em relação ao Espiritismo; o que ela é; o que pretende.

Notícias chegadas de Buenos Aires informam que a mensagem teve a maior repercussão no conclave internacional, sendo considerado mesmo o mais importante documento que ali se leu, e merecedor da mais ampla difusão em todos os meios espiritas, pelas ideias novas de que se fez propagadora.

A mensagem, em sua primeira parte, expõe as finalidades da instituição, constantes do seu estatuto; esclarece qual seu lema; revela que seu quadro social é constituido por membros efectivos (médicos, engenheiros, advogados, etc.), de membros correspondentes (Idem, residentes fora do Rio) e de sócios (espiritas em geral, já em número de quase 5.000); mostra que é constituida por três departamentos e nove secções, além do Laboratório de Investigações Psíquicas; enumera os membros de sua directoria, acentuando que o Director do Departamento de Investigações Experimentais, além de médico, é bacteriologista pelo Instituto de Manguinhos, centro de investigação científica de reputação mundial; e informa que sua sede provisória fica situada à Avenida Marechal Floriano, 181, 1.°, e que já está instalando a sede própria, no 15.° andar do Edifício Internacional à Avenida Rio Branco, 4.

A segunda parte da mensagem, que deixou nos congressistas a mais forte impressão, estava assim redigida;

«Eis o que pretende a *Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro,* no desdobramento de suas actividades, através dos tempos:

1.° — Evangelizar a Ciência;
2.° — Promover a aliança da Ciência com a Religião, alijando de uma o preconceito, de outra o fanatismo;
3.° — Combater o materialismo;
4.° — Pugnar pela difusão do Espiritismo nos meios científicos, culturais, literários e populares, utilizando-se da imprensa leiga, das revistas médicas, do livro, da tribuna, da radiodifusão e do cinema;
5.° — Investigar a fenomenologia espirita e anímica com rigorismo científico, precisando as circunstâncias em que cada fenómeno se dá, e em que cada fenómeno não se dá;
6.° — Criar o método de investigação da Ciência Espiritualista;
7.° — Demonstrar que os factos espiritas são fenómenos naturais;
8.° — Realizar estudos e pesquisas, com o propósito de descobrir as leis que regem os fenómenos espiritas;
9.° — Publicar, como obra básica, de autoria da Sociedade, a «Introdução ao Estudo Científico do Espiritismo»;
10.° — Demonstrar:
   a) que o Espírito nada mais é que a inteligência ou consciente;
   b) que o perispírito nada mais é que o fluido nervoso, ou fluido vital, ou inconsciente;
11.° — Estudar o processo das relações entre o perispírito e o sistema nervoso, em particular, e entre o perispírito e o corpo somático, em geral;
12.° — Dar a conhecer que do estudo das relações entre o perispírito e o corpo somático advirá muita luz para a etiologia e a terapêutica de certas doenças;
13.° — Lançar uma nova escola psiquiátrica, à base do espiritualismo;
14.° — Demonstrar que a alienação mental pode ter as seguintes causas, isoladas, associadas duas a duas, ou simultâneas:

a) material (anomalia ou lesão do *cérebro*, como efeito de hereditariedade, ou da acção de toxinas microbianas, ou do alcoolismo);
b) psíquica (perturbação da própria *alma do doente*; descontrôlo da dinâmica psíquica, como efeito de grande choque, ou violenta emoção, a agravar predisposição;
c) espiritual (obsessão dum *Espírito*, por afinidade, utilitarismo, ou vingança);

15.° — Difundir que certos casos de loucura, qual o da obsessão espirita (actuação de Espíritos desencarnados), são susceptíveis de cura, via de regra, à luz da moderna terapêutica psiquiátrica associada aos conhecimentos propiciados pelo Espiritismo;

16.° — Fundar sanatórios, como estabelecimentos de caridade e para estudo dos fenómenos espiritas que se relacionem com a Psiquiatria em particular;

17.° — Mostrar que a certas doenças, como a epilepsia e a histeria, pode estar associada a obsessão de espíritos;

18.° — Demonstrar que os casos de dupla ou múltipla personalidade se cifram ao seguinte;
a) obsessão de entidades desencarnadas; ou
b) reavivamento de personalidades, que teve o próprio paciente, em diferentes encarnações anteriores;

19.° — Estudar a paralisia e seu tratamento, à luz da ciência espirita;

20.° — Fundar hospitais, como estabelecimentos de caridade e para estudo dos fenómenos espiritas que se relacionem com a Medicina em geral;

21.° — Montar um observatório, para estudo e difusão popular da Astronomia:

22.° — Propagar que a evolução do Espírito se processa através dos reinos mineral, vegetal, animal e espiritual;

23.° — Ser, por assim dizer, a Ciência Espiritualista em acção;

24.° — Divulgar que existe a moral pura, ou moral absoluta, que é o conjunto de leis, estabelecidas por Deus, para reger a vida no Infinito, da mesma forma que teve de instituir leis físicas, para regular a mecânica universal, e muito diversa da moral relativa ou moral terrena, que, embora de origem divina, sofreu e sofre a acção dos costumes e concepções dos homens, a variar com povos e hábitos, épocas e lugares, convicções e doutrinas;

25.° — Realizar estudos e pesquisas, com o propósito de descobrir as leis da moral pura.

26.° — Publicar, como obra básica, de autoria da Sociedade, a «Introdução ao Estudo da Moral Pura, à Luz do Espiritismo»;

27.° — Tornar o homem consciente do seguinte:
a) de que a base da verdadeira felicidade é a moral;
b) de que pode e deve aperfeiçoar-se moralmente, em seu benefício e do próximo;
c) de que, assim como há quem faça ginástica física e ginástica mental, também se pode cogitar de ginástica moral (exercícios metodizados para aperfeiçoamento moral): promover o combate sistemático da cólera, do ódio, da avareza, do egoismo, da inveja, do ciume, do orgulho e da vaidade, assim como o desenvolvimento gradual da caridade, da fraternidade, da bondade, da tolerância, da paciência e da humildade;
d) de que, por mais potente que seja, a Ciência pouco representa, sem a caridade e sem a humildade;

28.° — Ser a Caridade em acção;

29.° — Trabalhar sem esmorecimento:
a) pela conversão da Ciência, de materialista em espiritualista;
b) pelo aprimoramento moral do homem;
c) pela espiritualização do planeta.

A Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, como se verifica, não compreende o Espiritismo senão em seu tríplice aspecto de Ciência, Filosofia e Religião, sob a égide da Moral Pura e objectivando a Luz».

As ideias propagadas pela mensagem da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, que despertaram o maior interesse, de conformidade com os comentários que motivaram, foram, principalmente, as de criação do método de investigação próprio para a Ciência Espiritualista; de constituirem os factos espiritas fenómenos naturais; de ser o perispírito o fluido vital, ou, restritamente, o fluido nervoso; de lançar uma nova escola psiquiátrica, à luz do Espiritismo em contraposição à actual, que tem por base o materialismo; de haver não três reinos na Natureza, mas quatro — o quarto é o reino espiritual; e de existir a moral pura, conjunto de leis, criadas por Deus, para reger a vida do Infinito, bem diversa da moral comum, de origem divina, mas adulterada pelo homem, para reger a vida apenas na Terra.

O Primeiro Congresso Espirita Pan-americano, por proposta da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, através da palavra do seu representante especial, permaneceu em concentração durante um minuto, prestando, por essa forma excepcional, imponente homenagem ao grande Allan Kardec, esse Espírito de luz que foi médico, codificou o Espiritismo e é o patrono máximo, abaixo de Jesus, da única instituição de investigação científica do mundo, declaradamente espirita.

DR. ARTUR DIAS PRATAS

Embora tenhamos a certeza da imortalidade da alma, embora saibamos que os amigos desaparecidos continuam a sobreviver aos estragos da matéria, não podemos deixar de sentir o aguilhão da saudade. É o que se dá agora, com o trespasse do Dr. Dias Pratas, nosso colaborador infatigável de muitos anos, nosso amigo de sempre, para o qual nunca apelámos em vão, em benefício da propaganda, e do qual sistemàticamente recebíamos verdadeiros incentivos.

A nossa correspondência com o grande pioneiro data de 1924. Conhecemo-lo através da sua profissão de fé espirita, em que há ressaibos de contrição, em que palpita a sua alma generosa na luta heróica com os abrolhos do ambiente escolhido. Ali, confessava ele desmandos que o subjugavam a lembranças dolorosas e decidia-se a repará-los em acções nobres, para que, no Conta-Correntes *de sua vida, a receita sobrelevasse a despesa.*

Pouco depois, começou a colaborar connosco. A princípio, no Mensageiro Espirita, *cuja direcção assumimos, quando a Dr.ª Amélia Cardia abondonou o cargo; e a seguir, em* Estudos Psíquicos, *onde belos trabalhos publicou, alguns deles tão interessantes e valiosos, que mereceram transcrição em revistas brasileiras e argentinas.*

Colaborou em quase todos os jornais e revistas portuguesas de Espiritismo: na Luz e Caridade, *nos* Ecos do Além, *no* Kardecista, *no* Além, *no* Mensageiro Espirita *e em Estudos Psíquicos. Por nosso intermédio, colaborou no* Jornal Espirita, *de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, e no* Mundo Espirita, *do Rio de Janeiro. Foi, enfim, um grande apóstolo da Causa Espirita, quer doutrinando, quer expondo teorias, quer enfrentando adversários, como o Padre Raul Machado, que reduziu à expressão mais simples, em belo artigo inserto na* Revista de Espiritismo.

DR. ARTUR DIAS PRATAS

Há cerca de um mês estivera ele em Lisboa, a fim de submeter-se a melindrosa operação que não chegou a consumar-se, talvez porque a ciência médica, que ele muito bem conhecia por experiência própria, não dispusesse dos recursos indispensáveis. Entrou nesta redacção para o abraço de amizade fraternal e ainda nos leu parte de um artigo que destinava à nossa revista, a qual, segundo nos dizia, era sua predilecta. Mas o Dr. Pratas estava alquebrado, mais pela doença, que pelos anos. Tivemos a intuição de que chegara à meta e que o termo da viagem se aproximava. E pensámos logo na falta de tão leal e abalisado colaborador.

O Dr. Artur Dias Pratas formara-se em medicina e filosofia e era observador-chefe do Instituto Geofísico do Laboratório Astronómico da Universidade de Coimbra, onde trabalhava havia muitos anos.

Fez parte da Direcção do Centro Espirita Luz, também de Coimbra, onde algum tempo desempenhou o cargo de director das sessões experimentais e realizou inúmeras palestras doutrinárias. Era um dos mais anti-

PAZ ESPIRITUAL

(Tradução de I. D. S.)

por Natálio Ceccarini

A História da Humanidade está escrita em páginas das mais diferentes tonalidades. Uma mais brancas, outras mais vermelhas, segundo o amor e o sangue com que foram realizadas. Muitos reconhecem os seus ciclos, os pensamentos superiores que inspiraram o seu cumprimento nos resultados criadores da sua trajectória; outros, porém, orientados por pensamentos inferiores, deixaram saldo de ódios e esterilidade. Embora pareçam contrários na execução evolutiva, estes estados como que se atraem reciprocamente; quer dizer, estes dois aspectos são indispensáveis ao cumprimento da Lei. É que, na verdade, a evolução do Espírito que, certamente, é quem faz e escreve a história em suas diversas manifestações, deve percorrer todas as formas de progresso, a fim de verificar o seu próprio ciclo evolutivo.

E tais modalidades tão opostas na realização do progresso, tornam-se inexplicáveis para quantos carecem da noção do Espírito, que é ignorar a verdadeira causa das alternativas e expressões da vida e da história.

Esta apreciação do problema não nega, nem obsta a que procuremos superar aquelas formas de realizar o progresso, pois talvez em *devenir* que os tempos actuais e o nosso grau de conhecimento ainda não vislumbram, apareçam outras modalidades, em cumprimento deste progresso do Espírito.

Entretanto, procuremos na história e nas suas causas todos os actos que a constituem e bem assim os homens que a escrevem, vivendo-a e realizando-a.

Através dessas páginas de infinita diversidade que formam o grande livro da Vida, acharemos a razão fundamental do que é, e será, essa *causa essencial* que na evolução incessante se manifesta em todos os factos e em todas as coisas, ainda nas mais antitéticas.

O nosso mundo de hoje, há pouco liberado de horrenda conflagração, mas carregado de negras sombras, pela razão que apontamos, encontra-se em tremenda crise moral e espiritual que o abala constantemente. Conflitos de toda a espécie se manifestam no mundo. O clamor dos vencidos, impiedosamente ultrajados e enganados, ergue-se doloroso por toda a parte, em demanda de direito à vida mais digno e mais feliz. Os receios e as discórdias internacionais carregam e ensombram o horizonte da paz; os ódios velados por palavras atraiçoam e desnudam os sentimentos; a miséria que avança e domina em grande parte do planeta, mata a pureza e afoga as nobres intenções... E assim, em rosário infinito, esperanças e decepções, propósitos e ruinas revelam o drama profundo que se desenrola no mundo de após guerra. Tudo isso, consequência natural do conflito que findou e do estado evolutivo da humanidade, conprova uma realidade incontroversa e um corolário desgraçadissimo: horrenda guerra espiritual em todas as almas.

O progresso evolutivo da história e do Espírito compreende-se perfeitamente à luz do Espiritismo e da doutrina espiritualista que sustenta a imortalidade e causalidade do mesmo Espirita que dá origem àquele progresso. Todavia, a diversidade evolutiva das almas que povoam o orbe exprime-se evidente e nitida na enorme crise que o perturba e ameaça destruir completamente.

Os governantes e os estadistas, os homens actualmente responsáveis de todos os idiomas, raças e bandeiras, animados em busca da solução feliz que restabeleça a verdadeira paz e o entendimento humano, anelantes por satisfazer o brado, que já é grito sangrento, dos povos amachucados e expoliados de todas as latitudes, que se movem em ânsias de libertação e superação, fracassam nestas nobres aspirações.

Em verdade, pese embora à sua elevada inspiração, eles não podem prover a *paz espiritual* que favoreça a compreensão humana e facilite o encontro da fórmula salvadora, pois ainda não conhecem a existência do Espírito como causa de tudo o que é, e por-

---

gos colaboradores da Luz e Caridade, *de Braga. De estilo simples e fácil, foi, todavia, acérrimo cultor do vernáculo. Os seus artigos impunham-se pela clareza, pela correcção, pela oportunidade dos conceitos e, sobretudo, pela moral que irradiavam, em linguagem inesquecível.*

Sentimos profundamente a falta do amigo e do colaborador e elevamos a nossa prece ao Alto em intenção de seu Espírito liberto da matéria orgânica. Que ele sinta o influxo de seus guias e nos possa dar belos ensinamentos, a exemplo de André Luiz, de quem o grande médium Francisco Cândido Xavier nos acaba de brindar com mais um volume, intitulado «Obreiros da Vida Eterna»! Adeus, Dr. Pratas! Até logo! Lá-nos encontraremos!...

Filosofia Neo-Espiritualista

por Ramos Pereira

COSMOLOGIA RACIONAL

Estudada a alma, que nos resta agora? À análise do meio, o estudo dos grandes princípios do universo. É este o objecto da Cosmologia Racional e que podemos consignar em 3 problemas:

1.º — Natureza da matéria.
2.º — Origem da matéria.
3.º — Origem do universo.

Tanto na Cosmologia como na Biologia Racional seguiremos um método semelhante ao da filosofia científica — o estudo das questões por partes para, finalmente, numa síntese metafísica, reconstituirmos um todo.

I — Natureza da matéria

Antes de analisarmos o que diz a Ciência, olhemos as principais doutrinas filosóficas sobre a natureza da matéria:

1.ª — Idealismo.
2.ª — Substancialismo.
3.ª — Atomismo.
4.ª — Dinamismo.

O idealismo (Platão, Berkeley, Hume) como vimos atrás, negando a existência da matéria fora do espírito transforma a sua natureza numa simples possibilidade de sensações.

Para Aristóteles e os escolásticos (substancialismo) qualquer objecto é formado de matéria e forma apenas separáveis pela abstracção. «A matéria é o indeterminado com relação à forma que lhe precisa os contornos». O que muda, o que é instável é a matéria, em oposição à forma que relativamente não varia. Mas dizendo que a matéria não é um puro nada, que é uma realidade, pouco nos diz sobre a forma substancial. É um esforço mas um esforço incompleto.

O atomismo exposto por Leucipo de Mileto (450 A. C. ?) e Demócrito de Abdera (460 A. C. ?) teve vários continuadores como Gassendi, Descartes, Newton, Tyndal, Huxley, Haeckel, Buchner, etc. A essência da matéria são os átomos, corpos indivisíveis, duros, homogéneos, eternos e indestrutíveis. Em número ilimitado movem-se no vácuo absoluto, combinando-se de muitas maneiras e dessas maneiras resulta a extensão e o peso (qualidades primárias). Estes átomos estão em movimento constante e dos seus choques no vácuo resultam os turbilhões caóticos que serão os mundos materiais.

Modificado, desenvolvido, precisado, o atomismo é hoje a explicação da ciência.

Leibniz, Boscovitch, Kant, Schelling; Schopenhauer e Hartmann opinaram que a essência da matéria não residia na extensão mas em dois princípios fundamentais (dinamismo); — 1.º — Passivo (impenetrabilidade e inércia); 2.º — activo (energia, força e movimento). Mas estes princípios têm de ser completados pela mónada, substância simples e

---

tanto, da história, permanecendo inexplicáveis e insolúveis para elas as causas do Bem e do Mal.

Revelando o Espiritismo as origens de todos os conflitos e conhecendo os motivos que mantêm a inquietação espiritual da humanidade, assume desmedida responsabilidade como ideal de progresso e de regeneração geral do planeta; deste modo, a sua contribuição para irradiar Luz nos povos ignorantes e sofredores ou para devolver e criar essa paz espiritual na alma de todos os seres, fica absolutamente estabelecida, na grandeza de seus ensinamentos e postulados.

Ao demonstrar estes fundamentos da história e as modalidades opostas que constituem a lei do progresso, a Doutrina espírita estabelece um novo conhecimento para o Homem, educando-o na verdade da sua natureza e na inteligência das causas reais que lhe proporcionam felicidade ou desgraça. Ao *capacitá-lo* deste conhecimento, converte-o em seguro factor da *paz espiritual.*

Nesta hora angustiosa de decisão e de prova para o destino da humanidade, o Espiritismo sustenta e mantém mais uma vez esta verdade acerca das origens de todas as crises sociais; e, ao fazê-lo, coopera no entendimento e concórdia de todos os homens, superando as possíveis diferenças que podem ocasionar os respectivos graus de evolução.

Sejamos nós, espiritas, os caudilhos desta *paz espiritual,* a fim de que impere em todos os espíritos, pois ela é condição prévia de solução segura para se sair da presente situação.

Buenos Aires, 1 de Abril de 1946

quase consciente. Os corpos têm na mónada o princípio da sua virtualidade intrínseca e autónoma.

Vejamos agora o que nos diz a ciência que, no rigorismo das suas análises experimentais, resolveu um problema numa hipótese viável e demonstrável.

A análise química, conseguindo separar dos compostos substâncias simples, levou à convicção de que a matéria é formada por uma série limitada dessas substâncias a que se deu o nome de elementos químicos. Eles combinam-se segundo relações quantitativas e leis estequiométricas. Ora se as reacções químicas produzem compostos em que os elementos são irreconhecíveis, temos de admitir nestes uma divisão tão fina que não pode ser atingida pelos meios mecânicos. Esta divisão porém deverá ter um limite, pois só assim se explicaria a lei de Proust. Esse limite é o átomo com o qual se harmoniza a lei de Dalton. Por outro lado admite-se que das reacções químicas dos átomos resultam as moléculas que se unem por forças de ordem física.

Ora se tanto o átomo como a molécula são ainda matéria, lógico será que tanto um como outra tenham peso e volume determinados, muito embora pequenos. As leis de Gay-Lussac, Avogadro e Mitscherlich, profundando a natureza dos compostos e as relações estequiométricas, permitiram o cálculo desses pesos e volumes (regras de Dulong et Petit e Neumann).

Ostwwald, pretendendo estabelecer as leis pelas quais se reconhecessem as propriedades quimio-físicas das substâncias como consequência da sua estrutura molecular e atómica, definiu 3 grupos daquelas propriedades:

1.° — Coligativas — determinadas pelo número de moléculas (volume dos gases, osmose, etc.).

2.° — Aditivas — determinadas pelo número e natureza dos átomos (peso molecular, calor específico, etc.).

3.° — Constitutivas — Que exprimem os agrupamentos de átomos nas moléculas por forma quantitativa (cor, absorção da luz, etc.),

Para explicar a força interatómica que sustenta o edifício molecular, os químicos estabeleceram a teoria da valência, como uma expressão daquela força: — valência principal ou electrovalência, valência secundária ou contravalência (Werner), valências parciais (Thiele) e covalências (Langmuir). Com elas, não só se compreeende claramente a formação dos compostos de 1.ª e 2.ª ordem, como ainda os fenómenos de duplas ligações dos compostos orgânicos e os da isomeria e alotropia.

Explicou-se assim o fundamento da constituição molecular e as propriedades constitutivas da matéria: — refracção da luz (Snellius e Descartes), refracção especifica e molecular (Newton, Gladston, Lorenz, Eytman, Bruhl), actividade óptica (Le Bel, Vant'Hoff, Biot) rotação magnética do plano de polarização da luz (Faraday, Verdet, Perkin), colorimetria (Lambert, Beer), fotoluminescência (Wiedeman, Stokes, Wood).

Porém os fenómenos de valência, de ionização, de espectrografia e de radioactividade fizeram vislumbrar a hipótese de que os átomos não são simples massas indivisiveis e homogéneas. A descoberta dos electrões no estado livre, na emanação radioactiva, formou a base da concepção do edifício atómico. Isto é, a electricidade negativa passou a ser considerada como o elemento de menor peso atómico. Ora sendo o átomo elèctricamente neutro, foi necessário admitir a existência também nele de electricidade positiva. Além de que a massa do electrão era extraordinàriamente pequena para explicar a massa do átomo.

Da experiência de Wilson, concluiu Rutherford a existência de um núcleo atómico à volta do qual se disporiam os electrões.

Loschmidt supôs que a força que mantém os electrões nas suas órbitas é a força centrífuga proveniente da rotação. Mas se assim fosse (electro-dinâmica), produzindo a carga em rotação radiações electro-magnéticas, o seu movimento seria cada vez mais lento a acabaria por cair no núcleo. Planck, porém, imaginou que a energia de vibração é função dos quanta, mínimos de hv em que h é a constante universal $6{,}55.10^{-27}$ ergs/seg.° e v a frequência vibratória do sistema. E assim a conclusão de que a emissão ou recepção de energia pelo sistema atómico dá-se por saltos e nunca por fracções de quanta. O valor da hipótese de Planck surgiu com a sua aplicação às radiações atómicas na análise da espectrografia dos elementos (Balmer e Rydberg); — os electrões gravitam em órbitas fixas pela energia cinética sem emitirem radiações; mas logo que, por uma causa externa, são empurrados para outras órbitas, voltam à órbita inicial ou à mais próxima, libertando a energia adquirida cujo valor é hv.

Baseado na teoria dos quanta de Planck e na hipótese de Rutherford, Bohr formulou então uma hipótese final sobre a natureza e constituição da matéria:

1.° — A matéria é formada por moléculas e estas por átomos;

2.° — Os átomos são constituidos por protões, unidades positivas de electricidade, e electrões, unidades negativas, com cargas iguais e opostas;

3.° — Os protões com alguns electrões formam o núcleo, em volta do qual giram os electrões satélites em número igual ao número atómico (N) cuja carga é - NE, sendo E o quantum elementar de electricidade;

4.° — Sendo P o peso atómico do elemento, haverá no núcleo P protões e P - N electrões com a carga + Ne.

O Núcleo de Acção e Propaganda em Matozinhos

Eis como o semanário *Comércio de Leixões* se referiu à conferência que Ramos Pereira realizou há pouco em Matozinhos, em nome do Núcleo de Acção e Propaganda Estudos Psíquicos e subordinada ao título de «Panorâmica do Espiritismo Moderno»:

Perante numerosa assistência entre a qual muitas senhoras, realizou na passada sexta-feira, no Centro Espírita Luz e Verdade uma conferência subordinada àquele título, o sr. Alvaro Ramos Pereira, um jovem de 26 anos, que foi apresentado pelo sr. Anibal Jacinto como «uma competência no assunto».

O orador, recebido com muitas palmas, faz uma súmula do seu trabalho, historiando os seus estudos preliminares, dizendo que é apenas uma visão deles. Com um à-vontade e facilidade de expressão que cativaram, divaga sobre a crença dos povos selvagens que apenas acreditavam na imortalidade da alma.

Analisa com proficiência e explica com clareza a dissociação do Espiritismo em ciência e filosofia, fazendo um estudo destes dois campos.

A metapsicologia é um vasto terreno para a sua fluente exposição, apresentando a tiptologia como «um reflexo das faculdades supra-normais do médium».

A ciência biológica fornece exemplos para o seu estudo, explicando a formação do exctoplasma. Richet, William James e outros dão-lhe elementos para as suas demonstrações, assim como Kant. Elucida sobre o papel do médium na formação do perispírito cuja constituição, segundo os cientistas, é, a pesar de tudo, inexplicável. A uma conclusão evidente chegou, afirmando que o Espiritismo é uma religião sem dogmas, humana, em que o homem é o sacerdote de si próprio e tem em si mesmo a sua igreja para fazer a oração, e ensinando a maneira de a fazer, sem egoísmo, pedindo por todos.

Diz ser a doutrina espírita humana e natural, depois do que explica o que é a cruz, como símbolo, com seus braços abertos, em cujo centro — o nó da cruz — se encontra toda a humanidade.

Ao terminar foi muito aplaudido e felicitado pelo brilhante trabalho que produziu.

Meditações de Dezembro

1 — Minha voz é incapaz de ferir, pois vivo com Deus.
2 — Não concedo a ninguém o poder de me aborrecer.
3 — Vivo numa contínua conversa alegre com o meu eu superior.
4 — Todas as virtudes me são naturais e fáceis.
5 — Minha união com o Espírito Infinito permite-me realizar minhas aspirações.
6 — Sou um pensamento de Deus, manifestado na carne.
7 — Deus, o Bem Supremo, está presente em mim mesmo.
9 — Obedeço apenas à Luz interior.
10 — Procuro o saber no silêncio do meu coração.
11 — O Senhor, que habita em mim, é meu refúgio.
12 — Nada é impossível ao Espírito Divino em mim.
13 — Vivo no Eterno e sou imortal.
14 — Possuo poder interior de discernir o falso do verdadeiro.
15 — Sou sincero para comigo mesmo e com os meus semelhantes.
16 — Sou Senhor de meu mundo.
17 — Minha Natureza interna é uma bateria de força irresistível.
18 — Adoro a Deus, servindo os meus irmãos.
19 — Vivo em perfeita calma e serenidade.
20 — Não aborreço os outros com as minhas queixas.
21 — Dou graças ao Divino Pai, pelo que fui, pelo que sou e pelo que espero ser.
22 — Minha simpatia flui livremente para todas as formas de vida.
23 — O Supremo Guia dos mundos aceita a consagração de minha alma.
24 — O amor vence em mim todas as influências nocivas.
25 — Eu e meu Pai somos um.
26 — Materializo pelos meus actos minhas criações mentais.
27 — O Ideal Divino de todas as religiões és Tu, ó Pai Infinito! Por isso, respeito-as porque todas se dirigem para ti, que és meu amor e minha Luz!
28 — Penso na Saude e na Prosperidade.
29 — Só emprego minhas forças para o Bem.
30 — Sou Deus em manifestação concreta.
31 — Elevo-me continuamente à perfeição e à felicidade.

A MISSÃO DE JESUS

por Fernando da Cruz Ferreira

XII

SE a história da pecadora, tal como a narra o Evangelho, é apenas um fragmento, segundo se crê, se temos que preencher os silêncios, reflectindo atentamente, procuremos reconstituir o estado de alma de Madalena. Concentremo-nos numa prece profunda... deixemos vibrar o coração... Neste estado de espírito, auxiliados pelas conclusões extraidas da forma de agir da pecadora, sem vãs fantasias, procuremos ouvi-la a ela mesma. Onde encontrou Madalena o Senhor pela primeira vez?

A sua terra natal ficava a alguns quilómetros de Tiberíades. El-Magdel é hoje um pobríssimo povo, tendo sido, porém, outrora, uma das risonhas cidadezinhas do lago, repleta da alegria dos panos tingidos de cor de prata, voando no céu azul.

Esta região vivia da indústria das tinturarias e do comércio de pombos para os sacrifícios do templo.

O Evangelho de Lucas, descrevendo a conversão de que nos ocupamos, não diz se ocorreu ou não na terra que foi berço de Maria de Magdala. Há quem suponha, porém, que foi em Cafarnaum, outros em Naim.

Lucas, com efeito, no mesmo capítulo, trata da ressurreição do filho da viuva em Naim e conta-nos como toda a região circunvizinha andava excitada de curiosidade, de espanto, de admiração.

Madalena teria encontrado o Senhor, quando Ele, deparando com longo cortejo de mulheres vestidas de luto, o fez parar?

Viu ela de longe, passando por acaso pelo mesmo caminho, os inesperados factos que se deram?

Fosse como fosse, de maneira alguma ela poderia achar-se entre essas mulheres. Não poderia misturar as suas lágrimas às da mãe desolada, nem acompanhar as pessoas respeitáveis da cidade. Mais ainda, bastaria apenas roçar pelo esquife a sua sombra, ou por aqueles que o acompanhavam, para os obrigar a considerarem-se impuros e a voltrem para trás. Mas, sem tomar parte no cortejo funebre e mesmo de longe, podia talvez ter presenciado o estupendo prodígio — o morto erguendo-se do esquife e depois restituído a sua mãe.

Poderia, sobretudo ter observado a inefável expressão de bondade do Divino Mestre, ao dizer à pobre mulher: NÃO CHORES.

Talvez nesse momento, pela vez primeira, as lágrimas da pecadora começassem a deslisar silenciosas e ardentes.

Algum tempo antes, pelo escurecer, no castelo de seu amigo Lázaro, já os apóstolos se recolhiam em leitos de cedro, entre linhos perfumados a cinamomo, e ainda o Senhor, recostado à mesa, ouvia os irmãos de Madalena, sentados a seus pés na sala do banquete. Lázaro apertando nas suas a mão esquerda de Jesus, fitava o chão desoladamente, enquanto Marta, de mãos torcidas no regaço, ia contando, de olhos chorosos, a vergonha da família.

— Não sabemos, Senhor — gemia Marta — para que isto foi e por que assim aconteceu. Tinha Madalena quinze anos e Lázaro dez, quando Syr nosso pai morreu, e logo nossa mãe Eucharia, já doente, a casou com Paphus, de Judá, que, se era opulento e um sábio doutor da Lei, nunca poderia dar o esposo que Magdalena amasse. Junto dele, velho irascível e doente, ela parecia uma açucena tenra, nascida na raiz de um tronco podre, sem folhagem. Poucos anos durou este casamento, porque Paphus morreu, e nesse dia sofremos o primeiro escândalo. Quando, de Jerusalem, os nossos parentes, e com eles sacerdotes e escribas amigos de Paphus, encheram esta casa, para chorar o luto, Madalena fechou-se nos seus aposentos, dizendo-nos:

«— Mostrem dor os que sofrem, porque eu estou contente.

«Sete dias depois, morria nossa mãe Eucharia, e Madalena fez-se, então, a rainha absoluta desta casa.

— Um dia — prosseguiu Marta — passou aqui, à frente de mil cavalos, o Capitão Fábio, da família dos Cipiões romanos, que vinha de submeter os revoltosos de Moab.

«A nossa irmã conhecia-o de lhe falar, na última Páscoa, em casa de Caifás, parente

de Paphus, e nalgumas tardes viera ele a Jerusalem a cavalo, cortejar Magdalena, que o saudava atirando-lhe flores do terraço.

«Passando aqui à frente do seu exército, Fábio aproveitou este ensejo de guerra para nos bater à porta e entrar nos nossos domínios.

«Sem atendermos os rogos de nossa irmã, que desejava hospedar Fábio, eu e Lázaro não aparecemos, mas pouco depois, enquanto os soldados se espalhavam pelos nossos pomares, a roubar frutos, e os cavalos, à rédea solta, bebiam e pastavam nos nossos prados, descobrimos a meio do jardim, cercada por oficiais romanos, a nossa irmã, erguendo na mão uma taça, onde Fábio desfolhou à moda romana, uma grande rosa branca. E ouvíamos risos e cantos, víamos os nossos vinhos e as taças de Syr, nosso pai, maculados por lábios idólatras. Houve, porém, um momento em que Fábio suspendeu Madalena nos braços, sentando-a coroada de rosas vermelhas no tronco do velho cedro, que sombreia a cisterna do jardim. E de taças de oiro na mão, ouvimo-los clamar, entre risos de triunfo:

«— Pela Vénus de Judá!

«E Madalena ria, ria, como se toda aquela abominação fosse um brinquedo infantil. Depois, a um gesto de Fábio, os seus oficiais desapareceram e, de mãos dadas com Madalena, contou-lhes a história de Marco António e de outros capitães romanos que, longe de Roma, sabiam talhar, no mundo vasto, grandes impérios para as mulheres amadas.

«— Oh! foi horrível essa hora, Senhor! — interrompeu Lázaro, desprendendo as mãos para enxugar a fronte angustiada —. Mandei então fechar todas as portas e recolher todos os servos, e quando Madalena quis voltar, eu gritei-lhe de uma janela, que estava imunda por beber com os pagãos e que fosse primeiro purificar-se. E debalde Madalena clamou, imperiosa, enraivecida. Ninguém lhe abriu uma entrada, nenhum escravo lhe obedeceu. Desvairada, então, solicitou a intervenção de Fábio e os soldados violaram esta casa cortando a machado uma das portas.

«Aqui, neste mesmo lugar, nos veio ela encontrar, defendidos por esta mesa, para que o seu contacto nos não manchasse. Vivesse os anos de Matusalém e jámais eu esqueceria essa hora angustiosa! O rosto de Madalena era como uma brasa, nos seus olhos faiscava o fogo de sete demónios!

«— Imunda, porquê?! — gritou-nos, de punhos cerrados, ameaçadora—. Porque apertei a mão de um moço romano? Mas quando se dava o meu corpo virgem ao velho Paphus, não escondeste a face?! O templo compra a Roma o lugar do Sumo Pontífice, os sacerdotes adulam Tibério e uma judia de Betânia mancha-se, porque sauda um moço romano? As terras de David pagam submissas o tributo e eu não posso oferecer a um neto de Scipião uma taça do meu vinho?

«E dando à voz o sibilar de um chicote, assentou sobre mim o fogo dos seus olhos desvairados... pois, quando os homens de Israel são covardes e esqueceram a lança, há-de querer-se que as mulheres os substituam no combate? Temos nós, mulheres de Israel, alguma culpa de que Júpiter seja mais forte e poderoso que Jehová?

«E como eu, ao ouvir esta blasfémia, rasgasse minhas vestes e pedisse cinza para a minha fronte, gargalhou escarninha:

«— É mais fácil rasgar o linho do que romper as couraças romanas... Até um covarde se cobre de cinza, mas só os heróis se coroam de glória!...

«E numa última gargalhada, rematou:

«— Por Júpiter! Por Vénus! A Força e o Amor é que dão a vitória da vida!...

«Depois desta cena violenta em que seus olhos e suas expressões pareciam expelir as chamas tenebrosas dos espíritos do mal, tombou arquejante e silenciosa numa cadeira, a voz quebrou-se-lhe, das suas pupilas começaram a correr torrentes de lágrimas; e fitando-nos novamente, já então com suavidade e mágoa, rematou brandamente:

«— Foi um grande insulto, meus irmãos, o que hoje me fizestes. Lázaro, eu trouxe-te ao colo — perdôo-te. Marta, trouxeste-me ao colo, perdôo-te. Mas adeus para sempre!

«E, nessa tarde memorável, vimo-la embarcar a caminho dos seus domínios de Magdala.

«O sol poente incendiava a essa hora o mar, e quando o seu barco começou a subir o Jordão, a vela rubra, soprada pelo vento, lembrava a asa de Satã que a levava para sempre...

«Nunca mais a vimos, nunca mais nos viu. Hoje sabemos, apenas, que é daquelas ovelhas perdidas que vós buscais. Porque não ides por ela, Senhor? À semenhança do médico que tem o fácil segredo de chamar à vida um agonizante, a Senhora sorria, enquanto os irmãos da grande pecadora choravam, silenciosamente, de frontes pendidas; e pousando as mãos docemente sobre as cabeças de Lázaro e Marta, disse-lhes:

«— Como ao besouro que esconde a pérola,

A SITUAÇÃO DE «ESTUDOS PSÍQUICOS»
UM ALVITRE DE GRANDE ALCANCE

Do nosso confrade e amigo sr. Aires Vaz Raposo, antigo Presidente da Federação Espirita Portuguesa, figura de grande relevo no movimento espirita lusitano e sócio do Centro Espiritualista Luz e Amor, recebemos a seguinte carta, na qual apresenta um alvitre de grande alcance para a vida de Estudos Psíquicos *e que temos o maior prazer de levar ao conhecimento dos restantes sócios. Oxalá as suas palavras consigam despertar a consciência de alguns amigos que estejam em condições de materializar os desejos que ele exprime.*

Ex.mo Sr. Director de Estudos Psíquicos

O exposto nos últimos números de *Estudos Psíquicos* esclarece a gravidade da situação da Revista e creio que todos os leitores estão convencidos da necessidade da sua continuação.

Grandes erros se têm praticado, mas o maior seria agora o desaparecimento desta publicação que devemos amparar, motivo por que me permito lembrar a todos os sócios do Centro Luz e Amor que, além do auxílio que cada um possa prestar à Revista, prescindam de a receber gratuitamente e paguem regularmente a assinatura.

Aos sócios e dirigentes da Federação Espirita Portuguesa, lembro a conveniência de, provisòriamente e até melhores dias, tornar *Estudos Psíquicos* orgão oficial da Federação, o que bem seviria o Ideal e diminuiria as dificuldades e deficiências que todos sofrem.

Pela minha parte, junto já o meu donativo e a importância da assinatura de 1947 e peço a Deus que lhe dê forças e a todos ilumine.

Lisboa, 4 de Dezembro de 1946

Confrade, amigo e admirador
Aires Vaz Raposo

N. da R. — Esta carta vinha acompanhada do donativo de 1.000$00 e mais 25$00, correspondentes à assinatura de *Estudos Psíquicos*, relativa ao primeiro semestre de 1947.

rolando-a nas imundicies dos caminhos, assim o demónio fez ao coração de vossa irmã, mas Satã não teve o poder de esmagar a pérola...

«Lázaro levantou-se, arrebatadamente, retomando a mão do Mestre Divino:

«— Senhor! Salvai a honra de Syr e Eucharia e darei aos pobres tudo quanto tenho !...

«— Madalena peca muito, mas amará ainda muito e o Amor a salvará — respondeu o Senhor

«— Que a pérola brilhe do novo — prometeu Marta jubilosa — e serei vossa escrava ! Jesus erguera-se da mesa; e de olhos perdidos pela janela fora, na direcção de Magdala, profetizou :

— Em verdade vos digo, meus amigos, que a pérola se tornará um dia ainda límpida e bela, que se transformará numa LUZ intensa que brilhará com grande fulgor no meu Evangelho...

«— Não passou de Betlém a estrela dos Magos, nem da terra dos Faraós a que me levou ao Egipto, mas Madalena brilhará como estrela de primeira grandeza nas terras e mares do mundo inteiro...

As estranhas faculdades de Daniel Dunglas Home

por Henri Regnault
Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» em Paris

Daniel Dunglas Home foi um dos mais potentes médiuns e é necessário dar a conhecer os notáveis fenómenos que ele produziu, muitas vezes espontâneamente.

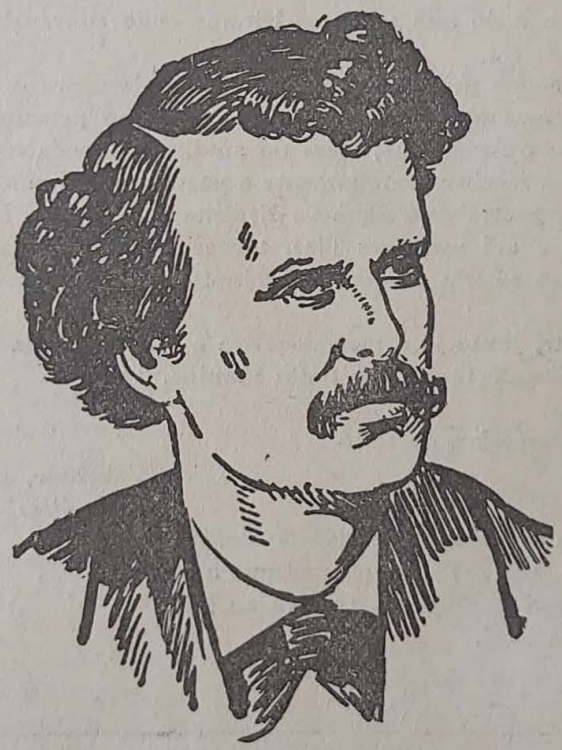
Nasceu na Escócia, em Edimburgo, em 20 de Março de 1883.

Sua mãe era vidente. Ele próprio era dotado de maravilhosos poderes. Aos três anos de idade, diz que viu morrer sua prima, embora esta se encontrasse a trinta léguas de distância. Além disso, descrevia minuciosamente todas as pessoas que se encontrassem perto dele. Os factos eram exactos.

Conversava com os invisíveis. Os seus brinquedos deslocavam-se e dirigiam-se para ele.

Tornou-se médium de força extraordinária; e quando se estuda a sua vida em pormenor, verifica-se que possuiu, pouco a pouco, todas as faculdades.

Segundo diz Mr. Argol, Allan Kardec foi um dos primeiros a revelar em França os dons estranhos deste médium.



DANIEL DUNGLAS HOME

Procedendo a investigações na Biblioteca Nacional, encontrei ali os livros escritos pelo próprio Home e o que sua viuva (a segunda esposa) publicou sob o título: *D. D. Home, Sua Vida e Sua Missão.* A edição inglesa depositada na Biblioteca Nacional contém um belo retrato do médium devido ao talento de Demoolin.

Usava longos cabelos frisados, separados ao lado direito por uma risca. O seu bigode era pendente. O artista soube tirar o maior partido dos olhos penetrantes de Daniel D. Home.

Em 1863, Home publicou a primeira série de incidentes da sua vida; a segunda série apareceu em 1872.

Em 1877 apareciam *As Luzes e as Sombras do Espiritualismo.*

Estas obras já se não encontram em parte alguma. Eu não pude procurá-las, mas li-as na Biblioteca Nacional. Tenho a sorte de possuir na minha biblioteca uma brochura de Louis Gardy, publicada ao mesmo tempo em Paris e Genebra: *O Médium D. D. Home. A sua Vida e o seu Carácter, Segundo Documentos Autênticos.*

Home foi vilipendiado, à semelhança de todos os seres que saem da vulgaridade. E para refutar as calúnias espalhadas em toda a parte contra seu marido é que Mrs. Home publicou o livro, onde se pode seguir o célebre médium através de multiplas peregrinações. Porque Home viajou muitissimo e as suas extraordinárias faculdades mediúnicas foram observadas na Escócia, na América, na Itália, na França, na Rússia e na Suiça.

Home tinha numerosos admiradores e disso recebeu a prova em Abril de 1878. Um jornal frances publicou um relato de um acidente de caminhos de ferro ocorrido no comboio de Berlim a S. Petersburgo e incluiu Home na lista das vitimas mortalmente atingidas. A presuntiva viuva recebeu numerosas cartas de condolências escritas numa dúzia de línguas. Felizmente, a notícia era falsa, embora dez anos e dois meses depois ela se tornasse verdadeira. O célebre médium morreu em Fran-

ça, em Saint-Germain, a 21 de Junho de 1886. Eis o texto da inscrição gravada no seu túmulo:

Daniel Dunglas Home. Born to earth life near Edingburg (Scotland) March 20th 1833. Born to Spirit life: «To another discerning of spirits» (Ist Corinthians, 12th chapter, 10th verse): June 21th 1886.

Durante a sua vida movimentada, Home foi recebido pelos soberanos, principalmente nas Tulherias e na Corte da Rússia. Quando esteve em Florença, tomaram-no por feiticeiro e assediaram-lhe a residência; por felicidade, o Conde Braniki salvou-o e conduziu-o a Nápoles.

Seria necessário dispor de muito espaço para relatar os diversos fenómenos espiritas obtidos por Home; voltarei talvez ao assunto em *Estudos Psíquicos,* se assim convier e interessar aos leitores. Hoje, limitar-me-ei a uma prova de escrita directa e a uma levitação espontanea. Antes, porém, quero lembrar que William Crookes estudou sèriamente este médium. No seu livro *Novas Investigações Acerca da Força Psíquica,* o sábio inglês relata as suas experiências com Home, sobretudo aquelas em que um harmónio tocou sem intervenção de mãos humanas. Lendo este volume, é impossível duvidar da autenticidade dos fenómenos obtidos pelo célebre médium.

Em 1897, perto de Mordeus, Home encontrava-se em casa de amigos. Pois à luz do dia, apareceram duas mãos, nitidamente, sobre a mesa, em torno da qual estavam sentados. Essas mãos seguravam um lápis e escreveram. Uma delas era pequena, como de criança, e a outra parecia mão de homem. «A mão da criança — relata Home no seu livro — escreveu pequena mensagem à própria mãe que estava presente e assinou-a com seu pequenino nome. Havia ali qualquer coisa de surpreendente: é que a criança tinha o hábito de suprimir a última letra do seu nome que, de feminino que era, tomava assim terminação masculina. Seu nome era Denise, mas escrevia Denis. Durante a vida, sua mãe censurava-lhe muitas vezes esta irregularidade, mas a criança nunca conseguiu corrigi-la. E agora, para provar a sua identidade, ainda suprimia a última letra».

Isto passava-se em 1897. Em 1946, no curso duma sessão do Grupo *Amour et Consolation,* teve conhecimento de prova de identidade semelhante, descrita largamente em *Survie* de Abril do mesmo ano. Um Espírito manifestara-se tiptológica e psicològicamente em nossa reunião; era o pai, o marido e o sogro de três assistentes. Na véspera, comunicara por tiptologia com a família, numa sessão particular. A certa altura, ditou: «conte rendu».

— Você quere dizer «compte rendu», traduziu o genro.

— Não; o que eu quero escrever é «conte-rendu».

A viuva notou então que seu marido, embora muito instruido, dava sempre aquele erro ortográfico, ao escrever «conte-rendu», em vez de «compte-rendu».

Em 1897, em Bordeus, na casa dos mesmos amigos, obteve-se um fenómeno de levitação espontânea devido à mediunidade de Daniel D. Home.

«A dona da casa voltou-se para mim — escreve Home — e diz-me bruscamente:

«— Porque está o sr. sentado no ar?

«Olham para a minha cadeira e vêem-na no mesmo lugar, mas duas ou três polegadas acima do soalho e os meus pés não chegavam ao tapete.

«Isto dá ideia da extrema ignorância em que me encontro naqueles momentos acerca da levitação, quando ainda não tenho ultrapassado o nível das cabeças; mas se há forte mudança de posição ou se tal tal fenómeno surge em meio de grande emoção e entusiasmo, desço imediatamente, ficando, porém, suspenso, durante vinte ou trinta segundos.

«Desta vez, tive logo o pressentimento da minha levitação e acto contínuo cheguei quase ao teto. O Conde de B. levantou-se, colocou-se atrás de mim e disse-me:

«— Agora, meu caro Home, chegue-se e deixe-me tocar-lhe nos pés.

«Respondi-lhe que não tinha vontade própria e que talvez os Espíritos permitissem que eu descesse até junto dele.

«De facto, assim sucedeu. Os meus pés caíram prestes nas suas mãos estendidas.

«Segurou-me o calçado e ascendi novamente, com ele agarrado aos pés, até que os meus botins, que eram elásticos, lhe ficaram nas mãos.

«O Conde foi sempre conhecido como homem digno de fé e de excelente coração.

«A ele e a sua esposa devo eu a mais viva gratidão pela sincera e profunda amizade que me têm dispensado, há seis anos que os conheço.

«Em França, creio ter sido a primeira vez que fui levitado, coisa que poucas vezes me sucedeu neste país, ao contrário de quando estava na Inglaterra.

«Depois de traçar os pormenores deste serão, escrevi ao Conde relativamente às suas observações e recebi dele uma carta confirmativa da sua exactidão».

Chegou o momento de Home permanecer levitado durante quatro ou cinco minutos.

Mesmo para certos espiritas, estes factos parecem inverosímeis; é preciso conhecer bem a nossa ciência para os considerar como reais. E, contudo, a sua autenticidade é absolutamente inegável.

Home foi alvo de todas as críticas e de todas as calúnias. Suportou galhardamente estas provas e respondeu-lhes espiritualmente nos seus livros.

Editando a biografia de seu marido, a senhora Home provou a realidade dos fenómenos estranhos obtidos por ele.

Louis Gardy mostrou em toda a extensão o belo carácter do médium, tão honesto como desinteressado. Com mil calúnias procuraram denegrir-lhe a reputação e conseguiram-no algumas vezes, infelizmente. E ainda hoje há pessoas que chacoteiam, quando se lhes fala de Home:

— Ah, sim! Esse homem que foi apanhado em flagrante delito de fraude!

E, todavia, são incapazes de precisar quando, onde e como se verificaram suas afirmações. Em intenção deles é que eu extraí a seguinte anedota do livro de Louis Gardy.

Na sua biografia encontram-se muitas acções honrosas que se tornaram conhecidas, em virtude das acusações caluniosas de que era frequentemente objecto e que demandavam refutação.

Um deses factos — assaz curiosos pelo desfecho que tiveram — encontrou ambiente nos jornais americanos, sem que se conhecesse a sua origem. Pretendia-se que, em recolhecimento dos benefícios que lhe prodigalizara a família Rymer, que o acolhera em 1885 em Ealing, Home se permitira encomendar, em nome da senhora Rymer, uma peliça de 50 libras esterlinas, de que veio a apropriar-se. Nestes mexericos havia, de facto, um fundo de verdade; mas, em vez de se ter apropriado indevidamente dum objecto que valia 50 libras, fôra ele quem oferecera a quantia! Eis como os factos se passaram:

Alguns anos após a sua estadia em Ealing, Mr. Rymer perdera tudo o que possuia e, como espirita, desesperava de reconstituir a sua vida em Inglaterra, pelo que emigrou para a Austrália, com mira na riqueza. Sua mulher e seus filhos desejavam ir juntar-se a ele, mas não tinham os meios necessários para isso. Então a senhora Rymer dirigiu-se a Home, que lhe emprestou 50 libras. No dia 1.° de Novembro de 1859, escrevia-lhe ela uma carta em que se lê este passo que prova a inanidade da acusação bolsada contra o médium:

«Meu caro Dan — Não encontro palavras com que exprimir o meu reconhecimento pela afectuosa liberalidade que me permite seguir o meu querido marido na sua nova pátria: Agredeço-lhe cordialmente e sinceramente o seu empréstimo, bem como as suas preces e os seus votos. Creia na minha afeição e nas minhas preces por si e fique certo, meu caro Dan, que serei sempre sua sincera amiga, nos países longínquos ou neste em que vivemos. — Emme Rymer».

Proponho-me estudar, em *Estudos Psíquicos*, a vida dos principais médiuns, a fim de que os espiritas saibam exactamente o que eles fizeram e tenham à sua disposição, para propaganda pessoal, os necessários argumentos que lhes permitam responder vitoriosamente àqueles que, desconhecendo o assunto, negam aos factos reais do Espiritismo o seu valor bem estabelecido.

O Valor da Prece

Kotchi foi jornalista em Praga. Em 1909, perdeu sua mãi. Durante uma viagem que fazia para se distrair do profundo desgosto sofrido, leu uma obra de Ralph Waldo Trine que o interessou pelo espiritismo.

Foi tal a influência da sua nova crença na imortalidade, que se dedicou inteiramente a socorrer a humanidade. Tinha uma filha de 6 anos, paralítica, sobre a qual resolveu experimentar o valor da prece.

Foi a primeira cura de Kotchi, à qual se seguiram as de mais de 3.700 pessoas, resultados de que ele possui os certificados autênticos.

AMIGOS DE "ESTUDOS PSÍQUICOS"

As «Vozes Amigas» continuam a manifestar-se em palavras e actos consoladores. Não concebem a morte de um órgão que tanto pugnou e pugna pela Causa Espírita. E vêm até nós cheias de esperança, a espevitar a torcida da candeia, para que esta luzerna se não extinga na confusão dos tempos que vivemos. São munições que chegam à barricada e ajudam a espancar as trevas e a despertar muitas almas para a luz espiritual. A essas vozes agradece *Estudos Psíquicos*, sinceramente e comovidamente, na convicção (que não é certeza) de que não morrerá desta vez.

Estamos certos de que novas vozes se farão ouvir ainda, mais brevemente do que se julga.

Acusamos a recepção dos seguintes donativos, que agradecemos:

Fundação Marieta Gaio, do Rio de Janeiro	**1.800$00**
Aires Vaz Raposo	**1.000$00**
Amigo de Sempre (O. M.)	**500$00**
José Pais de Carvalho	**100$00**
João da Silva Gomes	**100$00**
Manuel Gomes da Costa Cardoso	**100$00**
Ernesto Silva	**100$00**
António da Silva Braga Júnior	**75$00**
Anónimo, de Lisboa	**50$00**
Amigos de Almeirim	**30$00**
Joaquim Narciso de Almeida Carvalho	**45$00**
Joaquim Dias	**10$00**
	3.910$00

Além disso, o sócio do Centro, Manuel de Sousa, comunicou que desejava pagar também a assinatura da revista ao preço de 60$00; os sócios António Ferreira Esteves, D. Leyguarda Ferreira e Aires Vaz Raposo, idem, ao preço de 50$00; a assinante D. Maria Carolina Monteiro informou que deseja pagar 20$00 por trimestre.

Como se vê, alguns associados anteciparam-se à carta de Aires Vaz Raposo, que noutro lugar publicamos, na qual faz apelo aos sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor, no sentido de prescindirem da oferta da revista e pagarem a respectiva assinatura.

Muitos há que podiam auxiliar esta ideia. Contribuindo para a resolução dum problema importantíssimo, como da manutenção de «Estudos Psíquicos», contribuiriam para o desenvolvimento da Causa Espírita em Portugal.

Oxalá compreendam a situação e ajudem a debelá-la.

SHAMBHALA

por Raul de Sepúlveda Fontes

Nos passes majestosos do Himalaia, nos Mosteiros imponentes e silenciosos de Ladak e Tibet, quando se articula esta palavra — «Shambhala» — os Lamas Budistas e até os sectários de Padma Sambhava curvam-se reverentes... Em Urga, no Altai e em Darjeeling, quando os habitantes vêem um corpo luminoso percorrer o firmamento, exclamam:

— O signo de Shambhala!

E essa palavra sagrada, misteriosa, é um passaporte seguro para as regiões mais ignotas da Ásia. Ao ouvi-la, mesmo o Dalai - Lama e o Tashi - Lama estremecem de júbilo e respeito. E até no deserto de Gobi, na calada da noite, quando os mangois passam cantando — eles cantam a canção de Shambhala *!...*

Não é fácil explicar essa palavra. Em síntese, posso dizer que ela exprime o sentir messiânico dos povos da Ásia — a ânsia pela vinda de um Chefe Espiritual do Mundo. Esse Chefe, julgam os tibetanos, será Rigden Japo, o Lama - Rei de Shambhala. Para os mongois, será Gessar Khan, e para os maometanos, Muntazar. Essa concepção está, na sua origem, ligada à existência dos Mahatmas *tão preconisados pela doutrina teosófica.*

*A existência dos Mahatmas, simples mito para muitos, não pode ser posta em dúvida fàcilmente, pelo menos por aqueles que têm visitado os píncaros solitários do Himalaia e têm convivido com os Lamas. «One can mention many people still living, who have personally met Mahatmas» (1), diz Nicholas Roerich no seu livro «*Coração da Ásia*».*

A concepção de Shambhala *— Reino de Luz, como lhe chamarei — assenta, de facto, na existência dos* Mahatmas *que, pela sua alta espiritualidade, encaminham os homens de boa vontade para o futuro Reino de Luz.*

A Era de Shambhala será a Era de Iluminação Espiritual. Preparemo-nos para ela.

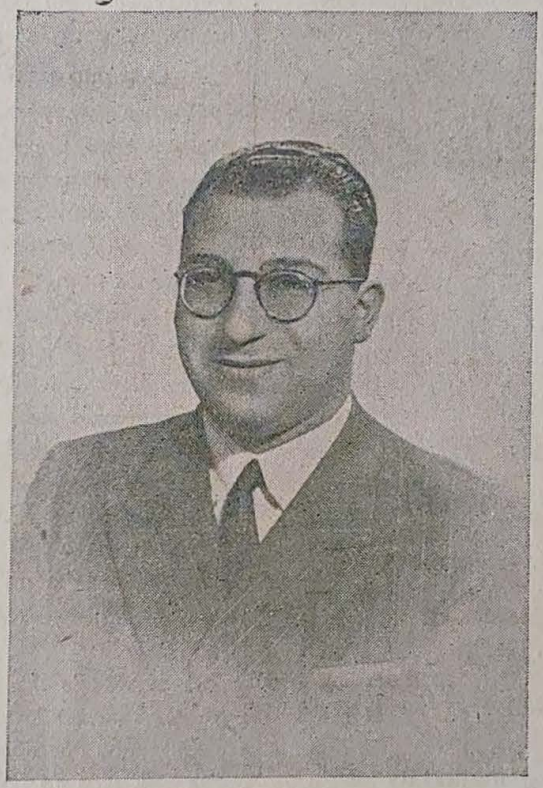
---

(1) «Podem mencionar-se muitas pessoas ainda vivas que encontraram Mahatmas».

O Primeiro Congresso Espirita Pan-Americano

Em Outubro findo, realizou-se o 1.º Congresso Espirita Pan-americano, em Buenos Aires, devido aos esforços da Comissão Organizadora cuja direcção fora preenchida por Hugo L. Nale, Luís Di Cristóforo e F. Garcia Romanó.

O número das sociedades que aderiram ou se fizeram representar prova bem a extraordinária importância e repercussão deste Congresso: 2 do Uruguay; 2 de Porto Rico; 2 do México; 1 de Honduras; 5 dos Estados Unidos da América do Norte; 2 de Cuba; 3 do Chile; 27 da Argentina e 12 do Brasil, entre elas a Soc. Allan Kardec (delegado: Mário Esuay); *O Clarim*, a *Revista Internacional do Espiritismo*, a Liga Espirita do Brasil, a Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos, a Federação Espirita do Paraná, representados pelo coronel Delfino Ferreira; o Lar de Jesus e a Confraternização do Lar de Jesus; a Federação Espirita do Rio Grande do Sul, representada pelo Dr. Paulo Hecker; a Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro e a *Tribuna Espirita*, representadas pelo nosso redactor-correspondente em Buenos Aires, Dr. Luís di Cristóforo Postiglioni, que também representou a revista *Estudos Psíquicos*. Muitas foram ainda as adesões individuais e de direcções de revistas ou bibliotecas. Eleita a Mesa Directiva, ficou ela assim constituída:



Dr. Luiz di Cristóforo Postiglioni
Secretário Geral do Congresso

Presidente — Coronel Pedro Delfino Ferreira; 1.º vice-presidente — Dr. Paulo Hecker; 2.º vice-presidente — Hugo L. Nale; 3.º vice-presidente — Engenheiro José S. Fernández; secretário geral — Luís Di Cristóforo; 1.º secretário — António Melo; 2.º secretário — Santiago Bossero; 3.º secretário — Vicente Bianco.

Na segunda sessão — em 6 de Outubro — foram criadas as seguintes comissões:

1 — Os valores da Filosofia Espirita.
2 — A Filosofia Espirita e a Ciência.
3 — A Filosofia Espirita e a Moral.
4 — Sociologia Espirita.
5 — Criação de uma Federação Espirita da América.
6 — Organização do Movimento Espirita.
7 — Comissão para assuntos vários.

Do Regulamento de discussões do Congresso transcrevemos, pela sua importância, o artigo que respeita à forma de votação: — «As causas fundamentais que implicarem orientação para a Federação da América, traçando directivas gerais de acção, serão votadas por nações e as restantes questões por delegações individuais».

Para esclarecimento, notamos que as delegações acreditadas e reconhecidas por este Congresso foram como se segue:

Uruguay, 1 delegação; Porto Rico, 2; México, 1; Hnduras, 1; E. U. América, 2; Cuba, 1; Chile, 3; Brasil, 13; Argentina, 39; mas possuindo cada país apenas *um voto*, independentemente, portanto, do número de delegações.

Nesta sessão, o coronel Pedro Delfino Ferreira concitou a atenção do vasto auditório com palavras cheias de sugestões, de propósitos, de planos de trabalho, de coincidências americanas na maneira de encarar a luta da difusão da doutrina de amor e conhecimento, que é o Espiritismo.

Na 3.ª sessão plenária, em 7 de Outubro, a sétima comissão apresentou as suas conclusões, terminando por afirmar que um dos mais importantes trabalhos da futura Federação Espirita Americana será fazer uma campanha permanente contra as causas que levam os povos à guerra.

Em 8 continuou a discussão sobre as di-

versas conclusões da comissão em referência e das restantes nomeadas.

No mesmo dia, o Dr. Paulo Hecker apresentou uma proposta individual de tendência religiosa e na qual apresentava definições acerca do Espiritismo. Resolveu-se fornecer cópias em castelhano a cada delegado, para evitar erros de interpretação. O presidente disse achar conveniente que o Congresso definisse o que é o Espiritismo, pois assim ficariam solucionadas as definições e directrizes da proposta, já que a religião é sentimento e moral, que é o que se verifica nesta ocasião e que parece desorientar os congressistas.

No dia 11, esta proposta levantou acesa discussão. Nela intervieram quase todos os delegados, entre eles o Dr. Vasques, afirmando que o Congresso não estava ali para dar definições, mas para lançar as bases de uma organização doutrinária confederativa para todas as Américas.

O sr. Rinaldini propôs então que se considerassem só as conclusões da proposta, a fim de evitar cisões, o que foi aprovado. Finalmente, resolve-se transformar as conclusões do Dr. Paulo Hecker na seguinte *Declaração do Congresso:*

1 — O Espiritismo é a Religião da Consciência, do foro íntimo, sem ritos nem sacerdotes, que tem por objecto reviver o Cristianismo na pureza diáfana e simples do seu fundador.

2 — O Espiritismo é anti-dogmático, não é sectário e prescinde de partidos políticos; confirma os sublimes ensinos de Jesus, interpretando-os em espírito e em verdade e ampliando o seu alcance aos âmbitos do Universo, que a cultura contemporânea revelou de grandeza inconcebível.

3 — O Espiritismo une para sempre o mundo invisível com o mundo visível, ligando indissolùvelmente o sentimento religioso com o conhecimento científico.

4 — O espirita é o ser pensante que caminha para a perfeição através do estudo, do amor e do trabalho, por intermédio da palingénese; é o autor consciente da própria salvação e em todos os momentos procura, voluntàriamente, alcançar a maior sabedoria.

5 — O espirita deve ser amoroso, humilde e tolerante, visto saber que é imperfeito; a sua sinceridade aquilata-se pela sua constante transformação, no sentido de superar-se com base na certeza que tem de que os luminosos caminhos da espiritualidade são privativos dos que os merecem pelo seu trabalho.

No dia 12 de Outubro, foi lida a tese da Federação Espirita Internacional, enviada pelo seu tesoureiro André Dumas e referente à energia atómica e à filosofia espírita. O Congresso é de opinião que este trabalho seja publicado, bem como outros, de Luís S. Sánchez, presidente da Federação dos Espiritas de Porto Rico, de Leopoldo Machado, etc. O livro do Dr. Paulo Hecker, intitulado «Espiritismo» foi resumido pelo autor a pedido do plenário, que o sublinhou com aplausos, recomendando-se a sua tradução em castelhano e inglês.

Seguidamente, é lida a tese da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro.

O sr. Galasso lembra a estruturação de uma sociologia espirita com gravação de mensagens e propaganda idealista em toda a América, resolvendo-se depois criar a *Semana Espirita* de 2 a 9 de Outubro de cada ano, assim descriminada: dia 2, de homenagem a Kardec; dia 6, dedicado à imprensa espirita; dia 9, dedicado ao Espiritismo, aniversário do Auto de Fé de Barcelona.

Na última sessão trata-se da criação da Confederação Espirita Pan-americana (CEPA) e do seu ingresso na Federação Espirita Internacional, recomendando-se a celebração do primeiro centenário do nascimento do Espiritismo americano em Março de 1948 e resolvendo-se que o próximo congresso espirita pan-americano seja realizado no Brasil.

Este Congresso constituiu verdadeiro acontecimento internacional e demonstra que a ideia espirita alarga cada vez mais os âmbitos, interessando o mundo culto e caminhando a passos largos para a regeneração do homem.

Lamentamos que a falta de espaço nos iniba de dar maior desenvolvimento aos trabalhos e resoluções, dos confrades americanos na assembleia de Buenos Aires, cujos efeitos repercutirão no velho mundo, levando os confrades deste lado a tomar resoluções semelhantes.

(Este resumo foi extraido do relato que nos enviou o nosso redactor-correspondente em Buenos Aires, Dr. Luís di Cristóforo Postiglioni, que desempenhou as funções de Secretário Geral do Congresso).

À Margem dos Livros

por Ramos Pereira

COLECTÂNEA DO ALÉM — por *Francisco Cândido Xavier*. Livraria Allan Kardec. S. Paulo. 1946. 157 págs.

Se o tema central desta colectânea é o batimento da tecla eterna do incitamento à realização da moral cristã, a mestria das mãos que o fazem é tal que supera a própria harmonia. Pelo braço do grande médium brasileiro, escrevem alguns nomes aureolados da literatura luso-brasileira, reconhecíveis na maior parte pelo seu estilo inconfundível. Na comunicação do Irmão X — «O Cristão que voltou» — pressinto o Humberto de Campos que se acobertou no anonimato em «Lázaro redivivo».

Emmanuel assina algumas das melhores mensagens coligidas nesta obra, não só pela ideia, como pela forma.

Desejamos sublinhar os poemas dos quais, se uns há com uma forma menos concordante com o estro dos que os assinaram, outros, porém, são verdadeiras joias. Referimo-nos aos sonetos de Augusto dos Anjos, Bitencourt Sampaio e Antero do Quental e à composição desse Poeta que apagou o nome terreno no pseudónimo de «Alma Eros» («Fala Contigo» a págs. 70-71). São daqueles os passos que a seguir transcrevemos por de tal os julgarmos dignos:

— Asaverus da sombra e do assassínio
Homem da terra, embora não te acuses,
guardas, no mundo, o trágico domínio
de lama e lodo, a vómitos de obuzes.

Augusto dos Anjos

Anjo dos bons e Mãe dos pecadores,
enquanto ruge o mal, Senhora, enquanto
reina a sombra da angústia, abre o teu manto,
que agasalha e consola as nossas dores.

Bitencourt Sampaio

Além da morte, além da sepultura,
onde a ciência encontra a paz do nada,
começa luminosa e longa estrada
que reconduz à Vida eterna e pura.

Antero do Quental

A livraria Allan Kardec primou na apresentação gráfica desta obra, mas ousamos chamar a atenção para a revisão das provas que «deixou passar» inúmeras «gralhas».

OS MORTOS VIVEM ! — por *Isidoro Duarte Santos*. Edição do Núcleo de Acção e Propaganda Estudos Psíquicos.

Talvez me acusem de simples satélite louvaminheiro por escrever algumas notas à margem do opúsculo de Isidoro Duarte Santos, director desta Revista. Talvez... Mas essa acusação virá dos que me não conhecem. Não está em mim um espírito de servilismo.

Li o opúsculo e considero-o como... «the right book in the right place»... Condicionado a um intuito de propaganda espírita, Isidoro Santos limitou-se e logo não pôde ser perfeito na medida do que lhe é possível. Preencheu os fins, mas os «espiritas» que o lêem sentem ao acabar uma impressão, um desejo de... «mais»... Infelizmente, Isidoro Santos não escreveu para eles, mas para aqueles que se debatem na angústia sem esperança por desconhecimento de que... «os mortos *vivem*».

Pena é que Isidoro Santos se tenha limitado ùltimamente a preencher exaustivamente os vácuos na composição da Revista, pouco nos dando do que pode e deve dar. Tenho-o encontrado na sua faceta de ardoroso polemista, pronto a saltar à estacada quando se aproximam os ineptos e pretenciosos destruidores do Espiritismo. Mas espero que ele comece a publicar na Revista ou a editar em volume os resultados do labor do seu pensamento, de que este interessante opúsculo é uma pálida imagem.

HERANÇA DO PECADO — por *José Russo*. Edição de «Nova Era». Franca. S. Paulo. 1946. 197 págs.

Permita-me, José Russo, que chame à sua obra «colectânea de imagens», de imagens colhidas no desfilar da sua consciência. Não peça desculpa pela inexistência de um plano na sua obra. Foi melhor assim. Deu-lhe mais vida, se acaso os seus «quadros» necessitavam de vida emprestada. Se tivesse traçado um plano rígido, ele, embora sendo seu, acabaria por dominá-lo e sairia das suas mãos uma obra cheia de formalismos. E note que não há desordenamento no ligar dos quadros, porque uma linha oculta continua sempre a sua tarefa de identificar naturalmente o que à primeira vista parece desarticulado.

Gostei de o ler — afirmo-o sem reservas e sem apriorismos — porque, contrariando a tendência geral do doutrinarismo espirita soube mostrar a miséria e a gangrena no seu aspecto real, insofismável. Os seus quadros são humanos, densadamente humanos. Eu sei

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

A' CABECEIRA DOS MORIBUNDOS...

O Dr. A. J. Cronin, escritor brilhante e talentoso autor dos livros «Sous le Regard des Etoiles» e «La Citadelle», publicou na revista *Spiritualisme*, de Liege, o resultado de curiosas experiências que realizou à cabeceira de moribundos e que a *Revista Internacional do Espiritismo*, de Matão, Estado de S. Paulo, traduziu para as suas colunas. As palavras do Dr. Cronin valem como profissão de fé de real valia e por isso as arquivamos nestas colunas, embora um tanto resumidas.

Perguntam-me o que me ensinou a vida e a resposta não está longe. Os meus 42 anos ensinaram-me, por exemplo, o valor da amizade, da simplicidade e da tolerância para com o próximo. Mas a minha experiência é insignificante em face da lição que a vida expôs a meus ouvidos rebeldes. Enfim, a vida ensinou-me a crer em Deus.

Hoje, que os ministros da propaganda são mais poderosos que os ministros de Deus, semelhante profissão de fé pode ser perigosa.

Não fui educado na tradição religiosa. Passei a infância numa cidade escocesa, entre crenças antagónicas, o que me levou a detestar a religião.

Quando ingressei na Universidade de Glasgow era perfeito céptico. A maior parte dos estudantes de medicina do primeiro ano, entregavam-se ao bilhar e ao agnosticismo e eu não fazia excepção à regra.

À medida que respirava o ar das salas de anatomia, dissecando cadáveres conservados de homens e de mulheres e procurando, com auxílio da lanceta, os nervos, as veias e as artérias desses corpos mumificados pareceu-me que o corpo humano era apenas máquina racionalmente concebida e de aperfeiçoamento harmonioso.

As minhas experiências zoológicas e fisiológicas levaram-me a idêntica conclusão. Assim, quando deixei a Universidade, ao cabo de cinco anos, trazia no braço um diploma de médico e debaixo do chapéu a certeza de saber.

Infelizmente, o mundo áspero e agitado fez-me tropeçar em problemas intrincados. Entregue ao meu trabalho cotidiano entre pobre clientela de casebres, visitando enfermos e procurando socorrer esfarrapados gordurentos atacados de pneumonia e velhas cancerosas e agonizantes, descobri a presença de forças estranhas, vibrações intangíveis, incontroláveis, que se não podiam registar em tambor giratório e eram inexplicáveis.

Vi exemplos de comportamento humano no oceano da vida: dor, resignação, ânimo, esperança, caridade e fé invencível. E vi alguma coisa do estranho fenómeno da morte. Lembro-me ainda de uma experiência desses anos longínquos, que me deixou marca indelével. Estava adido a pequeno hospital em que tratavam de febres, quando entrou um menino de cinco anos, com difteria da laringe.

O seu estado era desesperado e eu tinha que praticar imediatamente a traqueotomia. Eu mesmo operei, nervosamente e desajeitadamente, com êxito inesperado, na sala nua do hospital. Mas, ainda mesmo que a criança respirasse tranquilamente, as toxinas haviam tomado conta do organismo. que entrou a declinar; e apesar de todos os esforços compreendemos que morreria.

Como era a minha primeira traqueotomia, interessei-me excepcionalmente pelo caso. E permaneci sentado à cabeceira da criança agonizante, a observar a vida que fugia...

Foi uma triste vigília. E quando, por fim, morreu, tive consciência de estranha experiência espiritual.

No momento da morte, quando a criança exalava o último suspiro, tive a sensação de que algo de positivo e terrificante se passava nessa pequena sala mal iluminada. Sempre ouvi comparar a morte ao adormecer, à queda física no esquecimento. Não era uma coisa, nem outra. Era passagem cheia de arremeço, ao mesmo tempo mística e real, e eu, a testemunha, senti na face o sopro da eternidade. Tudo poderia ser atribuído à imaginação, aos nervos tensos ou à emotividade mórbida causada pelo interesse que eu tinha

---

que gostaria de embelezá-los, de os ver diferentes; eu sei. E felizmente que se não deixou arrastar por esse idealismo fácil e preferiu a contundência do real. Há quem não concorde comigo quando falo na necessidade de mostrar a dureza do que «é», em vez de cantar apenas o inefável do que «devia ser». E eu pergunto: — como posso apreender o alcance ideal deste, se não colocar diante de meus olhos e tiver sempre presente a fealdade actual daquele?

Você, José Russo (perdôe-me que o trate com esta sem-cerimónia), encontrou-se... Daqui, lhe afirmo o meu fraco apoio e os desejos de que muitos leiam a «Herança do Pecado».

pela criança. Mas não o creio. A reacção era muito funda e demasiadamente inesperada, para que se desse aquela circunstância.

Mais tarde, um médico célebre disse-me que durante longos anos de exercício nunca se encontrou à cabeceira de um moribundo, sem que experimentasse nitidamente a sensação que me assaltara.

A lição que a vida depois me ensinou, junta-se à primeira, de modo estranho, e foi produzida pelas manifestações de fé que pude observar.

A prece era circundada por uma espécie de halo. Começava, aparentemente, pela terna exclamação maternal: «Oh Deus, faze com que Joãozinho seja amanhã um menino valoroso!». Mas, quando prosseguia na carreira médica e via cair as máscaras dos rostos humanos, observando as criaturas da terra assaltadas por doenças e horríveis calamidades, encontrei outra forma de oração. Não a prece dos ricos, nem as fulminações cheias de rectórica do Velho Testamento, mas a prece silenciosa do coração atormentado sob o fardo pesadíssimo, a súplica simples e involuntária: «Senhor, ouve a nossa prece! Senhor, livra-nos...».

Não era uma oração ouvida na igreja. Era a voz da fé, mãos erguidas instintivamente para o controlador invisível dos destinos humanos.

Chamem-lhe feiticismo, crendice ou atavismo. Para mim, era o reconhecimento de Jeová universal. Comecei, então, a sentir a existência de força invasora que arrancava qualquer coisa ao meu ser. Não tinha prova alguma da sua realidade. Só possuia o testemundo dos sentidos, essas extremidades nervosas pouco dignas de confiança, expostas a influências exteriores e que constituem a sensibilidade humana.

Começava a duvidar, quando li a vida de um dos maiores agnósticos que o mundo jamais conheceu e muito me impressionou o modo como ele excluira as reacções sensoriais do âmbito das sensações.

Ele nunca escutara música; nunca gozara o perfume de uma flor; não lera poemas, nem apreciara a luz do sol através da vidraça. Por fim, enclausurou-se na fria cela da razão. A sua vida era um movimento racionalista. Esforçava-se por odiar Deus e ao dar o último alento, murmurou:

— Galileu, tu venceste!

Daí em diante, deixei que os ventos do céu soprassem sobre mim. Quando Madame Curie iniciou as experiências acerca dos sais de urânio, procurou certas emanações obscuras de luz; e quando terminou, estabeleceu a existência de uma série completa de raios radioactivos complexos. A analogia não podia ser mais perfeita.

Para o coração ávido e receptivo, há mil radiações invisíveis, fracos murmúrios ao ouvido do espírito, durante os segundos eternos em que a alma, vibrante e fortificada, despreza toda a lógica terrestre e proclama a fé na imortalidade.

O TRESPASSE DE STELLA HUGHES

De há tempos para cá, o Espiritismo tem sofrido duros golpes com a desencarnação dalguns valentes pioneiros que grande actividade exerciam nas nossas fileiras, profundamente desbastadas com a guerra de Espanha e a conflagração mundial.

Por um número atrasado do *Psychic News*, tivemos agora conhecimento do trespasse da grande médium inglesa Stella Hughes que tantos êxitos obteve em Londres. Não conseguiu resistir ao ataque da bronco-pneumonia que a prostrou em seis semanas de enfermidade. Foi reunir-se àqueles que tamanho auxílio lhe haviam prestado, durante a sua carreira triunfal de médium estimada e acreditada.

Stella Hughes era clarividente de extraordinárias faculdades. Quando dava sessões mediúnicas nos grandes salões da capital britânica, os lugares esgotavam-se e a multidão comprimia-se para ouvir as suas descrições do Além e receber conforto de muitos familiares e amigos desaparecidos que continuam a viver no outro lado da vida.

Foi médium desde criança e só teve consciência disso quando assistiu à primeira sessão espirita.

Vivia na Gales do Sul e via Espíritos a brincar no seu jardim. Aos onze anos perdeu o pai e via-o também, quando estava no jardim.

No colégio é que as suas faculdades psíquicas começaram a desenvolver-se. Contava coisas que mais tarde vinham a realizar-se e o director achou tão estranho tudo aquilo, que pediu à mãe dela que a levasse.

Mais tarde, contraiu matrimónio e arranjou uma serviçal que também era médium. Combinaram as médiunidades com ótimo resultado e, dentro em pouco, Stella Hughes tomava parte activa em reuniões espiritas, tornando-se conhecidíssima na Marylebone Spiritualist Association, onde organizou um grupo de desenvolvimento de médiuns. Ali é que os seus admiráveis progressos tiveram início, a ponto de transmitir mensagens de assombrosa veracidade.

Após alguma hesitação — visto que o seu maior desejo era ser cantora — começou a demonstrar a clarividência em reuniões públicas, tornando-se uma das melhores médiuns inglesas.

Deu muitas comunicações de Espíritos de várias nacionalidades. Uma das provas mais cruciais foi aquela em que se dirigiu em chinês, a um china, apesar de ignorar absolutamente esta língua.

Lamentamos a partida desta obreira que numerosas conversões originou. À semelhança de Helena Hughes, Estelle Roberts e Helena Duncan (esta também já desencarnou), Stella Hughes muito e muito trabalhou em benefício, não só da Causa Espirita, mas também do bem-estar da humanidade.

Notas & Comentários

UNIDADE LINGUÍSTICA

As palavras que escrevemos sob o título «Um Grande Problema», no número de Agosto último, causaram engulhos a um confrade residente no Rio de Janeiro que nos acusa de «atacarmos 45 milhões de brasileiros e perturbarmos a harmonia e o respeito existente entre os dois povos», a propósito de havermos dito que algumas traduções brasileiras eram abastardadas, no tocante à vernaculidade da linguagem. Este confrade é o sr. Manuel Inácio de Alvarenga Neto, o qual, logo no início de sua carta, nos revela: «a pesar de eu não conhecer o vernáculo, há muito venho apelando para que os homens daqui e daí tenham mais cuidado com a língua». E depois de nos aplaudir: «Tem razão o amigo», acrescenta: «não foi feliz no seu ataque directo».

Ora, sem querer entrar em polémicas, diremos que não houve de nossa parte intenção alguma de atacar os brasileiros, pelos quais nutrimos a maior simpatia, tanto mais que nunca nestas colunas nos referimos ao Brasil como país estrangeiro, pois é filho dilecto de Portugal e os seus habitantes são duas vezes irmãos nossos: pelo sangue e pelo humanismo que os distingue entre todas as nações sul-americanas. Mas isto não nos impede de proclamar a unidade linguística, denunciando, ao mesmo tempo, a desenvoltura de certos pretensos escritores, de cá e de lá, que malham no vernáculo, como quem malha em centeio verde.

Para defender o idioma pátrio, extensivo aos dois países irmãos e amigos, não precisamos de licença de ninguém e os próprios brasileiros cultos e a maioria dos membros da colónia portuguesa têm verificado a tal respeito muita e muita leviandade. O que se escreve em português é património luso-brasileiro, não pertence a uma ou outra parte exclusivamente.

Ainda há bem pouco tempo a douta Comissão Brasileira nomeada para tratar da denominação da língua, deu alto exemplo de bom senso e compreensão, declarando infantilidade o facto de haver alguns homens mentalmente responsáveis que pretendiam apelidar de brasileira a língua que se escreve no Brasil. Portanto, embora pesa ao sr. Alvarenga Neto e sem desdouro para quem quer que seja, continuamos a denunciar a existência de editoras que têm de arripiar caminho, obedientes aos brasileiros amantes da boa leitura. E com esta atitude julgamos prestar bom serviço ao Brasil amigo, prolongamento do nosso espírito e espelho da alma lusíada.

LIVROS PARA CEGOS

A Federação Espírita Brasileira tem uma biblioteca especial destinada a cegos, na qual se encontram algumas obras fundamentais do Espiritismo. Agora, aumentou esse magnífico património com «Nosso Lar», que a senhora D. Maria Amorim Joviano passou ao alfabeto Braille, num gesto de grande caridade para com aqueles que se encontram desprovidos da luz dos olhos.

E assim vai o Espiritismo penetrando em toda a parte, luz radiosa que ilumina o ignorante e reanima o transviado...

AUXILIO AO SANTO PADRE

A crise enorme que nos atinge nesta bela e privilegiada nação do sudoeste europeu vai estendendo os tentáculos para outros pontos do quadrante. As dificuldades são quase insuperáveis, como temos dito nos últimos números desta revista, e só a fé nos pode salvar no meio do medonho escarceu.

Portugal nunca foi insensível à miséria alheia. Os lamentos da velhice, os clamores da orfandade, os gritos dos espoliados, sempre encontraram eco no coração das mulheres portuguesas, cuja renúncia as leva muitas vezes a despojar-se das próprias roupas para cobrir a nudez desamparada.

Assim sucedeu agora, para honra e glória das mulheres beirãs.

Segundo informa o *Notícias da Covilhã*, na diocese da Guarda acabam de ser recebidos alguns donativos (poucos, visto que a gente é pobre e quem não tem não pode dar), destinados pelas mulheres católicas portuguesas à homenagem a Pio XII, no 3.º Centenário da Padroeira. São os seguintes:

Guarda, L. A. C. F. (Liga de Acção Católica Feminina) 328$00, 17,530 kg. de ouro e 1 libra em ouro; Covilhã, L. A. C. F., 550$00 e 17,370 kg. de ouro; Tortozendo, L. A. C. F., 12,500 kg. de ouro; Fundão, L. A. C. F., 38$00 e 26,020 kg. de ouro; Tortozendo, L. A. C. F., 26$50 e 4,600 kg. de ouro; Manteigas, L. A. C. F., 588$50 e 11,620 kg. de ouro; Peso, L. A. C. F., 80$00; S. Romão, L. A. C. F., 200$00; Covilhã, L. A. C. F., 100$00; Teixoso, L. A. C. F., 15$00, 5,080 kg. de ouro e 3 peças em prata; Alpedrinha, L. A. C. F., 20$00 e 12,270 kg. de ouro; Prados, L. A. C. F., 20$00 e 5,980 kg. de ouro; Ferro, L. A. C. F., 70$00 e 8,500 kg. de ouro; Rapa, L. A. C. F., 125$00 e 2,450 kg. de ouro; Donas, L. A. C. F., 100$00; Peroviseu, L. A. C. F.,

Noticiário

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

Conforme anunciáramos, a senhora D. Maria Carlota Santos, vogal da Direcção da Federação Espirita Portuguesa, realizou no Centro uma conferência intitulada «À Mocidade», na qual apresentava interessantes directrizes dignas de considerar. Através de judiciosos conceitos, fez vibrante apelo à mocidade portuguesa no sentido espiritualista, dizendo que só neste rumo estava a salvação da raça e da humanidade.

A conferente foi muito aplaudida, tendo-se o presidente da Direcção congratulado com o facto da Federação estabelecer útil intercâmbio, que o Centro retribuirá na medida de suas possibilidades.

No dia 1 de Dezembro realizou Ramos Pereira a conferência intitulada «Terapêutica Espirita». Foi uma das mais interessantes exposições que tem feito, não só pelos casos pessoais que revelou, como pelos ensinamentos que os ouvintes puderam extrair de suas palavras convincentes. Em virtude da importância deste trabalho, Ramos Pereira procurará reconstituí-lo para a nossa revista.

CARTAS ANIMADORAS

Temos recebido, ùltimamente, cartas animadoras, provenientes de várias latitudes, inclusivamente das Colónias e do Brasil. No próximo número far-lhes-emos a merecida referência.

SESSÕES DOUTRINÁRIAS

Assumiu a direcção das sessões doutrinárias do Centro o nosso colaborador e amigo Ramos Pereira, o qual se esforça por imprimir nova orientação aos chamados trabalhos experimentais. Do seu dinamismo e saber muito há que esperar em benefício da Causa.

AUXÍLIO AOS NECESSITADOS

Com destino à subscrição do Natal, aberta nas colunas desta revista, recebemos mais os seguintes donativos, que muito agradecemos:

Transporte do último número — 853$00; Fundação Marieta Gaio, do Rio de Janeiro, 1.500$00; Cecília Engrácia Pereira, 15$00; Maria Ortize Gaio, 50$00; F. D. S. G., 20$00; João Vicente de Freitas, 8$40; M. G. V., 5$00; Frederico Pereira, 10$00; J. C. 20$00; Damião Teixeira, 25$00; Maria Emília Teixeira, 25$00; Quatro Anónimos, 100$00; XX, 10$00; Maria J. Fernandes Vasconcelos, 10$00; Adelina Nobre e Silva, 5$00; Torcato Cardoso Ferreira, 20$00; A. S. Braga Júnior, 50$00; Jaime João Jerónimo, 20$00; David da Silva Guimarães, 20$00; Artur Luís Pereira, 10$00; Francisco Lopes Camacho, 25$00; José Lopes Gutierres, 25$00; A. Nunes, 10$00; António Pereira da Silva Teixeira, 50$00; Maria Manuel Martins, 10$00; Francisco Rodrigues Coelho, 10$00; Joaquim Dias, 10$00; Emília da Cruz, 10$00; Anónimo da Rua Alves Torgo, 100$00; Anónima de Abrantes, 20$00; Anónima do Alentejo, 50$00; Cecília Marques Guerra, 20$00; Augusto Marques da Cunha, 100$00; A. L. G., 10$00; Bernardo Correia de Almeida, 10$00; João Antunes Fragoso, 20$00; Manuel Junqueira, 2$50; Engrácia M. de Sousa, 5$00; Rafael Silva Marques, 20$00; A. J. S. F., 20$00; Ofélia Guardado, 5$00; Cecília de Figueiredo, 10$00; José Augusto Gonçalves, 5$00; João Augusto da Costa, 10$00; Maria Alexandrina Dias Pratas, 10$00; Um Ilheu, 10$00; José Pais de Carvalho, 20$00; Aníbal Gonçalves Portugal, 20$00; J. P. Pinheiro, 10$00; Lília Costa e Silva, 20$00; Silvina A. Rodrigues e Emília R. dos Santos, 20$00; Adelaide dos Santos, 30$00; Carmen Maciel, 10$00; Família Gonçalves, 20$00; M. A. S. C. M., 10$00; Aires Vaz Raposo, 50$00; Manuel dos Santos Côdeas, 10$00; António Joaquim Gomes, 25$00; Tomaz Domingues de Oliveira, 5$00; Dois novos colonos, de Lourenço Marques, 365$00; António Barros Gomes, 10$00; Porfírio S. Ferreira, 20$00; Anónimo de Portimão, 20$00; José Joaquim, 5$00; António Martins, 20$00; Alvaro Garcia, 20$00; Maria Veleda, 20$00; Humberto Cordeiro da Silveira, 20$00; Filipe C. Cordeiro, 10$00; Beatriz Marques, 10$00; Anónimo de Angra do Heroísmo, 30$00; José Pedro Muralha, 20$00; Manuel Martins Canaveira, 20$00. *Total — 4.223$90.*

2,200 kg. de ouro; Quinta do Crasto, 1,950 kg. de ouro; Avelãs da Ribeira, 1 par de brincos de brilhantes. Total — 2.473$50, 113,540 kilogramas de ouro, uma libra em ouro, três peças de prata e um par de brincos de brilhantes.

Esperamos que o exemplo destas mulheres frutifique, para que o Santo Padre possa enfrentar a crise em que se debate. Salvé, mulheres beirãs! A vossa generosidade anda a par da vossa beleza!

CHÁ DE CARIDADE

No dia 22 do corrente, à noite, realizou-se no Centro uma sessão e um chá de caridade, promovidos pelo *Grupo Espirita Amor do Redentor*, dirigido pelo Dr. Adelino Gamboa e que tiveram êxito estrondoso. Muitas pessoas ficaram no corredor e no patamar da escada, por não terem lugar nas salas. Foi uma bela acção de caridade que de certo modo contribuirá para mitigar algumas necessidades e levar um pouco de ânimo ao coração de irmãos infelizes.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE JANEIRO

Dia 5 de Janeiro, às 16 horas — sessão experimental com a médium D. Maria de Jesus Mendes Figueiredo.

Dia 12 de Janeiro, às 16 horas — conferência pelo coronel Faure da Rosa intitulada «Sono e Sonho».

Dia 19 de Janeiro, às 16 horas — sessão experimental com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 26 de Janeiro, às 16 horas — conferência por Ramos Pereira, intitulada «Nascer e Morrer».

Dia 2 de Fevereiro, às 16 horas — sessão experimental com a médium D. Maria de Jesus Mendes Figueiredo.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
Mensageiros (Os) ditado pelo *Espírito de André Luís*	18$00	26$00
Missionários da Luz, recomendável às pessoas cultas, devido aos ensinamentos que encerra, pelo *Espírito de André Luís*, (nova edição)	25$00	33$00
Nosso (O) Lar, ditado pelo *mesmo Espírito*	18$00	26$00
Novas Mensagens de Humberto de Campos	10$00	
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por espíritos de poetas luso-brasileiros), nova edição melhorada	30$00	40$00
Paulo e Estêvão (livro famoso considerado pelos eruditos como a mais completa biografia de S. Paulo) (nova edição)	28$00	36$00
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	24$00	32$00
Reportagens de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	14$00	

OBRAS DIVERSAS

Amor Imortal, romance espirita, pelo *Dr. J. A. Nogueira*	18$00	26$00
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo Gibier*	12$00	19$00
Arcanos da Natureza, por *Alexandre Dias*		8$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	13$0	21$00
A Casa Assombrada, por *Maria Veleda*	10$00	
Caso (O) Humberto de Campos	28$00	37$00
Chanceler (O) de Ferro, romance mediúnico ditado pelo Espírito do *Conde Rochester*	20$00	29$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		25$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta*	20$00	28$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista, (três romances num só), por *António Lima*	30$00	40$00
De Jesus para as crianças, comunicações do *Espírito de Bittencourt Sampaio*	10$00	18$00
De Icléa para as crianças, formosas comunicações destinadas à formação moral dos nossos filhos, livro único no género	18$00	
Do Calvário ao Apocalipse, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	22$00	30$00
Do Calvário ao Infinito, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	20$00	30$00
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	30$00	40$00
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	7$00	

	br.	enc.
... E as vozes falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	20$00	
Eça de Queiroz Póstumo	18$00	26$00
Ensinos Espiritualistas (Descrições do além), por *W. S. Moses*	16$00	24$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Bourdin*	14$00	22$00
Expiação, por *Areolino Gorjão*	14$00	22$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	20$00	29$00
Espiritismo (O) Contemporâneo, pelo *Dr. Martins Velho*	12$00	
Factos Espiritas, por *William Crookes*	10$00	18$00
Fenómenos de Materialização, por *M. Quintão*	10$00	18$00
Funerais da Santa Sé *(Poesias ditadas pelo Espírito de Guerra Junqueiro)*	18$00	26$00
Grandes e Pequenos Problemas (aplicações do Espiritismo aos problemas da vida), por *Angel Aguarod*	16$00	24$00
Granja (A) do Silêncio, romance empolgante, por *Paul Bodier*	14$00	22$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	20$00	30$00
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	18$00	26$00
Magnetismo Curador, por *Alfonse Bué*	12$00	20$00
Marieta (páginas de duas existências), romance medúnico, recebido por *Daniel Artazú*	20$00	28$00
Martirio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	10$00	
Mediunidade (A) e a Lei, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	20$00	
Memórias do Padre Germano	20$00	28$0C
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	17$00	25$00
Milagres (Os) de Jesus, sua interpretação espirita	3$50	
Na Sombra e na Luz, romance mediúnico ditado pelo Espírito de *Vitor Hugo*	20$00	28$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	20$00	28$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	16$00	24$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho, por *João Evangelista*	12$00	20$00
País da Luz (Do), por *Fernando de Lacerda* (2 vol.)		50$00
Pela Vitória do Espirito, *pelo Dr. Fred Wachsmann*	35$00	

(Continua na 4.ª pág. de capa)

	br.	enc.
Poder Mental, pelo *Dr. A. Lobo Vilela*	10$00	
Problema (O) da Sobrevivência, pelo *Dr. A. Lobo Vilela*	10$00	
Protestantismo (O) e o Espiritismo, por *Benedito A. da Fonseca*	14$00	22$00
Os Quatro Evangelhos, de *J. B. Roustaing*, 4 volumes		130$00
Redenção, romance medúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	20$00	29$00
Revelação dos Papas, grosso volume de grande formato, de mais de 600 páginas	40$00	
Revelações de Além-Túmulo, pelo *Dr. Antão de Vasconcelos*	20$00	29$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	18$00	26$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	18$00	27$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	16$00	24$00
Sobrevivência e Comunicação dos Espiritos, por *Osvaldo Melo*		24$00
Sonâmbula (A), romance espirita, por *António Lima*		26$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	12$00	20$00
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chiodo*	10$00	17$00
Vingança (A) do Judeu, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	20$00	29$00
Vozes do Além, pela médium Ernestina	10$00	

Nêstes preços não está incluido o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e Ilhas Adjacentes. Para as colónias, só contra pagamento adiantado, devendo os requisitantes, enviar mais 15 % para porte, registo e embalagem, quando o valor da encomenda for menor de 30$00, e 10 % nos outros casos.

UMA OBRA NECESSÁRIA

"NOS UMBRAIS DO ALÉM"

pelo professor Sir WILLIAM BARRETT

em tradução de ISIDORO DUARTE SANTOS

Dentro de dias aparecerá esta obra notabilíssima devida à pena dum grande professor de física da Universidade de Dublin, que fundou e dirigiu a Sociedade Inglêsa de Investigações Psíquicas.

As suas 300 páginas revelam o sábio e o crítico exigente em face dos fenómenos espíritas, cuja análise tentou com extraordinária agudeza, dissecando-os até aos mais insignificantes pormenores.

Poucas vezes temos visto escritores tão rigorosos na apreciação dos factos.

É o segundo livro de ESTUDOS PSÍQUICOS EDITORA

que procura servir a Causa lançando obras fundamentais que o público há-de ler com satisfação e proveito.

LEITOR AMIGO:

Escuta, por um momento. ¿Já pensaste alguma vez no mistério da vida, no porquê da tua existência terrestre e no que te espera ao abandonar o mundo físico? ¿Já pensaste?... ¿E não te sentiste atraído para a meditação cotidiana, para a decifração de tão grande enigma?

De-certo que já pensaste e meditaste e concluiste pela necessidade de aprofundar o assunto. Tens, agora, belo ensejo. Acompanha «*Estudos Psíquicos*» na sua acção, torna-te seu amigo e colaborador, porque há muita maneira de auxiliar as obras úteis. Tudo que fizeres, redundará em teu próprio benefício

« V I S A D O P E L A C O M I S S Ã O D E C E N S U R A »